

REAL GABINETE PORTUGUEZ DE LETURA
* NO *
RIO DE JANEIRO

744348
Volumes 25 L 17
Dias concedidos para a Leitura

Francisco Antonio

1866



251 24/11

O BEZERRO DE OURO.

CENTRO DE ORO

**O BEZERRO
DE OURO.**

Novella posthuma

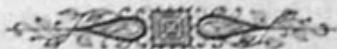
DE

FREDERICO SOULIÉ.

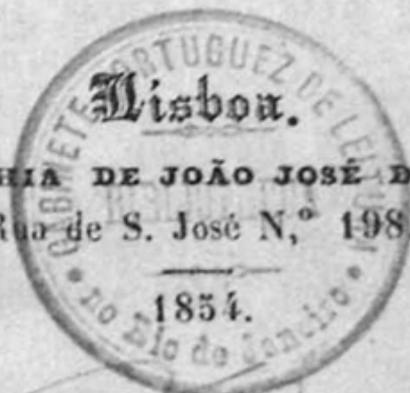
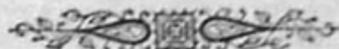
Tradução de

Filippe de Sá.

1866



VOLUME I.



TYPOGRAPHIA DE JOÃO JOSÉ DE SALLES.

Rua de S. José N.º 198.

1854.

João José de Salles

RECEIVED

1894

Florida Postoffice

REGISTERED MAIL

1894

POSTAGE PAID

Alford

POSTAGE WILL BE PAID BY ADDRESSEE

Post Office No. 12

1894

CAPITULO I.

⊙ Bosque De Bolonha.

CERTA noite mui chuvosa, do mez de Setembro de 184.... occorreu no bosque de Bolonha um successo do qual fallaram muito os periodicos. Tratava-se de um suicidio, e bem se sabe o gosto com que o publico acolhe estas provas de triste desalento e de profundo tedio que devora a humanidade. Assim é que o citado suicidio foi referido e comentado em os seus menores detalhes, só que não havia uma palavra verdadeira em tudo quanto se dizia. Por esta razão acho inutil enviar-vos ao numero da *Gazeta dos Tribunaes*, que trata desta occurrencia, como terei que fazer mais adiante em referencia a certa historia tenebrosa, cujo desenlace se verificou na mesma epocha, pois é tempo de le-

to, e assim que reconheceu o sitio por onde vinha o ruido, marchou para elle rapidamente.

Apenas havia dado alguns passos, ouviu o choque surdo de um corpo pesado ao cair sobre a terra. Continuou avançando e como sahisse de uma rua onde a obscuridade era profunda para entrar em uma especie de claro, divisou um cadaver estendido no chão, e a seu lado um homem de joelhos.

Isto parecia-se muito a um assassinato, depois do qual o homicida despojava a sua victima. O nosso curioso deteve-se; mas bem depressa conheceu que o homem estendido no chão não estava morto. Agitava convulsamente as suas pernas, em tanto que o seu companheiro, havendo-o levantado com trabalho, lançou um profundo suspiro, seguido de esforços dolorosos para respirar.

O nosso primeiro personagem se muniu da pistola que levava na algibeira e adiantando-se ao mesmo tompo, disse com voz demasiado brutal, para faze-la passar pela de um guarda-bosque.

— Que fazeis aqui a esta hora?

— Bem o vê-des, — respondeu o que estava de joelhos, — impedir que se mate um homem.

— Apertando-lhe o gasganete e registrando-lhe as algibeiras, — respondeu o curioso.

— Oh! não, certamente! — replicou o outro manifestando não ter o menor temor, e achar-

se fôta de toda a acusação. — Fazendo-lhe ar, e se vós fosseis compassivo, ajudar-me-hieis a soccorrer este desgraçado.

— Soccorre-lo? para que?

— Para faze-to tornar á vida.

O homem da pistola não respondeu nem se moveu: esfregava o nariz reflexionando.

O outro continuava fazendo ar ao moribundo.

Finalmente, o nosso primeiro personagem proseguiu assim a conversação:

— Ah cavalheiro! dizei-me. Para impedir que se enforque este homem (por que vejo agora no ramo que está por cima da vossa cabeça o resto da corda que vós tão imprudentemente haveis cortado), para impedi-lo; repito, de separar-se de uma existencia que devia ser-lhe odiosa, contaís vós com o poder de fazer-lh'a suave e bôa ou ao menos supportavel?

Ao ouvir estas palavras pronunciadas com a mais perfeita indiferença, o salvador zeloso do enforcado se deteve immediatamente, e dando uma palmada na testa, deixou cair sobre a erva o desgraçado que começava a respirar e a reviver.

— O certo é, cavalheiro, — respondeu levantando-se, — que tendes razão. Quem diabo me manda metter onde não sou chamado? Sou tanto mais necio por haver interrompido o suicidio d'este desgraçado, quanto que eu só havia vindo ao bosque de Bolonha para fazer o mesmo.

— Bravo! — exclamou o primeiro, com tom cordial. — Vinheis tambem enforcar-vos?

— Não: desprezo soberanamente essa maneira de matar-se. .. Faz deitar a lingua fóra da maneira mais horrorosa.

— Ah! ah! — redarguiu o homem da pistola. — Vinheis acaso para fazer saltar a tampa dos miolos?

— Fóra! essa é uma morte desfigurada e nada asseada. Não, cavalheiro, não.

— Tereis acaso um veneno na algibeira?

— Aborreço as dores de estomago e as colicas.

— Como diabo pensais matar-vos?

— Penso afogar-me.

— Aqui! no bosque de Bolonha?

— Não, mas para que não se pudesse socorrer-me aguardei a noite. E para poder esperar á vontade me deitei ao pé desta árvore, acommetteu-me o somno e dormia tranquillamente quando o ruido do ramo, ao qual este cavalheiro se havia pendurado, me despertou de repente.

Deveis comprehender que surprehendido como estava, as minhas ideias não foram muito claras.

Segui... o natural primeiro movimento que nos impelle a salvar a todo o ser que perece, cortei a corda para salvar este pobre diabo e agora o sinto. Pelo demais, — accrescentou o cavalheiro tirando o chapeo para retirar-se, — fa-

zei-me o favor de assistir ao pobre moribundo, supposto que é tempo já de que eu vá pôr em execução o meu projecto pessoal.

— Está muito bem, cavalheiro, — respondeu o personagem da pistola; — mas antes de encarregar-me da commissão para outro, deveríeis faze-lo por mim por haver-me igualmente estorvado.

— Em que genero de occupação?

— Estava a ponto de fazer saltar a tampa dos miolos, (o que seja dito de passagem, me parece o unico suicidio que um homem fino pode permitir-se), quando me perturbasteis com o ruido que fizesteis por este lado.

— Cavalheiro, — respondeu o outro, peço-vos mil perdões e deixo-vos o campo livre.

— Sabeis vós meu senhor, que posso não ficar satisfeito, e que estaria authorisado para pedir-vos uma satisfação? disse o homem da pistola: sobre tudo um duello é uma maneira admiravel de sair desta vida.

— É impossivel, meu senhor, impossivel, cavalheiro, — redarguiu o seu interlocutor, — não posso expôr-me a matar-vos nem a ser eu morto por vós: é preciso que eu esteja enforcado ou afogado amanhã cedo; é um assumpto de probidade, uma palavra de honra, e seria em o mais vil e miseravel se aceitasse a vossa proposição.

— É extravagante ! — disse o nosso primeiro personagem.

— Como ! decedidamente hi-des afogar-vos ?

— Não pensais vós arrebentar a cabeça com um tiro ?

— Que idade tendes ? disse asperamente o primeiro.

— Vinte e cinco annos.

— E aos vinte e cinco annos desesperais do vosso porvir ?

— E vós que idade tendes ? — exclamou sorrindo-se o segundo.

— Cincoenta annos.

— E aos cincoenta annos não tendes creado uma posição ?

— Ah cavalheiro, — exclamou o mais velho, — se eu não tivesse mais que vinte e cinco annos, desejaria chegar a ser primeiro ministro.

— E eu se tivesse o direito de viver cincoenta annos, quereria ganhar vinte milhões.

Um silencio bastante largo seguiu a esta mutua declaração.

— Cavalheiro, — respondeu o velho, — Vós interessais-me, tendes valor e ao parecer força de vontade. Fazeis-me o obsequio de contar-me a vossa historia ? Eu vos referirei a minha, e talvez o que nem vós nem eu temos podido fazer sós, consigamos juntos realisa-lo. Soou a hora da associação, é o novo poder ; a socieda-

de e os individuos perecem pelo isolamento. Associe-mo-nos, pois.

O joven principiou a entoar a aria da morte d'Edgar de Rawenswood. Depois proseguiu:

— Sensível me é, cavalheiro; mas já tive a honra de vos dizer que necessito esta noite mesma ficar afogado. É um assumpto convencionado, uma palavra dada.

— Respeito os vossos segredos: mas poderia saber somente com quem tenho o gosto de passar os ultimos momentos da minha vida?

— Chamo-me Alfredo Dabiron.

— Ah, ah! — exclamou o velho, — sois vós o personagem que se afoga pela perda de um ou dois milhões? Julgava-vos mais forte que tudo isso.

— Não podeis comprehender os meus motivos, nem tenho tempo para vò-los dizer, — respondeu asperamente Dabiron, — mas pela minha parte desejaria tambem saber a quem tenho a honra de fallar.

— Sou o conde de Montreuil.

— O conde de Montreuil? — exclamou Alfredo Dabiron com assombro.

E como se este nome tivesse i-do acompanhado de um enorme poder eléctrico, o ex-enforcado que havia permanecido ali perto sem chamar a attenção, porem que recobrava pouco a pouco os seus sentidos, se ergueu de repente e com voz aspera e atroadora, gritou:

— Onde está o conde de Montreuil? Que

eu o mate!.. que eu extermine esse tratante, esse assassino, e velhaco!....

E como uma rã submettida ás experiencias electricas, que se agita e se move em quanto a toca o fio conductor, o ex-enforcado, depois de fallar e fazer movimentos deste modo, caiu ao chão, assim que cessou o effeito galvânico do nome de Montreuil.

— Que quer dizer isto? — respondeu Dabiron. Como se explica que estejais aqui para fazer saltar a tampa dos miolos quando ha um homem ao qual provavelmente haveis obrigado a que se enforque?

— É na verdade mui extraordinario, — respondeu Montreuil, e quero saber o que isto significa.... Necesito fallar a este homem.

De repente bateu o Conde uma palmada na testa, e exclamou com voz aprasivel:

— Se será Muller?

Parece que este nome era tão electrico como o primeiro, porque o ex-enforcado se levantou de novo gritando:

— Não sou Muller nem o fui nunca.

Depois tornando em si exclamou:

— Onde estou? Eu tinha-me enforcado. É este o outro mundo? Não me enterraram. Onde está a minha alma?

Tocou o corpo e proseguiu:

— É esta a minha alma?

— Porem meu senhor, — disse Alfredo Da-

biron. — Vós estais completamente vivo : tinheis-vos enforcado é verdade ; mas eu cortei a corda, pelo que estou bem triste.

— Ah , ah ! — exclamou o ex-enforcado. — Disse-se que não poderia eu mesmo matar-me. Isto vem a ser divertido.

— Ainda ficou um pedaço de corda, — disse Dabiron, — e para vos mostrar todo o sentimento que experimento por minha inadvertencia, juntarei a elle o meu lenço.

O ex-enforcado pareceu não ter ouvido semelhante proposição, e exclamou :

— Diabo ! eu morro de fome !

— Mr. Dabiron, — disse rapidamente o Conde, — podeis pagar a ceia a este velhaco ?

— Sim ! Tenho na minha algibeira dois ou tres bilhetes de mil e uns cincoenta luizes. Queria ao morrer provar que só a honra me impellia a conduzir-me de tal sorte, e que poderia ir viver como um vagabundo em Bruxellas ou em Londres.

— Pois bem, — redarguiu o Conde com uma especie de exaltação febril, — offerece de cear a este desgraçado ; aproveitemos a desordem das suas ideias para persuadi-lo que não ouviu nomear o conde de Montreuil, e que ignoramos que elle se chame Muller, e os vinte milhões que vós sonhais ; esse posto de primeiro ministro que eu ambiciono, tudo talvez será nosso.

Alfredo Dabiron se poz a rir, fazendo depois o possível para aquietar-se.

— Segui-me até á porta de Auteuil, — respondeu o Conde. — Ali ha uma estalagem onde poderemos fallar á nossa vontade em um sótão, com um vinho agradavel de Bordeus e xarutos excellentes. Ali vos descobrirei o meu plano, e por minha palavra de honra vos juro, que se não o approvais, hei-de deixar-vos completamente livre para que vos afogueis.

Dabiron reflexionou; parecia vacillar. Finalmente respondeu:

— Eu vos agradeço as vossas boas intenções: é absolutamente preciso que eu esteja afogado amanhã cedo.

— A que hora?

— Ás onze o mais.

— Ainda vos restam cinco horas.

— Pois bem, annúo, — respondeu Dabiron. — A final de tudo não virá mal uma boa cea.

— Quem falla em cea? — disse o ex-enforcado, cuja voz se aclarava pouco a pouco.

— Eu, cavalheiro, — disse Alfredo, — eu, que desejo fazer-vos olvidar a minha torpe conducta, supplicando-vos que queirais vir destapar algumas garrafas de excellente vinho.

Depois disto ficais livre para vos enforcar se quizerdes. Vê-de este cavalheiro que se digna acompanhar-nos, e que será igualmente livre para

tir a cabeça com um tiro, como eu para afogar-me, mas tudo depois de cear.

— É cousa convencionada, — disse o Conde.

— Convencionado, — exclamou o ex-enforcado levantando-se immediatamente. — Só que se por uma casualidade extravagante chego a encontrar o Conde de Montreuil, ficarei livre para reforcer-lhe o pescoço ou introduzir-lhe uma faca no estomago.

— Bem, — exclamou o Conde, — para vós o amardes d'esse modo, é necessario que elle vos tenha feito muito damno.

— Cavalheiro, obrigou-me a que me enforque.

— El'e? Conheceis-lo bem?

— Nunca o vi.

— Pois bem, cavalheiro, eu conheço-o e creio que poderei tirar-vos do apuro.

— Se fazeis isso, — exclamou Muller com alegria, — não posso explicar-vos o favor que me fardis. Debaixo de minha palavra de honra, cavalheiro, renuncio a enforcar-me.

— Está dito, está dito, — respondeu o Conde; — Demo-nos pressa.

Ajudaram o ex-enforcado a buscar a gravata que havia tirado para não estorvar a corda, e os nossos tres heroes tomaram com alegria a estrada da porta de Anteuil.

Uma hora depois acharam-se em uma sala baixa, perfeitamente alumiada e fechada com

cuidado, deitados sobre macios divans em presença dos restos de um pato, e de um bom numero de garrafas vaziás ou incertadas.

A atmosphera estava brandamente impregnada das nuvens fluctuantes que saíam de seus xarutos, e Mr. Alfredo começava a historia das suas desgraças, como se vê no capitulo seguinte.



CAPITULO II.

Historia do suicida R.º 1.

— **N**asci em Tolosa — disse Dabiron.

— Perdão, — exclamou o conde de Montreuil interrompendo-o — nascesteis em Tolosa e não sois fanfarrão? É uma prova de superioridade, á qual vos passo permissão para render homenagem.

— Está bem! replicou Dabiron examinando o Conde — já vejo que tenho que tractar com um homem de elevada intelligencia, porque professais os principios do mais celebre usurario de Paris, com quem tive no principio alguns negocios, os quaes não redundaram em seu proveito. É um gascão — exclamou entregando ao criado os bilhetes falços que lhe tinha passado.

— Um gascho! — respondeu o criado, — mas não tem o menor accento. Oh! Uma cousa singular! exclamou o usurario — não se desconfia d'elle.

— Esse usurario deve ser Dubourg de Penzans, — disse Montreuil, — É um homem não fido, mas fularrio, e é o que o faz desmerecer. Mas dignai-vos confirmar, que, segundo vejo bem podemos entender-nos.

O ex-anfocado Muller os olhou successivamente como se tivessem fallado diante d'elle em hebreu ou em syria. Depois d'um momento de reflexão, pareceu conhecer que nada comprehendia, e resignou-se como um homem que não deseja intentar o impossivel. Pegou n'um setimo xaruto, destapou a oitava garrafa, encostou-se sobre a divan e esperou.

Dubourg confidante:

— Nasci em Tolosa; mas a minha infancia e a minha primeira juventude passei-as em Marselha, Lyon, Reus, em Brest e definitivamente em Lille. Meu pai pertencia á administração mais financeira da França; era director dos direitos reunidos.

— Já não ha direitos reunidos, — disse Muller, que queria alternar com os outros convi-
didos, dando a entender que estava adeirado das cousas da vida.

— Tendes razão, — disse Dubourg, não ha direitos reunidos desde 1814. A restauração pro-

mettes abolí-los, e como a restauração proferia a fidelidade do juramento, fez arrastar esse cofado do edificio em que se achavam, atrojou ao fogo todo o papel selado que ostentava este offi-
so nome, e fez escrever sobre a porta do antigo edificio, e no selo do papel novo: « Administração de Contribuições indirectas ». Em quanto ao mais nada mudou no imposto; mas o povo enthusiasma-se com a enorme concessão que tinha obtido.

— Vejo que sabeis a historia de França, — disse Muller sentenciosamente e depois de beber um copo de vinho.

— Prezo-me disso — respondeu Duhiron, mas ha outra que sei melhor que a historia de França, e é a minha. Mas como avança a noite e prometti referi-la; rogo-vos que não me interrompa para que me fique tempo para enforcar-me.

— Será difficil, — exclamou Montreuil rindo-se, e deitando vinho no copo de Duhiron; — já não daremos entrada á agua.

— Ninguém morre por beber, — disse gravemente o ex-enforcado. — Põe uma pessoa morrer pela asphixia, abogado, ou com a curda.

— Por ventura sois medico? — disse Montreuil.

— Não, mas quiz se-lo, o que é quasi o mesmo, — respondeu o ex-enforcado.

— Não sois o verdadeiro Muller? — exclamou entusiasmamente Montreuil.

— O verdadeiro Muller morreu. — respondeu o homem da corda.

— Pois então, quem sois? perguntou vivamente o Conde.

— Eu tambem morri, — disse o ex-enforcado com o tom mais natural.

— Este velhaco está bebado! exclamou o Conde com desprezo.

O ex-enforcado correspondeu a esta apostrophe com uma vista tão solemne de desdem, que Montreuil conheceu que tinha dito uma tolice. Mas não quiz reconsiderar, guardou um tranquillo silencio, o que permittiu a Dabiron continuar a sua relação nestes termos:

— Devo á minha existencia errante essa educação incompleta que priva ao que está neste estado de toda a carreira e o que se necessita para exhibir um diploma de sabio ou de doutor por insignificante que seja. Quando sahi do collegio estava n'uma posição bem triste; não podia ser advogado, nem medico, nem magistrado, nem militar, nem juiz, nem engenheiro, nem membro da Universidade, nem preceptor, nem boticario, porque são carreiras estreitas ou limitadas, onde é preciso dar muito para receber pouco, e se offerecia á minha vista um magnifico horizonte, todo despejado, cujos astros eram para mim o poder e a fortuna.

Na epocha da minha entrada no mundo não era isto como agora um direito superior para

chegar a ser Par de França, embaixador, ou ter muito dinheiro; tão pouco se considerava como de absoluta necessidade ser milionario, para ser ministro. Similhante erro desapareceu com a nossa Monarchia representativa.

A chymica social descobriu que os dois elementos reunidos formam um composto de primeira força, e nos nossos dias todo o milionario é o principio d'um ministro; assim como todo o ministro é o principio d'um milionario.

Por minha parte posso dizer sem vaidade que me achava a altura da sciencia, e se não houvesse perdido terreno contava chegar á Camara, e d'alli ao poder; mas como é preciso começar por ser poderoso para ser rico, e a ser rico para ser poderoso, escolhi desde logo a carreira do dinheiro. Entrei n'uma das nossas primeiras casas de commercio. Não aprendi mais que a resolver partidas dobradas, reunião monstruosa de algarismos, inintelligivel aos mesmos que a escrevem, e cuja chave não é outra senão a da caixa, a qual reside nas mãos do chefe supremo. Não querendo pertencer a ella muito tempo, ia a deixar a casa Shlotz Appencherr, quando me occorreu a seguinte aventura.

Eu tinha então vinte e dois annos, e a senhora Baronesa Appencherr trinta. Era mui loura, mui branca, mui terna, mui gorda e desplacente. Esta senhora tinha camarote effectivo nos Italianos e na Opera, e recebia em sua casa a

sociedade mais escolhida de Paris. O seu marido tinha-lhe consignado cem mil rrs para a despesa da casa, e cem mil francos para o seu *toilette*. Apesar disto contrahia dividas. Eu vivia regularmente com cem luizes de ordenado, e seiscentos francos de pensão que me tinha estipulado meu pai. Fazia algumas economias. Um mundo me separava de Madama Shlotz e nos juntou uma moeda de cem soldos.

— Muller abriu sobre maneira os olhos por cima do copo que tinha em disposição de vazar. O primeiro dizia consigo mesmo que Alfredo Dabiron zombava delle; o segundo se aferrava á ideia de que tinha que haver-se com um *homem forte*.

Alfredo Dabiron acariciou mais agradavelmente o seu xaruto, e começou a fumar com um sorriso, como se estivesse encantado do que pensava dizer.

— Senhores, — acrescentou com ar emphatico, — as mulheres não tem mais que tres grandes vicios: o amor, a inveja e o jogo. Poderia sobre este ponto desenvolver uma theoria para vos provar que todas as desordens procedem unicamente destas tres paixões. Mas falta-me o tempo e volto á baronesa. Mui apreciada na epocha que eu pertencia á casa de seu marido, era Madama Appenherr para mim uma dessas mulheres honestas que são na sua juventude um composto de virtudes. Sem embargo, isto não lhes vale nenhu-

na areola, porque a sua nullidade faz dizer que não pensando em nada, não ha podido pensar no máo.

Não obstante seu marido, Mr. Mac-Shlotz Appencher, lhe tinha dado muitos direitos para a vingança. Sustentava com o maior luxo a bailarina conhecida com o nome de Jubin, primeira nos registros da Opera, mas muito mais conhecida do jockey-club pelo de Lalaki. Segundo os costumes actuaes, o Barão, não temia mostrar-se com a Jubin, primeira, nas proscenios dos pequenos theatros. Mad. Appencher o sabia e o via; mas jamais uma palavra mais alta que outra chegou a perturbar a paz conjugal. « Esta mulher não sente nada — se dizia. — A carne é a que falla e anda; e sempre que coma e tenha cartas se considera ditosa. » A posição financeira e social do Mad. Appencher (seu marido tinha vinte milhões e era deputado), a sua posição, digo, a tinha salvado do vicio da inveja; mas que seria o que a separou do amor para a lançar na paixão do jogo?

Eis o que perguntava a mim mesmo em certa noite que a via jogar a berlanga com agitações tão vivas, que me fizeram conhecer que havia uma alma debaixo d'aquelle formoso montão de rosas.

Isto passava-se no salão do agente de cambio Prevalin, joven alegre e buliçoso que tinha magnificas reuniões, e em cuja casa se dançava, não

sobre um vulcão, mas sim sobre uma proxima bancarrota.

Mad. Appencherr estava defronte do celebre Fautois, notario mui conhecido pelas suas partidas de jogo; a um lado tinha o dono da casa e ao outro a um tal Brionde, de cuja posição singular fallarei mais adiante.

Para dizer a verdade eram jogadores de escassa importancia, como ganhassem muito jogavam com a ousadia que dão a sorte, e a indifferença que se mostra pelo dinheiro que não é visto.

Com effeito, um não jogava mais que sobre a sua palavra.

Eu nasci profundamente jogador, mas a minha miseria e a minha prudencia me prohibiam tocar n'uma carta. Consolava-me com vêr o jogo. Colocado por detraz d'um jogador apaixonava-me pela sua fortuna boa ou má sem poder dar conta a mim mesmo. Experimentava por qualquer anxiedades, movimentos de alegria, palpitações de coração, coleras incriveis. Naquella noite tinha-me associado á fortuna de Mad. Appencherr e sentia uma terrivel irritação, uma desesperação furiosa vendo o encarniçamento com que a perseguia a sorte. Apresentou-se um golpe de fortuna, ella era a primeira; continuava-se ainda o mesmo jogo e tinha quarenta de mão. A posição era soberba. Fautois parou cincoenta luizes. Mad. Appencherr dobrou a parada, e Fautois tornou a dobrar. Mad. Appencherr aceitou o duello. Desco-

bre-se o jogo. Fautois não tinha mais que um miseravel desenove, ultimo, porem encontrou no agente de cambio um flux que não se tinha atrevido a empenhar. Já tinha cinco cartas. O golpe era vinte e dois mil francos. Mad. Appencherr empallideceu, passou as suas *fichas* a Fautois e pediu um copo d'agua.

Eram quatro horas da manhã e não havia ninguem na sala mais que os jogadores e eu. Madama pediu-me que chamasse um criado; fui á casa de jantar estava deserta. Enchi um copo d'agua e eu mesmo o levei a Madama Appencherr. Tinha recuperado uma somma igual á que acabava de perder: uma chavinha lavrada representava os vinte e dois mil francos. Mas ah! a cabeça não estava mui segura; a Baronesa jogava com o delirio da ruina. Apresentei-lhe o copo d'agua; o crystal soou entre seus dentes. Em seguida agradeceu-me com amabilidade. Não sei a causa, mas é certo que participando da desordem em que ella se encontrava, esqueci quão inoportuno podia ser um conselho da minha parte, e lho disse em voz baixa.

— Não jogueis mais, senhora!

Ella olhou-me sem colera, e respondeu-me com voz alterada.

— Está bem; mais um quarto de hora. Quinze minutos de berlanga tendo chegado á quelle paroxismo de febre eram sufficientes para perder muitos milhoões de francos. No fim de um quarto

de hora Mad. Appencherr perdia uma somma enorme. O quarto de hora tinha sido solemnemente jurado. Fautois levantou-se e os outros jogadores fizeram o mesmo. Feita a liquidação resultou que Mad. Appencherr devia sessenta mil francos a Fautois, e vinte mil a cada um dos outros jogadores. Cem mil francos pagos no mesmo dia! Os jogadores estranhos desculparam-se por não poderem offerecer um prazo mais favoravel á sua devedora. Um jogador é um cannibal que devoraria a seu proprio pai. O dono da casa apressou-se em conduzir Mad. Appencherr até outra sala, evitando quanto pôde os seus queixumes. Ella estava desfigurada em extremo. Os seus labios tinham ficado descorados, seus olhos espantados, e as suas faces pallidas. Os cabellos atormentados por uma espantosa horripilação, tinham levantado a pomada lustrosa que os sujeitava á frente, e tinham-se dividido em madeixas desalinhas.

Mad. Appencherr envolveu-se n'uma capa de veludo, e então adverti que não a esperavam na ante sala. Desci com ella sem que o notasse. Tambem não havia nenhuma carruagem no pateo. Mad. Appencherr atravessou o pateo sahiu á rua, e ali estava uma carruagem de aluguer.

Pelo desembaraço com que subiu conheci que não era a primeira vez que o fazia. Ella não me via, nem via nada; foi assim que não pôde observar a vista ávida com que o cocheiro exami-

nou o ouro e os brilhantes do seu toucado e das suas pulseiras. Vi nos olhos daquelle homem brilhar o reflexo do punhal que occultava. O terror que se apoderou de mim augmentou-se quando ouvi a Mad. Appencherr em vez de dar a designação de uma casa, na rua de Bergere, mandar ao cocheiro que andasse para a rua do Boule-Rouge. A tal rua era ainda nesta epocha um sitio immundo povoado de prostitutas, de criminosos a quem a justiça perseguia e de camponezes a quem a sua pobreza permittia supportar tão perigosa vesinhança. O jardim da casa de Appencherr se estendia até ás barracas da Boule-Rouge, com a qual confinava uma formosa galeria que servia de estufa. Ao temor que experimentei por Mad. Appencherr se juntou ao mesmo tempo uma curiosidade extranha. Pareceu-me que acabava de entre-abrir-se a porta, pela qual eu devia chegar á fortuna.

Entretanto o cocheiro tinha cerrado a portinhola da carruagem, e collocado-se na almofada. No modo de tomar as redeas dos cavallos, e levantar o chicote, conheci que desejava acabar rapidamente com o terror que inspira todo o crime antes de commetter-se. Como me seria impossivel seguir a pé a carruagem, e por uma dessas inspirações que decidem muitas vezes da vida, subí á trazeira.

O cocheiro o advertiu, e voltou-se para mim com o chicote levantado.

— Adiante! — lhe disse em um tom quasi tão imperativo como o d'um laçao.

O semblante vivo do cocheiro começou a decahir visivelmente, até que o cubriu uma palidez mortal; o chicote quasi que lhe cahiu das mãos. Acabava de arrançar-lhe a sua fortuna.

— Sois creado desta senhora? — murmurou com voz d'um homem desacorçoado.

— Sim, — lhe disse.

Similhante mentira me assegurou no meu posto, e pude seguir nelle. A carruagem parou diante d'uma porta pequena salpicada de lodo. Desci apressado, mas o cocheiro foi ainda mais agil, tinha aberto a portinhola e estendia a mão a Mad. Appencherr. Nenhum cocheiro ignora que todo o criado que paga por seu amo não o faz sem a competente propina. Aquelle homem que acabava de perder a fortuna de roubar vinte ou trinta mil francos consolava-se com a esperança de alcançar uma moeda de dez soldos. Deixo aos moralistas o cuidado de dizer se isto é magnifico ou miseravel.

Tinha-me collocado de traz da carruagem quando ouvi um murmurio de impaciencia e de colera.

— Espere... eu enviarei quem lhe pague... Mas não... é impossivel... a estas horas... não tenho nada....

Mad. Appencherr quiz descer, mas o cocheiro encostou a portinhola. O meu silencio e a mi-

nha inacção tinham-lhe revelado que não pertencia áquella senhora; tomou sem duvida o seu partido e ouvi chegar até a mim com voz imperceptivel estas palavras.

— Carruagem franca para os dois!

O cocheiro quiz cerrar a portinhola dizendo:

— Está bem senhora, vou conduzir-vos a casa do commissario de policia.

Era este um pretexto para commetter um assassinio, mas eu me adiantei.

— Vamos, tratante! — lhe disse, — abre a essa senhora; aqui tens o aluguer e apresentei-lhe uma moeda de cem francos.

Ao ver-me Mad. Appencherr deu um grito.

— Não ereis vós que estaveis em casa de Prevalin?

* — Sim, senhora, lhe disse eu estendo-lhe a mão para a ajudar a descer.

Em quanto ella procurava na sua bolça uma chavinha, o cocheiro tinha subido á almofada, e partido. Mad. Appencherr estava mais perturbada que nunca.

— A minha chave!... murmurou a minha chave!...

— Meu Deus — lhe disse eu tandem assustado — seria a que serviu de *fétiche* no jogo?

Os jogadores dão este nome a qualquer objecto, ao qual attribuem um valor ideal quando lhes falta sobre a mesa o ouro ou bilhetes do banco.

A chave de Mad. Appencherh tinha representado mil luizes: naquelle momento a teria pago ella pelo dobro.

— Ah! exclamou — deixei-a ficar em casa de Prevalin! Que farei agora? Estou perdida...

— Concedei-me a honra de aceitardes o meu braço até á rua Bergere, e entraremos pela porta principal.

E impossivel; já entrei, — me respondeu.

Havia tal misterio nas palavras *ja entrei* que me deram muito que pensar.

— Mas que hei-de fazer meu Deus, que hei-de fazer? — exclamou com uma sincera e profunda desesperação.

Outro mais engenhoso que eu teria podido imaginar algum meio para sahir do apuro, em taes circumstancias; mas eu não encontrei para a magnifica Mad. Appencherh senão o que teria offerecido á primeira mulher que teria encontrado exasperada na rua. Offereci-lhe respeitosa e um asylo provisório na minha modesta habitação de solteiro, situado na rua Richer, numero 11, mui perto d'alli. Fiz a proposição com todo o respeito, com toda a humildade e temor que exigia semelhante offerta. Deixo á perturbação de Mad. Appencherh e á necessidade da sua deploravel situação o merito de te-la decidido. O certo é que me respondeu com modo alegre.

— Podeis occultar-me nella uma hora?

— Todo o tempo que vos for necessario.

— Vamos, — responderam, — tomando-me o braço.

A posição era delicada; eu creio que a comprehendí; mas evitei empregar o galanteio, e não fallei mais que á jogadora compromettida.

Sem embargo, depois de dar alguns passos parou de repente, e me disse estremecendo:

— Não fostes vós que me desteis um copo de agua em casa de Prevalin?

— Sim, senhora. Jogaveis com Fautois, o notario e Brionde.

— É verdade, — me respondeu, bastante preocupada por uma pergunta que deixava ver nella o temor de ter mudado simplesmente de perigo e de ladrão, — é verdade, mas não é isso o que eu queria saber. Quem é a pessoa á qual deverei um serviço que...?

Eu não queria juramentos de gratidão para ser senhor de impôr as minhas condições, e apressei-me em interromper a Mad. Appencherr, dizendo-lhe:

— Chamo-me Dabiron, tenho sido empregado em casa de Mr. Appencherr.

— Em casa de meu marido! exclamou soltando-se do meu braço,

Ter-se-hia dito que presentia os meus desígnios, e respondeu.

— Mas vós enganasteis-me.

Comprehendi quão enorme era semelhante

palavra, ainda que vasia na apparencia, e quiz que m'a explicasse para tirar mais proveito.

— Eu, senhora? — lhe respondi com tom soffocado, — mas se é a primeira vez que tenho a honra de achar-me ao vosso lado!

— Mas porque me seguisteis?

Então lhe expliquei o olhar do cocheiro e o terror que me tinha inspirado. Pretendeu examinar as minhas feições na obscuridade para calcular as minhas palavras pela minha physionomia; mas felizmente as trevas da noite não permittiram que descobrisse o meu sorriso.

— Não sou medrosa, — me disse friamente.

— Julguei obrar bem, — respondi com modestia.

— Não era esse o vosso pensamento, — acrescentou bruscamente.

— Uma disputa com esse cocheiro por não terdes podido pagar, teria sido terrível.

Ella encolheu os hombros.

— Não tinha acaso uma alfaia que dar-lhe?

— Mas talvez intentasse roubar-vos.

— Eu tinha com que defender-me, — disse mostrando-me um par de pistollas, que havia tirado da sua algibeira sem que eu o advertisse. — Mas a casualidade que me fez esquecer a minha chave em casa de Prevalin vos deu razão. A casualidade é o talento e o genio de muitas gentes!

A loura e gorda Mad. Appencherr se me patenteava sob uma nova phase. Creio, que ape-

zar da sua energia, não me mostrei debil pela minha parte; não me considerei humilhado com a replica, e lhe disse sorrindo:

— O ter muito talento consiste em ser ditoso. Pareceu que reflexionava na minha resposta, e respondeu logo.

— No jogo especialmente é isso verdade. Haviamos chegado proximo á minha habitação.



CAPITULO III.

Continuação da historia do suicida n.º 1.

Eu pensava que tinha que have-las com uma mulher pouco experimentada ; mas conheci que Mad. Appencherr era mais esperta que eu.

— Em que andar residis ? --- me perguntou.

— No quarto.

Eu tinha batido á porta ; apenas estive meio aberta , quando Mad. Appencherr atravessou a morada do porteiro e desapareceu pela escada. Durante este tempo recebia eu do porteiro o meu rolo aceso.

— Como penso em deitar-me tarde, — lhe disse, — não deixeis subir ninguem nem me procurareis antes do meio dia.

Não alcancei Mad. Appencherr até ao segundo andar : esperava-me ella ali.

— Ao meio dia? — me disse, — que significa esse encargo?

— Para vos dar todo o tempo necessario.

— É preciso que eu esteja em minha casa dentro d'uma hora... ou não voltarei jamais, — me respondeu.

Isto me infundiu medo; pela minha parte não previa de que procediam mudanças tão repentinas naquella mulher, e o que fazia que me abatesse demasiado. Com tudo, não me dei por vencido submetti-me e lhe respondi com sequidão.

— Mais valeria se fosse possível.

— Subamos, disse decidida.

Ella subiu primeiro: tinha um pé de menina, uma perna de uma elegancia propria de Luiz 15: era por assim dizer, uma estatua de Coisevox bem conservada. Misturaram-se os meus sentimentos de homem com as minhas ideias de especulador. Quando chegamos ao meu quarto andar, estava resolvido a ingerir a minha fortuna sobre o amor.

Entramos na minha habitação: compunha-se d'uma ante-sala de quatro pés quadrados, d'uma sala e d'um gabinete de vestir. O quarto e a mobilia haviam pertencido a uma *loreta*, que segundo me informou o porteiro havia passado á melhor vida. D'aqui resultava que era todo de extraordinaria casquilhice para um rapaz: ali encontrei muitos moveis, cortinas, alcatifas, e até

uma caixa para charutos que estava escondida no fundo d'um armario do gabinete de vestir. Aquella caixa encerrava a minha fortuna e a minha ruina, sem que eu o soubesse.

Tinha comprado toda a mobilia em leilão por mediação do porteiro; de maneira que não conhecia a *loreta*, nem de nome, nem de vista. A caixa era uma obra prima de embutidos; guardei-a com a esperança de que seria reclamada, e offerecendo leva-la eu mesmo, talvez pudesse deslizar um pé pelo mundo dos amores industriosos. Não ouvi fallar de nenhuma reclamação, e souba por fim que estava comprehendida no ajuste.

Entre tanto, apenas entrou em minha casa Mad. Appencherr, disse-me que queria escrever. Apresentei-lhe quanto necessitava. Em vão procurou não fixar em mim a attenção; temia que chegasse a hora e o instante em que queria assegurar-se da minha descripção.

Mad. Appencherr escreveu só algumas palavras: dobrou e fechou a carta, poz o sobrescripto e m'a entregou dizendo:

— Tende a bondade de ir á rua de Faubourg — Poissonniere, n.º 7; dizei que desejais fallar immediatamente a um homem chamado Lafolié, a quem entregareis esta carta; saireis ao mesmo tempo; ireis pela rua Bergere; acompanhalo-heis até minha casa, e logo que o tendes visto entrar vireis avizar-me.

Pareceu-me que não me tratava com atten-

ção e o meu rosto manifestou o desgosto que experimentava. Mad. Appenherr o advertiu, e olhou-me com maior atenção.

Calculou sem duvida que antes que eu fizesse nada deitava regular as condições do meu serviço, e com o talento que a distinguia sempre para entrar no amago das questões, me disse sorrindo-se:

— Que pretendeis?

— Nada, senhora, — lhe respondi com voz tímida.

— Ah! exclamou olhando-me com vistas cheias de inquietação e de suspeita — nada, nada? Mas isso não tem limites!. Vamos, cavalheiro, aqui vos espero porque antes de sahir necessitamos fazer o nosso convenio. Inclinei-me e sahi para levar a carta.

Durante que Dabiron proseguia a sua narração, o ex-enforcado Muller continuava refrescando a sua atenção com os restos das garrafas, porque se havia dado ordem ao criado que não tornasse a entrar. D'aqui resultou que passados alguns minutos, não tendo Muller nenhuma razão liquida para escutar a personagem, tinha tomado o partido de dormir para, utilizar, segundo dizia, as ultimas horas que lhe restavam. Tão certo é que o somno, esse falso aniquillamento do homem o liga essencialmente á vida! Mas a final não chega o momento de despertar-se?

O conde Montreuil pelo contrario, tinha fi-

culo muito attento, e como se houvesse querido dissipar os vapores que os exeres champañhezes derramavam entre o seu pensamento e o fogu da sua embebedação, tinha lançado sobre o fogu da sua embebedação dois ou três copos de agua nevada, que devolveram ao seu espirito toda a sua clareza, e lucidez. Inaltno tinha-se detido para respirar, e a sua vaidade de narrador chegou a irritar-se com o somno daquelle suicida.

— Devias dornir a esse cetaeo. — lhe disse o Condé. — é o homem que busco, e no que acabais de dizer-me ha já um nome que confirma a esperanza de que vos hei fallado.

O de Mad. Appencherri? — exclamou Dabiron. — Conhece-lo-heis quando vos contar a minha historia. Mas peço-vos que continueis, pois a ser verdade o que supponho não podemos perder tempo.

Dabiron continou assim a historia:

— Fui ao Faubourg-Poissonniere. Tive que sair a um quinto andar. Assim quealli sahia a abrir-me o homem aqueum procurava. Conhecia-se que estava acostumado a lã inesperados chamantez aos costumes de Mad. Sholtz Appencherri. Foi algumas perguntas aquelle homem; mas foi para nam penetravel como um gerothynico. Chegamos á porta da casa. Ali Lafolie appareceu-se a um desses officios praticados nos parcos que se cobrem com uma chapta de

ferro. Estas aberturas são de ordinario conductores para desalogo das chaminés. Mas este era uma especie de bossina que chegava até ao quarto do portieiro. Abriu-se a porta para Mr. Lafolié, e correu-se silenciosamente para mim. Mas a travéz da grade de ferro que estava por cima da porta pude ouvir o portieiro que dizia a Lafolié: — Lafolié, procura vir mais cedo. Se o senhor te encontrasse!....

— Não tem duvida — respondeu Lafolié, — não se levanta antes das nove.

— Mas a senhora vella algumas vezes, e se soubesse o que se passa, poria Rossina na rua, e a mim me ajustaria as contas.

— Não tenhas medo, accrescentou Lafolié. Depois ouvi que sahia uma escadilha que conduzia ás nossas officinas situadas na primeira das dependencias da casa, depois á segunda occupada pelas habitações dos criados, as quaes communicavam com o resto da casa.

As palavras do portieiro me proveram que não estava no segredo das escapatorias nocturnas da sua ama. Já não me restava mais que voltar a minha casa para tratar com Mad. Appencherri das condições do meu silencio.... Concebi magnificos projectos; preparei ternos discursos; mas poucas vezes succede que os advogados e deputados tenham direito para dizer o que de attenção tem preparado, sem alvadar ás circumstancias fortuitas da causa ou da questão que os

occupa. O mundo não admittê similhante direito que produz tantas defesas imbecis e tantos discursos estupidos. Na vida a casualidade lança quasi sempre por terra as previsões da eloquencia. Assim pois, quando cheguei a minha casa encontrei Mad. Sholtz contemplando a minha caixa de xarutos, e antes de poder dizer-lhe que tinha desempenhado habilmente o seu encargo, me apostrophou com viveza deste modo:

— D'onde vos veio esta caixa?

Por um momento tive desejos de me gabar, mas professo o principio de que a mentira é uma cousa grave e seria, de que convem usar mui sobriamente e só em casos de absoluta necessidade. Referi simplesmente a historia da minha acquisição.

A minha sinceridade pareceu ser um rasgo de engenho. Mad. Appencheir começou a olhar-me com muita attenção. Não me respondeu se não com a vista; mas conheci que estava contente de mim. Na opinião das mulheres, o que tem valor para não formar a illusão d'uma fortuna que não possuiu, é sempre bastante discreto para occultar as boas prendas que verdadeiramente o adornam. Sorri-me todavia ao olhar investigador de Mad. Sholtz. Apesar das minhas resoluções energicas de conquistador, não pude dominar a timidez de meus vinte annos. Isto foi ainda um triumpho. Mais tarde tive que acreditar que a baroneza devia ser mui experimentada,

visto que ficou tão contente pela minha inexperiencia. Depois deste silencio, no qual sem eu o saber se decidiu da minha sorte, me disse:

— Quero saber quem vivia aqui, e sobretudo como chegou esta caixa ás mãos da pessoa que vos vendeu a mobilia.

— Talvez seja facil, — respondi eu com segurança.

Não me occurria nenhuma ideia sobre como provaria semelhante pretensão; mas geralmente não se seduzem as grandes vontades se não pela audacia das resoluções, e Mad. Sholtz pareceu-me mulher de genio superior. Ficou ao parecer satisfeita e levantou-se dizendo-me:

— Tende agora a bondade de conduzir-me.

Foi então que pela primeira vez fixei no seu rosto o meu olhar e vi subir-lhe ao semblante subitamente a còr. Tinha julgado exactamente a Mad. Sholtz: tinha as grandes qualidades de mulher superior. Não me deixou tempo para dizer nenhuma phrase sentimental que em razão das circumstancias podia tomar a apparencia d'um convenio ignobil, e de disse sorrindo-se:

— Tende confiança em mim.

Até mui tarde não aprendi a estimar em todo o seu valor a exquisita delicadeza com que uma mulher protege contra os seus proprios descuidos o homem que occupa um logar no seu coração. É uma dessas previsões encantadoras

um cuidado pela sua felicidade do porvir, de que os homens não são capazes.

A minha timidez devi aceitar a sua promessa sem reclamação, ficava victorioso em tudo, porque não fazia nada do que eu julgava habil.

Conduzi Mad. Sholtz. A porta estava entreaberta; penetrou rapidamente; tomou das mãos de uma criada um objecto que no meu primeiro impulso de allucinação me pareceu uma bolça, e m'a deu dizendo-me:

— *Necessito para esta noite duas chaves iguaes a esta.*

La a responder, mas interrompeu-me com estas palavras:

— *Espero dever-vos mais o obsequio de entregar mui cedo esta carta onde indica o sobrescripto, e podeis dizer-lhe tudo o que acaba de aconfeccer-me.*

Cerrou-se a porta e fiquei só na rua com a maior incerteza á cerca do resultado que teria para mim semelhante aventura. Entrei em minha casa levado de viva curiosidade por saber qual era o novo correspondente de Mad. Appen-cherr.

No curto espaço que me separava do meu domicilio, pensei n'um notario, n'um banqueiro, n'um usurario, em todas as especies de homens que podiam ser uteis na posição que se achava Mad. Appen-cherr. Não me occorreu a ideia d'um

amante; mas quando pude lêr o sobrescripto, fiquei aterrado.

Madama Appencherr, tinha escripto a Mr. Carlos d'Aronde.

Ao ouvir Montreuil este nome sorriu-se; mas Dabiron não chegou a adverti-lo e continuou:

— Quem será esse Carlos Aronde para que seu nome me parecesse uma revelação fatal?

Mr. Carlos d'Aronde era a joia mais linda entre todos os elegantes do mundo: pequeno, louro; olhos languidos e seductores, labio sensual, mãos e pés de mulher e tão bem torneado e airoso, que mais brilhava nelle um ligeiro paletot comprado no Temple, que no vosso criado a casaca mais bem feita em casa de Humann. Era empregado como eu na casa de commercio de Mr. Appencherr, com a differença que pertencia á caixa. Varias vezes tinha notado que o barão lhe não era muito affeioado, mas porque o não despedia do seu serviço?

Os meus companheiros attribuiam a longanimidade do barão á necessidade que tinha de Carlos d'Aronde, cuja capacidade nos negocios se dizia que era de ordem superior. Quando li o sobrescripto da carta julguei comprehender porque poder occulto se tinha conservado no seu logar apezar da antipathia do barão e experimentei um momento de raiva e de inveja que não posso exprimir. Estava destinado naquella noite

tão importante a não ter mais que necios pensamentos. Deixei-me levar da tentação indigna de ler a carta. Mad. Sholtz não tinha opposto o menor obstaculo á minha curiosidade pois que a tinha simplesmente dobrado. Li, pois; estas palavras.

«Vem ver-me esta manhã, e se te dirá porque.»

Amarrotei a carta com furor e estive tentado em confia-la aos cuidados do meu porteiro. Mas depois pensei que seria muito melhor originar alguma pendencia n'aquelle cavalheiro a quem se tratava tão familiarmente.

Assim que amanheceu dirigi-me para a residencia de Mr. Carlos d'Aronde contando desperta-lo d'uma maneira desagradavel.

Havia ja tempo que se tinha levantado e trabalhava na formação d'uma companhia carbonifera.

Logo no principio recebeu-me com o humor d'um homem que se vê incommodado e com a frialdade d'um superior que vai soffrer o enfado de alguma recommendação. Eu fiquei mais gelado que elle se poz impaciente, de maneira que ficamos eguaes. Dei-lhe a carta, leu-a d'um golpe de vista... e murmurou encolhendo os hombros:

— «Mais outra loucura!»

Em seguida, levantou-se da mesa e com uma pressa que attestava o interesse com que recebia aquella missiva, chamou e deu ordens para que

não se permittisse entrada a ninguém, mandou-me sentar a seu lado e me disse com verdadeira anxiedade.

— Agora podeis fallar á vontade: que aconteceu a essa pobre Gertrudes?

Independente da imprudencia, eu tinha achado de mui máo gosto a familiaridade empregada por Mad. Appenchierr na sua carta, mas o nome do baptismo tão ligeiramente pronunciado por Mr. d'Aronde, pareceu-me mas inconveniente ainda, e me decidi em fim a sacar algum altercado da minha confidencia.

Comecei com a minha narração com um tom chocarreiro, fazendo-a extensa para fallar da bagatela de cem mil francos perdidos pela baroneza.

Ao ouvir Mr. d'Aronde esta quantia, deu um salto sobre a cadeira.

— Está louca! exclamou, sem occupar-se sequer de mim; louca completamente! Não posso pagar isso!

— Quem vos disse, — lhe perguntei olhando-o com desdem, — que a senhora baroneza vos pede que pagueis por ella?

Os olhos azues de Mr. d'Aronde que me tinham parecido apagados, fixaram sobre os taens: brilharam como um relampago, e pareceu-me que penetraram até a minha consciencia. Vi-me obrigado a voltar a cabeça. Tornou a examinar a carta, e depois disse rapidamente.

— Foi na vossa casa que Mad. Sholtz escreveu este bilhete?

— Cavalheiro! — exclamei com a maior indignação, — que motivo tendes para suppor que Mad. Sholtz....

— Ah! meu Deus! disse Carlos d'Aronde, interrompendo-me com viveza — a menos que não levasseis a vossa casa este papel rubricado com a vossa firma, não podia deixar de o escrever onde disse.

Não encontrei resposta a semelhante observação de aguasil: supuz que fosse inspirada pelo ciúme e mesmo julguei colher o fio d'um quixume, quando accrescentou com um tom de indifferença e chamando o criado para vestir-se:

— Que tenha estado em vossa casa ou não, essa não é a questão. O que importa são os cem mil francos.

Fiquei humilhado de que a visita de Mad. Sholtz em minha casa não despertasse ciúme em Mr. d'Aronde, e por isso lhe disse:

— Pois bem, foi em minha casa que escreveu, e esteve nella duas horas.

— Sim, sim, já me recordo.... Lafolié veio esta manhã e me referiu a historia da chave perdida. Já vejo que déste asylo a Gertrudes, e por isso vos estou muito agradecido. Sim na verdade estimo que fosseis vós e não outro qualquer... porque espero que sereis discreto.

Eu não comprehendia nada, pois tão hu-

milhado estava da nullidade do papel que se me fazia representar.

Queria provoca-lo, mas em quanto estivesse presente o criado não julgava decente fallar. Cheguei contudo a repor-me da minha primeira confusão durante este silencio; mas Mr. d'Aronde o fez de modo que a testemunha que suspendia sobre meus labios a reserva epigramatica preparada contra elle, não sahia da habitação até ao ponto de sahir seu amo.

— Faz-se tarde, — me disse Mr. d'Aronde; vou d'aqui a casa de Gertrudes. Agradeço-vos, o serviço que lhe prestasteis, e espero que guardareis todo o segredo sobre o acontecido:

Ao mesmo tempo me saudou, e tomou suas luvas e chapéo. Eu estava furioso; mas não encontrei meio algum de suscitar a explicação desejada. Já tínhamos atravessado a ante-sala, e descido a escada, quando ainda tive a intenção de o provocar com alguma palavra picante.

Mas ia um tanto afastado de mim, e conheci que era tarde para suscitar uma pendencia, appellando para qualquer injuria. Conteí que no escriptorio, em casa de Mr. Appencherr se me proporcionaria occasião. Não obstante a colera que me dominava, não me esqueceu a missão de que Mad. Appencherr me havia encarregado, relativamente ás suas chaves, dirigi-me a casa d'um serralheiro, que m'as prometteu para aquella noite, fazendo-me pagar dez vezes o seu valor.

Cheguei á officina primeiro que ninguem; encontrei ali a Mr. Appencherr, que consultava os livros.

— Ah! ah! — exclamou, olhando-me com ar benevolo — isto está muito bem, Mr. Dabiron, não me esquecerei.

Meia hora depois recbi um convite do senhor barão para ir naquella noite ao sarão que dava em sua casa. Isto era uma cousa singular e extraordinaria, porque á excepção de alguns empregados antigos e de Mr. d'Aronde, nenhum dos mais dependentes era assim admittido. Só eram convidados em dias de grandes reuniões, e bailes quando se convidava a todo o mundo. Similhante favor divulgou-se logo entre os mais empregados, que me deram parabens cheios de affectação sob a qual se divisava a inveja com que o faziam. Agradei sem me mostrar affectado, pois bem conhecia que naquella mesma noite se me detestava e que se inclinariam a acreditar que a distincção que se me dava era devida a alguma baixeza. A mediania attribue toda a fortuna á dita; inveja não crê mais que em vilezas. Pela minha parte cria em madama Sholtz; pareceu-me reconhecer a sua mão branca e torneada naquelle repentino convite. Enganava-me. A verdadeira razão de Mr. Appencherr para me dar aquella consideração, era o excessivo desejo que tinha de desfazer-se de Mr. d'Aronde substituindo-o com outro mais do seu gosto. Mas esta preferencia não

podia ser tambem um effeito da razão providencial que preside á cegueira de muitos maridos?

Eu esperava a Mr. d'Aronde para indicarlhe alguma cousa ácerca do meu convite, mas não appareceu nas officinas.

Chegada a noite, dirigi-me a casa de Mad. Sholtz. Havia pouca gente: trinta ou quarenta pessoas. O barão Sholtz apresentou-me a sua mulher, que me recebeu com a frialdade mais perfeita para todo o mundo e com um assombro visivel para mim só. Ella não entrava para nada no convite.

Os jogadores da vespera foram bastante tarde. Por algumas palavras que trocaram entre si pude conhecer que já estavam pagos. Encontrava-me mui piqueno ao lado do homem que n'um só dia tinha podido sacrificar cem mil francos á paixão d'uma mulher.

Querendo aproveitar-me da minha posição vantajosa, colloquei-me defronte de Mad. Sholtz e para me mostrar espirituoso parodiei uma historia na qual figurava muito o poder das chaves mysteriosas.

Mad. Sholtz não pôde ouvir a minha loquacidade sem córar; mas não me deu nenhuma occasião para me aproximar della a fim de poder entregar-lhe as chaves. Com tudo ella as queria para aquella mesma noite; pude a final dar-lhe a conhecer que tinha cumprido a sua missão, mas mostrou-se quasi indifferente.

Passou dez vezes a meu lado e não lançou um olhar nem para mim nem para as cartas. Se então houvera sabido o segredo do coração das mulheres, teria comprehendido que semelhante indiferença me collocava no logar d'uma grande paixão occulta, porque eu participava dessa falça indiferença com jogo. Só vi nisto a audacia d'uma ingratição odiosa, e retirei-me bruscamente levando comigo toda a necia colera que dá a humilhação e esses projectos ridiculos de vingança que inspira a vaidade.

Desejava entrar em minha casa e escrever uma carta furibunda, mas que havia de dizer? Tinha na verdade direitos para ser tratado de outra maneira que o fui; mas não podia dar a laes direitos um nome honorifico quando pretendia defini-los.

Não havia dez minutos que tinha subido quando voltei a traz para obrigar a Mad. Sholtz a dar-me uma explicação. Ao chegar á porta notei um grande movimento no pateo: por toda a parte se chamava os cocheiros. Encontrei a Brionde que buscava a sua carruagem, e lhe perguntei a causa d'uma retirada tão repentina.

— Mad. Appencherr, — me disse, — acaba de soffrer um vagado e retirou-se ao seu quarto ... Ah! o golpe da noite foi terrivel.

Similhante desmaio (eu não o julgava menos) sobrevindo immediatamente depois da minha sahida, me illuminou de tal sorte que dei

um grito, e voltei as costas a Brionde deitando a correr como um louco.

Alguns minutos depois estava eu na rua de Boule-Rouge, diante da porta de que se me tinham pedido tres chaves. Não me deu tempo a reflexionar; abri a porta, entrei e segui para diante na mais profunda obscuridade. Não tinha dado tres passos quando uma voz discreta me disse.

— Sois vós?

— Sim, sou eu.

— Segui-me, — me disse em voz baixa.

Fui colhido por uma mão que não tinha o macio que deveria ter a de Mad. Sholtz; reconheci sem embargo ser uma mulher. Tinha aquella uma confidente: esta devia ser Rosina. Conduziu-me para um quarto allumiado por uma só vela: examinou-me attentamente: correspondi da mesma maneira: era com effeito ella, lançou um profundo suspiro e murmurou surdamente:

— É um menino!

Sem duvida que se compadecia da sua senhora pela eleição que tinha feito. Pareceu-me impertinente a tal Rosina.

— Tende a bondade de esperar, — me disse, retirando-se logo.

Até muito tempo depois não soube que Rosina tinha empregado todos os meios imaginaveis para dissuadir a Mad. Appencher da entrevista que queria ter comigo. Com effeito a discussão de-

veu ter sido forte, porque me fez esperar mais d'uma hora. Por ultimo abriu-se a porta e entrou Mad. Sholtz.

— Em fim, exclamou o Conde de Montreuil que lançou um suspiro comico e cheio de supposições. Então podeis dizer como Cesar; *veni vidi...*

— Depois de ter esta primeira entrevista, continuou Dabiron, — não tive direito mais que para dizer ao senhor barão de Appenherr que deixava de ser seu empregado.

— Pois! — exclamou o conde, — não ganhasteis mais que uma exclusão naquella entrevista?

— Ganhei a confiança da baroneza, — disse Dabiron. — Quando me separei della estava seguro e tranquillo á cerca de Carlos d'Aronde. Este joven era filho natural de sua mãe e tinha sido educado sob um nome supposto. O barão e alguns amigos eram os unicos que possuíam o segredo. Era forçoso que Mad. Sholtz desejasse muito acalmar as zelosas suspeitas que não temí mostrar-lhe quando as dissipou a preço d'uma revelação tão importante. Eu respondi-lhe com mediano reconhecimento, como todo o homem que crê ter mais direitos que se lhe reconhecem. Toquei a corda das falças paixões e encontrei uma resistencia verdadeira. Aquella mulher de trinta annos tinha os temores e as perturbações d'uma joven. Esta era sua falta principal.

— Ora essa! — exclamou o conde.

Dabiron que até então tinha fallado com uma ligeiresa estranha, ficou de repente mui serio.

— Oh! Se a houvesse amado e comprehendido! Mad. Sholtz foi para mim a amiga mais terna, mais dedicada, e mais soffredora que se pode imaginar. A ligeiresa inaudita da sua conducta para mim, foi um acto de desesperação. Passou pela imaginação de Mad. Appencher um desses pensamentos allemães que as nossas francezas apenas comprehendem porque não raciocinam sobre a sua vida, mas soffrem-na tal como vem. No espaço de tempo que mediou desde que sahi até que regressei de casa de Lafolié, Mad. Sholtz, em minha casa tinha tomado uma grande resolução: era curar-se da sua paixão pelas cartas. Por desgraça um profundo aborrecimento deverava a sua alma: não accitou o vacuo que ia deixar na sua vida a auzencia das emoções febris do jogo; pensou substitui-las com as do amor, e desgraçadamente me encontrei eu ali para chamar sobre mim esse desejo insensato da sua alma. Pobre mulher!

Depois desta exclamação, Dabiron guardou silencio; o conde de Montreuil ficou pensativo, e pareceu estudar mais attentamente o seu interlocutor sob o novo ponto de vista em que se mostrava, succedendo que o silencio causou em Muller o mesmo effeito que produz de ordinario o

ruido. Quando o murmúrio da voz de Dabiron, ao qual dormia agradavelmente se deixou de ouvir de repente, despertou Muller, bocejou, e exclamou com voz enojosa:

— Então quando nos enforcamos?

A interrupção de Muller advertiu a Dabiron que não estava para perder o tempo em descrições amorosas e em apreciações psychológicas.

— Este bebado tem razão, — disse, — a noite avança e é preciso que ao amanhecer esteja já afogado.

— Ah! ah! — exclamou Muller, — na verdade sois valente, mas peço vos a permissão para vos acompanhar; eu não tenho capricho algum pela estrangulação, e suicídio por suicídio, tanto se me dá um rio como uma corda.

— Isso está bem! — ponderou o conde de Montreuil, — mas até agora não vejo na historia deste cavalheiro razão alguma para que se afogue.

Dabiron puxou pelo relógio; calculou que tinha o tempo necessario para acabar a sua narração e proseguiu nestes termos:

— Madama Sholtz, ao fazer-me abandonar as officinas de seu marido, não tinha em vista outro objecto mais que acelerar a minha sorte. Dispoz collocar-me como seu consocio na associação carbonífera de que já fallei. Por Mr. d'Aronde soube o mechanismo da bolça: Aronde era sob a apparencia de *dandy* um homem frio, prudente e cheio

de vontade. Jogava muito, mas nada o arrastava mais além dos limites a que se impunha nas suas perdas e nos seus ganhos. Tinha vista penetrante, ouvido delicado e fácil comprehensão. Sem precauções de nenhum genero julgava perfeitamente os factos á altura do mundo, cuja incapacidade explorava.

Tal acto governamental que aos olhos do maior numero passava por uma fraqueza que menoscabava a França, era para elle uma prova de paz que augmentava a confiança do capitalista. Desprezava os homens, e não estimava o dinheiro mais que como a alavanca mais poderosa da nossa epocha.

— Nos nossos dias, me dizia elle ás vezes, o dinheiro é o fim de tudo, porque é o meio de tudo. Que homem com trez milhões, alguma capacidade, obstinação e paciencia não será deputado no decurso de algum tempo? Não ha nenhum. E este titulo é o primeiro degrão d'uma escada que eleva aos primeiros cargos da fazenda e da magistratura: conduz ao ministerio á dignidade de Par, eleva em fim a todo o poder qualquer que seja o nome de que se adorne. Ha gentes que tomam a questão ao contrario e dizem: é preciso ser poderoso para chegar a ser rico. Mas eu sou de opinião que é necessario ser rico para vir a ser poderoso, e ha dez destes que o conseguem seguindo o meu caminho contra um que o alcança caminhando pelo contrario.

Com effeito o homem que passa pelo poder para chegar á fortuna, não amontoa um escudo que não seja comentado, inquerido e calumniado. Graças ás leis de Setembro não se imprime que certo individuo seja ladrão; mas se não se lê entendendo-se. O homem rico pelo contrario, pode aceitar o poder como um encargo. Ainda mais: por pouco que saiba viver, sempre o suppoem que empregou o seu cabedal quando dobra a sua fortuna. O ponto capital é, pois, ser rico.

Eu participava destes principios; mas não podia submeter-me a uma das condições que pareciam indispensaveis a Mr. de Aronde para alcançar exito seguro. Esta condição, *sine qua non*; segundo elle, era a paciencia. Julguei-me forte, porque quiz matchar só; julguei-me habil, porque obtive bons resultados. Joguei com a imprudencia e a felicidade d'um commerciante. Em um inverno ganhei duzentos mil francos. Deixei a posição que me tinha proporcionado Mad. Sholtz, e comecei a ser ingrato com ella. Necessito dizer que havia entre Mad. Appencherr e eu dois motivos de dissensão igualmente extraordinarios, por quanto tinham ambos a sua origem em circumstancias da nossa união. O primeiro, que era aparente, provinha de que, graças á paixão que sentia por mim Mad. Sholtz, se tinha curado da mania do jogo, em quanto que eu devia este vicio ao meu amor para com ella. Por este motivo Gertrudes me mimoseava com os mais bellos ser-

mões do mundo, e eu redarguia appellando a essa detestavel razão de peccador novo contra peccador arrependido, dizendo-lhe:

— Não faço senão o que vós mesma haveis feito.

Loucura eterna da juventude, que se desembaraça d'um bom conselho por uma accusação.

Desgraçadamente para Mad. Appencherr, quanto mais me amava mais me sermoniava, e quanto mais me sermoniava menos eu a amava. Seja que ella me amasse menos, seja que comprehendesse o perigo das suas reconvenções, é certo que as reprimiu um pouco, e eu fui mais parco na minha frialdade; mas ella não ganhou nada no essencial, porque já o segundo fermento da discordia, o fermento occulto me tinha feito demasiado ingrato para não perdoar tão pouco a Mad. Sholtz nem o seu amor, nem os seus beneficios.

Estou certo de que vos recordais de que vos fallei de certa caixa descuberta em minha casa pela baronesa. Pois bem, se applicades as vossas memorias recordar-vos-heis tambem que Gertrudes me encarregou de saber a quem pertencia a tal caixa. Procurei inquirir do meu porteiro, mas devo acreditar que o ignorava por que o achei incorruptivel, e aquelle homem vendia tudo o que podia vender: os inquilinos ao proprietario, e o proprietario á policia urbana; os amos aos criados e os solteiros á guarda nacional. Não podia obter nada por semelhante la-

do; fallei a Brionde do meu desejo de conhecer a *loreta*, cuja mobilia eu tinha adquirido.

— Estais muito atrazado! — me disse elle, — não ha ninguem senão vós que o ignore; é uma bella rapariga, minha conhecida, a quem chamam a *lin'a Jubin*, mas o seu verdadeiro nome é *Lalake*.

Tive uma dessas illuminações repentinas que deviam fazer acreditar a Brionde que estava louco. Dei um grito e murmurei:

— Ah! comprehendo!

A caixa que me tinha sido vendida com a mais mobilia de *Lalake*, provinha do barão *Appencherr*, que provalmente a teria do sua mulher. Corri a levar esta noticia a *Mad. Sholtz*. Era ainda no tempo em que eu esperava com impaciencia febril a hora em que podesse servir-se daquelle chave que abria ao meu amor a mysteriosa porta da *Boule-Rouge*.

Ah! senhores, que de doces adorações, que de rogos candidos e ardentes, que de ternuras sensiveis perdi por vaidade! Na epocha de que vos fallo, senão apreciava aquella dita em tudo o que valia, ao menos a desfrutava. Mas que importa hoje!

Quando levei esta noticia a *Mad. Sholtz*, começou a chorar. Sabia perfeitamente o patromato amoroso que o barão *Sholtz Appencherr* dispensava á joven *Lalake*. As lagrimas de *Gertrudes* assombraram-me; desafoguei em queixu-

mes, e escutei a sua justificação sem tomar parte no seu sentimento: estava namorado daquella mulher, mas não a amava, o que é mui differente.

Eis o que me referiu.

Alguns annos das novas distrações da baroneza tinha havido em casa do barão Sholtz Appencherr, como em outras muitas casas, uma discussão mui viva á cerca do costume da maior parte dos homens, de fumar, e sobre tudo á cerca da pretensão do barão de introduzir tal costume, não só no seu quarto particular, como na casa de jantar, e até no salão. O barão sustentava com uma acritude exaltada que o fumar era admittido em casa das mulheres, mais delicadas e elegantes. Essas mulheres tão delicadas e elegantes se reduziam então á linda Jubin, que participava dos costumes que tolerava na sua casa. Mad. Appencherr o sabia, e d'aqui procedia a resistencia acerba que fazia ás pretensões do seu marido.

A questão chegou a um ponto tal, que Mad. Sholtz chegou a declarar que não estava acostuada aos costumes dos palafreneiros ou das mulheres de má vida. Estas palavras foram pronunciadas em certo dia á mesa; houve escandalo, e o barão fumou, por espaço de oito dias, em todas as habitações da sua casa, excepto no loucador da baroneza, onde ella se refugiava.

Similhante disputa occorreu nos mezes das ferias, epocha em que a meina Julia Appencherr deixou o collegio para ir a casa de seus pais.

Nem um, nem outro quiz dar áquella menina, que teria então uns dez annos, o espectáculo de tal dissensão. O barão annunciou que cessaria de fumar, e Mad. Appencherr como todo o coração bom e debil teve medo da sua victoria e buscou um meio engenhoso de pedir-lhe perdão. Mad. Sholtz deu um lauto banquete; no fim e no momento em que cada um entregava o ramalhete e o presente do costume, a menina Julia de Appencherr apresentou a seu pai essa caixa, que independentemente dos magnificos charutos que continha, envolvia a mais completa e graciosa escusa d'um momento de colera.

Assombrado o barão abriu a caixa dizendo a sua filha :

— Quem te disse que me desses isto ?

— Mamã, — respondeu a menina.

O barão abraçou sua mulher : houve naquella familia, onde a vida commum não era mais que uma representação de má fé, um desses momentos em que volvem aos corações todos os gosos, todas as confianças, todas as alegrias da juventude, fazendo-lhes crer no porvir e resuscitando o seu passado.



CAPITULO IV.

Continuação do historia do suicida n.º 1.

No dia seguinte não ficava d'aquella encantadora surpresa mais que a resolução adoptada pelo barão de não fumar na sua casa, mas de fumar dobrado em casa de Lalake. Tinha tirado a caixa do seu quarto, espalhando que tinha sido roubada. Mentia. O infeliza tinha sacrificado cobardemente a Jubin, que exigiu do seu amante este tropheo da derrota da esposa legitima; derrota tão graciosamente reconhecida pela mediação de sua filha. O maior goso de semelhantes creaturas consiste em fazer infelizes as mulheres honradas.

— « Se fose por mim unicamente, — me dizia a baronesa, — aceitaria a injuria; mas dar o presente de sua filha á sua amante! é uma acção despresivel e vergonhosa! Eu poderia perdoar a

meu marido sempre que o pai tratasse a sua filha como devia. »

Mad. Sholtz tinha razão, ainda que a dizer a verdade eu sentia um pouco tão subtil distincção. A juventude tem a desgraça de não comprehender as côres. Por isso é tão viva e não sabe distinguir o bom do máo.

Desde o instante em que o barão se fez culpavel, na minha opinião, não tinha escusa nem desculpa. Um bom ou máo procedimento não mudava a questão. Eu era joven, e ignorava então que o coração, ferido por grandes golpes, pode ainda resuscitar por meio de pequenas caricias, do mesmo modo que o que viu satisfeitos todos os seus desejos póde morrer de imperceptiveis aranhaduras.

Quantos justos resentimentos abrigava a baronesa e quantas lagrimas vertia eram inspiradas por uma ideia bem fatal. Desejava achar alguma pessoa da sua confiança que lhe manifestasse com claresa as loucuras que commettia seu esposo impulsado pelo amor da tinda Jubin.

Para tão importante missão elegeu-me a mim; mas a maneira com que recusei a proposta devia fazer comprehender a uma mulher zelosa minha pouca habilidade em negocios de intrigas conjugaes.

Todo o homem que repugna vivamente entrar em relações com uma mulher bonita, sente um perigo por aquella a quem ama ou encobre

com falço desdem o projecto de alguma traição.

Por fim, deixei-me vencer, pois tinha grandes desejos de conhecer a Lalake, da qual contavam maravilhas. Prometti á baronesa ser seu espia, mas para ter entrada em casa de Jubin necessitava d'um intermediario. Derigi-me a Brionde, que tinha o privilegio de frequentar ao mesmo tempo a mais selecta e a mais vulgar sociedade de Paris, entretendo a primeira com os escandalos da segunda, e estrugindo esta com o seu triumpho sobre aquella.

Quando lhe manifestei o meu desejo, disse-me uma cousa que eu ignorava, isto é que Lalake tinha um salão e accrescentou, entendeis um salão! que nunca se abre antes da meia noite, mas que desde essa hora é frequentado por tudo o que Paris tem de mais notavel entre os homens de costumes dissolutos e entre mulheres exercitadas no galanteio. Com nenhum titulo contava eu para ser admittido.

Naquelle salão dava Lalake esplendidas funcções. Brionde disse-me que não se compromettia a procurar-me uma entrevista com ella, e só sim introduzir-me entre o tumulto dos convidados. O resto corria por minha conta.

Fui com effeito pontual em concorrer na primeira noite que se offerceceu, e confesso que fiquei deslumbrado ao admirar tanta juventude e a belleza d'aquella reunião, d'onde não se viam mães, nem meninos; a parte feia e inutil es-

tava ali suprimida. Tudo o que ali se via era juventude. Se por casualidade se encontravam alguns velhos faziam-se respeitar pelo seu talento e pelos discursos que os rejuvenecem. Na verdade nada tinha visto mais apparatuso, e pôde dizer-se que não ha nenhuma reunião de pessoas honradas que possa competir em brilho, lucidez e diversões com semelhantes festins.

Senti-me cheio de ufania. Com tudo, não esqueci a minha missão. Solicitei dançar uma *walsa* com Lalake, aproveitando esta occasião para manifestar-lhe os meus desejos de ser admittido entre os seus convidados.

Respondeu-me com graciosa indiferença que a sua casa estava á minha disposição. Isto não era senão o que a educação dicta se faça com um homem bem educado, medianamente vestido e que dança com destreza.

Uma vez admittido, quiz provar a minha habilidade com algumas rainhas d'esse mundo equivoco; mas o calculo saiu-me errado.

Como não estava iniciado na linguagem favorita daquellas bellas, todas me despresavam. Não tinha bastante prespicacia para ser um dos seus amantes, nem bastante desembaraço para demonstrar-lhes que não era noviço.

Julguei notar que Lalake me seguia com a vista; quiz assegurar-me disso e me installei ao lado d'uma mulher mui celebre pela sua loucura,

mas dotada de tal belleza que sentiam vertigens de amor quantos somente a viam.

A joven Jubin deixou-me usar da minha eloquencia sem duvida com o objecto de conhecer-me bem. Não pude arrancar-lhe mais que um sorriso necio. O unico talento desta formosura descarada reduzia-se a saber que o anno tem trezentos e sessenta e cinco dias. No dia trinta e um de Dezembro cobrava a somma que lhe pertencia e ao mesmo tempo o banqueiro lhe manifestava que não só era a mais bella, mas a mulher de maior talento de Paris.

A minha eleição me desanimou e estive tentado a retroceder: tratei de dirigir-me a uma mulher fea porem mais apreciada por todos os homens. Esta era a famosa Tiennette, essa sublime Prhyné que podia sustentar uma disputa com vinte mulheres ao mesmo tempo e discutir as mais arduas questões com os talentos superiores em litteratura e em politica. Tendo passado a metade da sua vida nas orgias, e a outra metade entre as diversões do bom tom, averiguando a posição e a fortuna de cada homem, anotando todas as faltas e indescricções da conversação, escrevendo em fim a todos com o objecto de receber muitas respostas e possuir bastantes autographos, era obediente até á baixeza, descarada até ao cinismo, fazendo alarde do escandalo e da traição.

Tinha chegado a ter debaixo da sua depen-

nitias mentiras, a fim de escapar das caricias que não ousava repellir inteiramente, e ás quaes preferia as turbulentas loucuras de Lalake. Dois annos seguiram de traição e de cobardia pela minha parte, durante os quaes esgotei toda a dôçura e paciencia de Mad. Sholtz; e durante os quaes soffri todos os caprichos e despotismos de Lalake.

Mil vezes offereci a Lalake romper as minhas relações com Mad. Sholtz; porem não era o abandono desta mulher o que aquella queria, e sim o seu supplicio; dictou-mo um dia após de outro, e eu o realizei sem suspeitar um instante que era o instrumento d'uma vingança. Que vingança, cavalheiro! E porque razão?

Tinha tido o capricho Mad. Jubin de occupar na Opera e nos Italiannos os camarotes frequentados pela baroneza Appencherr, e como não tinha podido conseguir similhante sacrificio de seu marido, me fazia atormentar a seu gosto a pobre mulher, que lhe teria dado todos os seus camarotes, e todas as suas joias para recuperar o amor d'um ingrato e d'um necio porque eu era uma e outra cousa.

Em fim chegou o dia em que a linda Jubin se cançou de todo, e como eu não era, segundo ella, mais que um homem, somente com o seu proprio valor, me abandonou de todo. Porem Tiennette recebeu-me, e aos mil desgostos com que turturava a infeliz Mad. Sholtz vieram a ser

em mão tão habil uma tyrannia barbara e estúpida.

Não tenho a jactancia de ser um homem perverso que se lisongeia do mal que causou sempre, que delle lhe redunde algum proveito, nem tão pouco a de ter um coração que não pensou jamais nos seus interesses. Tenho sido simplesmente um d'esses seres fracos que inspiram, sem pensar, paixões e designios aos que os rodeiam. Naquelle vez cheguei a ser, sem o suspeitar, o instrumento d'uma vingança, e fui conduzido ao ultimo gráo do rigor e da temeridade. Isto foi horrivel!

— Com os demonios! exclamou o ex-enforcado Muller, interrompendo a historia de Dabiron, — sinto-me desfallecer quando vão a chegar ao meu conhecimento cousas provavelmente cheias de sangue e de lagrimas! Vou atirar-me á ultima garrafa.

O conde, que estava com a paciencia d'um homem que combina um plano de conducta segundo as circumstancias que se lhe apresentam, mandou servir a Muller de boa refeição e não duvidou compartilhar com elle. O mesmo Dabiron aparentou ter necessidade de confortar-se um pouco para chegar ao fim da sua narração. Tomou parte nas novas libações, e depois continuou:

— Até aquelle momento causei damno, por que se me pediam certas más acções, e eu as executava por fraquesa para conseguir o resultado.

Lalake se servia do meu amor e da sua muita indiferença.

Tiennette tomou um caminho mais largo, mas mais seguro; não quiz soffrer uma discussão para cada infamia que tivera que pedir-me; ter-se-hia aburrecido em combater os meus escrúpulos; preferiu aniquilar a causa, e matou no meu coração todo o principio de honradez.

Quando fallo assim não quero desculpar-me do que fiz, mas não posso deixar de mostrar quão habil foi o jôgo que esta empregou para destruir em mim os sentimentos de moralidade que possuia. Começou por impacientar-se admiravelmente de certos principios que eu considerava como deveres; acommetteu-me já pelo lado do ridiculo, já por uma especie de compaixão, ao ver-me joguete de cousas que não enganavam a ninguem, e quando me julgou sufficientemente disposto discutiu comigo o fim onde eu queria chegar e os meios que desejava escolher para o conseguir. Todos os que se dirigiam por caminho recto me foram demonstrados como absurdos. Os da intriga, da astucia e da violencia foram proclamados como infalliveis; em fim chegaram em apoio destas theorias immoraes exemplôes sem numero que as justificavam,

Não tenho grande aferro á moral; mas devo confessar que se os principios eram detestaveis as applicações eram especiosas. Entre todas essas fortunas rapidas cujo brilho importunava a

juventude e deslumbrava com sonhos dourados, não se citavam muitos nomes que se vissem isemptos de mancha infamante. Este, — dizia, sahido d'entre o pó da casa d'um commerciante, devia as suas immensas riquezas ao dolo com o qual tinha guardado para si os bens de emigrados que comprara por conta de seus amos ausentes; e sem embargo, tinha chegado ás mais allas funcções, e grandes personagens tinham proclamado as suas virtudes e probidade.

Aquelle antes de administrar as alfandegas tinha sido um contrabandista desenfreado. Como é que os charutos, e as quinquilharias d'aquelle outro simples bufarinheiro de cafés se tinham transformado em quilhões? Porque ousadamente tinha despojado a um paiz inteiro com o credito d'um terceiro. Donde vinham áquelle principe da politica os seus palacios e as suas quintas? De que se havia servido do seu titulo de ministro plenipotenciario para fazer reconhecer por uma Potencia alliada e rica um emprestimo desacreditado desde muito tempo, e cujos titulos havia comprado por baixo preço.

Um tinha surprehendido e explorado as noticias telegraphicas; outro o segredo das alineações de Paris, aquelle em fim defraudado os registros. Tal potentado traficava com o seu credito; tal diffamador com o seu silencio, com as suas calumnias e os seus elogios. Os administradores se enriqueciam com as adjudicações; os fornecido-

res com a má qualidade dos generos : a voz de todo o cidadão era uma mercadoria avaliada com anticipação. Tudo era dolo segundo a exacta diffinição das cousas ; mas tudo, segundo a horrivel moral de Tiennette , era licito , porque se estava condemnado a ser victima se não se obrava como o fazia todo o mundo.

Eis o que Tiennette me repetiu por espaço de tres meses, em quantos tons se conhecem, applicando os nomes proprios dos seus authores a essas trapaças que a fortuna e a sorte consideram como golpes de habilidade.

Pois bem accrescentai vós que eu não contava vinte e cinco annos ; que linha ambição, necessidade de luxo ; o costume tão frequente de não confiar no dinheiro alcançado ao jogo, e então comprehendereis, que a minha probidade devia restringir-se aos estreitos limites que separam da politica correccional.

Porem Tiennete não só me tinha pervertido o espirito, mas tinha-me desmoralisado o coração. Eu acreditava ainda na virtude de algumas mulheres, e á falta d'uma vida irreprehensivel, cria na sinceridade e dignidade de certos preconceitos. Similhantes disposições não custaram a Tiennette mais que tres semanas de trabalho para serem desvanecidas.

Que de cousas não sabia aquella mulher ! Que de historietas escandalosas, que de intrigas ferinas, que de hypocrasias infames, que de ar-

ranjos e concessões ainda mais infames! Eu fiquei abatido e indignado; abatido pela minha loucura, e indignado da minha confiança. Assim preparado me fez saber um dia que tinha a fortuna nas minhas mãos; e que seria um necio se a deixasse escapar. Perguntei-lhe o segredo de tão magnifico porvir; mas confesso que a pezar de tão admiraveis preparações, a proposição de Tiennette cahiu em cima de mim como um vaso d'agua gelada sobre uma caldeira de metal fundido.

Estallei, lancei contra a imprudente maldições sem conto; mas qual a agua gelada lançada na caldeira, foi devorada a minha colera pelo ardor da minha ambição; evaporou-se a minha furia com o fogo da avidez que tinha promovido em meu peito, e oito dias depois discutia friamente com ella ácerca do meio mais acertado para pedir a Mad. Sholtz a mão de sua filha.

— Oh! oh! — exclamou Maller. — Isso é horrivel!

— É horrivel? essas cousas são mui communs e não vejo ainda os horrores que dizeis, — accrescentou desdenhosamente Montreuil.

— Os horrores, — proseguiu Dabiron, — consistiram na maneira de impôr á mãe tão ignobil sacrificio de sua filha. Impellido pela infernal vontade de Tiennette, empreguei todos os meios para conseguir o exito. Umaz vezes promettia a Mad. Sholtz o meu amor eterno como prego da

cumplicidade; outras a ameaçava com divulgar o nosso segredo; outras em fim a humilhava com os seus trinta annos e sua necia paixão. A infeliz Mad. Sholtz consumia-se entre lagrimas e desesperação; mas não cedia um dia, uma hora, um instante. Quanto mais me empenhava na lucta mais se ostentava ella na resistencia. Á medida que ella estava mais forte mais eu me mostrava menos compassivo, até que em fim consentiu um dia.

— Oh! exclamou Muller.

— Diabo! disse o conde.

Dabiron parecêu meditar; depois encheu um grande copo de vinho, esgotou d'um só trago todo o liquido, e continuou com voz alterada, sem ousar levantar os olhos para os circumstantes:

— Achava-me no Havre com Tiennette, que me tinha persuadido que uma ausencia mais prolongada alcançaria mais que todos os meus discursos. Certo dia quando estava almoçando com a minha nova Circea recebi uma carta. Reconheci a letra de Mad. Sholtz. Ao vér o sobrescripto fiquei frio e vacillei antes de abri-la. Tiennette se apoderou della; leu-a com esse olhar agudo e insolente que transtornava os meus pensamentos e m'atirou com ella dizendo-me com desdenhoso sorriso:

— Estava segura disto!

Com effeito, Mad. Sholtz me escrevia pouco mais ou menos as seguintes palavras:

« Esta mesma noite pedi por vós a Mr. Appencherr a mão de nossa filha. Eis-aqui a sua resposta: Se houvesse comprehendido o que desejava fazer por elle, não teria vacillado, e ainda se consentisse em que se lhe formasse uma posição conveniente no mundo, não seria inflexivel... Adeos... voltai aqui. »

Depois de todas as lagrimas, gritos e reconvenções porque tinha tido que passar durante perto d'um anno, confesso que semelhante golpe no fim de alguns dias de ausencia, confundiu todas as minhas convicções.

Tiennette o aproveitou para um magnifico triumpho. Ella bem conhecia o coração do vulgo das mulheres escravas que beijam a mão de quem as flagella, e flagellam quem as acaricia. De tal sorte se desenvolveu sobre este ponto, que persuadido, parti immediatamente para Pariz encantado da minha habilidade e louco com a minha sorte futura.

Agora, é forçoso confessa-lo para minha vergonha, porque hei chegado a uma hora em que não tem entrada as lisonjas: ah! a vida vese bem clara quando se olha da borda da sepultura! Devo confessar torno a repetir, que não tive nem um remorso nem uma inquietação. Prodigalizei os ultimos escudos d'uma fortuna devida aos azares da bolça, para poder gosar mais prompto da minha ventura.

Cheguei a minha casa impaciente, alegre e

triumphante. Encontrei ali vinte cartas; vacilei antes de abri-las. Não podiam ser mais que de credores importunos, a quem pensava castigar pela insolencia que tinham de pedir-me dinheiro. Comtudo, uma daquellas cartas attrahiu a minha attenção pelo seu volume e esmero com que estava cerrada.

Temí abri-la reconhecendo a letra de Mad. Sholtz. Suppuz que me devolvia algumas cartas que lhe tinha escripto. Com a vista ainda fixa naquella carta comecei a abrir os sobre-escriptos das outras. Tinha adivinhado a verdade: alguns convites para ceias alegres; muitas reclamações de dinheiro, e uma carta impressa. Comecei a le-la com indifferença, mas no fim de tres ou quatro linhas delive-me pois soffri uma dôr tão forte como se um punhal me tivesse tocado no coração.

Convidava-se-me da parte do barão Sholtz Appencherr para assistir aos funeraes da baroneza de Sholtz Appencherr.

— Tinha fallecido! — exclamou Muller.

— Não, — respondeu Dabiron com voz surda, — tinha-se suicidado. Tinha-lhe dito tantas vezes que a minha dita dependia deste casamento, que a desgraçada senhora, não tendo valor para supportar a minha desgraça nem a infamia que eu lhe impunha, tinha-se refugiado na morte para não vér-me soffrer nem soffrer ella mais.

Se naquelle momento tivesse colhido a

Tiennette, a teria estrangulado. Fiquei tres horas n'um estado de completa loucura; depois chorei; pensei na desgraçada Gertrudes, a quem tão implacavelmente tinha lançado no suicidio; pensei no supremo adeus que sem duvida me teria dado, e que eu tão brutalmente tinha desatendido.

Busquei a volumosa carta de que já falei. Abria. Graças aos meus remorsos, achei uma consolação nas minhas lagrimas. A não ser por isso teria succumbido com um segundo golpe durante a impressão que me causara o primeiro.

Aquella carta encerrava duzentos bilhetes do banco, e continha as seguintes palavras.

« Vós me corregistes da funesta paixão
« do jogo. Eis-aqui as economias que este be-
« neficio do vosso amor me permittiu fazer; acei-
« tai-as da mão d'uma amiga. Recusa-las seria
« amaldiçoar-me; espero que o não fareis. »

Depois disto havia algumas recordações amorosas, mas nem uma palavra dura nem uma queixa nem uma reconvenção sequer.

Cahi de joelhos e comecei a chorar. Impuz-me como expiação assistir aos funeraes da minha victima. Não era nem assaz infame nem assaz nobre para tão terrivel resolução. Resisti ao aspecto do ataude; pude ouvir sem estalar os commentarios odiosos que se faziam daquelle suicidio; porque já não era um segredo. Assisti sem desmaiar á cerimonia religiosa, mas quando

no cemiterio ouvi cahir sobre o caixão a terra
que se lança na sepultura como para separar
para sempre os mortos dos vivos, lancei um
grito e caí desmaiado.



CAPITULO V.

Continuação da historia do suicida n.º 1.

QUANDO recobrei os sentidos, — continuou Dabiron, — achei-me em minha casa. Um medico estava ao meu lado, e vi Tiennette ao pé da minha cama.

Mandei que se retirasse.

Ella obedeceu com essa submissão insolente de quem tem preparado a sua vingança.

Roguei egualmente ao medico que me deixasse e fiquei só. Encontrei sobre a mesa os dusentos mil francos de Gertrudes, mas a sua carta tinha desaparecido. Suppuz n'um instante que ninguem mais que Tiennette se tinha apoderado della e quiz recupera-la a todo o custo. A miseravel tinha partido no mesmo dia para uma viagem

bastante longa. Tive a fraqueza de não perseguir a e de deixar á sua mercê a minha reputação e a da mulher a quem tinha causado a morte. Eu não estava ao alcance de semelhantes sucessos.

— Com effeito, — disse o Conde, — foi uma grande falta.

— E é ella a que vos ha impulsado a queres acabar com a existencia? — disse Muller.

— Não, senhor, não, — repeliu Dabiron com amargo sorriso, — não foi isso. O que acabo de referir passou-se pelo menos, ha uns dezoito mezes.

— E depois daquelle tempo, — disse Montreuil, Mr. Dabiron se fez celebre pelas suas loucuras em luxo, suas especulações atrevidas e seu credito na Bolsa.

É que semelhantes golpes, — accrescentou Dabiron, — salvam um homem de repente ou o perdem de todo. Já que sabeis como tenho vivido.. Vou declarar agora porque quero suicidar-me.

Na manhã seguinte do dia fatal reflexionei se devia visitar a Mr. Appencherr e tornar a entrar na morada á qual tinha levado a morte. A minha critica situação impulsava-me a tomar um partido. Fugir de Mr. Appencherr depois da morte de sua mulher era publicar o motivo que me levava a sua casa quando vivia.

Devo aqui declarar, sob minha palavra de honra, que naquelle momento não pensava na

possibilidade d'um enlace com M.^{me} Appencherr. Esta ideia foi ainda repellida por mim com terror quando vi entrar na minha casa a Mr. Carlos d'Aronde. Nunca tinha sido muito afeiçoado á sua pessoa, e o tom de superioridade que affectava comigo, tinha despertado frequentemente em mim desejos de suscitar alguma pendencia entre nós. Já tinha tido occasião de mostrar-lhe que não temia aceitar um duello, pois devo confessar que a sua entrada me transtornou, e o seu aspecto me infundia medo. Havia uma grandeza terrivel na dôr daquelle debil homemsinho. Sua alma inteira reflectia em seu semblante. Saudou-me silenciosamente, tomou uma cadeira, e começou desta sorte:

— Cavalheiro: eu sou filho d'uma fraqueza; minha mãe tinha-me occultado na habitação mais obscura d'uma aldeia miseravel: a avareza de seu marido lhe não permittia apenas, sem embargo da sua immensa fortuna, dispôr dos recursos necessarios para a educação mais mesquinha. Morreu sem poder assegurar-me um porvir.

Ignoro qual seja o nome de meu pai que nos abandonou a ambos. Dou graças a minha mãe pelo não ter dito a minha irmã quando moribunda lhe confessou a sua falta e me confessou a sua ternura. É um crime aborrecer a seu pai e eu o aborreceria. Gertrudes, casou-se no anno seguinte, e seu pai, o marido de minha mãe, morreu poucos mezes depois deste casamento.

Então tinha eu doze annos e começava a sofrer a terrivel lei dos necessitados que pede trabalho ao corpo quando não está ainda formado e que impoem ao espirito a ignorancia no momento que sente os primeiros desejos de saber. Mas a pobre mulher a quem se confiou a minha existencia não foi tardia em procurar-me meios de ganhar a vida empregando-me como aprendiz de pedreiro. Um dia voltava eu a casa cansado da minha tarefa diaria e fiquei muito admirado quando vi a bôa da mulher que me tinha criado conversar com uma bella senhora, mui joven ainda, e que se chamava a senhora baroneza Appencherr.

Fallou uma hora com a minha ama e me levou para Pariz. Buscou-me mestres e preencheu com os cuidados mais assiduos quanto havia faltado á minha juventude. Frequentemente se acha no mundo, por egoista e indifferente que seja, uma acção bôa que salva um homem que perece ou que faz arrojjar alguns milhares de escudos ao menino abandonado.

Porem o que raras vezes se encontra e eu admirei em Gertrudes foi a perseverança nos beneficios para realisa-los como um dever e acaricia-los com amor. Homem bom ou máo, miseravel ou esplendido, ella me fez o que sou. Se o houvera olvidado, hoje mesmo o recordaria.

Porem graças a Deus nossa mãi ao legar-lhe sua alma, thesouro inexgotavel de ternura, deixou-me tambem a minha parte do seu coração.

Minha irmã foi o meu idolo, amava-a como se ama uma mãe quando padece; amava-a como se ama a um anjo quando não se deixa ver mais que a uma unica pessoa. Pois bem, cavalheiro, esta mãe, esta irmã, esta vida da minha vida foi morta por vós!

— Cavalheiro! — exclamei; — não comprehendendo.

— Ah! respondeu sellando-me os labios com um terrivel olhar: — sei tudo. A nossa familia é muito desgraçada, pois cada mulher tem, ás portas da morte, cruéis segredos que revellar a algum amigo verdadeiro. Eu só recebi os ultimos suspiros e as derradeiras palavras de Gertrudes; a infeliz manifestou-me os seus pezares, e as vossas esperanças.

— As minhas esperanças? — redargui com tom perturbado.

— Sim, as vossas esperanças, — acrescentou amargamente Mr. d'Aronde, -- e como não quero que se perpetue esta triste herança; de faltas e de confissões, como não quero que qualquer outro vá um dia ouvir como eu á cabeceira da cama da filha de minha irmã a confidencia de algum pezar que a mate, vim dizer-vos que não quero que vos aproveiteis da promessa arrancada em vosso favor por minha irmã moribunda a seu marido.

Ao ouvir tal relação experimentei ao mesmo tempo uma violenta colera e uma viva cu-

riosidade. Quizera sem duvida saber até onde chegava o compromisso de Mr. Appencherr empenhado á cabeceira do leito de sua mulher moribunda, e não queria deixar sem resposta a insolente prohibição de Mr. d'Aronde. Guardei um momento silencio para reflexionar melhor; conheci que aquillo ia a decidir da minha vida. O passo de Mr. d'Aronde, dado em termos mais comedidos, me teria certamente conduzido a renunciar a tal casamento. O tom de ameaça que empregou me arrastou contra o meu desejo e minha consciencia. A vaidade é muito peor conselheira que a fome.

Sem embargo, envergonhei-me de tal modo da decisão que acabava de tomar, que evitei formula-la demasiado directamente.

— Farei o que me dictarem o meu coração e as circumstancias, — respondi a Mr. d'Aronde — e não me occuparei de se vos causa ou não desgosto.

Levantou-se logo, saudou-me e me disse friamente:

— Já vos adverti; vós sereis responsavel pelo que acontecer.

Fiquei assaz despeitado com o modo altivo de Mr. d'Aronde, e querendo saber de que maneira estaria no conceito de Mr. Appencherr, escrevi-lhe uma carta de pezames á qual me respondeu que fosse vé-lo.

Encontrei-o mais affectado pela morte de

sua mulher do que eu esperava. A tumba é um pedestal que eleva e faz ver as qualidades dos que deixaram de existir. Fallou-me de Gertrudes e do affecto que me professava. Fez allusão ao meu desmaio e o explicou pela dôr que devi experimentar perdendo a que protegia o meu amor para com sua filha.

Tanta credulidade e bõa fé me envergonharam. Mas a ameaça de Mr. d'Aronde resoava ainda a meus ouvidos.

Aceitei esta explicação e atrevi-me a defferrir as minhas esperanças.

— Veremos, — me disse Appencherr. — O governo da minha casa é assaz pesado e quero confiar uma parte a quem me offereça provas de capacidade. Aronde tem bastante talento, mas não quero um homem bastardo para meu genro.

— Que tal! — exclamou Muller.

— É mui offensivo, — respondeu o Conde.

— Julgo que comprehendereis, — accrescentou Dabiron, — como esta declaração de Mr. Appencherr collocou em sua justa altura a moral sentenciosa de Mr. d'Aronde e como a duvida que eu tinha no fundo do coração se mudou n'um desejo implacavel de lograr o que um rival queria disputar-me. Mas segundo ides ver eu estava muito enganado.

— Vamos, — disse Muller, — isto já começa a ser grave.

— Era no inverno. Estavamos na estação

dos bailes e dos prazeres, mas como eu tinha tomado grande parte no lucto de Mr. Appencherr, passava a maior parte das noites em sua casa e via a Julia todos os dias. Era a viva imagem de sua mãe: tal similhaça gellava em meu coração todos os sentimentos ternos que sua juventude, sua formosura e sua graça excitavam nelle quando chegava a esquecer.

O seu olhar me perturbava como se tivera sido o de Gertrudes sahida do tumulo, para lançar-me em rosto a minha infamia. Parecia-me sob o imperio dos meus remorsos, que a frescura da mão de Julia era a frialdade da mão d'um cadaver. Extremecia ante a ideia d'uma caricia feita ao phantasma da mulher a quem eu tinha occasionado a morte. Mr. d'Aronde concorria poucas vezes em casa do barão, e quando ali ia observava-me em silencio sem que eu podesse pêntrar por onde e como pensava elle desbaratar os meus projectos.

Marchei obstinadamente, mas temendo sempre, para aquelle enlace, cuja desgraça presentia e de cujo exito me considerava seguro, quando certa noite recebi um bilhete no qual se me rogava que passasse ao baile da Opera. Havendo-se adivinhado que a esperança d'uma aventura galante não me faria sahir da posição em que me tinha collocado, se me fallava no bilhete de transmittir-me um aviso importante a respeito da minha fortuna. O silencio e a innacção de Mr. d'A-

ronde me inquietavam vivamente; suppoz que tinha deixado escapar contra mim alguma ameaça imprudente, da qual se me queria dar parte. Fui, pois, ao baile da Opera ao camarote que se me tinha indicado.

Encontrei ali uma mulher envolta em um dominó mui largo que dissimulava absolutamente a sua estatura. Estava sentada e não se levantou para que não pudesse ver se era alta ou pequena. Tinham-se tomado todas as precauções para desconcertar a minha curiosidade.

Mostrei-lhe o bilhete que tinha recebido.

— Sois a pessoa que me pediu uma entrevista?

— Sim, — respondeu ella.

A voz pareceu-me completamente desconhecida.

— Então que pertendeis de mim?

— Eu vo-lo digo. Em vossa casa se surpreendeu uma carta, na qual Mad. Appencherr ao fallecer vos enviava duzentos mil francos. Essa carta estima-se n'uma somma igual. Se dentro de oito dias, isto é, no baile proximo da Opera não entregardes esses duzentos mil francos, aqui, á pessoa que encontrares, será remellida a carta a Mr. Appencherr sem perder um momento.

Appellei, instei, discuti prodigalizando os nomes mais deshonorosos a similhante commercio; porem tudo em vão; não obtive uma palavra em resposta.

Perguntei o nome do ladrão; queria transigir e entrei em ajustes. A mascara continuou muda e só me deixou atormentar-me na ansiedade onde tal revelação me havia submergido.

Fui bem pouco prudente, porque mostrei todos os meus temores e indecisões, sem poder julgar do effeito das minhas palavras.

Quando acabei, levantou-se a mascara e me respondeu somente:

— Queria dar-vos um aviso; já o fiz. Com isto fizci o que quizerdes.

Pouco depois perdi-a na multidão, e permaneci indeciso em presença de tal ameaça que podia em um instante destruir todas as minhas esperanças.

Julguei reconhecer nella a mão perfida de Aronde.

Fui a sua casa.

Havia partido na vespera para Burdeos.

Recordei a presença de Tiennette junto de mim, quando recobrei os sentidos, e pensei que bastava a cobiça daquella mulher infernal para inspirar-lhe semelhante pensamento. Alemdisso tinha antecedentes mui conhecidos em semelhante materia. Fui a sua casa.

Tiennette estava sempre fora de casa e não se sabia nem a hora do seu regresso nem onde estava.

Vêr-se advertido d'um perigo imminente e não ter diante nenhum inemigo; comprehender,

que pode qualquer ser ferido de morte sem conhecer a mão d'onde parte o golpe; caminhar na mais profunda obscuridade com a certeza de que ha um abysmo a seu lado, é uma das situações mais deploraveis em que pôde encontrar-se qualquer.

Passsei os dias seguintes em uma perplexidade inerivel: umas vezes suppunha que Aronde era o author da ameaça, e outras corria atraz de Tiennette. Mas fui obrigado a reconhecer que me equivocava.

Com effeito, dois dias depois, era n'uma segunda feira, Mr. Appencherr fallou-me d'uma carta que tinha recebido de Aronde naquella mesma manhã. Esta carta estava datada de Burdeos. Aronde não podia, pois, estar em Paris no sabbado.

Á vista disto devia ser Tiennette a authora do enredo.

Possuido deste pensamento fui procurar a Brionde que andava sempre ao corrente dos ardis desta classe de mulheres. Tinha recebido uma carta de Tiennette de Malta, annunciando-lhe que pensava passar o resto do inverno em Napoles.

Tudo isto fez temer mais o perigo em que corria, e estive tentado em avizar a policia.

Pensei n'um acto de violencia; mas nada que fosse possivel e realizavel sahia das minhas combinações.

Em fim quando não encontrei meio algum de salvação, decidi-me a encarar o perigo de frente, conheci que era preciso resignar-me a elle ou renunciar á esperança de ser genro de Mr. Appenherr.

Sem embargo, antes de chegar a esta ruinosa transacção, quiz assegurar-me das disposições do barão. Propuz-lhe claramente o negocio do casamento, e o encontrei sereno e rasoavel. Julgava-se compromettido pela palavra que tinha dado á sua mulher: no dia em que a minha posição me permittisse reclama-la, estaria disposto a outorgar-ma.

Apezar desta segurança vacillava em despojar-me d'uma somma tão importante, olhando que era quasi meu ultimo recurso.

Entretanto chegou o dia fatal.

Não posso descrever-vos as angustias e incertezas que experimentei antes da hora do baile. Em fim enchi as algibeiras de bilhetes do banco, esperando que poderia comprar a minha liberdade por menos preço, ou que arrancaria a carta a quem m'a apresentasse.

Derigi-me ao camarote onde tinha estado a primeira noite, vi que estava desoccupado; entrei e ali me detive perto de duas horas. Não sei como pude conservar-me por tanto tempo cheio de colera e de furor no meio dos gritos de alegria que se ouviam em redor de mim.

O camarote em que estava era muito des-

coverto e ia a retirar-me receando que me denunciasssem a Mr. Appencherr, quando senti tocar-se-me no braço do camarote que estava á minha esquerda.

Era o mesmo dominó disposto com egual cuidado.

Convidei-o para passar ao meu camarote; mas recusou dizendo-me:

— É bom que haja uma barreira entre nós.

— Onde está a carta? — disse á mascara.

— Onde estão os duzentos mil francos? — me respondeu ella.

Mostrei que ia prevenido, e mostrou-se a carta. Fiz um movimento para apoderar-me della.

Um mascara de estatura herculea que se achava á minha direita me deteve bruscamente dizendo-me.

— Cuidado! não falteis ao respeito a uma senhora!

Julguei observar que outros mascáras que occupavam as cadeiras das galarias collocadas diante e detraz de nós, faziam movimento para se levantarem. Vi que estavam tomadas todas as precauções. Occorreu-me a ideia de que tinha que have-las com indeviduos acostumados a estas armadilhas para impalmarem o dinheiro alheio, e entrei em ajustes.

Offereço cincoenta mil francos, disse em voz baixa.

Não se me respondeu.

— Cem.

Continuou o silencio.

— Cento e cincoenta.

O dominó se levantou para retirar-se.

Eu fiz outro tanto exclamando:

— Pois bem; não fallemos mais.

Abri a porta do meu camarote; quiz sahir; mas vendo que tal demonstração em nada fazia mudar a impassivel resolução da mascara do dominó, parei e sem pronunciar uma palavra, dei-lhe a minha carteira. Entregou-me a carta e retirou-se.

Entrei em minha casa arruinado, e sem saber ainda o consolo que dá o cumprimento d'um grande sacrificio.

Com effeito: não tinha dado nada da fortuna legada á minha custa por Mad. Sholtz em defesa e protecção da sua memoria; tudo tinha sacrificado aos interesses do meu enlace com sua filha.

Senti-me cobarde e envergonhado.

Como é natural veio-me á ideia o meu triste estado: quiz ve-lo com toda a clareza, e para isso procedi a um balanço exacto de quanto possuia: não tinha mais que dividas, e estava acostumado ao luxo d'uma vida elegante.

Permaneci todo um dia reflexionando na minha situação, e tomei um partido que me pareceu triumphante. Resolvi solicitar de Mr. Appencher um logar nos seus estabelecimentos de com-

mercio. Na carta que lhe escrevi apresentei esta petição como um desejo mui natural de inteirarme dos negocios d'uma casa na qual devia estar interessado proximamente.

Duas horas depois recebi uma resposta fulminante e tão ambigua, que me julguei louco ao lê-la. Mr. Appencherr fallava-me de traição, do amor d'uma mulher que lhe tinha arrancado, da minha hipocresia.... A carta concluia por uma exclusão formal.



CAPITULO. VI.

Continuação da historia de suicida N.º 1.

—**N**ão sei porque, — continuou Dabiron, — não me suicidei naquelle momento, não só pela perda da minha fortuna, como por ter sido tão indignamente enganado. É verdade que se me tinha entregado a carta de Gertrudes, mas sem duvida depois de ter sido apresentada a Mr. Appencherr. De maneira que tendo estado com elle até depois de meia noite se tinha effeitua-do aquella traição nas duas horas que estive só esperando.

O meu furor augmentava-se com a minha impotencia; não vi outra satisfação á minha co-lera que a morte de d'Aronde que me obstinava em suppôr o unico culpado.

Mas no momento em que meditava esta resolução vi entrar em minha casa a Lalake com os olhos roxos de lagrimas e de furor, na desordem d'uma mulher que são d'uma scena violenta.

Recibi-a mal, porem ella desforrou-se dirigindo-me as mais baixas invectivas. Perdi a paciencia e disse-lhe que sahisse immediatamente da minha casa; mas respondeu-me com uma palavra que enfreou os meus transportes pelo assombro que me causara.

— Depois de me haverdes vendido e arruinado, disse ella, ainda vos atreveis a injuriar-me! Só um miseravel como sois é que pode comportar-se dessa maneira.

Fiz exclamações sem numero, perguntas infinitas, e acabei emfim por conhecer que o barão tinha sabido da minha intriga com Lalake. A ella se referiam as queixas e accusações que me fazia o barão a respeito d'uma mulher amada.

Não duvidei um momento que o novo golpe houvera sido dado pelos inimigos que me tinham arrancado a minha fortuna.

Então referi tudo a Lalake que não duvidou que d'Aronde fosse author daquella duplicada infamia. Offereceu-me participar do meu odio e me pediu vingança; dei-lhe a minha palavra e nos associamos. Não lhe occultei a minha miseria: accitou. Fallei-lhe de Tiennette; mas Lalake que a odiava a defendeu accusando-a.

— Tiennette, — me disse, seria capaz de

vos roubar os duzentos mil francos, mas não vos teria dado a carta. Por outra parte aborrecia demasiado a Mad. Appeneherr para que recordasse a sua memoria ainda a preço d'uma fortuna.

Similhante odio provinha de que Gertrudes tinha arrancado a Mr. d'Aronde do poder daquelle mulher. Por esta razão me tinha obrigado a mata-la.

— Enquanto ao mais, — acrescentou Lalake, sei o que ella pensaria fazer. Quereria no dia do vosso casamento revelar ao barão e a sua filha, com provas que pretende possuir o que tinheis sido para a esposa e para a mãe.

Entre tanto os poucos recursos que pude reunir haviam-se esgotado. Tinha chegado a esses empréstimos usurarios nos quaes não se conta mais que o dinheiro recebido porque não se prevê a possibilidade de pagar os juros que se contractam, quando certo dia que buscava um meio de restabelecer a minha fortuna, me disse Lalake de repente:

— Hontem regressou de Burdeos Mr. d'Aronde. É tempo de cumprires a vossa promessa.

A minha posição era então d'essas nas quaes uma catastrophe é um beneficio. Não vacillei. Tratei de avisar a Brionde que era sempre um dos amigos de Lalake e ao qual teria necessitado para qualquer encontro, e derigi-me a casa de Mr. d'Aronde.

Recebeu-me com essa indifferente corteza-

nia do homem que repudia de ante mão toda a amalgama de interesses com a pessoa que lhe falla. Pela minha parte patientei-lhe com a maior clareza os factos já mencionados e o accuzei directamente. Deixou-me fallar, e o seu altivo silencio me recordava o silencio obstinado do dominó da Opera.

Provoquei-o : permaneceu impassivel.

— Antes de passar adiante, — me disse, — permiti-me que vos pergunte de que interesse me soppondes animado para causar-vos esse mal ?

— Amais a M.^l Appenherr, — lhe disse ; pretendieis casar-vos com ella ; era preciso arruinar-me e denunciar-me, e conseguisteis uma e outra cousa.

Então chamou e se apresentou um criado.

— Diz a minha mulher, — exclamou Mr. d'Aronde, — que tenha a bondade de vir aqui.

Um momento depois vi entrar uma joven encantadora. Trocou algumas palavras com o seu marido que buscou um pretexto para semelhante chamamento. No ligeiro accento meridional que ella conservava, conheci que se tinha effectuado aquelle casamento na viagem de Mr. d'Aronde a Burdeos.

Isto me tirou a serenidade.

— Já vê-des, — me disse, — que vos enganaveis ácerca do interesse que me tinha impulsado ás más acções que me imputaveis.

— Sem embargo, — lhe respondi. — vós me ameaçasteis.

— Não, senhor, — replicou Mr. d'Aronde. — O que vos disse é que já estaveis prevenido, e que ninguém senão vos teria a culpa de quanto succedesse. Não quizesteis acreditar-me e já soffrestes as consequencias.

— Então, — exclamei, — sabeis qual é a mão que tão horriavelmente me ha ferido.

— Sei.

— Haveis de dizer-m'o.

— Quando me fallasteis dos que vos cazaram ruina, — me disse Mr. d'Aronde — trataste-os de cobardes delatores, e eu não quero merecer semelhantes epithetos.

— Mas isto é mui differente, — respondi, pois que é permittido denunciar os que arruinaram a fortuna d'um homem e...

Mr. d'Aronde olhou-me fixamente. Eu e comprehendi.

Que direito tinha para acusar eu, que de pois de ter vendido a Mr. Appençherr, sedusindo sua mulher, e a sua amante, queria ainda pedir-lhe a sua filha?

Senti-me derrotado; quiz ameaçar: este é o ultimo recurso das pessoas que não tem razão.

— Há mil provocações ás quaes um homem de honra está dispensado de responder — me disse Mr. d'Aronde — Se me propozer-des outro caminho, me encontrareis disposto. Emquanto a uma querella cujo motivo seja a ruina de que haveis sido vietima, não posso aceita-la.

Retirei-me envergonhado, confesso, e mais desorientado que nunca.

Tiennette estava em Napoles, para onde eu lhe tinha escripto e já havia recebido resposta.

Comtudo, não quiz só aparentar com Mr. d'Aronde o caracter que não me tinha atrevido a sustentar.

Procurei-o e o encontrei na Bolça.

Estive indifferente com elle: ficou frio.

Cheguei a ser grosseiro: permaneceu gelado.

Permittiu de tal maneira a minha provocação, que só se pôde satisfazer com um duello, ficando a eleição das armas ao meu adversario. Não tive mais tempo, que ir buscar Brionde para testemunha.

Tivemos que bater-nos e eu recebi uma estocada da qual estive de cama seis semanas.

Ao cabo deste tempo me vi arruinado; comecei a tocar a horrivel miseria em que se esgota o credito; as necessidades da vida chegaram a fazer-se irrealisaveis, quando no exterior se conserva ainda certa dignidade. Tinha elegido a Brionde por confidente. Teve que prestar-me algum dinheiro. Servi-me d'elle para ensaiar um golpe na Bolça. Calculei tão mal que perdi não só quanto me tinha prestado, mas ainda vinte mil francos. Então resolvi pôr fim á minha vida. Fui visitar Brionde; confessei-lhe tudo, e roguei-lhe que acceitasse os restos da minha mobilia para

reçarcir-se em parte do que lhe devia. Brionde permaneceu em silencio por alguns momentos. Depois abriu uma secretária donde tirou uma carteira que abriu diante de mim.

Aquella carteira encerrava cem mil francos.
— Escutai-me bem — me disse — e respondei francamente. Estais decidido a suicidar-vos?

— Mui decidido.

— Se dentro de seis mezes ou um anno vos encontrasseis na mesma posição que agora, tambem levarieis a effeito esse projecto?

— Sem duvida.

— Pois bem, aprazai isso para enlão. Vou pagar as vossas dividas; fazer reviver o vosso credito, e ajustar entre nós um convenio de vida ou de morte.

— Pedi-lhe que se explicasse immediatamente.

— Ha — disse elle — nos salões, jovens que para gosarem a reputação de mui ricos, jogam sommas extraordinarias com a condição de devolver-se ao sahir do baile o que mutuamente hão ganhado. Desta sorte qualquer adquire a reputação de bom jogador que jamais perjudica ao pé das mulheres nem dos credores; e querereis ensaiar na Bolça este pequeno manejo de sala?

— Para que pode servir-nos tal cousa?

— Para o que vou dizer-vos, accrescentou Brionde — Jogaremos cada um por seu lado, mas

sempre d'uma maneira contraria e sobre valores da mesma classe, de modo que a perda d'um será, compensada com o ganho do outro. Isto não nos eustará direitos de correlagem; mas aqui temos para paga-los durante muito tempo e crearmos um credito enorme. Se formos habeis, em um mez, vós por um lado e eu por outro, teremos pago com um rapido vaivem vinte differenças de dez mil vinte mil e trinta mil francos. Chegados a este primeiro estabelecimento do nosso credito, augmentaremos insensivelmente as nossas operações. Quando um de nós pareça perder alguma cousa, como cem mil escudos, não pedirá espera alguma para saldar a divida, e entregará ao outro a somma equivalente sacada d'uma operação contraria. Tenbamos paciencia para fazer isto durante um anno, já com circumspecção já com impetuosidade. Apparentemos ser homens de inspiração quando cada uma das nossas palavras estejam concertadas de antemão. Não nos apressemos e atrevo-me a prometter-vos que d'aqui a um anno estaremos em posição tal, que poderemos negociar uma partida diffinitiva, sobre bases demasiado amplas para que reportem a um dois milhões pelo menos de beneficio, e ao outro uma perda similhante.

— E então? lhe perguntei.

— Então, — me respondeu Brionde — será tempo para vós, ou para mim de nos suicidarmos á nossa vontade.

Não me atrevi a responder.

— Escutai, respondeu. — cuturei no mundo com cem mil libras de renda, eis aqui o que me resta dos meus amores, das minhas partidas de jogo, dos meus cavallos e das minhas esplendidas ceias. Isto pôde durar ainda um anno, e depois virá a miseria que eu não quero supportar. Com tudo durante este anno posso impor-me o sacrificio dos meus gostos. Passado isto não aceitarei a vida para vegetar nella. Serei rico ou me atravessarei com uma bala. Hoje estais na mesma situação a que eu devo chegar, e se não aceitais o que vos proponho peréceremos ambos. Pelo contrario se aceitais, um dos dois ficará rico e com honra, morrendo o outro em banca rota. Mas esta será a vossa sorte, somente com a differença de que em vez de suicidar-vos pela miseravel bagatella de vinte mil francos, o fareis por uma ruina de dois milhões. Isto toma as proporções d'um facto historico.

Brionde fallou ainda por algum tempo ; pela minha parte, já no meu interior tinha aceitado o contracto ; mas não sabia como confessar a minha cumplicidade ao que me propunha tão franca maroteira.

Desconfiei de Brionde.

Com tudo, escapou-se-me a confissão e regularam-se as nossas combinações.

Ao partir daquelle dia andamos desunidos publicamente. Uma disputa na Bolça nos serviu

de pretexto. Chegamos a não nos cumprimentar. Elle tinha os seus corretores e eu os meus. Elle vendia a um o que eu comprava a outro. A sua previsão não sahiu fallida. Ao cabo de seis mezes a regularidade severa dos nossos pagamentos nos assegurou um credito superior ao que poderiamos esperar. Ninguem é mais receoso e imprudente ao mesmo tempo que o homem rico. Enfurece-se se algum desgraçado lhe fica a dever mil francos, e expõem-se a perdas immensas com jogadores que pagam regularmente os seus desfalques. Todas as noites nos reuniamos em casa de Lalake que era a nossa confidente, a que devia receber uma commissão importante do que sobrevivesse. Ali concertavamos as nossas operações do dia seguinte. Aquella rapariga achava uma alegria e uma indifferença prodigiosas entre dois homens, dos quaes um devia morrer dentro d'um anno, seis mezes ou quinze dias.

Em fim chegou o termo fatal em que um dos dois devia desaparecer para assegurar a fortuna do outro.

Aquella hora foi bem solenne. Escolhemos para a nossa operação acções de caminhos de ferro, valores, cujas fluctuações eram rapidas e imprevistas.

Brionde foi generoso.

— Escutai, — me disse — tenho formada uma ideia acerca do porvir mui proximo destes valores, e sem embargo deixo-vos a eleição entre a

alta e baixa. Se esta eleição me condemnar segundo a minha opinião não vos pedirei favor algum; mas se vos tocar o lado máo também não farei nada em vosso favor.

— Dada a palavra será cumprida — lhe disse — mas não quero que a vontade de nenhum dos dois possa influir nos destinos do outro.

Vamos lançar uma moeda ao ar, se cahir de cruz será a alça; se cahir de cara, será a baixa e será o assumpto d'outra partida. Com effeito depois desta primeira prova jogaremos a imperial para saber qual dos dois deverá seguir a sorte indicada pela moeda de prata, e o que ganhar ver-se-ha obrigado a aceita-la. Mas será permittido a cada um de nós jogar bem ou mal, seguindo as regras estriclas do jogo á medida que creia que tem interesse em ganhar ou perder.

Brionde aceitou com a indifferença d'um homem que prevê uma desgraça á qual se resigna.

Mandámos, pois, buscar cartas novas.

Lançámos a moeda ao ár cahiu de cara.

O que gahasse a imperial devia jogar na baixa.

Na maneira de tomar o jogo foi facil notar que a nossa opinião era a mesma sobre o curso proximo dos valores, porque anhelavamos ganhar um e o outro.

Nada menos que a nossa vida era o que jogavamos.

Chegados a um ponto quasi igual, parei, e disse a Brionde :

— Já que ambos estamos convencidos de que as acções baixarão, joguemos no mesmo sentido e enriqueçamos juntos.

— Pode ser, — respondeu friamente Brionde — mas não o sei de certo. Que succederia se nós ambos nos equivocássemos? Duas ruínas e duas miserias. Não, está jurado!

Eu ainda vacillava.

— Parece-me que tendes medo? me disse.

Esta palavra me decidiu.

Quantas desgraças tem feito commetter esta palavra!

Continuei e perdi a partida.

Segundo a minha opinião esta era a minha sentença.

Com tudo ainda nos restavam quinze dias. A esperança, essa decepção constante me fez imaginar que a casualidade ou qualquer circumstancia voltaria a sorte a meu favor ou me reduziria a differença a tão pequenas proporções que Brionde não se acharia satisfeito.

Mas a que conduz referir-vos todos estes pensamentos d'um homem que gira ao redor do seu sepulcro em um circulo que se faz cada vez mais estreito?

Hontem se verificou a liquidação: estou declarado devedor a dez credores na quantia d'um milhão e meio de francos, e Brionde é credor

d'uma somma semelhante por meio de agentes.
Joguei, perdi e cumpro a minha palavra.
Eis aqui, senhores, porque eu estou decidido a suicidar-me.

— Isso é revoltante — exclamou Muller.

— Agora, pertence-vos a vós cavalheiro —
lhe disse o Conde com voz mysteriosa — Ah!
seremos ricos e poderosos. Os d'Aronde, os Appen-
cherr, e os Brionde, essa sucia de tratantes
serão castigados como merecem.

— Demonio exclamou Muller.

O Conde fez um signal a Dabiron e redar-
guiu.

— Escutemos agora a Mr. Muller.

Então Muller começou a sua narração nes-
tes termos; as suas proprias aventuras, fazem a
historia do suicida n.º 2.



CAPITULO. VII.

Historia do suicida II.º 2.

PRIMEIRO que tudo, — exclamou o ex-enforcado, — não me chamo Muller, mas sim Maximo Roussignan. Não pretendo fazer-vos a pintura das minhas primeiras emoções, como acaba de fazer este cavalheiro: eu sou d'um mundo onde se vive em grande. Só devo dizer-vos que aos dez annos era orphão, e tinha por unico apoio dois tios, um que era irmão de minha mãe, Mr. Marcos Simão, e outro Mr. Martin Roussignan irmão de meu pai.

Ambos eram viuvos, e este tinha um filho da minha idade, e aquelle uma filha de seis annos. Eram, na verdade, os dois homens mais honrados de Paris; mas tinham um vicio horroroso,

Fleuriot, vendo que nada ganhava com a minha tutela, ameaçou-me com expulsar-me de casa.

Eu assisti a este debate comendo cerejas, e atirando com os caroços a Mr. Fleuriot, que indignado da minha falta de respeito, cheio de raiva se lançou sobre mim e me deu um bofetão que me transtornou. Similhante acto de violencia fez mais que as exortações do juiz de paz. Os meus tios vendo-me maltratar de tal sorte, lançaram-se sobre elle em um arrebatamento commum, e as suas mãos, ou para melhor dizer os punhos se encontraram, pela primeira vez nas costas do meu tutor. Foi então que ambos comprehenderam que me amavam. O juiz de paz teve tambem uma inspiração feliz.

— Pois bem, — disse elle; — não ha mais que um meio de regular tudo isto, e é pôr o menino em um collegio.

Similhante arranjo foi aceitado; mas desgraçadamente para mim, foram mal combinados os meios de execução. Cada um dos meus tios devia pagar a minha pensão e todas as minhas despesas durante seis mezes. Meu tio Roussignan começou.

Deu-me um enxoval completo, e bastante fato e outras cousas para uso diario; mas no fim de quatro mezes a minha excessiva affeição á gymnastica pôz toda a minha roupa em um estado deploravel. Avisou-se meu tio Roussignan, mas respondeu que tinha feito o que lhe tocava, e principalmente não queria vestir-me de novo,

pouco antes de entrar em turno Mr. Simão. vivi por espaço de dois mezes quasi entre em farrapos. Vencido o semestre, equipou-se-me magnificamente, mas esta provisão não me durou mais tempo que a primeira.

Meu mestre de collegio tinha um filho da minha idade. Como eu não podia usar toda a minha roupa ao mesmo tempo, fazia com que lhe desse ar diariamente sobre os hombros de seu filho com medo sem duvida que lhe desse o bulor. Esta precaução, unida ao meu constante affecto á gymnastica, fez com que o meu fato estivesse todo roto aos tres mezes. Meus tios adoravam-me, mas preferiam antes que eu andasse quasi nu do que fazer cada um o que considerava dever do outro.

Durante seis annos que permaneci no collegio vivi nessa alternativa de opulencia e de miseria. Sem embargo não descuidava os meus estudos e ia-me adiantando gradualmente.

Sahia todos os domingos, já á casa de meu tio Roussignan, já á de meu tio Simão. O assumpto habitual da conversação recahia em cada casa sobre a maneira de viver na outra. Segundo Roussignan, Simão era um ladrão e um animal. Segundo este, era aquelle um animal e um ladrão. Ao julgar por taes epithetos devia acreditar que pertencia a uma familia de criminosos, mas esse instincto da infancia, superior á razão mais experimentada, me fez comprehender a verdade

sob estas palavras e injurias, e me inspirou a prudencia de não as referir em uma ou outra casa. Assim cheguei aos desenove annos idade em que completei os meus estudos. Passei por capaz, obtive bom exito nas mathematicas: esta vantagem inspirou a meus tios a mesma ideia de levar-me a sua casa e fazer-me inventor de forninhos economicos. Naveguei dextramente por entre os dois escolhos de forninhos, e cheguei ao termo que havia tanto tempo desejava, de conseguir uma pensão de mil e duzentos francos para seguir os estudos de medicina. Durante o primeiro anno conduzi-me tão bem que vivi em mui bõa harmonia com os meus dois bemfeitores. Quiz ensaiar uma reconciliação. Menti insolentemente, e disse a meu tio Roussignan que apesar de aborrece-lo Mr. Simão fazia justiça á sua probidade e aos talentos.

— Cobarde! exclamou Mr. Roussignan, — reconhece em fim sua baixeza.

Fiz o mesmo ensaio com Mr. Simão.

— O hypocrita! — exclamou fallando-me de Mr. Roussignan, — sem duvida prepara contra mim alguma nova infamia.

Compreendi a inutilidade dos meus esforços e procurei conservar no fiel a balança entre os dois inimigos. Mas não fui senhor de proseguir muito tempo no meu proposito, porque o amor carregou no pratinho de Mr. Simão. A filha deste, de quem já vos fallei, e que seu pai vendo

o estado de viuvez em que se achava tinha feito educar n'um convento, M.^{lle} Flora, voltou ao seio paterno. Tinha deseseis annos; era linda como o é nesta idade uma mulher que o será ainda aos quarenta. Adornavam-na a maior pureza nas suas feições, uma graça exquisita no sorriso, e uns olhos!.. que olhos!.. desses que não se apagam jamais e que quando perdem a chamma do amor conservam ainda o fogo da paixão e do enthusiasmo.

Amei-a, e amou-me tambem.

Comtudo não queria ser ingrato e não abandonei a meu tio Roussignan. Mas os proverbios populares são mais verdadeiros que as maximas dos philosophos. Diz um d'aquelles: « O amor e o dinheiro não podem estar encubertos. » No fim de dois mezes meu tio Roussignan adivinhou que eu estava enamorado; e mostrou-se descontente. Mas passadas quarenta e oito horas conhecendo o objecto da minha paixão amaldiçoou-me não sem ter-me associado no seu odio a Mr. Simão e a toda a sua raça.

No dia seguinte declarou-me formalmente que sahisse da sua casa e que emquanto á minha pensão seria paga pela terça parte até ao fim dos meus estudos. Recusei o beneficio trocado em insulto. Devo aqui declarar em meu abono que não fui fazer alarde do meu sacrificio a casa de meu tio; porem elle o soube e recebi promessas de esperanza que me consola-

ram bem depressa, porque em quanto Flora e eu nos amavamos, um tal Romané guarda-livros de Mr. Simão o tinha seduzido, ao mesmo tempo que eu fazia còrte a sua filha. Já estava para levar-se a effeito o seu enlace, quando o orgulho de ter-me arrancado a Mr. Roussignan suspendeu tão funesto projecto.

A previsão instinctiva d'uma desgraça futura me fez declarar a Mr. Simão. Flora desmaiou; eu chorei e enfim decretou-se o nosso enlace. Mr. Simão não me impoz mais condição que o obter do ministro da justiça o direito de fazer ao meu nome de Roussignan, uma addição que acabava por apagar o verdadeiro nome patronimico de meu pai. Eu lh'o prometti.

Só me faltava que esperar, e se não houvera sido a pena que me causava o romper com meu tio Roussignan, teria sido o mais feliz dos mortaes. Alimentava-me já na certeza d'uma dita proxima quando uns oito dias antes do meu casamento recebi do primeiro caixeiro de Mr. Roussignan a seguinte carta:

« Vosso tio acaba de experimentar uma terrivel desgraça. Seu filho, que viajava ha um anno em negocios de casa, pereceu em Genebra pela explusão d'um fornildo a vapor de nossa invenção no momento em que o ensaiava ante uma sociedade intelligente. Desde que vosso tio recebeu tão triste noticia, está como louco; quer matar-se e diz que é maior a sua desgraça, porque abandonou o seu sobrinho.

Ao saber tal noticia esqueci a maldição de meu tio ; esqueci a Mr. Simão ; esqueci a Flora, e corri a casa de Mr. Roussignan. Arrojou-se nos meus braços ; chorou comigo, procurei consolá-lo e retirei-me com a esperança de que semelhante desgraça daria em resultado reconciliar-me com meu tio sem impedir o meu casamento com minha prima.

Erro ! funesto erro !

A tregoa que a minha presença tinha dado á dôr de Mr. Roussignan e talvez uma dessas phrases proprias de taes circumstancias, como : « eu farei as vezes de vosso filho » alguma destas cousas, ou talvez as duas reunidas, inspiraram a Mr. Roussignan, um pensamento cheio de generosidade, mas no qual se descobria a seu pezar o aborrecimento que o dominava.

— Tu és o meu unico herdeiro, — me disse, — tens o meu nome ; pois bem, sê meu filho. Adopto-te ; dou-te a minha fortuna. Mas bem comprehendes....

Não teve necessidade de dizer mais : tinha-o comprehendido. Evitei responder, fallando-lhe do meu eterno reconhecimento por tão bôa acção.

Meu tio tambem me comprehendeu ; não se enganou nos subterfugios de que eu queria valer-me para lucrar a fortuna.

— Escuta, — me disse, tenho quinze mil libras de renda ; retiro-me dos meus negocios. Os meus bens moveis estão avaliados em

cento e cincoenta mil francos ; eu t'os cedo, e desde hoje te asseguro o resto da minha fortuna. Deixo-te oito dias para decidir-te. Até então não quero ver-te.

Retirei-me.



CAPITULO VIII.

Continuaçã da historia do suicida N.º 2.

CENTO e cincoenta mil francos em moeda sonante!... quinze mil libras de renda em perspectiva!... Fiquei pensativo e meditabundo. Mr. Simão chegou a observa-lo naquella mesma noite; interrogou-me, supplicou-me, Flora chorou, e eu confessei tudo.

— Esse homem não estará contente em quanto não acabar com toda a sua familia — exclamou Mr. Simão, em quem o odio fallou primeiro que tudo.

Mas Flora tinha visto a minha tristeza e comprehendeu a minha incerteza.

— Meu pai, — disse ella com amargura, — eu não tenho mais que cincoenta mil francos de

dote: vós só tentes oito mil libras de renda, e Mr. Roussignan póde fazer qualquer sacrificio para assegurar-se da fortuna que se lhe offerece. Flora jamais me tinha tratado por Mr. Roussignan: este nome proferido em vez de Maximo, pareceu-me uma sentença fatal. Ajoelhei a seus pés, jurei, implorei, suppliquei; mas o orgulho de Mr. Simão sahio ao encontro da indulgencia de Flora.

— Vacillou! — disse elle com uma indignação tragica, — vacillou!

Para dizer a verdade, eu vacillava ainda. Fallei dos meus deveres, da desgraça de meu tio, das considerações que deve ter-se com a dôr d'um pai; fiz os discursos mais estupidos; mas o verdadeiro motivo de tudo isto, era eu querer possuir as duas fortunas, as duas heranças e a Flora. Não podia decidir-me a conseguir-lo, sem desesperar-me.

Mr. Simão poz termo ás minhas lamentações dizendo-me:

— Reflexionai bem, dou-vos oito dias para ser meu genro, ou meu inimigo. Adeus.

Dirigi-me a minha casa perplexo, indeciso, entre as duas proposições, os dois deveres e as duas fortunas. Ainda que já declarei que não queria fazer a historia das minhas sensações, é forçoso confessar, que por singular disposição da minha natureza cheguei ao termo mais extravagante e inesperado.

Desde que eu tinha a idade em que as circumstancias influem na conducta d'um ser razoavel ao principio porque as supporta sem raciocinar e depois porque as examina para aproveitar-se dellas, desde os dez annos proxivamente todas as inclinações do meu espirito, todas as forças da minha natureza não tinham tido mais que um objecto, era caminhar com o passo igual e independente entre a amisade que meus tios me mostravam, e o odio que elles se tinham.

Constantemente linha logrado manter-me n'um exacto equilibrio, de tal modo que não me occorreu nunca escolher entre os dois; jamais me tinha preparado para o exercicio violento de ter que tomar uma resolução. Só contava para isso com incerteza, duvidas e inexperiencia. O meu character linha tomado estes caminhos incertos e fluctuantes do meu espirito. Eu não sabia querer.

Durante os oito dias de tregua que me tinham sido concedidos soffri um combate perpetuo entre o meu interesse presente e futuro que me fazia inclinar para Mr. Roussignan, e o meu amor que me arrastava para Mr. Simão. Cada dia tomava infinitas resoluções que abandonava no momento de sair da minha casa pelas julgar desacertadas.

Tenho padecido muito na minha vida, senhores, mas ignoro que haja peor supplicio que o que soffri. Transtornado com tantos pensamentos, julgava-me culpavel por não saber escolher, a

mais culpavel por não ter eleito. Chegava contra o meu gosto e destino a taes delirios de cholera, que me faziam duvidar da minha razão, e a fraquezas de espirito que me faziam temer pela minha existencia: não comia, não dormia, a minha saude alterava-se com a minha razão; parecia-me ao esqueleto d'um louco. Isto durou oito dias, depois dos quaes fiz o que no primeiro dia teria sido um acto de valor, e que depois d'uma semana era só uma cobardia, segundo o attestavam as minhas largas resoluções.

— Inclinaste-vos pela fortuna e por vosso tio Roussignan, — disse friamente Dabiron interrompendo o narrador.

— Não, — disse o conde de Montreuil, com certo enthusiasmo, — aos vinte annos prefere-se o amor.

— Pois não preferi uma nem outra cousa, — respondeu o ex-enforcado com amargo sorriso: — escrevi a cada um dos meus tios uma carta mui ambigua, em que dizia a Mr. Simão que seria para elle um excellente genro, mas que não podia ser ingrato a meu tio Roussignan, e a este que o amaria como um filho, mas que não podia esquecer a parte do reconhecimento que devia a meu tio Simão e o amor a sua filha. Havia escripto, segundo creio, algumas phrases demasiado ternas, e contava ao menos com a amizade d'um delles para que me não fosse necessario entrar na vida por uma traição. O que me tives-

se aceitado a meias me teria oblido por inteiro, evitando-me assim fazer eu a eleição, e neste caso não teria sentido remorsos da minha traição.

Na mesma noite recebi as duas respostas. Os meus dois tios lançavam-me em rosto a minha ingratidão quasi nos mesmos termos e me despediam ignominiosamente da sua casa.

O primeiro effeito destas duas cartas foi para mim um aniquillamento completo, e o segundo uma cholera frenetica e o ultimo uma resolução desesperada. Acabava de perder tudo d'um só golpe; porvir, fortuna, amor, affeições. Busquei pistolas e preparei-me para acabar com a vida.

Então vivia eu na rua de Madame, em um quarto ao nivel da rua. Já tinha escripto uma carta a cada um dos meus tios e estava cerrando a que destinava a Flora quando de repente ouço vozes de assassino, assassino!...

Corro para a janella no momento mesmo em que se ouvem dois tiros. Abro as vidraças e vejo diante de mim um homem que graças aos esforços desesperados conseguiu trepar á janella, e veiu cahir moribundo no meio da minha habitação. Ouço os passos dos assassinos em precipitada fuga e restabelece-se o silencio. Tudo isto não tinha durado um minuto. Fecho as vidraças e começo a examinar aquelle homem. Os dois tiros tinham-lhe levado toda a cara, e estava horrivelmente desfigurado, de modo que era im-

possível distinguir as suas feições. Inclinei-me para elle para o soccorrer; fez um esforço violento para levar a mão á algibeira esquerda do seu paletó e ficou morto.

Aquelle espectáculo horroroso me deixou assustado. Cri ver-me a mim mesmo naquelle homem estendido a meus pés e desconhecido. Vacillei em tirar-me a vida. Comtudo, queria saber quem era o infeliz que acabava de ser assassinado. Registrei a algibeira, sobre a qual tinham ficado convulsivamente cerradas as suas mãos, e encontrei uma enorme carteira verde dividida em varias secções. Uma dellas continha um passaporte com o nome de Franco Muller....

— Era elle! — murmurou surdamente Montreuil.

— Por elle soube que o tal Muller era francez de nascimento; que habitava na Allemanha; que tinha sahido de Hildebourg-Haussen para regressar á França. Outros varios papeis annunciavam que era orphão. Tinha vinte e cinco annos. Em outra secção da carteira encontrei uma quantia de perto de trinta mil francos em bilhetes do Banco, e na ultima uma correspondencia em allemão.

— Que vós tereis conservado? — exclamou Montreuil.

— Não.

— Que destruirieis acaso? replicou com um movimento de raiva e de desesperação.

— Não, que enviei pelo correio ao seu destino; a *Monsieur Duplessis*, notario em Ernee, departamento de Mayenne.

Montreuil respirou e disse com voz tranquilla;

— Continuai.

— Já disse que estava meio louco, — proseguiu Muller ou melhor Maximo Roussignan, — não tinha valor para morrer; não me sentia com força para viver na miseria e sob a maldição de meus tios.

A casualidade acabava de apresentar-me uma fortuna, mas se referia o que se tinha passado poderia apparecer alguém que a reclamasse. A loucura que me tinha agitado durante toda a noite tomou outra direcção. Queria morrer, pois bem, devo considerar-me morto! Reuni a toda a pressa os papeis que levava aquelle homem; tomei o seu relógio, puz o meu no lugar do seu e colloquei o meu lenço na sua algibeira. Fechei as cartas que tinha escripto; deposei-as sobre a chaminé. Dei ao assassinio que acabava de commetter-se todas as apparencias d'um suicidio; descarreguei as minhas pistolas, e puz-lhas nas mãos e depois de ter derretido toda uma vela, no fim d'uma hora deste delirio extravagante sahi da minha casa para ser o futuro Franco Muller e ver se a vida me era mais favoravel sob este nome. Deixei no meu quarto o supposto Maximo Roussignan para ser o remorso e o castigo dos dois tios crueis que me tinham entregado ao suicidio.

Eis senhores, porque vos disse que já tinha morrido uma vez. Falta-me dizer porque me mata agora para não tornar mais a viver.

— É singular! — exclamou Dabiron.

— Escutemos, — disse Montreuil, que continuava combinando na sua cabeça algum plano extraordinario.

— Isto pôde ser interessante para a nossa commum salvação.



CAPITULO. IX.

Continuação da historia de suicida N.º 2.

DEPOIS desta interrupção, que aproveitou o desgraçado Maximo para aliviar o peso d'algumas garrafas, proseguiu com uma voz lugubre como as recordações que se lhe apresentavam.

— Senhores, ha homens que parecem terem sido fadados para a desgraça. O destino, como todo o pai de muitos filhos, tem preferencias e odios enexplicaveis. Eu sou um desses seres destinados a ser victima de paixões de que estão innocentes. Eu não tinha causado o odio de meus lios; não tinha chamado a minha casa o tal Muller para que ali fosse acabar, e com tudo fui a victima d'aquelle odio, e hoje o sou da morte do desconhecido.

Dabiron olhou para o Conde, e sorria-se apoiando a barba sobre o pollegar como quem queria dizer que havia alguma cousa de loucura no facto de Muller.

— Talvez, — respondeu Mr. Montreuil, que parecia achar-se mui preocupado com o que acabava de ouvir.

— Já deveis ter comprehendido — accrescentou aquelle sem se dar por advertido do ar disfarçado d'um nem da resposta equivoca do outro, que não se presenciei um facto como o que acabo de referir sem se perder quasi o juizo. Foi assim, que meio louco, com mais terror talvez do que se tivesse sido o assassino do miseravel Muller. Andei errante toda a noite pelos *boulevards* exteriores inundado por uma chuva gellada que me preservou do encontro d'alguma patrulha ou de ladrões. Em uma noite semelhante são poucos os que andam passeando.

Ao despontar do dia refugiei-me n'uma das innumeraveis pousadas secretas do Montparnaso. Felizmente para mim os donos daquellas guardas de ladrões não eram mui exigentes ácerca das qualidades dos seus hospedes. Fui admittido pelo meu mão semblante. Encostei-me e dormi mui decidido a aproveitar a noite seguinte para afastar-me de Paris. Mas havia-me produzido um cansaço tão espantoso e uma febre tão ardente o meu passeio noturno entre duas aguas, isto é, entre o suor que banhava o meu corpo pela pre-

cipitação de minha carreira e pela chuva com que me mimoseava o ceo, que me senti incapaz de dar um passo. Sabia bastante de medicina para remediar aquelle inconveniente. Refiz-me de sudoríficos. Bebi enormes tragos de poncho e depois de haver-me sepultado no meu quarto adormeci meio ebrio e meio morto.

No dia seguinte estava fresco como uma rosa. Comecei a reflexionar e a arrepender-me. A primeira resolução que tinha tomado era uma loucura e uma acção má. Tinha-me riscado do numero dos vivos sem ter ganhado o repouso, e havia roubado um morto. Prometti ser mais circumspecto para o futuro, e busquei um meio de experimenta-lo. Uma circumstancia que estava mui longe de prever, me deixou na posição phantastica que me tinha creado. Independentemente da benevolencia ordinaria dos hospedeiros para todo o individuo que aparentava occultar-se, em mim havia uma razão excellente para refugiar-me ali, porque a casa estava muito acreditada ainda entre os ladrões. Com effeito, achava-se situada em uma avenida do cemiterio de Mont-parnasso, e se é verdade que o povo gosta de vêr morrer, parece certo que não gosta de vêr enterrar.

Eu não tinha nenhuma ideia da posição da casa em que estava, e não me teria occupado de tal cousa se por cima da minha janelle não ti-

vesse ouvido pronunciar distinctamente o meu nome, que já não era o meu.

Assomei-me por entre as tabuinhas, e se-
nhores, que espectáculo! vi um caixão forrado de
branco sobre um coche puxado por cavallos bran-
cos. *O vanitas vanitatum!!* Occorreu-me o pen-
samento mais louco e impertinente do mundo.
Figurou-se-me que era o cortejo funebre de mi-
nha prima Flora, que tinha morrido de senti-
mento ao saber do meu suicidio. Mas a falta das
jovens que costumam levar as cintas brancas do
alaúde, me fez conhecer a minha presumpção.
Ai! que digo! em logar das jovens chorosas vi
quatro companheiros da minha eschola, demasiado
contrafeitos no exercicio das suas funcções para
estarem seriamente tristes. De traz do caixão ca-
minhavam, com passos vacillantes, e de mãos
dadas e chorando sem pretensão meus dois po-
bres tios que se accusavam sem duvida da minha
morte, e que se tinham reconciliado sobre o meu
feretro. Como Marion Delorme, via passar o meu
proprio enterro; só com a differença que chorava
de traz das tabuinhas, e ella se ria como uma
louca ao pé das vidraças: entregando-se ás adu-
lações e gracejos de Desbarreaux.

Este espectáculo foi para mim a occasião
d'um combate deploravel: a natureza, os remor-
sos, a honra, a verdade me gritavam que fosse apa-
ziguar aquella sincera dor; mas o negro capri-
cho, o medo do ridiculo, a difficuldade de expli-

car a falça morte do tal Muller e sobre tudo os trinta mil francos de que me havia apoderado, me fizeram permanecer immovel. Quiz e não quiz; intentei sahir e fiquei parado; tratei-me de infame, mas eu mesmo me desculpei e todavia me achava abysmado nas minhas indecisões quando já estava enterrado, e todos os que me foram fieis até á morte se tinham retirado a sua casa para modar de traje e almoçar.

Esta reflexão me conduziu ao meu estomago, a esse eu mais egoista que o coração. Chamei o hospedeiro, e lhe pedi de almoçar. Serviu-me elle mesmo em attenção a que não havia criado. Dirigi-lhe algumas perguntas sobre o facto que acabava de presenciar. Elle tinha sabido a minha historia por alguns jornaleiros, pertencentes uns a Mr. Roussignan, e outros a Mr. Simão que tinham ali hido cimentar a reconciliação de seus amos. Parece que apenas tinham decorrido algumas horas depois de ter-me escripto meus tios as cartas que tanto me desesperaram, os dois foram acommettidos dos mesmos remorsos.

O que no principio lhe tinha parecido indifferença e cobardia lhe pareceu depois de reflexionada a minha acção, lealdade, reconhecimento e valor. Sahiram quasi ao mesmo tempo das suas casas e chegaram a um tempo á minha: um acabava de assegurar-me a sua fortuna e outro de dar-me sua filha. Entraram e se viram em frente do meu cadaver.

Os dois infelizes lançaram-se nos braços um do outro e se accusaram da minha morte, fazendo as pazes entre si. O seu odio desapareceu no meu feretro.

Eu estremecia durante aquella narração batia com os pés no chão cheio de impaciencia e me inflammava de colera contra a sorte. Morrer quando se toca a felicidade, não é uma cousa terrivel? Quiz deleitar-me na minha dôr e fazer-me atormentar sabendo a desesperação de minha prima.

— E a desgraçada que devia casar-se com esse imbecil? perguntei ao meu hospedeiro.

— Oh! pela sua parte, — me respondeu com a brutalidade d'um cego sentando-se sobre um gato que dorme em uma cadeira. — Oh! parece que se acha encantada por se ter livrado desse imbecil, como vós lhe chamais.

Eu que esperava no meu coração uma dôr aguda e poetica, soffri um monstruoso aniquillamento. Perdi o enorme appetite que me havia dado o systema curativo que me propuzera. A alegria de Flora deixou-me tão gellado que me tive completamente por morto. Tomei novos estimulantes para viver de novo. Naquelle dia foi quando fiz um pacote de todos aquelles papeis allemães cheios de garatujas em cujo sobrescripto escrevi em francez:

« Para entregar a Mr. Duplessis, &c. »

Paguei a despeza e parti pela noite. Uma ca-

leça das que sobreviveram ás acceleradas e outras invenções mais incommoedas, me conduziu a Lonjumeau. Ali, depois de ter franqueado o pacote, parti com o correio.

— Franqueas-te-lo? — exclamou o conde.
— Então o notario não terá podido recusar-se a recebe-lo; estará em sua casa; deve estar ali, estamos salvos.

Maximo Roussignan olhou para o conde com ar suspeito; mas este lhe estendeu a mão dizendo-lhe:

— Tendes executado uma acção excellente por casualidade, sem querer, sem saber, sem...

— Nada disso, — accrescentou o ex-enforcado com tom de mófa. — Tendo tomado do defunto os trinta mil francos era justo que eu cumprisse os seus encargos. Isto custou-me 11 francos e 75 centimos. Parece-me que tenho probidade.

— Ao que parece, devia ser volumoso o pacote, — exclamou Dabiron rindo-se.

— E depois, cavalheiro, e depois? perguntou o Conde com impaciencia.

— Bem, depois cheguei ao Havre evitando-me o trabalho de atravessar Paris e me embarquei para ir á Russia. Fomos obrigados a fazer escalla por Hamburgo. Agradou-me aquella cidade; gosto muito de cerveja debaixo das abobadas de lúpulo, e aquellas allemãs, rosadas, roliças e ruivas tinham um ar de Flora, que me recordavam os meus primeiros amores. Tinha di-

nheiro, e como queria occupar-me em alguma coisa, propuz-me a apprender o allemão para poder ensinar o francez.

Já tinha despendido uns dez mil francos quando começava a alcançar algum resultado: tinha por escolares a dois estudantes arruinados que queriam ir por camaradas para os banhos de Baden, e uma baroneza velha sentimental que sonhava sempre com lér Lamartine e a Paulo de Koch na sua lingua original. Certo dia em que me achava n'uma das infinitas estalagens que rodeiam a cidade entre copos e garrafas de cerveja, nuvens de fumo de charutos e coros bachanaes que resoavam de toda a parte fui acommettido na minha mesa por uma personagem de cadaverica figura, de voz e olhos amortecidos, levando sobre o seu nariz uns enormes oculos de ouro, e sobre as costas pendurado um grande rabicho á prussiana.

— Ah! Ah! — exclamou o conde de Montreuil, — esse rabicho e o do presidente Segnier são os restos mais illustres dessa moda tão injustamente desthronada pela *titus*.

— Conheceis esse homem? disse Maximo Roussignan acompanhando esta pergunta com um olhar cada vez mais ameaçador.

— Era o conselheiro Swith Malden, aggregado á legação de Nassau.

— Então conheceis os meus inimigos? — exclamou Maximo Roussignan levantando-se.

— Para vos dizer que posso salvar-vos é necessario que os conheça hem, — disse o Conde. — Mas continuai por favor; o tempo urge e necessito saber tudo antes de vos dizer alguma cousa.

— Mas, — exclamou Maximo, — isso não é leal.

— Ora! — disse Dabiron, — que importa isso a gentes que vão matar-se? Acabai pois.

— A fallar a verdade tendes razão, — ponderou Maximo. — Aquelle homem que era para mim desconhecido, me perguntou graciosamente se queria ajuda-lo a beber uma garrafa de vinho de França que tinha pedido. A patria é um sentimento para o estomago como para o coração; deixei-me seduzir facilmente, bebi e fallei; mas elle bebeu e callou-se. Disse-lhe que era Mr. Muller de Strasburgo; que era orphão; que tinha sido educado no seminario de Nantes; que tinha vivido em Paris onde tinha exercido o emprego de caixeiro d'uma loja de modas; depois escudrinhador de assumptos para um novellista; depois, em fim, redactor de annuncios e historiografo de glorias desconhecidas em uma collecção publicada por conta das pessoas elogiadas. Com este objecto me tinha tomado o Barão Munich para levar-me a Hildeburgo, donde tinha partido para Hamburgo.

Desde que aprendi o allemão escrevia todos os pormenores da minha vida particular, isto ti-

nha eu aprendido do meu predecessor no nome e nas funções, de Muller, que tinha o costume de escrever dia por dia seus actos e gestos, isto é, como se levantava, se deitava, bebia, comia, tudo em fim, excepto o que me teria importado, suas intenções, seus projectos e seus pensamentos. No lugar onde deveriam ter-se achado estas revelações havia no livrinho que recolhi com os seus papeis, linhas de pontos e cifras cuja solução nunca pude descobrir. Fosse o que fosse procurei fazer as vezes de Muller o melhor que pude.

O desconhecido sorria-se com uma complacencia que teria sido bastante para illuminar-me, se uma segunda garrafa generosamente offerecida e não menos graciosamente aceiteada que a primeira, não me tivesse cerrado os olhos e aberto a bocca. Esgotei até á ultima gota do liquido e publiquei até a ultima anedocta que sabia de mim mesmo. O desconhecido saudou-me e eu tive que retirar-me a minha casa. Era ja noite ia cantando uma aria da Chaumiere, quando de repente me cahe sobre a cabeça um véu immenso e pesado. Agarraram-me e ligaram-me perfeitamente, e fui transportado a uma carruagem que rodou por muito tempo pelo campo. Eu me soffocava de calor no sacco. Fi-lo observar em francez; mas não obtive resposta alguma. Repeti a observação em allemão e se me permittiu respirar com mais liberdade. Estava, pois, entre allemães. A noite era escura, e o caminho estava deser-

to, os cavallos corriam a gallope. Ia em uma immensa berlinda no meio de cinco personagens mascarados. Conheci que seriam inuteis as ameaças. Intentei o meio das supplicas. Oito punhos levantados me deram uma resposta sufficiente. Encerrei-me no meu silencio e nas minhas conjecturas.

Eu não era noivo d'uma rica donzella, nem o amante d'uma princeza disfarçada, nem o herdeiro de algum barão. Perguntei a mim mesmo que interesse poderia haver em que eu desapparecesse. Esqueci que devia herdar todas as acções do Muller passado.

Uma hora depois, acreditei, sem embargo que ia a descubrir a verdade. Tinha-se-me collocado sempre vestido de momia ou de salchichão, como queirais chamar-lhe, no divan d'uma sala alumiada por uma só vela. Depois de ter considerado no logar em que estava, especie de salão forrado de panno verde...

— Com franjas de veludo preto, — disse o conde de Montreuil.

— Logo conheceis aquella localidade? perguntou Maximo parando outra vez.

— Creio que sim; eu velava por vós — disse o Conde, esfregando as mãos. — Continuai.

— Continuai, — exclamou Dabiron, — pois passa o tempo e necessitamos suicidar-nos commodamente.

— Em fim, — continuou com bom humor

Muller, ou antes Mr. Roussignan, — estava no salão verde com franjas de veludo preto, e permanecia immovel no meu divan quando ouvi falar com vivacidade perto de mim. Escutei e ouvi a voz do desconhecido que me convidou, dizendo com ar triumphante:

— Vós o vereis, senhor, vós o vereis! Este homem é mais forte que pensais. Eu o julguei electrificado porque me fallou pelos cotovelos. Disse-me o numero de remedios que tem tomado na sua vida, e o nome de todos os povos onde tem comido frangos, mas em quanto ao grande segredo, não deixou escapar uma só palavra. Seguramente me adivinhou e não sei como se deixou surprehender com tanta facilidade.

— Veremos, veremos! — disse uma voz secca. Naquelle mesmo momento entrou uma pessoa para mim desconhecida com dois castiçoes cujas velas me allumiavam perfeitamente. Um homemsinho, magro, velho, empoado, mas sem rabicho entrou depois d aquelle. Estava em trago caseiro. Deduzi que se achava em sua casa e eu tambem...

Olhou para mim. Henrique 4.º tirando o chapeo para receber o conspirador, que tinha jurado assassina-lo, não foi sem duvida alguma mais heroico que aquelle velho, fazendo ao desconhecido um signal para soltar-me das ligaduras.

Sahi do meu supplicio; pareceu-me que respiravam ao minhas pernas e braços.

— Mr. Muller, — me disse o velho em francez mui correcto; nenhum máo designio temos premeditado contra vós. Dizei uma palavra e sereis livre.

— Direi quanto vós quizerdes.

— Pois bem, revelai-nos o famoso segredo e podeis dispôr neste momento de cem mil francos.

Fiquei assombrado de como podia ser portador d'um segredo que valia cem mil francos e me dispanha a inventar qualquer aventura, quando o velho me disse baixando a voz.

— Dizei-me onde está o menino?

— Que menino? perguntei com um tom tão natural, que o velho franziu o sobreolho, e o homem do rabicho murmurou com ar triumphante.

— Não vos disse que é impenetravel.

O velho lhe impoz silencio com o dedo.

— Nada tenho que acrescentar á minha pergunta, — disse o velho com voz imperiosa vós o sabeis perfeitamente. Pergunto-vos outra vez onde está o menino?

— Mas com os demonios, que menino? repliquei com um movimento de cholera.

O velho puchou d'uma pistola do seu chambre e engatilhou-a friamente, dizendo ao seu confidente.

— Não me tinheis dito que era perigoso.

Aquella pistola me fez estremecer; olhei em redor de mim assustado.

— Mr. Muller, escutai-me bem e comprehendei o que convem, — disse o velho. — Estais em nosso poder, e deveis estar seguro que não permittiremos jamais que uma fabula odiosa (porque haveis sido enganado), não permittiremos nunca, torno a repetir, que uma calumnia abominavel sirva de pretexto a alguns intrigantes para transtornar todo um Reino e minar um throno. Se tendes concebido esperanças com tão louca empresa, deveis renunciar a ellas. Não acontecerá já nada de quanto sonhasteis. Por tanto pelo vosso proprio interesse deveis fallar.... Onde está o menino?

O furor que me fez experimentar tão estúpida pergunta, me impediu sentir a gravidade da minha situação. Dei um salto no divan, e busquei com os olhos a qual dos dois poderia estrangular primeiro, quando a uma palavra dos meus raptos appareceram quatro lacaios, que me agarraram em meio minuto.

— Reflexionai bem, Mr. Muller — me disse o velho. — Amanhã me dareis informações' senhorbarão, — accrescentou dirigindo-se para o homemdo rabicho, entretanto seguir-se-ha o regimen ordenado.

O velho sahiu acariciando a sua pistola como se houvesse conseguido uma assignalada victoria, e o barão ordenou aos lacaios que me metessem na cova. Levaram-me a traves d'um cor-

redor sem fim. O meu furor já tinha decahido: eu chorava.

De prompto uma mulher esbelta, alta, loura, se deslisa por diante da minha vista, e me diz com voz commovida estas mysteriosas palavras:

— Valor e descripção, Muller!

— Nobre e excellente Catharina! — exclamou o conde de Montreuil interrompendo a narração do ex-enforcado. Que abnegação tão grande foi sempre a vossa!

Muller, dirigiu ao Conde um olhar cheio de suspeitas e de raiva. Pareceu comprehender com quem fallava, e a sua vista passou de Montreuil a uma faca que havia a curta distancia.

Comtudo, continuou immediatamente.

— Levaram-me a uma cova demasiado profunda e sem respiradouro. Tinha-se-me tirado até a esperança de fazer ouvir os meus lamentos na parte interior. Passei ali duas horas deitado sobre um banco. Então recordei aquella phrase de Schiller:

« Ha segredos tão terriveis que destroçam ao que os guarda no coração.

Provavelmente seria desta natureza o segredo que se me pedia, com a differença de que eu estava proximo a ser victima d'elle, porque não o sabia.

Segundo o meu costume, reflexionei profundamente sobre o partido que deveria tomar, e en-

tretanto passavam as horas sem que apparecessem nem pessoas, nem comida. Pensei que se me queria vencer pela fome.

Nenhuma luz illuminava as trevas em que se me tinha deixado. Nada ha mais horroroso que esse negro vacuo que parece opprimir os olhos e deixa-los ao mesmo tempo extraviar-se no infinito:

Estava completamente resolvido a dizer toda a verdade.

Emfim, pareciam-me que já tinha passado uma semana naquello sepulcro, quando se apresentou um individuo que ordenando-me que o seguisse me conduziu por intrincados rodeios á habitação em que tinha sido recebido a primeira vez.

O velho achava-se tambem no mesmo sitio. O relógio do salão marcava doze horas, e as velas estavam accesas. Soppuz que eram doze horas da noite, hora de todos os crimes.



CAPITULO. X.

Continuação da historia do suicida N.º 2.

— Sem embargo, — ponderou o ex-enforcado, — o pensamento d'um attentado contra a minha vida, que me tinha affligido ao principio, em razão da hora funebre das doze que acabava de dar o relógio do salão, se apagou bem depressa da imaginação ao ver uma mesa cheia de pratos e de garrafas cheias, ao parecer, de vinho de Burdeos.

Devorei a mesa com os olhos.

O velho pareceu gosar com ver-me; depois me disse apontando para a outra mesa.

— Isto ou aquillo.

Esta phrase laconica me foi explicada pela vista de outra mesa, sobre a qual havia um pão

negro e uma bilha d'agoa. Não tive nenhuma indecisão.

— Isto, — exclamei, — e direi toda a verdade.

— Assim o espero, — disse o velho, voltando-se para mim.

— Estou estenuado, — repliquei com voz amortecida e lançando uma vista para a mesa servida.

— Uma palavra basta, — disse friamente o meu interlocutor. — Onde está o menino?

— Porem eu não o sei ; não sou Muller ; estais equivoocado.

O velho levantou-se e fez um signal dirigindo-se para a porta. No mesmo instante levaram a mesa servida.

— Mas escutai-me, — exclamei.

Deteve-se.

— Vou dizer-vos a verdade ; eu chamo-me Maximo Roussignan. Uma noite...

Já tinha sahido.

Logo depois levaram-me com a bilha d'agoa e o pão negro.

A mesma apparição se me apresentou no corredor.

— « Bem, muito bem, — me disse, — eu vos comprehendo. »

Fui conduzido á cova e os guardas me deram meia hora para comer. Aproveitei a permis-

são, depois de cujo tempo fui preso como dantes e tornei para o meu banco.

Assim estive durante oito dias.

Sentia-me morrer e não via meio algum de salvar-me.

Emfim, ao oitavo dia fui conduzido de novo ao salão verde.

Ali estava presente o barão, o velho da cabelleira.

Esta vez se me deixou completamente solto. Não pude suster-me sobre as minhas pernas. Comecei a chorar. Uma especie de duvida pareceu tocar a obstinação fleumatica do feroz velho.

— Pois bem, — me disse, — fallai.

Obedeci; contei a minha historia circumstanciadamente com uma sinceridade e uma presença d'espírito que teriam podido illuminar os cegos. Mas em conclusão não obtive outra cousa senão estas palavras.

— Tendes razão, barão, — disse o amo, — este homem é prodigioso.

— Prodigioso ! — replicou o barão com tom grave.

Tinha fallado em vão. Senti apoderar-se o furor do meu coração; mas já não tinha forças: desmaiei. Quando tornei a mim, encontrei-me na cova, mas em uma cama. Uma alenterna illuminava o meu sepulcro.

O mais odioso de todos os supplicios é a impotencia. Julguei-me bem infeliz por não achar-

me morto; se houvera tido forças para matar-me, não teria vacillado; mas encontrava-me em tal prostração physica, que apenas me permittia voltar-me.

Naquelle mesma noite tornaram a ir buscar-me á minha prisão.

No mesmo sitio tornei a vêr a apparição branca.

— « Valor, — me disse, — haveis estado admiravel ! »

Os meus protectores criam sem duvida que eu era Muller. A verdade havia sido para elles uma ficção como para os meus raptores. Este pensamento foi rapido como o relampago, e a resolução que me inspirou não o foi menos. Aceitei o meu papel de Muller e respondi com voz fraca :

É possivel; mas se se me deixa morrer fallarei.

A nobre dama se deteve e me olhou com inquietação. Estava commovida. Ia a fallar, quando se deixou ouvir a voz desabrida do velho.

Meu marido !.. silencio ! — me disse ella fazendo-me um signal.

Desappareceu.

Repeliu-se a scena da vespera, mas mudou-se a scena.

Encontrei na minha prisão um bello fiambre, vinho de Burdeos e um pãosinho branco.

No meio do pão havia um bilhete com estas palavras:

— « Tende constancia e não receeis nada »

Este novo regimen me restabeleceu em oito dias, durante os quaes tive que soffrer todas as noites a mesma comparecencia e o mesmo interrogatorio.

Em fim, certa noite apresentou-se uma mulher na minha prisão e me fez signal de levantar-me.

Depois arrojou sobre a minha cama um trage de aldeã e desapareceu.

Passado pouco tempo tornou a entrar, tomou-me pela mão e me conduziu por outras covas e abobedas a uma porta exterior que me abriu.

Vi diante de mim o ceo e a liberdade. Ia a esquecer a minha libertadora, tão certo é que a ventura faz muitas vezes o homem ingrato! quando fui delido por um individuo emboçado em comprida capa que me disse, em quanto a senhora me punha uma bolça na mão:

— Agora, fazei por chegar a Hamburgo, e ás seis na pousada da Flôr d'Ouro. »

O cavalheiro entrou com a senhora na casa.

Mas se o velho empoado era o marido da senhora, segundo ella dizia, quem era então aquelle?

Eram doze horas da noite quando sahi daquella habitação. È isto quanto hei sabido até agora.

Mr. de Montreuil sorriu-se com uma fatuidade superior.

— Ah! ah! — exclamou Dabiron.

— Estava livre, — accrescentou o ex-enforcado Maximo, — mas não sabia onde estava.

O meu primeiro impulso foi afastar-me daquelle casa. Andei errante toda a noite. A bolça que se me tinha entregado continha cem luizes. Encontrei por fim uma carruagem para levar-me a Hamburgo.

Dirigi-me ao meu antigo alojamento. Os vinte mil francos que me ficavam mereciam bem esta visita por perigosa que fosse. O meu patrão me acolheu como se houvera sahido naquella mesma manhã.

Encontrei duas cartas dos meus jovens escolares, que assombrados com a minha ausencia me declararam que não me pagavam porque me descuidava das lições. Em quanto a mim também não me occupava d'isso.

Encontrei mais onze cartas da minha velha baroneza. Na primeira me dirigia as mais rudes reconvenções pela minha falta de assiduidade.

Na segunda mandava que voltasse.

Na terceira m'o supplicava.

Na quarta dizia-me que só sabia a grande arte de inspirar ternura.

N'outra me jurava que não podia passar sem mim; nas seguintes me confessava o seu amor, suas luctas e suas choleras.

Na decima me offerecia a sua fortuna e a sua mão.

Por fim na ultima me annunciava o seu suicidio.

— É feliz! — murmurei eu immediatamente. Eis-aqui o que obtive de mim aquella paixão sincera.

Arrangei as minhas contas sem occupar-me da velha baroneza nem da entrevista na hospedaria da Flôr d'Ouro. Dirigi-me para o porto, e ali procurei um navio que estivesse para sahir. Encontrei um paquete que se dirigia á Inglaterra. Fui para bordo e passadas poucas horas partimos. No momento que perdemos de vista a terra, comencei a cantar e a bailar com uma alegria como se estivera louco. O capitão me mandou chamar.

— Como vos chamais me perguntou elle.

O costume fez com que deixasse escapar inconsideradamente o nome de Muller, ainda que estava resolvido a despojar-me d'elle inteiramente.

Em quanto ao mais, alem desta enorme simplicidade, foi excellente a viagem e cheguei a Londres mui resolvido a occultar-me ali na mais profunda obscuridade.

Não havia oito dias que me tinha accommodado n'uma miseravel hospedaria junto á Cité, quando se me apresentou de repente o capitão do paquete. Estava em companhia d'um elegante de pernas compridas, de estirado corpo, e de pescoço, e braços tambem compridos.

As palavras « este é Muller », pronunciadas pelo capitão designando-me com o dedo, me pro-

varam que era objecto de novas pesquisas. Mas achavamo-nos na Inglaterra, paiz da liberdade individual. Alem disto, desde que me vi em liberdade tinha comido boas viandas, bebido excellente vinho e havia recobrado forças, isto é valor.

Queria saber a que ater-me. Marchei directamente para os dois individuos que me observavam com curiosidade, e lhe disse:

— É verdade, sou eu, capitão. Que que-reis vós, senhores?

— Ha oito dias que vos ando procurando, — disse o elegante que o acompanhava. — O conde de Montreuil me havia avizado de terdes partido sem compareceres no lugar indicado. O conde adivinhou as razões e encarregou-me de vos dizer, que não deveis perder um dia, e que é necessario pôr a cuberto o menino.

Se não estivesse no paiz em que o mais grave cavalheiro sabe dar o seu bom socco, teria dado um par de bengalladas naquelle estafermo vestido de fraque. A fama de que gosa a Gram-Bretanha neste genero nobre, moderou o meu ardor mas inspirou-me immediatamente um desig-nio desesperado.

— Não sei com quem trato neste momento — respondi ao cavalheiro. — Não posso nem de-vo partir antes de oito dias.

— Deveis saber, — me respondeu o inglez,

— que tendes na vossa mão a sorte d'um Throno e d'um Reino.

Não impunemente tinha eu ouvido duas vezes estas palavras de Throno e Reino. Conheci que me encontrava involvido em alguma conspiração politica, e adivinhei que possuia, sem saber, o segredo ameaçador de algum pretendente. Jurei entrar na intriga de que ao parecer era eu senhor.

Suppuz tambem que aquelles papeis remetidos com sobrescripto a Mr. Duplessis deviam conter o segredo que me fazia um homem tão importante, e me decidi a voltar á França e apoderar-me de tão precioso deposito.

Ao declarar ao inglez que me tinha levado o aviso de Mr. Montreuil, que não podia partir antes de oito dias, quiz apprazar a vigilancia dos meus cumplices, porque estava resolvido a sahir da Inglaterra naquelle mesmo dia. Entrei no meu quarto, fiz os meus preparativos e dirigi-me á margem do Tamiza.

D'ali partiam embarcações para todos os paizes do mundo. Uma dellas estava a sahir para Boulogne; dirigi-me ao capitão, ajustei a passagem e voltei para minha casa.

Não encontrei ninguem, nem fui observado nem visto por nenhuma pessoa, e tive-me por seguro de todo o risco.

Esperei a manhã seguinte com confiança e preparei-me para sahir da minha morada.

Um criado tinha tomado a minha equipagem em uma especie de carrinho de mão. Este criado fallava medianamente o francez,

Havia uma densa nevoa. Quando o meu guia se adiantava dez passos já eu o não via.

Em fim chegamos ao porto: o meu guia perguntou a um marinheiro que passeava no caes, onde estava *Casimir Perier*, mas elle não lhe deu resposta.

Naquelle instante chega um homem gordo, ao parecer commerciante. Pergunta tambem pelo *Casimir Perier*. Era um francez. Mais habituado que eu aos costumes inglezes poz um *schelling* na mão do marinheiro, o qual se offereceu a conduzi-lo. Aproveitei a occasião e o meu guia e eu seguimos o traficante francez que me referiu que tinha andado duas mil legoas em oito dias, visitado Manchester, Liverpool, Dublin, Edimburgo, e que levava naquelle navio uma carregação de vinho de Champagne, no valor de duzentos mil francos.

Aquelle cavalheiro me fez rir. Quem não teria acreditado nas suas commissões? Chegamos a uma ponte de taboas que conduzia ao navio.

Casimir Perier? disse o nosso homem.

— Aqui está.

— *Casimir Perier*? repeti eu tambem.

— Embarque.

Entrei.

A nevoa fazia-se cada vez mais espessa. Ha-

via encontrões, juramentos e algazarra. Entreguei a minha equipagem a um encarregado que fallava o francez puro normando.

Tudo, senhores, tudo devia tranquillizar-me.

Em fim chega o momento de partir. Começo a bailar de alegria, mas em mim mesmo, porque a experiencia me tinha feito prudente.

Passado algum tempo começou a levantar a nevoa, e apresentar-se o dia claro. Olho e não reconheço *Casimir Perier*; estava a bordo d'um navio russo *Paulo 1.º*

Procuro o viajante dos vinhos mas não posso encontra-lo.

Quero fallar ao capitão; mas dizem que não podia attender-me.

Então comecei a gritar, e fazendo os mais terriveis juramentos denunciava o facto a todos os passageiros.

Havia entre elles um chamado Mr. d'Ambreville que me escutou com certa amabilidade. Tomou a defensa da minha causa e declarou que, francez como eu, não soffreria que se me transportasse contra minha vontade. Fallou tão alto que fez com que se abrisse a porta da camara do capitão.

Que homem, senhores! Uma cara de homem honrado se acaso o foi alguma vez; louro, com a tez rosada, e fallando sempre atravez d'um sorriso.

Mr. d'Ambreville lhe expôz o erro de que

eu era victima. O capitão Latanoff o escutou sorrindo-se, e creio que se riu do facto.

— Está bem, tenho ouvido — disse o capitão quando concluia o meu intercessor, — tende a bondade de pedir os passaportes a esse cavalheiro.

Eu não conservava outros que os de Muller, e foi-me forçoso manifesta-lo. O capitão não os quiz vêr, mas pediu a Mr. d'Ambreville que os lesse.

— Vejo — disse este, que Mr. Marco Antonio Mauricio Muller nasceu em Strasburgo; que é francez.

— É verdade! mas tende a bondade de lêr este documento, — me disse Latanoff sempre sorrindo-se.

Ao mesmo tempo lhe entregou um impresso no alto do qual se viam aguias de duas cabeças.

— Agora observareis, sem duvida, acrescentou Latanoff sorrindo-se — que o chamado Marco Antonio Mauricio Muller ha solicitado e obtido cartas de naturalisação na Russia, e que por conseguinte ha perdido a sua qualidade de cidadão francez pela de subdito russo.

Este golpe me anniquillou; com tudo, tive força para ouvir aquelle infame capitão dizer impassivel e sorrindo-se:

— Eis-aqui, alem disso, uma ordem de captura obtida dos ministros inglezes pela nossa embaixada. Trata-se d'um crime que póde compro-

metter a fortuna d'uma grande casa, pela qual S. M. o Imperador se interessa vivamente. Acreditei-me cavalheiro, já que vindes á Russia a fazer brilhar os vossos conhecimentos, aconselho-vos como amigo que vos occupeis só dos vossos negocios sem vos embaraçardes com os dos mais.

O russo não cessou de sorrir-se em quanto durou este dialogo, e depois accrescentou virando-se para mim:

— Em quanto a vós Mr. Muller, desejo bem que termine a vossa viagem sem escandalo algum, como succedeu com a vossa prisão. Sinceramente o desejo apezar dos insultos que preferisteis contra a minha pessoa, e de vós depende conservar-me nestas intencões. Não negueis a vossa qualidade de russo e de pacifico, e sereis tratado como um fiel subdito que entra na sua patria de adopção.

— Isso nunca! — exclamei eu com furor.

Aquella vez Latanoff passou do sorriso á hilaridade.

— Nesse caso verme-hei obrigado a encerrar-vos no porão com cadeias aos pes. Se apezar disto ainda perturbares a ordem do navio com gritos de qualquer classe, farei que vos applicuem vinte e cinco planchadas de certo Knout que inventou um philantropico de Moscou, o qual mata ás vinte e sete.

Dito isto saudou-me com um gracioso sorriso; sahi e fui cahir sobre um rolo de cordas, onde devorei a minha afflicção o mais silenciosamente que pude.



CAPITULO. XI.

Continuação da historia do suicida n.º 2.

PORQUE não me arrojai ao mar naquelle momento? — continuou o supposto Muller. — Não teria soffrido assim todos os padecimentos que me estavam reservados na Russia.

— Sim, — disse Mr. Montreuil, — foi-me referido tudo isso; porem vós já tinheis partido quando eu cheguei.

— O que ainda ignoro é a vossa entrevista com...

Antes que Mr. Montreuil tivesse pronunciado o nome que devia acabar a sua phrase, Maximo Roussignan o interrompeu com violencia.

— Silencio, silencio, não falleis disso! Como vos atreveis a fallar da Russia sem a conhe-

cordes? A Russia! Deveria representar-se sob a forma d'um Argos com dez mil pares de olhos e cem mil ouvidos, tendo cada um um conducto acustico que chegasse a todas as capitaes e tocasse a todos os soberanos, ministros, deputados, pares, conselheiros, publicistas e empregados de todos os paizes que tem empregados, publicistas, ou homens politicos de qualquer especie que sejam. A Russia escuta e abre a todos as portas. Sabe tudo e não diz nada.

O ex-enforcado Muller, ou melhor Máximo Roussignan, lançou uma vista de terror, e acabou por dizer elevando a voz e fora de si.

— Mas, não! não! Se hei dito que me tinham envenenado na Russia, menti; se hei dito que se me havia administrado mais de trinta vezes o Knout philantropico, menti; se hei dito que ali não se respeita nem a liberdade nem as opiniões, nem a fortuna, menti; se disse que ali se condemna sem se julgar, menti; se disse que o Czar não estima os polacos, menti tambem, porque em fim, é o paiz mais livre.... mais generoso... mais.....

Roussignan foi interrompido á sua vez por uma gargalhada de Dabiron.

Esta hilaridade parecia exaltar ao mesmo tempo o terror e o resentimento do narrador. Cheio de raiva se apoderou da faca que pouco antes tinha divisado, e se arrojou sobre Dabiron dizendo-lhe:

— Ah! sois vós um agente russo encarregado de impedir que me inforque.

Montreuil deteve a Roussignan em quanto que Dabiron tranquillizando-se um pouco, lhe disse:

— Devagar cavalheiro. Devo morrer suicidado e não assassinado. Nisto está empenhada a minha honra. Pela minha parte não pretendo impedir-vos que vos pendureis de novo, e mesmo que vos enforqueis se vos agrada.

— Como se me agrada! replicou Roussignan exasperado. — Mas não posso fazer outra cousa! Imaginais acaso que depois do milagre em virtude do qual pude escapar do autoerata que concluiu por acreditar na minha estupidez, imaginais vós acaso, torno a repetir que hei achado em França o repouso que acompanha ao menos a miseria? Não, cavalheiro não.

Á falta de diplomaticos hamburguezes, á falta de cavalheiros inglezes e á falta da Russia apegada á sua presa, tenho achado no meu proprio paiz um espirito maligno e infatigavel para espiar sempre as minhas menores acções e os meus pensamentos mais insignificantes. Em toda a parte, a todas as horas o tenho encontrado. É a inquisição de Veneza, a policia austriaca; são os ouvidos e os olhos da Russia, reunidos e encarnados em um só homem, e este é o Conde de Montreuil.

— Em fim eis-nos ali,— disse Dabiron.

— Com tudo não, — disse Roussignan com tom amargo.

— Com os demonios ! — exclamou Montreuil, — não vos acobardasteis ? Vamos é preciso que nos digais tudo.

— A minha detenção na Russia durou cinco annos. Certo dia o meu carcereiro se embriagou comigo ; roubei-lhe a sua bolça com as chaves, ganhei a sentinella e me escapei. Para dizer melhor, o carcereiro fingiu que estava obrio, e que dormia, a sentinella fez que se deixava subornar, fingindo tambem deixar-me escapar. Digo isto, porque depois de achar-me fora dos muros e da fortaleza onde me consumi por espaço de cinco annos, me vi mais prisioneiro que nunca, encontrando uma multidão de espias que nunca me perdem de vista.

Tinha-me mettido em um navio carregado de pranchas de abeto entre as quaes se fingiu não ver-me. A indulgencia com que o patrão do navio desculpou a minha introdução fraudulenta a bordo, devera illuminar-me, mas estava embriagado com o ar que respirava e não pensava em nada mais que em França, onde julgava recobrar bem depressa o meu nome e posição.

Em fim, cheguei ao Havre. O capitão do navio que me tinha conduzido me imprestou cinquenta escudos. Não vi o laço. Aceitei.

Cheguei a Paris, e como tinha resolvido,

fui na manhã seguinte a casa de meu tio Rousignan.

Tinha morrido.

Prometti devolver-lhe em lagrimas bem provadas as inuteis que tinha derramado por minha morte; mas como estava mui depressa suspendi para outro dia tão piedoso dever.

Corri a casa de meu tio Simão.

Tinha hido unir-se com o seu inimigo Rousignan.

Este dobrado choque não foi bastante para enternecer-me. Conheci que meus tios não me tinham deixado nada, e que não tinham morrido, por assim dizer, mais que para arruinar-me e contrariar-me.

Restava-me uma ultima esperança. Informei-me de M.^{lle} Flora Simão e soube que se tinha casado, quinze dias depois do meu enterro. Eu contava com uma abominação; porem não de tal natureza.

Não quiz ir mendigar a compaixão e o apoio d'uma infiel. Comtudo era necessario viver. Ha em França um nobre estado aberto a todas as ambições medianas: este é o do litterato. Todo o empregado despedido d'uma casa por inepto, todo o caixeiro posto fóra por falta de probidade, toda a pessoa incapaz de repetir a certos esche-lares a *musa musae*, todo o estudante reprovado nos seus exames, todo o amanuense de tabellião ou advogado que não sabe bastante orthographia,

todo o inspector de calçadas que padece rheumatismos, em fim, todo o individuo incapaz de fazer qualquer cousa que seja, tem a pretensão de querer fazer-se litterato.

Eu tinha tantos direitos para intenta-lo como todas as falças vocações desta especie, por que carecia de todos elles. Por outro lado não é extranhavel que um individuo se arroje nas mais arriscadas emprezas quando pensa em enforçar-se. Fiz-me pois litterato por minha authoridade privada, e como queria estar conforme com a moda pela minha originalidade, me apressei a imitar uma obra que tinha obtido um grande exito: resolvi-me a escrever as minhas impressões de viagem. Hamburgo me proporcionou oito paginas. Acerca da Inglaterra custou-me muito trabalho para escrever pagina e meia da minha permanencia naquelle paiz, e em quanto á Russia só sabia dizer que fui transportado a bordo d'um navio russo chamado *Alcyon*, cujo capitão se chamava Latanoff, e que nas margens do Neva existe uma fortaleza que tem uma prisão na qual ha um quarto de onze pés quadrados com uma forte porta. Que todo este vasto imperio que tem metade da Europa e no qual residi quatro annos, se reduz para mim a quatro paredes, uma porta, uma janella com grossa grade de ferro e um Knout. Outro houvera formado dez volumes com estes indicios; mas eu não apurei mais que cinco linhas. Renunciei ás minhas im-

pressões de viagem, e decidi-me a queima-las. Procurei-as com este fim sobre a mesa em que as tinha deixado.

— Tinham-mas roubado!

Adivinhei a mão da Russia naquella primeira subtração e encerrei-me na minha casa prohibindo á minha porteira que deixasse entrar ninguem. Não sahi mais que de noite. Mas desgraçadamente Paris é uma cidade mui bem illuminada: ha gaz em todas as ruas e em todas as lojas. Em uma noite que tinha sahido um pouco mais cedo, ainda não tinha dado dez passos quando fui reconhecido e ouvi uma voz que me disse:

— Sou Montreuil, segui-me.

O individuo passou para diante de mim; aproveitei a occasião e voltei para traz e tomei outra rua. Apenas entrei nella ouvi outra voz que me disse:

— Cuidado com Montreuil; é um tratante que vos quer perder.

Parei, o individuo passou e eu seatei-me em um poial de esquina.

Não sei que frezei se apoderou de mim. Não obstante ter renunciado ver minha prima Fleuriot, tinha-me informado d'onde morava, e resolvi-me ir a sua casa. Eram déz horas da noite quando cheguei defronte d'um soberbo palacio; subi ao pavimento superior; chamo fortemente

por Madama Fleuriot e appresenta-se-me um criado trajando com o maior luxo e esmero.

— Vou informar-me se S. Ex.^a póde fallar-vos, — me disse o criado com o maior desdem.

O fino panno de sua libré, a seda das suas meias eram despojos da herança de meus tios. Isto me partiu o coração.

O criado voltou e perguntou-me o meu nome. Reflexionei que o de Muller não inclinaria a Madama Fleuriot a receber-me, e que o de Maximo Roussignan a assustaria.

— Dizei a Madama Fleuriot que é um dos seus primos que não a vê ha quinze annos — respondi ao criado.

Este fez um signal a um dos seus companheiros como indicando que me vigiassem, em quanto esperava na antesala. Era um caçador vestido de fraque todo orlado de galões de prata e botas á Souvarow: Participava tambem da minha herança.

O criado tornou a entrar.

— S. Ex.^a não teve mais primos, — me disse, — que um imbecil que se suicidou haverá uns cinco annos.

— Ah! Flora, Flora! — exclamei eu soluçando. O criado e o caçador me agarraram pelos braços e me empurraram para a rua.

Parti para a minha casa chorando.

A porteira entregou-me a carta d'um cavalheiro que me tinha esperado duas horas.

Li esta carta: tinha o nome de Mr. de Montreuil. Pensei um pouco na minha situação e no meu estado de finanças: os cincoenta escudos tinham-se reduzido a trinta francos. Escrevi a Flora uma carta com a mesma mão que ella tinha estreitado em outro tempo, com a mesma letra que ella tinha cuberto de beijos e com o mesmo estylo que lhe tinha feito palpitar o coração; e assignei Maximo Roussignan.

Esperiei oito dias: não recebi resposta; mas todas as manhãs me encontrava com um bilhetinho que continha estas palavras: « O conde de Montreuil espera esta noite a Mr. Muller na praça da Bastilha ou no Campo de Marte. »

Umás vezes me supplicava o miseravel, outras me ameaçava. Não me atrevi a comparecer no logar indicado.

Pensei em queixar-me á policia, mas era preciso dizer o meu nome e eu não o tinha. Tinha destruido todas as provas de Muller e não podia encontrar nenhuma para tornar a ser Roussignan.

Neste penoso labyrintho fui n'um dia acommettido d'uma vertigem horrorosa: via em redor de mim com a força do meu pesadelo a gente de Hamburgo com as suas riçadas cabelleiras, a Lantanoff, a Nouzyek, calabouços, Knouts, e depois a meus tios defuntos, a minha prima e a uma grande sombra que se chamava Montreuil. Eu

mesmo dançava aquelle baile infernal sob a figura d'um enforcado.

A vespera desse dia nefasto, que era hon-tem soube que Mr. Fleuriot, banqueiro, dava um grande baile, e recebi um bilhete que dizia assim :

«Se não vos apresentardes esta noite ás oito horas no campo de Marte, pagareis a desobediencia com a vida » *Conde de Montreuil.* »

Eu conheci que me tornava louco. Vesti-me e sahi. Não tinha preparado nada, nem resolvido o mais mínimo; mas achei uma corda na algibeira. Não ia a suicidar-me, mas via-me arrasado e impellido ao suicidio, e a allucinação de que vos fallei, se convertia em mim n'um desejo verdadeiro de enforçar-me. Era por morrer? Não posso dize-lo, mas eu mesmo me via enforcado e era preciso por tanto que me enforcasse.

Em fim, esta noite ás oito horas saí da minha casa e sem querer chego machinalmente á porta de Mr. Fleuriot. Subo; acho tudo aberto. Os armadores estavam ainda arranjando varios apauhados de soberbos cortinados e os criados acendendo lindos lustres e ricos candelabros.... Passo, entro, atravesso a antesala, o primeiro e segundo salão, impurro uma porta e me encontro frente a frente com quem?... com Flora lendo.

Ah! que formosa estava com o seu traje branco e enfeites côr de resa; singella como uma grande senhora e radiante qual uma mulher amada.

Cahi de joelhos diante della.

— Que é isto? — disse retrocedendo com terror.

— Flora, — lhe disse com lagrimas nos olhos, — não me reconheces? Sou Augusto Roussignan.

Lançou um segundo grito e quiz chamar; mas detive-a pelo seu vestido.

— Flora, Flora — lhe disse com voz que tivera enternecido a um rochedo, — não venho a pedir-vos nada; nem o amor que me juraste; nem a herança de meu tio, nem ainda esmola por mais que não tenha que comer. Venho a pedir-vos somente que me reconheçais, que digais e attesteis que sou Maximo Roussignan. Não quero ser já Muller, não quero se-lo jamais!.. Tende compaixão de mim!

Flora olhava-me com tanto terror como surpresa, e talvez que me tivera estendido uma mão protectora, quando de repente vi transpôr o limiar da porta, a quem? o meu inglez, ainda mais alto que a primeira vez, o qual parou um pouco e levantando os seus compridos braços, exclamou com tom alterado:

— Que é isto?

— Arthur, Arthur, gritou Madama Fleuriot arrojando-se em seus braços; — salva-me deste miseravel! sem duvida é algum louco que se introduziu não sei como.

— Flora! — exclamei, — sou Augusto Roussignan teu primo, a quem has amado e has dito...

— Ah! que horror! exclamou Flora.

— Não te assustes Flora, — gritou o inglez, — este é o miseravel Muller! Fôra d'aqui velhaco, accrescentou levantando a sua bengalla sobre mim, — és um infame vendido ao ouro da Russia!

Ah! senhores, não havia motivo para chegar a commetter um assassinio, um suicidio ou tornar-me louco? Pois bem, resisti ainda e recordei a Flora as nossas entrevistas de traz dos fornilhos de seu pai.

Então o inglez chamou os seus criados e lhes ordenou que me arrastassem para fóra do palacio.

Julgareis vós talvez que depois de tudo isto succumbi! Não senhores; dei o ultimo passo que me restava; quiz vêr a esse Montreuil que me perseguia já com rogos, já com ameaças.

Corri ao Campo de Marte, mas o infame não compareceu.

Então me appareceram de novo as phantasmas de que vos hei fallado. Hei visto outra vez o tio Roussignan, o tio Simão, o Knout e o Nouzyeck, e a Latanoff á baroneza allemã e ao verdadeiro Muller. Tudo isto dominado pelo corpo d'um inforeado que era eu. Conheci a lei do destino; obedeci, condemnei-me e por esta razão faço agora uso da corda.

— Muito bem! — exclamou Dabiron. — Agora senhor Conde de Montreuil pertence-vos contar a vossa historia.

— O conde de Montreuil! exclamou Roussignan.

— Certamente, — disse aquelle repellindo Maximo que se tinha arrojado sobre elle. — Pois eu, senhores, queria fazer saltar a tampa dos miolos, por que no momento de ir ao Campo de Marte recebi um bilhete desse mesmo Arthur de Lendray dizendo-me: « Vi esta noite a Muller; não admitte duvida a sua loucura e nada pode esperar-se d'elle »

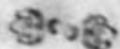
Diabo! — exclamou Muller, — querieis suicidar-vos porque eu estava louco? Mas agora que sabeis que não o estou....

— Agora, — exclamou Montreuil com enthusiasmo, — agora quero viver, e vós vivereis tambem.

Dabiron encolheu os hombros; Muller meneou a cabeça.

— Escutai-me, — disse Muller inclinando-se mysteriosamente para os seus ouvintes, — e não deixeis perder uma palavra do que vou dizer-vos.

E Montreuil começou a sua narração nestes termos, ou para melhor dizer a historia do suicida n.º 3.



SEGUNDA PARTE.

CAPITULO. I.

Historia de suicida n.º 3.

ANTES de referir aos nossos leitores a narração de Mr. de Montreuil, julgamos necessario fazer algumas advertencias sobre o objecto. O facto que vai lêr-se por incrível e extravagante que pareça, tem um fundo de verdade historica sobre a qual não nos é permittido dar explicações. Se a sua revelação excita o assombro dos nossos leitores por causa da extranheza do successo, despertará sem duvida alguma, uma viva surpresa entre os altos personagens, que tem sido os confidentes ou cúmplices e que o criam sepultado no mysterio, onde ha permanecido por espaço de cincoenta annos.

Como não se provam semelhantes factos, facilmente se comprehenderá a razão porque temos evitado os nomes proprios; porem como as verdadeiras personagens occupavam posições que os designariam mui facilmente, foi preciso inventar nomes a estas posições.

Não se admirem, pois, os geografos se ouvirem fallar nesta narração d'um grão ducado e d'uma capital que não se acham em nenhuma carta; não se persuadam por isso os homens politicos que somos revolucionarios servis se creamos um soberano que não se encontra no almanak de Gotta; porem esperamos dos criticos especialmente, se se occuparem deste livro, que não abram os seus labios desdenhosos dizendo: Invenção de melodrama! Seriam injustos, podemos affirma-lo sob palavra de honra e até lhes daríamos os signaes de certos principes soberanos que apoiariam nossa veracidade, se quizessem.

Agora, eis-aqui a narração de Mr. de Montreuil.

— Em 1792 Mr. de Montreuil, meu pai, estava desterrado, — disse á sua vez o terceiro suicida. — Havia emigrado por causa do conde Artois; mas tendo conhecido que nada podia fazer com principes tão orgulhosos do seu sangue, com uma nobreza cega e alliados nada seguros ou perfidos, foi buscar ao Norte a unica testa coroadada, na qual reconheceu uma intelligencia soberana. Tinha pedido hospitalidade a Catharina II.

A grande Imperatriz era já anciã, porem a idade não tinha extinguido nenhuma das suas qualidades, nenhum dos seus vicios; todas as luzes que tinham illuminado ou extraviado aquella alma prodigiosa, brilhavam nella ainda. Catharina voltava sempre as suas vistas avidas para o lado de Constantinopla. Preparava com as suas mãos sanguinolentas a ultima divisão da Polonia. Já se realisou uma destas ambições hereditarias da Russia; e succederá o mesmo com a outra? A Russia tem o genio dos povos que invadem antes que conquistem e que conservam o que tomaram por que o colhem com oportunidade. A Russia possui a obstinação e paciencia. Perseverante sempre sabe esperar. Catharina, dizia, havia guardado as suas ambições porem havia guardado tambem esses caprichos desenfreados que faziam da juventude e da belleza um titulo para certas preferencias em que Catharina não se conduzia muito bem como mulher.

Meu pai era joven e formoso. Quiz provar fortuna. Não ha mulher sentada no throno que não seja bella. Catharina notou as vistas de meu pai. Era mulher que em nada se deixava avantar; nem em politica, nem em amor: queria dominar tudo. Se Mr. de Montreuil houvera sido russo, te-lo-hia enviado á Siberia para ensinar-lhe a maneira mais submissa com que era preciso fallar-lhe ao respeito. Mas como naquella epocha estava inclinada aos francezes, contentou-se com vin-

gar-se delle fazendo-o seu amigo e seu confidente.

A grande Catharina cria na sinceridade das caricias cujo sacrificio ella ordenava como o dos seus generaes. Deixou-se persuadir que as tristezas de Mr. de Montreuil eram o resultado d'uma verdadeira desesperação e que proseguia morrendo de amor e de esperança por ella. Esta convicção o fez realçar extraordinariamente a seus olhos e a abnegação muda que occultava os tormentos d'uma paixão despresada, foi para ella um passatempo agradável, a par que um calculo habil pelo que mais adiante vou a referir. Por aquella epocha achava-se em São Petersburgo certo principe, Leopoldo de Vardemburgo, conhecido sob o nome de Conde de Zanau. Este principe era filho segundo do irmão segundo do grão duque de Wardemburgo e se tinha separado do throno pelos muitos obstaculos que o impediam chegar a elle.

Com effeito, na falta deste filho já casado houvera recahido a coròea grão-ducal no irmão do duque reinante, isto é, no pai de Leopoldo; mas verificada tal hypothese, ficava ainda entre o Conde de Zanau e o throno seu proprio irmão primogenito Maximiliano de Wardemburgo, igualmente casado e pai de dois filhos varões. O Conde de Zanau viu-se reduzido depois de muito tempo ao miseravel papel de principe de sangue n'uma còrte pequena cujos costumes tinham muito dos que

adornam a classe media, ainda que o grão-ducado de Wardemburgo tivesse perto de quatro milhões de habitantes. Compreendeu que ainda na carreira militar não podia ser nunca senão o general d'um contingente demasiado pequeno, ao lado dos numerosos exercitos que levantavam então a Prussia, a Austria e a Russia. Preferiu provar fortuna servindo a Potencia que lhe pareceu chegaria bem depressa a dominar as outras. Pediu e obteve um posto no exercito de Catharina. A Imperatriz se eria ditosa por contar descendentes de Soberanos estrangeiros entre os seus generaes, como tinha entre os seus subditos, e algumas vezes entre os seus escravos, a netos dos antigos Soberanos das provincias russas.

Antes de apresentar-se em São Petersburgo o Conde de Zanaú, quiz provar á Imperatriz que não tinha concedido nada ao nascimento. Fez uma campanha sobre as fronteiras da Persia, então insureccionada, portando-se nella como um intrepido soldado e habil general. Mereceu em diversos combates os applausos de todo o exercito pelo seu arrojado valor, e tendo recebido o encargo de cubrir precipitadamente uma retirada, grangeou o apreço e a approvação do mesmo Souvarow pela audacia, serenidade e rapidez das suas manobras.

Catharina o mandou chamar a São Petersburgo onde foi acompanhado de sua esposa. Era esta uma Landwich descendente de tal familia

que toca pelas suas alianças a todos os Thronos germanos ou slavos. Carolina de Landwick que tinha uma irmã rainha, tinha preferido o Conde de Zanau, major general russo, sobre todos os pretendentes soberanos que lhe attrahiram a sua belleza e o seu elevado talento. Era a estatura, a graça e a physionomia radiante de Apolo, com a calma, a melancolia e a resignação d'um apóstolo. Chamou a attenção na Còrte não só pela sua formosura como pela severidade dos seus principios. Imaginais vós o que podia ser um homem armado do pudico rigor d'um calvinismo severo, cabindo no meio daquella Còrte esceptica e relaxada que se alimentava com as chocarrices de Voltaire, e que a soberana se havia iniciado nas galantes espanções de Diderot, com quem estivera em correspondencia intima.

Apenas se apresentou Leopoldo diante de Catharina sentiu para com elle uma paixão que tinha toda a impetuosidade, toda a exigencia do poder mais absoluto. Mas o galanteio da Imperatriz se malogrou na calma glacial do Conde de Zanau. Catharina conheceu que tinha com Leopoldo dois rivaes temiveis; a belleza da Condessa de Zanau e a religião austera do Conde. Não é necessario ser Imperatriz nem chamar-se Catharina II. para desejar uma cousa com maior ardor á medida que se augmentam os obstaculos. Toda a mulher o sente assim; mas nem todas teriam arrogado a si o direito de impôr a um na-

morado desprezado, como meu pai, a tarefa de informar a um rival sobre o ascendente que a sua pessoa exercia.

Ao ouvir esta phrase da narração de Montreuil, Dabiron e Roussignan trocaram um sorriso desprezador e equivoco. Era uma maneira de expressar a opinião que formavam da missão confiada a Mr. Montreuil, pai. Mas o narrador, tendo advertido o sorriso, não quiz deixa-lo passar impune.

— Oh! oh! senhores, — disse ironicamente elle, — parecia-me que conservarieis ao menos o espirito da vossa posição. Confesso que encontro mui natural que os homens honrados julguem o vicio com severidade; mas irrita-me profundamente que homens como vós dos quaes um é um velhaco de primeira ordem, e outro um ladrão refinado, tomem esse aspecto de pudor...

Roussignan e Dabiron quizeram responder.

— Senhores, lhes disse resolutamente Mr. de Montreuil, — já ha bastante tempo que é dia. Não tenho mais que fazer um signal para que seja invadido este salão, e vós sejais ambos presos antes de executardes os projectos de suicidio. Escutai-me, pois, com paciencia e abs-tende-vos, sobre tudo, desses gestos indignos que não se dirigem aqui a nenhuma pessoa, Em quanto ao mais, — acrescentou, — o que

acabo de vos dizer não encerra nenhuma mancha na conducta de meu pai. Não imagineis que Mr. de Montreuil aceitou este papel. Desempenhou-o sem o suspeitar. Catharina, que manejava igualmente bem as combinações da politica imperial, e os pequenos ardis d'uma intriga de amor; Catharina teve o descaramento de queixar-se a meu pai que o conde de Zanau a fatigava com as suas vistas e suspiros. Disse-lhe tambem que ficaria satisfeita do zelo de qualquer dos seus servidores que advertisse o Conde de Zanau e inutilidade e inconveniencia dos seus suspiros.

Meu pai cahiu no erro de acredita-la, e foi tão longe a sua credulidade que tomou precauções contra a Imperatriz mesma.

Fez-lhe observar que o Conde de Zanau era de tão alta nobreza que não admittiria as observações de ninguem, e accrescentou que no caso de que encontrasse um acolhimento desdenhoso por parte do conde de Zanau não esperaria que mediasse ninguem na questão. A Imperatriz obrou como mulher: não respondeu directamente. Ouvia que tudo se passava em sentido amigavel e não quiz prever o caso d'um rompimento. Depois disto appellou de novo ao capitulo do reconhecimento para a pessoa que a libertasse da perseguição de Mr. de Zenau. Soube-o fazer tão bem que alguns dias depois, Mr. de Montreuil nos salões mesmos do palacio imperial disse ao ouvi-

do a Mr. de Zanau, quando se accumulava de elogios por sua campanha da Persia.

— Na verdade senhor Conde que fostes bem feliz, mas acontece que estamos n'um paiz, em que os triumphos do campo não abrem as portas secretas dos palacios.

O conde ao ouvir estas palavras extremeceu, voltou-se e lançou sobre meu pai uma vista em que brilhava a cholera e a anxiedade. Não respondeu. Mas passados alguns instantes, soube desfazer-se com habilidade da multidão de cortezãos officiosos que o rodeavam, e ficou só com Mr. de Montreuil.

— As palavras que acabais de pronunciar, — lhe disse, — tem um sentido que creio comprehender, e um objecto que não comprehendo de todo. — Desejaria que se me inteirasse sobre o particular.

— Eis-aqui o meu pensamento e o meu objecto em termos mui formaes, — lhe respondeu meu pai. — Vós sois joven e debulais n'uma cõrte onde os mais poderosos se acham sempre á borda d'um precipicio e onde os mais expertos se enganam a cada minuto do dia. Vistes a Catharina e ficastes deslumbrado do brilho da sua gloria e do seu poder. Confiado na fama que lhe hão grangeado as suas victimas acreditastes que a vossa admiração seria acolhida com reconhecimento, e em virtude d'esse extravio facil de comprehender na vossa idade, esperastes que este reconhe-

cimento se mudasse promptamente em amor.

— Não me tinha enganado no sentido das vossas palavras, — respondeu friamente Mr. de Zanau. — Mas com que fim m'io dizeis vós, Mr. de Montreuil?

— Com o fim de advertir-vos que seria imprudente perseverar nessa esperança.

— Bem, — exclamou Mr. de Zanau que tinha recobrado toda a sua impassibilidade. — E a respeito de quem seria eu imprudente?

— A respeito da Imperatriz a quem póde desagravar essa conducta.

— Foi ella quem vos encarregou que m'io dissesseis, ou é somente um aviso vosso?

— É de mim somente, — respondeu meu pai que se irritava do sangue frio imperturbavel de Mr. de Zanau.

— Nesse caso porque vos intrometteis naquillo que vos não importa?

Meu pai que a si mesmo tinha promettido guardar tranquillidade, se conteve e respondeu:

— É um bom conselho que vos quiz dar.

— Mas devo advertir-vos que não vo-lo pedi.

— Escas palavras são offensivas, cavalheiro, — exclamou meu pai com altivez.

— E para que vos expozesteis a ellas?

— Ah! respondeu meu pai que julgou uma queixa muito mais que uma explicação: — Con-

de de Zanau haveis de dar-me uma satisfação d'essas maneiras incivis.

— Esqueceis-vos acaso que sou Principe de Wardemburgo ?

— A bom tempo vos recordais disso.

— Tendes rasão; não pôde achar-se melhor occasião que a que impede cahir em ridiculo.

Meu pai não pôde soffrer mais.

— Se é ridiculo bater-vos comigo, senhor Principe, — lhe disse meu pai com voz energica, — eu vos collocarei nesse caso.

— Não o creio, — lhe disse o Principe voltando-se.

Esta conversação foi observada e commentada por alguns instantes. No momento em que meu pai, exasperado por este ultimo insulto, ia commetter alguma violencia, viu-se rodeado de vistas curiosas. Não teria feito caso de nenhuma dellas se de prompto não tivesse divisado a Catharina que o observava com uma ansiedade visivel. Mr. de Montreuil ficou immovel. Alguns instantes depois se internou pelas habitações particulares onde, passados poucos momentos, correu tambem Catharina. Toda a violencia da sua paixão estalou na rapidez e no grande numero das suaz perguntas. Então conheceu Mr. de Montreuil o papel que se lhe tinha feito representar, e a cholera que experimentou lhe inspirou a ideia mais necia do mundo. O torpe quiz

vingar-se, mas fez como o vespão e morreu da picada que deu na Imperatriz.

— Dispensai-me, senhora, — exclamou com embaraço mui bem fingido, — que refira a V. M. uma conversação que me deixou summamente commovido.

— Com effeito — disse Catharina, — estaveis pallido e receio que soffresses alguma violencia. Que aconteceu?

— Nada que possa interessar a V. M.

— Fosteis insultado?

— Não, senhora, — respondeu surpreendido meu pai.

— Pois quem? gritou a Imperatriz com aquelle olhar e aquella voz que faziam tremer os mais valentes.

Mas meu pai não era russo. Baixou os olhos e guardou silencio sem se inquietar por aquelle furor.

— Sou eu acaso? replicou Catharina. O silencio serviu de resposta affirmativa a meu pai.

— Quero saber tudo, — disse Catharina exasperada.

Então; depois d'uma multidão de suspiros, de exclamações incoherentes que revelavam aquella situação embaraçosa, disse Mr. de Montreuil:

— Senhora, cada um joga com o seu espirito e com o seu coração. O senhor conde de Zanau pareceu-me demasiado insolente, e não

obstante será absolvido pela indulgencia soberana de V. M. porque é mui superior aos sentimentos que inspira

— Há confessado o seu amor? Vangloriou-se disso?

— Senhora, — respondeu meu pai, — o senhor Conde de Zanau sente por V. M. a mais alta admiração; não ha segundo elle, nenhuma gloria igual á vossa, nenhuma sabedoria nem genio superior. Colloca a V. M. acima de todos os conquistadores e grandes legisladores. Catharina II. é o homem mais grande que tem o mundo.

Meu pai deteve-se depois de ter accentuado todas as syllabas das palavras « homem grande. »

— E depois? — murmurou a Imperatriz.

Meu pai guardou silencio.

— E depois? — repetiu Catharina com energia.

— Hei dito tudo, — disse meu pai.

Assim pois a mulher não existia para Mr. Zanau. Catharina teve um momento de loucura; deu duas ou tres voltas pela sua camara como uma leoa que desafoga a sua furia em uma gaiola de ferro, e depois parou ficando mais d'un quarto de hora sem pronunciar palavra. Tinha esquecido tão completamente a meu pai, que chamou a uma das suas camareiras e não advertiu a presença de meu pai senão quando entrou.

A Imperatriz mostrou a porta a meu pai

com um gesto imperioso. Retirou-se. Passaram-se dois dias sem que ninguém podesse ver Catharina.

Meu pai empregou-os em enviar a casa do Conde de Zanau dois dos seus amigos que apesar de todas as suas instancias não poderam obter d'elle outra resposta que esta:

— Dizei a Mr. de Montreuil que me alegrarei muito em bater-me com elle, sob a unica condição de que refira exactamente no palacio imperial o que mediou entre nós. Meu pai negou-se, com obstinação, a admittir tal proposta. O Conde de Zanau pelo seu lado, não admittia nenhuma outra condição, e as testemunhas iam a convencer a meu pai, quando se decidiu a dizer tudo.

A entrevista devia verificar-se em casa do principe Dalbouki.

Apenas se tinham reunido os dois adversarios e seus padrinhos, levantou-se o Conde de Zanau e disse:

— Agora dou a minha palavra de honra a Mr. de Montreuil de bater-me com elle, se estes senhores o consideram offendido e se não julgam inutil a reparação.

Os amigos de meu pai não tinham nada que dizer; os de Mr. de Zanau estavam no mesmo caso. Havia uma especie de preocupação synistra que pesava sobre elles. Meu pai advertiu, mas não adivinhou o laço. Durante os

dois dias que durou a negociação, trouxe á sua memoria aquella conversação, phrase por phrase e palavra por palavra.

— Aceito com reconhecimento, — disse — a promessa do Principe de Wardemburgo, e agora só tenho a regar-lhe que me rectifique as expressões que na minha narração poderam não lhe parecer perfeitamente conformes com a verdade.

O conde de Zanau fez um signal de assentimento e o principe de Dalbouki respondeu.

— Eu estava presente quando vós disseteis a S. A. « Estamos n'um paiz onde os triumphos do campo de batalha não abrem as portas secretas dos palacios. » Que se passou depois?

Meu pai começou a sua narração e repetiu com uma exactidão admiravel as palavras trocadas entre elle e o senhor Conde de Zanau. Assim que terminou, um dos francezes que lhe serviam de testemunha, Mr. de Calentras, que vive ainda, quiz tomar a palavra com o objecto de dizer que não havia nisto motivo para um duello, mas Mr. de Zanau o interrompeu dizendo-lhe:

— É demasiado tarde. O senhor Conde de Montreuil queria um duello; para o obter misturou nas nossas explicações um nome que não deve ser pronunciado senão como o da Divin-

dade com adoração e respeito ; agora que lhe concedi a honra d'uma lucta, o olharei como o ultimo dos homens se a recusa ou a esquivava.

— Já ! cavalheiro ! já !

— Muito bem, — lhe disse o Conde de Zanau, mas é necessario um pretexto publico para todo o combate.

Dentro d'uma hora eu passearei em trenó pelo Neva. Deixo a Mr. de Montreuil o inventar tal impertinencia que merece uma lição: neste genero é mui habil. Eu me enfadarei; sahiremos do Neva, e passados dez minutos poderemos achar-nos de traz do quartel dos cossacos da guarda imperial. Estes senhores me acompanharão e levarei no meu trenó armas á eleição de Mr. de Montreuil.

A reunião dissolveu-se immediatamente, e Mr. de Calentras, que estava mui inteirado nas intrigas da Imperatriz, perguntou a meu pai o que significava aquella desavença e qual era o motivo, o ponto de partida.

— Tudo isto significa — respondeu, — que Catharina me tem feito representar um papel de comedia; mas em nome de todos os demonios heide infiar ao seu formoso allemão. Vamos a preparar-nos.

Á hora convencionada, conduzindo meu pai mesmo um trenó, chegou ao Neva. Já es-

tava ali o conde de Zanau. Os dois adversarios partiram logo seguindo a mesma direcção, e meu pai fustigando os seus cavallos alcançou o trenó do conde, e ainda que houvesse bastante espasso para a carreira, meu pai cortou aquella que levava Mr. de Zanau que este soffreu algum incommodo.

O principe mostrou-se enfadado e meu pai correspondeu á advertencia com algumas palavras insolentes, e antes que ninguem houvesse comprehendido a causa de semelhante violencia, fugiam os dois trenós com rapidez e os adversarios chegavam ao logar assignalado para o combate. Mas assim que se apearam, appresentaram-se dois officiaes da guarda e detiveram os dois em nome do Principe governador.

— Ah! senhor Conde de Zanau, — disse meu pai. — Vejo bem que sabeis escolher o logar para os duelos e fazer os preparativos ás mil maravilhas.

— Como! — exclamou Muller interrompendo a Mr. de Montreuil, foi o Conde de Zanau, quem preparou semelhante baixeza?

— Eu refiro o que sei, — disse Montreuil, — mais tarde vereis o que se deve pensar deste acontecimento.

Com tudo, Mr. de Zanau se mostrou horriavelmente mortificado por aquelle insideute.

O official dos guardas que se tinha encarregado de meu pai o fez subir a uma carruagem. Uma hora depois se achava no caminho de Cronstadt.



CAPITULO. II.

Continuação da historia do suicida N.º 3.

Meu pai, — continuou Mr. de Montreuil; — estava, havia oito dias, encerrado na fortaleza de Cronstadt quando foi busca-lo o governador, e o conduziu á sua habitação.

— Esperai aqui, — lhe disse, — uma illustre personagem breve vem fallar-vos.

Deixam-no só. Um momento depois apresentou-se a Imperatriz. Tinha impresso nas suas feições todos os signaes da febre e da insomnia.

— Por que me enganaste, Montreuil? disse ella logo ao entrar.

— Eu, senhora!..

— Oh! disse vivamente. — Sei tudo; estava escondida em casa de Dalbouki no momento da tua explicação com o Conde.

— Esabia-o o conde de Zanau? disse Montreuil.

— Se Dalbouki lh'o tivesse dito, me teria atraídoado.... não o creio.... Mas que importa que o soubesse ou não? Ambos estavam bem vigiados para que eu deixasse de saber o que se passava.

— Perdão, senhora, — disse meu pai, — mas quem ha podido suggerir a V. M. a ideia de assistir a essa entrevista donde seguramente devia sahir a justificação de Mr. de Montreuil?

— Dalbouki; foi a elle que encarreguei que levasse a demissão a Mr. de Zanau de general dos meus exercitos, e a ordem de sahir immediatamente do Imperio. Dalbouki tomou a sua defesa; jurou pela sua honra que o conde de Zanau era incapaz de ter-me insultado; á força de instancias obtive de mim o nome do que accusava o Conde de Zanau, e offereceu-se a provar que me tinhas enganado. Então propoz-me que fosse eu mesma testemunha da entrevista em que fallarias tu só. Via-me tão desgraçada que aceitei, e agora tenho que lamentar-me mais que dantes.

— Como! senhora, — disse meu pai admirado por cada palavra que pronunciava; — ter-se-ia mostrado o Principe indigno do seu perdão?

— Oh! Montreuil, — exclamou a Imperatriz com delirio. — Isto é para uma pessoa tornar-se louca!

Guardou silencio e pareceu querer reflexionar; porem não pôde calmar a sua agitação: levantava-se, andava ao acaso, parava de repente, parecia disposta a fallar e vacillava. Emfim sentou-se fazendo signal a meu pai para que se aproximasse, e lhe disse asperamente:

— Escuta, Montreuil, tu estás em meu poder. Sob um estado normal de cousas em França, não vacillaria em sacrificar-te se me fosse necessaria a tua desesperação ou a tua morte. Mas no estado da revolução sanguinolenta por que atravessa o teu paiz, morrerias desapercibido ou reclamado por teus Principes, emigrados mendigantes sem valor, sem força de alma e sem dignidade. Convence-te que estás perdido se eu quizer.

Meu pai não duvidava desta verdade por isso guardava em profundo silencio a esperança que parecia annunciar este preambulo. Respirou quando ouviu estas palavras.

— Sem embargo, podes salvar-te.

— Que é preciso fazer para isso?

Catharina vacillou algum tempo; depois respondeu com horrivel esforço.

— Fazer desaparecer uma mulher.

Meu pai ficou atterrado. A Imperatriz voltou o rosto como para evitar as suas vistas. Um silencio de alguns minutos permittiu a meu pai socegar-se da sua admiração, e a Imperatriz re-

costrar algum dominio sobre si mesma. Meu pai foi quem rompeu o silencio.

— Tinha razão ha pouco, — disse com voz humilde. — Sou homem perdido. Mas não salvaré a minha vida por um assassinio.

— Não é isso, — disse Catharina com impaciencia; mas sem colera. — Eu não trato de morte, ainda que elle o queira, porque elle o quer!.... Eu tambem quero, mas seria bastante uma morte.... e que á vontade se podera realizar mais tarde se me dizia....

Meu pai olhou para Catharina com assombro.

— Não me comprehendes, — lhe disse ella. — Isso é natural, porque apenas me comprehendo eu mesma. Comtudo tinha arranjado tudo isto na minha cabeça; mas agora que preciso dizello, transtorno-me, perco a ordem das minhas ideias e não tenho memoria. Não obstante, — accrescenteu com energia, — é necessario que se faça, é preciso e o quero.

Então pegando n'um rico frasquinho cheirou a essencia odorifera que dentro continha, sentou-se crusou as mãos sobre o peito como para conter a agitação febril que a devorava, cerrou os olhos e começou desta maneira:

— Montreuil, vou fallar contigo como se falla com um cumplice ou com um morto, porque o serás se me recusas. Bem sei que poderia dizer-te: « Eis a minha vontade, » e que seria pre-

eiço executa-la ou perecer sem ter necessidade de explicar os motivos; mas não quero, se consentes no que vou pedir-te, que ignores o que vou fazer.

Alem disso, — acrescentou Catharina com um movimento de impaciencia dolorosa, — é tão estranho o que por mim passa, tão terrivel e tão imperioso, que me parece terci algum lenitivo. Quem sabe tambem se desta conversação, se desta exposição completa do estado do meu coração sahirá algum novo partido? Quem sabe se me envergonharei ainda da minha loucura? Quem sabe se deixarei a esse homem na frialdade glacial dos seus calculos?

— Perdão, senhora, de quem fallais! — exclamou meu pai.

— D'elle, — disse desdenhosamente a Imperatriz, de Leopoldo, do conde de Zanau.

— O infeliz, perguntou tristemente e acrescentou:

— Eu o amo. Com que amor? É o que não posso deffinir.. É um amor absoluto, imperioso, incessante; é o desejo do menino que se atormenta na cholera para obter um brinquinho, que logo despreza, mas que se lhe nega; é o desejo insensato do tyranno por uma frivolidade que lhe agrada menos que outras muitas, mas que vem a ser a sede devoradora de suas noites, de seus dias por que não póde obte-lo.

Não é um amante o que eu quero, é um

triumpho; e esse homem o ha comprehendido, porque, escutai-me bem, Montreuil, esse homem é a hypocrisia, a ambição e a baixeza em forma humana. Ah! que aude com cuidado; se posso sabir d'aqui curada deste amor furioso que me transtorna, lhe farei pagar bem caras as condições que me impòz.

Meu pai estava cada vez mais assombrado.

— Condições? — murmurou, — pois elle ou sou impòr condições a V. M.?

Catharina fez um gesto de impaciencia, e collocando-se em frente de meu pai, lhe disse com tom ironico:

— Vi-o; tinha-o mandado reter como a ti; mandei que comparecesse na minha presença; perguntei-lhe a causa daquelle duello prevenido por minha ordem, e obstinou-se em guardar silencio; insisti; incommodei-me; ameacei-o com a minha desgraça, e só conseguí ve-lo inclinar-se com respeito. Tomei outra vereda: disse-lhe que a sua obstinação seria a causa d'uma ruina, não só para elle, mas para os que lhe haviam prestado a sua assistencia. Porem elle aceitou vilmente a sua ruina, e contentou-se com responder-me:

— V. M. póde condemnar desde já.

— Pois bem, cavalheiro, — lhe disse, — pentenceis ao meu exercito; tendes faltado aos regulamentos; a prisão castigará vossa desobediencia.

Permaneceu inclinado sem romper o silencio.

— Bem, — lhe disse enfim, — talvez que Montreuil seja menos discreto.

Ao ouvir estas palavras perturbou-se.

— Ah! senhora, — prorompeu com frenesi, — é preciso que morra esse homem porque sabe o meu segredo.

— Se vós lh'o tendes dito?

— Foi elle quem o adivinhou — respondeu Leopoldo.

Catharina deteve-se: cerrou os olhos, estreitou seu peito com as mãos, e deixou escapar um profundo suspiro:

— Ah! Montreuil, — continuou, — naquele momento experimentei uma dita desconhecida. Este segredo que tinhas adivinhado era o seu amor para mim, e elle mesmo m'o confessava sem crer dizer-m'o; não podia já duvidar deste amor, porque estava submisso e occulto. Não era, uma comedia como a tua Montreuil, para chegar ao favor: não era ambição, não era um calculo: era amor para mim... para mim só.

Catharina deteve-se de novo. A sua physionomia mudou repentinamente de expressão; os seus labios tremeram de colera, e os seus olhos brilharam d'uma maneira sombria.

— Sim, Montreuil, estive louca até ao ponto de deixar rebentar a minha alegria e de lhe dizer: Ah! isso é verdade, amais-me! sem embargo eu

sei o que valeis todos, cortezãos do meu poder e dos meus thesouros! Posso mandar-vos que por mim descubrais a um amigo, que irá perecer em um desterro, ou a vossa mulher, que pôde morrer de despeito encontrando em vosso servilismo, e na vossa ambição a força sufficiente para obedecer á vontade da Imperatriz e aos caprichos da mulher. Ah! que odiosos e abjectos são os homens!

Meu pai escutava com um terror cheio de admiração. Naquelle momento a encontrava demasiado sublime para ser amada, pois a razão a collocava mui superior aos seus vicios. Catharina continuou com amargura.

— Mas o homem de quem fallo pôde ser vosso senhor em tudo.

Ha na sua alma uma cousa tão profunda e tenebrosa, que não sei que pensar della. Depois de haver-mé confessado o seu amor, porque m'o ha confessado de joelhos com o olhar de fogo, o peito palpitante e formoso, como um Deus, sempre m'o negou.

Meu pai tinha-se imposto silencio, mas não pôde egualmente permanecer immobil. Estremeceu, e a sua phisionomia manifestou o seu assombro. Similhante surpresa pareceu servir de replicação a Catharina que continuou com uma indignação cheia de desdem.

— Sim, Montreuil, esse homem tem principios: esse homem creê na santidade do matri-

monio; esse homem creê na condemnação eterna; esse homem morrerá do seu amor, mas não faltará ao juramento feito ante Deos... e esse homem — accrescentou com uma voz mais irritada e mais desdenhosa — me ha feito comprehender claramente que se estivesse viuvo seria meu para sempre. Miseravel! Como ha podido dizer-me tudo isto? Como cheguei eu a ouvi-lo? Não o sei. Estava fascinada com o seu olhar, com o meu amor e com a sua astucia. Comprehendia mas não o cria; sentia que as suas palavras me ultrajavam, mas ouvia a sua voz. Bebia a minha deshonra com delicias.

Catharina teria fallado assim durante duas horas se meu pai não a houvera interrompido; porem detinha-se a si mesmo cada vez que a sua natureza passava de um sentimento a outro.

— Assim, — respondeu depois de um momento de silencio e encolhendo os hombros; — estavam mudados os papeis: eu era o seductor que solicitava, e ella a innocente victima que resiste por sua virtude. Creio que me disse a palavra commum das esposas que se defendem: « Ah! chegarieis vós mesma a despresarme! »

Catharina principiou a rir. Esta era uma hilaridade sinistra e cruel ainda que não forçada.

— Não seria máo passo de comedia se alguma vez podesse saber-se. Porem, — accrescentou lançando para meu pai um olhar frenetico, — não se saberá nunca!

Meu pai que estava meio perturbado com as confianças da Imperatriz conheceu desde aquelle momento que se via condemnado á morte ou á cumplicidade. A prisão não é asylo bastante seguro contra semelhantes segredos. Catharina levantou-se e entrou a passear.

— Eis-aqui o que me disse, — continuou ella com demasiado sangue frio, — mas adivinhei o que não se atreveu a dizer-me. « Sim, quando não estive diante de mim, quando pude reflexionar n'aquella entrevista incrivel, quando pesei as suas palavras e deduzi tudo o que encerrava... vi claramente o fim. Esses principios, essa religião, essa fé matrimonial, essa viuvez que não descubria, essa virtude, em fim, é um calculo, cujo resultado é o throno de todas as Russias onde eu faria assentar-se um novo esposo. Admiras-te, Montreuil, não é verdade? Eis-aqui uns meios de prosperar que deixam a traz as tuas pequenas combinações para chegar a um governo de provincia. E observa, — notou Catharina, que fallava com a voz tranquilla e serena, — e observa, repito, que apesar disto encarrega-me a mim do crime. Quer estar viuvo, quer ser Imperador, porem encarrega-me a mim o remover os obstaculos: como se fosse eu a que me aproveitasse do crime, eu é que tenho que o commetter. Ah! desgraçado miseravel!

Catharina estava tão audaz e tão ironica ao mesmo tempo e achava-se ao parecer tão desem-

baraçada a sua razão que meu pai julgou poder discutir a estranha revelação que acabava de fazer-lhe.

— Porem, — disse com voz humilde e carinhosa, — é seguro que não commettereis semelhante crime.

— Tu o commetterás por mim, — respondeu rapidamente a Imperatriz que parecia reflexionar com attenção. — Ou melhor, faráz que o commettes. Escuta. Ha nesta prisão um tal Latanoff... Ha dez annos que está aqui e excepto o carcereiro surdo-mudo que lhe leva o comer, e o alcaide, ninguem a ha visto. Eu ordenarei que se te deixe em communicação com elle. Darei uma ordem ao alcaide; introduzir-te-has onde está este preso e lhe pedirás agua da princeza Bolinska.

— A agua da princeza Bolinska! — exclamou meu pai assombrado.

— Sim, — redarguiu Catharina com indifferença, — assim é como se chama vulgarmente desde que a princeza Bolinska se serviu d'ella para tirar seu marido desta mesma prisão de Cronstadt. Eram as apparencias da morte com todos os seus horrores. Os medicos se enganaram e eu mesma fiquei surprehendida quando o vi. A princeza me pediu a graça de levar comsigo o cadaver de seu esposo e não tive razão de lh'a negar. Tirou-o da prisão, e tres dias depois, quando eu me regosijava com a morte de um homem a quem

não me atrevi a condemnar nem a fazer julgar, entretanto que se conduzia á sepultura um ataud vazio, se embarcavam para a America o Principe e a Princeza, onde o Principe se bateu sob um nome supposto com o teu compatriota Mr. de Lafayette. Informada de tudo isto, fiz tirar o ataud e com effeito estava vazio. Enviei onde elle se achava agentes seguros que o reconheceram perfeitamente, e por fim eu mesma o vi depois. Voltou aqui secretamente; confiou-se na minha palavra e não ha tido porque arrepender-se. Fiza sua fortuna e creio que vive ainda na Alemanha sob o nome de Barão de Appencherr.

— Diabo! — exclamou Dabiron, — o meu barão Appencherr seria...

— Filho d'esse principe, — exclamou Montreuil. — Agora comprehendereis a razão porque me tenho interessado nas vossas relações com esse cavalheiro que se liga mais do que vós pensais á historia que refiro. Mas eu prosigo. Meu pai não vacillou entre uma corda atada por um extremo ao seu pescoço, e pelo outro a alguma viga da prisão e a necessidade de comprehender o papel do ermitão de *Rumeu e Julieta*.

— É dizer, — perguntou elle, — que a Condessa de Zanau passará por morta e não morrerá?

— Não se trata agora d'isso, — replicou Catharina com impaciencia.

Meu pai recordou aquella phrase da Imperatriz que tinha dito sem reflexão ao começar a

entrevista de que queria uma morte apparente que podesse realizar-se mais tarde... se...

De modo que Catharina previa que a sua fraqueza podia chegar até elevar a Imperador o conde de Zanau e converter a morte apparente em definitiva.

Mas ao mesmo tempo, que desconfiança de si mesma e da duração dos seus sentimentos para se não encarregar d'um crime que podia parecer-lhe abominavel ao cabo de algumas semanas! Meu pai guardou silencio e a Imperatriz continuou :

— Comprehenderás, Moutrouil, que o mais fica por minha conta. Chegas onde está o preso, fazes-lhe conceber esperanças d'uma fuga quasi segura se te confia essa agua milagrosa, e lhe dizes que adormecendo-o assim podes escapar-te e faze-lo escapar.

— E consentirá o alcaide em similhante aventura?

— Não comprehendes nada? disse asperamente Catharina. — O alcaide está iniciado para deixar-te escapar depois d'uma ceia em que tenha bebido muito. Tudo estará preparado. Só com a differença que em vez de fingir dormir, dormirá realmente. Então uma vez segura da acção da agua que se te tenha confiado, eu farei o resto.

— Tendes razão, --- disse meu pai fazendo um movimento de surpresa, --- por que se esse velhaco de Latanoff me desse um veneno serio, ficaria o governador...

— Na verdade, — disse Catharina, não tinha pensado nisso; sim... isso poderia... mas como dizes, — disse indifferentemente, ficaria o governador...

Catharina estava tranquilla e severa: deu as suas ordens. Meu pai conheceu que não podia vacillar e que a Imperatriz fallava neste negocio com a mesma indiferença como se houvesse tratado d'uma missão politica ou de alguma festa esplendida: « Não se compromette a ninguem mais que a Montreuil », e terminou dizendo:

— A respeito da actividade, dou-te tres dias. Deixo aqui a um tal Muller que substitua o teu carcereiro ordinario, e elle dirigirá a vossa fuga e vos conduzirá junto de mim.

— Ah! Ah! — exclamou Roussignan, já figura tambem o meu nome.

— É o pai do vosso antecessor no nome disse Montreuil inclinando-se.

— Algum tratante como seu filho, — acrescentou Roussignan.

— Digno de ser verdadeiramente vosso pai.

— Acabemos, acabemos, — redarguiu Dabiron levantando a vós para prevenir as reclamações de Roussignan.

— Tenho curiosidade de saber o fim de tudo isto. Estavamos com Muller, ficando ao pé do senhor.

— A Imperatriz retirou-se, — continuou Montreuil, — e naquella mesma tarde jantou meu pai com o alcaide. Depois foi conduzido ao seu

quarto por um carcereiro desconhecido, e que lhe deixou tempo de examinar o caminho por onde o fazia atravessar. Muller, porque este era o desconhecido, cerrou tão mal a porta do quarto de Montreuil, que a teve aberta cinco minutos depois que se retirou. Meu pai sahiu e começou a andar por um immenso corredor. Fazia isto com a intenção sem duvida de aparentar que se lhe tinha permittido sahir d'aquella maneira.

Mas occorreu-lhe a ideia de que primeiro que tudo devia saber o sitio onde necessitava buscar o seu cumplice, e a julgar por esta falta, tratava-se sem duvida de provar a sua habilidade. Meu pai foi de porta em porta, escutando qualquer ruido que podesse servir-lhe de avizo; mas por toda a parte reinava o mais completo silencio. Em fim viu o extremo d'um comprido corredor uma escada mui empinada. Desceu por ella e quando chegou á abobeda sob a qual penetrava, pareceu-lhe que se exalavam gases fortes e suffocantes, o que o fez acreditar que estava perto do laboratorio do chimico. Com effeito, ao cabo de alguns minutos no extremo d'uma galeria abobedada, pela qual caminhava, viu brilhar um forninho atravez d'uma grade de ferro que cerrava um vasto calabouço. Aproximou-se, e viu a Latahoff, que lhe tinha designado a Imperatriz.

Montreuil deteve-se na sua narração, e voltando-se para Muller lhe disse :

— Se desejaís conhecer as genealogias das

personagens desta historia, dir-vos-hei, que o Latanoff que vos levou á Russia é o filho menor deste. Depois proseguiu :

— Era um velho alto e delgado, trajando um largo roupão roxo, com a fronte calva e coroadada dos vivos reflexos do forninho sobre o qual estava inclinado. Parecia em tudo o cosinheiro do diabo. Meu pai aproximou-se.

— Sois vós Miguel? — disse o velho sem voltar-se, faz-me falta o carvão.

— Miguel não é já o guarda da nossa prisão, — disse meu pai — é um desgraçado idiota a quem se póde enganar mais facilmente.

O velho Latanoff voltou o rosto com um ar de admiração.

— Quem sois? me perguntou depois com um tom cheio de terror.

— Um desgraçado preso como vós, que cogitava em algum meio de evadir-se e que ha encontrado um se quizerdes ajuda-lo.

O chimico tomou uma luz do fundo da habitação e veio reparar no semblante de meu pai.

— Um francez! — murmurou.

— Sim, — respondeu meu pai. — Sabia que estaveis encerrado nesta fortaleza, e bemdigo a casualidade que fez meter-vos em um calabouço cerrado por uma só grade.

— Uma vez que se me permite continuar as minhas experiencias, era preciso que se deixasse uma sahida aos gases que me teriam asfixiado.

— Não é impossível quebrar esta grade, — disse meu pai.

— A que vem isso ? disse o velho.

— Para escapar-nos.

— Julgais, que se não houvesse mais que quebrar esta grade para ver-me livre, não o teria já feito ? disse Latanoff — Sabem mui bem que posso á minha vontade fundir os ferros da grade ou dissolver a pedra em que estão encravados. Mas vós que fallais em fugir, ignorais sem duvida que é necessario forçar outras dez grades e atravessar dois corpos de guarda.

— Sim, — lhe disse meu pai, — tomando o caminho ordinario que conduz á esplanada ; mas seguindo o que conduz directamente ao quarto do alcaide não se encontra ninguém.

— Encontra-se pelo menos o alcaide, — disse Latanoff.

— Não ha meio de adormece-lo ? exclamou meu pai, — eu posso perfeitamente, quanto que como algumas vezes com elle.

Ó diabo ! exclamou o velho.

— Ah ! — disse meu pai, — se fosse possível confiar-me algumas gotas da agua da Princesa Bolinska.

— Bem vos entendo, — disse o velho voltando-lhe as costas. — Boas noites, cavalheiro.

Meu pai pediu, supplicou. O velho chimico não lhe respondeu e até o ameaçou com dar parte ao novo guarda dos seus projectos de fuga.

Mr. de Montreuil retirou-se desconsolado. Como vós dizieis, Roussignan, referindo-vos a Schiller, o velho chimico era depositario d'um desses segredos que matam ao que os sabe como certos liquidos quebram o vaso que os encerra.



CAPITULO. III.

Continuação da historia do suicida n.º 3.

ERA preciso vencer ou perecer, — continuou Montreuil. — Meu pai tinha confiado imprudentemente nessa sede de liberdade que faz adoptar a todo o preço a esperança d'uma fuga. Não conhecia o character russo nem a vigilancia que ali se exerce, o homem é sempre desconfiado por isso mesmo que se vê sempre obrigado a valer-se da astucia. A Russia encontra geralmente um laço em tudo quanto se lhe propõe. Meu pai não era mui habil e se deixava dominar facilmente na conversação, ainda que tinha o bom sentido de o conhecer e quando este bom sentido se exercia em liberdade e no remanço da solidão, chegava a ter rasgos de genio. Os mais audazes e o mais incrível dos que tenho encontrado durante a minha

larga existencia ha sido o que salvou a meu pai.

Os circumstantes do Conde de Montreuil se inclinaram para elle para saber este rasgo sublime. O narrador proseguiu :

— Meu pai ficou tranquillamente na sua prisão. Vejo que ficais surprehendidos, meus senhores, isso é porque não comprehendéis o coração humano.

Se meu pai tivesse aproveitado cada noite da liberdade em que o deixára Muller para ir supplicar a Latacoff ou a intentar seduzi-lo, não teria conseguido mais que confirma-lo na ideia de que o queriam enganar. Mas o desdem com que parecia olhar o seu soccorro, devia tranquillizar Latacoff. Tão verdade é isto que o velho astuto o esperava todas as noites na certeza de o ver chegar; á terceira teve uma verdadeira desesperação; á quarta decidiu-se Latacoff; abriu a grade e foi em pessoa bater á porta da prisão de meu pai.

— Não podeis abrir a porta? lhe disse a-travez da fechadura.

— Posso abri-la perfeitamente, — lhe respondeu meu pai introduzindo-o no seu quarto; mas prefiro o prazer de dormir ao de passear por esses corredores humidos.

— Então já não pensais em fugir.

— Ao contrario, trabalho com ardor para alcança-lo.

— Porque não voltasteis? — lhe disse Latanoff.

— E para que? — perguntou meu pai com tom surprehendido.

— Já vos esqueceste que me fizeste uma proposta.

— Que por signal não aceiteste. Eu lancei as minhas vistas a outra parte, porque também tenho a minha chimica.

O velho russo fez um gesto de descontentamento, e lançou uma vista rapida pela habitação.

— Oh! respondeu meu pai, — não vos persuadais que no meu projecto entrem retortas nem alambiques: o meu laboratorio chimico está no quarto do alcaide e na sua mesa. Gosta de vinho do meu paiz; porem como é muito avaro, rouba o que póde do que é obrigado a dar-me, tanto que tratei de prover-me de algumas garrafas de Champagne e com isto será menos sobrio. A minha provisão deve chegar dentro em poucos dias. Quando a tiver em meu poder, espero que o vinho de Champagne substituirá mui bem a vossa agua a que dais tanta importancia. Não quizesteis que eu o adormecesse chimicamente e eu o farei bacchicamente. Isto é de melhor gosto.

— Quando tiverdes recebido o vosso vinho espero que me avizareis, — lhe disse Latanoff.

— Meu pai olhou para Latanoff e depois soltou uma forte gargalhada.

— E para que hei-de avizar-vos.

— Para nos evadir-mos juntos.

— Muito sinto ter que dizer-vos a verdade; porem a embriaguez do Champagne e o somno que póde produzir são assumptos d'uma hora ou duas. Isto para mim só não é demasiado.

Latanoff reflexionou.

— Posso, — disse, — proporcionar-vos outro narcotico.

— O meu é bastante.

— Tendes muita fé na agua da Princeza Bolinska?

— Eu? nem a mais minima. Enganou-me. Não tinha nenhuma quando vo-la pedi, mas desde que m'a negaste tenho nella grande confiança. Vós praticastes para comigo uma grossaria, e como aqui não vos posso pedir uma satisfação declaro-vos que não aceitarei como escusa mais que um frasco d'essa agua maravilhosa.

— Um frasco, — exclamou o chimico empalidecendo, — mas se nestas tres noites não pude fazer mais que uma onça! É verdade que duas ou tres gotas bastam.

— E póde misturar-se em qualquer bebida? perguntou meu pai.

— Sim, — disse o chimico.

— Pois bem, — continuou meu pai — trazei-me a agua, e amanhã farei a experiencia, pois é necessario fazer heber a droga a esse condemnado alcaide.

— Bem, — disse Latanoff, — ei-la aqui...

Bastou a meu pai um olhar para vêr que o tinha enganado : estava seguro que o velho russo tinha preparado a agua pedida, mas queria passar outra cousa. Meu pai não quiz deixar o chimico que preparasse alguma astucia, da qual não podesse já sahir.

— Escutai, veneravel descendente de Ruggieri, — lhe disse, — previno-vos que não gosto de servir de joguete em cousa alguma. Ao sahir desta fortaleza, devo ficar occulto durante oito dias em casa d'um amigo que me facilitará em seguida os meios de passar á Inglaterra. Se durante esses oito dias observar que me desteis alguma droga inefficaz, que não produz o somno mais que por algumas horas, ou tão forte que origina o somno da eternidade, advirto-vos que vos atraveço com a minha espada. Sim, Latanoff, dou-vos a minha palavra de cavalheiro francez.

Latanoff metteu na sua algibeira o frasquinho que acabava de mostrar, e proseguindo a sua phrase em outro sentido, respondeu.

— Bem, eis-aqui o momento de obrar ; voltarei dentro de alguns momentos.

— Com effeito, logo depois voltou com o frasquinho cheio d'um liquido. Meu pai declarou que reservaria a experiencia para a ceia da noite seguinte, que tendo o desejado effeito faria adormecer profundamente o alcaide, dando tempo a meu pai de voltar á prisão para evadir-se na com-

panhia do seu cúmplice. Ficou tudo arranjado e mediarão palavras solennes.

Quando meu pai se encontrou seguro e em posse do precioso frasquinho, deu um salto de alegria. Tinha na sua mão a liberdade e a fortuna. Um instante depois desconfiava se seria victima de algum ardid do russo; mas tranquillizou-o a idéia de que só seria o cúmplice de alguma astucia innocente da Imperatriz, e depois destas reflexões, se viu obrigado a esperar que a Imperatriz lhe propuzesse uma nova infamia. Aquelle foi para meu pai um terrivel momento de ansiedade, como o que vós soffresteis, Dabiron, quando jogaveis a vossa ultima partida de imperial, ou como o que vós experimentaríeis, Roussignan, quando querieis escolher entre vossos dois tios.

Em fim chegou a ceia, e meu pai aproveitou um instante em que ficou só junto á mesa, para lançar trez ou quatro gotas do seu frasquinho no copo do alcaide. Assim que se sentaram á mesa encheu ao alcaide o copo, que ao provar o licor fez um gesto e disse:

— Este vinho sabe a cortica.

Meu pai o provou e declarou justa a observação. Mandaram vir outra garrafa, e terminada a ceia foi conduzido meu pai segundo o costume pelo carcereiro Muller desde a porta da habitação do alcaide.

— É esta noite, — lhe disse.

Estas eram as unicas palavras de cúmplice.

cidade que a Imperatriz lhe tinha permittido pronunciar. Entrou na sua prisão, onde Muller o encerrou aquella vez com um cuidado assustador.

Passaram uma, duas horas sem que se apresentasse ninguem. Augmentaram-se os seus terrores. Avancava a noite e não se ouvia nada. Em fim chegou Latanoff e chamou meu pai:

— Fecharam-me de tal forma que não posso sahir, — lhe disse.

— Ah! respondeu Latanoff, — atraçoaram-nos; quizeram possuir o meu thesouro; estamos perdidos!

— Conservo o frasquinho, — disse meu pai, — e antes o farei em mil pedaços que me seja arrancado.

— Sim, sim, — respondeu Latanoff, — fazei isso: eu vo-lo peço por tudo o que mais amais.

Naquelle momento ouviram um ruido mui perto.

Latanoff se occultou para não ser surpreendido. Meu pai escutou: ouviu o ruido de passos regulares e numerosos, e viu atravez da porta que se collocava uma sentinella diante da sahida do seu calabouço. Continuou a marcha dos soldados e conheceu que tinha tomado a mesma precaução para o seu cumplice. Meu pai sentiu-se tão irritado que ia a quebrar o precioso frasquinho quando ouviu chamar pelo seu nome. Olhou para todos os lados, e viu n'um angulo que não podia ser observado do ponto onde es-

tava a sentinella, uma especie de seteira aberta: Muller arrojou uma escada de corda; trepou por ella e uma hora depois se achava no caminho de São Petersburgo.

No dia seguinte viu meu pai a Imperatriz. Catharina estava vestida como uma velha enamorada. Causava dô ve-la. Meu pai lhe appresentou o frasco. Ella sorriu-se.

— Guardai-o bem, porque sois quem haveis de fazer uso d'elle Vale demasiado um confidente! — acrescentou suspirando.

— Quem sabe, — pensou meu pai, — se pensará o mesmo dentro de oito dias.

Mas já não era tempo de retroceder. Meu pai não perguntou mais que os meios de aproximar-se da condessa de Zanau.

— Já tenho pensado nisso, — lhe disse Catharina, — e não é mui facil; contei contigo. — Os dois cumplices conferenciaram durante duas horas para buscar um meio que não compromettesse directamente a Imperatriz, e que não permittisse suspeitar da cumplicidade de Montreuil. Este para todo o mundo se achava encerrado na fortaleza de Cronstadt. Em fim, meu pai encontrou o meio; mas não quiz emprega-lo senão quando tivesse a segurança da efficacia e da innocencia da bebida. Suppoz-se no dia seguinte, que o alcaide tinha fallecido d'um ataque apopleptico. Catharina ordenou que o corpo do alcaide fosse exposto durante vinte e quatro horas n'uma capel-

la illuminada, e d'ali transportado a uma abobeda até que se lhe destinasse melhor sepulcro.

Na abobeda foi onde o alcaide despertou preso, sob a vigilancia de Muller, que o tinha baixado pela seteira do calabouço de meu pai, a quem substituia no seu posto. Não era conveniente que se soubesse da fuga de meu pai; não era conveniente tão pouco que a resurreição do alcaide confirmasse o poder da agua da princeza de Bolinska e fizesse duvidar a Leopoldo da morte de sua mulher. A experiencia estava já feita e só faltava obrar. Catharina estava impaciente. Havia quinze dias que se via animada d'uma esperança não sem anciedades terriveis. Jugava, por assim dizer, o amor platónico com Leopoldo e tinha grande cuidado de entreter a astuta personagem com a crença de que acharia um Throno no gabinete da Imperatriz.

Mas ella via que qualquer casualidade podia satisfazer a legitima ambição do Conde de Zannau, e a sobreexcitavam de tal modo os seus desejos que deixou escapar palavras de impaciencia acerca da existencia de sua mulher. Como a Condessa era joven e formosa, estas palavras não eram mais que uma invitation ao crime de que devia ser objecto.

Por fim chegou o dia em que Catharina, segura do resultado de um ardil, ordenou a meu pai que o pozesse em execução. Estava proximo

certo grande baile em casa d'um dos primeiros dignatarios da Corte.

O Conde de Zanau devia assistir a elle com a sua esposa. Meu pai pediu á Imperatriz; que entretivesse o conde a seu lado, a fim de que ficasse só a condessa.

É demasiado difficil, ainda em um baile, fazer beber a qualquer se não tem sede, e faz-lo beber precisamente por um copo preparado de antemão: A invenção de meu pai era mais engenhosa; mas mil insidentes podiam impedir o resultado, porque carecia de cúmplices. Levou cinco ou seis jornaleiros a uma das ruas por onde devia passar a carruagem da Princeza; abriu-se diante de sua casa uma cova de tal profundidade que fizesse voltar uma carruagem ou que pelo menos produzisse um insidente bastante grave. Tudo isto se apresentou á primeira vista sob um pé brilhante e seguro para conseguir o resultado. Provavelmente Catharina teria tido o cuidado de mandar afastar a policia daquelle bairro.

Aberta a cova despachou meu pai os trabalhadores e disfarçado em agente de policia collocou-se á esquina da rua. A cada carruagem que chegava agitava um archote que tinha aceso e advertia que havia naquella rua uma escavação perigosa. Decorreu uma hora sem que apparecesse a libré do conde de Zanau. Emfim chegou; o jornaleiro apagou o archote, passou a carrua-

gem e quasi ao mesmo tempo ouviu-se um estrondo terrivel e agudos gritos.

Aquelle ruido attraheu as gentes que passavam proximo do sitio e vendo a carruagem voltada acudiram a salvar a quem transportava, e tiraram a condessa meio desmaiada. Então acudiu meu pai com aspecto e trage de medico.

— Tragam-me já um cópo! — gritou.

E apresentando-o elle mesmo á Condessa, lhe disse com o tom imperativo d'um doutor seguro da sua sciencia.

— Tomai isto, senhora, é dentro de duas horas terá desapparecido todo o incommodo, e se terá évitado toda a consequencia perigosa.

A Condessa mui perturbada, tomou machinalmente o copo, esgotou o liquido que continha, subiu á carruagem do embaixador austriaco que tinha seguido a sua e que havia parado por aquelle contratempo, e livre do susto partiu para o baile, onde duas horas depois cahiu bailando como ferida d'um raio. Todos attribuiram aquelle desmaio ao insidente da carruagem. Aquelle desmaio foi bem prompto a morte, ao menos na apparencia. Não se buscou outra causa áquelle insidente que ter-se roto um vaso no peito.

Ha algumas phrases que levam em si uma fortuna colossal e que se dizem á vez em todo o universo. Estas são as que dispensam de saber alguma cousa, tomando os que as pronunciam o ar de saber o que dizem.

Seja o que for, a Condessa passou por morte completamente e isto em resultado do contratempo de carruagem.

Meu pai foi levar a noticia do exito do seu ardil á Imperatriz. Acabava de passar duas horas inuteis com o seu Leopoldo, e se tivesse tido que aguardar mais tempo teria mandado assassinar a Condessa ainda que houvesse sido d'uma maneira compromettedora.

No dia seguinte fez-se publica a noticia : o corpo da condessa jazia exposto n'uma capella, e todo São Petersburgo foi saudar com suas vistas aquella joven e formosa mulher, demasiado insignificante para inquietar a ninguem e mui graciosa para agradar a quantos a contemplavam. Entre tanto, ria-se Catharina perto do seu piedoso amante do acolhimento do publico e da confiança de Leopoldo cujos olhos buscavam na rugada fronte de Catharina a corôa que devia desprender-se para colloca-la sobre a sua. Aquelle miseravel histrião obteve a recompensa que merecia. Catharina o havia amado com um prestigio que nenhuma realidade podia realizar. O que augmentou sua ternura para aquelle até um delirio foi o que o arruinou. Ter-se posto a tão alto preço e não ser mais digno de amor que outro qualquer era cair n'um abysmo. Passados oito dias envergonhava-se Catharina do Conde de Zannau e de si mesmo.

O que acabou de perder tão insigne vilão aos

olhos de Catharina foi uma noticia que lhe deu meu pai. A Condessa ia a ser mãe. O conde, que impellia ao crime, sabia esta circumstancia e matava do mesmo golpe a mãe e o filho.

Mas eis-aqui o que succedeu.

O Conde de Zaaau quiz fingir publicamente a dôr mais verdadeira e a pena mais inconsolavel. Mandou erigir no seu proprio palacio e no fundo de seu vasto jardim uma especie de mausoleu provisorio, onde, dizia, que ia encerrar-se com sua desesperação e os restos de sua esposa adorada. Este precioso monumento estava junto da porta secreta por onde visitava a Imperatriz. A primeira vez passou por defronte do cadaver inanimado da sua bella e casta mulher para ir ao lado da sua amante, mas a segunda passava junto d'um ataude vasio. Meu pai, Romeu desconhecido daquella Julieta a quem só tinha divisado uma vez, foi roubar seu morto feticio áquella tumba hypocrita. Já estava preparado um refugio tenebroso e occulto a algumas legoas de São Petersburgo. Nelle foi onde despertou a bella Luiza Landwick. Meu pai estava encarregado de dizer-lhe parte da verdade, isto é que passava por morta e que devia esperar que chegasse a hora em que se conhecesse o erro.

A condessa era uma mulher encantadora, criada para a dita e o bem estar; mas igualmente incapaz de resistir com valor a um acto de violencia, ou de affligir-se até morrer por uma inf-

ria de que fosse victima. Tinha ella esse miseravel amor á vida, donde nascem tantas fraquezas, e que faz renunciar a todos os direitos da existencia, á sua dignidade, e até á sua dita, a troco de não a ver comprometida. Assim que meu pai a persuadiu de que estava ameaçada a sua vida se reclamava, a Condessa dobrou a cabeça e esperou. Ao cabo de oito dias comia com appetito e só se queixava d'um pouco de tedio.

Sem embargo, como vos disse, Catharina decidiu-se prompto a desfazer-se da sua conquista. Tomou para isto um meio que devia produzir ao mesmo tempo a expulsão do Conde e a reaparição da condessa. Interrogou-o fortemente sobre aquella especie de catafalco permanente, levantado no fundo do seu palacio.

— Não sou tão severa, que não possa dispensar alguma hypocrisia, — lhe disse mui secamente; mas cubrir tuas escapatorias nocturnas com o sudario de tua mulher, me parece horrivel.

Leopoldo creu ouvir o primeiro som terrivel da sua desgraça. Quiz adivinhar o pensamento de Catharina; mas ella não lhe deixou a menor duvida, pois o seu semblante expressava um grande desgosto.

Não faltava isto só; ficava a Leopoldo a mais haixa submissão:

No dia seguinte chegou á camara da Imperatriz com o semblante alterado e turvo olhar.

— Eu julguei, disse ella mais tarde a meu

pai, — que elle sabia que sua mulher vivia, mas só sabia a desappareição do seu corpo.

Ao entrar Leopoldo em sua casa tinha mandado preparar os funeraes de sua esposa. Mas quando se quiz trasladar o caixão acharam-no vazio, e os circumstantes admirados do successo foram avisar o Conde. Por uma prudencia mui rara ou por uma previsão instinctiva de verdade, o Conde mandou que se suspendesse a cerimonia e aproveitou a noite para assegurar-se por si mesmo do facto. Quiz certificar-se por si mesmo d'um caso tão extraordinario, e achando exacto o que lhe haviam referido dirigiu-se ao aposento de Catharina e lhe referiu tudo com os olhos alterados e a voz tenebrosa, a Imperatriz soltou grandes risadas, ate que enfim lhe disse:

— De que te admiras, tua esposa não morreu. Depois destas palavras soffreu um momento cruel, no qual Catharina abateu com seu desprezo e seus sarcasmos o desgraçado a quem tinha imposto silencio.

— Pensavas tu, lhe disse, — que valias um crime? Pensavas que não o tinha adivinhado desde o primeiro dia, cobarde, hypocrita! Tiveste a loucura de acreditar que eu te sentaria no throno da Nação mais poderosa do mundo! Na verdade, — accrescentou, — o que me assombra sempre, o que para mim transtorna as leis da phisica, é que as almas mais pequenas encerram as vaidades mais enormes!

Catharina esteve fallando um quarto de hora. Leopoldo não respondeu. Tinha examinado muito o orgulho daquelle homem quando queria humilha-lo. Tinha-lhe dito que possuia um grão de baixeza o qual não podia dobrar á sua vontade. Em fim o conde reanimando-se á força de tantas accusações, tomou a palavra e lhe fallou assim :

— Catharina, matasteis minha mulher, esse crime é vosso respondereis por elle. Minha mulher está morta, morta, ouvis? eu o quero. Vós a haveis tomado, disponde della ao vosso gosto; mas se chega a reaparecer não a reconhecerei, e se se me obrigar a reconhece-la direi a verdade. Não sei para qual dos dois será mais vergonhoso o ridiculo. Não olheis para mim com os vossos olhos de hiena que não vos temo, por que não se mata um principe de sangue como se faz desaparecer um Montreuil. Desejaste que fosse viuvo, pois sou viuvo, e ficarei viuvo.

Catharina, a quem inspirava agora Leopoldo um desgosto que lhe fazia ultrapassar todos os limites da prudencia, advertiu demasiado tarde que se tinha excedido. Despediu a Leopoldo, dizendo-lhe que reflexionasse bem. Mas elle tinha tomado a sua resolução, e no dia seguinte ao que soube que vivia sua mulher; presidia com desesperação aos seus funeraes, e a acompanhava piedosamente á sua ultima morada.

CAPITULO. III.

Continuação e fim da historia do suicida n.º 3.

— Quando a imperatriz; — continuou Montreuil, — soube o acto de resistencia que Leopoldo, Conde de Zanau tinha ousado commetter contra a sua vontade fazendo as honras da Condessa, sem embargo de saber que não tinha morrido, ficou aterrada. Leopoldo lhe deixava a responsabilidade de tudo o que tinha feito e o cuidado de empenhar a lucta se queria que reaparecesse a Condessa. Catharina mandou chamar a meu pai para o consultar. Estava n'um gabinete secreto correspondente á sala de audiencia de Catharina, na hora em que chegou Leopoldo no dia seguinte d'aquellas insolentes honras, foi pedir a sua demissão e os seus passaportes.

Diante de muitas testemunhas lhe disse que não queria permanecer n'um paiz onde tinha visto morrer a única mulher que poderia amar na sua vida, e que pelas suas virtudes, juventude e formosura merecia um culto no coração dos que a tinham perdido.

Esta ultima palavra tinha um sentido dobrado. A Imperatriz não ficou inferior em um assumpto tão agradável. Respondeu que esperava que o tempo calmaria a sua dor, e que graças á juventude, ás virtudes e á formosura de que elle mesmo se via adornado, encontraria prompto uma mulher igual, em juventude, virtudes e formosura á Condessa, e tão parecida em tudo á que tinha perdido que elle mesmo e o mundo inteiro creriam ve-la reviver. Leopoldo teve a impertinencia de responder-lhe que o mundo inteiro poderia enganar-se; mas elle de modo algum. Este duello de chistes entre os dois sublimes histriões acabou por despachar o Conde com o que tinha pedido.

Quando a Imperatriz entrou onde estava meu pai, ia suffocada.

Se houvera tido em minha mão a Condessa, lh'a teria appresentado.

Alguns dias depois, e quando o Conde annunciava a sua partida para o seguinte, soube-se que tinha embarcado occultamente em um paquete inglez. Catharina ficava com uma morta entre seus braços. Esperava sempre que o Conde

mudasse de resolução ; mas cada dia que se passava fazia mais impossivel resuscitar a Condessa. Em fim, passados trez meses quando se souberam São Petersburgo os projectos de casamento de Leopoldo com a princesa, Frederica, Catharina decidiu-se e intentou um grande golpe. Confiou a condessa a meu pai e os fez partir para Allemanha. Talvez, senhores, que vos custará a acreditar o que vou dizer-vos ; mas na mesma familia da desgraçada Condessa foi onde se encontraram os corações mais implacaveis. Foi logo conhecida, mas a familia recusou reconhecer a sua existencia, porque assim lançava por terra todos os seus projectos. No mundo não ha lugar para os mortos mais que debaixo da terra. A familia do Conde de Zanau, o grão duque de Wardemburgo especialmente desculpavam a conducta do Conde. Em fim de tudo isto resultou que tendo-se subscrito Catharina por um lado os Landswick e os Wardemburgo pelo outro, se creou á Condessa Luisa uma fortuna de trez ou quatro milhões que foram depositados em casa do barão de Appencherr, antigo Principe de D'Albouki, com a condição por parte da condessa de permanecer encerrada dez annos n'um castello, até que o esquecimento e a idade a tornassem desconhecida, e com a condição pela de Appencherr de não pagar os interesses daquella fortuna se Luisa não permanecia fielmente na sua prisão. Por aquella epocha foi quando entrou no castello de Hildeburgo Hausen uma

mulher acompanhada d'um cavalheiro francez e d'um criado. O cavalheiro francez era meu pai, o criado russo Muller. Ninguem pôde ver a desconhecida sob o veu que a encobria, o assalariaram-se criados francezes, que se comprometteram a não sahir do castello antes de annos. Aquelle mysterio occupou durante algum tempo os curiosos do paiz; mas bem prompto se acostumaram a elle e os acontecimentos que então agitavam a Europa tiraram a este a sua importancia.

Algum tempo depois morreu Catharina, e o que se tinha resolvido por dez annos, ficou decidido para sempre entre os sobreviventes e interessados.

Dabiron e Roussignan abriram os seus olhos como se tivessem ouvido um conto de fadas.

Montreuil continuou então com voz mais accentuada:

— Eis-aqui agora como hei sabido estes pormenores, e como podem conduzir-nos os trez á fortuna e ao poder se quizerdes ajudar-me.

Dabiron e Roussignan se olharam com ar assombrado. Apesar das theorias livres do primeiro e por mais que o segundo tivesse sido victima de perseguições que deviam partir de tão alto, não estavam surprehendidos de vê-lo fallar com essa liberdade e esses pormenores de uma Imperatriz e de principes soberanos. Estas cousas só costumam a encontrar-se n'um livro, e parece que se acham em um logar; o impresso é impossivel.

Mas ouvi-las referir a um homem de carne e osso, que falla dellas como da ceia da noite anterior, ou d'uma aventura qualquer, é uma cousa mui differente, sobre tudo quando esse homem, se propõem a misturar-nos em intrigas reaes. Dabiron e Roussignan experimentaram um extremecimento de tanto terror como os adeptos no momento em que são introduzidos no sanctuario de Deus. Montreuil não advertiu aquella sensação pelo preocupado que se achava com a esperança que acabava de conceber, e da qual desejava que participassem seus futuros consocios. Assim pois, continuou:

— Meu pai acabava de casar-se quando emigrou. Eu nasci durante a sua ausencia. Apenas se instalou em Hildeburgo-Hausen, quiz transportar para o seu lado minha mãe; mas a sua saude estava tão delicada que morreu no caminho, e eu só cheguei onde estava meu pai. Tinha então trez annos. Aquella foi a unica vez que atravessei o portico do palacio. Ainda que semelhante idade deixa poucas recordações, lembra-me de ter sido appresentado a uma senhora vestida de lucto, e que me deu doces. Era a defunta Princeza Luiza de Landswick. Uma formosa e joven Alsaciana trazia em seus braços um menino que chorava para tirar-me os doces que se me davam. Provavelmente se deverá a esta circumstancia o que tão profundamente se havia gravado na minha memoria aquelle facto.

Meu pai tinha demais da sua habitação no castello uma casinha a um quarto de legoa, e foi ali que me eriei. Depois mandou-me á universidade de Dresde; mas que me importam os annos obscuros da minha vida? que importam as recordações das loucas aventuras que tanto deram a conhecer o meu nome? A ultima recordação importante hoje, é a da ultima conversação com meu pai. Isto era em 1814. Partia eu com os exercitos colligados para combater a Bonaparte; meu pai, já enfermo me mandou chamar junto do seu leito. Então me referiu quanto acabo de vos dizer, e me recordou o dia da minha entrada no castello. Quando lhe disse que me recordava muito bem do menino, acrescentou:

— Pois bem, aquelle menino, legitimo herdeiro do Conde de Zanau, vive; foi educado sob o nome de cavalheiro de Limburgo aos cuidados do barão Appencherr e é official n'um regimento austriaco. Eu tenho depositado as provas de tudo isto debaixo d'uma taboa do sobrado do quarto que occupo em Hildeburgo-Hausen é o segundo a partir da chaminé.

— Confesso, — continuou Montreuil, — que essa confiança de meu pai não me interessou apenas senão pela particularidade da aventura. Não comprehendí toda a sua significação. Reconcentrei toda a minha ambição em mim mesmo, e ter-me-hia envergonhado de ter recorrido para

fazer fortuna a outros protectores que ao meu valor.

Separei-me de meu pai e vim á França, onde deixei mui assignalada a minha carreira com empresas demasiado ruidosas para que necessite dar-vos conta da minha vida. Está escripta nos periodicos da epoca e na biographia d'uma personagem mui celebre a quem quiz ensinar o grande principio: « A palavra foi dada ao homem para disfarçar o seu pensamento: » não obtinha sempre bom resultado. Já sabeis como fui condemnado e desterrado. Retirei-me para a Inglaterra, e ali soube a morte de meu pai. Corri a Hildeburgo-Hausen. Isto passava-se em 1820. Quando cheguei, apresentei-me no castello. Fui recebido nelle por um velho cossaco que era Muller. Pela sua parte supportava bem a cadeia a cujo outro extremo estava sujeita a infeliz Luisa de Lanswick, porque vivia ainda, a pesar de que só era já uma machina comendo e bebendo, a quem a prisão e o tédio tinham degradado até jogar os centos com os criados e entreter-se com as conversações dos moços das cavalhariças.

Quiz penetrar na Camara onde meu pai morrera. Tinha sido muito mal recompensado do serviço que prestara aos soberanos alliados em 1814, para não buscar alguma vingança contra elles e esperava encontra-la, debaixo da segunda taboa partindo da chaminé. Para chegar ao meu fim, tomei uma senda disfarçada. Affectei sentimentos na-

turaes. Queria ir chorar ao sitio em que meu pai tinha exalado o ultimo suspiro. Mas Muller zombou da minha resolução. Quiz enfadar-me e elle continuou com as suas chocarrices, cantando uma canção popular.

Então invoquei as leis mas não obtive melhor resultado. Quanto meu pai possuia, inha sido fielmente depositado nas mãos do Juiz competente. Dirigi-me a elle resolvido a dar um escandalo. O magistrado entregou-me um pacote selado, e nelle encontrei a declaração da fortuna que meu pai me deixava, e que não baixava de trezentos florins depositados na casa do Barão Appencherr. Confesso que este resultado me tranquillizou ácerca dos meus projectos cavalheirescos a favor da victima de Hildeburgo-Hausen. Fui a casa do veneravel banqueiro Appencherr, o qual se me tendes prestado attenção, facilmente conhecereis pelo principe d'Albouki. Naquella epocha fiz dois conhecimentos que vos explicarão a importancia que tenho dado aos menores pormenores da narração de Dabiron. Mr. Appencherr acabava de estabelecer uma casa de commercio em Pariz cuja direcção destinava para seu filho. Este é o que foi vosso amo, que podia ter vinte a vinte dois annos. Na mesma casa e associados a Appencherr viviam Duplessis e sua mulher.

Duplessis era um francez emigrado casado com uma mulher allemã e tinha uma fortuna colossal. Este Duplessis tinha uma filha encantadora,

d'uns dezoito annos, chamava-se Gertrudes. Esta é a senhora cuja perda vós causasteis tão loucamente. Segundo já vos disse, esta pobre mulher tinha um pai tão avaro, que apezar da sua immensa fortuna, sua mãe não podia attender ás primeiras necessidades d'um menino que occultava em uma aldeia de França. Mr. d'Aronde, ao contar-vos a sua historia, disse que ignorava o nome de seu pai que o havia abandonado. Aquelle joven accusou ligeiramente ao que não conhecia. Como já vos disse, o filho da Condessa de Zanau foi criado sob o nome do cavalheiro de Limburgo. Depois da campanha de 1814 e 1815 tinha entrado em casa do barão aquem considerava como seu unico protector.

Ali tinha visto, conhecido e amado a Mad. Duplessis, e deste amor nasceu d'Aronde, que ficaria mui assombrado se soubesse que é de familia real e que é irmão natural do legitimo Soberano do reino de Wardemburgo.

Roussignan e Dabiron continuavam abrindo os olhos cada vez mais estupefactos.

— Vejamos, — disse Dabiron, — se tenho comprehendido bem: o Conde de Zanau era sobrinho do grão duque de Wardemburgo, o qual tinha um filho casado, ao passo que tinha elle mesmo um irmão primogenito.

— Exactamente! — redarguiu Montreuil, — vós que ha pouco tinheis a pretensão de saber a historia de França, recordar-vos-heis que certo

dia aprouve ao Imperador Napoleão fazer um rei do nosso grão duque.

— E se tendes seguido um pouco a marcha dos successos, sabereis que os filhos e netos do grão-duque que chegou a ser Rei, morreram todos até 1810, que em 1816 passou a corôa a seu irmão já idoso, e cujo filho primogenito Maximiliano de Wardemburgo, morreu no anno seguinte sem deixar filhos. D'aqui resultava que na epocha de que vos fallo, o Conde de Zanau era herdeiro presumptivo da corôa de Wardemburgo, e que por conseguinte o cavalheiro de Limburgo, legitimamente nascido do matrimonio do Conde com Luisa Lanswick, era chamado immediatamente depois d'elle, segundo as leis divinas e humanas. Os outros filhos nascidos do seu segundo matrimonio com a princeza Frederica são não só bastardos, porque vivia ainda a sua primeira, sua unica legitima mulher, senão o que é peor são usurpadores.

— E vive ainda o cavalheiro de Limburgo ?

— Não, — respondeu Montreuil, — o pobre mancebo foi encontrado assassinado n'um canto da rua Francfort.

— Em todo o caso, — disse Muller, — Carlos d'Aronde não é mais que um filho bastardo, adulterino, e senão ha outros chamados na segunda descendencia do Rei de Wardemburgo, aquelle parece ser portador de direitos mui sagrados.

— Mr. Muller, — replicou o Conde de Montreuil interrompendo-o vivamente, — que é o que vos dizia o feroz diplomatico que vos tinha encerrado n'uma caverna nas immedições de Hamburgo? Dizia-vos: onde está o menino? Pois este menino, por quem perguntava, não era o bastardo occulto conhecido pelo nome de Mr. d'Aronde, mas sim o filho legitimo do legitimo matrimonio do cavalheiro de Limburgo com uma tal Augusta Mildenoff, filha d'um juiz da cidade livre de Francfort. Este matrimonio verificou-se em 1821, quando o cavalheiro se viu obrigado a abandonar a Mad. Duplessis, mãe de Gertrudes e de Dabiron.

— Ah! diabo! — exclamou Muller:

Montreuil accrescentou animando-se:

-- Onde está o menino? Eis-aqui o que se desejava saber para faze-lo desapparecer e o que vos teria perguntado até vos matar, se não me tivesséis referido a vossa historia e se ainda acreditasse que creis o verdadeiro Muller!

— Ah! — exclamou Roussignan, com um gesto em que mostrava toda a sua admiração, — logo Muller sabia onde está?

— Ora se o sabia, — replicou Montreuil — Tendo-se compadecido o pobre rapaz da desgraçada victima da ambição e da desordem que elle representava por successão, soube de seu pai o nascimento do cavalheiro de Limburgo, sua vida, seu casamento, seu assassinato e o nascimento d'um filho daquelle matrimonio. Soube outras mui-

tas cousas e soube tambem onde estava occulto o menino. A compaixão por um lado e a miseravel recompensa que se deu aos seus serviços em 184... quando em fim morreu a pobre Luisa de Lanswick e por conseguinte não se necessitou delle, lhe inspiraram generosidade cavalheiresca. Apoderou-se dos papeis de meu pai e se dirigiu aonde estava o filho de Limburgo para lhos entregar, cujos documentos lhe asseguravam o seu direito, quando foi assassinado debaixo da vossa janella. Então tomasteis o seu nome, e se não livesteis a sua sorte, foi porque felizmente estaveis separado dos terriveis papeis que compromettem a tantos nomes soberanos. A não ser assim não terieis sahido vivo da caverna de Hamburgo, nem do navio de Latanoff, nem dos calabouços de Cronstadt. Permite-se-vos viver para surprehende-los. Este segredo que tanto vos ha perseguido, é tambem o que vos ha protegido. Agora recapitulemos.

Familia de Wardemburgo. Grão duque feito Rei, cujos herdeiros directos morrem em 1819, o qual deixa o throno a seu irmão segundo em 1819. Este o conserva até 1825 e o deixa ao Conde de Zanau, que o deixou a seu filho actualmente reinante, filho illegitimo d'um matrimonio nullo, contrahido antes da dissolução do primeiro. Com independencia destes dois principes reconhecidos historicamente no almanak de Saxonia — Gotta, temos pelo nosso lado um filho le-

gitimo nascido do primeiro matrimonio do Conde de Zanau, filho assassinado no mesmo anno em que morre seu pai no throno. Depois deste cavalheiro de Limburgo vem seu filho, outro herdeiro, o unico legitimo, o unico apto para succeder, o que deveria ser Rei, e que será talvez algum truão tireteiro, lavrador, moço do café, ou bailarino no Theatro do Ambigú como se ha dito de outro principe soberano.

— É verdade, é verdade, — disseram os dois que escutavam a Montreuil.

E agora, para mais enredar os fios desta intriga temos o barão Appenherr, successor de seu pai, e que deve estar no segredo deste negocio, porque era o detentor da fortuna assegurada á infeliz Luisa de Lanswick; temos Carlos d'Aronde, irmão natural do nosso pretendente; temos a Latanoff irmão, secretario de embaixada e que devia saber que se vos tinha arrancado de Londres e transportado a São Petersburgo; temos em fim esse Duplessis, cuja importancia póde ser não suspeitará ninguem nem talvez elle mesmo.

— Esse é quem eu envieí aquelles papeis escriptos em allemão? — interrompeu Muller.

— O mesmo, — exclamou Montreuil — Quem é? Eu ignoro-o; mas se recordo os nomes e dados. Digo que esse Duplessis deve ser tio, irmão ou sobrinho daquelle outro Duplessis de Allemanha que foi enganado por sua mulher em proveito do cavalheiro de Limburgo. É o parente ou alliado

dos Appenherr. Não percamos de vista que havia escripto sobre os papeis que cabiram nas mãos de Roussignan : « Para entregar a Mr. Duplessis. » Não sei o que me revella que por ali havemos de descobrir o nosso pretendente. Assim, pois, senhores, mãos á obra ! Trez homens morreram hoje, e trez novos vão reinar amanhã. Já não ha nem Roussignan, nem Muller, nem Dabiron, nem Moutreuil : ficam só trez defensores do direito e da legitimidade : Vós ex-Dabiron, Marquez de Caracas ; vós Muller, barão de Rembac, e eu duque de Castel-Escala. Se com semelhantes titulos, e um milhar de escudos para começar e um pretendente na carteira, não commovemos todo o mundo e chegamos a ser ministros e millionarios, somos os homens mais estupidos que pode haver, e merecemos voltar aqui dentro d'um anno no mesmo dia : vós Dabiron para afogar-vos ; Muller, para enforçar-se, e eu para atravessar-me com uma bala.

— Bem ! bem ! — exclamaram Roussignan e Dabiron — assim o juramos !...

Os tres estenderam as mãos por cima dos copos vãos e das velas que lançavam seus debéis raios do fundo das arandelas, e juraram viver ou chegar a ser ricos e poderosos, ou tornar a realizar o suicidio que tinham meditado dentro d'um anno no mesmo dia e á mesma hora.

Nas primeiras linhas desta narração disse-

mos que remetteriamos o leitor a certo artigo d'um jornal em que se fallava de suicidio, por que diziamos que o tal artigo era inexacto. Elle começava nestes termos o que pôde ler-se em todos os jornaes :

« Hontem foi um dia secundo em suicidios, &ct. » Neste artigo se annunciava a morte voluntaria de Roussignan, de Muller e de Montreuil. Mas dissemos ao mesmo tempo que invocariamos outro artigo de jornal cujo mysterio pensavamos revelar : Este artigo acha-se concebido nestes termos :

« Hontem morreu em Hildeburgo-Hausen
« uma mulher mysteriosa, que habitava no cas-
« tello ha alguns cincoenta annos. Esta mulher
« acompanhada d'um francez, e d'um criado,
« chegou ao castello no anno de 1794. Desde
« aquella epocha não sahio jamais. A persona-
« gem que passava por seu guarda tinha ao pa-
« recer correspondencia com diversos Sobera-
« nos. Nunca se soube nada ácerca da origem do
« nome e das causas da reclusão daquella mulher.
« Diz-se que a sua fortuna, que é immensa, pas-
« sará integra ao grão duque de N.... »

Se alguns dos nossos leitores então perguntassem a si mesmos lendo este artigo.

— Quem seria esta mulher? Agora o saberão.

CAPITULO. V.

Uma nova personagem.

Davam cinco horas da manhã em todos os relogios de Anteuil quando sabiam os trez conjurados do sitio em que fizeram tão estranho juramento. Apenas coroaava o primeiro alvor do dia os cumes das arvores do bosque de Bolonha, quando aquelles individuos deram as mãos em signal de despedida; depois de terem mediado em voz baixa algumas palavras energicas. O ruido dos seus passos foi pouco a pouco desaparecendo no silencio, e não ficou outro vestigio da sua larga sessão mais que as garrafas vasiaas, e as pontas dos charutos que tinham deixado na sala da taberna.

Immediatamente depois que sahiram, apagaram-se as luzes naquella casa isolada, consa-

grada a mysteriosos amores, e o unico criado, como se houvera obedecido a um mandato dado de antemão, estendeu um colxão sobre a mesa do bilhar, e adormeceu sem occupar-se de saber se iriam outros visitadores a perturbar o seu somno.

Apenas se retirou, abriu-se a porta d'um gabinete immediato e sahiu um homem com passos graves e vagarosos. Levava na mão uma lanterna de furta-fogo que escondeu com precaução em um dos cantos da sala, theatro do festim nocturno dos nossos aventureiros; depois disto começou a escutar para a parte exterior, e abriu discretamente a janella. O desconhecido era de elevada estatura: tinha o rosto pallido e mui pronunciado; as mãos brancas como as d'uma mulher, mas musculosas qual as d'um atheleta; a sua physionomia e actitude denotavam a calma, a firmeza e o sangue frio. Seus grandes olhos azues tinham uma mistura singular de doçura e resolução. O seu trage inteiramente negro, mas safado indicava a miseria ou a avareza. Em fim toda a sua pessoa offerecia ao observador um conjuncto inexplicavel de aspereza e destineção.

Depois de o desconhecido ter aberto a janella que cahia para o bosque e de se ter assegurado que as ruas e passeios estavam completamente desertos, tirou da algibeira um apito e levando-o aos labios saccou um som agudo que reteria no espaço repetido por infenitos échos. Os

cães dos casaes immediatos responderam só com lugubres latidos. O caminhante madrugador que atravessasse o bosque naquella occasião sem duvida que apressaria o passo ao ouvir aquelle signal sinistro as mais das vezes. Unicamente a casa que occupava o desconhecido pareceu não sentir a menor commoção: As janellas permaneceram sem luz; seus habitantes não abandonaram as suas camas e ao vêr o aspecto pallido do seu hospedeiro interrogando o espaço a travez das duvidosas claridades do crepusculo, se teria podido tomar por uma dessas hospedarias fantasticas illustradas pelas baladas allemães, e nas quaes o diabo em pessoa aguarda o viajante desgarrado.

Entre tanto cessaram de latir os cães, os echos tambem se não repetiram; o caminhante volveu ao seu passo ordinario, porque este ruido ficou sem resposta, e o desconhecido cerrou brandamente a janella como a tinha aberto.

Então começaram a mover-se de trecho em trecho os arbustos; um pé discrecto pisou a arêa das ruas, e de repente, como por encanto, appareceu uma nova personagem á porta da taberna.

Entrou sem chamar, subiu com desembaraço como um homem que conhece a fundo o sitio, e foi aquecer as mãos enregeladas pelo frio á luz vacillante da alenterna que estava no canto da sala.

O desconhecido fixou sobre elle uma vista penetrante, como para adivinhar as suas palavras e commenta-las de antemão.

— Que ha do novo? perguntou.

— Partiram todos trez, — respondeu o imbecil.

— Juntos?

— Não; cada um para seu lado.

— Fallaram uns com os outros?

— Em voz baixa. Só pude ouvir o mais velho dar aos outros, o jardim do *Palais Royal* por ponto de reunião.

— Em que sitio.

— Diante do Café dos Cegos.

— Nada mais?

— Nada, — respondeu o outro. O velho fallava por entre dentes, e o vento levava as vozes para o lado opposto.

— O desconhecido deixou escapar um gesto de impaciencia. Passou a mão pelos seus louros cabellos como para descobrir sua espaçosa testa. Depois levantou-se e augmentou a sua estatura por um movimento de poderosa authoridade.

— Recordas-te de quem sou? perguntou.

— Não vos conheço mais, que pelo nome; mas recordo-me de que me salvas-te d'uma terrivel ratoeira.

— Sim tinhas vinte annos. Arrastado pelas más companhias, pelo amor dos prazeres, pelo vi-

cio, quem sabe? acabavas de commetter um crime.

— Oh! um crime!... interrompeu virtuosamente o joven.

— Não discutamos sobre as palavras. Um delicto, se queres melhor assim. Tinhas roubado.

— Oh! roubado! interrompeu ainda o joven pudibundo com um novo gesto de desdenhoso protesto.

— Perdão, — accrescentou ironicamente o desconhecido.

— Com effeito, tu não eras um ladrão, consumado, não eras mais que um ratoneiro segundo o dictionario e o codigo. Vejo que a tua vaidade conhece todos os primores do idioma francez. Pois bem, em certa noite tinhas furtado entre a multidão um relógio de ouro que occultaste em uma bota e quando negavas o teu... delicto diante das testemunhas começou a dar horas.

— Aquella perfidia me fez aborrecer para sempre os relógios de repelição.

— Fostes apprehendido, e conduziram-te, não direi á cadeia, porque talvez impugnasses com a pureza das palavras, mas sim ao retém de um corpo de guarda. Oh! Deixa-me acabar a tua historia. Não é na verdade o prazer que me produz a causa de voltar a ella. Se t'a recordo, é porque a tua linguagem e actitude me dão a entender que a tens esquecido demasiado. É ne-

cessario, pois, que eu a recorde pelos deus. Continuo. Ali naquella ante-sala da prisão, submettido por espaço d'uma noite inteira á influencia da fome e da solidão, te deixas-te levar de serias meditações; viste passar por diante dos olhos o triste panorama da tua vida futura. Sem amigos, sem parentes; associado bem depressa a todos os caloteiros de Paris, ouviste prematuramente a voz grave do juiz pronunciar a tua sentença e viste a mão d'um carcereiro abrir os ferrolhos da prisão; esses parenthesis de ferro que separam o homem da sociedade; viste tambem o guarda apoderar-se da tua pessoa; viste... um espectáculo ainda muito mais terrivel! Então, cedendo, muito menos que ao remorso, ou terror que te inspiraram aquellas ideias, aquella visão d'um horrivel futuro, que fizeste? Falla, recordas-te?

A esta pergunta feita com um tom imperativo e solemne o interrogado se viu acommettido d'uma agitação febril; seus olhos ordinariamente cheios de astucia e de viveza, se volveram supplicantes; suas mãos se juntaram como em uma oração; cahiu de joelhos e se prostrou diante do seu desapiadado biógrapho com a timidez d'um menino. Sem embargo era um homem de vinte e cinco a trinta annos em toda a força da idade.

— Continua, eu o quero! — lhe disse o desconhecido com o tom com que um amo falla ao seu escravo. — Ninguem póde ouvirte. Que fi-

zeste naquella noite em que me apresentei a ti pela primeira vez?

— Valha-me Deus! — murmurou o culpado. — Não o sabeis? — tive medo de ir por *ali abaixo*. Misturado em outros *negocios* dos quaes era cumplice involuntario e que um juizo teria descoberto, me vi acommettido de temor, de desesperação, e queria acabar d'uma vez. Que podia eu sentir? Não tinha nem pai, nem mãe, nem parentes, nem amigos. Atei o meu lenço ao pescoço, sogueitei-o a um ferro do retem, saltei d'um banco a que me tinha subido; experimentei uma pressão dolorosa; senti rebentar meus olhos; tudo pareceu mover-se em redor de mim, e depois não vi nada, não ouvi nada e não senti nada; Eis-aqui tudo.

Satisfeito o desconhecido de haver refrescado a memoria do seu companheiro, estendeu a mão ao supplicante e o levantou com a serenidade imperiosa que tinha presidido a todo este interrogatorio.

— Então, — lhe disse, — foi quando levado pelo desejo de salvar-te moralmente depois do de... delito que tinhas commettido e do qual fui testemunha, quando me vi no caso de salvar-te phisicamente tambem. Introduzido no retem, cuja porta me fiz abrir por um meio que não necessito dizer-to, cheguei no momento justo em que tu te balanceavas já na eternidade, no ex-

tremo d'um lenço que tinhas furtado na vespera; porque ias a morrer da mesma sorte que linhas vivido, á custa de outro. Subi ao banco e soltei o nó fatal que apenas tinha tido tempo de marcar no teu pescoço seu azulado signal. Entre abris-te os olhos, recobraste o sentido e quando te achavas ainda na agonia, quando com um gesto podia ter-te feito cahir no espaço e dar ao demonio essa alma que ja cobiçava, te impuz esta alternativa suprema: — Esquecimento do passado; liberdade no presente, honradez no futuro com a unica condição de obedecer cegamente a todos os meus desejos. O juizo, sentença, prisão etc. tudo o que tinhas lido n'um instante no livro do teu destino. A tua eleição não podia ser duvidosa. Do mesmo modo que os trez homens que sahiram d'aqui, não appellas para o suicidio senão em ultimo recurso, e o destino que o retarda não te parece desfavoravel. Natureza cheia de contradições, não sentiste ter pregado uma peça a Satanaz e faltar ao seu chamado. Ias entregar-te ao diabo; offerecia-te mais vantagens o entregar-te a mim e aceitas-te o pacto solemne que te propuz.

Pois bem, desde aquelle tempo, — disse o ex-amante dos relogios de repetição, não tenho sido o vosso instrumento mais docil sem saber outra cousa que o vosso nome, o nome de Masson que me dissestes? Não tenho executado quanto me tendes mandado?

— Haveria muito que discutir se fosse também egoísta sobre as cousas, como tu pareces se-lo sobre as palavras. Mas finalmente não se tracta hoje de seguir as pisadas a qualquer, de interrogar a uma janella, de vêr nella as sombras das gentes que resguarda, de escutar n'um bosque o que dizem trez indiscretos, que são vendidos pelos seus vivos desejos. Dentro de algumas semanas, talvez amanhã mesmo terei que dar-te commissões mais arduas e para cuja execução será preciso não esquecer nunca que o pobre diabo a quem salvei da morte, da fome, da ignominia, do vicio, do crime... perdão ainda outra vez... do delicto, quero dizer, esse pobre diabo que não tem pai, nem mãe, nem parentes, nem amigos, que se chama Pé-ligeiro entre os bandidos, que não tem nome de familia entre os homens, que em fim não possui outro apoio, outra protecção, outra esperança que eu sobre a terra, que esse pobre diabo, n'uma palavra, é meu escravo em tudo e por tudo.

— Não o esquecerei nunca, — respondeu Pé-ligeiro.

— Está bem! aceito a nova promessa, — disse o outro a quem o seu interlocutor acabava de chamar Masson. Se consegui que a sociedade não te pedisse contas das tuas primeiras faltas, foi com a condição de que fosses util a essa mesma sociedade. Eis porque te fiz meu ajudante ou apoderado na alta missão, que hei re-

cebido, ou melhor, a que me hei entregado. Agora, se é verdade que a reflexão, a emenda, e talvez também o temor de ser castigado como has merecido, te manteram até hoje no dever, não deverei acusar-te menos, não já por uma falta de zelo e de obediencia, senão por indescricção e ligeireza. Nada de vistas! nada de principios physiologicos, nada que denota aum observador e a um philosopho!

— Sem embargo, Masson, — objectou timidamente Pé-ligeiro — tem-se olfacto...

— Julgas isso?

— Ao menos assim se diz....

— É pura vaidade, e vou provar-to. Necessitas esta lição de modestia. Responde: trez homens sahem d'aqui.

— Como que os hei encontrado!....

— Não são os trez da mesma idade?

— Não, Mr. Masson.

— Pois hem, sabes tu dizer-me em que sitio desta mesa terá estado o mais velho?

Ao ouvir esta pergunta Pé-ligeiro esfregou com a mão esquerda os seus olhos scintilantes de malicia, consultou as manchas do vinho, de que estava molhada a mesa, as cadeiras diversamente collocadas, os guardanapos deixados ao acaso cujas dobras formavam na penumbra figuras phantasticas, mas não pôde responder.

— Cego! — lhe disse seu amo com um sorriso de commiseracção; — aprende que não basta para conhecer um individuo ter visto seu ros-

to, ou medido a sua estatura. Os selvagens da Oceania reconhecem pelas pegadas as pantheras e os tigres e não necessitam vê-los para adivinhar a sua terrível vesinhança. O que fazem com as feras, devemos faze-lo nós civilizados com os máos e com os perversos. O mais velho dos trez velhacos que sahiram d'aqui, e cuja edificante historia acabo de ouvir sem que o suspeitem, sentou-se ali na cadeira da direita.

— E como conheceis isso?

— Por essa cadeira collocada no meio das outras em desordem; por essa faca e esse garfo deixados systematicamente em linha vertical; por esse guardanapo dobrado com a regularidade d'um que está acostumado a mesa redonda; pela limpeza da toalha que cobre o sitio que occupava. Recorda bem isto, quanto mais velho se faz um individuo, mais ordenado e symetrico se faz no fisico e no moral. A juventude tem desvarios, e a velhice costumes.

Pé-ligeiro, em resposta a esta lição de discernimento, contentou-se com virar humildemente as bordas ensebadas do seu barrete como se se houvera occupado em calcular quantos milímetros tinha de circumferencia; mas era só por occultar o sentimento da sua inferioridade. Seu superior não lhe deixou tempo de prolongar as suas interessantes meditações.

— Vamos, parte para onde sabes que tens que ir, lhe disse:

— Sim, Masson.
— Dirás que estão descubertos os trez ho-
mens em questão, e que não resta nada por sa-
ber.

— Prompto.
— Acrescentarás mais, que qualquer que
seja o disfarce que escolham, importa muito que
não sejam inquietados.

— Obedecerei. Mas o ponto dado no pala-
cio real?..

— Isso corre por minha conta. Vai-te que
é já dia e convem não perder um momento.

Pé-ligeiro se inclinou em signal de obe-
diencia e sahiu do bosque com passo accele-
rado.

Ao passar por diante da arvore em que ti-
nha intentado inforçar-se o supposto Muller, de-
satou a corda que fluctuava ainda por entre os
ramos.

— Não se sabe o que póde succeder, —
disse, — se a corda d'um inforcado proporciona
dita, a d'um quasi inforcado não perjudicará
ao menos.

A respeito do mysterioso individuo que res-
pondia pelo nome de Masson, assim que se viu
só tocou a compainha que estava sobre a mesa
dos trez convidados, e logo se appresentou o
dono da casa esfregando os olhos.

— Sabeis quem sou, — lbe disse com au-
thoridade, e que interesses represento!

O taberneiro fez uma profunda reverencia.
— Ninguém deve saber, — continuou a
extranha personagem, — que passei a noite oc-
culto em vossa casa.

— Oh! senhor, respondeu o patrão, — ne-
nhum dos meus criados o ignora, e em quanto
á descripção, é a primeira de todas as virtudes
n'um estabelecimento desta classe no bosque de
Bolonha. Não deve haver por isso nenhum cui-
dado.

— Está bem, — replicou o enygmatico vi-
sitador. — Mas, pôde succeder que neste mesmo
gabinete se refugiem tarde ou cedo os mesmos
hospedes.

Está no vosso interesse, e vos aconselho
que vos esqueçais de que me fallasteis esta noi-
te: Adeus, até mais ver.

E envolvendo-se n'um largo paletó sahio
do bosque, não sem ter consultado a sua ben-
galla, para saber se o fino estoque que encer-
rava estava ainda perfeitamente livre na sua bai-
nha.

Naquelle momento tocavam á oração em
uma das egrejas immediatas.

O desconhecido deteve-se, examinou com
a vista o sitio em que se achava, e depois de se
ter assegurado que ninguem podia ve-lo, tirou
um rosario da algibeira. Ajoelhando-se então so-
bre a areia, com a cabeça descuberta, pôz-se a

resar fervorosamente até que se extinguiu a voz piedosa do bronze.

Finda a oração persignou-se com devoção e desapareceu por entre a espessura.



CAPITULO. VI.

A diplomatico, diplomatico e meio.

Em uma antiga casa da cidade de Ernée vivia naquella epocha Mr. Duplessis, consocio do velho barão Appencherr, banqueiro estabelecido na Alemanha, de quem se tem fallado no curso desta historia.

Depois de ter liquidado esta sociedade, Mr. Duplessis voltou á França pelo tempo da restauração, e tinha-se retirado a Ernée, povo do seu nascimento, onde tinha proporcionado a um sobrinho seu os fundos indispensaveis para comprar um cargo de notario.

Vivia com sua mulher na mesma casa que seu sobrinho; mas occupava a parte que cahia para um grande jardim cultivado á antiga, isto é com a symetria que distinguia os jardineiros da

Trianon. As flores dispostas com uma regularidade mathematica; as ruas rectas, e com tal direcção que faziam vacillar o que passava por ellas; as arvores cortadas symetricamente pelos melhores cabelleireiros daquelle genero tinham uma vista dura e rigida, tudo revelava a antiguidade sob aquellas sombras destinadas a abrigar os dois anciãos esposos. Os lilazes, não exalavam mais que um debil perfume, e a mesma rosa, essa rainha do reino vegetal, parecia ter perdido a sua côr no gabinete d'alguma decrepita marquiza.

Duplesis occupava-se ainda dos negocios do estudo a que se tinha entregado nos primeiros annos, muito menos pelo interesse que pela afecção que lhes conservava. Era sempre consultado quando havia necessidade de appellar ao seu extraordinario saber ácerca de alguma questão letigiosa, ou á sua surpreendente memoria sobre qualquer dado precioso. A cabeça daquelle velho teria pudido luctar com effeito com o decionario de datas, esse vasto cemiterio de factos passados, semiado todo de cifras á maneira de pedras sepulcraes. Conhecia perfeitamente a fortuna, o character e a moralidade de cada um dos clientes; sabia os episodios mais secretos da sua intimidade. Em Paris dominam a vida trez poderes; o medico, o commissario e o porteiro. Na provincia pôde acrescentar-se áquelles trez o de notario, confidente obrigatorio de todas as pai-

xões pequenas e grandes que agitam a existência mais recondita, e Deus sabe quantas revelações mysteriosas tinha descoberto Duplessis por mediação do seu sobrinho. No momento de se entrar em casa dos Duplessis encontra-se de visita uma personagem: é um homem de cabellos brancos de estatura elevada, de aspecto grave e olhar doce e observador. A sua physionomia, e a sua acitudo indicam uma paciencia a toda a prova. Chama-se Latanoff, é russo; o seu passaporte lhe dá o titulo de Conde, a qualidade de secretario de embaixada, e « viaja por mero recreio ». O senhor conde de Latanoff está apoiado na mesa onde trabalha Duplessis sobrinho, occupado como dizem os da curia, em desembaraçar um legado. A conversação parece achar-se empenhada ha algum tempo e sem embargo os dois interlocutores não se entendem mais que no principio.

— Meu tio, — disse o notario, — recebeu com effeito os papeis do menino de que se falla.

— Franqueados pelo correio? — accrescentou o russo.

— Franqueados até ao seu destino e confiados á sua guarda. Pessoalmente não posso nada neste assumpto. É um verdadeiro labyrinth, cujo fio principal meu tio reservou para si e está resolvido a não desprender-se de titulos cuja importancia não se saberia avaliar.

— Não vos disse de que maneira eu queria fazer este negocio? — disse Latanoff.

— Sim senhor.

— Não pretendo arrancar o legado das suas mãos, violar um deposito feito por um depositario invisivel, manchar com um abuso de confiança a sua vida tão pura e respeitada. Não pretendo mais que vêr esse legado, examina-lo durante alguns minutos e tomar apontamentos de varias cousas; depois disto o entregarei tão completo como antes, pois o examinarei mesmo á vossa vista.

— Talvez ignoreis, — disse Duplessis, — que o legado de que se trata está escripto em lingua estrangeira?

— Sim, em allemão; não ignoro; mas sei bastante allemão para não necessitar interprete: isto se fará sem intermedario e em troca de tal communicação estou authorisado para vos entregar como gratificação, a quantia de vinte e cinco mil francos.

— Vinte e cinco mil francos! — exclamou assombrado o joven notario.

O conde de Latanoff tirou então uma carteira que exalou um suave cheiro de couro da Russia.

— Tenho-os aqui, — disse, — não peço nem recibo da quantia, nem ao menos declaração no livro de conta corrente; solicito tão somente a communicação de papeis pertencentes a um desconhecido, a um homem morto, sem duvida al-

guma; este favor da vossa parte não prejudicará ninguém.

— Na verdade que deveis ter nisso um interesse mui poderoso....

— Eu? disse Latanoff. — E porque?

— Para offerecer similhante somma em troca d'um favor tão pequeno é preciso que tenhais uma missão mui importante.

Latanoff carregou o sobre olho como homem que é descoberto por um excesso de zelo que tanto temia Talleyrand.

— Não; — disse, — não estou encarregado de negocios de ninguem, e se estimo no seu mais alto valor o bom serviço que de vós espero, é porque sou d'um paiz d'onde, não se commercea em taes negocios.

— Nesse caso sinto dobradamente ter que negar. Meu tio é inexoravel; não quer a nenhum preço desprender-se desses papeis, nem tão só por um minuto. Tenho feito tudo quanto me tem sido possível fazer. Nada consegui. Acreditai-me que me é mui sensível.

— Mr. Duplessis, — disse Latanoff, levantando-se permitti-me que volte amanhã a vovos. A noite é boa conselheira e vinte cinco mil francos de gratificação não são para perder para um cartorio de provincia, Sê-de persuasivo; a somma que offereço não carece de eloquencia tão pouco. D'aqui até lá talvez que obtenhais plenos poderes.

Saudando com uma graça moscovita abriu a porta e quando ia a sair tropeçou com um individuo que queria entrar.

— O homem que ia a sair e o que chegava lançaram mutuamente um olhar rapido como o relâmpago; mas bastou para que se conhecessem.

— É Latanoff, — disse o desconhecido.

— É Montreuil, — murmurou o moscovita.

O notario contentou-se com dirigir uma ultima cortezia á personagem que atrevesava com passo sereno o limiar da porta, e depois entrou no seu gabinete para receber a nova personagem.

— Cavalheiro, — disse Montreuil, depois de sentar-se — esta personagem que acaba de sair veio fallar-vos acerca d'uns papeis.

Duplessis examinou attentamente o recém-chegado que estava tão bem informado. Sondou com o seu olhar o vestuario já safado pelo uso mas que ainda conservava um resto de elegancia. Quiz descobrir nos seus olhos penetrantes o objecto da sua visita: mas Montreuil foi impenetravel.

— São papeis allemães dos que se trata, — continuou este ultimo, — sim um verdadeiro embolismo, que contem uma genealogia inteira.

— Como! Sabeis?....

— Oh! Sem duvida. Não é estranho: te-

nho perdido alguns annos da minha vida em escrever a historia dos demais. Chamarei a isto fazer suas memorias, e sei já beber em boas fontes. Os legados dos notarios são muito mais preciosos para os Bachaumonts destes tempos que o cathalogo das mais ricas bibliotecas.

— E qual é cavalheiro, — disse Duplessis — o motivo que me proporciona a honra da vossa visita?

— Oh! meu Deus! o mesmo na verdade que o de Latanoff; uma cobiça de historiador consciencioso, um desejo invencivel de ter documentos que só vós possuís.

— Nesse caso, cavalheiro, sem que tenha necessidade de pedir o vosso nome e os vossos titulos, vos repetirei a resposta que dei ao que vos precedeu: «isso é impossivel»

Montreuil escutou esta declaração com o maior socego; sorriu-se depois e aproximando a sua cadeira do notario lhe disse:

A palavra *impossivel*, como todos os adjectivos do nosso idioma, corresponde a um temperamento, ao qual se amolda e carecteriza. *Impossivel* é uma palavra de lymphatico, uma satisfação admittida pelos academicos da priguica, um não-sentido grammatical como todas as negações. Tal cousa pode ser improvavel, mas impossivel, quem se atreveria a affirmar-lo? A impossibilidade só é impossivel neste mundo.

— Cavalheiro, — replicou o joven escondendo
O Bezerra de Ouro

do a barba na immensa gravata branca que lhe servia de apoio, — evidentemente me fizesteis a honra de procurar-me para dar um curso de philosophia, não é verdade?

— Eu não vim aqui para vos consultar, — respondeu Montreuil; — é para vos determinar que me entregueis as notas allemãs de que acabamos de fallar. Oh! Evitai protestos e escusas; eu não faço cousas a meias. Se alguma vez tivesse que fazer uma petição ao rei pedir-lhe-ia talvez a sua propria corôa. Não quero a communicação pura e simples desses papeis preciosos; quero a sua possessão plena e absoluta. Já vê-des cavalheiro, se nos entendemos.

— Talvez ignoreis, sem duvida, — objectou Duplessis, — que se bão offerecido sommas consideraveis pela simples communicação do que pedis a entrega definitiva.

— Sommas consideraveis! Vamos, miserias respondeu desdenhosamente Montreuil

— Como, miserias! Já se offereceram vinte e cinco mil francos, cavalheiro!

Montreuil tirou da sua algibeira um lenço de seda e serviu-se delle para sacudir da sua camisa dois áthomos de tabaco, com a mesma elegancia como se tivesse medo de manchar uma rica tira de renda de *valenciennes*, depois disse com um sorriso cheio de candura.

— Os ruins, os avaros! vinte e cinco mil francos por uma communicação de tal importan-

cia! Vinte e cinco mil francos por um segredo, cuja chave real tem um notario! Parece impossivel e não coheço já a antiga munificencia de todas as Russias. A aguia de duas cabeças parece-me ave de rapina.

Duplessis olhou então para Montreuil com assombro, e perguntou a si mesmo se aquelle trage, cuja deterioridade tinha occultado só a arte, cubriria a algum Nabab, a algum principe ou a algum banqueiro. Tal é o prestigio do oiro sobre o vulgo, que se sentia quasi subjugado por aquella estranha personagem, aos olhos de quem mil luisés eram umã bagatela.

— Então estais persuadido — murmurou, que valem mais.

— Oh! — respondeu Montreuil, — serei justo, devia offerecer-se mais que isso. Cincocenta mil, cem mil, duzentos mil por exemplo.

— Fallais serio?... exclamou o notario atônito.

— Estou persuadido disso; até meio milhão seria verosimil; mas desde o momento em que entro em rivalidade, deveis comprehender bem que é acceitavel toda a proposta.

— Ah! pensais que...

— Diabo!

— Até meio milhão?

— Não só meio milhão, senão vos offereceria todo o banco de França se fosse possivel pelos taes papeis.

Se naquelle momento se tivesse ido annunciar ao notario de Ernée que o rei Luiz Filippe o instava para lavrar o contracto de casamento d'um dos seus filhos, não teria ficado mais surprehendido. Admirado daquelle empenho incomprehensivel, pensou por um momento ter diante dos olhos a um desses autócratas da fazenda, a um desses tyranos que dispõem dos destinos metallicos de ambos os mundos nos seus livros de caixa, e que á medida que sobe ou baixa sua olympica sobranceira, assim faz subir ou baixar a fortuna publica. Assim, pois, inclinando-se para fallar confidencialmente ao ouvido de Montreuil, lhe disse algumas palavras dictadas mais pela curiosidade do que pela cobiça.

— Porem, cavalheiro, — lhe disse, — que offereceis vós por estes papeis?

— Em dinheiro? — disse negligentemente Montreuil passando revista ao polimento rachado das suas botas.

— Sim, em dinheiro.

— Pois bem, cavalheiro, já que é necessario fallar claro, cathorica e positivamente... não offereço um soldo.

O notario se retirou como se houvera recebido sobre um dedo do pé um pezo de quinhentas libras.

— Então, — exclamou, — a que vindes aqui?

— Cavalheiro, — respondeu friamente Mon-

treuil, — creio que me expliquei sufficientemente ao principio desta entrevista. Venho buscar estes papeis, e, não duvideis, por mais que se augmente o vosso assombro, não sahirei d'aqui sem os levar. Ver-me-ia deslumbrado aos meus olhos se afrouxasse nesta empreza, como me julgaria deshonrado aos vossos se me houvesse occorrido a ideia de vos resolver com o ouro, porque poderieis tomarme com justa razão por um corruptor de mediana especie. Sei que o assumpto não depende de vós. Assim pois, permitti-me, para poupar tempo, que como o dinheiro, é um capital, solicitar o favor de fallar um instante a vosso tio. É um homem de experiencia, como se me ha dito, e conhece a fundo os homens. Dois minutos bastarão para pôr-nos de accordo admiravelmente.

— Duvido, — disse o joven Duplessis com um sorriso irónico, — que encontreis a meu tio tão facil em negociações como pensais. Sem embargo, não me compete pôr obstaculos a essa entrevista; meu tio não está debaixo de tutela, e ainda que seja só por saber até onde chega a vossa influencia vou conduzir-vos onde elle está.

Montreuil seguiu o seu interlocutor, e atravessou com elle o jardim das flores caducas de que temos fallado. A parte da casa que habitava o velho estava rachada e enegrecida pelo tempo. Os moveis carcomidos, cobertos de cores desbotadas, remedavam o estylo de Luiz 15. As paredes da sala estavam adornadas com dois qua-

dros: um representava scenas pastoris, copiado de Boucher, o outro o retrato de Duplessis, tio, na idade de vinte e cinco annos, tendo em uma mão a *Theoria das riquezas*, e na outra uma rosa musgosa, afim de unir sem duvida em uma mesma pessoa o util e o agradável.

Duplessis estava submergido em a sua cadeira quando entrou o seu sobrinho acompanhado de Montreuil. A sua cabeça inteiramente calva, aplanada pelo peso dos annos, estava inclinada para o peito. Estava vestido com um chambre de flanela preta, que mal occultava a fraqueza do seu corpo, e as suas duas mãos estendidas testemunhavam por sua immobildade que não eram a'acidas d'esse tremor nervoso tão commum em quasi todos os da sua idade.

— Meu tio, — disse o joven Duplessis dando-lhe no hombro, — aqui ha um desconhecido que deseja fallar-vos de negocios.

O septuagenario abriu os o'hos, endireitou-se sobre a cadeira e mostrou a Montreuil um semblante sombrio e ameaçador. Nunca se acharam mais visiveis os signaes de um colerico misantropo, como o eram n'aquelle rosto sulcado pelo tempo. A velhice é a pedra de toque do homem. Em quanto que fervem as paixões no fundo do seu caracter, é difficil sondar as ondas sem cessar agitadas; porem quando a idade ha acalmado a borrasca, pode ler-se sem muito trabalho nessa especie de aguas dormentas.

O velho Duplessis pertencia á cathegoria dos homens que se entristecem com a velhice e vem chegar com colera o termo proximo da sua existencia. Estava pois pouco inclinado a fazer concessões ao mundo que ia a deixar bem depressa. Despresava a raça humana e amava á soledade, mais por salvajaria que por essa necessidade mysteriosa que sente toda a alma poetica, em gozar consigo mesma. Motivo porque recebeu o desconhecido de máo humor, em beneficio do qual se havia perturbado o seu somno.

— Cavalheiro, — disse a Montreuil, — que quereis? Que pedis? Que vos falta? Se é algum dado, ou nota, ahí está o meu sobrinho, e na sua falta o primeiro escrevente; se é uma consulta, não as dou, e isto não é uma cousa nova. Despachemos por favor, pois sou velho como vós vê-des e na minha idade não ha tempo que perder

— Meu tio, — disse então o joven Duplessis, — a cousa é mui simples. Ha alguns annos recebesteis pelo correio, não como notario, senão como simples particular e de uma mão que não se ha dado ainda a conhecer, uns papeis relativo á successão de Limburgo. Depositasteis-los no meu gabinete como em logar seguro, não querendo guarda-los no vosso, e este cavalheiro vem pedi-los suppondo que vós podeis dispôr d'elles livremente. Por minha parte, afim de vos poupar as fadigas de uma conversação sobre este assumpto, julguei dever advertir-lhe que estes documen-

tos eram objecto de uma inutil cobice e infructuosamente se haviam offerecido sommas consideraveis por consulta-los. Este cavalheiro elanou contra a pequenez destas soumas, e julgando que não ha preço bastante para taes papeis, não quer paga-los por preço nenhum. Assegura tambem que não sairá d'aqui sem levar os documentos em questão, dos quaes quer a propriedade gratuita e que para o conseguir diz lhe bastará só indicar-vo-lo. Este é o motivo pelo qual ousei violar a determinação que deffendia a vossa porta.

Ao ouvir esta revelação, feita em um tom satirico, levantou-se o velho enfadado e adiantou-se para Montreuil.

— Não sei, — lhe gritou, — quem vos ha inspirado a audacia de fazer-me similhante petição. Não vos conheço, nem quero conhecervos. Tendes algum direito para reclamar taes papeis? Tendes alguns titulos que vos acreditem? Manifestaios, ou sahi daqui immediatamente.

Montreuil examinou o irascivel velho, não como homem a quem assusta a colera, senão pelo contrario, com um sentimento de alegria. Temia encontrar um gelo onde achava um vulcão, e se prometteu tirar partido d'aquelle arrebatamento que favorecia os seus projectos.

— Permitti-me, cavalheiro, — disse com accento de delicada cortezania, — permitti-me

vos faça observar que se tivesse titulos me honvera sido inutil solicitar a hora de vos ver. Precisamente porque não conto com elles, me dirijo a vós em um negocio em que os nossos interesses se acham ligados, em que a nossa causa é talvez commum. Que vos importa o meu nome, se eu vos sirvo? Que a minha profissão, se eu vos sou util? Vós possuís um segredo do qual não tirais partido nenhum, e eu saberei aproveita-lo; tambem eu tenho um que é para mim uma superfluidade e que vos convem saber. Cada um de nós possui um mui indispensavel ao outro: venho pois, propor-vos uma troca, vós conheceis demasiado a sciencia das transacções para não recordar que estas operações podem fazer-se de uma para outra mão.

O velho fixou seus olhos em Montreuil como se houvera querido abraza-lo com o fogo de seu olhar.

— Ignoro o que quereis dizer — replicou: — Eu estou tranquillo não tenho segredos que dizer nem que occultar.

— A vossa indiferença, cavalheiro, não é nada razoavel, — respondeu Montreuil. — Sobre tudo, está em contradicção com a gravidade do vosso character. Uma de duas cousas: ou tenho que fazer-vos uma revelação importante, para a qual me assiste direito de fixar preço, ou não sou mais que um impostor que me sirvo de pre-

textos que não existem, aos quaes podeis responder fazendo-me lançar fóra da vossa casa. É um exame que vos pertence fazer. Vale, pois a perda de dez minutos? Isto é o que tendes que decidir. Em todo o caso nada arriscais, porque sou eu quem paga adiantado.

— Pois bem, cavalheiro, — murmurou o velho Duplessis; — faça-se como vós decejais. Vejamos esse mysterio que tanto deve interessar-me, porem sê-de breve porque gosto das historias ligeiras.

Montreuil collocou negligentemente o seu braço direito sobre a mesa cuberta de papeis e de periodicos, como homem resolvido a tomar tempo.

— Bem, cavalheiro, — respondeu o velho; — falta-vos a memoria? Appellai para a vossa imaginação? Se é novella o que me destinais, é lenta a vossa improvisação.

Montreuil lançou para traz um olhar com uma presença de espirito admiravel.

Cavalheiro, — murmurou, — a nossa historia presta muitas vezes á novella as suas situações as mais extraordinarias; porem é máo dar uma leitura d'ella em alta voz para ouvidos jovens.

— Não vos comprehendo, — observou o seu interlocutor.

Montreuil sem dizer palavra mostrou com o dedo ao joven notario, que presenciava aquella

scena com a mais viva curiosidade. O velho olhou para seu sobrinho, e pareceu commover-se por primeira vez rensado nos factos que nem todos podiam ouvir, e depois se fixaram seus olhos em Montreuil com um sentimento de desconfiança que não intentava dissimular.

— Oh! cavalheiro, — exclamou este, — tranquillizai-vos, não trago comigo nem punhal nem pistola de seis tiros; não quero nem a vossa vida nem a vossa fortuna. De mais, para um assassino existiria uma introdução mais facil que a que eu me proporcionei. Sendo requisito de toda a casa pateo ou jardim, tem esta paredes accessiveis e uma portinha que parece feita de proposito para os visitantes nocturnos. Quando um individuo joven e bom moço, entra com o auxilio de uma criada; quando é velho e feio, entra com o de uma escada.

Eu não escolhi nenhum destes meios; vim pelo escriptorio; fui introduzido pelo vosso successor e deixei a minha bengala no vosso gabinete. Já vê-des, cavalheiro, como devo merecer a vossa confiança.

O velho depois de vacillar um momento, fez um signal a seu sobrinho. Este desapareceu com sentimento, e Montreuil permaneceu frente a frente com seu terrivel contradictor.

CAPÍTULO VII.

DÁ CÁ E TOMA LÁ.

— **M**R. Duplessis, disse Montreuil ao velho, assim que o sobrinho os deixou sós, — a historia que tenho que referir-vos, não pôde apresentar inexactidões sem que sejam immediatamente corregidas por vós mesmo, por que não se remonta nem á epocha das cruzadas nem ainda ao outro seculo. Esta historia é a vossa, e a tomo desde a era de 1816.

— Em 1816, — interrompeu o velho, — me achava estabelecido em Alemanha, aonde me levou a emigração.

— Sim, associado ao barão Appencherr um dos ricos banqueiros de Francfort, possuieis uma fortuna consideravel e uma mulher com quem

vos casasteis naquelle paiz e cujo talento e atractivos chegaram a ser proverbias. Mad. Duplessis, loura de 30 annos, era de uma belleza nada commum: era uma estatua de Fidias descida do seu pedestal. Tinha uma presença de Deosa, uma cabeça admiravel, uma elevação de character que impunha respeito, e uma delicadeza de intelligencia cujo encanto era irresistivel. Não é exacto este retrato, cavalheiro?

— Estou perguntando-me, — objectou Duplessis com a caixa do rapé entre as mãos, — aonde quereis ir parar.

— Permitti-me vós, — redargiu Montreuil, — que entre n'esses pormenores, que servem para provar quão bem conheço toda a historia. Continuo, pois. Naquella epocha da vossa vida entrasteis em França por primeira vez depois de muitos annos. Fosteis a Paris com objecto de estabelecer uma casa de commercio, correspondente da de Alemanha, na qual o filho do vosso consocio, que mais tarde chegou a ser vosso genro, se poz de chefe e continua todavia na hora em que fallo.

Durante esta permanencia em França que durou perto de dezoito mezes, foi quando um cavalheiro encantador saíu de França depois da campanha de 1815, na qual havia tomado parte em qualidade de official ao serviço da Austria. Voltou á Alemanha a casa do barão Appencher pelos cuidados com que elle havia sido criado e

por haver-se feito depositario da immensa fortuna do joven. A sua desgraçada mãe Luiza de Lanswick, condessa de Zanau, havia morrido de veras aquella vez no castello de Hildeburgo-Hausen. Ali é como vós sabeis, aonde foi encerrada de incognito, depois das honras funebres que seu marido, amante da grande Catharina, havia feito ao atauda da supposta defunta. Terno espectaculo que tanto contrariou a Imperatriz e depois enterneceu a formosa sociedade de S. Petersburgo.

— Querereis fallar — interrompeu asperamente o antigo emigrado, — do cavalheiro de Limburgo, assassinado alguns annos depois em Francfort, uma noite que havia entrado furtivamente na cidade depois de uma larga ausencia, para ver a joven que terá abandonado por força?

— Precisamente. Mas como o pai deste cavalheiro de Limburgo, o conde de Zanau, acabava de morrer, os seus direitos á coroa de Wardemburgo deveriam recahir em seu filho anonymo, o nosso encantador cavalheiro. Deu-lhe o capricho de reivindicá-los. Capricho bem funesto! Desde aquelle momento principiaram as perseguições incessantes de que ha sido objecto.

— E a victima? — redarguiu com tristeza o ancião Duplessis.

— Alegra-me encontrar em vós esse sentimento evangelico, — respondeu sorrindo-se Montreuil. — Não sabeis ainda quão magnanimos

é por sua parte. O conde de Zanau, pai da interessante victima, era, segundo vós não ignorais, um bigamo manifesto. Vivendo sua primeira mulher Luiza de Lanswick cuja morte por desgraça se provou oficialmente, chegou a casar-se com a princeza Frederica como sabeis tambem. O filho que d'ella teve, ainda que bastardo aos olhos da lei divina e humana, não era menos olhado como seu herdeiro legitimo porque a bigamia de seu augusto pai o conde de Zanau não se havia revelado ainda, como creio succederá bem depressa ainda que seja só pela honra que ha offendido. As reclamações do cavalheiro de Limburgo, dirigidas ás chancelarias competentes deviam ser repellidas com indignação, apezar das provas em seu apoio de que iam acompanhadas, ou talvez, quem sabe, por causa das mesmas provas.

Quero fallar d'aquellas cujo original existe nas vossas mãos. Haviam-se-lhe proporcionado por um tal Muller, igualmente assassinado depois n'um canto de certa rua de Paris, porque se assassina a prazer neste tenebroso negocio. Este Muller era filho do guarda de Lanswick, mãe do cavalheiro, no castello de Hildburgo Hausen. O cavalheiro deveu prever o máo exito da sua tentativa. Fe-la demasiado depressa ou demasiado tarde desempenhando-a o peor possivel. Não se pede um sceptro com a simplicidade e bôa fé que se pede por meio de uma recompensa um guarda-sol que se perdeu. O momento demais a

mais era pouco propicio. Acabava a santa Aliança de recorrer a Europa a seu capricho. Os filhos nascidos do segundo matrimonio do conde de Zanaa haviam sido naturalmente conservados pelo Congresso em seus direitos apparentes á Corôa de Wardemburgo, e isto em prejuizo do verdadeiro herdeiro não reconhecido. A apparencia é sufficiente em taes casos.

Que fôra do mundo, depois de sua origem, se houvera sido preciso buscar frequentemente a legitimidade de tudo o que se ha considerado como legitimo! Não sei se com o decurso dos seculos teriam parecido aptos para ser proclamados reis muitos criados e lacaios; mas seguramente ter-se-hia encontrado algum rei, cujo unico direito hereditario se houvesse limitado a ser lacão.

— Confesso-vos, cavalheiro, — interrompeu Duplessis com um augmento de máo humor, — que os vossos cursos de historia não são mais agradaveis que os de philosophia. Vamos á questão ou obrigar-me-heis a abandonar o posto.

— Um pouco de paciencia, cavalheiro, — respondeu Montreuil, cuja intenção era irritar mais o velho para domina-lo melhor. — Não perdereis nada por esperar. Volto ao cavalheiro de Limburgo. Não podia ser accollhida a sua reclamação apoiada em copias de documentos mais ou menos fidedignos. Estava acordada a carta da Europa: os protocolos firmados e a edição

definitiva do *Almanak de Saxonia Gotha*, inventario official de todos os principados autenticos, acabavam de dar-se á imprensa com a authorisação do congresso. Era impossivel introduzir nelle uma errata em proveito do nosso cavalheiro de Limburgo. Não se transtorna tão facilmente um quadro de materias a gosto do primeiro que chega. Os motivos historicos de similhante rectificação causariam por outra parte demasiado escandalo na Europa e a memoria brilhante todavia da grande Catharina se houvera obscurecido por isso.

— Em nome de Deos, cavalheiro — exclamou o antigo emigrado levantando-se.

— Tranquillisai-vos, meu senhor, — continuou Montreuil. — Já cheguei ao objecto principal. O cavalheiro de Limburgo não tardou em conhecer a imprudencia que havia commettido. Foi então, na occasião que vós aqui estaveis, que elle se refugiou em Alemanha, em casa do barão Appencherr vosso consocio, afim de escapar das perseguições, cujas causas me parecem evidentes, porem cujos authores successivos tem sido sempre desconhecidos. Já vê-des que não sou tão estranho á materia como vós julgais. Demais o cavalheiro de Limburgo era, repito, um cavalheiro encantador; algum tanto ruivo como os estudantes de Goethe; algum tanto sentimental como os enamorados de Schiller e algum tanto esceptico como os heroes de Kotzebue. Permane-

ceu um anno em casa do barão resguardado das mysteriosas coleras que o ameaçavam, occulto sob um nome supposto. Pois bem, — continuou Montreuil dando á sua voz um accento aspero como o que está resolvido a dar um golpe decisivo, — naquelle momento da sua vtda foi quando o encantador cavalheiro de que fallamos, chegou a ser o heroe de uma aventura romantica, na qual se havia misturado a vossa existencia sem o saber-des, e na qual haveis perdido a honra.

Ao ouvir estas palavras o ancião Duplessis se levantou pallido de raiva, porem fazendo violentos esforços para dominar a sua emoção. O sangue que havia abandonado a cavidade do coração para subir ao cerebro, havia rodeado seus olhos de um circulo escarlate que o assemelhava a um tigre, e em quanto passava uma das suas mãos por seus cabellos brancos e claros, a outra occulta entre o jaleco parecia encrespada pelo furor.

— A minha honra dizeis vós! — balbuceou. — A minha honra! E porque se ha comprometido a minha honra nesse negocio?

Montreuil abanou a cabeça á maneira de Voltaire, quando hia como sacrificio humano immolar um amigo nas aras do sarcasmo.

— Ah! não sabeis, cavalheiro, que a honra tem como a vida seus perigos imprevistos, suas catastrophes repentinas, suas telhas que se quebram? Como! Suppondes que vos bastará ha-

ver sido durante trinta annos um administrador probo e tímido, um cidadão soffredor e subordinado, um esposo terno e um pai affectuoso para conservar a vossa honra? Desenganai-vos. É essa uma mercancia fragil, susceptivel de avaria e que ao contrario de qualquer outro valor, está mais exposta se se juntam dois para conserva-la.

— Dois! — suspirou Duplessis.

— Sem duvida; um celibe guarda a sua honra elle só em sua casa e em sua vida de solteiro: mas um marido confia com a chave de sua casa a sua honra a sua mulher. Logo, cavalheiro,...

— Logo? — repetiu o velho assustado.

— Se deixou entrar na casa commum a um amavel aventureiro.

— Cavalheiro!

— Um senhor em sua qualidade de estrangeiro considerou sem duvida a vossa honra como uma virtude de seu uso. Compreendeu a hospitalidade á maneira dos Orientaes, grande, completa, illimitada.

— Diabo! — vociferou o velho avançando para Montreuil e agarrando-o pelo pescoco, — que dizeis?

— Digo, — replicou o antigo diplomatico desembaraçando-se com a maior tranquillidade, — que ha pouco me tinheis vós por um assassino e que neste momento se fôra tímido poderia experimentar o mesmo medo. Felizmente não

tenho a pretensão de ser medroso. Supportai só que eu vos exorte tranquillamente, e agradecei-me o não haver permittido que o vosso sobrinho assistisse a esta revelação.

— Acabai, cavalheiro, acabai! — exclamou Duplessis, — creio que haveis tido a ousadia de dizer que minha mulher...

— A vossa mulher não pôde permanecer insensível aos pateticos infortunios do cavalheiro. Houvera acaso podido. Que moralista se atreveria a afirma-lo? Formoso, joven, de talento e proscripto Mr. de Limburgo reunia todas as circumstancias indispensaveis para agradar. A desgraça faz a qualquer tão interessante! Em vão nos diz certa canção d'aquella epocha: « A paixão não é o amor; é a sua maldita vesinha! » Enfim, fareis mal em ser agora severo por demais: isto occorreu em 1816; abri o codigo e vereis como ha prescripção.

Em quanto que Montreuil para conseguir melhor o objecto da sua visita, descarregava os tiros de suas acerbas mofas no coração do velho, este havia caído na sua cadeira esmagado pela dor. Rebelava-se a sua razão contra este sentimento retrospectivo que vinha envenenar os seus ultimos dias. De prompto se illuminou sua fronte, levantou-se, e franzindo o sobrolho negro e branco que dava á sua physionomia um aspecto mais sombrio e ameaçador.

— A vossa historia, — disse com uma gar-

galhada convulsiva, — poderá estar bem inventada; porem ha nella uma lacuna.

— Não o supponho, — respondeu Montreuil com tom breve.

— Advirto que falta um ponto essencial para um chronista consciencioso como vós pareceis ser; faltam os documentos justificativos.

— Enganais-vos, cavalheiro, porque os traço aqui. Datam do tempo em que, como disse ha pouco, vivesteis em França depois de haver vindo de Alemanha. Eis-aqui duas cartas de uma ama a Mad. Duplessis: uma accusa a recepção do menino nascido dos mysteriosos amores do cavalheiro; a outra dá a conhecer a firme vontade de guardar este segredo occulto para sempre a todos os olhos, por motivos que não se explicam, porem que se adivinham facilmente. É um horrorador que terá feito alguma Sevigné d'aldea, com a intenção de escrever o original em hastardinho mais satisfactorio.

— Não está assignada, — objectou o velho.

É que faço como os advogados debeis, cavalheiro, que se limitam a dar ao principio os argumentos duvidosos, reservando os factos patentes em beneficio da peroração. Pois bem, o que não deixa logar a duvidas, é uma carta de Mr. de Limburgo, perfumada toda de amor paternal, e na qual se nomeia a vossa mulher. Emfim ha cartas da mesma Mad. Duplessis em numero de

quinze, dirigidas á ama, e nas quaes manifesta a mais terna solicitude.

— Sim, uma impostura! — continuou Duplessis fazendo um gesto de negativa energica, como para repellir a suspeita que o atormentava.

— Depois de haver-me feito a honra de tomar-me por um assassino, — observou friamente Montreuil, — conceder-me-heis tambem os talentos de um falsario? Na verdade, cavalheiro, tendes formada boa opinião de mim. Podeis comprovar e desenganar-vos-heis. O ver não custa nada.

— Oh! — exclamou o velho depois de haver deitado um rapido olhar sobre as cartas. — É a sua letra! É a sua assignatura!

— Um authographo completo, — respondeu Montreuil, — agora escutai uma das suas cartas; parece-me que só uma mãe pode fallar assim:

« FRANCFORT 21 de Outubro de 1817.

« Boa ama;

« Envio-vos por meio de uma pessoa de se-
 « gurança os cento e cincoenta francos destina-
 « dos ao pagamento do mez vencido. Considero-
 « me ditosa por saber que está bom esse querido
 « menino e que se parece muito ao principe seu
 « pai. Oxalá que seja mais feliz que elle! O meu
 « marido deve voltar breve de França. Não me es-
 « crevereis directamente, responder-me-heis com
 « simplicidade por meio do meu portador de car-

« las. Nem uma palavra, nem um passo que pos-
« sa fazer suspeitar este segredo, do qual não devo
« dispôr, porque não me pertence a mim só. Vão
« nelle misturados mais graves interesses; en-
« volve a vida ou a morte de pessoas que me são
« queridas. Deos misericordioso nos proteja a to-
« dos! Uma noite irei ver-vos ao sitio costuma-
« do acompanhada do Principe, a quem graves
« perigos vão a faze-lo ausentar-se momentanea-
« mente de Francfort, e abandonará a mãe e o filho
« até melhores dias.

Vossa affectuosissima

OLIMPIA DUPLESSIS »

O marido offendido se viu acomettido por causa d'aquella leitura de uma perturbação apoplectica. Havia-se estendido para ler por cima do hombro de Montreuil a carta fatal, com objecto de levar a dianteira ao leitor em meio de sua febril impaciencia, e caiu como uma massa, escapando-se de seus olhos uma torrente de lagrimas.

— Em verdade, — disse Montreuil recolhendo cuidadosamente os papeis espalhados, — que se todas as heroínas imaginarias escreviam cartas tão imprudentes seria perigoso para a arte: não haveria drama possivel em cinco actos. Levantando-se depois como homem fatigado de uma larga conversação, principiou a passear pe-

la habitação com passo lento e a contar attentamente os florões das cortinas.

Pouco a pouco se deliveram as lagrimas do velho; reanimaram-se os seus olhos um momento antes apagados e recobrou as suas forças com colera.

— Cavalheiro, — perguntou Duplessis, — vive esse menino?

— Vive, — respondeu tranquillamente Montreuil.

— Como se chama? Onde está? Que faz?

— Isso é precisamente o que eu vinha revelar-vos; porem pareço-me um pouco a esses commerciantes que dão gratis um objecto para chegar a vender mais caro um segundo. Fica a historia sem retribuição em prova de agradecimento pela honra da vossa audiencia particular. Em respeito ao demais, toma e dá cá. Sabe-lo-heis se me entregardes os papeis que constituem o objecto principal da nossa entrevista. Pelo demais nada tem que ver com o menino Limburgo, de que se faz menção na correspondencia que tive a honra de vos ler.

— Oh! — exclamou Duplessis, — eu sei o que contem; interessam a outro filho d'esse miseravel, mas que leve depois do seu casamento com a filha de um juiz de Francfort. São provas de identidade, titulos de successão a um throno, cousas todas que na verdade apenas me interessam.

— Sabeis o alemão ?

— Recordo-me bastante para conhecer de que valor podem ser esses documentos em mãos de um homem de audacia e de intriga, porem guardo-os para destrui-los. Esta será a minha primeira vingança contra essa raça abominavel. Ao menos o filho do criminoso que me ha enganado, não poderá jamais revindicar os seus direitos de herança ao throno.

— Farcis vós com isso, permitti-me que vo-lo diga segunda vez, uma cousa indigna da sagacidade que se reconhece em vós. Castigar assim um menino innocente, em vez de faze-lo com o nascido de umas relações culpaveis ! Ah ! isso é tergiversar as noções elementares do raciocinio.

— Com effeito, — murmurou Duplessis, — o outro é o que importa encontrar ; sobre elle devo descarregar o meu furor. Porem a entrega que vós me exigis não posso faze-la de maneira alguma.

— Quereis vós antes ficar sem vingança ?

— Não, — disse o velho, — não quero perder a vida sem lavar em sangue a injuria que recebi.

— Demais, — acrescentou Montreuil, — donde vos vieram esses papeis ? Ignorais. Quem vo-los enviou ? Tão pouco sabeis nada. Desteis recibo d'elles ? De maneira alguma. Vieram ás

vossas mãos sem condição, franqueados pelo correio, de uma mão desconhecida como um prospecto de arroze peitoral ou de tirante mecânico. Os escrúpulos que tendes são ao menos exaggerados.

— Tendes razão, — exclamou o velho, — segui-me vós ao escriptorio; vou entregar-vos-los neste momento.

— Alegro-me, — acrescentou Montreuil com a mesma presença de espirito, — assim receberei a minha bengala que lá me ficou.

Tendo chegado com Montreuil ao meio d'aquelles legados e cartões cobertos de pó, o velho Duplessis com grande assombro de seu sobrinho pegou em uma caixa, tirou d'ella um rolo que conservava ainda a cinta do correio e o entregou a Montreuil.

— O nome do menino, — disse, — o nome!

— Chama-se Aronde, — respondeu Montreuil — e vive em Paris.

— Aronde! — exclamou o septuagenario, Oh! eu conheço-o!

— Vós encontrareis nessas cartas que vos deixo toda a historia da sua vida até aos quinze annos.

— Estava unido com minha filha a baroneza Appencherr, — interrompeu Duplessis.

— Certamente. A defunta baroneza é a que velou por elle.

— Infamia! confiar a sua filha semelhante cuidado! Ah! é Aronde!

— Um agente de negócios... um capitalista...

— Ah! é um homem de fazenda, um homem de credito, um homem de dinheiro! — continuou o velho fallando consigo mesmo. — Oh! então por ser differente não será menos segura a vingança! Nada de sangue! Isso mancha as mãos! Existe um veneno, veneno lento, subtil, mais terrivel que o arsenico, mais horroroso que o acetato de morfina!

— Demonio! — exclamou Montreuil. — parece-me que estais forte em farmacia! E como chamais a esse dissolvente da vida humana?

— O ouro, — respondeu o antigo banqueiro. O feliz possuidor dos papeis relativos ao cavalleiro de Limburgo ia depois de se haver despedido a passar o limiar da porta do escriptorio quando interveio o sobrinho de Duplessis.

— Levais esses titulos? — perguntou a Montreuil.

— Não vo-lo disse?

— Nesse caso, — replicou o joven notario, — necessito um recibo, porque foram inscriptos no meu repertorio. É uma formalidade de que não posso prescindir.

— Como quizerdes, — replicou Montreuil. E sobre uma folha de papel sellado com as armas de França, escreveu:

« Recebi de Mr. Duplessis, sobrinho, nota-
 « rio de Ernée, uns papeis pertencentes á succes-
 « são de Limburgo, cuja liquidação me está con-
 « fiada.

« CONDE DE CASTERCÁLA.

« Ernée 12 de Julho de 184... »

— Depois que acabou de formular este do-
 cumento com auxilio de uma letra tanto mais di-
 plomatica quanto que apenas era legivel, passou a
 penna ao joven.

— Dai-me, cavalheiro, em nome de vosso
 tio um recibo das cartas que lhe entreguei e das
 quaes necessito dar conta; tinha-as em meu po-
 der como em deposito.

O sobrinho de Duplessis, depois de haver
 consultado com o velho, escreveu:

« Recebi do senhor Conde de Castercála,
 « encarregado da liquidação da successão de Lim-
 « burgo quinze cartas pertencentes á mulher
 « Kermer, vezinha de Wachel, perto de Francfort
 « para fazer dellas o uso que julgue util aos meus
 « interesses.

« DUPLESSIS, *notario real.* »

« Ernée 12 de Julho de 184... »

— Ao outro agora! — murmurou o velho
 entrando em seu gabinete. — Ja tenho a minha
 vingança!

Montreuil saiu para a rua e leu o recibo que levava.

— Na verdade, — disse tomando a deligencia que devia conduzi-lo a Paris, — o tal Duplessis levou as cousas mais adiante do que eu pensava; queria só estes papeis e com o seu recibo dá prova da minha identidade. Eis-me aqui sem mais nem menos Conde de Castercála por acta de notario. Uma dita jamais vem só.



CAPITULO VIII.

ANYIGOS MANUSCRIPTOS.

As palavras voam, os escriptos permanecem.

APENAS era dia na esplendida vivenda da Chaussée d'Antin, aonde nós tomamos a liberdade de conduzir-vos para iniciar-vos nos costumes de certas gentes, cuja pintura exigem imperiosamente o assumpto desta novella, e o gosto particular do nosso seculo. Seja-nos permittido neste caso tomar por exemplo ao immortal auctor de *Gil Braz*. A nossa epoca não é felizmente aquella e no curso da nossa narração poderemos apresentar-vos quadros mais agradaveis.

Apenas era dia, diziamos, n'aquella sumptuosa morada e sem embargo eram já as doze da manhã. O sol fazia ainda antesala ante as arma-

ções de brocado, ouro e rosa que lhe impediam a entrada. Tudo estava tranquillo e silencioso naquella casa magnífica, porque os criados mesmos fallavam e andavam com precaução para não perturbar, não o repouso, senão os estudos de sua senhora.

A deusa do lugar, cujo vivo modelo nos ha offerecido a chronica contemporanea, estava assentada diante de uma mesa de escriptorio de pau de rosa adornada de fechaduras, capazes de confundir a Hurel e a Fichel, ainda quando se houveram reconciliado ambos os adversarios em uma prudente colaboração. Á mola da fechadura estava unida uma verdadeira machina infernal, um canhão de fuzil recortado, que houvera desfeito a mão imprudente e ousada que se douvera aproximado ao sanctuario. Infinitos passadores obedeciam juntos á chave como um batalhão á voz do chefe, e ao mesmo tempo que aquelles guardas de ferro defendiam o elegante movel do seculo 12, caía sobre cada gaveta á maneira de segunda couraça uma plancha segurissima.

Era ouro o que guardava assim a proprietaria? Eram joias? Não; é seguro que ella não houvera tomado taes cuidados por bagatelas cujo deposito aceita de muito bom grado o Banco de França.

Os thesouros que occultava aos olhos de todos eram de outra especie; os valores que ella possuía exerciam uma influencia muito maior que

contratos de arrendamentos e thesouros de diamantes, e sem embargo, um ladrão vulgar, se houvera podido sobreviver á explosão que o ameaçava, lhe haveria causado enfado o seu descobrimento. Ainda nos permittimos suppôr que houvera despresado a sua posse.

A senhora que occultava as sues riquezas não era outra que a celebre Tiennette, cujo nome ha sido já citado por Dabiron em a sua historia. Tiennette, a rapariga feia sem dentes, sem belleza e sem esplendor. Os seus olhos, que eram quasi formosos á força de curiosa vivacidade, pareciam converter em arma a sua fealdade. Auxiliava-se de todos os prestigios da toilette menos harmoniosa, como para augmentar a extravagancia. Ainda que morena qual uma andaluza, trazia trages de seda côr de rosa que lhe davam o ar de uma mulata extravagante, e os anneis avultados de seus cabellos de um negro destuzoso serviam para mostrar mais a rudeza e o máo gosto.

O gabinete que occupava estava adornado com um gosto inaudito. Sobre a parede, adornada de armações magnificas, podiam admirar-se objectos de arte de um valor immenso, regalos custosos que revelavam a sua aristocratica origem. Uma soberba papeleira, obra mestra de escultura, enchia uma das frentes do gabinete, e na qual se via uma profusão de fechaduras que adornava o movel sobre o qual escrevia. Por fim

em cima da chaminé, em meio de duas estranhas jarras estava collocado um relógio gothico, em cuja parte superior se ostentava um Cupido com o dedo fixo sobre seus labios entre-abertos, personificando graciosamente a divindade negativa chamada o silencio.

Tiennete, aquem até agora não conhecera o leitor muito a fundo, era um poder occulto do mais excentrico; porem tambem da especie mais perigosa. Estava desprovida de todo o encanto e perfeição corporal, e tinha que ver-se precisada a tirar partido de uma desgraça e aproveitar-se do seu infortunio. Formosa, houvera despertado a desconfiança do que ella chamava a sua clientella! Feia, convertia-se em uma amiga e não em uma rival, uma confidente e não uma heroína, um recurso e não um perigo.

Tiennete, depois de haver posto em ordem alguns maços que envolveu cuidadosamente, puchou com violencia pelo cordão da campainha que tinha á sua direita.

— Maria, — disse á criada que não passou do limiar da porta, — veio gente?

— Sim minha senhora; ha uma hora.

— Quem são?

— São senhoras, as que vós conheceis.

— Não é nenhuma desconhecida?

— Creio que só uma.

— Diz-lhe que entre. Gosto de despachar a desconhecida. Demais a amizade é uma carga quan-

do não é um privilegio e não me incommodo com pessoas intimas.

A criada desapareceu e voltou um instante depois acompanhada de uma d'essas mulheres que sob o nome de *loretas* hão vulgarisado um pouco em os nossos dias o tipo encantador dos Ninon e dos Marion Delorme, e cujo unico cuidado consiste, quando tem o instincto da elegancia ou o sentimento de sua inferioridade, em remedar as maneiras das senhoras de alto tom. Porem apesar de tudo, a loretta deste genero não é mais que uma griseta em trage de festa, aproximando com mais ou menos exito o vestido de volantes e o chapeo de plumas. Não é só o coquetismo ao que devem attribuir-se semelhantes veleidades senão á vaidade dos homens especialmente. O desejo de levar pelo braço *uma mulher bem vestida* ha feito desaparecer quasi completamente da scena publica ás que tinham poucas exigencias no seu trage.

A recém-chegada era uma joven que podia passar por bonita. Ia vestida d'essa maneira excessiva que cria as modas novas começando a exagera-las. A sua cabeça ía cuberta de um chapeo extravagante, e resguardava o talhe ridiculamente recortado de seu vestido de varege azul com um mantillete, cuja guarnição mais nova que o fundo, indicava demasiado a differença de idades.

Levantando-se Tiennete para offerecer-lhe uma cadeira, lhe deitou um unico olhar que lhe

bastou para conhecer a classe de negocio que levava.

— Vamos, minha bella, lhe disse em uma linguagem ultra-familiar que o nosso respeito á verdade nos faz reproduzir fielmente. — Recorreis a mim porque vos vê-des em apuro.

— Ah, senhora! — respondeu a desconhecida — ha tempo que tinha desejos de...

— Tá, tá, tá! cumprimentos; simplicidades; deixemos isso; não gosto de lisonjas: vindes como vossas amigas, pela unica razão de que precisais de mim. Ah, demonio! Minha bella menina, sei a vossa historia de memoria. Abandonou-vos o monstro depois de haver-me amado. Sempre ha-de haver um monstro nas vossas historias como nas feitiçarias do boulevard. Haveis esperado Penelope inconsolavel a volta de Ulisses e Ulisses não voltou. Vendesteis o producto das vossas munificencias, o bracelete de ouro, o adereço de rubis, o mantillete de cachemira, o anel de brilhantes; tudo está em casa de nossa respeitavel tia, e agora irá a ser vendida a mobilia, lançado fóra o inquilino e algum escrito brutal fará que se alugue o asylo dos deleitosos amores.

— Senhora, — exclamou a veadora, — sois uma verdadeira adevinha.

— Não; mas sou mulher e feia; duas qualidades que dão muita prespicacia. Uma mulher seria um augur pela penetração se o diabo invejoso não convertesse a sua formosura em um fo-

go fatuo que a deslumbra. Vamos, cheguemos á questão. Que quereis vós, dinheiro?

— Senhora....

— Sim; direis immediatamente o que posso fazer-vos.

— Sem saber quanto desejo?

— É evidente que desejareis o mais possível. Repondei-me, que idade tem o vosso infiel?

— Trinta e cinco annos.

Tiennete fez um gesto indescriptivel.

— Má idade! nem muito joven nem muito velho. Está casado?

-- Não, senhora.

— Quero dizer cusado *seriamente* em algum ponto, sugeito ás contribuições directas e á guarda nacional....

— Não, senhora.

— Então, minha formosa amiga, desorientais-me completamente; tendes um valor negativo, uma quinta roda para uma carruagem; não ha meio de pôr em acção as vossas ternas recordações. Tem algum estado que o obrigue a certo decoro de austeridade?

— Senhora, desfructa seis mil francos de renda, da qual vive.

— Dizei melhor que morre, minha querida. O desgraçado, já sei, foi infiel por economia, um rico é invulneravel e cauto como uma tartaruga; caminha a tropeções e a maior ameaça passaria

por suas costas sem ferir a sua escama. Seria preciso nada menos que um cataclismo, uma invenção, um novo 93, uma conflagração universal para mover um homem rico, e por desgraça a Carta de 1830 não nos conferiu o direito de lhe declarar a guerra.

— Quereis dizer, — murmurou a joven impacientada, — que não podeis dar-me nenhum soccorro ?

— Para mim, querida, não sois mais que um zero.

— Ai !

— Comtudo tenho costume de ser bondosa. Eis-aqui 100 francos adiantados, a todo o risco, por um serviço futuro. Quem sabe ? Algum dia terei necessidade de um zero para dar valor a uma cifra. Andai, minha filha, e no futuro recordai-vos que as affeições como os capitaes devem impôr-se em lugar seguro.

A esta primeira cliente seguia uma rapariga delicada que apenas parecia tocava o chão. Era de uma natureza languida que se deixava levar ao acaso pelo turbilhão das loucas aventuras sem deter o seu curso sem precipita-lo tão pouco, com negligencia, e até descuido como uma mulher que tem o seguro presentimento de sua morte proxima, porem a quem falta a força moral para resgatar o principio com o fim. Alma perdida coração bronzado, aceitava a orgia como veneno e o prazer como suicidio.

— Diabo, Simona! já és tu! — lhe disse Tiennete: — Recebi a tua visita na mesma vespera da minha marcha.

— Isso prova que haveis estado ausente muito tempo.

— Estás esgotada?

— Não; porem desejo realizar...

— Que tens?

— Toma olha a mercancia.

E deu a Tiennete um pacote volumoso de cartas.

— Não tenho tempo para dedicar-me a essa leitura. Dizei-me só quem são os seus auctores.

— Oh! gente formal. Primeiro um pai de familia.

— Diabo! isso é perigoso!

— Depois um Advogado celebre.

— Mão valor.

— Por fim um rapaz de desoito annos.

— Emancipado?

— Quanto pode qualquer estar, sem que o auctorise a lei.

— E de familia opulenta?

— O pai era da antiga Camara alta.

— Isso não prova nada. Não se empresta já sobre brazões desde que se vendem as genealogias.

— Oh! tem uma fortuna immensa.

— Isso são esperanças porem nada proximas. Que necessitas?

— Um milhar de francos.

— Rapariga! Sabes o que dizes? Por esse preço obteria eu um authographo de Carlos Magno. Offereço-te quinhentos porque és uma provedora assidua, e já consegui alguns resultados comtigo. É cousa de aceitar ou deixar.

— Cartas tão ternas e tão bem escriptas!

— Ora! minha querida, fazem-se melhores por quarenta soldos na Sepultura de segredos em casa do memorialista do mercado. Vamos, sim ou não?

— Sim, — exclamou a bella vendedora.

Tiennete deitou o pacote de cartas em um canto com o desdem de um adelo que acaba de comprar roupa velha; depois poz um montão de luizes na mão, que se lhe estendia, e despediu a provedora.

Apenas saíu a loreta, quando se deixou ouvir uma voz forte e imperiosa.

— Digo-vos que me receberá, — exclamava — estou segura d'isso.

— Lalake, — disse comsigo Tiennete, — oh! oh! alguma novidade trará?

Assomando depois a cabeça por entre a cancella ellegante que protegia a entrada do templo mysterioso.

— Deixai entrar a senhora, — exclamou. A bailarina não deu mais que um passo desde

a antecâmara ao divan, e se precipitou sobre as almofadas com o mais estranho abandono.

— Es mais inacessível que o banco de França, — disse, — faz-se-me esperar como se fôra solicitar alguma administração de tabaco.

— È porque a vossa physionomia é já desconhecida dos meus criados, senhora.

— Senhora? Pois que estamos indifferentes? Com que motivo? Ah! já sei... a tua carta da defunta baroneza de Appencherr...

— Ah! recordas-te agora?

— Razão há para isso. Não fizestes desaparecer a carta da baroneza de cima da meza de Dabiron durante a sua enfermidade? Não fostes a auctora d'aquella fantasmagoria do baile de mascaras? Não arruinastes ao citado Dabiron antes de devolver-lhe essa prenda preciosa?

— Roubar a um ladrão seria sempre roubar. Ignoro o que quereis dizer-me; não commetti nenhum d'esses factos que me attribues.

— Ainda tu és boa! Arruinas o meu amante; destrões o meu presuppsto; cortas os meus recursos, e não queres que me queixe!

— Não te recordas já! Um prodigo que houvera jogado na bolça os teus duzentos mil francos! Foi um salvamento e não outra cousa. Como, tu estás louca. Soube a morte de Mad. Appencherr, mas como uma surpresa e não como um facto premeditado. Em respeito ás necessidades de Dabiron, repito-o não tenho parte em

nada ; acabo de chegar de viagem e não me tenho occupado de negocios ha muito tempo. Olha, eis-aquí todo o meu atrazo.

E mostrou a Lalakè um maço de cartas fechadas, das quaes não havia pensado romper o sobrescripto.

— Sabias tu que o tal Dabiron tinha morrido ?

— Morrido ? — perguntou Tiennete com um sorriso. — Que diabo podia impelli-lo a fazer tal cousa ?

— Os periodicos fallaram d'isso. Disse-me que em consequencia de perdas consideraveis na Bolsa, não quiz sobreviver á sua deshonra.

— Nesse caso antes de morrer teve tempo de chorar-se. E tu, minha querida, que fazes agora ?

— Pertenso a Brioude.

— Bravo ! O vencedor do defunto ? A viuva de Heitor com Aquilles ! Diabo como progredes ! Vens acaso convidar-me para a vossa boda ?

— Vim propor-te um negocio.

— Bem !

— Oh ! um negocio excepcional.

— Falla, minha bella. De que se trata ? Desejas melhorar de posição, e crear o papel de Peri no baile novo ? Buscarei entre os meus pacotes algum papel que possa dar-te o talento necessario aos olhos de excelentes protectores.

— Pois é verdade, trata-se do theatro ! É

questão de executar uma vingança, de arruinar um homem até aos alicerces.

— Muito bem! Não estás tu já, ratinho roedor? Confio nesses dentesinhos brancos.

— Fôra graças; eu careço pessoalmente de poder; mas tu, Tiennete, tens muitos conhecimentos, tanto melhores á medida que nem todos são muito bons.

— Lisongeira? E quem é a victima para a qual preparas as scentelhas do sacrificio?

— É uma pessoa de quem tens ouvido fallar e a quem conheces, um joven agente de negocios chamado Aronde.

— Aronde! — exclamou Tiennete pallida como uma defunta.

— Cala-te! — respondeu Lalake, — tu és nervosa como as mulheres bonitas?

— Aronde, — repetiu Tiennete sem fazer caso da reflexão malevola da bailarina. — Trata-se de arruinar a d'Aronde?

— De uma maneira completa; o que chamamos no theatro o quinto escolilhão. É necessario perder o seu credito, deshonnar a sua firma, arruinar o seu porvir. Uma demolição em toda a regra.

— E por conta de quem se ha feito tal encargo?

— Pela de um homem excelente, um abençoado, uma especie de Rui Gomes da classe media, que foi esta noite fallar com Brionde. É uma

verdadeira operação commercial; porem por exemplo as cousas passarão todas com a maior regularidade.

Tiennete não respondeu: estava com plenamente absorta em reflexões. Amava todavia talvez a Aronde, que havia conhecido em outro tempo, ao que Mad. Appencherr havia arrancado do seu poder, segundo se ha dito na primeira parte desta narração, ao que ella havia amado, e se lhe ía a reclamar o seu fatal apoio para destruir a felicidade e o repouso da sua vida!

— Lalake, — exclamou em fim, violentando as suas emoções, — não me falles d'esse homem, não quero occupar-me de similhante negocio. So alimentei contra Aronde pensamentos de vingança estes feneceram com os motivos que os tinham inspirado. Que me importa a colera d'algun marido ridiculo de acordo com uma intrigante sem vergonha? Não quero misturar-me em tão mesquinhas machinações; opéra tu mesma se é do teu gosto. Pela minha parte lavo as mãos.

— Vamos, — exclamou Lalaké levantando-se, — quando o diabo se mette a ermilão, não deve perder-se o tempo em exorcismos. Vou dizer a Brioude que não conto contigo, e esse encantador Aronde, esse louro formoso, grave e terno, passará dias fiados de seda e ouro com sua esposa.

— Com sua esposa! — exclamou Tiennete. Aronde tem mulher!

— Uma mulher verdadeira.

— Pois é na verdade casado?

— Sim. Não sei como o não sabes? Casou em Burdeos, durante a tua ausencia.

— Ah! tem uma mulher, — murmurou surdamente a feia, cujos ciúmes ruiam o coração, — não esperava tal noticia. Em quanto tinha amantes, alimentava uma esperança. Não resta nada desses amores faceis, dessas relações sordidas que murcham a alma pela desordem em vez de a edificar pelo amor puro. Não tinha ciúmes de semelhante comparação. Mas uma mulher, um lar, os filhos, a paz e a virtude do interior, o socco doce e regenerador da familia! Oh! Se elle compára, devo ser a seus olhos cem vezes mais feia e mais abjecta que antes. E essa creatura, *sua metade*, como elles dizem, falla, quem é?

— Oh! querida, é uma joven do Meio dia, uma trigueirinha admiravel com olhos que não morrem nunca e uma jovialidade de menina. Parece que o dote não é tão pouco de desprezar! porque Aronde joga na Bolça com uma sorte insolente. A agua vai sempre para o rio.

Em quanto a bailarina fallava, Tiennete recorria o gabinete com a maior colera.

— Não, — dizia, não serei uma nullidade em sua vida; á falta de amor terei o odio eu o prefiro á indifferença.

— Escuta, Lalake, tens razão, sim, ha um bom negocio no que me propões, e nelle tomarei parte; mas quero escolher o meu papel e augmen-

ta-lo como fazem os bons comicos. De maneira que ficamos em despojar a Aronde da sua fortuna, da sua consideração e do seu credito. Ha mais que isso?

— Pois que, não é bastante? — disse Lalake!

— Parece que o diabo te inspira.

— Quão necia sois! balbuciou Tiennete, — esqueceis a metade mais consideravel dos seus bens, dos seus gosos; essa epocha que me ponderas!

— Cala-te! que intentas?...

— É preciso tirar-lhe a mulher!

— Um rapto! uma fuga! casamento em Gretna-Green!

— Louca! Os melodramas te transtornaram a razão. Não haverá necessidade de escada, nem de lanterna de furta-fogo. Não sabes que toda a filha de Eva tem a sua paixão? Não sabes que o luxo e o galanteio são más fadas que envenenam seus dias? Ah! senhora d'Aronde, sois formosa, trigueira, sois uma flor do Meio dia que balanceia á menor brisa... Pois bêm, nós invocaremos o idolo ante o qual tudo se prosta, sabios e loucos, jovens e velhos.

— Um idolo? — disse Lalaké!

— Sim, um idolo, um falço Deus que ha dois mil annos concorre com o Deus verdadeiro nesta terra de ignominia; um talisman que abre todas as portas; um argumento que desvanece

todos os escrupulos, um iman que atrae todos os metaes, que dá valor aos fracos, dignidade aos necios, talento aos imbecis, formosura ás feias, virtude ás mulheres como tu, Lalaké, e ninguem como tu conhece essa divindade soberana, ninguem lhe rende mais culto, nem adora com mais reverencia.

— Eu ? — disse Lalaké.

— Sim, — continuou arrastando a Lalaké á habitação immediata, — essa divindade chama-se o BEZERRO DE OURO.



CAPITULO IX.

UM LOGOGRIFO VIVO.

A personagem mysteriosa que vimos na taberna do bosque de Bolonha, a quem seu companheiro tinha chamado Masson, habitava só n'uma casa isolada na colina de Montmartre. Rodeada d'um vasto cercado, guarnecido d'uma estacada, dominava ao longe todo o panorama de Paris e o lado do vasto cemiterio do paiz, cujas cruces brancas e negras projectavam na sua base as suas lugubres sombras. Masson não tinha mais comensal que o joven a quem os seus antigos companheiros de desordem tinham posto o nome de *Pied-de-Celeri*. Este, segundo temos visto nos capitulos precedentes, tinha uma natureza algum tanto estragada pela miseria e vicio, e o seu no-

vo preceptor tinha grande trabalho em o corrigir. Alto, louro, delicado, imberbe, nervoso em excesso, desalinhado nos seus ademans, de modos grosseiros, eis-aqui o que constituia a sua parte physica; debil de character, credulo, futil, charlatão, vaidoso, glotão, de curtos alcances e resoluto até á temeridade, eram as prendas da sua parte moral. Na physionomia e até na inflexão da voz tinha uma cousa extranha que não permittia dar-lhe uma origem exacta, e que tão pouco recordava o typo tão conhecido dos parisienses da sua especie. A sua memoria não retinha mais que noções vagas e incoherentes, não só ácerca da sua infamia, como tambem sobre a sua primeira juventude. Era um desses seres descuidados que vivem sem ter presente o seu porvir, que parecem cahidos da lua, sem perguntarem a si proprios porque, e sem saber como, que ignoram d'onde vem e aonde vão, que abandonam este mundo com igual indifferença com que entraram nelle, e que por toda a sua vida permanecem no estado da meninice. Pied-de-Celeri era então, por assim dizer um joven de vinte cinco a trinta annos. A sua abnegação, sua obediencia e sua affeição para Masson eram illimitadas, segundo o que sabemos. Estes sentimentos, os unicos de que era capaz, não procediam só do reconhecimento que podera ter ao seu bemfeitor, ao homem que o tinha tirado da ignominia, e sobretudo da miseria, e aquem devia a vida, e bem

estar e a segurança, procediam tambem de causas occultas, de certa influencia irresistivel, que o amo exercia sobre o escravo por motivos que mais tarde conheceremos. Em todas aquellas immediações era Masson objecto d'um terror supersticioso. Já mais se apresentava em reuniões publicas, nem frequentava os cafés nem estalagens da povoação; vivia isoladamente, as portas das suas janellas estavam sempre cerradas, e quem o procurava nunca passava do limiar da porta. Como e de que vivia aquelle ente tão incommunicavel? Era o que todos ignoravam. Sabia a meudo de madrugada, e não regressava a casa senão pela alta noite, sem que nunca o assaltassem os ladrões. Não se lhe conhecia profissão alguma, porque em vão se tinha perguntado a Pé-ligeiro á cerca dos costumes de seu amo.

— Não posso dizer nada, — respondia o joven, — pois sabia que no momento que revelasse alguma coisa deixaria de existir.

Certo dia chegou a despertar seriamente a curiosidade publica por aquella personagem impenetravel; fallou-se á administração municipal; estimulou-se o zelo dos gendarmes, quiz-se abrir uma devassa sobre aquella existencia nebulosa; mas uma ordem vinda não se sabe d'onde, mandou á authoridade local deixar em paz a Masson, e não occupar-se em nada de sua maneira de viver.

Sem embargo, referiam-se delle cousas ex-

traordinarias. Por exemplo, tendo desaparecido do conselho um pai de familia, vestigios de sangue n'um caminho immediato fizeram crer um assassinio; mas nenhuns indicios, nem o cadaver da victima chegou a encontrar-se. Mas seja o que fôr o defunto ou o fugitivo arruinava a sua familia com a sua morte ou com a sua ausencia, attendida a obrigação em que esta se encontrava de restituir a quem correspondesse uma somma de dez mil francos de que era portador no momento da sua desaparição, porque era recebedor de certa casa de commercio. Similhante somma constituia pouco mais ou menos toda a fortuna dos seus. Mr. Masson mandou chamar a sua casa a pobre mãe; deu-lhe dez mil francos que necessitava para substituir a somma perdida e lhe indicou o sitio onde tinha sido enterrado o corpo de seu marido para fazer crer uma ausencia voluntaria.

— E os assassinos? — lhe perguntou a desconsolada viuva.

— Não os conheço — respondeu Masson; — contentai-vos com o que pude fazer por vós, e não exijais mais.

É facil de adivinhar os commentarios a que daria logar aquella extranha revelação. Depois de ter-se extasiado a malignidade sobre a sua acção generosa, foi até suppor que Masson, instruido das particularidades do crime, poderia mui bem ser cumplice. Mas não passou d'alli o assumpto;

calmou-se o rumor publico e Masson não foi já inquietado.

Aquella disposição geral dos espiritos explica a aposta que se fez certa noite no *Peral sem igual* por quatro bebedores curiosos.

Tirou-se á sorte quem havia de escalar a estacada que cercava a casa da personagem mysteriosa e penetrar ali para saber o que se passava.

O campeão assignalado cumpriu resolutamente a empresa, depois de ter bebido bôa porção de aguardente para se espiritualizar. Atravessou a cerca e se deslizou por outro lado. A sua estancia silenciosa durou vinte minutos no fim dos quaes o mandatario saltou a estacada em sentido inverso e voltou livido, com os olhos espantados. Assim que tocou o solo, em vez de responder ás perguntas, começou a correr pelas trevas como um desesperado, e foi cahir sem sentidos a pouca distancia. Os seus companheiros tomaram-no em seus braços e o levaram para taberna.

— Que viste? lhes disseram atemorizados do estado do seu companheiro.

— Vi cousas horriveis! respondeu com voz entrecortada.

— Quê! quê!

— Vós conheceis o labrego — que vive com elle...

— Sim, Pé-ligeiro. E depois?

— Eu vo-lo digo. Assim que atravessei o cercado a passo lento, cheguei sem ser visto nem ouvido diante das janellas do andar inferior. O homem em questão, o criminoso, o Masson em fim, acabava então de cear.

— « Pé-ligeiro, — disse então ao rapaz que estava em pé diante d'elle com um prato na mão.

— Pé-ligeiro, tens sêde?

— « Teria sêde, se isso lhe fosse grato, senhor, — respondeu o docil criado. — Porem costume a ter s' do quando vejo beber os outros.

— « Pois bem, o dia foi terrivel e estou contente de ti, pega no copo e bebe um pouco deste vinho de Burdeos.

— Com muito bôa vontade, e para vos obedecer. Á vossa saude senhor!

E bebeu.

— « Vamos, uma repetição, » — lhe disse o amo. Mas aquella vez depois de ter estendido o braço o pobre mancebo não pôde colher o copo. Seu braço ficou immobil, sua visita fixa e o seu corpo como se tivesse sido petrificado de repente.

— Vamos, estás louco! — exclamaram os amigos do narrador, — o medo te transtornou o juizo.

— Ah! dizeis que estou louco! pois bem escutai o final. Masson ficou defronte e não pronunciou uma palavra; só fez um signal com o indice e no mesmo instante, como se o tivessem

ferido, cahiu na cadeira que estava de traz del-
le, com o semblante pallido, as feições laceradas
e mesmo como um moribundo. Então sem mover
a sua cadeira ouvi a Masson perguntar-lhe n'
uma linguagem incomprehensivel, a do diabo sem
duvida. Em fim quando se cançou de conversar
com o seu cadaver vi fazer outros signaes em
frente do pobre rapaz, mediante es quaes come-
çou a agitar-se e a luctar contra não sei quem.
Por ultimo, tranquillizou-se, deslison-se da sua
cadeira e lançou-se no solo sem movimento sem
respiração e sem vida, porque aquella vez era
um verdadeiro morto.

— Que abominação! — exclamaram todos
a uma voz — Um cavencramento! É preciso ir
pedir-lhe contas.

E como durante aquella terrivel narra-
ção precedida, acompanhada e seguida de nume-
rosas libações, cujo custo se fazia a aposta, teve
tempo de apparecer a aurora, os conjurados tor-
naram a subir á colina e foram chamar ruidosa-
mente á porta do assassino.

Qual não seria o seu assombro quando vi-
ram o assassinado agil e de boa presença abri-
lhes elle mesmo a porta e perguntar-lhes o que
queriam!

Depois d'um momento de silencio causado
pela estupefacção:

— Perdoai, — disse o mais atrevido soltan-
do uma gargalhada, — vinha-mos pedir-vos lume

para acender os nossos caximbos. E ao dizer estas palavras sem esperar pela resposta deitaram todos a correr.

Já se concebe o que taes historias amplificadas e desnaturalisadas pelas circumstancias, accrescentaram ao terror que inspirarava a *Casa do diabo*, pois assim era chamava. Mas o impassivel inquillino proseguia a marcha secreta que tinha dado á sua vida sem voltar a cabeça sem prestar a menor attenção aos rumores de que era objecto, e sem cessar de responder ás calumnias com importantes serviços.

Agora é quando podem collocar-se naturalmente os pormenores que devemos aos nossos leitores ácerca dos antecedentes desta personagem.

Alguns annos antes dos factos accessorios que acabamos de referir, entrava no hospital de Lion um joven muito enfermo. Ia vestido com uma dessas sotainas negras, nome que conservam dos que as fizeram historicas. O doente occupou uma cama na enfermaria de São João, e algumas vezes se lhe ouvia murmurar uma oração, levantando os olhos ao ceo, expressando ter a contricção mais sincera, ou contemplando o quadro de Christo como para encontrar no espectaculo do divino sacrificio a energia que necessitava contra os seus padecimentos

Os demais enfermos lhe chamavam o seminarista por causa do trage semi-ecclesiastico,

e semi-mundano, que levava á sua entrada no hospital.

— O seminarista está mal, — diziam em certa tarde outros doentes; — em breve se deitará na *mesa de bilhar*. Assim era como se chamava o marmore da sala onde se levavam os mortos depois que davam o ultimo suspiro.

Com effeito, o medico da visita tinha prescripto a invariavel panacea dos que não tem nada que esperar da pharmacoepa humana: Agua gommosa; dieta pela manhã; dieta á noite, fricções ás fontes com balsamo espirital. O que queria dizer que a sciencia tinha concluido o seu objecto, e que devia reduzir-se o tratamento a molestar o menos possivel o enfermo.

Ao lado do moribundo que occupava a cama n.º 14 ennumeramos, porque os desgraçados que vão ao hospital respondem pelo numero da sua cama, jazia um ancião de perto de oitenta annos. A sua cabeça estava completamente calva e os seus olhos sem cessar em movimento revelavam uma agitação moral que nenhuma tisana houvera podido calmar. Alem do numero da cama tinha recebido este tambem outro apodo. Chamava-se Matusalem e era o objecto de todas as conversações quando os enfermos reunidos em redor da estufa fallavam jovialmente tão perto da tumba com uma indifferença de mosqueteiros.

— Matusalem, — gritava um delles, — tens dois soldos que prestar-me para tabaco?

— Dois soldos! respondia o velho, — eu dois soldos! — Querem rir-se meus amigos. Nem se quer algibeira tem o meu gibão pardo, e senão vejam.

Havia já dois meses que estava recolhido no hospital e não se tinha podido saber delle mais que o nome que se encontrou no seu passaporte.

Seja que a idade, o sentimento ou a medicina obrasse demasiado violentamente no seu cerebro; seja que alguma cousa desconhecida houvesse debilitado às suas forças, é certo que não se recordava do que tinha sido no mundo e representava demasiado exactamente com a sua comprida barba, suas descarnadas mãos, suas consumidas feições a imagem allegorica do tempo que tudo destroe até a memoria.

Como o joven enfermo e o ancião que sofriam juntos as suas dores chegassem a cobrar mutuamente algum affecto compartiam entre si alguns favores na ausencia dos enfermos e exortavam-se ambos a ter paciencia.

— Quem sois? — perguntava às vezes o joven da solaina ao ancião do capote. — Não tens uma familia, uma posição, e uma profissão qualquer?

— Eu? Não. Sou pobre, sou desconhecido, sou talvez Matusalem, segundo pretendem.

— É possível que não vos recordeis da vossa vida passada?

— Oh! Sim.

— Que vos tem acontecido?

— Já estive morto.

— Morto da razão! — pensou o joven.

— Sim, morto, bem morto já ha muito tempo. Enterraram-me, mas depois resuscitei. Então era rico, milionario. Depois tive medo.

— Medo de que?

— Medo dos que me enterraram; fugi... para mui longe... mui longe... para esconder-me... para esconder os meus milhões.

— Os vossos milhões?

— Quem é que falla de milhões? Quem ha dito que eu tenho milhões? Vós Oh! Isso é brincadeira. Registai a minha cama, o meu facto e não achareis sequer um óbolo: não possuo nada, fóra deste rosario que guardei para rezar com vosco as minhas devoções.

— E fazeis mui bem, — disse o joven com brandura — Deus é o medico da alma e para o homem não ha mais que um só thesouro precioso neste mundo: o qual se compõem de nossos bons pensamentos e de nossas boas acções.

Passados alguns dias o enfermo da cama n.º 14 melhorou dos seus padecimentos, talvez porque a arte o tinha abandonado. Graças á sua juventude e ao seu temperamento recobrou pou-

co a pouca as suas forças e entrou com passo rapido na convalescença.

Pelo contrario o seu ancião companheiro, que occupava a cama n.º 15 caminhava para a sepultura, aniquillado pelo peso dos annos. — Os doentes da enfermaria de São João tinham observado com bastante frequencia a visita de dois sujeitos que conversavam com o joven, sempre que este se achava em disposição de fallar.

— Quando é a cerimonia? lhes disseram ao vê-lo já curado.

— Quando tenha forças para resistir, e o espirito soeegado para comprehender toda a sua grandeza.

— Quando partireis para as ilhas?

— Logo que tenha recebido a honra insigne que me offereceis.

— Não vos demoreis, meu irmão porque a barbaria tem necessidade das luzes da fé.

— O meu corpo pertence a Deus como a minha alma, — respondeu o numero 14 — Depois de alguns dias sahirá a pomba da arca para levar aos selvagens o ramo da paz.

— Naquelle mesma noite quando reinava o silencio na enfermaria de São João, ouviu-se um grito agonizante que fez estremecer a religiosa que velava em silencio. Acudiu ao ponto e era o ancião que estava expirando.

— Quem é? perguntou o praticante de serviço.

— É Matusalem que está por momentos, — responderam os doentes das camas immediatas á do muribundo.

— Está morto! — disse o joven depois de ter examinado o pulso e a respiração.

Assim que occorreu o fallecimento, entraram dois homens e levaram o defunto a deposita-lo no amphiteatro da anatomia, segundo o costume.

Naquella epocha collocava-se o cadaver n'uma mesa de marmore, e se lhe sugitava um anel ao braço direito, de modo que lhe fizesse dar signaes de vida no caso d'algum lethargo. Aquelle anel correspondia a uma campainha, collocada na sala do guarda para que advertisse ao medico de serviço o primeiro movimento do resuscitado.

Mas naquella noite, pela primeira vez, depois de muitos annos, deixou-se ouvir a campainha funebre no silencio que reinava por toda a parte, como o ay d'uma alma em pena.

— Onde está o praticante? — exclamou o ajudante, levantando-se sobresaltado.

— Aqui estou, — disse elle esfregando os olhos.

— Não sentistes nada?

— Não, senbor, — respondeu o praticante

que acabava de sonhar que estava bailando com a sua querida na Grande Chartreuse.

— Parece-me ter ouvido a campainha dos mortos.

— Não é possível.

-- Escutemos,

— Então ouviu-se pela segunda vez o lugubre som da campainha e correram ao amphiteatro a ver quem era o defunto tão ousado para protestar assim contra as declarações da sciencia. Encontrou-se o velho sentado e fallando com voz desfalecida.

O medico tomou-lhe o pulso com attenção.

— Apressasteis-vos muito — disse ao praticante em tom de reprehensão. — Tomastes uma syncope, uma oppressão por um estertor. O vosso relógio está adiantado uma hora.

— Oh! — dizia o moribundo, — desejaria viver ainda!

— Bem sei, — continuou o medico fazendo-o transportar á cama mais proxima — Todos dizem o mesmo e não podemos pedir outra cousa melhor.

— Ah! doutor, é porque não posso morrer sem fazer testamento; sou rico immensamente rico.

— Delira! — pensou o praticante meneando a cabeça, — não tem dois soldos para tabaco.

— Ora bem; jamais hei gosado da minha fortuna, — accrescentou o ancião; quero emfim

divertir-me já tenho os meios, não quero ser aventureiro; quero que se me sirva de comer com bons vinhos, aves recheadas, cânsões e bailes. Eu posso dar funcções, sou barão e cavalleiro do Espirito Santo.

— Curiosa exaltação! — murmurou o medico á maneira de lição ao seu subordinado; notai taes diagnosticos.

— E depois disto morro para sempre? Não. Sei muito bem o contrario. Já morri uma vez; já se cantou o meu officio de corpo presente; já se abriu a minha sepultura, já me enterraram, e dois dias depois estava bom e são. Bem burlados sahiram os meus inimigos e sobre tudo a Grande Catharina.

— Meu irmão, — disse então ao enfermo a voz melodiosa e persuasiva d'um desses anjos da terra que se chama com o doce nome de irmã da caridade; — meu irmão, pensai em que ides apresentar-vos diante de Deus. Em vez de abandonar-vos a esses pensamentos mundanos, elevai o vosso espirito ao Todo-poderoso, e pedi-lhe perdão das faltas que tenhis commettido.

O ancião esforçou-se por juntar as suas mãos desfallecidas, e de seus olhos brotou uma torrente de lagrimas.

— Onde esta o 11? — disse em seguida, — quero fallar ao 11.

— Que é isso do 11? — perguntou o medico.

— É o seu vesinho de sala.

— Pois bem, faça-se-lhe essa ultima vontade. Venha o numero 14.

Foi chamado o joven amigo do moribundo, e depois de ter saudado os assistentes ajoelhou ante a cama de dôr.

— Amigo, — lhe disse o octogenario, — vou a morrer pela segunda vez, e esta ay! será a verdadeira! Mas tenho um remorso. Ha vinte annos que vivo como um infiel, como um miseravel; tenho passado a minha vida adorando o *bezerro de oiro*, segundo a expressão da Escritura. Pois bem, eu me arrependo, peço perdão dos meus peccados, e quero que quanto posso sirva ao menos, depois da minha morte, de allivio aos desgraçados que tanto desprezei durante a minha vida. Toma: eis-aqui quanto possuo; isto é para ti meu ultimo amigo, com a condição de que has-de repartir com os pobres, e fazer tanto bem como mal eu hei podido causar.

E pronunciando estas palavras, o enfermo deu ao joven o rosario negro de que se servia nas suas devoções.

— Grande presente, disseram entre si os circumstantes.

— Este rosario é teu, — continuou penosamente o enfermo, — dou-to... aproveita-le delle. Mas escuta...

Então fazendo um signal ao joven para que se inclinasse para elle, juntou todas as forças e

memoria que lhe restavam naquelle momento supremo e lhe fallou ao ouvido em palavras entrecortadas por espaço de alguns minutos, como se depositasse graves revelações na sua consciencia e lhe desse importantes instrucções.

— Amigo, promettes-me fazer tudo isso?
— accrescentou com voz baixa depois de ter acabado suas discretas confianças.

— Prometto, — respondeu o numero 14.

— Graças, — disse o velho — Agora posso morrer. Adeus.

E a sua cabeça cahiu sobre a almofada para não tornar a levantar-se

Aquella vez a campainha correspondente ao braço direito do defunto não deixou ouvir o seu sinistro som.

O numero 14 colheu o rosario e voltando para a sua cama assombrou-se do peso extraordinario daquelle objecto. O rosario com uma cruz de chumbo constava de sessenta contas de madeira divididas deste modo: a mais grossa representava o primeiro *Pater*; as trez seguintes indicavam as trez primeiras *Ave-Maria*, a quarta marcava outro *Pater*, estava seguida d'uma medalha destinada ao *Credo*; depois della vinham cincoenta contas divididas de dez em dez, e separadas por enormes de *Pater*.

O testamenteiro em consciencia, o numero 14 que desejava saber o que continha aquelle regalo que tantos bens havia de causar, quebrou

a primeira conta de madeira, e que surpreza!

Cada conta do rosario encerrava um diamante d'um valor consideravel.

O numero 14 guardou cuidadosamente a sua herança, supportou com resignação as xufas dos espirituosos da enfermaria de São João com motivo do phantastico presente do defunto Matusalem e empregou os ultimos dias da sua permanencia no hospital em saber o nome sob o qual tinha sido inscripto o pobre ancião.

O desgraçado que aos oitenta annos tinha ido morrer ao hospital com um thesouro de Reis ao pescoço, chamava-se barão Appencherr: era pai do barão Appencherr, marido de Gertrudes Duplessis, era o pai do rico banqueiro de Pariz: era aquelle Principe Lambeski que se tinha salvado das prisões da grande Catharina, fazendo-se passar por morto, graças á agoa narcotica que preparava o velho Latanoff; o sabio prisioneiro de Cronstadt, e pai do diplomatico que encontramos no registro do notario de Ernée.

Os nossos leitores devem recordar-se que depois da sua morte fingida e da sua inhumação no panteon de sua familia, se tinha escapado da Russia n'um navio inglez e refugiado na Allemanha Alli tinha adoptado o nome de Appencherr, fundado em Francfort uma importante casa de commercio e recebido da Santa Alliança o titulo de Barão, em recompensa dos seus serviços financeiros. Em suas mãos tinha depo-

sitado a familia do Conde de Zanau as sommas consideraveis cujos rendimentos deviam servir para o sustentamento secreto da Condessa no castello de Hildeburgo-Hausen, e de seu joven-filho o cavalleiro de Limburgo, que mais tarde foi assassinado em Francfort em 1821, deixando um filho, heroe desconhecido nesta historia, nascido do seu matrimonio secreto com uma joven da cidade.

Alem disto, o velho Duplessis foi a Pariz em 1816 para fundar uma filial da casa de Francfort, á qual estava associado e cuja direcção tomou o filho de Appencherr, mas este ultimo rompeu bem depressa com o seu consocio Duplessis, o qual voltou definitivamente á França e estabeleceu-se em Ernéc com seu sobrinho. O velho barão liquidou então a sua casa de Francfort: fez passar a seu filho, o banqueiro de Pariz, as sommas de que era depositario, converteu em diamantes a sua immensa fortuna, mandou-os engastar em forma de rosario da maneira que se tem visto, e acommetido depois não se sabe de que loucura de avaro desapareceu da Allemanha e começou a andar pelo mundo mendigando sem que se podesse provar o que tinha sido d'elle até ao dia em que o vimos morrer de miseria e de velhice no hospital de Lyon.

No dia seguinte ao da sua morte foram buscar o numero 14 os dois sujeitos de que já falamos, e lbe disseram:

— Sahis d'aqui esta noite?

— Sim, meus irmãos.

— Então ainda esta semana cuidareis em ordenar-vos.

— Não, irmãos.

— Como! Não pensais em unir-vos ás nossas missões. Já não ireis á Oceania segundo ainda ha pouco dizieis para pregar a palavra de Deus?

— Perdoai-me, irmãos, — respondeu o joven convalescente. — Recebi uma nova missão. Não necessito atravessar os mares para encontrar a barbaria. Posso agora ficar em França utilmente. O ceo me proporcionou meios de combater aqui os falsos deoses. Em nenhuma parte faltam idolatras.

Aquelle joven que partia no dia seguinte para Pariz provido do precioso rosário, não era outro que Masson, o enygma vivo, do qual os credulos, de Montmartre referiam estremecendo, alguns annos depois, os beneficios reaes, e as suppostas maldades.



CAPITULO X.

QUEM DEVE E PAGA NÃO DEVE NADA.

ALGUNS dias depois da scena do bosque de Bologne, seriam umas nove horas da noite, Masson, e o seu fiel confidente Pé-ligeiro, entravam no domicilio aereo que aquelle possuia no ponto culminante de Montmartre, e que era conhecido por causa do terror dos habitantes do paiz pela casa do diabo, como vimos no capitulo precedente.

Os seus sapatos cubertos de pó indicavam uma larga viagem, e na sua physionomia, tranquilla e melancolica, se viam assim mesmo impressos os signaes d'um grande cansasso moral.

O mesmo Pé-ligeiro parecia ter perdido parte da sua agilidade nos trabalhos pedestres que deveu executar em companhia de seu amo. Res-

tava-lhe comtudo um apetite excellente que lhe deu forças sufficientes, para preparar a ceia. A collação foi frugal. Um pouco de fiambre, pão, vinho e agoa: eis o que o criado apresentou sobre a mesa. Pé-ligeiro comeu por dois porque Masson não tinha apetite algum.

— Permitti-me, senhor, uma observação, — disse Pé-ligeiro, com a bocca cheia, e com essa mistura de temor e familiaridade que caracterizava a sua linguagem e o seu tom fallando com o amo — parece que vós estais de vigilia.

— E se assim fosse, que teria isso de extra-nho? — respondeu Masson, aquem a pergunta do seu interlocutor tirou suas reflexões — Não é hoje dia de abstinencia? Não sou acaso catholico?

— É verdade, — respondeu Pé-ligeiro. — E por certo que estava cheia de gente devota a egreja onde me levastes esta manhã. Porem o que mais me admira é que permaneçais tão bom catholico, como se diz, no meio deste mundo de corrupção onde vivemos.

— Oh Admiras-te? disse Masson sorrindo-se.

— Não, senhor, mas permitti-me que vos diga que nem sempre dirigis o vosso pensamento ao alto, frequentais a meudo sitios em que Deus é tão desejado como um credor.

— A quem será preciso pagar tarde ou cedo? — murmurou Masson.

— É possível, — continuou Pé-ligeiro —

mas entre tanto esses conhecimentos não devem gastar muitos tostões em boas obras, em velas e imagens de santidade. Por exemplo, só fallarei dos de hoje, aquem visitamos entre a hora da missa e vespervas. Ha ali um homem gordo e bonacheirão chamado *Balanceiro*, que tem muito apego á casa da moeda, porque tambem elle a fabrica, e de curiosa especie. A sua industria consiste em fazer com que centos de traficantes de que está cheio o jardim da Praça Real lhe apresentem letras de cambio de cincoenta, mil, e de qualquer somma, que lhes paga a razão de cem soldos por assignatura, e que logo encontra meio de mette-las na circulação com cincoenta sessenta, ou oitenta por cento de perda. O infeliz não é facil que se arruine. Ha depois o chamado *Ciclope*, que se encarrega por um tanto das vinganças que pôde fomentar nos seus clientes, de fazer administrar a tal ou qual, pontapés, socos ou pauladas; isto depende do preço em que se fixa o negocio; mas tudo isto sem impedir o trabalho segundo o numero de dias fixado por lei. Creio que este individuo não terá safado os joelhos das calças em oração nas egrejas. Ha em fim a *Cabeça de Pipa*, uma formosa dama com vestido de seda e chapéu de plumas, que se encarrega da cobrança dos creditos impossiveis. Aquella mulher faria pagar a um pintor ou a um musico. Donde os agentes do commercio não receberiam nada, cobra ella mediante uns cincoenta por cento de credito. Se alguma vez

se digna trabalhar para o Governo, é capaz de o fazer reembolçar sem demora a indemnisação de Haiti. Mas apenas me recordo de a ter visto demandar em favor dos pobres.

Ao ver o desembaraço das suas observações, era facil conhecer que o narrador tinha comido e bebido por dois.

— Pé-ligeiro, interrompeu com brandura o amo, — julgaria que a primeira das nossas condições, quando te dei asylo em minha casa, era que jamais te assombrarias de cousa alguma. Ha cousas que tu não podes comprehender. A simples rodagem d'uma machina immensa comprehende perfeitamente o papel que o genio do mechanico julgou proprio marcar-lhe. Imita a obediencia passiva dessa rodagem, que não é menos essencial que modesta. Um dia chegará talvez em que possas sem difficuldade explicar os serviços que prestas sem o suspeitar. Até então calla-te, porque saber callar é frequentemente mais habil que saber falar, obedece porque saber obedecer é sempre mais meritorio que saber mandar. Evita toda a curiosidade prematura. Vem, vai, escuta e opéra sem desviar-te uma só linha das minhas instrucções. Pensa se queres, se podes, se não te incommoda; mas que seja no teu interior, e a indifferença mais completa involva os teus pensamentos e as tuas acções. Segue o meu exemplo.

— Oh! senhor, — respondeu o joven, aquem o vinho de Burdeos inspirava mais audacia que de

ordinário, — vós não sois tão indifferente como suppondes !...

— Que queres dizer ?

— Não me atrevo a fallar disso, temo que vos enfadeis e me envieis ao outro mundo, como o tendes feito algumas vezes.

— Vamos, vamos, — disse Masson com bondade, — fóra as reticencias. Liberdade completa ; uma vez não faz costume.

— Pois bem, — disse Pé-ligeiro encantado de poder dar uma prova de delicadeza e penetração, — ha cousas que se vêem mui claras e cada manhã e tarde que passais pela rua de Nossa Senhora do Loreto ha em certa janella...

— Uma janella ! — disse Masson reprimindo uma ligeira emoção.

— Sim, uma janella, onde hei visto frequentemente uma mulher, loura lindissima, com olhos negros como o cabo desta faca, cutis pallida como este prato, e um talhe tão fino que parece quebrar-se. Oh ! encantadora por todas as maneiras, e olhais para ella de revez, fazeis-vos pallido, e passais com rapidez. Mas basta ! Estais enamorado !

— Enamorado ! exclamou Masson, — eu enamorado !

— Porque não ? Eu o sei muito bem, porque conheço bastante desses negocios, e senão vê-de.

E Pé-ligeiro tirou da sua algibeira um grosso anel de ouro, em cujo engaste tinha praticá-

do o ourivez uma abertura destinada a guardar os cabellos do donatario.

— É prenda que te deram ? perguntou o amo.

— Pelo contrario — respondeu o criado. Sou eu quem a dou.

— Nesse caso, como se encontra em teu poder ?

— Ah! é que está o busilis. Nem sempre é a mesma mulher, mas sim o anel durante dois annos.

— Estranha fidelidade !

— Alugo-o.

— Alugas esse anel ?

— Sim, do Judeu Isaias ; o que desempenha as papeletas do Monte de Piedade. Ah ! Juro-vos, que não poderia resistir que dormisse um capital de vinte e cinco francos. Tal cousa equivaleria a ter um cavallo á argolla. O aluguer pelo contrario não custa mais que dez soldos por mez. Assim, pois, quando amo dou o anel, quando não amo recobro-o. Como vós bem sabeis, na melhor harmonia, succede uma disputa, devolvem-se estas prendas, e então levo-o ao judeu ate á primeira occasião. Pois bem, acreditareis vós, que não tenho tido relações que hajam durado quinze ou vinte soldos ? Oh ! mulheres ! mulheres ! Quão inconstantes e caprichosas sois. Mas não digo isso da menina loura da rua de Nossa Senhora do Loreto. Creio que será uma excepção, e que não tereis...

— Silencio e evita toda a conjectura arrisca-

da. Tem presente uma vez para sempre, que não póde existir nada de commum entre essa mulher e eu. Ella se vê rodeada de todas as graças da juventude; eu sou velho, se não no corpo, ao menos de espirito. Ella vive no meio dos encantos do prazer e do luxo, eu vivo no isolamento e na pobreza; ella é a viveza, eu a resignação; elle o presente, eu o fim, o porvir. Por isto conhecerás que não poríamos entender-nos.

— Sem embargo, — objectou Pé-ligeiro levantando-se da mesa, — parece-me...

— Silencio, repito, — interrompeu com authoridade, — semelhante conversação acabará por molestar-me. São onze horas e já é tempo para ti de ir sonhar novas occasiões de collocar o teu anel.

Pé-ligeiro dispunha-se para obedecer quando se ouviu bater na porta uma forte argolada.

— Batem, — disse Masson.

— Será lá fóra ou cá dentro?

— É lá fóra.

— Que importa, será bom não abrir-mos.

— Desta vez é necessario abrir.

— Sem saber a quem?

— Eu sei.

— É preciso descer?

— Necessariamente.

— E que acompanhe até aqui...

— Sim, depressa. É um homem d'uns cincoenta annos, mas mui bem conservado. Vem vestido

de negro e traz uma condecoração ao peito...
Ensina-lhe o caminho, e quando entrar deixa-nos
sós ate nova ordem. Vai.

Pé-ligeiro voltou n um momento com um
individuo com os signaes dados.

O desconhecido apenas fez os cumprimen-
tos usuaes sentou-se sem cerimonia, e exclamou.

— Oh! meu *caro* em que casa habitais, se-
ria necessario estabelecer pousadas á minha cus-
ta para as pessoas que vem ver-vos.

— Tenho mui poucas visitas, — respondeu
o dono da casa, sem reparar no tom excessivo
de familiaridade.

— Escrevi para que fosseis procurar-me na
hospedaria na rua de Richelieu.

— Com effeito hontem recebi uma carta as-
signada por um nome desconhecido, Casticale,
me parece....

— Exactamente. Porque não fostes?

— Porque soppunha que se eu não fosse,
virieis vós aqui.

— Vamos lá com essa censura, amigo. Mas
deixe-mos isso não tenho tempo para compri-
mentos. Vós não viveis aqui só?

— Que significa essa pergunta? respondeu
vacillante Masson, aquem aquella interrogação
parecia offerecer um dobrado sentido.

— Quero dizer que tendes captivo nesta
casa ha dois ou trez annos a um joven a quem
tratais d'um modo bastante tyrannico.

— Que mais, cavalheiro?

— Oh! Meu bom amigo, não quero occupar-me do passado; não sou juiz encarregado de instruir um processo.

— Como quizerdes cavalheiro.

— Venho nada menos que a reclamar esse joven que não reconhece outro nome que um apódo trivial. Sou sò como vê-des, e só appello para a vossa lealdade.

— Perdão, — cavalheiro, — interrompeu Masson com um modo natural, — a noite está chuvosa, e não é usto que fiquem soffrendo os rigores da intemperie os vossos dois amigos.

Mas.... — exclamou Montreuil algum tanto offendido — como sabeis isso?

— É do meu dever, como homem bem educado, offerecer-lhes um abrigo. As fluxões de peito são frequentes este anno, e seria uma lastima privar a sociedade dessas duas personagens.

E abrindo a janella fez signal aos dois individuos para que entrassem.

Elles pareceram consultar entre si, e não se atreveram a dar um passo.

— Cobardes! disse consigo o recém-chegado — sempre fraqueza!

— Tende vós cavalheiro a bondade de os convidar, porque parece que não tem confiança na minha pessoa.

— Com muito gosto, cavalheiro.

O desconhecido levantou-se então e chamou os seus companheiros.

Estes entraram e foram juntar-se ao seu lado, examinando com attenção o aspecto daquelle morada solitaria.

— Dizia-vos, cavalheiro, — proseguiu o primeiro que chegou, — tinha a honra de declarar-vos que vinhamos reclamar o joven que está em vosso poder. Ignoraveis sem duvida que encerrando-o neste covil que chegaria um dia em que havia de encontrar uma familia, uma patria, e um throno talvez. Mas emfim chegou.

— Onde estão os documentos, que tendes a apresentar para provar a identidade de pessoa.

— Aqui, — respondeu Montreuil mostrando os papeis que tinha o velho Duplessis — Estes titulos provam a origem, o nome, as qualidades, e todos os direitos do joven.

— Permitti-me que vos diga, — replicou friamente Masson, — estes papeis provam os direitos d'um joven, porem não que sejam applicaveis a este.

— A questão não offerece duvida. Os meus documentos sahiram das fontes mais respeitaveis tenho-os do livro dos obitos na perfeitura da policia. Todos os acontecimentos da sua vida constam ali hora por hora, se assim póde dizer-se desde o dia em que se encontrou na estrada de Strasburgo a Pariz sem domicilio, sem profissão sem corôa por conseguinte, e foi enviado ha al-

guns annos conforme a lei a um deposito de mendicidade. E de mais é facil comprovar-se a identidade de pessoa. Tende a bondade de chamar o joven.

— Pe-ligeiro, — gritou Masson pelo ralo da porta.

— Pé-ligeiro? repetiram os trez desconhecidos com um tom de profunda compaixão.

— O' instabilidade das grandezas! O' impenetraveis segredos da Providencia! Oh... disse o chefe da partida.

Mas, Pé-ligeiro entrou.

— Aproxima-te, -- lhe disse Masson, -- e responde sem temor e sem rezerva ás perguntas que se te façam.

— Senhor, por não vos dar ainda o tratamento de principe — disse o chefe dirigindo-se a Pé-ligeiro. que permaneceu em pé admirado de reconhecer nos estranhos os tres ex-suicidas do bosque de Bolonha — Senhor é seguro que não vivereis sem conservar algumas recordações da vossa augusta infancia. Recordais-vos, por exemplo, de ter passado os vossos primeiros annos n'uma choça perto de Francfort, em companhia de outro menino vosso irmão de leite na casa d'uma mulher chamada Warchel que vos serviu de ama!

— Esperai um pouco, -- respondeu Pé-ligeiro esfregando a testa como para ajudar a memoria — Lembro-me de vacas, carneiros, gallinhas

e cabras com as quaes brincava n'um grande paeo; recordo-me tambem d'uma boa mulher que me cuidava ternamente, e que me dava a meu-do muitos bolos.

— Ternos pormenores! — interrompeu aquelle que os nossos leitores hão conhecido por Montreuil.

— Mas pelo que diz respeito a Warchel e a Francfort, não resulta nenhuma prova, — disse Masson.

— Recordais-vos, — continuou o interrogante, — de ter sido roubado sendo ainda creança, por homens mascarados que assaltaram a choça n'uma noite e vos transportaram á força em uma carruagem de posta cerrada, impedindo-vos de gritar e depois de terdes andado assim alguns dias, vos abandonaram em territorio francez no meio d'uma estrada por não accrescentar o assassinio ao rapto?

— Ah! malvados! exclamou Pê-ligeiro, cuja memoria se despertava pouco a pouco a cada pergunta; — recordo-me perfeitamente.

— Muito bem; mas isso não é tudo. Recordais-vos de ter sido recolhido por uns histriões errantes que passavam naquella occasião? porque senhor, pôde dizer-se com tristeza que mudastes entre os que vos arrancaram, tendo sido um palhaço o vosso primeiro mestre de ceremonias.

— Oh! isto é divertido! respondeu Pê-ligeiro, cujas primeiras impressões se esclareciam cada vez mais — Recordo-me perfeitamente de ter

recebido bom numero de xibatadas do meu primeiro bemfeitor, homem vestido de arlequin e que tocava tambor. Aquella epocha foi certamente uma das mais doces da minha vida, e a recordeo com ternura.

— *Prazeres da nossa infancia!* — não pôde deixar de exclamar Montreuil. Podem continuemos. Não havendo prosperado a companhia de que formaveis parte, por falta sem duvida de subvenção do Governo, se dispersaram os individuos que a compunham, e vos entrasteis ao serviço d'um aereonauta. Era um homem mui distincto, cuja gloria e existencia acabaram por espedaçar-se contra uma prosaica chaminé.

Exactamente, — exclamou Pé-ligeiro.

— Por aquella epocha, — proseguiu Montreuil, — foi quando a gendarmeria franceza vos perguntou a profissão que exercicis, vossa ambigua resposta vos conduziu preso. Passasteis alguns annos no carcere, durante os quaes vos ensinou a sociedade a fazer escarpins. Eras mui forte nesta classe de exercicio; mas segundo toda a apparencia, era uma cousa que não podia bastar ás vossas necessidades, aos vossos instinctos, a esse gosto natural que tinheis de vossos antepassados pelas brilhantes posições deste mundo. Quando entraste de novo na circulação, encontrateis outros recursos... Oh! meu Deus! não vitupero refiro... e então... Mas a que vem senhor, trazer-vos á memoria estes successos, cujo encanto

juvenil estará misturado com alguma amargura?
As perguntas que se vos poderiam dirigir acerca
daquella phase da vossa vida, que ha precedido
aquella em que vos achais, não acrescentariam
nada á comprovação da vossa identidade.

— Mas que diabo sois vós? — exclamou Pé-
ligeiro surpreso, — quando sabeis mais cousas
da minha vida que eu, e que o mesmo Masson?

— Mas não; porem sim tanto, — interrom-
peu seu amo com um ligeiro sorriso.

— Quem somos? — respondeu Montreuil:
na vossa presença, senhor, estão, trez homens
adictos de coração á vossa illustre familia. Este
cavalheiro, — disse mostrando a Dabiron, — é um
fidalgo hespanhol, o marquez de Carácas, que es-
tava intimamente unido com o vosso defunto pai.
Este outro, — acrescentou indicando a Roussi-
guan, — é um nobre allemão, Muller, barão de
Rembach, filho do companheiro de captiveiro da
vossa defunta avó. Em quanto a mim, sou o con-
de de Casticale, diplomatico por familia, e inte-
rado ha uma eternidade dos segredos mais recon-
ditos de diversas chancellarias; tenho na minha
mão todos os fios da intriga, por meio da qual vos-
so augusto pai foi privado da alta posição a que
pelo seu nascimento tinha direito, e que quer leal-
mente fazer que a occupe seu legitimo herdeiro,
vós, senhor.

— Ah! — exclamou Pé-ligeiro esfregando
os olhos como um homem que desperta d'um sonho.

— Nada é mais certo. Vamos á ultima prova. Dignai-vos, senhor, mostrar-nos o vosso braço direito.

— Móstro-o? — perguntou Pé-ligeiro a seu amo, que ficou impassivel.

— Sim, — respondeu este.

Pé-ligeiro levantou a manga até ao cotove-lo.

— Já estava seguro disso — disse Montreuil, mostrando aos actores daquella scena diversos signaes que tinham sido pintados no ante-braço do herdeiro presuntivo. — Aqui está a corôa; as iniciaes são um L. com um W: Limburgo e Wardemburgo, o nome do pretendente e o do Reino. As minhas notas eram completas. Senhores, o Rei! — gritou levantando-se com humildade. — A pé, senhores, a pé, e se-de vós os primeiros a render homenagem a S. M.

Os trez cúmplices se inclinaram profundamente diante de Pé-ligeiro, cujo assombro seria impossivel descrever.

— É agora que está completamente provada a identidade, — continuou Montreuil dirigindo-se a Masson, — atrevo-me a esperar que dareis liberdade ao Principe.

— Não é meu carcereiro, — interrompeu Pé-ligeiro, — é meu amigo.

— Vossa graça é magnanima e sem rancor, — disse Montreuil. É este não só mais um signal da nobre prole a que pertenceis como d'um grande coração.

— E de mais, — acrescentou Montreuil di-

rigindo-se de novo a Masson, — toda a resistencia seria inutil; vimos armados e decididos a tudo para libertar o augusto captivo.

— Não opponho nenhum obstaculo á sua partida, — respondeu friamente Masson. — A elle só toca decidi-lo.

— Nesse caso não se fará esperar muito tempo, — disse Montreuil, — não póde esitar entre esta espelunca e um palacio. Dignai-vos seguir-nos Principe.

— Para onde? — perguntou Pé-ligeiro, que por um phenomeno inexplicavel mudou repentinamente de lingoagem e de posição ante o olhar de seu amo.

— Para chegar á fortuna, ás honras, á gloria, e ao poder, — replicou Montreuil.

— Ah! — exclamou Pé-ligeiro, voltando ás suas antigas lucuções, — quereis levar-me ao *grande mundo*, como a um provinciano inexperto? Não sou tão estúpido.

— Sem embargo creio que vale a pena, — interrompeu Dabiron. — Trata-se nada menos que de milhões de rendimento!

— Não tenho confiança nos fundos publicos.

— Trata-se, — accrescentou Roussignan, — de nadar em prazeres.

— Eu não nado mais que em banhos de dois soldos.

Montreuil colheu o joven pela mão, e fixando nelle seus olhos, lhe disse:

--- Obstinado! --- exclamou, --- quem recusa a fortuna quando ella se apresenta, sabendo que uma vez repellida jamais volta... Adverti que se trata da existencia d'um principe.

--- Nada menos? --- continuou Pé-ligeiro com tom satirico.

--- D'uma existencia de Principe.

--- E porque não de Rei?

--- Sim de Rei.

--- Eu Monarcha! Teria que vêr! O ex-educando d'um palhaço! Mas eu não posso ser authoridade; porque fui professor de barricadas.

--- Isso não é razão, --- exclamou Montreuil. Áperta, pois, senhor, não vos pedimos mais senão que vos deixeis guiar e despertareis principe como n'um conto das *Mil e uma noites!*

--- Sim, --- mas eu não creio nas vossas lamentações; podeis buscar o vosso principe a outra parte. Ponde annuncios nos jornaes que desejais encontrar um cavalheiro para o fazer rei. Não se exige mais que bons fiadores. A inserção não vos custará mais que um franco e cincoenta centimos.

--- Vallente canalha! --- murmurou Dabiron.

--- Que se me tinha perseguido tanto por este tunante? --- disse para si o ex-Muller.

--- Sem mim não se logrará nenhum resultado, --- interrompeu Masson sorrindo-se.

Montreuil que procurava havia alguns instantes uma taboa de salvação a que agarrar-se não encontrou nenhum meio na sua mente. Ha

momentos em que a cabeça d'um homem de talento, semelhante a um cavallo fatigado, recusa o trabalho imprevisto que se lhe impõem : ha occasiões nas quaes um orador fica desacordado tanto mais quanto leva a oração estudada. Montreuil via-se nessa situação desesperada.

— Á vista disso, — disse Montreuil desanimado, — depende de vós a obediencia do principe ?

— Sim.

— Que condições pondeis ? Toda a influencia tem seu valor. Nada é mais razoavel.

— Offereçamos-lhe ouro ; uma grande somma, — interrompeu Dabiron.

— Estais equivocado, querido, disse Montreuil.

— Felicito-vos pela vossa penetração, — exclamou Masson. — Sente-se prazer em discutir com um homem como vós, e se alguma vez acontecer alguma desgraça, de certo que não sereis o culpado, porque sempre regulais os negocios por meios prudentes. Na verdade não seria dinheiro o que poderiam offerecer-me se necessitassem seduzir-me. Para vos arruinar não teria mais que ameaçar-vos com publicar as vossas edificantes biographias, por que as conheço completamente. Então ou eu era assassinado, ou me pagaveis o que exigisse. Mas sendo o primeiro caminho bastante escabroso n'um paiz regido por um codigo protector da vida humana, tinheis necessariamente que consentir no segun-

do. Com tudo podeis tranquillizar-vos, porque não haverá que chegar a esse extremo. A fortuna de quem se dizem enviados, não é tão cruel para convosco como supondes; é como uma namorada que costuma a fazer ditosos muitos d'uma vez. A casualidade vos favorece, e fará com que obtenham de mim sem violencia, e sem seducção o que desejam.

— Então seguir-nos-ha o Principe? — exclamaram Dabiron e Roussignan.

— É possível que tenha eu que seguir a estes tres desconhecidos? — disse Pé-ligeiro cuja repugnancia cedia visivelmente á voz de seu amo.

— Sim respondeu este com tom imperativo mas ponho uma só condição.

— Vejamos a condição, — disse Montreuil. — Trata-se de algum cargo de monteiro mór, de capellão, de não importa que, na futura corte de S. M?

— Trata-se de muito mais; porem não peso nada. Vem aqui, Pé-ligeiro, antigo companheiro meu, e obedece-me por ultima vez.

— Que devo fazer, senhor?

— Da-me esse anel, esse talisman, essa reliquia sentimental de que fallavas agora.

— Aqui está, — replicou Pé-ligeiro olhando attentamente a seu amo.

— Bem, — continuou este, depois de haver voltado e tornado a voltar a joia em suas mãos como para examina-la. — Toma esse anel; dou-

to, eu pagarei ao judeu o importe; mette-o no dedo e jura-me não separar-te d'elle jamais nem ainda leva-lo ao Monte de piedade para as necessidades da tua Rainha.

— Juro, — respondeu Pé-ligeiro alegre. Não terei necessidade de pagar o aluguer.

— E vós, senhores, jurai-me por vossa parte não o separar jamais deste objecto. Quero que se recorde de mim sem cessar.

— Juramos, — disseram os tres com viveza.

— Poderá fazer deste anel seu sello de Estado, — accrescentou ironicamente Montreuil.

— Pois agora parti, senhores.

Pé-ligeiro teve duvida n'aquelle momento decisivo; caíu aos pés de Masson e lhe beijou as mãos.

— Senhor, — disse-lhe, — deixai-me aqui!

— È impossivel, — respondeu imperiosamente seu amo. — Marcha, marcha, segue estes senhores: é preciso e o quero!

Pé-ligeiro levantou-se, enxugou as lagrimas que começavam a molhar-lhe as palpebras, recebeu de seu amo um apertão de mão, e disse com resignação:

— Estou disposto, senhores.

Depois saíu com elles da casa e se poz em marcha para ir conquistar o throno que se lhe havia annuciado.

Tendo atravessado a cerca os quatro con-

quistadores, desceram a encosta, e montaram no coche que os aguardava.

— Apostaria em que somos conhecidos! — exclamou o ex-Muller. — Diz-se que ha espias da Russia até entre os cocheiros de *fiacres*.

— Na verdade que nos sahiu bem a conta, — disse Dabiron que tudo reduzia ás proporções de um mercado. — A operação não nos custa mais que uma promessa.

— Se se ha contentado com tão pouco, sabeis o que prova? que é mais forte que nós. Em casos semelhantes desconfio do desinteresse. O que ha mais querido tanto em politica como em amor é o gratuito.



CAPITULO XI.

ANJO E DEMONIO.

A loreta, de que Brionde, depois da morte de Dabiron, havia feito sua Dubarry, era uma das pessoas mais positivas que fôra possível encontrar. Confiada em sua belleza não havia buscado, á parte dos triumphos femeninos, essa consideração relativa que dão a distincção e o talento ainda no estado de imitação. Lalake passava a sua primavera sem lembrar-se dos invernos, querendo persuadir-se que não é penosa a velhice. Havia recorrido todo o diapazão da mulher da moda com igual horror a toda a reflexão. Havia progredido sempre no movimento ascendente, não suspeitando que depois deste ha na especie, como castigo da desordem, um movimento descendente que de nenhum modo poderia evitar-se.

Lalake, depois de seu rompimento com Ap-pencherr, o banqueiro, vivia metade do tempo em sua casa, e outra metade em casa de Brionde. A habitação particular estava situada na rua de Nossa Senhora do Loreto proximo do boulevard. As indispensaveis cortinas brancas e côr de rosa guar-neciam suas janellas. A casa de jantar estava mo-bilada com cadeiras de ferro dourado, realçadas por flores pintadas. Sobre a chaminé brilhava um relógio e dois candelabros ao estylo de Luis 15. Desejando ter cortinas em todas as portas para obedecer ao gosto do dia, as havia mandado fa-zer de uma tela com listas arabescas, tão commum depois, que não ha quem não a empregue. A sua cama, cuberta de um pano bordado, representando um cão, terno emblema de uma fidelidade redu-zida ao estado de alegoria, estava adornada de um espelho immenso posto a um lado, como se a formosa houvera tido desejos de olhar-se dor-mindo.

Lalake, rua de N. S. do Loreto, era Jupin 1.^a na rua Lepelletier. Na Opera occupava uma po-sição mista: era meio figurante, meio bailarina. Não olhando a arte dramatica senão como uma coqueteria mais, tinha sorrisos para todos os *dan-dys* da orquéstra, do proscenio e dos camarotes. Dirigia-lhes uma saudação, e fazia-lhes signaes de intelligencia na cathedral da *Favorita* como no mercado de Portici, sem preoccupar-se da quali-dade do lugar nem das illusões theatraes. Tinha

um pé diminuto, soberbo cabelo, um talhe encantador, e bebia de um trago uma garrafa de Champanhe. Taes eram os seus verdadeiros titulos artisticos.

Lalake tinha por amiga a pallida e loura joven que encontramos em casa de Tiennette, onde a levára uma necessidade accidental de dinheiro, como a louca prodigalidade tão frequentemente impoem aos mais opulentos. Fragil e poetica organisação, planta murcha apenas se abre, doce raio obscurecido pela nevoa, typo sublime de elegancia e de graça a quem a natureza, dotando-a do instincto do bem, havia olvidado dar-lhe força.

A sua casa offerecia um contraste o mais marcado com o de sua amiga. Tudo respirava ali a malancolia da alma. Ao lado do espelho com molduras douradas, se encontrava um livro antigo de horas misturado com aquelles moveis pagãos. Perto de uma Venus escapada do eizel voluptuoso de Pradier, se admirava aquella Magdalena de Canoval, cuja actitude é um psalmo da penitencia materializada. Chamava-se, em fim, Simona. Filha de um desconhecido, e orfaã desde sua tenra idade, havia trocado as noites laboriosas da officina nas insensatas do baile; havia-se abandonado no turbilhão; mas sem calculo como sem embriaguez, á maneira da folha leve que caé na agua e segue docilmente todos os seus caprichos, porque a sua conformação não lhe porporciona

meio algum de combater-los nem de subir contra a corrente.

Demais, tinha o presentimento de um fim proximo e miseravel; sentia-o aproximar sem medo como sem impaciencia, triste porem resignada, e se reduzia toda a sua resistencia a apartar delle os olhos, como Cleopatra que occultava a sua cabeça para não ver o áspide cuja mórde-dura a envenenava.

Não obstante, Lalake amava a Simona porisso mesmo que Simona não se parecia nem a ella nem a nenhuma de suas companheiras. Ao seu lado gosava de uma tranquillidade infinita. Tal é a lei da natureza: a harmonia nasce dos contrastes e a sympathia das differenças.

Depois de haver saido Lalake de casa de Tiennette onde a deixamos, chegou á rua de Nossa Senhora do Loreto e entrou a visitar Simona que habitava na mesma casa e a quem não podia deixar de ver um só dia.

— Querida, acabo de deixar a infame que me disse, haver-te visitado tambem esta manhã.

— Sim, — respondeu Simona, — e olha quinhentos francos que saíram das suas unhas.

— Deveras? Chegas-tes a lavar o fundo da tua carteira? Todavia julgava-te com fundos.

— Sim, porem que queres! Ha na casa lá de cima no sexto andar, sem comprehender a sobreloja, uma pobre familia composta de nove pessoas, filhos, pai, mãe, avó, caes, gatos e quem

sabe! Uns doentes, outros sãos, dormiam sobre palha, e de oito dias a esta parte sustentando-se de ar. Pois bem, de um golpe vazei a minha bolsa no seu quarto.

— Ah! muito bem! muitissimo bem! — exclamou Lalake. — Ignoro a causa, porem ha algum tempo que te ornas-te generosa e caritativa e frequentas as casas de beneficencia

— Naverdade! — exclamou Simona, — não necessito amontoar. Não serei eu quem tenha necessidade de ter os cabellos brancos.

— Que simples! — disse Lalake; — sempre com os teus lamentos de enterro.

— Porque? — respondeu Simona. — Eu não me lamento.

— Diabo! Não faltaria mais que isto! Aconselhar-te-ia que o fizesses. Porem isso pertence a quem te offereça o seu coche e o seu coração. Vais ser mui ditosa, estão fascinados os teus adoradores que nem ainda tem ciumes uns dos outros, o que é o cumulo da arte. E queixas-te. Que te falta para ser ditosa?

Simona levantou os seus formosos olhos ao ceo e reprimiu um suspiro.

— Nada, — disse. — Estou triste: eis-aqui tudo.

— Como! estás triste no meio dos prazeres! Que te agradaria mais?

— Busco....

— Nesse caso minha querida, amais a alguem.

— Talvez.

— É um contratempo; tem cautella. Porem cala-le; terás reparado em um homem, bello por certo, dos que te fazem corte? Será o coronel?

— Não; detesto os homens que se apertam para ter talhe de mulher.

— Será Marquez?

— É demasiado nobre.

— Advogado?

— Não é bastante.

-- Visconde?

— É mui presumido.

— Barão?

— É demasiado simples.

— Ah! já sei; é o banqueiro, o meu antigo namorado, o meu inconstante, enfim, a casa Sholtz Appencher e companhia, já que é preciso achar-lhe por seu nome.

— Oh! ch! vais acertada! Presumido como um pavão real; vaidoso como um pavão; feio como uma curuja, glotão como um abutre, engenhoso como um papagaio; fiel como uma poupa, probo como uma pèga; compassivo como um corvo; generoso qual um falcão; e amavel como um mocho; reúne em si toda a familia volátil excepto a aguia.... Ah! querida minha, apenas o has civilizado; porisso não te dou o parabem.

— Então, — exclamou Lalake, — não amas a ninguém ?

— Sim, não ha duvida.

— Tu enamorada ?

— Nem mais nem menos.

— Para quanto tempo ?

— Para uma eternidade.

— Diabo ! não é máo prazo ! E o teu Adonis é gentil ao menos ?

— Que importa ?

— É moreno ? é louro ?

— Ignoro-o.

— Zombas de mim.

— Nada d'isso.

— Como é o seu nome ?

— Daria quanto tenho por sabe-lo.

— Ei, tu estás louca.

— Conservo bem o meu coração.

— Logo não o vistes nem em pintura, nem em lythographia nem em daguerreotypo ?

— Nunca.

— Não sabes se é algum ministro de Estado ou algum vagabundo, douctor ou mecanico, orador ou charlatão ?

— O mesmo que tu.

— E adoras-lo ?

— Temo-o,

— Compreendo ; have-lo-has conhecido em algum sonho.

— Durmo pouco e não sonho cousas agra-

daveis; — respondeu Simona com um suspiro. — Por outra parte um homem a quem se vê em sonhos, tem uma forma, uma physionomia, um corpo.

— E um paletot.

— Mas o meu preferido carece de tudo isso. Nem ainda nome tem já t'o disse.

— Então será mui pouca cousa.

— Não é mais que uma sombra invisivel, uma alma, um espiritu.

— Um espiritu! — exclamou Lalake olhando detraz de sua cadeira, — já sei o que é. Debaixo de palavra de honra fazes-me medo com as tuas ideias extravagantes. Acreditas tu tambem nas almas do outro mundo? A minha tia pretendia que o seu defundo borrachão lhe apparecia todas as noites na sua cova a beber vinho. Porem nada disto; depois descubriu-se que era o porteiro. Mas agora adivinho, é talvez o teu porteiro?

— Oh! Que lembrança!

— Meu Deos, então renuncio. Será sem duvida o diabo.

— Quem sabe! Um demonio ou um anjo. Escuta, olha como ha succedido: é uma cousa incomprehensivel.

— Eia, eia, já estou anciosa, diz depressa.

— Ha quinze dias levou-me o carteiro uma carta.

— Uma carta do espiritu?

— Exactamente.

— Franqueada.

— Que louca és!

— Assignada ao menos.

— Não, sem assignatura.

— Uma carta anonima! Ah! Sempre tenho ouvido dizer que isso é vil e cobarde. Provavelmente algum enamorado perseguido.

— Não é isso; agora verás.

Simona abriu uma gaveta, tirou com delicadeza um papel que devia ter sido muito consultado, porque estava proximo a rasgar-se pelas dobras, e principiou a ler o seu contheudo com uma voz temerosa de emoção:

« Lindo anjo caído. »

— Diabo, como principia! — interrompeu Lalake, — parece-me muito rustico esse principio. Vejamos a continuação.

— Simona proseguiu:

« Amo-vos. »

— Caspité! — interrompeu de novo Lalake, — isso chama-se entrar logo em materia. Tenho curiosidade em saber como se pode acabar quando assim se começa. Parece que ainda não está tão caído o anjo lindo para o senhor espiritu; não lhe desagradaria ve-lo cair ate si mesmo.

— Enganas-te, — respondeu Simona. — Escuta:

« Amo-vos. »

« Oh! não vos surpreheidais desta pala-

va que vem a ser, segundo as circumstancias, ou um carinho supremo ou uma frivolidade.

« É a primeira que traça a minha penna e a ultima que escreverei.

« Sim, amo-vos. Porquê? Não sei.

« Amo-vos como se ama a flor predilecta, a côr favorita, o perfume mais embriagador.

« Não vos tenho procurado, todavia, porque vós me tendes apparecido. Eu vos amava sem vos conhecer; sonhava comvoseo; pensava em vós, porque vós ereis a voz misteriosa que fallava ao meu coração em meio d'esse grande concerto de armonias terrestres. Todo o homem tem a sua estrella, que o conduz como aos Reis Magos para o sitio onde reside a sua felicidade.

« Bem o vê-des, amo-vos porque devia amar-vos. Amo-vos porque vos amo. O meu amor não tem outra razão para existir que a sua propria essencia.

« E com effeito, porque outro motivo podia eu amar-vos?

« Hontem com a fronte coroada de flores, com a embriaguez do festim, com os cabellos soltos, o vestido molhado de Champanhe, o olhar livre, como uma bachante vulgar, cantaveis coplas impias e blasfemaveis do Senhor! Oh! Quanto elevariam os seus celestes canticos os serafins lá de cima para que Deos não podesse ouvir-vos?

« Todavia, tal como sois, louca creatura, coração murcho, alma sem fé, eu vos amava, ai!

ainda em meio da elegante orgia onde os meus olhares vos seguiam sem que os vossos podessem divisar-me.

— Ah! — interrompeu Lalake, — eis ahí a ultima impropriedade!

Simona proseguiu:

« Conserva menos o diamante as puras faiscas que o assemelham aos olhares de virgem, porque tenha caído no lodo? Não é sempre o perfume do acantho o mais delicioso dos cheiros, ainda que misture os seus athomos com o pó das estradas? Como, pois, havia de deixar de amar-vos, por que momentaneamente fosseis indigna do meu amor? Que é para mim a vossa vida? Que me importa a vossa formosura deslustrada pela desordem? É a alma o que busco, a quem amo e olho como a uma irmã, cuja reabilitação desejo a fim de eleva-la até a mim sem eu descer ate ella.

« Assombrar-vos-heis sem duvida de que eu saiba tãobem o que fazeis. Examinai com curiosidade as janellas immediatas unicamente para ver se alguns olhos indiscretos brilham atravez dos ferros ou das grades; perguntai á vossa criada; consultai com as vossas companheiras; cuidados inuteis! não descobrireis nada. Eu não sou um vesinho, sou um mysterio; não sou um enamorado, não sou uma realidade; sou uma sombra, uma sombra de vós mesma.

« Amar-vos-hei desde longe, Simona, sem intrometter-me jámais na vossa vida, sem inquietar

tar os vossos criados, sem escandalizar o porteiro, sem a vossa junção e ainda a pezar vosso talvez.

« Ainda mais; saberei sem pergunta-lo se esta senda invisível que eu tomo, miseravel, occulto no desconhecido, é ou não o caminho da vossa alma, por mais que vós procureis garantir-vos de minha protecção, de minhas arguições e de meu auxilio. Debalde vos cubrireis com as cortinas mais sombrias, cerrareis os ferrolhos mais solidos e vivereis de uma maneira dissimulada; eu o adivinharei porque a vossa alma é um livro no qual leio sem soletrar, e tenho continuamente applicado o ouvido ao vosso coração para contar as pulsações.

« Tal é o unico objecto do meu amor; não é nenhum outro. Ha mais, não quizera que o houvesse. Não vos pesso nada; nem ainda ser amado; amo-vos sem esperanza, sem segunda intenção; amo-vos por vós e não por mim.

« A casualidade me fez ler hontem o vosso nome em um d'esses mil bilhetes doces que chegam ás vossas mãos cada manhã como um orvalho cahido pela noite, e que ás vezes se extraviam no caminho. Agora bem, essa dita que me provem de vós me basta e me bastará sempre, porque, anjo meu... »

— Ah! bem! todavia recorda-se do anjo, — interrompeu de novo Lalake, — mais vale tarde que nunca.

Simona proseguiu sem responder.

« ... Ter o nome do objecto adorado, poder decompo-lo e crear segundo as mil phantasias do pensamento palavras novas, affectuosas devisas com que se intenta enobrecer o sentido, é sempre consolador e deleitoso.

« Agora, a minha conducta depende de vós só. Eu saberei o accollimento que haveis dado á minha primeira carta. Se escarneceis d'ella, se a lançais ao fogo com desdem, adeos para sempre. Não vos amarei mais que em silencio. Se pelo contrario consagrais um sorriso terno a este irmão desconhecido, a esta voz que não quer dirigir-se mais que aos seus instinctos de rectidão, não tardarei em lançar uma nova palavra de consolação em meio dos tormentos da vossa vida. O que vos ama. »

Depois de haver terminado Simona a leitura com voz cada vez mais comovida guardou cuidadosamente a carta na gaveta da sua mesa, e como se houvera lido aquelle escripto por vez primeira, o seu peito se inflammou de suspiros, animou-se o seu olhar, e as suas faces ordinariamente pallidas se tingiram de purpura.

A figuranta da academia real de musica soltou pelo contrario uma gargalhada estrepitosa.

— Depois falla-se de platonismo, — exclamou; — este pode tomar-se pelo numero um. Ah! Mas ao menos não formarás còro! Se imaginasses começar um dueto epistolar e cantar nelle pelo

mesmo tom estarias inspirada, minha querida. Não necessitavas mais para perder a reputação. É uma cousa tão fragil a reputação das mulheres! Felizmente a mysteriosa correspondencia está limitada a esse primeiro bilhete. Não recebestes outros, não é verdade?

— Não.

— Será algum estrião que terá querido divertir-se levando nisso suas vistas.

— Julga-lo assim?

— Poria a mão no fogo.

— Oh! não, não, não é possível. Demais, com que fim?

— Ah! minha querida! Os homens executam ás vezes taes vinganças! Eu sei alguma cousa d'isso. Escuta tu agora; é uma historia completa. Não sabes nada?

— De quê? — respondeu Simona.

— Estamos a ponto de fazer o contrario que tu. Em tanto que tu sonhas a dita lá pelo ceu, nós a destruimos pela terra. Imagina duas rolas, dois canarios, dois jovens esposos arrulhando-se qual mais pode n'um precioso ninho, ricos, formosos, enamorados, ternos, ditosos no presente, ditosos no porvir, e ditosos para sempre. Pois bem, ha quem ensaia e se occupa nestes momentos por espirito de vingança de abrir uma mina debaixo de sua felicidade.

— Mas isso é terrivel! — exclamou Simona; — e não houvera esperado tal cousa de ti.

— Já tornas com as tuas ideias! Pois bem, ha quinze dias te houvera parecido sorprendente o negocio. Mas conhece-se que aproveitas as lições do incognito, professor de moral, de pugilato talvez e de amor platónico. Todavia, acalma os teus sentidos perdidos; não se matarão os teus protegidos, não serão presos e só serão arruinados introduzindo nelles a discordia.

— Porem que te fez essa pobre gente?

— A mim? Nada. Não levo nisso o mais minimo nem me intrometto em cousa alguma. Podes devolver-me a tua consideração com a qual... Eu não estou mais que para uma parte de beneficios, são Tienbette e Brionde os encarregados da operação.

— Ah! — exclamou Simona, — se Tiennette está no trama, condão-me das victimas.

— Contudo, ao principio tinha seus escrúpulos, querida; não queria tomar parte em respeito a Aronde a quem havia amado.

— Como! respondeu Simona, — Aronde é a victima, é esse joven tão distincto, tão jovial, tão delicado, tão honrado?

— Deos meu, sim! Uma aventura como outra qualquer! Ha alguns dias estavamos almoçando Brionde e eu depois de haver passado a noite no baile, quando se apresentou na hospedaria onde nos achavamos os dois sós, um ancião de olhos brilhantes, sobranceiras cerradas, cabellos

erçados, barba inculta, trage em desordem e com um bastão na mão.

— Mr. Brionde? — perguntou.

— Evidentemente, — respondi cortada pela inoportunidade do intruso, — não sou eu.

— Cavalheiro, — respondeu o ancião dirigindo-se a Brionde sem occupar-se da minha interrupção, — desejaria dizer-vos duas palavras.

Brionde que é insolente como o lacaio mais atrevido, não levantou os olhos, nem lhe offereceu uma cadeira, senão que proseguiu chupando os ossos do frango que tinha entre os dedos.

— Despachai-vos, disse, porque ha pouco cheguei do baile e estou cansado. Assistimos a uma festa dada por um cantor celebre aos seus companheiros. Era esplendida. Ainda não vi cãos mais magnifico. Haviam-se suprimido os relógios, fechado hermeticamente as janellas, e obrigado a todos a deixar os seus com o paletot no guarda-roupa. Assim é que tanto se ha dançado, jogado rido e bebido, que ignoro se somos hontem, hoje ou amanhã.

— Mr. Brionde, respondeu o velho, — não se passa o tempo por que se deite a area de um relógio em uma carta de amor, ou por que se cubra um quadrante com um trage de mascara. A prova é que trago aqui duzentos e cincoenta mil francos de letras de cambio vencidas e não pagas por vós, de quem exijo um saldo immediato.

— Deixo ao teu juizo, querida Simona, — continuou Lalake, — o effeito que deveu produzir em mim a reclamação do velho. É isto em pleno almoço! Vi o *Festim de Balthazar*; porém não é comparavel. Duzentos e cincoenta mil francos em letras de cambio pagas á vista! quando muitas vezes uma simples conta de lavandeira que importe em dois francos apresentada de improviso faz aturdir e desesperar! Brionde por sua parte ficou impassivel como uma estatua.

— Sei o que é, — disse com frieza. — Trata-se sem duvida do credito de Peanger. É uma miseria, — acrescentou o heroe sem deixar de roer os osos. Não me dá cuidado: tenho contra-escrituras.

— Isso prova, senhor, que fazeis bilhetes a vosso gosto e prostituis a vossa firma. Porém pouco importa! Por desacreditada que esteja, acho-a boa. Não sabendo eu a vossa nova manha, regulei o assumpto no despacho do Rei segundo o artigo 83 do codigo e oblique uma ordem de apresentação que vós me permittireis fazer executar immediatamente.

— Diabo! — exclamou Brionde deixando enfim cair o seu osso de frango. — Permitti-me que faça alguma diligencia. Dias atraz fiz na bolsa beneficios consideraveis. Algumas gentes me tem faltado a mim, porém ainda me restam pessoas honradas e boas pagantes. Dai-me tempo para que os faça pagar e convencionaremos.

O velho sorriu-se desapiedadamente ao ouvir tal proposição.

— Sim, — disse, — aguardaria se vós podesseis deter o tempo como o vosso amigo o cantor da Opera; porem sois joven, eu velho e não ha momentos a perder. Emfim, segui-me, porque na carruagem que me conduziu está o encarregado do commercio com os seus aguazis.

Brionde levantou-se assustado: as suas feições empallideceram, e a sua respiração se tornou penosa.

— Em nome do ceo, cavalheiro, não façais isso! As dividas da Boleça não são tão obrigatorias que seja impossivel muitas vezes o esquivar-se d'ellas. Se me prendeis, far-se-ha a liquidação em ausencia minha e perderei as cinco sextas partes dos beneficios. O que vós quereis é contrario aos vossos proprios interesses.

— Meus interesses? — disse o velho, — Sabeis acaso quaes são para fallar tão livremente?

— Tem o unico objecto de fazer-me pagar.

— Ah! desprezo esses duzentos e cincoenta mil francos que me custaram dois mil escudos por causa da ignorancia em que estava o possuidor dos beneficios que haveis feito na boleça. Bom caso faço eu de semelhante miseria!

— E que quereis vós de mim? — perguntou Brionde mais assustado que nunca.

— Quero o vosso auxilio, a vossa cooperação e a vossa obediencia. Importa aos meus in-

teresses, posto que me pedis conta, deitar por terra a um dos vossos collegas, a um bolsista como vós. Por desgraça é o mais formal e não assigna letras de cambio de fantasia. Comtudo, como todo o agente, é vulneravel, é para arruina-lo que hei fixado em vós os olhos.

— Em mim cavalheiro? — disse Brionde, — porem... eu não vos conheço.

— Exigis que vos leve á rua de Clichy para saber melhor o meu nome?

— Não senhor, é inutil.

— Demais, eu chamo-me a Vingança; a minha profissão é viver das minhas rendas; tenho fundos collocados em todos os reinos e sobre todas as politicas do mundo; possuo muito ouro e não necessito ganhar mais; pelo contrario antes quero perde-lo.

Brionde se havia animado durante aquella explicação; havia recobrado a serenidade de um homem ao qual se acaba de pôr em liberdade.

— Que quereis realizar? — disse. — Perdoai a expressão, propria de bolça.

— Bem sei. A agiotagem tem a sua pena capital. Pois bem, o homem a quem necessito arruinar e desacreditar chama-se d'Aronde.

— Diabo! — exclamou Brionde, — é um jogador difficil de despennar: é honrado.

— Ora! — a casualidade é um deos cego que pega á direita e á esquerda; não se trata mais

que de guiar o seu braço. Sobre que especula o tal Aronde?

— Algum tanto sobre rendas e muito sobre estradas.

— A que joga?

— Á alta.

— Nós outros jogaremos á baixa. Atraveçar-se-hão milhões talvez; porem que importa? Não reparo nos gastos, e bem digo ao Ceo por haver-me feito algum tanto avarento durante a minha vida, já que posso empregar tão docemente as minhas economias. Ora bem, o tal Aronde deve ter um banqueiro.

— Toma dinheiro da casa Appencherr.

— É um credito facil de cortar. Appencherr é meu... é o genro de um dos meus amigos. Mas o tal Aronde deve ter algum outro recurso.

— Paga bem; gosa de credito por todas as partes.

— Nós lh'o deitaremos por terra.

— De que maneira?

— Não o sei. Descubri-lo-hemos. Disponho do instrumento como os dados sejam bons. Informai-vos se tem dinheiro em empresas particulares.

— É um dos principaes interessados nas fundições de ferro da Belgica.

— Pois nós venderemos os titulos d'ellas por baixo preço, aos nossos amigos. Não se necessita mais para arruinar um homem, e se sois ha bil sem que eu perca demasiado podereis ganhar a vida.

— Parece que conheceis os negocios. Em respeito a essas letras de cambio....

— Ficarão sem effeito, segundo que digais sim ou não á minha proposição; talvez me houveris accollido favoravelmente sem o seu auxilio; porem quiz obriga-lo deste modo, sequer por não houver a cada instante gritar a vossa consciencia aos meus ouvidos. Desta sorte sendo vós um homem individado, inclinai-vos debaixo da espada de Damocles, da qual conservo o fio. Já vê-des como eu mesmo apresento parte dos vossos remorsos hipoteticos.

— Aceito, — respondeu Brionde.

— Nesse caso levo comigo os aguazis, cuja presença vos ha interrompido no vosso almoço, porem não olvideis que podem voltar a apresentar-se á primeira queixa. Ah! uma palavra mais.

— Fallai, estou ás vossas ordens.

— Aronde está casado?

— De pouco tempo.

— É bonita a sua mulher?

— Nunca a vi.

— Ah! Se se pudesse ao mesmo tempo malquista-los, desuni-los!.... separa-los! Que desgosto maior haveria para elle!... Eu sei alguma cousa d'isso. Esta ideia não me pertence; foi-me suggerida por uma mulher tão engenhosa como feia. Deixo-lhe, pois, o cuidado de meditar sobre ella e de que vos falle se o julgar a proposito. Não quero usurpar-lhe o merito que

possa corresponder-lhe. E depois de tudo isto, tornai ao vosso osso de frango com a tranquillidade de um homem que acaba de terminar uma magnifica operação. Ate logo.

E o velho saiu, como havia entrado sem saudar, brusca e impertinentemente.

— Já vês, Simona, — que se conspiramos contra Aronde é por defender o nosso corpo.

— Que terrivel! exclamou Simona, — porem eu no lugar de Brionde houvera preferido ir preso.

— Vamos, tu aspiras a algum posto no calendario; porem entretenho-me a fallar, e olvido a hora da repelição: uma opera soberba na qual levo a cauda da princeza. Estarei muito bem; é um papel que reclama muito....

— Talento?

— Não, muito veludo, muitas rendas e diamantes. Comprehendes; um papel de dama de honor! A administração faz mesquinamente as cousas. Graças a que está ali Brionde e tambem o vingativo velho. Assim é que o primeiro preparará o *meu toilette* á custa das utilidades que se tirem do negocio. Porem a proposito: esta noite ha uma esplendida festa no Ranelagh. Dignar-te-has honra-la com a tua presença?

— Não, — respondeu Simona com sequidão, — não tenho o coração para baile.

— Como quizeres, querida; porem francamente, estou furiosa com o teu desconhecido.

O miseravel pretende perderte com os seus bons conselhos. Eis-te já toda corrompida!

E dizendo estas palavras fez uma pirueta á maneira de saudação, e se metteu de um salto em sua casa, que communicava por uma porta interior com a de sua amiga.

Apenas saíu Lalake, apresentou-se uma figura estranha no limiar da outra porta. Era um typo indescrível que parecia desafiar as produções mais extravagantes escapadas do lapis de Callot: uma mulher de talhe gigantesco e excessivamente delgada, um verdadeiro D. Quixote femea. Trazia um vestido de seda que bem podia haver sido negro, mas que o tempo o fazia apparecer duvidoso; dois braceletes de chrysolitha adornavam imperfeitos pulsos. Os seus sapatos de veludo preto sem talão e disformes íam sujeitos por fitas que enrolavam com pezar por cima de suas fracas canellas. O seu comprido rosto ia rodeado por uma fita de seda, e a sua cabeça cuberta com um immenso chapéo còr de folha secca, sobre o qual se moviam convulsivamente tres plumas de còr escura.

Antes que Simona tivesse tempo de perguntar o objecto da sua visita á senhora das plumas deterioradas, esta havia entrado na habitação e sentado-se na melhor cadeira.

— Senhora, — disse, — não tenho sem duvida a honra de ser vossa conhecida?

— Mas... assim o creio, — respondeu Simona com uma repulsão instinctiva.

— Dou pois graças á casualidade que m'o proporciona. Um negocio me traz precisamente a esta casa. Oh! Deos meu! Uma bagatella, certa continha que vós haveis deixado esquecer. Isto não ademira: estais tão occupada.

— Á questão, senhora! — respondeu Simona com impaciencia.

— Bem: trata-se de uma conta de seis mil francos por objectos e prendas de *toilette*. É uma miseria para vós, e como tenho precisamente que fazer um pagamento amanhã cedo não duvidei da vossa efficacia para salda-la. É alem disto, um grande favor que vos peço, segura de que me pagareis immediatamente.

— Vamos, — pensou Simona, — não ouvirei fallar hoje mais que de dividas!

Voltando-se depois para a excentrica visitadora, disse-lhe:

— Senhora, não vos conheço para nada e se houvera tido que comprar esses objectos de vestir, duvido muito que me encommendasse ao vosso bom gosto.

— Que satirica sois, — replicou a mulher fraca, — e é natural: o sorriso assenta bem nos dentes brancos. Porem se sois satirica, tambem tendes dinheiro. Geralmente não se emprega a mofa em assumptos serios, senão quando se dispõem de meios. Tanto melhor! Assim sabereis

que por effeito de uma cessão em devida forma sou depositaria de uma factura de M.^{he} Leu Klem de adornos e de cachemiras vendidos por ella.

— A divida é verdadeira, — respondeu Simona, e por mais que se haja augmentado de uma maneira usuraria, não rectifico a soma. Somente que, segundo convimos, necessito tempo para pagar, difficilmente me explico essa cessão do credito, que prova um máo proceder, posto que me entrega a um credor completamente estranho e a cuja indulgencia não posso appellar.

— Não deveis, senhora, desgostar-vos por tão pouco, — respondeu a acreedora compondo os dedos e tirando ao mesmo tempo as suas imundas luvas como o teria podido fazer alguma rapariga, — tendes tantos recursos! Estou segura que um simples bilhete . . .

— Um bilhete! . . . — exclamou Simona, a quem tal palavra recordou a carta do desconhecido. — Um bilhete — repetiu com indignação.

— Sim, — respondeu indiferentemente a sua interlocutora, — um bilhetito dirigido a certo protector generoso, ao senhor barão Appencher por exemplo.

Ao ouvir taes palavras a joven olhou fixamente para a embaixadora cuja missão parecia estar descuberta.

— Estou segura, — continuou esta, — que se daria o senhor barão por muito satisfeito com fazer-vos tão insignificante favor.

— Ah! ah! — exclamou Simona.

— Assim, pois, fazei por enviar o primeiro que venha para que se termine na volta este negocio.

— Não, --- disse resolutamente Simona.

— Por que, formosa dama, se não há nisso indescripção?

— Desde logo, porque sois uma insolente, senhora, e em mim jamais a violencia ha substituido a persuasão. Em segundo logar, porque não me agrada escrever ao barão pedindo-lhe dinheiro.

— Essa é a vossa ultima palavra, senhora? — redarguiu a mulher extravagante com voz mais doce.

— Não; porem é a penultima. A ultima servir-me-ha para vos fazer lançar para a rua.

— Para a rua!... Eu!... Ah! formosa dama, conhece-se que ignorais com quem tratais para fallar assim; não sabeis as mãos em que ha caido a divida. Escutai; joven inexperta e não quizera que se affectassem os vossos nervos; mas sem embargo das vossas maneiras de duqueza, convem que vos faça uma advertencia. Eu não sou uma acredora a quem se entretem todos os dias promettendo-lhe pagar amanhã. Amanhã! que significa amanhã em assumptos de creditos, de politica, de amor ou de qualquer cousa? Permitti-me que vos recorde (porque vejo temos tempo para fallar largamente,) aquelle famoso letreiro do cabelleireiro philosopho:

« Aqui hoje paga-se, porem amanhã penteia-se de graça »

Esse amanhã naturalmente não chegava nunca para os freguezes. Relativamente a mim, não encontro meio de conjugar no futuro o verbo pagar. Sabeis, formosa dama, que eu sou o terror dos devedores e que me chamam *Cabeça de Pipa*, cujo nome se me poz por certa vingança ?

— Ah ! sois vós a *Cabeça de Pipa*, — disse Simona com o maior sangue-frio.

-- Não vos altera isto ?

— Não tanto como o bezerro de duas cabeças ou qualquer outro fenomeno. A feira de São Cloud me deixou exhausta.

— Sabei, comtudo que não sairei d'aqui sem ir paga. Agarro-me a esta cadeira ; constituo-me em aguazil, pego-me a vós como sombra vossa e segundo vê-des sou demasiado feia e boba para que a minha companhia vos seja agradavel.

— Diabo ! --- exclamou Simona com indiferença, --- quem sabe ? A loucura não carece de alguma graça, mas a belleza, se ha-de dar-se credito aos pintores, sáe sempre lucrativa.

— Estou encantada, --- respondeu Cabeça de Pipa, --- de vos ver tomar a questão por esse lado. Sois uma mulher de gosto. Porem ainda posso fazer-vos observar que a minha posição de credora não paga, me dá o direito de dizer-vos injurias... nos limites do codigo bem enten-

dido, e sinto-me disposta a aproveitar-me delle, se quer seja por activar em vós a circulação do sangue.

— Em bôa hora seja! --- respondeu a joven, em quem a obstinação e a originalidade de sua visitadora haviam acabado por inspirar mais mo-fa que colera. --- Porem como não tenho a pre-tenção de conhecer o mundo tanto como vós, que se conhece haveis passado a vossa vida en-tregue a taes diversões, vou chamar um agente para que me livre da vossa distincta presença.

--- Antigo meio! formosa dama; é já dema-siado conhecido; está gasto como as cabriolas e é previsto como o carnaval proximo. Com effeito prorumperei, se chega esse caso, em taes gritos que pôrei em comoção todo o bairro. Ora bem, pa-rece-me que uma discussão semelhante não vos agradará sobre maneira. Crêde-me e escrevei ao barão: é o partido mais curto o mais prudente e o menos escandaloso. O que uma mulher quer barão o approva.

--- Já vos disse que não, --- interrompeu firmemente Simona, --- não gosto de repetições.

— Bem, — replicou Cabeça de Pipa com uma inflexão de voz bastante suave, — não que-ro contrariar-vos, porem confesso, formosa da-ma, que... não vale para nada.

— Crê-lo assim? — disse Simona radiante por haver finalmente encontrado o meio que bus-

cava havia um momento para ver-se livre da sua inimiga.

— Para nada absolutamente.

— Ora! tão pouco?

— Uma mintirosa, — continuou Cabeça de Pipa com essa doçura que ella empregava para as suas *invectivas*.

— Pois bem, — exclamou Simona, — tendes razão, senhora; sou do vosso parecer. Precisamente estava agora pensando nisso, não sem pezar meu.

— Ah! conheceis que sois uma mulher sem credito, formosa dama! proseguiu Cabeça de Pipa com mudulações vocaes, cujo desabrimento não poderia ser notado facilmente.

— Conheço-o tão bem, senhora, que antes de vós chegar-des, havia tomado o partido de....

— De mudar de conducta?

— Sempre se pode? ai!

— Ao menos fica o recurso de ensaiar começando por pagar as vossas dividas.

— Decididamente sou propensa a delirios, senhora. Não seguirei o vosso exemplo. Continuo pois. Havia tomado o partido de castigar-me eu mesma. Assim rogo-vos com instancia, que abandoneis essa pretensão e vos retireis. Bastante trabalho é ficar só com os meus remorços.

— Convem-vos que eu ajude a vossa memoria nesse exame de consciencia. Não sairei.

Demais seria a primeira vez que abandonava a um devedor sem ser paga. Não é caso de deshonrar já os meus annos. Tenho respeito aos meus próprios cabellos brancos.

— Sem embargo, farieis muito bem em desistir de tão louvavel costume por esta circumstancia particular.

— Não, senhora, estou pegada ao chão, — respondeu a Cabeça de Pipa: — desde agora formo já parte da vossa mobilia; nada poderá separar-me d'elle.

Nesse caso, — replicou Simona, — não levareis a mal que execute todos os meus afazeres, como se não estivesseis aqui.

— Estais em vossa casa, formosa dama; — disse Cabeça de Pipa. — Liberdade completa!

— Então Simona com a maior tranquillidade principiou um trabalho mui singular: ausentou-se alguns instantes; trouxe da cozinha um objecto que introduziu na alcova pela porta interior com auxilio do biombo que estorvava a vista; fechou em seguida todas as portas da habitação tirou as chaves, e acabou por deitar cadeados nas janellas.

— Que fazeis ahí, formosa dama, — disse Cabeça de Pipa. — Faz um calor de triuta graus e não deixais que entre o ar.

— Eu não estou obrigada, — respondeu Simona, — a prover-vos de ventiladores. Cada qual

tem um sistema: eu estou pelo methodo espanhol que consiste em enroupar-se quando faz calor.

— Como quizerdes, formosa dama, — disse Cabeça de Pipa enxugando as gotas de suor que caiam já de sua fronte. — Se imaginais deitar-me á rua por uma questão de termometro, enganais-vos de meio a meio; sou como os cadinhos capaz de ir ao fogo.

— Ao fogo, bem! porem não ha fogo sem fumo, — objectou sentenciosamente Simona.

— Ah, ah! Proverbios?... Bravo! — respondeu ironicamente a velha. — Cada louco com a sua teima; gato escaldado da agua fria foge; o cão é o amigo do homem; tantas vezes vai o cantaro á fonte que alguma deixa a aza &c. &c. Tão pouco sou estranha a essa especie de litteratura. Porem recomendo-vos particularmente este: « quem paga as suas dividas se enriquece ». Alegrar-me-ia ver-vos entrar por esta senda.

Entretanto que a acredora se explicava de tal sorte, proseguia Simona as suas operações inexplicaveis. Havia rodeado a sua alcova do elegante biombo; havia-se refugiado detraz d'elle e encostado em sua cama, occultando-se assim ás vistas investigadoras de sua inimiga.

— Crês acaso, falladora, — pensou Cabeça de Pipa, — forçar-me pelo tedio ao mesmo tempo que pelo calor? Pois enganas-te. Pode resistir-

se muito quando se ha principiado no mundo por ser confidente de tragedia. Demais eu prevendo sempre o caso de soledade forçada; sempre trago comigo um narcotico soberano. O somno é um preservativo seguro contra o tédio. Quem dorme diverte-se e gosa.

E tirando a velha da sua algibeira um livro intentou distrair-se com a sua leitura. A obra que recorria era um tomo solto das *victorias e conquistas*; producção mui apreciavel para os homens que tem affeição aos encantos da estrategia militar; porem cujo interesse se vê necessariamente mitigado para as mulheres pelas disposições preliminares do ataque e da defeza. A força de seguir escrupulosamente as formações de quadrado e marchas em batalha não tardou a leitora em dormir profundamente segundo as suas previsões.

Durante o tempo que permaneceu n'aquelle estado, a atmospherá já quente do elegante retrete se tinha tornado de uma espessura opaca.

Quando não foi possivel ver nada a travez das nuvens vaporosas do fumo que saíam detraz do biombo, o atirou Simona violentamente para que o ruido da sua queda despertasse a velha.

Esta deu um salto na sua cadeira como se o canhão russo, cujo progresso havia seguido antes do seu somno, a houvera ferido no peito. Depois disto suffocada pelo espesso fumo que enchia a habitação, se perguntou ainda se seriam as sinis-

tras nuvens formadas pela polvora, e se de simples leitora se havia convertido em actriz mesma nos combates que acabava de recorrer. Porém não podia deter-se n'aquella primeira illusão, e comprehendeu que o perigo por ser enigmatico não era menos real.

— Mad. Simona, — perguntou com ansiedade, — que fazeis ?

— Deixai-me morrer em paz, — respondeu a joven. — Eu não valho nada ; sou uma mulher sem credito, e como vós vereis, estou fazendo justiça a mim mesmo.

— É possível ? — exclamou Cabeça de Pipa com maior inquietação e procurando atravessar o véo que obscurecia a sua vista.

— Adeos, senhora. Não vos digo ate outra vista, porque não imagino que apezar do meu pouco merito esteja exposta a encontrar-me comvosco no outro mundo.

— Como no outro mundo !. Que quereis dizer ?

— É tão simples como economico : dois soldos de carvão, um fugareiro e um fosforo. Não se necessita mais para fazer uma largá viagem. É menos custoso que um passaporte para o interior.

— Ah ! porém... Ah ! não entendo nada disso, — exclamou a velha não sabendo ainda se sonhava ou se estava acordada : essa maneira de

viajar não pode convir-me. Não morra o devedor, pois a dívida em pé fica.

— Não vos compromette nada, — continuou Simona, com voz cada vez mais apagada, seja que fingisse achar-se oprimida ou seja que realmente lhe faltassem as forças. A minha successão responde pelas minhas dividas. Sereis paga muito breve.

— Paga, paga! De que me servirá se vos acompanho para os infernos! Asphixiai-vos se vos agrada; porem deixai-me a mim em paz. Diabo! não desejo morrer de fumo. É um genero de morte que abomino.

— Pois bem, retirai-vos, — disse Simona.

— E por onde? — exclamou a velha apalpando as fechaduras á similhaça de Desdémone, perseguida pelo punhal de Otelo. — Tudo está fechado.

— Tomai a chave da porta de fora, porem fechai-a por favor, porque é preciso que se cumpra o meu destino.

— Em boa hora, querida minha, — disse vivamente a furia, avaliando com a rapidez de um olhar de acedor o valor da mobilia da agonizante. Por outra parte, — accrescentou em voz baixa, — não aluguei a minha abnegação ao barão mais que até á morte exclusivamente.

E dizendo estas palavras agarrou na chave com tanta alegria como se houvera sido a do The-

zouro real. Abriu a porta com precipitação: desceu rapidamente a escada, e ao passar por diante do quarto do porteiro lhe disse.

— Subi, subi, que ha uma morte no segundo andar.

Depois correu para a rua como se o anjo exterminador a houvesse perseguido. Porem quando o porteiro, depois de haver consultado com sua esposa, entrou no quarto de Simona que ficou aberto, não achou nenhum indicio de morte, nem de suicidio.

As janellas davam entrada aos raios de um formoso sol, e uma suave mescla de ambar de lavanda fazia deliciosa a atmospheria da casa. A joven, inclinada tranquillamente sobre o seu divan, e em cujo rosto uma doce tristeza havia substituido já a expressão passageira de uma alegria louca, se havia posto a ler pela centesima vez a carta mysteriosa que tirára de novo do seu cheiroso sanctuario.

Em tanto que os rancores, os odios, as ambições, as vinganças, os desejos e todas as mais paixões, cuja pintura temos aceitado a missão de completar no decurso de nossa obra, se mudam em trevas, se encontram e reúnem para a preparação de seus mysteriosos tramas, façamos descansar um instante a nossa alma na contemplação da mais doce das felicidades; a que uma mosa immemorial ha intentado redicu-

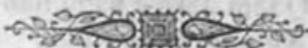
lizar; a que existe mais e na qual todavia se cre menos; a que emfim a singeleza da lingua- gem antiga havia chamado felicidade conjugal; refresquemos o nosso espiritu no manancial desta bella poesia; não nos limitemos a difamar o máo, ou a seguir como o faremos no segundo volume da nossa historia as pisadas dos nossos heroes nos seus tramas abominaveis; louvemos tambem o bom.

FIM DO 1.º VOLUME.

En el año de 1777 se fundó en
 esta ciudad el Hospital de San
 Juan de Dios para el cuidado de
 los enfermos de la ciudad y de
 las personas que se hallan en
 la calle de San Juan de Dios
 y para el cuidado de los enfermos
 de la calle de San Juan de Dios
 y para el cuidado de los enfermos
 de la calle de San Juan de Dios
 también a San Juan de Dios

FIN DEL LIBRO III

INDICE.



PRIMEIRA PARTE,

	pag.
CAPITULO I. — O Bosque de Bolonha.....	3
“ II. — Historia do Suicida N.º 1.....	19
“ III. — Continuação da historia do suicida N.º 1.....	36
“ IV. — Idem.....	63
“ V. — Idem.....	81
“ VI. — Idem.....	96
“ VII. — Historia do Suicida N.º 2.....	109
“ VIII. — Continuação da historia do suicida N.º 2.....	119
“ IX. — Idem.....	127
“ X. — Idem.....	143
“ XI. — Idem.....	157

SEGUNDA PARTE.

CAPITULO I. — Historia do Suicida N.º 3.....	170
“ II. — Continuação da história do suicida N.º 3.....	188
“ III. — Idem.....	206
“ IV. — Idem.....	222
“ V. — Uma nova personagem.....	237
“ VI. — A diplomatico, diplomatico e meio.....	251

	pag
α VII. — Dá cá e toma lá.	268
α VIII. — Antigos manuscriptos	286
α IX. — Um logogrifo vivo.	303
α X. — Quem deve e paga não deve nada	323
α XI. — Anjo e demonio.	344

N.B. Não damos as estampas porque não nos vieram de França, como esperavamos.



35, 30, 10

Handwritten text, possibly a signature or address, partially visible at the top right edge.

1866.

25/5/18

O BEZERRA DE OURO.

LIBRARY

OF THE

UNITED STATES

DEPARTMENT OF AGRICULTURE

WASHINGTON, D. C.

1917

U. S. GOVERNMENT PRINTING OFFICE

1917

O BEZERRO DE OURO.

Novellâ posthuma

DE

FREDERICO SOULIÉ.

Traducção de

Filippe de Sá.

1866

VOLUME II.

TYPOGRAPHIA DE JOÃO JOSÉ DE SALLES.

Calçada de St.^a Anna N.^o 158.

1854.



OFFICE

OF THE

SECRETARY OF THE

NAVY

Washington, D. C.

1877

EXHIBIT A

CAPITULO I.

OASIS.

São as dez da noite. Tudo é ruído e movimento no que se chama o magnifico Pariz. Só uma casa permanece tranquilla e silenciosa no meio do tumulto e da animação.

Em uma deliciosa morada da rua de Helder reina o mais doce socego. Podem observar-se n'aquelle asylo dois quadros mui dignos de ser admirados, pelos que tem o sentimento do bello e do bom e que preferem os gosos intimos do lar domestico aos ruidosos e vãos do mundo.

Entremos attentamente em cada um dos dois aposentos contiguos onde estão colocados os nossos preciosos modelos, e debuxemos discretamente as suas doces physionomias tendo todo o cui-

dado em que o ruído de nosso lapis não os aparte das suas meditações.

Em um d'estes aposentos está um homem de vinte cinco a trinta annos. Sua estatura mediana é bem formada; seu adman, seu ar, sua actitude, tudo offerece esse conjuncto de força e de flexibilidade que constitue a graça varonil. Cabellos finos, louros, e naturalmente frizados, ornão sua espaçosa fronte; seus olhos de côr azul são ternos e vivos, sua physionomia é expressiva e bondosa, mas o brilho azul de que ás vezes se revestem os seus olhos prova que ha lava sob aquellas flores; sua mão é branca e delicada ainda que pôde matar segundo a necessidade, não menos que acariciar; um fino bigode retorcido á similhaça dos mosqueteiros antigos, augmenta a arrogancia do seu semblante; a sua actitude está cheia de dignidade sem exaggeração; seu trage é elegaudo sem peccar de affectaudo; em uma palavra toda a sua pessoa révela um composto de ebergia e de benevolencia e essa qualidade superior que se chama distincção.

Sobre a mesa em que está apoiado se observa o vasto plano d'uma quinta modelo e d'um engenho cuja creação medita. As operações puramente financeiras a que estava acostumado desde a sua juventude como empregado principal da casa Appenberr em Pariz, essas operações ás quaes se entregára depois por sua propria conta com a melhor boa fé, não tinham sido jamais

para elle senão um objecto de estudo e um meio. Agora que era senhor de capitães consideráveis lealmente adquiridos, tinha resolvido empregá-los na fundação d'uma dessas grandes industrias agriculas e manufactureiras que ao mesmo tempo que contribuem para o bem geral asseguram a fortuna do emprehendedor.

Apezar da reflexão á que está entregue no momento em que o observamos, e o cuidado que tem de consultar as notas reunidas debaixo da sua mão, adverte-se que uma distracção invencivel vem brilhar de vez em quando como um fogo fatuo no horizonte do seu pensamento, por que a sua vista ávida se volve involuntariamente para a cortina que o sepára do aposento immediato. Com effeito, ali se encontra um verdadeiro thesouro, a joia da sua vida, o coração que corresponde ao seu coração. Um simples labique o sepára do seu objecto adorado. Basta um pequeno movimento para salvar o obstaculo, basta um só passo para atravessar a distancia, e sem embargo aquelle enamorado está como eravado na sua cadeira e submerge a sua alma com grande inteireza nos calculos mais abstractos. O relogio demasiado lento, não ha dado ainda a hora da sua liberdade.

Qual é o genio assaz poderoso para fazer assim dobrar uma altiva cabeça aos trabalhos mais áridos? É esse genio que eleva o homem, em qualquer condição que seja, e ante quem se

desvanceem todas as difficuldades; esse genio que tranquilliza o espirito, que faz legitimo o prazer e menos amarga a dôr: chama-se, em fim, trabalho. No aposento immediato, á luz concentrada d'uma alampada da que parece adornar com certa aureola um rosto encantador, vão contemplar nossas vistas indiscretas uma copia viva das obras primas mais adoraveis da pintura. Uma joven, cujo olhar se perde n'um livro com fechos de oiro que tem na mão, é com effeito um dos typos mais completos da belleza femeniã.

Apresenta esta belleza um conjuncto indefinivel de esplendor e de candidez, de fogo e de doçura, de energia e de timidez. Apesar de achar-se a sua fronte corada d'um immenso diadema de cabellos negrões com reflexos azulados como os faz sahir o sol das Antilhas, seus olhos brilhantes e doces tem uma expressão tão casta que parecem purificar, como o fogo, os objectos sobre os quaes se delem. A sua estatura, é tão graciosa e flexivel, que as pregas do seu yestido parecem formar-se harmoniosamente por si mesmas. A mão que está collocada sobre o livro é tão branca e pequena que podia ser tomada ao longe por fecho de marfim. Os seus pésinhos perdidos em sapatos de selim, deveram pisar por solo natal a America.

— Que livro é aquelle, todo perfumado com o seu alito.

— É o Evangelho, testamento d'um Deus martyr transmittido ao mundo por doze pobres

pescadores, e que chegou a ser o código regenerador de todo o género humano.

E preciso dizer com toda a sinceridade que também os formosos olhos da joven se levantavam involuntariamente, volvendo-se com impaciencia para a porta que sepára o esposo da esposa; ás vezes também a morena leitora parece activar com a vista a pendola demasiadamente lenta do relógio. Sem embargo, seria facil violar um pacto contractado a pezar de ambas as partes....

Quem retem assim docil ás doutrinas do livro santo aquella natureza impetuosa? É essa virtude eminentemente social que enobrecce as mulheres e que distingue a esposa da Odaliscia: o prudente respeito dos deveres, do marido.

Estes dois typos, tão harmoniosos e formados um para o outro chamavam-se Mr. e Madama d'Aronde.

Por fim o relógio deu a hora da sua reunião tão vivamente esperada. Ainda não tinha cessado o alegre som da campainha, quando se levantou a cortina de veludo pela mão do esposo.

Ao ve-lo a joven deixou cahir o livro sem acabar talvez o versiculo começado; mas o seu anjo da guarda não deveu assignalar aquella acção como uma falta, porque o relógio acabava de legitimar tudo.

O livro que ficava entre-aberto deixava ver uma estampa solta, imagem de Santa Anna, a quem o illuminador julgou dever adornar com um ves-

tido encarnado e coroar com uma aureola de prata.

— Querida estampinha! — disse Aronde, — doce e triste recordação.

— Querida e terna reliquia de minha mãe! — acrescentou a joven.

Naquelle momento ouviu-se um forte latido na ante-sala e começaram a arranhar a porta unhas obstinadas.

— É Fôx, — disse Aronde com um adman de bom humor.

— Abre-lhe, meu amigo, disse sua mulher com um gesto encantador. — Já ha tempo que eu e elle fazemos ante-sala, esperando o fim do teu trabalho e do nosso desterro. E demais, Fôx, não é um estranho, e se somos hoje dois para pagar um tributo a uma memoria venerada, não é a elle que o devemos?

— É verdade, — respondeu Aronde.

— Convens nisso comigo? — acrescentou Estrella. — Oh! que feliz sou. Anda, abre.

Aronde obedeceu, e no mesmo instante entrou d'um salto um formoso cão, que sem respeito á etiqueta foi deitar-se aos pés de seu amo.

Porque seria uma recordação piedosa a gravura de Santa Anna? Porque aquelle cão de pelo felpudo, e macio, de olhos brilhantes como dois carbunculos, de nariz de ebano, era seu amigo? Pelo que vamos referir.

Seis mezes antes, isto é, quando Aronde cedendo naturalmente aos impulsos da sua idade,

levava a vida de solteiro que tinha sabido regular com gosto, e na qual jamais permittiu ao prazer degenerar em desordem, occorreu certo dia diante de sua porta um successo mui singello na apparencia, que foi insignificante para muitos, e que graças á sua natureza generosa e sensivel devia exercer uma influencia marcada no seu destino.

Acabava de vestir-se, depois de ter passado uma noite n'um baile de mascaras, e esperava que soassem as doze horas do dia para assistir com outros jovens acompanhados de alegres convidados a um almoço. O tempo era chuvoso, o sol como um friolento tinha-se cuberto com uma capa de nuvens, e Aronde, apoiado na sua janela entre-aberta, lançava ao vento as ultimas borforadas de fumo do seu xaruto. Naquelle momento se offereceu aos seus olhos um espectáculo mui frequente em Pariz. Por meio da rua cheia de lodo marchava um d'esses carros sinistros que conduzem á ultima morada os pobres.

Não cabia duvida que era um enterro da ultima classe, um cortejo funebre de algum indigente, um ultimo dever rendido pela caridade publica, porque o tal vehiculo não levava nem plumas, nem ricos veludos agalcoados de euro: um simples pano negro cubria o alaúde, e um esqualido bolieiro guiava uma estafada parelha.

As unicas verdadeiras honras que faziam ao

defunto desconhecido era a saudação dos homens e o signal da cruz das mulheres.

Com effeito, de traz daquelles restos d'uma creatura humana não se via nem um parente, nem um amigo.

Mas não dizemos bem: detraz do carro ia patenhando pelo lodo um cão com os olhos tristes e a cabeça baixa, um amigo fiel e desinteressado que os circumstantes olhavam com surpresa.

Era um cão!

Não era um d'esses animaes escolhidos um *dandy* de quatro pés, que compoem a parte mais illustrada da raça canina, a gloria das matilhas, e a cobiça dos affeioados, era simplesmente um cão d'agua, vulgar, de pello cumprido e sedoso, o qual inundado pela chuva e cuberto de lodo compunha por si só todo o cortejo funebre.

— Cousa estranha! — exclamou Aronde ao vê-lo. — Eis-aqui a canção! Eu pensava que essas cousas se cantavam, se debuxavam, e mesmo que se acreditavam, mas nunca que podessem realizar-se.

Então sentindo revelar-se no seu interior todos os seus instinctos nobres e liberaes da sua alma, disse resolutamente:

— Juro que não ha-de dizer-se que um cão tenha dado tal lição de sensibilidade aos homens! Não ha-de dizer-se que no meio de Pariz, no seculo 19, fosse conduzido um morto ao cemiterio só

pelo seu cão! Vamos! Que me esperem os meus amigos ou não, pouco importa!

E dizendo estas palavras vivo como o pensamento, e ligeiro qual todo o homem resolutivo a executar uma boa acção, colheu Aronde o seu chapéu, desceu á pressa a escada e com a cabeça descoberta foi collocar-se detraz do cortejo. Então passou-se uma scena muda, mais terna na sua singelleza que as tragedias de todas as escholâs. Ao vêr aquelle companheiro inesperado, o cão moveu a cauda como satisfeito, deu um pequeno latido, baixou de novo a cabeça para o chão e continuou o seu caminho.

O carro atravessou o bairro chamado *Nova Athenas*, o bosque exterior, e foi perder-se no cemiterio Montmartre, cidade immensa da morte, cercada de tabernas, de estalagens e de bailes populares, singular imagem da indifferença humana.

Terminada a cerimonia, que não foi longa, o carro vazio tornou a tomar o caminho para ir ao seu destino. O guarda do cemiterio enxotou o cão, cuja desolação atrozadora, unica oração funebre do defuncto, infringia escandalosamente os termos do regulamento, e Aronde pôde enfim tomar o caminho que se dirigia ao sitio aprazado.

Pouco antes de ali chegar, voltou a cabeça e encontrou de traz de si o orador demasiado estrepitoso do cemiterio Montmartre. O pobre ani-

mal o tinha seguido qual se houvera desejado agradecer-lhe em nome de seu amo defunto.

— Olá! tu aqui? — disse com agrado ao animal baixando-se para acaricia-lo, o cão olhou com olhos bastante tristes ainda; deixou escapar um latido lastimoso, e meneou a cauda em signal de reconhecimento e de affecto.

— Ah! ah! disse Aronde. — parece que me estimas? Parece que goso da tua maior consideração? Estimo — mas podes ir teu caminho.

E tendo acabado de pronunciar estas palavras, Aronde o afagou e continuou a andar, mas a poucos passos sentiu que o cão o seguia e parando disse:

— Ainda continuas? — lhe disse fazendo-lhe algumas caricias — És grato, bem; mas isso não basta; és mui feio e sujo, e assim não poso apresentar-te em nenhuma parte porque me criticariam. Que diriam os meus amigos se me vissem acompanhado d'um cão da tua especie. Eia boas tardes, velho, e separemos-nos, que já é tempo. Sim sim; convenho em que es um animal excellente; mas, boas tardes. Não sabes tu que já me atrazei por causa de teu amo! Tenho pressa. Boas tardes! boas tardes.

Mas como o cão se obstinasse em saltar a seu lado, julgou Aronde dever empregar a severidade e os meios energicos.

— Vai-te, lhe disse batendo com o pé no chão. — Vai-te, repito, ou me enfado! Volta a tua

casa como deve faze-lo todo o cão pacífico e honrado. Marcha, marcha!

O pobre quadrupede pareceu ter comprehendido que seu companheiro do dó, desdehava decididamente a amizade que lhe offerencia. Baixou a cabeça, e se afastou trotando.

Similhante separação enterneceu a Aronde; uma lagrima assomou ás suas palpebras, pois o animal parecia achar-se mui desconsolado.

— Ah! Deus meu, — exclamou dominado por uma ideia subita, — talvez commetta alguma acção má sem querer! O defunto era pobre quando não tinha mais amigo que um cão; era bom porque este cão o amava; em fim, terá deixado uma viuva com filhos na miseria, porque este fiel servidor se obstinava como para implorar-me. Nada! eu devo seguir aquelle animal! Agora toca-me a mim. Bem poderão almoçar sem a minha assistencia; demais a emoção tirou-me o apetite.

Aronde foi atraz do cão; mas este ganhava em velocidade e era facil perde-lo de vista na primeira casa, ao menor estorvo ou ao mais ligeiro accidente. Tomou, pois um *cabriolé* e disse ao bolieiro.

— Vês por ali aquelle cão?

— Sim, senhor, um cão de pello horroso.

— Pois bem, segue-o. Tens dez francos se não o perdes de vista.

O bolcico persuadiu-se que tratava com um louco contudo obedeceu, largou a traz do seu guia e chegou a dez passos d'elle ante uma das miseraveis pousadas da rua de Rocher.

Aronde baixou do *cabriolé* e penetrou na casa onde vio entrar o cão. Atravessou um corredor sujo e humido, subiu alguns degraus, já deteriorados pelo uso. Ao chegar ao primeiro andar ficou indeciso sem saber a que porta devia bater, quando o cão começou a saltar de alegria ao seu arredor.

— Olá! vejo que és melhor amigo que eu pois apesar de enxotar-te te chegas para mim. Mas não posso perder tempo em caricias. Vamos de pressa, se tens amos conduz-me.

Vendo o animal, o seu novo amigo subiu a escada, pariu diante, subiu tres degraus, tornou a descer; subiu outra vez, e por fim parou no sexto andar diante d'uma porta que estava encostada e que abriu com as palas e introduziu o seu companheiro n'uma pobre habitação.

Aronde se viu então em presença d'uma linda joven. Quanto a rodeava recordava ainda a scena desconsoladora que ali devia ter occorrido.

A joven cuja belleza não tinham eclipsado os padecimentos, as privações, e a desesperação se levantou assustada, e lhe disse:

— Que quereis aqui, senhor? Porventura trazeis-me noticias da nossa familia de Burdeos,

para junto da qual temos pedido varias vezes voltar? Se chegam hoje é demasiado tarde, porque a pobre senhora que estava abandonada, a pobre viuva deixou esta terra de dôres.

Ao dizer estas palavras copiosas lagrimas banharam seu rosto.

— Não é um defunto a quem acompanhei, — pensou Aronde, é uma defunta. Pobre menina!

— Não, senhora, — acrescentou em voz alta inclinando-se com piedoso respeito.

— Em tal caso sois um estranho? disse a joven com emoção.

— Não tanto como isso, — respondeu Aronde com um triste sorriso. — Sou recommendado á vossa pessoa pelo unico amigo que talvez vos reste.

E mostrava o cão que lhe lambia as mãos.

— É na verdade uma familiaridade que não costuma prodigalizar muito, — observou a joven; — é preciso que vos conheça ha bastante tempo para se mostrar tão affectuoso.

— Tanto a desgraça, como a felicidade, fazem as amizades rapidamente. Oxalá me succeda o mesmo comvosco senhora. Adivinho a situação penosa em que vos submerge a terivel desgraça que deploraes. A distincção que em vós brilha não obstante o rigor da sorte me asseguram que sois digna da maior consideração, e por isso ousou perguntar-vos se estais estabelecida em Pariz?

— Não, senhor. Minha mãe veio somente

para seguir um pleito de cujo exito dependia toda a nossa fortuna, temo-lo perdido e a miseria fez o restante.

— Pois bem, senhora, necessitais regressar a Burdeos onde sem duvida vos acolherá a vossa familia. Fazei-me a honra de aceitar a pequena quantia de quinhentos francos, que julgo será bastante para a vossa viagem.

— Mas cavalheiro, disse a joven, com orgulho, sendo-nos vós totalmente desconhecido, não posso aceitar.

— Senhora, — respondeu o joven com emoção, — tambem vossa mãi era para mim desconhecida e comtudo quiz Deus que eu a acompanhasse á sepultura. Logo o que serviu a familia nesse momento supremo, não vos deve ser extranho. Observai tambem que em quanto fallo me abandona o nosso amigo commum e pelas suas caricias parece implorar o vosso consentimento.

Como a joven vacillasse ainda, Aronde accrescentou :

— Senhora, sois joven, formosa, e o interesse que me inspirais reconhece uma origem bem pura, porque não tinha disso o menor presentimento antes de vos vêr. A vossa juventude e belleza impõem uma reserva que será a minha lei. Desde este momento não tornarei mais a ver-vos, porque nada deve manchar, nem ainda por suspeita, a reputação d'uma joven.

Vou agora mesmo enviar-vos uma mulher

de confiança que vos ajudará nos preparativos de viagem, e que vos acompanhará até Bordeos. Hoje sem falta podeis sair de Pariz. Não exaggeréis o pequeno favor que vos faço e tende presente que em materia de favores o mais ditoso é quem os faz.

— Aceitai, pois, sem segunda intenção, franca e lealmente, e como vos offereço, e tendo a esperança que a minha intervenção vos proporcionará alguma ventura.

— Está bem, cavalheiro, — disse a orphã commovida emfim de tanta delicadeza, — porque em nome de minha mãe vindes socorrer a sua pobre filha, accito, e permitti-me que vos offereça, em commemoração do vosso encontro a estampa com que marcava o Evangelho. Chamava-se Anna, e a humilde gravura que vos offereço representa as feições da sua patrona. É a unica cousa que me deixou, é a unica prenda de reconhecimento que posso offerecer-vos.

E dizendo estas palavras a joven abriu um livro ricamente encadernado, resto d'uma opulencia passada que contrastava com a miseria actual dos seus donos. Tomou a estampa illuminada do sitio indicado e a deu a Aronde.

— Senhora, — disse piedosamente aquelle; accito como prova de boa harmonia, e asseguro-vos que a conservarei precisamente como uma recordação vossa.

Occultando depois seus olhos no seu lenço,

envergonhado d'uma sensibilidade que o honrava sobremaneira, sahio Aronde com precipitação do aposento da orphã, sem escutar sequer os lamentos de Fox, que protestava contra aquella deserção.

— Agora vamos ao almoço, — disse quando esteve na rua. Isto me servirá de distracção; mas conheço os meus convidados, e ainda que seja eu quem pague são capazes de ter dovorado tudo.

Um anno depois Aronde que tinha obtido noticias e informações exactas do character essencialmente distincto da defunta e das desgraças inmerecidas que a linham arrebatado ao mundo; Aronde que tinha ouvido elogiar por toda a parte as virtudes da pobre joven orphã, sem amparo algum nesta vida, Aronde se casava em Bordeos com a amavel joven que a Providencia parecia ter designado para sua esposa. Por um excesso de delicadeza que eleva o homem completamente, não quiz que sua mulher tivesse que envergonhar-se de sua passada pobreza, e para que podesse apparecer no mundo lhe tinha constituido um dote, apresentando-a á sociedade parisiense, como uma rica herdeira.

— Agora, — disse Aronde depois de ter introduzido no gabinete de sua mulher o cão cuja historia acabamos de referir, — has evocado em mim uma doce e piedosa recordação. É preciso que em reconhecimento beije e óre ante esta estampa que me deste quando te vi a primeira vez.

-- Meu amigo — disse Estrella, — uma oração dos dois é mais eficaz.

E os dois inclinaram ao mesmo tempo a cabeça para a imagem.



CAPITULO III.

CONTINUA O FIO COMEÇADO

Se tivesseis passado ha alguns annos pela rua de Huchette, o que não considero uma necessidade absoluta terieis lido talvez estas palavras sobre uma taboleta negra collocada em cima de certa porta : « *Consultas, cobranças, assumptos letigiosos, negociações, imposição de fundos, — terceiro andar á esquerda?* »

O tal terceiro andar era um verdadeiro museu industrial d'uma especie tão curiosa como rara. O local compunha-se de sala e gabinete. Era o que se chama casa d'um homem solteiro. Geralmente em Pariz quando um quarto não tem cosinha, nem vidraças, &c. nem outras commo-didades, annuncia-se no rotulo : « *Preciosa habi-*

tação de solteiro » Parece que os proprietários, que são quasi todos casados, se comprazem em fazer nichos para o celibato. O quarto a que nos referimos pôde dizer-se que não se compunha mais que d'uma habitação; mas o inquilino levava o genio de engrandecimento até aos ultimos limites. Jamais laboratorjo de botanica ou de mineralogia, teria podido conter maior numero nem variedade de etiquetas. Lia-se ali sobre as portas. « *Administração, Recebedorias, Secretaria, Caixa, Gabinete do director* » Por ultimo, sobre a parede um grande rotulo: « *Material e documentos antigos* » e chegava o engenho do inquilino até a ter escripto sobre o tabique opposto estas palavras. « *Archivos*. — Nota. Aqui não entra o publico » Similhante advertencia teria podido traduzir-se assim: « *Roga-se a quem ler que não bata com a cabeça contra a parede* » O ministro daquelle templo era um homem de cincoenta annos, que se adornava com o titulo bastante juvenil de « *praticante em direito* » Antigo amanuense de porteiro, linha deixado a seu patrono como os homeopatas desertam da Academia de medecina para se revestirem com o titulo de « *contencioso independente* »

Dizer o nome d'este homem seria uma cousa inutil. Era chamamado por todos o *Balanço*. Segundo já dissemos tinham-lhe posto este apodo por allusão ao instrumento da casa da moeda, e com motivo dos meios, bem pouco

orthodoxos, que empregava para fabricar moeda á sua maneira. Os principaes consistiam na compra por vil preço de máos creditos, de cujas transacções tirava o melhor partido possivel, graças ao seu maravilhoso conhecimento de subtilezas e enredos. Encarregava-se demais de cobranças difficeis e impossiveis ainda, para cuja realisação empregava os diversos talentos da furia que já vimos alcunhada *Cabeça de Pipa* e de *Cyclope*, e outro seu consocio que veremos mais adiante. O *Balanceiro* juntava a estas duas classes de recursos a corretagem usuraria com detrimento dos filhos de familia; a communicacão de noticias intimas sobre a situação de especuladores fraudulentos, e finalmente, a provisão de assignaturas sobre bilhetes á ordem, ou letras de cambio para uso de pessoas a quem restava algum credito na praça e que necessitavam haver secretamente recursos instantaneos. Consola o pensar que estas diferentes operações, que é preciso marcar bem para difama-las, porque o codigo não póde reprimi-las, sempre conduzem em ultimo resultado melhor ao hospital que á fortuna.

Por esta epocha em que o velho Duplessis era um dos chefes da casa Appencherr e companhia, teve varias occasiões de conhecer a existencia d'essa especie de agentes de negocios, cujos banqueiros tem interesse em possuir documentos, em espiar as conversações, em descobrir

as tenebrosas manobras. O apodo de *Balanceiro* mui celebre então, tinha-lhe ficado depois na memoria como um dos traficantes mais afamados neste genero de negocios. Foi por isso que quando sahia de Ernée, cedendo ás suggestões d'uns zelos retrospectivos, mais ou menos fundados, mas irresistiveis, para combinar em Pariz o plano d'uma terrivel vingança, o seu primeiro cuidado foi dirigir-se a casa de *Balanceiro*. Para levar ao cabo a ruina d'Aronde, o filho odioso da adúltera, segundo as revelações de Montreuil necessitava appellar para um homem da bolça, cuja ruina e ambição fossem as garantias d'uma completa obediencia. Não podia dirigir-se a ninguem melhor que ao *Balanceiro*. Com effeito, nos papeis deste estranho agente foi onde Duplessis descubriu os duzentos mil francos de letras de cambio, cujo pagamento immediato temos visto reclamar tão brutalmente de Brionde. Daltavam da epocha em que o famoso bolsista, reduzido aos maiores apuros pelas suas relações d'entre os bastidores d'alguns theatrinhos, não menos que pelas suas falças operações de Bolça, tinha querido alcançar a todo o preço a somma que necessitava para ensaiar pela ultima vez a inconstancia da sorte com o seu amigo Dabiron. Aquelle conjuncto de papel descontado então com noventa por cento de perda por intermediação de *Balanceiro*, tinha ficado em casa deste sob o titulo de «Valores cuja realizção tarde ou cedo

será problemática. O velho Duplessis se tinha apressado a adquiri-los por uma modica quantia com grande jubilo do Balanceiro e do banqueiro seu depositario.

Esta circumstancia explica o gracioso sorriso com que acolheu a segunda visita que lhe fez alguns dias depois o velho Duplessis.

— Sê-de bem vindo, meu digno e distincto cliente, — lhe disse, tirando os oculos para o ver melhor e offerecendo-lhe com a mais respeitosa cortezia uma cadeira coxa do estabelecimento. — Serei tão ditoso que possa servir-vos em alguma cousa? Porque me lisongeio de que não seja o descontentamento dos meus primeiros negocios o que me proporciona a honra de vos tornar a vêr.

— Não, não, pelo contrario, faço justiça á vossa lealdade; os duzentos cincoenta mil francos em letras de cambio não valiam um obolo, mas isto era ainda menos do que me tinheis dito. Vós não encareceste a mercadoria, porem vendeste-m'a a bom preço para o seu pouco valor.

Muito me lisongeio com o voto d'um homem tão illustrado como pareceis se-lo nestes negocios; tal ha sido sempre a minha regra de conducta. Direi mais; á má qualidade bem reconhecida de todas as cousas que aqui se encontram, é que deve o meu estabelecimento a justa fama de que goza, o que posso assegurar sem temor de ser desmentido. Quando entrego cousa má póde acci-

tar-se com confiança. Comtudo permitti-me que vos diga, com um justo orgulho, que não vos dei tudo o peor que tenho. Possuo cousas ainda muito peores. Aquillo era problematico, era casual, era de sorte, em uma palavra; mas o que me resta é incobavel totalmente, são valores que não representam absolutamente nada. Montam a alguns milhões e seria feliz vendendo-os por libras se vos conviessem.

Por agora não necessito, mas é provavel que em breve nos tornaremos a ver. Basta-me a primeira acquisição até nova ordem para dominar o meu homem e faze-lo meu escravo. O objecto da minha visita é hoje mui distincto, trate-se de matar na bolça, no banco, e em toda a parte o credito d'um... d'um miseravel cuja firma justamente considerada não está por desgraça no vosso escriptorio. É por isso que venho pedir-vos um parecer á cerca das vias e dos meios.

— Meu mui distincto cliente, — replicou *Balançeiro*, — se mal não me recordo a nossa primeira entrevista teve logar ha alguns annos que sahistes de Paris, e agora quereis achar as mesmas condições actuaes de credito e de ideias departamentaes que passaram já ao dominio da historia. Sem duvida acreditais que o banco em França tem, como em Inglaterra, seus mysterios, seus registros secretos, suas inquisições, suas espias, e que como o *Diabo coxo* terá o tecto das casas portatil para sundar ate ao fundo da caixa

de todo o commerciante! Este erro não tem nada de extranho! Os papalvos em Pariz vêem ainda um esbirro do Banco no galopim que abre a portinhola do *calexe* que o negociante fantastico offerceu a uma bailarina; no laçao que guia o cavallo pelo qual ha apostado; no criado de hospedaria que serve uma soberba ceia, n'uma palavra, em todos os criados da vida elegante e costosa. Esse medo de investigar que serve para julgar aproximadamente do cabedal das pessoas segundo o estado das suas despesas actuaes, não é nem praticado nem praticavel em França. A sciencia financeira proporeiona um meio de registrar e apreciar com mais singelleza e efficacia. Cada um dos nomes admittidos ao desconto está inscripto na secção de registros, anotando-se com esmero os insidentes enfadonhos que hão podido occurrer. Cada descontado lhe offerece assim o seu termómetro de conjecturas que sobe ou baixa segundo sua probidade, disposição, moralidade, &c.

— Dizei simplesmente seu cabedal, — interrompeu Duplessis. — Nessa palavra se encerram as demais. A virtude pobre não lograria ali cinco centimos, em quanto que a concupiscencia opulenta encontraria milhões.

— Rendo homenagem, meu distincto cliente, á profundidade da vossa perspicacia, pois vejo que conheceis o credito humano.

— E o descredito tambem, — replicou Duplessis. — Tendes-vos esquecido com effeito na

vossa numeração d'uma das principaes causas do descredito d'um homem aos olhos do Banco ; quero fallar da união, não simplesmente fortuita, mas habitual : não sobre um só effeito, mas sobre um conjuncto delles de tal ou qual firma « Diz-me com quem lidas e dir-te-hei as manhas que tens » Ha insolvencias contagiosas, reputações pestilentas, rubricas que deshonram pelo seu contacto. Tenho, pois, contado com vosco :

— Agradeço-vos a preferencia, — disse Balanceiro inclinando-se modestamente, — e aguardo com impaciencia instrucções mais amplas ácerca do papel que quereis dar-me no vasto plano de descredito que, segundo parece, tanto vos preoccupa.

— Ei-las aqui : graças a certas operações da Bolça que é inutil referir-vos, — contiuvou o velho Duplessis, — elle... o miseravel a quem quero matar rentisticamente, (Deus sabe se é legitima a minha vingança) o miseravel experimentou já consideraveis perdas. Viu-se de improvisa na necessidade de pedir prestada uma quantia importante. Noutras circumstancias o meu genro o barão de Appencherr, um dos principaes banqueiros de Pariz, lhe teria dado vinte vezes essa quantia sob a sua simples firma, mas na situação presente, conhecendo as grandes perdas já experimentadas com os sinistros rumores habilmente exparzidos, e em fim com o motivo da re-

cessidade mesma deste empréstimo, meu genro lh'o recusou.

— Tem muita razão, — disse *Balanceiro*, — parece-me que não deve emprestar-se às gentes senão quando não necessitam que se lhes empreste.

— Felizmente eu estava ali.

— Ah! ora.

— Emprestei a somma pelo intermediário de meu genro e á minha ordem subscreveu naturalmente o credor.

— Parece, meu distincto cliente, que tendes um gosto decidido pelos máos creditos. Não vitupero, não faço mais que referir, pois sobre gastos não ha disputas.

— Aqui estão os bilhetes em questão. São vinte e um; cada um delles vale cinco mil francos. Uma bagatella! E se consigo o meu objecto, não será por certo paga-lo mui caro.

— Cem mil francos! É sem embargo uma, bonita somma. Já não tenho dó da vossa victima. Se é assim como perseguis os vossos inimigos não me importaria ser alvo dos vossos tiros; mas nunca me succederam a mim taes desgraças, sempre tive má sorte! Dignai-vos, como o mais magnifico dos philantropicos, tomar nota da minha reclamação. Se tiver de novo o capricho de impôr similhante quantia com animo de perde-la me offereço aos vossos golpes. Não poderieis fazer melhor eleição, ninguém prehencherà

tão bem todas as condições precisas da insolvença.

— Muito estimo que confirmeis de tal sorte a opinião que tenho formada. — disse o velho Duplessis.

— Agradeço-vos.

— Não ha por que, e me explicarei. Vê-des estes vinte bilhetes?

— Oh! oh! a firma de Arende!

— Conheceis-la?

— Certamente... de ouvir fallar, pois esta firma nunca entrou em minha casa. É uma das mais consideraveis no mercado. Agora mesmo, apesar de tudo, vale um milhão como um soldo.

— Pois bem, precisamente esse prestigio é o que quero acabar de destruir. Tomai estes bilhetes.

— Quem? eu! que tome os bilhetes para realiza-los? Nada d'isso! pois se tal fizesse acreditar-se-ia que os meus recursos se estancavam. Na verdade! não posso fazer perder ao meu estabelecimento a sua bôa reputação por vos dar gosto.

— Vejo que ainda não me comprehendesteis. Trata-se somente de endoga-los. Dobro o preço ordinario das vossas operações. Dez francos por cada firma,

— Parece-me, meu querido cliente que quereis divertir-vos comigo.

— Juro-vos que não tenho o menor desejo.

— Então permitti-me que vos diga. Julgo um desacerto o pretender desacreditar valores tão consideraveis. Estes bilhetes valem cem mil francos só com o nome de quem os assigna. Cada uma das firmas da minha casa lhes fará perder uns dez por cento; calculai agora que quebra não é, por pouco numerosos que sejam!

— Bem sei que em casos semelhantes o que abunda prejudica; mas é precisamente o meu objecto. Assignai, pois, e fazei assignar.

— Bem, vou satisfazer-vos, mas é uma paixão de autographos que vos custará bem cara!

Apenas acabou de dizer estas palavras Balançeiro deu trez pancadas sobre a mesa com o cabo d'uma raspadeira que tinha na mão. O Cyclope apresentou-se logo a este signal entrando por uma das cortinas fingidas pintadas na parede.

— Toma estes bilhetes, — lhe disse Balançeiro, — e vai dizer ao porteiro de baixo, ao sapateiro de cima, e ao traficante de pelles de coelho que os endocem com as suas acreditadissimas firmas. Por cada uma dellas ganham cem soldos para beber. O restante é para nós como direito de commissão. Anda, avia-te.

Passados uns dez minutos tornou a entrar o Cyclope. Já tinha cumprido a sua missão.

— Assigna tu tambem, — lhe disse Balançeiro.

O Cyclope assignou.

— Está bem ; deixa-nos.

O Cyclope sabiu com a mesma pressa com que tinha entrado por detraz da cortina que tinha a inscripção de « Secretaria e Caixa » o que deu certo aspecto phantastico á sua desappareição.

— E agora a vossa firma, — disse o velho Duplessis a Balanceiro.

— De muito bôa vontade ! os bons devem sempre ser os ultimos.

— Isso basta.

— Certamente, ainda creio que é excessivo. Resta mais alguma cousa ?

— Sim. Uma casa como a vossa, illustre calligrapho, não pôde estar sem um timbre, uma marca, um sello, uma estampilha ou uma vinheta qualquer.

— Não senhor. O publico não crê mais que nas cousas impressas, oitadas e cheias de côres. A minha casa possui um modello do genero. Uma grinalda de escudos, uma cornucopia, e debaixo o seguinte : « NEGOCIAÇÕES, TRANSACÇÕES, EMPRESTIMOS E COBRANÇAS. — DESCRIÇÃO, ZELO, CONFIANÇA, ECONOMIA DE TEMPO, DE TRABALHO E DE DINHEIRO. » — *Estabelecimento central geral em Pariz rua de Huchette.*

— Não pode ser melhor, — respondeu Duplessis. — Ponde isso depois da vossa firma e repeti a operação em todos os bilhetes.

— Quereis deveras que faça isso ?

— Sim, quero ! — exclamou o velho exal-

tando-se pouco a pouco em seu odio. — Arvorai sobre a alta consideração do meu homem essa marca infamante, essa bandeira negra, esse signal de peste e de morte!

— Não sei na realidade se posso fazer semelhante serviço em vosso interesse ou do seu. O que sei dizer é que para elle será o ultimo termo de descredito, e emquanto aos vossos bilhetes, não é só a sua quebra, mas sim o seu exterminio.

— Vamos, vamos nada de duvidas! vinte francos mais por cada timbre!

— Está bem; cedo á força da argumentação, mas é só por vos obsequiar.

— Pois seja, — disse o velho deitando algumas moedas de ouro sobre a mesa. Eis-aqui o vosso lucro. Devolvi-me esses bilhetes tão preciosos para o futuro pela sua mesma nullidade. Quando os tenha feito passar de caixa em caixa até ao mesmo Banco de França, adornados com o vosso nome e firma, veremos a consideração financeira que fica ao meu devedor. Adens.

— É uma palavra bem triste, — interrompeu Balanceiro acompanhando até á porta ao seu extranho cliente. — Espero ver-vos nesta vossa casa ainda outra vez.

— Alé outra occasião talvez, — respondeu o velho com o amargo sorriso d'um odio meio satisfeito.

— A jornada deve ser excellente, — accres-

centou subindo para a carruagem que o esperava. Acabo de ferir o meu inimigo na Bolça; agora trata-se de feri-lo no coração.

No dia seguinte pela noite preparava-se uma grande festa em Ranelagh: a preciosa estancia que creou a moda ha mais de setenta annos sob as frescas sombras do bosque de Bolonha, e que por um phenomeno unico no seu genero, continuava protegendo a caprichosa deidade.

Em Ranelagh ficou com effeito o salão favorito da alta galanteria. Nenhum dos bailes grosseiros que se executam em outras partes a pontapés e bofetões, se atreveu a executar-se ali até ao presente. É de rigor ir bem vestido, a linguagem ali conserva certa urbanidade e se observa elegancia nas maneiras e um certo bom gosto inalteravel.

Acabavam de dar as dez horas da noite e uma fila de carruagens começava a percorrer a rua daquella parte do bosque.

Em quanto que o barão de Appeneherr conduzia a Simona n'um elegante *cupé* ao ponto de reunião de todas as suas amigas e dava graças á indifferente joven por ter accedido um logar a seu lado, um *landó* azul celeste com rodas de prata levava para o mesmo sitio a duas mulheres que nos são igualmente conhecidas, Tiennette e Lalaké.

As funcções deste genero eram para Tiennette um meio de passar revista á sua clientella femenina. Inspeccionava aquellas tropas irregu-

lares do amor com a indiferença d'um cabo austriaco que examina a sua esquadra. Sabia reconhecer á primeira vista se havia progresso ou decadencia ; distinguia a vinte e cinco passos no meio da multidão um chapeo de Alexandria, uma capa imitante ás de Saumou ; um vestido de Palmira construido por alguma modista caseira. Atravesava a sala qual verdadeira senhora feudal, distribuindo com discernimento as saudações e as zombarias.

Com tudo, esta vez descuidou Tiennette suas investigações habituaes. Depois de ter deixado a Lalaké que se uniu a Simona, foi passar só debaixo das arvores do jardim. Parecia que esperava ali alguem e os seus dedos comprimiam com impaciencia as suas frias e perfumadas luvas.

Durante este tempo uma modesta carruagem de aluguer conduzia ao mesmo sitio a Duplessis que não ia por certo para tomar parte na brilhante festa. A expressão do seu semblante provava isto muito mais que a sua idade. Pagou ao cocheiro depois de ter disputado a propina, porque quando seu odio não desatava os cordões da sua bolça, a sua mesquinhez habitual os apertava todo possivel. Depois de ter deixado a sua bengalla na guarda roupa, protestando contra os regulamentos de policia, pois lhe custava quinze centimos, entrou e dirigiu-se sem dilação para o lado do jardim.

Tiennette apenas o viu sahio logo ao seu encontro.

— Tenho a pedir-vos perdão, cavalheiro, — de vos ter feito emprehender uma viagem, mas não havia outro meio. A vossa carta era tão obrigativa.

— É verdade, — respondeu Duplessis, — os interesses que me tinham trazido a Pariz marcham mui bem; mas necessito voltar a minha casa, a Ernée, ao lado de minha mulher onde me chamam agora interesses não menos urgentes. Duplessis pronunciou estas ultimas palavras com um accento sinistro.

— Amanhã parto, — continuou Duplessis, — mas não o quiz fazer sem saber antes em que estado está o engenhoso projecto, do qual tomasteis a iniciativa e que completaria tão perfeitamente o meu plano de vingança, mas no qual não posso tomar parte senão como espectador, e como admirador.

— Espero! — respondeu brevemente Tiennette com um sorriso diabolico, e por agora só posso dizer-vos que aqui é o ponto de reunião dos actores da minha comedia, por isso não vos podia receber esta noite em minha casa. Foi pois esse o motivo porque vos pedi uma entrevista neste sitio.

— Pouco importa o theatro: vejamos a peça. Mas não diviso a Brionde. Não sei ainda se aceita o seu papel de galan joven. É um papel

perigoso, mas agradável. E demais segundo a posição financeira em que se encontra por um lado, a quebra de quasi todos os seus devedores da Bolça, e por outro lado os duzentos e cincoenta mil francos que me deve, tudo isto me faz persuadir que não desobedecerá ás nossas ordens.

— Silencio! — exclamou Tiennette em voz baixa tomando o braço de Duplessis. — Diviso a Lalaké polkando com um magistrado de provincia que se diverte aqui de incognito e poderia ouvir-nos. Essa rapariga é simples como um poema épico. Dentro d'um momento deve ceiar com Simona e o barão Appencherr e nos veremos livres delles.

— Ah! ah! está aqui o meu genro? — disse o velho. — Assim se consola da sua viuvez. Mas vós que conheceis este labyrintho, fazei com que estejamos sós.

— O sitio da reunião é o gabinete numero cinco — accrescentou Tiennette. — Vamos para elle.

Arrastando Tiennette o homem cuja vingança servia ao mesmo tempo que seus proprios zelos, foi occultar-se com elle no gabinete indicado.

— Uma marquezia, — disse Tiennette ao criado.

— Que é isso? — perguntou o velho.

— Uma cousa riquissima e mui cara, —

respondeu a feia se pôde gosar em toda a parte segundo o dinheiro que se gaste.

O criado servia o refresco bem conhecido das loretas de exquisito gosto, que não é mais que uma limonada com vinho de Champanhe.

Naquelle momento entrou Brionde.

— Chegastes em boa occasião, — disse Duplessis, — ainda que sois um pouco descuidado para enamorado. Mas procedamos por ordem. Que occorre com o nosso homem na Bolça?

— Derrota completa! — respondeu Brionde, — as suas acções de Louvain não se vendiam a cem soldos ultimamente. O vosso agente de cambio diz que é uma loucura perder assim dinheiro.

— Então inquietam-se os seus amigos por taes desastres?

— Não tem amigos na Bolça, só lhe ficaram rivaes. Os cem mil francos de bilhetes apresentados ao desconto com o distincto endoço dos capitalistas da rua de Huchette deram um golpe na praça. Morreu o credito. Os mãos endoçantes o mataram. Emfim o nosso homem partiu hoje mesmo para a Belgica, a fim de reunir os seus ultimos recursos.

— Partiu para a Belgica? — exclamou Tienette com alegria — Bravo o momento é propicio! Conheceis a interessante viuva?

— Hoje mesmo a vi á sahida da igreja, — respondeu Brionde. — Encantadora! maravilhosa!

incomparavel! Que ditoso me consideraria se fosse amado por uma mulher como ella!

— Com effeito! — exclamou ironicamente Tiennette. — Não seria máo amor! quantos príncipes tem passado sem elle!

— Sim, mas em troca, quantos pastores o tem tido! — accrescentou Brionde saboreando a limonada de Champanhe, na qual nem Tiennette, nem o velho tinham tocado.

— Veremos agora, disse Tiennette examinando Brionde, — veremos se tendes os dotes necessarios para enamorado. Na verdade que não me parece de todo mal. A presença não é desagradavel; mas o aspecto é impertinente. Esse defeito é dos que menos agradam ás mulheres. Será preciso reunir outras circumstancias. Em quanto ao mais, meu querido, se sois desembaraçado, e a linda viuva é namoradeira, eu proporcionarei um meio, estúpido como tudo o que é estúpido, mas quasi infallivel, um meio que existe no estado de tradição desde que ha casas nos dois extremos das ruas e mulheres em cada casa, o qual se chama a guerra das janellas.

— A guerra das janellas? Não conhecia ate agora semelhante guerra, — disse Brionde rindo-se ás gargalhadas.

— Ah! parece que o tomais por zombaria, — respondeu Tiennette.

— Mas emfim, que é a guerra das janellas?

— Esta senhora se dignará mais tarde expli-

car-vo-lo, — interrompeu Duplessis. A mim não me pertencem taes negocios; nada me importa que sejais ou não amado. O que me convem é que compromettais a formosa, se quer seja aos olhos do mundo; que façais sentir a seu marido todas as angustias dos ciumes, d'esse tormento atroz, insoffrivel, immenso, d'esse mal horroroso que nada pode curar, d'essa tortura suprema que se applica a tudo, assim no futuro, como no presente e no passado. A sua ruina é agora certa mas resta-lhe uma consolação e é necessario que seja para elle um supplicio.

Pronunciando estas palavras com uma voz stridente, se tinha tornado cadaverica a physionomia do velho.

Tiennette havia empallidecido subitamente por sua parte.

— Ah! ah! — pensou Brionde, — parece que o velho e a feia tem passado por isso. Pois bem, — respondeu em voz alta levantando o seu copo de Marqueza, — brindo por meus futuros myrtos!

— Pela separação das rolas! — accrescentou Tiennette.

— Por minha vingança! — murmurou o velho.

Naquelle momento ouviu-se um ruido estranho de traz do fino tabique de madeira que separava o seu gabinete do aposento immediato.

— Escutam-nos! — exclamou Duplessis, — já é tempo de separar-nos.

Em quanto passava a sós aquella scena, Lalaké e o barão Appencherr accumulavam de atenções e afagos a Simona no meio do baile a fim de inspirar-lhe um tanto de alegria. Trabalho perdido. A joven indifferente não formava parte das grinaldas de mulheres que cruzavam á sua vista em alegres e joviaes grupos, a sua alma estava em outra parte.

De prompto, entretanto que os seus dois companheiros viam bailar as rainhas da festa, um dos moços do café se aproximou a Simona e lhe entregou silenciosamente um bilhete.

— Só me faltam loucuras! — pensou a joven deitando um olhar desdenhoso sobre o papel.

— Ceo! exclamou então, — uma carta do desconhecido!

Quiz interrogar o moço; porem já havia desaparecido entre a mullidão.

— Que é isso, minha bella? — lhe perguntou o Barão, vendo-a levar a mão á cintura para occultar o bilhete; — sentis alguma dor no peito?

— Não, — respondeu Simona; isto passa. Agora não padeco, sou ditosa.

— Ah! tanto melhor, — exclamou o Barão; — dizeis que sois ditosa, — accrescentou em voz baixa inclinando-se ao ouvido de Lalaké. — Que

vos parece, Jupin? Por minha parte creio decididamente que me amais.

— Na verdade! — respondeu Jupin 1.º sorrindo-se; — é uma cousa admiravel!



CAPITULO III.

PORQUÊ ?

No dia seguinte da festa nocturna do Ranelagh, Duplessis saiu de Pariz, segundo havia annuciado, abandonando ao zelo interessado de Brionde, á sua nascente paixão, o execravel projecto que os ciúmes haviam inspirado em Tiennette contra a mulher de Aronde.

Assim que o velho chegou ao seu povo natal, tomaram todas as cousas por ordem sua um aspecto desusado na antiga casa que habitava com seu sobrinho Duplessis, e na qual o vimos entregar a Montreuil os documentos relativos á successão de Limburgo, em troca das cartas onde leu sua deshonra conjugal. Accrescentemos de passagem que estas fataes cartas haviam sido

proporcionadas a Montreuil por Tiennette. Não era a primeira vez que o intrigante se havia sortido com utilidade do arsenal epistolar cuja perigosa collecção elle enriquecia muitas vezes com reciprocidade. Quando tinha que dominar o espirito de qualquer pelo temor do escandalo, ia a esquadrinhar o catalogo de Tiennette, e rara vez não encontrava o papel ameaçador de que tinha necessidade, porisso que a infatigavel Tiennette havia dez annos que não deixava de recolher quantos authografos podia achar aos seus alcances.

Como ha poucas pessoas, homens ou mulheres, a quem em situações dadas a divulgação de tal ou qual escripto não possa causar-lhes consequencias mais ou menos funestas, é facil calcular o immenso partido que Tiennette saberia tirar, chegada uma occasião, das cartas recolhidas ao acaso de antemão. Este typo odioso, segundo ja dissemos e o repelimos, não era inteiramente producto de uma caprichosa imaginação. Não pretendemos indagar se existe ainda, porem então existia realmente, em carne e osso, entre veludos e sedas, entre rendas e diamantes, na epocha em que corria a acção desta historia. Não poderá crer-se o muito que lhe valia a sua biblioteca calligraphica impondo contribuições forçadas sobre o medo ou pretendendo favores para os seus protegidos, e ainda exercendo certa influencia occulta nos assumptos officiaes particu-

larmento pela segunda metade do reinado de Luiz Philippe.

Como haviam caído nas mãos de Tiennette em Pariz, as cartas em questão, escriptas em alemão por Mad. Duplessis a uma ama, e por esta a Mad. Duplessis? Nada mais simples em realidade como tudo o que é estranho na apparencia. Durante as efemeras relações de Tiennette com Aronde, os seus terriveis ciumes sobreexcitados pela paixão profunda que ella tinha por elle, havia feito uma irrupção pelos papeis do joven ausente e occultado como de costume quanto no porvir podia servir-lhe de titulo ou de arma.

Relativamente a Aronde era muito natural que tivesse cartas relativas á sua infancia, á ternura mesma de Mad. Duplessis pela epocha em que se viu obrigada á envia-lo de Alemanha a França, confiando a sua filha Gertrudes, Baroneza de Appencherr, o cuidado de vigiar maternalmente por elle.

Dito isto voltemos a Ernée.

Apenas haviam decorrido alguns dias desde o regresso de Duplessis, e já o ruido e agitação haviam substituido a tranquillidade e o silencio que reinavam havia tantos annos n'aquella austera e triste morada.

Os criados iam, vinham, varriam, esfregavam, limpavam assombrados elles mesmos de mover-se com tanta velocidade.

A casa de jantar se havia adornado de lus-

tres e serpentinas, a mesa se havia alargado todo o possível, as toalhas, o luxo das familias de provincia, mostravam ali as suas maravilhas adamascadas; os vinhos de Bourgonhe e de Santerne faziam brilhar nas garrafas seus rubís e suas esmeraldas; a sua louça tradicional brilhava ali como as armas de um regimento em parada; as tres classes de copos recommendados por Brillat-Savarin agardavam qual sentinellas avançadas no angulo de cada talher, o quem vive bachico que precede aos diversos serviços, e em meio de todas as magnificencias da arte se mostrava a natureza em grinaldas, em ramos e em pyramides de flores.

O bufete se havia enriquecido com vinte classes de nectares á custa da adega que desde muito tempo não havia soffrido uma invasão semelhante. A despensa havia esgotado em seu beneficio quantas delicias podiam offerecer os productos da estação. Em fim, a cosinha apresentava um d'esses golpes de vista que a admiração dos homens se compraz em celebrar ao ler a celebração das bodas de Camacho, os fornos lançavam suas vivas faiscas, as caçarolas se chocavam como armaduras de cavalleiros errantes, os galopins corriam de um lado ao outro com o ardor de Vatel preparando o jantar do grande Rei, os ventiladores tinham já esgotada a sua respiração, as cosinheiras derramavam torrentes de lagrimas sobre as numerosas cebolas immoladas por suas

mãos; e dez lacaios com frac negro, gravata branca e luva da mesma cor se preparavam a servir aos futuros convidados.

Qual era a causa d'aquelle repentino movimento na antiga casa dos Duplessis, successo extraordinario para todos?

Ninguem excepto o dono d'ella a conhecia. Todos estavam assombrados, e o assombro era lão geral por toda a parte, que havia grupos de curiosos nos arredores da casa, os quaes se entregavam ás conjecturas mais provocantes por causa de semelhante prodigio. A conclusão geral era que o velho Duplessis experimentaria um accesso subito de extravagancia, e que sua mulher e seu sobrinho deviam intentar o tirar-lhe o regimen da casa.

Não era menos profundo o assombro no escriptorio de Duplessis, sobrinho, e Deos sabe a quantas mofas e caricaturas dava origem a repentina liberalidade do tio. O pessoal inteiro dos escreventes figurava tambem entre o numero dos convidados, não sendo este bom proceder do amphitrião relativamente a elles se não um texto mais para as suas zombarias, porque o insolito e o incomprehensivel venciam aqui a mesma cortezania da acção.

O relógio dando as quatro interrompeu o tiroteio de chistes dos nossos jovens que deixaram o escriptorio para ir vestir-se.

Durante este tempo, o velho Duplessis vi-

giava por si mesmo todos os preparativos da festa. Parecia haver deixado em Pariz o seu humor sombrio e agreste. Estava cheio de afabilidade desde o seu regresso; fallava com affecto; não ralhava com pessoa nenhuma, e muitas vezes se havia visto sorrir, o que era um milagre.

Algumas, apenas se lhe surprendia um franzimento de sobranceiras, um movimento de impaciencia, um gesto de colera immediatamente reprimido, ou inflammava seus olhos uma luz sinistra, porem apagava-se quasi ao mesmo tempo. Estes indicios passageiros eram os unicos que podiam revelar a um observador attento que aquelle homem vivia sob uma nova ordem de cousas.

Naquelle dia desde as quatro occupava-se em inspecionar a casa, vestido em trage de gala.

Havia vestido calção curto, tão estimado dos nossos avós, porque constitue para elles um triumpho de coqueteria sobre a juventude actual pela superioridade necessaria da barriga da perna, vantagem phisica que parece haver-se perdido na nossa epocha, como o segredo das cores inalteraveis e o elixir de larga vida. Seus pes calçados com çapatos com fivelas de ouro, de uma largura mais que sufficiente para o seu talhe, apresentavam um novo exemplo em apoio d'esse axioma commum de que o homem é tanto mais limitado em ideias e em generosidade, quanto mais espaçosos são os seus çapatos.

Meias de seda pretas cubriam as suas per-

nas, em outro tempo finas e bem torneadas, porem ás quaes o tempo havia impresso um contorno ligeiramente torcido. Sobre o seu colete azul, ao qual o ar e os annos haviam, desbotando-o, dado uma côr mais celeste, se ostentavam os debuxos de ramagem já em voga no tempo dos guardas suissos; viam-se ali folhas, flores, passaros, emblemas, quadrados, rombos, triangulos, todas as figuras da geometria bordadas em plano; uma variedade de attributos que houvera envergonhado a Minerva com o seu escudo. A sua camisa cheia de pregas estava adornada de uns bofes immensos que sobressaíam como a crista de um gallo vaidoso. Emfim havia vestido um frac azul com botões de ouro, preferido geralmente pelos velhos ao frac preto, e os seus cabellos levantados em topete sobre a sua frente, indicavam certa premeditação de elegancia, certa affectação de humor juvenil, digno de observar-se, e que fazia presumir que havia desinterrado o seu vestido de noivado.

— Meu querido sobrinho, — disse ao joven notario aquem encontrou de passagem, — olvidastes algum dos meus convites?

— Não, meu querido tio, — respondeu Duplessis que naverdade não estava menos surprehendido da metamorphose de seu velho parente.

— Visto isto teremos o corregedor?

— Sim, meu tio.

— O juiz de paz?

— Tambem.

— O Cura?

— Tambem.

— O Chefe dos Gendarmes?

— Tambem.

— Tanto melhor não se pecca em se rodear de autoridades constituídas.

— Certamente, — objectou sorrindo-se o sobrinho, — que não é isso precisamente o que ha mais alegre no mundo.

— Dizes bem, porem é grave, é solemne e dá magestade ás grandes scenas da vida familiar. Demais, tranquilliza-te, não faltará tão pouco nesta festa o elemento alegre e divertido. Eu me encarrego d'isso.

— Vós, meu tio?

— Causa-te assombro?

— Confesso que...

— Vamos, acaba; confessa que nunca me vistes tão remoçado e alegre. Recordo sobre isto uma canção dos meus tempos de solteiro.

— Admiro-me que vos recordeis d'essas cousas, isso prova que tendes bõa memoria, bõa vista e bom estomago.

— Confesso por minha parte que não ha sido precisamente a alegria a que me ha feito brilhar ate agora, porem mais vale tarde que nunca. Não é máo fazer mentir alguma vez os proverbios. O diabo não deve ter sempre o privilegio das conversões. Porisso é que para o futuro não

se dirá já: « Cansado do mundo o diabo se metteu ermitão. » Viva a alegria! Demais se sou algum tanto noviço no genero burlesco, terei habeis substitutos entre os meus convidados; isto que nós outros chamavamos em outra epocha bufões, e que a lingua mas poetica da tua idade chama embusteiros, segundo creio. Tenho demais outra parte; já estão feitas as provisões.

— Como, querido tio! provisões de alegria?

— Sim, sem duvida a alegria é uma mercancia que se proporciona com dinheiro o mesmo que as demais. Não tem os theatros seus jocosos?

— Certamente, querido tio, parece que vos comprazeis em fallar por enygmas, e permitti-me que vos observe que não comprehendo uma palavra de quanto haveis dito.

— De que serve o comprehender? Isso não é necessario para ser ditoso. Pelo contrario; eu tenho vivido bem, o mais ditoso de todos os homens por espaço de perto de meio seculo, sem comprehender uma palavra de cousa alguma.

O velho Duplessis pronunciou estas palavras com um sentimento de amargura que não pôde dominar de prompto. Depois disto respondeu com tom mais festivo:

— Em quanto ao mais, meu querido, está tranquillo, que mais tarde comprehenderás. Em qualquer tempo será demasiado sede.

— Como quizerdes, querido tio; porem em

resumo a que vem esta ostentação tão repentina de magnificencia e alegria?

— Isso é o que o porvir revelará! Um pouco de paciencia; eu tambem a tenho tido ha quinze dias mortaes, porem a final chegou o momento definitivo. Será uma cousa suberba! Não faltará na festa mais que o barão de Appencherr. É pena! A presença de um genro é sempre grata, sobre tudo em uma festa de familia. Quizera que fosse testemunha da minha dita. Teria sido um bom exemplo; porem não houve meio de decidi-lo a esta viagem. Depois soube porque. Parece que o virtuoso barão não conserva uma recordação muito religiosa de sua defunta, a minha pobre Gertrudes. Disse-se-me que estava agora loucamente enamorado de uma joven loreta. Onde irá a virtude refugiar-se quando ha tantas mulherès que passando por honradas lhe negam um asylo! Sem embargo, consideram-se como mui hospitaleiras até ao dia em que se submerge o edificio da hipocrisia. Basta para isto o menor choque. Da-se um sopró e tudo vem a terra. Em fim tu o verás algum dia.

O barão não vem e sei que ha quem sentirá a sua ausencia tanto como eu, porem por outros motivos. Esse és tu, meu querido. Se o Barão viesse teria trasido comsigo a minha neta Julia, a qual olhamos ha muito tempo como tua mulher. Brillhante figura! Character encantador! Ma-

gnifico dote! Todas as qualidades reunidas porem é preciso renunciar a tal projecto!

— Porquê, meu querido tio? — interrompeu o joven notario.

— Porquê, segundo vês, o matrimonio é uma lotaria demasiado problematica.

— Todavia parece-me, meu tio, que haveis tirado nella um numero muito bom.

— Quem, eu? Diabo! um numero unico; acaso queixo-me eu? sou o marido mais ditoso, sou uma excepção, e segundo não ignoras, a excepção confirma a regra. Porem como sabes, amo-te demasiado sinceramente a ti, filho de minha querida irmã, a ti, baculo da minha velhice, unico herdeiro do meu nome, a ti, meu verdadeiro filho adoptivo, sim; amo-te demasiado para querer expor-te ao perigo commum. É verdade que tenho feito uma excellente carreira, porem tambem tenho visto soçobrar a tantos navios, que por cousa alguma do mundo te deixaria arrostar a tempestade! É uma determinação bem tomada; ficarás solteiro. Mas a hora avança; vai-te vestir.

— Deixo-vos com effeito, meu querido tio, porque não sei o que tendes; as vossas palavras neste momento confundem-me, espero encontrar-vos depois mais intelligivel.

— Sim, sim, serei bastante intelligivel dentro de pouco, eu t'o prometto. Entretanto vou ao quarto de minha querida mulher que não sabe

ainda nada do que se prepara. Tenho querido que se guarde segredo ate ao ultimo instante, porem já é tempo que se vista para a funcção. Cáspite que dia vamos a ter!

E ao dizer estas palavras Duplessis entrou alegremente no quarto de sua mulher cantando uma antiga canção.



CAPITULO IV.

COMO?

A habitação de Mad. Duplessis era a unica parte da vasta casa de Ernée que havia ficado tranquilla e silenciosa em meio do movimento e do ruido que perturbavam todo o resto. Assim o havia querido o dono da casa para reservar o cuidado de annunciar a sua mulher a estranha função cujos preparativos se continuavam com actividade.

Mad. Duplessis, segundo já sabemos, havia passado dos setenta annos. A sua estatura era alta, e o talhe tão delgado, que se temia quando estava de pé vê-la quebrar como uma fragil cana. Toda a sua pessoa, cara, corpo e mãos haviam ficado tão fracas que a assimilavam a um esqueleto.

Todavia, pela nobreza que conservava seu

ar, pela finura de suas mãos descarnadas, pela regularidade das suas feições, pela graça magestosa de seus movimentos, pela formosura de seus cabellos brancos que cercavam o âmbito tão puro de seu rosto, pelo desenvolvimento de sua espacosa testa em que as penas, a inquietação, o tédio, o pensamento e quem sabe, haviam causado mais rugas que o tempo mesmo, se conhecia ainda que em sua juventude e em sua idade madura devia ter sido extraordinariamente formosa.

Eis como se descobrem sob as ruínas de um templo os vestígios de seu esplendor passado. O seu sorriso doce e expressivo, o seu olhar puro e penetrante, a sua physionomia serena e affectuosa, porem intelligente, franca e energica, provavam demais que havia tido a belleza moral no mesmo grau que a phisica.

Em uma palavra, sob este duplo aspecto see parecia a uma grandesenhora do tempo de Vandyck. Duplessis a havia amado apaixonadamente, porem á sua maneira, isto é, aspera, rustica, e arithmeticamente, antes os trabalhos que os divertimentos, havia sido sempre a sua divisa como a de quasi todos os homens de negocios.

Assim é que sendo joven não havia concedido a sua mulher senão o tempo que a especulação, o desconto e o cambio de praça não queriam, ao qual chamava com pouca galantaria seus momentos perdidos. Depois que era velho, lhe concedia menos tempo, comprazendo-se exclusiva-

mente em sua agreste mysantropia. É verdade que o seu affecto de cacochimio era ainda mais platonico que a sua ternura de homem maduro. Não ha duvida que assim se formam boas casas, podem seguramente muito más familias.

Havia juntado ao defeito do abandono outros dois não menos funestos: uma avareza de formiga que havia chegado ate ao caso de impôr a sua mulher privações de toucado e de vestido, e uns ciumes de ligre, pois se inquietava por quanto via ate negar-lhe toda a classe de divertimentos.

Não nos atrevemos a assegurar que participasse ou não do seu amor a sua formosa metade, de vinte annos menos que elle, e que lançada em seus braços apenas adolescente por considerações de conveniencia, havia podido bem dar-lhe o seu dote, porem não o seu coração.

Como a natureza ha dispensado á mulher um coração com o unico fim, segundo todos os philosophos, de que disponha d'elle em favor de alguem, a chronica de Francfort pretende que não encontrando a formosa alemã collocação para o seu em sua familia, o havia posto em outra parte.

Designou-se como feliz donatorio deste thesouro ao joven e formoso cavalheiro de Limburgo. Mas apressemo-nos a dizer que jamais ate ao dia em que Montreuil commetteu a ignominia de revelar ao velho Duplessis o contheudo ambiguo se bem medianamente a cusador, das cartas que

os nossos leitores já conhecem, jámais a maledicencia havia adiantado as suas conjecturas mais alem de uma pura e simples afeição. Attribuia a um amor reprimido ou a uma paixão domada a abnegação absoluta que Mad. Duplessis manifestava sem cessar ao cavalheiro, a sua mulher, a seu filho, e a quanto lhe interessava. O amor vem a ser facilmente virtude nas mulheres, e os seus ciumes tomam então o character da mais terrena abnegação.

Mad. Duplessis offerencia disto uma admiravel prova, se é certo que chegou a amar o cavalheiro. Ella era com effeito a que o havia casado em Francfort com uma de suas amigas de infancia, filha orphã de um magistrado d'aquella cidade, Augusta Mildenof. Importava á segurança, á vida mesma dos dois esposos, que ficasse em segredo o seu casamento. O cavalheiro, filho desconhecido, porem unico legitimo do defunto Rei de Wardemburgo, havia commettido a imprudencia alguns dias antes de suscitar contra si e seus amigos, implacaveis rivalidades reclamando da santa alliança o throno, ao qual lhe dava direito a morte de seu pai, e que occupava segundo sabemos uma dynastia bastarda.

Que de cuidados, que de vigilancia, que de inviolavel descripção não necessitaria Mad. Duplessis em similhante estado de cousas para envolver no mysterio uma união conhecida d'ella só que a havia preparado, e do saceredote que

a havia abençoado! Que de atenções delicadas, que de incessantes precauções para proteger, para consolar os jovens consortes, dos quaes sob pena de morte devia ficar a unica confidente! Que de dores, emfim, quando o cavalheiro de Limburgo tendo voltado clandestinamente a Francfort depois de alguns annos de desterro foi assassinado certa noite á esquina de uma rua em 1821 e morreu a esposa subitamente de desesperação ao saber o assassinato de seu marido!

Esta existencia de desamparo, de effeitos penosos, de abnegação e de sacrificio cujo resumo acabamos de expôr e que desde o seu casamento havia sido a de Mad. Duplessis; esta existencia explica a mescla de benevolencia e aspereza, de desalento e de firmeza, de resignação e de pena que experimentava Mad. Duplessis na ultima epocha da sua vida. Estava em uma prostração moral aquella creatura tão felizmente dotada que havia á idade em que se o coração espera alguma cousa ainda, é deixar bem depressa de palpitar. Sem esperar nada do porvir recordando-se apenas do passado, vivia solitaria e melancolica no presente não tendo outra companheira e amiga que uma criada anciã.

Esta companheira era Warchel, aldeã de Kermer, perto de Francfort, ama de Aronde e de Pé-ligeiro. Depois da morte de seu marido, depois do rapto da unica creatura que lhe restava, pois a outra havia sido enviada secretamente para Fran-

ça por Mad. Duplessis; emfim, depois do incendio da casa por mão dos raptos do menino, espectáculo horrivel cuja emoção a tornou surda, a pobre aldeã havia saído com gosto de Alemanha para seguir a sua senhora a uma n'ova patria. É superfluo accrescentar, que a servia com um zelo, com um affecto e um interesse que a collocavam na classe de amiga melhor que na de criada. Assim é como Mad. Duplessis acabava de viver no isolamento semelhante a essas luzes que podendo illuminar brilhantemente certas festas, se consomem pouco a pouco occultamente e lançam solitariamente seus ultimos resplandores sem haver alumiado a ninguem por não terem sido collocadas no seu verdadeiro posto.

Quando vimos penetrar a Duplessis na habitação de sua mulher, encontramos esta languidamente sentada em uma cadeira de veludo de Utrech; vestida com um comprido penteador de cachemire, apoiada a cabeça no respaldo, o corpo ligeiramente inclinado para traz, as mãos apoiadas nos braços da cadeira e não tendo a seu lado, como de costume, mais que á sua fiel criada assentada a seus pés.

Era um d'aquelles instantes, durante os quaes immovel e taciturna com o olhar perdido no espaço, como o seu pensamento no infinito, se abandonava a b'oa senhora ás suas vagas meditações que são febris esperanças da juventude e apraziveis reminiscencias da idade provectora.

Então ao vê-la assim collocada e vestida, tão silenciosa e tranquillã, se houvera julgado ver uma magnifica estatua esculpida por um habil cizel em um formoso marmore branco.

Duplessis não pôde resistir á influencia de similhante espectáculo. Deteve-se sobre o limiar da porta como reprimido pelo respeito, contemplou um instante aquella mulher a quem em outro tempo havia visto tão formosa em sua juventude e que aquelle dia não lhe parecia menos formosa em sua velhice.

Adiantou-se emfim para o grupo. Ao ruido de seus passos se despertou das meditações em que estava submergida a anciã senhora.

— És tu, Margarida? — disse com voz debil procurando com a vista a sua fiel criada.

— Não, senhora, não; querida amiga, não é Margarida sou eu, — respondeu Duplessis, que apenas se havia reposto de sua primeira emoção.

— Oh! vós por aqui, cavalheiro! — redarguiu a senhora com doce ironia. — A que feliz casualidade devo a honra de vos ver neste sitio?

A dôr de toda uma vida estava resumida n'aquellas poucas palavras!

— Não é a casualidade que me traz! — replicou Duplessis com algum embaraço e vacillação, affectando toda a possivel calma e afabilidade. É principalmente o desejo natural de vos ver depois de uma ausencia.

— Comeffeito, — respondeu Mad. Duplessis

com tom de indiferença, — ouvi dizer que tinheis feito uma viagem.

— Sim, uma viagem a Pariz.

— A negocios sem duvida, se heide julgar pela precipitação da vossa marcha e pelas vossas preocupações habituaes?

— Não, querida amiga, uma viagem de puro recreio, esta vez.... — replicou o velho com o sinistro sorriso que já lhe conhecemos.

— Intentasteis a viagem um ponco tarde, segundo me parece, para a dedicar ao prazer.

— Convenho nisso, porem que quereis? volto á hilaridade de algum tempo: não sei que bixo me ha mordido que não posso estar quieto.

— Será talvez que as vossas economias de alegria pedem finalmente alguma sahida? Nada melhor; gastai, cavalheiro, as vossas economias, pois é preciso que a velhice tenha suas alegrias.

— Alegro-me ver-vos tão propicia, querida amiga; isso da-me esperanza de vos ver participar do mesmo.

— Duydo, cavalheiro, serei provavelmente mais fiel que vós aos costumes de toda a minha vida. Porem que boas noticias me trazeis de Pariz para começar a pôr-me de bom humor?

— Boas e más.

— Como fica Julia, minha muito querida neta? Não perguntarei se é já mais formosa, por que isso seria impossivel, porem está mais alta, mais forte? Porque não trouxesteis aquella encan-

tadora creatura? Ha tanto tempo que não a vejo! perto de trez annos! Trez seculos! Devereis pensar que desde a morte da minha pobre Gertrudes sua mãe, é, ai! a unica menina que me resta.

— Ella não desejaría outra cousa mais que vir abraçar-vos; porem apezar de todavia ser mui joven, pois conta apenas desaseis annos, tem já toda a madureza de espiritu que distinguiria uma mulher de trinta, escolhida de entre as mais judiciosas. Ha falta da mãe que não existe, a filha cuida da casa. É admiravel ver com que preseteza obedece cada um ás suas ordens. Seu pai mesmo teme-a como ao fogo. Um pobre senhor como o vosso genro (e seja dito isto entre parenthesis.) Que admiravel mulher promette ser! tão bondosa como bella, tão prudente como jovial, tão modesta como espirituosa! Ah! naverdade, não será ella a que sacrifique jamais á coqueteria os deveres mais sagrados de esposa e de mãe! Não é ella que enganará a seu marido!

O velho se interrompeu por falta de expressões, depois de haver accentuado cada uma destas palavras como se houveram sido outros tantos punhaes para a consciencia de sua mulher. Esta não aparentou sequer have-lo advertido.

— Assim é como eu a tenho julgado, — disse ella tranquillamente, — e me felicito por isso. Porem haveis fallado do senhor seu pai; dai-me noticias suas.

Em verdade, este pelo contrario não faz mais

que engordar e tornar-se feio. Não sei verdadeiramente aonde chegariam as ridiculas travessuras deste meio seculo sem o terror que lhe inspira o seu joven mentor!

— Ai! Se alguma cousa no mundo podera consolar da perda de uma filha querida, o caracter d'esse homem seria muito a proposito para fazer que sentisse menos vivamente a nossa pobre Gertrudes.

— Sou da vossa opinião, — accrescentou Duplessis deixando-se apartar a pezar seu das preoccupações que o haviam levado, e não sabendo que fazer para abordar o verdadeiro motivo de sua entrada. — Em quanto ao mais, — proseguiu a fim de consegui-lo, — ha que fazer-lhe uma justiça, e é que esse Lovelace de cabello grisalho não seduz jamais senão ás victimas de muitos predecessores. Neste momento mesmo obsequia a uma loreta, como se diz agora, a qual lhe transtorna o juizo. Expressavam-se mais poeticamente os galans de outra epocha, não é verdade? A indiferença da mulher amada era para elles um doloroso martyrio; accusava-se de ter coração de pedra e se tratava de barbaro e de cruel quando era cruel e barbaro; porem isto não succedia sempre, não é verdade, querida amiga?

Mad. Duplessis não respondeu a esta pergunta capciosa.

— Sim, o nosso genro não é um d'esses D.

o que buscava. Alaque-mos ! redobre-mos ! acom-
metta-mos ! Desgraçado de mim ! porém tambem
degrada da d'ella !



Joanes, cujo unico prazer é perturbar a paz das

familias mais ditas.

— Com effeito essa é uma circumstancia moi

atenuante; — replicou tranquillamente Mad. Du-

plessis.

— Sempre o mesmo; — pensou o velho. —

Que farei? Como suscitár a questáo?

— Heduz-se tudo a isso? — redarguiu sua

mulher.

— Não, querida amiga, Tenho tambem quo

dar-vos noticias de... de Aronde.

— De Aronde? — exclamou a velha com to-

da a viveza de que era ainda capaz.

Duplessis sorriu-se amargamente. Pareceu-

lhe que uma emogáo estranha tinha agitado sua

mulher ao ouvir este nome que leria devido pas-

sar despercebido para ella se Aronde não tives-

se sido mais que um simples empregado em casa

de seu genro.

— E essas noticias, cavalheiro, — replicou

Mad. Duplessis com um interesse que não procu-

rava dissimular, e essas noticias, por favor, são

bóas ou más?

— Não podem ser peores, — respondeu Du-

plessis,

— Oh! Deos meu! — exclamou a velha mais

palhada que de costume.

— Bravo! desta vez acertet! — pensou Du-

plessis desapidadamente. — Finalmente encontrei!

CAPITULO V.

O QUARTO DE HORA DE RABELAIS.

— **B**EM, cavalheiro, — redarguiu Mad. Duplessis depois de um momento de silencio durante o qual seu marido se havia regosijado de haver descoberto o lado vulneravel, — bem, — cavalheiro, quaes são as más notícias que trazeis de Pariz concernentes a Aronde?

— Sabei por em quanto, — respondeu Duplessis que havia chegado a adivinhar a sua co-lera, — sabei que estão agora os seus negocios no estado mais deploravel.

— Que vale isso? Tranquillizais-me, Aronde é joven, apenas tem vinte e sete annos, o seu entendimento é claro, não carece de valor, de actividade e de credito. Com taes armas combatem-se bem os revezes da fortuna.

— Ai senhora! não posso sentir essa confiança. A sua ruina deve ser completa a esta hora. Ao menos assim o receio.

— Porem, cavalheiro, não podemos ajuda-lo?

— Ajuda-lo, senhora? — respondeu Duplessis com uma especie de alegria feroz. — Sim, sim, certamente.... É o que fiz. Juro-vos que fui em seu auxilio e de uma maneira poderosa. Surprende-vos que me haja anticipado ás vossas ternas intenções. Sempre ha segurança de obrar bem quando se vê qualquer imitação de antemão. Que ajude a esse pobre joven! Ah! e mais de uma maneira. Só a modestia me impede dizer-vos quanto tenho feito por elle. Todavia algum dia chegareis a sabe-lo, quando nada haja que temer.

— Bem, cavalheiro, meu amigo, guardai o segredo da vossa bôa acção. Porisso não hei-de deixar de agradece-lo do fundo do coração.

— Do fundo do coração... bem comprehendo... sempre haveis sido de uma sensibilidade exquisita. Desgraçadamente o que tenho feito... (Oh! cre-de que tambem do fundo do coração...) o que tenho feito, ou melhor, o que houvera podido fazer, não haveria bastado na posição que se achava o nosso querido protegido. Não se apaga um incendio deitando um copo d'agua em cima; não se salva o homem que se afoga estendendo-lhe um fio, não se segura emfim a casa que se arruina pondo-lhe uma simples cana.

— Que dizeis, meu amigo, de tão deveis soccorros? Não podemos mais que isso? Temos uma immensa fortuna. Que melhor uso poderíamos fazer d'ella que emprega-la em salvar um homem honrado? Approvo de antemão quanto vós determineis sobre este ponto.

— Não o ponho em duvida, amiga minha; sempre do fundo do coração! permitti-me vós todavia... tudo tem seus limites, excepto... segundo as apparencias, a compaixão que vos inspira Mr. d'Aronde... Não vitupero essa conducta... a compaixão segundo se diz, não é amor, ao menos na nossa idade... Porem reflexionai por favor... não temos filho... o céo negou-me esta dita... porem temos uma neta e um pai deve tudo a seus filhos, sobretudo a seus filhos legitimos... Vós o sabeis melhor que ninguem, querida amiga, vós que haveis sido sempre uma boa mãe, não é verdade? Sacrificar os interesses de Julia nossa adoravel neta, aos de um estranho... não vacillo em dizê-lo, seria um acto de dolo e de fraude. Leio no vosso semblante, querida amiga, que não abrigais semelhante opinião. Isso assombra-me, e permitti-me que vos pergunte, se não ha indescripção, qual pode ser a causa d'essa sympathia tão viva, tão prodiga, tão illimitada em favor de Aronde.

— Ah! cavalheiro, que cousa mais natural!
— exclamou Mad. Duplessis com um enthusiasmo que conjeve immediatamente. — Não, — pensou

em seguida, — nem uma palavra, assim prometti a seu pai moribundo. Guardemos ate á sepultura este fatal segredo. Similhante revelação produziria fataes consequencias; o passado faz imaginar o futuro.

— Não respondeis, senhora, — replicou o velho, cujo semblante se havia tornado livido, fazendo incriveis esforços por não estallar. A presença d'essa mulher impedirá sem duvida as vossas explicações, — acrescentou indicando com um gesto desdenhoso a mulher Warchel que continuava assentada em um banquinho aos pes de sua senhora, com os cotovelos apoyados em seus joelhos, a cabeça entre as mãos e o olhar fixo sobre ella. Tranquillizai-vos, não é surda? Demais depois de trinta annos que está ao vosso serviço, que poderia ouvir que não soubesse já? Soppinho que vós não tereis tido um segredo para ella e deverá conhecer igual a vós mesma os vossos pensamentos mais intimos. Acabai sem temor, senhora, a explicação que havieis começado. Nada mais natural, dizeis vós, que a vossa sympathia por Aronde....

— Mas com effeito, essa sympathia, esse affecto sincero, não é um legado que nos deixou á nossa pobre defunta? Não era Aronde, por assim dizer, seu filho adoptivo? Não foi Gertrudes quem o recolheu na idade de doze annos apenas; a que depois lhe deu educação, o collocou em seguida em casa de nosso genro, e lhe pro-

porcionou emfim os meios de poder crear uma posição independente? Não seria continuar a obra de nossa filha soccorrer hoje o seu protegido?

— É possível, porem a vossa resposta, querida amiga, não faz mais que promover as difficuldades. Se é certo que explica bem e mal nossa sympathia, aqui para nós não explica apenas bem a sua. Por minha parte confesso que tenho achado mui estranha a conducta de Gertrudes neste negocio. Pois que, pode facilmente uma mulher joven recolher em seu caminho, no meio de uma povoação, a povoação de Aronde, a um joven abandonado, colloca-lo na sua cadeira de posta, leva-lo a Pariz, vesti-lo, dar-lhe mestres de todas as classes, um logar em sua casa e capitaes consideraveis para estabelecer-se sem saber nada d'isto seu marido? Vamos, isto é insensato e se naquella epoca não houvera-mos abandonado já a capital para retirar-nos a Ernée, ter-me-hia opposto com todas as minhas forças a semelhante extravagancia. Felizmente a idade de Gertrudes e a do joven não permittiam nenhuma supposição que manchasse a sua honra; porem a sua conducta era demasiado extraordinaria e fabulosa. Ora bem, em França não se expoem ninguem a um ridiculo por semelhante philantropia sem ter imperiosos motivos. Quaes seriam os de Gertrudes? Ignoro-os; mas vós, querida amiga, conheceis-os sem duvida alguma.

— Conheço-os, — respondeu com firmeza a

senhora de idade respeitavel que não quiz deixar pezar uma accusação de loucura sobre a memoria de sua filha, — e asseguro que eram louvaveis como poderosos.

— Não o ponho em duvida, uma vez que vós o dizeis; sois em materia de delicadeza, querida amiga, um juiz cuja competencia reconheço. Porem alegrar-me-hia participar da vossa admiração de outro modo que pela palavra. Não posso saber tambem, ja que a occasião se offerece, esses poderosos e louvaveis motivos?

— Não senhor, é um segredo que não me pertence e sobre o qual jurei guardar silencio.

— Oh! é verdade, querida amiga, perdão, — redarguiu o velho com certo tom de mofa, — era um indiscreto, um estúpido, um simples! Olvidava que ha revelações ás quaes um marido tem menos direito que outro qualquer; porem é facil explica-las; os enygmas deste genero não são inteiramente impenetraveis. Quereis que eu diga o que ha no fundo d'esse detestavel logogri-fo? Algum filho natural ou do acaso cujo nobre pai ha querido guardar o anonimo e cuja mãe discreta julgou dever tomar a Gertrudes por confidente, e o qual por toda a prova de ternura de seus pais não recebeu mais que uma somma de dinheiro com o nome de um obscuro plebeo. Eis uma infamia!

— Cavalheiro, isso são juizos temerarios!

— O tempo o dirá, — redarguiu o velho, —

porem o céo é justo. As tradições de deshonra ameaçam conservar-se religiosamente n'essa raça tenebrosa.

— Que quereis dizer, cavalheiro?

— Que na hora em que vos fallo, senhora, a mulher do bastardo imita talvez a sua mãe. Será justiça. Oh! que mulheres! — continuou Duplessis exaltando-se. — A natureza ha querido que não fossem mais que astucia, perfidia, inconstancia, doblez.... Ha sem embargo excepções, — redarguiu o velho tranquillizando-se um pouco, — e naverdade eu posso duvidar menos que outro qualquer, porque me coube a rara felicidade de encontrar uma, não é certo querida amiga? Não és tu quem houveras vendido a tua fé! quem te teria jamais posto na necessidade de rodear as tuas acções de um culpavel mysterio? quem te teria feito olvidar nunca o que devias á minha honra?

— A que vem esses elogios? — interrompeu simplesmente Mad. Duplessis. — Não merece elogio o que só se faz por dever.

— Olá! — pensou o velho examinando-a, — nem um ligeiro signal de remorso, que perversidade! Eu não sou d'essa opinião, minha querida amiga — acrescentou, — ha deveres difficeis de cumprir e este parece ser do numero; a julgar pela historia da humanidade inteira. Tu por exemplo, não tiveste que resignar-te com um merito verdadeiramente extraordinario? Joven,

bonita, espirituosa, romantica e terna, casada com um homem de vinte annos mais que tu a quem seus negocios obrigavam frequentemente a largas ausencias, cujo espirito positivo devia offerecer poucas analogias com o teu, cujo humor pesado, bruseo e colerico dava desgraçadamente ao affecto as apparencias da indifferença e do odio; emfim, requebrada, divertida e adulada em Alemanha por quantos homens elegantes e distinctos encerravam os salões do meu antigo consocio o barão Appenckerr, digo-o com orgulho, ha sido preciso que fosses dez vezes virtuosa para não ceder a tantas seducções reunidas.

— Cavalheiro! basta já de meu panegirico: não gosto dos fogos de Bengala.

— Nada d'isso! É preciso que soffras a tua apotheosis ate ao fim. Recordaste bem da viagem que eu fiz a Pariz em 1817, onde permaneci fóra de teu lado por espaço de dezoito mezes? Quantas faltas não houvera committido uma mulher ordinaria em tal espaço de tempo! É quasi incalculavel. Demais d'isto havia ali a teu lado sitiando com a sua admiração tua fermosura de trinta annos, jovens encantadores, elegantes filhos de familia, brilhantes officiaes, principes illustres e ainda reis.

— Reis? — interrompeu vivamente Mad. Duplessis.

— Caiu! — pensou o velho, que contiua com a mesma hypocrita doçura. — Sim, sem du-

vida reis, ou ao menos d'essa familia segundo re- cre; presupostos monarchas em espectativa. Não te recordas d'aquelle cavalheiro, galante, tão bi- zarro, tão bravo, tão fino, tão distincto, tão rico, tão amavel em uma palavra, que possuia milhões depositados em casa de meu consocio e se cha- mava modestamente o cavalheiro de Limburgo, cujos direitos ao throno de Wardemburgo lhe vieram pela morte de seu pai, o conde de Za- nau, e que foi occultar em Francfort sua augus- ta soberania?

— Recordo-me, — respondeu Mad Duples- sis com uma voz debil, fronte pallida, e levand- o a mão ao seu coração como para reprimir as suas palpitações.

— O que augmentava alem disto o encanto de tal personagem, — continuou Duplessis, que tinha o semblante livido ao observar a commo- ção de sua mulher, — era a sua qualidade de proscripto, não é verdade, minha querida amiga? Pois bem; apesar disso, não se viu favorecido mais que os outros. — E naverdade que foi isto uma ventura para todos, — proseguiu com ar cada vez mais ameaçador e passeando com pas- so rapido pela habitação. Ventura para mim! Ventura para ti! Ventura para elle e para a sua familia até á ultima geração! Porque se aconte- cesse de outro modo, e não tivesse descoberto a minha infamia senão depois de dez, vinte, cem annos de confiança, minha vingança não teria si-

do nem menos legitima, nem menos terrivel. Não ha prescripção para a infamia! Mas a que necias hypotheses me abandono! — ponderou com goso sinistro, reprimindo-se de novo e aproximando-se da cadeira de sua mulher. — Ha nada mais estúpido que os ciumes por supposição? Tu culpavel! Tu! Tu! Ora! Tu, o modello de todas as virtudes recommendadas pelo cathecismo! Tu, que terias deixado a traz a Lucrecia; tu, para quem Susana teria sido uma impudica! Vamos, scu tão simples que me rio eu mesmo de paixão. Imita-me, querida amiga, zomba de mim; ri-te d'um velho cioso, ri, ri. Viva a alegria! É esse o principal objecto da minha visita. Sabei, minha querida amiga, que hoje temos grande funcção.

— Com que motivo, meu Deus?

— Ora.... com que motivo, ainda que fosse só o da chegada a esta cidade o motivo seria mais que sufficiente.

— Como! um convite de chegada depois de permanecer aqui quinze ou vinte annos!

— Seria bastante tardio, é verdade, mas as cousas tardias são as mais seguras. Vamos, querida amiga, são horas, tende a bondade de fazer um signal á vossa surda, a essa apreciavel aia que está sentada a vossos pes, fiel e vigilante como um cão de agua, olhando-me com olhos espantadissos, indicai-lhe que vos vista. Quero que estejais formosa como nos dias da vossa juventude.

Olhai para mim, vesti um traje de noivado só para solemnizar este dia.

— Naverdade, meu amigo, o meu corpo e o meu espiritu padece demasiado para ter parte em taes alegrias; dispensai-me por favor que vos acompanhe.

— Que dizeis, minha querida? Não sois a dona da casa? Não vos corresponde presidir á funcção que se dá nella? Se isto não é um prazer é pelo menos um dever, e não sabereis faltar a elle, sendo tão facil cumpri-lo quando tendes passado por outros mais difficéis. Alem de que, sem dizer-vos prematuramente o desenlace da charada, trata-se d'uma agradavel surpresa, e a heroína não deve faltar á festa de que é objecto.

Madama Duplessis obedeceu a estas palavras com a resignação a que se achava tão acostumada; derigiu-se ao seu aposento para vestir-se e pouco depois voltou para o lado de seu marido, que dando-lhe o braço a conduziu ao salão, onde os convidados todos reunidos se apressavam em render-lhe suas respeitosas homenagens.

— Está pronto o jantar! — gritou da porta o mordomo, e todos partiram para a sala do banquete.

Madama Duplessis era a unica mulher presente. Tinha á sua direita o cura, á esquerda o corregedor; em frente estava seu marido, tendo á sua esquerda o official de gendarmeria e á sua direita o juiz de paz. Seguiam os outros convi-

dados, segundo a importancia da suas pessoas, entre as quaes figurava naturalmente Duplessis sobrinho. Os amanuences do joven notario, divididos em duas alegres filas, occupavam os extremos da mesa. Observava-se entre elles com ar meditabundo um poeta. Era visivel que recitava a si mesmo um famoso soneto, a fim de não esquecer-lo e de aproveitar o occasião de fazer brilhar o seu talento.

A velha allemã estava de pé de traz da cadeira de sua ama, attenta, como sempre, aos seus menores movimentos. No jantar verificou-se o que de ordinario costuma a acontecer nos grandes banquetes. No principio cala-se, observa-se e come-se; depois estabelecem-se pouco a pouco as conversações em voz baixa, o vinho esquentas as cabeças, a conversação faz-se geral, animada e tumultuosa, em fim as chufas, as risadas, e as palmadas manifestam uma alegria estrondosa.

A unica cousa notavel e que na mente de todos os convidados não deve passar por menos assombrosa daquelle dia tão fecundo em maravilhas, foi vêr o velho amphitrião beber tanto, como pouco comia, sendo assim que a avareza o tinha refrescado toda a sua vida só com agoa pura.

Vinte vezes durante o jantar se tinha levantado o poeta para restabelecer o silencio, e recitar o seu soneto, mas outras tantas vezes a voz dos seus camaradas o tinha feito calar e sentar-se; porfim ao chegar aos postres levantou-se e no

meio d'um profundo silencio tomou a palavra para recitar seus versos. Uma salva de bravos e de applausos, mais ou menos ironicos, acolheu a sua famosa improvisação.

O velho Duplessis, que sem duvida tinha bebido bastante, levantou-se á sua vez com semblante incendiado, a vista ardente, carregou o sobrolho e disse com uma emoção que não podia dominar completamente e cuja verdadeira cauza lhe era ainda desconhecida :

— Senhores e queridos convidados, agradeço ao joven poeta a quem acabais de applaudir, por ter-me proporcionado a occasião de explicar-lhes o motivo de reunir-vos neste dia. Com effeito é o quadragesimo terceiro anniversario de meu casamento. Sim, ha quarenta e trez annos nos quaes um dia atraz do outro a mulher; a veneravel mulher que preside tão dignamente a esta solemnidade, se servia encarregar-se da guarda da minha honra, fazendo-me alem disso ditoso. Ignoro se tenho preenchido a minha missão devidamente, mas o que sei ao menos é que com provas na mão cumpriu ella bem com a sua. Por isso quiz agradecer-lhe diante de tão respeitavel companhia. Vamos, senhores, permiti-me que beba á saude do modelo das mães, do modelo das esposas, de minha digna e santa mulher, de Madama Duplessis.

— Brindamos por Madama Duplessis, — ex-

clamaram todos os convidados levantando-se com os copos nas mãos.

Madama Duplessis se inclinou com graça e modestia em signal de agradecimento.

Mas de repente um ruido exterior extraordinario, formidavel, incomprehensivel, se deixou ouvir debaixo das janellas da sala, e afogou as vozes dos convivas.

— Se o velho fuinha pensou completar a festa com uma serenata, — disse um dos amanuences ao seu vesinho, — os musicos esqueceram pôr-se de acordo. Que abominavel xaranga!

— Dir-se-ia, com effeito, — respondeu o outro, — que era uma symphonia de pás de ferro, tenazes, caçarolas, caldeirões, pandeiros e cornetas.

— Bravo! — pensou o velho Duplessis, — a nossa gente é de palavra! É uma cousa extraordinaria! — disse com voz alta. Ouçam senhores.

E dizendo isto, se dirigiu com geral assombro para uma das janellas que abriu.

— Que é isso, — gritou aos de fóra, — que significa similhante barafunda?

— Affronta á mulher culpada! affronta ao marido enganado! affronta ao escandolo e á simpleza! — respondeu a multidão augmentando a algazarra.

— Sim, sim, meus amigos, affronta, affronta! jámais o costume vingou mais justamente a moral offendida. É demasiado fingir, senhores e queridos convidados, — continuou com voz stri-

dente voltando para o seu lugar. — *Vox populi, vox Dei.* A voz do povo é a voz de Deus. Essa miseravel mulher é uma hypócrita, é uma esposa adúltera, uma namoradeira descarada que não teve pejo de deshonrar o meu nome! Eisaqui a prova immunda, — accrescentou lançando com um gesto epyléptico á cara de Madama Duplessis as cartas que tinha de Montreuil. Maldição a ella! Sabei, senhores, que não vos convidei para sua honra, mas sim para sua vergonha, e esta é a maneira de vingar-me justamente!

Então a fiel criada, sustendo com uma mão sua senhora desmaiada, e pegando com a outra na mesa gritou com uma voz que dominou o tumulto.

— Não sei o que diz, mas se estou surda, não sou cega: hei visto no semblante e nos ademans d'esse homem que fallou mal de minha pobre senhora. Mas não o acrediteis, mente; juro ante Deus que mente!

Facilmente se comprehenderá que pouco desejosos os convidados de presenciar até ao fim semelhante scena de familia, se tinham hi-do retirando pouco a pouco. O sobrinho e a criada levaram Mad. Duplessis no estado mais deploravel. O velho ficou só na sala deserta submergido n'uma cadeira onde cahiu sem forças com a vista turva, o semblante livido e como anniquillado e sem sentidos.

CAPITULO VI.

OS PRECEPTORES EM APURO.

DURANTE que occurriam por um lado os insidentes que acabam de referir-se e nos quaes figuravam os esposos Duplessis, a aldeã Marchell, os esposos Aronde, Brionde, Tiennette, *Balanceiro*, Simona, a cabeça de Pipa, e os barões d'Appencher, pai e filho, Montreuil e os seus acolitos obravam pela sua parte em consequencia da scena em que vimos a Pé-ligeiro abandonar com sentimento seu, para os seguir, a casa mysteriosa do cerro de Montmartre. Seu amo, Masson, que parecia movido naquellas circumstancias, como n'outras muitas por motivos extranhos que só elle conhecia, não tinha posto, segundo se recordará, mais que uma condição á marcha do seu comensal, ou antes, do seu criado convertido re-

pentinamente em herdeiro do throno de Wardeburgo.

Esta condição mysteriosa era que em boa ou em má fortuna, no meio do triumpho mais ou menos problematico ou dos revezes tambem mais ou menos certos, para os quaes os trez ex-suicidados tinham transportado daquella casa, sua alteza mais ou menos serenissima, não se desfizesse jamais do annel que acabava de receber e do qual se tinha servido ate então o Lovelace de novo cunho com as *grisétas* das immediações.

Posta aquella condição, aceita e jurada, chegaram a Pariz os nossos quatro aventureiros, apeando-se no *Hotel dos Principes*. O conde de Montreuil professava o principio de que os monumentos mais ou menos gigantescos se compõem de pequenas pedras, que o universo está formado de moléculas, que são as partes que constituem o todo, e por conseguinte em qualquer empresa, o exito do conjuncto depende unicamente da perfeição das combinações.

— Similhante regra de conducta a devia a Cezar, a Richelieu, a Fulton, a Alexandre, a Machiavelo, e a todos os grandes homens da politica, da guerra e da mechanica. Tinha escolhido o *Hotel dos Principes* para quartel general, por causa do titulo e da magnificencia daquella esplendida morada. Quasi todas as magestades ou reinantes, se tem hospedado ha sessenta annos,

pelo menos, na quella hospedaria real, como diria Beranger.

Roussignan, que em razão das grandes perseguições que soffrera pela usurpação dos papeis, e do nome do fallecido Muller, tinha cabido ao mesmo tempo no desagrado de uma corte do Norte; que desde então via por toda a parte agentes secretos de São Petersburgo, e que lhe parecia achar-se rodeado sempre de espias; Roussignan tinha-se rebellado contra a eleição daquellê domicilio, aberto sem cessar ás vistas investigadoras da policia septentrional.

Dabiron, pelo seu lado, temia ser descoberto por algum dos seus innumeraveis credores por causa da posição do *Hotel* situado entre a Bolça e o Banco, entre a rua de Vivienne e a da passagem da Opera immediata uma da outra.

— Na verdade que estais bem timoratos, um receando os credores, e outro os espias, — lhe tinha dito varias vezes Montreuil. Julgais acaso, que o filho de Filippe, que o discipulo de Aristoteles teria jamais feito a conquista da Asia, se houvesse cedido neciamente ao medo dos espias de Dario ou aos remorssos pelas dividas insignificantes que poderia ter deixado na Macedonia?

— Morram os russos! — tinha acrescentado Pé-ligeiro no estylo pouco academico que até agora lhe temos visto, e que nada lhe tinba feito perder. É verdade que já não ha russos. Vi extermina-los a todos na epocha em que eu exercia á

porta do Circo o commercio das contra-senhas e das pontas de charutos.

— Oh ! incomprehensibilidade dos decretos do destino ! — tinha exclamado Montreuil sorrindo-se ironicamente. — Oh raras coasequencias das revoluções ! Ter começado o rei presumptivo a sua carreira apanhando pontas de charutos ! Mas enfim mais vale começar que acabar por isso. Não posso, por outra parte, deixar de applaudir a heroica exclamação que excapou a V. A. ou a V. M. contra os successores de Catharina, contra os inimigos da vossa desgraçada mãe Luisa de Landswick, verdadeira condessa de Zanau, a captiva ignorada do castello de Hildeburgo-Hausen, contra os protectores da dynastia bastarda e usurpadora da corôa de Wardemburgo, n'uma palavra contra os implacaveis perseguidores da dynastia legitima, da qual sois o augusto representante. Em quanto ao mais, eu sou chefe da expedição ; dignai-vos confiar-me esta missão importante, e creio util fixar provisoriamente o centro das nossas operações no *Hotel dos Principes*.

Os quatro conjurados tinham-se, pois, installado naquelle magnifico edificio da rua de Recheleu.

Cada um delles tinha o seu character especial que póde resumir-se em poucas palavras.

Montreuil não era um ambicioso vulgar. Elegante de maneiras, singello em seus gostos, sobrio

nas necessidades, fleumatico de temperamento e mais orgulhoso que vão, o que queria, o que desejava, o que tinha buscado toda a sua vida, atravez de mil intrigas, era o poder pelo poder e não pelos gosos materiaes que offerece. Incapaz alem disso de arrostar um perigo physico, não pelo temor do mesmo perigo, senão pelo horror a todo o acto brutal, era pelo contrario d'uma audacia de espirito incrível no remanso do seu gabinete, e a temeridade dos seus planos não se detinha sempre nos limites do impossivel.

Dabiron era o reverso exacto da medalha: ardente nos prazeres, insaciavel nos gosos e mais vão que orgulhoso, não via no poder mais que a fortuna e na fortuna os prazeres, nos prazeres essa serie de jantares esplendidos, de bailes brilhantes, de passeios campestres, de conquistas faceis, emfim de quanto compõem a existencia da gente alegre e sensual. Era demais, ao contrario de Montreuil, a audacia physica unida á fraqueza moral, assim como Montreuil era a audacia moral unida a debilidade physica. Dabiron teria arrostando n'um duelo ou n'uma batalha vinte espadas, vinte pistolas, vinte canhões, sem pestanejar sequer; mas tinha um medo irresistivel a todo o perigo civil.

O procurador do Rey perturbava ás vezes os seus mais doces sonhos, o advogado era um dos seus pesadelos, um ecrevente de procurador ou de escrivão bastava para aturdi-lo; o papel

timbrado o extremecia; um simples quadrilheiro o teria preso sem resistencia, e não teria podido ver jamais o uniforme da gendarmeria sem sentir um certo receio. É facil de comprehender que em consequencia d'uma ruina irreparavel, semelhante homem, que temia as gazuas pelo descredito que podiam originar-se-lhe na Bolça em Tortoni e no *Boulevard* italiano, se concebe, dizemos, que semelhante homem tivesse preferido a morte, não diremos á miseria, mas simplesmente ás privações mais leves da vida e muito mais sendo uma morte d'um vaidoso com trez mil francos em bilhetes do Banco na algibeira, a fim de não ser collocado desdenhosamente pela companhia da Opera na miseravel cathegoria dos mendigos póstumos.

Em quanto a Roussignan era d'uma conformação totalmente differente destes trez. Levava a poltroneria physica e moral ate um ponto desconhecido; porem desde a sua imprudente metamórphosis em Muller, tinha posto á prova em varias occasiões a pouca intrepidez de que o dotára a natureza. Irresoluto por essencia, não tinha jamais decisão invariavel, e resolução fixa senão quando tratava de sentar-se á mesa. Glotão e bebado tanto como Montreuil era sobrio, e Dabiron gastronomo, não considerava a vida senão como um festim mais ou menos largo. Dez garrafas no dia não lhe causavam espanto. Comprehende-se que Roussignan Muller teria queri-

do enforcar-se para escapar das simples pesquisas dos russos, suicidar-se pelo horror á sede e á fome, matar-se em uma palavra, pelo temor da mesma morte.

— Êmfim, Pé-ligeiro podia ser considerado como a negação dos outros trez. Era a insolencia, a irreflexão em pessoa. Glotão e bebedor sem experiencia e por conseguinte sem gosto, ter-se-ia alimentado de perdizes recheadas sem mais prazer do que por comer e não teria bebido mais que agoa pura como Montecuil, Muller vinho commum, Dabiron champanha. Acerca da sua interpidez não era mais que a ignorancia mesma do perigo. Bastava arroja-lo cegamente para que como a bola rodasse sem saber aonde nem porquê.

No dia seguinte ao da installação dos quatro aventureiros no *Hotel dos Principes*, começou Montreuil a execução do seu plano. Desde logo se apresentou a questão financeira. Apesar da severidade do incognito no qual a prudencia era lei ate nova ordem, o herdeiro d'um throno não podia ocultar o seu nascimento sob um barrete e uma simples calça de cutim. Isto peccava por demasiado democratico.

— O habito não faz o monge, — disse Montreuil, — mas contribue para o fazer Rei. S. M. está muito mal vestido, o qual tem de commum com o defunto Dagoberto. É preciso tomar um partido. Que venha Humann,

Com effeito Humann apresentou-se e passadas quarenta e oito horas sua magestade teria podido passar por um antigo *dandy*.

Pé-ligeiro tinha a vaidade candida do selvagem que se julga tanto mais formoso á medida que está mais ornado de plumas e de contas de vidro.

Maravilhou-se de si mesmo quando pôde contemplar-se nos espelhos transformado em elegante com cadeia de relógio ao peito, bengalla com castão de ouro, botas de pulimento e luvas amarellas. Até então não tinha admittido senão com grande escepticismo a sua exaltação tão subita e inesperada ao throno de seus pais; porem desde a sua transformação não lhe coube duvida alguma. Tomou o seu papel pelo serio como o teria feito um gallo que se houvesse mirado no crystal d'um charco, revestido de pennas de pavão. *Pé-ligeiro* ensaiou a sua dignidade e estas tentativas não augmentaram pouco o burlesco da situação.

Depois da questão physica veio a questão moral; depois de Humann apresentou-se Fleury; depois do alfaiate veio o mestre.

Montreuil tinha differido a execução dos seus projectos por uma razão imperiosa: seu pretendente o Principe de Wardemburgo, ainda que cheio de bons desejos para as suas futuras funções governativas, era trivial em extremo. As suas maneiras vulgares tinham pouca delicadeza; e a

sua presença não era nada magestosa, e assim se fazia impossível fazer debutar sem preparação o neófito no theatro que o esperava.

Por essa razão Montreuil pensou em ajudar a natureza por meio da educação. Então foi quando o mestre de baile teve a honra de começar suas importantes funcções. Examinou as pernas que o honravam com a sua confiança, e custou-lhe bastante trabalho em fazer nellas os primeiros ensaios.

— Com os demonios! — exclamava Pé-ligeiro, — quereis fazer-me coxo!

— Cavalheiro, é preciso ter alguma paciencia pois que com o uso tudo se vencerá, — disse o mestre. — Ora bem respondi-me com franqueza: sabeis contradançar?

— Acazo teria a pretenção, — disse Pé-ligeiro inquieto, — de fazer-me executar algum passo com os pés juntos?

— Não, — disse o professor. — Isto é um preliminar que dá agilidade e elegancia. Ponde os braços naturalmente, o cotovello algum tanto inclinado e marchai.

O discipulo o executou como pôde, acompanhando as piruetas de gestos extremados.

— Olá, olá! magestade, o *cancan*! lhe disse em voz baixa Montreuil que assistia ás lições, — pensais agora no dia que vos contemple a Europa inteira!

— Que importa á Europa que eu desloque

uma perna? — exclamou o futuro Soberano.

— O baile dá elegancia verdadeira, a flexibilidade do corpo e agilidade dos movimentos, — respondeu Montreuil, — qualidades indispensaveis para um Rey. É preciso que sejais digno do vosso nascimento, vós, cuja fronte augusta ha-de cingir a corôa! sois, pois, uma testa coroadada.

— É preciso que com a testa coroadada saiba baixar a pouta do pé?

— Certamente.

— E que uma fronte augusta possa fazer cabriolas?

— Sem duvida alguma.

— Eia, resignemo-nos, — respondeu o discipulo, — para mim tudo me é igual, pois tudo quanto é aprender me mata.

Ao mestre de baile succedeu o de esgrima.

— Cavalheiro, — disse o mestre ao seu discipulo, — sabeis pôr-vos em guarda?

— Se sei pôr-me em guarda? — respondeu *Pé-ligeiro*, — faço isso que é mesmo um brilhantismo.

E collocou-se n'uma posição nada academica.

— Gloria ás armas! hora ás bellas! — disse o rival de Grisier — Este é um combate em que muito lucraram os çapateiros por causa dos tacões. Abi está a espada, meu senhor, arma verdadeiramente cavalheiresca. Eia, o pé direito em

frente do esquerdo, a mão esquerda ligeiramente inclinada á direita, com o florete á altura do olho a vista fixa no adversario. Inclinaí-vos sobre os joelhos, mais, mais.

— Dizei-me, — exclamou Pé-ligeiro, estais persuadido que eu sou algum movel de molas?

— Inclinaí-vos mais! senhor.

— Faltarjá já pouco não é verdade? sinto ranger uma cousa nas costas.

— Inclinaí-vos mais, senhor; e não temais que eu me cance.

— Com os demonios! — exclamou Pé-ligeiro, — largando a espada, já estão os meus rins sem conhecimento.

— Magestade, — murmurou Montreuil levantando com dignidade a espada caída aos pés do professor, — apprendei a vencer um momento de enfado e tomai esta arma que fará tarde ou cedo inclinar em vosso favor a balança da justiça e do direito.

-- É bastante pesada para isso, — respondeu o discipulo, — não duvido que fará bom peso, — e continuou os seus exercicios.

O mestre, mais odiado pela futura Magestade, era um homemsinho professor do Conservatorio, de olhar amavel, de physico juvenil a pezar dos seus cincoenta annos, e de modo desembaraçado. Quando andava, parecia affectar as maneiras da modesta grisete que vai fazendo gestos por

meio da rua com uma caixa de chapéu na mão. Com tudo esta personagem era a mais essencial e mais grave.

— Quem é este ! perguntou Pé-ligeiro ao vê-lo entrar. — Parece-se a um esquilo que busca a castanha.

— Oh ! exclamou Montreuil, — é um homem mui precioso, uma authoridade em seu genero.

— Será outro professor !

— Sim, professor de graças, ou mestre sala.

— Nesse caso devia fazer-me a de rectificar-se.

— Não vos assusteis, Magestade ; não se trata já de fadigas physicas, de gymnasia como no baile, e a esgrima : isto é mel depois do amargo.

— Vamos ao mel disse Pé-ligeiro, — talvez seja mais alegre, porque a abellia tem uma cabeça graciosa.

O novo mestre se aproximou do seu escholar, olhou-o com a maior attenção dos pés á cabeça, e lhe disse enfim com tom desdenhoso.

— Cavalheiro, daí-me os bons dias.

— Eu ? — disse Pé-ligeiro, — quereis que vos faça semelhante cumprimento, sem vos conhecer ?

— É simples, — observou o mestre, — tanto melhor ; assim não terá defeitos que corregir, quero melhor desbastaar que educar.

— Que falla de desbastaar-me esse vilão ! murmurou surdamente o antigo gatuno de Pariz.

— Silencio ! — exclamou Montreuil que entervinha sem cessar nos casos difficeis. — Obedecei, Magestade, para mandardes mais tarde.

— Que quereis que faça ? — disse Pé-ligeiro contendo-se.

— Já vos disse, senhor, sêde amavel, tende o mais vivo prazer de encontrar-me, e perguntai-me da maneira mais encantadora pela minha saude.

— Para que ?

— O saudar com polidez, — disse o professor, — são o *a*, *b*, *c*, d'uma educação bôa e o fundo da verdadeira elegancia.

— Bons dias, cavalheiro, — exclamou o joven formalmente.

— Oh ! oh ! um instante, — disse o mestre, — que fazemos da nossa bocca malvada ?

— Seguramente.

— Então que quereis que faça ?

— É preciso entreabri-la ligeiramente com um sorriso ; é necessario tambem a cumplicidade do nariz e dos olhos ; o nariz aberto imperceptivelmente, e os olhos cerrados com certa benevolencia. Depois uma saudação com o pescoço e a cabeça, mas nunca dobrando o corpo. No primeiro caso mostra-se nobreza, e no segundo servilismo.

— Parece-me que não acabo a lição disse consigo mesmo Pé-ligeiro, sem perder a paciencia.

— Agora, — continuou o professor, — tendo a bondade de dizer-me « Adeos. »

— Não desejo outra cousa « Adeos, cavalheiro » E o escholar correu para a porta.

— Um instante! — objectou o mestre detendo-o, — partistes com a pressa d'um ratoneiro que acaba de empalmar um relógio. Os bons dias podem dar-se depressa. A despedida deve sempre ser lenta. Reparai como o faço, e levantando-se o homemsinho levou os seus braços ao peito com lentidão, inclinou para o hombro a sua face direita e dobrando o pescoço de maneira que não podia vêr-se mais que um lado do seu rosto, se inclinou diante de Pé-ligeiro que estava surprehendido.

— Adeos, — lhe disse com tom theatral, rompendo a marcha com a perna esquerda, — adeos ó mais generoso dos homens!

O joven quiz repetir a pantomima.

— Inclinaí-vos, — exclamou o mestre.

Em seguida fez a saudação á maneira do professor.

— Inclinaí-vos mais com graça e desenvoltura, mais.

— Inclinar, inclinar, — exclamou Pé-ligeiro, — ha pouco se me desbastava e agora se me faz inclinar. Não sou um homem, senão uma bola de bilhar, a negra ou a branca, e se joga comigo a carambola.

Uma palavra de Montreuil tranquillizou se-

gundo o costume a tempestade, e continuou a lição não sem algumas lamentações por parte do paciente.

O mesmo Montreuil tinha passado ao estado de professor. Tinha durante a sua vida, quasi diplomatica, tratado perto de tantos Reis, que conservava d'elles um repertorio.

— Magestade, — dizia ao seu discipulo, — sois um tenor de voz aguda.

— Estais persuadido disso?

— Não ha duvida, é necessario trabalhar em termo medio, os Reis tenores não são bons mais que nas operas comicas. Na mesma Opera não se querem. É necessario uma voz grave e cheia para pronunciar palavras officiaes.

— Um ventriloquo desempenharia bem esse papel, — se arriscou a dizer Pé-ligeiro, — eu conheci um na minha juventude e sinto não ter aprendido.

— Em quanto ao mais, — acrescentou Montreuil, — o silencio é uma qualidade que deve adornar tanto os subditos como os Reis. Assim, pois, não fallareis.

— Vou a ser mudo?

— Pouco menos.

— E como hei-de fazer-me entender?

— Por gestos. Há um para cada cousa na telegraphia do coração, humano uma inclinação de cabeça indica benevolencia, um franzimento de sobrancelhas desgosto, um movimento com a mão

authoridade, uma sacudida com o pé colera.

— Quereis dizer, que permanecerei silencioso ?

— Sem a menor duvida.

— Não acho mui divertido o papel!

— Ha um meio de o fazer melhor.

— Quem se oppoem a elle ?

— A vossa ignorancia da lingua allemã, Magestade.

— É verdade, — exclamou sua Magestade futura, — desde a minha infancia não li allemão mais que nos rotulos das caixas de phosphoros.

— Que actitude dais á vossa mão direita ? — continuou Montreuil desejando fixar a physionomia futura de seu senhor e amo.

— A minha mão direita ?

— Sim, õnde a pondes com mais gosto ?

— Na algibeira.

— Isso è mais prudente que magestoso. É necessario procurar-lhe um ponto de apoio habitual. A mão direita è o escolho dos reis e dos tragicos. Talma esteve quinze annos sem saber que fazer com ella.

— Ora isso è uma cousa rara ! — observou Pé-ligeiro, — a mim nem se-quer me preoccupou um instante. Ella faz o seu officio sem que eu intervenha para nada ; è uma sorte !

— Bom será colloca-la na abertura do cole-

te, o antebraço sobre o peito e a palma sobre o coração.

— Isso é menos custoso que inclinar-se, — exclamou o joven.

— Também necessitais, — continuou Montreuil, — adoptar uma actitude ante os vossos povos.

— Ha difficuldade na eleição?

— Sim, cada um pode ser na apparencia popular ou despota, mas é necessario decidir-se definitivamente. A historia, á qual convem acrescentar um retrato tirado da natureza, não tolera a indecisão.

— Serei, pois, bom ou máo?

— Sem duvida.

— Que é o que me aconselhai?

— Na realidade sereis o que a natureza vos fez, nem mais nem menos; mas na apparencia podeis ser o que quizerdes. Todavia importa que tenhais alguma originalidade na physionomia, ainda que seja só por causa da moeda na qual se ha-de gravar a vossa effigie.

— Como, é possível! — exclamou Pé-ligeiro, — vou a passar ao estado de grandes escudos.

— De Kreutzers e de moedas de ouro!

— É possível. Hei-de contar-me, pôr-me pilha, gastar-me indefinidamente e pedir meu proprio cambio?

— Importa que a vossa cabeça seja poetizada pelo gravador. Podeis tomar um aspecto amavel

se quereis acreditar-me. Desde Henrique IV. é essa uma physionomia que se ha perdido. Sabeis montar a cavallo, Magestade?

— Sim, mas sem estribos.

— Vos fareis a moda. Caçais?

— Não; pesco ao anzol, e possuo um segredo para segurar a isca.

— Ultima palayra. Professais alguma arte de recreio?

— Faço escarpins, — respondeu Pé-ligeiro que buscando no reportorio dos seus talentos de sociedade, não encontrou mais que a recordação das prisões do Governo.

— Hercules fiava aos pes de Omphale; não tem nada de particular que vos entregueis a esse genero de occupação. Eia; tudo vai ás mil maravilhas; prompto vos acostumareis ao officio de Reis. Alguns dias mais, e estaremos dispostos a apresentar-nos em publico.

Montreuil se apoiou então no hombro do seu discipulo com uma dignidade lenta, comica, e entraram os dois na habitação dos seus cumplices.

Encontraram Dabiron ao parecer mui incomodado com um papel diante de si, cuberto todo de cifras.

— Que tendes? — lhe disse Montreuil.

— Bem vê-des, arruino-me; estou jogando.

— Só.

— Sem duvida, já o faço tanto por costume como por gosto, sigo ha oito dias as fluctua-

ções dos fundos publicos. Formo o simulacro das operações arriscadas contra um adversario imaginario.

— Um morto jogando com outro morto, — pensou Montreuil.

— Está bem, que quereis? Os jornaes, annunciavam a nomeação d'um ministerio do centro esquerdo, mas a maioria resiste na Camara, e os fundos encerraram-se hontem á tarde a 85 e um quarto. Isto é para quebrar a cabeça contra as paredes.

— Mas a que vem esse despeito; quando mesmo que assim seja, nada perdeis.

— É que perco o que teria podido ganhar.

Emquanto que Dabiron lançava seus calculos de eventualidades, Montreuil e seu augusto discipulo se aproximaram a Roussignan. O ex-enforcado estava deitado na mesa entre duas garrafas que deixára vazias.

— Despertai, preguiçoso, sibarita! — lhe disse o Conde empurrando-o com authoridade.

— Quo quereis? que se offerece?

— Desgraçado, que estais fazendo?

— Bem o vê-des; distraio-me; bebo contra os russos! Esta é a maneira que teho de veras cousas.

— Senhores, — disse então Montreuil, tendes tido oito dias de descanso e de meditações. Hoje expirou o prazo. Vamos a celebrar o nosso primeiro conselho; não vos esqueçais que quando es-

tamos sós sua Magestade é quem preside, e lhe devemos respeito e submissão. De pé e abaixo os chapéus.

Os dois associados se inclinaram.

Pé-ligeiro distraído apalpava naquelle momento os seus joelhos, doridos pela lição do baile.

Montreuil lhe deu com o cotuvelo dizendo-lhe:

— Fazei o signal com a mão; eia, nobreza e dignidade!

Pé-ligeiro levantou precipitadamente a mão occupada em consolar as suas canellas das suas elegantes fadigas, e fez um signal aos seus amigos. Os conjurados se sentaram.

Dabiron tinha abandonado com pena um projecto de especulação sobre a Velha Montanha, e Muller tinha deitado uma garrafa sobre outra com o fim de provar que não serviam mais do que para se encherem de novo.

— Senhores, — disse o Conde, — vou explicar-vos o plano que recebeu a saneção de sua Magestade, e que deve exercer tão grande influencia nos destinos da Europa.

E articulando lentamente estas palavras levantou-se com a solemnidade d'um plenipotenciario, advogando os interesses da sua nação no Congresso de Verona.



CAPITULO VII.

INVENTARIO.

MONTREUIL, Dabiron e Roussignan Muller tinham-se sentado; annuindo assim ao convite que S. M. Pé-ligeiro lhes tinha graciosamente feito. Já dissemos que a candida e futil vaidade do nosso heroe tinha tomado pelo serio o seu papel de monarcha de Wardemburgo, e Montreuil havia preparado a Dabiron e a Roussignan Muller para que dessem o exemplo tratando a Pé-ligeiro com todas as atenções devidas á sua illustre qualidade.

— Não se trata de divertir-se puerilmente com este jogo, — lhes tinha dito; trata-se neste momento de inculcar no espirito de outros a fé que nos deve animar. Como ha-de aceitar-se o vosso pretendente na qualidade de rei verdadeiro,

se o tratarem manifestamente como a um qual-quer? Quereis ser acreditados? acreditai vós mesmos, ou ao menos aparentai acreditar.

Por effeito da severa etiqueta de que o conde de Montreuil queria revestir a pequena corte do novo rei, Pé-ligeiro occupava só uma cadeira no meio do semicirculo formado pelos seus conselheiros, os quaes se tinham collocado modestamente em cadeiras. Pé-ligeiro dominava a todos elles, graças a um almofadão que se tinha accrestado ao seu assento para dar-lhe mais similhaça a um throno.

Collocado assim o conselho, se levantou Montreuil, e inclinou-se respeitosaente ante sua Magestade, e lhe rogou se dignasse permittir-lhe que tomasse a palavra na sua presença.

— Ah! sem cerimonia! podeis fallar sem tantos rodeios! replicou Pé-ligeiro, que esquecia a cada instante a dignidade de sua pessoa. — Não me pesa saber emfim, como devo tomar a caçoada com que me tratais ha dez dias.

— Oh! vossa Magestade!.... caçoada! que palavra na augusta bocca d'um poderoso!.... Mas não importa! É preciso dar tempo. Não conseguí a lingua franceza a sua perfeição em dez dias. Deixemos, por um momento a forma e attendamos ao fundo. Já que vossa Magestade se dignou conceder-me a permissão, devo acabar de convence-lo, segundo eu o estou, de quanto diz respeito á sua augusta identidade, como uníco des-

cedente do cavalheiro de Limburgo; dos seus direitos incontestaveis ao throno de Wardemburgo como legitimo neto do defunto Conde de Zanau, ultimo soberano daquelle Reino. Com este motivo vou acrescentar algumas circumstancias ás que dei a conhecer ha quinze dias no quarto da taberna d'Antenil ao desenlace do nosso suicidio frustrado, do bosque de Bolonha.

— Será isso extenso? — perguntaram Dabiron e Roussignan Muller.

— A que vem tal pergunta?

— Porque eu pediria a S. M., — respondeu Dabiron, — permissão para fumar um xaruto durante a narraçào.

— E eu, — acrescentou Roussignan Muller, — para vazar uma terceira garrafa. As duas primeiras me hão posto como um diabo.

— Concedo, concedo, — exclamou S. M., — mas com a condiçào de ter eu parte em ambas as cousas.

— Que còrte! — exclamou comicamente Montreuil levantando os olhos e as mãos ao ceo. — A còrte do rei Petaud não era mais burlesca. Emfim, não importa! Continuou: Disse-vos, senhores, que depois da morte de meu pai, antigo emigrado e director do castello de Hildeburgo-Hausen, onde Luisa de Lansdwick, avó de S. M. se achava retida de incognito, me senti indingado da ingratiçào com que certas còrtes do Norte premiaram os serviços de meu pai, e os que eu mes-

mo lhes tinha prestado na sua lucta gigantesca contra o imperio francez. Estavamos em 1820. Então resolvi, mais pelo rancor, que pela ambição, involver-me na mesma intriga dynastica, a cujo serviço tinha permanecido meu pai até a sua morte. Minha ambição e minha vida, não tinham outro objecto.

Parti para Francfort a fim de intender-me neste assumpto com o cavalheiro de Limburgo, vosso augusto pai que se achava de incognito em casa do barão d'Appenherr, depois da inutil reclamação dos vossos direitos feita prematuramente por elle ao ultimo congresso e que lhe tinha já acarretado tantas perseguições.

Não o encontrei em Francfort. Havia um anno que se tinha visto obrigado a sahir daquella cidade, mas soube que se havia casado secretamente em 1817 e que um filho nascido daquelle matrimonio, se estava criando em casa d'uma tal Warchell, moradora na aldeia de Kermer, perto de Francfort. Tendo sabido um anno depois, em 1821, que em certa noite o cavalheiro tinha sido assassinado naquella cidade por um punhal anonimo, voltei á Francfort com a intenção de salvar seu filho unico herdeiro dos seus direitos. Mas já tinha desaparecido, nem mesmo existia a casa de Warchell. Uma quadrilha de bandidos arrebatou em certa noite um unico menino que tinha então em sua companhia e que as iniciaes L. W. marcadas em caracteres indeleveis em seu

braço, as quaes significavam indubitavelmente Limburgo e Wardemburgo tinham designado o rapto. Accrescentou-se que para se acreditar na morte daquelle menino, d'uns trez ou quatro annos ao mais, incendiaram a casa antes de retirar-se, e que Warchell tendo escapado das chammas, como por milagre, acabavava de partir para França com Madama Duplessis.

Durante esta narração de Montreuil, Dabiron proseguiu na sua mente de suas theoricas especulações; Roussignan Muller começou a dormir e sua Magestade escabaceou um sem numero de vezes na sua cadeira de braços dourados.

— Depois de se terem provado todos estes factos pelas authoridades locaes, — continuou Montreuil, — voltei para o castello de Hildeburgo-Haussen. A augusta prisioneira ali faleceu e o antigo carcereiro Muller a seguiu á sepultura.

— Quem falla de Muller? — interrompeu Roussignan despertando. — Ah! perdão... não sois vós... estava sonhando com um espia russo... Verha outro copo... Não me cançaria em beber pela destruição dessa infame policia.

— Nem eu tão pouco, — disse Pé-ligeiro largando seu copo que deixou vazio d'um trago.

— Ali soube, — continuou Montreuil, — que ao espirar Frank Muller havia entregado a seu filho Marco Antonio Mauricio Muller quantos papeis possuia relativos a Luisa de Lanswick, condessa de Zanau, sua defunta prisioneira,

assim como ao nascimento de seu filho o cavalleiro de Limburgo. Mas como desapareceu o filho de Muller, se asseguraram tão preciosos documentos. Este é o que foi morrer alguns annos depois em Paris ao lado das janellas de Roussignan e de quem vós, Roussignan tivesteis a feliz ideia de tomar o passaporte e nome.

— Se chamais a isso uma feliz ideia, — interrompeu Roussignan, — indica que não ha trazido nenhum prejuizo.

— Convenho, — respondeu Montreuil — que vos tem occasionado alguns desgostos, mas não está longe o momento em que sejais amplamente indemnizado: pensoens, grandes soldos, altos postos, titulos, condecorações, e quem sabe quantas cousas restam. Nada tereis que desejar, não contando o delicioso vinho do Rheno a todos os comeres, nem a deliciosa satisfação que experimentarà a vossa consciencia.

— O vinho do Rheno satisfará a todas as necessidades — respondeu Roussignan. — É preciso não ser demasiado exigente.

— Pois bem, continuou Montreuil, — agora deveis comprehender o dobrado encarniçamento, a dobrada perseguição de que fosteis objecto desde aquella epocha. Havia por uma parte os interessados na conservação da dynastia usurpadora de Wardemburgo, os quaes nos procuravam em França, Allemanha, Inglaterra, e Russia, em toda a parte com o fim de vos despojar

dos preciosos documentos de que vos julgavam possuidor, e conseguir de vós por ameaças ou seducções, suppondo que conhecieis o facto, a revelação do logar em que estava occulto o menino.

— Sim, sim, ainda o recordeo com terror, — interrompeu Roussignan — « Onde está o menino? » — me perguntava por toda a parte em voz baixa e mysteriosa uma multidão de desconhecidos, cuja recordação aterradora me obriga a implorar de sua Magestade a graça insigne d'uma quarta garrafa.

— Concedo, — disse de novo Pé-ligeiro; — mas sempre com as mesmas condições. Um rei popular deve brindar com os seus subditos.

— Pois bem, — proseguiu Montreuil, — entre aquellas vozes interiores que vos perguntavam obstinadamente onde está o menino, o *augusto menino*, o mesmo que convive hoje tão a-favelmente connosco, se tinha gentes hostis, tinha outras amigas. Achavam-se com effeito da parte opposta os interessados na restauração da dynastia proscripta, cujo representante tinha chegado a ser elle por causa do assassinio de seu pai. Eu pertencia ao numero dos ultimos; mas ainda posso dizer sem vaidade que era o organizador, o chefe e a alma deste partido. Eu vos vigiava em todos os logares pela minha gente ou por mim mesmo; queria possuir os papeis em questão, queria saber onde estava o menino, e ao menos me fa-

reis justiça; em quanto que os outros vos assassinavam em França, vos arrancavam da Inglaterra, vos aprisionavam na Russia e vos faziam morrer de fome na Allemanha, eu me limitava a seguir-vos, a interrogar-vos a inquietar-vos protegendo-vos segundo as necessidades, como unico recurso do nosso partido, porporcionando-vos dinheiro, substituindo com frangão assado e excellente Bordeos a agoa clara e o pão secco dos vossos implacaveis perseguidores.

— Olá! — exclamou Roussignan em um transporte de reconhecimento. — O capão e o vinho que encontrei como por encanto no calabouço do castello em que estava encerrado perto de Hamburgo por um barão terrivel, o homem da cabelleira á prussiana.

— A mim o deveis, graças á indulgencia da baroneza.

— Sim, sim, já o recordo... uma alta, secca, que me dizia sempre ao passar pelo meu lado: «bravo! valor! não digas a meu marido onde está o menino, não o digais mais que a mim».

— Precisamente. E não sabeis o que me custava aquelle vinho e aquelle frangão. Tinha-me visto na cruel necessidade de seduzir a baroneza filia-la á boa causa.

— Á causa do frango e do vinho? Convenho em que necessitaveis certa dose de valor civil. Quão reconhecido devo estar para comvosco!

— Não fallemos d'isso, porem sirva-vos isto

de lição para entrar na via dos perigos que se nos apresentam. A abnegação e fidelidade para com os principes legítimos é a primeira condição do homem sensato. Esta segunda não deve retroceder ante nenhum sacrificio, e em união d'aquella pobre alliada darei seguramente um exemplo de intrepidez verdadeiramente notavel neste seculo de traição e de infamia.

— Era muito feia? — perguntou Dabiron a quem toda a classe de allusões ao bello sexo despertava naturalmente seu interesse.

— Quasi tanto como Tiennette, — respondeu Montreuil, — porem é preciso ter o valor da sua opinião!

— Eu o juro, — exclamou Roussignan, — que não posso manifestar melhor a minha admiração senão esgotando em sua honra e gloria uma quinta garrafa, se sua Magestade se digna permittir-m'o.

— Concedido, — respondeu Pé-ligeiro, — porem sempre com as mesmas condições. Isto é certamente o menos que devo ao orador por tão importantes serviços.

Montreuil se inclinou profundamente e respondeu.

— Em uma palavra, querido Roussignan, nunca haveis tido motivo mais que para elogiar-me. Tudo o mais que hei chegado a permittir-me comvosco tem sido alguma pequena galantaria. Refiro-me á desappareição na vossa ultima casa

em Pariz do livrinho onde o verdadeiro Muller tinha a mania de escrever todos os dias quanto lhe havia succedido desde a sua sahida de Hildeburgo-Haussen, e o caderno onde vós haviéis começado as vossas proprias memorias.

— Ah! ah! — exclamou Roussignan, — e eu que accusava a minha pobre patroa! Eis-ahi como se calumniam as mais bellas instituições!

— Estava innocente, — continuou Montreuil; — o verdadeiro culpado foi o vosso porteiro. Não é esta a primeira vez que tão apreciaveis funcionarios desempenham um papel importante nos negocios do mundo. Li, pois, as memorias; francamente eram tão medianas sob o ponto de vista litterario, que não encontrei nenhum dado util.

— Não succedeu assim com as notas do verdadeiro Muller. Encarreguei a traducção a um habil interprete e me proporcionaram preciosas noticias acerca desta historia, e particularmente acerca da existencia errante de sua Magestade. Julgai, pois, querido Roussignan, da desesperação que se apoderaria de mim, quando a vossa absoluta negativa de vos entenderdes comigo, de assistir ás entrevistas que não cessava de vos pedir por escripto, de comunicar-me emfim, os famosos papeis dos quaes vos julgava possuidor, me fazia çoçobrar no porto ao tempo mesmo de entrar nelle.

Então foi quando á força de recursos, de

valor, e de esperança, resolvi pôr fim a uma vida cuja unica ambição se achava tão cruelmente destróada. Vós sabeis o demais. Porem a situação melhorou muito desde o nosso triple suicidio do bosque de Bolonha. Sei muito bem quanto vos repugnaria roubar ligeiramente um throno ao actual reinante, em interesse de pretendente sem direito.

Tranquillizem-se as vossas timoratas consciencias. Eis-aqui os maravilhosos papeis que Roussignan havia encontrado no cadaver do cavalleiro Muller e remettido a Duplessis em Ernee, conforme as indicações do sobrescrito, cuja entrega gratuita tive ultimamente a habilidade de conseguir no momento mesmo em que Lataneff, chefe dos nossos adversarios, acabava de sollicita-la por sua parte a peso de ouro.

— Este ultimo rasgo merece ainda outra garrafa com o beneplacito de sua Magestade, — exclamou Roussignan.

— Consinto, — disse Pé-ligeiro, — porem sempre com as mesmas condições.

— Attenção, senhores, — continuou Montreuil, — eis-aqui a lista destes preciosos papeis: 1.º Sumario da prisão de Luisa de Lanswick em estado de gravidez, mulher legitima do Conde de Zanau, no castello de Hildeburgo-Haussen. 2.º Auto do nascimento no mesmo castello do cavalleiro de Limburgo, filho legitimo d'aquella e deste.

— O meu avôsinho o Conde de Zanau, — interrompeu Pé-ligeiro que saboreava o vinho a pequenos tragos, — parece-me que não tinha muita delicadeza, deixando encerrada ali a sua verdadeira mulher para casar-se depois com outra. Papá era bigamo. Como se enredam ás vezes as familias !!

— Oh ! em politica faz-se isso a meudo, — respondeu Montreuil com o tom indifferente que empregara Machiavello ; — porem felizmente se isto se faz, tambem se desfaz ; nós outros não temos outro objecto. Continuo, pois. 3.º Auto de obito da dita mulher legitima na mesma prisão. 4.º Documentos relativos á educação do sobredito menino como official no exercito austriaco durante as campanhas de 1814 e 1815. 5.º Auto de reclamação do indicado cavalheiro de Limburgo ante a santa Alliança. 6.º Auto de casamento do mesmo, celebrado em Francfort em 1817 com a senhora Augusta Mildenof. 7.º Auto do nascimento de Frederico Adolfo de Limburgo, filho varão nascido deste matrimonio. 8.º Certificado da chamada Warchel de Kermer proximo de Francfort, declarando haver-se encarregado de crear o dito menino. 9.º Auto de obito provando o assassinato em 1821 do referido cavalheiro de Limburgo, pai do mesmo menino. 10.º Auto de obito com dois dias de intervallo da referida Augusta Mildenof, esposa do cavalheiro e mãe do menino.

— Se a estes documentos autenticos e irre-cusaveis acrescentardes os testemunhos relativos ao rapto do menino, ao signal do seu braço, e ao incendio da casa de Warchel; os documentos tirados das notas posthumas do verdadeiro Muller; os arrecadados por mim na secção de policia ácerca dos primeiros annos do menino, depois de ficar abandonado por seus raptos no territorio francez, e enfim, uma multidão de cartas rubricadas de todas as datas que vem a aclarar e corroborar os documentos em questão, creio, senhores, que deve deixar-nos satisfeitos a conducta que seguimos.

É para mim claro como a luz do dia que o augusto personagem que nos honra com a sua presença, é o unico herdeiro legitimo á corôa de Wardemburgo.

— Viva o Rei! — exclamou Roussignan na dupla embriaguez de vinho e de entusiasmo. — Eis-aqui a minha opinião: morram os traidores!

— Viva o Rei! — disse negligentemente Dabiron acendendo o terceiro xaruto.

— Sim, senhores, viva o Rei! — exclamou energicamente Montreuil.

— Viva o Rei! — repettiu candidamente Pé-ligeiro arrastado pelo exemplo — Viva o Rei! Oh! uma cousa galante! gritar eu mesmo que viva! Mas isto nada significa, por que é demasiado natural que eu seja partidario de mim mesmo.

— Bem, ponhamo-nos em marcha para a Allemanha, — redarguiu Muller, — recorde certo vinho do Rheno com o qual folgaria fazer conhecimento ao passar!

— É verdade, bravo! — accrescentou Péligreiro, — parlamos para o meu throno. Avante, avante! Siga-me quem for meu amigo!

— Com effeito, — disse a seu turno Dabiron. — Quem pode deternos aqui agora em meio da canalha voraz de acredores e beleguins?

— Que diabo! senhores, um pouco de paciencia! — objectou Montreuil. — Já temos entre mãos o principal; vejam se podem moderar o seu ardor, pois resta-me tratar a importante questão da oportunidade.



CAPITULO VIII.

PLANO DE CAMPANHA.

Montreuil tomou um momento de repouso depois deste indispensavel exordio. A exemplo dos oradores da Camara, bebeu um copo d'agua com assucar, entretanto que Dabiron se fazia servir uma bebida americana, e sua Magestade Pé-ligeiro com Muller vasava a sexta garrafa.

— Não é de todo máo este vinho, — lhe disse sua Magestade saboreando o ultimo trago, — pois tenho-lhe bebido menos mal, — continuou na linguagem trivial que já conhecemos nelle. — O meu excelente amo Masson, o que me deu este lindo anel e a quem reservo um bom posto na minha Corte; Masson dava-me Burdeos quando estava contente dos meus serviços, mas

era desabrido com tudo. Não bebia mais que por compromisso. Ah! quando subir ao throno de meu avô Zanau, então sim então me humedecei á vontade! Não podeis imaginar o quanto eu gosto do queijo suiso, do de Italia e das batatas fritas! Mas sobre tudo das batatas fritas!

— Vossa Magestade poderá dispôr de quanto deseje, — disse Muller, cujo semblante estava rubicundo.

-- É natural, se qualquer não pudesse ter batatas fritas até deixa-las de sobra não valeria a pena de ser rei.

— Certamente!

— Claro está; para isso valeria mais não sair das contrasenas e pontas de xaruto. Porem tranquillizai-vos; havemos de levar bõa vida em Wardemburgo!

— Aceito o agouro.

— A vós, querido amigo, nomeio anticipadamente meu dispenseiro mór.

— Ah! Magestade, satisfazeis em tudo os meus desejos!

— Vós o mereceis, sem disputa, porque é cousa sabida; desde que vos vi disse eu com os meus botões: é um bom bebedor e basta!

— Ah! Senhor, como expressar?....

--- Nada d'isso; fallo com clareza.

--- Oh! Sois um bom Principe. Que felicidade tão pasmosa offerece um soberano como vós a seus futuros subditos.

— Eu sempre gostei dos homens como vós ;
tocai nestes cinco, querido amigo.

— Ah, senhor ! Permitti-me que vos offereça
este ultimo brinde.

— Aceito, mas que seja commum.

— Ah, Deos meu !--- disse em voz baixa Mon-
treuil a Dabiron, --- os nossos dois borrachos vão
acabar por beijar-se.

— Sua Magestade parece ter o vinho terno,
--- respondeu sorrindo-se Dabiron.

— Já é tempo de pôr termo a esta sensibili-
dade bachica.

--- Rapaz ! --- gritava Roussignan Muller ba-
tendo na mesa com uma garrafa vasia.

--- Silencio , Roussignan ! --- interrompeu
Montreuil, --- credes sem duvida achar-vos na ta-
berna. Tenho-vos permittido que esgoteis ate final
as seis garrafas ; porem já é occasião de mostrar
energia, sequer seja pela importante missão que
hei pensado confiar-vos hoje. A grande arte em
politica consiste em saber tirar partido dos defei-
tos mesmos nos instrumentos que se empregam.
De outro modo, para que serviriam os vicios ?
Porem creio que ainda conservais sufficiente ener-
gia. Em quanto a vós, senhor, permitti a um fiel
subdito recordar-vos respeitosaemente que V. M.
se conduz.... como um simples plebeu.

— Tenho sêde, --- respondeu Pé-ligeiro, ---
eu o juro é tanto peor, como diz a canção, ---
acrescentou entoando uma cantiga vulgar.

— Senhor, senhor, interrompeu Montreuil, — moderai essa sêde pantagruélica. Por ella se tem perdido uma multidão de monarchias.

— Eu nego acaso que quero beber?

— Sou demasiado affecto a V.M. para não desobedecer-vos nesta circumstancia, por interesse vosso bem entendido. Se por esta leal resistencia tenho a desgraça de desagradar-vos, responder-vos-hei humildemente com estas palavras famosas: «Disponde da minha cabeça, senhor!»

— Que diabo quereis que eu faça? — exclamou Pé-ligeiro aquietando-se á voz do seu primeiro ministro que exercia grande imperio sobre elle. — Eu queria beber; vós não quereis, basta. Ficarâ secco o gasganete, o que é bem incommodo, porque enfim, sou ou não sou o Rei?

— Sois Rei, sois, senhor, — respondeu Montreuil affectando um tom solemne, cujo effeito acabou de serenar o seu iracundo ouvinte. — Sois Rei, sem disputa. Os numerosos documentos que vos hei mostrado ha pouco o demonstam sufficientemente, e as aclamações unanimes da concurrencia, comprehendidas n'ellas as de vossa magestade, provam que já não resta duvida alguma sobre a identidade da vossa pessoa e sobre os vossos direitos. Sim, senhor, e esta certeza me conduz naturalmente á importante questão que nos reune; sois pois o filho do cavalheiro de Limburgo; o vosso augusto pai era o legitimo her-

deiro do Throno de Wardemburgo ; sois o unico representante destes direitos á Coroa.

— Bem ; pois então porque quereis impedir-me que beba ? — murmurou Pé-ligeiro com o ultimo esforço de um enfado que termina.

— Mas isso não é por desgraça mais que uma vã theoria, — continuou Montreuil sem responder á interpeção de sua magestade ; — direito desconhecido não existe, trata-se de passar á pratica. Occupemo-nos dos caminhos e meios. Tal é o objecto deste primeiro conselho.

— Pois bem ; — observou Dabiron ingolindo de um trago todo o seu ponche como um homem decidido a não perder tempo ; — quem nos impede pôr-nos em marcha para destronar o usurpador e restabelecer o real orphão em seus direitos ?

— Uma pequena difficuldade, — respondeu Montreuil.

— Qual ?

— Que não temos dinheiro.

— Ora ! — exclamou Dabiron, — restam-nos ainda dois mil francos sobre os quatro mil que o zelo pela minha reputação me aconselhou se afo-gassem comigo.

— E com isso quereis conquistar um throno ? Oh'especulador ! --- disse o Conde. --- Em vão haveis contado á baixa ; os reinos não estão ainda por esse preço. Hide tomar posse de um estado qualquer com a bolça vazia ; sereis detido na

diligencia antes de haver alojado as equipagens. Ninguém serve um amo quando este não pode pagar os salarios.

— Todavia, — accrescentou Dabiron animando-se; — trata-se de um direito adquirido, reconhecido, apoiado em documentos irrecusaveis.

— Raciocinais da mesma forma que um commerciante na arrecadação de uma letra a prazos — replicou Montreuil. — Não se obtem os reinos tão facilmente; necessitam-se exercitos de partidarios que se encarreguem de recupera-lo, expondo-se á nullidade do procedimento por causa de insufficiencia.

— Como! — disse Pé-ligeiro deitando no seu copo o resto que havia nas garrafas, — não bastam dois mil francos?

— Senhor, — replicou o diplomatico, — necessitais fazer muitos sacrificios, e estes custam caros.

— Oh! — exclamou negligentemente Montreuil. — Os reinos são como os pastelinhos, ha-os de todos os preços e qualidades. O que nos occupa exige uma quantidade mediana.

— Todavia, é preciso saber um minimum, — respondeu Dabiron.

— Pois bem, — respondeu o Conde; — não contando mais que com o estrictamente necessario, e guardando economia, parece-me que bastarão quatro ou cinco milhões.

— Cinco milhões! — disse Roussignan estupefacto.

— Nem ainda que fosse tudo moeda falsa! — exclamou sua jovial Magestade.

— Vamos, senhores, — continuou Montreuil; — registrai as vossas algibeiras, pois não é possível que venham sem essa bagatella.

— Uma bagatella, respondeu Dabiron; — se eu a tivesse tido teria feito subir a renda.

Voltando-se então o Conde para Pè-ligeiro, disse-lhe solemnemente:

— Senhor, a vós toca fazer os gastos da vossa futura elevação.

— Julgais isso? — exclamou com jovialidade Pè-ligeiro.

— Asseguro-o.

— Pois ha-de custar-me algum trabalho?

— Menos do que pensais, senhor.

— Ora! — exclamou o joven, — os cinco milhões que pedimos para triumphar estão em vosso poder.

— Eis-ahi uma cousa singular! — respondeu o joven transtornado pelo vinho, pois já o havia olvidado?

— Como! — disse Montreuil assombrado.

— Na verdade possuo um talisman para fazer fortuna.

— Qual é? — perguntou Montreuil.

— Este, — respondeu o soberano.

E registando a sua algibeira tirou um pe-

daço de lenço de seda enrolado como uma corda — Que é isso? — perguntou o diplomatico com desconfiança.

— Eu o conheço se não me engano — exclamou Roussignan, — eu girei pelos ares suspenso pelo extremo d'esse lenço.

— Sim, prezo a uma arvore, — continuou Pé-ligeiro. — É uma corda de enforcado.

— Como diabo encontrastes similhante prenda? — disse Dabiron.

— Como haveis descoberto o meu instrumento de suicidio? — disse o supposto Muller.

— No bosque de Bolonha ás duas da manhã, — disse Pé-ligeiro.

— E que fazieis ali? — perguntou Dabiron, — segundo creio não esperaveis o omnibus.

— Isso é o meu segredo, — replicou Pé-ligeiro, — não estamos confessando-nos.

— É bom esse pretexto, — interrompeu Montreuil, — porem tenho outro melhor.

— Qual! Onde está?

— Escutai bem, — acrescentou Moutreuil, — existe certo papel no pacote que vos hei fallado e que conservo como ouro em pano. O seu contheudo é o seguinte:

« Eu o abaixo assignado Barão Appencherr,
 « chefe da casa Appencherr, Sholtz e compa-
 « nhia, declaro haver recebido das mãos de meu
 « pai, banqueiro em Francfort, por conta do cava-
 « lheiro de Limburgo, Conde de Zanau, Princi-

«pe herdeiro de Wardemburgo, a soma de dois
«milhões e quinhentos mil francos a titulo de
«deposito, exigivel á vontade, e o qual entregarei
«a elle mesmo ou aos seus herdeiros em pessoa,
«com os interesses de cinco por cento ao anno
«á primeira requisição e entrega deste recibo.

Pariz 1.º de Maio de 1818.

Appencherr, filho. »

Está muitissimo claro! — disse Montreuil.

— É corrente como o ouro, — disse Pé-ligeiro.

— Talvez.... objectou Dabiron.

— Que dizeis sobre isto? — perguntou Montreuil.

— Nada em quanto á obrigação, porem muito em quanto ao obrigado. Conheço esse Appencherr sei qual é o estado dos seus negocios; as mulheres o arruinam. Ora bem, os interesses dobram o capital, se se contar depois de catorze annos de deposito. Trata-se nada menos que de uma soma de seis milhões.

— Assim o espero, — replicou Montreuil.

— Não quererá pagar, — disse Dabiron.

— Pagará por força, — replicou Pé-ligeiro.

Como! Ter eu seis milhões sem o suspeitar e não m'os pagar quando o cheguei a saber? Seria um golpe sublime! Não faltava mais.

— Primeiro que tudo, fique a um lado a violencia, — disse Montreuil que era inimigo dos

argumentos physicos. — Repito-vos que o titulo é incontestavel. Sua Magestade pode apresentar-se em casa de Appencherr acompanhado de um de nós; escolhereis a hora em que esteja só o banqueiro, ás cinco por exemplo, ao fechar-se as officinas quando já tenham saído os empregados, e ali se reclama o pagamento immediato.

— Seis milhões, — disse Dabiron prevenendo de antemão, em seu desejo de bom exito, as objecções possiveis, — seis milhões não se encontram jamais em caixa em nenhuma casa.

— Pedir-se-lhe-ha um bon sobre o banco.

— E regatea-se-lhe a quantia?

— Em ultimo caso faz-se-lhe alguma concessão nos interesses. Porem o essencial é não desprender-se do documento, antes da ultimação do negocio.

— Oh! estai tranquillo, — respondeu Péligreiro. — já ha tempo que não sou um menino; não me enganarão.

— Conheço a vossa firmeza, senhor, — disse Montreuil inclinando-se, — e conto com ella.

— Mas qual de vós vem comigo? — perguntou o aspirante a rei.

— Dabiron não pode ser, porque é conhecido na casa, — observou Montreuil. — Eu teria muita honra em acompanhar-vos; mas é preciso que fique por fóra para velar por vossa segurança pessoal. Será pois Roussignan se o permittis.

— Eu! — exclamou o falso Muller.

— Vós sois desde agora o chanceller de S. M. de Wardemburgo, — accrescentou o Conde. — A necessidade carece de lei.

— Bem; eis-me aqui outra vez errante por esses mundos! — balbuceou Roussignan meio embriagado. — E a policia russa! e o bebedor de Hamburgo! e o homem da cabelleira do subterraneo! o capitão do navio russo! vozes na rua! amiaças! tiros de pistola! Bom vai o negocio! Tenho desejos de ir segurar a vida.

— Ora! — quem não se arrisca não passa o mar. Só se morre uma vez.

— E apesar de ser uma é muito! — respondeu Roussignan.

— Porem não quizesteis vós já matar-vos? — objectou Dabiron. Fazieis-lo acaso por medo de morrer?

— É como Gribouille, — continuou Pé-ligeiro, — que se lança á agua por medo de molhar-se.

— Senhores, — redarguiu Montreuil, cortando pela raiz aquelle colloquio. — Não ameça nenhum perigo serio. Contar o dinheiro ainda que seja com algum sacrificio para acabar depressa, ou arrecadar o documento afim de intentar vende-lo ao que quizer encarregar-se de seguir um pleito, eis-aqui o seu plano, reduzido á mais simples expressão. Eia, prudencia e sangue-frio! Em vossas habitações respectivas achareis trages apropriados para o caso. Vós, Roussignan, poreis esta

cinta verde e negra que vos offerece sua Magestade para vos elevar ate á sua pessoa e fazer-vos digno de sua nobre companhia. Vós, senhor, este laço que reúne todas as ordens que ao diante tendes direito a outorgar. Occulta-lo-ha V. M. cuidadosamente debaixo do seu frac para apresenta-lo quando chegue o momento opportuno. Disponde-vos para as cinco da tarde e recordai-vos que da vossa firmeza depende o exito desta primeira batalha.

Assim que se retiraram os dois personagens designados por Montreuil, disse este a Dabiron:

— Bom será que tenhamos o dinheiro necessario para a nossa expedição; mas isso não é bastante.

— Como! — respondeu Dabiron, — seis milhões não são o meio irresistivel de fundir todas as portas?

— Ah! não, meu querido, falta-nos uma segunda alavanca, um auxiliar.

— Quem?

— Uma mulher.

— É possível? Uma mulher para conspirar!

— Advirta-se que não conspiramos; os conspiradores destroem, e nós outros reedificamos; porem em todo o caso uma mulher é um auxiliar indispensavel.

— Devéras?

— Abri a historia; examinai detidamente todos os grandes successos que hão mudado de

face as nações, e é mui raro o em que não se descobre a belleza ao lado do dinheiro. Conheceis a historia do Bezerro do Ouro?

— Perfeitamente.

— Pois bem, necessita-se que offereça atractivos e seja invencivel. O Bezerro de Ouro levanta povoações, a mulher subjuga, atrahê, encadea particularmente. Trate-se da guerra de Troya ou da Geronda, sempre encontrareis saias na intriga: chame-se Elena ou Mad. Longueville.

— Eu juro que isso é certo, — disse Dabiron; porem onde encontraremos essa divindade que deve occupar-se da vossa politica?

— Tenho contado, — disse Montreuil, — com a vossa galante experiencia. Vós sabeis por onde aninham na arvore do bem e do mal as cruas e as rôlas disponiveis.

— Quem, eu?

— Não haveis estado em relação com todas essas belezas da capital. Não eras o iniciado nos mysterios de Jsis do nosso tempo? Ninguem pode designar melhor a que está no caso de produzir resultados mais vantajosos.

— Diabo! — disse Dabiron sorrindo-se, — tenho visto muitas Egerias em busca de um Numma. Como necessitais a bella?

— O mais bonita possivel, porem mais franchezza que grega. Uma Rovelann do tempo de Voltaire; de nariz elevado, olhar provocativo, dentes

pequenos e de perolas, talhe um tanto encurvado, caracter alegre e um humor fantastico.

— E que seja muito esperta?

— Sem duvida alguma; porem em certa doze, bastante para seduzir, para interessar, para elevar as situações em proveito da nossa causa; porem não o sufficiente para que tenha uma vontade e se converta em um adversario.

— Convir-vos-hia uma atriz que está em voga? — perguntou Dabiron.

— Não poderíamos domina-la bem.

— Uma griseta?

— Peor ainda, meu querido; demasiada liberalidade na imaginação; um coração de hospital aberto ao primeiro pobre.

— Nesse caso uma loretta.

— Distingo: ha loretas e loretas; não das que se cirandam nos bailes com um vestido garrido e uns sapatos acalcanhados, ou que degolam o francez em favor do amor facil.

— Já está feito o negocio, — exclamou Dabiron.

— A minha Venus?

— Completamente.

— Nem muito formosa, nem muito estúpida, nem muito emancipada.

— O verdadeiro personagem do papel.

— Como se chama?

— Lalake, — respondeu Dabiron, — a mi-

nha Lalake, na qual não pensava: uma figurante da Opera.

— Bravo! — exclamou Montreuil; — é admiravel, e eu que prestei attenção á narraçáo das suas aventuras, ainda não tinha pensado nesse demonio?

— Está feito o negocio.

— É um diabinho, bonita, esperta, jovial, — disse Dabiron.

— Simples, maligna, inconsiderada, bôa rapariga, — continuou o Conde.

— E vinte e um annos, — respondeu o seu interlocutor.

— E bailarina, porem bailarina isedita, — continuou o diplomatico, — creada e posta no mundo expressamente para polkar ante o idolo. Vamos, Dabiron, escrevei á vossa pobre viuva convidando-a a auxiliar-nos.

— Eu? E pensais vós?

— Por que não?

— Por que conheceria a minha letra.

— Justamente, — exclamou Montreuil, — a entrevista de um defunto não pode deixar de trans-tornar sobremaneira. Vamos, eu farei o sacrificio eu escreverei a carta.

Montreuil tomou de bom humor o papel branco destinado á amiga de Simona.

— É glotona?

— Um tanto.

— Vaidosa?

- Bastante.
- Viva ?
- Muito.
- Isso me basta, dentro de uma hora estará aqui..

E depois de haver traçado Montreuil algumas linhas, puxou a campainha.

— Leva esta carta, — disse ao criado que se apresentou, a casa de M.^{na} Lalake, bailarina e figurantada Opera, rua de N. S. do Loreto, N.º 31. Cinco francos se vais depressa. Não necessita resposta.

E deixando a Dabiron assombrado da sua promptidão entrou no seu quarto predilecto.

O mensageiro partiu com tal velocidade que houvera tomado a dianteira a Mercurio mensageiro dos deoses, ao qual, ainda que provido de azas como o deve estar todo o bom comissionado do Olimpo, não o estimulava uma generosa propina.

Assim que Lalake leu a carta que tanto interessava a Montreuil, principiou a saltar, gritar, dançar e cantar de alegria, como se houvera sido picado de uma tarantula. Acto continuo marchou para casa de Simona sem occupar-se do portador que se retirava estupefacto.

Quando a bailarina entrou em casa de Simona, tinha esta na mão a segunda carta do desconhecido que havia recebido por um moço de Ranelagh e que lia pela vegesima vez.

Eis-aqui o que escrevia o mysterioso adorador :

« Querida Simona :

« Não me havia enganado ; sois uma creatura escolhida lançada neste mundo ; não sois uma cortezã vulgar ; sentisteis-vos commovida com a ideia de um amigo verdadeiro que vela por vós, invisível e infatigável em sua soledade, e ainda que só era uma sombra imperceptível, não se riu deste amor discreto.

« Querida Simona, se não me vê-des, eu em troca vejo-vos, e isto deve bastar á vossa coqueteria. A invisibilidade para vós seria uma injustiça ; para mim é talvez uma vantagem. Durante que admiro a vossa formosura delicada, vossos olhares doces, vosso ar elegante, durante que recolho as palavras desprendidas de vossos labios rosados, e escuto os suspiros escapados do vosso peito anhelante, o meu coração palpita mais forte e não se occupa senão com a vossa imagem.

« Fazei de mim o retrato que vos aprouver. Reuni as qualidades e mesmo os defeitos que vos seduzam e que encontreis esparzidos nos demais homens para constituir um todo do qual serei a feliz personificação. Jamais tereis saciedade nem desilusão, posto que nunca será destruído o sonho pela realidade.

« Permitti-me, Simona, que vos falle como um irmão, não como um amante ; já que nenhum acto da vossa vida me é desconhecido, permitti

que cada uma das minhas cartas tenha sua utilidade, testemunhando a minha abnegação e o meu carinho para convosco.

« Hoje, Simona, digo-vos que estais doente; vejo-o e o sei e não tratais de vós. A's vezes a dor oprime o vosso peito e amortece o vosso olhar; a vida febril que levais vos mata. É que vós correis voluntariamente ao suicidio?

« Todavia não vos inquieteis; tendes por defesa os vossos vinte annos, a vossa juventude fogosa e os thesouros que a natureza dispensa aos seus filhos. As vossas angustias passageiras dissipar-se-hão, porem necessitais respirar ares puros, a hygiene dos campos. passear sem enfado, sem incommoda, com os cabellos em desordem e os vestidos fluctuantes: necessitais espaço para o pensamento e para o corpo liberdade.

« Vê-de se deveis tratar-me de insentato por taes conselhos; não observo somente os signaes exteriores da vossa enfermidade; sigo seu curso, conheço o progresso e prevejo os resultados. Não hume uma pulsação no vosso pulso que me escape, por mui tranquillo que se ache. Chamai-me Satanaz ou Gabriel, nada me importa; o facto é certo, e os vossos padecimentos não tem nada de mysteriosos, por que eu achei a causa.

« Adeos, irmã. Se me guardais um pouco de affecto no fundo da alma durante as horas apraziveis em que a natureza dorme sob o olhar

de Deos, entre os sonhos afortunados, o vosso anjo protector o virá dizer ao meu. »

— Minha querida, — disse Lalake que acabava de entrar cantando um seis por oito e interrompendo a leitura d'aquella carta — estás lendo o bilhete do teu incógnito?

— Sempre, — disse Simona com sentimento.

— Pois bem, eu tambem tive uma carta admiravel.

— Deveras?

— Minha querida o meu talento ha dado brado, — continuou Lalake; — afinal faz-se-me justiça e começo a brilhar.

— Onde?

— Na Opera, minha querida.

— Porem, — disse Simona, — tu não appareces mais do que nas comparsas.

— Acaso se sabe em França o que é o baile? Os estrangeiros são os que apreciam o talento coreographico, e especialmente os allemães.

— Emfim, disse Simona, — o que te acontece?

— Arrancam-me da capital, tiram-me da obscuridade. Vou a passar a primeiro logar, a bailarina absoluta, com soldos enormes, sem contar outras muitas cousas. Olha, escuta a carta que recebi neste instante.

CAPITULO IX.

ESCARAMUÇA DE VANGUARDA.

E Jupin 1.^a saltando de goso leu as linhas seguintes :

« Senhora :

«O general, barão Bibelbrock, marchal de campo, grão-mestre d'artilharia, inspector da marinha, condestavel do reino, encarregado da formação de uma companhia para o theatro real de Wardemburgo, viu-vos hontem no *Roberto do Diabo*. Os vossos distinctos serviços nesta opera vos hão grangeado as suas sympathias. Desempenhais quatro papeis em vez de um, o que vos colloca em uma posição muito avantajada sobre as demais artistas. Levais a cauda da princeza Izabella, deitais de beber a Bertran, dormís debaixo do ramo magico, e sedizís com os vossos baiies ao desgraçado duque da Normandia ; e isto com tal brio, graça e perfeição, que manifestam o vosso verdadeiro talento.

« O vosso verdadeiro posto está no primeiro lugar não entre a multidão. Pois bem, em nome do Rei, vosso amo, offereço-vos uma escriptura, com o soldo de cincoenta mil francos para o theatro que administra.

« O general barão Bibelbrock, marchal de campo, grão-mestre de artilharia, inspector da marinha e condestavel do reino, encarregado da formação da companhia da Opera, para o reino de Wardemburgo, espera-vos no hotel dos Principes, rua de Richelieu, habitação N.º 102, hoje ou amanhã das sete ás oito.

« Salão artistico e militar. »

— E vais a partir? — perguntou Simona.

— Minha querida, nada vale tanto como as viagens. Estou cansada de viver á maneira dos omnibus entre as Bastilha e a Magdalena. Demais eu pertença á minha carreira e não posso separar-me do meu brilhante porvir.

— Brilhante quanto desejes; porem sabes ao que te compromettes? A dançar o que nunca tens feito.

— Querida, — respondeu Lalake; — confesso que um marchal de campo, um grão-mestre de artilharia, um inspector geral de marinha pode não ver as cousas tambem como tu. Assim, pois, quando elle me julgue forte, é por que o sou apezar meu e sem que eu o suspeite talvez. Eia, não temas; e ouvirás fallar de mim nós periodicos. Quem sabe se os povos desen-

gancharão os meus cavallos e me levarão em tryumpho? Isto é trivial, e está pela maior parte em pouco. Adeos, ate depois! logo te contarei mais cousas. Estou desejando ver o meu geue-ralissimo.

E Lalake cantando uma alegre copla desceu a escada executando diversos passos para dirigir-se ao Hotel dos Principes. Quando a bailarina atravessou o limiar, abria-se nma carruagem ante dois homens vestidos de um modo bem distincto. O primeiro S. M. Pé-ligeiro havia vestido um trage extravagante por demais. O segundo, Roussignan, prudente como sempre, ainda com a cabeça a meio cabello, se havia vestido pelo contrario como se o seu principal objecto houvera sido occultarse. O seu trage era inteiramente negro desde a cabeça aos pes, e tão largo de pescoço que podia esconder-se ate aos olhos. Levava uns oculos immensos, e um chapeo de aba gigantesca que caía ssbre a sua testa, acabava de desfigurar ao sentimental e bachico enamorado de Mad. Fleuriot.

— A casa do barão Appeneherr havia sido por largo tempo o ponto da reunião da flor escollida da gente financeira e dos filhos predilectos da fortuna. Quando vivia sua mulher, davam-se jantares, funcções esplendidas, bailes brilhantes e ceias lautas. A morte de sua esposa, resultado de um suicidio que tanto havia dado que fallar aos comensaes e amigos mais intimos da

casa, poz um termo obrigado aquella custosa e liberal hospitalidade.

Não podia receber em sua casa, por que se encontrava nessa posição mal definida em que não se disfructa nem a liberdade do solteiro nem a gravidade do homem casado. Estava viuvo. A casa de Appencherr havia ficado em uma profunda tranquillidade perturbada só pelos trabalhos dos empregados nas horas designadas ao serviço. Ao chegar a noite, como havia dito Montreuil, segundo as indicações de Dabiron, todos os empregados entravam na vida privada, e o amo ficava só com os criados, que eram uma cosinheira, um laeio e um cocheiro. Um homem de confiança chamado Lafolie, que havia sido muito apreciado de Mad. Appencherr, completava o effectivo da casa; porem então não vivia na mesma casa, como quando entrára ao serviço de Gertrudes.

Ao dizer que estava só, olvidavamos na enumeração das pessoas que compunham aquella casa em outro tempo tão agitada, o personagem principal ante quem tremia o barão como um menino e do qual tinha suas judiciosas criticas, e suas francas interpellações. Aquelle tirano que contava apenas des esete annos, tinha um cabello negro admiravel, ondulado naturalmente em anneis caprixosos ao redor de uma fronte encantadora. Aquelle despota possuia olhos azues sombreados de pestanas de ebano, distincção rara entre as francezas e que

dá uma expressão mista de ternura e de vontade de uma força irresistível. Aquelle autocrata cuja formosura feminina se descobria já atravez das graças da adolescencia, não era outra que M.^{lle} Julia d'Appencherr sua filha.

O Barão que passava inconsideradamente a sua existencia nas dissipações elegantes; que via a melhor e peor sociedade de Pariz nos sitios mais celebres, sentiu muito que passasse para Julia o seu tempo de collegio. Tinha ganho o premio de honra no momento mesmo de morrer sua mãe, e chegou a tempo para depositar sobre a tumba sua coroa de educanda triumphante.

Pensou algumas vezes confia-la aos Duplessis, mas por uma parte, a menina que adorava a sua avó e que escutava com secreto prazer os projectos futuros que formava para ella com a collaboração de seu sobrinho o notario, sentia para seu avô uma aversão innata. Era preciso pensar em sua collocação, e d'Appencher que sobrepuha seu instincto mercantil a todas as suas proprias paixões, houvera preferido a uma alliança com o joven Duplessis, um casamento que lhe houvesse feito encontrar em seu genro algum opulento e facil consocio.

Julia era o mentor da casa. Quando o Barão se retirava tarde, quando se enfadava, quando ralhava asperamente com algum de seus criados, mediava Julia e com um tom de auctoridade affectuosa, admoestava a seu pai e fazia entrar as

cousas em seu estado normal. Existia na casa de Appencherr uma habitação que não se occupava nunca, e na qual não entrava ninguém excepto Julia. Esta habitação dava para o jardim; as janellas estavam sempre cerradas, e pela noite rara vez se via luz. Quando por excepção o resplendor de alguma bugia se deslizava pelos apinhados das cortinas, ou o sol era admittido naquella camara deserta, exclamavam os criados:

— Já está a senhora D. Julia fazendo uma vesita á memoria de sua mãe.

Ali é comeffeito onde Mad. Appencherr se havia despedido do mundo em expiação de suas fraquezas passadas. Pobre creatura indolente que necessitava por movel uma paixão continua: primeiramente o jogo, depois o amor, jogo cem vezes mais perigoso que o outro! A fim de olvidar a infamia de Dabiron, que cobiçava a filha depois de haver deshonorado a mãe, se havia refugiado na morte. A habitação funebre conservava a sua physionomia sinistra. Desde a cerimonia do enterro, não havia o barão posto o pé nella.

Era indifferença? Eram remorsos? Ninguém havia tido interesse em resolver esta questão.

Na hora em que os nossos dois aventureiros chegavam á casa Appencherr, a formosa Julia acabava de fazer girar a chave do quarto fatal e de ajoelhar-se no limiar da porta segundo o seu piedoso costume.

- Aquella habitação silenciosa e triste, cujas

armações estavam desbotadas, e cujos espelhos se viam cubertos de gaze, conservava ainda a phisionomia da que por tanto tempo a havia occupado. Aquellas curiosidades de todos os estylos, aquella porcelana e louça de todos os tempos, indicavam a desordem de imaginação e de gosto, uma volubilidade de caprichos, da qual havia dado mais de uma vez exemplo a defunta baroneza. O unico adorno que conservava certo brilho, era uma immensa jarra da china, na qual tinha por costume a pobre Gertrudes collocar todos os dias flores novas e que por um terno respeito alimentava a filha com ramalhetes da estação.

Infinitas vezes quiz o Barão dar um novo destino aquelle vaso para acabar com umas recordações que pareciam entristecer a sua vida. Intentou convencer a Julia para que se desfizesse de todos os objectos do toucador de sua mãe, já passada a sua moda, e que convertesse em uma sala de recepção aquelle sitio, onde viviam ainda tão lugubres reminiscencias, projectou collocar ali um lindo piano, moveis de Boule, obras mestras conservadas pelos antiquarios em obsequio do capricho, e uma deliciosa mesa de lavor, maravilha da arte, construida expressamente para despertar os desejos da joven.

Julia resistiu energeticamente. Tão tenaz opposição, derivada do mais puro dos sentimentos, do amor filial, havia encontrado em seu desenvolvimento um poderoso estimulante. Este não

era outro que o antigo criado da casa, de quem já fallamos e cujo nome terão observado os nossos leitores ao principio desta narração.

Dissemos que se chamava Lafolie; elle era quem possuia em outro tempo a confiança da baroneza e quem se entendeu com Dabiron com motivo do episodio da chave deixada na casa do jogo.

Unicamente Lafolie acompanhava algumas vezes a Julia nas suas visitas ao quarto funebre.

— Senhora, — lhe disse aquelle dia, — o senhor Barão insiste ainda no seu projecto de innovações e melhoras? Quer todavia converter esta sepultura em sala de visitas?

— Sim, meu amigo, — disse a joven, — parece que o assusta esta habitação, segundo os desejos que tem de a fazer mudar de aspecto.

— Pois bem, senhora, é necessario, luctar; a victoria será facil para vós, pois o Barão não fará nada contra a vossa vontade.

— Assim o espero.

— Vem aqui alguma vez? — perguntou Lafolie.

— Nunca.

— Porem tem a chave á sua disposição?

— Está pendurada no espelho do meu quarto.

— Ha aqui dois objectos que é necessario por a cuberto de toda a pesquisa; são duas cousas que tem sua importancia.

A primeira era uma elegante caixa de xaru-

tos que a defunta guardava cuidadosamente en-
volta em um papel de seda.

A segunda era um frasquinho de crystal
que continha um liquido, do qual apenas se haviam
gasto algumas gotas.

Lafolie depositou as duas recordações em
um armario, fechou-o e entregou a chave á joven.

— São de valor ?

— De um valor immenso.

— Não posso conhece-lo ?

— Não ; ainda não é tempo ; porem sabe-
lo-heis mais tarde. Entretanto conviria que não
soffresse modificação alguma esta habitação. É
necessario guardar dos mortos quantas cousas
possam recordarno-lo ; é um culto que consola.

Julia havia estreitado em signal de adhesão
a mão do criado fiel á sua ama ate depois da mor-
te. Tendo ficado só ; ajoelhou e começou a fer-
vorosa oração que costumava diariamente e se
achava submergida em uma piedosa meditação
quando paravam á porta Pé-ligeiro e seu chan-
celer.

— Debaixo da palavra mais sagrada , —
dizia alegremente S. M. — levo uma vida mais
estragante de dez annos a esta parte ! Tenho
visto os encantos do Boulevard, a *Pata de cabra*,
A alampada maravilhosa, *O Arrelequim vampi-
ro* ; tudo o que ha mais escolhido neste genero,
pela epocha, segundo sabeis, em que eu commer-
ciava em contrasenas e pontas de xarutos ; po-

rem jamais, jamais hei visto nada tão celebre como o que me succede. Se me fallam de phenomenos extraordinarios. Que se busque outro igual! Tudo é divertido, ainda o estado de Rei: bôa cama, mesa excellente, sociedade escolhida, macias cadeiras, e em troca, não fazer nada, não dizer nada, nem pensar nada. Naverdade que a não ser pelos infernaes professores de baile, de esgrima e de bôas maneiras, que deslocam os braços e as pernas, me entregaria gostoso a esta vida pelo resto dos meus dias.

— Eu tão pouco, senhor, poderia queixar-me da minha nova posição, — respondeu Roussignan Muller que continuava occulto no fundo da carruagem apezar da exaltação alcoolica em que se encontrava. — Sois sem disputa o melhor rei que jamais ha existido incluindo o rei Jvetol e o rei Dagoberto. Porem a policia russa continua envenenando a minha existencia. Não sabeis bem o que é a policia russa.

— Não; porem conheço a policia franceza por experiencia propria.

— Não é comparavel. A nossa é só a infancia da arte. Apostaria cem soldos que se sabe já em S. Petersburgo quanto temos feito e quanto temos pensado hoje. Apostaria ainda que somos seguidos neste momento e que não nos escapa uma palavra, um gesto, um signal, sem que sejam remettidos para lá immediatamente, por correios debaixo do chão. Quem sabe se o barão mes-

mo será um dos espias do autoerata? Onde não se introduzirá elle? Necessito, senhor, todo o meu respeito, para não ver um tambem em Vossa Magestade. Assim pois, acreditai-me; quando tiverdes subido ao throno de Wardemburgo, o melhor serviço que poderieis fazer á humanidade seria invadir a Russia para exterminar ate o ultimo dos seus espias. Mas o coche detem-se; certamente ja chegamos. Não olvidemos as instrucções diplomaticas do presidente do Conselho.

— Na verdade, é um grande velhaco.

— Prudencia, senhor, prudencia!

— Sim; como costuma dizer-se a prudencia é a mãe da segurança; porem isto não basta. Tambem disse: « Prudencia e firmeza! Que podemos temer? Reclamamos o pagamento de uma divida legitima, indisputavel e sagrada; o reembolso de um deposito, e vamos armados áte aos dentes não para o ataque senão para a defeza » Já vê-des que repito a minha lição como um verdadeiro papagaio. Avante, continuou S. M. penetrando no patio da casa. — A dita! passo franco!

Eram as cinco e um quarto; acabavam de sair todos os empregados, e só restava um velho occupado em fechar as portas.

— Que quereis, senhores? — perguntou asperamente como se temesse ver suspenso indefinidamente o seu jantar.

— Fallai, — disse em voz baixa Pé-ligeiro ao seu chanceller; — essa é a ordem do meu

primeiro ministro. Um Rei, segundo elle, não deve fallar mais que no ultimo extremo.

— Queremos ver o senhor Barão Appencher, — respondeu Roussignan ao porteiro do escriptorio.

— O senhor barão não recebe ninguem. Vinde á manhã.

— Fará sem duvida uma excepção em nosso favor, — replicou Roussignan. — Tereis a bondade de dizer-lhe que dois estrangeiros querem fallar-lhe para negocio da mais alta importancia.

— Observasteis, senhor, os terriveis olhares que nos deitou esse homem? — disse Roussignan Muller. — Em quanto a este não padece duvida; eheira a espia russo na distancia do uma legua. Estamos cercados.

— Segui-me, senhores, — gritou asperamente o velho tornando a entrar.

— Pé-ligeiro e Roussignan foram introduzidos no gabinete particular do Barão ausente. O criado lhes dispoz cadeiras e se retirou ao aposento immediato.

O Barão estava ainda no toucador; devia jantar com Simona e conduzir a seu gosto a indifferente joven á Opera ou aos Funambulos para ouvir a Duprez ou para ver Debureau, alternativa que então, em 184.. era do melhor gosto entre a gente do tom.

— Assim, pois, terminado o seu *toilette* se

apressou a receber os desconhecidos para acabar quanto antes com a sua entrevista.

— Attenção, — disse devagar Pé-ligeiro ao seu guarda de corps, — aqui está o Barão. Este é o momento de deitar a polvora aos olhos como nos recommendou o primeiro ministro. Adiante com a musica.

Os dois visitantes se levantaram á entrada do Barão, saudaram-no e tendo immediatamente desabotoado o seu frac, manifestaram a seus olhos assombrados quantos adornos exóticos levavam. O polpe de theatro fez o seu effeito. O barão que havia entrado de uma maneira desenvolta, mudou subitamente de aspecto á vista de tantas insignias heraldicas e fez a sua saudação com toda a flexibilidade que pode admittir o espinhao humano.

Éra um petimetre encanecido, acostumado aos prazeres, ao luxo, á elegancia, segundo dissemos, e de boas maneiras, assim como de máos costumes. Obsequioso com a gente de alta posição, alegre com os seus iguaes, era duro e insolente com os seus inferiores.

— Em que posso servir-vos, senhores? — disse com exquisita cortezania aos dois personagens distinctos que tinha á sua vista, convidando-os graciosamente a que se assentassem.

— Vou dizer-vos, senhor Barão, o objecto da nossa visita, — respondeu Roussignan Muller com toda a cortezania de que era capaz. — Su-

Magestade, aqui presente, dignou-se encarregar-me de vo-lo explicar.

Pé-ligeiro se inclinou em signal de assentimento. O Barão puxou fortemente pela campainha collocada no seu bofete, crendo-se exposto a have-las com alguns escapados de Charenton.

— Tendes com effeito ante os vossos olhos senhor Barão, continuou Muller, — ao filho legitimo do cavalheiro de Limburgo, unico herdeiro de seus direitos ao throno de Wardemburgo.

O Barão fez um movimento para traz como se se houvera visto repentinamente em presença de duas serpentes.

— Sabido isto, senhor Barão, adivinhareis facilmente o que S. M. vem reclamar da alta prohibidade que sempre ha distinguido a casa Sholtz Appencherr e companhia.

O Barão ficou pallido visivelmente, e movia-se como um homem que sente um secreto máo estar.

— Porem que ha ? que occorre ? — perguntou com voz entrecortada.

— Trata-se — respondeu Roussignan de dois milhões e quinhentos mil francos pertencentes a sua Magestade, e que vosso defunto pai, banqueiro em Francfort, depositou em 1818 na filial que acabava de estabelecer em Pariz debaixo da vossa direcção e a influencia de Duplessis vosso consocio.

Entanto vós obrigasteis-vos a devolver o ca-

pital entregando-o tão depressa como vos fosse pedido ao cavalheiro ou aos seus herdeiros em pessoa com os interesses legaes por mostra de sua gratidão. Total seis milhões, tresentos quarenta e cinco mil novecentos vinte e seis francos e trinta e dois centimos.

Ao ouvir o banqueiro estas palavras cuja precisão lhe pareceu horrivel, deu um salto em sua cadeira como se houvera estallado a seus pés uma mina; em seguida se levantou assombrado e foi acommettido de um accesso d'essa hilaridade convulsiva que provoca ás vezes a noticia de uma grande catastrophe imprevista.

— Seis milhões! — exclamou emfim quando pôde coordenar as suas ideias, — seis milhões!

— Tresentos quarenta e cinco mil novecentos vinte e seis francos e trinta e dois centimos, — acrescentou Roussignan.

— Julgais que se entrega similhante quantia ao primeiro que chega? Sabeis vós, senhores, que me pareceis ou ao menos me causais o effeito de vós ladrões?

— Ladrões! — exclamou sua Magestade, cujos ouvidos segundó já temos visto em suas conversações com o seu antigo amo, se resentiam extraordinariamente com similhante qualificação, — nós, ladrões! — repettiu de pé levantando arrogantemente os seus cabellos com uma mão e ameaçando com a outra ao seu interlocutor.

— Tranquillizai-vos, senhor, — interrompeu Roussignan levantando-se tambem.

— Fôra de amiaças intrigantes ou mando chamar a guarda!

E puxou vivamente pelo cordão da campainha, porem cousa estranha, ninguem respondeu ao chamamento.

— Não ha porque temer, — respondeu Roussignan Muller, cujas pernas baqueavam de medo. — Eu não venho pedir cousa alguma e sua Magestade pede só o que se lhe deve.

— É uma impostura, — exclamou o Barão, — o cavalheiro de Limburgo morreu e foi enterrado ha muitos annos.

— Sim, papá morreu assassinado em 1821 em Francfort, e por isso precisamente venho reclamar a sua herança. As leis não se fizeram para os quadrupedes.

— Vós seu filho! bellissima farsa! respondeu desdenhosamente o banqueiro.

— Porque não?

— É uma mintira.

— Cuidado, repito, com passar a palavras offensivas.

— Que prova, senhores, que prova poderieis allegar?

— Temos um cento em vez de uma, — respondeu Roussignan; bem podeis conhecer, cavalheiro, que seriamos verdadeiramente uns loucos, se viessemos pedir-vos seis milhões e tantos centimos á primeira vista. Tende a bondade de passar a vista por estes papeis, — acrescentou tiran-

do da algibeira a grossa carteira que lhe havia entregado Montreuil; um simples olhar vos vencerá da nossa sinceridade, da identidade da sua reclamação.

O banqueiro tomou a carteira e examinou detidamente o seu conteúdo. Cada vez empallidecia mais á medida que avançava no exame, e afinal deixou-se cair sobre a cadeira meio desmaiado.

A sua desesperação era natural. Possuidor de perto de vinte milhões segundo vimos já pela epoca em que Dabiron figurava entre os seus empregados, havia o barão perdido uma quarta parte em suas más especulações, e havia gasto outro tanto por causa de sua vida desregrada. Ficavam dés milhões, dos quaes pela morte de sua mulher amelade se havia feito propriedade inalienavel de sua filha menor. Demaneira que cinco milhões compunham o seu proprio capital. Pediam-se-lhe de improviso seis milhões, logo o barão ficava alcançado em um milhão pelo menos, se era fundada a reclamação dos desconhecidos. Em vão pretendia elle persuadir-se de que não o era, o exame dos titulos não lhe deixava nenhuma duvida formal. O barão estava pois arruinado com aquelle golpe. Adeos luxo, vida elegante e prazeres. Adeos opera, Funambulos, quartel Breda e Simona! Como se o destino houvera querido accrescentar o sarcasmo ao seu máo proceder, no momento mesmo em que se preparava para um

divertimento, lhe caia sobre a cabeça aquella telha financeira.

— É possível, — murmurou o Barão com voz afflicta, — é possível que haja permittido a Providencia que o filho não fosse assassinado como o pai?

— Ora se o ha permittido! — replicou ironicamente Pé-ligeiro, — ainda vive o pobresito! Parece que a noticia não vos agradou muito, mas vale a pena! Todavia fica um ponto sobre o qual não temos o mesmo modo de pensar.

— Estamos aguardando, cavalheiro, — respondeu Roussignan que houvera querido encontrar-se a cem leguas d'ali e que batia com o pé no chão de impaciencia e inquietação, — estais finalmente convencido? accrescentou como se elle por sua parte houvera estado pouco.

— Diabo! não sei que dizer! — respondeu vacillando o Barão que havia recobrado um pouco de serenidade, — é dizer, que estou convencido sem estar. Não tenho as mesmas prevenções que ao principio porem disto a uma convicção medea uma distancia enorme. Demais a questão é demasiado importante para que não mereça reflexionar-se. Eu guardarei estes papeis, — accrescentou abrindo uma das gavetas da sua mesa na qual deitou a carteira, não para occulta-la (não nos atrevemos a accusar a lembrança de semelhante loucura) senão unicamente para ter tempo de aconsellhar-se e ficar senhor da situação.

— Que fazeis? — exclamaram Roussignan e seu companheiro.

— Bem o ve-des, pôr estes papeis neste sitio seguro. Assim revêlos-hei á vontade, e os farei examinar por homens expertos, realisarei seu valor e veremos depois.

— O quê! Não entendo! — exclamou Pé-ligeiro, — dai-me esses papeis immediatamente.

— Não, senhores, não; e ainda suppondo-os válidos e legitimos, o que não é ainda certo, nada ha que prove que vos pertencem.

— Dai-me esses papeis, repito, — proseguiu Pé-ligeiro dando um passo em frente e sepultando suas duas mãos nas algibeiras.

— Não, mil vezes não! Fiquem de parte as pendencias ou vos mando pôr no meio da rua.

— Á uma, ás duas, ás tres, devolvi-me esses papeis, — repetiu Pé-ligeiro no cumulo do furor, apesar dos esforços que fazia Roussignan por acalmá-lo, — dai-me esses papeis, — accrescentou tirando duas pistolas de que se havia armado, ou senão, diabo, parto-vos a cabeça de meio a meio.

È unindo o gesto á palavra repelliu com uma mão a intervenção pacifica de Roussignan, e apontou com a outra ao barão.

A tão terrivel amiaça Roussignan se deixou cair em sua cadeira levando vivamente as mãos a seus ouvidos para não sentir a explosão. O banqueiro, deitando um ouvido na sua cadeira,

lançava gritos de terror e fazia movimentos com os dois braços para diante como para impedir o tiro fatal.

Porem no mesmo momento antes que caísse o gatilho mortal, Pé-ligeiro se sentiu acometido subitamente de uma vertigem estranha, inexplicavel; a sua mão ficou inerte deixando escapar a pistola como se uma força invisivel houvesse pesado sobre elle; as suas feições ficaram fixas, seus olhos tomaram uma cor vidrada, e seu corpo se inclinou brandamente para a cadeira collocada detraz d'elle, onde permaneceu na mais completa immobildade.

Então abriu-se de repente uma porta e deu entrada a um homem de elevada estatura, de semblante agradavel e severo, e de olhar poderoso, que se adiantou gravemente por entre os tres actores d'aquella scena, aos quaes causas diversas haviam redusido, por dize-lo assim, ao estado de momias.

— Ah! sois vós! — exclamou o banqueiro com alegria, — estou salvo!

— Havieis duvidado da minha palavra? — replicou severamente o desconhecido. — Sabia o que tinha que succeder-vos; vim, mandei retirar o vosso criado, colloquei-me ao alcance de vos ver, de ouvir tudo e de intervir no momento necessario. Cumpro a minha palavra, a vós toca cumprir a vossa. Aqui está a somma em diamantes entregai o importe a esta gente em um *bon so-*

bre o banco, devolvei-lhes os seus papeis, não guardeis mais que o recibo da obrigação e continuai contando comigo.

— Porem quem sois em nome do céo?

— Não me pergunteis nada; faço um encargo cujo cumprimento jurei de joelhos ante a cama de um moribundo. Algum dia sabereis mais. Adeos.

O desconhecido desapareceu como havia entrado ao dizer aquellas palavras, e apenas safu recobrou Pé-ligeiro completamente os seus sentidos.

Executaram-se as cousas como elle havia dito. Cinco minutos depois sua Magestade e seu chanceller subiam para o ooche providos dos preciosos papeis e do *bon* sobre o banco.

— Olvidou os centimos! — observou Rousignan que havia divisado o desconhecido como através de uma nevoa. — Porem não me admira, aposto em como era um espia Russo.



CAPITULO X.**A SERPENTE DEBAIXO DAS FLORES.**

JÁ dissemos que o odio implacavel do velho Duplessis, e o ciume terrivel de Tiennette tinham unido suas odiosas inspirações para traçar ao redor de Aronde, á maneira das bruxas de Macbeth, um circulo de maleficios, cuja existencia ignorava, mas dos quaes sentia os funestos effeitos.

Todos os valores industriaes sobre que especulava, como caminhos de ferro, cannaes, etc. soffriam naquelle momento uma baixa que não podia explicar-se, mas cujos gastos fazia a bolça dez vezes millionaria de seu velho inimigo, conseguindo assim despoja-lo, em alguns dias, das tres quartas partes d'um capital honradamente

adquirido. Obrigado a contractar um empréstimo de cem mil francos para fazer frente aos seus urgentes compromissos, encontrou este primeiro recurso no perfido sogro de Appencher; mas já sabemos o que custou ao joven similhante sacrificio na apparencia. Seus vinte bilhetes de cinco mil francos cada um, desacreditados sem elle o saber, pela estampilha e os endossos do *Balancceiro*, do *Ciclope* e demais personagens da rua de Huchette, tinham sido apresentados successivamente pela mediação de Brionde, a todos os banqueiros de Pariz, que os regeitaram com tanto desprezo como surpresa. Foi assim que cada dia chegou a vêr-se mais desacreditado na praça o nome de Aronde, até ao pouto de se não offerecer vinte fancos pela sua firma.

Mas como se augmentaram os seus compromissos entretanto, Aronde achou-se na impossibilidade de dar cumprimento a elles. Por primeira vez foi protestada a sua firma chegado o vencimento d'um prazo, e um agente da justiça deixou na habitação do seu porteiro uma citação para comparecer ante o tribunal do commercio. O devedor obteve o prazo de vinte dias, concedido pela jurisprudencia ordinaria, e findo elle era necessario pagar o capital, juros e custas, sob pena de ver embargados os seus moveis e conduzida a sua pessoa á prisão por dividas.

Facilmente poderá calcular-se o sentimento profundo que uma situação desesperada, impre-

vista e inexplicavel, deveu causar a um homem honrado, a quem a fortuna tinha concedido até então os favores mais constantes. Assim pois, como succede sempre, as angustias da vida exterior influiram fatalmente na existencia inteira. Aronde não tinha aquelle character delicado, aquelle coração franco, aquelle genio alegre e sereno, aquella natureza affectuosa e expressiva que prestava tantos encantos ás suas relações. Tinha-se tornado triste, taciturno, insociavel e impaciente. Sahia pela manhã e andava até á noite, em vez de trabalhar, como o temos visto, em algum nobre e grandioso projecto de utilidade publica na habitação immediata á em que trabalhava sua mulher, aguardando um e outro a hora tão doce de reunião: encerrava-se no seu gabinete ou sahia depois de jantar, como se bovera temido, ficando ao lado da sua querida consorte, ver-se no caso de confiar-lhe seus dolorosos segredos. Ao seu regresso apenas podiam tira-lo das suas sombrias preocupações, nem as caricias de Estrella, nem os latidos de Fox.

— Oito dias de ruina tinhão bastado para tão triste metamorphosis. Oh! miseria! Será, pois, certo que toda a especie de dita é decididamente incompativel com teus tormentos? É indubitavel que ate na mesma ordem dos affectos mais desinteressados, taes como a amizade, a piedade filial, o amor mesmo, ai! como se diz em lingoagem vulgar, causa a miseria eguaes estragos.

A joven esposa de Aronde sem atrever-se a indica-lo d'uma maneira directa, estava vivamente inquieta pela mudança repentina que soffera o genio e a conducta de seu marido. Tinha intentado combater aquellas funestas tendencias á força de graça, de caricias e de amenidade; mas então elle depositava um beijo gellado na sua fronte, contentando-se só com dizer:

— Deixa-me, filha, tenho que despachar um trabalho urgente.

— Mas, — objectou a joven certo dia, — porque estás tão triste?

— Não estou triste, — respondeu, — mas sim aborrecido pelo trabalho, e na minha posição é preciso consagrar aos negocios o tempo que deveria empregar na minha ventura. Isto póde dar-me certo ar triste na apparencia, porem no interior estou mais alegre que nunca.

— Ah! Carlos, Carlos! fallas-me de alegria com um tom capaz de fazer-me chorar! Vamos, sê-de franco: tudo isso não é natural; tu occultas-me alguma cousa.

— Eu! nada, eu t'o juro.

— Sim por certo, conheço-me mui bem nessa materia. Diz-se que o amor tem uma venda nos olhos. Isso é possivel nas figuritas e estatuas de puro adorno, — accrescentou esforçando-se por sorrir-se para alegrar a seu marido, — mas na realidade não acontece assim, mas o contrario, é o amor de tal perspicacia que póde ler no fundo

das almas e no interior dos corações. Ah! diz-me! eu t'ó peço, padeces alguma cousa?

— Não.

— Tens penas?

— Não.

— Fiz involuntariamente e sem saber, alguma cousa que te tenha desgostado? Nesse caso peço-te perdão, ralha-me neste momento e acabe a questão; mas por favor não estejas serio por mais tempo comigo, porque acreditarei que não me amas.

— Não te amo! — exclamou d'Aronde estreitando-a contra o seu coração! Não te amar eu! Seria preciso não amar a Deus, de quem és a creatura mais perfeita! Seria preciso não amar ao sol, aos perfumes, ás flores; porque, não és tu a flor, o perfume e a luz da minha vida?

E Aronde fallando assim voltou o rosto, mas não tão prompto que impedisse a Estrella ver os seus olhos humedecidos.

— Choras, choras tu, um homem? Claramente vejo que tens alguma cousa.

— Não.... nada.... nada.... juro-t'ó.

— Não jures.... mentirias. Ah! tendes alguma cousa cavalheiro, e recusais dize-lo a mim, a vossa mulher! Oh! que feio é isso!.... Querer estar triste só, completamente só.... é mui reprehensivel.... Eia, cavalheiro, vós sois um egoista!

E a joven, refugiando-se no outro extremo

da sua habitação, occultou o semblante entre o seu lenço.

Quando descobriu os seus olhos banhados em lagrimas para vêr onde estava seu mudo contradictor, o encontrou a seus pés pallido e compungido. O seu primeiro impulso foi lançar-se para elle e passar tornamente os seus braços ao redor do pescoço.

— Carlos, — disse enfim, — perdoa-me se sou curiosa como toda a filha de Eva, — mas tenho zelos dos teus menores pensamentos, e protesto quando me recusas a minha parte legitima das tuas penas. Vejamos que tens, falla, falla: por que essa falta de confiança? Não sou eu a tua Estrella, a tua mulher, a tua amiga?

— Tu o queres? — disse Aronde vacillando ainda.

— Faça mais, supplico-to.

— Bem, — respondeu Aronde vencido enfim por tão affectuosa insistencia, — por outro lado não tardaria em sabe-lo d'uma maneira mais desagradavel talvez: prepara-te para uma revelação terrivel.

— Terrivel — repetiu a joven, — que é, meu Deus, tu me assustas!

— Pois bem: é o caso....

— Que?.....

— Não, não poderei jamais.

— Em nome do Ceu acaba..

— Pois bem, minha pobre amiga, não sei

que fatalidade me persegue ha algum tempo; mas apenas tenho forças para lutar contra ella. Já devia espera-lo. Vivia demasiado feliz contigo e era preciso pagar tarde ou cedo este excesso de felicidade: o destino devia tomar sua desforra, emfim toma-a e de que modo!

— Mas em nome do Ceu, que te succede?

— Que me succede.... estou arruinado, — disse Aronde com voz fraca e como envergonhado de tal confissão.

— Arruinado! — exclamou Estrella, cujo semblante encantador se serenou de repente.

— Sim, arruinado, — repetiu Aronde com profundo abatimento.

— Não é mais que isso? disse Estrella cujo olhar se tornou mais brilhante.

— Como! parece-te pouco? disse Aronde estupefacto.

— Sim, arruinado? é deveras?... Estás arruinado? uão me enganas? não me dás uma falça alegria? não é mais que isso o que tinhas?

— Parece-me que è demasiado.

— Eu não me contristo, antes me alegre pois não me parece grande desgraça.

— Então parece-te ventura, exclamou Aronde, não comprehendendo ao principio a alegria da joven, e ignorando se a teria tornado louca a revelação da sua desgraça.

— Sim, sem duvida é uma dita, disse ella; — ao menos uma dita relativa. Podia ter sido

uma cousa peor. Queres que te diga o que temia! Bem posso dizer-l'o agora que estou completamente tranquilla.... por que isso é certo, não é verdade? estás arruinado? Palavra de honra?

— Filha!

— Pois bem, o que temia era que houvesse começado a introduzir-se o tedio e o aborrecimento no meio desta vida tranquilla e concentrada a que te condemnas-te por mim.

— Podias pensa-lo.

— Ah! mas.... isso não era impossivel. Sei varios pormenores vossos. A vida que levaveis antes de unir-vos comigo era sem disputa mais agitada e agradável. Tendes conhecido formosas damas.... alegres creaturas com cuja recordação eu não posso luctar pois só conto com o meu amor para agradar-vos.

— Estrella! Estrella! rogo-te que não falles assim, tu a mais linda, a mais espirituosa, e a mais encantadora de todas as mulheres!

— De veras!.... fallais serio. Sentis o que dizeis?... Então já estou tranquilla, e já que não vos vê-des mais que arruinado estou contente.

— Contento, querida louca! — tu não sabes o que são em Pariz a ruina, as privações, e a miseria?

— Não o sei, meu amigo. Para isso seria preciso que tivesse perdido a memoria. Não foi n'uma miseravel agoa furtada que nos encontra-

mos pela primeira vez? Não vos conduziu o bom Fox ao lado d'uma pobre orphã moribunda de dôr e de fome? Já vê-des, meu amigo, que tenho bôa memoria. A miseria, — accrescentou com voz doce — é que devo ter-te amado, e unir-me á tua sorte. Não sejamos, pois, ingratos com ella. Se vem de novo vizitar-nos, recebamo-la qual corresponde. Meu amigo, a pobreza tambem tem suas doçuras, se são dois os pobres os une os vinculos do amor: Duas pessoas pobres equivalem a duas pessoas ricas mediando o amor, porque as penas diminuem o que augmentam as alegrias.

— Tu te enganas, querida Estrella! Não te atterra a ideia de semelhante porvir com a recordação do passado? Emquanto a mim confesso que me espanta.

— Cobarde!

— Oh! não é por mim, mas sim por ti, por ti somente. A miseria é o rompimento de todas as relações agradaveis, é a frialdade dos amigos, o desdem dos parentes, a compaixão sarcastica dos estranhos, é o abandono de todos, é a deserção, a soledade e a tristeza.

— Tanto melhor! Não havemos de estar menos distraidos com o nosso amor.

— A miseria é a separação dos theatros, dos bailes e diversões, das quaes tinha orgulho de ver-te rainha.

— Tanto melhor ainda; assim teremos mais tempo um para o outro.

— É uma habitação escura, estreita, humildemente mobilada, em vez dessa soberba e vasta casa onde tinha a dita de rodear-te de todas as comodidades e magnificencias da vida.

— Tanto melhor, meu senhor, com isso estaremos mais perto um do outro sendo mais pequeno o ninho.

— Adeus luxo, adeus todos os caprichos encantadores que são para as mulhers o que a riqueza e elegancia do ouro para a melhor obra de arte!

— Que importa isso, se eu sou linda por mim mesma, como vós tendes dito repetidas vezes? Mas talvez que tenhais mentido como ha pouco.

— Emfim, — exclamou tristemente Aronde. — Adeus prazer!

— O meu prazer é ver-vos a meu lado, ouvir-vos dizer que não me aborreceis demasiado e responder-vos eu que vos amo quando o mereceis, sem embargo, de que não acontece sempre.

— Oh! encantadora menina!

— Demais, vejo perfeitamente que quizestes experimentar-me com as vossas prophcias sinistras, vossas pinturas aterradoras, ais lastimosos. Mas ficastes corrigido, foi bem feito!

— Como? perguntou Aronde que cria estar sonhando.

— Sim, sem duvida alguma, senhor agoureiro, lisongeeas-te-vos com a ideia de estar arruinado....

— Ah! por exemplo!

— É a pura verdade vós vos vangloriaveis.

— Prouvera a Deus! Mas a desgraça é demasiado certa. Uma baixa incomprehensível me fez perder oitocentos e cincoenta mil francos em vinte e quatro horas. Por um momento acreditei poder lutar contra a corrente que me arrastava. Um homem excellente, generoso, Duplessis em Ernée, foi o unico que me extendeu uma mão amiga.

— Duplessis, dissestes. Não é o avô de Julia d'Appencherr, a encantadora joven que me fizestes conhecer, e que por presentimento sem duvida, a amava já de todo o coração?

— Esse mesmo. Por natureza leal e bondoso, como se encontram poucos entre os homens de negocios.

— Oh! quão agradecida lhe estarei meu amigo! Estai certo que d'ora em diante não o esquecerei nas minhas orações.

— Fareis muito bem. Teria sido salvo por tão excellente homem se houvera podido sê-lo, Desgraçadamente os cem mil francos que com a maior generosidade me prestou cahiram como tudo o demais no golfo desta baixa infernal para a qual nada bastaria.

E agora sem dinheiro, nem amigos, nem credito, nem nada, excepto dividas enormes sem contar os cem mil francos que devo ao veneravel capitalista de Ernée e a quem pagarei sabe Deus como! Neste momento tenho vinte mil francos em bilhetes, vendidos, protestados e julgados, que te-

rei que pagar em desesete dias, sob pena de ver a justiça invadir brutalmente a nossa casa, embargar até os moveis do vosso toucador, vende-los em asta publica e conduzir-me a Clichy pelo resto. Quizestes saber a verdade, Estrella. Pois ahí está bem clara. Não sabias o que era estar arruinado, agora o sabes. Sorris-vos?... Com effeito tens razão, a situação é divertida sobre maneira!

— Arruinado! arruinado!... Insistis nisso!... exclamou alegremente Estrella.

— Sim, na verdade, não pode ficar-se mais arruinado.

— Não tanto.

— Digo-vos que sim,

— E eu digo-vos que não, — accrescentou dando com o pé no chão por um movimento de forte impaciencia. — Arruinado! É tornar-vos mais interessante aos meus olhos? Meu Deus, que presumçosos são os homens! Pois bem, devo advertir-vos que esse trabalho será perdido. Arruinado! Tendes empenho de vos chamar arruinado por duzentos e vinte mil fraacos de dividas, sendo assim que resta o dote de vossa mulher que chega a trezentos mil!

— Estrella...

— Um dote que de *mo u proprio* me constituís-teis do vosso capital no vosso contracto de matrimonio por excesso de delicadeza para que vos fosse igual aos olhos do mundo, que não guar-

da consideração a uma joven casada e bonita, se não em proporção ao dinheiro que representa.

— Esse dote pertence-te, Estrella.

— Menos isso; eu não era mais que depositaria n'um caso determinado, agora mudam as cousas, e eu o devolvo.

— Nunca consentirei nisso.

— Haveis de consentir por força. — Terei que queixar-me — acrescentou rindo-se Estrella, — para vos obrigar a que o aceiteis.

— Esse caso seria novo em materia de pleitos conjugaes; mas sem embargo de ser tão estranho o perderieis. A lei não permite á mulher dispôr de nada sem o consentimento de seu marido.

— Que tyrannia! bem se vê que são os homens os que fizeram o codigo!

— É o consentimento nego-o terminantemente. Isto é a unica cousa que sempre obtereis nesta materia. Sempre me pareceu abominavel a conducta dos maridos que abusando do amor, da generosidade e mesmo da franqueza de suas mulheres, não tem o menor escrupulo de arrasta-las com elles ao abysmo onde os conduziu o acaso, a incapacidade, e não poucas vezes a má conducta. Eu não os imitarei; isso é resgatar as suas faltas com um crime. Falla-se em casos semelhantes de credores creados em proveito da coiedade conjugal e que ella deve satisfazer. Não sophisma! Acaso uma mulher que vos prestou sua juventude

de, sua innocencia, sua vida inteira, que aformoseou e consolou a vossa, que vos fez conhecer as felicidades mais puras deste mundo, acaso não é o primeiro, o mais interessante, o mais sagrado dos vossos credores? A lei assim o quiz, eu tambem o quero.

— Ah! é terrivel recusar assim o que vos pertence: não vos julgava de coração tão duro.

— Não fallemos mais Estrella, — antes quero abraçar um modo de vida o mais arduo, que tirar um real á pequena reserva, que pôde ao menos assegurar-te, minha doce e querida companheira, se eu morrer primeiro, senão a magnifica existencia que eu desejava em meus sonhos, uma posição modesta ao abrigo da necessidade, bem como aos noscos queridos filhos, se os tivermos...

— Sim, havemos de te-los.

— O que todo o filho deve a seus pais, não é a fortuna, mas sim os meios de adquiri-la. Assim pois deixemos já esta questão por favor. A situação não é tão desesperada que me obrigue a succumbir de todo. Recobro um pouco de valor vendo-te, ouvindo-te e admirando-te. Resta-me um recurso, recurso bem problematico, no caminho por onde me persegue o azar, e que não abandonarei como unica taboa de salvação, se quer por não ter nada que me cause remorsos: Quero fallar do interesse consideravel que tinha tomado no estabelecimento das ferrarias da Belgica. Era seguramente um grande estabelecimen-

to. agronomico e industrial, cujo plano eu acari-ciava com tanta esperança. Sinto muito renun-cia-lo ; mas é preciso. Amanhã partirei para Bru-xellas , venderei tudo , e assim posso ainda ha-ver uma bôa quantia, e dentro em oito dias tal-vez estejam satisfeitos completamente os nossos credores de Pariz.

— Bravo , meu amigo ! e então se quereis acreditar-me , deveis renunciar a esses infames negocios que não servem mais que para motivar cuidados. O que mais se lhes pôde dever é a ri-queza ; mas a riqueza , dissei-me , vale todas as inquietações que proporeiona quando se busca , todos os incommodos que causa quando se per-de ? Em vez disto podeis dedicar-vos a uma occu-pação positiva porque não é preciso que um ho-mem fique ocioso, uma ocupação honesta, pou-co lucrativa talvez, mas isempta de toda a am-bição febril : Retirar-nos-hemos a uma vida mo-desta , pouco brilhante mas tranquilla e doce , não e verdade, meu amigo ?

— Não podeis crer, Estrella, o prazer que experimento em ouvir-vos. As tuas palavras re-frescam a minha alma com um doce orvalho ; continuai, idolo da minha vida !

— Eu bem sabia que acabaria por ter ra-zão , — disse com malicioso sorriso , passando seu braço por debaixo do de seu marido , e a-poiando-se ligeiramente nelle. — Arruinado ! ar-ruinado !.. — accrescentou encolhendo os hom-

bros com um movimento cheio de graça e fazendo-lhe dar alguns passos com ella pela habitação, — arruinado !.. Com effeito, tinhas ar de homem arruinado; diz-me, meu amigo, causar-te-hia muito prazer ver-te arruinado ?.... Sim, não é verdade ?.... Vejo isso no teu sorriso. Pois bem, não quero contrariar-te mais.

Supponde que estamos arruinados, e em resultado vereis que é muito *suppôr*. Terminada a vossa liquidação, não nos ficará effectivamente, graças a esse dote que tivestes a perfidia de impor em bens, em vez de deixar-m'o em dinheiro de contado, sobre cujo assumpto, vos tendes mostrado tão implacavel, não nos ficaram, digo, mais que dez libras de renda em vez dos centenaes com que contaveis. Que faremos então sendo uns pobres arruinados ? Deixaremos esta formosa casa, tão vasta e magnifica, onde a gente se perde algumas vezes, e habitaremos outra mais pequena, situada em ponto mais alto talvez, melhor ventilada e da qual se verá o ceo mais perto. Ali ao menos viviremos juntos ouvindo-nos sem cessar e sempre presentes um para o outro. Já não teremos o immenso jardim desta casa tão formosa, mas tão triste, no qual por medo da solidão quasi nunca pomos os pés; mas teremos por jardim uma janella onde estaremos todas as manhãs entre aves e flores.

Deixaremos os dez cavallos, despediremos os trez lacaios, os *jokeys*, e os cocheiros que

agora temos, e que nos conduzem vestidos de ricas libras a essas festas onde nos enfastiamos frequentemente, mas em troca iremos certos domingos respirar o ar livre dos campos, com o chapéu de chuva na mão, a pé, os dois de braço dado como simples namorados. Durante o dia em quanto as vossas occupações vos chamarem fóra de casa, eu cuidarei de nossa familia, não tendo mais que uma simples criada em vez dos dez que agora nos servem. As' cinco quando voltardes, em vez dos grandes festins, e nocivos, em que cada convidado soffre mais ou menos o supplicio de Tantaló pela abundancia dos manjares e a difficuldade da eleição, encontrareis preparado um jantar modesto, mas feito com delicadeza, que não terá nada incitativo para o parasito, porem onde em occasiões não se verá excluida a amenidade. Á noite, em fim, a leitura, a musica, a companhia, a meditação, o theatro, o passeio, o concerto, o baile mesmo, ás vezes terminarão agradavelmente um dia tão bem empregado. Sim senhor, o baile forma tambem parte do meu programma.

Tanto peor se isto vos desgosta; não tenho tenção de viver como uma reclusa. Gosto do baile; não sou de origem crioula para nada; quero dançar algumas vezes, assim vos previno e vos convido para a primeira *wals*. Por outra parte podeis tranquillizar-vos; continuarei sendo coqueta, porque quero continuar a agradar-vos;

mas eu vos agradarei da maneira mais barata possível; as sedas estão agora muito caras, é admirável vêr que apenas serve para nada o que ha nas modistas. Vós vereis como estou bonita com o barato. Ora bem, senhor desesperado, que dizeis do meu plano! É modesto, mas não é muito para desprezar entre pobres como nós; a sabedoria consiste em saber cada um contentar-se com o que tem. Deixemos, meu amigo, o prazer á riqueza, e resignemo-nos simplesmente com a dita, posto que estamos arruinados.

Por toda a resposta se ajoelhou Aronde ante sua joven mulher, estreitou suas mãos e cobrindo-a de beijos exclamou com os olhos arrasados de lagrimas de ternura e admiração.

— Estrella, és um anjo! um anjo de ternura, de abnegação e de bondade! deixa-me adorar-te de joelhos!

Estrella se lançou radiante nos braços de seu marido. No dia seguinte partiu Aronde para a Belgica. No mesmo dia desta viagem o velho Duplessis, segundo temos visto anteriormente, occupava-se com Tiennette e Brionde dos jovens consortes em um dos gabinetes do Ranelagh, que celebrava a ultima festa da estação.

Quando os tres cúmplices tiveram concordado no seu plano abominavel contra Aronde e sua formosa mulher, separaram-se ao ruido que ouviram detraz do tabique do aposento immediato, o qual os fez recear, por um momento,

de terem sido escutados. Por quem? Seria Lallake que espiava a Brionde? Mas a indifferente Jupin parecia dar cada dia menos importancia aos gestos e operações d'um adorador antidiluviano para ella. Contava tres mezes de antiguidade!

Seria algum simples curioso? Que importava então?

Não seria emfim ninguem? Esta hypothese era a mais provavel.

No meio disto o certo é que o velho Duplessis voltou só a Pariz, d'onde devia partir no dia seguinte para regressar a Ernée. Com effeito, já o temos visto depois descarregar contra sua mulher o furor inspirado pelos ciumes mais implacaveis de todos os que são ciumes retrospectivos.

Pelo que diz respeito a Tiennette e a Brionde, abstiveram-se de entrar no báile, deixaram o barão Appencherr que conduzira a bailarina com Simona, e voltaram sós a Pariz.

— Aguardo, — disse Brionde á sua companheira de viagem tão feia no moral como no physico, aguardo as sabias instrucções que deveis dar-me relativas ao meu plano de campanha contra Mad. d'Aronde. Já vê-des que sou modesto. Outro qualquer teria dito para si: Não duvido que a vossa experiencia em materia de seducções vos inspirará excellentes conselhos.

— Seis um impertinente, meu querido, —

respondeu Tiennette, — porem não tenho tempo para ser susceptivel: escutai-me.

— Eu vos escuto.

— Vamos pois, — disse Tiennette a Brionde quando se encontraram sós na carruagem que os conduzia por cõusa de meia noite do Ranelagh a Pariz em consequencia da sua entrevista com o velho Duplessis, — vamos, visteis Mad. d'Aronde?

— Sim, hoje mesmo á sahida da igreja como disse ao velho Satanaz que nos acaba de deixar.

— E parece-vos essa mulher... bonita? — accrescentou a antiga amante d'Aronde com um sorriso, do qual o seu companheiro se teria assustado se a tivesse visto á luz dos candieiros da rua.

— Adoravel! Admiravel! incomparavel! — exclamou, — não me retrato.

— Fallais com um enthusiasmo que faz o elogio do vosso ciume, — respondeu agrememente Tiennette.

— Arruinar o marido e seduzir a mulher, é tirar todo o partido possivel.

— Só os selvagens é que poem uma só corda aos seus instrumentos.

— Bonita! — repettiu distinctamente Tiennette com um accento cheio de fel. — Sempre são bonitas as mulheres de nossos antigos amantes.

— Então que quereis! — respondeu Brionde, — a mania dos contrastes seduz e leva es-

ses senhores á belleza. Diabo ! Quando qualquer se decide a dar um cortê , não se necessita mais que fazê-lo agradável , de outro modo para que serviria o cambio ?

— Bonita ! — repettiu ainda Tiennette , — e sem duvida tambem de talento ? Os dois philtros ao mesmo tempo . . . Pois bem ; considerado tudo , mais vale assim. O talento e a formosura são um duplicado perigo assim como são um duplicado encanto. As nossas duas rolas o saberão á sua custa ; quando menos difficil seja a perda d'um , tanto mais terrivel será o castigo do outro ! Necessito a perda d'essa mulher ! D'essa mulher bonita , de talento , adorada , estimada , que me roubou o meu bem , o unico ser a quem hei amado !

— Silencio , imprudente ! — interrompetu alegremente Brionde. — O unico a quem tendes amado ! Similhante revelação poderia humilhar os pretendentes. A gente irrita-se quando é desenganada.

— Sim , — continuou Tiennette , cuja tactica era não censurar nunca immediatamente as insolencias de Brionde , seu inimigo mais encarnizado , a fim de as fazer espiar depois d'uma maneira mais sensivel : — sim , é necessario perde-la ou de facto ou simplesmente na apparencia , ou de honra ou de consideração. Por que meio ? Esta é a difficuldade e devo confessar com toda a franqueza que ha pouco me comprazia em que a eleição do Levelace influirá muito na virtude de Clarissa.

— Não tanto, não tanto, formosa dama, — replicou vaidosamente Brionde repettindo com a sua costumada crueldade o epitheto de elogio, — vamos ao que interessa, qual é o vosso conselho, conviria mais uma seducção por vias epistolares?

— Muito mais gostaria ver-vos pontear a viola debaixo das suas janellas. Já passaram os tempos dos Abeilardos e dos Almavivas. Demais a intriga por correspondencia é muito mais lenta. É um genero mui safado que offerece os seus inconvenientes. Passemos-lo por alto?

— Assombra-me o vosso horror ás correspondencias, — objectou maliciosamente Brionde, alludindo ás collecções autographicas de sua companheira de viagem. — Julgava que tinheis um gosto mais pronunciado pelas cartas?

— Sim, mas só as estimo segundo o valor da firma. Passemos adiante!

— Offereceria alguma cousa por salvamento?

— Oh! esse é um genero de seducção que mataram de facto os alcaides e os gendarmes. Não ha outro meio, meu querido, de arranear a uma mulher das chammas, de extrai-la pelos cabellos d'um rio, de liberta-la dos bandidos, de desvenenar-la, de tira-la d'um subterraneo, de salva-la, em uma palavra, de qualquer perigo, que começar creando o mesmo perigo. Mas se tratar-des de envenenar-la, de submergi-la em uma cova, de pegar fogo á sua casa á vista da companhia de seguros, sereis condemnado ás galés para sempre.

É preciso deixar o salvamento aos cães da Terra-nova. Passemos adiante.

— Que diries vós da audacia ?

— Que se lhe chama imprudencia por parte de algumas gentes.

— É possível ? Logo se em um excesso de paixão delirante eu assaltasse durante a noite vosso gabinete por meio d'uma escada de corda, não encontrarieis mui galante semelhante acto de temeridade ?

— A bella pediria soccorro e como a ronda teria levado a escada, ao passar, terieis que partir a cabeça para escapar-des das pauladas dos criados.

— Diabo, diabo....! Bem ; e se em lugar da escallada empregasse simplesmente como modo de introduccão a caixa do relógio, a mala, o fardo onde introduzido fosse transportado por quatro moços pagos sob pretexto de levar algumas mercancias ?



CAPITULO XI.

A GURRA DAS JANELLAS.

— Não seria de todo máo com uma linda musica; mas tambem seria faeil que ficasses suffocado no fundo do hermetico caixão. Passemos a outra cousa.

— Ah! já persebi; installo-me desde pela manhã á sua porta e não me movo nem de dia nem de noite para que me observe enfim quando passe.

— A mulher passará sem observar-vos, e o marido, tomando-vos por algum vadio, vos mandará retirar d'ali.

— Estais bem desarrezoada.

— O que estou é muito providente.

— Então que devemos fazer? Ah! Já creio

ter dado com a difficuldade. Que vos parece uma bôa dose de versos da minha lavra?

— Que não teria nem rima nem razão.

— E se lhe enviasse todos os dias um ramalhete de flores symbolicas.

— Bôa lembrança. Conhecendo a origem as daria á sua criada para que perfumasse o seu quarto. O ramalhete symbolico começa por ser collocado na cathegoria dos utencilios do antiquario com a lança de D. Quixote, o elmo de Mambrino e a banda de Amadis. Mas já que tendes certa atracção para a idade media porque não fallais em vestir-vos das mesmas cores que a bella: paletó amarello, collete roxo, calça verde claro, e chapéu de aba levantada. Deste modo sobresaia melhor a vantagem que um levava ao outro. Porque enfim, não fallais de fazer inserir na quarta pagina dos jornaes uma provocação heroica aos insolentes detractores de vossa Dulcinea, desafiando com espada, e pistola, a pé ou a cavallo, a todo o vilão que se negasse a reconhecê-la como a mais bella entre as bellas, e a mais sabia entre as sabias? Os meios de que dispondes vos permitem essa galanteria a trez francos cada linha. Isto provavelmente lhe valerá o elogio da vossa capacidade.

— Decididamente renuncio a elle. Não; fica-me um ultimo recurso muito mais proprio das circumstancias do dia. Espero-a a todas as horas no momento da sahida, sigo-a d'uma par-

te á outra, aproximo-me, fallo-lhe e lhe declaro o meu amor... durante o caminho, peço-lhe uma entrevista em Mabile, offereço-lhe um jantar em casa de Flicoteux, e lhe proponho passar depois a noite nos Funambulos. Se se obstina em uma negativa, appello á poesia e lhe recito alguns versos. Depois disto desembainho a minha nobre espada, a espada de meus illustres pais, minha excelente folha de Toledo e ameaço a cruel... com atravessar-me na sua presença.

— O peor é que ella diria « faça-o » e como vós não sois homem para o fazer, ella seria mulher para que vos encerrassem no primeiro corpo de guarda. A mania de seguir as mulheres não pertence já mais que aos camponios, aos polacos sem emprego, aos escreventes da curia e aos *Foubles* privados de toda a especie de moeda. Emfim, falando-vos como amiga, devo dizer-vos, que o som agudo da sua voz não é apto mais que para publicar o curso da renda na Bolsa e ganhais cento por cento se manejaes só pela pantomima.

— Na verdade que sois bem difficil de contentar; — exclamou Brionde rindo-se, e me admira que tenhais sido seduzida tão frequentemente. Mas isto é zombar demasiado em assumpto tão grave. Uma vez não faz lei.

— Com effeito estais hoje cheio de engenho.

— Sem duvida ! era preciso amenisar um tanto a nossa entrevista, era necessario matar o tempo. Já temos andado as tres quartas partes do

caminho sem sentir o menor tédio. É um resultado famoso, que estou longe de sentir pela minha parte; mas tudo tem seu termo. Eis-nos já na entrada dos Campos-Elysios, e é tempo de falar judiciosamente, se acaso vos não molesta.

— Consinto, querido interlocutor, porque segundo parece, vos encontro hoje inspirado. Mas começemos por assentar em que a galanteria tem perdido em nossos dias o caracter natural e novellesco que teve em outro tempo. O amorsinho, não digo o amor, só tem dois moveis principaes na nossa epocha: o interesse e a vaidade; o interesse que se vende, e a vaidade que se dá; o interesse, ao qual deslumbram os diamantes, as cachemires, os escudos; a vaidade, que se exalta por tudo o que lisongeia seus mil caprichos. Ah! se fosseis um grande Capitão, um grande politico, um grande artista, um grande poeta, um grande mechanicó, um grande tambor mór, um grande philantropo, um grande naturalista, e sobre tudo um grande comico!

Se tivésseis ganho a batalha de Cannas, achado a monarchia constitucional, edificado a São Pedro de Roma, versificado a *Iliada*, esculpido a Venus de Millo, pintado o *Naufragio de Meduza*, publicado a sopa economica, aperfeiçoado o sacabuxas, criado os dentes artificiaes, dotado ao mundo o rataplan, imaginado a vacina, representado o *Hamlet* ou descoberto a bugia chimica allemã, não pediria mais! e deverieis estar segu-

ro do tryumpho. Facilmente se chega ao coração pela cabeça, e á phantazia pela imaginação. Converte-se então em uma questão de amor proprio, e não em amor. Mas conheço que não sois capaz de fazer nenhuma d'essas grandes cousas que tenho dito, e assim é necessario adoptar outro meio de conquistar a imaginação da bella. E esse modo, o meio de que sois capaz, e que já vos indiquei, é a guerra das janellas. Nada mais proprio para picar a curiosidade d'uma mulher, para despertar sua alma, para estimular a sua imaginação. Ora confessar-vos eu este meio sendo mulher, é quasi fazer traição a um segredo de franemasonaria, mas o fim justifica os meios.

— Tranquillisai-vos, o Pentateuco original me pareceria menos hebreu que similhante taelica, ao menos até agora.

— Vou explicar-me de maneira que ponha o assumpto ao alcance de todas as intelligencias. Ide habitar uma casa em frente da bella; rodeai-vos de excentricidades, fazei mil extravaganeias para chamar a sua attenção, mas sem faltar-lhe ao decoro; obrigai-a, não importa como, sempre que apparente não quere-lo, a que se ocupe da vossa pessoa. Ella começa talvez por se rir. É mui natural. Depois se esforçará por adivinhar o inevitavel enygma; se acostumará por graos a ver-vos sem desgosto, e está feito o negocio.

— Assim chegareis a ser para ella uma distracção, uma necessidade, depois de ter sido uma

mófa, uma raridade e um logogrifo. Será como a agoa que tanto dá na pedra que a gasta. Mas o que ha de certo, é que no cabo de alguns dias não sereis uma pessoa extranha para ella, mas sim um vezinho. Não sereis uma novidade, mas sim uma cousa conhecida. Abandono os pormenores á vossa sagacidade, de que tendes dado muitas provas, e occupo-me só do conjuncto.

— Olá! olá! isso não é já tão descabellado?
— exclamou Brioude.

— Assim preparada esta filha de Eva, das duas uma: ou a curiosidade a arrasta a substituir comvosco o idioma oral ao telegraphico, em cujo caso podereis declarar-lhe verbalmente o vosso amor, sem que uma entoação mais ou menos forte a obrigue a retractar a permissão, porque o effeito desagradavel que vos possa causar, será protegido por uma illusão concebida de antemão, ou bem como mulher de excellente gosto escolherá o conservar-vos n'esse alojamento respeitioso que tão bem assenta a certas pessoas, e então não a tendo atrahido apesar do vosso interessante e publico manejo, tereis a doce satisfação de a ter compromettido. Pela maneira que entraes no jogo deveis ganhar tudo e nada perder. A occasião agora não póde ser mais propicia: por um lado a mulher está arruinada; póde amar-vos sem temer. Que importa uma desgraça mais ou menos? Por outra parte, o marido acaba de partir para a Belgica. Logo, como na ausencia de todo o ri-

val, tendes direitos incontestaveis á preferencia.

— Oh! Tiennette, Tiennette! sois pelo menos Mad. Belzebu. Mas eis-nos já á sua porta, á porta do inferno: deixo-vos nelle como Dante deixava a sua esperanza. Separemo-nos. Terei o vosso odio ao corrente de quanto máu succeda, e demais por outra parte podeis contar com a minha gratidão. Olvidai algumas ligeiras phrases, demasiado francas talvez. Sêde tão magnanima como bella, e eu vos prometto desde hoje não dizer jámais nada de quanto máu pense de vós.

— E eu, Brionde, juro em troca não pensar nunca de vós o bom que não o diga.

— Está concluido o ajuste. Não faltam mais que os mochos, as chammas verdes, e o aroma sulfuroso de *Robim dos bosques*.

— Póde passar-se sem esses preciosos accessorios; o principal são as balas que já estão fundidas. Não vos descuideis, bôas noites.

— Bôas noites, Tiennette, ide dormir em paz o puro somno da innocencia.

— Na mesma manhã do dia em que se tinha verificado a entrevista nocturna, Brionde esteve disposto para executar as instrucções de Tiennette, feia creatura que possuia, segundo ella o affirmava, todos os segredos das mulheres bonitas, não só na sua mente mas tambem nos seus armarios.

— Brionde allugou em frente da casa de Aronde uma habitação grande e espaçosa, situa-

da no mesmo nivel que a da sua futura victima. Por uma idéia digna da sua phantastica imaginação e dos encargos excentricos que Tiennelle lhe tinha feito, o seu intermediario o tinha annunciado ao porteiro como um turco, um rico oclomano, Mustafá-Ben-Poputacci, que viajava de Stamboul a Pariz unicamente para contemplar a columna da Bastilha.

Uma vez observada a tal columna, regressaria a Constantinopla; mas antes havia de examina-la um numero determinado de vezes. Era um desses espectaculos nos quaes a admiração oriental difficilmente podia saciar-se.

O personagem Mastafá-Ben-Poputacci tinha chamado a attenção na casa, e aquella vez o porteiro estava orgulhoso de ser francez, não só por contemplar quando queria a columna, senão ainda por vê-la contemplada por um oclumano.

Tendo Duplessis aberto ao supposto turco um credito illimitado para a realisação dos odiosos projectos que sabemos, a habitação de sua alteza se tinha mobilado como por encanto em vinte e quatro horas. Os tapeceiros em Pariz offercem lances curiosos. Se os encarregam d'um canapé, fazem esperar um anno inteiro, mas se se lhe encommenda uma mobillia completa, fica-se servido n'um instante.

Em quanto que vinte obreiros mobillavam, armavam e adornavam aquelle domicilio, Brionde se occupou da composição da sua cria-

dagem. Buscou um negro e dois negrinhos que disfarçou em casa de Robin de suppostos orientaes; vestiu-se elle mesmo com um d'esses trages de pura phantazia, como cotumam a leva-los ao theatro certos actores tragicos, transformou o seu criado de camara em mameluco, outhorgou-lhe plenamente a sua confiança e o encarregou da intelligente direcção dos comparças; emfim, ao anoitecer, depois de ter reunido os Osmanlis em duas gondulas, Mastafá-Ben-Poputacci fez a sua entrada, o menos solemne possivel na sua magnifica habitação, que o esperava havia uma hora. O porteiro o recebeu com a cabeça descuberta, fazendo-lhe mil saudações e admirando a um turco que vinha de tão longe expressamente para admirar a columna.

No dia seguinte pela manhã, Mad. d'Aronde lhe deveu um excellente momento. Triste ainda pela partida de seu marido, porem alegre pelos magnificos projectos de retiro que tinha formado com elle, a bonita crioula abriu a janella para dar entrada ao sol que amava tanto como a um compatriota. Então divisou defronte no outro extremo da rua, mui larga n'aquelle sitio, um turco de especie singular. O filho de Mafoma estava sentado com as pernas cruzadas sobre uma pilha de coxins que chegavam ao nivel da janella. Trazia um vestido largo de seda encarnada, tecido de ramos, aberto pela frente, deixando ver uma especie de lunica de setim bran-

co sujeita com um cinto comprido. Umas espessas barbas postiças rodeavam o rosto. A cabeça estava adornada com um turbante branco entrançado com uma rica facha que rematava em meia lua; do seu colo pendia um largo collar de pedras; emfim um dos negriños fixava na bocca de seu amo um caximbo de comprido tubo de marfim, adornado de filigrana, e de borlas de seda; em quanto que outro tinha gravemente a uma distancia proporcionada do heroe, a espada curva em meia lua, a cimitarra dos feros Osmalis, que durante tantos seculos ha feito tremer a christandade.

Mad. d'Aronde não pôde deixar de contemplar oquelle espectaculo tão imprevisô, cuja significação não se explicava ao principio.

— Bravo! disse consigo Mustafá, — já me divisou!... Santo Deos! que bonita é!... Tinha razão Tiennette recommendando-me a excentricidade. O extravagante atrahê as mulheres de mui diverso modo que o singello, o natural e o sensato. Se me tivesse apresentado como um petimetre aos olhos da bella, teria sido para ella um homem commum, um de tantos, um homem perdido emfim. Nem se quer teria olhado para mim. Mas agora me olha com attenção por causa deste trage estrambolico... Oh! que bonita é!... Por outra parte similhante disfarce me deixou mui boas recordações, porque seria impossivel, calcular o numero de victimas, que graças a elle, tenho fei-

to nos bailes de mascaras da Opera. Oh! que linda é... Não sei porque não hei de obter igual exito pondo em jogo o mesmo meio. No amor, como na mechanica, ha proeedimentos infalliveis. Tal roda combinada com outra, não pôde deixar de produzir tal resultado... Oh! que linda é.

Louvando deste modo Mustafá o seu engenhoso estratagemma, mostrava todas as graças que a Turquia de convenção pôde professar em simillhantes circumstancias.

— Meu Deos! é um turco! — que figura tão extravagante! — exclamou pala sua parte Mad. d'Aronde soltando emfim uma gargalhada que reprimia a custo.

— Ri-se, — continuou Brionde fazendo mais gestos ainda. — Zomba de mim. Brabo! bravo! O programmá de Tiennette se executa ao pé da letra! Oxalá vá assim até ao fim! Já creio que me vou enamorar formalmente! ... Deos, que bonita é!...

Em quanto ao demais a conquista de Mustafá não se limitava á Mad. d'Aronde. Sua excellencia julgou ouvir algumas gargalhadas que saiam detraz de umas tabuinhas de certa janella da sua propria casa, correspondente á habitação contigua á que elle occupava. Em vão se inclinou para fóra, porque não pôde divisar o autor d'aquellas risadas anonimas, que pareciam esconder-se com affectação detraz das tabuinhas.

O que unicamente pôde ver foi uma mão

branca e delicada revelando-lhe que o auctor pertencia ao sexo femenino. Similhante descoberta o encantou tanto mais, quanto que excitou a sua curiosidade.

Esta primeira scena de grutescos ademanos e de gargalhadas por parte de Mad. d'Aronde, se repettia vinte vezes ao dia. A joven acabou por encontrar uma diversão agradável e util para acalmar as inquietações que lhe inspirava a viagem de seu marido, e certamente teria estado mais triste por sua ausencia se lhe houvera faltado o extravagante vesinho.

— Bravo! bravo! — dizia consigo d'Aronde. — Já chegou ao estado do costume. Tiennette é diabolica! Deos eterno, que bonita é!

Ao terceiro dia foi Tiennette ao anoitecer para saber noticias do trama commum.

— Excellentes! — lhe respondeu Mustafá. — As vossas prophecias cumprem-se ao pé da letra, até com uma espantosa precisão. Obtenho o triumpho das gargalhadas. Alcides Tousset teria ciumes. Somente que me parece isto algum tanto monótono. Porem Deos meu, que bonita é!

— Bonita! bonita! . . . Vós é que vos fazes monótono. Esse o defeito que vós tendes. Não se progride detendo-se em um sitio. Avante! avante! Aprovo a ideia do vosso disfarce, e ate me assombra que seja devida a vós só. Porem não ha boa theoria sem pratica. Esse traje extravagante authoriza para uma infinidade de a-

trevimientos que o paletot francez não poderia permitir impunemente. Sê-de audaz a pretexto que é costume no vosso paiz e que desconheceis os do nosso. Sobre tudo mostrai-vos generoso. Este será o melhor modo de fingir. Porem retiro-me. Temo que a minha presença possa prejudicar-vos.

— Podeis estar tranquilla; não ha medo que vos tome por uma rival.... Deus santo, é tão bonita!....

Mustafá seguiu cada vez mais as inspirações da fea Egeria. A partir d'aquelle momento fazia cada dia uma nova extravagancia.

A primeira foi levar as mãos ao seu turbante inclinando levemente a cabeça em signal de saudação. A joven inclinou-se do mesmo modo não dando nenhuma importancia a semelhante acto de cortezia por parte de Osmanlis. Ella se pôz a rir com maior força. Novo triumpho.

— Oh! Deus que bonita é! — exclamou como de costume.

Ao segundo dia teado julgado divisar um formoso louro rosa em uma elegante jardineira collocada no meio da salla da joven, encarregou ás floristas uma collecção de jardineiras e de louros iguaes, com os quaes encheu as sete janellas do seu quarto. Assim que appareceu a joven, lh'as mostrou elle disfarçado com uma mão levando a outra ao coração.

A joven tomou aquelle gesto e a parodia dos louros por uma das deferencias e attentões

sem consequencia do Oriente, paiz das flores e dos tregeitos. Ella agradeceu ao compatriota das huris, com um engraçado movimento de sua mão tão delicada, e se poz a rir mais fortemente ainda... Novo triumpho.

— Oh Deos que bonita é!

No dia seguinte Mustafá quiz expressar-lhe a sua admiração, fazendo telegraphos á maneira dos visionarios do Bosphoro. Levou a mão ao seu proprio rosto, depois indicou com o dedo o de sua visinha, abanou a cabeça em signal de desdem e levantou os olhos ao céu como para proclama-la a ella superior á lua, ás estrellas e ao sol.

— Este pobre turco tem trabalho em revelar-me que sou bonita. Não valia na verdade a pena que viesse de tão longe para communicar-me semelhante noticia. Bem o sei ha muito tempo e sou feliz, sem estar orgulhosa de que a minha formosura só pertença á pessoa a quem hei dado a minha vida.

A joven, comtudo agradeceu ao turco a sua bella noticia; fez-lhe uma afavel saudação e principiou a rir com mais força. Novo triumpho.

— Oh Deos, que bonita é!

No dia seguinte o compatriota de Aboukassem quiz entrar em fim na era da generosidade. Enviou o seu mameluco a alugar um orgão de Berberia. O mameluco convertido em Saboyano por momento, foi tocar debaixo das janellas do seu amo as arias mais populares então.

Fingindo Mustafá uma demasiada afecção á musica e cedendo á vez á sua generosidade natural, deitou pela janella varios punhados de moedas de ouro que lhe devolveu o criado assim que se converteu outra vez em mameluco. Porem antes que fizesse esta nova metamorphose, o esplendido protector das bellas artes lhe fez signal de que fosse tocar debaixo das janellas da sua encantadora vesinha. Esta tapou os ouvidos e partiu a correr rindo-se com mais força. Novo triumpho.

— Oh Deos que bonita é!

Todavia já estava proxima a hora dos contratempes. No dia seguinte animado por tantos triumphos successivos, se atreveu a levar as mãos á bocca sempre á maneira dos jenizaros e enviou uma serie de beijos á joven. Estrella soltou o riso ainda com mais força d'aquella vez; porem era de compaixão. Depois disto, encolhendo os hombros com desdem, desapareceu da janella. Primeiro contratempo!

— Que pena! era tão bonita!

Não vendo o astronomico oriental brilhar a sua querida Estrella no horizonte, julgou mais oportuno armar suas mãos de um descarado oculo de longa vista, dirigi-lo para o lado da ausente e busca-la na penumbra do seu imperio. Porem as explorações foram curtas: uma gargalhada mais forte ainda que de costume se deixou ouvir por detraz de uma co lina que se collocou immediatamente diante do chrystal audaz, fazendo impossivel

vel toda a explicação ulterior. Novo contratempo.

— « Que pena ! Era tão bonita ! »

Tomando muito máo aspecto os negocios de Mustafá, resolveu dar-lhes outro giro por meio de um escandalo. Juntou o seu mameluco, o seu negro e mais dois negritos e lhes entregou a um uma caixinha cheia de jóias ; a outro um cofresinho atestado de cachemiras ; aquelle uma condeça adornada com flores cheia de doces e biscoitos, e a este uma bandeja cuberta de copos de doce. O total deste regalo verdadeiramente oriental havia custado quinze mil francos do generoso credito que o velho Duplessis havia aberto a sua excellencia.

Mustafá como homem que sabia as suas *Mil e uma noites*, deslizou no cofresinho das cachemiras uma declaração escripta em pergaminho enrolado, no verdadeiro estylo do Coran. Ainda esteve tentado a accrescentar em apoio dos seus sentimentos alguns camelos e dromedarios, unindo ao conjuncto uma comitiva de coristas acompanhados de seus pretinhos, segundo costuma praticar-se no *Oriente* ; porem retrocedeu ; não ante os gastos que lhe importavam bem pouco, se não ante a policia que lh'o houvera impedido.

Ai ! Preciso é dize-lo ! A joven o recusou, e seus criados, participando da indignação da sua senhora, lançaram vergonhosamente da casa para fora os enviados de Mustafá, pondo em derrota a pontapés a quantos se apresentaram. Elle teve o

sentimento de presenciar desde a sua janella o infortunio da sua gente, e para maior humilhação ouviu um riso mais forte ainda que todos os anteriores que acompanhava de longe os vencidos em sua fuga. Ultimo contratempo.

— Ah! Que pena! — exclamou estupefacto, — era tão bonita!

Cousa estranha: cada uma das gargalhadas que se deixaram ouvir desde longe com motivo das circumstancias que acabamos de referir, encontrou um debil porem fiel eco detraz das impenetraveis tabuinhas cuja vesinhança o punha em tanto cuidado.

Tiennette o encontrou cheio de espanto.

— Tudo está perdido! — lhe disse.

— Ate a honra! — accrescentou ella. Eia, é preciso mudar de plano. A serpente nada póde nisto. Ao tigre agora!



CAPITULO XII.

LAÇO.

DEPOIS das e estereis manobras de Brionde; quando teve appellado inutilmente á munificencia oriental em apoio da sua paixão desgraçada, a humilhação que soffreu de sua derrota foi maior para elle, segundo temos dito, porque ouviu repetidas vezes um riso afogado que mofava clandestinamente detraz das tabuinhas immediatas.

Em varias occasiões havia já divisado uma mão branca ornada de anneis deliciosos. Finalmente distinguiu a ponta de uma finissima renda e viu brilhar dois negros olhos atravez das tabuinhas. Não cabia duvida. Era uma mulher, elegante e de bons olhos. A imaginação de Mustafá-ben-Paputacci se lançou immediatamente pelo vasto campo das conjecturas.

— Vamos, — disse consigo com a sua fatuidade ordinaria, — eis-aqui o que prova que sempre é bom atirar ao acaso a um bando de passaros; geralmente costumam cair alguns. Apondo em frente ao mais encantador dos rouxinoes, e sem saber como, dá o tiro em um pardal ao meu lado. Isto demonstra pouca destreza, porem sempre é ditoso como quasi todos os lances da caça. A julgar pela constancia desta mysteriosa espia, não deve estar tão perto de mim desde oito dias a esta parte por simples curiosidade. Talvez terá pensado que depois de uma negativa formal da vizinha defronte (Deos, que bonita é!) deitarei para ella o meu lenço! Se é assim, enganou-se. Porem, que mal organisadas estão as cousas deste mundo! Adoro a outra (porque debaixo de minha palavra de honra conheço que a adoro), e a cruel tem o gosto de detestar-me. Esta, quem sabe? me adorará talvez e eu sou a meu turno o que a abomino! Porem, quem diabo poderá ser? Não desgustaria conhecer a minha victima!

E como não tivesse nada que fazer emquanto aguardava o outro plano de Tiennette, enviou o seu escudeiro a informar-se.

— Amo mio, — disse ao porteiro o supposto mameluco fazendo de um oriental completo, — querer sa quien ser la huri que habitar el quarto al lado del nostro. Comprehender V.^{ca}

— Perfeitamente, senhor turco — respondeu Corniquet, — é dizer, comprehendo sem en-

tender palavra. E é admiravel! Essa é uma lingua que sei naturalmente sem a ter nunca aprendido. Certamente é uma lingua bella assim eu viva! Eu errei a vocação; em vez do tirapé devera ter levado com a palmatoria. Mas perdão, senhor turco, fazieis a honra de perguntar-me?.

— Eu perguntar para amo mio quem ser la....

— Ah! bem, bem! estou nisso, é uma dama.

— Ser coven?

— Joven, senhor turco: é joven sem o ser, está entre o sim e o não.

— Estar bonita?

— Isso depende de gostos; é bonita sem o ser.

— Estar honesta?

— Ah! diabo, esta vez apanhou-me! — exclamou mestre Corniquet, o qual á força de saber o árabe e de ter outros estudos, acabava por não comprehender o francez quando era mui simples. — Honesta, honesta, — accrescentou batendo na testa em signal de duvida, — é essa uma palavra que não comprehendo de todo. Diz-me maama Corniquet, o senhor turco perguntar-nos se la dama del quarto principal estar honesta. Comprehendes tu isto?

— Oh, torpe! Está bem claro. Quer dizer que se tem algum! Que estúpido és!

— É verdade, é verdade; perdão, senhor turco, não tinha dado de repente. Deus meu!

Em quanto a isso bem conhecer V.^o que não é facil metter-se nos negocios de casas alheias. Nós-outros somos porteiros; cumprimos religiosamente com o nosso dever, varremos, tocamos a sineta e nada mais. Uma vez que o inquilino paga exactamente o seu ajuste, justo é que não cause prejuizos na escada, que não deite a baçoura pelo chão, que não falle com descaramento e sem attenção, e o demais não nos importa de maneira alguma.

— Cala-te, fallador! — interrompeu Mad. Corniquet apoiando-se na sua baçoura, e encolhendo os hombros. — Vais defender essa vaidosa que não é conhecida de ninguem? Bons lançes offerece! Uma mulher que aluga um quarto aqui, na casa de vosso amo no mesmo dia que este se muda e que só traz uma cama, uma mesa, uma marquezia, uma cadeira, uma mala e livros!

— Que te importa a ti? — objectou Corniquet, — ella pagou o seu aluguer adiantado. Quando digo ella, é ella sem o ser.

— O seu cavalheiro, sim! — respondeu maama Corniquet, — sempre o mesmo, alto, mais cumprido que um dia sem pão, e que regularmente vem a passar com ella uma ou duas horas todas as noites.

— Sim, mas é a unica vesita que recebe, entretanto que em tempo da anterior inquilina,

parecia isto uma procissão e era preciso varrer a escada dez vezes ao dia no inverno.

— Ao menos não era orgulhosa; não era como a arremelgada d'agora. Refiro-me a vós, senhor turco. Veio ao anoitecer do mesmo dia que vós. Vinha vestida de preto com um veo tão espesso, que não pude ver-lhe o rosto; passou por aqui orgulhosa e cheia de vaidade sem dar-nos as boas tardes e absolutamente o mesmo que se houvera entrado em uma cavalhariça.

— Bem, — interrompeu Corniquet, — porém havia-nos dado 20 francos de signal pelo seu cavalheiro. Cuidado que é negocio!

— Emfim, — respondeu maama Corniquet, — há hoje nove dias que se installou no quarto e não se mexeu mais. Eu pergunto-vos se isto é conducta!

— Estar com effeito mui ruim, — respondeu o mameluco improvisado.

— Cala-te! tambem se diz mui ruim em árabe?

— Já.

— Tambem se diz já?

— Ies.

Tambem se diz ies?

— Sim senhor.

— E sim senhor tambem? Que bella lingua, que rica é e que variada!

— Em troca, — continuou maama Corniquet, senão poem o pe na rua tão pouco tira d'

ella os narizes. Não se move detraz das tabuinhas, como se vê debaixo. Deos me perdoe, não me assombraria que o vosso amo lhe houvesse dirigido seus tiros.

— Crer V.^{co}

— Sim, a julgar pelo que se observa, e na verdade que é um homem bem formoso. Mais valeria esse para a donzella que não o seu gazzarrão, verdadeiro criado que não se envergonha de trazer-lhe as provisões á noite como um simples taberneiro. Eu nestas alturas se houvesse tido meios de amar muito a alguém....

— Agradecido pelo favor, — exclamou Corniquet, — e a mim tomas-me acaso por algum mono dos bosques ?

— Tu és diferente, tu não és alguém, senão o meu esposo. Pois bem, não houvera permittido ja mais que se houvesse rebaixado em nada. Por exemplo, se a meu marido lhe desse o capricho de fazer-me pelas manhãs o café com leite, que por certo o tomaria ás mil maravilhas, lhe guardaria tanto respeito como á sola do meu çapato. Esta é a minha opinião: o homem deve conservar o seu posto. Porem perdoai, senhor turco; o meu esposo entretem-vos aqui com as suas simplicidades; oh, é tão fallador!

— Está bem que a trates de severa quando tu fallas pelos cotuvellos!

— Sempre que se suscita alguma questão do bello sexo se torna insuffrivel. Oh, é uma pol-

vora! Não ha meio de conte-lo. Se fosse a dizer o que me faz passar com o seu genio!

— Sim senhora; porem eu desculpa-lo mui bem por ter-me aperfeiçoado na lingua franceza.

— Demonio! é verdade, — respondeu Corniquet, — assim nos ensinamos mutuamente; eu ensino-vos o bom francez, e vóz a mim o bom turco. Da-me do teu e te darei do meu. Dizei-me vós uma cousa; é verdade, como tenho ouvido dizer muitas vezes, que entre a gente do tom do vosso paiz tem cada um quinhentas ou seiscentas mulheres?

— Que horror! — exclamou maama Corniquet, cubrindo o rosto com o espanador.

— Não o encontro eu tão estranho, — replicou seu marido, — estando admittido pela bõa sociedade....

— Gostarias tu de viver n'aquelle paiz, velhaco?

— Se houvera nascido n'aquella religião, não digo que não. Porem, senhor turco.... o decoro não me permite fazer-vos estas perguntas diante de minha mulher. Se maama Corniquet nos dá o gosto de retirar-se um pouco, seguirei. Deixa-nos fallar um momento entre homens sós.

— Sempre com atrocidades! Porem não quero ouvir taes blasfemias. — (Afasta-se de prompto e em seguida volta pé ante pé a collocar-se de traz de seu marido.)

— Pois então, — redarguiu em voz baixa Corniquet, — como é que, senhor turco, o vosso amo não trouxe consigo o seu serralho.

— Estar muito fragil.

— Eu no seu logar me teria arriscado a transporta-lo. Quem não se arrisca não passa o mar. Na verdade, seiscentas mulheres para um só, é cousa que não se tem em França onde cada qual se contenta com uma, que as mais das vezes é sua sem a ser. Emfim, não importa! O certo é que o vosso amo não recebe outra visita alem de certa moreninha que veio hontem ao anoitecer mui recatada.

— I és, porem ella venir pur buono motivo. Ella estar flaca e mui virtuosa. Os turcos no querer ni uno ni otro.

— Eu juro que não sou da sua opinião.

— Ah! ah! todavia vós estais elogiando as outras mulheres! — exclamou Mad. Corniquet amiaçando com o punho o seu esposo.

— Olá, escutava-nos!

— Sim, monstro, e ouço fallar de bellas! Porem falta ainda o melhor. Dizei-me, senhor turco, eu sou gorda, pesava cento e noventa libras na ultima festa dos Campos Elisios. Pois bem, por dois liares partirei comvosco para a Turquia. Levai-me vós. Ali ao menos serei apreciada em meu justo valor, entretanto que aqui sou desprezada por este homem malvado. Tem passado a sua vida em fazer-me seccar de ciumes.

— Ao menos não é o peor que eu me tenha conservado firme, — respondeu o ingrato rindo-se. — Porem dizei-me, senhor turco, ultima pergunta. Fizestes a honra de dizer-me que o vosso amo tinha vindo á Erança só para examinar a columna da Bastilha.

— Oh! iés, unquammente.

— Bem, pois então, porque tem elle passado nove dias sem sair de sua casa.

— I bien?

— E bien.

— I bien?

— Que é impossivel examina-la d'ese modo.

— Elle examinar-la lo mismo.

— Como diabo se regula?

— Ter debaixo de seu relógio uma columna em gesso i contemplar-la todo el giorno i toda la note. Quando haver sufficientemente contemplar-la, volver elle mui contente á Turquia.

— Oh! bravo! comprehendo. Isso é na verdade mui commodo: assim axamina a columna sem cançar-se, nem molhar os pés; isso é ve-la de casa, em uma palavra, é vê-la sem a ver.

— Oh! ia.

— Vamos, vamos, puxa a campainha! — interrompeu Mad. Corniquet que se havia separado. — Não ouves que estão batendo á porta ha um seculo! Puxa, puxa, ao depois fallarás da colum-

na. Sem duvida, alguma conquista. As mulheres fazem-te perder a cabeça.

Corniquet tocou a campainha. De repente entraram duas mulheres. Uma d'ellas era velha e feia; a outra joven e formosa. A primeira limitou-se a dizer quando passou pelo portão. Ao quarto principal. » Depois partiu diante e a joven seguiu precipitadamente.

— Em! em! — exclamou alegremente Corniquet. — Ha pouco tinha dó do vosso amo por falta do seu serralho... e vê-de vós por onde vem uma odalisca sem o ser!

— Oh! iés! — respondeu o supposto mameuco, — porem diabolio eu subir prompto por introduzir las senhoras em casa de meu illustrissimo maestro el senhor Mustafá-ben-Paputacci. Eu no despedir-me, porque volver mui prompto.

Aquella mesma noite uma hora antes da burlesca conversação que acabamos de estenographar em respeito á verdade, batiam fortemente á porta do quarto de Mad. d'Aronde.

— Quem poderá vir a esta hora estando ausente meu marido? — perguntou á sua criada. — Dizei que não estou.

— É uma velha mui arrebicada — respondeu a criada, — que diz ter que revelar-vos cousas de grande importancia.

— Que venha amanhã, — replicou Estrella.

— Ao parecer devem ser assumptos mui interessantes para o senhor, — respondeu a criada

— Para meu marido? Oh! então que entre.

A criada introduziu a desconhecida. Era a mesma a quem os nosos leitores conhecem já com o nome de Cabeça de Pipa.

— A velha comica havia tomado aquella noite uma linguagem mais linsongeira e um aspecto mais doce e mais suave. Descencaixava seu rosto descarnado um sorriso perpetuo como o das bailarinas em scena, e por conselho sem duvida de alguma mulher de gosto se havia despojado no seu *toilette* dos europeis com que se adornava.

— Senhora, — disse a Estrella depois de largas reverencias e saudações do estylo mais elevado, — ainda que não tenho a honra de conhecer, venho aqui ás nove da noite sem ser apresentada por ninguem. Bem sei que esta maneira de obrar é em tudo contraria aos costumes do grande mundo em que vós viveis, e que eu tive a sorte de conhecer antes dos meus infortunios; por que, senhora, tal como vós me vê-des fui joven, fermosa e feliz. Por desgraça, ai! meu marido o coronel de Saint-Amour, ajudante de Bolivar, morreu no campo da honrra de uma pleuresia, não me deixando mais que seis filhos de tenra idade e a recordação das suas gloriosas façanhas.

— Estrella enganou-se no sentido destas primeiras palavras, e ainda que era tarde para pedir esmolla, estendeu o braço para a chaminé

com o fim de pegar na sua bolsa. Porem a velha fez um gesto de negativa e proseguiu desta maneira :

— Devagar, senhora, se eu me apresento neste instante, é por que quando se quer salvar uma pessoa que se afoga, não se informa ninguém da hora que pode ser. Pois bem, eu venho aqui para salvar a honra de vosso esposo.

— Para salvar a sua honra? — exclamou Mad. d'Aronde levantando-se com orgulho. Essa pretensão só, é já um insulto.

— Ai, senhora! — redarguiu Cabeça de Pipa, — ninguém está ao abrigo da calumnia; porem um homem que visita o Brabante depois de uma perda de oitocentos e cincoenta mil francos, não deixa de dar materia para interpetrações. Mas vê-de o que passa; a pessoa que me envia é acredora por uma somma importante, e não quer correr risco.

— Quaes são os seus direitos?

— Não vos offendais por isto senhora. Parece que o vosso marido tomou cem mil francos prestados ha alguns annos, e deu em troca igual quantidade em bilhetes.

— Sim, bem sei, — disse Mad. d'Aronde, — a Duplessis, a um verdadeiro amigo.

— Os bilhetes de amizade, — respondeu a velha, — estão prohibidos.

— Vamos á questão por favor, senhora.

— Pois bem, esse Duplessis, esse excellen-

te amigo não é conhecido no commercio, e o seu nome não é sufficiente garaulia; as outras firmas são de pessoas de pouco mais ou menos, e em resumidas contas os bilhetes ou pagareis de vosso marido saem de um sitio que bastaria para provar que não hão-de ser abonados, ainda que a fortuna do firmante não estivesse declarada em quebra.

— Senhora, — disse Estrella, — pouco inteirada dos negocios, não comprehendo muito bem o objecto da vossa visita. A pessoa que vos envia tem bilhetes de meu marido.

— Por valor de cem mil francos; vi-os eu com os meus proprios olhos.

— E vencimento?

— A selenta e cinco dias de data.

— Pois bem, sempre tenho ouvido dizer que quem prazo tem, nada deve.

— Tendes muita razão: em tempo ordinario um bom credito vale o dinheiro de contado que representa. Porem ha perigo? Então o acredor que vê em quebra o seu devedor, não quer esperar.

— Terá que faze-lo por força!

— Não: póde requerer em queixa de fallido ao procurador do Rei se suspeitar fraude.

— Que horror! — disse Mad. d'Aronde indignada.

— Uma abominação, uma infamia; sou do vosso parecer, querida senhora; porem fa-la-ha como diz. Bem vi outros casos semelhantes nos meus

bons tempos, e porisso quiz evitar-vos um desgosto, apesar de não vos conhecer.

— Requerer em queixa? Mas com que direito?

— Meu Deus, a lei está ás vezes tão inflexível! Diz que todo o commerciante que se veja opprimido por seus negocios deve suspender-se ao primeiro contratempo; mais ainda; á primeira falla de pagamento. Pois bem; como Mr. d'Aronde apesar das suas perdas, ha seguido os negocios, segundo o provam estes bilhetes e seus diversos endoços, o terceiro portador quer acabar de uma vez.

— Acabar?— exclamou Estrella assombrada.

— Sim, querida senhora, quero dizer dar-lhe o ultimo golpe, deita-lo a pique.

— Grande Deos! isso causará um grande escandalo durante a sua ausencia. Que devo fazer, senhora!

— Bem vê-des. Assim que soube de donde procedia, quiz encarregar-me amigavelmente do negocio; entre mulheres deveis devemos prestar-nos auxilio. Eu conhecia esse terceiro portador intractavel; havia adiantado ao coronel Saint Amour meu defunto esposo algumas sommas sobre a pensão futura, preço das feridas que tarde ou cedo podia receber ao lado de Bolivar; offereci-lhe ver-vos e eis-me aqui.

— Agradecida, senhora, — disse Estrella; — mas enfim; em que posso ser util aos interesses de meu marido?

— Não ha mais que um modo de proceder : pagai os bilhetes se podeis.

— Que se posso ! — disse Estrella excessivamente alegre. — Não tenho eu o meu dote que o meu marido depositou nesta gaveta em bilhetes do Banco para emprega-lo no commercio na primeira occasião favoravel ?

— Perfeitamente, senhora, — disse a velha que olhava com attenção a sua victima. — Ah! se me houvera ficado a mim um dote quando o meu marido soccumbiu entre os aguazis depois de haver triumphado dos inimigos de Bolivar, não teria dado logar a que se apoderassem d'elle as suas en fermidades hypotheticas, e que apanhasse uma pleuresia no momento mesmo que ía a ser bizarramente ferido por uma bala de canhão.

Ir á gaveta, abri-la, tomar de uma carteira cem bilhetes de mil francos, não foi para Estrella mais que assumpto de um minuto. Á vista d'aquelle thesouro brilhou o olhar de Cabeça de Pipa. N'aquella organisação depravada se viam talvez reunidos dois crimes ao mesmo tempo.

— Tendes as letras ? — perguntou Estrella.

— Não senhora, — replicou a furia olhando de revez para os bilhetes do Banco : — porem se vós quereis dar o golpe sem perda de tempo, o que vos aconselho a fim de impedir a queixa de quebra que se prepara para amanhã sedo, segui-

me e será negocio de meia hora; lá embaixo tenho um coche que vos conduzirá.

— Um coche? — disse Estrella.

— Oh! uma simples segê, — respondeu Cabeça de Pipa, — já passou o tempo em que eu tinha carruagem com cavallos brancos e cocheiros negros. Era na epocha de Bolivar. Aceitai a minha oferta?

— Com muito gosto, — exclamou a joven ditosa por poder servir a seu marido apezar seu e sem que elle o soubesse. — Jenny, — accrescentou chamando a criada, — estarei ausente mui pouco tempo com esta senhora; preparai o meu quarto para quando volte.

E seguindo Cabeça de Pipa que havia ficado pensativa, entrou na sege após ella.

Partiu a carruagem. Uma ligeira nevoa cubria Pariz com uma gaze humida, de modo que apenas podiam distinguir-se os que transitavam atravez dos candieiros cubertos de nevoa.

Vinte vezes consultou entre si Cabeça de Pipa se em vez de ser fiel aos amos que allugavam seus serviços, faria melhor arrancar das mãos da joven aquella fortuna que podia empregar em defender a honra de seu marido. Outras tantas esteve a ponto de usar da violencia, de segurar Estrella e de apoderar-se dos cem mil francos que levava consigo. A actitude tranquillã e digna, o olhar firme e valente da virtuosa esposa, intimidaram sem duvida a culpavel, e depois de

yinte minutos de trajecto a velha duvidava todavia, até que chegou a carruagem ao logar de seu destino.

— Subamos, senhora, --- lhe disse Cabeça de Pipa, — não está muito alto: é o andar principal, ali onde se vê a luz.

As duas mulheres subiram um pouco mais alto.



CAPITULO XIII.

TRAIÇÃO.

O mameluco não se fez esperar. Introduziu as duas senhoras em casa de Brionde, fê-las entrar na sala onde todavia não estava seu amo, e desceu immediatamente ao quarto do porteiro. Aquella era a primeira vez que fazia uma tão larga parada. Porquê? Era acaso pelos atractivos de que podéra haver sido dotada em outro tempo maa-ma Corniquet? Similhante hypothese apenas é verosimil. Os criados sem duvida tem uma affeição especial aos alpendres das portarias, porque a mulher que possui o cordão das visitas prohibidas, das sahidas clandestinas e das entradas demoradas, é uma potencia com a qual convem viver em relações amigaveis. A portaria é demais o

centro de todas as noticias exteriores, de todos os acontecimentos interiores, e sabido é que um dos prazeres maiores da humanidade, seja entre amos ou criados, é saber o que se passa nas casas alheias e fallar mal dos vesinhos.

O nosso supposto mameluco a quem seu amo chamava festivamente o ultimo dos Lafleur, era um joven de uns vinte e cinco annos, vivo, travesso, de talento; que no seu officio de comparsa havia visto repetidas vezes os seus antepassados no theatro francez para que encontrasse muitos atractivos na sociedade dos Corniquet. Podemos, pois, suppor sem faltar ao verosimil, que o desejo de instruir-se nas escolhidas maneiras e bom francez da sua entrevista ás nove da noite não era mais que um vão pretexto. O ultimo dos Lafleur transformado aquella vez em mameluco se havia situado na portaria de sentinella avançada para vigiar as entradas e sahidas da casa durante as scenas que deviam passar em casa de seu amo, preveni-lo se fosse necessario dominar os insidentes exteriores que podessem occorrer e obrar em uma palavra com toda a habilidade de que havia dado provas repetidas vezes em todos os casos previstos ou inesperados, ordinarios ou extraordinarios. Estes são, como diz Figaro, os pequenos officios que requerem cem vezes mais intelligencia que outros maiores. Haveria dez minutos que haviam continuado a sua mutua lição de árabe e de francez o supposto turco e o verda-

deiro porteiro, quando a mais velha das duas senhoras que haviam entrado pouco antes, descendo a escada passou pela portaria e disse: A campainha se vos parece.

O mameluco a seguiu e a acompanhou até á porta.

— Que temos? lhe disse em voz baixa quando chegaram á rua.

— Deixei-a na sala, — respondeu a Cabeça de Pipa, — e me esgueirei sob pretexto de acelerar a saída de vosso amo. Estava bem pensado. A sua ausencia augmentava a impaciencia da joven; por isso ella mesma me pediu que desse este passo.

— Bem urdido disse o ultimo dos Lafleur. — Não se faria melher no antigo reportorio, o reportorio classico, segundo se diz: Aqui tendes dobrado do salario promettido.

— Salario! — exclamou Cabeça de Pipa com um tom cheio de Magestade. — Que expressão!.. fóra canalha.

— A palavra nada faz ao caso. Seja, pois, o dobro dos vossos honorarios, ja que sois tão esquipatica em quanto á forma. Cincuenta amarellas em vez de vinte e cinco. Segundo se diz no reportorio moderno, a quantidade não é deshonrosa: que tal vos parece? Isto equivale a um premio dado pela Academia.

— Cincuenta luizes! — disse a velha com jubilo guardando a quantia em sua algibeira,

— Ah! Que delicadeza tem o vosso amo! Fazei o favor de dar-lhe os agradecimentos em meu nome. Eu não teria reclamado mais, por que lenho só uma palavra.

— É o que succede sempre entre gente honrada, — interrompeu inclinando-se o ultimo dos Laffeur.

— É verdade tambem que o serviço vale dobrado. Não podeis imaginar o difficil da empreza. Foi necessaria toda a habilidade de que sou capaz. Se a joven houvesse suspeitado alguma cousa, teria compromettido a minha liberdade e o que d'ahi se segue.

— Ai! é verdade; sabe-se quando se entra no carcere, mas ignora-se quando se ha-de sair.

— Comtudo, a calumnia não cessa de facilitar más noticias acerca da minha conducta nos registros da policia.

— Oh! Que infamia!

— Calai-vos por Deos! Sobre tudo quando se trata de nos-outras, deveis creaturas; por que ai! encontramos-nos sem defeza.

— Isso é o que asseguram os loucos.

— E de que serve encarniçar-se assim contra uma pobre mulher?

— Eu ía a perguntar-vos o mesmo. Invejosos sem duvida, ciosos, perversos, homens para quem o spectaculo tão terno das vossas virtudes é um supplicio horrivel. Dá compaixão! Felizmente, como diz o ironico criado de Alma-

viva: « A sorte protege sempre a innocencia! » Porem a proposito, quanto mais vos observo, á luz deste candieiro, mais me persuado de que não é esta a primeira vez que tenho a honra de vos ver. Onde diabo terá sido?... não me atrevo a crê-lo. No baile das Tuilherias?... Duvido. Na cova dos cegos?... Muito bem poderia ser. Porem não, não, já sei.... no theatro francez com Mr. Turcaret.

— Não me recordo, — respondeu a velha cuja erudição theatral era ponco vasta, e que conhecia melhor o boi raivoso do Boulevard que a obra mestra de Lesage. — Porem é mui possivel. Tive tantos clientes em minha vida! Turcaret seria algum d'elles.

— Ah! ah! um dos vossos clientes, isso mesmo. Já não me admira que tenhais representado hoje tambem a vossa comedia; porem segundo vê-des, meu amo e eu comprazemo-nos em animar o talento nascente. Somos esplendidos, sobre tudo quando não nos custa nada.

— Cincoenta luizes é sem embargo uma quantia respeitavel.

— Ah! não é a nossa bolça a que paga; pelo contrario, a nós mesmos se nos paga.

— Como?

— Sim, e devo dizer-vos isto encantadora prima dona que formais parte da companhia. Era preciso que conhecesseis a peça em que aca-

bais de representar o vosso papel com extraordinaria distincção.

O triumpho que haveis obtido é uma prenda segura dos vossos triumphos futuros. É possível que haja necessidade de recorrer a uma artista tão distincta como vós. Sabei que o sainete, a tragedia talvez, é devida á colaboração sempre ditosa de Tiennette. Esta ultima ha proporcionado o assumpto, o plano, os pormenores e demais requisitos para pô-la em scena; um habil tapeceiro as decorações; Babin os trages, e vós incomparavel áia, a primeira dama que nos trouxesteis; meu amo e eu o distincto pessoal da execução. Emfim, a opera representa-se em beneficio de um tal Duplessis, velho sempiterno, protector illustre da arte dramatica e cujo odio para com os d'Aronde não tem retrocedido ante nenhum sacrificio para assegurar o bom exito. Porem adeos, querida camarada, vejo pelas sombras que despedem as janellas, que estão já em scena os dois interlocutores. Volto ao meu posto de observação.

— Estou ás vossas ordens, se acaso necessitardes de mim, — respondeu a velha, aqui tendes o bilhete da minha morada.

— Muito bem; mas estai tranquilla que não abusarei.

A Cabeça de Pipa subiu para a sua carruagem que partiu immediatamente, e o ultimo dos Lafleur, recobrando o seu caracter de mameluco

do qual conservava o brilhante trage, entrou, e voltou para a portaria dos Corniquet

— Ah! ah! parece que a menos joven das odaliscas, — lhe disse sorrindo-se o jovial capateiro, — não ficou com a sua amiga para fazer companhia ao vosso augusto amo.

— Não, — respondeu o otomano no árabe de sua invenção; — a escelentissima ter que presidar neste momento una reunione nocturna de damas de caritá. Ella partir para no fazer falta. E depois il senhor Mustafá-ben-Paputacci ter la mania di preferir la societa de covens e formosas donas.

— Sim, — respondeu Corniquet, — mas olhai que essa mania tambem a nós temos ca em França.

— Falla por ti só, vilão, — exclamou mame-luco que segundo parece tem melhor gosto que tu. Ah! mas, — acrescentou apontando para o tecto do primeiro andar onde se achava situada a sala que vinha a dar precisamente em cima da portaria, — parece que a conversação é animada lá em cima.

Não podiam distinguir-se as palavras, mas ouvia-se effectivamente o som da voz o qual não succedia senão quando a conversação era ruidosa.

— Isso no ter nada de estranho, — respondeu immediatamente o mame-luco; — il senhor Mustafá no ouvir bien e la coven odalisca estar

obrigada sem duvida de paŕlar muito forte. Naquelle momento se ouviu uma forte argolada á porta da rua. Corniquet estendeu a mão para puxar a corda, porem sua mulher lh'o impediu.

— Viu-se nunca semelhante modo de bater com mais força? não se faria peor entre selvagens. Que espere (Nova argolada.) Sim; bate, já vai! (Terceira argolada.) Has-de ter tempo de contar os pregos da porta. (Quarta argolada.) Isso te ensinará a bater com urbanidade. (Quinta argolada.)

— Diz-me, maama Corniquet, — observou o esposo a sua mulher, — tens gosto de ouvir por muito tempo esta bulha? Por minha parte já estou satisfeito e creio que o senhor o estará tambem.

(Sexta argolada tão forte, que se quebrou e catu ao chão.)

— Ah! diabo! eu já estava seguro d'isso tudo por tua culpa!

— Não me surprende que me tornes a culpa, faz o que quizeres.

Corniquet puxou finalmente a corda, entrou o que batia, fechou violentamente a porta, deteve-se um instante diante do porteiro e deitou sobre a mesa parte da argola que lhe havia ficado na mão, acompanhando-a com uma moeda de 20 francos. Sem dizer uma palavra continuou o seu caminho, subiu a escada, abriu a porta do quarto imme-

diato ao do senhor Mustafá, tirou a chave, entrou, e desapareceu de traz da porta que fechou brandamente. Tudo isto foi assumpto de um minuto.

A generosidade do visitador exasperou mais ainda a maama Corniquet.

— Eu já sabia que era o cortejo da vossa vesinha, — disse ao mameluco; — a esta hora traz-lhe as provisões, porisso eu queria faze-lo rabiá um pouco para cura-lo do seu orgulho. Vós bem visteis, nem uma palavra de saudação. Oh! é uma cousa insupportavel que não dem se quer os bons dias.

— Vamos, vamos, que ha reparado bem a sua falta, — interrompeu Corniquet, mostrando a moeda de vinte francos. Para todo o peccado deve haver misericordia.

— Ah! escutai, que bulha que fazem lá em cima.

— La odalisca bailar sem duvida por divertir al senhor Mustafá entretanto que come biscitos e doces.

— Com esse motivo farieis vós hontem sem duvida bem bôa provisão.

— Oh! iá.

— Comprehendo, comprehendo, — accrescentou Corniquet cuja vaidade consistia em conhecer os costumes dos orientaes. — A povos afastados costumes novos. Nós-outros quando queremos divertir-nos temos a cidra e as castanhas. Pois bem, os turcos que não são tão civilizados

em materias de refrescos, contentam-se com confeitos e bolos. Mas a proposito, hoje não vi o negro, nem os negritos que trouxeram hontem as provisões que o vosso amo está para consumir em companhia da sua odalisca.

— Amo mio have-los deitado hontem á rua por que....

A explicação do mameluco foi interrompida naquellé momento por um grito mui claro de mulher, que se deixou ouvir atravez do tecto da portaria.

— Calai-vos, que succede agora á odalisca? — exclamou maama Corniquet com alguma inquietação.

— É verdade, accrescentou o marido, parecia um gemido de afflicção.

— Nada, nada, — apressou-se a responder o mameluco com toda a impassibilidade oriental. — Depois de bailar, ella cantar agora.

— É isso, — replicou Corniquet. — Parece que ella está cheia de talento. Na verdade, recordo-me agora de haver hido á opera uma vez na minha juventude.... já ha tempo.

— Oh ! sim, — continuou maama Corniquet, — em tempo de uma opera chamada a *Vestal*; uma joven de bõa familia que havia faltado aos seus deveres mais sagrados e que queriam enterrar viva para que se corrigisse. Pois bem, recordo-me agora como se houvera passado hontem : ha um momento em que ella cantava intei-

ramente o mesmo que acaba de fazê-lo a odalisca lá de cima. Era aquillo em que os verdugos. Ah! nova mudança, — accrescentou mostrando o tecto. — Ouvisteis?

— Não, nada, — respondeu fleugmaticamente o mameluco.

— Ah! preciso é que sejais surdo como o vosso amo.

— Com effeito, — disse Corniquet, — parece que caíu um corpo ao chão.

— Estou atonita! — continuou maama Corniquet, — parece-me estar assistindo á representação de *Fualdés*.

— Não ha duvida que é algum dos divertimentos do paiz, — redarguiu Corniquet.

— Adio, senhor e senhora, — respondeu o mameluco com menos impassibilidade que de costume; — ser tempo de subir a ver la scena.

— Para bater tambem no chão com os costados?

— I és, senhora.

— Aplaudo o prazer.

— O supposto mameluco saudou os porteiros á turca. Corniquet devolveu-lhe a saudação no mesmo estilo inclinando-se com as duas mãos postas na cabeça. Corniquet não saudava de outra maneira.

— Que diabo se passará lá por cima? — perguntava a si mesmo o ultimo dos Lafleur subindo a escada — Vejamos, pois.

Abriu brandamente a porta e parou na ante-sala com tanta inquietação como curiosidade.

Eis-aqui o que havia occorrido em casa de Brionde durante a conversação, cujas frases extravagantes acaba de ver o leitor.

Assim que Mad. d'Aronde foi introduzida na casa do supposto turco, sahio Cabeça de Pipa sua companheira, sob pretexto de annunciar a sua chegada ao credor, e que na realidade foi só para deixar o campo livre ao corruptor. Sem embargo, ainda passaram des minutos ate que se apresentou Brionde. Era unicamente por dar tempo a que sua velha cumplice se retirasse? Não; era mais para preparar-se para uma entrevista que desejava havia muito tempo e ante cuja ideia, não obstante a sua habitual audacia, tremia como um menino.

E nós o temos dito, Brionde era um enamorado de boa fé; um homem impellido por uma paixão, que ainda que punivel não era menos sincera. Se houvera sido um indifferente, um instrumento cego dos odios de Tiennette e de Duplessis, se teria apresentado á que queria seduzir com sangue-frio e resolução, porem enamorado cedia á lei natural; combatia em vão a influencia que sentia; inclinava-se ante aquella encantadora pessoa, da qual era de antemão o adorador e o escravo.

Entretanto que Brionde fazia provisão de ousadia, Mad. d'Aronde teve tempo de examinar

a habitação em que estava. Era uma sala á Luiz XV. adornada com pouco acerto, em respeito á exactidão do estylo. Havia sido mobilada em poucas horas por um celebre tapeceiro, ao qual era preciso perdoar suas heresias, inseparaveis da improvisação. Os dourados e as esculturas pouco adequadas davam áquelle aposento, disposto sobre tudo com certa pretensão, um aspecto que participava de theatro e de taberna. Os bronzes, os marmores, os moveis eram sumptuosos; porem nascidos em epochas distantes, no tempo de Reis differentes, não convinham entre si mais que como os homens separados por uma desproporção de idade.

Quando entrou Brionde havia tido tempo Estrella de fazer o exame minucioso da habitação. O turco havia mudado completamente o seu trage, e similhante transformação devia ofuscar as recordações de sua vesinha. O vestido de turco de bom effeito a certa distancia como muitas cousas neste mundo, ameaçava ser ridiculo de perto. De longe podia Brionde ser tomado por um secretario da embaixada otomana, e de perto se houvera parecido a esses hisraelitas no trage. Demais o accento do turco fez que deixasse o Oriente para tornar a ser europeu.

Havia escolhido um vestido de *dandy* á imitação d'aquelle grande almirante de França, que não sabia combater senão vestido de veludo e com camisas de bofes. Tinha vestido um frac ad-

miravel, maravilha de elegancia inventada na vespera por um alfaiate de fama, os seus cabellos haviam recebido uma delicada transformação. O actor estava vestido para desempenhar o seu papel: Lovelace aguardava a Clarissa; Fausto ameaçava a Margarida.

— Cavalheiro, — disse Mad. d'Aronde sem conhecer o seu interlocutor, — faz-se tarde e necessario despachar depressa; vós sois, segundo se me disse, portador de certos bilhetes firmados por meu marido, e que quereis aproveitar a sua ausencia para calumniar as suas intenções e a pureza da sua conducta. Não quero perder o tempo em disputas comvosco. Eis-aqui o dinheiro que se vos deve, devolvei-me os titulos.

— Senhora, — disse Brionde cujo coração palpitava violentamente á vista d'aquella de quem estava tão violentamente enamorado, — exageraram-se as minhas intenções, fizeram-me peor do que sou.

— Vós possuis, — perguntou friamente Estrella, — com mil francos em pagareis de Mr. d'Aronde?

— Sim senhora, — respondeu Brionde fascinado pelos encantos de sua visitadora.

— Tende-los ahí?

— Sim senhora, aqui estão; porem por favor não vos afflijais; os negocios podem regular-se sempre que nos ponhamos de accordo, e eu

por minha parte estou prompto a fazer quanto vós desejeis.

— A transacção é muito simples, cavalheiro, — respondeu Estrella que principiou a perguntar-se onde havia visto o semblante do seu interlocutor, — não exige grandes parlamentarios; a senhora que foi informar-me das vossas intenções me poz ao corrente de tudo.

— Senhora, — observou Brionde, — os negocios não se fazem de repente: descançai um pouco e dignai-vos tirar esse chapeo que quasi me occulta as vossas feições, e esse mantilete contra cuja indescricção protesta a elegancia do vosso talhe.

— Agradecida, — respondeu a joven, — desejo concluir e retirar-me. A unica fineza que de vos reclamo é que me devolvais immediatamente esses bilhetes cujo valor vos entrego.

Durante que faltava Mad. d'Aronde, se houvera dito que o demonio soprava ao ouvido de seu seductor os conselhos mais satânicos. A expressão de seus olhos encantadores com maiores atractivos pela expressão do desdem que os animava, a brancura adoravel de seu corpo, a sua viveza conjuntamente elegante e harmoniosa, tudo contribuiu a transtornar aquelle espirito arriscado que buscava o prazer, sem recordar-se que só existe na paz do coração e no repouso da consciencia.

— Senhora, — murmurou, — atrever-me-hei a divulgar o sonho delicioso que ha occu-

pado a minha mente? É questão neste momento d'esses miseraveis bilhetes. Cuidados mui graves devem preoccupar-vos: o opprobrio e a ruina aguardam-vos sem duvida alguma, a adversidade ha desbaratado todos os vossos plannos futuros; dentro de oito dias, amanhaã talvez expiará o vosso marido em um carcere a sua falta de destreza e habilidade. Não quero que fiqueis submergida na miseria. Vós não haveis nascido para a desgraça; não deve deslizar-se uma lagrima dos vossos olhos refulgentes, diamantes cuja pureza e brilho nada deve fazer diminuir. Vós ereis rica, eu desejo fazer-vos mais rica ainda; sois bella e as penas não devem murchar a vossa forsurra. Permitti-me vós, senhora, que seja vosso defensor, vosso sustentaculo; eu vos amo!

Entretanto que fallava Brionde, se havia levantado Mad. d'Aroude pallida e sem voz; havia fixado nelle toda a sua attenção, e separando com a sua mão direita os cabellos encantadores que cahiam sobre seu collo, pretendia definir a parte seria que havia naquella scena nocturna e se estava no caso de dar redea solta ao riso ou á indignação.

— Cavalheiro! — disse ella finalmente, — é preciso que eu tenha ouvido mal, ou que vós não vos hajais explicado bem. Que me fallais vós de thesouro perdido e de ruina proxima? O posto de uma mulher que está ao lado de seu marido, essa é a sua eterna honra, essa é a sua

missão; não faltarei á minha, e para cumprir com ella e para defender meu marido vim aqui. Vós me mandasteis pedir cem mil francos, eu vo-los trago; restitui-me vós os titulos e está concluido o negocio.

E arrojou com desgosto a Brionde os bilhetes de que ía provida.

— Não quero empobrecer-vos, formosa dama, — disse recusando o dinheiro, — quero pelo contrario reparar os revezes da fortuna.

— Atreveis-vos a fallar-me assim com formalidade? — disse Estrella que cria reconhecer pouco a pouco a Brionde á medida que a sua phisionomia affectava mais ternura, — e quem vos deu esse direito?

— O interesse que vós me inspirais.

— O interesse! — porem eu não vos conheço nem vos quero conhecer.

— Eu conheço-vos; tenho passado muitos dias admirando-vos de longe sem poder obter o favor de um olhar. Permitti-me vós que aproveite esta occasião, unica que se me apresenta de fallar-vos para vos dizer quanto sinto, e o desejo que tenho de ser-vos util.

— Nesse caso, — respondeu Mad. d'Aronde, — entregai-me vós contra esse dinheiro os bilhetes de que fallamos.

— Aqui não ha bilhetes, nem nenhuma preocupação material da vida: não ha mais que um senhor e um escravo. Eu sou o escravo, fe-

fiz por depositar a vossos pes todos os gosos do luxo, todas as commodidades do bem-estar, todas as magnificencias da vida agradavel, nas quaes se engastará a vossa brilhante formosura, como um rubi no ouro; o senhor sereis vós, seductora desposta, ao qual obedecerei de joelhos se tiverdes alguma cousa a desejar.

Ao ouvir Mad. d'Aronde estas palavras conjunctamente uma revelação e uma amiaça, cruzou nervosamente o seu chaile sobre o peito, escondeu mais a sua linda cabeça no chapeo, e correndo para a porta lançou com violencia a mão ao ferrolho.

— Essa porta está fechada e não se abrirá sem minha permissão, — disse Brionde.

— Cavalheiro, — exclamou a sua victima, — quero sair, sereis, um miseravel se não se abre esta porta immediatamente.

— Repito-vos que não saireis d'aqui, — redarguiu Brionde, — sem ter-me escutado, demais estais só e é alta noite.

— É horrivel o que vós praticais comigo! — exclamou Mad. d'Aronde arrancando os cabellos de desesperação, — é demasiado horrivel para crê-lo! Tendes uma mãe que vos creou, uma irmã talvez cuja honra haveis defendido? Pois bem, em nome de sua memoria, em nome de suas virtudes que invoço, escutai-me, cavalheiro. Se não sois um infame, deixai-me sair immediatamente: minha estada aqui compromette-me.

— Tranquilizai-vos, — disse Brionde cuja paixão se augmentava ante uma resistencia tão tenaz.

— Deixai-me sair, — exclamou a joven, — ou pesso soccorro.

— É inutil! — respondeu Brionde, — não sereis ouvida: bem sabeis que em Pariz, seja por incredulidade, seja por egoismo, os gritos de soccorro não chamam gente. Demais sois injusta: eu não violei o vosso domicilio conjugal, vós viesteis procurar-me sem que eu o solicitasse, tomando vós por pretexto um negocio; ficasteis só em casa de um solteiro aproveitando a ausencia de vosso marido, e não sei que é o que podiéis esperar. Vós é que vos haveis comprometido voluntariamente.

— Porem vós perdeis-me, cavalheiro.

— Dizei vós melhor, que vos encontro e que vos recolho. Oh! não vos faço a injuria de mostrar-vos um d'esses amores que duram ou se sentem por vinte e quatro horas. Para mim não sois um capricho: vós inspirais-me uma verdadeira paixão, e se sou culpado, conto com o porvir para reparar uma falta a que me impelliu a vossa formosura.



CAPITULO XIV.

UMA MULHER NA INTRIGA.

Como recordarão os nossos leitores, deixamos a Lalake no patio do Hotel dos Principes. Naquelle momento, por cousa de cinco horas da tarde, S. M. Pé-ligeiro, e o seu chanceller Roussignham Muller subiam a um coche de alluguer para ir á rua Bergere, casa do barão Appencherr, aonde os enviava Montreuil com o fim de reclamar os seis milhões, importe do capital e interesses que compunham a herança do cavalheiro de Limburgo, de quem era depositario aquelle banqueiro :

Entretanto que a bailarina contemplava com jovial curiosidade a S. M. e ao seu companheiro, cujo trage lhe parecia algum tanto extravagante,

o criado do Hotel que lhe havia levado a carta de convite de Montreuil, se aproximou a ella e lhe disse :

— Tende a bondade de seguir-me, senhora.

— Vindes da parte de um marchal de campo, grão-mestre de artilharia, inspector geral da marinha, condestavel e director da Academia real de musica e de baile de Wardemburgo ?

— Ignoro se é tudo isso, — respondeu o moço, — porem o que sei é que tinha ordem de esperar por vós para vos conduzir aonde elle está.

— Diabo ! — Parece que se me dá importancia ! — disse consigo Lalake, — bom é sabe-lo façamos valer o melhor possivel os nossos talentos. A gente não nos estima nunca senão em razão do que nós-outras nos estimamos.

E seguindo o seu guia se encontrou bem depressa em frente do seu generalissimo, o qual segundo os nossos leitores sabem não era outro que o conde de Montreuil em pessoa.

— Como ! — exclamou Lalake olhando-o com assombro, — sois vós, cavalheiro, o ráio de Morte encarregado de organizar a companhia de Wardemburgo ?

— Sim, senhora, — respondeu o diplomatico.

— Mas já não tendes bigode ?

— Ai, não ! senhora, — respondeu Montreuil sorrindo-se. — Em Wardemburgo é este o si-

gnal de ser militar desde que todos os paisanos o trazem; porem fallemos do assumpto que me proporciona a honra de vos ver.

— Bem, — disse Lalake, — não desejo outra cousa.

— Sois vós deveras M.^{llo} Lalake, conhecida por Jupin 1.^a artista da Academia Real de musica ?

— Dos pes até a cabeça, — respondeu alegremente Lalake — a unica que se fará visivel na Europa.

— Pois bem, senhora, se hei-de julgar das vossas intenções, por vosso talento e aspecto, aceitai o ajuste; um ajuste de primeira classe no theatro de que sou director em chefe.

— Um ajuste é grave, — replicou Lalake, — é quasi um matrimonio, e antes que te cases debes olhar o que fazes.

— Esse axioma, — disse Montreuil, — pode ser refutado com outros muitos e por considerações de grande força. Com effeito, de medita-lo muito resultaria que mui poucos chegassem a casar-se por aquillo de bodas largas baralhos novos.

— É verdade, não tinha pensado nisso, de modo que segundo a vossa opinião vale mais comprometter-se sem reflexão alguma.

— Talvez.

— Em amor não digo que não; porem em negocios é mais serio.

— Fallemos pois seriamente.

— Sim, que é o que farei em Wardemburgo?

— Sereis a primeira no baile.

— Primeira? — repettiu Lalake com alguma desconfiança de si mesma; — mas dizei-me, ali ha publico entendido nesta materia?

— Nada; admira-se ali o que a corte admira, applaude-se o que o Rei applaude. O publico ali não tem opinião, e quando tem uma que não está conforme com a da corte e do Rei, põem-se bellamente na rua.

— Bem feito. Que papeis vou representar?

— Os que estão em uso: os Taglioni, os Carlota Grisi, os Fanny Esler. Conheceis-los?

— Que se os conheço! Sacos de chumbo que fazem dizer ao charlatanismo que são ligeiras. Isto tende a crear um novo genero e não se reduz mais que a bramantes, senhor general.

— Bramantes? que entendeis por isso?

— Meios uniformes invariaveis, dispostos e raiados de ante mão como um papel de musica.

— Muito bem; vós esperais triumphar melhor que todas essas falsas celebridades? Tendes um genero verdadeiramente novo.

— A emulação me dará forças. Fallemos agora do assumpto capital por excellencia.

— Vinte mil francos ao anno.

— Vinte mil francos! — disse Lalake com uma dignidade comica; — vós não pensais, senhor

generalissimo, que com isso não tenho para gastos de viagem. Na America dão-se cem mil francos por trimestre.

— Aos talentos formados.

— Pois quê não o estará o meu?

— Estará na sua epoca; mas não gosais ainda de reputação.

— Razão mais para paga-lo caro. No theatro não se admiram as artistas senão em proporção do que ganham. Vinte mil francos é demasiado pouco; isso é o que eu dou á minha criada. Demais eu tenho recusado infinitas vezes o ajuste do dobro e com outras vantagens excellentes.

— E não aceitasteis?

— Não, então era eu protegida por um millionario francez, o marquez de Dabiron; não tendes ouvido fallar d'elle?

— Muito pouco, — disse Montreuil reprimindo uma gargalhada.

— Um homem original, immensamente rico: não bebia mais que em copos de diamantes, e não fumava senão em cigarros de bilhetes do Banco, sob pretexto de que este papel era melhor para o peito. Pois bem este dizia-me continuamente: « minha filha, se alguma vez saires dos grupos, faz que te paguem a peso de ouro. » Mais vale que fiques toda a tua vida de comparsa que em primeiro posto com necessidade. As trevas não exigem gastos; o merito deve poder pagar os seus.

— Era homem de juizo solido esse... como vós lhe chamais... Marquez de Dabiron, um verdadeiro sabio da Grecia.

— Um sabio da Grecia? eu conheço isso.

E Lalake, recorrendo a habitação com a mesma liberdade que se houvera estado em sua casa, se poz a examinar todos os objectos cantando ao mesmo tempo uma canção.

— Viva a alegria e a loucura! — disse consigo Montreuil entretanto que ella cantava, — é uma verdadeira natureza de menina amimada, phantastica, caprichosa, viva, interessada e gastadora, esta é a mulher que necessitavamos.

— Bem, — respondeu a bailarina depois de haver acabado a sua canção, — qual é a vossa ultima palavra! Um pouco de valor na bolsa como dizem os que cantam pelas ruas.

— Chegaremos a trinta mil.

— Nada mais? pois não fallemos mais nisso.

— Porem minha bella, a Guimard, a Guimard mesma não tinha mais que alguns luizes em cada noite.

— Diabo! uma velha das mais velhas, uma bailarina da antiguidade que podia servir para espantar passaros. Eu não dato do diluioi.

— Pois bem, digamos quarenta mil.

— Quarenta mil! — repetiu a bailarina apoiando sua barba nas mãos em actitude de cal-

cular silenciosamente.... dizei-me, senhor generalissimo, onde está esse Wardemburgo?

— Em Alemanha.

— Na patria das berças?

— Precisamente.

— Perderei ali? É impossivel. Hontem sem ir mais longe se me offereceu um partido melhor. Passa-se o mar para ir a esse paiz? Eu não gosto da navegação: prefiro a terra firme. Já tenho recusado des vezes fazer minha fortuna na Inglaterra.

— Minha querida medrosa, podeis ir a Wardemburgo apé, acavallo, de carruagem, em Wagon, e mesmo no balão pelo ar como os passarinhos. De toda a maneira em fim, excepto por mar; porem pode andar-se uma parte do caminho em gondolas ou barquinhas sobre o Rheno.

— Como quem diz sobre o Sena para ir a a Saint-Clud.

— Exactamente.

— Pois bem, aceito em cincoenta mil.

— Dissemos quarenta.

Na quelle momento abriu-se a porta, entrou um homem, dirigiu-se para a bailarina, tocando suas mãos uma contra a outra como se fossem pratos.

— Que seja em boa hora embusteira!

Lalake empallideceu á sua vista, deu tres passos para traz, e levando as mãos ás fontes lançou um grito terrivel.

— Dabiron! exclamou ella.

— Deos meu! Sim, o teu marquez de ha pouco. Bem e depois?

— Dabiron! — repettiu a bailarina examinando-o dos pés á cabeça. — Como! meu querido, serás tu? Mas não, tu morreste ha tempo; não es tu, é a tua sombra... Vamos, falla, — accrescentou toçando-lhe os braços para assegurar-se da realidade. Acabe-se a farsa, e responde-me francamente: é a ti ou á tua sombra a quem tenho a honra de fallar?

— É á minha sombra respondeu gravemente o defunto.

— Debaixo de palavra de honra, isto aterra como a scena das Nonas no *Roberto do Diabo*. Mas porque levantas-te tu outra vez a cabeça? Que mal fazes em assustar as gentes! Porque finalmente tu afogaste-te; eu li a tua historia no *Courrier Francais* em um artigo necrologico.

— Redacção a dois soldos por linha: homenagem aos mortos!

— Salvaste-te nadando como Robinson Crusoe?

— Sim, e volto da minha ilha deserta pelo ultimo passo de prazer. Porem deixemos isso. Baste-te saber que morri para todos excepto para ti. Mais tarde saberás o porque. Entretanto tu és dos nossos não é verdade?

— Porem será cousa formal a escriptura de quarenta mil francos?

— Tão formal, — continuou Montreuil, — que amanhã cedo terei provavelmente a honra de vos entregar o primeiro trimestre do vosso soldo.

— Não será regeitado, — respondeu Lalake, — mas eu sou como S. Thomé, não acreditarei em quanto não toque.

— Formas também parte da nossa companhia? Como bailarino ou como tenor?

— Como ajudante, minha querida.

— Como ajudante? Não conheço esse emprego no theatro. Cada dia se aprendem cousas novas. Quando partimos para essa verdadeira terra de promessa?

— Dentro de oito dias provavelmente, — respondeu Montreuil, — tempo que necessitaremos para converter nossos fundos, montar a casa de sua magestade, preparar a sua real guarda-roupa, e sua corte; e fazer imprimir os nossos programmas.

— Também ha programmas? — exclamou Lalake, que cria estar sonhando.

— Diabo, — acrescentou Montreuil, — onde não os ha? As mais das vezes não ha outra cousa. Porem vós também, minha bella, tendes que fazer os vossos preparativos. Amanhã cedo vos pagarei provavelmente.

— Sempre provavelmente, — disse Dabiron, abanando a cabeça, depois de haver lançado um olhar ao relógio.

--- Pagar-vos-hei, além do trimestre de vosso soldo, uma gratificação de dês mil francos para que compreis trages magníficos: trages de theatro, trages de passeio, trages de Corte.

--- Ah! ah! irei á Corte?

--- Assim o espero.

--- Decididamente estas sombras vão conduzir-me ao outro mundo. E é nisso que vós empregareis o tempo até á nossa marcha?

--- E a consolar, --- acrescentou sorrindo-se Dabiron, --- as innumeráveis pessoas que ficarão viúvas com a tua ausencia.

--- Será muito justo, --- respondeu a barriquina com despeito. --- Alludes sem duvida a Brionde?

--- Sim, meu successor á quem dêste teu coração e a tua mão.

--- Oh! Porem tu eras o preferido.

--- Custa-me a cre-lo. E depois?

--- E depois! --- esse monstro de ingratidão ha tido valor para enamorar-se de uma grande senhora como tu em outro tempo da defunta baroneza d'Appencherr.

--- Parece que trata de imitar-me em tudo.

--- Sim, até na inconstancia. para comigo. Hontem desapareceu e até agora não se sabe onde pára.

--- Talvez terá levado a imitação até matar-se a um tanto por linha. Não buscastes o teu amante no *Courrier français*?

— Sim, por certo; porem nada.

— É terrivel. Porem ouço uma carruagem que se detem lá em baixo, — disse Dabiron a Montreul que havia corrido á janella da habitação, a qual se achava situada no segundo andar.

— Victoria! victoria! — lhe gritou desde baixo uma voz que conheceu Dabiron ser a de Pé-ligeiro.

— Julgo prudente retirar-me, — disse Lalake.

— Sim, minha filha, sim, vai-te. Temos que fallar entre nós-outros. Ate amanhã, os teus fundos estarão correntes. Já ha caixa aberta; porem entretanto nem uma palavra de quanto tenhas visto e ouvido. Vai nisto á tua fortuna.

— Basta; guardarei silencio como a *Muda de Portici*. Não é este o meu forte em geral, porem esta vez me será mais facil não dizer nada quanto que ignoro tudo, excepto algumas palavras soltas e inconnexas, cuja revelação daria logar a que me encerrassem no Charenton.

E Jupin 1.^o se retirou recordando-se do ar de Figaro: Bóas noites, senhores; ate outra vista.

Na escada encontrou a S. M. Pé-ligeiro, e a Roussignan que subiam precipitadamente para levar a bõa noticia a seus dois companheiros de fadigas. Pé-ligeiro tremulava em signal de triumpho por cima de sua cabeça a carteira que

vos vereis detida, nem perguntada; subi ao andar principal, batei e se abrirá immediatamente; entrai sem deter-vos na sala e ali encontrareis o vosso inconstante em doce colloquio com uma grande senhora.

« Vossa affectuosissima

Tiennette. »

— Oh, infame! — exclamou Jupin 1.^o em um transporte, senão de verdadeiros ciumes, ao menos de despeito e de amor proprio offendido. — Uma grande senhora! Eu já estava inteirada! Ella m'o terá arrancado por força. É indigno verdadeiramente, como as mulheres da alta classe sustentam comnosco uma competencia atroz. Oh! mas ella pagará por todas. Ás dês escreve Tiennette, bem; são mais das nove e meia e todavia tenho tempo de chegar. As grandes senhoras roubam-nos os nossos amantes! Pois firme, firme com ellas e não heide partir sem ao menos o haver soccado como merece.

Lalake ignorava que Tiennette tinha outra intenção, por um desejo excessivo de vingança. A rancorosa creatura queria para cumulo de humilhação fazer insultar a mulher honrada pela cortezã.

Lalake se poz em marcha no momento mesmo que passava entre Brionde e Mad. d'Aronde a abominavel scena cujo principio temos referido

e do qual pomos em seguida a continuação e o desenlace.

Entretanto que Brioude fallava, Mad. d'Aronde corria pela habitação como uma louca buscando á maneira de Desdemoua uma saída para escapar.

De prompto se collocou em frente de seu perseguidor com uma actitude energica.

— Tenho um marido, — lhe disse com adoravel expressão de orgulho, — olvidasteis isto sem duvida?

— Que me importa? — disse Brioude.

— Matar-vos-ha quando souber que me haveis lido aqui.

— Senhora, — replicou, — olvidais tambem que o codigo prescreve o duello, collocando-o na categoria dos homicidios? Não me perseguirá tão pouco como adúltero, por que vos ama e vós sereis minha cumplice.

— Eu! — disse Mad. d'Aronde, — comprometter o nome que um cavalheiro me ha confiado! Tendes podido espera-lo? Acreditais sem duvida obrigar-me amiaçando a minha reputação com supposições odiosas; vós quereis deshonrar-me moralmente para que eu desça ate vós. Pois bem, eu vos mostrarei que tenho valor; e que antes de ser um minuto mais, victima de tão odioso laço, prefiro, como o soldado no campo da batalha, morrer defendendo a honra do meu esposo.

Dizendo estas palavras, Estrella se precipitou sem sentido sobre o parapeito da janella, abriu a porta e quiz deitar-se por ella afim de escapar da infamia por meio da morte.

Brionde aterrado não teve tempo mais que para conte-la por seus vestidos.

A janella permaneceu um instante aberta, e Estrella conheceu então com assombro que apesar do passeio em carruagem dado com Cabeça de Pipa se achava bem em frente de sua casa. Distinguiu atravez da nevoa o louro-rosa que seus criados por descuido haviam deixado exposto aos rigores da noite; viu a luz da sua lamparina que lançava seus raios melancolicos sobre as cortinas do seu quarto, e creu distinguir em meio do silencio os uivos lastimosos de Fox, que chorava a ausencia de sua senhora.

— Oh! oh! --- pensou Brionde, --- reminiscencias de Plutarco, uma exaggeração da antiga Lucrecia! diabo! porem isto não é minha conta.

— Jenny, Bastião, Fox, soccorro! --- exclamou Estrella quando Brionde a arrastava fechando a janella.

— Silencio, --- lhe disse tremendo elle mesmo de emoção ao ver aquella resistencia mui superior ao perigo, --- que diabo! socegai-vos.

— Mama! mama! --- exclamou Mad. d'Aronde desesperada chamando mentalmente em seu auxilio por um religioso costume aquella defun-

ta venerada que havia sido a protecção de sua juventude.

— Não ha aqui mãe que valha, --- murmurou Brionde assustado de ver a joven entregar-se a algum acto de desesperação: — porem ha um amante terno e affectuoso. Tranquillizai-vos, sê-de razoavel; amai-me e deixai-vos conduzir.

Depois disto tomando Brionde outra nova tentativa de suicidio, apoderou-se do braço da joven, e a arrastou para o fundo da habitação, rodeando-a de quantas cousas poderam causar inveja e seduzir a uma amante.

Mad. d'Aronde ao lançar em redor de si os olhos, sentiu illuminar-se o seu espirito transtornado por uma inspiração repentina, perigosa e prompta como o relampago, e terrivel como o raio. Viu perto de si um punhal turco de que Brionde se havia provido para completar o seu trage de musulmano, e que por um esquecimento não havia arrecadado. De prompto lançou mão da arma que brilhava entre cheiros e perfumes, e intrepida qual Judith, livida como Carlota Cordai, acommetteu ao seu raptor.

Ferido Brionde retrocedeu alguns passos contido pela dor, entretanto que assustada Mad. d'Aronde á vista do sangue que acabava de fazer sair sua mão innocente, lançou um grito e caiu desmaiada no chão.

Brionde n'aquelle momento olvidou a ferida que acabava de receber, e a dor que o havia obri-

gado a deixar um instante aquella encantadora e valente menina; e não viu mais que a sua formosura celestial vencida pela emoção, e á qual um accidente havia privado de todo o movimento.

— Que formosa é! — disse consigo. —
E como fazer-se amar d'ella?

Então inclinou-se para levanta-la e collocala em uma cadeira, a fim de faze-la recobrar os sentidos. De repente se abriu uma porta com uma força irresistivel, sem embargo de achar-se bem fechada e segura com o ferrolho.

Entrou uma mulher cuberta com um véo. Ia vestida de preto dos pés ate á cabeça: era só, e sem embargo, as fechaduras e os gonzos haviam saltado em pedaços.

— Quem sois, — disse Brionde, que se debilitava pela perda de sangue.

A do véo não respondeu: tomou só a Estrela em seus braços, e a arrastou para si.

Brionde quiz então lançar-se sobre a desconhecida. Já lhe havia agarrado a mão com toda a força de que podia dispor.

Por unica resposta a este protesto physico, a mulher levantou o véo.

— Horror! — exclamou Brionde assustado, — horror! os mortos saem da sepultura!

E cambaleando como um homem embriagado, caíu inanimado no chão.....
.....
.....

CAPITULO XV.

ARONDE VOLTA DA BELGICA E NÃO EN-
CONTRA ESTRELLA.

Entretanto haviam saído cruelmente frustradas as esperanças d'Aronde relativamente á sua viagem da Belgica. As noticias recebidas de França deram um golpe fatal á empresa nascente, na qual havia imposto uma grande parte da sua fortuna com intenção de ficar depois como unico dono. Não sem grande sentimento leve que abandonar um projecto, a cuja realisação havia consagrado tantos cuidados e meditações encerrado no seu gabinete, a dés passos de sua querida Estrella, distancia que parecia aos dois bem afastada.

Aquelle vasto projecto, em seu pensamento, devia assegurar o bem-estar de uma multidão de operarios ao mesmo tempo que fundar a sua for-

tuna sobre largas e seguras bases. A sua joven esposa havia tambem approvado este fim tão generoso. Como depois de tudo isto renunciar sem um verdadeiro pezar?

E sem embargo, não podia vacillar na terrivel situação a que o havia conduzido em tão poucos dias a estranha multidão de contratempos e de desgraças. Mui longe, pois, de esforçar-se como antes por concentrar em suas mãos todas as acções das ferrarias de que se trata segundo havia pensado sempre, teve pelo contrario que alienar as que chegou a reunir. Era o unico recurso que lhe restava para pagar as dividas consideraveis que havia deixado em França. Dentro de dois mezes e meio o esperavam os cem mil francos prestados por Duplessis, e immediatamente depois de sua chegada os cento e vinte mil em pagareis vencidos, protestados e julgados, que o velho Deplessis havia adquirido secretamente e confiado á funesta habilidade de Brionde, o instrumento mais cego de seu odio.

Desgraçadamente as damnosas machinações de seus inimigos haviam precedido a sua victima na viagem á Belgica. As noticias da ruina e da baixa em que fizeram cair em França as acções d'aquella empresa, apenas organizada, haviam sido perfidamente transmittidas por Brionde alem das fronteiras. Como vender no mercado, não a par, senão simplesmente a cincoenta por cento de perda, valores que se houveram encontrado

na Bolsa de Pariz por um quinto. A massa mesma das acções augmentava o seu descredito. Em fim, sabia-se que o vendedor estava quasi arruinado e isto devia ser no conceito dos compradores uma razão mais para arruiná-lo completamente. Esta é, com effeito, uma das implacáveis táticas da especulação.

Depois de des dias de duvidas e de tentativas infructosas, se viu obrigado Aronde a ceder por sessenta mil francos proximoamente, o que lhe havia custado perto de quinhentos mil.

Aronde não havia escripto nada a sua mulher dos trites resultados da sua viagem com intenção de revela-los de viva voz, havendo-se limitado em sua ultima carta a annunciar-lhe o seu proximo regresso. Pois bem, este verificou-se na manhã seguinte á horrivel noite, durante a qual Brioude, segundo dissemos no capitulo anterior, depois de arruinar o marido, intentou roubar-lhe a mulher.

Apenas se divisava a luz do dia quando Aronde apeando-se de uma cadeira de posta foi bater á porta de sua casa.

No limiar mesmo o aguardavam os mais sinistros presentimentos como succede com os morcegos que guardam a entrada das galarias funebres e que principiam a revolotear diante do visitador assustando-o com lugubre chilrada.

Figurando-se Aronde que ao passar por

- Hontem.
- A que hora ?
- A's nove da noite.
- Só ?
- Não senhor.
- Quem veio aqui ?
- Uma senhora velha que a levou para negocios urgentes.
- Para onde ?
- Não o sabemos.
- E quem é essa senhora velha ?
- Não o sabemos, nem a temos visto nunca; o que só nos consta é que ella disse á senhora diante de mim, que é viuva do coronel Saint-Amour, antigo ajudante de Bolivar, que morreu de uma pleuresia no campo da honra.
- Deos meu! isto é para tornar-se louco!
- exclamou Aronde comprimindo a cabeça com as mãos, como para impedir que se abrisse. — E que dizia essa estranha creatura ?
- Que se tratava de cousas importantes, da salvação do senhor de um perigo que o amiaçava.
- E não voltou desde então ?
- Não senhor. A senhora deixou dito que voltaria n'um instante, porem não succedeu assim. Temos passado toda a noite, esperando inutilmente.
- Aronde se deixou cair em uma cadeira como se houvera sido ferido de um ráio. Os pen-

samentos mais sinistros se apresentaram á sua mente transtornada. Similhante ausencia que nada explicava, não podia accusar a joven esposa : era resultado de uma violencia, de algum crime talvez. A este pensamento terrivel sentiu Aronde que se lhe eriçavam os cabellos.

— Desgraçado de mim ! — exclamou de prompto ; — desgraçado de mim ! Que adjanto com perder em vãos temores um tempo tão precioso que deveria já haver empregado em buscar a infeliz ? Oh ! Encontra-la-hei, encontra-la-hei ainda que tivesse que minar o mundo inteiro.

E armando-se de duas pistolas se dirigiu para a porta que ía a atravessar quando uma mulher lhe obstou á passagem.

— Tiennette ! — exclamou. — Tiennette aqui e a estas horas ?

A feia se aproximou com passo pouco seguro ; o seu semblante havia perdido a expressão de mudo gracejo que o caracterizava e substitua muitas vezes a belleza ; a sua actitude de ordinario arrogante era mais humilde que respeitavel ; até o seu toucado havia soffrido uma transformação completa, e sem ser de todo perfeito respirava certa harmonia de formas e de cores que contrastava com os adornos ridiculos com que sempre havia gostado chamar a attenção.

— Vós em minha casa ? — exclamou Aronde com um tom brusco, ainda que se esforçou

por modifica-lo em parte. — Perdão, senhora, não posso receber-vos; um dever imperioso me chama a outra parte.

— Bem o sei, — respondeu friamente Tiennette.

— Bem o sabeis? — exclamou Aronde estupefacto.

— Sim, hi-des em busca de vossa mulher.

— Sabeis o que é feito d'ella? — respondeu vivamente Aronde retrocedendo um passo. — Deos poz em seu coração o sentimento da piedade. Bem o vejo: tereis sabido por casualidade sem duvida, terrivel lance que deploro, e vindes em meu auxilio! Agradecido, Tiennette, agradecido! — accrescentou estreitando por gratidão as mãos geladas da vizitadora. Pois bem; por favor poupai-me crueis angustias. Fallai sem reparar. Onde encontrarei minha mulher?

Tiennette sem responder foi fechar a porta que havia ficado meia aberta; depois aproximou-se a Aronde, cruzou os braços e meneou a cabeça com ar de ironica compaixão.

— De quem vos occupais, insensato? — lhe disse. — De uma mulher que recorre as ruas de noite em quanto seu marido está ausente? Similhante conducta relleva na verdade muito interesse, e aconselho-vos que vos mateis por ella de desesperação.

— Desgraçada! exclamou Aronde, — que vos atreveis a dizer?

— Digo que tudo se encontra em Pariz: uma carteira, um cão, ate uma reputação perdida; sim, tudo; porem não a mulher que se perde. Oh! adivinho a vossa resposta; direis que vos valereis da policia, que se darão os signaes da extraviada aos quarenta e oito commissarios; que se é preciso se tirarão retratos ao daguer-reotypo para facilitar as pesquisas; a brigada de segurança terá noticia de que é morena, e os aguasis todos saberão em que parte do rosto tem um signal. Eis uma maravilha se vossa mulher tem morrido! A sua memoria não terá que soffrer nada por laes tentativas. A morte é sempre uma apotheosis.

— A morte! — repeliu Aronde com espasmo.
— Porem não vos assusteis, não morreu, — respondeu vivamente Tiennette, como se temesse ver-se interrompida antes de acabar o seu pensamento. — Não se matam as mulheres bonitas nesta terra, berço da galantaria; aqui roubam-se; recolhem-se dasse-lhes uma amavel hospitalidade e nada mais.

— Viesteis para insultar a mulher ausente ate na sua mesma casa, — interrompeu diguamente Aronde. — Previno-vos que as vossas injurias ultrapassam o fim a que vos haveis proposto. A virtude nada tem que temer da opinião das pessoas honradas, e menos ainda das odiosas zombarias das que não o são. Tende a bondade

de sair, senhora, — acrescentou indicando-lhe a porta com um gesto desdenhoso.

Tiennette não se retirou, assentou-se impassível.

— Ouvir-me-heis ate ao final, — disse resolutamente; — é já questão de mulher...

— Senhora!...

— Escutai, repito. Hoje Aronde, sei que estais arruinado; mas o qeor é, e cuidado que eu sei tudo, que amanhã talvez a estas horas vos vereis deshonrado!

— Senhora!...

— Pois bem, não, — continuou Tiennette sem ceder á interrupção, — não quero que fiqueis vencido nesta luta, onde o vosso enfado não tocará mais que o vacuo. É preciso que vivais rico, attendido, independente, e eu venho salvar-vos.

— Vós!... senhora!...

— Sim, eu, — respondeu com firmeza, — eu que sei tudo e que por conseguinte tudo posso; eu que tenho em minhas mãos os mais terribes segredos; eu que sou entre os perversos o que é o domador entre os tigres. Dizei uma palavra; fazei um signal, e essas feras que vos hão feito presa virão lamber-vos os pés, e essa fortuna que se vos escapa se centuplicará em vossas mãos.

— E porque, senhora — replicou Aronde com uma mescla de ironia, de desdem e de es-

perança, — tão bem instruída, tão poderosa e tão affecta aos meus interesses, não me devolveis o meu thesouro mais querido em vez de accrescentar assim ás minhas desgraças as angustias da impaciencia e do terror.

— Porque! — exclamou Tiennette com um sorriso amargo; — perguntais-me, porque não deito o véo do silencio sobre as aventuras desta noite? por que não vos revelo este galante mysterio? porque não vos conduzo pela mão até á porta hospitaleira? Naverdade é fazer alarde de uma extraordinaria candidez ou de uma debil memoria! Pois que, não me deixasteis vós distinguir-vos, escolher-vos, preferir-vos entre os infinitos homens que me rodeavam? E hoje, como se nenhum laço houvera existido entre nós-outros, atreveis-vos a perguntar-me porque não vos devolvo a vossa mulher! Porem enfim, quereis sabe-lo? Pois sabei-o. Não vos devolvo vossa mulher, Aronde, porque... te amo!

Aronde retrocedeu ao ouvir taes palavras como se tivera ouvido o assobio de uma vibora.

— Sim, amo-te, — redarguiu Tiennette levantando-se e sem deixar-lhe tempo para responder, — amo-te com um amor insensato, firme que ha resistido a tudo, ainda á tua inconstancia, e teus desdens; amo-te a pezar teu e até a pezar meu. Ai dos imprudentes que se colloquem entre nós-outros! Ai dos obstaculos! Ai dos conselhos! O dia do seu triumpho está

marcado com uma cruz negra! Oh! tu sabes isto bem. Houve uma mulher, para citar um dos exemplos mais terríveis, houve uma amiga, uma irmã, cuja influencia ousou desfazer o nó frágil que te havias deixado dar por mim. Chamava-se a baroneza d'Appencherr. Pois bem, que veio a ser d'ella?

— Morreu.

— Morreu quasi deshonrada?

— Oh! — exclamou Aronde a esta cruel recordação cubrindo o rosto com as mãos.

— E por que não havia eu de mata-la em sua reputação? Não me havia matado a mim em minha dita? Não havia acabado á força de maldições, de exhortações e de supplicas por pintar-me aos vossos olhos como uma creatura indigna e perigosa? Não vos decedi a deivar-me enfim mortalmente ferida no coração, eu, a feia, eu a compromettedora como ella me chamava? E sem embargo, então como hoje, não me cansava de repetir-me: Aronde, deixa-me que te ame; não te pesso correspondedeia nem obrigação de nenhuma especie; permite-me só ver-te fallar-te e não me causes o inconsolavel sentimento de um desdenhoso abandono. Eis-aqui o que eu dizia humildemente. Pois bem, nada se fez: os conselhos d'aquella mulher foram mais fortes que as minhas supplicas e as minhas lagrimas; porem pagou bem caro o seu triumpho! A tudo isto tenha-se presente que aquella não era uma ri-

val. Oh! se houvera sido uma rival! uma amante! uma mulher sobre tudo! houvera sido cousa de estremecer-se de horror.

— Senhora, — interrompeu Aronde — se vos escuto com tanta paciencia em vez de correr em busca de minha mulher, é como vós conheceis, porque me haveis dito que sabeis o sitio onde a minha vingança pode achar os seus raptos, e cuja revelação espero obter de vós. Não fallemos de um passado em que haveis cuberto de luto as mais sanctas affeições; não fallemos já de uma relação efemera e antiga que a casualidade chegou a formar, e que depois de seu rompimento haveis devido consolar-vos infinitas vezes. Voltemos á realidade, ao presente. Se quereis que conserve uma recordação menos cruel, menos detestavel, por favor, por compaixão dizei-me onde está minha mulher.

— Ella! Sempre ella! — respondeu Tiennette empallidecendo mais ainda, — porem sabe-o, cego, surdo, insensato, — continuou passeando com uma agitação febril, — sabe-o de uma vez para sempre: tua mulher a estas horas já não é tua mulher, posto que tua mulher é uma mulher perdida, tua mulher está nos braços de outro! Eis-aqui o que é tua mulher, já que tão desvanecido te mostras dando-lhe semelhante titulo. Quantas vezes necessitarás que l'ò repita?

— Infame, — exclamou Aronde dirigindo-se para Tiennette com um gesto amiaçador.

— Aqui estou; mas escuta, — redarguiu collocando-se impassivel diante do joven. — Uma palavra ainda e será a ultima. Á uma, ás duas, ás tres, queres viver rico e considerado? Queres chegar a ser poderoso? Queres sobre tudo salvar-te da miseria e ignominia? Pois bem; não sou tão louca que te pessa o teu amor, nem que te offereça o meu. Não; eu não tenho querido nunca impossiveis; tudo o que te peço ao menos por este momento, é que renunciés a essa mulher que a imprudencia, se assim queres, ha arrastado a comprometter o teu nome; que me confies a mim o cuidado de tua honra que ella não ha sabido guardar; me aceites por egide, por conselheira, por amiga, unica recompensa que hoje ambiciono; que devas mim só e não a outra a tua salvação, a tua prosperidade a tua riqueza.

— Silencio, miseravel — interrompeu Aronde com desgosto; — se fosses um homem, pisa-va-te agora mesmo. Sois uma mulher; e que heide fazer eu em tal caso? Lançar-te d'aqui fóra ignominiosamente.

— Ah! repelles-me recusas o meu apoio, despresas-me e lanças-me fóra! — replicou Tienette, cujos labios esverdinhados estremeciam de colera. — Pois bem, — accrescentou prorompendo finalmente, — cumpre-se a tua sorte! não é um assassinato, senão um suicidio. Vai buscar

essa mulher contaminada á qual te sacrificas necessariamente, procura encontra-la e perdoar-lhe a sua saída; isto offerecerá um terno quadro de familia. Deixo-te entregue a tão doces emoções, porem recorda-te que desde este momento o meu amor se muda em odio, e tu não ignoras que sei aborrecer como sei amar. Adeos.

E ao dizer estas palavras se dirigiu a passo largo para a porta. Ia a atravessa-la quando Aronde a deteve vivamente pelo braço dominado por uma ideia repentina.

— Senhora, --- lhe disse com toda a tranquillidade que pôde chamar em seu auxilio; — sabeis onde está minha mulher?

— Sim, — respondeu Tiennette com uma fria serenidade, porem os olhos chammejantes de colera.

— Pois bem, supplico-vos que m'o digais.

— Não.

— Por favor ou por força dissei-m'o, — re-darguiu Aronde com os punhos fechados, movido por um furor que a muito custo reprimia.

— Por vontade não tenho tenção, — respondeu Tiennette, — e por força muito menos.

— Oh! demonio, eu saberei obrigar-vos.

— De que maneira? se não houver indescrípção?

— Fazendo que vos prendam.

— A mim?

— A vós.

— Bravo! Meu querido cavalheiro, — disse Tiennette com um riso insultante, — o meio é engenhoso. Hi-de-buscar a guarda como se se tratasse de um bebado insulente ou de uma cosinheira infiel. Porém não: para que incomodar esses senhores? Aceito o vosso braço. Partamos para casa do commissario; vereis se ha uma lei no mundo que possa fazer-me repetir diante de testemunhas o que vos disse a vós só. Se me pergunta por vossa mulher? Não a conheço. Por sua aventura desta noite? Afirmo que a ignoro. Pelo sítio onde se acha? Direi, desde quando se me ha confiado a guarda das virtudes alheias? Eu sou uma antiga conhecida que venho visitar-vos a uma hora equivocada, é certo; porém a quem a fidelidade concede entrada livre. Não sou d'essas bellenas que se roubam! Não sou d'essas mulheres burladas que saem de noite nos extravios! Sou uma jovem que tem a memoria tão fiel como excellento o coração. Soube os vossos contratempos; venho oferecer-vos os meus serviços; recusais? pois retiro-me. Que coisa ha mais simples? Eu, vinda. Nada? Nadais de parecer? Bem, como quizerdes, cavalheiro. Então retiro-me só, e não duvideis dos meus desejos pelo bom exito dos vossos passos e a continuação da vossa felicidade conjugal.

Tiennette acompanhou estas palayras de uma profunda reverencia, deitou o véo e saiu com passo firme da casa. Aronde se havia sentado em

uma cadeira com a cabeça entre suas mãos desesperado e aturdido. Não havia pensado sequer em deter a Tiennette quando a sua carruagem a levava já a galope.

— Que hei-de fazer? — exclamou saindo do seu espasmo e passando com passo precipitado. Talvez haja feito mal em repellir essa abominavel creatura com tanto desgosto. Mais sangue frio e talvez houvera obtido uma confissão e descoberto em que inferno se detem o meu pobre anjo. Deos meu! Deos meu! que hei-de fazer?

Entretanto que Aronde se lamentava de sua impotencia e arrancava a si os cabellos de desesperação, a criada entrou agitada e commovida.

— Fizestes alguma averiguação no bairro?

— Sim, senhor, com toda a reserva conveniente; não disse nada a ninguém e me lembrei a fazer fallar os demais.

— E depois?

— Ninguém ha mostrado saber nada, do que tenho deduzido que ninguém ha visto a senhora.

— E é isso tudo?

— Sim, senhor, porque creio que o que pudera dizer ao senhor não lograria interessa-lo em semelhantes momentos.

— Fallai, contudo.

— Sim, senhor; porém rogo-vos primeira que não me ralheis. É de Fox de quem quero fallar. Devo dizer ao senhor que Fox me ha acom-

panhado. Ao chegar á porta da rua onde a senhora esteve parada sem duvida para subir á carruagem, Fox parou tambem farejando o passeio, meneando a cauda e dando pequenos uivos de alegria.

Pareceu-me evidente que reconhecera as pegadas de sua ama. Como isto não podia servir de nada e mesmo as ordens de policia são muito severas com os cães sem dono, chamei-o, ralhei-lhe, puxei-lhe o cordão e me seguiu á força; porem ao chegar ao passeio de frente, principiou a farejar de novo o passeio, a uivar de alegria e a dar saltos. Escapou-me o cordão das mãos e se precipitou sobre o portão sempre farejando o pavimento. Entretanto o porteiro da casa perseguia-o ate ao meio da rua. Então quiz agarrar-lhe o cordão, porem não houve meio. Cada vez que estendia a mão se me escapava com um novo salto. Enfim, senhor, todavia está no mesmo sitio. Isto me tem feito desesperada e como o senhor deve estar convencido não tem sido por minha culpa.

Entretanto que a criada acobava a sua narração, Aronde havia levantado a cortina da janella. Viu comefeito a Fox no passeio de frente farejando, uivando e dando saltos empenhado em entrar na casa. Os esposos Corniquet lhe prohibiam desgraçadamente a passagem armados de páos que brandiam contra o animal.

— Oh! Deos meu! — exclamou Aronde ao ver-se como illuminado por uma ideia repentina.

— Será alguma revelação? Pobre Fox, o seu instincto me ha servido já em outras occasiões, para que vacille agora em confiar-me a elle.

E tendo examinado de novo o estado das suas pistolas, como homem resolvido a arriscar tudo, as guardou na algebeira, desceu precipitadamente, atravessou a rua, e cheio de esperança se uniu ao fiel animal.



CAPITULO XVI.

O MANTELETE.

Na vespera do regresso de Aronde a Pariz, por dez horas da noite vimos executar a Lalake com toda a pontualidade de que o despeito a fazia capaz. as instrucções epistolares de Tiennette e subir resolutamente a casa de Mustafá, com grande escandalo de maama Corniquet a porteira da casa.

Porem, qual não seria a surpresa da alegre bailarina no momento de penetrar no salão de supposto turco, apezar das timidias observações do ultimo dos Lasleur, que estava de sentinella na antesala, mas que desde algum tempo havia tomado o costume de obedecer-lhe como a seu amo?

Brionde se achava estendido no chão quasi sem conhecimento e banhando-se no charco do sangue que corria da sua ferida. A desordem dos moveis testemunhava que havia occorrido uma luta naquelle aposento, sobre cujo tapete havia um punhal ensanguentado e espalhados um cento de hilhetes do Banco.

Ao ver aquelle quadro Jupia 1.^a lançou um grito de espanto que chegou até á portaria e cafu desmaiada sobre uma poltrona cujas rodas sedendo ao impulso a levaram durante alguns segundos pelo chão imitando o surdo ruido de um trovão ao longe.

— Eu estava segura disto, — exclamou maama Corniquet na sua portaria, — começam de novo os bailes, os cantos e as cabeçadas com a nova visita. São dez horas, hi-de lá dormir com semelhante bachanal! Perguntaria eu se este é o momento de praticar devoções.

O ultimo dos Lafleur não se viu menos estupefacto que a primeira bailarina, ao ver seu amo desmaiado e ferido. Assim se explicava o silencio que succedeu aos ruidos, cuja extranheza o havia feito subir desde a portaria dos Corniquet á ante-sala. O seu primeiro cuidado foi levantar a Brionde, deita-lo no divan, correr á despensa, tomar um vidro de vinagre fazer respirar a seu amo o liquido que continha.

Feito isto, e em tanto que Brionde recobrava o sentido, o ultimo dos Lafleur, querendo

utilizar a presença de Lalake, tocou-lhe ás mãos para faze-la voltar a si, e como se obstinasse em permanecer desmaiada, por sensibilidade ou por conveniencia, tomou um copo d'agua fria e lha deitou no rosto.

— Que bestialidade! — exclamou a joven levantando-se de prompto, — eis-aquí um trage completamente perdido!

— Isso não é nada, senhora, — replicou o criado, — a agua não poem nodoa; depressa, depressa, ajudai-me a soccorrer o senhor.

— Quem, eu? — exclamou a bailarina no primeiro impulso de despeito, — incommodar-me eu por um ingrato, por um infiel!.. nunca, jamais!.. Que lhe acudam as formosas, suas conhecidas.

— Justamente essas formosas damas são as que nos hão posto desta sorte! — respondeu o criado.

— Devéras? — redarguiu a bailarina enternecendo-se. — Oh! então o caso é diverso. Pobresito! As miseraveis mataram-m'o! Eu morro de pena!

E passando d'um extremo ao contrario a bailarina se precipitou sobre o cadaver de Brionde, orvalhou-o com suas lagrimas, e exalou lastimosos gemidos, que sendo escutados pelos esposos Corniquet deram motivo a novos commentarios.

— Calla-te, — disse logo o cadaver, — não

seria bom que se alvorotasse agora todo o bairro.

— Já falla! já falla! — exclamou Lalake. —
Bravo! não estás morto!

— Ainda não, — replicou Brionde, ao menos tenho tempo para pensa-lo.

— Nesse caso é preciso mandar chamar o medico. Lafleur! parti depressa em quanto eu fico com vosso amo.

— Não é necessario, — interrompeu Brionde — A minha ferida, ainda que me dôe muito não a julgo perigosa. Foi a emoção e o horror que sinto ainda, que me fez desmaiar, tanto como a perda de sangue. Creio que bastará agua e sal até amanhã. Depois o chamaremos.

Brionde levantou-se com a ajuda do seu braço esquerdo. Despiu o direito, e com effeito a ferida não era perigosa. A arma tinha tocado no hombro direito na parte carnosa do braço. A ferida era larga e profunda, porem não podia ter consequencias funestas. O mesmo sangue que tinha salido, em bastante abundancia, deveu arrastar os principios destruidores que o punhal poderia ter deixado. A ferida foi lavada, vendada, e depois molhada com agua e sal. Sujeitou-se-lhe o braço com um lenço e o ferido completamente restabelecido da sua fraqueza permaneceu deitado no divan. Lalake sentou-se á cabeceira, enquanto que Lafleur limpava a alca-lifa da sala, arranjava os moveis, e recolhia os cem bilhetes do Banco abandonados por Mad.

d'Aronde os quaes collocou sobre uma mesa sujeitando-os com uma maçã de marmore.

— Por minha fé que acho isto divertido? — disse então Lalake, em quem succederam com uma pasmosa rapidez as impressões mais oppositas. — Eis-me de prompto convertida em enfermeira, em irmã da caridade! Vejo-me naquelle espelho, — accrescentou, buscando a postura mais propria da sua situação, — e seja dito sem vaidade, não me está mal este papel. Sim, está muito bem, olha como me colloco n'uma acititude tão natural.

— Já te disse — replicou Brionde com um sorriso, — que eras uma grande artista a meu parecer.

— Pois em breve o parecerei, — accrescentou vangloriando-se a futura artista do theatro real de sua magestade *Pé-ligeiro*.

— Como é isso? — perguntou Brionde.

— Sim meu querido; tal como me vez venho despedir-me de ti; amanhã mesmo parto para um paiz encantador. Mas não digais nada, jurei guardar segredo. O que só posso dizer-te, é que tenho um contracto de *primo cartello*: cem mil francos cada mez; seis mil francos de gratificação cada noite, uma casa magnificamente mobilada; e só para o meu serviço dezeseite cavallos, trez carruagens, vinte e dois criados, mesa de vinte e oito talheres para mim e minha sociedade, que sei eu!...

— Illuminada lavada e remendada sem duvida, — acrescentou ironicamente Brionde.

— Ah! meu Deus! Agora me fizestes cahir em mim justamente esquecia isso!

— Mas a proposito, — perguntou Brionde, — como diabo tenho o prazer de render aqui homenagem ás tuas virtudes hospitaleiras?

Quem te deu noticias? Quem te enviou?

— Tiennette.

— Ah! é Tiennette! Devêra te-lo suspeitado?... Sem duvida não encontrava o drama bastante tragico, e quiz complica-lo em proveito do seu odio particular. Esta mulher não participa da lealdade d'uma cumplice. Não trabalha senão para ella. Abominavel creatura!

— Oh! inquieta-te que me tenha posto no caso de colher-te em fragante delicto de traição? Pois bem; tanto melhor! Não é portar-se mal, deixar abandonada uma pessoa sem a prevenir antes? deixa-la por espaço de oito dias na incerteza de se voltará ou não? E logo sacrificala por que? por uma grande senhora!

— Ora! dai-me um exemplo!

— Sim, senhor, por uma grande senhora. Logo o conheci quando entrei. Ha aqui, — acrescentou a bailarina agitando as suas lindas mãos, — ha aqui uma especie de perfume, um não sei que, cuja delicadeza bastou para revelar-me o mysterio, ainda quando não houvera sabido nada de antemão. Isto é o que faz mais

indigna a tua conducta. Oh! estou furiosa; não sei como te não arranco os olhos homem monstro! Mas não, amiguinho, estás ferido.... por quem? pela dama? pelo marido? por algum irmão? por um rival? Não importa por quem; isso me desarma!! Respeito os enfermos! Honra aos valentes desgraçados! Mais tarde regularemos o assumpto, dentro de dois ou tres annos quando volte.... Entre tanto sirva-te isto de lição, meu querido. Já vê-des que não é o melhor derigir-se ás preciosas do grande mundo, acontece o que com as sarças, que quanto mais se esfregam mais asperas se tornam. Mas vamos, refere-me como se passou o facto, e isto me distrairá. Primeiro que tudo, a que se reduz essa historia de Mustafá? Já me faz rir antes de sabê-la. Que, não me respondes? Ah! dorme! silencio!.... respeitemos o somno da innocencia!

Pouco desejoso Brionde de fazer confissão geral a Lalake, não encontrou meio de escapar ás suas perguntas senão fingir que dormia; mas á força de fingi-lo no fim d'um quarto de hora adormeceu realmente. O somno é algumas vezes uma especie de contagio. Lalake tambem adormeceu, á força de admirar no espelho a graça do seu papel de enfermeira, e Lasleur vendo-os adormecidos, deitou-se n'uma cadeira e formou um terceto de ronquidos. A calma que reinou desde então no primeiro andar, permittiu enfim aos esposos Corniquet que fizessem outro tanto. Mad. Corniquet

sonhou que se tinha convertido em Rainha, e Corniquet viu passar por diante de seus olhos grinaldas de odaliscas.

Emfim, ao amanhecer despertaram os trez dormentes ao ruído estranho que se ouviu na porta da rua.

— Que é isto? — exclamou Brionde com a vaga apprehensão, que deixam os máos sonhos.

— Que occorre? — disse Lalake pela sua parte? — Tornam a começar as emoções? Basta já o passado. Hontem não tinha nada que fazer, hoje ás dez horas devo estar no *Hotel dos Principes* com armas e bagagens.

— Vai vêr o que occorre, — disse Brionde a Lafleur.

Este olhou para a rua, largou a rir, cerrou a janella e deu parte a seu amo do que tinha visto.

Então era quando Fox se obstinava em entrar na casa tão valerosamente defendida pelo espanejador e baçoura, segundo temos visto no capitulo precedente.

Aquelle burlesco, espectáculo attrahiu uma multidão de observadores agrupados em semicirculo ao redor do campo da batalha.

— Entrará! Não entrará! exclamavam os espectadores rindo-se. Aposto pelo cão. Aposto pelo porteiro. — De quem será a victoria...!

Ao ruído daquellas disputas chegou Aronde ás suas janellas; desceu em seguida, atraves-

sou a multidão, e colhendo o cordão de Fox, dirigiu-se á escada onde o seguiram os esposos Corniquet.

— Sinto muito o incommodo que esse animal acaba de vos causar, lhe disse dando-lhe uma moeda de cem soldos.

— Não importa nada sendo cousa vossa, — respondeu attentamente o porteiro que conhecia de vista a Aronde como o rico visinho defronte.

— Dizei-me, perguntou Aronde, — que inquietos ha nesta casa?

— A lista não é muito extensa. Temos um senhorio que é muito extravagante sem o ser. Não quer nem cães, nem gatos, nem papagaios, nem crianças, nem celibatarios, nem raparigas solteiras, nem jornaleiros, nem estado, nem profissão nem nada que cause ruido. Só quer homens que vivam das suas rendas, casados e sem filhos, por causa da tranquillidade. Assim é que a casa está tranquillada sem o estar. Quasi sempre se acha desoccupada. Ha já desoito annos que não se alugava o primeiro andar dividido em dois quartos, quando de repente foram alugados os dois: o mais pequeno por uma senhora de certa idade e o maior por um turco, o senhor Mustafá-Ben-Paputacci.

— Que senhor Mustafá? — exclamou Aronde assombrado. — Quem é esse turco? Sabeis se recebeu esta noite alguma visita?

— Sim — replicou vivamente Mad. Corniquet, — hão vindo velhas, jovens e toda a classe

de gente. Hontem parecia a casa uma feira. Pouco a pouco se foram retirando; mas ainda ficou uma.

— Uma! --- exclamou Aronde empallidecendo, — e essa é joven ou velha?

— Póde ser joven sem o ser, — respondeu Corniquet. — Apenas a temos divisado. Mas creio que terá vinte a trinta annos.

— Oh! se será ella! --- pensou Aronde reprimindo-se com difficuldade, — pois bem, é justamente ao senhor Mustafá que tenho que fallar, — disse em voz alta. É algum tanto cedo, mas o negocio urge muitissimo.

— Como for da vossa vontade, — respondeu Corniquet, — podeis subir: o seu mameluco madrugou muito e poderá introduzir-vos.

Quando Aronde subiu a escada que conduzia ao primeiro andar, viu a Fox parar e farejar com pequenos e lastimosos latidos as paredes da escada e a porta da habitação de Brionde. Esta se achava aberta e o cão entrou por ella. O joven marido fez o mesmo em seguida, ainda que necessitou repellir com mão imperiosa a Laffleur que estava atravessado na porta á maneira de ferrolho. Quando entrou na sala, onde tinha occorrido a lucta entre Estrella e o seu perseguidor, achavam-se ali duas pessoas: Brionde e Lalake. Brionde, pallido e abatido estava estendido n'um sofá. Lalake de pé com vista inquieta, queria saber que nova personagem se misturava naquelles insiden-

tes, cuja explicação ainda não tinha podido obter:

Aronde sem fazer caso da loreta, a quem conheceu logo, se precipitou, sobre o homem que viu deitado no sofá, e agarrando-lhe o braço lhe disse:

— E minha mulher? está aqui minha mulher? Respondei, onde está?

Brionde lançou um grito de dôr.

— Hi-de ao inferno! — respondeu, — não vê-des que estou doente? Porque não perguntais por palavras e não por obras?

— Brionde, — exclamou Aronde, — Ah! sois vós! que residis aqui. Sois, o turco, o sultão desta morada?

E continuava agarrando o braço de Brionde com um furor apenas reprimido.

— Cuidado, cavalheiro, repito, — disse Brionde com dôr, — estou ferido e ignoro de que me fallais.

— Como! — respondeu Aronde, — não haveis conduzido aqui minha mulher?

— Vossa mulher? repetiu Brionde perguntando-se o que devia responder-lhe.

— Sim, minha mulher.

— Não a conheço.

— Não veio aqui?

— Não.

— Não ha sido conduzida tão pouco!

— Ignoro o que quereis dizer.

Aronde olhou ora para Brionde ora para Lalake, mas não pô-de descobrir a verdade.

Então se deixaram ouvir de novo latidos do intelligente cão. Aronde escutou e ouviu que Fox continuava a latir defronte d'uma porta contigua á sala.

— Talvez que esteja ali, — disse o esposo. E correu ao sitio indicado pelo animal.

A porta se abriu facilmente; mas a habitação estava vazia.

— Não ha ninguem! — exclamou Aronde.

— Talvez partisse, — murmurou Brionde ao ouvir tal exclamação.

Naquelle momento viu Aronde o cão que se tinha hido deitar n'um canto solitario sobre um objecto negro, de seda, que defendia mostrando os dentes, quando se aproximava o criado, cujo objecto levou a seu amo, por ordem sua, com demonstrações da alegria mais significativa.

— É o mantellete de minha mulher! É o mantellete de Estrella! exclamou Aronde

E se precipitou furioso sobre o sofá onde permanecia o ferido.

— Ainda continuais a negar que minha mulher veio aqui esta noite.

— Sim, senhor, persisto e basta, porque é mui estranhavel que venhais atormentar um enfermo com os vossos negocios pessoaes.

Lalake deu um passo para sahir, vendo que a discussão tomava um giro nada pacifico.

— Esperam-me em Warderburgo, — exclamou: — quero occupar-me de baile e não de melodrama. Adeos.

— Esperai — disse Aronde com authoridade, — estimo que esta scena passe á porta cerrada. Ah! pretendeis que minha mulher não veio aqui, pois bem, vê-de este mantellete, direis agora que não é o seu, respondei....

Brionde ficou pallido com semelhante revelação.

— Então ainda não respondeis? Sereis tão descarado que ouseis mentir ante a evidencia? Vejo que sois um cobarde!

— Um cobarde! — repetiu Brionde levantando-se vivamente ao ouvir aquella palavra.

— Sim; um cobarde, por que retrocedeis ante as consequencias de uma declaração.

— Bem, já que vos empenhais tanto justicarei a boa opinião que tendes de mim. É verdade; vossa mulher esteve aqui. Estais satisfeito?

— Ah! — respondeu o esposo com furor; — por effeito d'algum laço, sem duvida.

— Talvez, — disse Brionde sorrindo-se, com um modo emphatico.

— E onde está agora!

— Ignoro, procurai-a se quizerdes.

Aronde ia arrojar-se sobre o seu interlocutor, mas Lalake se interpoz.

— Senhora — exclamou Aronde repellindo a Loreta, — retirai-vos, pois já não se trata de discussão, e só de vingança.

— Que pretendeis fazer? — lhe disse Brionde.

— Matar-vos.

— Como se intende isso? — replicou o ferido inquieto.

— Oh! Estai tranquillo, não penso em assassinar vos, só quero obrigar-vos a bater-vos.

— Onde quereis ir?

— Como, vós tão bõa espada o perguntais? Acaso esperais que vos esbofeteie para tomardes animo. Vamos onde quizerdes; ao bosque a Anleuil, a Saint Germain, o silio me é indifferente, sempre o chamaremos prompto e eu vos matarei.

— Um duello! — perguntou Brionde, — é isto o que quereis?

— Sim, senhor, e já, — disse Aronde apertando os punhos de raiva, e no caminho encontraremos padrinhos.

— É impossivel, — exclamou Brionde.

— Quereis que vos arrebente aqui como um reptil?

— Mas não vêdes que estou ferido até ao ponto de não poder empunhar uma espada nem dar um passo!

— Que me importa! exclamou Aronde ---

tendes-me ultrajado e desejo uma satisfação immediata. Escolhei o meio de m'a dar; mas acabemos depressa.

— Por agora vos devo uma restituição, lhe disse Brionde, — o mantelleto de vossa mulher não foi a unica cousa que aqui deixou. Recebei pois cem mil francos que me trouxe para satisfazer a divida de Duplessis.

— Vinha pagar por mim! — disse Aronde enternecido — Anjo querido de abnegação, empregava o seu dote em prevenir os contratempos da ruina!

Beijou os bilhetes que acabava de receber como se fossem reliquias, e os metheu no bôlço do paletó, donde tirou o que encerrava. Eram pistolas.

— Já que não podeis sahir, --- disse a Brionde; --- combateremos aqui.

— Sem armas?

— Aqui tenho um estojo que poderá servir-nos nesta occasião.

— Mas a sala não tem as dimensões necessarias; ordinariamente se põem os inimigos a vinte passos.

— Meu Deus! — disse Lalake, dirigindo-se aos criados, chamem a guarda, que venha o commissario, que suba o porleiro; porem que se evite a todo o custo esta desgraça. Demais eu tenho que fazer.

— Tranquillizai-vos --- respondeu Frontin,

haverá um desenlace patetico e bem posto em scena como o antigo repertorio de uso hespanhol, o corregedor obrigado.

E arrastou a Lalake para a janella, mostrando-he com o dedo um ponto no horizonte.

— A que jogaremos esta partida cujo ganho vale a vida d'um homem? — disse Aronde.

— Que forma tomará o destino? Será o *ecarté*, o *piquete* ou a *imperial*?

— O jogo mais curto cavalheiro, porque o meu sangue me sahe das veias: não o vê-des?

— Pois bem, — disse Aronde, ao primeiro rai.

— Convenho.

— O que tirar um rei matará o outro. Senhora, cartas.

— Sim, — disse Aronde.

— Senhores, — murmurou a joven obedecendo — peço permissão para retirar-me, não quero ser espectadora das cousas horriveis que premeditais.

— Quereis ausentar-vos, — disse Aronde, não consinto, quero que sejais testemunha de que tudo se passou com lealdade. Vós estais ferido, — accrescentou derigindo-se a Brionde, — baltamo-nos a golpe seguro: joguemos a quem matará o seu adversario á queima roupa.

E sentando-se Brionde no sofá, tirou um jogo de piquete da caixa elegante que Lalake acabava de levar-lhe e tremendo baralhou com esforço as cartas que se lhe tinham dado.

— Cortai de pressa Aronde.

— Abreviai por Deus! respondeu este en-
gatilhando as pistollas depois de ter obedecido ao
mandato do seu adversario.

O ferido ia a distribuir alternativamente as
cartas, e aquelle a quem tocasse o primeiro rei
devia ser o dono da vida do outro, quando de re-
pente uma multidão se precipitou na sala.

— Que é isto? — disse Lalake.

É a comparsa de que vos fallei, — respon-
deu Laffeur, fiel ás suas comparações dramaticas.
— É o senhor corregedor com o seu escrivão e
auxiliares. Ritornelo? A orchestra, choro de al-
deões.

Com effeito, voltando-se Aronde para vêr
d'onde provinha o ruído de passos, viu diante de
si um juiz de paz, um syndico do commercio, dois
officiaes de deligencias, e no fundo formando a
prespectiva os esposos Corniquet que levantavam
ao ceu vistas cheias de indignação. Brionde dei-
xou as cartas na mesa esperando o resultado da-
quella scena.

— Aronde, — disse então o syndico, —
entregai-vos preso em nome da lei.

— Porque motivo sou preso?

— Por cento e vinte mil francos que deveis.
O processo está em regra, e sois encontrado em
casa estranha, para evitar todo o tempo perdido
em protestos, vimos apoiados na authoridade do
senhor juiz de paz.

— Cento e vinte mil francos! — disse a Aronde, Brionde envergonhado de que fôra preso em sua casa. — Mas eu acabo de dar-vos as cinco sextas partes da somma, com poucas esforços podereis evitar a prisão.

— Eu, --- disse Aronde olhando para o seu interlocutor, — eu dispor do dinheiro de Estrella, d'esse anjo que se expoz por mim! Não! Mil vezes antes a prisão! Porem, --- acrescentou em voz alta, — tenho senhores, que terminar uma partida que só durará um minuto e rogo-lhes que me deixem.

— Senhores levem o preso, — disse o juiz de paz, — a justiça não deve conceder taes delongas.

No momento que para obedecer a este mandato Aronde ia a seguir os aguazis, divisou entre elles um gigante torto que o olhava com uma especie de interesse.

— Uma partida sem acabar, — murmurava o colosso --- Oh! isto é indigno!

— Pois bem, --- disse Aronde, --- queres pôr-te em meu lugar. Trata-se de matar um homem ao primeiro rei que saia!

— Aceito se queres, --- exclamou o syndico, a quem duello tão original interessava apesar seu.

E depois de ter cedido o passo ao juiz de paz, baixou com os seus agentes levando a Aron-

de, a quem seguiu o pobre Fox com a cauda baixa e o aspecto triste.

Brioude que tinha deixado as cartas crendo impossível a partida, ficou só com o substituto de Aronde, que não era outro que Cíclope, o amigo do *Balançoira*.

O ferido pensou naquella momento que uma fraude não prejudicaria a ninguém. Apesar de que jamais tinha appellado a ellas, conhecia a fundo a grande arte de corrigir a fortuna que os antigos nos transmittiram. Por fim creu que naquellas circumstancias seria mui conveniente. Se se expunha a perder, dava motivo a uma catastrophe, estando resolute Aronde a usar dos seus direitos homicidas. Se pelo contrario, tinha que renunciar aos seus, parecia-lhe que ultrapassaria os limites do seu papel.

Fazer uma vilhaçada vinha a ser um acto de prudencia e quasi uma boa acção. Colheu o baralho e executou a manobra; mas fosse que a sua consciencia não estivesse conforme com a sua razão, fosse que a sua ferida tivesse tirado ás suas mãos a ordinaria destreza, sahio mal no jogo, e a carta não obedeceu ao mandato.

— Oh! oh! — disse o Cíclope, — pouco a pouco paisano, vejo que me tomais por um novico, pois sabeis que ha trinta annos que jogo nos cafés; e ainda que só tenho um olho, não durmo tão facilmente. Vejamos as cartas uma por uma.

Contrariou Brioude, aturdido sem duvida,

obedeceu machinalmente; tres vezes tocaram cartas insignificantes aos dois antagonistas; á quarta vez deitou uma figura a mão febril do mandatário d'Aronde.

Era a vingança do marido!

Era o castigo do culpado!

Era um rei!

— Ganhei! exclamou o colosso levantando-se, — se de testemunha senhora.

— Perdido, — disse Lalake levantando-se —, este é o momento de escapar. O generalissimo deve crer-me nas Frisas.

— Dez luizes, — disse Brioude, — dez luizes para ti, se te calas e annulas a partida.

— Eu, — disse Cíclope estirando seu talhe gigantesco, — eu vender um prisioneiro! não estou por isso.

— E abrindo a janella gritou a Aronde que atravessava a rua para subir á sege do syndico.

— Ganhasteis, Aronde! é vossa a partida, podeis aproveitá-la sem porte de armas com o privilegio do rei de espadas!



CAPITULO XVII.

PANORAMA.

Falta-nos que completar a narração dos diversos successos que occorreram na casa dos esposos Coruiquet algumas horas antes da prisão d'Aronde, executada por alguns agentes de policia cujo zelo tinha sido estimulado por Tiennette ao sahir de sua casa.

Depois de Mad. Aronde ter ferido a Brionde, a temos visto por uma reacção inevitavel, especialmente n'uma mulher, desmaiada ante o sangue que acabava de fazer no seu transporte de tanta indignação.

Certa porta secreta, cuberta com equal papel que o resto da sala, e da qual Brionde não tinha conhecimento, dava passagem da sala ao

quarto occupado pela mysteriosa vesinha, a quem a mulher de Corniquet chamava Mad. *Masbrock*, por causa da côr negra do seu trage. Os dois quartos não tinham formado mais que um na sua origem, e podiam unir-se se fosse preciso, como se faz em muitas partes, para comodidade dos inquilinos.

Ora bem; segundo os acontecimentos parece que ella tinha hi-do viver para aquella casa prevendo o que devia acontecer. Tinha seguido o curso daquelle successo atravez da fechadura, cuja chave estava a seu lado, e não custou nenhum trabalho a Mad. *Masbrock* a apresentar-se ante os olhos assombrados de Brionde no mesmo instante em que Mad. d'Aronde tinha perdido os sentidos. Levantou a joven e tomando-a em seus braços a conduziu ao seu quarto, cerrando ao mesmo tempo a communicação.

Refugiada ali, e com a assistencia d'aquelle homem de elevada estatura, que a visitava todas as noites, a dama negra prodigalizou á joven quantos cuidados foram necessarios. Esta recobrou logo os sentidos, mas tinha sido tão violenta a commoção moral, que permaneceu muito tempo ainda insensivel, com os olhos espantados.

— Já é tempo de abandonar esta funesta casa, — disse então o desconhecido, — e queira Deus que a pobre não fique louca para sempre das terriveis emoções que acaba de soffrer.

A dama negra e o seu mysterioso companheiro tomaram pelos braços a joven, sahiram da casa e desapareceram na rua.

Eram perto de duas horas da noite.

Mad. d'Aronde tinha-se deixado conduzir como uma authómata sem saber aonde, nem por quem, nem como. Ignorava o que acontecia.

— É impossivel, — disse a sua libertadora, — que a levemos a sua casa a estas horas e no estado de insensibilidade em que se encontra. Similhante regresso daria que pensar mais que uma larga ausencia. Necessita ella outros cuidados. Que faremos ?

— Levemo-la para vossa casa, senhora. O seu marido está ainda longe de Pariz. Sempre será tempo de transporta-la a sua propria casa quando a sua saude não offereça nenhum cuidado. A vossa protecção é de tal natureza, que evitará todo o commentario desfavoravel ao juizo de Aronde. Vós lhe fareis conhecer a necessidade de dar este passo.

— A elle, bem, mas a elle só, — respondeu a dama.

— Preparado este plano, fizeram subir a enferma a uma carruagem que tinha transportado o desconhecido duas horas antes, e que esperava á porta. A dama vestida de negro e com um veu que lhe cubria o rosto se collocou a seu lado.

— Ao *hotel*, — gritou o desconhecido ao cocheiro.

— Depois de saudar as duas senhoras e fechar a portinhola da carruagem, se retirou a pé, em quanto que a carruagem tomando o *boulevard* se dirigia rapidamente para a grande avenida dos Campos Elysios.

Um quarto de hora depois parava na rua de Chaillot, no pateo d'uma casa magnifica que tinha mais de palacio que de domicilio particular.

O peristilo era construido de marmore branco. Um elegante jardim botanico rodeava a linda morada; grades douradas feitas com uma arte perfeita protegiam contra a indiscripção dos passageiros, um musgo d'esse verde esmeralda tão grato á vista e que forma a alcatifa mais branca do estio. Um repucho natural lançava caprichosamente suas perolas liquidas sobreervas já brilhantes pelo orvalho. Emfim as estatuas das quatro estações, obra d'esculptor celebre, occultavam seus brancos contornos detraz das arvores corpulentas, ou de grupos de espinheiros.

Ao baixar da carruagem resouu uma campainha, e immediatamente se apresentou um laçao que baixou o estribo.

A dama vestida de negro, tomando Estrella pela mão atravessou com ella varias habitações sumptuosamente mobiladas. Por toda a parte se admiravam os objectos mais ricos: os salões se

viam soberbamente dispostos e brilhavam esculturas douradas e maravilhas da arte. Tinha-se combinado com um tacto perfeito o luxo e a elegancia com a commodidade e as uteis superfluidades da vida.

O tempo, o movimento, e o frescor da noite contribuíram, sem duvida, para a feliz mudança que operava a natureza no estado mental de Mad. d'Aronde. Uma vez installada no seu delicioso gabinete, que se communicava com uma alcoba, a joven começou a verter uma torrente de lagrimas. Aquella circumstancia lhe salvou a razão. Quando deixou de chorar tinha recobrado completamente a memoria e os sentidos.

— Senhora, — disse á sua protectora, — devo-vos mais que a vida; devo-vos a honra talvez. Poderei saber o nome da pessoa generosa que acaba de adquirir tantos direitos para a minha eterna gratidão?

A desconhecida levantou então seu veu, desatou o seu chapeu que deu a uma criada, e depois de a despir sentou-se familiarmente ao lado da sua protegida.

Á luz das velas que ardião em candelabros sustentados por diabos phantasticos como o sabe fazer tãobem Barye, contemplou Estrella pela primeira vez as feições da que havia sido sua libertadora. Era uma mulher de trinta e trez a trinta e sete annos, branca, grossa, languida de complexão, negligente na actitude e bondosa e

doce pela physionomia. Seus olhos, todavia admiravelmente formosos, careciam de expressão ou descuidavam tê-la pelo cansasso ou pelo desalento.

A vista é a palavra o que o relampago é o raio. Marcha a par com o pensamento, do qual toma a sua essencia mais ou menos energica. Mas como a desconhecida aparentava não dar muito cabimento á meditação o seu aspecto indicava que vivia uma vida mechnica, indifferente e resignada, e seus olhos claros, brilhantes, porem friamente amortecidos, não pareciam ser os interpetres verdadeiros do seu desejo ou do seu sentimento.

— Perguntais-me o meu nome? — disse a Estrella.

— Sim, senhora, para o misturar com as minhas orações.

— Querida menina. Ao lado d'um anjo como vós, tão fiel a seus deveres, a mentira mais innocente seria um crime; e para dar-vos um nome seria preciso mentir.

— Então não podeis dizer-me quem sois?

— Não, minha filha.

— E por que?

— Por que não tenho nome.

— É assombroso?

— Careço d'elle ha muito tempo. Em outra epocha tive como vós um nome doce que repetia minha mãe quando me acariciava ou me can-

tava coplas, para adormecer-me, depois chegou um dia em que por causa d'uma traição, d'um matrimonio de uma conveniencia, se accrescentou áquelle nome um novo, e dos dois, hoje que estou isolada no mundo, não me resta nenhum. O meu passado, ás vezes alegre, e ás vezes triste, se apagou para sempre na memoria humana. Sou como o judeu amaldiçoado por Deus, que caminha no isolamento e no esquecimento, para espiar uma falta que todavia não encontrou perdão no Senhor.

— Perdoai-me senhora, — disse Estrella, — se fui indiscreta, e por mais severa que sejais espero que o alcançarei, pois que já sinto por vós uma sympathia que não póde enganar-me. Só neste brilhante palacio, cujos moradores não conheço devia ter algum temor; e sem embargo não experimento nenhum. Parece-me que encontrei em vós uma mãe que substituirá aquella que do Ceu nos olha e pede por nós.

— Pobre mulher! — disse a desconhecida — que morreu na miseria deixando uma filha sem protecção alguma.

— Como! — exclamou Estrella, aproximando-se com uma alegria infantil. Por ventura sabeis?

— Oh! respondeu a sua bemfeitora, --- não sois aqui desconhecida; estou enteirada da vossa juventude, tão cheia de sombrias peripecias coroadas d'uma terna abnegação, e por certo não

é a casualidade que me collocou neste contacto. Descançai com confiança sob este tecto hospitaleiro, pois estais rodeada de amigos somente, e não necessitais dizer o vosso nome para serdes conhecida e venerada.

— Depois de ter pronunciado estas palavras com o tom de indolente amenidade que lhe era proprio, a senhora colheu a mão a Estrella e a conduziu á alcoba que lhe estáva preparada.

— Descançai em paz, — lhe disse; — amanhã, isto é, dentro de algumas horas, pensaremos no meio de devolver-vos o socego e a tranquillidade de espirito que o laço odioso desta noite vos fizeram perder. Confiança e valor! O futuro nos pertence.

Depois de estreitar a Estrella nos seus braços, antes de deixa-la só na sua nova habitação, estampou um beijo fraternal na sua fronte.

— Agradecida natureza, — disse, — capaz de fazer-me sentir a vida!

De repente voltou-se para a sua protegida, e lhe disse:

— A proposito, sois medrosa?

— Não senhora, — respondeu Estrella com um orgulho de crioula, habituada a desafiar o perigo.

— Não vos intimida a ideia de dormir só n'uma habitação tão grande como esta?

— Nada disso, senhora.

— Escutai: preveni que a vossa alcoba fi-

casae ao lado da minha para vos ter mais perto de mim; mas ás vezes passo noites bastante agitadas. Se ouvirdes algum ruido, não vos assusteis.

— Não senhora, repetiu Estrella, que se sentiu perturbada, a pezar seu, ao ouvir semelhante recommendação.

— Está bem; mas podeis experimentar algum momento de inquietação. Nesse caso vou dar-vos um meio de calmar a vossa imaginação. Vê-des esse quadro dourado cuberto com um veu espesso, que está defronte da vossa cama?

— Sim, senhora.

— Motivos particulares m'o fizeram resguardar das vistas de todos. É a minha reliquia, mas a quem não tem nome de que serviria mostrar á vista o que foi o culto de annos passados? Sem embargo se vos encontrardes incommodada nesta habitação, demasiado grande para uma joven, chamai-me em vossa ajuda e descubri o quadro que ficareis tranquilla.

— Agradeço-vos, senhora, --- balbuciou Estrella mais comovida do que desejava apparentar.

— Os meus encargos são talvez algum tanto mysteriosos na forma, mas aqui não se fazem as cousas como nas outras partes. Quiz antes prevenir-uos, não obstante dar-vos um pouco de cuidado do que inquietar-vos muito depois. Vós não tendes medo de phantasmas, nem acreditais nos gnomos e nos vampiros, e assim vos tenho

como dotada d'uma natureza cheia de seiva, e de ardor, cuja energia ja pude apreciar. Não vos tracto como parisiense que padessa o seu vagado senão como uma mulher razoavel e sensata, a mulher forte da Escriptura. Descançai em paz. Por outra parte, é possivel que se passe a noite sem que se perturbe no mais minimo o vosso somno angelical.

A noite adiantava. A lua não era já essa deosa radiante e cercada de nuvens estrelladas, despontando segundo a versão mytologica, seus beijos de ouro sobre a fronte de Endemião dormindo: parecia presentir a aurora e fugia ante o perigoso rival arrastando apoz de si as rutilantes divindades que lhe servem de escolta. O tempo estava sombrio, e apenas se divizava no horisonte um matiz avermilhado como uma larga cinta de gaz annunciando a vinda do dia.

Estrella despiu-se vagarosamente, examinando por dentro e por fóra os objectos que a rodeavam. A seus pés estava a alcatifa de verde erva perdida em uma sombra espessa, por entre a qual se destacavam os contornos harmoniosos das estatuas; a seus lados se achava preparada a cama elegante que devia recebe-los e a almofada guarnecida de rendas que devia sustentar sua carregada cabeça. Um immenso espelho occupava a direita da habitação, offerecendo á joven o meio de admirar-se antes de adormecer, e sobre um confidente de tapeçaria uma mão vigi-

lante e cuidadosa tinha depositado a trage de negligé mais elegante e delicioso. Mas Estrella não pensava em mirar-se nem em contemplar seus adornos nocturnos; estava completamente absorta nas ultimas palavras que acabava de ouvir e permanecia immobíl ante o quadro cuberto com o veu que se lhe tinha indicado.

— Será sem duvida alguma santa imagem; algum relicario o qual não deve tocar-se senão com respeito e em occasiões solemnes. Queira o céo que a sua efficacia me preserve de todo o perigo e consiga dar ao meu esposo de quem estou separada, a dita e a paz.

Depois de se ter despedido e rezado devotamente as suas orações costumadas, Estrella deitou-se mais tranquilla.

Apenas se tinha encostado, creu ouvir golpes mysteriosos dados na porta da entrada. Deslisou-se então ligeira como uma gazella até á sua janella, e viu o mesmo criado que sahio a recebe-la introduzir um homem que andava com precaução pela area do jardim. Parecia de elevada estatura; mas não pôde vêr suas feições, porque vinha envolto n'uma immensa capa que lhe chegava até aos olhos.

Fallou em voz baixa ao laçao, e depois de escutar a resposta subiu a escada que Estrella acabava de atravessar.

— Quem será este homem, e a que virá a estas horas?

Occultando ella a luz que tinha no seu quarto, continuou a observar o que passava com a mais viva attenção.

O desconhecido passou rossando pela sua porta sem deter-se, e entrou na habitação immediata sem necessitar tocar na campainha. Estrella julgou então ouvir um ruido perto do gabinete immediato á sua alcoba. Dirigiu-se a ella por um impulso de defesa pessoal, e pôde vêr a scena que se preparava a travez da cortina de muselina da janella.

A dona da casa estava n'um ligeiro *desabilé* mas não deitada. Tinha um roupão branco de flanela, e seus ruivos e riçados cabellos se viam encerrados n'uma touca de dormir, impotente para rete-los. Mandou entrar o sugeito que acabava de atravessar o jardim, sem manifestar a menor emoção de antipathia e de temor.

— Então, — lhe disse o homem da capa, — está já tudo concluido.

— Se não estivéra, estaríamos nós aqui?

— Sabiu tudo como eu esperava?

— Exactamente.

— E a joven.

— Está aqui perto de mim.

— Dorme! perguntou o homem.

— Oh! ao menos é provavel, depois de tantas fadigas. Por outra parte nada temos que temer.

— Pois bem, senhora, apezar dos trabalhos

que tendes soffrido esta noite, necessito algumas instrucções.

— Esta noite?

— Sim no mesmo instante.

— Não pode ser.

— É indispensavel,

E estendendo a mão sobre a cabeça da dama lhe disse com voz brusca e imperiosa.

— Obedecei.

— A dama não respondeu. Parecia abysmada sob aquelle mandato, e não fez o menor movimento. Sem embargo, os seus olhos permaneciam abertos, e na agitação do seu peito se podia conhecer que somente experimentava uma ligeira reacção.

Estrella, á vista d'um comportamento tão inexplicavel, sentiu um estremecimento por todo o seu corpo; mas permaneceu no seu posto, resoluta a saber tudo.

— Vamos viajar, — disse o homem da capa dando á sua voz pouco antes respeitosa um tom de autoridade.

— Para onde? — respondeu a dama.

— Por agora para Pariz. Procurai o *Hotel dos Principes*.

— Para o *Hotel dos Principes*. .. Ah! Rua de Richelieu uma casa grande cheia de luzes. Já me recordo.

— Não ha ali quatro estrangeiros alojados uns perto de outros?

- Sim.
- Vê-des-lo ?
- Vejo.
- Onde estão ?
- No primeiro andar.
- Estão dormindo ?
- Não, estão acordados.
- Conheceis-los ?
- Conheço dois delles.. O primeiro é...
E a dormente pareceu deter-se com temor.
- É Dabiron, não é verdade ?
- Sim.
- Que faz ?
- Está contando dinheiro para fazer preparativos com motivo d'uma viagem proxima.
- Está perto d'elle o mais joven ?
- É seu vesinho de quarto.
- Como se chama ?
- O rei.
- Onde está ?
- Defronte d'um espelho provando uma corôa de papel dourado.
- Que tem no dedo annular da mão esquerda ?
- Um annel.
- Que feitio tem ?
- Tem um largo aro com cabellos no centro.
- Vê-des o terceiro ?
- Sim, vejo : tem medo ; está bebendo para tomar forças.

- E o ultimo ?
— E' um homem de meia idade.
— Que faz ?
— Traça o itinerario d'uma viagem sobre
uma carta aberta ante os seus olhos.
— Onde vão ?
— Á Allemanha.
— Por onde irão, por Alsacia ?
— Não, pela Belgica ; acompanha-os uma
mulher.
— Está bem, vivirão muito esses homens ?
— Não.
— Morrerão breve ?
— Talvez ; ao menos dois dos quatro.
— De que enfermidade ?
— De sede de ouro.
— Mudemos de sitio, — disse o homem da
capa.
— Estou cansada, — observou a dama.
— Obedecei, assim o quero, — respondeu.
A dama ficou immovel.
Estrella apoiou a cabeça na parede acom-
mettida d'uma violenta emmoção.
— I-de a Erneé, — disse o homem da capa,
— Já estou ali.
— Que faz o velho ?
— Está sentado á mesa.... respondeu com
uma nova emoção.. — Tudo está quebrado ao
seu arredor, os copos, as garrafas, os candela-

bros; fica á mesa furioso, exasperado e está bebendo.

— E Mad. Duplessis sua mulher?

— Está ausente, — continuou a dama com angustia.

— Procurai-m'a.

— Não posso, désfalleço.

— Obedecei.

— Está na cama tratada pela velha Flipine.

— O velho ficou só no meio do seu furor? partiram todos?

— Não, um homem lhe sustem a cabeça e o persuade.

— Quem é esse homem?

— Um sacerdote.

— Ide agora á rua de Helder, a casa d'Aronde, — disse a singular personagem.

— D'Aronde! — exclamou Estrella contendo as palpitações do seu coração.

— Já estou, — respondeu a sua docil escrava.

— Já voltou Aronde?

— Sim, e já sahiu.

— Onde está agora?

— N'um *fiacre* entre dois homens de *synistras* figuras.

— Quem são esses homens?

— Não sei, um é pequeno, e outro alto.

— Não levam alguma cousa que os possa dar a conhecer?

— Não.... um, esperai.... um tem um caderno de papel sobre o qual ha uma cousa escrita.

— Lê-de.

— Não posso, pois tem o caderno debaixo do braço.

— Lê-de apezar do obstaculo; eu o ordeno.

— Um instante; dai-me tempo; farei o que possa. Diz: « documentos em forma. »

— A onde vão?

— Esperai. Sobem á rua Blanche, continuam a andar no *fiacre* e páram....

— Onde?

— Diante d'uma casa grande.

— Como é a casa?

— Tem uma porta forte com chapas de ferro, e janellas com fortes varões. Ha tambem uma inscripção na frente.

— Podeis lê-la.

— Diz: « *Prisão por dividas.* »

Seja que Mad. d'Aronde não podesse explicar-se a razão daquelle extranho conciliabulo, ou fosse que não se desse conta da possibilidade de ver taes distancias como parecia possuir a sua libertadora, o certo é que sentiu vibrar todas as cordas sensiveis do seu ser ao ouvir pronunciar o nome de seu marido; sua imaginação meridional seguia com ansiedade a marcha daquella vista, cuja causa não sabia complicar-se e cujas revelações, lhe interessavam o seu espirito.

rito e captivavam o seu coração. Creu ver ao mesmo tempo que a mulher dormente a seu esposito preso, seguiu a marcha da carruagem que o conduzia, creu ouvir os ferrolhos que se cerravam de traz delle, e abundantes lagrimas que se escapavam de seus olhos obscureceram um instante sua vista, e a impediram informar-se do que passava no quarto immediato. Quando pagou esta divida á sua legitima dôr, voltou a collocar-se no seu observatorio, e encontrou aos authores da scena de que tinha sido espectadora na mesma situação.

— Conheceis a Tiennette ? — continuou o homem.

— Sim, — respondeu a dama.

— Examinai o que se passa na sua casa.

— Acabaremos prompto ? Tenho uma oppressão.

— Isto vai a concluir. Que vê-des ?

— Tiennette, está só.

— Que faz ?

— Chorar, e retorcer as mãos de desesperação.

— Porque ?

— Está enferma de espirito; mata-a uma paixão: ama e não é correspondida.

— A ultima pergunta e teremes concluido.

— Estou mui cançada, — disse a dama com voz debil.

— É preciso. Recorrei a habitação de Tienne, que vê-des á direita?

— Um armario guardado de ferro.

— Que ha nesse armario?

— Ha cartas em grande numero... mais de seis mil; de todos os paizes, assignadas por toda a classe de nomes e classificadas por ordem alfabetica.

— Observai a letra D.

— É mui difficil; não posso vêr atravez dos sobrescriptos.

— Observai; eu o quero.

— Não posso. Despertaí-me que estou cansada!

— Obedecereis, preguiçosa, indolente? Eu o mando e o exijo, — exclamou irritado o homem da capa.

— Experimentarei.... Ah! já tenho o pacote. Que desejais que busque?

— Um sobrescripto que tem varios sellos; que viajou muito. Já o vê-des?

— Sim, bem o diviso, — disse a dama.

— Que offerece de notavel?

— Os sellos são singulares; ha aguias de duas cabeças.

— Lê-de a primeira carta que se encontra ali.

— Naquelle momento, fosse por fadiga, fosse por emoção. Estrella fez um movimento, e soon a madeira do tabique.

— Alguem nos escuta, — disse o homem da capa.

E estendendo a mão sobre a sotanambula antes que tivesse tempo de obedecer á sua ordem precedente, disse com precipitação.

— Despertai.

A taes palavras se estremeceu a adevinha e levantou-se sobresaltada.

— Mr. Masson, disse ella como se houvesse perdido completamente a memoria do que acabava de ver e referir, — estivesteis occupando-me por muito tempo ?

— Dez minutos ao mais, — respondeu o seu interlocutor deixando o seu accento imperioso e tomando o tom da mais exquisita deferencia. Já sabeis quão avaro sou das vossas preciosas qualidades, e até que ponto lemo causar-vos um funesto cansaço; mas quando o exigem as circumstancias, obedeco a um movil mais poderoso que a respeitosa amizade que vos professo. Ajudais-me a desbaratar os projectos dos malvados?

— Para que me fazeis semelhante pergunta, meu querido Masson ? — disse a dama. — Desde quando deve respeito o pai a sua filha ? Não sois vós meu pai, sem embargo de terdes menos idade que eu ! Esta brisa da manhã que respiro, este sol suave que me vivifica, esta vida que me faz sentir, não é por mim senão por vós. Eu não

sou mais que um automato, cujo mechanismo dirigis. Podeis fazer de mim o que quizerdes.

E tomou então o braço de Mr. Masson e fallando em voz baixa com elle, o acompanhou até ao palamar da escada.

Estrella, perturbada ainda, vivamente commovida pela conversação cujo segredo acabava de surprender, pretendia em vão durante aquelle tempo dominar sua emoção. Via sem cessar a seu esposo arrojado na soledade d'um calabouço privado da liberdade, essa irmã da intelligencia, tão necessaria para defender-se contra todo o inimigo. De repente levantando a sua vista para o Ceu como para buscar algum consolo, viu o quadro tapado; brilhavam as suas molduras aos primeiros alvares da manhã.

— Tinha esquecido este quadro, — pensou, — quem sabe? Deus tem remedios para todos os malles. A esperanza é irmã da fé. Vejamos o que se oculta debaixo desta mysteriosa cortina.

E com a mão agilada puxou o cordão da cortina. Ao ver descoberto o quadro soltou um grito de alegria.

Não era a imagem de nenhum santo o que a joven encontrou; não era um relicario catholico formado de setim, ornado com bordados e emblemas. Era um retracto contemporaneo, um rosto nobre e franco que parecia sorrir a sua contempladora.

--- Deus seja louvado, --- exclamou Estrella

ao contemplar semelhante apparição. — Estou rodeada de amigos, não devo ter medo porque encontro ao meu lado este quadro consolador; o retrato de meu esposo.

Deixemos Estrella e voltemos a Ernée.

Vimos os convidados de Duplessis retirar-se pouco a pouco, durante a estranha scena que o velho tinha feito dar a si mesmo debaixo das janelas da sua casa com grande escandalo de todos.

Madama Duplessis contra quem se tinha preparado tão grande affronta, foi conduzida desfallecida pela sua antiga criada e seu sobrinho.

Duplessis ficou só com o parcho de Ernée, que tinha sido do numero dos convidados. O veneravel pastor de pé com os braços cruzados sobre o peito estava silenciosamente do outro lado da mesa, esperando o momento propicio para enviar algumas palavras de paz á alma do iracivel velho. Este estava sentado no seu posto como rendido pelo excesso mesmo da comoção que acabava de experimentar. Assim estava quando a dama desconhecida, a cuja casa tinha sido conduzida Mad. de Aronde, o viu atravez das sombras do seu sonho magnetico.

Naquella mesma noite não se fallava naquelles contornos mais que do grande escandalo que a casa ordinariamente tranquilla dos esposos Duplessis derepente tinha offerecido.

Os escreventes do sobrinho não eram os ultimos a formar commentarios e a proferir chufas.

Sentados até alta noite á mesa d'um botequim, e tendo bebido uma bõa dose de ponche, se entregavam ás conjecturas mais insensatas á cerca da aventura que tinham presenciado e cujo desculace prematuro os tinha privado do café e dos seus accessorios.

— Com os demonios! — dizia um delles ao primeiro escripturario a quem tinha ganhado charutos ao *dominó*, — é preciso convir que o teu epitalamio conjugal teve um exito brilhante. Que bravos, que enthusiasmo e que *charivari*! mas era justiça. O teu quarteto merecia o acompanhamento da bateria da cosinha, do qual has desfructado.

Então o escripturario recitou parte da sua composição, parodiando-a com entoação de voz conforme as circumstancias, e ao brado das festas de familia levantou os olhos ao Ceo como para buscar Apollos indignado, mas Apollos não o protegeu. O nosso poeta perdeu o ponche como tinha perdido os charutos. Á uma da madrugada o colheram os seus companheiros, e levando-o em triumpho pelas ruas da povoação, o depositaram no corpo da guarda, denunciando-o como um buhento com cujo pretexto o fizeram passar ali o resto da noite.

Entretanto o velho Duplessis tinha sahido pouco a pouco do seu espasmo.

— Oh! — exclamou alongando a vista ainda turbada pela sala deserta do festim á luz espi-

rante das vellas, — abandonaram-me meus convidados? Já conheço o que é; terão tido medo de perturbar tão doces momentos! Pois bem, eu festejarei só a minha dita conjugal; eu beberei só mas com ambas as mãos; brindarei eu mesmo por minha propria felicidade.

E enchendo logo dois grandes copos, sem embargo de ser ordinariamente tão sobrio, os despejou a'um momento.

Logo depois ouviu-se uma voz doce e grave. Era a do sacerdote.

— Meu filho, — lhe disse, torne em si, não afogue nesse licor precioso o resto da sua razão.

— Quem me falla? perguntou o velho cuja linguagem era embaraçosa e a vista um tanto vancillante.

— Sou eu, Mr. Duplessis, — respondeu o ecclesiastico, eu, vosso amigo, que vos supplica que vos tranquillizeis.

— Que me tranquillize... Ah! sois vós senhor cura, quem me dá esse bom conselho? Voltar em mim. Triste consolação me offereceis; em mim não ha mais que dôr, e raiva. Sou um marido enganado, um esposo inbecil e bonacheirão que necessitou trinta annos para descobrir sua deshonra. Não, é preciso que me adormeça, que me mate, que me aniquille em vinho para esquecer um momento.

— E Duplessis continuou bebendo com uma avidez febril.

— Meu filho, — disse o sacerdote, — Tende paz de espirito e sereis justo. Escutai a voz do homem cujos cabellos estão brancos como os vossos e que como vós tambem se encontra no fim da sua carreira. O espirito humano engana-se muitas vezes. Só Deus é infallivel.

— Oh ! com effeito, — interrompeu amargamente o velho mostrando as cartas accusadoras que estavam sobre a mesa, as quaes recolheu cuidadosamente e guardou de novo na sua algibeira. Sou sem duvida o juguete de falças apparencias : estas cartas não são mais que uma vã illusão. Encerram pelo contrario certificados da sua bôa conducta. Maldição ?

— Não amaldiçoeis ninguem, meu filho, porque tambem sereis amaldiçoado. Ignoro a culpabilidade que podem arrojjar essas cartas ; mas sei que diz a Escriptura :

« Para todo o peccado ha misericordia »

— E que esperais de mim ?

— Que repareis como vos for possivel um escandalo de que mais tarde tereis que arrependervos, e que tenhais compaixão dessa pobre mulher que ha tantos annos comparte convosco as dores da vida.

— Minha mulher ? disse Duplessis gaguejando e bebendo ainda mais um copo. — Que se falla de minha mulher ?

— Tendes vós sido sempre bom com ella, — perguntou o sacerdote, — vós que vos erigis

em seu juiz? Rodeaste a sua vida dessa affectuosa protecção que uma vez lhe jurastes? Não tendes nada que vos accuse a consciencia.

— Oh! eu, — disse Duplessis, cuja embriaguez tinha feito baixar insensivelmente a sua colera, sei mui bem que não sou um santo, mas é demasiado tarde para converter-me.

— Nunca é tarde, — contestou o ecclesiastico. — Antes de serdes severo com vosco, sê-de compassivo com outrem, com essa pobre creatura.

— É verdade que me tenho descuidado della; que ás vezes a tenho tractado com aspereza, e, se ella me tem enganado talvez que eu tenha tido a culpa... Mas já vê-des, senhor cura, que saber isto, ainda que tenham decorrido trinta annos, é pouco grato, e envenena a vida passada... Não emporta para o caso ser velho, por que como homem tambem se soffre.

— Vamos disse o sacerdote, levantando-o, — é um bom impulso! Se-de christão; dai uma prova de consolação a essa pobre mulher, cuja alma despedaçaste!

— Sim, senhor cura, — respondeu com esforço Duplessis, — sim tendes razão; se me julgais de máo coração; mas não é assim; soffro e é bastante conhecer-me o fraco.

— Pois bem; vinde comigo, — disse o digno cura querendo aproveitar aquelle momento de sensibilidade, cuja verdadeira causa era mais bachica que moral.

— Sim, — disse Duplessis, — vamos, vamos, eu vos sigo.

E fez um esforço para levantar-se; porem não pôde consegui-lo e permaneceu como pregado no seu assento vencido pelo poder narcotico do vinho. Ainda que o sacerdote quiz interrogalo de novo, foi impossivel obter uma resposta nem interrompeu o somno que se tinha apoderado do velho.

— Senhor cura, — disse então um criado que acabava de entrar todo tremulo, — vinde depressa.

— Onde? perguntou o sacerdote.

— Onde está a senhora.

— Está muito doente?

— Não sabemos já se respira, senhor cura.

— Senhor, — murmurou o sacerdote seguindo o criado, — se-de mesericordioso com os corações afflictos.

— Um inst ante depois se apresentaram dois criados enviados pelo sacerdote á sala em que Duplessis tinha ficado só, submergido no pesado somno da embriaguez. Pegaram nelle e o levaram ao seu quarto, despiram-no e o deitaram na cama sem que abrisse uma só vez os olhos. Um delles passou ao seu lado o resto da noite e o dia seguinte. Até ao terceiro dia não se despertou de seu lethargo.

— Onde estou? perguntou elle enfim le-

vando a mão á sua ardente fronte, — onde estou, d'onde venho?

Por um instante luctou contra a sua memoria e fez em vão um chamamento ás suas recordações. Por fim arrojando a capa de chumbo de que a embriaguez tinha cuberto o seu entendimento, se lhe apresentou despida da verdade.

— Oh! disse, — agota me recordo... Já tenho castigado por fim a essa miseravel perjura!... Sim, tenho revelado a sua deshonra!... Mas isto não basta. Quero que ella me confesse seu crime, para que seja completa a minha vingança. Esse Aronde cuja ruina corre por minha conta, esse Aronde maldito, cujo pai me enviou o ultrage, não é talvez o unico a quem deve tocar o meu odio. E havendo-se vestido á ligeira se dirigiu para o quarto de sua mulher.

Na porta que quiz atravessar encontrou uma sentinella vigilante, a surda.

— A senhora não póde receber neste momento, — disse a velha allemã.

— Ora! — respondeu sem recordar-se que a fiel criada não podia ouvi-lo, — desde quando fecha a porta a seu marido?

A surda não respondeu, mas collocou-se resolutamente no limiar da porta que tinha encargo de defender.

— Que se passava durante este tempo na habitação de Mad. Duplessis?

Uma scena profundamente terna.

— Meu padre, — tinha dito uns momentos antes ao bom sacerdote que não a deixou desde a antevespera daquelle dia, — o segredo da confissão é sagrado para o sacerdote que o recebe, não é verdade ?

— Minha filha, respondeu o cura, — não é o sacerdote a quem fallais, senão a Deus, o homem não se recorda de nada.

— Pois bem, meu padre, eu me sinto morrer, e quero dizer-vos tudo afim de apresentar-me sem temor ante o meu juiz supremo.

O joven notario que tambem estava presente se retirou ao fundo da habitação e o cura se inclinou para a enferma afim de poder ouvir as palavras pronunciadas por uma voz quasi exanime.

A confissão durou vinte minutos. Assim que terminou, os olhos da moribunda brilhavam com uma alegria celestial.

— Agora, meu padre — disse a enferma, o ultimo favor...

— Fallai, que necessitais ?

-- Abri a primeira gaveta dessa comoda.

O sacerdote obedeceu em silencio.

— Olhai para a direita, não vê-des uma carteira ?

— Aqui está.

— Tomai-a, meu padre.

— E que devo fazer com ella ?

— Guarda-la até a epocha convencionada entre nós.

— A quem devo entrega-la então?

Naquelle momento mostrou a moribunda ao ecclesiastico uma mulher cujo rosto estava coberto com um véo, que tinha estado occulta detraz da armação da cama, e que as cortinas encobriam completamente de ser vista.

— Como a hei-de conhecer?

A mulher levantou então o véo, mas só o tempo necessario para deixar ver o seu rosto ao sacerdote, e depois o baixou com precipitação.

O cura de Ernée sentiu um estremecimento que não passou desapercibido ao joven Duplessis, testemunha discreta do que se passou.

— Isso me basta, disse o sacerdote, que cobrou a sua tranquillidade habitual. — A vossa vontade, minha filha, será exactamente cumprida.

— Prometteis-me não vos desfazerdes dessa carteira antes da hora convencionada?

— Assim o juro.

— Graças, exclamou a enferma cahindo sobre a almofada. — Graças, meu Deus! Agora já posso morrer tranquilla!

Naquelle instante supremo foi quando o velho Duplessis se tinha apresentado á fiel criada que guardava a porta de sua senhora.

— Que quereis aqui senhor, querendo obstar a entrada a Mr. Duplessis.

O velho colheu a criada pelo braço, repel-

liu-a com mão vigorosa, e entrou brutalmente.

A enferma tinha cahido em uma syncope, mas apresentava um rosto pallido e sereno como um martyr. O sobrinho sustinha a mão fria que apoiava na coberta, em quanto que o sacerdote de joelhos recitava as orações dos agonizantes.

— A que vindes aqui meu tio? perguntou o joven notario com uma mistura de deferencia e de reprehensão.

— Preguntas a que venho? Venho a interrogar a culpada, venho recolher a verdade da sua bocca, mentirosa tantas vezes. Quero saber toda esta terrivel historia e a saberei. Ah! Por que tenho dissimulado tanto tempo, julgais que me contentarei com a confissão que estas cartas encerram? Não. quero saber tudo!

E se aproximou da cama de sua mulher. Mas o joven notario o tinha precedido.

— Retirai-vos, meu tio, — lhe disse com um tom firme, ainda que supplicante, — não vedes que a vossa esposa está nos ultimos par o cismos?

— É falço! São subtilezas essas enfermidades! As mulheres tem a morte na mão sempre que não encontram que responder.

— Ah! retirai-vos meu tio, — eu volo supplico, a vossa presença aqui seria uma indigna crueldade!

— Ah! Tens comigo esse tom! — disse Duplessis, — defendes tua tia! fazes causa com-

mum com a mulher que me deshonorou! és um ingrato!.... Mas cuidado!.... Como notario, deves saber que nada ha mais fragil que um testamento! Compreendes?....

— Senhor, — disse o joven, — não quero dever-vos nada; a gratidão me seria para o futuro demasiadamente penosa. Amanhã a venda de parte dos meus bens vos reembolçará dos fundos que me emprestasteis para adquirir o cargo que exerço.

— Como quizerdes; mas nem por isso deixo de ser aqui quem domina, e só quero ter uma ultima explicação com a mulher que tão heroicamente defendes

— Silencio, cavalheiro, — disse o sacerdote interrompendo-o; — uma palavra mais seria ultrajar a Deus.

A moribunda fez então um violento esforço voltou-se para seu marido e o olhou com olhos cheios d'uma doçura evangelica.

— Adeos murmurou a infeliz.

Voltando-se depois para o lado da cortina, estendeu a mão á dama que tinha o rosto cuberto com um veu negro e que estava de joelhos junto da cama.

— Adeos, — repetiu em voz baixa.

— Emfim, o triste e doce sorriso que não tinha feito mais que cerrar seus labios, se estendeu, por seu pallido rosto, estreitou duas mãos que

se lhê estenderam, deu um suspiro e cerrou os olhos para sempre.

— Que tem ella porque não responde? perguntou o velho.

— Está morta! — disse o sacerdote.

— Morta! — exclamou Duplessis estupefacto: — é possível? Não, não, vós enganais-me; ella não morreu, não é verdade? É para afastar-me, e para a pôr ao abrigo das minhas accusações. Pois bem! eu me conterei; mas dizei-me, senhores, que é uma mentira, e que vive ainda.

— Morreu, repito, Deus recebeu a sua alma.

— Desgraçado de mim! — exclamou o velho, — e não hei-de saber mais que o que essas cartas me tem revelado?

Naquelle momento entrou a surda e dirigiu-se para a cama ignorando o que se passava.

— Então, minha querida senhora, como vos achais?

Um lugubre silencio respondeu unicamente a tal pergunta, porque a fiel criada tão pouco ouviria outra resposta.

Chegou diante do leito a contemplar uma figura immovil, apertou sua mão gelada, beijou sua fronte de marmore, e exalou um grito de dor.

Voltando-se depois para o velho Duplessis e mostrando-lhe sua mulher inanimada lhe disse:

— Foste vós quem a mataste, maldito!

— Oh! não o amaldiçoeis — exclamou com inflexão de profunda piedade a dama que não ti-

nha sahido ainda d'entre a cortina, e que molhava com suas lagrimas a mão da defunta.

Ao ouvir esta exclamação Duplessis estremeceu. Aquella voz parecia ser-lhe conhecida, aquella voz parecia ter despertado em sua alma antigas lembranças. Olhou attentamente em direcção do sitio onde tinha sahido, e divisou pela primeira vez a mulher completamente vestida de negro que estava de joelhos.

— Quem é essa desconhecida? — perguntou.

— Silencio, — exclamou o sacerdote.

— Querò conhece-la.

— Não, senhor, vós não a vereis, — acrescentou energicamente o sobrinho arrastando o velho para a porta sem que elle pensasse em fazer resistencia alguma.

Mas afastando-se Duplessis, olhava aquella mulher prostrada, cuja voz tinha fei^{to} palpitar seu coração e respirava tão affectuosa commiseração.

— Onde ouvi esta voz? — perguntou a si mesmo, — e que poder exerce na minha alma? Oh! é uma illusão. Quem é esta mulher? respondam. Repito que quero saber quem é.

— Não, — disse o sacerdote, — não sabeis porque nós tambem o ignoramos. É uma amiga da defunta que chegou esta manhã e temos promettido que marcharia como tinha vin-

do sem que nenhum de nós visse o seu rosto nem lhe perguntasse o seu nome.

Apenas pronunciou o sacerdote estas palavras, levantou-se a dama, estampou um beijo na fronte da defunta, e cubrindo-se com cuidado atravessou a habitação e se dirigiu para a porta.

Duplessis fez um esforço para precipitar-se para ella, porem foi delido pelas mãos vigorosas do sobrinho.

— Que i-des fazer, desgraçado? — disse o sacerdote.

A desconhecida ao ouvir taes palavras de-teve-se á porta.

— Oh! sim, mui desgraçado! disse com a mesma expressão de piedade que a primeira vez.

Depois disto sahiu; atravessou o jardim como se houvera conhecido perfeitamente todas as avenidas daquella casa, naqual parecia extranha, chegou á rua, subiu a uma carruagem de posta que a esperava e desapareceu ao galope de quatro vigorosos cavallos.

Passados cinco minutos estava só a defunta como durante a sua vida, acompanhada unicamente da surda que resava no seu rosario ao pé do leito mortuorio.

O sacerdote orou na sua egreja. O notario encerrou-se no seu escriptorio, para formular um inventario afim de ceder immediatamen-

te a um successor o seu cargo, rosoluto a abandonar uma mansão que lhe era insupportavel.

Emquanto ao velho Duplessis ficou só no gabinete onde o vimos pela primeira vez na sua entrevista com Montreuil. Parecia achar-se prostrado sob o peso dos acontecimentos e repetia sem cessar como um insensato.

— Esta voz ! meu Deus ! esta voz !.. Onde ouvi eu esta voz ?



CAPITULO XVIII.

ENCONTRO DOS DOIS ESPOSOS NA PRIZÃO.

Deixamos Mad. d'Aronde na sumptuosa habitação da rua de Chaillot, onde foi conduzida pela sua protectora em consequencia do laço nocturno que lhe armára Brionde.

Davam as sete horas da manhã na igreja de Chaillot.

Commovida ainda a joven pelos phenomenos magneticos de que acabava de ser testemunha invisivel naquella casa mysteriosa, contemplava com tanto assombro como alegria á claridade dos primeiros raios do sol, o retrato de seu marido que adornava uma das paredes do gabinete em que tinha descansado.

Durante este tempo a senhora da casa, a

dama que trajava vestido e veu de còr negra, acompanhava amigavelmente o seu magnetizador até á porta do jardim.

Este nocturno visitador não era outro, segundo temos visto, que o habitante das alluras de Montmartre, o amo de *Pé-ligeiro*, senhor Masson.

—Senhora,—disse a desconhecida caminhando a seu lado pela arêa do jardim, — neste momento occorrem em Pariz e outras partes cousas extraordinariamente graves que merecem toda a nossa attenção.

— Sou eu que as tenho revelado ?

— Sim, senhora.

— Tende a bondade de m'as manifestardes porque bem sabeis que nós, as somnambulas, qualquer que seja a lucidez da nossa dobrada vista, não nos recordamos ao despertar absolutamente de nada de quanto temos visto, feito e dito durante o somno magnetico. Primeiro que tudo tenho fallado de Aronde do marido dessa creatura adoravel aquem temos tido a dita de preservar tão milagrosamente ?

— Sim, senhora.

— Já voltou da sua viagem ?

— Sim, chegou a Pariz esta manhã.

— Muito me alegre ; assim lhe devolverei sua encantadora esposa. Deve estar summamente afflicto pela sua desaparição !

— Sim, mas não é essa a unica desgraça que o esperava á sua chegada.

— Ha alguma novidade? — vós me fazeis tremer.

— Num accesso de zelos Tiennette lançou contra elle a matilha dos beleguins que esperavam o seu regresso. Aronde se encontra já preso por dividas.

— E é grande a quantia?

— Cento e vinte mil francos, não comprehendidas as custas.

— Pode pagar mais ainda se os nossos calculos são exactos.

— Sim, — lançando mão do dote de sua mulher; — mas não quererá faze-lo.

— Nobre Aronde! — exclamou a dama. No meio dessa vida de immoralidade e do trafico onde forçosamente se creou, conserva uma pureza de alma, uma elevação de sentimentos verdadeiramente admiraveis. Não podemos deixa-lo na prisão.

Masson reflexionou.

— Em que estaria o mal? — disse com ar pensativo.

— Como! Seria pouco o separa-lo dessa joven a quem dez dias de simples ausencia tem feito tão desgraçada, e deixa-la n'um isolamento que esteve a ponto de ser, tão funesto?

— Perdoai-me, senhora. Respeito a separação, não é cousa mui cruel em Clichy, porque

ali só se está separado em parte dos parentes. Tocante aos perigos que podem resultar da soledade, já sabemos os meios de os conjurar. Esta mesma noite o temos experimentado. Ora bem; ao lado desses inconvenientes se encontram vantagens. Graças á mão tutelar que não tem cessado de protege-lo. Aronde foi muito mais feliz desde que foi recolhido sendo menino, do sitio obscuro em que passou os seus primeiros annos. Esta continuação da sua ventura que a casualidade coroou tão maravilhosamente com o enlace mais invejado, esta continuação repito, lisongearia as melhores naturezas. A prosperidade é ingrata com Deos. A desgraça só se recorda d'elle. Já era tempo de que os desgostos viessem dar algumas lições a Aronde. Quem sabe para que destinos estará chamado algum dia. Se o que tememos por seu interesse bem entendido, vós e eu que sabemos apreciar em seu justo valor todas as cousas deste mundo, se o que tememos chega a realizar-se apezar nosso, não seria util que a adversidade tivesse dado ao seu espirito esse complemento de madureza, de sabedoria, de luz e de bondade, de que elle só pôde dispôr?

— Sim, sem duvida, meu amigo, mas trata-se de chimeras que talvez não se effectuarão. As nossas precauções estão demasiado bem tomadas.

— Tenho toda a esperança; porem ás vezes se tem visto desbaratados os melhores calculos por uma futil circumstancia. A prisão seria uma

garantia, sobre tudo, nestes momentos. Temo que alguma revelação interessada, procedente não sei de donde, venha transtornar de repente os nossos planos e reunir outra vez esses grandes obstaculos, donde conseguimos livra-lo até agora a preço de tão grandes sacrificios. Ainda que não se trate hoje mais que de cento e vinte mil francos, uma miseria em comparação do que nos custou sua segurança, estou mui decidido, por todos os motivos que acabo de expôr, a não dar um soldo para devolver-lhe neste momento uma liberdade que poderia ser-lhe funesta. Se pela sua parte a recobra e lhe sae mal, não teremos menos responsabilidade pelas suas consequencias.

— Conformo-me com as vossas razões, meu amigo: Mas deveis convir que a sua falta nos será mui penosa em semelhante caso.

— Tranquillizai-vos; não o creio condemnado a prisão para sempre. Deixemos trabalhar sua esposa; deixemos tomar uma terna iniciativa que não fará mais que estreitar os vinculos dessas duas almas escolhidas; deixemos á sua virtude a occasião de manesfestar-se por sacrificios e por provas. E agora uma palavra relativa a outras pessoas que não vos são menos queridas. Sabei, pois, senhora, que neste momento está nos ultimos momentos da vida em casa dos Duplessis em Eraécé uma pessoa a quem tendes que levar a toda a pressa supremas consolações.

— De quem fallais?

— De Madama Duplessis, senhora,

— Oh! meu Deus! Que me dizeis! — exclamou a dama encuberta com uma commoção profunda.

Naquelle momento tinham chegado os dois interlocutores á porta do jardim. Masson beijou respeitosamente a mão da sua guia e tomou o caminho de Pariz.

A dama voltou a subir a escada e se dirigiu logo á habitação de Mad. d'Aronde que sahio vivamente ao seu encontrô.

— Em nome do Ceu, senhora! — exclamou a joven, — dizei-me o que devo crêr da entrevista, cujo segredo empreehendi involuntariamente ha alguns instantes no aposento immediato a este.

— Como! — respondeu a dama com um pouco de embaraço, — tendes escutado?

— Sim, senhora, bem a meu pezar; por um sentimento de terror mais que por curiosidade: assim o confesso e me accuso.

— Mas que se dissipou, — accrescentou sorrindo-se a desconhecida, — á vista deste retrato que encontro descuberto. Bem vos dizia eu, minha filha, que tranquillizaria o vosso espirito em caso de desasocego. Então viste-me adormecida.

— Sim senhora.

— E seguiste todas as phases do meu estado estatico?

— Ouvi tudo. É verdade que está preso?

— É possivel, porque o tenho dito.

— Oh ! então é preciso liberta-lo.

— Querida menina ! tendes vós os meios para pagar por elle ?

— Tenho duzentos mil francos em minha casa. Vou busca-los.

— E pensais volver só depois d'uma noite de ausencia ? É possível. Vós não deveis entrar senão com o vosso esposo, a fim de não dar origem a commentarios e interpretações desfavoraveis.

— Mas como se ha-de libertar sem esse dinheiro ?

— Eu anticiparei a quantia necessaria.

— Sem conhecer-me ?

— Julgo já ter-vos dito que eramos boas e sinceras amigas sem nos conhecermos. Pois bem entre amigas não se recusam tão ligeiros favores. Vós me enviareis o dinheiro quando voltardes a vossa casa. Vou acompanhar-vos até á porta da prisão para que não vos occorra nenhum perigo. Partamos minha filha. Vamos como os antigos cruzados quebrantar os ferros dos captivos.

As duas mulheres acabaram de vestir-se : a desconhecida mandou pôr a carruagem, e vinte minutos depois, paravam em Clichy, na prisão por dividas.

— Adeos, minha filha, --- disse a dama a Estrella assim que pôz o pé no limiar da porta da prisão.

— Oh ! assim me abedonais ?

— Assim é preciso! Já não posso ser-vos útil em nada e por minha parte tenho que cumprir com um dever sagrado que será menos doce seguramente que o vosso. Aqui tendes em bilhetes do Banco a quantia que necessitaeis.

— Quão agradecida vos estou por este immenso favor! Mas para devolver-vos esta quantia, — disse Estrella estreitando affectuosamente a mão da sua bemfeitora, — é necessario que saiba ao menos o vosso nome.

— E' inutil: a carteira que os contem bastará para revelar tudo a vosso marido; elle saberá da mão que recebe esta anticipação, e que maternal protecção velou esta noite por vós. Adeos minha joven amiga.

— Oh! não, mas até logo, — disse Estrella.

— O fim é menos triste que adeus!

— Tambem é menos seguro; mas acceito o augurio. Até logo minha querida menina. E a desconhecida beijou Estrella na fronte, subiu á carruagem e não partiu senão depois de ter visto entrar a joven no pateo da prisão.

O seu coxeiro a conduziu logo á casa da posta onde alugou uma carruagem e tomou o caminho de Ernée, onde a vimos ajoelhar piedosamente ante o leito murtuorio de Mad. Duplessis.

Estrella obteve facilmente o favor de fallar a seu marido. Uma mulher não necessita permissoes. Os legisladores são pais de familia e suavi-

zam ante os sentimentos que honram a humanidade a expressão da lei.

Indicou-se-lhe uma porta assignalada com o numero 19, á qual chamou com o coração palpitante de emoção. Um ligeiro latido respondeu a este chamamento ; depois abriu-se a porta, e os dois esposos deram um grito de alegria arrojando-se um nos braços de outro, enquanto que Fox aguardava com impaciencia seu turno de caricias.

Se os infames que perseguiam com o seu odio a estes dois corações tão santamente unidos, tivessem podido presenciar a sua dita naquelle instante, ter-se-iam convencido que ha horas de inefavel felicidade ás quaes nada póde oppôr-se, e das quaes a Providencia é o unico arbitro.

Depois deste primeiro momento, consagrado inteiramente ao prazer de tornar a vêr-se. Estrella referiu com voz commovida quanto lhe tinha succedido desde a vespera ; o laço tecido pela velha ; a seducção intentada pelo supposto musulmano ; a intervenção milagrosa da desconhecida, com o auxilio d'uma nova personagem aquem tinha visto depois ao lado da sua protectora adormecida ; o que encontrou em casa desta por ultimo, o emprestimo que lhe tinha feito d'uma maneira tão generosa.

— Olha, — accrescentou Estrella tirando os bilhetes do Banco, — a excellente senhora não quiz dizer-me o seu nome ; mas essegurou-me

que a conhecerás no momento que vejas esta carteira.

— Sim, sim, é ella! --- lhe disse Aronde examinando a cifra que adornava aquelle objecto.

— Quem é ella? --- perguntou Estrella.

— Curiosa! --- respondeu seu marido.

— Curiosa? Sim, eu o confesso, e confesso demais que tenho ciumes dessa desconhecida que acaba de fazer-nos tão grande serviço.

--- Louca! --- respondeu seu marido, — Algum dia te contarei tudo. Entretanto fallemos dos nossos assumptos.

— Melhor fallaremos em nossa casa, senhor preso. Pagai e vamo-nos quanto antes deste triste logar.

— Pagar! com quê?

— Com este dinheiro?

— E como lh'o heide devolver?

— Com meu dote.

Nunca! Não, não; jamais consentirei eu despojar-te do que te pertence. Dentro de alguns dias terei saído do apuro. Ainda me restam amigos. E demais tenho trazido da Belgica sessenta mil francos e poderei ajustar contas com meu credor.

--- Como! --- exclamou Estrella, --- não queres que pague por ti?

--- Não; já t'o disse.

--- Então queres que volte só para nossa casa?

— Quero conservar-te os recursos para o futuro.

— Ah! cavalheiro, o que fazeis é abominavel!

Estrella ia estallar em suspiros quando penetrou no quarto do preso um desconhecido com a cabeça baixa e o barrete na mão, procurando evitar as festas de Fox que o recebia d'uma maneira ameaçadora.

O novo visitador era Corniquet, o porteiro daquella famosa casa, cujos dois unicos habitantes tinham dado tantos escadaloç na noite precedente a despeito das precauções do senhorio.

— Senhor, — disse o porteiro venho da parte d'uma dama. Que diabo de cão! Já me chegou ao forro das calças. É diabolico como todos. São uns taes animaes!..

Emquanto que Corniquet chamava assim a attenção d'Aronde, a joven desapareceu da habitação sem que seu marido notasse logo a sua ausencia.

— Fallai, — continuou dirigindo-se com impaciencia a Corniquet, cuja apparição devemos explicar em breves palavras.

Tiennette, inquieta por saber o que se tinha passado em casa de Brionde durande a noite em que esperava tanto escandalo, não tinha podido dominar sua anciedade. Depois de deixar a Aronde avistou-se com o syndico, deu parte á policia, e tendo permanecido na expectativa por es-

paço de meia hora voltou ao domicilio do seu cúmplice para interrogar o porteiro á cerca do que tinha occorrido. Levava-a ao mesmo tempo um dobrado motivo de curiosidade: primeira-mente o rapto da mulher, e depois a prisão cuja execução tinha preparado.

Na escada encontrou os esposos Corniquet, aturdidos com a scena que acabavam de presenciar em casa do supposto turco do primeiro andar.

— Isto não é uma casa, é uma estrada — dizia a porteira, vou pedir que se entulhe a escada e que se ponham barreiras, e dizer que uma mulher honrada como eu não deve ser obrigada a abrir a semelhante serralho! Isto clama vingança!

— Sois bem necia! — replicou Corniquet intentando tranquillizar a sua metade. São esses os costumes daquelle paiz, clama vingança sem clamar. Alem de que nem todos os dias são de feste. Sem duvida já concluiu a porcição das odaliscas.

Naquelle momento apresentou-se Tiennette á porteira.

— Ah! sim, concluiu! Mas vai tornar a começar, — exclamou o porteira. — Aqui está a be-xigosa de todos os dias. Senhor! Vê-de como está crivada. Parece um assador de castanhas!

— Senhora, — disse Tiennette á porteira dando-lhe uma moeda de cem s us, — foi preso um cavalheiro nesta casa?

— Ah! senhora — respondeu a porteira, —

que não se fará nesta barraca abominavel? Mas a que vem essa pergunta?

Porque desejo fazer chegar uma carta ás mãos do sujeito preso, — accrescentou Tiennette — e não poderia depositar a minha confiança mais dignamente que n'um homem tão discreto e habil como o vosso marido.

— Sois mui bondosa senhora, — respondeu. — Vamos cumprimenta a senhora accrescentou dirigindo-se a seu marido.

— Contai no seu regresso com o meu eterno agradecimento e outra moeda de cem *sous* que muito me alegrarei poder dar-vos.

— Oh! senhora, senhora, — exclamou Corniquet, — irei para vos servir ao fim do mundo se for preciso.

— É muito mais perto, — disse Tiennette. Trata-se de levar esta carta a Aronde á prisão de Clichy.

— Tem resposta?

— Talvez.

— Conheceis o inquilino do primeiro andar, onde foi preso o vesinho defronte. E' ali sem duvida onde se irá buscar a resposta?

— Não, — disse Tiennette.

Com effeito, depois de ter enviado a Lalake a casa de Brionde com a esperanza de que a presença desta rival fizesse maior a deshonra de Estrella, Tiennette não esperava vêr tão depressa ao que tinha preparado tão máo passo.

— Onde entregarei a resposta? — disse Corniquet.

— Eu enviarei aqui por ella. Mas dizei-me, contaram-me que occorreram esta noite cousas mui estranhas em casa do senhor Mustafá-ben-Paputacci?

— Ah! senhora, não me falleis nisso! ahi desce apressadamente uma odalisca que sem duvida foi da reunião.

Naquelle momento deixava Lalake a Brionde e partia a toda a pressa para a entrevista que Montreuil e seus companheiros lhe tinham proposto, no *Hotel dos Principes*. Tiennette não teve tempo mais que para voltar o rosto e recuar um pouco a fim de não ser vista por Lalake que passou pela porteira sem deter-se.

— Vamos, vamos, — disse Tiennette, — depois saberei tudo.

E sem outras explicações, subiu á carruagem da praça e partiu para casa.

Eis-aqui como Corniquet chegou á presença d'Aronde com a carta na mão como um confidente de tragedia.

Assim que Aronde divisou o papel nas mãos calosas do porteiro, apodererou-se della, e leu rapidamente as seguinte linhas:

« Esta manhã vos ameacei com a minha
« vingança; já começou, pois vos encontráis sob
« ferros. Este principio vos provará o meu poder
« e a energia da minha vontade. Todavia é tempo:

« a vossa mulher, neste momento, está perdida
 « para sempre; ha passado em casa de Brionde
 « toda ou parte da noite, e vós já não podereis
 « recobra-la sem humilhação para ella e opro-
 « brio para vós. Dizei só uma palavra e seabri-
 « rão á minha voz as portas da prisão; dizei uma
 « palavra e á manhã vos farei rico, influente, di-
 « gno de figurar nos primeiros cargos da socie-
 « dade, em fim dizei uma palavra e vos darei a
 « omnipotencia em vez da deshonra e da ruina
 « que vos esperam.

« Reflexionai bem.

Tiennette »

— Que resposta devo dar? perguntou Corniquet.

— O que viste, — respondeu Aronde com desprezo.

E rasgou a carta de Tiennette com um gesto de soberano desdem.

— Ah! bom! comprehendo, — disse Corniquet, — ha resposta sem have-la.

— Mas antes de retirar-vos, dai-me algumas noticias.

— Ah! para isso, senhor, sou o unico! Tem havido tantas desde que estou servindo de porteiro! Mas ou me creia ou não, sei tudo e não sei nada.

— Conheceis o inquilino em cuja casa ful preso?

— Se o conheço! Não conheço outra coisa. Isto é conheço-o sem o conhecer, pelo seu criado, que tem calças largas, e um turbante roxo na cabeça. Temos fallado ambos em arabe. Seu amo é um homem muito bom que reza todos os dias dando cabeçadas no chão, e que está contemplando todo o dia a columna. Que quereis! deu-lhe esta mania: respeitemos seus costumes.

— Bem. Promettei-me uma coisa.

— O que quereis, senhor?

— Que o turco não deixe a casa sem eu o saber.

— Está dito. Eu o espreitarei como se não tivesse pago o aluguer. Quando eu não possa, o fará madama Corniquet: tem um olho unico; mas afirmo-vos que não ha debaixo do Ceu dois como os delia.

— Está bem, — exclamou Aronde despedindo-o no momento em que sua mulher cheia de goso se apresentava.

— Apanhei-te, — disse ella alegremente com um gesto de seductora alegria. Ides a infadar-vos muito, senhor generoso: já estais livre.

— Livre? — disse Aronde, — que has feito.

— Paguei.

— Como se entende! — murmurou o joven marido, — desobedeceste-me?

— A insurreição é o mais santo dos deveres, como tenho lido em alguma parte.

— Estou obrigado a consentir no que não

posso evitar, mas tomarei minha desforra, e essa fortuna de que dispões contra o meu gosto te será devolvida antes d'um mez, ou heide perder meu nome.

— Teimoso ! — exclamou Estrella, — mas eu sou mais rica que nunca. Os meus bens estão já ao abrigo de toda a perda.

E lançou os braços ao redor do pescoso de seu marido.

— Vamos, — continuou, — sê-de galante, cavalheiro, dai-me o braço, e voltemos quanto antes para casa.

Aronde deixou-se conduzir; o carcereiro abriu as portas á sua vista, e sua travessa companheira, assim que o viu na rua, começou a saltar de alegria, em quanto que Fox, invejoso daquella gymnasia cuja causa lhe era desconhecida, rivalizava á sua maneira dando os saltos mais gososos com a alegria da sua joven ama.

Entre tanto que marchavam tão satisfeitos esquecendo com a sua alegria as angustias passadas, não advertiram que tinham sido observados e seguidos por uma personagem que se deslizava ao longo das casas como um reptil. Esta era a horrivel furia denominada *Cabeça de Pipa*, encarregada por Tiennette de informar-se se a prisão d'Aronde se tinha verificado realmente.

A odiosa cumplice de Duplessis e do *Balancero* cria ainda a Estrella sob o poder de

Brionde; não tinha duvidado um só instante do exito da empresa tenebrosa cujo plano ella tinha dirigido; ficou petrificada de assombro ao vêr Estrella a cuja bôa fé havia surprehendido, livre contente e risonha pelo braço de seu marido.

Que quer dizer isto? pensou ella, — os nossos dois pombinhos sem ser na gaiola!

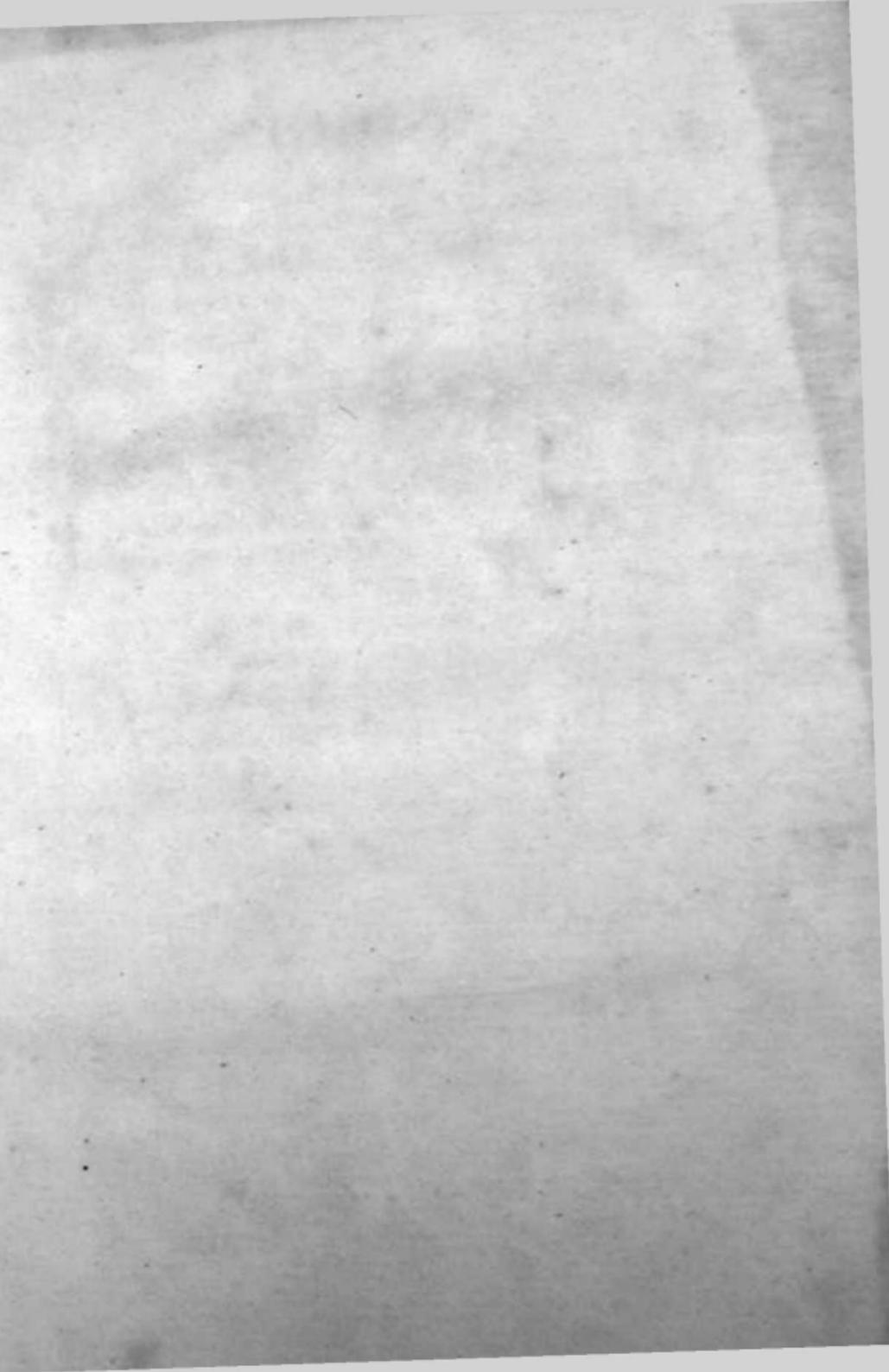
— Já está por terra o plano do velho e se transtornou o negocio. Vamos ver a directora. Ou eu me engano muito, ou ainda me resta muito que fazer.

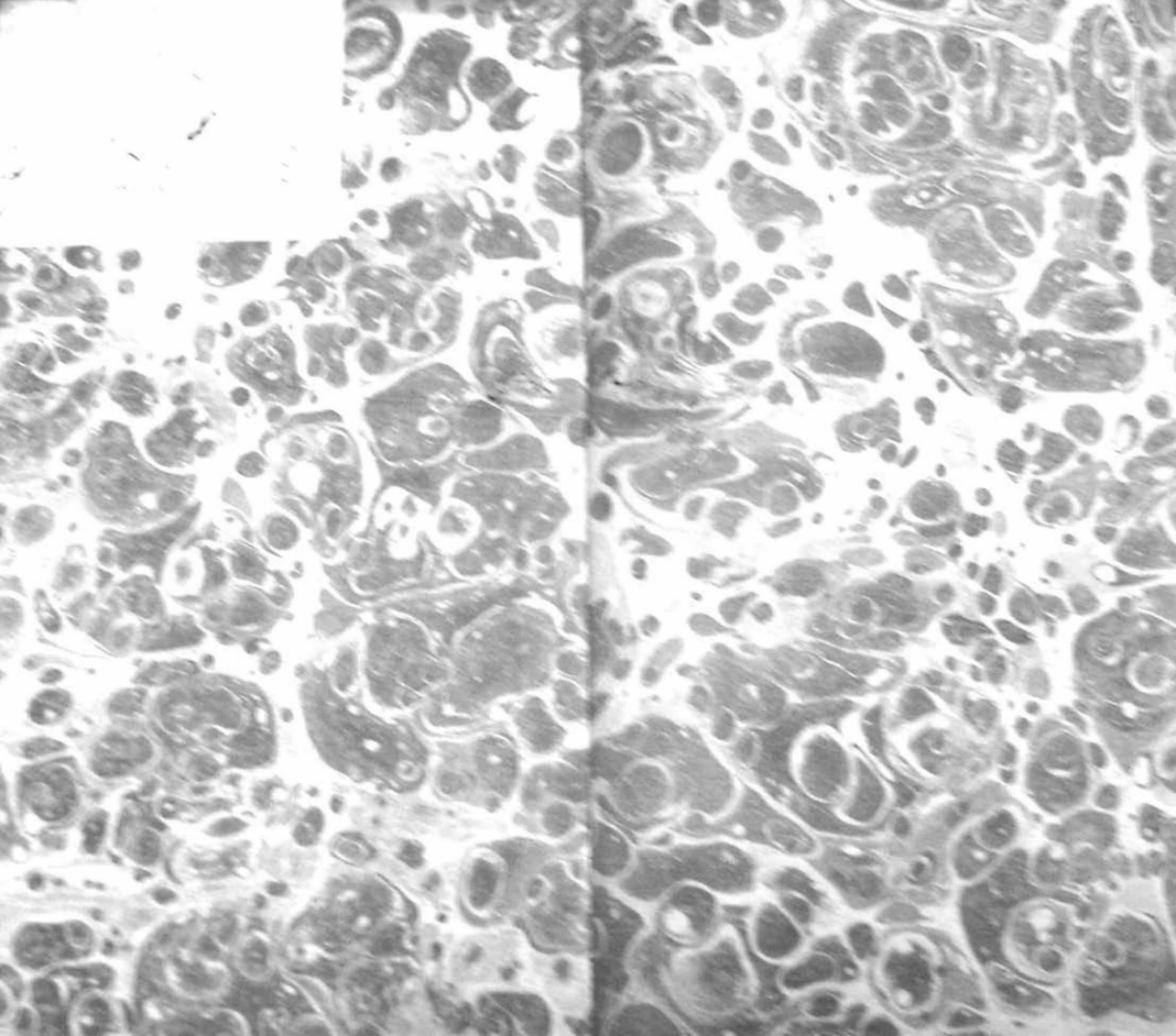
FIM DO SEGUNDO VOLUME.

INDICE.



	pag.
CAPITULO I. — Oasis	5
« II. — Continua o fio começado..	22
« III. — Porquê.....	44
« IV. — Como!	56
« V. — O quarto de hora de Rabelais	68
« VI. — Os preceptores em apuro..	83
« VII. — Inventario	103
« VIII. — Plano de campanha .. .	117
« IX. — Escaramuça de vanguarda..	136
« X. — A serpente debaixo das flores	157
« XI. — A guerra das janellas....	180
« XII. — Laço	197
« XIII. — Trâição.....	214
« XIV. — Uma mulher na intriga..	233
« XV. — Aronde volta da Belgica e não encontra Estrella....	251
« XVI. — O mantelete	270
« XVII. — Panorama	290
« XVIII. — Encontro dos dois esposos na prisão.	326





25, 71

Wm. Howard Crosby

1866

25/10/11
O BEZERRA DE OURO.

**O BEZERRO
DE OURO.**

Novella posthuma

DE

FREDERICO SOULIÉ.

Traducção de

Phillippe de Sá.

1866



VOLUME III.



TYPOGRAPHIA DE JOÃO JOSÉ DE SALLES.
Calçada de St.ª Anna N.º 158.

1855.

Para Antunes

O. B. B. B. B. B. B.

B. B. B. B. B.

Handwritten text, possibly a name or title.

or

Handwritten text, possibly a name or title.

TERCEIRA PARTE.

CAPITULO I.

O DIARIO DE JULIA.

EM quanto que o barão d'Appencherr descuidava pelos formosos olhos de Simona os interesses da sua casa de commercio e os abandonava aos perigosos caprichos dos seus empregados principaes, sua filha continuava na sua vida de isolamento, apazivel no meio d'aquelle labyrintho de tortuosos negocios, semelhante ao formoso lirio que cresce entre çarças e abrolhos.

Julia habitava só a parte mais retirada da casa ; tinha-se composto a habitação da defunta baroneza, e agora seryia de gabinete para sua filha. O luto de sua mãe que alguns mezes antes tinha acabado, lhe impediu até então assistir ao theatro, e ás reuniões, excepto ás de algumas de suas amigas de collegio e de Mad. d'Aronde que a visi-

tavam de vez em quando, não tinha recebido a ninguém na sua tranquilla e silenciosa morada donde sahia tão somente para ir á `egreja mais proxima. As unicas pessoas que ella via com familiaridade eram os dois criados fieis de sua mãe que tinham passado ao seu serviço. Rossina a antiga mulher de confiança, e o administrador Lafolié.

Sem embargo Julia não se aborrecia, era dotada d'uma alma reflexiva, que se compraz na meditação e para quem a soledade tem mil distrações encantadoras: a musica, a pintura, os bordados, a leitura, occupavam agradavelmente o seu tempo. Tinha-se formado ao longo das janelas do pavilhão que habitava, um jardiminho no vasto jardim da casa, onde cultivava as flores com um zelo paternal. Tinha mandado tambem construir no ponto mais elevado do jardiminho, uma immensa passareira que encerrava um formoso bosque com repuchos, rochas, flores e arbustos, por cujas ruas ella passeava entre os passaros como Eva sob as sombras do paraizo terrestre. Observava-se no viveiro multidão de passaros de todos os paizes os mais melodiosos de cada especie, uns encantadores pela vista, outros primorosos pelo canto.

No mesmo recinto do viveiro, em uma bacia de porcelana azul com figuras chinezas que a mão de Rossina enchia de agoa limpida todas as manhãs, dourados pexinhos nadavam por entre

preciosos mariscos e sahiam á flor d'agua a receber as migalhas que lhes lançava a mão branca de sua ama.

Taes eram os companheiros da solidão de Julia ; mas já dissemos que a joven tinha outras distracções ; o piano essa voz sympathica que chora e ri segundo a phantasia dos dedos que o tocam ; o bordado sobre o qual fazia brotar a sua mão, sem ajuda do sol, rosas de seda e folhagens de lã, que recordavam a primavera ; a pintura á aguada, o livro de historia, e emfim o festão bordado, verdadeiro trabalho da paciencia que, occupando nelle as mãos deixa o espirito em completa liberdade. Em uma palavra, o costume que tomou de escrever todos os dias os insidentes, pensamentos e emoções da sua vida, não foi seguramente o emprego menos doce do seu tempo.

Este diario não era destinado ás perigosas honras da publicidade : era um memento escrito sem fraseado escolhido, ou luxo de estylo, e sem pretensão alguma de escriptor.

Nelle mencionava uma carta de sua avó Olimpia Duplessis escripta dois mezes antes da sua morte e conduzida, por seu primo Leoncio, noivo que a defunta avó lhe destinava ; tambem a realisação da venda, feita por Leoncio, do seu escriptorio, o pagamento a seu avô do emprestimo que lhe havia feito, o seu estabelecimento em Paris com animo de crear-se uma nova posição independente dos beneficios de seu velho parente.

Tambem ali mencionava a retirada do velho Duplessis de Ernée e o seu estabelecimento em Pariz onde o chamava o objecto principal do seu odio, o tal Aronde, em quem concentrava todos os furores dos seus zelos retrospectivos, o filho da adúltera, segundo elle lhe chamava, o filho do crime, a prova viva da deshonra dos seus brancos cabellos.

Depois de ter regulado com seu genro, a testamentaria de sua defunta, apressou-se a visitar a Brionde, a quem encontrou mui fraco da ferida que tinha recebido no duello.

A sua segunda visita foi para Tiennette, cuja fria e enganosa maldade tinha sabido apreciar.

— Ha com a senhora, — lhe disse a áia, — uma personagem de distincção, que não permanecerá muito tempo; mas cuja entrevista se me ha prohibido perturbar.

— Esperai, --- respondeu o velho.

A criada tinha desaparecido. Duplessis, collocado perto da porta, pôde perceber com bastante clareza uma conversação que tocava a sua meta.

— Já sabeis, senhora, — dizia attentamente uma voz de homem, o preço que ponho a um desastre ridiculo, a uma retirada grotesca. Podeis por tanto seguir os successos e preparar os acontecimentos de modo que seja mais completa a derrota.

— Compreheendo perfeitamente, senhor, ---

respondeu Tiennette, — o papel que me fazeis a honra de encarregar; mas é necessario que parta immediatamente?

— Concedem-se-vos quinze dias de praso.

— Não tenho que temer nenhuma perseguição? Não é porque seja tímida, já o sabeis; possuo demais nestes armarios de ferro, armas que jamais erram. Mas terei tempo para servir-me dellas?

— Podeis ir com segurança, — respondeu a voz. — Guardas invisiveis, distribuidos no vosso caminho, velarão pela vossa segurança, e bem sabeis o nosso systema de protecções occultas.

— Bem, — disse Tiennette levantando-se, — obedecerei, mas é preciso que seja esta a minha ultima viagem. Estou preguiçosa e aspiro ao repouso. As excursões longinquoas alteram a minha saude e affectam os meus assumptos pessoaes. Para o futuro combinai por favor os serviços que possa prestar-vos com a minha vocação, cada vez mais forte para a vida sedentaria.

Abriu-se a porta e Tiennette acompanhou o seu interlocutor. Era um homem de elevada estatura, de boas maneiras e de ar elegante a quem o leitor já tem divisado por varias vezes no curso desta historia, especialmente no vapor russo *Pedro o Grande*, e depois no escriptorio do notario de Ernée.

— Mr. Duplessis! — exclamou o desconheci-

do conhecendo o velho que aguardava a sua vez para ser recebido.

— Mr. Labanoff! — exclamou da sua parte o velho Duplessis que se recordava de ter recebido aquella diplomata no dia seguinte da sua entrevista com Montreuil.

— O'lá, cavalheiro, então largasteis aquelles famosos papeis por cuja simples communição vos offereci cincoenta mil francos, que vosso sobrinho recusou, e pela qual teria pago até um milhão e mais?

— Então que quereis meu senhor! — respondeu o velho com ar de mofa, — na vida ha ás vezes caprichos mui singulares! Depois os dei por nada.

— Por nada? — repetiu Labanoff. — Com a fortuna! Assim teria sido demasiado caro. Eu não podia paga-los por esse preço.

— Não vos comprehendo.

— Pois é bem claro, — respondeu Labanoff — quero dizer que fizestes um negocio que não estava em mim o secunda-lo. Todavia sinto que não nos pozessemos de acordo, e o sinto especialmente por vós pois terieis evitado alguns desgostos.

Depois de ter pronunciado estas palavras com tom sarcastico, Labanoff saudou o velho assombrado, tocou com sua mão no extremo dos dedos de Tiennette e desapareceu.

— Senhora, — disse o velho á feia quando se viu só com ella — Só em vós confio para le-

var ao cabo a minha vingança. Quasi todos os meios empregados até hoje se malograram.

Devíamos arruinar completamente a esse Aronde, e ei-lo já com todas as dividas pagas, incluso o meu credito, e ainda lhe restam alguns recursos, graças ao dote de sua mulher.

— Isso vos ensinará a conhecer os vossos planos sem fazer caso das virtudes do meu sexo, — replicou amargamente Tiennette.

— Devíamos te-lo feito passar na policia correccional por um tratante, por um fabricante de bilhetes fraudulentos, com motivo da falta dos pagamentos, e eis que o estúpido depositario destes falços valores se deixa offerecer por elles o reembolso immediato. Em fim, devíamos ter semeado na sua familia o opprobrio que seu pai não temeu talvez semear na de outro, e eis que escolhemos para Lovelace a um imbecil, que se enamora formalmente da esposa, a um pusilanime que não tem valor para guardar a Clarissa em sua casa até ao dia seguinte, e a um illuminado que se deixa enganar por aparições do outro mundo.

— Sim, — disse Tiennette, — Brionde me referiu essa historia do phantasma; sem duvida viu mal e não teve serenidade para conhecer. A emoção, o medo, a dor deveram transtornar-lhe a vista. Sem embargo faz-nos pensar.

— Acreditais na intervenção da visinhança?

— Porque não? Brionde não é demasiado poeta para inventar cousas tão dramaticas.

— Seja o que quizerdes, mas em todo o caso — murmurou Duplessis, — já tenho na minha carteira duzentos mil francos em bilhetes que me cedeu *Balanceiro*, e estou para envia-lo a Clichy a meditar na realidade dos gnomos e dos duendes. Veremos então se algum auxilio vesinho vai tambem tira-lo d'ali.

— Nada de expo-lo a semelhante prova, — interrompeu Tiennette.

— Julgais que isso seria injusto ?

— Injusto, não sei : tudo é justo para certas gentes quando ha necessidade ; mas seria inefficaz nas circumstancias presentes.

— Quereis dizer que o deixe em liberdade ?

— Sim em liberdade, para obrar mal.

— Como ?

— Nada mais simples. Esse Aronde a quem detestais, e eu . . . em fim isto não é para o caso ; esse Aronde é invulneravel como capitalista, invulneravel como marido, graças á generosidade que ha pouco teve com sua mulher, e graças á abnegação que esta mostra por elle, mas é vulneravel como homem do mundo. Quem não o é ? Bastam muitas vezes falsas apparencias para derribar a reputação melhor baseada. É por este lado que convem ataca-lo ; na sua reputação de homem de honra é preciso buscar-lhe o fraco.

— Mas acaso conheceis o meio ? — interrompeu o velho cheio de desejo.

— Sim achei-o, e só falta po-lo em pratica.

— Quem se encarregará disso ?

— Brionde.

— Outra vez Brionde. É tão pouco habil !

— Tanto melhor ! Já deveis saber que se faz inevitavel uma questão entre os dois. Estou segura que Aronde não espera que se restabeleça o raptor de sua mulher para pedir-lhe uma satisfação por similhante ultrage. Não necessito indicar-vos o partido que com alguma audacia, muita perfidia e não menos dinheiro pode tirar-se d'um duello. A jurisprudencia é energica com a provocação sem causa ; assim como a opinião com a victoria sem lealdade.

— Comprehendo.

— Julgo-vos bastante vingativo para não duvidar de seu conhecimento. Até depois, cavalheiro ; espero tornar a ver-vos em breve com um plano sabiamente combinado sobre esta base.

— Muito me alegrarei. Até outra occasião, senhora.

— Comtudo, passaram-se quinze dias desde esta entrevista e Aronde tinha empregado seu tempo da maneira mais util, e por conseguinte mais louvavel. Tinha terminado a liquidação dos seus negocios pago a todos os seus credores, devolvido á dama da rua de Chaillot os duzentos mil francos emprestados a sua mulher, despedido a maior parte dos seus criados, reformado as suas carruagens, diminuido as suas des-

pezas de toda a especie e deixado emfim a sua sumptuosa casa.

Entretanto, o velho Duplessis foi fazer-lhe uma visita. Não querendo que o julgassem cúmplice do máo uso que se tinha feito dos cem mil francos em bilhetes endossados á sua ordem por Aronde, lhe disse com a maior indifferença:

— Antes de partir para Pariz entreguei a Brionde os bilhetes como um valor que podia realizar-se a seu cambio. Estava longe de pensar que a necessidade de metalico conduziria o miseravel a deshonra-los com endossos comprometidos, na esperanza, felizmente frustrada, de poder desconta-los melhor. Mas, sereis vingado, meu jovem amigo. Não só tenho sacado os vossos bilhetes d'entre essas mãos indignas, como tambem que possuo alem disso o valor de duzentos mil francos da vossa firma, e desde hoje penso em dar ordem ao syndico do commercio para que ponha em execução a sentença.

— Ah! cavalheiro, — exclamou Aronde, — não tenho nenhum direito para pedir-vos um favor; mas seria eterna a minha gratidão se consentissem em sobrestar a execução.

— Porque? — perguntou o velho que apparentava ignorar o que tinha passado entre Brionde e Aronde.

— Não posso dize-lo. Basta saber-des que necessito da sua liberdade.

— Bem; esperarei, pois muito estimo fazer

alguma cousa que vos seja agradavel. Por outro lado desejo vivamente servir-vos d'uma maneira mais importante. Sois joven, activo, intelligente e honrado. Se fostes infeliz em negocios, deveis tornar a tentar fortuna em uma lueta extraordinaria, por que não é possivel que na vossa idade vos considereis derrotado pelo primeiro revez que soffrestes.

— Tenho com effeito grandes projectos na minha imaginação.

— Ah! ah! Alguma operação de bolsa sem duvida?

— Deus me livre de tal cousa.

— Bem, tendes razão. Se necessitades um consocio, um commandatario, por qualquer somma, aqui estou eu!

— Não desperdiço a vossa proposta. Mas entretanto, já que me vi obrigado a aceitar a generosidade de Mad. d'Aronde, não quero ao menos aceita-la em parte. Permitti-me que vos devolva os cem mil francos que me emprestastes. Desejo começar de novo a minha vida administrativa. O futuro deve estar completamente livre do passado.

— Como vos der gosto, meu joven amigo.

— Eis aqui os vossos cem mil francos, cavalheiro.

— Aqui estão os vossos bilhetes, não vos esqueçais que estou ás vossas ordens.

— Eu me recordarei mui breve.

Assim tiveram a primeira entrevista os dois

interlocutores que se tornaram a vêr depois diferentes vezes, já na Bolsa, já em casa d'Appencher.

— Ainda não está perdida toda a esperança de vingar-me, — dizia Duplessis ao deixar Aronde. — Saibamos aguardar e aproveitar as circumstancias, meu odio admite espera, porque sinto que é eterno.

— Ah! Eis-aqui um homem honrado! — dizia da sua parte Aronde. — Já não devo desesperar-me, havendo encontrado um amigo tão leal e generoso.

Aronde entregou-se com o maior ardor ao estudo d'um projecto, com cuja realisação esperava restabelecer a sua fortuna ou ao menos restituir a sua mulher o importe do seu dote.

Certa manhã (era aos dezoito dias depois de ter voltado a sua casa) se viu distrahido daquella nobre preocupação pela chegada do porteiro da casa em frente da sua.

— Ah! Sois vós, mestre Corniquet? lhe disse. -- Ha alguma cousa de novo?

— Sim senhor, e famoso. Creio que conheceis o turco do meu quarto principal.

— Então que ha?

— Nada mais que é um turco como vós e eu, um turco sem o ser, com a differença de chamar-se Brionde em vez de Mustafá-ben-Paputacci, que é sargento na guarda nacional, que vivia na casa da rua de Taibout, que acaba de ser cas-

tigado pelas faltas de serviço, e que eu sei as noticias pelo agente municipal que foi levar-lhe a ordem de multa.

Bem dizia eu que vir um turco a Pariz para contemplar a columna segundo assegurava o seu mameluco, era uma cousa natural sem o ser.

— Em fim, turco ou não turco, como te vai? — perguntou vivamente Aronde.

— Assim, assim, como sois tão formal e recto, julguei dever avizar-vos segundo o que me linheis encarregado. O meu falço turco passeou hontem como qualquer de nós de pantalona e sobrecasaca, e de charuto na bocca. Se fosse um verdadeiro turco, teria levado um grande caximbo. Assim, pois, era um turco supposto. Mas palavra de honra creio que o mameluco é um verdadeiro mameluco. Estou seguro que é de puro sangue. A prova disso é que falla perfeitamente o arabe. Sou nisto algum tanto entendido.

— Está bem, meu amigo, — interrompeu Aronde deslizando um luiz na mão do porteiro a quem despediu. — Já estou avizado. Graças.

E tomando Aronde o seu chapéu, em tanto que Estrella descansava ainda, atravessou a rua e entrou em casa do homem que tão cruelmente tinha offendido a joven. Brionde estava já levantado; recebeu com finura a visita e aproximou a Aronde uma cadeira.

— Cavalheiro, — lhe disse Aronde, — estais completamente restabelecido da vossa ferida?

— Sim, senhor, --- respondeu Brion de.

— Nesse caso venho a proseguir a nossa entrevista no ponto que a deixamos ha uns vinte dias. Não será assumpto largo. Duas palavras somente sobre a nossa situação respectiva. Já sabeis que tenho direito para vos matar.

Brionde fez um gesto afirmativo, mas conheceu ao mesmo tempo que o seu adversario não estava de humor para usar de semelhante direito.

— Eu poderia atravessar-vos com uma bala, e teria testemunhas que deporiam a meu favor.

Brionde experimentou um estremecimento involuntario á enunciação de tal hypothese.

— Pois bem, cavalheiro, renuncio a essa terrivel condição.

— Fallai, --- disse Brionde.

— A condição é que não ha-de pronunciar-se o nome de Mad. d'Aronde, e que consentais em dar um pretexto qualquer ao nosso duello.

— Estou ás vossas ordens, cavalheiro.

— Fica convencionado que não se dirá a ninguém que isto tem relação com a scena d'outro dia.

— Eu o juro. Mas qual será o motivo da nossa questão!

— Eu o encontrarei. Cuidai somente de ser susceptivel e manifestai-vos offendido por qual-

quer cousa que succeda. Com isso ganhareis a eleição das armas.

Brionde inclinou-se em signal de assentimento como o homem que encontra cincoenta probabilidades de viver contra cem, e Aronde retirou-se sem lhe dizer mais palavra.

Aquelle mesmo dia ás tres da tarde, estava a Bolsa atestada de gente. Os jogadores rodeavam a galaria. Destinguia-se entre a multidão a Duplessis ao lado de seu genro o barão Appencherr. Fallava-se em todos os grupos de um desastre que acabava de occorrer nas possessões de Africa pertencentes á França.

Brionde, que se havia apresentado na vespera se achava no meio dos corrilhos rodeado de clientes e de amigos, jactando-se de seus conhecimentos na materia.

— Houve surpresa, um ataque espantoso durante toda uma noite, — dizia para a direita e para a esquerda a fim de contribuir ao exito das operações que tinha á vista.

— Meu Deus! — exclamavam os bolsistas aterrados.

— Acabo de ler o Akhbar: o duque de Aumale está ferido; os árabes acham-se a duas horas de Argel.

— Não é verdade! — exclamou uma voz ameaçadora.

— Como que não é verdade? — respondeu Brionde buscando o incredulo por entre a multidão.

— Enganei-me na expressão, — respondeu este, — quiz dizer que haviéis mentido.

A estas palavras Brionde viu em frente o semblante pallido e sombrio de Aronde.

— Cavalheiro, — disse Brionde, — vós insultais-me!

— É possível.

— Dar-me-heis uma satisfação.

— Quando quizer-des.

E Aronde lhe lançou á cara o bilhete de sua firma.

— Amigo meu, --- lhe disse o velho Duplessis com o accento da mais viva solicitude, e separando-o do logar da scena, — pensais acaso que pode bater-se um homem casado? Não é possível. Eu não o consentirei.

--- Toda a intervenção seria inutil, --- respondeu simplesmente Aronde.

— Porem vós não tendes razão, --- lhe disse o barão Appencherr, --- haveis insultado a esse homem sem motivo razoavel.

--- Com razão ou sem ella, --- disse Aronde, — está dado o passo e seguirá o seu curso.

--- Seguramente, --- respondeu o sogro, — é preciso evitar uma desgraça.

Aproximando-se depois a Aronde, lhe disse.

--- Meu querido amigo, não tendes testemunhas.

— Eu as buscarei.

— Não as busqueis.

— Porquê — perguntou Aronde surpreso.

— Não se abandonam assim os amigos nos momentos criticos. O barão e eu o seremos.

— Agradeço-vos, cavalheiro, e aceito visto que assim o quereis.

— Em boa hora. Appencherr, e eu nos entenderemos com as testemunhas de vosso adversario.

— Sobre tudo, --- disse Aronde, --- nenhuma transacção. Um desafio é inevitavel.

--- Que motivo ha para semelhante aggressão, --- perguntavam entretanto a Brionde os jogadores que o rodeavam.

--- Não é difficil adivinha-lo, --- respondeu lealmente Brionde, --- tive commissão de vender em baixa valores sobre os quaes Aronde negociava em alta. D'aqui provem o seu odio.

Esta explicação pareceu bastante satisfatoria aos circumstantes.

Aronde entrou em sua casa e abraçou a sua mulher como se nada de particular houvesse succedido. Á noite Duplessis foi visita-lo, e dar-lhe conta dos resultados da sua commissão.

— Eia má cabeça, já podeis estar contente!

— Silencio! — exclamou Aronde, mostrando a habitação de sua mulher.

— É verdade, ella não deve saber nada. Deixa-lo-hemos para amanhã.

— A que hora?

— Ás sete.

- Em que sitio?
- Na porta de Anteuil.
- Que arma?
- A espada.
- As condições?
- Amanhã as saberão um e outro no mesmo terreno. O ponto da reunião é ás sete no café do Cardeal. Adeos.

Duppléssis se retirou.

— Finalmente — exclamou Aronde, amanhã ficarei morto ou vingado.

E entrou no seu escriptorio onde se apressou a escrever a sua ultima vontade.

— Que fazeis, meu amigo? — lhe disse alegremente sua mulher entrando ao vê-lo. — Acho-vos muito laborioso esta noite.

Aronde acabava de escrever no subscripto de uma carta cuidadosamente fechada. A madama... rua larga de Chaillot, num. 27. Reservada.

— Já vejo que conheceis demasiado essa desconhecida, exclamou Estrella com um gesto seductor. — Estais com ella em plena correspondencia? Sem embargo, quizera saber...

— Algum dia saberás tudo, — respondeu Aronde, puxando pelo cordão da campainha.

Apresentou-se o criado e lhe deu a carta.

— Pobre, querida Estrella! — pensou Aronde beijando as mãos de sua mulher com grande ternura. Talvez amanhã esteja viuva; porém mor-

rerei tranquillo deixando-a sob a salva guarda da amizade mais sincera.

Entretanto havia ido Duplessis a casa de Tien-nette e a havia inteirado de tudo sem dizer-lhe de que natureza devia ser a sua intervenção no assumpto.

— Não se ha effectuado inteiramente o vosso plano, lhe disse, — porem tão pouco é mais máo. Ao impossivel não ha mais que ter paciencia. Tudo dependerá do modo mais ou menos fortuito das circumstancias. Abrigai bõas esperanças.

— Com tanto que seja vingada, — disse consigo, depois de haver acompanhado o velho até á porta, — nada me importa o como.

Lançando-se depois sobre um sofá, cheia de desesperação exclamou:

— Que louca que eu sou! de que me servirá anniquillar esse homem, a quem poderia elevar por cima de todos? Poderei arranear do meu coração o sentimento que o atormenta? Não; isso é impossivel. Lanço nos abysmos esse homem; arrebató-lhe seus bens, seus gosos, suas esperanças... com tudo, abatido, anniquillado, abandonado de todos, amo-o; Deos meu! Amo-o mais que nunca!



CAPITULO II.

DUELLO.

No dia seguinte ás seis da manhã parou uma carruagem de aluguer á porta de Brionde. Era a que devia conduzi-lo com as testemunhas ao sitio assignalado para effectuar o desafio com Aronde.

Entretanto que o cocheiro se empregou em conduzir as testemunhas, Brionde escreveu uma extensa carta. Feito isto chamou o ultimo dos Lasseur que immediatamente appareceu.

— Entra, meu querido Scapin — lhe disse Brionde com alegria algum tanto sinistra que um caracter da tempera do seu devia ter em semelhantes circumstancias.

O criado fiel ás suas recordações de thea-

tro, passeou pela habitação fingindo o passo trágico.

— Vou sair agora enquanto introduzes as pessoas que aguardo.

— Que pessoas? Amigos vossos?

— Sim, amigos... amigos do coração.

— Acompanhar-vos-hei?

— Não; pois poderá ser que não volte.

— Em todo o dia?

— Mais que isso. Nunca.

— Nunca? Encheis-me de temor e de espanto.

— Pois bem, — respondeu Brionde, — se acontecer que a alma de teu amo *vôe ao reino celestial*, abrirás esta caixa cuja chave te entrego. Encontrarás ali uma serie de encargos, os quaes te pesso que executes, arrecadando para ti a quantidade regular que te deixo.

— Deos meu! — exclamou o criado, — quão grande será a minha gratidão por vossa munificencia!

— Sem embargo não te desconsolles antes de tempo: prometto-te fazer o possivel para que não percas o amo a quem adoras. Mas é preciso prever tudo quando se vai para um desafio....

— Um desafio! Aposto que é com o marido da defronte.

— Sim; e dado o caso de eu ficar morto entregarás esta carta ao mesmo Aronde em pessoa.

— Como! ao vosso adversario? Isso é romantico, comtudo podeis contar com o meu zelo.

— Agora deixa-me e vai esperar esses senhores.... As sete menos dez.... não podem tardar.

— Retiro-me, senhor, e vou pedir á Parca que conserve o fio de uma existencia tão preciosa.

— Sim, sim, meu amigo, vai pedir á Parca. O excomico saiu, e então chegaram as testemunhas que se esperavam, dois cavalheiros de vida equivoca, mas muito expertos em materia de duellos. Brionde entrou com elles na carruagem que partiu immediatamente. Aronde por sua parte havia concorrido ao café Cardinal acompanhado de Duplessis e de Appenherr, e todos elles se puzeram em marcha ás sete em ponto.

As duas sinistras comitivas chegaram separadamente, porem quasi ao mesmo tempo, ao Bosque de Bolonha que está proximo á porta d'Anteuil. É este um dos sitios mais solitarios do bosque, especialmente pela manhã cedo. Eram as oito menos alguns minutos.

— Depois de haver-se saudado reciprocamente se procedeu á eleição de terreno. O tempo era sombrio. Havia chovido toda a noite; o chão estava todo molhado; porisso a eleição não era muito facil.

— Parece-vos conveniente este sitio? — disse uma das testemunhas de Brionde.

— Apezar de estar o chão molhado, — respondeu Duplessis, — é este o melhor sitio, aqui nos veremos mais livres das vistas curiosas dos senhores da ronda.

— Adoptado, — repeliram os outros trez. Duplessis se aproximou então ás testemunhas de Brionde.

— Senhores, — lhes disse, — trouxesteis espadas?

— Aqui estão, — respondeu um d'elles, — caso vós não queirais preferir as vossas proprias armas.

— Aceitamos as vossas, — respondeu o infatigavel velho.

Marcados dez minutos como duração sufficiente para um duello cuja causa havia parecido demasiado leve ás testemunhas do offendido; Appencherr encarregado de medir o tempo, tirou o seu relógio e se poz do mesmo lado que Duplessis, detraz d'elle. Este ultimo se collocou com a bengala na mão perto de Aronde para inspeccionar a gravidade das estocadas. As outras duas testemunhas se puzeram de igual sorte perto de Brionde, porem ao lado opposto. Emfim, o velho deu trez palmadas para fazer o signal.

Á terceira as espadas deixaram ouvir o seu sinistro choque.

Brionde manejava a espada com extraordinaria destreza; era demasiado forte na defeza para não desprezar os floreos da esgrima. Tinha se-

gurança na mão, uma vista excelente, o braço vigoroso e ageis os dedos. Havia passado dez annos nas salas d'armas e jogado com os que gosavam de maior reputação.

Aronde pelo contrario, era mais um combatente. O seu braço era incansavel e tratava mais de tocar o seu adversario que de defender-se. Assim é como o vimos ao principio desta historia ferir gravemente a Dabiron, sem embargo de haver intentado antes subtrair-se ás suas provocações. De ordinario Aronde descarregava sobre o seu inimigo com uma impetuosidade, com um vigor e uma audacia capazes de deslumbrar ao jogador mais destro e acostumado. Aquelles dois generos de habilidade pareciam ao principio do combate formar uma especie de compensação ou de balança exacta.

Brionde ante o methodo impetuoso do seu contrario, conheceu que o que necessitava era causa-lo.

Aparou successivamente e com rara felicidade as estocadas que se dirigiam ao seu peito. Emfim, ao cabo de cinco minutos a espada d'Aronde abriu passo e a ponta tocou seu peito.

As duas testemunhas, valendo-se das suas bengalas, voltaram o golpe, e a espada do esposo de Estrella se perdeu no espaço.

— Ah! — disse consigo Duplessis, — que-res bater-te por um motivo supposto! Não dejes comprometter a tua mulher! Agora o veremos.

Aronde voltou ao combate pallido de colera.

— Que é isto, senhores? acaso somos dois meninos para que se nos impessa o ferir-nos?

— Cavalheiro, — respondeu uma das testemunhas de Brionde, — somos responsaveis do desenlace deste desafio, e temos direito para assignalar a conducta que deve seguir-se.

— Porem isso é um escarneo! — exclamou Duplessis, — não é nosso animo comprometter-nos nem comprometter-vos por um motivo futil.

— Futil! — repetiu Aronde.

— Sem duvida, — disse o velho procurando arrancar alguma confissão que compromettesse a reputação de Estrella. Pelo menos que eu saiba é uma simples questão de Bolsa, uma disputa sobre fundos publicos, um mentis dado aos periodicos mais que ao vosso adversario? Negais isto?

Aronde se recordou então da promessa que havia feito de não misturar nos debates o nome venerado de sua mulher, e se lembrou tambem da palavra que havia exigido a Brionde relativa ao silencio da causa d'aquelle combate. Deveu calarse, afim de não comprometter a mulher cuja honra defendia n'aquelle momento.

— É verdade, — disse.

— Pois bem, parece-vos estranho que procuremos prevenir um desastre?

Tornaram a por-se em guarda os dois campeões; porem Aronde não afrouxou na impetuo-

sidade de seus golpes. Por duas vezes amiaçou com um revez, dirigido ao peito do seu adversario; porem as duas vezes foram evitados os golpes terri-
veis.

Irritado com aquelles obstaculos imprevistos, cheio de vingança e animado por uma santa e legitima colera, Aronde para chegar até ao seu inimigo, deixou um momento de cubrir-se: a espada de Brionde lhe roçou o costado direito.

Uma nodoa roxa tingiu immediatamente a sua camisa indicando que havia recebido uma estocada. Aronde retrocedeu um passo, porem sem abaixar a sua espada.

— Basta já, — disseram as testemunhas de Brionde intervindo a um signal do velho, — está a honra satisfeita.

— Estais ferido de gravidade? — perguntou Duplessis com interesse entretanto que o barão d'Appencherr contava quatro minutos que haviam decorrido no seu relógio.

— Não... — disse Aronde... mas... não é nada... é uma arranhadura... continuemos.

— Por favor — repetiram as duas testemunhas do vencedor, — deixemo-lo neste estado.

— Se este cavalheiro o deseja, — exclamou Brionde com certa nobreza, — agradecer-lhe-hei a honra que acaba de conceder-me e me dou por satisfeito.

— Ah! estás satisfeito? — disse Aronde furioso e irritado pela dor.

Duplessis e Appencherr o quizeram aplacar.

— Ah! estás satisfeito! — continuou Aronde furioso de colera sem escutar as observações que se lhe faziam. — Crês acaso que te entregarei a minha espada á primeira arranhadura? .. Ah! aproveitas uma moderação de linguagem, cuja causa não ignoras! Pois bem, será preciso que te cuspa no rosto para infundir-te alento?

Brionde estava mais pallido de emoções que de colora. Similhante ultrage diante de testemunhas, sobre o mesmo terreno e em frente do perigo, não devia passar sem reparação. Comprehendia por outra parte que o colerico Aronde não podia ser apasiguado senão por meio de uma catastrophe. Neste conceito se havia resignado.

— Estou ás vossas ordens, — disse ao seu adversario mordendo seus labios descorados.

De novo começou o combate entre os dois homens que haviam entre si jurado o segredo á cerca da causa de sua inimidade. Ao proprio tempo se esforçavam as testemunhas por prevenir os golpes perigosos. As espadas se buscavam e se pegavam as suas folhas como se as attrahi-se a força de um iman. Aronde que sentia debilitarem-se os seus brios, fez um vigoroso esforço: executou uma manobra de uma ousadia inaudita. De resultado de um falço ataque a arma do esposo de Estrella se deslizou como uma serpente aavez dos obstáculos.

Duplessis observou o golpe depois que es-

tava dado. Frustrada a sua vingança pela nobreza com que cada um dos combatentes guardava silencio ácerca da origem occulta da sua contenda, buscou um motivo em outra cousa. Os máos pensamentos tem seu instante marcado como os mais generosos impulsos do coração. Vislumbrou um meio de deshonrar o homem que aborrecia.

— Alto! — exclamou.

Appencherr quiz protestar, porem Duplessis lhe deitou um olhar terrivel que lhe impoz silencio.

Duplessis havia calculado bem. Já não era tempo. A ponta havia chegado ao seu destino, prompta como o relampago e inflexivel como a fatalidade. A espada se escondeu no peito de Brionde.

— Devieis ter feito alto, — disse Duplessis.

— Fazer alto! Acaso podia? Perguntai a estes senhores.

— Haviam decorrido já os dez minutos, — respondeu o velho.

— Appencherr fá a protestar porem o velho Duplessis lhe tocou em o braço.

— Sinto ter que dize-lo, — continuou o velho, emtanto que Brionde se via rodeado de suas testemunhas, — porem parece-me que podieis haver-vos delido. Fosteis ligeiro e inconsequente.

Aronde lançou então um olhar ao seu interlocutor. Por primeira vez creu distinguir em seu semblante, ordinariamente tão bondoso para

eile, os signaes de uma animosidade occulta. Não se via já o olhar meigo e soffredor, a expressão de dó affectuoso que lhe haviam feito aceitar o dinheiro e os favores do velho; senão uma frieza cruel, um sangue frio amiaçador, uma resolução tomada de não defende-lo, mais perigosa que uma accusação. Isto foi para a sua alma uma revelação verdadeira.

Brionde havia vacillado, estendido os braços para diante, deixado cair a sua espada, vindo elle ao chão como acommettido de um raio.

— Soccorro! — exclamaram as testemunhas que elle havia levado.

Aronde á vista do moribundo olvidou tudo e sua propria ferida, a offensa feita a sua mulher, a deshonna que se havia intentado imprimir em seu nome, as violencias tramadas, os odios urdidos, as machinações premeditadas, a má vontade que havia surprehendido de repente; não viu mais que um homem cujo olhar debil e ofuscado annunciava um fim proximo.

— Chegai a Anteuil, que venha um medico. É impossivel levar o ferido neste estado.

— O céo é testemunha, — disse Duplessis lançando obstinadamente a Aronde um olhar de basilisco, — que fizemos todo o possivel por evitar este funesto desenlace. Se morre é por vossa culpa.

— Estais seguro, — disse ao velho uma

das testemunhas do ferido, — que houve infracção das leis do duello?

— Completamente seguro, — respondeu Duplessis.

— É evidente que deve ser assim, posto que o vencedor se vê accusado por suas proprias testemunhas. O golpe foi tão repentino, que não temos uma ideia exacta do facto.

Naquelle momento fez o ferido um movimento como se houvera querido fallar.

— Que póde dizer? — exclamou Aronde, — não me hei conduzido como um homem de honra?

— Deverieis, — respondeu Duplessis, — haver-vos delido á nossa ordem.

— Deteve-se acaso o meu adversario? — replicou Aronde, cuja ferida sangrava sem que o advertisse, — não continuou como eu? Póde conter-se o braço quando se vê animado pela lucta?

Naquelle momento se deixou ouvir um ruido por entre a folhagem secca dos arbustos carregados de orvalho. Apresentam-se dois gendarmes ante os combatentes.

-- Bravo! — disse Duplessis, — Tiennette calculou os segundos como um medico que conta as pulsações. Esta mulher é um instrumento admiravel de precisão!

— Senhores, disse o chefe, — vejo aqui um moribundo com testemunhas, e estou obrigado a abrir um summario. Os vossos nomes e signaes.

Naquelle momento fez Brionde um violento esforço.

— Não façais caso, — exclamou, — do que se diga... Tudo é falso... ha traição. . Ha aqui um traidor... um infame... que vos engana.

— Onde? — perguntaram as testemunhas.

— Onde? — perguntou o chefe.

— Onde? — perguntou tambem Duplessis com imperturbavel sanguefrio.

Brionde quiz mover seus olhos apagados; fez vãos esforços para designar o homem que havia sido a causa primaria d'aquelle duello, a origem de tantas desgraças, e o que naquella hora suprema accusava com o maior descaramento ao innocente, quiz designar o velho Duplessis.

— Ah!, — disse, — está o infame, o cobarde, o traidor... o que me matou... que me assassinou!

E dirigiu seu braço; porem a natureza estava esgotada; a morte aguardava a sua victima; lançou um gemido, estendeu-se de novo no chão e espirou.

O chefe dos gendarmes perguntou então:

— Qual é o adversario do defunto?

— Eu, — disse Aronde.

— Em razão das ultimas palavras do defunto, — disse o chefe, — palavras que constituem uma accusação verdadeira, me é impossivel deixar-vos livre como o faço com as testemunhas. Em nome da lei dai-vos á prisão.

— Cavalheiro, --- respondeu Aronde com a tranquillidade do justo, --- cumpri com o vosso dever.

E collocado entre dois gendarmes, marchou Aronde com passo resolutivo para o carcere que o aguardava, não sem deitar um olhar firme a Duplessis radiante e a Appencherr visivelmente assombrado.

As duas testemunhas de Aronde, durante este tempo, se retiraram para deliberar o modo da conducção do defunto a uma casa vizinha.

Appencherr sombrio, inquieto, quasi enfermo, apenas olhava para o velho cuja causa abraçara cegamente. Em quanto a Duplessis estava louco de alegria.

— Queria deshonra-lo por culpa de outro ou pela revelação da causa do duello, — disse, — porém já se acha deshonrado por sua propria culpa. Que afortunada é essa maldita! O que ella pensa succede por effeito da casualidade sem que se saiba como. Vamos a preveni-la. Sinto que esse pobre diabo de Brionde haja pago tão caro o resgate dos seus pagareis. Eia, acompanhai-me, meu genro. Porém a que vem estar tão pensativo com os olhos fitos nesse terreno ensanguentado?

— Penso em que Aronde não foi avisado a tempo, que não haviam passado os dez minutos, que não levava uma vantagem illicita sobre o seu adversario e que por conseguinte não devera ter sido accusado de...

Duplessis o interrompeu.

— Sabeis o estado actual da vossa fortuna?
— perguntou franzindo as sobrancelhas.

— A que vem essa pergunta? — exclamou o banqueiro inquieto.

— Vou dizer-vo-lo. Haveis consumido as tres quartas partes e só viveis de um credito immenso. Sabeis donde vos provem esse credito? De que sois meu genro e que a vossa filha será minha herdeira. Com uma palavra que eu diga ficais arruinado amanhã, como o estava Brionde, como o está Aronde, e como o estará Leoncio.

— Meu senhor! — disse Appencherr assustado.

— Já vê-des, meu querido, que podeis enganar-vos por bondade d'alma, — disse o vingativo velho, — é que Aronde não devia ter dado o golpe mortal, posto que se havia avisado a tempo e os dez minutos haviam realmente decorrido.

Em seguida tomou o braço ao banqueiro atonito e tomaram o caminho de Pariz.

Entretanto as testemunhas de Brionde haviam levado o corpo á casa mais immediata do sitio do combate.

Era uma estalagem campestre mui frequentada pelos cavalheiros e amazonas do bosque de Bolonha.

Quando entraram com o seu lugubre fardo tropeçaram no limiar da porta com um homem

alto, pallido e sombrio que olhou attentamente o semblante livido do defunto.

Era Masson.

— Este é o modo de revelar-se a mão de Deos, — disse melancolicamente. — Aqui é onde veio ha só algumas semanas. Dabiron para matar-se, afim de enriquecer a Brionde especulando com o seu destino, e aqui é onde ha sido conduzido hoje Brionde sem vida victima de seu apego ao dinheiro.



CAPITULO III.

DISCORDIA.

As oito e meia! — disse consigo Tiennette olhando com uma ansiedade febril o elegante relógio de seu gabinete de lavor. Recapitulemos outra vez para examinar a exactidão dos meus precedentes calculos. Chegada ao logar do combate ás oito em ponto, hora militar como elles dizem. Não duvido da sua exactidão. Faz-se esperar um acredor, um protector, uma amante, um Rei mesmo, porem jamais se faz esperar um homem a quem se pensa dar uma estocada. Calculo um quarto de hora para a eleição do terreno: *as oito e um quarto*; cinco minutos para os demais preparativos e as ultimas condições: *oito e vinte minutos*. Dez minutos ao mais de

combate; assim está irrevogavelmente conven-
cionado com o velho: total *oito e trinta minutos*.
Exactamente. Neste momento deve haver con-
cluido tudo, e graças aos meus cuidados, é pro-
vável que a gendarmaria real saia agora á scena.
Efeito de surpresa! Não lhe falta naverdade
mais que o ritornello com bombo e pratos. Ai!
Em vão procuro distrahir-me olhando o assum-
pto debaixo de seu aspecto comico! não posso
consegui-lo! Tenho calor e frio ao mesmo tempo.
A final, se não lhe succedesse nenhuma desgraça!
a Aronde, porque o outro nada me importa!
A cólera pode levar vinte Briondes sem que eu
experimente a menor pena! Porem elle, Aronde!
é quem motiva o meu medo; que honrado e que
valente! Porisso mesmo haverá que lamentar al-
gum contratempo. Parece que o eeu se compraz
em alltrahir para si os homens honrados! Com-
prehendo similhante preferencia. Oh! não, não;
é impossivel por esta vez. O unico objecto da
vingança de Duplessis, o mesmo que o da mi-
nha, era obrigar a Aronde a revelar o motivo
verdadeiro do duello para ter direito a levar as
cousas ate ao ultimo trance.

Por desgraça, porem, conheço demasiado
o amor e respeito que professa á simples de sua
mulher. Havia-se obstinado em não pronunciar
o seu nome, e então as testemunhas, segundo me
prometteu hontem solemnemente Duplessis, ha-

viam persistido em regular a duração do combate, segundo a futilidade apparente da causa. Posso estar tranquilla por seu resultado. Tranquilla! Não, não o estou. Em vão cálculo, em vão raciocínio; a inquietação me devora! Uma hora mais de semelhante agonia e serei eu talvez a victima, a unica victima deste fatal desafio. E quando penso que eu é que o tenho posto neste caso por todos os meios!.... insensata!... Eia, eia, a um lado penas inuteis!... Com isto nada se consegue nem remedeia. Pelo contrario, o que faz é tirar serenidade do espiritu. Porem como aguarda-la com semelhante ansiedade!... Experimentemos a trabalhar entretanto que vem noticias positivas. As nove! Já não devem tardar!

E Tiennette se assentou diante do seu armario de ferro entalhado com ricos arabescos e filletes dourados. Abriu as fechaduras de segredo, tirou alguns massos de papeis e se poz a separa-los para distrahir sua febril impac'encia.

— Eis-aqui uma prosa! — disse com desgosto. — É inaudito como se presta o papel a todas as simplicidades humanas! Crê-se que o que um não pode dizer, pode contar-se! Mais certo seria que pôde escrever-se! E escrevem-se certas cousas sem pensar que se deixa no papel uma prova irrecusavel com a qual será preciso contar tarde ou cedo!

Então tinha Tiennette na mão com cartas diversas, com testemunhas visiveis de erros, de

fraquezas, de volubilidades, de vícios, e ainda de crimes. Havia entre outras, cartas de muitos reputados que depois... porem então eram virtuosos: gritavam contra os tyrannos em favor da liberdade dos povos, grandes inimigos de governos, famosos extirpadores de abusos, os quaes, apesar de seus programmas terminantes, haviam passado ao poder com armas e opiniões. Alem disto, cartas de filhos de familia que se haviam feito homens graves, cheios de eternos protestos em favor de alguma loreta, e cuja existencia haviam olvidado os seus signatarios infieis casando-se com alguma rica herdeira. Assim mesmo, cartas de letras desiguaes e phantasticas como o capricho, atormentadas como a indecisão: eram as ternas queixas de uma esposa culpavel a algum cumplice adorado, cartas cujo resgate devia produzir mais dinheiro que o de um principe catholico aos infieis, porque o marido era cioso e a familia da mulher rica e distincta. Em uma palavra, com ligeiros monumentos provavam juramentos violados, relações illicitas, loucuras da juventude, desordens da idade madura, vícios da velhice, todo o diapazão dos excessos possiveis.

— Oh mundo! — dizia Tiennette contemplando aquelle conjuncto de papeis accusadores, — mundo que me has degradado e humilhado, como me vingo de ti! Tu me has feito má e inexoravel, tu me has obrigado a tomar armas contra ti e a devolver-te desprezo por desprezo. Eu

teria podido ser um anjo, porem cheguei a ser um demonio! E lagrimas, verdadeiras lagrimas de dôr caiam dos olhos sombrios da feia.

— Sim, — continuou, como se dando saida aos seus remorssos alliviasse algum tanto a sua consciencia, — pela epocha em que eu tinha ao menos o que se achamava a belleza do diabo, a flor da primeira juventude, esse mundo inconsequente me disse pela boca capciosa de um de seus homens mais seductores, esse mundo me disse que me amava. Deixei-me persuadir. Porem era uma mentira. Depois de haver-me enganado como a outras muitas, esse mundo hypocrita me causou a mim um crime por sua perfidia mesma. Eu não havia sido mais que um joguete seu, um joguete que se arrebatava, com o qual se diverte qualquer por alguns instantes, porem que se quebra em seguida e se arroja com desdem depois de have-lo manchado. Oh! então foi quando jurei devolver-lhe guerra por guerra; então quando comecei a reunir aqui neste armario, nova caixa de Pandora, tantos segredos terriveis. Não se me ha amado e agora se me teme; não se me ha ajudado e agora se me paga; tem-se-me maltratado e offendido e á minha vez offendo e prejudico.

O resgate de vinte prendas deste genero, guardadas com paciencia e esquadrinhadas com arte, equivale a outras tantas fortunas. Está em minha mão fazer um Rothschild, um Richelieu e

ate um rei. E sem embargo, qual é o resultado desta culpavel lueta? Ouro sempre ouro, porem nada mais que ouro! De que me serve o ouro? Pode empregar-se em adquirir os unicos verdadeiros bens deste mundo: a estimação de todos e o amor de um? Não, eis-me aqui rica e poderosa, porem aborrecida e sem prestigio, eis-me aqui separada d'elles, desdenhada por elle, descuidada de todos, triste e trazendo no coração como um cancro incuravel, um amor insensato um amor sem esperança, o mais terrivel de todos os meus castigos!

E Tiennette, aquella mulher tão grave, tão fria, tão impenetravel em publico se entregava na soledade á mais sombria desesperação.

Naquelle momento entrou a sua áia.

— Que ha? — disse estremeecendo de impaciencia.

— Senhora, é a visita do costume, — respondeu a áia.

— Ah! são os meus doces instrumentos, — respondeu amargamente Tiennette, — minhas fariamentas, minhas armas, os horriveis actores dos meus dramas espantosos. Que entrem. Necessito ver esses infames para inspirar-me menos horror eu mesma, — accrescentou em voz baixa.

Abriu-se a porta e entraram tres figuras distinctas a quem o leitor conhece já. O Balanço, o Cyclope, e a Cabeça de Pipa.

— Vós outros aqui, meus fieis servidores!

— disse Tiennette com um sorriso sarcástico. — Sois tres como as Parcas e matais como ellas depois de haver tomado cada manhã no meu inferno a lista funebre das victimas do dia!

— Que tem esta manhã a directora? — disse em segredo Cyclope ao Balanceiro.

— São os nervos, — respondeu o supposto jurisconsulto da rua de la Huchette.

— Os nervos, — disse o Cyclope estirando com fatuidade os musculos de seus braços; — eu tambem tenho nervos e fortes, porem não me alteram a mim!

-- Deus meu, sim, — continuou Tiennette cedendo a uma exallação nervosa, — estais bem reunidos os tres: tu Balanceiro, a astucia, a dissimulação, a cabeça que pensa e medita; tu, Cyclope, a força brutal, o punho em vez da palavra, o gesto em lugar da ideia, o facto em vez do direito; tu, Cabeça de Pipa, a mais temivel dos tres, a insensibilidade que atormenta sem remorsos, que persegue sem tregua nem descanso, sanguessuga que esgota todas as veias antes de soltar a presa. Ah! velha temivel, se um banho de lagrimas pudesse, como a agua de Juvenco, devolver-te a tua juventude e tua formosura, não terias hoje mais que quinze annos.

— Senhora, — respondeu com desenfado, — não é possivel ser e ter sido, já me vi alguns dias com formosura e nem todas podem dizer outro tanto!

— Amavel amiga! — respondeu Tiennette

com um sorriso cruel. --- Estais cheia de talento, e tendes resposta para tudo. Porém de que te serve, diz-me, haver sido formosa se já não o és? Para que te valem aquelles louros se agora estás horrivel? Para sentir o passado e nada mais. Porém voltemos ao presente. Que quereis?

— As vossas ordens, — disse Balanceiro inclinando-se com galantaria.

— Trabalho, --- exclamou o Cyclope com um gesto brutal.

— A ociosidade, já ha muito tempo se diz, --- acrescentou ironicamente a cabeça de Pipa, --- é mãe de todos os vicios.

— É uma mãe que tem tido muitos filhos, — respondeu Tiennette. — Ah! ah! pedis trabalho? Pois já pensava em vo-lo proporecionar. Vê-de essas cartas.

— Estão maduras? — respondeu Balanceiro.

— Já podem colher-se; tem amadurecido á sombra como os philosophos na Bastilha. Ainda não tive tempo de pôr isto em ordem.

— Diabo! — disse Balanceiro, — um dia de folga!

— Assim o quer a directora! — murmurou Cabeça de Pipa.

— Será preciso cruzar os braços? — acrescentou o Cyclope.

Naquelle momento bateram á porta.

Tiennette estremeceu de novo.

— Quem é? — perguntou a criada com grande curiosidade.

— Senhora, é o cavalheiro velho que a senhora sabe.

— Em fim, — disse Tiennette, — que entre, que entre!

E levantou-se com vivacidade e abriu a porta que conduzia a outra habitação.

— É inutil o ser-des vistos aqui, — disse ella aos tres confidentes. — Entrai ahi um instante.

Os trez cumplices desapareceram por aquella porta, entretanto que Duplessis entrava por outra.

O velho estava radiante; lia-se em seu rosto a expressão de uma alegria cruel.

— Vamos! — lhe disse Tiennette, — que ha de novo?

— Tudo ha corrido ás mil maravilhas.

— Aronde?

— Deshonrado.

— Devera te-lo adivinhado pelo vosso semblante. E os gendarmes?

— Portaram-se perfeitamente. Em uma palavra tudo se ha aranjado bem. O escandalo será ruidoso e solemne.

— Por consequencia Aronde finalmente falou, — perguntou Tiennette que cria no exito do plano que ella havia fomentado e que só servia aos seus interesses. — Confessou o verdadeiro

motivo do seu desafio, a visita nocturna de sua mulher a casa de Brionde?

— Nada disso, — respondeu o velho com a vaidade de um autor dramatico cuja peça ha triumphado.

— Como! não disse nada de sua mulher?

— Não.

— E Brionde?

— Tão pouco.

— Porem ao menos pensará dizer, — continuou Tiennette que não cuidava mais que de comprometter Estrella; — fallará, será preciso que falle quando o negocio vá aos tribunaes.

— Com esse, — disse Duplessis, — não ha que contar, já não fallará.

— Saberemos obriga-lo.

— Será difficil.

— Porque?

— Pela excellente razão de que morreu.

— Morreu! — exclamou Tiennette. — Brionde morreu! E o outro? e Aronde? Respondei; maltais-me de susto.

— Nada.

— Como nada?

— Oh! uma simples arranhadella.

— Porem a final que ha passado?

— Ha passado que Aronde, fallando ao que manda a honra, matou o seu adversario com uma estocada desleal.

— Não é verdade! — exclamou energica-

mente Tiennette lançando ao velho assombrado um olhar terrível, — não é verdade, vós o sabeis muito bem. Os infames conhecem-se por suas obras; Aronde é o homem mais nobre que tenho tratado. Não é certo, repito, vós mentis.

— Diabo! a expressão é dura e daria lugar a um segundo lance, se vós não pertencesseis de algum modo ao que se chama bello sexo. Demais pouco importa que seja ou não verdade, deve bastar-vos que seja verosimil. Que é o que queriamos? a deshonra de Aronde.

— A sua deshonra como marido e não como homem.

— A distincção é algum tanto subtil. Porém já temos conseguido essa deshonra. O sumario fará fé no futuro.

— E elle onde está?

— Preso.

— Preso! — exclamou a feia pallida e agitada.

— Como tenho a honra de vo-lo dizer. Preso pelos vossos dois gendarmes, pela ronda que, avisada competentemente graças aos vossos excellentes cuidados, devia ir presenciar o escandalo que desejavamos. Similhante escandalo ha mudado de aspecto pelo curso imprevisito das cousas, porem não é menos real. Vós deveis estar satisfeita.

— Satisfeita! — repeliu Tiennette no paroxismo dá colera.

— Oh! sinto muito que não tenhais presen-

ciado a chegada dos gendarmes. Foi um soberbo golpe theatral. Recordou-me uma multidão de scenas lastimosas.

— Miseravel ! — exclamou a feia exasperada pela sinistra alegria que o triumpho inspirava ao velho. — Quem te deu o direito para interpetrar os meus sentimentos ? Recebi de ti algum salario ? Fiz contigo algum ajuste para que ousasses modificar as nossas condições ? Sim ; emquanto que tens querido sómente a ruina material de Aronde : emquanto desejaste a sua deshonra conjugal por meio do rapto de sua mulher e a publicidade dada á sua aventura , subscrevi aos teus planos porque essa dobrada manobra favorecia os meus projectos ; porem em vez de um escandalo de bolsa e de familia inventas um escandalo odioso, um crime, uma deshonra, e em vez de arruinar, de ridiculizar, assassino ! Miseravel ! Quem te deu tal direito ?

— Senhora ! — disse Duplessis estupefacto.

— Não, não ; não sou tua cumplice. Tu favorecias o meu plano, eu favorecia o teu ; porem tu passas avante e eu detenho-me.

— Que quereis fazer, --- disse Duplessis, --- e a quem pensais fallar ?

— Perguntas-me o que quero fazer ?

— Sem duvida. Pensais acaso intimidar-me ?

— Oh ! não me inspirais o menor cuidado, cavalheiro ; obedecer-me-heis como os demais. Aronde se vê accusado. segundo dizeis, de lou-

cura, de deslealdade, quem sabe? porque qualquer se perderia nas suas trevas. Está já provado?

— Sim, naverdade, pelas ultimas palavras do moribundo, as quaes mal interpetradas pareciam alludir a Aronde.

— Tendes que desmenti-las.

— Confirma-las-hão os mesmos gendarmes.

— Vós direis que se enganam.

O velho que se havia assentado por causa da larga carreira que acabava de dar, se levantou em séguida.

— Ah senhora! — é preciso que me julgueis um idiota para me propordes esse trabalho de Penelope.

— Pouco importa que sejais idiota ou hidrophobo, vós me roubasteis Aronde entregando-o á justiça, e quero que m'o devolvais; isto é tudo. Repito que desfareis o que haveis feito e vos retractareis do que haveis dito. Sim, haveis de fazer tudo isto ou juro que vos heide esmagar como a um animal venenoso.

— Minha filha, — disse Duplessis, — vós sois uma insolente!

— Oh! não faço ainda mais que amiaçar; não toco todavia mais que a epidermis; porem encontrarei o caminho que conduz directamente ao coração, e saberei se vos resta um no peito.

— Desgraçada! — exclamou Duplessis branco de colera.

E por um movimento que não pode conter

levantou a sua bengala sobre Tiennette, porem sem descarregar o golpe.

Esta tocou a campainha.

Abriu-se a porta e appareceu um gigante. Uma mão de ferro agarrou o braço do velho.

— Olá, olá! — disse o Cyclope contendo a Duplessis como se o houvera mettido em um torno. Gosto d'esses modos! Bellos costumes! Que tal, pois na vossa idade ainda agarrais nas mulheres? Isso é para os rapazes.

— Que atrevimento! — disse Cabeça de Pipa apresentando-se a seu turno.

O Balanceiro fechava a marcha.

Tiennette tranquillizou com um gesto ao Cyclope que ia a jogar com Duplessis como se fosse um maniqui.

— Deixa retirar esse estúpido, — lhe disse ella. — Mais tarde lhe darei eu as minhas ordens.

— A mim?

— A ti.

— Olvidas que eu estou livre do teu infernal poder? Não escrevo eu.

— Bem; porem fazes escrever; e das trez distinctas pessoas que querem proteger-me contra as tuas aggressões, ha duas cujos rostos o-lhas com inquietação.

— Vibora terrivel, — disse o velho tomando o seu chapeo, — aconselho-vos que não afieis os vossos dentes com a lima, porque se quebrariam. Podeis ser mui esperta para indispor fa-

mílias, para dar caça aos cameliões políticos mais pusilânicos que as lebres, e fazer em uma palavra bilhetes do Banco com bilhetes doces e amorosos, em boa hora; porem eu não temo as revelações, e posso desafiar o odio, a colera, o escandalo, e ate o ridiculo. Tenho já mais de sessenta annos.

— Oh! — disse Tiennelle com um sorriso aterrador, — calumniais o meu talento, cavalheiro; possuo armas contra todas as idades; perseguir-vos-hei, não como um joven, senão como a um velho. Ficareis só, abandonado, sem affeições, sem amigos, com a recordação das vossas infamias, com a angustia dos vossos remorsos. Reflexionai antes de dizer-me a ultima palavra. Consentis em desfazer o que haveis feito?

— Não, — respondeu o velho, — o que está feito está. Demais devo aconselhar-vos que falleis mais baixo, por que tenho meio de reduzir-vos ao silencio: um talisman, mediante cujo auxilio posso levar d'aqui a oito dias ao tribunal do palacio das justicas todas as vossas correspondencias epistolares, e a vossa encantadora pessoa a S. Lazaro.

— Diabo! — exclamou Balanceiro, — nós vamos a ellas, velho cliente?

— É muito atrevido na sua idade! — acrescentou Cabeça de Pipa.

— Parece que escarnece a nossa directora,

pois agora quero desfazer-me deste velho, — exclamou outra vez Cyclope.

E o gigante ía a voltar de novo o seu prisioneiro quando Tiennette o tranquillizou de novo.

— E qual é esse talisman que pode fazer-vos justiça? — disse ella ao velho.

— O dinheiro, --- replicou Duplessis.

— O dinheiro? --- exclamou Tiennette com desdem. — Tomas-me acaso por alguma pobre, por que não me has dado nada? Pois sabe que tenho cem vezes mais que tu, e opporei se preciso fôr a teus reaes luizes, e a teus luizes barras.

— Barras! --- disse Cabeça de Pipa, cujos olhos se inflammaram de cobiça.

— Isso são *valores reaes*! --- suspirou Balanceiro, — mas eu nunca os vi.

— Porem tenho outra cousa mais poderosa ainda, --- continuou Tiennette, — é o segredo da tua vida, é o mysterio da tua existencia, é a explicação de teus dolorosos enygmas.

— De minha vida? --- disse Duplessis.

— Sim; posso fazer-te chorar lagrimas de sangue; posso fazer que te cáiam de dor os teus ultimos cabellos brancos, e que vivas desesperado os dias que te restam, porque tu viverás, sim, viverás.

Duplessis assustado dirigiu-se á porta e retirou-se. Tiennette rendida lançou-se sobre uma cadeira.

De repente deu um salto como uma serpente

ferida, e dirigindo-se aos seus trez acolitos lh'es disse :

— Há pouco pedieis-me trabalho? Ah! estai tranquillos, eu vo-lo darei.



CAPITULO IV.

HERCULES AOS PÉS DE OMPALA.

O barão Appencherr não era de indole perversa: era só de uma natureza futil. Tinha todos os vicios dos Turcarets dos nossos dias: marido voluvel, viuvo alegre, pai negligente, amigo frouxo, muito vaidoso, especulador pouco consciencioso, se bem incapaz de um facto caracteristico, execrava sobre tudo quanto podia perturbar o curso facil de sua existencia. Bastava-lhe o temor infundido nelle pelo sogro para que aceitasse um papel no drama que devia acabar tão mal no bosque de Bolonha. Subiu para sua casa furioso contra o velho Duplessis, contra o vencido, contra si mesmo, contra os gendarmes e contra o universo inteiro. Aquelle duello lhe havia

causado emoções terríveis, havia-o feito faltar ao almoço com Simona e amiaçava occasionar-lhe enredos judiciaes. Isto era mais que sufficiente para motivar o seu máo humor. Atravessou rapidamente as suas officinas, lançou um olhar distrahido pela correspondencia, poz algumas firmas á tonta, ralhou um pouco com todos sem saber porquê, e refugiou-se no seu quarto para proceder aos cuidados de seu toucador que era sua grande consolação.

Alguns naturalistas da especie humana tem pretendido distinguir a idade segundo se ache em seu apogeo a coquetaria, quer se trate de homens ou de mulheres. Uns tem sustentado que o espelho é tanto mais buscado á medida que reflecte mais graça mais juventude e distincção. Outros tem affirmado que é um meio de ajudar a natureza melhor que um objecto para admirar as maravilhas, e que a coquetaria é um palliativo melhor que uma satisfação. Seja disto o que for, o barão Appencherr escutava os conselhos do seu espelho e procurava tirar partido d'elles. Tinha no seu toucador todos os productos da perfumaria moderna, desde a agua de Portugal que des-thronou a de Colonia, ate á pomada de Ungria que fixa no lado da cabeça a raia vertical inventada pelo conde d'Orsay em substituição dos infinitos adornos que traziam os elegantes da Restauração.

O barão permaneceu por espaço de uma hora absorto n'aquella importante occupação, e de-

pois de haver deitado o ultimo olhar ao seu mundo confidente, se dispunha a sair, quando bateu á porta um rapaz da officina.

— Que queres? — disse.

— Uma carta para vós, senhor, — respondeu o rapaz.

— Dá-a ao secretario geral.

— Senhor, é um assumpto puramente pessoal; vem da parte do vosso notario.

— Isso, é diferente, — disse o Barão, — vejamos o que quer.

— E rasgando o sobrescripto, lançou um olhar aos papeis, e os deixou sobre a mesa.

— É cousa; — disse consigo, — da herança de Julia, de quem sou tutor natural e legal. Para regularizar a entrega da fortuna que lhe deixa sua avó, pede-se-me a nota do meu casamento e a certidão do baptismo de minha filha. Onde terei estes documentos? Sem duvida estarão nos archivos.

E o Barão mandou que o rapaz lhe levasse alguns maços empoados, cuja tinta havia empalidecido, e cuja côr amarelenta testemunhava a sua antiguidade!

— Estamos bem! — disse, — já enxuvalhei os punhos por andar entre esta papelada!.. Porem onde estarão guardados os documentos que se me pedem? Ah! já me recordo!

O Barão tomou a sua bengala e o chapeo,

atravessou o jardim, e entrou no lindo pavilhão occupado por sua filha.

Não havia ali ninguém n'aquelle momento. Julia tinha sabido com Rosina para ir á egreja onde se celebrava aquelle dia o feneal por alma de sua avó.

Sentiu-se levemente commovido ao ver-se n'aquella habitação que lhe despertava tão penosas recordações.

E sem embargo, pela parte exterior cantavam alegremente os passaros em sua immensa passareira, e o sol escapando-se das nuvens que o haviam cuberto toda a manhã, despedia n'aquelle momento os seus formosos raios que illuminavam a parte interior, dando realce ás flores bordadas pela joven, como se houvera querido completar illusão pela perfeição do trabalho.

O Barão experimentou um sentimento de melancolia que não pôde reprimir.

— Aqui é, — disse, — onde occorreu o successo eis-aqui o leito mortuorio onde a vi pallida e gellada. Parece-me que succedeu hontem. Ainda estou vendo o medico dos mortos assegurar-se do fallecimento; todavia estou ouvindo aquelle enygma vivo, aquelle mandatario desconhecido de não sei que comitente, um homem de semblante austero e bondoso, de olhar afavel e imperioso ao mesmo tempo, Masson, se este erao o seu verdadeiro nome, dizer-me acompanhando-me com Lafolié: « Podeis retirar-vos, senhor Ba-

rão, para chorar mais livremente na soledade; aqui tudo ha concluido. » Enfim estou vendo ainda a Rosina chorosa ficar só com a defunta para amortallar a sua querida senhora. Ai! da-me frio só em pensar nisso! Ah! não foi necessario repetir-se-me o convite de ir chorar longe de quadro tão terrivel. Delesto as emoções deste genero.

E o barão passou a mão pelo rosto como para desvanecer tão funestas reminiscencias.

— Vamos, disse — estou louco para abandonar-me a recordações tão pouco lisonjeiras! O presente offerece demasiado em que pensar. Esse diabo d'esse duello, esse combate, esse sangue derramado, esse imbecil d'esse Brionde deixando-se matar diante de mim como um estúpido, tudo me ha excitado demasiado o padecimento nervoso. Busquemos depressa esses papeis e vamos reunir-nos com Simona. Necessito ver esta querida cruel para distrair-me e afastar sensações tão desagradaveis.

E o barão principiou a dar busca em alguns dos moveis.

Triste inventario offerece similhaute exploração entre os diversos objectos que pertencem a uma mulher que não existe! As fitas, as rendas, as flores, as ricas sedas, as cousas mais insignificantes appareciam como efemérides dos dias mais felizes da juventude e da dita! Aquella grinalda era a que levava a certo baile, este elegante vestido se havia mandado fazer para uma festa, aquel-

le colar de perolas foi uma prenda de ternura; estes diamantes trazia-os ainda poucos dias antes da sua morte. Elles tem conservado ainda todo o seu brilho, em quanto que a sua recordação se tem hido apagando cada dia!

— Aqui não estão, — disse o barão pensativo, — aqui tão pouco, ali menos. Onde poderão estar?

— Vejamos neste armario,

Apenas lançou um olhar retrocedeu surpreso.

Acabava de ver nelle uma caixa de xarutos, o mesmo movelzinho adornado com a sua firma, que a defunta lhe havia dado em certa occasião. Era o mesmo que Lalake havia pedido varias vezes por conselho de Tiennette, que tinha tornado ás mãos da baroneza por Dabiron, e que depois encarregava Lafolié a Julia que o guardasse com cuidado.

— É possível? — disse o barão examinando a caixa, — enganam-me os meus olhos? Não, mas como se acha aqui esta caixa? Sabia minha mulher toda esta historia!... Ah! meu Deus, eis aqui um cofresinho que ha viajado singularmente.

E o barão permaneceu um instante em contemplação ante aquella testemunha muda de suas loucuras.

Abriu a caixa e encontrou dentro envolto em

papel de seda um objecto depositado ali por sua filha.

— Que é isto? Certamente alguma recordação.

Era um frasquinho. Examinou-o com attenção. O crystal tinha uma legenda manuscrita e de um character que revelava a sua antiguidade. O barão depois de alguns esforços leu o seguinte.

A morte é um somno.

— Ouxalá que acertes! — murmurou, — *inscripção mystica! Ouxalá seja a morte para nós todos um somno agradável!*

Naquelle instante se abriu a porta e entrou Julia.

A joven ficou um instante immovel e atoniada á vista do armario aberto de par em par.

O barão por sua parte estremeceu e se retirou do movel com o terror de um menino que acaba de ser apanhado roubando alguma golo-sice.

— Muito bem! não vos incommodeis, cavalheiro, — disse alfim a joven com um modo encantador, fechando o armario depois de haver-se assegurado por um olhar que não faltava nada, e que só havia que lamentar uma indescripção. — Não vos incommodeis, continuai como se estivesseis em vossa casa!

— Querida menina, — disse o barão, — *peço que nao me ralhes.*

— Sim, senhor, quero ralhar-lhe, e muy

alto! Como! Quando vos busco, quando vos de-
sejo, quando me fazeis falta, passais fóra as ma-
nhãs, os dias, e as noites, ficando eu só em ca-
sa, e escolheis para vir precisamente no mo-
mento em que eu tinha saído!

— Asseguro-te, Julia, que é falso....

— Oh! ouvir-me-heis ate ao fim! Esta ma-
nhã sem ir mais longe, desejava recordar-vos
que ía a celebrar-se um funeral, ao qual por
parecer bem deverieis ter assistido. Porem dis-
se-se-me que havieis saído desde as seis e meia.
Porque saísteis vós tão cedo, sendo vós tão pri-
guiçoso ordinariamente e ás vezes com difficul-
dade despertais ás dez?

— Por um negocio mui grave, minha filha.

— Já esperava essa resposta porque não
falta nunca. É sem duvida algum negocio mui gra-
ve vos trouxe aqui em minha ausencia?

— Justamente.

— A curiosidade e nada mais. Oh! quão
feito é isso! Que buscaveis no meu armario sem
minha permissão, a risco de transtornar tudo?
Devem guardar-se mais attentões com as recor-
dações que provem de pessoas queridas.

— Bem; olha como te enganas! — se apres-
sou a dizer o Barão, feliz por ter casualmente
uma tão bôa desculpa. — Vinha buscar documen-
tos que necessita o notario para regular a he-
rança de tua avó.

— É dizer que em quanto eu resava por

alma da defunta, vos occupaveis vós da herança!
É uma cousa mais terrivel do que eu pensava!

— Que queres, minha filha! Eu não sou culpado de semelhante coincidência. O mundo abunda em contrastes dos quaes é só responsavel a casualidade. A pena sabe contar perfeitamente. Ha desesperações inconsolaveis que não se deixariam enganar em cinco centimos. As lagrimas não impedem vêr com claridade os interesses.

— Em todo o caso, cavalheiro, não tenho tanta pressa por herdar que não pudesseis aguardar o meu regresso embora levásseis a vossa admoestação ordinaria.

— Nada d'isso; por esta vez não sou eu o culpado senão o notario.

— E que documentos buscaveis?

— A certidão de baptismo e de casamento de tua mãe.

— Não linheis mais que fallar.

E abrindo Julia outra das gavetas do armario tirou de prompto os papeis que seu pai buscava.

— Diabo! — exclamou alegremente para mudar o curso da conversação, — és uma verdadeira archivista. Estou quasi nomeando-vos meu primeiro empregado.

— Quem sabe, senhor escarnecedor, se iriam tão mal os vossos negocios!

— Bem, nós fallaremos, — disse o Barão

tomando a sua bengala, luvas e chapéo dispondo-se a partir.

— Olá, pensais deixar-me já? Valia bem a pena vir aqui para desaparecer n'um instante!

— Perdoa-me, querida menina; voltarei breve e te farei muito tempo companhia; porem mais tarde, um negocio...

— Sim, um negocio urgente me chama a outra parte, — continuou Julia imitando a voz de seu pai. — Bem vê-des que sei as cousas de antemão. Pois bem, não senhor, comtudo não vos ireis.

E dizendo isto tirou Julia com certa graça das mãos do Barão as suas luvas, a bengala e o chapéo e as poz sobre uma cadeira.

— Porem asseguro-te que...

— Não ha desculpa que valha; já que por casualidade vos apanhei, eu vos guardarei. Havieis de ir-vos embora d'aqui sem felicitar-me se quer pelo lindo ramo de flores que estou bordando? E para quem! advinhai-o vós, senhor ingrato.

— Bem! Será para mim?

— Pois para quem? Uma linda cadeira de estofa para que descanceis pelas noites dos vossos grandes negocios do dia.

— Ah, que cuidado tão exquisito! Deixa-me abraçar-te para fazer as pazes.

— Não, não, ainda não; quando o tiverdes merecido.

— Que necessito para isso?

— Oh! muitas cousas. Por enquanto amar-me mais.

— Amar-te mais! Mas tu bem sabes que é impossível? Não es tu a verdadeira flor da minha vida?

— Uma flôr! Pois naverdade que não a cultivais com tanto cuidado como eu as minhas!

— Ai! Não é culpa minha.

— Oh! Sim, certamente os negocios, não é verdade? Pois bem; eu tenho assim mesmo negocios, e negocios graves. Devo concluir a vossa cadeira e não tenho seda cor de rosa para esta flor que vêdes principiada. Acabo de comprar uma miada ajudar-m'a-heis a dobar.

E Julia desatou a miada, enganchou-a nos braços de seu pai, fez que elle se sentasse, collocou-se diante d'elle e principiou a formar um novello.

— Vamos, eis-me pois convertido em doba-deira.

— Isso vos fica muito bem. Perguntaveis-me ha pouco que farias para dar-me gosto e eu vos respondi. Porem accrescento ainda que é preciso ser docil, assiduo, complacente. Os prazeres me estão de novo prohibidos até que acabe o meu luto porem ha um, o passeio que eu gostaria dever-vos; sim, o passeio a pé pelas Tulherias, o passeio em carruagem pelos bosques. Porque não me levais? Envergonhais-vos de mim?

— Ah! Pelo contrario, que pai não estaria

orgulhoso com uma filha como tu, bonita, engraçada, de talento? ...

— E algum tanto importuna, não é verdade? sobre tudo n'este momento.

— Não, não, encantadora creatura, porem não sabes bem e prejuizo que me causas n'esto instante. Ha uma hora que sou esperado.

— Por quem?

— Por ... por uma reunião de capitalistas. Trata-se de um negocio...

-- Algum negocio urgente; bem o sei.

— Sim, menina, um negocio urgente e da mais alta importancia.

— Nada de rir, é como digo. E' questão de um ... de um caminho de ferro, que atravessaria Pariz em todos os sentidos, desde Neuilly a Charenton.

— A Charenton? Oh! Dou-vos credito por esta vez. Estai tranquillo: vou devolver-vos a liberdade; porem já que vos tenho ainda captivo por um fio, aproveito para vos impôr as minhas condições.

— Subscrevo a tudo de antemão.

— Para faltar depois? Não; hi-des comprometter-vos em completo conhecimento de causa.

— Vejamos o ultimatum, ó meu gentil carcereiro.

— Deixar-me-heis menos vezes só para almoçar e para jantar?

— Concedido.

— Offerecer-me-heis um braço para o passeio ?

— Concedido.

— Dar-me-heis a meudo um logar na vossa carruagem ?

— Concedido.

— Finalmente vireis algumas noites dar-me conversação ?

— Concedido. E ainda a jogar o loto, se isto te diverte.

— Jurais tudo isso ?

— Juro-o.

— Deveras ?

— Deveras ; a não ser que os negocios ...

— Negocios urgentes ... eu já esperava o estribilho. Pois bem, a um lado as reservas. O negocio mais urgente é amar a sua filha. Jurai, jurai, cavalheiro, sem restricção, ou do contrario tenho-vos aqui até á noite !

— Bem, juro.

— Perfeitamente. E agora que está concluido o tratado de paz e a miada completamente dobrada eis-aqui a recompensa : abraçai-me se isto vos não incommoda e retirai-vos, ainda que isto me contrarie muito.

O Barão não se fez repetir o duplicado convite, abraçou sua filha com uma verdadeira ternura e se apressou a partir como um collegial que ha concluido o seu castigo e entra no recreio.

— As doze e meia, — disse consultando o seu relógio quando se viu fora da habitação de Julia. — Tenho feito que me esperem mais de uma hora.

Desceu a escada com precipitação e se meteu na carruagem que o aguardava já a porta e disse ao cocheiro: *Allá* immediatamente!

Cinco minutos depois o cocheiro que sabia perfeitamente o que entendia seu amo pela palavra *allá*, fazia parar os seus fogosos cavallos na rua de Nossa Senhora do Loreto, diante da casa de Simona, e o Barão estimulado pelo temor de ser reprehendido, se apresentava desanimado á sua vista.

A joven estava deitada no seu divan, negligentemente apoiada em almofadas. A sua pallidez ordinaria se havia augmentado desde que não a vimos, e algumas vivas manchas de vermelhão contrastavam com o alabastro de suas faces, como rosas desfolhadas sobre a neve. Olhava fixamente o espaço absorta como estava em uma ideia unica.

— Não me escreve ha dias, — dizia comsigo, — e sem embargo tenho cumprido a sua vontade, adoptei a flor que me designou; segui á letra as suas instrucções, e identifiquei-me com o seu pensamento. Seria acaso uma loucura, um jogo, um capricho? Oh! não posso crê-lo Tanta nobreza e tanta bondade por um vão gracejo! Seria demasiado cruel para que, fosse possível.

A este ponto chegava Simona de suas conjecturas quando entrou o Barão.

— Mil perdões, minha bella, — disse beijando-lhe as mãos.

— Bons dias, Barão, bons dias, — respondeu negligentemente Simona.

— Chego já algum tanto tarde talvez...

— Não.

— Que se ha-de fazer? .. negocios ... Não me amais já por isso, não é verdade?

— Eu! que loucura! Pelo contrario.

— Como pelo contrario? Comprazeis-vos de que vos tenha feito esperar?

— Esperar? ... Na verdade que nem tal me lembrava.

— Agradecido pelo cumprimento! Sempre haveis de ser indifferente.

— Já vos disse cem vezes que não o sou.

— Será possível?

— É e muito. Professo-vos um affecto sincero.

— Um affecto de irmã por desgraça.

— Esses são os bons. Sim, vós haveis chegado a ser para mim uma distracção, um costume, uma rotina.

— Como são todos. Agradeço-vos!

— Oh! não tão pouco. Quando passa um dia sem vos ver, naverdade, estou aborrecida e melancolica não sei porque. Hoje, por exemplo, estava mui impaciente por vos ver.

— Palavra de honra ?

— A mais sagrada. E a prova é que necessito pedir-vos dinheiro.

— Meu Deus ! — disse Appencherr.

— Sim, uma bagatella : trinta mil francos.

— Trinta mil francos ! Naverdade que não é por vos estranhar ; mas em que empregais o dinheiro ? Em trez mezes com mil francos. Onde se terá visto cousa igual ? Não estão applicados para vestidos, diamantes. Sois de uma simplicidade de gostos antidiluvianos. Onde diabo tem hido parar tanto dinheiro ?

— Gasto-o, — disse friamente Simona ; — o dinheiro é redondo é para que róde. Trabalho na minha salvação, depois do peccado a contricção, depois das faltas as boas obras. Trabalho na minha salvação e na vossa ao mesmo tempo, se a um não vier bem, virá ao outro. Subscreevi com cem mil francos para os asylos da infancia desvalida.

— Estais louca ? — exclamou o Barão.

— Eis-aqui o recibo. O resto da vossa munificencia voou não sei por onde. Cinco mil francos para um menino abandonado ; cincoenta mil para os naufragos do Loire ; quinze mil para o dote de uma pobre rapariga ; vinte mil para a colonia penitenciaria dos jovens detidos ; quinze mil para os orfãos da cholera ; dez mil para a fundação de uma escola, e quem sabe ? O dinheiro desfaz-se nos dedos.

— Total trezentos e quinze mil; mas como eu não dei mais que trezentos e dois mil quinhentos e sesenta....

— É muito possível. Recordo-me com effeito que necessitei recorrer ás minhas joias.

— Esta mulher é uma sanguessuga, — exclamou Appencher com assombro. — De boa vontade me deixaria por portas para ter depois o prazer de offerecer-me um logar na casa dos mendigos.

— Todavia, meu querido Barão, — redarguiu Simona com a mesma afabilidade, — não me accusareis de roubar-vos o merito de algumas boas obras. Todos estes donativos tem sido feitos em vosso nome; eu não figuro nelles em nada, e poderieis, se estivesseis de má fé negarme um dia a minha parte do paraizo.

— Porem isso é uma demencia! — disse Appencher levantando-se.

— Julgais isso?

— Diabo! que qualquer gaste o seu dinheiro em cavallos, caens, moveis, vestidos, viagens, jogos, caprichos, loucuras, luxo de toda a especie: isto faz honra á pessoa que dá como á que recebe; porem em obras piedosas! Vamos com isto não se consegue mais que o ridiculo. Já é tempo de pôr termo a isto.

— Creio com effeito que farieis muito bem em não vir vêr-me.

— Não vos ver! — interrompeu o enamorado Barão. — Pensais d'essa forma;

— Deos meu, sim; faço-me displicente, não posso receber com gosto as vossas alegres visitas, arruino-vos.

— Nada disso e a prova é que para que me perdoasseis o tédio que julgava haver-vos causado fazendo-me esperar, vinha justamente a oferecer-vos a casa de campo que tanto admirastes outro dia passeando comigo em S. Germano.

— Oh! que dita! — exclamou Simona com alegria. — Que lindo asylo d'ella faremos para as viúvas enfermas e necessitadas!

— Ah! Isso é um gracejo!..

— Mas bem vê-des que continua peorando o emprego do vosso dinheiro. Porisso então vale mais acabar de uma vez.

— Jamais. Se vós me deitais pela porta eu voltarei pela janella. Cumpra-se em tudo a vossa vontade comtanto que me ameis.

— Isso succederá talvez. Tem-se visto cousas tão raras!

— Ingrata! Não me tireis ao menos as esperanças. Bem. Estais preparada? Vamos para o bosque?

— Com muito gosto; necessito ar e sol.

Naquelle momento apresentou-se a criada no limiar da porta, e em quanto o Barão penteava seus cabellos grisalhos mirando-se ao espe-

lho, aquella mostrava furtivamente a Simona uma carta que acabava de receber.

— Uma carta! — disse consigo Simona contendo a expressão de sua alegria. — Conheço a letra: é d'elle. — Então fez signal á criada para que a guardasse até á saida do Barão.

— Parecer-vos-hei muito caprichosa, — lhe disse ella tomando-o pelo braço e couduzindo-o ate á porta, — porem mudei de parecer, sinto-me incommodada; necessito repouso e fico. Adeos, não vos detenho já me esperam novas occupações de caridade; ainda que se a mim me toca o trabalho para vós fica a honra. Ate amanhã.

— Ate amanhã, querida caprichosa, — disse o Barão que se retirou estupefacto vendo-se convertido em um maniqui apezar seu.



CAPITULO V.

INSIDENTES DE VIAGEM.

Entretanto que Brionde cõe mortalmente ferido pela espada de Aronde ; entretanto que este é conduzido ao carcere pelos gendarmes de Tienne-
 nette, por suspeitas de homicida voluntario, com as circumstancias aggravantès de premeditação, de provação e de deslealdade, entretanto que sua joven esposa em vez de entregar-se a uma esteril desesperaçõ, appella a todo o seu valor e se dispoem a dar a seu marido provas da mais heroica abnegação ; entretanto que Duplessis vê interpôr-se o amoroso arrependimento de Tienne-
 nette entre seus planos e o objecto de seu implacavel ódio ; entretanto que o ultimo dos Laffleur se occupa da destribuição dos legados cuja rela-

ção lhe deixou seu amo, e os esposos Corniquet derramam abundantes lagrimas á memoria de seu defunto inquilino; entretanto que os trez confidentes da rua de Houchette se occupam no trabalho que lhes dera a sua directora; entretanto que Julia prosegue a redacção de seu diario, morigera a seu pai e acaba a almofada que lhe destina; entretanto que a dama negra combina seus planos com Masson na sumptuosa casa da rua de Chaillot; enfim entretanto que graças ás caritativas prodigalidades de Simona, o Barão Appencherr vê augmentar-se cada dia sua reputação de philantropico, vejamos nós-outros o que vem a ser por sua parte o Conde de Montreuil, Dabiron, Roussignan Muller, Lalake e o estranho pretendente ao throno de Wardemburgo que conhecemos como titulo de Pé-ligeiro.

Depois de haver realizado o depósito confiado pelo Principe de Limburgo á casa Appencherr, depois de have-lo convertido em titulos sobre casas de commercio de Allemanha, segundo vimos, e depois de haver terminado os seus preparativos de toda a especie, os nossos aventureiros se puzeram em marcha. Cada um d'elles leva seu mobil particular. Montreuil é a ambição; Dabiron a sêde de riquezas; Roussignan Muller o desejo de beber e comer bem; Pé-ligeiro o prazer de correr aventuras; e Lalake, conhecida por Jupin 1.º, a vaidade de apresentar-se como principal no theatro real de Wardemburgo.

Aqui poderíamos fazer ao leitor a historia da sua viagem passo por passo; descrever os sitios, as montanhas, os terrenos, os usos e costumes do paiz que atravessam; porem tememos fadigar o leitor. Bastará, pois, dizer que a sua viagem se levou ao cabo sem contratempos, salvos alguns insidentes que convem referir aqui.

Depois de haver tomado o caminho da Belgica os nossos viajantes penetraram bruscamente pelo de Strasburgo a fim de desorientar todo o possivel os curiosos. Montreuil pensou que semelhante estratagemma poderia ser prudente ao principio da viagem.

A comparsa que ia a conquistar o seu throno fez a primeira estação na ponte de Kelh que separa a Alsacia franceza da allemã. Tiveram que deter-se ali para satisfazer a curiosidade da alfandega rhioense. Os commissionados examinaram com escrupolosa attenção as equipagens dos recém-chegados. Deixaram passar alguns mãos livros que iam na mala de Dabiron; porem prohibiram inexoravelmente excelentes folhetos politicos, de que Montreuil se havia provido. Em fim os ricos toucados de Lalake tiveram que pagar direitos exorbitantes.

— Como! — exclamava a bailarina, — examina-se a minha roupa como se eu trouxesse a peste! Vestidos, rendas, joias, trages de theatro, não são cousas sediciosas.

— Quem sabe? — disse Montreuil.

— Julgais que são?

— Sim, na verdade. Tenho em muito este encartador arsenal de armas femininas: é a nossa melhor artilharia.

— Cavalheiro, — dizia Roussignan Muller, — estas vistas allemãs olham-nos de um modo estranho, especialmente a mim. Registou-se-me até a algibeira do relógio. Isto não me annuncia cousa boa.

— Que podeis temer? — perguntou Dabiron.

— Ah! meu Deus! temo a policia russa. Estai certo que tem tomadas todas as fronteiras.

Em quanto a sua magestade Pé-ligeiro mostrava um humor delicioso.

A vida de viagem o divertia infinitamente e pouco a pouco o antigo criado de Masson se tinha ido acostumando a alternar com os seus companheiros e recebia com sangue frio as respeitadas adulações que lhe prodigalisava Montreuil.

A sua primeira pousada em Allemanha foi assinalada por uma circumstancia que os impressionou de diversa maneira. Haviam-se alojado na melhor hospedaria do sítio. Roussignan Muller tinha uma vasta habitação adornada de cortinas sombrias e quadros mysticos. Vio-se como perdido n'aquelle immenso espaço e ao deitar-se foi maior o medo que não o abandonava. Parecia-lhe que se levantavam as cortinas, que se moviam os quadros, e que avançava para elle

uma apparição sobrenatural. Todavia, o cansaço da jornada venceu o medo e não tardou em cair em um profundo somno.

Derepente pelo meio da noite despertou sobresaltado, como se tivera ouvido o seu nome. Prestou attenção.

— Muller? — disse uma voz a seu lado.

— Que temos? — respondeu. — Por favor deixem-me em paz.

Naquelle momento ouviram-se distinctamente alguns passos e viu á luz das estrellas um homem ao pé da sua cama.

— Muller? — repetiu a voz.

— Que quereis?

O apparecido lhe agarrou o braço. Não havia motivo para duvidar da realidade do dialogo. Não sonhava, estava desperto.

— Que quereis? — balbuciou estendendo-se na cama. — Não sou Muller: Muller morreu. Não sou tão pouco Roussignan, porque tambem morreu.

O apparecido acendeu então um dos seus productos chimicos, cuja patria é a Allemanha, e passava a luz pela cara de Roussignan Muller.

— Não o conheço precisamente pelo Muller que vi certa noite na rua de Oeste, em Pariz, ha alguns annos, — balbuciou o desconhecido; — porém tem os mesmos signaes; seu nome, sua figura: deve ser elle.

— Quem é elle? — exclamou Roussignan.

— É o que ha tanto tempo buscamos. Responde á minha pergunta: onde está o menino?

— Ah! Bôa a temos feito! — exclamou Roussignan, cujos dentes batiam uns contra os outros de terror. — Tornamos ao famoso estrebilhão: « Onde está o menino? » Isto me ensinará a não me inforçar.

— Onde está o menino? — redarguiu a voz. — Responde ou és morto!

E Roussignan Muller viu brilhar a folha de um punhal.

-- Esperai, — exclamou. — Diabo! Não espeteis. Tendes um modo de perguntar, que não admite elleição a resposta.

— Bem, — disse a vóz, — onde está o menino? Apressa-te a responder, e cuidado com mentir. Seria a ultima que dissesseis.

— O menino, — disse Roussignan, — o menino real, o herdeiro, o monarcha?

— Sim, esse, cujos titulos possuias, de quem buscavas o asylo e finalmente encontraste.

— Aqui está?

— Onde?

— A meu lado.

— Nesta habitação?

— Podeis ouvir e sentir desde aqui. Eis ali onde está o menino.

— É elle o pertendente?

— Sem duvida alguma. Podeis conhece-lo

suficientemente por sua cruz e por suas insignias. Mas que tendes a dizer-lhe?

— Isso não te importa. Silêncio!

E o apparecido ia a atravessar o limiar da porta indicada quando o estalajadeiro lhe cortou de prompto a passagem.

— Alto! — lhe disse o estalajadeiro, — ha contraordem.

— Meu Deos!

— Sim. Eis-aqui a nova senha. Não fazer nada, deixar passar tudo e deixar dizer quanto se quizer. Vinde.

E o estalajadeiro desapareceu com o desconhecido.

Assim que saíram, Roussignan foi despertar os seus companheiros, com o semblante pallido e a fronte banhada de suor.

— Bem o havia eu dito! — exclamou.

— O que? — Perguntou Pé-ligeiro esfregando os olhos.

— A policia russa! — respondeu Roussignan, — cujo terror passava já a exaggeração, — vi-os; vieram... ate á minha cama... eram quatro. .. armados ate ás unhas e creio que me assassinaram.

— E que vos perguntavam? — disse Dabiron.

— Diabo! Que podem elles perguntar? O seu estribilho habitual: « Onde está o menino? »

— Ah! — disse o conde, — e como terminou a questão?

— Veio o estalajadeiro e levou-os.

Montreuil puxou o cordão da campainha.

— Que suba o patrão, — disse ao criado que se apresentou.

Decorreu um quarto de hora, durante o qual Roussignan pasmado de medo acabou de referir os pormenores da sua aventura; porem tendo cuidado de callar a confissão que havia tido a fraqueza de fazer. Depois deste tempo chegou o patrão esfregando os olhos como se houvera despertado com sobresalto.

— Senhores, — disse, — em que posso servir-vos? Tendes que queixar-vos de alguma coisa? São más as camas? Estão húmidas ou frias as habitações? Está alguma de vós doente?

— Bom amigo, — disse o conde; — a que vinheis ha pouco á habitação deste cavalheiro?

— Eu? — disse o patrão ao parecer asombrado.

— Sim, vós e outro alto.

— Um alto? redarguiu o patrão aparentando não comprehender.

— Sim, um alto com pistolas, tinha barbas e sua voz era rouca.

O patrão deitou um olhar aos seus hospedes.

— Estes senhores querem sem duvida rirse, — disse. — Foi sem duvida algum gracejo

para fazer-me levantar da cama. Como quizerdes, senhores. Ha alguns annos que tive um inglez do mesmo gosto. Fazia-me levantar tres vezes todas as noites para perguntar-me se faria bom tempo no dia seguinte.

— Não se trata de saber se fará bom tempo amanhã senão do que queria esse homem que levasteis convosco.

— Visto que fallais serios, neste caso, salvo o respeito que devo a vossas senhorias, direi que o senhor sonhou, porque não vi homem algum e não deixei a minha cama até este momento.

— É evidente, — disse Pé-ligeiro, — sonho.

— Terá sido algum pesadêlo.

Entretanto que o estalajadeiro se retirava depois de muitas saudações, os companheiros de Roussignan não podiam suster o riso pelo falso aviso.

Só Montreuil ficou pensativo; pareceu-lhe que naquella visão podia haver mediado outra cousa que um terror de imaginação; porem como o seu objecto não era intimidar os seus companheiros, guardou silencio acerca das suspeitas que acabavam de occurrer-lhe.

Não tendo tido outro resultado, similhante insidente, que o de caracterizarem a Roussignan por um medroso: os nossos aventureiros seguiram a sua viagem, parando em diversos sitios

successivamente como Baden, Ems, Hamburgo &c.

— Convem, — tinha dito Montreuil, — guardando seu indispensavel incógnito, não chegar a Wardemburgo com grande pressa como fugidos com os fundos de alguma caixa. Fazendo a viagem a pequenas jornadas chamaremos menos a attenção. Nunca se suspeita das pessoas que caminham com socego, e instinctivamente se prendem as que correm. Por outra parte este tempo não será perdido; estudaremos a Allemanha e o espiritu dos povos; assistiremos ás festas publicas; participaremos das diversões e prazeres de cada ponto; collocar-nos-hemos pouco a pouco em relação com os principios constitutivos desta parte da Europa, e nos inteiraremos de quanto haja de notavel com tanta mais segurança quanto que podemos passar por viajantes em busca de emoções e maravilhas.

Desta forma é que os nossos aventureiros se faziam admirar pela distincção de suas maneiras, nos passeios, nos theatros, nas ruas das diversas cidades porque atravessavam. Como espalhavam ouro em sua passagem, a timidez de Roussignan se convertia em modestia, os ademans de Pé-ligeiro em caprichos, o tom arrogante de Dabiron em dignidade, e a desenvoltura de Lalake em graça e coqueteria.

Em Hamburgo foi a sua ultima parada. Os nossos aventureiros passaram ali boa vida. Os passeios, os theatros, os concertos e mesmo o

jogo occupavam seus dias. Era preciso imitar os demais, porque o jogo é a principal distracção das cidades.

Mas S. M. Wardemburguense tomou-o com um ardor que podia ser funesto aos interesses da communidade.

— Senhor, — lhe dizia em segredo Montreuil, — sè-de circumspecto. A ruleta é um jogo perigoso. Tem combinações, uma arithemetica completa de probabilidades.

— Ora! A encarnada ou a preta? Quereis rir-vos? Estais enganado; tenho jogado isso mil vezes.

— Onde?

— Na feira de Saint Cloud, nas festas dos Campos Elisios, e não sei onde mais.

— Aqui é um pouco mais caro que nesses sitios, — objectava Montreuil.

— Em todo o caso. — replicava Pé-ligeiro, — eu jogo o meu dinheiro.

— Não ha duvida, porem é dever meu preservar-vos de vossa real inclinação. Bem sabeis que necessitamos dinheiro para triumphar. E vós tendes muitas desvantagens. O jogador isolado está muito mais exposto.

— Nós o veremos, — respondeu Pé-ligeiro.

— E principiou a seguir com obstinação o seu jogo. Porem a sorte mostrou-se de todo adversa. Pé-ligeiro esteve perdendo por espaço de vinte minutos seguidos.

— Dinheiro, — disse a Montreuil depois de haver deitado cem mil escudos ao montão.

— Se não fazeis alto, senhor, acabareis por perder sommas consideraveis.

— Deixemo-nos de contos, quem perde ao principio ganha no fim. Nunca me levantei sem ter os bolsos cheios. Demais, eu possuo um talisman de que me olvidada, e que me vai a fazer reembolçar as minhas percas. Vós o vereis.

E tirando um pedaço de lenço com que Roussignan Muller se havia querido enforçar no bosque de Bolonha, o collocou em cima do tapete verde.

— Que é isto? — disseram os jogadores. — Este joven parece estar imbuido de suprestições.

— Conheceis este objecto, — perguntou alegremente Pé-ligeiro a Roussignan.

— Silencio, murmurou este, — silencio por favor! creio divisar já os olhos moscovitas, os olhos sem palpebras, os olhos da justiça russa.

Pé-ligeiro continuou jogando e perdendo.

— Ouro, — disse a Montreuil, — ouro!

— Não, — respondeu o conde, — já é demais.

— Como! — exclamou Pé-ligeiro, — não é elle meu? Negais-m'o? Ouro repetiu imperiosamente.

Montreuil fez signal a Dabiron e este deu á excentrica Magestade um pacote de bilhetes do banco.

— Se continua como até aqui, deixa-nos,

por portas e perderá até o anel que traz no dedo.

— Continuará a perder, — disse Mulher, — estou certo que é algum cossaco seu parceiro: intervem n'isto a Russia.

N'aquelle momento introduziu-se na sala um individuo desconhecido, aproximou-se de Pé-ligeiro e fixou energicamente seus olhos nelle: Pé-ligeiro experimentou um tremor repentino, e continuou jogando, mas sem pronunciar palavra.

— A' encarnada ou á negra, — disse o companheiro.

Pé-ligeiro poz silenciosamente na negra quanto lhe restava.

— Mudou de côr — disse Dabiron a Montreuil; — fez mal; não ha cousa peor que ser inconstante.

Sahiu a negra.

Pé-ligeiro não deu o menor signal de alegria, não respondeu a nenhuma pergunta, e ficou com os olhos fixos na roleta.

Poz de novo quanto possuia na encarnada

— Decididamente varia, — disse Dabiron; — jogo de inspiração jogo perigoso!

Sahiu a encarnada.

Pé-ligeiro recebeu duzentos mil francos.

Aos cinco minutos mudou completamente a sorte, e Pé-ligeiro recobrou o meio milhão que tinha perdido.

— Levanta-se o jogo, — disse então o companheiro — Até amanhã, senhores.

Naquelle instante separou-se de Pé-ligeiro o desconhecido, deixou de fixar nelle os olhos, e retirou-se vagarosamente através da multidão sem que ninguem o tivesse observado.

— Onde estou? — disse então Pé-ligeiro. Que faço aqui?

— Ora essa! — exclamou Dabiron. — Então não vos lembra que estaveis jogando?

— Ah! é verdade, joguei e perdi, já me recordo.

— Ainda fizesteis mais; levasteis a banca á gloria!

— E' verdade. Não vos dizia eu que a corda do enforcado proporeciona boa sorte; mas sinto-me cansado, tenho vontade de dormir.

Durante o ultimo periodo da partida, Rusingnan, a quem a vista do objecto estrangulador tinha despertado recordações de penosas sensações, refugiou-se na outra sala do Cassino, e convidou um velho allemão cujo semblante lhe inspirava franqueza, para jogar um pouco o *ecarte*.

Ao dar-lhe as cartas lhe disse o allemão:

— E vós conservais-vos sempre bom?

— Sempre, — lhe respondeu Muller mui surpreendido daquella demonstração de interesse.

— Ah! — redarguiu o outro — tendes uma natureza mui forte.

E' verdade, — exclamou Roussignan, — sou pequeno, mas robusto.

— Continuar sem novidade, — disse o allemão depois do que aconteceu ... *Enveja*.

— Do que me aconteceu? — perguntou Roussignan — Aonde?

Trez cartas, — respondeu o allemão continuando o jogo.

— Onde me aconteceu o que dizeis? — insistiu Roussignan Muller dando as cartas pedidas.

— Vós muito bem o sabeis.

— Como?

— Na rua d'Oeste em Pariz.

— E depois?

— Não recebesteis ali dois tiros de pistola, um no rosto outro no peito? Jogo o triumpho e annuncio o rei.

— Dois tiros de pistola? — disse Roussignan. Não era eu, isto é, sim, não, sim; era outro.

— Agora eu, — continuou o seu adversario — Tinheis papeis que se vos queriam arrebatat e cria-se que sabeis onde estava o menino.

— Oh! elle tambem! — pensou Roussignan

— Depois de vos ter perseguido por espaço de alguns annos, e solicitando-vos em vão, — continuou o allemão sem deixar de jogar — deram-se-vos dois golpes capazes de amolgar a cou-raça d'um carabineiro, e sem embargo vejo-vos gordo, são, e alegre como se nada tivesse pas-

sado por vós. Na verdade devieis ter a alma en-
cravada no corpo. Trumfo! trumfo. Basto e
rei de copas. Dão-me cinco pontos: ganhei. Sou
um seu criado.

Roussignan deixou a mesa do jogo e come-
çou a passear pelas salas.

— Olá, é elle! — exclamou um quando pas-
soudesignando-o a uma terceira pessoa. Olhai, é a-
quelle famoso Muller que tivestes amarrado pa-
ra o fazeres transportar a um castello perto de
Hamburgo.

— Não ha duvida. Mas o velhaco parece
que se desquitou da agoa e do pão secco que lhe
daveis pela sua mudez depois dos interrogato-
rios. Hei-lo mais são e roliço que quando se es-
capou das prisões graças á perfidia da vossa es-
posa. Quasi, quasi que estou tentado a pergun-
tar-lhe de novo. Onde está o menino?

Roussignan levantou os olhos sobre os dois
interlocutores e reconheceu estremecendo o ho-
meminho de colete á prussiana e outro de Ham-
burgo. Então se eclipsou por entre a multidão
sem esperar pela pergunta annunciada.

Mas a alguns passos d'ali um homem de ele-
vada estatura, e de finas maneiras, ao lado do qual
estava Roussignan parado diante d'uma mesa de jo-
go lhe disse ao ouvido.

— Se o senhor Muller deseja voltar á Fran-
ça por mar, me encarregarei com muito gosto de
conduzi-lo á Russia, a bordo do *Pedro Grande*,

capitão Fabanoff, bôa cama, bôa mesa, muitas considerações como sempre, e demais com a condição de não ouvir perguntar já: Onde está o menino?

Roussignan sorriu-se novamente, enxugando a fronte como um homem que vê esgotado todo o seu valor.

— Eia; — disse ao reunir-se com os seus companheiros, — já tornei a entrar de novo na vida de perseguições que cria terminada. A Russia me persegue como uma fera. Velhaco Montreuil! Elle tem a culpa de todas as minhas misérias. Mais tranquillo viveria eu se me tivesse suicidado.

Em quanto que o ex-enforcado de Bolonha renegava do porvir recordando-se do passado, a concorrência elegante que enchia os magnicos salões do cassino se apinhava na sala do baile, para admirar uma bailarina, que apenas tocava o chão com seus pés ligeiros e cujos gostos manifestavam graça e coquetaria. Aquella beldade que atrahia todas as vistas, que era o assumpto de todas as conversações, que triumphava valsando no mesmo paiz da *vals*, era a famosa Lalacké preparando em traje de baile as suas victorias coreograficas.



CAPITULO VI.

ESTRATEGIA PRELIMINAR.

E cousa sabida entre certas pessoas illustradas vêr exclusivamente a Allemanha atravez do fumo do tabaco como a Inglaterra atravez d'aquelle do carvão de pedra. Accrescenta-se ao quadro, aqui o *rosbif*, o *wiskey*, a cerveja as batatas e os *gentlemen riders*, ali a couve, a valsa, as pipas de cerveja, os contos phantasticos, as clarinetas e os estudantes, e se crerá conhecer as duas Nações como o que as ha fundado.

Similhante retrato é exaggerado até ao paradoxo. A Allemanha não é absolutamente nem um vasto fumadouro nem uma cervejaria immensa. Se leva em seus trajés grinaldas de lupulo, singe ao mesmo tempo sua larga fronte, como a

bachante antiga, com uma corôa de pampanos. Se fuma, perfuma ao mesmo tempo: possui a sua agoa de Colonia o mesmo que a sua nicotiana: tem o seu vinho como a sua cerveja; seus doces aromas como seus miasmas deletérios; sua alegria como sua tristeza, seus salões como suas tabernas e sua poesia como sua trivialidade.

O nosso objecto não é fazer aqui uma resenha pintoresca; deixaremos aos afeiçoados o genero descriptivo, e aos mercadores de bonitos de meninos a Allemanha na sua fabrica, com as suas casas brancas, seus telhados encarnados, suas violetas verdes, seus caprichosos jardins, seus alinhados passeios, suas arvores frondosas, e demais pormenores que seria enfadonho accrescentar, repetir ou rectificar. Queremos antes ficar nos termos d'uma breve generalidade, dizendo, que o reino de Wardemburgo onde nos conduz o curso da nossa historia, não offerece mais de extraordinario no que diz respeito a sitios, a productos e a monumentos que qualquer outro paiz do mundo, e que encerra uma população composta de morenos, de ruivos, de louros, de brancos, de russos, de crespos, de calvos, de mulheres bonitas e feias, de almas fortes e fracas, de organizações delicadas e de pessoas mui gordas, de ricos e de pobres, de estupidos e de gentes de talento, de bons e de máos, na mesma proporção que o resto do globo, onde o mal predomina infinitamente sobre o bem.

O Rey d'aquella Nação chamava-se Benedicto 1.º Era o filho unico do segundo matrimonio contraído illegitimamente pelo conde de Zannau; o favorito da grande Catharina da Russia, emquanto que sua primeira mulher Luisa de Lanswig, que passava por morta, definhava, encerrada com seu filho o cavalheiro de Limburgo no castello de Wildeburgo Haussen.

Eis-aqui em resumo os dados que Montreuil tinha julgado dever recolher sobre a marcha d'aquelle Monarcha, das principaes personagens da sua cõrte, e do estado geral da opinião do seu reino. Estas noticias preliminares lhe tinham parecido indispensaveis para regular com perfeito conhecimento de causa a conducta do seu pretendente e dos seus companheiros.

Havia vinte e dois annos que Benedicto 1.º tinha succedido a seu pai. Aproximava-se então aos cincoenta de idade. Era baixo, gordo e d'um semblante agradavel; o seu sorriso não carecia de graça: era bondozo, mas seus labios ponteados denotavam um genio apoucado, e a sua tez assafroada teria explicado a Lavater a excessiva volubilidade do seu humor.

Indeciso nas cousas importantes, obstinado nas secundarias, incapaz de conceber e de executar por si mesmo uma medida energica: debil, minucioso e apoucado, abandonava aos seus ministros, não obstante odia-los ás vezes, o verdadeiro governo do Estado, mas rezervava para si a

parte mesquinha e insignificante. Não cuidava em saber como se percebiam as contribuições, como se recrutavam as tropas, como se administrava a justiça, mas inquietava-se seriamente pelos gastos insignificantes empregados para bem do Estado.

Por outra parte a razão e a equidade não dictavam nenhuma das suas determinações. Amizade, odio, benevolencia, animadversão, tudo n'elle procedia do capricho da disposição boa ou má do momento. Tinha isto de commum como todas as naturezas nas quaes exercem uma acção preponderante os nervos ou a bilis. Excellente natureza no fundo e d'uma lealdade perfeita sempre que não intervinham as paixões, era o que se chama um lunatico, um homem de manias e de prevenções instinctivas. Adorava um, detestava outro; molestava aquelle, enchia de beneficios a este sem que ninguem, nem talvez elle mesmo, podesse comprehender a causa da sua conducta. Simples questão de sympathia ou de antipathia, e cousa singular, nada era n'elle menos duradouro que estes sentimentos irreflectidos, que se iam como vinham, sem motivo apparente; porem era preciso que se desvanecessem por si mesmos, porque o unico meio de faze-los estaveis teria sido querer ajudar a desvanece-los. Fallar-lhe mal d'algum, com razão ou sem ella, era fazer que lhe quizesse mais; assim como fallar-lhe bem de outro era motivo para que o aborrecesse.

Tinham-se referido a Montreuil infinitas anedoctas em apoio d'isto mesmo.

— Senhor, — dizia por exemplo o ministro da Fazenda, — tenho o sentimento de participar a V. M. que o recebedor geral de contribuições de tal provincia, aquelle para quem V. M. se dignou exigir a nomeação, acaba de sahir do reino levando os dinheiros que tinha em cofre.

— Tens certeza disso ?

— Sem duvida, senhor. Que medida ordena V. M. para este ladrão ?

— Oh ! ladrão ! ladrão !.... A expressão é um pouco dura.

— Pelo contrario, me parece doce. Não julga V. M. que deviamos reclamar a sua entrega a qualquer das nações alliadas onde se haja refugiado o recebedor infiel ?

— Veremos, veremos ; isso exige reflexão. Entretanto tenho que indicar ao ministro da Justiça um caso da mais alta gravidade. Esta manhã mui cedo, quando passava a minha revista costumada pelos corredores do palacio (porque na verdade se eu os não revistasse que cousas se passariam.) Surpreendi *in fraganti* a um amanuence da secretaria, o mesmo que nomeaste no mez ultimo. Sahia nas pontinhas dos pés com um caderno de papel de cartas occulto debaixo da capa. Recommendo este criminoso a toda a tua severidade. A fortuna do Estado não bastaria para taes dilapidações.

— Senhor, — dizia á sua vez o ministro do Reino — tenho o sentimento de annunciar a V. M. que o Conde de * se faz cada vez mais indigno da alta benevolencia com que V. M. o olha. Ha já trez mezes que está viajando por paizes estrangeiros sem licença, com uma joven que arrebatou do seio de sua familia, abandonando a simples amigos a importante provincia, cuja administração V. M. se dignou confiar-lhe. Tenho pois a honra de propor-vos a distituição deste verdadeiro dezertor.

— Oh! dezertor!... dezertor!... a expressão é dura. O Conde tem excellentes razões que dar. Veremos, veremos. Entretanto participarei ao ministro da Guerra, encarregado especialmente da guarda do palacio, uma prevaricação tambem mui grave d'um dos seus subordinados e melhor diria d'um dos seus protegidos. Trata-se dos guardas que elle propôz para a vigilancia do nosso jardim real. Esta manhã estando eu á janella segundo o meu costume, sob o pretexto de tomar o ar, mas na realidade para vêr alguma coisa do que ali se passava (porque estou reduzido a occupar-me de tudo) vi a sentinella abandonar a arma e afastar-se a vinte passos fóra da grade, e para que? para abraçar familiarmente a uma joven que passava, sem duvida alguma rapa iga sua. Mas que succedeu entretanto? Um cão penetrou illegalmente nos taboleiros do jardim, no que como vês ha escandalo, dezercão e despesa. Não ne-

cessito insistir para que se trate com todo o rigor a esse culpado.

Os ministros inclinavam-se em signal de assentimento; mas não faziam mais que mover a cabeça, a entrega do recebedor pedia-se, a dimissão do Conde de *** realisava-se o amanuence continuava a fornecer-se, como d'antes, de pennas, papel e lacre á custa do Estado, e o sentinella continuava deixando a sua arma pelo corpo das raparigas bonitas que passavam pela frente do seu posto, e entre tanto os cães penetravam impunemente pelos sitios reservados do jardim. Em summa, como S. M. era de boa indole, bastava ao seu amor proprio de Rei e á tranquillidade do seu espirito apoucado o ter tomado alguma disposição de vigilancia, de poder e de severidade em palavras. Depois não tornava a recordar-se mais disso, e no fim de oito dias o amanuence prevaricador, o galante alabardeiro vinham a ser os seus mais queridos Benjamins. Ah! em má hora se teria ido então denunciar suas fraudes e seus descuidos. O mesmo acontecia, no que dizia respeito aos ministros. Sempre havia um favorito de S. M. e seu segundo que era seu pesadelo. Os demais lhe eram indifferentes. Andando o tempo, por que isto durava pouco, o que estava em desagrado vinha a ser tarde ou cedo o favorito, e aquelle occupava o posto deste. Qual era a causa de tal vaivem perpetuo? Em quanto ao pretexto era sempre uma ex-

cessiva futilidade como todos os pretextos: era por parte dos desgraçados uma saudação menos profunda que do costume ao encontrar S. M.; uma distração involuntaria quando fallava; uma ligeira desavença em opiniões; algum triumpho com qualquer dama da sua corte; um calção melhor cortado que o seu, e outros motivos da mesma importancia. Não se necessitava mais para succeder, n'um dia, n'uma hora aos favores do volúvel potentado. Similhanças mudanças constituíam um principal prazer.

Com tudo tão volúvel como era Benedito 1.^o era assim servil e rotineiro com as cousas. Similhante contradicção tão ordinaria provinha de que lhe causava horror todo o trabalho serio e era insaciavel de emoções frivolas. Teria mudado mil vezes o possoal do seu gabinete, só pelo prazer de ver caras novas; mas não teria consentido em substituir o menor prego da machina governamental. Os mesmos abusos lhe pareciam tanto mais sagrados, quanto mais monstruosos eram para o nosso tempo. As innovações lhe eram tão odiosas que continuava a usar o colete de pelle com que Frederico Guilherme tinha n'outro tempo dotado a Allemanha. Emfim, era tal a sua aversão ás polemicas que teria feito os melhores sacrificios e baixezas antes que permitir que se entabolassem discussões sobre o assumpto mais insignificante.

Facilmente se comprehenderá que se o War-

Wardemburgo se distinguia por alguma cousa das outras partes da Allemanha, não era precisamente pela turbulencia das opiniões. O certo é que os subditos de Benedicto 1.º não obstante estarem sobcarregados de tributos, governados despoticamente, e opprimidos em tudo por uma oligarquia poderosa, obedeciam o mesmo que cães, dromedarios ou cavallo. Não era porque se encontrassem felizes; mas o monarcha lhes tinha inculcado seu character de rotina, e não havia um só que pensasse que podia estar melhor.

Em quanto ao mais S. M. lhes tinha transmittido tambem o tedio que o atormentava. Estava cansado de festas, de banquetes, de bailes, de caçadas, de passeios e de theatros. Estava cansado de diversões campestres, ás quaes tinha assistido de incognito por espaço de bastante tempo para participar dos prazeres do povo. Estava, emfim, cansado de tudo. Sua Magestade limitava-se a bailar desde pela manhã até á noite, e como o povo se accomoda geralmente ao que faz a côrte, e esta regula a sua conducta pela do Monarcha, resultava que o baile, não só se tinha feito um costume universal no Wardemburgo, mas sim uma moda, uma elegancia, um acto de bom tom.

Tal era a situação geral sobre que Montreuil tinha que combinar o seu plano.

A entrada no Reino não deu logar a nenhuma difficuldade. A tranquillidade da nação

era tão completa que a policia não se inquietava pelos estrangeiros que entravam no paiz. Não havia severidade mais que com as equipagens.

Depois de terem pago direitos enormes por tudo o que possuíam os nossos aventureiros (era a decima extracção deste genero desde que entraram na Allemanha) se lhes deixou passar a fronteira sem lhes perguntar onde se dirigiam. Levavam dinheiro e já eram bem recebidos.

A fim de não dar mais tarde logar á minima suspeita de conveniencia. Montreuil enviou a diante a Lalake sob a proteecção de Muller, que passou por seu mordomo. A bailarina hospedou-se na hospedaria da *Agua Negra* na capital de Wardenburgo, e tomou para si metade do andar nobre.

O resto do exercito conquistador só chegou no dia seguinte, e instalou-se na segunda metade que estava desocupada.

Montreuil, Dabiron e *Pé-ligeiro* disseram modestamente ao dono da *Agua Negra*, que eram simples viajantes, que vinham visitar as cousas mais notaveis do reino, mas que se propunham especialmente a explorar a qualquer preço os productos colinarios do paiz. Similhante manifestação o lisongeou em dobro, como patriota e como vendedor de comestiveis.

Elle pela sua parte julgou fazer-lhes um favor revelando-lhes que os tinha precedido uma

mulher encantadora, uma artista do maior talento, e M.^{ne} Lalake conhecida por Julia 1.^a

Montreuil e seus dois consocios fingiram a maior surpresa e assombro, e rogaram ao dono da hospedaria, que lhe pedisse em seu nome o favor de serem a ella apresentados,

M.^{ne} Lalake recusou logo tal proposição com desdem; mas acabou por ceder ás instancias do hospede, como compatriota e como hospeda. A apresentação verificou-se immediatamente da maneira mais natural. Os conjurados puderam desde então combinar os seus planos a todas as horas sem o menor inconveniente, e sem despertar as mais leves suspeitas, graças ás portas de comunicação, que convertiam n'uma habitação todo o quarto nobre.

Passaram os primeiros dias da maneira mais simples em passeios, em correrias, em theatros e em passar vida regalada. Dabiron encontrava-se ás mil maravilhas com similhante regimen; mas mofava do seu escepticismo tanto como se applaudia do seu *sibaritismo*.

— Se temos empreendido esta expedição para beber excellente cerveja e comer incomparaveis couves — disse ironicamente o homem de Estado, Dabiron, quando os criados os deixavam sós aos postres — comprehendo a nossa viagem, temos conseguido o objecto; mas se é para conquistar um throno, estou menos satisfeito do resultado. Somos mui populares entre os cria-

dos da hospedaria e não supponho que tenhamos a pretensão de conquistar o paiz com camareiros.

— Paciencia, — disse Montreuil, pela base se começa todo o edificio, e as mesmas pyramides do Egipto começaram por uma pedra.

— É possível — observou Muller, cujo medo tinha augmentado desde as ultimas aventuras de Hamburgo; mas quanto mais nos aproximarmos da chusma, mais se multiplicarão os espias russos que estão encarregados sem duvida alguma de vigiar-nos. Estejam bem certos de que ha cossacos entre os criados da hospedaria. É deixar-se fazer a sopa por um espia, francamente não é cousa que me desperte muito apetite.

— Ora — exclamou S. M., — quando a sopa é boa não importa que seja feita por um herborista extravagante. Mas desgraçadamente faz-se aqui d'um modo bem raro, como cerveja em lugar de caldo, o que não dá muito gosto ao estomago.

— Senhor — disse Montreuil, com respeitosa authoridade, — será preciso que vos acostumeis a ella; a sopa de cerveja é o prato nacional como o *rosbif* dos inglezes, o alcaçuz dos arabes, e os macarrones dos italianos. Demais, ainda não chegou o momento de operar; mas não se demorará muito se devemos julgar por certo artigo do « *Diario da Côte* » que se publicou esta manhã.

Este jornal era a unica folha que se publicava no reino.

Montreuil tirou da sua algibeira um numero e leu em voz alta o artigo seguinte que traduzia com verbosidade em francez porque elle era o author anonimo :

« Entre os muitos estrangeiros de distincção que o estado florecente do reino atrae n'estes dias á nossa formosa capital, estamos authorisados pela policia para citar uma das mais brilhantes estrellas de academia real de musica de Pariz. Mull.^o Lalaké, conhecida por Jupin 1.^o, que se hospedou ha alguns dias na hospedaria da *Aguia Negra*.

« Diz-se que depois de ter obtido os maiores applausos nos principaes theatros da Allemanha se dirige a São Petersburgo, onde é esperada impacientemente.

« Não sabemos se o contracto magnifico que tem na Russia lhe permittirá dispôr de alguns dias, porem muito folgariamos que assim succedesse, e que consentisse em apresentar-se antes da sua partida no theatro da côrte. Seria uma fortuna para todos os amantes da arte.

« Contamos sempre com o zelo do habil director do nosso primeiro theatro, e estamos seguros de que não descuidará nada para dar-nos a conhecer a emula mais illustre das Ellsler e das Taglioni »

— Então! — exclamou Lalaké alegre e orgulhosa. — Está impresso.

— Vê-de, — respondeu Montreuil dando-lhe o periodico.

— Como! Estas letras tão mal feitas dizem taes cousas. Calla, calla... deve ser verdade: Eis-aqui o meu nome. Parece que me chamo em allemão como em francez. Naverdade dá gosto ver-se qualquer em letra redonda tanto mais por ser a primeira vez.

— Gosto innocente que não custa tão caro como outros muitos, — interrompeu malignamente Dabiron. Sua apotheosis não nos custa mais de vinte francos. Já sei o preço porque sou thesoureiro da expedição. A gloria é mui ruinosa em Pariz. Cinco francos a linha. Fazes bem em não ter esses gostos mais que no estrangeiro.

Lalaké ia a replicar á impertinencia d'um antigo adorador, quando se apresentou o hospedeiro, e annunciou á illustração coreografica que estava na sala immediata o director do theatro da Còrte que solicitava o favor d'uma audiencia particular.

— Convem? — perguntou em voz baixa Lalaké a Moutreuil.

— Sim, podeis ir, — lhe respondeu o generalissimo, — mas não vos compromettais em nada sem consultar-me a titulo de compatriota e amigo.

Á resposta afirmativa de Lalaké sahio o dono da hospedaria e introduziu o director na ha-

bitação particular da bailarina, onde esta foi logo recebo-lo.

— Senhores, — disse solemnemente Montreuil a seus companheiros, deixando-os á mesa, — vê-des a porta daquelle salão ? Pois bem, ali vai agora resolver-se o destino deste formoso reino. Deixo-vos um instante ; ficai aqui e bebei de antemão pela restauração de Sua Magestade.



CAPITULO VII.

ANTES DE LEVANTAR O PÃO.

O director do theatro real de Wardemburgo Mr. Bibenbrock tinha feito de tudo um pouco antes de chegar aquelle posto eminentemente artistico excepto a unica cousa que teria deuido dar-lhe direitos n'uma sociedade bem organizada; queremos dizer, a arte. Tinha sido successivamente porteiro, barqueiro, fabricante de phosphoros, e como não tinha feito fortuna em nenhuma destas empresas, se julgou a proposito para confiar-lhe a mais difficil de todas: a administração d'um theatro.

Deveu semelhante cargo a um dos mil caprichos do rei. Tendo feito quebra o ultimo empresario tratava unicamente de dar-lhe um succes-

sor. Quantos especuladores arruinados, filhos de familia ineptos, intrigantes laboriosos e militares reformados encerrava Wardemburgo tinham-se ordenado em fileira na concorrência com alguns litteratos, varios musicos e certos bailarinos jubilados que criam candidamente no triumpho possivel da capacidade.

A sua illusão foi curta.

As pessoas capazes foram separadas sem discussão no conselho que teve S. M. sobre este grave assumpto.

Ficaram os incapazes ; mas eram todos até um gráo tal que era verdadeiramente difficil descobrir o menos indigno.

Depois de muitas vacilações e bem examinado tudo, os membros do conselho e o favorito do dia opinaram unanimemente contra Mr. Bibenbrock. Não se necessitava mais para estimular o espirito contradictorio do rei. Mr. Bibenbrock foi nomeado.

Era um homem de elevada estatura, nada grosso um tanto encurvado, de pernas e braços compridos. Mui elegante no vestir, e bastante distincto em suas maneiras, de luneta fixa, que lhe dava certo ar de impertinencia aristocratica.

Não carecia de talento mas tinha a fatalidade de raiar na excentricidade, e o defeito mais ruinoso ainda de administrar o seu theatro á força de paradoxos.

— Gosto deste tenor, — dizia por exemplo

— e quero contrata-lo : canta demasiado mal para obter muito exito. Recebo a sua peça, senhores, mas com correções, corrijam um pouco tudo isso : a letra e a musica. Em summa, o exito das obras não depende absolutamente nem de seu merito nem dos seus defeitos : é um simples negocio de decorações, de trages, de palmeadores, de cartazes e de reclamos. Deem-me a obra mais monstruosa e eu me encarrego com cem mil francos de faze-la applaudir como se fosse uma obra de primeira classe. Pelo contrario deem-me a obra mais perfeita e me encarrego *gratis* de faze-la patear como se fosse um frioleira.

Taes eram em summa os principios de administração de Mr. Bibenbroek.

Por desgraça não estavam desprovidos de certa dose de verdade a julgar pelos brilhantes triumphos que obteve no principio. Juntava alem disso uma tolerancia philosophica que favorecia seus triumphos interessando com ella a vaidade dos assignantes, dos janotas do proscenio, dos Lovelaces da corte e de S. M. mesma. Em outros termos guardava-se de pôr nenhum obstaculo aos opulentos suspiros dos seus protectores pelas lindas comicas e bailarinas. Assim era geralmente proclamado pelo mais habil dos directores conhecidos, e S. M. estava disso orgulhoso pelo ter escolhido contra a opinião dos seus ministros.

Mas toda a medalha tem seu reverso ; todo o capitolio sua rocha Tarpeya, toda a conquista

suas delicias de Capua. Emfim soou a hora das derrotas. Mr. Bibenbrock conheceu que era chegado o momento de fazer mais mal que o passado. Ay! já era tarde. A injustiça das reacções é sempre proporcional á loucura dos favores dispensados. As suas peiores obras foram pateadas, suas cantantes mais insignificantes e suas bailarinas pessimas foram escarnecidas, o seu theatr abandonado pelo publico, e S. M. mesma passando d'um extremo a outro, segundo seu real costume, fallou nada menos que de distituir brutalmente o malfadado emprezario.

Eis-aqui summariamente a sua situação desgraçada quando o *Diario da Côte* lhe revelou de improviso a presença de Lalaké. Montreuil tinha calculado bem mandando inserir o annuncio cujo preço sabemos. Mr. Bibenbrock creu ver n'elle a expressão dos desejos da Côte, um meio de recobrar o inconstante favor do monarcha e o talisman talvez d'uma nova era de prosperidade. Apoderou-se avidamente desta ultima pirueta de salvação. Apresentou-se de prompto em casa da primeira alumna da Academia real de Pariz com esse tom de exquisita urbanidade que sabia empregar em occasiões, e esse conhecimento perfeito de todas as delicadezas da lingua franceza que apenas se encontra mais que no estrangeiro. Em França desdehamos todos os idiomas que não são o do paiz, e ainda apenas se estuda este. Porem o mais engraçado é que os puristas de alem

das fronteiras, expressando-se com uma affectação que seria ridicula entre os parisienses, temem sempre não dizer bastante, e se desculpam a cada passo da sua linguagem como d'um excesso de frivolidade.

— Senhora, — disse Bibenbrock a Jupin 1.^a com um resto de accento germanico apenas sensivel. A fama com as suas cem trombetas acaba de fazer resoar aos meus ouvidos a noticia da vossa chegada a esta capital, e apresso-me em depositar a vossos pés a pura e sincera homenagem da minha justa e profunda admiração. Não sei se me expressarei em francez com bastante clareza para ter a honra de que me comprehendais. Sê-de tão bondosa como sois bella. Dignai-vos perdoar a um estrangeiro a sua inexperiencia da vossa encantadora lingua. Conto com a vossa extremada indulgencia para supprir o que falta ás minhas palavras.

— Sem duvida, cavalheiro, podeis continuar, — respondeu a bailarina que não conhecia mais que o francez da Opera, o do Ranelagh, e o usado nas ceias da casa d'Ouro. Pois fallais com verbosidade, sobre tudo não sendo o vosso idioma. Creio ter-vos comprehendido.

— Sois muito amavel. Mas se devo julgar pela expressão desse delicado sorriso, pela viveza dos vossos formosos olhos, e pela penetração que se descobre no vossa belle rosto, já

deveis ter conhecido o objecto da entrevista, que tomei a liberdade de solicitar.

— Sem embargo podeis dizer; o que allimenta não damna.

— Nesse caso, atrevo-me a conceber a seductora esperança de que a rainha das sylphides não empreenderá seu vôo até ás regiões mais favorecidas dos deoses, sem ter proporcionado á capital de Wardemburgo a occasião de dar a conhecer o seu enthusiasmo. Perdão, mil vezes perdão, repito, se estas palavras fazem traição ao meu pensamento. Oxalá, sem embargo, que tenha a dita de fazer-me compreender bastante. »

— Sim, sim, aproximadamente. Em outros termos. Tendo sabido que eu estava de passagem nesta capital, vindes pedir-me algumas funcções para o vosso theatro. Entendido, assim se expressa em bom francez.

— Agradeço-vos, senhora, por haverdes traduzido tão perfeitamente o meu pensamento, se me atrevo a expressar-me assim.

— Pois bem, meu querido cavalheiro, imitarei o vosso exemplo, — disse a bailarina recordando-se do encargo de Montreuil; — vou responder-vos como me for possivel. Ah! sim, — continuou, encostando-se com affectação na octomana como uma grande artista cheia de gloria, — estou cansada de applausos, de bravos e de triumphos. Desde que sabi de Pariz, a minha viagem pela Allemanha tem sido uma pirue-

ta continuada. Já sinto em extremo o ter contractado um ajuste com o Imperador de todas as Russias. Antes quizera ficar aqui do que voltar a Pariz. Ah! aqui está precisamente um dos meus compatriotas, um excellente amigo, o senhor Conde de Montreuil.. de Casticala, ao qual me refiro.

Depois das saudações do estillo Montreuil foi inteirado do negocio por Lalaké.

— Permitti-me, cavalheiro, que supponha, — disse então o empresario, — que a negativa desta senhora não é irrevogavel. Creio que não será tão cruel, que permitta deixar no desconsolo uma capital, daqual poderia ser o encanto pelo seu talento, como o ha sido pela sua presença. Perdoai-me, senhor Conde, se me expresseo mal em francez.

— Nada disse, cavalheiro, — respondeu vivamente Montreuil. Fallais com toda a precisão. Poderia dizer-se, que se vos julgais inintelligivel para francezes, é precisamente por fallardes demasiado bem francez.

— Nesse caso, continuou o empresario, poderei contar em ter um auxiliar poderoso no senhor Conde. Não necessito accrescentar que para nada deve misturar-se nesta questão o dinheiro. Com talentos desta ordem não se regateia. Eis uma escriptura em branco. A vossa preciosa mão póde escrever a quantia que quizer, e eu approvo de ante mão. Emfim, permitta-se-me termi-

nar por uma consideração que me parece exercerá certo poder n'uma personagem tão distincta como o senhor Conde. O nosso augusto Soberano tem ha tempos um enfado invencivel a tudo, nada o distrae. Está na mão da rainha do baile a maneira excellente de corresponder á hospitalidade que encontra nos estados de S. M. offerecendo-lhe em troco uma diversão encantadora, cujo effeito póde ser eminentemente saudavel ao seu espirito.

— Basta, cavalheiro, basta! — interrompeu Montreuil. — Tendes-vos dirigido a um Conde e a uma bailarina, duas classes da sociedade que se houram egualmente com suas affecções monarchicas. Esta ullima consideração supprirá a qualquer outra. Já que madama se dignou deixar á minha decisão, podeis partir com a segurança de que bailará no vosso theatro gratuitamente a beneficio dos pobres, e pela unica satisfação de distrair o vosso monarcha. Eu terei a honra de vos ver depois para regular de common acordo todos os pormenores de tão importante representação.

— Está bem, — disse Lalaké a Montreuil quando o empregario os deixou sós. Bailar *gratis* em proveito dos pobres, e como medecina real! Agradeço-vos o regalo! Para confiar-vos outra vez os meus interesses!

Se são esses os grandes interesses que me prometteste, valeria mais que não me houvera

arrancado da Opera onde ganhava mil e duzentos francos.

— Mas que importa que vos não gratifique o empresario, se eu vos pago em bellos escudos? Tranquillizai-vos, pois vamos ter com os nossos companheiros.

— Os vossos companheiros ficaram á mesa: esta é a melhor maneira de esperar.

— Que tendes, senhor? — perguntou Moutreuil, a *Pé-ligeiro*, que tinha o semblante contrahido.

— E' verdade; S. M. se acha inteiramente transtornado — respondeu o pretendente, — estou vendo as estrellas por causa do famoso pranto nacional. Decididamente não sympathizamos com a sopa de cerveja, e eu volto ao caldo hollandez, mas entretanto daria cem soldos por um copinho de *cognac*.

— Não é pela sopa de cerveja, — disse a sua vez Roussignan, — senão talvez pelo veneno septentrional que nos terão lançado. E' a espionagem que dispoem aqui da cassarola, e que faz ferver a panella. Seguramente morreremos todos de colica.

Moutreuil interrompeu as lamentações do ex-enforcado, deu parte aos seus companheiros do resultado da conferencia que acabava de ter com o empresario, e se despediu delles depois de lhes ter dito que se preparassem para graa-

des acontecimentos, cujo resultado lhe parecia ser o definitivo preludio.

No dia seguinte recebia a formosa Lalaké, bem como o seu guia official Montreuil, um convite para uma funcção que dava Bibenbroc na sua sumptuosa casa.

O emperezario depois de ter calculado o que custa a formar uma reputação, ainda que seja ligeira, fundada nos meios da publicidade europea, cria ainda firmemente que os bailes e os saraos eram os reclamos mais vantajosos. Assim eram apresentados seus novos conhecidos ao entusiasmo dos seus convidados tendo regulada a sua generosidade de amphitrião segundo a importancia dos reseem-chegados : um refresco para um baixo, uma ceia para um tenor, um baile para uma cantora e como a bailarina era omnipotente naquelle paiz resultava que a festa para Lalaké com seus instrumentos, concerto, acompanhamento e illuminação não havia sido mui dispendiosa.

O Conde de Montreuil apresentou-se ás doze horas da noite com trage negro e sereno continente, dando o braço na qualidade de compatriota a Jupin 1.º enfeitadas com esmero e perfumada qual um ramallete. Nos paizes estrangeiros onde influimos ha cincoenta annos mais pelos gravados das nossas modas que pelas nossas ideas, as mulhere; estragam muitas vezes a sua saude por trajar á franceza sem o poder conseguir. Lalaké era um figurino illuminado que ia a pôr em

pratica as grandes theorias da sciencia elegante. Segundo as indicações premeditadas de Montreuil tinha levado de Pariz as ultimas novidades, a moda do dia seguinte, por assim dizer, surpreendida no laboratorio do capricho. D'esta maneira era inevitavel o seu triumpho como mulher.

— Minha formosa amiga, — exclamou o Conde antes de partir, sê-de coqueta; a coquetaria é a diplomacia das mulheres; ides vestida com o maior esmero e gosto, mas mesmo assim deveis passar uma revista como o soldado ao partir para a parada; inimigo a quem é preciso vencer é muito forte; ha que apontar ao coração.

— Estou a vosso gosto? — tinha respondido Lalaké apresentando-se vestida em traje de setim cer de rosa, ornado de rendas e salpicado de flores.

— Admiravel! — disse Montreuil, — encantadora! Oh! o triumpho é inevitavel.

Os salões de Bibenbrock eram um reflexo da cidade. Já dissemos que o *esplin* estava na ordem do dia em todo o Reino, por ter dado exemplo o Monarcha. Bocejou-se, pois, em casa de Bibenbrock como os francezes com a leitura d'uma tragedia. Houve bocejos infinitos, por imitação no principio, por tedio depois, e por costume no fim. Se a hypocondria nasce da dita as queixadas do nobre de Wardemburgo estavam naquella noite em estado de continuo protesto contra a sua doce monotonia. Apresentou-

se de repente Lalaká e como por encanto cessaram os bocejos. Formouse um circulo em seu redor; passou-se revista ao seu traje; admirou-se a brancura da sua cutis, mais fresca que a das allemãs, e entabularam-se conversações sobre se os seus olhos eram de azul claro ou de azul escuro.

Tinha-se reunido em casa do empresario o mundo politico inteiro: ministros, encarregados de negocios, altos empregados, representantes das Potencias alliadas, enfim quantos seguem a marcha dos acontecimentos para tirar delles consequencia em proveito d'um interesse qualquer. Montreuil estudou ali o pessoal dos homens de Estado indigenas, segundo pôde estudar-se d'um golpe de vista, pelo talento, o gesto e physionomia. Viu aos dois ministros principaes de S. M. Wardemburgueza, o favorito e o não favorito, que chamados pela inconstancia do monarcha a mudar alternativamente do emprego, eram o objecto das suas attentões e favores. Misturou-se em varias conversações; fez conhecimento com algumas personagens importantes e adquiriu a certeza de que nada, segundo estavam os espiritos, annunciava o temor nem ainda a suspeita do golpe atrevido que tinha meditado, e cujo prologo seductor eram as seducções de Lalake.

A agradecida bairarina da Opera obteve um triumpho brilhante, triumpho de belleza e de excentricidade, e quando ao outro dia cada convi-

dado voltou á sua esphera elogiava á porfia a Taglioni futura. A sensação se fez conhecer em toda a cidade, Lalake foi o objecto de todas as conversações; era observada nos passeios; seguiam-na á egreja, passava e cruzava a gente por diante das suas janellas com tal assiduidade, que provou a Montreuil que não se tinha equivocado contando com a efficacia da sua ajuda. Por espaço de quinze dias; em quanto que *Pé-ligeiro* se esforçava por combater a influencia laxante da cozinha germanica, durante que Dabiron calculava para distrair-se as eventualidades d'uma compra de papel da cidade livre de Francfort, em quanto Muller se deixava crescer as barbas para estar mais desconhecido aos olhos dos agentes moscovitas que via por toda a parte, não se fizeram na cidade mais que preparativos para o dia do debute da bailarina franceza. Montreuil, fiel ao seu emprego de compatriota *cicerone*, os presidia e cuidava de tudo. Fazia debuxar os trages da sua protegida que devia fazer a *Filha do Ar*, e compunha os cartazes destinados a annunciar mui cedo a solemnidade de que ella era a heroína.

— Meu querido empresario, — disse Montreuil ao director na vespera da representação.

— Tambem temos o trage de protagonista. Reunirá seguramente todos os votos pela sua graça. Temos tomado um saiote de garça azul com estrellas de prata que sentará divinamente.

— Quantas varas de tela são necessarias perguntou o director.

— Quatro, — respondeu Lalake.

— É demasiado. Não sei se tenho a dita de explicar-me bem; mas na verdade é demasiado.

— Não se empregarão mais que trez se é preciso, — respondeu Montreuil, — nós outros não retrocedemos ante os sacrificios.

— E' ainda demasiado, — disse Bibenbrock, — eu conheço o meu publico.

— Trez varas para vestir uma mulher! Então não podem confeccionar-se as azas.

— Uma filha do ar, — respondeu Bibenbrock, — deve estar vestida de nuvens, se me atrevo a expressar-me assim.

— Ao menos, — disse a bailarina, — que não se vista de nada. Sem embargo....

— Estai socegada, — disse Montreuil, pois havemos arranjar tudo o melhor que possa. Estão encarregados os cartazes?

— Sim.

— Imensos?

— De sete pés de altura, equivalente cada um a sete cartazes reunidos; o nome de madama vê-se a meia legoa.

— Isso é bom para os que tem a vista cansada que não leem mais que de longe, — disse Montreuil, — mas quando um se dirige a um sentido, é preciso tirar todo o partido possivel... e como nos exploramos o orgão da vista por meio

de cartazes não devemos desprezar os miopes; ao lado dos grandes cartazes afixaremos programas para que se leiam com lentes a fim de inteirar ao mesmo tempo os miopes e os de vista cançada, aos conscienciosos e aos indifferentes.

Depois daquelles pormenores minuciosos se tratou de outras considerações, cujo cuidado confiou aos seus companheiros.

— Cavalheiro, — disse a Dabiron. — Vós sabeis tirar partido do movimento da Bolsa, comtanto que se ponham a vossa disposição os meios; portanto é preciso que no dia da representação se paguem os bilhetes a cincoenta luizes para que o publico tenha direito a ser exigente.

— Cincoenta luizes por vêr Lalake! — disse graciosamente Dabiron, que conhecia o talento verdadeiro da joven; — mas então ha que fazer um milagre.

— Não! é um valor que é preciso fazer subir. Comprai de ante-mão a metade dos bilhetes; isto bastará e corre por minha conta a collocação.

— Dirigindo-se depois a Roussignan:

— Como sois habil em julgar os effeitos dramaticos servirnos-heis na noite do debute.

— Eu! — disse Roussignan Muller, — pois que, será preciso que me apresente ainda em publico á vista de gente desconhecida, de espias sem duvida?

— Sim, — disse Montreuil, — nos nossos

planos vós representais a opposição que é uma parte importante: além de que o vosso papel será fácil: vos assobiareis, pateareis.

— Patear! — disse Roussignan, — mas farei que me ponham na rua. Neste papel que quereis que faça estou perdido se ha agentes russos entre os que applaudirem.

— Não vos inquieteis por isso, — disse Montreuil, — justamente est aqui o seu veneravel chefe, com o qual tenho que entender-me.

Com effeito, por convite do director ia receber as ordens do amigo da bailarina um homem gordo de pequena estatura e cara avinhada, encarregado dos triumphos dramaticos do theatro de Wardemburgo.

— Cavalheiro, — disse em allemão o chefe dos romanos ou alabardeiros, — é esta a noite!

— Sim, — respondeu Montreuil na mesma lingua, sabendo que os seus companheiros não a entendiam. Eis-aqui mil bilhetes *gratis*.

— Mil, — disse o capitão dos alabardeiros — semelhante profusão! — Respondo pelo exito.

— Nada disso, — exclamou Montreuil.

— Não terá bom exito?

— Não.

— Não havera applausos?

— Deus nos livre delles.

— Pois que então?

— Murmúrios no principio, mostras de im-

paciencia depois, e por ultimo, todos os sinaes desfavoraveis que se podem dar.

— Fôra os assobios, por que está prohibido diante do Rei.

— Bem o sei. Porem ha tambem para isso. Tende, pois, entendido que desejo me formeis uma assemblea de gente de máo humor, descontentadissa, provocadora, um verdadeiro publico de primeira ordem.

— Mas então ides matar a bailarina.

— Talvez, — disse Montreuil.

— E assassinar igualmente a obra.

— Quem sabe? Na philosophia, na medecina e na chimica procede-se pelos extremos. Nisto tenho bôa experiencia; cumpri o vosso encargo, e eu cumprirei o meu.

— O chefe dos *alabardeiros* se retirou confundido de semelhante systema, porem acabava de receber os mil bilhetes que constituiam um immenso beneficio para elle, e concluiu por dizer com sigo mesmo, que o homem que paga com tanta liberalidade devia infalivelmente ter razão.



CAPITULO VIII.

INAUGURAÇÃO DO BAILE PESADO.

As sete horas da noite uma immensa multidão rodeava o theatro em que a figuranta da Grande Opera de Pariz ia a passar d'um salto desde as humildes fileiras das comparsas ao posto de primeira bailarina. Depois de algum tempo começaram a acender-se as luzes, da orchestra resoaram alguns sons melodiosos, preludio d'uma bella symphonia; os camarotes estavam occupados por elegantes jovens, e ás portas da entrada da plateia apinhou-se uma multidão que com difficuldade podia conter os alabardeiros da guarda wardemburgueza.

Montreuil viu com prazer aquelle enthusiasmo que era de bom augurio para os seus pla-

nos futuros. Pensou que um povo tão predisposto a emoções, devia necessariamente impressionar-se por assumptos mais serios.

Antes de levantar-se o panno, recorramos o theatro e vejamos se nesse oceano de cabeças humanas encontramos alguma que nos seja conhecida. Enpunhe-mos o nosso oculo, escutemos mesmo ás portas dos camarotes, afim de iniciar-nos perfeitamente nas causas dos acontecimentos que se preparam.

À direita do actor ha um camarote ornado com cortinas de veludo azul com estrellas de prata, é o camarote real. Ali se apresenta Benedicto 1.º com o seu favorito, isto é com o ministro influente do dia, um pouco mais atraz tem seu assento o primeiro camarista e o seu secretario.

— Que se diz da bailarina? perguntou o rey ao seu camarista.

— Senhor, respondeu este que com uma prudencia digna de notar-se ha sabido conservar o seu destino por espaço de vinte annos, apezar das volubilidades do monarcha — ainda não ha mais que conjecturas, nada se diz de positivo. O publico espera a sentença de V. M. para formar uma opinião definitiva.

— E tu, querido ministro, has ouvido fallar da nova Taglioni?

— Sim, senhor, — disse o homem de Estado.

— E que se conta?

— Dizem que é joven, bonita, incitante, mas pesada.

— Pesada! — repetiu o rei; — e por onde ha podido saber-se isso?

— Pelos ensaios, senhor.

— Pesada! tornou a repetir o rei; — e crees que isso seja um defeito?

— Mas, — acrescentou timidamente o ministro, — para uma bailarina...

— Não sabes o que dizes, — replicou o rey, — a robustez da joven é preferivel á tísica não entendes de coreografia.

E o rei voltou as costas ao seu favorito acobardado.

— Diabo, disse com sigio mesmo o camarista, — o favorito de hontem, que deixa de o ser hoje, pode mui bem tornar a sê-lo amanhã. Eis um indicio que não deve despresar-se.

Na segunda galeria, quasi por cima do camarote do rei, ha outro cujas cortinas estão cerradas e occultam ao publico as duas pessoas que o occupam. Que personagens são estas que se escondem ás vistas de todos nem mais nem menos que os cardeaes nos espectaculos de Roma?

O primeiro, inclinado para diante na attitude d'um homem que sofre ligeiras dores de ventre, não é outro que S. M. *Pé-ligeiro*, a quem a sopa de cerveja continua sendo desagradavel. O segundo que observa as mulheres atravez das

cortinas, se chama Dabiron para os mortos e o marquez de Caracas para os vivos.

— Senhor, — disse Dabiron, — parece que estais impaciente por vêr levantar-se o panno.

— Eu? — respondeu *Pé-ligeiro*, — estou enfastiado como um noviço no côro.

— Porque? — perguntou o boleista.

— Porque não principia a funcção, eu desejo distrair-me de minhas dores de estomago.

— Não deve tardar; os musicos occupam já os seus assentos.

Lancemos agora um golpe de vista á plateia completamente cheia de espectadores, e veremos no primeiro assento um homem de barba negra com a cabeça baixa em acitudo humilde. É Roussignan Muller, intitulado barão de Rembach, que procura tambem occultar-se ás vistas de todos e que tremia quando pensava no desempenho do papel que se lhe havia encommendado.

Diante deste e detraz da ultima fileira de musicos, perfeitamente situado para observa-lo está o conde de Montreuil vestido de etiqueta, com gravata branca, luvas da mesma côr, e condecorações estrangeiras ao peito. Vai passando revista, com a sua luneta a toda a aristocracia do reino reunida ali para o debute de Lalake e se informa com os que estão a seu lado, da posição, fortuna e influencia de todos os espectadores de distincção.

De vez em quando Roussignan Muller murmura algumas palavras ao seu ouvido.

— Senhor Conde, — lhe diz em voz baixa.

— Que ha ?

— Tendes visto o director da orchestra ? Não vos parece que olha mui ameudo ?

— Não, está fallando com os musicos.

— Podeis dizer o que quizerdes, mas um director de orchestra com bigode a Souwaroff, não é cousa natural: deve ser um espia russo. Mas, callar; não vê-des aquelles dois homens vestidos de encarnado que estão aos lados da entrada da galeria ?

— Sim, são duas sentinellas da guarda de honra do Rei.

— Pois não deixam de olhar para mim.

— Olham para todos da mesma maneira.

— Parecem cossacos disfarçados.

— Não tendes medo, e não deixeis de fazer o que vos recommendei.

— O que ? Assobiar ?

— Sim; um assobio secco, sonoro, e vibrante.

— Assobiar ? pois ainda pensais nisso senhor Conde ?

— É indispensavel, — disse Montreuil com authoridade. — Cada um de nós deve contribuir para esta grande empresa segundo a sua capacidade. Mas disfarçai que nos escutam.

A estas palavras baixou Rousignan a cabe-

ça como se procurasse alguma moeda de baixo dos assentos, ainda que na realidade era para pôr-se a coberto dos olhos moscovitas.

Se deixando a plateia e a orchestra, dirigirmos a nossa vista á primeira galeria, acharemos nos corredores uma personagem d'uns cincoenta annos, alto dolgado e de maneiras mui finas, vestido com grande esmero, e cujo ar sereno e olho observador descobrem claramente a um diplomatico. Aproximou-se do porteiro, e lhe disse:

— O proscenio da esquerda ?

— Está occupado, cavalheiro.

— Bem o sei, mas abri.

— Não posso deixar que passe ninguem sem senha.

— Aqui a tendes, — disse o elegante espectador mostrando-lhe uma flor na sua abotoadura.

— Basta, cavalheiro, — respondeu o porteiro; — tende a bondade de seguir-me ?

A porta deste camarote que está em frente da tribuna do rei, está aberta, e não está occupado mais que por uma senhora.

— Senhora, — disse o recém-chegado, — ha quatro dias que ainda estaveis em Pariz, e hoje vejo-vos no theatro de wardemburgo! isto é assombroso! o vosso zelo é superior a todo o elogio!

— Senhor Labanoff, — disse a dama, — foi preciso todo o empenho que eu ponho no cumpri-

mento das missões que tomo a meu cargo, para encontrar-me hoje aqui. Interesses geraes e negocios serios me reclamavam em Pariz.

— Eu saberei, — disse Labanoff, — apreciar como vale tanta abnegação.

— Basta de cumprimentos, cavalheiro, — disse a dama, não sou um representante com quem tendes que decidir uma questão de alfandega ou marcar os limites de algum territorio; sirvo aos vossos interesses, não aor apego ao dinheiro, nem pelo desejo de ser elogiada, mas sim porque estão conformes com a minha politica.

— A vossa politica? — interrompeu Labanoff sorrindo-se.

— E' claro. As mulheres tem uma politica como os governos, somente que é mais mysteriosa, mais insaciavel ainda que aquella cujas pisadas estais obrigado a seguir?

— E que politica é essa?

— Senhor Labanoff, — respondeu a dama, — soaram os trez apitos, e no theatro a minha politica é observar o espectáculo.

Com effeito acabava de começar a symphonia que se executou com uma musica muito marcial e por fim levantou-se o panno no meio d'uma descarga de bravos.

O Rei franziu o sobre-olho, e fiel ao seu systema de contradicção, perguntou ao camarista.

— Que te parece esta symphonia com tanto enthusiasmo accollida?

— Isto Senhor, — contestou o funcionario cujo tino lhe tinha valido sua inamobilidade, — tem seu pró e seu contra.

— É uma cousa insupportavel: ruído e nada mais.

— É isso justamente o que eu ia ter a honra de dizer a V. M.

O baile começou como todos os bailes possíveis por grupos de nymphas e de sylphides sorrindo-se mais com os individuos da orchestra que com as divindades dos bosques ou das abobedas celestes. Depois chegou a vez á pantomima, que eclipsava d'uma maneira telegrafica o fim moral da obra; por ultimo depois d'uma bailado no qual tomavam parte todas as sylphides e nymphas sentiu-se um grande murmurio; desapareceram as figurantas e as comparsas para o fundo da scena, e agruparam-se as nymphas e as sylphides.

Apresentou-se Lalake.

Ella confiava no effeito que produziria o seu trage de blonde azul bordado de prata, seus olhos languidos, seus vinte annos e sobre tudo, aquella graça que toda a mulher busca, e que toda a mulher crê ter encontrado.

Não estaleou na sala um só applauso com grande contentamento de Dabiron, com extraordinario assombro da dama do proscenio e com indisivel pasmo do Rey.

A Jupin 1.^o bailou um passo só com uma

execução perfeita e imperturbavel, como se se hou-
vera chamado Grisi ou Ellsler. Teve posturas
adoraveis de bufoneria, passos indescriveis de
phantasia irregularidade e movimentos para fa-
zer morrer de riso os espectadores. Filha do ar,
cahia pesadamente sobre o tablado, onde seus
passos retumbantes marcavam o compasso com tan-
ta força como o director da orchestra com a *ba-
tuta*. Naquelle momento voltou-se Montreuil pa-
ra o chefe dos *alabardeiros*, cujas vistas seguiam
todos os seus movimentos, e lhe fez um signal.

Naquelle momento levantou-se um furacão
de murmurio e de risadas afogadas. Lalake, atur-
dida com semelhante resultado, foi occultar a sua
turbacão nos braços do Vestris da companhia que
representava um vento do Norte.

Sua Magestade Wardemburgueza ao ouvir
aquelles murmurios e mostras de desaprovacão
batendo com o punho no balaustrada dourada do
seu camarote, exclamou :

— Imbecis ! Barbaros ! Attremem-se a cri-
ticar essa bailarina !

— É encantadora ! — disse o camarista.

— *Maciza*, — ponderou o favorito que cria
poder abusar até á franqueza do favor de S. M.

— *Maciza* — disse o Rei, — acaso criticas
a riqueza dessa natureza ? Mas é original sobre
tudo... Cria um genero... um estylo... baila
d'uma maneira pesada, a qual não se havia visto
nunca.

— Ouve-se a bailar, — disse o camarista, — interessa a todos os sentidos: aos ouvidos ao mesmo tempo que aos olhos.

— E' o que póde chamar-se uma bailarina *solida* — lhe disse o rei. — Acho-a admiravel.

E o rei dirigiu para Jupin seu real oculo.

Proseguiu a funcção e Lalaké intentou cobrar alentos.

— Aqui ha algum trama, — disse ella ao director, — alguma rival quer perder-me, mas juro que hei-de ser mais forte que ella.

— Sim ha algum trama, — disse galantemente o director, — o vosso talento o reduzirá a nada.

Lalaké bailou um segundo passo. Terminava por uma especie de *wals* na qual a bailarina atravessava o theatro fazendo piruetas sobre si mesma com um gracioso redemuinho de blonde e flores. Aquella manobra coreografica que tinha executado mil vezes na rua de Lepelletier, lhe era mui familiar. Contava com o effeito que havia de produzir para captivar o publico, e talvez o houvesse conseguido se ao chegar radiante ao extremo do scenario não houvera encontrado com a vista a dama do procenio.

Ao vê-la Lalaké esqueceu tudo; não viu mais que o semblante frio e sardonico d'aquella mulher que lhe apparecia repentinamente para zombar da sua audacia e da sua vaidade.

— Tiennette, disse. — A feia aqui.

E em vez de cair d'uma maneira regular com um pé para traz, uma mão para diante, o sorriso nos labios, e o cinto de blonde no ar, como requeria o seu papel, a filha do ar ficou immovel em uma posição de pasmo.

Montreuil tocou em Muller com o cotovelo.

— Este é o momento, — lhe disse, — assobiai.

Roussignan Muller deu um salto como se houvera sido tocado por uma pilha voltaica.

— Que dizeis? — perguntou.

— Assobiai, — lhe disse imperiosamente Montreuil.

Roussignan, cedendo ao ascendente que tantas vezes o tinha feito obedecer, lançou ao ar essa nota aguda e estridente que a inveja ha tomado dos reptis, que serve de senha aos salteadores, e que a gente do theatro olha como o ultimo termo de humiliação sobre a terra.

Era inelavel a reacção.

Montreuil calculava bem em pensar assim. Então foi o Rei quem deu o signal. Furioso de ver violadas d'aquella sorte as leis da ethiqueta, começou ostensivelmente a dar palmas.

Montreuil fez ao mesmo tempo novo signal ao individuo já designado, e uma salva de palmas se elevou de todá a parte imitando a S. M.

Desde aquelle momento foi permittido a Lalaké fazer quanto quiz, posturas excentricas, pas-

tos aventureados, tudo foi saudado por vivas entusiastas. A filha do ar se elevou até ás nuvens. — O meu plano era seguro, — disse com sigilo Montreuil. — O Re tornou-se entusiasta por espirito de contradicção, e arrasta os espectadores a seu fim.

— A minha bailarina triumphou, — murmurou Bibenbrock — Mas não podia ser outra cousa. Era demasiado má para não alcançar um bom exito. Já mais tive a dita de ajustar outra peor. E' mais um triumpho! mais um triumpho.

Em quanto a Roussignan, denunciado pelos circumstantes que se achavam junto d'elle, preso pela tropa, e arrastado aos corredores pelos agentes da policia, cahiu desmaiado, em cujo estado foi conduzido por quatro soldados como perturbador.

Quando recobrou o sentido, encontrou-se no carcere da cidade, só em um calabouço em companhia d'um pão negro, e d'uma bilha d'agoa.

— Sou francez, — disse e peço que se me solte quero recorrer ao meu consul.

— *Still!* — gritou atravez da grade da prisão o sentinella que ali estava postado, e que não entendia nada dos lamentos do preso.

— Quero sahir, — exclamou Roussignan Muller movendo os ferros como um leão que faz tremer sua gaiola.

Então o soldado Wardemburguez enfadado, querendo amedrontra-lo deu um grito ameaçador,

batendo ao mesmo tempo uma forte pancada na porta da prisão com a culatra da arma.

— Não sou o que se pensa, — accrescentou Roussignan, — quero explicar-me; eu farei revelações.

O sentinella passou d'aquella vez sua baioneta atravez dos ferros e Roussignan retrocedendo vivamente cahiu na cama.

— Falço Montreuil, — disse consigo, — que me impediu inforçar-me!

Em quanto que o timido successor do verdadeiro Muller se lamentava dos seus novos infortunios, o auditorio inteiro do theatro de Wardemburgo, seguindo o exemplo real, chamava fóra com grandes acclamações a bailarina, que segundo a festiva expressão do camarista de S. M. inaugurou o baile *que se ouve*; isto é o passo sonoro na região do ar.

Apresentou-se conduzida pelo administrador, commovida e risonha ao mesmo tempo, com a mão direita no coração, e depois de ter assim expressado o seu reconhecimento fez uma profunda reverencia para o camarote real.

Então cahiu a seus pés um ramalhete: era de Tiennette que acabava de arroja-lo ironicamente aos pés da sua antiga amiga.

— E' deliciosa! — exclamou Benedicto I.^o — que tal, senhor ministro?

O favorito do dia respondeu: o ministro

— Sim senhor, regular... um palmito um pouco exquisito.

— Exquisito! — replicou vivamente o Rei; — creio que disseste exquisito.

— Entendo por isso, — disse o ministro, — *a belleza do diabo*.

O rei não necessitou mais. Immediatamente o apostrophou com a maior dureza, e lhe disse que no dia seguinte apresentasse a sua dimissão.

— Que te parece a ti, camarista?

— Senhor, — respondeu o camarista mais condescendente que o ministro, — como não hade ser encantadora se teve a dita de agradar-vos? V. M. é de tanto gosto!

— Quero eu mesmo dar-lhe os parabens, — disse o Rei, — i-de chama-la.

O camarista inclinou-se e voltou pouco depois com a bailarina que apenas tinha tido tempo, para lançar um abrigo sobre o seu trage de antiga divindade.

O rei de quem até agora temos traduzido em francez as palavras allemans, contemplou um instante a bailarina com o mais gracioso sorriso de satisfação; e valendo-se depois da lingua franceza, que fallava com um accento germanico bastante pronunciado, lhe disse com tom bondoso.

— Hei querido dar-vos o parafem, bella menina; honrais a Vrança, porque sois vrancessa, não é verdade?

— Sim, senhor, — disse Lalaké que já tinha aprendido aquella maneira de expressar.

— Ah! mui pien, mui pien! sois bonita, tendes um grande talento. Quero provarves a minha satisfação. Até depois, menina.

Aquella scena de congratulação official elevou ao maior auge o triumpho da bailarina. Uma multidão entusiasta a esperava á saída do theatro. Desprenderam os cavallos da carruagem, e foi levada em triumpho a sua casa á luz de archotes e ao ruido das aclamações. Não tinham decorrido dez minutos depois que chegou á hospedaria da *Agua Negra*, onde Montreuil mandou preparar uma deliciosa ceia para ella e demais companheiros, quando foi dar-lhe uma serenata a orchestra do theatro. Viu-se obrigada a sahir cinco vezes á janella para saudar a multidão, que respondia com unanimes bravos.

Até uma hora mui avançada não se restabeleceu a ordem.

— Victoria! — lhe disse Montreuil o mesmo que Pé-ligeiro e Dabiron quando puderam enfim ceiar tranquillamente.

— Ou muito me equivoco ou Numa Pompilius sonha neste momento com a sua futura Egeria. Demais succeda o que succeder, já não somos aqui desconhecidos; temos um partido na corte, e desde amanhã poderemos começar a desmascarar um pouco as nossas batarias.

A Júpia sonhou pela sua parte em Numa

Pompilius. Viu em sonhos palacios sceptros, corôas, e creio que ia a ser transportada em caruagem puxada por oito cavallos, com guardas acavallo ás portinholas.

Mas ao despertar no dia seguinte, o primeiro objecto que divisou sobre uma mesa da sua habitação, foi o ramalhete de Tiennette, que tinha levado do theatro sem occupar-se mais d'elle.

— Ah! disse, — são as flores da feia; tinha-as esquecido. Que gloria é ser applaudida por semelhante mulher, e como vai a fallar-se de mim em Pariz!

E tomou então o ramo.

Mas é uma cousa singular! accrescentou, ha aqui um bilhete entre as rosas!

E tirou um papel que continha as palavras seguintes, escriptas pela mão de Tiennette, *Sefamos humildes no triumpho; ás vezes occulta-se a serpente sob as flores.*



CAPITULO IX.

COMO SE FORMA UMA REPUTAÇÃO.

No dia seguinte só se fallava na cidade do triumpho obtido na noite anterior por Lalaké. A capital de Wardemburgo, ordinariamente tão socegada, e em cujas ruas brotava a erva symbolicamente como o tedio dos espiritos, pareceu despertar-se de repente ao ruido dos applausos.

O *Diario da Corte*, unico periodico d'aquelle paiz modello, deu conta immediatamente da brilhante representação. O artigo tinha sido redigido por Montreuil e remettido por Dabiron, administrador da sociedade, á redacção do periodico que o inseriu, como o primeiro, a razão de um tanto por linha. Diremos apenas algumas linhas para não fatigar os nossos leitores.

« São doze horas e meia da noite. Acabamos de sahir do theatro sob a impressão mais doce e agradável. Nunca tinha seduzido as nossas vistas espectáculo mais delicioso, nunca auditorio mais elegante, mais perfumado de flores, mais resplandecente de diamantes ha batido as palmas a tantos encantos, jamais enfim, foi acolhido com maior enthusiasmo um talento de primeira ordem. O ceo coreografico conta para o futuro mais uma estrella. O publico tão illustrado da capital de Wardemburgo, esse tribunal severo, que julga sem appellação, as reputações europeas, acaba de euthorgar com seus applausos a M.^{te} Lalaké, chamada a Jupin primeira, adoravel transfuga da academia real de Pariz, essa consagração suprema sem a qual os artistas de todas as Nações olham sua fama como incompleta. A sua victoria ha sido tanto mais brilhante quanto que, graças a um trama insensato, urdido por indignas rivalidades, tinha querido obscurecer o seu brilho.

« Vinte salvas de applausos, seis chameamentos e uma chuva de ramalhetes vingaram nobremente a artista de tão odiosa tentativa, e para que nada faltasse ao seu triumpho, S. M. a mandou subir ao seu camarote para manifestar-lhe seu real agrado com essa graça esquisita que dá tanto valor a cada palavra que sae de sua augusta bocca. »

Não poderemos enumerar os infinitos rama-

lhets as cartas sympathicas os regalos as ternas declarações que se lhe dirigiram ao partir daquelle momento. O mesmo rei entrou tambem no numero dos que a brindaram.

O director do theatro não ficou inferior em generosidade. Porem em vão solicitou mais repetições de espectaculos do *formoso talento* da Jupin 1.^a offereceu-lhe sommas fabulosas, appellou á influencia do ministro do Interior e outras personagens; tudo foi inutil; a bailarina permaneceu inflexivel de acordo com os conselhos de Montreuil, cujo fim ella não comprehendia, mas a cujo ascendente estava sujeita, o mesmo que os demais companheiros.

— Nada ha tão variavel como a popularidade — dizia Montreuil á bailarina. — Conseguistes uma victoria, ficai-vos com ella, e não vos exponhais a uma derrota com outra tentativa. Nunca se tem visto ganhar duas vezes seguidas o premio grande da lotaria — O theatro era só para nós a ante-sala d'uma scena mais vasta. Para o futuro necessitamos já maiores triumphos. Alem do que, se hei de fallar-vos francamente a presença de Tiennette, que me dissesteis ter conhecido n'um camarote, á qual não posso attribuir nenhum motivo plausivel. Mas emfim estais segura de que era Tiennette?

— Ainda o duvideis? Pois é possivel haver no mundo outra mulher tão feia como ella!

— É verdade. Pois bem, essa presença tão imprevista, tão extraordinária e tão enexplicavel confesso que me inquieta quasi tanto como me assombra.

— Fazeis mal. Talvez seja a casualidade a causa. Tiennette foi sempre dada á mania das viagens.

— Sim, porem não por sua propria conta. Mas quando ella se mistura em alguma coisa pôde ter-se por seguro que não é boa. Será preciso que eu me informe. Até então é excellente a nossa posição: conservemo-la, e deixemos vir os acontecimentos.

Entre tanto continuou Lalake negando-se a todo o compromisso, levando a vida mais modesta e não sahindo senão a passeio ou á igreja. Dabiron entregou-se como de costume, ás gigantesas combinações financeiras que lhe faziam es-truir tanto papel. S. M. *Pé-ligeiro* recebeu algumas lições de allemão, para poder, chegado o momento, dar as respostas mais indispensaveis. Roussignan-Muller permaneceu provisoriamente na prisão, afim de livrar-se a companhia de seus temores habituaes; e respeito a Montreuil, para aproveitar o tempo, visitou as pessoas de distincção, a quem tinha conhecido no baile do empresario. Conferenciou mui particularmente com o primeiro medico da camara relativamente á saude moral de S. M. Benedicto 1.º cujo máo hu-

mer tinha peorado desde a brilhante funcção da bailarina franceza.

Faltando-lhe a unica distracção a que se teria entregado com o maior gosto, depois da negativa da bailarina, cahiu insensivelmente em uma profunda melancolia. O mesmo camarista que se accommodava de ordinario a quanto annunciava seu augusto amo, apenas se atrevia a fallar-lhe senão por monosylabos.

Reuniu-se o conselho e deliberou sobre aquella enfermidade mental que parecia chegar a um desastroso apogeo. Todos os doutores presentes affirmaram que o rei estava triste por falta de distracção. A respeito dos meios curativos houve diversas opiniões. O phisico mór, com quem se visitava Montreuil, homem mais versado nos conhecimentos philosophicos que na arte de Hippocrates e de Galeno, accommetteu só a empresa de curar a seu augusto enfermo.

— Senhor, — lhe disse certa manhã, — estais enfermo.

— Enfermo! replicou o Rei que guardava ao doudor uma defferecia igual ao temor da morte. — E' do coração, da cabeça, do estomago?

— É do baço. Esta viscera não tem dilatação sufficiente, e vos proporciona muitas tristezas.

E' verdade doudor que estou aborrecido a aborrecer-me. Que deverei fazer? Que tisana necessito tomar?

— Tisana de Champanha.

— Como! Champanha! é um vinho de amigos que é preciso bebe-lo com outro pelo menos, brindando, cantando com uma companhia agradável.

— Ah! Então com quem posso eu faze-lo? Estou viuvo sem filhos, e não tenho senão cortezãos capazes de fazer dormir de pé a qualquer.

— Os homens são demásiado graves, — disse o douctor: — uns o são para occultar o seu talento, outros para occultar a sua estupidez. Porque não tomais uma companheira?

— Uma mulher! — exclamou Benedicto 1.º escandalizado.

— Tudo se compensa, mas como sociedade accidental pôde por sua graça e seu goso dissipar vossa hypocondria,

— Ah! acreditais — disse o Rei, — que a companhia d'uma mulher...

— Sim, tal é a minha opinião, — respondeu o medico — Receito-vos uma dose composta de muita juventude, de alguns grãos de talento, de meio grão de malicia para distillar n'um conjuncto de galanteio e de alegria. Eu respondo pela sua efficacia.

Naquelle mesmo dia, o rei fiel ao conselho do seu medico, mandou chamar Lalake ao palacio para que bailasse alguns passos, já que se negava a apresentar-se em publico.

— E que farei neste caso? perguntou a bailarina a Montreuil, — que direi ao Rei?

— Tratai-o com confiança. Figurai-vos que em vez de chamar-se Benedicto 1.^o é simplesmente um Brionde, um Dabiron, ou um Appencheir, algum dos trez monarchas que hão reinado no vosso coração. Mostrai-vos tal como sois, viva, galante, com algumas qualidades boas e muitos defeitos.

— Comprehendo, — disse Lalake, e que farei quando haja subjugado aquella cabeça quadrada?

— Seguir por diante, e para isso vos darei as convenientes instrucções.

No dia seguinte era intruduzida a bailarina pelo camarista no gabinete particular do rei. Tinha escolhido para tal circumstancia um traje de mulher do mundo: vestido de setim preto, mantelete da mesma côr, chapéu preto ornado d'um veu, obra prima das fabricas inglezas. Não levava, nem diamante, nem perolas, porem o collar e os brilhantes de azeviches, que tinha perferido para tão memoravel entrevista, realçavam ainda mais pelo contraste com a brancura da sua cutis. Assim vestida fez a sua entrada no palacio real, simples, severa e magistralmente, segundo os conselhos de Montreuil.

Porem jamais póde julgar-se pelas apparencias.

CAPITULO X.

COTILÃO QUARTO.

No momento em que Lalaké foi introduzida no gabinete do Rei de Wardemburgo, estava S. M. negligentemente sentado n'uma grande cadeira adornada com as suas armas e um falcão com trez cabeças.

O aborrecido monarcha estirava os braços como um simples mortal que combate inutilmente um somno permaturo, por que apenas eram duas horas da tarde.

Ao vêr a bailarina, cuja visita tinha solicitado, levantou-se, fez signal para que se lhe chegasse uma cadeira, convidando-a com um gesto a tomar assento, e se collocou em frente della.

O camarista executou a ordem e retirou-se

— Aproximai-vos, linda menina, — lhe disse graciosamente, — e não tenhais biedo de mi.

— Eu medo? — respondeu ella. — E por que? por que sois um Rei? Nada disso. Tenho visto já muitos ha dez annos a esta parte.

— Gomo! tendes fisto a muitos reis?

— Sim, senhor: a pé, a cavallo, em coche, no throno, de casaca, com couraça, com capa, com sceptro, com espada ou vengala na mão e outros que ganhavam cincoenta francos ao mez.

— Oh! — disse o Rei, — e tonte?

— Onde? Na Academia real, com a fortuna, nas operas, e nos bailes de grande espectáculo.

— Ah? mui piem! mui piem! Gompreendo Reis de dheadro. Isso ser muito vulgar. Quanto me difertiria se assistisse a essas difereiones tão variados.

— Estais aborrecido, senhor?

— Sim, por cuja razão, ordenei que viesseis á minha presença. Sois tão ligeira, tão bonita, tão alegre, que desejaria baillasseis um pouco para fazer-me rir.

— Bem, que quereis! Uma poloneza, uma hungara, uma walsa, uma polka, uma redowa, uma mazorka, ou uma caxucha?

— Oh! *erott der weld*: uma caxucha.

— Na verdade, senhor, que não tendes máo gosto: pois bem, mas com uma condicção, e é

que haveis de bailar comigo. Estou cansada de bailar com reis suppostos. Quero ao menos uma vez na minha vida bailar com um rei verdadeiro. Juro-vos, que isto fará exasperar muito as minhas companheiras de Pariz.

— Oh! oh! — exclamou Benedicto 1.^o vacillando entre o bom desejo que tinha de divertir-se como homem, e o temor que experimentava de faltar á ethiqueta como rei. — Um zoferano não deve bailar; isso ser indecoroso.

— Como indecoroso? É uma severidade! Não bailar um Rei. Pois não fazem outra cousa os desgraçados! Precisamente são elles os que abrem sempre os bailes. Luiz XIV. entregava-se a elles com furor. Os reis da antiguidade bailavam sempre nas ceremonias publicas, ao menos assim o ouvi dizer. Mas emfim como quizerdes; as opinioes são livres.

Fallando assim a louquinha figuranta da opera, saltava pelo gabinete real, como o tinha feito em outro tempo em casa de Dabiron, de Brionde e de outros muitos.

Para não faltar aos encargos do seu director de que seguisse em tudo com os costumes que a faziam tão comicamente seductora, ensaiava passos, fazia piruetas, punha-se em diversas actitudes, colhia um por um os objectos que adornavam as mesas e jardineiras, perguntava o que eram, examinaava-os, não esperava pela resposta para dirigir outra pergunta, tornava a colloca-los no

seu logar, ou deixando-os cahir se ria do accidente, saltando depois de cadeira em cadeira como mariposa de flôr em flôr.

S. M. a olhou no principio com assomhro, depois com inquietação, com curiosidade, com interesse com prazer, e acabou por divertir-se infinitamente com aquelle exercicio insensato, do qual não tinha ideia até então.

Lalaké parecia-se muito pouco ás encapotadas senhoras, que convertiam a Côrte n'uma reunião de momias vivas; tão pouco se assimilava ás que tinham dirigido ao Rei seus mais ternos sorrisos, e só o contraste teria sido bastante para fazer as maneiras da baillarina mais incitantes aos olhos do monarcha. O seu espirito, cançado de obediencia, de dignidade e de respeito, experimentava a necessidade de alguma franqueza e desenvoltura por amor sequer da novidade. A guerra das contradicções que fazia aos seus ministros não bastava a distrai-lo.

— Ser fos mui graciosa, — exclamou começando a rir-se.

Era aquella a primeira vez depois de muitos annos.

— Acreditais isso? — replicou Jupin 1.^o com certo ar jocoso. — Não sois vós o primeiro que m'o diz!

— Bem o sei pois li a vossa fiographia na qual tem logar o bastor brotestante da rua Bawec Saint-Antree — tes — Arcs em Pariz.

— Deixai-me em paz ! Isso é um aparte !
— interrompeu a bailarina, a quem a recordação do *canard* platónico de Montreuil poz um instante de máo humor.

— Um abarte ! — repetiu S. M. cuja erudição no idioma não chegava a comprehender aquella phrase da moda. — Não gombrendo disse em fim o monarcha.

— Em fim, não importa, — respondeu Lalaké crendo que seria imprudente em dar um desmentido á narração do seu historiador. Olá, que é isto ? — continuou ella para mudar de conversação, saltando em cima d'um canapé, afim de aproximar-se a novos objectos que chamavam a sua attenção.

— Ser os retratos dos meus noples antepassados — respondeu o rei.

— Oh ! que cabeças ! — exclamou sem respeito algum Lalaké, — estes são os vossos antepassados ? Na verdade vos digo que não tem nada de bonito ! Por isso não vos dou os parabens. São uns ratões ! Com tudo o semblante do ultimo é mais agradável.

— Esse é mi badre.

— Ah ! é o papá ? Mas papá que ? vós outros só usais os nomes do baptismo, por isso jamais se sabem os vossos de familia.

— O meu aucusto antecessor chamava-se o conte te Zanau, antes te sufrir ao throno que me teixou.

— Pareceis-vos com effeito a elle, mas é pelo feio, eu conheço um não sei d'onde, que se parece a vós também no formoso.

— Quem póde ser esse?

— Esperai, pois ... sim .. não, não .. nada. Decididamente renuncio a isso. Mas seguramente conheço um d'esse typo, e deve ser em Pariz. As semelhanças por outra parte não significam nada, cada qual as busca á sua maneira.

— Ah! ah! — replicou o rei continuando a rir pelas travessuras de Lalaké — isso merece que nos riamos um pouco.

— Um pouco. Ora um pouco é demasiado pouco! Necessitamos rir muito.

— Ser essa a opinião do nosso primeiro medico pois me mandou a vossa companhia para não aborrecer-me.

— Quer dizer, que me transformou em emético? Graças pela commissão! Mas por o demais tem razão; divertí-vos, senhor.

— Eu o quero, mas ser difficil.

— Difficil? Ao contrario, nada mais facil. Conheço uma multidão de gente que tira partido de todas as diversões e que seria incapaz para fazer outra cousa.

— Mas, gomo?

— Como? Ha mil meios; ha passeios a pê, a cavallo, em carruagem. Ha tambem theatros, bailes campesters, de mascaras, de sociedade, concertos, *charivaris*, canções burlescas, roman-

ces sentimentaes e alegres. Tambem a pintura, a natureza, a historia de Wardemburgo e novellas de Paulo de Kock. Ha jogos, de cabra cega, quatro cantos, charadas, proverbios, comedia de sociedade e outros mil. Ha almoços, jantares, e ceias esplendidas. Ha jogo do dominó, de dados, de bilhar, do wisth e da droga.

— A troga? — interrompeu o Rei — Que entendeis bor isso?

— Como, senhor, não conheceis a droga? Um monarcha tão illustrado como vós! Mas para que serve então ser Rei? Estou segura que não ha um dos vossos soldados que deixe de conhecer este jogo como seu pai e sua mãe. E na Opera não se joga outra cousa nos corredores durante os entreactos. Já vê-des, senhor, como se vos occulta a verdade. Mas tranquillizai-vos, vou revelar-vo-la. Sabei que a droga, é um jogo de cartas mui divertido, onde o que perde a partida colloca sobre o nariz um pedaço de madeira furado em lugar de oculos, que conserva por uma especie de castigo até que ganha á sua vez e passa o cavalete aos desgraçados narizes do que perde, e assim depois até a consumação dos seculos. Não podereis figurar-vos, senhor, o chistosa que é tal diversão. E' para morrer de riso.

— Vamos! jogar a troga.

— Devagar, não tendes tanta pressa, senhor. Emfim, consinto nisso; mas tomarei a liberdade de fazer-vos observar que não se joga a-

gradavelmente senão com garfo e faca na mão. São cinco horas da tarde, é já tempo de tomar alguma cousa. Tenho um prazer de aceitar a merenda que queirais offerecer-me. Oh! meu Deus! quasi nada, um pedaço de qualquer couza: fiambres, presunto de Maguncia, salmão, salada de lagostã, cinco ou seis classes de pasteis, doces variados.

— Bravo! bravo! — exclamou o Rei surpreendido da volubilidade da sua linda comensal, porem encantado da diversão original que ella misturava á monotonia de seus costumes reaes. Bravo! ides a ser servida.

O camarista se apresentou ao primeiro toque da campainha que o rei fez resoar e este lhe deu algumas ordens em allemão.

— Perdão, senhor mordomo, — exclamou a bailarina detendo o camarista que se dirigia para a porta para executar as ordens de seu amo. — Estou tão assombrada, que me esquecia do essencial: a parte liquida deste improvisado banquete.

— Comprehendo — disse o zeloso empregado, — virá tambem cerveja.

— Cerveja! — interrompeu a bailarina com horror. Por quem me tomais acaso? Cerveja! Eu não admitto no meu copo mais que *laffite*, *chambertin* e *champagne*.

— Champagne? Oh! Mui bem! — exclamou o Monarcha, — é essa mesma tissana que me receitou o medico.

— É mui natural! Mas entendamo-nos, —

acrescentou a bailarina, acostumiada ás ceias da casa de Ouro, — hade ser do bom. Ha Champanha, de champanha como ha camarista de camarista. Eu quero de Cliquot, e nada mais que desta classe. Agora, pois, que estamos no caso de comprehender, attenção ás ordens: Pelo flanco direito, pela fila esquerda, passo dobrado, de frente marcha!... como me dizia ás vezes um pobre diabo conhecido meu, ex-sargento da guarda nacional de Paris.

— Oh! acrescentou de novo o Monarcha com um tom em que se revelavam os ciúmes, — quereis fallar mais do hastor protestante da rua Bawee Saint-Antree-tes Ares?

— Ah! Sim! — respondeu Lalaké, em quem tão gratuita supposição afogou todo o seu máo humor. — Pobre Briondel Era na verdade um pastor singular.

Entretanto o camarista se tinha inclinado profundamente ante Lalaké e sem aguardar mais ordens de seu amo se apressou a sair.

Por desgraça a mantearia real não estava n'aquella occasião mui bem provida para poder realizar-se immediatamente o succulento programma da nascente favorita. Foi preciso recorrer ás principaes armazens de comestiveis, e de vinhos engarrafados. Sahiram cincoenta e dois soldadas a cavallo em todas as direcções com pena de oito dias de prisão, se tardavam ou não levavam o que se lhes havia encarregado.

— Similhantes corridas de tanta cavallaria através das ruas da cidade, ordinariamente silenciosas, poz em alarma a toda a população Wardemburguesa. Julgou-se em geral que acabaria de rebentar em França alguma nova revolução, por que sempre que as ha em França se commove mais ou menos a Europa.

Os nossos viajantes não participaram menos do sobresalto.

— Que significam essas carreiras? perguntou Tiennette a M. de Labanoff com quem estava então conversando na Hospedaria dos *Tres macacos*, onde ambos se tinham hospedado. — Acaso terá rebentado o plano dos conjurados antes do que tínhamos pensado?

Labanoff se apressou em sahir á rua para saber noticias.

— Olá! Que correrias tão estranhas! — disse pela sua parte Montreuil a Dabiron, com quem estava deitando contas do que costava a glória coreografica de Lalaké na sua habitação da Agua Negra.

— Que significa semelhante movimento de tropas? Acaso terá commettido alguma indescricção na còrte a nossa louquinha? Ter-se-hão descoberto os nossos planos? Serão essas medidas de segurança publica! E por ordem de Montreuil sahio tambem Dabiron á rua para colher noticias.

Enquanto a Rousignan Muller, não se assistou menos no fundo do carcere, onde conti-

nuava renegando de Montreuil. Julgou que era um regimento de cossacos para o fuzilar; mas elle não pôde sahir como os outros para se informar do que se passava.

Labanoff voltou pouco tempo depois da sua sahida para o lado de Tiennette.

— Não é nada, — disse, — tranquillizai-vos; só se trata de presuntos, gallinhas e outras frioleiras com que sua estravagante magestade quer regalar-se sem companhia da bailarina.

Dabiron tambem voltou logo dizendo a Montreuil:

— Continuemos as nossas contas: é questão de Champanha para brindar Sua Magestade com a nossa seductora cúmplice. Vamos a concluir, pois os nossos negocios não se apresentam mal de todo.

Emquanto que a cavallaria wardemburgueza galopava pelas ruas da capital em serviço da patria, o benigno Monarcha, e sua alegre companhia estavam jogando a droga para passar o tempo. S. M. tinha perdido trez vasas seguidas, e o seu augusto nariz se via coroadado do burlesco instrumento de supplicio, quando o camarista entrou na camara com ar triumphante seguido de dez criados, que levavam uma mesa perfeitamente provida, sobre aqual reconheceu Lalaké com alegria todo o serviço da sua lista.

— Francamente, — lhe disse ella saltando de alegria, — isto vos faz honra, senhor cama-

rista: É um verdadeiro festim de Balthasar. Não se improvisa mais ligeiro antes no ambigú de Pariz: Portas-te-vos bem naverdade. É dever meu alentar o talento nascente. Supponho que nada de tudo isto será de cartão, pois que seria levar a imitação demasiado longe.

O camarista sorriu-se por toda a resposta, e não se atreveu a dizer nada porque S. M. não tinha despregado os labios.

À vista dos criados quiz o Monarcha, por dignidade, tirar do nariz as forcas caudinas que o opprimiam; mas a inexoravel bailarina, se oppoz a isso vivamente.

— Não, não ha amnistia! — exclamou — Soffrereis até ao fim o vosso castigo. Tendes que conservar a taboinha emquanto durar a merenda; essa é a regra, que em nada deve alterar-se.

— Sois muito rigorosa! — disse o excellente Rei, soffrendo o castigo de sua linda convida.

— E' muito, muito rigorosa, — se apressou em repetir o camarista.

O rei e Lalake sentaram-se á mesa. Durante a comida reinou a maior alegria, graças ao numen inexgotavel de Lalake e tambem ao Champanha que não andou escasso. O certo é que Benedicto 1.^o não se tinha visto ja mais n'uma festa semelhante. O seu baco se dilatava pouco a pouco como tinha dito o seu medico; o humor negro passava successivamente a pardo, claro e

a branco, a sua physionomia recobrava por instantes vida e animação, e mais d'uma vez gargalhadas estrepitosas despregaram seus labios que o tedio tinha cerrado por tanto tempo.

— Sim, sim! — exclamou aos postres uma voz ligeiramente comovida, — repito outra vez que sois muito rigorosa, muito linda, e que amo abacionadamente o vosso dastor brodestante da rua de Bawee Saint — Andre — tes...

— Chiton, senhor! — interrompeu a bailarina, que não podia acostumar-se áquella platónica invenção. Nem uma palavra mais sobre esse assumpto! Não me perturbeis tão gratos momentos! Ah! mas é que...

Durante o convite, o camarista não cessou de ir d'uma sala á outra para cuidar que não faltasse nada ao serviço. Quando Laake impunha silencio ás zelosas insinuações do Monarcha, o obsequioso personagem entrou assustado na sala do festim. Annunciou ao Rei com tom triste e com gestos de espantó, que acabava de reunir-se o conselho de ministros no local das suas sessões e supplicava a sua S. M. que se dignasse receber as importantes communições que tinha a fazer-lhe. Tratava-se da salvação do Estado. Um estrangeiro, um francez, preso em consequencia do seu proceder sedicioso a respeito da illustre bailarina do seu paiz, tinha promettido na prisão revelar grandes cousas, e isto tinha feito pôr em alarme a policia,

Das pesquisas que tinha feito a policia, se havia descoberto uma imprensa clandestina ao serviço dos conjurados desconhecidos, tinham-se encontrado escriptos subversivos em varios sitios publicos, tinham-se arrancado pasquins de algumas esquinas nos quaes se atacava perfidamente o direito hereditario do Rei. N'uma palavra, tudo annunciava a existencia d'uma vasta conjuração, da qual não se conheciam ainda os authores nem os cúmplices; mas que tendia a iranstornar o Wardemburgo, e a mudar violentamente a ordem de successão ao throno. Em tal estado de cousas os fieis conselheiros de S. M. tinham corrido ao seu lado, para pedir-lhe as suas ordens, defende-lo com o seu corpo, e assegurar-lo com sua inviolavel abnegação.

Lalaké não tardou em reconhecer a Rousignan Muller no preso demasiado fallador, aos anthores da conspiração em Moutreuil, Dabiron e *Pé-ligeiro*, e á sua indifferente auxiliar na sua propria pessoa. Era preciso preservar a todo o custo a sociedade do perigo que podia ameaçá-la bem depressa por falta d'um dos seus membros.

— Diabo! diabo! — exclamou o Rei contrariado mais que pela gravidade da noticia, por que interrompia um dos seus momentos tão gratos. É um lance bem inoportuno! Mas não ha que vacilar: diz aos ministros, que vou reunir-me a elles.

S. M. levantou-se da mesa e deu dois ou tres passos em direcção á porta.

— Como ! senhor, mandas-te chamar-me ao palacio para deixar-me ao primeiro pretexto que apparece? — exclamou Lalaké detendo-o familiarmente pelas abas do seu *fraque*. — É uma falta de delicadeza, sobre tudo da parte d'um Rei que devêra suppo-lo bem educado! Ides a dar a todo o bello sexo do Universo uma linda ideia da galantaria dos Monarchas do Norte! Mas não, eu não o soffrerei pelo interesse da vossa gloria! Senhor camarista, — accrescentou, dirigindo-se para aquelle personagem que tinha ficado sobre o limiar da porta esperando o Rei: — ide dizer a esses senhores que são uns insensatos, uns cobardes ou ambiciosos, que inventam esses boatos, que se inquietam por puras chiméras, para se mostrarem zelosos á custa de Sua Magestade. Dizei-lhe que neste momento tanto o ameaça a uma conspiração como ao grão turco. Que se retirem, que attendam aos seus negocios, e sobre tudo que se guardem de incommodar o Rei com similhantes invenções, porque senão dimitto-os. E hão vindo para isso entristecer S. M. Já que lhe tenho infundido um pouco de bom humor não permittirei que venham desvanecer-lho de novo. Ide, cavalheiro, eu o mando e o quero. Em quanto a vós, senhor, já que me tendes chamado e vos tenho em meu poder, vos reclamo. É preciso que termine a nossa entrevista tão

alegremente como começou. Desejáveis vêr-me bailar, pois seja, e vos elejo para meu cavalheiro. Conversação, jogo, mesa, e baile; nada ha-de faltar á festa; completa, completa?

Ao dizer as ultimas palavras a louquinha bailarina colheu ao real hypocondriaco arrastou-o graciosamente atravez da habitação e o obrigou a bailar com ella seguindo o compasso d'uma *walsa* que tarateava.

Depois d'um quarto de hora de tão violento exercicio deu ella liberdade ao seu par, e deixando-se cahir em uma cadeira começou a rir estrepitosamente.

— Tem razão! — exclamou Benedicto 1.º cahindo tambem n'outra cadeira, fatigado, mas cheio de goso, — ao diabo os imbecis, os cobardes. Meu Deus! que bonita é.

— Sim, senhor, — repetiu pela sua parte o camarista. — Meu Deus, que bonita é.

E seguindo os dois o exemplo de Lalaké se entregaram ao excesso de inextingnível hilaridade.



CAPITULO XI.

PRECURSORES.

Os ministros de Sua Magestade Wardemburguesa não se tinham inquietado sem razão. Tinham occorrido scenas estravagantes e incomprebensiveis na prisão onde estava detido o insolente que tinha assobiado a Lalaké no seu debute.

Porque teriam permittido os companheiros de Roussignan Muller, que permanecesse na prisão, quando lhes era facil reclama-lo, pretextando um momento de embriaguez seu capricho estravagante, uma ignorancia natural dos costumes do paiz? Mas é que Montreul queria accrescentar ao papel futuro do captivo toda a parte sentimental que encerra a abnegação. Não se esquecia que tarde ou cedo fallaria Roussignan; mas

sabia tambem que as suas incoherencias não descubriam nada do essencial, dando importancia á conspiração as honras da perseguição.

Roussignan tinha-se aborrecido verdadeiramente na soledade. Os acontecimentos principaes da sua vida se tinham apresentado á sua mente como um immenso panorama. Tinha sonhado com seus dois tios rivaes, com sua inconstante prima, com o enterro de sua verdadeira pessoa; meditou soubre suas errantes viagens atravez da Europa, sobre sua tentativa de suicidio, e sobre o pacto enfim que com o tal Montreuil tão aborrecido. Desesperado com tão senistras recordações se tinha perguntado se era supportavel ainda a vida depois daquella nova e absurda perseguição.

— Sim! — gritou de novo ao sentinella, — que venha alguem que entenda o francez para fazer-lhe revelações; quero sahir d'aqui, quero jogar tudo por tudo. Que se me abra a prisão, que se me ouça, que tenho cousas mui graves que dizer.

O official que commandava a guarda tinha feito a campanha de 1814 com os exercitos alliados, entendia pois o francez deu parte á authoridade competente das violentas reclamações do preso.

Deu-se logo parte á policia, e um empregado do governo civil, acompanhado do comman-

dante da guarda, dirigiu-se á prisão para ouvir as daclarações do preso

— Que quereis? perguntou com enfado o empregado da policia a Roussignan.

— Quero a minha liberdade; estou cançado de arrastar-me de prisão em prisão.

— Vai elevar-se á presença do Rei uma informação da vossa insolente conducta — disse o funcionario e passadas algumas semanas estará decidida a vossa sorte.

— Algumas semanas? — exclamou Roussignan. — Em prisão as semanas são annos. — Quero dizer tudo não sou um assobiante vulgar, sou um conspirador.

— Um conspirador!

— Sim, um camarista do Rei legitimo desta nação, que vem reconquistar o throno de seus antepassados.

— Diabo, e como vos chamais?

— Eu?... espere um pouco... chamo-me Roussignan... não... Muller....

— Muller! — interrompeu o empregado da policia.

— Muller! repetiu o official.

— Não, não me chamo nem Roussignan nem Muller; chamo-me o barão de Remback; mas este não é o meu nome.

— Está louco? — disseram os dois interlocutores meneando a cabeça.

— Ah! que estou louco! — replicou Rous-

signan furioso por não poder fazer-se comprehender. E' porque tenho seguido naquellê paiz o filho legitimo da Condessa de Zauau? Porque se me impediu inforçar-me no bosque de Bolonha? Porque se me obrigou a assobiar a essa bailarina, afim de conseguir mais prompto a restauração do rei legitimo?

— Eis-ahi um apontuado, — exclamou o official.

— Com tudo, — replicou o funcionario de policia com vaidade — não comprehendo nada disso, mas conheço que é interessante. Interroguem-lo com manha e sobre tudo com doçura.

Dirigindo-se depois a Rossignan lhe disse:

— Dizei-me, amigo, quando deve rebentar a conspiração, e onde estão os cúmplices para mandar prende-los e entrega-los ao rigor das leis.

Similhante pergunta bastou ao preso para fazer-lhe abrir os olhos.

— Desgraçado de mim! — pensou então — Que fiz? Atrair sobre os meus companheiros um castigo terrivel depois de ter sido um cobarde. Infeliz de mim!

E cahindo sobre a cama, não respondeu nada ás numerosas perguntas que lhe fizeram.

O funcionario de policia retirou-se cansado de lutar, não sabendo por fim se era alguma demente ou um revelador timido. Em virtude destas noticias tinha-se reunido o Conselho de ministros, cujos planos se desvirtuaram por Lalaké,

graças á sua presença de espirito segundo temos visto. Montreuil tinha sentido a necessidade de preparar os animos para a restauração que meditava da dynastia legitima de Wardemburgo. Tinha feito imprimir a historia da condessa de Zanau sob todas as formas e tamanhos. A narração estava apresentada sob todas as phases e adornada com gravuras. Via-se a condessa despertar do seu lethargo no castello de Hildeburgo Hausen; presenciava-se no mesmo castello o nascimento do cavalheiro de Limburgo, seu filho; liam-se os permenores horrorosos sobre o assassinato daquelle menino feito já homem, explicando o texto e motivo de similhante assassinato attribuido ao pontual segredo dos usurpadores. Em fim encontravam-se ali noticias da maior ternura ácerca das desgraças do herdeiro vivo da victima, unico filho legitimo do defunto conde de Zanau, antecessor do Rei de Wardemburgo, e por conseguinte unico herdeiro legitimo do seu throno.

Estas diversas publicações teriam sido impossiveis a outro que não fosse Montreuil; mas elle servia-se d'ellas para dissipar os escrúpulos, e os temóres, do argumento irresistivel de que falla Beaumarchais — o ouro. Pagava vinte vezes o preço pedido e obtinha assim do interesse venal, o que em vão teria solicitado do desinteresse e da convicção.

Os folhetos, os programmas e pasquins uma

vez fabricados, foi preciso da-lhes a luz. Graças ao bezerro de ouro fez-se de tudo isso uma propaganda immensa. Não podia dar-se um passo na rua sem encontrar-se na mão um exemplar deste genero. Comprava-se tabaco e o envoltorio de papel continha uma lamentação da captiva de Hildeburgo Hausen; comprava-se um *fraque*, e nas algibeiras encontravam-se os prospectos legitimistas; toma-se n'uma loja de mercearia um pedaço de queijo e o papel que o envolvia reproduzia um fragmento. Era assim que se despertava na memoria da população Wardemburgueza a recordação dessa historia tanto tempo esquecida.

Em vista deste principio de efervecencia Labanoff foi visitar a Tiennette.

— Senhora, — disse o diplomata, — Já sabeis o que se passa?

— Sim, — respondeu.

— E julgais que não seja tempo de tomar precauções?

— Para que? Se se tratasse d'um pretendente formal teria que temer ou esperar, segundo o ponto de vista em que se tivesse collocado de ante-mão. Mas com quem temos nós que lutar?

Com um Smendis, com um Maturino Bruneau, com um louco. Deixe-mos o erro dos seus mesmos partidarios construir o pedestal da sua

supposta legitimidade; sempre haverá tempo de o derribar.

— Isso é também a minha opinião. As diversas pessoas que represento deixam caminhar a esta grotesca expedição afim de fazer impossivel no futuro pela incredulidade dos wardemburguezes qualquer outra tentativa de restauração. Querem manter a Benedicto 1.º no throno, porque não tem filhos, e pela sua morte, ficando a corôa sem successor, será dividido naturalmente o Wardemburgo segundo os tratados.

— Ah! — exclamou Tiennette, — é esse o pensamento das potencias unidas?

— E' provavel, alem de que esse golpe projectado não fará mais que apressar em proveito dellas o momento d'essa divisão pela qual tendes cooperado. Mas sabei também que as potencias não tolerarão a revolta de hoje senão na precisão da restauração de amanhã. Existe um verdadeiro descendente legitimo. Onde? Sob que nome? Em que situação? Com que projectos! Eis o que ellas ignoram e o que vos aparentareis saber.

Com effeito, — respondeu Tiennette com uma negligencia affectada e ligeiramente ironica, — tenho de tudo isso vagas suspeitas.

Affirma-se ainda que possuis certeza de tudo, e que tendes em vosso poder documentos que compravam a impostura do pretendente, e também que tendes outros que provam a legitimi-

dade do pretendente futuro. Assim, pois, a cabo de receber ordem de vos pedir essa dobrada remessa com as condições que quizerdes estipular.

— Labanoff, — disse Tiennette, — se tivesse querido entregar-vos os papeis, que reclamais, não teria necessidade de vir aqui, e sahir de Pariz, no momento que mais reclamam meus interesses. Bem vos dizia eu outro dia que as mulheres também tem sua politica. Pois bem, conhecendo eu a vossa tenho a vantagem de não conhecerdes a minha. Trata-se, repito, de tirar a mascara a esse Smendis, ao supposto Luiz XVII, a impostores ou illuminados. Nesse sentido, subscrevo a prestar a minha cooperação: o interesse dos seus comitentes está aqui de acordo com os meus proprios interesses. Mas não me peçam mais por agora.

— Como! — disse Labanoff, — não nos sois completamente adicta?

— Acazo uma mulher em matéria de intrigas não attende sempre ás suas vistas particulares! — disse Tiennette sorrindo-se — acaso não trabalha sempre por um motivo pessoal, quando se vê occupada na defesa dos partidos! Abri a historia, Mr. Labanoff, examinai uma por uma todas essas amazonas politicas que hão sacrificado estas sua belleza, aquellas o seu talento, ao serviço dos reis ou da liga, e encontrareis sempre um capricho, uma phantasia, e muitas vezes uns amores como mobil principal das suas acções.

— Logo não ha meio, — disse o diplomata, — de regular com voseo esta concessão?

— Não, senhor, e assim vo-lo previno para que não me molesteis inutilmente em persuadir-me.

— Não haveria duvida em pôr á vossa disposição uma somma exorbitante, e em satisfazer toda a vossa ambição uma vez que consentissemos.

— Sim, se me faria baroneza, condessa, dama do paço, — disse Tiennette rindo-se amargamente, mas como tendes conhecido que a minha ambição não segue essa marcha, não ha meio de aproveitar esse meio.

— Estais hoje mal predisposta para outhorgar condições, — disse Labanoff, — mas haveis de meditar, pois estou certo que seria difficil poderes dedicar o vosso talento ao serviço de interesses mais generosos.

— O que sirvo, — disse Tiennette com tristeza, — é ingrato e desdenhoso; mui longe de recompensar os meus serviços os repelle, e sem embargo o sirvo apezar seu, e talvez mesmo a meu pezar. Já vê-des, cavalheiro, como o coração das mulheres é um abysmo ao qual não pôde descer a diplomacia.

O russo sahiu sem dizer palavra, e Tiennette se viu assaltada pelas suas tristes e silenciosas recordações.

Tendo ficado só na prisão Roussignan la-

mentou-se vivamente da sua indescricção. Os quadros mais sombrios se apresentaram na sua ideia aterrada, viu-se arrastado na queda e no castigo dos seus cúmplices, e a sua imaginação já debilitada se exaltou até ao delirio.

— Quero acabar comigo! — lhe disse. O que não pude fazer ha mezes no bosque de Bologha, ninguem me impedirá de executa-lo hoje. É preferivel a morte a uma vida de perseguições e de calabouços.

Roussignan tirou a gravata, atou-a fortemente a um ferro da janella, fez um laço corridio, metten nelle o pescoço, subiu acima do seu tamburete e ficou dependurado no espaço.

Naquelle mesmo instante abriu-se a porta e se apresentou Montreuil.

— Que fazeis, senhor barão de Remback? — disse o Conde desatando o nó fatal. — Outra tentativa de suicidio, uma morte de inglez arruinado! Naverdade, cavalheiro, que similhante obstinação é indigna de um homem da vossa classe!

— Montreuil. — exclamou Roussignan quando chegou com os pés ao chão. — Sempre a voz d'esse condemnado Montreuil!

— Silencio! — disse o Conde, — podemos ser esculados!

— Ai! que me importa no extremo a que tenho chegado!

— Que vos importa? — disse Montreuil.

— Depressa vos haveis olvidado da pala-

vra que desteis no bosque de Bolonha. Que nos promette-mos solemnemente Dabiron, vós e eu? Que tentaria-mos fortuna por espaço de um anno inteiro por todos os caminhos possiveis, que nos auxiliariamos mutuamente, e que se decorridos os doze mezes não nos houvessemos feito ricos, voltariamos de novo aos nossos antigos projectos.

— Não me interessa acaso a vossa vida?

— Que vos importa? — respondeu Rousignan. — Em que vos sou util?

— Se não devesseis servir como eu para provar a verdade, — murmurou Montreuil em voz baixa; — se não fosseis na apparencia ao menos, o filho de Muller, como eu sou na realidade o filho do Conde de Montreuil; se não continuassemos uma tradição começada por dois de quem temos os nomes e que guardamos a captiva nas prisões de Hildemburgo Haussea, deixar-vos-hia livre para violar a vossa palavra empenhada. Porem sois util á bôa causa, á causa da legitimidade; tendes o vosso papel na obra da restauração, á qual me hei consagrado. Vós enfim haveis de viver e fareis fortuna apezar vosso. Tranquillizai-vos; tende paciencia, sê-de confiado e discreto; fazei mais obscuras ainda as vossas explicações primeiras com outras novas, e antes de pouco, eu vo-lo juro, vos vereis livre e ditoso.

Depois destas palavras, bateu á porta do calabouço que se havia fechado detraz d'elle.

— Sim, senhor, é o barão Rembach, — disse ao director do carcere que se apresentou. — É um homem mui excentrico e original com quem hei viajado, um maniático, que falla sem sentido, e que obra sem razão; um character medroso e bulhento ao mesmo tempo; homem honrado e inteiramente inofensivo. Solicitou em favor seu a benevolencia da auctoridade.

E o conde depois de haver estreitado significativamente a mão de seu cúmplice atónito, porem subjugado como de costume, desappareceu com o director da casa.

Durante este tempo os ministros de Benedicto 1.^o redobravam cada vez mais suas mediadas com S. M. afim de informa-lo do perigo que corriam o seu throno e as suas pastas; porem não conseguiram convencer o seu espiritu tão inclinado á contradicção. A sua incredulidade por outra parte era muito maior desde que Jupia 1.^o havia i-do á corte. A bailarina passava ali quasi todo o dia.

O hipocondriaco Monarcha havia-se ennamorado do seu character alegre, mais ainda que dos encantos da sua pessoa. Não podia viver já sem as jóvies excentricidades. Eis-aqui por que havia acabado por exercer sobre elle um imperio absoluto. Tiranno para todo o mundo, era Benedicto 1.^o o docil escravo d'ella só.

A ultima vez que os ministros de Benedicto 1.º se atreveram a quebrantar as ordens que os afastava do Rei, e impellidos por sua abnegação para o throno e suas pastas, chegaram a penetrar na camara de S. M. Lalaké estava cantando certas coplas muito em voga quando saíu de Pariz nos sitios que ella frequentava pela noite.

— Ah! ah! gómo me gustan esas ganciones!

— Senhor, — disseram os ministros, interrompendo com a sua entrada o concerto improvisado, — está em perigo o Estado; poem-se em duvida os vossos direitos hereditarios; o throno enfim vê-se abalado por culpaveis manobras!

— Ah! — exclamou o Rei, sem que Lalaké pudesse comprehender o que dizia, por que fallava em allemão aos seus conselheiros, — sois uns imbecis que vos alarmais por verdadeiros sonhos.

— Senhor, repetimos que existe um plano occulto contra a vossa real authoridade.

— Loucuras!

— Senhor, temos provas.

— Provas? Pois bem: estar-se-ha sitiando já o meu palacio?

— Ainda não; porem....

— Então que fallais de provas? Demais trataremos d'isso depois. Entretanto estai tranquilos; porem que nada se faça sem minha or-

dem. Deixai-me que me occupe da felicidade dos meus povos como eu o entendo.

Os ministros retiraram-se aterrados sob o duplicado aspecto do throno e de suas pastas.

Voltando-se então para a favorita, que desejava adivinhar o sentido d'aquella explicação, lhe disse :

— Continuai. Odra gancion ; me inderesan mucho.

— Lá vai outra copla, — accrescentou Lalaké.



CAPITULO XII.

SUCESSOS NA AGUIA NEGRA.

A praça Friederichstad, onde estava situado o palacio do Rei, tinha a seus dois angulos os dois hoteis da *Agua Negra*, e dos *Trez macacos*, nos quaes se haviam hospedado de proposito Montreuil e seus companheiros, e Tiennette com Labanoff. De ambos os pontos podiam observar-se facilmente, sendo sufficiente assomar ás janellas, os successos que indefectivelmente tinham que occurrer. Podiam considerar-se como os palcos principaes de um theatro.

Montreuil tinha diariamente com Lalaké conferencias sobre o modo de tirar mais partido do bom humor que gerára no velho Monarcha.

— Aconselhai-lhe medidas tirannicas, —

disse á bailarina, — isto acelerará muito mais os nossos projectos; desesperado o povo com a arbitrariedade, acabará por desejar uma mudança de dynastia.

— Mas que hei-de aconselhar-lhe, — perguntou Jupin a quem não desgostava o papel de Pompadour e de Maintenon.

— O augmento das tropas e das contribuições; o estabelecimento de novas pautas sobre toda a classe de artigos; a suppressão das poucas liberdades que existem e que sei eu? as medidas mais oppressoras; por ultimo afim de hostilizar as tropas o agravamento dos castigos corporaes, como as varas e açoites. Comprehendeis?

— Perfeitamente.

— Jamais se derrocam os Governos sem que elles mesmos se ajudem um pouco. A habilitade suprema deve pois consistir em derribar o Rei com suas proprias mãos. Isto deve ser facil. Ninguem suspeita de si mesmo.

A bailarina respondeu affirmativamente; porem reflexionou em seu proprio interesse. Estava segura de que a queda do Monarcha actual favorecia os projectos da sociedade na qual desempenhava um papel; porem offerecia-lhe esta sociedade um equivalente á posição absoluta que occupava junto de Benedicto 1.º? Depois de haver examinado pausadamente que poderia esperar e prometter-se de uma abnegação tão illimitada, resolveu não trabalhar no futuro mais que

para si propria, e substituir com bons conselhos as fallazes inspirações, cuja iniciativa Montreuil lhe encarregava.

Aproveitando-se da influencia irresistivel que exercia sobre seu real protector, lhe aconselhou pelo contrario as ideias mais liberaes e bemfazejas.

— Senhor, — lhe disse ella qual uma rapariga que attende ao seu instincto tanto em politica como em amor, — ponde o vosso povo tão alegre, e tão contente como vós o estais e nada tereis que temer dos vossos inimigos.

Mas por uma variedade singular succedeu precisamente o contrario do que esperava a Egeria do Numa Wardenburguez. As medidas liberaes afrouxaram; as reformas foram recebidas como fraquezas tardias; as liberdades foram tratadas de excessos; as melhoras passaram por alentados nos costumes e ás tradições da Nação, e o exercito se julgou humilhado e se tornou furioso ao levantar os castigos aos quaes, segundo a fama, se deviam sua disciplina, sua força e por consequente a sua gloria.

Assim succedeu em tudo o demais. A opposição mais viva, acolheu as medidas mais sabias e prudentes.

Durante este tempo, Montreuil havia acabado de preparâr o seu educando no papel que estava chamado a representar, havia-lh'o imbuido de tal sorte, que podia apresentar-se em publi-

co chegado o momento solemne, sem descobrir em suas maneiras a sua natureza vulgar. O joven adepto escutava seus conselhos com um enfado nada dissimulado, e algumas vezes se interrompiam as lições de uma maneira dramatica. Em meio de uma demonstração costumava cair o discipulo nos braços do professor como ferido de um raio, pallido, inerte, com a vista transtornada e os dentes apertados. Passado aquelle inexplicavel lethargo, recobrava o joven os sentidos e não podia dar a menor noticia das estranhas sensações que acabava de experimentar

Segundo se vê, Montreuil havia feito quanto estava da sua parte para triumphar, empregando maior audacia á medida que a influencia de Lalake lhe havia assegurado até então a impunidade necessaria.

Succediam-se os festins no hotel da *Agua negra* com uma regularidade encantadora; o serviço fazia-se de uma maneira esplendida. Depois de comer jogava-se um jogo de inferno. Montreuil mostrava neste ponto uma magnificencia inaudita. Fazia pôr sobre a chaminé do salão pacotes de dinheiro á disposição de todo o convidado que levava vasia a bolsa. Havia ao lado um caderno, no qual bastava assentar o nome e a somma que se tomava do amphitrião.

— Meu querido general, — lhe disse Dabiron, — não reflexionais em semelhante prodigali-

dade. Dar ouro ás mãos cheias ao primeiro que chega!...

— Essa é a nossa melhor publicidade. O homem rico tem sempre razão. A riqueza é para o vulgo uma primeira prova da infalibilidade da sua razão. O bezerro de ouro fascina e deslumbra nos tempos modernos como nos antigos. Deixai-me vós operar, e ainda quando algum barão allemão nos deixasse a honra de seu barão em troca de alguns centenaes de dobrões, não perderíamos nada.

Montreuil havia previsto a cousas até este ponto; conhecia mais ainda as classes aristocraticas que os elementos popuiare, havendo-se creado nas intrigas da corte. As ceias e jantares lhe ganharam quantos descontentes e ambiciosos tinha a nobreza da Nação e bem depressa exerceu sobre elles, sem que o advertissem, o ascendente da opolencia e da generosidade.

Todas a materias inflamaveis que deviam abraçar Wardemburgo foram accumuladas pouco a pouco devido aos seus cuidados. Porem quando e como devia estallar o incendio? Isto é o que elle mesmo ignorava completamente.

— Se reunissemos um milhar de pessoas nesta praça, — lhe disse Dabiron, — nós encontraríamos o desenlace. É tempo de acabar. Mas para poder acabar é necessario começar.

— Formarieis uma reunião, mas não farieis revolução alguma, — respondeu Montreuil.

— Ceos ! bastaria uma faísca para fazer voar essa enorme quantidade de polvora, — respondeu Dabiron.

— Sim ; mas livrai-vos de que chegue á escada estando em cima, porque voarieis tambem na explosão. O espiritu de insubordinação encontra-se em todas as partes e em todas as cabeças : sempre está em fermentação. A cousa mais insignificante pode fazer estallar. E' preciso esperar um pouco e a casualidade muitas vezes se encarrega de levar ao cabo.

Assim succedeu com motivo do pretexto mais futil. Representava-se aquella noite no theatro principal um baile intitulado « A revolução no serralho, » obra mui apreciavel, porem na qual os actores não tem pensado nunca em depositar germens de revolução. Mas como as cabeças estavam tão bem dispostas, o auditorio se electrizou ao ver o exemplo nada pacifico dos Sultões. Depois de haver quebrado as placas e candieiros de gaz da salla, os expectadores allucinados se espalharam em todas as direções da cidade proferindo gritos sediciosos.

Apoiado contra um dos angulos da praça perto da Aguia negra, seguia um homem com ansiedade, de braços cruzados, o movimento popular.

Era Masson.

— Já é tempo, — murmurou, — de impedir alguma terrivel catastrophe. A minha missão não deve permittir que haja victimas. O meu en-

cargo é de paz e de reconciliação, e não faltarei a elle.

E perdeu-se por entre as ondas de gente que se augmentavam cada vez mais.

A tempestade estallou diante do palacio. Os gritos foram os mais violentos contra o rei Benedicto 1.º e seus ministros.

— Senhor, — lhe disseram estes, — védes como tinhamos razão.

— Fazei frente aos revoltosos, — dizia o rei. — Onde está a guarda real?

— Está licenciada segundo o vosso ultimo decreto, — respondeu o ministro da Guerra.

— Pedi reforço pelo telegrafo aos nossos alliados, — disse o Rei. — Pagar-se-hão os gastos da intervenção.

— Os cofres estão vazios, — respondeu o ministro da Fazenda, — por causa da diminuição das contribuições.

— Pois bem; fallai aos insurreccionados e mandai-lhes que se retirem.

— Seria inutil, — respondeu ironicamente o ministro do Interior. — Vós haveis-lhe ensinado o caminho da desobediencia.

— Diabo! — disse consigo Lalake mordendo as unhas, — parece que tem sido pouco acertados os meus conselhos! Como se rirá Montreal! Porem que necia sou! Que tenho eu com isso!

O Rei, por espiritu de contradicção, teria

querido tapar a bocca aos seus ministros e mostrar-se como de costume systematicamente incredulo; porem impediu-lh'o uma immensa gritaria que estallou de um lado ao outro da praça.

— Que é isto? — perguntou Tiennette a Labanoff, que lhe pedia de novo os papeis e que se entregasse sem reserva á combinação diplomatica de que elle era representante.

— São os presos politicos que se voem livres, — respondeu o russo depois de haver dirigido suas lentes sobre o sitio designado. Levam um em triumpho e seu semblante é demasiado risonho.

— Conhecis-lo? — perguntou Tiennette.

— Sim, — respondeu Labanoff, — é Muller, o famoso Muller de quem vos fallei, e o qual já se ha visto em mãos de todas as policias do mundo. Agora encontra-se no caminho de fazer fortuna sem saber por qué nem como.

Com effeito o povo havia feito abrir as prisões e dado liberdade a alguns individuos que se achavam ali encerrados por delictos não mui graves. Roussignan era a pessoa mais consideravel da situação.

— Hi-de vós, — dizia Montreuil a Dabiron, — e fazei a apoteosis do martyr; bo m é moralizar a victoria.

Assim é como Roussignan, algumas horas antes captivo, desesperado, cansado de viver e disposto a deixar a pesada carga da vida, se encontrava

então surprehendido, levado em triumpho como uma castelhana da idade media.

— Viva o barão de Rembach — accrescentou Dabiron para dar o exemplo. — Viva o mentor do Rei legitimo!

— Viva Rembach! — repetiu a multidão.

— É um heroe que ha desafiado todos os perigos, que ha soffrido todos os castigos, que se tem resignado a todos os generos de morte, comprehendida tambem a corda, para restabelecer no throno de seus pais o legitimo rei! Honra ao seu valor!

— Agradecido, senhores; porem basta já, — respondeu Roussignan que temia cahir ao chão da altura em que se encontrava. — Vós sois mui bondosos, mas eu não me creio demasiado seguro.

— Honra ao vosso valor! — responde um entusiasta; — porem onde está o menino?

— Onde está o menino? — repetiu Maller aterrado e dando um salto com perigo de abrir a cabeça. — Quem disse isso? Quem fallou de menino? Algum russo sem duvida, não pode ser mais que um russo.

— Calai-vos, ali está o legitimo herdeiro do throno, sob a salvaguarda do grande sacerdote, — respondeu Dabiron mostrando a Montreuil que tinha pela mão Pé-ligeiro na varanda da Aguiá Negra.

— Senhor, — diziam os ministros a Benedicto 1.^o, que seguiam atravez das tabuinhas os

progressos do tumulto. — Que pensais fazer?

— A unica cousa que pode fazer-se quando não se tem dinheiro, nem soldados, nem auctoridade. Adeos, senhores.

-- Como! fugis, senhor?

— Immediatamente.

— Porque?

— Porque não posso fazer outra cousa, e alem disso porque a corôa era já para mim enfadonha. Não desgosto agora de participar um pouco da vida privada.

— Não vos abandonaremos, senhor! — exclamaram os ministros.

Mas cada um se eclipsou bem depressa sob pretexto dos preparativos de viagem, ainda que na realidade para ir offerecer os seus serviços ao novo Governo. O Rei ficou só com Lalake.

— Olhai, — disse á sua joven e linda companheira. — Se vos ficais gomigo, tesprezo dudo o temais.

Não sabemos o que prometteria a bailarina ao Rei desthronado; porem o que podemos dizer é que tomou o braço de Benedicto 1.º, que o seguiu pelos corredores secretos do palacio: desceu ao jardim, atravessou-o sahiu por uma das portas onde havia um coche que os aguardava; subiu com elle e se afastou rapidamente pelo campo.

Entretanto Pé-ligeiro, conduzido por Montreuil e seus companheiros, atravessava a praça

Friederichstadt e fazia sua entrada solemne na morada hereditaria dos monarchas do Wardemburgo. Em seguida saiu á janella ao ruido das maiores aclamações.

Muller se introduziu immediatamente no palacio para livrar-se de novas honras.

Dabiron ia a fazer outro tanto, porem foi detido por uma mulher que o agarrou imperiosamente pelo braço.

— Que quereis? — perguntou bruscamente Dabiron reconhecendo Tiennette. — Deixai-me em paz que eu não vos conheço.

— Ah! não me conheceis! Sempre insolente como no salão de Lalake, como no baile da Opera, como com Mad. d'Appencherr! — respondeu ella.

— Acabemos pois, — interrompeu Dabiron, a quem taes recordações eram pouco agradaveis; — que tendes que dizer-me.

— Tenho que dizer-vos que vós sois uns impostores, e que o pobre diabo que sahio á janella é Rei tão legitimo como vós marquez de Caracas; tenho que dizer-vos que já é tempo de que cesse essa comedia, e que venho de Pariz expressamente para lhe pôr termo, e que tenho contado comvosco para o desenlace.

— E o quê? disse Dabiron.

— Comvosco por vontade ou por força.

Não comprehendo a vossa linguagem, e por isto me julgo escusado de vos prestar attenção.

Aqui não estamos em Pariz, onde vos vêdes rodeada dos vossos agentes e de vossos meios de resistencia; encontramos-nos em um paiz onde sou agora um potentado e farei que vos mettam no carcere se fallais uma palavra mais.

— Não vos atreverieis a tanto, — disse Tiennette.

— Julgais isso? — respondeu Dabiron levantando a voz.

— Silencio! — ouviu então de uma voz que não lhe era desconhecida. — Aqui não se prendem mulheres!

Voltou-se para o seu interlocutor, cuja voz lhe recordava a que lhe havia imposto silencio com uma fraze identica quando no baile da Opera havia intentado recobrar por violeucia a ultima carta de Mad. Gertrudes Appencherr, e conheceu a Masson, ao homem que havia visto algumas semanas antes na mysteriosa casa de Montmarire.

— Vós aqui! — exclamou assombrado, — a que vindes por esta terra?

— A velar pelo joven que vos confiei, e a saber se tem cumprido a sua palavra.

— Que vos promettemos? — perguntou Dabiron que perdia a cabeça em presença dos obstáculos que o impediam subitamente de tomar parte n'aquelles successos.

— Que o joven conservaria no dedo uma joia que lhe dei no tempo de partir.

— Ah! Bem me recordo! — respondeu Dabiron sorrindo-se como de dó pela pequenez da pergunta, — trata-se de um anel de ouro, não é verdade?

— Sim. Pois bem, conserva-o tadavia!

— Certamente que sim. Porque não havia de conserva-lo?

— Isso basta, — respondeu Masson, — é o que desejava saber.

E designando a janella em que Pé-ligeiro executava á maneira de saudação uma pantomima extravagante, accrescentou.

— Em vão tem mentido os intrigantes; todavia ignoram algumas malhas por onde se lhes escapa a verdade.

— Que quereis dizer?

— Olhai.

E estendeu a mão para a janella no momento mesmo em que o novo Rei fazia adman de fallar.

De repente o monarcha improvisado vacillou, empallideceu, caído nos braços de Montreuil e perdeu completamente os sentidos.

— Morreu! — exclamou tristemente a multidão.

— É a mão de Deos! — disse com alegria Labanoff.

— O castigo da impostura, — accrescentou Tiennette, o verdadeiro Rei não está aqui, senão em Pariz.

— Sim, — acrescentou Labanoff aparte para Tiennette, — e sabeis que não nos custará nada o obter seu nome e seus signaes.

— Silencio, senhor Conde, — disse a feia. — Saber esperar é a grande arte dos diplomaticos.

Entretanto que os wardemburguezes corriam em tropel a informar-se se estava vivo o seu novo soberano, Benedicto 1.^o retirado em uma pequena villa que lhe pertencia, proximo da cidade insurreccionada, ceava tranquillamente com a bailarina, cuja philosophia deliciosa o consolava amplamente da perda da sua coroa.

— Ao tiablo o demor e os guidados da gorona, — dizia alegremente, — gandai-me uma goplilha e viva a allegria!

Lalake de pé com um copo de vinho do Reno na mão, e com o sorriso nos labios cantou cheia de goso a copla apetecida.



CAPITULO XIII.

SUCCESSOS NA AGUIA NEGRA.

Entanto que Montreuil, graças a habilidade de suas manobras maravilhosamente executadas pelo poder do Bezerro de Ouro, procede na capital de Wardemburgo ao restabelecimento do que elle chamava a dynastia legitima d'aquelle Reino; entretanto que Tiennette e Labanoff, cuja missão secreta, que tem de varias potencias, secunda aquella com bastante imperfeição, se dispoem a trabalhar com igual empenho em favor da contra-restauração, ainda que por interesses que não parecem ser os mesmos; entretanto que Masson, confundido com o publico entusiasta, resolve empregar sua mysteriosa influencia para proteger, não o poder, senão a pes-

soa d'aquelle que portanto tempo havia sido seu docil companheiro; por ultimo, entretanto que Benedicto 1.º, rei destronado, se consola da perda de sua coroa na anacreontica villa á qual se havia retirado com Lalake, voltemos a Pariz, onde, deixamos alguns dos nossos principaes personagens.

Nada havia comprehendido o velho Duplessis relativamente á mudança repentina que se havia effectuado nos sentimentos de Tiennette quauda soube a accusação criminal que pesava sobre Aronde com motivo da morte de Brionde. Por outra parte inquietavam-no mui pouco as amiaças de sua ex-alliada, cujo objecto e meios de acção não comprehendia. A ausencia desta, que havia saído de Pariz com o pretexto de uma larga viagem, bastou para deixa-lo completamente tranquillo.

Deleitava-se portanto sem inquietação nem remorços nas desgraças que seu implacavel odio havia accumulado sobre aquelle a quem olhava como uma prova viva de sua deshonra conjugal.

Com effeito, a situação d'Aronde não podia ser mais triste. O seu desafio com Brionde havia feito muito éco em Pariz. Durante quinze dias não se fallou de outra cousa em França, na Europa, em todo o mundo, e como sempre, todas as sympathias se declaravam em favor da victima. A Bolsa em massa havia acompanhado a Brionde á sua ultima morada, e os mesmos que

dois dias antes o tratavam de intrigante, agora ponderavam suas eminentes qualidades.

O vencedor era necessariamente objecto de uma reacção contraria. A nobreza de seu caracter, a elevação de sua alma, a generosidade do seu coração, seu talento, sua honradez, sua lealdade tão universalmente reconhecida, tudo se lhe havia negado com esse desprezo de toda a attenção, de toda a verdade, de todo pudor proprio unicamente dos extravios da opinião publica e que converte a sua injustiça em ingratição, em iniquidade, e finalmente em descaramento.

Mil vozes contradictorias fez propalar a maledicencia sobre as circumstancias de assumpto tão deploravel; porem graças ás falças insinuações que não cessou de propagar o velho Duplessis, a versão que ficou consagrada em estado de facto historico, foi que Aronde era um odioso espadachim; que havia provocado sem motivo ao seu infeliz adversario; que juntava a cobardia á ferocidade, e que o havia ferido deslealmente depois do momento assignalado para a suspensão do combate, quando este não se defendia, segundo o signal dado pelas quatro testemunhas. Aronde foi, pois, tratado unanimemente de assassino, e como a calumnia não se detem nunca na metade do caminho, chegou até á sua vida privada. Bem depressa passou por um homem que se havia casado por especulação, que havia extrava-

ganciado com as loretas o dote de sua mulher e que a maltratava quando vinha embriagado, o que succedia quotidianamente.

Em fim, a innocencia de Aronde, ficou ignorada para todos excepto para o velho Duplessis que a negava; para Appencherr que não se atrevia a confessa-la; para Tiennette, Cyclope, Balanceiro e Cabeça de Pipa, que haviam ouvido a declaração á saída do duello, da mesma bocca do velho; para o joven sobrinho deste Leoncio Duplessis, que a presentia por uma sympatia instinctiva; para Masson que a sabia pela voz magnetica da dama de Chaillot e em fim para a joven mulher do calumniado, que cria em sua innocencia como em Deos, pela fé.

Em quanto á fortuna de Aronde não havia padecido menos que a sua reputação. Recordar-se-ha que por effeito dos incomprehensiveis reveses da Bolça, mediante os quaes o velho Duplessis havia chegado a arruina-lo completamente, Aronde tomou a nobre resolução de pedir ao trabalho formal, á industria positiva, ao commercio verdadeiro os meios de crear outra posição para restituir ao dote de Estrella as sommas importantes que a joven havia empregado, apezar seu não pagamento de muitas dividas.

Aronde havia resolvido por fim a fundação de um vasto engenho nas proximidades de Paris. Confiando no seu valor, na excellencia do seu plano e nas promessas illimitadas de associação

que lhe fizera perfidamente o velho Duplessis, se havia apressado a adquirir alguns edificios e immensos terrenos perfeitamente situados que a concorrência lhe disputava. Fez semelhante aquisição hypotheticamente, isto é com a condição de pagar o valor total em uma epocha determinada sob penna de perder a quantia que dera por conta ao principio, e demais uma forte somma de signal. Porem como lhe faltasse a liberdade em consequencia de seu funesto duello, assim como a associação com o velho Duplessis que se havia convertido em seu accusador, Aronde se viu na impossibilidade de cumprir o seu contracto.

Os vendedores lhe intimaram o avizo de que lhes pagasse o valor total da propriedade ou que lhes desse a indemnisação convencionada. Similhante negocio podia aggravar ainda mais a odiosa accusação que pesava n'aquelle momento sobre elle. Estrella não vacillou. Sem consultar com seu marido, cuja desapprovação temia, creu dispôr mui legitimamente para soccorre-lo dos interesses mesmos que ella devia á sua generosidade.

Empregou, pois, em satisfazer aos seus novos acedores, o resto do seu dote, uns cincoenta mil francos, e como isto não bastasse vendeu as suas joias, as suas rendas, os seus diamantes, seu ro de prata, quadros, em uma palavra, todos os objectos de sua opulencia passada.

Aquella joven e formosa mulher a quem a

desgraça elevara pouco a pouco á altura da mulher forte do Evangelho, fez este ultimo sacrificio com a resolução, a serenidade e a modestia, de que só são capazes as mulheres em moteria de abnegação e desinteresse.

Entretanto a casa da rua de Helder, da qual eram porteiros os esposos Corniquet, permanecia deshabitada desde a sahida da mysteriosa inquilina do primeiro andar e da morte imprevista do estranho visinho.

Assim que o ultimo dos Lafleur soube a triste nova da morte de seu amo, correu a dar parte ao juiz de paz, que sellou immediatamente as portas da casa do defunto. Era indispensavel dar aos herdeiros naturaes, que Brionde pudesse ter, o tempo e os meios necessarios para apresentar-se por si ou por meio de procuradores a informar-se do testamento, cuja existencia havia revelado o defunto ao seu fiel criado na mesma manhã do duello. Entretanto este ficou depositario da herança que ficou sellada.

Devemos accrescentar em honra sua que não se olvidou das exequias do defunto e que sentia sinceramente a sua perda, ainda que só fosse por haver vivido com elle de uma maneira semifamiliar.

Devido ás excentrecidades reciprocas de seus caracteres, o exfigurante do theatro chamado por Brionde o ultimo dos Lafleurs era um companheiro para seu amo melhor que um criado; era em

uma palavra o que o vaudeville contemporaneo chama um amigo do coração que engraxa as botas.

Em quanto aos consortes Corniquet, a morte de Brionde os havia rehabilitado tambem em sua mente, e apesar da desordem que introduzira em sua casa, exclamavam « Foi um excellente inquilino »

O seu fim tragico os havia enchido de assombro, especialmente a Corniquet, pois havia quinze dias que tinha morrido Brionde, e o sensivel porteiro não podia recordar-se ainda segundo a sua expressão. Durante a noite e os dias cruzavam sua imaginação idéias estranhas e phantasmas aterradores.

— Morto ! — exclamava meneando a cabeça com ar pensativo, morto o turco ! ... morto o musulmano ! .. O mesmo nos acontecerá a nós-outros ! ... Com razão se diz que ninguem sabe a sua ultima hora.

— Ah ! — respondia o criado cruzando os braços sobre o peito, — é uma verdade terrivel ;

— Ah ! — proseguia Corniquet, — bem valia a pena vir de tão longe a contemplar a columna para... Mas que necio sou ! .. Já perdi os sentidos ; olvido que não tinha vindo com esse objecto. Porque agora que já não vive, pode fallar sem temor. Dizei-me francamente elle havia sido turco alguma vez ?

— Não o creio, — dizia simplesmente Lafleur.

— E vós, haveis sido turco?

— Eu!.. Isso é differente. Fui Quando se representava o Mafoma no theatro francez, eu era quem levava os cochins.

— Muito bem comprehendo; eras turco sem o ser.

— Surprehendeis-me sem me surprehender.

— Nada mais simples; segundo o que hei podido colligir dos ultimos encargos de meu querido amo, as disposições testamentarias, que deixou guardadas em companhia de uma carta mui estranha para que a levasse a seu destino se acaso morresse, estas disposições, repito, vos proporcionarão os meios de sair d'essa vida trabalhosa.

— O'lá! alguma herança! — interrompeu Mad. Corniquet. — Todas as noites souho agora com isso. Sem duvida alguma é signal de dinheiro.

— És estúpida sem o ser! — replicou seu marido com um sorriso de incredulidade. — Os sonhos são uma mentira!

— Com effeito, — acrescentou o ultimo dos Lafleur, — porem o que vos hei annuciado não é menos certo. Hides herdar. Se me perguntardes o que, não saberei responder-vos; mas de sciencia certa sendo herdeiros ha-de ser de alguma cousa.

— Diabo! De outra maneira seria herdeiro sem o ser. Pois bem, devo confessar-vos que esta ideia augmenta a minha desesperação. Quan-

do reflexão que na vespera do assassinato fui eu o que commetteu a imprudencia de levar ao assassino noticias da sua victima....

— Fizesteis muito bem!.... Recebei por isso os agradecimentos!

— E eu agora quero saber em que assumpto te intrometteste, — disse Mad. Corniquet.

— Acaso o sei eu nem o sabia? O velhaco defronte pediu-me que o avisasse quando estivesse curado da ferida o meu inquilino, para fazer-lhe uma vesita segundo disse. Parece que não queria mata-lo? em quanto estivesse doente. Desde então não ha passado um só dia sem experimentar remorsos por semelhante convivencia involuntaria. Porque finalmente eu tambem sou assassino sem o ser!

— Nesse caso, meu querido Corniquet, — accrescentou o ultimo dos Lafleur, — se acaso chega esse facto ao conhecimento do procurador regio, bom será que vos prepareis para vos apresentardes nos tribunaes.

Porem deixemos os nossos tres interlocutores praticar assim todos os dias n'aquella casa, e transportemo-nos um instante ao bairro de Lunettes e procuremos saber porque motivo a janella d'aquella pobre mansão situada em um sexto andar ha estado illuminada toda a noite.

— Entremos mentalmente n'aquella casa que está pegada á cadeia; subamos até ao ultimo degrau da escada de caracol; penetremos no

apostento cuja porta fecha tão mal; porem não a abramos mui bruscamente, porque um bello cão de dentes agudos está deitado no limiar defendendo intrepidamente a entrada.

Este cão é Fox, o protector de Estrella, amigo que não ha mudado com a mudança da fortuna. A miseria não o ha afastado. Prefere aquella habitação de seis pés aos grandes salões que sua ama possuia, não havia muito tempo, porque assim estava sem cessar ao seu lado.

Estrella chora a meudo, reza algumas vezes, trabalha sempre. Estrella já não é a elegante de Chausse de Antin, cuja formosura realisavam a seda, o veludo e as rendas. É agora uma modesta costureira que trabalha para viver e para attender ás necessidades de seu querido preso.

E naverdade necessita trabalhar porque segundo temos visto, vendeu quanto lhe restava de sua efemera opulencia, para satisfazer algumas obrigações de seu marido; sim, tudo excepto um vestido, um mantilete, um chapeo e alguns aneis que ha conservado com esmero e levado com intenção para a sua humilde morada.

Por que este acto de coqueteria em meio de circumstancias tão graves?

Oh! não calumniemos uma alma tão pura, um espiritu tão recto! Esperemos para julgar.

Quem pode vangloriar-se de ler sem soletrar nesse livro mysterioso que se chama o coração de uma mulher? Estrella voltou assim á

sua vida laboriosa de pobre orfã, que seu recente casamento parecia haver mudado para sempre em vida de prazer e de luxo.

Ao ver a resignação terna de sua physionomia ao mesmo tempo que a infatigavel actividade de seus dedos, se nota que o seu coração, não menos que a sua mão, não ha olvidado as demais lições da desgraça em seu rapido vôo a-travez dos gosos deste mundo. Vê-se condemnada de novo ao rude e incessante trabalho da adversidade; ella que houvera podido viver rica ainda unicamente com os restos de uma grande fortuna. Porem ao menos ha intentado salvar o ultimo bem que ficára a seu esposo, a sua consideração de commerciante, dizendo ella com orgulho: « Tudo está perdido para mim fóra da sua honra. »

De vez em quando abandona Fox a porta que guarda e vai collocar sua cabeça nos joelhos de sua ama a quem olha delidamente movendo a cauda.

— Fox, — lhe disse a joven, — onde está teu dono ?

Fox ao ouvir estas palavras, affilla as orelhas, eriça o pello, inflamma seus olhos, ladra e se lança para a porta que arranha fortemente com as mãos.

— Paciencia, Fox, paciencia ! não são ainda mais que nove. Não chegou todavia o momento de ir vê-lo. Entretanto, contenta-te com gr-

O Bezerra de Ouro

nhir, meu fiel companheiro, por que os malvados levaram-nos o nosso querido amigo que nos servia de consolação.

E enquanto que Fox torna a deitar-se dando lastimosos grunhidos, Estrella deixa momentaneamente a sua obra, temendo que as suas lagrimas manchem a rica tella em que trabalha para outras pessoas mais ditosas.

Depois desta pequena tregua concedida á dor, Estrella enxugou seus formosos olhos, e acabava de tomar outra vez o seu trabalho quando bateram á porta.

É conhecido, porque Fox que farejou a tra-vez das fendas, responde ao chamamento com um alegre grunhido.

Estrella levanta-se e abre; Leoncio Duplessis se apresenta. Uma tristeza que em vão procura dissimular se pinta em sua physionomia franca, o mesmo que no dia em que o vimos entregar secretamente a Julia de Appencherr a carta escripta por Mad. Duplessis algumas semanas antes da sua morte.

— Sois vós, cavalheiro? — disse Estrella com allegria e inquietação simultaneamente; — sé-de bem vindo; eu vos aguardava com muita impaciencia. Fallai, que noticias me trazeis? São boas ou más?

— Nem uma nem outra cousa, — respondeu o joven advogado com embaraço. — Todavia ainda não se deu a sentença. Decidiu-se que se

instrua mais o assumpto, e não podia succeder de outra maneira. Não devo occultar-vos cousa alguma, senhora, por que sois uma mulher nobre e corajosa. As apparencias accusam a Aronde.

— Porem, que testemunho pode aduzir-se contra elle? — exclamou Estrella com orgulho.

— Os factos primeiro que tudo, e depois as testemunhas. Averiguou-se que vosso marido foi o provocador obstinado do duello, para o qual não existia nenhum motivo serio. E com effeito, dirige publicamente um cruel insulto ao propagador de certas vozes de bolsa, cuja puerilidade reconhece. Pois bem: não só se nega a dar-lhe uma explicação amigavel, senão que encarrega aos seus padrinhos que não admittam nenhuma classe de composição. Chegado ao terreno, faz alarde de um encarniçamento sem exemplo; não escuta os mediadores que unanimemente querem que cesse o combate depois de sua ferida felizmente leve, e então mui longe de aceitar a conciliação que lhe offerece o seu adversario, ultraja-o de novo e o obriga a continuar a lucta.

-- Excelente Aronde! — interrompeu a joven com os olhos arrasados em lagrimas de admiração e de gratidão.

— Emfim, — continuou Leoncio, — e esta circumstancia mais lamentavel, impellido por seu ardor sem duvida, não obedeceu ao signal que ordena a suspensão da lucta, e fere mortalmente

a Brionde decorrido o tempo assignalado para a duração do duello. Taes são, senhora, as culpas que parecem resultar das primeiras declarações.

Não vos refiro senão os factos que já constam, pois por minha parte não recebi ainda comunicação alguma de outros testemunhos. Porém se se confirmam certas vozes, a situação é mais grave, sobre tudo quando por falta de todo o motivo razoavel a maledicencia attribue tão terrivel animosidade a um simples rancor de jogador desgraçado, e ainda, devo dizê-lo, a uma abominavel vingança de devedor perseguido.

— Isso é falso, meu amigo, isso é falso!
— interrompeu Estrella com energia.

— Estou convencido d'isso, senhora, — respondeu o joven jurisconsulto, — de outro modo, sem embargo do profundo affecto que professava Mad. Duplessis a Aronde, houvera tido o sentimento de não tomar a sua defeza; porem como fazer passar esta convicção na mente dos jurados se se lhes submeter difinitivamente o negocio?

— De maneira, — accrescentou Estrella com esperanza e anciedade, — que o que mais o accusa é a frivolidade da causa em presença da gravidade do resultado.

— Assim o creio.

— E se provasse que não se tratava verdadeiramente de um vão rancor de especulador, nem de uma pueril vingança de devedor, senão

única e realmente de uma d'essas coleras legítimas que Deos mesmo absolveria talvez, respondei com franqueza, Leoncio, acreditarieis poder salvar ao meu marido?

— Ficaria ainda contra elle a accusação da duração do combate; porem esta questão perderia muita gravidade, porque a colera explicava o arrebatamento. Intentaria salva-lo, não já com mais interesse e abnegação, senão com maior confiança no exito.

— Pois bem, então está salvo! — exclamou Estrella com alegria.

— Como? — perguntou Leoncio assombrado.

— Não posso dizer-vo-lo ainda, por que não é segredo meu, senão seu. Porem já se aproxima a hora em que diariamente o vejo na sua prisão, estai tranquillo; supplicar-lhe-hei tanto, tanto, que finalmente virá a consentir tudo. Até amanhã, Leoncio, e esperança!

Apenas havia Mad. Aronde tomado o trabalho, depois de sair Leoncio Duplessis, bateram por segunda vez á porta e uma mulher joven e formosa se apresentou diante d'ella.

A desconhecida era alta, esbelta e concentrada sobre si mesma, como cana encurvada pela tempestade. Tinha o rosto pallido e fraco; a voz ébree; a palavra vagarosa; a physionomia melancolica; porem adivinhava-se no sombrio fogo de seu olhar, que podia haver exaltação no fundo d'aquella natureza debil e enferma.

— O seu toucado era simples e de bom gosto, se bem que participava um pouco d'essa negligencia que revella preoccupações moraes melhor que falta de coqueteria.

Os seis andares que acabava de subir haviam esgotado suas forças e a sua respiração. Apenas entrou deixou-se cair anhelante sobre uma cadeira.

— Perdoai, senhora, — disse com voz debil e entrecortada por uma tosse secca, — perdoai que eu tome tanta familiaridade.... porem não posso mais....

— Quereis alguma cousa, senhora? — lhe perguntou Estrella com o mais vivo interesse.

— Não, senhora, — respondeu a joven; — isto não será nada; já estou costumada; porem passa depressa; agradecida, senhora.

Depois disto seguiu-se um momento de silencio, durante o qual Mad. de Aronde arrecadou o seu trabalho; a desconhecida acabou de recobrar forças e Fox farejou as pregas de seu vestido para destinguir sem duvida se era pessoa amiga ou inimiga.

— Senhora, — disse alfim a vesitadora, — é a madama d'Aronde a quem tenho a honra...

Estrella se enclinou em signal afirmativo, em quanto que a desconhecida lançava um olhar triste pela habitação; e dizia consigo com inveja e ternura:

— Tanta formosura e tanto valor ! tanta virtude e tanta pobreza ! Porem é ditosa !

— Posso saber, senhora, — disse á sua vez Estrella, — o que me proporciona a satisfação de....

— Para vos fallar francamente, senhora nem eu sei.

— Porem emfim, que motivo vos traz aqui ?

— Que me traz ?.... uma simples carta.

— Uma carta ! e de quem ?

— Ignoro-o.

Estrella julgou estar com uma louca.

— Como ! — respondeu ella com compaixão, — não sabeis quem a escreve ?

— Completamente ; o que me desespera tanto como a vós assombra.

— Assombro-me mais de que deis importancia a uma carta anonima.

— Importancia ? Ah ! senhora, devo dizer que tenho o costume de *obedecer* a esse mysterioso correspondente, como pudera fazer com Deos.

— Porque ?

— Porque até hoje o meu desconhecido não me ha aconselhado mais que cousas excellentes.

— E que se vos diz nessa carta que possa proporcionar-me tão singular entrevista ?

— Le-de-a vós mesma, — respondeu a estranha visitadora.

E tirando uma carta em questão de uma carteira de veludo a deu a Estrella que leu as seguintes linhas.

« Querida menina :

« Não me havia enganado na obra de regeneração moral que me fizera emprender o meu amor para convosco e que prosigo agora pela admiração que me inspirais. Havieis nascido para a virtude, para a caridade, para as grandes e santas obras que executam as mulheres. Deos vos perdoará, porque com particularidade cuidais dos pobres que são seus filhos.

« Estou tão contente de vós que não quero differir um só instante a recompensa a que vos haveis feito acreedora. Suspende-la até ao meu regresso á França seria uma ingratidão. Envio-vos-la, pois, ainda que me encontre a alguns centenaes de leguas. Esta recompensa é a indicação de uma nova obra.

« Um innocente acha-se na prisão sob o peso de uma accusação terrivel. Chama-se Aronde a quem talvez tereis lido occasião de conhecer, ainda que só seja de nome. É um excellente sujeito, se bem mui apegado á paixão das especulações e das seducções do mundo, porem a quem Deos submete sem duvida á prova do infortunio como a um crisol purificador.

« O testemunho de Appencherr, uma das testemunhas, pode ser decisivo em favor ou contra.

« Por desgraça, vós o sabeis melhor que nin-
 « guem, o barão é debil de caracter, apoucado de
 « espirito, capaz de inspirar, já confiança, já te-
 « mor, segundo a influencia bõa ou má que pe-
 « se sobre elle. Tenho razões para crer que será
 « má esta influencia, e é preciso oppor-lhe outra
 « bõa. Isto corre a vosso cargo.

« De que manira? isso é que não posso di-
 « zer-vos na distancia em que me acho do logar
 « dos sucessos. Adquiri antes da minha marcha a
 « certeza da innocencia de Aronde; porem foi-
 « me impossivel conhecer a fundo os elementos.
 « Toda a prespicacia tem seus lemites. A de que
 « disponho não pôde chegar até ao fundo das cou-
 « sas por não haver-me permittido a precipita-
 « ção da minha viagem completar a prova. É, pois,
 « da mais alta importancia, que averigúeis todos os
 « pormenores do assumpto. Hi-de com este obje-
 « cto visitar a mulher do preso. O aspecto da sua
 « morada vos servirá de saudavel exemplo. Saíreis
 « d'ali com a alma fortalecida, por que vos con-
 « vencereis por vossos proprios olhos quão pre-
 « feriveis são o trabalho e a virtude, sob o ponto
 « de vista da dita mesma, a essa vida de opulencia
 « e de prazer, que constitue um perigo sempre e
 « nunca uma consolação.

« Assim, pois, quando vos houverdes intei-
 « rado todo o possivel para influir com melhor co-
 « nhecimento de causa no espirito do barão e evi-
 « tar o mal que por outra parte se lhe aconse-

«lhe. Trata-se de evitar muitos remorsos ao pobre
«barão, arrancando talvez um erro mais á jus-
«tiça humana. Similhante missão é mui digna de
«vós.

«Adeos, anjo; em outro tempo caído, e a-
«gora rehabilitado. Continuemos amando-nos sem
«nos conhecermos. Que sejam as boas obras os
«vinculos que nos unem neste mundo. Só Deus
«sabe nesta vida a ternura que vos professo; po-
«rem algum dia chegareis tambem a sabe-lo na
«outra.

Quando Mad. d'Aronde depois de haver aca-
bado de ler a carta levantou a cabeça, viu que a
desconhecida a contemplava com um triste e en-
cantador sorriso.

— Que tendes, senhora? — disse Estrella
entregando-lhe a carta.

— Admiro-vos.

— E porque?

— Porque estou longe de admirar-me a mim
mesma. Porem uma vez que haveis lido a carta de-
veis saber o que o meu amante espera de mim.
Já conheço, por haver sido a confidente involun-
taria, o odio inexplicavel que ha algum tempo pro-
fessa a voso marido um velho insensato, cha-
mado Duplessis.

— Duplessis! — repetiu Estrella. — Sim,
com effeito. Oh! que encoberto tem permanecido
esse odio, apresentando-se unicamente debaixo
da capa da bondade mais affectuosa! Porem que

mal, meu Deus, teremos podido fazer a esse homem? Qual pode ser a causa de semelhante animosidade?

— Ah! senhora; nem sempre pode saber-se isso! O mundo está cheio de seres caprichosos, extravagantes, colericos, que aborrecem como outros amam sem saber porque, e ás vezes se lhes mette na cabeça aborrecer uma pessoa quanto mais a haviam amado antes. Costuma ser questão do figado mais do que do coração. A bilis domina nellas mais que o sentimento. Demais, que qualquer que seja a origem, o facto é que existe esse odio, e d'elle sem duvida alguma é victima neste momento Mr. d'Aronde. Se não despresais o auxilio de uma pessoa como eu, tende a bondade, senhora, informar-me de todos os pormenores d'esse desgraçado negocio.

Estrella referiu então quanto havia sabido da bocca mesma de seu marido.

— Isto basta, — disse em seguida a desconhecida. — Agora já posso obrar. Valor, senhora! Não vos prometto a victoria, porem sim intenta-la.

— Agradecida, senhora agradecida. Porem quem sois, por favor?

— Sou um arrependimento e uma abnegação, — respondeu enygmaticamente a desconhecida. — Não me pergunteis mais.

— Não posso ao menos saber o nome de uma pessoa que me mostra tão vivo interesse?

— O meu nome? Com muito gosto, por mais que isto seja inutil. Chamo-me Simona. Simona simplesmente, e emprego os dias que Deus me concede ainda em fazer algum bem para reparar muito mal. Eis-aqui tudo.

— E aonde poderei ir dar-vos os agradecimentos?

— A nenhuma parte, ai! — respondeu Simona. — Nós não devemos tornar a ver-nos. Ainda que os nossos corações se hoveram creado para communicar-se, existe uma gerarquia que eu não poderia consentir que vós a salvasseis. Já sabeis o meu nome; é bastante, e por toda a recompensa do serviço que desejo fazer-vos, repeti-o algumas vezes em vossas orações.

— A mão sequer, senhora, antes de separar-nos para sempre, — disse Estrella com efusão.

As duas jovens deram as mãos obedecendo a um mesmo sentimento de atracção; porem em vez de estreitar cordialmente a de Estrella, segundo houvera feito com uma pessoa igual. Simona a beijou respeitosamente, depois do que saiu com precipitação d'aquella triste morada com os olhos arrasados de lagrimas. Ficou Mad. d'Aronde assombrada de tão singular entrevista, porem enternecida por instincto da deferencia que acabava de se lhe mostrar e cuja causa não podia suspeitar.

Quão pouco faltou para aquellas duas al-

mas tão bem dotadas houveram ficado irmãs pela virtude, como o eram pela natureza! Apenas Estrella se havia reposto de sua emoção, quando se ouviu o relógio.

— É a hora! exclamou a joven com alegria. — Fox, as doze!

O cão principiou a ladrar de alegria e a dar saltos de gozo.

— Espera meu fiel companheiro, o tempo unicamente preciso para enfeitar-me.

Sobre uma mesa de madeira branca tinha preparadas todas as peças de um elegante toucado. Observava-se um vestido de setim preto, um chapéo de veludo, um casabeque bordado um mantelete guarnecido de rendas, uma cadeia de ouro, um relógio, e um bracelete. Era o que Estrella havia conservado de sua opulencia passada, e ao que chamava seu trage de prisão. Por uma astucia da ternura mais exquisita, dissimulava assim aos olhos de seu marido um luxo que verdadeiramente não existia. Temia acrescentar-lhe aos soffrimentos da prisão, a inquietação não menos pungente de saber que se achava ella na miseria. Em breves instantes se transformou a costureira em elegante dama.

— Vamos agora ver o dono, — disse a Fox quando se ataviou para o carcere como houvera podido vestir-se para um passeio.

CAPITULO XIV.

O INTERROGATORIO.

Entretanto que occurriam as scenas precedentes na miseravel casa de Estrella, e entanto que a joven precedida de Fox, como de um alegre correio, se dirigia para a cadeia, onde seu marido estava preso, se seguia activamente no palacio da Justiça o processo relativo a este ultimo.

Havendo os primeiros interrogatorios aclarado a maior parte dos factes, este supplemento do processo versou principalmente sobre as duas unicas questões que estavam obscuras e que constituíam a moralidade do negocio, a saber: a verdadeira causa da querella e a menor ou maior lealdade do combate.

A declaração das testemunhas de Brionde

que foram ouvidas primeiro, deu algumas luzes novas sobre ambas as questões. O numero primeiro respondeu que não conhecia da origem da contenda senão o que havia ouvido da bocca dos adversarios e que havia unido os seus esforços aos das testemunhas de Aronde, sem embargo de ser o unico ofendido Brionde, cujos interesses representava; que o encarnicamento d'Aronde havia sido um obstaculo a toda a conciliação, e que a respeito da lealdade do combate não podia afirmar se haviam passado os dez minutos assignalados, porque não teve na mão o relógio regulador; que em seus dados se referia ao barão Appencherr que tinha o relógio, e a Duplessis que estava encarregado de fazer o signal, e que não havia aceitado tão enfadonha missão senão para evitar uma catastrophe.

— Mal o haveis conseguido, — respondeu tambem o magistrado. — Mas, outra pergunta: sabeis se o accusado tinha motivos que o obrigaram a obrar assim contra seu adversario anteriormente?

— Ignoro, — respondeu: — não conhecia nem ainda de vista a Aronde, e a Brionde apenas o havia visto algumas vezes, no cassino, no Circo e na Opera.

O numero 2 deu respostas mui parecidas ás do primeiro.

O magistrado tocou a sua campainha.

Apresentou-se o numero 3. Era Appencherri.

A pallidez de seu rosto testemunhava a sua perplexidade. Tendo faltado á primeira audiéncia, sobre pretexto de uma larga viagem, teve que pagar a multa correspondente por denuncia de seu sogro, que declarou só havia ido com Simona a Montmorency. Com tudo era tal a sua repugnancia que houvera preferido dez febres aquélla unica audiéncia.

— Senhor barão, — perguntou-lhe politicamente o magistrado. — Resulta do processo que vós julgasteis dever retirar vosso credito a Aronde. Porquê? Suspeitaveis de sua capacidade, de sua moralidade ou de sua honradez?

— Oh! de maneira alguma, cavalheiro, — se apressou a responder o barão. — Em quanto á sua capacidade, era sem disputa o empregado mais entendido da minha casa. Em quanto a probidade, não tem mancha; confiar-lhe-hia sem temor o banco de França. Aronde havia soffrido enormes perdas nestes ultimos tempos: ter-se-hia salvado com trezentos mil francos. Porem por minha parte escolhi tal momento para fechar-lhe a minha caixa, e sem embargo asseguro que não ha perdido nenhum titulo ao apreço que sempre lhe hei professado.

— Tinha Brionde alguma parte nas perdas consideraveis de Aronde como nas diligencias consulares que foram d'ellas uma consequencia?

— Sim: Era por assim dizer, o chefe do bando negro; parecia haver-se encarregado da ruina d'Aronde e como se emprenhe a demolição de um edificio.

— Eis-aqui disfarçados já muitos enygmas! Dizei-nos agora, senhor barão, se Aronde deu a estocada mortal depois do signal de armistício.

— Ignoro, porque eu tinha então os olhos fitos no meu relógio.

— Comeffeito, vós ereis o encarregado de assignalar a duração do combate. Pois bem, respondi, quando deu a estocada, haviam já terminado os dez minutos convencionados?

O barão estremeceu ao ouvir tal pergunta, como se hoversa estado sua cadeira eravada de alfinetes. Simulou não haver comprehendido, e balbuciou algumas palavras, vacillando entre as vozes que lhe dava a sua consciencia e os mandatos terminantes de seu rico sogro. Emfim, tendo o juiz repetido a pergunta, o barão creu haver achado um meio subtil de conciliar as exigencias da verdade com as do imperioso velho que acabava de deixar na salla immediata.

— É possível, — replicou victoriosamente.

— Permitti-me que vos observe que a vossa resposta é ambigua; dizei sim, ou não?

— Pois bem... sim --- respondeu o barão, fazendo um violento esforço.

O barão se retirou suando a contrariedade em grossas gotas. No corredor se reuniu com

seu sogro, o qual vendo-o encarnado como um lacre, de pallido que o havia deixado, leu facilmente em seu rosto commovido a resposta difficil, porem finalmente afirmativa que acabava de dar. Duplessis lhe estreitou a mão.

— Está muito bem, genro, — lhe disse, — os cincoenta mil francos que necessitais estão desde este momento á vossa disposição, — e penetrou outra vez no gabinete do juiz.

— Mr. Duplessis, — lhe disse em seguida o juiz com estremada deferencia, — ha muito tempo que conheceis ao accusado Aronde ?

— Desde sua infancia.

— Quem eram seus pais ?

Então foi quando principiou a estremecer o velho ao ouvir uma pergunta que abria de novo as feridas do seu orgulho, e renovava as chagas dos seus ciumes. Aquella circumstancia puramente fortuita não foi estranha sem duvida á maior acrimonia que apresentaram as suas respostas.

— É bastardo, — respondeu Duplessis, cujos olhos se reanimavam pela recordação de sua mulher e do cavalheiro de Limburgo.

— Entendo : fructo anónimo de algum erro demasiado doce.

— Oh ! não, nada de erro, — interrompeu o velho estremecendo-se de furor ; — senão de um crime, de um crime odioso, de um abominavel adulterio ?

— Vós presenciastes a disputa de holsa que deveu occasionar este infeliz duello?

— Sim, senhor, disputa tão futil que não devera ter dado motivo para um hofelão.

Tendo a testemunha asseverado mais, que concorriam o rancor de jogador arruinado, o odio de devedor, e que haviam decorrido os dez minutos, bem como que tinha ouvido a voz de: *Alto!* o juiz perguntou:

— D'essa sorte, acreditais firmemente na culpabilidade de Aronde?

— Evitai-me a dor de responder a tal pergunta que são por outra parte da ordem dos factos para entrar na das apreciações. Não teria na verdade força bastante para fazê-lo; — accrescentou com a hypocrisia chorosa do crocodillo quando imitá o grito lastimoso dos meninos para atrahir para si os viajantes demasiado sensíveis. — Sabei que o accusado chegou a ser um dos membros de minha familia, e que accusa-lo seria accusar a um filho.

— Comprehando e respeito vossa bondosa reserva: podeis retirar-vos, cavalheiro, levando ao menos a consolação de haver prehenchido o vosso duplicado dever de cidadão consciencioso e de generoso protector.

Os numeros 5, 6 e 7 succederam ao abominavel velho. Eram os trez gendarmes d'Anteuil que em virtude do aviso anonimo dirigido ao chefe por cuidado de Tiennette, haviam che-

gado ao terreno demasiado tarde para impedir o combate; porem a tempo de ouvir as ultimas palavras de Brionde. Estas palavras supremas consignadas no sumario accusavam de loucura ao velho Duplessis segundo o espiritu do moribundo; porem por desgraça, segundo temos visto, por falta de explicação, não podiam applicar-se razoavelmente mais que a Aronde.

Depois desta declaração não menos terrivel que a precedente.

— Envie-se a buscar o accusado, — disse o juiz ao porteiro entregando-lhe a ordem por escripto.

Não eram só ao palacio da justiça aonde o barão Appencherr lavava suas anciedades e inquietações relativamente á falta de veracidade que lhe impunha seu sogro contra os gritos de sua consciencia. Taes angustias o seguiam por toda a parte como outros tantos remorsos anticipados. Encontraremos tambem os vestigios nas paginas candidas e inocentes onde escreve todas as noites sua encantadora filha Julia os successos de todo o dia. E já que insidentalmente se apresenta occasião, recordaremos algumas paginas deste lindo diario. Nelle encontraremos dados não só sobre este ponto, senão sobre outros ainda, que não é inutil conhecer.

« Dia 17... á noite.

« Meu pai está triste ha dias. Desde o meu quarto ouvi varias vozes do final da sua conversação com o avô Duplessis. « Estou arruinado! — dizia meu pai. — Em vós consiste não o estar, — respondia o avô. Dizei vós sim.» Emfim depois de um grande silencio respondeu papá: Se nisso vos empenhais, homem inexoravel, seja; porem que a responsabilidade cáia sobre vós só!»

« Dia 18.

« Pobre Aronde! Quanto desgraçado és! Não o soube até hoje. Diz-se que se conduziu muito mal no duello. Apenas posso acredita-lo. Comtudo, disse-o meu pai almoçando, e o assegurou meu avô. Isto me explica o singular encontro que tive hontem indo ás Tulherias. Vi diante de mim, com as mãos no rosto, a sua joven e formosa mulher, a quem conheci a pezar do seu vestido de lã e seu chapelinho. Quiz retirar-me para não a humilhar; mas ella correu para mim sem temor nem reparo algum, e me disse que de toda a nossa familia, que lhe tem sido bem fatal, a ninguem sentia mais que a mim. A minha familia se converteu em accusadora do seu marido. Talvez não me veja mais. Sinto bom.

« É uma pessoa excellente que teria sido boa amiga mais tarde. Quando fallei deste en-

contro ao entrar meu pai, apparentou escutar-me com sorriso, mas adverti pela sua inquietação que se estremecia apezar seu. Pela minha parte apparentei rebellar-me contra a sua dureza, e lhe disse que devia socorrer-se a tão pobre e interessante familia. — Isso não pôde ser exclamou meu pai mais perturbado que nunca. Ha circumstancias em que é perigosa a caridade. Insisti, porque não quero deixar-lhe perder o bom costume de obedecer aos meus caprichos — Eu o quero, — lhe disse com esse aspecto irado que sempre me faz triumphar — Pois bem, peço-te e supplico-te, — acrescentou então. — que não faças isso, porque teu avô ficaria furioso. — Não ha necessidade de dizer-lho. — Poderia sabe-lo por casualidade e seria perdido. — A estas palavras o meu amor filial dominou a minha vontade. Hei cedido, é verdade; mas não me succederá mais por muito tempo.

« Referi tudo a Lalaké. É preciso que não desobedeçais a vosso pai, — me respondeu, — Mas, — acrescentei, — quanta fome e quanto frio terá a pobre Estrella no seu miseravel quarto! Esperemos o contrario. Eu conheço uma senhora muito caritativa, e lhe recomendarei a vossa prolegida. Não acreditais que se parece demasiado a uma esmolla o soccorro offerecido por uma mão estranha! Oh! não é em verdade mui estranha para Mad. d'Aronde. Pedeis tomar parte d'uma maneira dissimulada na generosidade des-

sa senhora. Enviailhe uma prova de reconhecimento pela vossa demonstração de sympathia pela desgraçada amiga. Não se vos prohibiu fazer um presente a qualquer com tanto que não seja a Mad. d'Aronde. — E que lhe enviarei? — Oh! meu Deus, uma bagatella; qualquer cousa; esse colar de azeviche, por exemplo, que tendes ao pescoço. — Mas é uma prenda de lucto! — Ração de mais. Essa senhora está sempre de lucto que usa pela sua dita passada. — Entreguei o collar a Lafolie. Porque se mostrou este fiel criado tão contente por uma acção tão natural? »

Dia 20.

« Occupo-me hoje de outro assumpto! Meu pai fallou-me de casar-me. E com quem! Com um desconhecido, um que se diz enamorado, que lhe narra a sua paixão do fundo da Allemanha, e que lhe faz pagar trinta soldos de porte por tão estranha declaração.

« Parece que não é novo o plano deste cavalheiro já me tinha feito a honra de distinguir-me em vida de minha pobre mãe. Chama-se Dabiron e partiu em busca de fortuna para o outro lado do Rheno.

« Eu não lhe tive nunca grande affeição, — me disse meu pai, — assim lhe tinha recusado o meu consentimento; mas hoje que é senhor d'uma fortuna de principe, é um excellen-

te cavalheiro, e juro-vos que o partido não póde ser mais vantajoso — Meu pai, — respondi, eis o meu *ultimatum*: não quero ouvir fallar do vosso especulador allemão; tenho minhas razões para isso. Quaes são? — Que amo a outro.

« Meu pai ao ouvir estas palavras mostrou ficar estupefacto. — Que dizeis, minha filha? — exclamou — Fazer tal cousa sem a minha permissão? É verdade que não a tenho ainda, mas em breve a terei. Entretanto conservo a memoria de minha avó; e por certo que não é tão pouca cousa. E mostrei-lhe a carta que me entregou Leoncio Duplessis da parte de minha pobre avó. — É verdade, — disse meu pai; — mas á carta, carta e meia. Uma mãe é uma authoridade mais forte, e respeitavel ainda que uma avó. Pois, bem, minha filha, a vossa mãe desejaria hoje o enlace que vos proporciono. Tenho a prova nos meus papeis. Ella sollicitou varias vezes o meu consentimento; mas eu o recuzei então, porque o noivo era pobre como Job. Havia alem disso outro motivo, que agora não interessa e que perdeu depois a sua importancia. Porem hoje, se persiste na sua declaração, acompanhada d'um milhão para que seja imposto por minha conta, não ha objecção possivel. Então! menina sediciosa, que dizeis a esta serie de argumentos? — Eu vos responderei quando me tenhais mostrado a carta de minha mãe relativa a semelhante matrimonio.

« Em seguida fui chorar para o meu quat-

to Oh! Leoncio! Pobre Leoncio! O Ceo é testemunha de que se eu não escutasse outra voz que a do meu coração, só vos serieis meu marido; mas se minha mãe moribunda tivesse disposto de mim, não deveria obedecer-lhe respeitosa-mente, por uma memoria que me é tão querida? »

Dia 21

« Esta manhã quando Rosina foi arranjar o meu quarto, entregou-me um papel suppondo que era meu, é um bilhetinho que tinha cahido sem duvida de seu sobre escripto e que se achava escripto por mãos d'uma mulher. Eis aqui o que hei lido :

« Não, não ha perdão? Se não vos retractais das vossas insensatas accusações, é inutil que vos apresenteis mais em minha casa. Serei inexoravel. Como quereis formoso Adonis, que creia nos vossos juramentos, quando vos preparaes a commetter um perjurio? Reflexionai-o bem — *Simona.* »

— A quem poderá pertencer este papel, — perguntei mostrando-o a Rosina, — e por que estará no meu quarto?

— A minha criada não me respondeu.

— Não póde ser de meu pai, — accrescentou: — Chama formoso Adonis e meu pai já tem o cabello russo.

« Rosina deu fortes risadas. Eu me perco em conjecturas.

Dia 22.

« Fui hoje á missa. Leoncio estava no mesmo sitio onde o vi pela primeira vez em Pariz. Tem o semblante triste e pensativo..... Pobre joven!

« Será algum presentimento? Ao sahir eu da Igreja com Rosina, pareceu-me que Leoncio desejava aproximar-se a mim. Eu de ordinario tão pouco tímida, tremo involuntariamente na sua presença. Com effeito, aproximou-se a nós ia a fallar-me; porem as vistas de Rosina o deixaram mudo. Contentou-se com um affectuoso cumprimento.

« Neste momento achavamo-nos ambos perto da pía d'agoa benta. A dama do veu, aquem encontro frequentemente aos domingos, molhou o extremo da su linda mão, e nos offereceu a uma e outra agoa benta, e todas trez fizemos o signal da cruz ao mesmo tempo.

« Cheguei a casa preocupada por circumstancia tão estranha e sem duvida alguma puramente casual. Pareceu-me que a desconhecida levava hoje posto o collar que dei a Lafolie. Ora isto são umas apparencias estranhas. »

Mas aqui se detem provisoriamente o diario de Julia. Depois desta rapida excursão voltemos ao palacio da Justiça.

Entretanto dois gendarmes, em virtude da ordem que tinham recebido, foram buscar Aronde á prisão. Depois de o ter collocado entre os dois como n'um torno vivo, o conduziram á sala da audiencia, atravez das compridas, e obscuras sinuosidades que unem a esta prisão com o palacio da Justiça, do qual não é, por assim dizer, mais que a antecamara legal.

O magistrado recebeu naturalmente a Aronde com certa frieza deixando-o de pé na sua qualidade de accusado.

Examinou-o um momento em silencio, porque desde que um homem com razão ou sem ella é accusado de algum delicto, se converte para os mais n'um objecto de invencivel curiosidade, e diriamos melhor de vivo interesse. Depois de ter pago este tributo ás preocupações humanas tomou a palavra o veneravel magistrado.

Interrogou minuciosamente a Aronde sobre todas as circumstancias que já conhecemos.

Insistiu naturalmente com elle, como o tinha feito com os demais, á cerea da causa do duello, da duração do combate, do resultado deploravel que tinha tido, e enfim, das ultimas palavras pronunciadas por Brionde ao expirar.

— Por vosso proprio interesse, — lhe disse — deveis declarar á justiça qualquer motivo secreto que justifique a vossa inimizade com o vosso contrario, e que existirá segundo é de presumir.

Esta talvez seria a única circumstancia atenuante que poderies invocar com melhor exito.

— Agradeço em extremo a benevolencia com que se me pergunta, — respondeu firmemente Aronde, — mas insisto nas minhas declarações. O desmentido que dei em plena Bolça á falça noticia da derrota do nosso exercito de Africa, propagada vilmente por Brionde com um fim culpavel de especulação, esse desmentido que a indignação me arrancou accidentalmente, não foi, na verdade, mais que a explicação fortuita d'uma mina largo tempo comprimida. O meu odio remontava-se muito mais alto. Tinha a sua origem nas tenebrosas intrigas empregadas por elle, não sei com que interesse, e que occasionaram a minha ruina. A animosidade de que se me accusa de haver levado a questão ao campo não tinha outro motivo. Mas creio-o mui sufficiente. Em quanto ao mais, tenho a convicção de que longe de ter excedido os dez minutos convencionados, o combate não ha durado cinco ou seis. Affirmo mais que a estocada fatal foi simultanea com o grito de alto, dado por um dos testemunhas, se não o precedeu em um ou dois segundos; protesto em fim, contra a applicação que se me quer fazer de algumas palavras incoherentes escapadas da bocca d'um moribundo, e que talvez não se diri'am a mim. Póde tambem crer-se que o mobil desconhecido que o tinha feito atacar-me tão encarniçadamente na minha fortuna,

devêra inspirar-lhe palavras mui doces de gratidão no mesmo momento em que minha espada casbava de castigar tão odiosos manejos?

Aronde continuou respondendo ás perguntas do juiz com tanta nobreza, tanta calma, tanta presença de espiritu e serenidade, ao menos na apparencia, que a convicção do consciencioso magistrado se alterou notavelmente a final do interrogatorio.

Em uma dessas naturezas essencialmente leaes que não vacillam jamais em sacrificar as suas opiniões proprias á evidencia contraria. Esta boa fé pode ser o que se encontra mais raro no mundo.

O necio orgulho do espirito humano repugna em toda a mudança, o mesmo que sua rotina.

Ha pessoas, ainda entre as mais escolhidas, que se obstinam vaidosamente n'um erro e desejam melhor enganar sempre que ser enganadas uma só vez.

Com um tom mais bondoso, e melhor diremos, com uma especie de sentimento, deu ordem aos gendarmes o digno juiz para que formassem de novo o parentesis ao lado do accusado e o conduzissem á prisão. Não pôde vencer-se em o não seguir com uma vista sympathica, até que teve desaparecido.

Guardou em seguida um profundo silencio em tanto que o escrivão lavrava o acto da sessão, e como as intelligencias rectas e generosas

quando tem a idade de sessenta annos hão soffrido incessantes decepções n'uma larga experiencia dos homens e das cousas, o leal e o profundo pensador abandonou-se pouco a pouco no seu fóro interno a esse numen melancolico e inspiração lenta que lhe era tão natural e cuja explosão intima parecia alliviar tanto a sua alma recta e excellente coração.

— « Oh ! verdade, — disse em voz baixa meneando tristemente a cabeça, não como magistrado senão como simples philosopho, porque tinha suspendido mometaneamente suas nobres funcções — Oh ! verdade ! Assegura-se que não te disfarças demasiada !

« Assersão dos poetas que não tem o menor fundamento.

« Eu que tenho passado toda a minha vtda para buscarte, pretendo ao contrario que te disfarças demasiado.

« Onde te encontrarás, por exemplo, neste intrincado processo ?

« Occultar-te-has sob a affirmativa d'um, sob as duvidas do outro, sob as incoherencias daquelle, sob as negativas deste ?

« Com quão diversos trages te apresentarás aqui agora ?

« Qual será o que te occulta a meus olhos ?

« Sob que empenetravel manto se ha refugiado tua supposta nudez ?

« Se quanto mais olho menos claro vejo o

fundo do poço, oh verdade, onde ironicamente te collocou tua ditosa rival, a Fabula, que não habita mais que nos palacios.

« E a lingua dos homens chama a isto supplemento de instrucção.

« Mas tal é em todas as cousas d'este mundo o resultado quasi inevitavel de nossos esforço, sendo umas creaturas debeis e cegas.

« Quanto mais sabios nos fazemos, mais conhecemos que sabemos pouco.

« Quanto mais cultivamos uma arte, mais advertimos o impossivel da perfeição.

« Quanto mais praticamos a verdade, mais conhecemos que estamos apegados ao vicio.

« Quanto mais caminhamos para a certeza, mais nos aproximamos da duvida.

« Quanto mais lemos os historiadores mais esquecemos a historia.

« Quanto mais corremos para a realidade, mais nos encontramos com erros.

« Quanto mais discutimos, mais necessidade temos de discutir.

« Emfim, quanto mais procuramos em qualquer genero desenredar a meada, mais a enredamos.

« O que ha pelo menos de certo, — continuou o magistrado, — é que nossos supplementos de instrucção chegam a ser muitas vezes supplementos de ignorancia.

« Tal é o caso em que me encontro hoje.

« Por minha fé juro que vos renuncio, oh invisível, oh inaudita, oh muda verdade.

« Eu não estou encarregado de fallar, senão de expôr.

« A cada um a sua parte!

« O processo está instruído todo o possível, por não dizer demasiado.

« Eu darei o parecer a que ha direito com toda a imparcialidade de que me honro.

« A estancia correspondente te descobrirá emfim, oh verdade, nesse conjuncto de contradicções.

« Em quanto a mim terei preenchido escrupulosamente o meu dever.

O escrivão interrompeu aqui as meditações do philosopho, e foi lastima, porque este monólogo intimo teria podido durar ainda mais tempo; mas tinha lavrado já a acta. O juiz inteirou-se d'ella, ractificou-a por interesse mesmo, ou nova contradicção humana! dessa verdade que era consciencia de homem honrado se inquietava por não poder descobrir immediatamente. Feito isto, chegou o caso de submeter a nova instrucção do processo á alta apreciação do tribunal superior.

Durante este tempo conduziram o accusado á prisão da mesma maneira porque tinha sahido della uma hora antes.

Aronde encontrou a Estrella, que o esperava impaciente no salão das visitas. Estreitou

ternamente a sua mulher em seus braços, e fez algumas caricias a Fox, cuja alegria era ali mais concentrada, e menos estrepitosa que em outras partes. Fox conhecia que se achava n'uma prisão, e como cão mui intelligente, considerava um dever não violar demasiado os regulamentos da authoridade.

— Então, meu amigo! — perguntou Estrella com inquieta curiosidade, — segundo me disse o carcereiro, vens de prestar declaração: que tal foi?

— Bem, — respondeu Arónde.

— Ah! muito estimo, pois estava mais morta que viva.

— Socega. O Juiz é um homem d'uma rectidão de juizo e d'uma decisão de espiritu pouco communs, e ou muito me engano, ou o dei-xei completamente convencido.

— Da tua innocencia.

— Oh! não, pouco a pouco! — replicou Arónde com um sentimento de amargura em presença da injusta accusação de que era objecto. — Não corras tanto! Crês que basta ser innocente e dize-lò, para que todos se apressem a proclama-lo como tal? Se assim succedesse de que serviria esse dom tão precioso que destingue o homem dos outros animaes e que se chama logica? Absolutamente de nada.

— Mas nesse caso, meu amigo, de que pô-de ter ficado convencido o juiz?

— De quê? Ah? nada mais singello: convencido de não ter convencimento de nada. É esta uma convicção como outra qualquer.

— E parece-te isso bem?

— Na verdade? não me parece, muito mal. É um progresso lento, eu o confesso mas estes geralmente são os bons, e em breve o veremos.

— Bem meu amiguinho, — accrescentou ternamente Estrella, — eu não tenho estudos; nem comprehendo o que disseste, mas refiro-me a ti.

— Está bem; disse Aronde com um tom de affectuosa reprehensão, beijando-lhe as mãos a cada palavra, — fazes-me fallar de philosophia, em quanto que tenho muitas cousas que fazer. Deixa-me admirarte um pouco. Oh! que linda estás e que traje que tens tão seductor.

— Ah, senhor ingrato! muito estimo que vos pareça bem. Como vêdes sou garrida para agradar-vos. É preciso fazer alguma coisa por estes pobres presos.

— Que encantadora! — exclamou Aronde estreitando-a de novo em seus braços; — mas dizei-me meu amor, que ha de novo em casa?

— Nada.

— Não reclamaram os donos dos terrenos?

— Os donos? Ah! sim, ao contrario! — replicou vivamente a joven, porque se recordou do proposito que fizera de occultar a seu marido que tinha empregado o resto do seu dote e o

valor dos seus moveis em pagar completamente a estes ultimos credores.

— Como, ao contrario? — repetiu Aronde sorrindo-se com mais amargura que verdadeira alegria. — Que póde ter feito essa gente ao contrario, senão levar-te gratuitamente o seu credito.

— É verdade; mas enfim o certo é que não reclamaram um real.

— Então portam-se admiravelmente, por que lhes assiste o direito ha mais de quinze dias. Pela primeira vez na minha vida tenho sido feliz nessa materia, — continuou Aronde com a mesma ironia e tom affectado d'um momento antes. Não haveria talvez em todo o Pariz mais que um só especulador que fosse capaz de esperar com paciencia a liberdade d'um devedor, e tive a sorte de encontra-lo. Um especulador razoavel, sensivel, philantropico, n'uma palavra! É um milagre! Oh! é um phenomeno.

— A paciencia destes homens não deve assombrar tanto como ati te admira, — interrompeu Estrella com intenção. Julgaram sem duvida, como eu, que o teu captivo não durará muito, e que poderás realizar o estabelecimento d'essa grande fabrica que compelirá com as estrangeiras e dará trabalho a tantos obreiros. Vamos, senhor cavalheiro, aqui tem chocolate, biscoitos e fructas para provar-lhe que ainda se pensa um pouco em vós.

— É uma succulenta providencia! — ex-

clamou Aronde. — Mas porque te encarregas tu mesma destas commissões? Porque não me envias isto por um criado?

— Sim, os criados! — interrompeu a astuta crioula ruborizando-se, a pezar seu, da mentira que acabava de proferir, para occultar ao preso a miseria em que vivia. — São tão gulosos os criados! Seriam capazes de provar de tudo no caminho. Alem de que, torno a repeti-lo, não terei que fazer isto por muito tempo. Em breve sahirás d'aqui; já tenho formado o meu plano. Leoncio acha-o excellente, sem embargo de não o conhecer ainda. Que será quando o conheça!

— E eu não posso conhecer o meu sabio e gracioso jurisconsulto?

— Nada mais natural. É preciso confessar-lhe tudo. Quando saibam os magistrados o infame laço que teu adversario tinha ousado armar-me, quando saibam que te has batido para vingar tua mulher, emfim quando o confirmem tudo a dama encuberta da rua de Chaillot, minha generosa protectora e seu digno amigo....

— A dama de Chaillot? interrompeu Aronde. — Oh! ante tudo, querida Estrella, não mistures jamais nos nossos mesquinhos negocios a essa nobre creatura cujos favores não devem recordar-se senão mui baixo com tanta discripção como gratidão.

— A que vem semelhante misterio?

— Isto é em quanto á forma, — continuou Aronde sem responder á pergunta de Estrella; — em quanto ao essencial, regeito o teu formoso plano.

— Que importa se eu o adopto?

— Não o farás.

— Sim, heide faze-lo.

— Não o farás, — replicou Aronde com authoridade, — porque assim me farias mais damno tu só que todos os meus perseguidores junctos. Não, não quero, ouves? que teu nome, que o nome de minha querida mulher se pronuncie neste triste debate; não quero que a tua virtude tão pura se veja calumniada; não quero que tua honra, pela qual hei sacrificado tudo, sirva aqui de burlesco thema á hilaridade publica.

— Mas então te condemnarão.

— Sofrerei a minha pena.

— E passarás por um homem desleal.

— Tu saberás o contrario.

— Pois bem, digo-vos que sois muito máo, é preciso callar, porque como sempre, ha que ceder aos vossos caprichos. Mas sois um despota cruel, — accrescentou a joven voltando a cabeça para occultar as suas lagrimas ás pessoas que estavam na sala das visitas.

Naquelle momento entrou um porteiro e disse a Aronde que desejava vê-lo um desconhecido, um ancião sacerdote, o cura de Erneé.

— O cura d'Erneé! — exclamou Aronde.
— Não tenho a honra de o conhecer e apenas adivinho o que quererá de mim. Mas em Erneé tive muitos amigos antes de encontrar ali ao meu inimigo mais cruel. Bem vindo seja o pastor! Dizei-lhe que entre.

— A minha presença, cavalheiro; talvez vos cause admiração disse o respeitavel ecclesiastico a Aronde. — Venho cumprir a ultima vontade d'uma moribunda que soffreu muito neste mundo, mas a quem Deus consedeu ha pouco o repouso no outro.

— Mad. Duplessis? — disse Aronde comovido.

— Sim, fez-me jurar ao pé do leito da morte que se alguma vez vos achasseis em perigo extremo, vos entregasse eu mesmo esta carta em mão propria. Hoje campro o meu encargo. Ojala seja para vós o intermediario de algum recurso de salvação.

— Meu Deus! — accrescentou mentalmente Estrella, — fazei que isto seja um soccorro!

Aronde beijou piadosamente a missiva de ultratumba, por assim dizer, rompeu o sobre escripto com mão temerosa e leu as linhas que seguem:

« Meu querido filho:

« Porque é este um doce titulo que não póde olvidar a minha ternura para com vosco. Escrevo esta carta a todo o risco, porque tarde ou

« cedo ocorrerá um successo que deve revellar-
« vos, morta ou viva, um segredo importante que
« hei guardado até agora, mas que não devo le-
« var á sepultura. Este segredo está nas vossas
« mãos, sem que o tenhais sospeitado. Existe
« depositado n'um cofrezinho que entreguei á mi-
« nha pobre filha a baroneza d'Appencherr, quan-
« do, ao regressar de Pariz a Erneé, lhe encarre-
« guei que vos recolhesse do povo d'Aronde on-
« de passasteis a vossa infancia, que vos levas-
« se a Pariz, cuidasse na vossa educação, vel-
« lasse pela vossa segurança e vos assegurasse
« um bom futuro.

« Mas como sabia da mesma sorte que eu
« o que continha o cofrezinho, vo-lo entregou no
« dia antes da sua morte, por não ter quem con-
« fia-lo, fazendo jurar que não vos desfarieis
« nunca delle, e que vos absterieis de quebrar
« os sellos sem permissão minha.

« Vós meu querido filho cumpriste leal-
« mente a vossa palavra, mas esta carta vos au-
« thorizará a quebrar o juramento se por des-
« graça chegar o momento de ser entregue. Abri
« pois, o cofrezinho em questão. Encerra docu-
« mentos da mais alta gravidade que podem ser-
« vir-vos de grande proveito n'uma circumstan-
« cia dada, sobre tudo se seguirdes docilmente os
« conselhos que os acompanham.

« Quando esta chegar ás vossas mãos, que-
« rido filho, se vivo ainda, rogai a Deos por mim,

« e se me tiver chamado já ao seu seio, eu intercederei por vós.

« Mais que nunca necessitarás então da sua divina protecção.

Olimpia Duplessis. »

— Este cofresinho, — disse Aronde com assombro e temor, — tinha-o esquecido desde que a pobre Gertrudes me fez seu depositario. Quem sabe onde estará?

— Parece-me que o sei eu, — disse Estrella. — Deve ser um cofresinho de ebano com fechadura de segredo cintado com fitas e sujeitas com sellos de lacre encarnado.

— É isso.

— Estive inspirada, — pensou a joven, — ao separa-lo da venda e guarda-lo com cuidado.

— Trazei-m'o a manhã, — disse Aronde, — ou melhor não m'o tragas, porque aqui é impossivel regista-lo. Guardai-o, Estrella, e abre-o tu mesma.

— Assim que chegue, — respondeu a joven aquem a esperança acabava de enxugar seus formosos olhos.

Mas naquelle momento se apresentou o porteiro e disse que tinha dado a hora para que se retirassem as visitas.

— Animo e esperança, meu querido Carlos! — disse Estrella trocando com elle o triste beijo da despedida.

— Valor, amada Estrella! respondeu seu marido.

— Sim meus filhos, — acrescentou o sacerdote, profundamente commoído pela contemplação daquelle matrimonio feliz. — Tende valor e resignação, que Deus não abandona nunca os que bendizem seu nome tanto na desgraça como na prosperidade.

O ancião sacerdote e a joven esposa se separaram no limiar da porta, um para regressar a Erneé, e a outra para voltar á sua miseravel habitação.

Estrella impaciente por cumprir o encargo de seu marido subiu a escada quasi com equal velocidade que Fox. Entrou no seu quarto e correu a uma caixa onde tinha guardados alguns objectos de arte que seu marido apreciava muito e que religiosamente tinha conservado. Tirou o cofre, rompeu os selos, cortou as cintas e o abriu com uma anciedade inexplicavel.

Então lançou um grito de dor, e cahiu quasi sem acôrdo sobre uma cadeira.

O cofresinho estava vazio.

Por fim chegou o momento em que Julia d'Appencherre teve que escrever uma triste nova no seu diario.

25.... ao anoitecer.

« Meu Deus. Que acabo de saber! Aronde é demandado ante os tribunaes!

« Hoje á hora de jantar., annunciando a papá esta noticia, que elle ha sabido não sei como, o avô Duplessis pareceu estar cheio de alegria.

« Papá, ao contrario, ficou tão pallido como um defunto.

« Que significa isto.

« Na verdade que não comprehendo a inimizade do avô para com os d'Aronde, nem para o que por elles se interesse; mas é inutil dizer que Leoncio não podia eleger um cliente mais digno para o seu primeiro ensaio. Estou convencida da innocencia d'Aronde. Leoncio é demasiado bom para encarregar-se d'uma causa que lhe parecesse illegal.

« Oh ! como desejava ouvi-lo fallar ! Não sei se as mulheres podem assistir, sem chamar a attenção, ás defesas. Presumo que sim, quando as leve um interesse para o accusado e não a curiosidade. Sobre isto consultarei Lafolié.

« Seja o que for, tenho o presentimento d'um completo triumpho para meu primo.

« São dozes horas da noite. Já é tempo de retirar-me, porque sobre esta materia jamais deixaria de fallar.

« Com tudo não deixarei hoje a penna sem ter feito tambem um pequeno acto de justiça. Tenho que dar um avizo ao indiscreto, seja quem for que ler este diario.

« Já tinha notado varias vezes que não es-

tavam os papeis no sitio e na ordem em que os deixára na vespera, no fundo da gaveta que lhes havia consagrado dentro desta pequeno escriptorio. Ha alguns dias observei que faltavam alguns cadernos da collecção e eis hoje que elles estão aqui, em quanto que os seguintes desappareceram.

« Sem duvida os leva mui lindamente papá para os ler mais a seu prazer.

« Quem ?

« Já sei: ninguem pode ser senão papá; mas como e de que modo, se agora vem á minha habitação com menos frequencia que d'antes ?

« Não importa ! certamente é elle e desde agora não hei de fechar por isso o meu escriptorio. Um pai tem o dever de vellar sobre todas as acções de sua filha, e conhecer até seus mais reconditos segredos. Se sinto isto como outras muitas circumstancias, não é pela causa em si mesma, mas sim pela maneira de executa-la, porque não me ha pedido clara e francamente esta communicação ? Eu a teria feito com muito gosto.

« Comprazo-me em fazer tal advertencia, senhor curioso, posto que estas linhas são destinadas a vós como as precedentes.

Mas dito isto, roguemos a Deos por ella, por mim, por Mme. d'Aronde, e pelo triumpho oratorio de meu primo Leoncio. »

Julia enganava-se nas suas conjecturas: o indiscreto, não era Mr. d'Appencherr. O pobre Barão tinha outros cuidados para ir registrar os

papeis d'uma menina de dezasete annos e meio, e entrieter-se em decifrar aquellas garatujas.

Não era o cuidado dos seus negocios o que mais o occupava, não obstante elles irem cada dia a menos. Era demasiado debil, e ligeiro de character para inquietar-se deveras senão no ultimo extremo, e as mais das vezes quando já não tinham remedio as cousas.

Já se teria arruinado ha muito tempo, se Aronde não tivesse estado, multos annos, á frente da sua casa, sob o modesto titulo de empregado principal. Mas desde que o joven encarregado se retirou para crear uma posição independente, as cousas marchavam de mal a peor, por falças especulações, por operações imprudentes por sommas consideraveis fallidas e por prodigalidades das quaes unicamente a historia dos antigos assentistas podia dar exemplo. Necessitava-se a solidez dos fundamentos sobre os quaes o primeiro Barão Appencherr e o seu consocio Duplessis, tinham fundado em Pariz a filial da sua casa em Franckfort, trinta annos antes, para que não se houvesse arruinado cem vezes sob a administração de seu filho e genro. Se a casa continuava em pé era devido aos soccorros que Masson lhe tinha administrado, para fazer frente a uma banca rota, segundo temos dito em outro logar, aos seis milhões proxivamente que compunham o deposito feito n'outro tempo á caixa da dita casa pelo cavalheiro de Limburgo, e em fim o meio milhão

que seu sogro lhe tinha entregado á conta, em recompensa da declaração que deu ao juiz no negocio d'Aronde com a promessa de dar-lhe seis vezes mais, se continuava até ao fim.

Não, não era o máo estado dos seus negocios o que atormentava o Barão, mas sim os seus amores.

Em consequencia das noticias que recebera Simona de Mad. d'Aronde, sobre os pormenores do duello, tinha podido seguir pontualmente as recommendações de seu mysterioso correspondente. Primeiramente oppôz a sua versão á do Barão que ficara estupefacto de tanta exactidão; depois de reprehende-lo pela pouca franqueza que manifestara naquelle negocio, lhe tinha lançado em rosto a sua cobardia, lhe havia supplicado que fosse mais verdadeiro para o futuro, e terminantemente lh'o tinha dito fazendo disso uma condição absoluta para a continuação das suas visitas, e em fim, como não poderia resolver-se a renunciar as generosidades de seu sogro, o havia despedido até uma perfeita emenda.

— Mas, adoravel tyranne, — lhe havia respondido, asseguro-vos que a minha declaração ante o juiz não é daquellas que podem aggravar o accusado; está tão embrulhada que é impossivel tirar nada a limpo della. Leve-me o diabo se eu mesmo comprehendo nada. Por outra parte não versa senão sobre um ponto essencial do debate, e é a questão de tempo: enquanto ao

mais tenho estado verdadeiramente imparcial. Quando o magistrado me perguntava se era verdade, como se assegurava, que o accusado maltratava sua mulher, eu respondia negativamente com uma energia de que vos terieis admirado. Assim, pois, favoravel sobre certos pontos e obscura sobre outros esta declaração, meu sogro, que sem duvida gosta do claro escuro, quiz manifestar-me a satisfação que lhe causou a seu modo de vêr. Para que vos mostrais agora mais exigente? Deixai-me obrar da maneira mais conciliadora.

— Perguntais-me, cavalheiro, porque sou mais exigente que vosso sogro! respondeu Simona com singular desdem. Eu vo-lo digo. Quero que a minha sociedade se componha de pessoas honradas. Podeis escolher; quando vos tiverdes decidido a entrar no caminho da honradez, escrevei-me a vossa resolução, e podeis voltar como do costume a esta casa, comprar os meus bilhetes de rifa em proveito dos pobres e ajudar-me a fazer os fios para os meus feridos. Mas se proseguis no caminho da impenitencia evitai o vir, escrever-me e o enviar-me cousa alguma. Não vos quero ver mais: causar-me-hieis horror e até me julgaria condemnada empregando philantropicamente os vossos fundos por conta da nossa commum salvação. »

Desde que se deu esta explicação ao Barão

não passou dia sem que fosse bater á porta de Simona com a esperanza de vê-la aberta.

— » Não sei que influencia exerce esta mulher sobre mim, — dizia elle a si mesmo nos primeiros dias. — Ella me arruina, me reprehende e me repelle! Estou tão offendido della com Marco Antonio o estava de Cleopatra. E por certo é esta tão gastadora com aquella. Com tudo não posso passar sem ve-la. Amo esta mulher phantastica que se diverte tristemente, que se entristece com alegria, que se ri chorando, que medita bailando e que conclue uma canção com uma pratica. Em quanto ao mais tomou um tal costume de enfadar-se de atormentar-me e mofar de mim, que não devo ser-lhe menos necessario. Aposto que não existe hoje já a consignaçoão. Asseguremo-nos. »

Mas a consignaçoão existia.

Mandou-lhe flores e regallos foram desapidadamente regeitados.

Por fim, escreveu. Simona respondeu negativamente, como temos visto no bilhete que o barão tinha deixado cabir inadvertidamente na habitaçoão de sua filha, e que esta transcreveu para a posteridade no seu diario. Depois de muitas tentativas não menos inuteis, o barão resolveu mudar de tatica.

— Cleopatra fará voltar a Marco Antonio, — se dizia, — é indubitavel, e ella será a que tome agora a iniciativa. Uma mulher que quer enri-

quecer a todos os pobres de Pariz, que quer fazer passear de carruagem a quantos não tem sapatos, que se aquece sem duvida com bilhetes do Banco como Talleyrand, que bebe cosimentos de finas perolas como a Rainha do Egypto, e que se serve de diamantes para ferrar os seus cavallos como a de Sabá, essa mulher não pode prohibir-me por muito tempo a entrada na sua casa.

E o Barão cantava com arrogancia esta aria da opera comica:

Esperança,
 Confiança
 É o rifão
 do peregrino.

Mas o rifão parecia não se realizar aquella vez. Aqui pois, já se comprehende que as candidas memorias de Julia pareceriam mui pueris entre taes preoccupações. O Barão não era quem as roubava. O ladrão, honrado ladrão, era Lafolie. Commettia este furto para satisfazer sua propria curiosidade? Não. Similhante aquelle escrevente que não lia o que copiava, Lafolie recolhia e enviava successivamente as diversas folhas do diario em questão, sem permitir-se lançar uma vista sobre o seu contheudo. Só consultava a pagina.

Para quem as roubava?

Para a dama encuberta, para a dama da

rua de Chailot, para a que lhe deu agoa benta, para a protectora dos d'Aronde, para a mysteriosa donatoria do collar de azeviche, suppondo sempre que seja esta mesma pessoa, e então suspeitavamos vehemente que teria inspirado á mesma, pelo docil intermediario de Lafolié, a ideia deste diario com o machiavelico fim de saber diariamente seu singello contheudo.

Para que? É isto o que a continuacão desta veridica historia aclarará sem duvida.

As noticias de Julia eram desgraçadamente mais fundadas que suas suspeitas.

No dia seguinte, os periodicos judiciais annunciavam o chamamento d'Aronde ante o tribunal dos Jurados. O tribunal inferior não tinha participado das duvidas do seu distincto e exceptico relator, porque suas convicções não se tinham formado em vista de asserções, pessoalmente contradictorias. Tinha julgado pelos dictos, e os factos estavam patentes, as conjecturas manifestas, as affirmacões mais que sufficientes até por parte das testemunhas do accusado. Não tinha pois que duvidar, sobre tudo no momento em que a febre das especulações tinha invadido a sociedade inteira, e em que a moralidade publica sentia a necessidade de destruir suas deploraveis consequencias.

O tribunal declarou, pois, que tinha logar a seguir a accusação do homicidio voluntario com premeditação. Tratava-se nada menos que de pena

capital, ou de trabalhos forçados para sempre. Para este momento tinha fixado de antemão Tien-nette a execução das suas ameaças contra o velho Duplessis, depois do violento altercado que sustentara com elle, na mesma manhã do duello, quando foi a toda a pressa annunciar-lhe o resultado.

— Ah! fieis servidores, — exclamava Tien-nette depois da sahida precipitada do velho, dirigindo-se ao Balanceiro, ao Ciclope e á Cabeça de Pipa que tinham ouvido a disputa desde o gabinete immediato, onde estavam occultos, e que tinham sahido para proteger a sua senhora. — Ah! pedieis-me trabalho antes que chegasse este energumeno! Estai tranquillós, já se vos dará! Tendes visto a esse velho? Bem; eu vo-lo entrego para que o persigais, o atormenteis e o anniquileis. Sem embargo ainda não. A feitiçaria é cousa preciosa, que não deve malbaratear-se inutilmente, esperemos o resultado das ameaças que acabo de fazer-lhe; pois deve saber que jamais ameaço em vão, e a reflexão pode calma-lo. É facil que então se retracte e abandone o seu plano para unir-se ao meu; mas se pelo contrario insiste no seu abominavel systema ante o juiz do processo; se persiste em querer perder a Aronde, apresentando-se sendo testemunha como um homem que se ha batido por uma miseria, que não accceitou nenhuma conciliação, que ultrapassou a duração convencionada do combate, e que

ha ferido deslealmente o seu adversario depois do signal de tregua: se n'uma palavra, se empe- nha em que recaia sobre a cabeça do meu nobre protegido uma condemnação infamante, então, minhas fieis furias que não haja piedade para o testemunha falça!

— Não, não; nenhuma piedade, — responderam os trez ao mesmo tempo.

— Encarniçai-vos na sua perseguição! agar- rai-vos a elle fazei-o vosso juguete, vosso entre- tenimento, vossa presa! Elle só tem trez paixões no seu coração que todas tendem ao mesmo fim e das quaes deveis tirar partido de vossa victima, uma inveja insensata, uma ruim curiosidade, e uma sêde inextinguivel de vingança: este é o seu fraco principal e a elle devem dirigir-se os vos- sos golpes.

— Golpes? — repetiu o Ciclope levantan- do seus braços hereculeos, — famoso! já o conto com os defuntos. Quanto tempo ha que não te- nho zurzido ninguem! mas tenho má sorte. O braço se cança de não fazer nada, e a mão se desfaz por luctar. Como ha-de ser! É necessario contentar-se com o que se encontra.

— Silencio, idiota! interrômpeu Tiennette — Não se trata aqui de murros, mas sim de tor- mento moral e não violencia physica. Desgraça- do de ti se te permittes o menor excesso.

— Basta, — respondeu humildemente o Ci- clope baixando sobre seus punhos as mangas do

largo capote sebento na gola, roto nos cotovelos d'uma côr indifinida por toda a parte, e adornado com uma grossa canna suspensa d'um botão que o distinguia dos seus companheiros. Conformer-nos-hemos com a ordem do dia.

— Assim seja ! — replicou energicamente Tiennette — Torno a repeti-lo, o coração desse homem não tem mais que trez fibras de ser vivente. Já as disse e é preciso faze-las vibrar até quebra-las. Todos os meios são bons, os mais loucos como os mais terriveis, e quando o tenhais atormentado como a um possesso, se ainda não está maduro, se não pede perdão nem graça, se persiste na sua impostura até diante da justiça, oh ! então que socumba vergonhosamente, sem rodeios, sob o mesmo peso da sua impostura ; que se veja cuberto de ignominia em presença de todos ! Emfim, que por uma mudança imprevista a sua vingança não alcance o marido, assegurando á vez a minha contra a mulher ! É muito, matar dois passaros d'um tiro, pois esta é a economia bem entendida. Eu não estarei aqui provavelmente quando se realize a hypothese de que fallo, se acaso occurrer. Graves interesses que não são estranhos a este negocio me terão levado á Allemanha por um tempo mais largo ; mas se a minha voz vos falta então, fique o meu pensamento para inspirar-vos. O Balanceiro receberá antes da minha partida as ultimas instrucções e d'elle recebereis as minhas : é chegado o

momento de que cada um trabalho segundo a sua capacidade, e os seus meios de acção.

— I-de socegada, — respondeu o Ciclope com o seu ardor costumado, — que havemos de agradar-vos. Já tenho pensado, para fazer condemnar a Duplessis, certa peça das mais jocosas que podem encontrar-se.

— E eu uma especie de denteira que lhe affectará todos os nervos! — accrescentou Cabeça de Pipa.

— E eu, — disse o Balanceiro, — uoa tal redouça que lhe dará um quarto de hora fatal no tribunal dos Jurados.

— Bravo! que gentes! — respondeu Tienette. — Quero ver-vos com impaciencia antes que se abra a liça. Conservai-a para a hora oportuna. Esta vez não reparo nas despesas! vinte e cinco francos por cada desgosto que deis ao velho! cinquenta por cada cabello branco que o obrigueis a arrancar-se! cem por cada lagrima de dor que o façais derramar!

Em quanto a remorsos eternos ficarão para o meu regresso; eu me encarrego delles: essa é a minha parte e já sabeis como trabalho neste genero. I-de; esta é a primeira e a ultima vez acaso que tereis que trabalhar com um fim verdadeiramente moral. Que esta consideração excepcional seja a vossa segunda recompensa.

— Graças, — responderam os trez consócios ao partir, — porem a primeira nos bastava.

Tiennette não sahio de Pariz para Wardemburgo sem ter dado antes ao Balanceiro as ultimas instrucções que lhe tinha annuciado para o caso previsto e que chegou com a accusação d'Aronde. Então os dignos servidores de Tiennette pozeram o seu plano em execução; engenhoso, mas singello esboço que cada qual traçou segundo os alcances da sua imaginação, como veremos mais adiante.

Depois de Duplessis deixar definitivamente Erneé por causa da morte de sua mulher, para estabelecer-se de novo em Pariz, tinha-se alojado n'uma rua solitaria proxima á casa de seu genro, situada na rua de Bergere, nos confins da Boule-Rouge, Appencherr que não desejava mais que hospedar a tão rico sogro, não pode fazer-lhe aceitar a hospitalidade na sua sumptuosa morada. O colerico velho professou sempre horror á sociedade, ainda que o seu humor sombrio e selvagem tinha ido peorando nos ultimos tempos. A unica paixão que occupava sua vida era a solidão para meditar seus planos e liberdade para executa-los.

A casa deste homem, grande milionario, teria parecido mesquinha até a um simples artista com mil e quinhentos francos. Aquelle homem que teria podido ostentar o luxo d'um principe, não se alimentava senão com pão e agoa, aquelle homem que prodigava o dinheiro pelo interesse do seu odio, comprava elle mesmo as

suas escassas provisões, como o teria feito qualquer pobre diabo. Em quanto aos trabalhos domesticos, de que elle não podia encarregar-se, admittiu os serviços da sua porteira á razão de doze francos mensaes, sem querer jamais augmentar este estipendio. Estes contrastes de mesquinhez e prodigalidade eram nelle mui communs: a indiferença pôde ser avara; a paixão sempre é prodiga.

A presença daquella desconhecida lhe desagradava sobremaneira. Era falladora e curiosa: dois defeitos imperdoaveis aos olhos do velho nas circumstancias em que se encontrava; é assim que resolveu mandar vir de Erneé a criada allemã que tinha servido a Mad. Duplessis durante trinta annos com tanta abnegação. Era uma mulher socegada, taciturna, cuidadosa e d'uma fidelidade a toda a prova. Tinha demais a vantagem, inapreciavel para elle, de não haver deixado um instante a sua senhora desde a sua sahida de Francfort. Quantas noticias uteis á sua curiosidade, a seus zelos, a seus desejos de vingança, á sua monomania, n'uma palavra, poderia obter de tão antiga camarista com alguma destreza, ou com muito oiro, se fosse necessario agora que a erudição do confidente não podia reprimir-se por medo de comprometter a uma bemfeitora! Com este motivo escreveu para Erneé ao successor de seu sobrinho, porque a velha Margarida (tal era o nome com que se tinha chama-

do sempre) devia viver ainda nesta cidade, onde sua senhora lhe tinha deixado uma decente existencia por seu fallecimento.

O novo notario respondeu a Duplessis que Margarida effectivamente tinha ficado em Ernée, que tinha adquirido uma pequena casa proxima e que empregava seu tempo na egreja, em orar sobre a sepultura de uma senhora; mas naquelle momento em que escrevia, sahia a velha para Pariz a espensas d'um desconhecido que tinha ido busca-la; que ao principio tinha resistido a toda a proposta de viagem, porem depois da leitura de algumas palavras escriptas em lingua estrangeira pelo desconhecido, e que algumas testemunhas ouviram pronunciar quando as lia, se bem não as comprehenderam, e experimentou como um transporte de alegria, exclamando; *Pobre menino! É mui possivel!... Craças, meu Deus! Partamos, partamos, com outras exclamações, mui pouco intelligiveis; que depois deste verdadeiro delirio, se tinha posto immediatamente a caminho com o desconhecido; que não se sabia o fim da sua viagem, que elle tinha encarregado expressamente se lhe enviassem varios objectos que por precipitação de sua partida não podera recolher, e que em fim os signaes que deixará eram rua de Bouloy Hotel de Allemanha.*

Sem nos occuparmos demasiado do extravagante destes pormenores, Duplessis se felicitou por ter tão perto a Margarida. Esperava vencer

suas duvidas de viva voz melhor que por correspondencia. Foi assim que logo se dirigiu ao sitio indicado.

Cousa estranha, naquelle momento chegava á porta da hospedaria uma rica carruagem, e sob a abobeda demasiado escura, que servia de entrada ao estabelecimento, se encontrou Duplessis com uma dama vestida de negro que pareceu estremecer-se ao vê-lo, e a qual acompanhava um homem mui semelhante a Lafolié.

Duplessis parou para melhor se assegurar do facto, quando as duas pessoas chegassem a um sitio mais claro; mas nenhuma dellas voltou o rosto, e subiram ambas ao rico coche que partiu logo. Duplessis não pôde vêr mais.

Ainda que preocupado com semelhante encontro, apresentou-se no escriptorio dos criados desempregados, e perguntou se tinha chegado de Ernée uma mulher de bastante idade, chamada Margarida, respondeu-se-lhe que com effeito tinha chegado de Ernée uma mulher com aquelles signaes; mas não do mesmo nome,

— Então como se chama? perguntou Duplessis.

— Ignoro, cavalheiro, com que direito me dirigis essa pergunta, — objectou naturalmente o empregado.

— É verdade, — respondeu Duplessis — Sou seu antigo amo; esteve trinta annos em minha casa como criada de minha mulher. Necessito fal-

lar-lhe, e nunca a conheci mais que por esse nome. Não me ocorreu jamais que pudesse ter outro.

— Pois bem, cavalheiro, o seu nome proprio é Warchell, — respondeu o empregado.

— Warchell !!! — exclamou Duplessis estremecendo ao ouvir tal nome se houvesse sido fulminado — Com dissesteis cavalheiro ?... War.....

— Warchell, — repetiu o empregado.

— Callai-vos ! Warchell ! Éstais seguro de que se chama Warchell ?

— Segurissimo, — replicou o empregado algum tanto assombrado da admiração do velho.

— Oh ! não é possível, — accrescentou este. Haverá algum erro, algum *quid pro quo*.. ou não sei que... porem vós estais enganado.

— Se estou ou não enganado, aqui está a nota copiada do seu passaporte. Vê-de: Viuva Warchell (Margarida)... Effectivamente, tambem se chama Margarida, — disse o empregado interrompendo a leitura. Não o tinha advertido. » Natural de Kermer, perto de Francfort » — continuou.

— De Kermer !.. perto de Francfort.. viuva Warchell... exclamou de novo Duplessis, sobre quem cada uma destas palavras produziu o effeito d'um ferro ardente. Oh ! é ella ! é a mesma ! É a ama !..

— A ama disse o empregado sorrindo-se

Então nesse caso o menino, deve ter mudado os dentes ha muitos annos.

— Oade está alojada? perguntou Duplessis, — porque preciso fallar-lhe.

— Na verdade, que chegais a proposito, pois cinco minutos mais tarde, talvez que não a liveness encontrado. Como vê-des no patco já está engatada essa deligencia. A tal Margarida Warchell a ama em questão, tomou dois bilhetes um para ella, e outro para um estrangeiro que a acompanha.

— E para onde vai?

— Para a Allemanha.

— Para a Allemanha? Sem duvida voltará para a sua patria. Ainda mais uma razão para que me apresse a vê-la Onde a encontrarei.

— Escada C, terceiro andar, quarto n.º 12.

Duplessis tomou a direcção indicada.

— Infamia! — murmurava subindo a escada com toda a ligeireza d'um joven. Foi por isso que a minha defunta conservava sempre a seu lado a segunda mãe do menino, a ama do fructo dos seus indignos amores, a confidente daquella odiosa intriga! E eu por consequente fui por tantos annos o joguete e a burla das duas mulheres. Abominação! E haverá quem queira que eu perdoe uma injuria que pesou sobre metade de minha vida! E pertender-se-ia que houvesse expiado a minha justa vingança sobre a sepultura da culpada! Não, não, odio e perse-

guição aos seus cúmplices! Ódio e perseguição a todo o que sobreviva a tão abominavel trama? Com tudo socegemos um pouco antes de ver a esta mulher e procuremos obter della por duçura, e mesmo por interesse, algumas novas explicações.

Fallando assim o velho, chegou diante do numero occupado pela viagante. Entrou sem chamar. Margarida Warchell não voltou a cabeça. Acabava de metter n'uma malla os effeitos que lhe tinham enviado de Ernée.

— Margarida! — exclamou Duplessis, que na sua preocupação esquecia a enfermidade da sua antiga criada.

Esta continuou na sua occupação, e cerrou a malla com cuidado minucioso.

Duplessis tocou-lhe no hombro.

A velha voltou-se então, e assim que viu o semblante do seu antigo amo, retrocedeu como á vista d'uma serpente.

— Ah! maldito! — exclamou com a vista scintillante e com um gesto de horror — Eis-aqui o maldito! Que virá fazer a este sitio?

E estendendo para diante as suas mãos descarnadas e tremulas de emoção, pareceu resguardar-se de ante mão das violencias provaveis do irascivel velho Duplessis comprehendeu que necessitava valer-se da persuasão.

O tigre escondeu, pois, a garra.

— Margarida! — disse com toda a afabili-

dade de que era capaz, — mandei-vos buscar para serdes governante da minha casa. Estais ao alcance dos meus costumes, e corre por minha conta fazer-vos um bom partido. Sereis minha dona absoluta, minha ama de chaves e occupareis um bom lugar no meu testamento.

Estas promessas eram feitas com uma voz suave, cheia de bondade, e mimo; porem era perdido semelhante luxo de inflexões harmoniosas. Margarida não podia ouvi-lo.

Sem embargo, tinha o antigo costume de interpetrar com bastante segurança o movimento dos labios.

— Bem vejo que me engano, maldito! — respondeu ella; — enganás-me, como enganavas minha pobre ama, na vespera da festa que causou a sua morte, enganás-me para ferir-me com mais certeza. Mas não te temo; dentro d'um momento estareis longe de ti.

— Eseuta, — disse Duplessis, — tu has sido a confidente dessa ama cuja defesa tomas com tanto ardor, tu has sido a depositaria de todos os seus segredos; tu has criado esse menino cujo nascimento deshonrou meu nome e destruiu minha ventura. Confessa tua participação, conta-me todos os promenores desse drama intimo tanto tempo ignorado, diz-me tudo, e te asseguro para o resto dos teus dias uma fortuna independente; eu te darei oiro; todo o oiro que queiras!

Margarida fatigada, não de ouvi-lo; mas de o vêr fallar tanto em vão, moveu a cabeça com um ar de zombaria.

— Deus, disse, — concedeu-me a dita de não poder ouvir-te, ati que assassinastes a melhor das mulheres!

— Surda! — exclamou o velho; — surda é verdade, tinha-o esquecido! Que desgraça! tenho na minha mão o testemunho mais completo, e não posso saber nada! Mas parece-me, que possuo um meio infalível de me fazer comprehender.

E tirando da sua carteira os papeis que tinha de Montreuil, e de que se tinha provido expressamente para aquella vizita, os collocou á vista da antiga confidente de sua mulher.

A surda os observou com attenção.

— Eu fui quem assignou essas cartas; — disse designando as duas primeiras, — minha ama quem escreveu as seguintes, e o cavalleiro de Limburgo quem escreveu as ultimas.

— Ah! reconheceis tudo isto? — disse Duplessis pallido de colera, dando força a sua pergunta com um gesto explicativo.

— Sim; já ha bastante tempo! Então tinha a mão firme.

— E o menino? — gritou o velho com todas as suas forças.

— O menino? respondeu Margarida que leu esta palavra nos labios do seu interlocutor

— Vos sabeis que havia um menino? Duplessis, avido de revelações, conteve-se e respondeu afirmativamente com um movimento de cabeça, furioso para o caso.

— Então não necessito occultá-lo: sim, havia um menino, formoso como o dia, com olhos grandes e vivos. Minha pobre ama era louca por elle!

— Ah! era louca por elle! — disse o velho com um sorriso amargo.

— Todas as semanas ia ve-lo occultamente, umas vezes só, e outras com o pai, um excellente cavalheiro mui amavel. Ah! que felizes tempos aquelles!

— Felizes tempos! — murmurou o velho, — que via confirmar-se todas as suas suspeitas, — diz melhor os tempo do opprobrio e da infamia. Ah! quizera poder duvidar ainda; mais esta ultima explicação eleva ao auge o meu odio e a minha dôr. Desgraçados dos que me hão offendido, começando por ti, miseravel instrumento dessas vergonhosas intrigas.

E ia a agarrar a velha criada pelo braço, quando appareceu o estrangeiro com o qual ella tinha feito a viagem de Ernée, e que pelo seu aspecto parecia um homem de confiança encarregado de conduzi-la e de velar por ella.

— Partamos, senhora, — disse com accento allemão, e apontando para a porta.

— Um momento! — exclamou Duplessis,

— quero ainda fazer algumas perguntas a esta mulher.

O companheiro da mulher Warchell respondeu :

— Sinto em extremo não vos poder servir de interprete ; mas as diligencias não esperam por ninguem e não temos mais que o tempo necessario para chegar.

E levando a mulher Warchell deixou a Duplessis só , consternado , e abatido no quarto deserto.

— Maldição ? — gritou, — maldição sobre o menino desse amor criminal, sobre esse Aronde quem já hei arruinado , deshonorado ante a opinião publica e a quem espero que prompto ferirá a espada da justiça ? Nada , nem a menor sombra de duvida, falla já em favor seu.

No dia seguinte desta scena a sentença de appellação de Aronde ante o tribunal dos Jurados veiu a dar a Duplessis uma das mais doces satisfações que jamais tinha experimentado. Os servidores de Tiennette começaram a fazer-lhe a vida bastante desagradavel, segundo as instrucções que ella lhes tinha deixado. Era o seu plano um systema de anedoctas e contos capazes de exasperar o homem mais pacifico , como as garrochas que se põem aos touros na praça para excitar a sua bravura.

Não se descuidou nada que pudesse recordar ao velho a desventura conjugal cuja vergo-

nha prosegua, convertendo-a em seu tormento perpetuo.

Durante o dia, que sahisse, que entrasse, que se apresentasse em paragem publica, por toda a parte emfim, se encontravam sempre diante d'elle a seu lado ou detraz alguns farcistas conversando alegremente de mulheres infieis, de principes seductores, de meninos, de maridos grotescamente enganados, com todas as circumstancias em uma palavra, que puderam applicar-se á sua pessoa.

Durante a noite musicos ambulantes tocavam com encarniçamento debaixo das suas janellas arias, cujas palavras encerravam allusões parecidas. Uma serie não interrompida de cartas foram augmentar a pezar seu todos os equívocos que a maledicencia pode permittir-se impunemente sob o veu de anónimo.

Emfim, de vez em quando se encontravam no seu chapéu nas suas algibeiras, papeis pequenos que continham caricaturas do mesmo genero, debuxadas á penna, e que uma mão habil tinha chegado a introduzir-lhe com manha entre a multidão.

Que oppor a similhantes ardis? Aquem culpar, e como faze-los cessar.

Não necessitamos dizer que o Cíclope devia ser o organizador de umas, e que nas outras se houvera podido conhecer o talento caligrafico do Balanceiro.

Quando lhes pareceu que todos estes pequenos golpes dados sem cessar ás paixões mais vivas de Duplessis tinham conduzido a sua victima a esse estado de prostração onde se do-
bram frequentemente os espiritos mais firmes, a Cabeça de Pipa se apresentou em casa do velho para recolher o fructo de todas estas manobras.

— Que tendes por aqui? — lhe disse brutalmente o velho.

— O interesse que me inspira um homem da vossa idade, — respondeu hypocritamente a emissaria de Tiennette. — Parece, meu senhor, que ainda que ausente essa revoltosa criatura, vos faz a vida um pouco dura neste instante, não é verdade?

— Como! ella quem....

— Meu Deus! sim, quem inspira e alenta os vossos perseguidores. É uma mulher tão alegre! tão divertida!

— Ah! E parece-vos isso divertido?

— Sim. Mas a vós não tanto, não é verdade? Eu já o pensava. Porem é mais facil livrar-vos de tudo isso, que um pobre cão d'uma pannela velha atada á cauda. Basta uma só palavra. Amanhã se apresenta Aronde ante os jurados. Dizei a verdade, mais nada que a verdade, de-
zisti do vosso empenho; não ataqueis o accusado deixai-o justificar-se; isto será um acto de justiça, e vos prometto que desde amanhã á noite passareis os dias na maior monotonia.

— Jamais ! — respondeu Duplessis inraivado.

-- Nesse caso, sinto bem por vossa causa. A inquietação augmentará d'uma maneira prodigiosa, sem contar os papeis que Tiennette reservou para o ramalhete do fogo artificial que já começou.

— Papeis ?

— Ay ! sim : a continuação dos que ella entregou a Montreuil, e que esse intrigante vos deu. Tenho-os visto cem vezes como vos vejo agora.

— Mas como vo-los proporcionou essa mulher ?

— Certo dia em que ella fazia uma pesquisa em casa d'Aronde por causa de ciúmes, os saccou subtilmente do fundo d'um cofrezito, repondo em seguida as cintas e os sellos de lacre, afim de que não se apercebessem de nada.

— Em casa d'Aronde !.... Sim, comeffeito, era natural que esses papeis estivessem em seu poder, — interrompeu Duplessis, cuja zelosa curiosidade se tinha elevado até o ultimo gráo. — Está bem ! fallemos claro, — accrescentou : Quanto quereis vós por esses papeis ? Dez mil francos ?

— Dez mil ? — repetiu Cabeça de Pipa, aquem de repente acabava de acommetter um pensamento de cobiça e de traição. — Dez mil ? Ora, nem fallar nisso é bom. Cincoenta, isso é

outra cousa; a somma como se diz, não seria deshonrosa.

— Cincoenta, pois bem! Não me importa o meio; mas necessito esses papeis.

— Farei com que vos venham ás mãos.

— Quando?

— Esta mesma noite, ou antes se poder ser.

— O dinheiro esta prompto: ide que lá vos espero.

Quando Cabeça de Pipa se separou de Duplessis era já noite. Em seguida dirigiu-se a casa de Tiennette, onde era conhecida como uma das visitas da casa. Tinha-se provdo no caminho de bollos, e vinho moscatel, e subiu até á habitação que occupava a porteira nas aguas furtadas. Tendo Tiennette levado naturalmente a sua criada grave para a Allemanha, a porteira era o unico criado a quem estavam encommendados naquelle momento a guarda e o cuidado da casa. Era esta uma mulher de certa idade em quem a affeição aos pasteis, ao vinho doce e aos licores fortes, tinham substituido, como succedia a Cabeça de Pipa, as paixões mais impetuosas da juventude. Aglae, ou antes Glae (segundo se chamava por abreviatura.) Glae, pois, e Cabeça de Pipa eram muito boas amigas, e não era a primeira vez que comiam juntas. Mas nesta occasião Cabeça de Pipa continha-se tanto mais, quanto menos o fazia a sua amiga. Á segunda

garrafa de Lunel, sentiu Glacé uma vontade irresistível de dormir.

À terceira cahiu n'um profundo adormecimento.

Cabeça de Pipa apoderou-se então do molho de chaves que a governante, trazia á cintura, desceu as escadas nas pontas dos pés e introduziu-se em casa de Tiennette, sem ter sido vista, tirou a chave e cerrou atraz de si a porta.

Então achou-se só, completamente ás escuras, naquella immensa habitação. Mas já tinha pensado em tudo. Tirou da sua algibeira um phosphoro e acendeu uma das vellas collocadas na chaminé. Entrou em seguida no gabinete de Tiennette e correu as cortinas para que não se visse claridade de fóra.

Então se aproximou do armario de ferro e o examinou com attenção. Depois disse :

— Estes dois circulos de letras devem estar collocados assim. Cem vezes tenho visto dispo-los a Tiennette desta maneira. O primeiro deve formar *Tien*, e o segundo *Nete*, quasi o nome da proprietaria. Agora, se a memoria não me engana não ha mais que empurrar uma mola. Experimentemos.

Depois de ter collocado os circulos sobre cada uma das letras indicadas, Cabeça de Pipa apoiou-se com força sobre a mola de cobre n'um momento sentiu obedecer o mechanismo á pressão da sua mão. *Victoria!* — exclamou com a

maior alegria. — Minha fortuna está feita. Mas no momento em que elle puxava fortemente para si as duas folhas da primeira tampa, que cubriam outra segunda, duas armas, cuja existencia não suspeitára a infernal mulher, e cuja explusão teria sido bem facil evitar tirando uma planchita invisivel, se dispararam de repente cruzando seus fogos. O tiro foi terrivel; estava calculado de maneira que as duas balas ferissem na metade do peito o indiscreto.

Cabeça de Pipa deu um salto para traz, estendeu os braços, cambaleou e cahiu morta diante do armario.



CAPITULO 27.

A AUDIENCIA.

Desde que despontou o dia, começou a serpente popular a desentolar nas imediações do tribunal dos Jurados os movediços anneis d'uma canda, cuja longitude mais d'um theatro teria invejado. A blusa tem sempre visto figurar, com maior prazer, um *frac* no banco dos accusados. É uma especie de desforra que toma de todas as penas que o *frac* lhe causa ordinariamente. Em quanto aos logares reservados, seja no recinto em frente dos juizes, seja no estrado de traz delles, tinham sido pedidos oito dias antes com tanto interesse como os assentos d'uma primeira representação na Opera. Os solicitadores pertenciam á alta sociedade, ao banco e sobre tudo

á bolça, e sem duvida alguma, se houvesse sido possível traficar com elles, os favorecidos os teriam vendido com um premio enorme.

As circumstancias do negocio e a posição do accusado tinham excitado de tal modo a curiosidade em todo o mundo, que haviam chegado inglezes para assistir áquelle processo cujos debates pareciam prometter tão fortes emoções aos afeiçoados. Apostas consideravais haviam ja feitas em favor e contra a absolvição do accusado, e accrescentava-se que tinham occorrido entre os curiosos muitos altercados seguidos de duellos, com motivo daquelle mesmo desafio.

Ás dez horas da manhã o tribunal fez comparecer o accusado Aronde na Camara do Conselho para que assistisse ao sorteio dos jurados e podesse exercer, assim como o ministerio publico, as recusações concedidas pela lei.

Aronde não exerceu nenhuma, fiando-se completamente na sua innocencia. O ministerio publico imitou seu exemplo com uma moderação das mais louvaveis.

Durante esta operação preliminar, os mais pequenos reconditos da sala da audiencia continuavam a encher-se de afeiçoados. Como sempre, entristecia o ver muitas mulheres, e das mais elegantes naquella multidão que animava uma simples curiosidade. Mas esta vez na mesma singelleza do seu traje, e na modestia da sua

actitude, se tinham podido notar trez que levavam seguramente um objecto mais nobre.

Uma dellas estava só.

Tinha-se situado na parte do estrado que se acha entre o tribunal e os jurados, de maneira que estivesse perfeitamente alumiada pela luz da janella immediata, e que ao avançar no meio do pretorio para dar as suas declarações, não podessem ve-la as testemunhas.

Esta era Simona.

A pallidez do seu rosto, a lóce que commovia seu peito de vez em quando, a extranha debilidadade que combatia sem cessar, por meio d'um frasquinho de ether, tudo revelava nella um estado de soffrimento que piorava cada dia. Sem embargo a Magdalena da rua de Nossa Senhora do Loreto tinha desafiado a fadiga e calor soffocante d'uma sessão como aquella, afim de chegar ao fim, no animo incerto do Barão d'Appencher, a missão de verdade que recebera de um mysterioso correspondente.

As outras duas formavam um grupo verdadeiramente delicioso de mysterio e de modestia. Em vez de se collocarem em lugar vistoso se tinham occultado o melhor possivel entre a multidão; levavam cuberto com um espesso veu o rosto, cuja belleza se adivinhava mais bem que se via, baixavam timidamente a cabeça, apoiavam-se graciosamente uma na outra, sostinham-se amigavelmente pela cintura e pela mão, fal-

lavam baixo, e parecia que se animavam mutuamente.

Estas tinham tomado assento, ao contrario da primeira, o mais perto possivel do banco dos accusados.

Eram Mad. Aronde e Julia d'Appencherr. Aronde tinha feito todos os esforços possiveis na vespera para persuadir Estrella a não assistir aos debates; mas a encantadora escrava se tinha oposto desta vez aos desejos do seu tyranno.

Choca ou palacio, prisão ou liberdade, reveses ou fortuna, miseria ou opulencia, tinha ella respondido obstinadamente, que importa? O verdadeiro posto d'uma mulher é sempre ao lado do seu marido. Irei, disse.

E tinha ido.

Em quanto a Julia, cujo interesse se dividia entre seu affecto retrospectivo para a mulher do accusado e a sua admiração antecipada pelo talento oratorio do defensor, tinha consultado a Lafolié sobre a oportunidade deste passo, como temos visto que prometteu fazer n'uma das ultimas folhas do seu diario.

Lafolié se viu perplexo com tal pergunta, e não se atrevendo a dar o seu parecer n'uma questão tão delicada, tinha obtido da joven a authorisação de consultar sobre este assumpto a protectora dos d'Aronde, a fundadora das caritativas rifas, e bemfeitora universal, cuja generosidade queria guardar modestamente no anonimo,

ainda com respeito a Julia, a devota encoberta da Igreja, a que dava agoa benta, a donataria em fim do collar de azeviche; ninguem podia ser mais apto que ella em similhante materia.

É uma puerilidade o sacrificar os seus amigos a vãs razões de etiqueta. É uma cobardia abandona-los no infortunio. É um crime não socorrer a sua innocencia. Em fim ha circumstancias solemnes nas quaes a verdadeira conveniencia ainda para uma mulher seria faltar a ella.

Tal foi a resposta da dama incognita, talvez um tanto parecida ás formas sentenciosas dos famosos oraculos de Delphos.

Faltava obter a permissão do Barão d'Appencher; mas persuadida como estava que o seu diario passava pelas mãos indiscretas de seu pai.

— «Já sabe o meu desejo, — disse a menina. Nada o impede o oppor-se a elle, trazendo com destreza a conversação sobre este assumpto. Se não se oppõem d'esta maneira, é porque o approva.... Quem calla outhorga.

Cortando este ultimo axioma toda o objecção, Julia fez com que Rosina a acompanhasse á habitação de Mad. d'Aronde, e d'ali se dirigiu ao palacio da justiça com a joven Estrella, a fim de prodigalizar-lhe carinhosamente os soccorros phisicos e as consolações moraes de que pudera ter necessidade.

Observando bem, mas fora do pretorio, na parte occupada pelos espectadores não privilegia-

dos, se achavam ainda duas pessoas conhecidas menos agraciadas que as trez que precedem.

Queremos fallar do Cyclope e do Balanceiro.

Os dois ajudantes de campo de Tiennette tinham um ar consternado que lhes era habitual. Fallavam em voz baixa da morte do seu terceiro acolyto. Na manhã seguinte, ao despertar do seu excesso do Lunel, a governante tinha ido annunciar-lhes este incidente que semeou o espanto na casa, — segundo dizia, — e que era tanto mais desagradavel para ella quanto que o sangue da victima tinha estruido um magnifico tapete confiado a seu cuidado.

— Que lastima! — acrescentou. — Cabeça de Pipa tinha cousas muito boas e era uma excellente Aubasson.

O Cyclope e o Balanceiro não consagravam seu sentimento ao tapete. A victima o obtinha exclusivamente, e em quanto esperavam a abertura da audiencia, se entretinham em dizer algumas flores em sua memoria sem descuidar o lado moral do acontecimento.

— Eis-ahi, — dizia tristemente o Balanceiro, no seu estylo um pouco emphatico eis-ahi uma perda dolorosa por todos os estylos, e sobre tudo nos negocios do accusado. Cabeça de Pipa leva comigo á sepultura o melhor elemento da causa; seus passos junto da joven esposa para a conduzir de noite a casa de Brionde. Só isto, revelado com

sagacidade dos motivos subreptícios que fazia parecer um verdadeiro embuste; este passo que só era conhecido de Tiennette, Brionde e Cabeça de Pipa, isto é, de dois mortos, e d'uma ausente; este passo só, revelado com a flexibilidade da elocução que distinguia a defunta, teria sido sufficiente sem disputa, para assegurar-lhe um dobrado triumpho da nossa directora: assim teria perdido a mulher e salvado o marido. Que havemos de fazer agora? Na verdade não o sei.

— Não estou menos entristecido que vós, — respondeu o Cyclope na sua linguagem menos elevada. — Eu amo a Aronde, em primeiro lugar porque esta é a cenba, e logo porque nessa mesma manhã que se seguiu aquella em que lhe ganhei a vida ao primeiro rei, contra a de Brionde. Sempre qualquer se interessa pelas pessoas ou pelos cães que ha conservado. Em quanto ao mais sejamos francos, eu acho de me nos Cabeça de Pipa pelas suas virtudes e utilidade, porem em quanto ao mais foi bem castigada. Querer forçar o armario da cidadoa para tirar-lhe sem duvida alguns papeis inuteis, não era delicado. De quem devemos fiar-nos se se rouba ainda entre camaradas. Em quanto a mim, posso andar com a cabeça erguida sem temor de que se me lance em rosto alguma villania desse genero. E o primeiro que se atrevesse a faze-lo viria bem zurzido.

Assim praticavam de força e de direito o hercu'es torto e o jurisconsulto da rua de Huche-

te, quando os jurados tomaram assento nos seus bancos. Sôa uma campainha, todas as conversações cessam, e o tribunal vem a collocar-se nos seus assentos no meio do mais profundo silencio.

A attenção geral viu-se no principio enganada, trez causas foram julgadas.

Em seguida o porteiro da Audiencia satisfiz a impaciencia do auditorio apregoando solememente a Aronde accusado de homicidio, com circumstancia aggravante de premeditação.

A este nome os iglezes que se achavam na sala, confirmaram entre si varias apostas que tinham feito em Londres com respeito ao accusado.

— Que aposta o senhor? — disse bastante baixo Sir John a Sir Douglas. — Eu aposto vinte e cinco guineos pela absolvição.

— E eu ponho vinte e cinco guineos — respondeu Sir Douglas a Sir John, pela condemnação.

Os doze individuos jurados da causa substituiram os doze das causas anteriores. Aronde foi conduzido por dois gendarmes que se sentaram a seu lado no banco dos accusados.

Um estremecimento de curiosidade recorreu nos concorrentes á entrada do illustre assassino. Todos se levantavam, se moviam, se atropellavam por ve-lo, e como sua primeira vista tinha encontrado entre a multidão a de Estrella, a commoção que não pode reprimir de todo, revelou naturalmente a presença de sua joven e linda esposa. A attenção se compartiu desde então ella

e elle, entre o assassino e a mulher do assassino. A voz rouca do porteiro era impotente para calmar a agitação, e foi necessario fazer a amiação de despejar a sala para que tudo ficasse em silencio.

Creemos inutil accrescentar que outras duas vistas se tinham encontrado em seguida sem ter necessidade de buscar-se entre a multidão: a de Julia e a de Leoncio, que se tinha sentado diante do seu cliente.

— O nome, appellidos, domicilio e qualidade vossa? perguntou o presidente ao accusado, com frialdade, porem com benevolencia.

— Carlos d'Aronde, — respondeu o accusado singellamente e sem falça vergonha, — de idade perto trinta annos, natural não sei de que ponto, recolhido na villa d'Aronde, sem profissão por agora, residente em Pariz, rua de Helder, e habitando provisoriamente na cadeia.

Similhante resposta, sem embargo de ser exacta em todos os seus pontos, excepto no do domicilio da rua Helder, cuja inexactidão Aronde ignorava, dava motivo para que causasse assombro e se murmurasse da occurencia. Assim é que a sua enunciação fez estremecer a Estrela temendo que o seu terno engano fosse lançado em rosto a seu marido como uma mentira. Porem não se fez alto e o escrivão passou a outra cousa.

— Escrivão, — redarguiu o magistrado, — lê-de a acta da accusação.

Omittiremos aqui esta leitura, bem como a das declarações das testemunhas, porque é já conhecida dos nossos leitores.

As duas primeiras chamadas foram as testemunhas de Brionde. Responderam como o haviam feito ante o juiz de pronuncia, — afirmativamente sobre a pequenez da causa determinante do duello, sobre o encarniçamento de conciliação; duvidosamente sobre a questão da duração do combate, e sobre se a accusação de perfidia, traição, e deslealdade escapada da bocca de Brionde ao expirar se dirigia na realidade ao seu assassino; negativamente, enfim, emquanto ao conhecimento que tiveram da má vida que o accusado dava a sua mulher.

Ao ouvir esta declaração Estrella não pôde conter um grito de indignação que attraheu para si todas as vistas e que cada um interpetrou à sua maneira; uns como uma queixa, outros como uma negativa. A joven quiz levantar-se ao mesmo tempo para protestar; mas Julia lh'o impediu instinctivamente e um olhar de Aronde a fez guardar profundo silencio.

Seguiu-se a declaração de Appencherr. O pobre Barão, que não suspeitava a presença de Simona, apresentou-se mui decidido e resoluto pelas capciosas instigações do velho que acabava de deixar na sala immediata. Principiou com muita serenidade e se mostrou por demais franco, sobre a capacidade, lealdade e honradez com-

mercial de Aronde; sobre o affecto que elle todavia professava ao seu antigo empregado; e sobre a confiança ilimitada que lhe inspirava ainda. Porem accrescentou que no que pertencia especialmente á causa, não podia dissimular que Aronde havia provocado a Brionde por um motivo futil; que se havia negado a toda a composição; que sua animosidade provinha sem duvida do rancor muito natural que lhe inspirassem os manejos de bolsa mediante os quaes o defunto o havia arruinado, e que no mesmo terreno depois de receber uma ferida, e no momento mesmo em que o seu adversario consentia em cessar, Aronde o havia insultado de novo gravemente, afim de obriga-lo a continuar o combate.

Até aqui havia fallado o barão sem contradicção possivel, porque a realidade de todos estes factos se desprendia da causa. Porem a testemunha experimentou outra vez suas angustias, quando chegou o momento da ultiima questão, a mais grave e debatida, a da duração do combate. O Barão duvidou, balbuciou e já ia a responder no sentido da accusação quando uma tocesinha secca cujo timbre lhe era muito conhecido, chegou de repente aos seus ouvidos.

Marco Antonio levantou os olhos em direcção d'aquelle sitio. Estremeceu-se vendo no estrado a Cleopatra que o olhava com ar severo, mostrando-lhe uma chavinha, a do seu quarto sem duvida, dobrado simbolo seductor e terrivel do

desterro da mentira e do chamamento da verdade.

Aquella circumstancia foi decisiva. O Barão declarou que se havia enganado na instrucção do processo: que havia comprehendido mal as perguntas do juiz; que havia callumniado o seu relógio sem querer: que era mui certo, depois de uma madura reflexão, que longe de haver passado os dez minutos convencionados, o combate apenas havia durado cinco ou seis, e enfim que podia afirmar por sua honra que era verdade tudo aquillo como dois e dois eram quatro.

Esta metaphora do banqueiro fez rir o auditorio. Porem o nome de Duplessis devolveu-lhe bem depressa a serenidade da situação. Sabia-se que o velho era a testemunha principal nas accusações e ao ve-lo avançar sombrio e severo pelo meio do pretorio, os concurrentes todos experimentaram um estremeccimento de terror.

— Attenção! — disse devagar Cyclope a Balanceiro.

— Silencio! — replicou este com ar de mysteriosa amiaça.

A presença do velho deu logar a que propuzessem outra aposta os dois inglezes, mas não chegou a realizar-se.

Os quinze dias que haviam decorrido entre a appellação e a comparencia de Aronde ante o tribunal dos jurados haviam quebrantado o seu implacavel inimigo mais que os ultimos dez an-

nos da sua vida, tão tranquilla antes. Tal era o inevitavel effeito das confissões desesperadas que parecia haver-lhe feito Margarida Warchel, da morte tragica de Cabeça de Pipa no momento mesmo que esperava tão importantes revelações, e sobre tudo dos manejos empregados contra o seu repouso pelos infatigaveis servidores de Tienne.

As suas zombarias se haviam feito mais frequentes e mais audazes á medida que se aproximava o dia do processo.

Desde a vespera particularmente haviam tomado um caracter de persistencia, de descaramento e de malignidade capazes de condemnar um santo. Durante a noite os realejos, os cantores das ruas, os tocadores de viola e os clarinetes dos cegos haviam feito ouvir debaixo das suas janellas as arias mais conjugalmente escarneckedoras, pela manhã ao levantar se havia recebido das mãos da sua porteira uma carga de cartas anonimas, cheias de caricaturas, de epigramas e de allusões relativas ao que elle chamava a sua desonra conjugal, emfim, durante o transito de seu domicilio ao palacio da justiça, mais de quarenta individuos postados no caminho por seus perseguidores o haviam seguido, adiantado, encontrado, do modo mais natural, não cessando de murmurar ao seu ouvido algum sarcasmo do mesmo genero. Esta insultante es-

colta não o havia abandonado até á porta do tribunal dos jurados.

Conhece-se perfeitamente quanto teria devido exasperar ao impetuoso velho tal encarnicamento de insolencias e zombarias, e a raiva e a desesperação que deveria causar-lhe a sua impotencia para por-lhe um termo, já castigando-os com sua propria mão, já fazendo-os castigar pela justiça.

Comtudo, estas manobras haviam produzido consequencias inteiramente oppostas ás que esperava Tiennette.

A energia physica da victima havia diminuido, é certo, sob a incessante multiplicidade d'aquellas pequenas feridas. O leão havia sido vencido por um enxame de mosquitos de corpos impalpaveis, mas cujas picadas eram mortaes. Quando Duplessis se adiantou para junto do tribunal, com as costas curvadas, as pernas vacilantes, a cabeça despojada de seus ultimos cabellos brancos, a cara amarellenta e encorreada; e quando depois das perguntas de identidade levantou sua mão tremula para prestar juramento, parecia ver-se levantar a descarnada mão de um esqueleto: o auditorio se commoveu de compaixão, o mesmo Leoncio se entristeceu profundamente, e Julia chorou debaixo do seu veu.

Porem se o corpo do velho havia succumbido na lucta, o seu espirito pelo contrario estava mais exallado. Duplessis conhecia agora pelas

confidencias de Cabeça de Pipa, a origem e o fim de tantas provocativas tribulações e o seu odio a Aronde se augmentava naturalmente com a indignação que lhe causaram tão desagradaveis protectores. Assim, quando esteve ali, cedendo sem reserva ao impulso da colera que sentia em sua alma, renunciou desde logo ao systema de hypocrita sensibilidade com que havia encuberto as suas declarações ante o juiz de primeira estancia.

— Jurais dizer a verdade, toda a verdade, e nada mais que a verdade? — lhe perguntou o presidente.

— Sim, — respondeu com voz ronea e com um sorriso diabolico que justificavam perfeitamente a proposição feita por sir Douglas e recusada por sir John em sua aposta.

Duplessis fez em seguida a sua importante declaração em meio de um silencio sepulcral.

O velho reproduziu as suas declarações precedentes e não contestando o accusado a nenhuma das circumstancias, a testemunha se limitou só a relata-las succintamente, porem accentuando-as, pela lingoagem e tom, de maneira que lhes dava um relevo verdadeiramente odioso. Feito isto, chegou ás tres perguntas mais graves, que eram as unicas cuja realidade o accusado negava: Se haviam decorrido os dez minutos fixados para a duração do combate? Se havia ferido o accusado ao seu adversario depois

do signal de alto? Se se dirigia verdadeiramente a Aronde a recriminação de perfidia, de traição e de deslealdade, formulada por Brionde ao expirar?

Duplessis respondeu afirmativamente com voz firme e resoluta sobre estes trez pontos: depois do que continuou assim com ar compungido:

— Não necessito manifestar ao tribunal nem aos senhores jurados quanto me custa ter que fazer tal declaração. O accusado foi recolhido.. por minha mulher.. pela minha pobre defunta.. que lhe serviu de mãe, — Foi educado por minha filha, empregado por meu genro. Todos os amavamos, estimavamos e estavamos dispostos a ajudalo em quaesquer circumstancias. Em uma palavra era considerado como um dos membros mais estimados de nossa familia. Deploro, senhores, a necesssidade em que hoje me vejo, houvera dado quanto possuo porque não houvesse affligido em meus largos annos similhante pena. Seguramente que tão cruel golpe não fará senão abreviar os poucos dias de vida que me restam. Não se soffrem impunemente na minha idade, tão factaes desenganos. Os que me tem visto apenas ha uns dias e me vejam neste momento, terão a prova á vista. Porem a consciencia e a lei impõem este terrivel dever e eu o cumpro. Hei jurado dizer a verdade, e a digo. Que Deus me tenha em conta o ultimo calix de amargura que reservava para a minha velhice, e sobre tudo se digne,

senhores, não vos inspirar senão sentimentos de indulgencia e de commiseração!

Renunciamos a descrever a impressão que produziram as ultimas palavras de Duplessis. Era um conjuncto de sympathia em seu favor e profunda indignação contra o accusado. Por uma parte, a avançada idade da testemunha, a pureza da sua linguagem, a precisão das suas recordações, a energia das suas declarações; e por outra parte a antiguidade de seu carinho para com o accusado, os eminentes serviços que a sua familia lhe havia feito, a dor que parecia causar-lhe o cumprimento de sua penosa missão, tudo contribuia a convencer os animos e a commover os corações. Um murmurio geral testemunhava o primeiro resultado, entretanto que o ruido dos lenços confirmavam o segundo.

O bom effeito que a declaração do barão Appencherh havia produzido em favor do accusado sobre um ponto secundario, é verdade, a duração do combate, este bom effeito se achava pois completamente destruido e substituido por um effeito contrario.

— Eu ponho cem guineos mais pela condemnação, — disse sir Douglas a sir John. — Que reis?

— Não! — respondeu de novo sir John com uma obstinação muito bem fundada. Este velho fez-me perder a minha aposta.

— Achasteis finalmente a receita com a ma-

neira de usa-la? dizia Cyclope a Balanceiro. — Por minha parte sentirei toda a minha vida que a cidadoa não me deixasse quebrar os queixos a este velho. Se m'ò houvera permittido, o tal Duplessis estaria agora feito um defunto. Isto lhe teria tirado as forças e a vontade de aqui vir contar. Nada ha como bordoadas para domar um individuo desta catadura. Carter não emprega outros meios para domar as suas feras.

— Esse sentimento te honra, — replicou o Balanceiro; porem o boçal pode substituir vantajosamente o paiz. Agora ou muito me engano ou creio haver encontrado um.

Julia chorava tambem, como a maior parte das mulheres presentes, porem de penna e vergonha. Havia-se julgado feliz e orgulhosa com a declaração favoravel de seu pai: a de seu avò a humilhava e offendia. Mad. d'Aronde se viu obrigada a mostrar valor pelas duas, e dar-lhe ternamente as consoações que devia ter recebido.

Naquelle momento mesmo, Duplessis, que tinha ido sentar-se ao lado do barão no banco reservado ás testemunhas, divisou em frente d'elle as duas jovens. Apesar do seu veu reconheceu-as perfeitamente e as viu trocar entre si doces caricias e palavras amigaveis.

— Ah! ah! — disse em voz baixa a seu genro, cuja retratação ainda ignorava; — a nossa querida neta, encarregou-se do papel da opposição. Bom é sabe-lo!

— Como! — respondeu o Barão, — estará aqui Julia!

— Não ha duvida!.. lá abaixo.. á nossa direita!

— É verdade!... Não a tinha visto.

— Ser-vos-hia difficil o divisa-la á direita, tendo a vista sem cessar voltada para a esquerda. Que diabo olhais tão fixamente nesse lado? Ah! ah! é aquelle joven sem duvida?

— Eu?... não... pelo contrario!

O velho fallava de Simona, porque, apesar do calor suffocante que reinava na sala e que augmentava o seu estado de soffrimento, a zelosa mandatária de seu desconhecido havia ficado valerosamente em seu posto para vigiar o barão e conserva-lo em caso de apuro no caminho da verdade onde havia chegado a colloca-lo, de boa ou má vontade.

— Seja o que for, — continuou o velho, — o importante para mim, é que sejais tão leal com os homens como galante com as senhoras. Eu não ouvi a vossa declaração; porem creio que vos tereis mostrado o digno herdeiro do meu odio.. como de minha fortuna.

— Quem? eu?... — responden o Barão cujas perplexidades começaram de novo. Certamente.. é dizer.. comprehendéis.. porque.. emfim vereis.. não estareis mui descontente, segundo creio, — accrescentou com a esperanza de que não se tornaria a fallar do seu depoimento, e que

o seu terrível sogro não conheceria jamais o texto.

Entretanto que estes curtos dialogos em voz baixa haviam occorrido simultaneamente nas diversas partes da sala, Leoncio Duplessis, que se havia limitado a tomar notas sobre os precedentes, porque eram mais favoraveis que desfavoraveis, dispunha-se a pedir a palavra sobre a ultima declaração.

A sua situação era melindrosa, colloado como estava entre a necessidade de defender um cliente, cuja innocencia cria com firmeza, e o temor bastante natural de romper por necessidade com um parente ancião de quem havia recebido beneficios, de feri-lo em sua veracidade, em sua honra talvez, e de levantar assim uma barreira insuperavel entre elle e a que amava, somente então comprehendeu a difficuldade da situação que se havia creado. Todavia o sentimento do dever arrastou-o, e a todo o custo se jurou lealmente prehencher o seu cargo até ao fim.

Levantou-se pallido, porem resolute.

Aronde havia comprehendido por sua parte a cruel situação do seu joven defensor, pelos insidentes imprevisos da causa. A sua generosidade ordinaria não quiz aceitar sem reserva um sacrificio tão perigoso e que estava na impossibilidade de indemnizar dignamente. Conteve a Leoncio pela toga e lhe disse em voz baixa.

— Reservai-vos para as defezas, para as

considerações geraes, meu amigo, e deixai-me as declarações e as circumstancias particulares.

— Porém sem embargo..

— Tenho o meu planó. Não nos contrariemos um ao outro. Eu vo-lo supplico.... exijo-o.

Leonecio se tornou assentar, cuberta a fronte de suor frio; Julia fez um gesto encantador em signal de desagrado por não ouvir as palavras do primo que com com tanta graça trajava a elegante toga, e cuja eloquencia lhe parecia de antemão que não devia por-se em duvida.

— Rogo ao tribunal e aos senhores jurados — disse Aronde, — que observem a incerteza, a incoherencia e ainda a contradicção flagrante que se descobre nas asserções das diversas testemunhas sobre as questões principaes. Na questão de saber se as ultimas palavras do meu adversario se dirigiam a mim, as suas duas testemunhas se limitam a dizer que o presumem; os dois gendarmes attestam o facto, sem poder deduzir outra cousa que uma conjectura; Appencherr não se atreve a levar a interpetração a esse ponto, e Duplessis é o unico que se crê bastante propheticó para não temer o affirmá-lo. (Ah! ah! senhor genro, — disse em voz baixa Duplessis ao Barão, — eis-ahi um ponto sobre que commettesteis algum erro.)

— Assim pois, — continuou Aronde, — sobre a questão de saber se a estocada mortal foi dada antes ou depois do signal de alto, Appen-

cherr respondeu que nada sabe, as testemunhas do meu adversario referem-se neste ponto á opinião de Duplessis, de sorte, que este ultimo é a unica pessoa que crê pode-lo afirmar positivamente.

— Não ha duvida que adiantamos, querido genro, — disse Duplessis ao Barão que principiava a agitar-se em seu banco.

— Enfim, — proseguiu Aronde, — relativamente á questão do tempo fixado para a duração do desafio, Duplessis é sempre o unico que responde *sim*; as testemunhas do meu adversario respondem *talvez*; e Appencherr o melhor informado, porisso que tinha o relógio na mão, responde lealmente *não*.

— Ah! respondesteis *não*? — perguntou Duplessis a seu genro, — bravo, cavalheiro! Já não me admira a presença de vossa filha no campo inimigo. É uma traição geral. Bem. Porem como provavelmente é esta a ultima vez da minha vida que tenho occasião devos ver, conservai isto bem na memoria para vosso governo. Roubasteis-me quinhentos mil francos no dia da vossa declaração perante o juiz de primeira estancia: porem este roubo não vos pode servir de muito. Conheço o estado dos vossos negocios: antes de um mez se conhecerá o vosso balanço. Bem podeis procurar outra victima de vossas perfidias e de vossos roubos se quereis conjurar ainda essa eminentemente e vergonhosa necessidade.

Em quanto á minha herança, prefiro lança-la ao rio do que deixar-vos um real.

Dito isto, Duplessis voltou bruscamente as costas a seu genro. O pobre Barão havia mudado de cor dez vezes durante aquella apostrophe.

Felizmente Simona continuava jogando negligentemente com a pequena chave da sua habitação, deixando correr por seus labios um doce sorriso de satisfação. Aquelle ligeiro sorriso bastou a illuminar os negros pensamentos do Barão, como um só raio de sol aclara de repente as nuvens mais sombrias.

— Esta presistencia afirmativa, — proseguiu Aronde, depois de um momento de silencio, — em presença das declarações contrarias emitidas pelas demais testemunhas; esta presistencia, repito, tem alguma causa de extraordinario que deve haver impressionado ao tribunal e aos jurados. Se quizera imitar a testemunha em seu systema de interpetração, não me fundaria para buscar a sua causa em não sei que animosidade, que animadversão da qual serei objecto?

O argumento de Aronde não carecia com effeito de habilidade. Esta ultima consideração agitou um instante a imaginação do publico.

A physionomia de Simona, de Julia e de Estrella illuminou-se de alegria. Porem não devia ser mais que um ligeiro relampago.

— Accusado, — interrompeu o presidente, — rogo-vos que peseis as vossas palavras. As

que vós acabais de pronunciar tendem nada menos que a desconheitar a lealdade da testemunha.

— Eu — continuou Aronde, — não aprecio, porem tenho o direito de suggerir ao tribunal e aos jurados o meio de apreciar por si mesmos o valor moral das declarações. Não será hoje quando me queixe de um odio cuja causa desconheço, porem cujos effeitos já hei sentido.

— Que dizeis, cavalheiro? — exclamou bruscamente Duplessis que havia guardado até então um silencio desdenhoso, — podeis accusar-me de perseguir-aos quando recentemente ainda... porem não, não direi nada; poderia prejudicar-vos, e respeito a vossa posição de accusado.

— Não tenho necessidade das vossas reticencias, — gritou Aronde com calor: — recuso-as, regeito-as, e conjuro-vos a que concluais.

— O tribunal vô-lo roga, cavalheiro, — accrescentou o presidente com deferencia diti-gindo-se ao velho que se havia assentado.

— Bem, falarei, posto que o deseja o senhor presidente, — respondeu Duplessis levando-se e dando á sua voz e á sua physionomia o ar de uma affectuosa compaixão — O accusado me perduará esta revelação. Sinto-o vivamente, porque um homem de honra denuncia sempre com repugnancia os favores que tenha podido fazer. Não o faço aqui senão contra minha von-

tado e á força. Que o accusado não impute mais que a si mesmo a penosa necessidade em que me ha posto. Accusa-me de má vontade em respeito a elle? Bem, pois agora pergunto-lhe se ultimamente não lhe offereci um credito iluminado para a fuudação de certa fabrica cujo projecto meditava.

— Sim, — respondeu lealmente Aronde, — porem...

— Pergunto-vos mais, — interrompeu a testemunha, — se pouco tempo antes não vos emprestei cem mil francos, sem interesse simplesmente debaixo da vossa firma, em um momento em que a desconfiança dos vossos negocios vos haviam fechado todas as casas, entre ellas a do vosso melhor amigo o barão Appencherr.

— Sim, — respondeu Aronde, — porem...

Um sussurro de desapprovação o impediu continuar. As suas arguições, estando tão proximos taes factos, pareciam denotar uma ingratição que impressionou tristemente o auditorio.

— Ora pois, — continuou Duplessis fazendo todo o possivel por mostrar-se commovido, — em presença destes favores, bem modestos seguramente, porem que sou forçado a recordar e que elle mesmo confessa, o accusado lança-me em resto uma supposta hostilidade! Longe estava de espera-lo. Com effeito, senhores, porque lhe havia eu de querer mal? Não era, torno a repelir, o mesmo estimado da casa? O

favorito de minha filha? O filho, adoptado, por dize-lo assim, da minha pobre defunta?

Hei tido que dizer aqui a verdade inteira. Era um dever. Não havia de principiar a ser perjuro á borda da sepultura. Porem que esteja seguro, — continuou lançando a Aronde um olhar fulminante, que desmentia a benignidade das suas palavras, — que tenho cumprido este dever com tanto sentimento como sinceridade. Ninguem aqui faz votos mais ardentes que eu para que o absolvam, por que ninguem deploraria mais vivamente a justa condemnação em que viria a incorrer. Sim, digne-se o ceu poupar-me esta ultima pena!

O velho assentou-se, enxugando os seus olhos perfeitamente secos, em meio de um murmuro de sympathica approvaçào.

A hypocrisia do velho havia podido indispor o tribunal e o auditorio contra Aronde apesar da declaraçào do barão Appencherr. O delegado do Ministerio publico usaria da palavra que nesta occasião lhe era concedida se dos expectadores não se fizesse ouvir uma voz que atrahiu todas as attenções.

— Senhor presidente, tenho revelações a fazer.

— Sim, meu magistrado, — repetiu uma voz de trovão que sahiu do mesmo sitio; — eu tambem tenho revelações a fazer.

Alguns instantes depois Balanceiro e Cy-

clope faziam sua entrada na sala, sob a custodia dos dois gendarmes.

— Quem sois? — lhes perguntou o presidente.

— João Baptista Codissart, — respondeu o primeiro, — natural de Duclair, Normandia, de pais casados secretamente na igreja, de idade de cincoenta e sete primaveras, habitando com os seus moveis, em Pariz, chamado Balanceiro pela gratidão de seus clientes, em razão á equidade inflexivel com que em sua modesta esphera como arbitro dos seus destinos, maneja a balança de Themis.

— Pedro Letanneur, — respondeu Cyclope natural de Pariz, de idade trinta e nove primaveras e um quarto, de mãe conhecida e pai incognito; chamado o Cyclope, por uma paulada que lhe vazou o olho em sua mais tenra infancia; vive em Pariz, rua de Huchette, o mesmo numero, setimo andar, professor de pão, bengala, socco inglez e outros conhecimentos de sociedade; tambem de outro pugilato verdadeiramente nacional chamado a *sapatada*, cuja invenção faz tanta honra á França, e mediante a qual com um exercito de dez mil homens, por dez soldos cada hora, me comprometto, quando queiram a sacudir os inglezes ainda que seja no seu domicilio das rans.

Estas duas declarações foram frequentemente acompanhadas de rizadas do auditorio.

— Porque razão vos atrevesteis a alterar a ordem levantando a voz sem respeito á magestade deste sitio?

— Porque relativamente á somma de cem mil francos que o respeitavel Duplessis disse havia emprestado por amizade, simplesmente sobre a sua firma, tenho uma revelação a fazer, e que é muito urgente fazer conhecer á justiça.

— Nesse caso prestai juramento como testemunha, — disse o presidente.

Cumprida esta formalidade, o magistrado lhe ordenou que fallasse, isto com grande satisfação do auditorio, cuja curiosidade havia excitado este insidente.

— Eis-aqui o facto; respondeu o fiel mandatario de Tiennette. — Ha algumas semanas, o respeitavel Duplessis apresentou-se no meu escriptorio, sendo effectivamente portador de cem mil francos em bilhetes, subscriptos á sua ordem pelo respeitavel Aronde, em reembolso da mesma somma, cujo adiantamento lhe havia feito o mesmo Duplessis. Fallo agora sem reparo algum, a preocupação é tão injusta, que o effeito que penetra excellente em minha casa, sahe della em pessimo estado. E sem embargo, cousa estranha este descredito era justamente o que o respeitavel Duplessis ia buscar nella, a preço de ouro, para os referidos bilhetes. Era um capricho singular, porem é bastante rico para os ter deste genero. Pagou-nos generosamente a mim, ao meu

respeitavel amigo, ao meu porteiro e a algumas outras pessoas respeitaveis para fazer-nos endocar estes mesmos bilhetes, accrescentando-lhes nossas firmas, bastante mal vistas na praça, o annuncio de nossas profissões e a estampilha do meu estabelecimento. O objecto do respeitavel Duplessis era deshonorar, em questão de negocios a Aronde, desacreditar sua firma mostrando-a em todas as partes ao lado das nossas, aniquillar assim seu credito e precipitar a sua ruina.

— Diz bem o menino! — exclamou o Cyclope.

— Por minha parte accrescentarei que uns quinze ou vinte dias antes do duello, o chefe da nossa sociedade foi despertar-me com urgencia certa manhã ás seis. Como tinha assistido na vespéra a um assalto de *socco*, vengala, páu e çapato contra os mais fortes paladins do Norte e do Meiodia, desgostou-me um pouco o levantar-me tão cedo. Porem não se podia retroceder, o interesse da patria assim o exigia. Tratava-se de prender o accusado, pois havia olvidado totalmente o pagamento de cento e vinte mil francos de outros bilhetes.

— Para cumulo de raridade, — interrompeu Balanceiro, — a instigação do respeitavel Duplessis se haviam verificado as perseguições, debaixo de um nome falso. Duplessis, tendo tido noticia destes outros bilhetes, já protestados, porem cujo portador estava disposto a esperar, me

encarrêgou secretamente a sua compra. Como o que os possuia era um traficante, os fez pagar a cento por cento de beneficio sobre seu valor real. Total duzentos e quarenta mil francos, não comprehendida a minha corretagem. Parecerá estranho este procedimento de Duplessis mas os factos o confirmam.

— Ainda mais, — redarguiu o Cyclope, — havia meia hora que Aronde tinha chegado da Belgica quando nos apresentamos em sua casa a prende-lo, mas aonde lhe fomos nós deitar a mão? Nada menos que em casa do defunto, em casa de Brionde, em casa do supposto Duplessis, em casa do mesmo individuo que o fazia prender! Ora pois quando chegamos á sala Brionde e o accusado entretinham-se em jogar tranquillamente as cartas, e o que? nada menos que a vez para arre-bentar um ao outro a tampa dos miolos. A' nossa chegada, interrompeu a partida; porem eu segui-a, e quando o accusado era conduzido por meus companheiros para Clichy tive a satisfação de poder gritar-lhe da janella que havia ganho a partida. Era ao primeiro rei que saisse. O rei de espadas acabava de dar-lhe o direito imprescriptivel de matar a Brionde a seu capricho todas e quantas vezes lhe apetecesse. Se eu vitupero, pois, ao accusado de alguma cousa é de ter-se batido á espada, depois de haver-se batido ás cartas. Devia usar do seu privilegio. As ganancias e perdas de jogo são sagradas.

— Tem razão, — disse sir Douglas ao seu compatriota.

— Isto succede sempre em Inglaterra, — accrescentou sir John.

— É quanto tendes que dizer? — perguntou o presidente ao chamado revelador.

— Oh! não, meu respeitavel presidente, — respondeu o Balanceiro. — Temos que offerecer-vos um apendice que não carece de importancia.

— Como quem dissesse o café do assumpto — accrescentou o Cyclope.

— Eis-aqui o facto, — respondeu o Balanceiro. — Na mesma manhã do duello, estavamos ambos e a nossa camarada Cabeça de Pipa, em casa de uma respeitavel pessoa, a senhora Tienette, que nos havia chamado para diversos encargos mui respeitaveis. Naquelle mesmo instante annunciaram ao respeitavel Duplessis que corria ebrio de alegria para manifestar o funesto resultado do duello. Retiramo-nos ao aposento immediato, e d'ali ouvimos dar livre curso á sua alegria: elogiar-se da habilidade que tinha empregado para dar a voz de alto ao mesmo tempo que o golpe mortal, de maneira que se pudes-se suppor que semelhante golpe o havia seguido e não precedido; alegrar-se tambem das ultimas palavras do moribundo cujo fim conhecia muito bem, porem cujo sentido incompleto podia applicar-se perfeitamente ao accusado; fallar com ju-

bilo da promessa que havia arrancado, em vista de sua herança ao seu respeitavel genro, de testificar de um modo contrario á verdade, que haviam decorrido os dez minutos fixados para a duração do combate; felicitar-se em uma palavra do exito completo das suas manobras,

— Tudo isto é archiverdadeiro, meu magistrado, — acrescentou immediatamente o Cyclope. — A força de tratar a cidadoa a Duplessis de embusteiro, e intrigante, e impertinente o tal Duplessis se exasperou permittindo-se amiaçar a cidadoa com a sua bengala. Immediatamente sabimos em soccorro da senhora. Pouco faltou para que eu arrojasse então pela janella ao tal individuo porem a cidadoa implorou a minha clemencia e eu deixei-o sahir pela porta. Fiz mal. Este pez ar envenenará o resto da minha vida.

A declaração tão imprevista dos dois suppostos reveladores; o extravagante de seus apelidos, de suas profissões, de sua actitude, e de sua lingoagem; as circumstancias inauditas, monstruosas, estranhas, inexplicaveis, das que faziam uma revelação tão ingenua, tudo contribuia a arrojar os animos no mais tenebroso labirinto.

— Vós haveis citado muitos nomes proprios em vossa inintelligivel narração, disse então o magistrado. — Onde vive a joven Tiennette a quem chamais tão singularmente a cidadoa?

— Por agora está ausente de Pariz, — respondeu Balanceiro.

— E onde está?

— Em Alemanha.

— E a que vós chamais não menos singularmente Cabeça de Pipa? Sem duvida estará nos antipodas?

— Talvez muito mais longe. Morreu hontem á noite. Muito teria que dizer sobre este fim trágico, ao qual o respeitavel Duplessis não é talvez estranho, porem isto são conjecturas e nós outros não queremos revelar senão factos incontestaveis.

— Isso faz elogio á vossa veracidade. — respondeu ironicamente o interrogador. E o criado, a porteira e o porteiro do defunto? Estão provavelmente ausentes ou mortos.

— Ignoro-o; porem pode perguntar-se na rua Helder. Os porteiros chamam-se Corniquet, e o criado o ultimo dos Lasseur.

Estes nomes foram accollidos com novas risadas do auditorio, como o haviam sido a cada instante as assersões precedentes dos dois reveladores.

As suas ultimas respostas sobre tudo haviam parecido evasivas, e a opinião geral foi que o Cyclope e Balanceiro eram dois satellites pagos pelo accusado, cujo papel consistia em calumniar a testemunha principal, Duplessis; em combater suas declarações ou ao menos em introduzir a duvida sobre a veracidade.

Esta opinião tomou nova consistencia quando o presidente dirigiu a Balanceiro e a Cyclope a ultima pergunta relativa aos cem mil francos de bilhetes de Aronde que Duplessis havia procurado depreciar na praça, e aos cento e vinte mil francos de outros bilhetes protestados que havia comprado para fazer prender o sacador.

— Onde estão as provas d'essas incriveis operações? — perguntou o presidente.

O Balanceiro e o Cyclope ficaram suspensos um momento a esta pergunta tão simples.

— As provas? — respondeu enfim, o primeiro. — Bem se conhece que não ha provas senão os bilhetes mesmos. Porem o respeitavel Duplessis, naturalmente retirou-os da circulação. Não temos, pois, outras provas que apresentar sobre este ponto, que a nossa palavra de honra.

Similhante resposta, que pareceu ainda mais evasiva que as outras, levantou um murmuro de desgosto.

— Ouvisteis, cavalheiro, — disse o presidente a Duplessis, — as assersões destes dois homens. Quereis oppor alguma resposta?

Ao ver todos os seus manejos denunciados, as suas intrigas descobertas, todas as suas armas voltadas subitamente contra si, o implacavel velho viveu vinte annos de tortura moral nos vinte minutos que acabavam de passar. Sem embargo conteve-se até um grau incrivei, e levau-

lando-se com socego e dignidade, disse com voz commovida :

— Agradeço ao senhor presidente por haver-se dignado offerecer-me a palavra nestas circumstancias. Porem abster-me-hei usar d'ella. Os meus cabellos brancos, a minha posição, o meu character, os meus antecedentes, a minha vida inteira, os factos provados já na causa, a verosimilidade de outros, a minha conducta para com o accusado, os serviços eminentes que lhe hei prestado e que elle confessa, a impossibilidade de um sentimento qualquer de odio em presença de taes factos, a logica, o bom sentido, a razão humana, tudo enfim, responde sufficientemente por mim ás mintiras d'esses homens, ás suas allegações sem prova, ás suas calumnias, cujo objecto é demasiado evidente. Calar-me-hei, pois, sobre tudo por consideração ao accusado, homem a quem estimava, a quem amo todavia apezar meu, e cuja posição temo aggravar, ainda com proveito de minha propria honra.

Esta habil resposta, dada sob pretexto de não querer fazer nenhuma, commoveu profundamente ao auditorio, aos jurados e ao tribunal.

— Acabais de ouvir a nobre linguagem deste ancião, — disse então o presidente a Banceiro e ao Cyclope : — se possuis algum resto de pudor, ainda é tempo de vos retractardes.

— Dissemos a verdade, — responderam os interpelados.

O presidente concedeu a palavra ao delegado do ministerio publico. Este estigmatizou o proceder das duas testemunhas terminando com um requerimento de prisão para resolver ulteriormente sobre a sua sorte.

O tribunal achou justa esta petição, e o presidente depois de ter mandado prender a Banceiro e Cyclope, ordenou que fossem citados a comparecer ante o tribunal os esposos Corniquet, e o ultimo dos Lafleur para prestar as suas declarações; e suspendeu a sessão.

Os individuos do tribunal retiraram-se ao mesmo tempo que os accusados, a fim de dar tempo a executar-se ordem do presidente.

Então entabularam-se na sala conversações mais animadas. Os pareceres estavam divididos como em todas as causas, porem desigualmente. O maior numero attribuia o ultimo insidente a Aronde, e a sua posição a se havia tornado mais perigosa.

Os inglezes iam fazer outras apostas quando a campainha de aviso se fez ouvir de novo, o tribunal entrou, a sessão tornou a abrir-se e o porteiro annunciou ao presidente que os esposos Corniquet esperavam as suas ordens.

— Mandai entrar a Corniquet, — disse o presidente, em meio de uma anciedade impossivel de descrever.

Corniquet havia julgado a proposito enfeitar-se a toda a pressa para apresentar-se á jus-

tiça com um trage mais digno da sua classe. Havia vestido seu fato de noivado, doce recordação de vinte e cinco annos, que não havia saído da sua comoda senão nas mais solemnes occasiões: para os festejos de Luiz XVIII, a consagração de Carlos X, e o casamento do Duque de Orleães. Assim ataviado obteve um exito de louco riso quando foi conduzido perante o tribunal. Creu-se ver entrar um figurino de modas do principio da restauração.

Depois das perguntas do costume e de haver prestado juramento.

--- Testemunha Corniquet, — lhe disse o presidente, --- conheceis o accusado?

— Sim, meu presidente. É dizer, que o conheço sem o conhecer. Só quatro vezes é que o vi. A primeira certa manhã que tive algumas palavras com o seu cão, um lindo animal, porem muito arisco e cabeçudo. O velhaco queria sem mais nem mais entrar na casa como se seguisse a pista de algum conhecido. Sem embargo, meu presidente, eu estava disposto a jogar as bassouradas com o dito cão, salvo o seu respeito, apesar do apoio que lhe prestava um populacho furioso, mas o accusado com uma moeda de cem soldos fez que me caísse das mãos a vassoura e o deixasse entrar em casa do meu inquilino com o animal que como não era vagabundo nada tive que objectar. Deixei-o passar. Apenas subiu o accusado, principiou a disputar com o

meu unico inquilino, e não sei o que teria succedido se não tivessem vindo os aguazis a prendê-lo muito a tempo. Logo a segunda vez que o tornei a ver, foi na prisão, a terceira foi dezoito dias depois, quando fui avisa-lo, segundo me havia encarregado, que meu unico inquilino estava já inteiramente curado da sua ferida. Por ultimo a quarta vez é esta sem o ser.

— Dissesteis que Brionde estava ferido; quem o feriu?

— Desculpai-me, meu presidente, foi durante a noite anterior, quando o meu unico inquilino saiu arranhado por uma das suas odaliscas.

— Que entendeis vós por odaliscas?

— Não tem que ver, meu presidente, como o meu inquilino era turco, as pessoas do bello sexo que iam visita-lo eram naturalmente odaliscas.

— Cuidado, testemunha! O tribunal saberá reprimir tão máos gracejos.

— Eu gracejar ante este augusto tribunal? Menos isso: digo a verdade.

— Basta! — interrompeu o presidente. — Hi-de assentar-vos! Dirigindo-se depois a Aronde lhe disse: — Accusado, um facto grave se deduz ao menos da declaração da testemunha, e é a premeditação. Que entre a mulher Corniquet, — disse ao meirinho.

Madama Corniquet não obteve menos exito que seu esposo promovendo a hilaridade ge-

ral já pelo seu trage, e centenaes de cortezias, como pela sua declaração. Omittiremos esta por não fatigar os nossos leitores, mencionando apenas, que esta testemunha relatára o facto de o não ir encontrar um mantilete, que sendo reconhecido pelo accusado, motivou jogarem a vida ás cartas.

O presidente ordenou que entrasse o criado do defunto.

Uma vez cumpridas as formalidades previas lhe disse o presidente :

— Testemunha, a posição que occupaveis ao lado da victima, dá importancia ás vossas palavras; dizei, pensais que a verdadeira causa do duello tenha sido uma questão de dinheiro?

— Creio honrar a memoria de meu amo respondendo negativamente. Era uma falsa saída, um estratagemma, um disfarce, um pretexto.

— Bem! porem, uma das testemunhas fallou de certo mantilete, e que similhante descuberta fóra a causa da disputa e do jogo da vida ás cartas, dizei o que sabeis.

— Que não carece de exactidão. O mantilete foi em parte a causa da disputa. Porem....

O ultimo dos Lafleur deteve-se não sabendo como responder cathegoricamente em presença do accusado.

Madama Corniquet, cuja lingua se impacientava do largo silencio que se havia visto obrigada a guardar, accolheu com avidez aquella

ocasião de desquitarse vindo em ajuda do ex-mameluco.

— O' lá! Demonio! Não há necessidade de andar com tantos rodeios, — gritou ella. — Historia de ciumes. Eu bem sei o que são essas cousas. Tambem o meu marido tem estado cioso como um tigre. Oh! ainda agora mesmo se encontrasse o meu mantilete em casa de qualquer, ás sete da manhã e no mez de outubro, seria capaz de devorar-nos a mim e a elle. Isto é o que aqui succede. O mantilete em questão havia-o deixado em casa do Turco uma das odaliscas, como diz o meu marido, que o haviam visitado na vespera, e a má sorte quiz que Aronde se interessasse justamente por aquella. É uma cousa tão simples e clara como um bom dia. Porém, quem era? perguntareis vós, senhores? mas isso é que eu não direi, não sabemos o que podemos chegar a ser com o tempo!

— Essa mulher está doida! — Interrompeu imprudentemente Aronde com uma pressa e vehemencia que infundiram suspeitas ao auditorio.

— Ah, estou doida! — redarguiu madama Corniquet, excessivamente humilhada com aquella publica apóstrophe; — ah, estou doida! Bem, vamos a ver se estou doida! Eu conheço a odalisca do mantilete. Era a das nove da noite; a que foi conduzida por uma velha a casa do Turco e que ficou com elle, eu mesma a vi entrar,

e meu marido tambem, assim como o mameluco, e não a vi sair, em attenção sem duvida a que não vejo quando durmo. Oh! Vi-a perfeitamente quando passou diante do meu quarto, a ella e ao seu mantilete! Ah! estou doida!... Porem não é isto tudo; o mais bonito da historia é que a tal odalisca está aqui agora! Sim, sim, bem podeis fazer-me signaes com vossos lindos olhos minha formosa menina, — accrescentou a porteira exasperada mostrando alfim com o dedo a madama d'Aronde: — não sei o vosso nome, nem a vossa casa, nem a vossa classe; porem a odalisca d'aquella noite ereis vós e devo confessá-lo, tendes um palmito demasiado lindo para que possa confundi-lo. Ah! estou doida!... Agora pode ver-se se estou doida!....

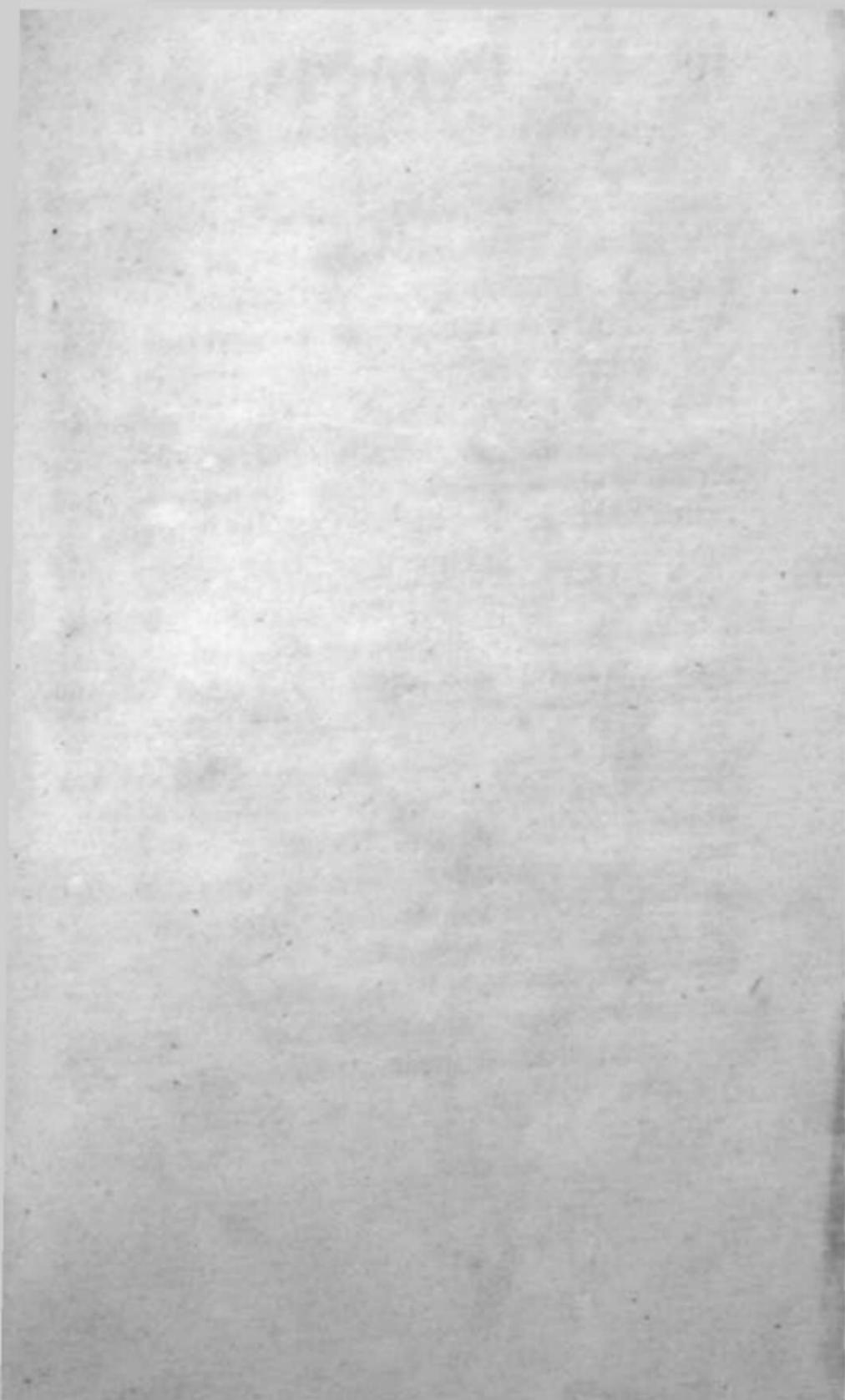
É impossivel expressar convenientemente o effeito que produziu aquella fulminante revelação. Renunciaremos a isto por agora, tendo de calmar nossas proprias emoções.

Satisfaremos o melhor possivel a ansiedade dos nossos leitores, no seguinte volume, ultimo desta historia, onde descreveremos o seu desenlace, e os extraordinarios acontecimentos que tem em espectativa a nossa imaginação.

INDICE.

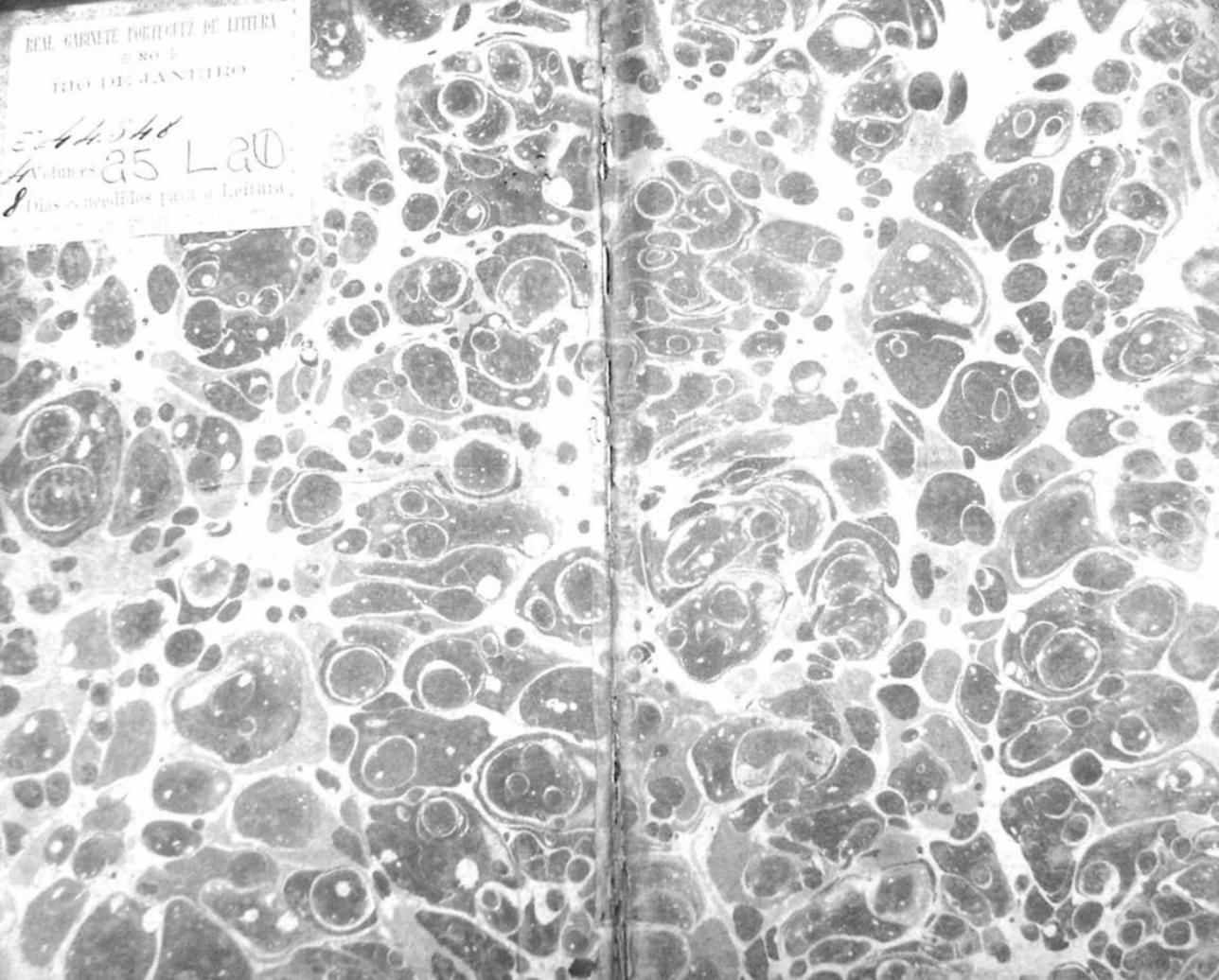


CAPITULO I.	— O Diario de Julia.....	5
” II.	— O Duello.....	24
” III.	— Discordia.....	39
” IV.	— Hercules aos pés de Omfala.	56
” V.	— Insidentes de viagem.....	75
” VI.	— Estrategia preliminar.....	92
” VII.	— Antes de levantar o pano.	107
” VIII.	— Inauguração do Baile pesado.....	124
” IX.	— Como se forma uma reputação.....	140
” X.	— Cotilhão quarto.....	147
” XI.	— Precursores.....	163
” XII.	— Successos na Aguia Negra.	177
” XIII.	— Singular entrevista.....	191
” XIV.	— O interrogatorio.....	214



REAL CARNETE INDIQUEZ DE LITURA
N.º 1
RIO DE JANEIRO

344548
Volumen 25 L20
8 días sencillos para a Leitura.



25, 20, 20

W. H. Pearson & Company

1866.

22/10/20

O BEZERRA DE OURO.



O BENTRO DE ORO

O BEZERRO DE OURO.

Novella posthuma

DE

FREDERICO SOULIÉ.

Traducção de

Filippe de Sá.

1866

VOLUME IV.

Lisboa.

TYPOGRAPHIA DE JOÃO JOSÉ DE SALLES,
Calçada de St.ª Anna N.º 158.

1855.

O BELLENO

DE QURO

Stovella posthuma

in

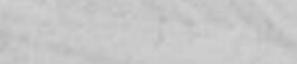
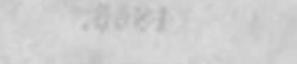
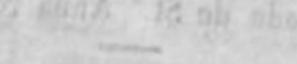
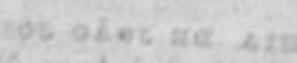
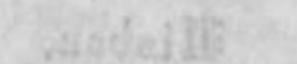
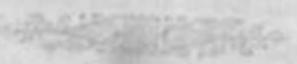
FRANCISCO SERRA

Tratado de

Stovella de St.



VOLUME IV.



PHARMACIA DE SÃO JOSE DE VÁZIOS
Cidade de St. João 1881

1881

CAPITULO I.

APARECE A LUZ.

A revelação da porteira da rua de Helder, relativamente á presença de Mad. d'Aronde em casa de Brionde, a noite que precedeu á primeira disputa do defunto e do accusado; esta revelação tão imprevista tão cheia de conjecturas, estallou como uma bomba em meio da obscuridade da causa.

Mad. Corniquet, com os olhos seintillantes o sorriso zombador, o rosto livido, havia-se assentado perto de seu marido, orgulhosa da poeira que acabava de levantar a sua voz. Jamais lhe havia succedido causar semelhante sensação em tão escolhida sociedade. As impressões foram

por outra parte tão diversas como vivas em consequencia daquella pasmosa declaração.

O tribunal e os jurados viam a final a explicação da animosidade de Aronde, antes, durante e ainda depois do desafio. Tinha-se batido por vingar a sua propria honra.

Simona era talvez de todo o auditorio a unica que contemplava a Estrella com uma terna piedade misturada de respeito, bem convencida por instincto que a joven esposa não havia perdido nenhum de seus direitos para um, adquirindo titulos para o outro.

— Os negocios da cidadoa marcham ás mil maravilhas, — disse por sua parte Balanceiro ao Cyclope, entre os gendarmes que o guardavam á vista. — Tiennete queria perder a mulher salvando o marido. Eis-aqui arranjado metade do negocio.

— Sim; porem é mais difficil fazer o restante que beber um copo de vinho, — respondeu o Cyclope. — Antes quero encontrar-me na minha situação que na de Aronde, porque emfim, as três ultimas declarações não principiam muito mal para provar a nossa innocencia. Venham outras deste calibre, e eis-nos claros como a neve?

— Confesso que veria chegar esse momento com certa satisfação, — replicou o Balanceiro movendo tristemente a cabeça.

— Eis uma bonita educação que vós dais á vossa filha, senhor genro! — disse Duplessis vol-

tando-se para o Barão, perto do qual estava assentado. Permittir que uma joven de dezoito annos se apresente em publico com uma mulher desta classe! Uma mulher cujas desordens (oh! justa mudança das cousas deste mundo!) vão a arrojar sobre o nome d'esse Aronde a ignominia que seu pai não temeu arrojar sobre outros. É uma nobre e digna raça.

— Quem?... que é isso? — exclamou Ap-pencherr, que entretido com as doces esperanças que lhe inspirava a chave de Simona e as sensíveis preocupações testamentarias que lhe infundiram a colera do velho, não tinha entendido nada do que lhe havia dito, e respondeu sobresaltado, como se saísse de um sonho.

— Ai, — replicou ironicamente o rico sogro — ai, que velais com tanto éxito por vossa familia como por vossa fortuna. Dou-vos o parabem. Já haveis dissipado uma, queira Deos perservar a outra!

Dito isto com o mais diabolico accento, Duplessis lhe voltou de novo as costas com acerbo desdem.

Aquella ultima peripecia o havia remoeado dez annos; os seus olhos se inflammaram e a sua cara brilhava de alegria. Julgara-se ver a miniatura d'aquelle quadro celebre onde o genio do mal está representado com o sceptro na mão, a fronte coroada de tempestades e assentado com altivez sobre as ruinas do mundo.

É que com effeito a victoria do implacavel velho havia chegado a ser de repente tão completa como jamais a havia podido sonhar o seu odio. A questão importante, a verdadeira questão do processo, a do golpe mortal dado depois do signal convencionado; esta questão ficava resolvida contra o accusado, e até dava um grau de apparencia mais ao verdadeiro motivo do combate, actualmente revelado; em quanto á de seu encarniçamento, se bem era verdade que já era desculpavel, porque preço era? A preço do repouso de sua vida, de sua honra conjugal, de sua felicidade domestica. Duplessis triumphava, pois, juntamente do bolsista, do homem e do marido.

Assim, pois, com que sinistro sorriso não contemplaria a sua victima sobre o banco onde o havia arrojado, entre dois gendarmes, sob o peso de uma accusação capital e infamante e que via entregar-se naquelle momento mesmo á cruel desesperação á desesperação silenciosa!

Com effeito, ás ultimas palavras da indiscreta porteira, Estrella se havia levantado com toda a dignidade da virtude ultrajada. Querendo aproveitar a final a occasião que esperava sem a buscar, dispunha-se a contar em voz alta os diversos incidentes do odioso laço, que lhe haviam armado em casa de Brionde e appellar lealmente para todas as pessoas de coração e de talento. Porem Aronde que não cessava de expiar

seus movimentos, lhe disse de novo com um tom supplicante e rosuluto :

— « Estrella, nem uma palavra !... eu t'ó supplico ! ordeno-o ! »

Estrella então, offerecendo um exemplo sublime de obediencia, se havia assentado com tranquillidade perto de sua joven amiga, a qual não podendo prodigalizar-lhe as consolações que a sua candura lhe prohibiam, as substituia com mudas caricias que não eram menos eloquentes naquellas circumstancias.

Aronde, ao insistir em impor silencio a Estrella, cedia simultaneamente á mais recta razão e ao mais justo orgulho. Tão pouco queria nem ainda admittir que se suspeitasse da mulher de Cezar; e uma vez nascida aquella suspeita, conhecia perfeitamente a impotencia em que se veria sua joven mulher, de destrui-la; sem nenhuma prova em contrario, mais que as provas das suas proprias negativas; e isto em presença de uma opinião publica naturalmente disposta a crer mais o máo que o bom. O unico resultado provavel de similhante tentativa seria o desprezo para ella, e ridiculo para elle.

Tinha pois cahido sobre o seu banco, pallido, absorto, desanimado, não sabendo que fazer, que dizer, que responder contra uma revolução, metade verdadeira, metade falça, que tanto havia temido até então, por cujo segredo tudo havia arriscado, a sua fortuna a sua liberda-

de, e a sua vida; e que frustrando todas as suas precauções vinha a feri-lo tão inopinadamente no mais vivo de sua alma.

Taes eram as diversas impressões dos aucthores, expectadores e actores d'aquelle drama judicial, durante os poucos segundos que seguiram á declaração de Mad. Corniquet e que bastaram ao desenvolvimento simultaneo de todos os pequenos incidentes que acabamos de referir.

Estas impressões, sem embargo, fundavam-se só no testemunho de uma mulher cujo talento pouco claro e cuja linguagem incoherente não mereciam uma confiança illimitada. O presidente comprehendeu esta insufficiencia com um tacto perfeito; porem tambem comprehendia o que esta insufficiencia mesma tinha de doloroso para o accusado e de terrível para sua mulher. Uma de duas cousas pensou: « ou a testemunha disse a verdade ou a mentira. No primeiro Mad. d'Aronde não perdeu nada com a confirmação dos factos; no segundo ganha tudo desmentindo. » Assim pois creu dever proseguir os interrogatorios sobre o ponto litigioso em interesse mesmo do accusado e sua mulher. Por sua parte não havia provocado a sua deshonra; o curso casual dos debates é que havia promovido este resultado.

O presidente fez então aproximar-se de novo o criado do defunto.

— Dizei-nos, — lhe disse, — quem é es-

sa Tiennette a quem se ha alludido muitas vezes.

— Era uma amiga de meu amo. Odiavam-se cordialmente e fallavam o mais mal possível um do outro, porem não sei que interesse os unia. Isto é o que o terno Racine ha expressado também neste verso.

« E não o abraçava senão para melhor afoga-lo. »

— Agora dizei-nos, quem é essa pessoa a quem Mad. Corniquet alludia, e que conduziu á casa de Brionde aquella a quem chamou odalisca.

— O seu verdadeiro nome devia ser Mad. Satanás; porem deixou-o pela alcunha de Cabeça de Pipa que lhe pareceu mais engraçada.

— Cabeça de Pipa! — exclamou o presidente. — Estranha fatalidade! de duas pessoas que houveram podido dar-nos alguma luz, uma está ausente e outra morta. Dizei-nos testemunha, reconheceis que a pessoa que Mad. Corniquet indicou é a mesma supposta odalisca que foi conduzida ás nove da noite a casa de vosso amo. Calais-vos?... Perturbais-vos... Tende cuidado, jurasteis dizer a verdade, não falteis a ella.

A duvida do ultimo dos Lafleur procedia naturalmente do temor de comprometter a Mad. d'Aronde salvando a memoria de seu querido bemfeitor, ou de comprometter esta memoria a-

dorada salvando a joven esposa. Mas emfim a advertencia do presidente decidiu-o a dizer a verdade.

— Pois bem, exclamou com voz commovida, — sinto que se tenha feito similhante revelação; porem posto que o mal não tem remedio, digo que é, e que está aqui essa joven beldade.

— Esta confissão mudou finalmente todas as duvidas em uma triste certeza, como o indicaram os murmurios de desapprovação que se levantaram contra Mad. d'Aronde e as vistas de desprezo que se dirigiram por todas as partes para ella.

A joven esposa então tirando novas forças do excesso mesmo da sua humilhação, ficou tranquilla, impassivel e silenciosa em seu logar; e ali, entretanto que Julia a abraçava, e encubria com a sua propria innocencia, a esposa, por um d'esses allivos momentos que a consciencia só pode inspirar, levantou lentamente seu véo, não oppondo assim mais que a serenidade de seu bello rosto ás injustas accusações que ousavam dirigir-lhe.

Aronde se encheu de admiração á vista d'aquella nobre audacia.

Levantou-se firme e tranquillo, inclinou-se com respeito ante Estrella, e designando-a depois com um gesto solemne ao auditorio estupefacto, disse com voz imperiosa, com toda a magestade de uma profunda convicção:

— Senhores, quantos me escutam neste momento veem essa creatura aviltada, essa esposa sem fé, essa caçadora de aventuras nocturnas. Pois bem! Eu, seu marido, proclamo-a aqui como a mais santa, a mais recta, a mais veneravel das mulheres!

A actitude nobre da mulher e a linguagem firme do marido haviam causado na multidão uma especie de admiração. Desgraçadamente Aronde não pôde conter por mais tempo a indignação que o opprimia.

— Sim, eis-aqui o que proclamo á face de todos, — continuou com uma voz mais forte e dando com o punho sobre o banco, — e se ha entre vós ainda quem se atreva a dizer o contrario, são calumniadores e cobardes!

— Accusado, — interrompeu o presidente com uma extrema benevolencia, — comprehendendo o que deve soffrer o vosso espiritu neste momento: porem tranquillizai-vos por favor.

— Que me tranquillize? — gritou Aronde, cujos desordenados movimentos não podiam conter os gendarmes, e para o qual as supplicas de seu joven defensor eram totalmente impotentes, — que me tranquillize! — continuou rindo amargamente. Oh! é mui facil dizer-lo!... Que me tranquillize!... Porque me heide tranquillizar? Não; não quero tranquillizar-me, não! Bastante paciencia tenho tido! Sim, repito-o, os que se atrevam a duvidar da honradez

de minha esposa, serão uns cobardes e calumniadores, como as estupidas testemunhas que se tem atrevido a fazer lo, sendo o meu unico desejo desde agora, castiga-los sem piedade.

— Accusado, — repetiu o presidente com dignidade, — insultais o auditorio, amiaçais as testemunhas, fallais ao respeito devido á justiça. Por consideração á vossa posição, por sympathia ao vosso sentimento, quero dar-vos ainda um aviso: porem cuidado! este será o ultimo; não aggraveis a vossa situação: não me obrigueis sobre tudo a descarregar sobre a vossa cabeça a justa severidade da lei.

— Ah! que me importa! — continuou Aronde cada vez mais irritado; — que me importam a mim as vossas leis, vossos juizos, vossas amiaças, nem as vossas penas! Que se nos condemne a minha mulher e a mim! Que se nos meta che! Que se nos deshonne! Que se nos metta no carcere! Que importa com tanto que seja juntos! Escarnecemos de vós todos!

A estas ultimas palavras, rendido, e desfallecido, Aronde cedeu seu corpo aos gendarmes, que o assentaram no banco, onde ficou desde então com a cabeça apoiada sobre as mãos immovel, mudo, indiferene a tudo o que ia a passar.

— Com a mais profunda dor, — disse o presidente com voz commovida, — me vejo obrigado a acrescentar a severidade da lei aos crueis

disgostos que oprimem já o accusado. Tenho guardado para com elle todas as attentões que me impunha a humanidade. Porem a indulgencia não deve degenerar em fraqueza. Não olvidarei que a lei me impoem o dever e me reveste do direito de castigar em plena sessão todo o grave desacato feito ao respeito devido á justiça. E' um dever penoso, porem não menos sagrado que o outro, e que saberei cumprir da mesma forma. Tem a palavra o ministerio publico.

— Perdão, senhor presidente, — interrompeu humildemente o ultimo dos Lasseur. — Acabo de assistir ao inventario da mobilia do meu defunto amo: e entre os papeis que havia deixado para o caso de uma desgraça, se encontrou uma carta de que me havia fallado antes de ir para o duello e que trago comigo. O sobrescripto é dos mais imperativos: « Para M. de Aronde, em mão propria, depois da minha morte. Muiltissimo urgente. » Rogo, pois, ao senhor presidente, que me permita cumprir sem demora as ultimas vontades de um defunto.

Este novo insidente não pareceu ao auditorio uma das peripecias menos sorprendentes d'aquelle dramatico processo. O presidente consultou o tribunal, e disse:

— Considerando que a origem e destino desta carta a unem inteiramente á causa, e constituem, por assim dizer, uma das partes integran-

tes do processo, ordenamos em virtude do nosso poder descripçional, que a dita carta seja entregue desde logo em nossas mãos para ser aberta e lida por nós em interesse da verdade, antes de ser posta nas do accusado.

— Não tenho nada que recusar á justiça.

— De meu nobre senhor, eis-aqui pois a mensagem, — respondeu o ultimo dos Lalleur, depois do qual caindo a seu pezar em seus costumes tragicos, foi com passo lento e compassado, assentar-se entre os esposos Corniquet.

Entretanto á medida que avançava na leitura da carta de Brionde a Aronde, o veneravel rosto do presidente passava da estupefacção ao assombro, do assombro á admiração, e da admiração á alegria.

— Escrivão, — disse em seguida, — lê-de esta carta em voz alta e intelligivel.

Sucedeu então um silencio tão profundo, que, segundo a singular expressão do Cyclope a Balanceiro, se teria sentido voar um mosquito.

Eis aqui o que leu o escrivão :

« Pariz rua de Helder, ás seis da manhã,
« duas horas antes do nosso duello.

« Senhor d'Aronde :

« Se não receberdes esta carta é que vos
« terei matado, e eu o juro por casualidade; po-
« rem dou-vos os pezames de ante-mão. (*Ligei-
ra hilaridade no auditorio.*)

« A minha intenção bem decidida é, com-
« effeito, deffender minha pelle o melhor possi-
« vel, e fazer-vos pelo mais uma leve arranha-
« dura que ponha fim ao combate. (*Movimento
de sympathia.*)

« Eu não vos quero mal. Porque havia eu
« de aborrecer-vos? Pela injuria que me haveis
« dirigido com motivo dos beduinos. Só os ne-
« cios não terão comprehendido que era um in-
« sulto combinado para occultar o verdadeiro
« motivo do nosso desafio. A ninguem se abor-
« rece por uma injuria convencionada. (*Signaes
de approvação.*)

« Vós, senhor d'Aronde, é differente; vós
« odiais-me de morte, e tendes muita razão.
(*Assombro.*)

« Pois bem, o que o meu orgulho recusaria
« dizer-vos estando vivo, porque poderiam attri-
« buir esta confissão a medo, posso dizer-vo-lo
« nesta carta, porque se chegar ás vossas mãos,
« será signal de que terei morrido, e não se po-
« derá taxar de cobardia, depois da morte, a
« linguagem de um homem que se ha deixado
« matar precisamente por guardar silencio. (*Con-
formidade.*)

« Eu posso pedir-vos aqui lealmente perdão
« das minhas faltas, ainda direi, de meus crimes
« para comvosco. A palavra não é demasiado
« forte. (*Curiosidade sempre crescente.*)

« Comeffeito arruinai-vos em vossa fortuna

« tão honrosamente adquirida. — Arrependo-me d'isso!

« Arruinei-vos em vosso credito, fazendo circular bilhetes vossos que despresiveis em vossos haviam desacreditado de proposito. — Arrependo-me disso! (*Eternecimento.*)

« Quiz arruinar-vos tambem em vossa fidelidade domestica, seduzindo vossa mulher; e para este effeito, por mediação de uma infame mulher a trouxe a uma embuscada, certa noite pelas nove horas em minha propria casa, sob o pretexto de salvar a vossa honra em Pariz entretanto que vos achaveis na Belgica; então empreguei a força, as amiaças e ainda a violencia para a seduzir ou ao menos compromete-la.

« Porem proclamo-o desde o fundo de minha cova, a nobre creatura desdenhou e repeliu tudo isto; e se livrou das minhas mãos pela intervenção milagrosa da mais estranha visinha, — uma dama tapada, que não me atrevo a nomear-vos de outra maneira, pois temeria passar aos vossos olhos por um homem supsticioso que erê em aparições. — Pois bem, a encantadora heroina, fugiu então, levando minha estima, meu respeito, minha admiração, e deixando-me duas feridas, uma (no coração,) da qual talvez jamais me houvera curado, e a outra (no braço) que me ha impedido dar-vos mais promptamente razão do mesmo mal cau-

« sado, pelo qual sou um dos primeiros em ar-
« repender-me. (*Explosões de sensibilidade.*)

« Comtudo, eu não sou o mais culpado em
« tudo isto. Mostrei-me parvo, ligeiro, incons-
« quente debil como sempre. Fui o cumplice, o
« medianeiro, o instrumento. Não outra cousa.
« Os verdadeiros culpados são dois seres abomi-
« naveis, dos quaes um ama-vos demasiado, se-
« gundo as apparencias; o outro está longe de
« amar-vos o mais minimo.

« O primeiro chama-se Tiennette.

« O segundo chama-se Duplessis. (*Estup-
« facção.*)

« Conheço bem o mobil da primeira; é um
« rancor de amante abandonada; porem não com-
« prehendendo o do segundo: parece um frenesi de
« maniatico. (*Murmurios.*)

« Seja o que for, elles são os que tem in-
« ventado, combinado e disposto tudo. (*Agitação.*)

« Por minha parte não tenho feito mais que
« obedecer. Porque? Eis-aqui. O infame velho ha-
« via encontrado, em casa de um encubridor de
« mãos creditos uma porção de bilhetes meus.
« Veio e me offereceu esta alternativa; a fortuna
« por um lado, a prisão pelo outro. Um heroe
« antigo teria escolhido a prisão; um especula-
« dor moderno devia escolher a fortuna. (*Indi-
« gnação.*)

« E agora que conheceis os vossos inimigos,
« devo assegurar-vo-lo demasiado, porque este

« é o principal objecto desta advertencia de ul-
 « tra-tumba : desconfiai de Tiennette, desconfiai de
 « Duplessis. Perdem um instrumento ; porem a-
 « charão um cento. (*Colera.*)

« Oh ! crêde-o, Aronde, um dos maiores
 « desgostos que terei lido na minha vida, será vêr
 « dentro de alguns instantes a esse velho que ha
 « fomentado tudo, que tudo ha preparado, inclu-
 « sivamente o nosso duello, assistir-vos hipocri-
 « tamente no campo, em qualidade de amigo,
 « quando me consta que daria toda a sua fortu-
 « na inteira porque a espada do vosso adversario
 « vos trespassasse o coração. (*Horror.*)

« Abominação ! intriga ! perfidia ! traição !
 « Esperai tudo das manobras desleaes d'esse ve-
 « lho que repulo primo-irmão de Belzebut. (*Es-
 panto. Todos os olhos buscam a Duplessis na
 sala.*)

« E agora, Aronde, favor com favor se pa-
 « ga. Perdoai-me, em attenção aos meus remor-
 « sos, e não me amaldiçoeis, em retribuição dos
 « meus conselhos. (*Lágrimas.*)

« Vosso perseguidor durante a vida, since-
 « ro amigo depois da morte.

« BRIONDE, O EX-MUSTAFÁ-BEN-PAPUTACCI
 DA RUA DE HELDER »

(*Risadas e pranto.*)

A leitura desta carta foi seguida de uma e-
 moção que não intentaremos descrever, porque
 se comprehende sufficientemente.

Desta forma se achavam explicadas de um só golpe, e por um testemunho cuja authoridade não se podia recusar, todas as questões da causa: a origem verdadeira da disputa, a legitimidade do encarniçamento de Aronde, a innocencia de Estrella, as intrigas, as manobras, as perfidias de Duplessis, e emfim, aquellas exprobrações de deslealdade e de traição, saídas da bocca de Brionde ao expirar, e que já não podiam applicar-se razoavelmente se não ao implacavel velho.

A sessão se suspendeu de facto durante mais de cinco minutos. Restabelecido o silencio, exclamou o presidente!

— Principiemos por dar graças á Providencia, por haver evitado talvez um erro á justiça humana. Temos em seguida que cumprir os deveres que nos incumbem. Em virtude pois do nosso poder descrecional, ordenamos primeiramente que o senhor Duplessis seja preso por prevenção de falso testemunho. (*Signaes de approvação*)

Buscou-se o velho: havia desaparecido da audiencia antes de concluir-se a leitura da carta de Brionde. (*Desagrado geral.*)

— Ordenamos em segundo lugar, — continuou o magistrado, — que em razão da sua veracidade já reconhecida, os senhores Condissat, chamado o Balanceiro, e Lataneur, chamado o Cyclope, sejam postos immediatamente em liberda-

de, se não estão retidos por outras causas. (*Sorrisos de aprovação.*)

— Estas outras causas existem desgraçadamente para elles, — objectou o delegado, — em consequencia, requeiro que se digne o tribunal conserva-los em custodia.

O tribunal faz justiça ao requerimento do ministerio publico, — replicou o presidente. (*Vivos rumores misturados de signaes de interesse.*)

— Eia! Não sairemos da gaiola! — disse o Cyclope ao seu camarada. — Ha-de custar que me agarrem para dizer outra vez a verdade!

— Acalma os teus sentidos acalorados, — respondeu, o Balanceiro. — A cidadõa não pode tardar. Ella nos tirará d'aqui; já tem salvado a outros muitos. Aquella mulher tiraria até do inferno os seus amigos!

Terminados todos estes insidentes, declarada pelo presidente desnecessaria toda a defeza por parte do advogado; o delegado limitou-se a declarar que a causa não apresentava nenhum dos caracteres de criminalidade que ao principio parecia ter, e que se entregava inteiramente á decisão dos jurados.

O presidente resumiu em seguida os debates em algumas palavras, louvou o character de Aronde, fez um brilhante elogio das virtudes de Estrella e supplicou aos jurados passassem á sala das deliberações.

Decorridos cinco minutos apresentaram-se

outra vez ante o auditorio, e o seu chefe poz a mão direita sobre o coração, e leu a seguinte sentença :

« Ante Deos e ante os homens, por minha honra e minha consciencia, a declaração dos jurados é,

« Por maioria,

« O accusado não é culpado. »

Esta sentença foi applaudida com frenezi pelo auditorio, apesar do silencio respeitoso que manda a lei. Porem a lei das leis, em semelhante caso, é a alegria suprema que causa sempre a reabilitação da innocencia.

Sir Douglas e sir John regularam bem depressa as suas apostas. O primeiro havia apostado pela liberdade do marido e culpabilidade da mulher; entretanto que o outro apostara pela innocencia d'esta e condemnação d'aquelle; os seus lucros ficaram portanto equilibrados.

A multidão retirou-se alegre, os esposos Corniquet e o ultimo dos Laffleur voltaram para a rua de Helder, onde este ultimo reservava aos outrosdois as mais agradaveis surpresas de parte dodefunto Mustafá-Ben-Paputacci-Brionde.

Depois de sinceras felitações, de cordiaes apertos de mãos, e de affectuosos abraços, Julia e seu pai deixaram os dois esposos na sala, e subiram á brilhante carruagem que os esperava no patio do palacio.

Antes de deixar a sala, o Barão havia bus-

cado a Simona com um ultimo olhar; porem a joven havia desapparecido depois da publicação da sentença.

Ao seu regresso recebeu Appencherr das mãos timidias do seu porteiro uma chave pequena que um sujeito acabava de levar no mesmo instante para elle.

— Eis-aqui uma chave que me custa algum tanto cara, — disse consigo mesmo. — Ouxalá ao menos que seja a do seu coração!

Por sua parte apressou-se Julia a entrar no seu quarto para augmentar uma folha ao diario que nós sabemos.

Durante este tempo Aronde e sua mulher haviam ficado na sala da audiencia para deixar sair a multidão e livrar-se da curiosidade de uns e da ovação dos outros. Quando foram os ultimos, se retiraram tambem, saíram do palacio e chegaram á praça de *las Lunettes* para tomar ali uma carruagem que os conduzisse rapidamente a sua casa.

— Bem lembrado, — disse Estrella quando estiveram em marcha, — prefiro ir a pé.

— Ah! por exemplo! . fatigar-te ainda.. não o permittirei!.. Depois de tantos dias que hei passado entre as quatro paredes de uma sella, fazse-mo tarde para achar-me contigo n'aquelle lindo quarto da rua de Helder, que tu tens convertido em um paraizo.

— Eu tambem, — disse Estrella com emba-

ração : — mas necessito muito ar depois desta sufocante sessão. É admiravel a justiça humana, sobre tudo quando absolve. Tu, meu amigo, necessitas fazer algum exercicio. Ah! tens como sou egoista ! Experimento uma felicidade inexplicavel, depois de uma separação tão eterna, ao sentir-te perto de mim, ao marchar a teu lado, ao agarrar-me com todas as minhas forças ao teu braço !. Sou muito pesada não é verdade ? desculpa-me ; é tão bom apoiar-me assim !

— Vai a teu gosto, nada temas ; pelo contrario acho-te mui leve ! Mas, porque deter-me nesta sombria rua ? — perguntou Aronde admirado.

— Segue, segue, entremos, meu amigo.

— Entrar ? Onde diabo queres levar-me ?

— Oh ! eis-aqui a ingratidão dos homens ! Comtudo não perguntasteis ainda pelo vosso melhor amigo.

— Meu melhor amigo ? Fallas talvez de Duplessis ?

— Não por certo ! É de Fox esquecido ! de mr. Fox, que não pude levar comigo á audiencia ; que o deixei aqui ao passar, em casa de uma antiga conhecida minha, uma pobre costureira, uma griseta em uma palavra, não muito velha ainda, vós vereis, nem tão pouco demasido feia, ainda que isto depende de gostos ; de mr. Fox, em fim, que sem duvida espera a vossa vi-

sita com uma impaciencia muito incommoda para os vesinhos.

— Ah! É Fox?... Bem... Vamos buscar mr. Fox. Os bons amos não são outra cousa que os criados dos seus animaes. O homem é um rei que passa a sua vida em tratar de seus subditos, felizes ainda quando elles não lhe mordem!

Fallando assim, os dois esposos haviam chegado ao terceiro andar.

— É aqui? — perguntou Aronde suffocado.

— Acima, — respondeu Estrella. Mais valor senhor perguiçoso!

— Já entendo: estamos na metade. Teria um bom golpe de vista, se não fosse uma escada semelhante. Sabes que houvera podido escolher algum sitio mais pittoresco a tua antiga amiga?

— Que queres! Escolheu segundo os seus meios. É uma historia inteira. O seu marido achava-se preso como tu estavas ainda esta manhã, e tal circumstancia acabou de arruinar os seus negocios. Então vendeu tudo, afim de pagar aos seus credores e retirou-se para aqui, esperando melhores dias para viver honradamente do seu trabalho.

— Ah! Parece-me muito bem! — exclamou Aronde, — porque não me haveis dito nada d'isso até agora.

— Não o soube até estes ultimos tempos, mas alegre-me ver-te de tão boa opinião.

— Sim eis-me aqui já descansando, e por felicitar a tua antiga amiga, seria capaz de subir até ás torres de Nossa Senhora.

— Alegres uivos lhes annunciaram que não era necessario subir tão alto. Estrella abriu uma porta, e em seguida Fox repartiu entre os dois amos quantas caricias havia economisado.

Então! Onde está a tua amiga? — perguntou Aronde.

— Sem duvida esta no aposento immediato, — respondeu sorrindo-se Estrella. — Vejo por vossa impaciencia, cavalheiro, que fiz mal em dizervos que não é muito feia. Mas tranquillizai-vos; eu vou busca-la.

E a estas palavras entrou em um gabinete pequenino que dava para o aposento principal.

Durante a sua curta ausencia, contendo ao mesmo tempo com a mão os transportes de Fox, Aronde examinava com a vista o quartinho onde estava assentado e sobre cujos pobres moveis descubria, com surpresa sempre crescente, uma multidão de pequenos objectos que reconhecia pertencerem-lhe.

— Deus meu! — exclamou enfim. — Onde estou?

— Em vossa casa, meu amigo, — respondeu Estrella saindo do escuro gabinete onde ha-

via mudado apressadamente seu mantilete, seu chapeo, seu vestido de seda, todo o fato de grande senhora, por seu vestido de indiana, seu lenço e sua pequena gorra. — Aqui está a griseta annunciada, — continuou fazendo uma cortezia. Permitti-me apresentar-vo-la. Que vos parece?

— Adoravel! — exclamou Aronde louco de alegria. — Tudo adivinho! E' para perder a cabeça de admiração e de felicidade!.. Oh! Estrella, és um anjo de virtude e de desinteresse, como de graça e de belleza. Deixa-me adorar-te de joelhos porque és casta, admiravel.

Porem n'aquelle momento o ruido de uma carruagem que se detinha se deixou ouvir junto á casa; soaram passos em seguida na escada, Foxganiu e bem depressa bateram á porta da aguafurtada.

Aronde abriu. Trez personagens de maneiras distinctas, de elegante trage, respeitosa actitude, e evidentemente estrangeiros por sua phisionomia, apparecem então, entretanto que uma mulher elegantemente vestida; envolta com um espesso veo, ficou discretamente detraz d'elles.

— Cumpri a minha promessa: — lhes disse com uma voz commovida, indicando-lhes a Aronde com uma mão tremorosa — Saudai-o, senhores; eis-ali o Rei!

CAPITULO II.**O REVERSO DA MEDALHA.**

Deixamos o ex-criado de Masson, Pe-ligeiro, ou para fallar mais historicamente, Sua Magestade Lodovico 1.º, desmaiado nos braços de Montreuil, Conde de Casticala, quando este o apresentava na janella do real palacio, para saudar desde ali a multidão, que fazia estremecer a praça com ruidosas acclamações.

Aquella sincope causou ao principio a mais viva ansiedade. Tomou-se por uma apoplexia, por um assassinato, por outros cem accidentes deste genero; porem Montreuil, que não se atordia jamais no meio dos maiores apuros, fez espalhar habilmente a voz pelos grupos, que a indisposição do Monarcha provinha da emoção por-

funda de que se havia penetrado ao voltar ao seu povo, que não havia visto em sua vida, mas que desde o seu nascimento trázia continuamente em seu coração.

Esta explicação levou ao seu cumulo o entusiasmo da capital de Wardemburgo. Toda a cidade se illuminou espontaneamente. Os partidarios do Rei destronado supozeram que o temor só dos ladrões acendia tantas luminarias, porem a verdade era que a immensa maioria estava encantada de uma mudança que dava alguma variedade á monotonia da sua existencia. O regosijo estendeu-se immediatamente até ás provincias mais apartadas deste vasto reino de cincoenta e trez legoas de contorno. Gritou-se, illuminou-se, dançou-se, cantou-se, e celebrou-se em todas as povoações a chegada do soberano legitimo que a providencia havia concedido aos seus subditos, que ignoravam a sua existencia.

Tocaram-se os sinos, dispararam-se canhões fizeram-se estallar bombas por todos os lados, gastou-se fumo em vão, e mais polvora que houvesse sido necessario para conquistar o resto do globo. Em uma palavra, como as nações alle mãas, em seu justo horror ao trabalho, se apressam sempre a aproveitar as menores occasiões de não fazer nada, passaram em regosijos de toda a classe os primeiros dias que seguiram aquelle alegre acontecimento, em fazer ruido em pro-

ferir exclamações, e em regosijar-se de todas as maneiras.

Montreuil teve cuidado por outra parte de arrojar sem cessar novos alimentos ao enthusiasmo.

Pensando com razão que o que perde a maior parte dos novos governos, é fazer precisamente tudo o que ha perdido ao seu predecessor, Montreuil teve a habilidade, pelo contrario, de reparar em todo o possivel, não o mal, senão o bem que havia feito Benedicto 1.º pelo fim do seu reinado, e que tanto havia contribuido a precipita-lo do throno.

Todas as reformas que Montreuil apresentou foram accollidas desde logo com um enthusiasmo impossivel de descrever.

Montreuil teria podido felicitar-se sem reserva do triumpho de suas manobras, se não houvesse achado um obstaculo para o seu completo exito na mesma pessoa do que acaba de collocar sobre um throno.

As sincopes de Pé-ligeiro eram de cada vez mais frequentes, ou por melhor dizer, manifestavam-se sempre que o monarcha se via forçado já de apparecer em publico, já de fallar, já de dar audiencia.

Em quanto se tratava simplesmente de mandar, de ordenar, de governar em uma palavra, Montreuil estava ali, e suppria perfeitamente a S. M. ausente; porem quando se tratava de ap-

parecer á janella, de sair a passeio, de receber homenagens no palacio, de reinar em uma palavra, a substituição não era possível. Pé-ligeiro desmaiava então e ficava encerrado em suas habitações.

Os curiosos, as deputações, os visitantes do palacio, todo esse mundo de farsantes e de pretendentes que rodeiam os novos governos, se retiravam sem ter visto a S. M. tristes e descontentes e iam espalhar funestas conjecturas sobre a causa de tal ausencia. Montreuil a attribuia desde logo a uma leve indisposição; porem esta desculpa não satisfazia mais que quarenta e oito horas. O medico da corte, aquelle mesmo que, segundo os conselhos de Montreuil, havia ordenado ao ex-rei a companhia buliçosa da bailarina franceza, para adiantar algum a contra-revolução, este habil doctor estudava em vão os symptomas estranhos que apresentava a enfermidade de novo rei.

— Confunda-me Hipocrates! — exclamou, — se eu comprehendendo uma palavra. Aturdimento subito, debelidade progressiva, insensibilidade geral, immobilidade completa: e sem embargo faculdade intermitente de ver, de ouvir e de responder; depois disto ressurreição quasi instantaneamente do individuo.

— Sim, — interrompeu amargamente Montreuil, — o meu homem recobra todas as suas faculdades quando não ha mais que fazer com elle!

— Todas não, — redarguiu o sabio doctor. — A sua memoria fica ausente. O augusto enfermo não se recorda absolutamente de nada do que ha dito, ouvido ou visto, durante essa inexplicavel prostração. Na verdade, o caso é dos mais curiosos, dos mais interessantes.

— Ah! Parece-vos interessante, doctor? Agradeço! Haver buscado este rapaz durante vinte annos, por montes e valtes; have-lo descoberto finalmente na condicção mais miseravel; have-lo pulido, bem ou mal, de seus costumes toscos; haver quebrado a cabeça para dar-lhe a coroa paterna; haver feito prodigios de habilidade para despojar o usurpador de seus direitos legitimos; e agora quando o exito mais milagroso tem coroado finalmente as mais finas intrigas, não temos no throno mais que uma especie de lonto epileptico, que não é nem ainda capaz de figurar silenciosamente em uma coremonia, em uma solemnidade qualquer; verdadeiro madeiro da fabula sobre o qual vão a saltar as rãs desdenhosamente pedindo a Jupiter uma serpente que ao menos as devore! A vós é permittido julgar interessante um resultado como este; porem eu acho-o cruel e terrivel.

— Eu fallo debaixo do ponto de vista da sciencia, — respondeu o doctor. — A medecina ainda não conheceu um caso semelhante. O caso é unico. Tão certo é que a natureza é varia como inexgotavel no infinito numero de en-

O Bezerra de Ouro Vol IV. 3

fermidades com que se ha dignado dotar a humanidade ! Sinto que haja escolhido esta circumstancia para augmenta-lo com uma enfermidade tão rara ; mas em consciencia vejo-me obrigado a admirar uma vez mais sua engenhosa fecundidade.

— Como quizerdes, doctor ; porem apressai-vos a curar esta nova maravilha, ou se não, antes de oito dias veremos arrazar-se sob o sopro do riso publico, um edificio levantado tão penosamente. Cuidado com ficar debaixo, doctor, porque haveis posto a mão nelle.

— Curar ! Curar ! os doentes não tem outra palavra na bocca ! Tudo o que posso prometter-vos são ensaios ; porem previno-vos, contai aqui com a casualidade mais que com a arte. Sou bastante sabio para conhecer toda a minha ignorancia.

Entretanto que Montreuil se lamentava assim de não haver coroadado mais que a um infirmo authomato, Latanoff e Tiennette, cujos interesses lhes fazia estar provisionalmente de accordo, não permaneciam ociosos no interior d'aquella hospedaria, situada na mesma praça do palacio onde haviam estabelecido o quartel general de suas intrigas contra revolucionarias. Mil vozes sinistras eram espalhadas incessantemente por seus emissarios : sobre a intervenção das potencias estrangeiras, cujas tropas diziam estar em marcha para restabelecer no throno a Benedicto

1.º sobre as intenções não menos hostis d'aquelle Rei caído, cuja presença todos ignoravam a seis leguas da capital, em uma de suas encantadoras cascas de campo, em companhia de Lalake; sobre o projecto que se lhe attribuia cada dia de ir sitiá-la a sua bella cidade durante a noite á frente de um exercito formidavel; sobre a saude de seu successor, que se dizia ferido do idiotismo; e em fim, sobre a legitimidade deste ultimo, que se cria suspeitosa, inventada, falsa, e que não se fundava mais que nas ellegações de trez intrigan-tes.

Graças aquellas noticias, sem cessar renovadas e apoiadas com folhetos clandestinos, com sátiras e anedotas picantes espalhadas em todo o reino, a inquietação, a desconfiança e o descontentamento succederam bem depressa ao enthusiasmo, á fé e á alegria dos primeiros dias. A ansiedade estava pintada em todos os semblantes.

Montreuil oppunha em vão proclamações a todos aquelles rumores. No dia seguinte appareciam feitas em pedaços, ou adornadas de comentarios insolentes e desenhos burlescos.

— É dizer, — exclamava em sua desesperação, — que se a este corpo sem alma, a esta massa inerte, a este estúpido cataleptico, pudesse dar-se-lhe durante uma hora ou duas a força somente para apresentar-se em publico, para andar, para saudar, para fallar, ainda se sal-

varia tudo ! Porém não ; impossível por agora ! Perfeitamente são de corpo, de espirito e de lingua quando se trata de comer, de beber, de dormir, e eis-ahi que cahe em suas prostrações quando se trata de fazer de rei. Ah ! muito temo que a legitimidade não haja chegado aqui, atravez de tantos obstaculos, senão para esmagar-se loucamente sobre os degraus do throno.

Por isto sem duvida Tiennette e Latanoff julgarão chegado o momento de dar o golpe decisivo. Tiennette foi ao anoitecer a casa do novo thesoureiro do Estado, a quem havia pedido uma audiencia secreta.

O antigo bolsista do boulevard italiano, era mais affecto á fortuna e á consideração de seus antigos conhecimentos que ao poder e ás grandezas de que se via accumulado no Wardemburgo. Acreditava pouco em a duração de um estado de cousas que lhe pareciam um sonho ; e qualquer que pudesse ser a duração curta ou larga, queria que ao menos fosse um sonho dourado para elle.

O seu unico desejo era apresentar-se tarde ou cedo em Pariz, em seu mundo, naquelle theatro onde depois de haver figurado de um modo brilhante, havia acabado por experimentar tantas humilhações, inclusivamente a quebra, a miseria e a vergonha de um suicidio penoso. Esta era a sua unica preocupação, e queria com vezes mais chegar a ser um dos elegantes do theatro da ope-

ra que ser para sempre um dos primeiros personagens do Wardemburgo. Não teve pois, nenhum escrupulo em aproveitar a sua posição para jogar com os fundos publicos, não somente com a Bolça do paiz senão com todas as dos Estados vizinhos.

Como Montreuil lhe havia encarregado não economisar nenhum sacrificio para conservar a alta dos fundos ao principio da restauração do Rei legitimo, signal mathematico de confiança e de prosperidade, jogou a alta a golpe seguro e realizou immensos beneficios em alguns dias. Os seus lucros particulares se elevavam a mais de trez ou quatro milhões quando Tiennette foi procura-lo.

Previni-vos certa tarde, — lhe disse, — que contava com vosco para desmascarar esse necio que vós vos atrevêsteis a converter em Rei legitimo.

— Ah! Tiennette, fallai de S. M. com mais respeito, eu vo-lo supplico. Se vos ouvisse algum dos nossas espias!

— Os vossos espias? ... Deixai-os, pois! são todos meus. Já é tempo, repito-o de pôr termo a uma phantasmagoria de legitimidade.

— Ah! ah! quereis que eu desfaça a minha propria obra? Na verdade, reconheço que a recordação da nossa antiga amizade me obriga a ter considerações, porem vejo-me obrigado a confessar que a vossa linguagem abusa d'ellas extraordinariamente.

— Abuse ou não, venho reclamar o esse

apoio; necessito delle, quero-o, e por vontade ou por força, eu já vo-lo disse, hei-de obtê-lo.

— Por vontade, não; por força, como?

— Somos demasiado espertos um e o outro para não saberdes que esta supposta legitimidade não se acha fundada aqui senão sobre area; eu sei que o vosso mais ardente desejo é deixar tudo no primeiro momento favorável, para ir gastar virtuosamente a Pariz os milhões que tiverdes economizado aqui com o vosso soldo de cincoenta mil francos.

— Ah! dai um exemplo!... Como provais isso?...

— O milhão que já remettesteis ao vosso antigo príncipe o barão Appencherr para impolo em sua casa até nova ordem; cujo milhão é a simples vanguarda de outros trez que caminham neste momento ao mesmo destino, com quarenta e oito horas de distancia um do outro. Oh! Quando vos metteis em economias não saís com as mãos limpas!

— Chit! imprudente!... Não ha uma palavra de verdade em tudo isso; porem emfim, não importa! Poderia crer-se... Ah! Quem poderá tervos inteirado tão mal?

— Já vos disse que comprei todos os vossos espias.

— Deus meu, para que?

— Esse é o meu segredo. Porque eu poszua o vosso, é razão para que vós conheçais o

meu? Aprovo muito por outra parte, o vosso plano de reforma. Tendes todas as virtudes que adornam os bons cidadãos, bons esposos, bons pais de familia, e sobre tudo os bons thesoureiros.

— Não sei o que quereis dizer. O que fallais de familia?

— Não hi-des vós casar com a joven Julia d'Appencherr?...

— Como!... sabeis igualmente essa... impostura?

— Sem contar outras muitas. Porem eu felicito-me tanto como vós mesmo.

— A ideia era vossa, com effeito.

— Deus meu, sim! Reputei chistoso fumenta-la ha doze annos! recordais-vos? Na epocha em que sua excellencia se dignava dividir seu carinho entre a defunta baroneza d'Appencherr, e eu vossa indigna serva.

— Ah, — disse Dabiron, erguendo-se um pouco, — aborrecieis muito aquella indigna rival, aquella pobre baroneza, não é verdade?

— Porem... somente até á morte.

— O que são os ciumes das mulheres! Confesso sem embargo, que jamais os havia inspirado dessa forma.

— A quem? a mim? Estar ciosa de vós — replicou Tiennette com uma gargalhada. — Vamos, pois, meu querido. Não fazeis justiça a vós mesmo.

— Mas, emfim, amaveis-me.

— Pelo contrario.

— Pois então, porque me amaveis?

— Por vingar-me.

— De mim, em tal caso? — perguntou Dabiron com bastante impertinencia.

— Bem, — continuou modestamente a feia; — porem da baroneza sobre tudo, d'aquella mulher execravel cujos conselhos haviam acabado por afastar de mim ao que eu amava, ao que eu amo ainda.

— Ah! ah! Vós não me amais a mim vós amais a outro, então. . . não comprehendo.

— Nada tem que perseber, depois de haver tido a vós para torturar a mãe, quero consentir que caseis com a filha, para vingar-me ainda de uma pelo outro.

— Agradecido pelo cumprimento.

— Não façais caso. Mas, ouvi: ao mesmo tempo vós me ajudareis a derribar essa ridicula legitimidade supposta. A minha tolerancia é por este preço.

— Que fallais de tolerancia?

— Sim o barão jamais soube cousa alguma das vossas relações com sua mulher. Quando vos despedio das suas officinas, foi porque suspeitou vagamente que antes de vós me offercerdes o vosso coração, o havieis offerecido a Lalake sua paixão de então, que havia tido o máo gosto de agradar-lhe. E isto, a desgraçada!

sem poder, como eu, ao menos alegar a circumstancia atenuante de exercer uma vingança contra a baroneza por sua docil intermediaria. Pois bem, pensais que o barão se mostraria mui solícito agora para fazer genro o seu dobrado rival, se lhe puzesse com destreza debaixo de sua vista algum fragmento da terna correspondencia da baroneza com sua excellencia?

— Oh! em quanto a isso, não tenho nada que temer de vós. Apesar da riqueza bem conhecida do vosso muzeo epistular, desafio-vos a que mostreis uma só linha da defunta. Aca basteis por fazer-m'a aborrecer, mas não desprezar. Como eu conhecia a vossa mania autografica, tive bom cuidado de queimar todas as suas cartas antes que puzesseis o pé em minha casa.

— Todas, excepto uma só, que nunca chegastes a possuir: a que vos escreveu na vespera mesma do suicidio, enviando-vos por ultimo adeos uma affectuosa recordação de duzentos mil francos.

— Novo erro. Aquella carta foi-me roubada, é verdade, perto de meu leito, sobre a minha mesa, durante o desmaio em que me submergira tão pungente leitura.

— Roubada? a palavra é dura; eu artegado, não roubo.

— Como, eras tu?

— E quem senão eu?

— Já o havia julgado! Mas aquella carta,

como sabes, foi-me devolvida em um camarote, no baile da Opera, em troca dos duzentos mil francos que a haviam acompanhado.

— Sim, por uma mulher com dominó preto, a minha fiel Cabeça de Pipa, uma de minhas mensageiras mais sagazes, da qual tu te dispunhas a tomar-lh'a gratuitamente pela violencia, quando uma mão, a de meu leal Cyclope, deteve a tua, e uma voz que passou desconhecida te recordou o sentimento da galantaria franceza, gritando-te: « Aqui não se agarra nas mulheres! »

— E depois, chegada a carta uma vez ao meu poder, que fallas tu de fazer uso della agora?

— Pobre necio, que não sabe distinguir um *fac-simile* de um original! E' verdade que tenho ao meu serviço o Banceiro, um dos primeiros caligraficos do mundo.

— Como! não era mais que a copia...

— Não era outra cousa. Accrescentarei para descargo teu, que a pessoa que me encarregou a operação ella mesma se enganou.

— Que pessoa?

— Um homem alto, pallido, que tem um ar misterioso, mui avido sempre por espionar e cujo nome jamais pude saber: — « Senhora, me disse; eu era amigo da defunta baroneza: acabou de saber que antes de morrer teve a imprudencia de enviar a um homem que vós conheceis, duzentos mil francos em bilhetes do

« banco, acompanhado de uma carta de despo-
« dida que poderia comprometter gravemente a
« sua memoria se ficasse entre as mãos d'aquelle
« homem. Os duzentos mil francos em questão são
« para vós, se puderdes tirar-lhe a carta. Tal ha
« sido a ultima vontade da defunta. » Assim me fal-
lou o desconhecido. Bem comprehendes o resto. Eu
tinha a carta, e tu os duzentos mil francos. Fiz
que me copiassem duas caatas perfeita e exacta-
mente iguaes. Uma encheu de alegria ao meu palli-
do; a outra passou das mãos de Cabeça de Pipa
ás tuas, em troca de duzentos mil francos.

— De tal sorte que guardas-te ao mesmo
tempo o original e a somma. Abominação!...
Francamente, Tiennette, não vos julgava tão...
tão engenhosa.

— Estou orgulhosa do voto brilhante de sua
excellencia. Pois bem, pensa sua excellencia que
a vista d'aquelle precioso original possa interes-
sar infinitamente ao barão no amor puro e can-
dido que a necessidade de elevar-vos com tal
enlace na consideração da sociedade parisiense,
vos inspire de novo sua joven e encantadora fi-
lha.

— Oh! sois mil vezes mais venenosa que
uma vibora.

— Vamos, já vejo que principiais a ser ra-
zoavel. Assim, pois, que vos pedirei? Que imi-
teis a prudencia dos insectos que tem a sensatez
de abandonar uma casa na vespera mesmo do seu

desmoronamento. É demasiado exigir de vossa intelligeucia?

— Bem seja, mulher de Satanáz! Que espera de mim o inferno?

— É o seguinte:

— Falla.

— Mas antes de tudo, — respondeu com ironia Tiennette, como conheço a excessiva delicadeza dos vossos sentimentos, meu querido e nobre Dabiron, alegro-me em extremo de vos fazer conhecer a completa illegitimidade do vosso rei. Escrupulos exagerados poderiam deter-vos como sempre na pequena infamia que venho pedir-vos, entretanto que bem convencido da nullidade dos direitos do vosso pretendente, empregareis todo o zelo que vos inspirar um bom acordo.

— Como! — exclamou Dabiron, — S. M. não será acaso mais que um falso Limburgo? Haveria enganado até tal ponto a minha boa fé? Abusaria assim da minha lealdade? Oh! seria cousa muito ruim por sua parte!.. E esse Montreuil?.. E esse Roussignan Muller?.. Coadjuvariam elles similhante mentira?.. Não, não, não! posso acreditar ainda tal impostura.

— É um raciocinio exacto. Não sois bastante fortes nem uns nem outros para alcançar a tão altos enredos. Montreuil só podia aproximar-se, mas é participante aqui do erro commum.

— Do erro?.. mas sem embargo, eu recordo-me perfeitamente, como se todavia os visse,

os diferentes papeis que possuia de um velho chamado Duplessis, e que justificavam a identidade do pretendente.

Acabadas de mencionar as actas, que omitimos por já serem conhecidas dos nossos leitores, Tiennette redargiu:

— Todas essas actas são reaes. Viste is os documentos em toda a regra. Vê-de aqui outras parecidas. Qualquer vo-las pode proporciouar por duzias n'aquelles diversos pontos, mediante os gastos ordinarios de copia legal. Mas que provam estes papeis? Que ha um herdeiro legitimo em alguma parte. Isto, pois, não admitto duvida. Ora pois, qual é este verdadeiro herdeiro? Eis-aqui o que eu sei, e o que vós não sabeis.

— Bem! quem é, senão é indiscripção?

— Não o é, Quero dizer-vo-lo para vos provar quanta confiança tenho em vós quando vos é impossivel abusar della. Este herdeiro legitimo é Carlos 1.º, é Aronde!

— Ah! essa é boa! Meu predecessor em vossos amores? Eis-aqui ao menos pelo que posso estar orgulhoso, por ter a destineção de succeder a um rei!

— Vê-de vós estas outras actas, estes testemunhos autenticos. estas correspondencias irrecusaveis. Eis-aqui o resumo. Nascido de um matrimonio secreto, foi confiado secretamente a uma aldeã de Kermer, das immedições de Franc-

fort, chamada Margarida Warchell. O assassinato de seu pai por um punhal anonimo, e a morte de sua mãe que foi a continuação, não tardaram em provar que o clima d'aquelle povo livre não era mui saudavel aos herdeiros legitimos do throno de Wardemburgo, usurpado desde aquella epocha pelos bastardos do Conde de Zanau. Então foi quando conforme as ultimas vantades do pai e da mãe, Mad. Duplessis tirou o augusto infante da casa de sua ama e o enviou a França sob o cuidado de um certo Lafolié. O menino foi depositado por este homem de confiança em um povo chamado Aronde, cujo nome deram para encubri-lo melhor. Mais tarde a filha de Mad. Duplessis, mulher d'Appencherr, a sua querida baroneza, minha odiada victima, simulou ao passar por aquelle povo, recolhe-lo por bondade d'alma; conduziu-o a Pariz, deu-lhe educação, collocou-o na officinas de seu marido, e enfim fez que elle podesse crear-se uma posição independente, porem sem jamais lhe revelar nada do mysterio do seu nascimento. Temia que a ambição o induzisse como a seu pai a alguma imprudente reclamação de seus direitos, e que como seu pai fosse victima a seu turno de uma imprudencia tão fatal. Assim o haviam exigido seu pai e sua mãe ao morrer, assim o havia promettido Mad. Duplessis; e assim o executou esrupulosamente a baroneza.

— Não tão escrupulosamente, visto que tendes conhecimento disso.

— Oh! eu sou uma excepção em materia de segredos. Descendo em linha recta do Solitario: sei tudo, vejo tudo, ouço tudo, e estou em todas as partes.

— A verdade é que se houvera esperado encontrar-vos em alguma parte, teria sido seguramente em casa de Belzebuth melhor que na Wardemburgo. Em quanto ao mais, voltando a Aronde, agora comprehendo porque tantas pessoas o julgavam filho natural de Mad. Duplessis, e porque elle mesmo se julgava irmão adulterino da baroneza, cujas dividas do jogo lhe succedeu mais de uma vez pagar com uma generosidade que fomentava não pouco a murmuração.

— Elle? Irmão da baroneza? Não me recordo have-lo ouvido jamais divulgar esta hypothese geralmente admittida.

— O respeito filial lh'o impedia sem duvida alguma nas circumstancias ordinarias. Porem nas grandes occasiões, era menos discreto. Assim, quando eu, depois da morte da baroneza, ia só a saber o motivo de sua conducta hostil para comigo, e sobre tudo dos obstaculos que punha ao meu casamento com a joven Julia Appenberr, contrario ao desejo da mesma defunta, não te-meu responder-me que tinha o direito de intervir em nome de sua defunta irmã.

— Este titulo era de pura ternura em sua

bocca, e fazia simplesmente allusão aos cuidados maternas que Mad. Duplessis havia tido por elle.

— Oh! E a estocada que me deu mais tarde, provou-me algum tanto asperamente a sua bõa fé neste ponto.

— Está bem! nesse caso, enganava-se como os outros, e como, devido a mim e a Montreuil o velho marido de Mad. Duplessis se enganou tambem nestes ultimos tempos. Seja o que for, no momento em que fallo, Aronde não sabe ainda nada de sua verdadeira origem. Colloquei-o na impossibilidade de descubri-la. Todos esses papeis que acabais de vêr, os possuia na sua casa, na epocha da nossa amizade, mas sem conhecer o que continham.

— Comprehando: apossaste-vos delles para que formassem tambem collecção.

— Aquella vez ao menos me inspiravam os zelos. Estavam depositados no fundo d'um lindo cofresinho, cuidadosamente cerrado, que a baroneza lhe tinha entregado na vespera do seu suicidio, com ordem expressa de não romper nunca os sellos, emquanto não recebesse permissão para isso. Mas eu não esperarei esta permissão. Mad. Duplessis falleceu; eu a substituirei. Todos esse preciosos papeis serão devolvidos incessantemente ao seu proprietario, todos, excepto um só, que talvez faria inuteis os demais.

São algumas linhas traçadas pelo cavalheiro

de Limburgo, sobre o seu leito da morte, onde o pai roga a seu filho que não reclame os direitos que lhe deixa ao throno para escapar do golpe mortal que acabava de feri-lo: — se escusa de antemão pelo mysterio em que a prudencia o obriga a rodear ao unico descendente de sua raça; — onde lhe descreve com enthusiasmo as doçuras inefaveis da vida privada, cujo encanto reconhece apezar que tarde. Vos comprehendereis que uma philosophia tão pastoral não está já em uso. É um sceptro e não um cajado que quero ver nas mãos do meu pretendente. A dynastia do punhal está em fuga. Todo o perigo cessou para o herdeiro legitimo. Não ha para elle mais que poder, grandeza e gloria. O unico obstaculo agora é esse estúpido, esse candido impostor do qual sois sectarios, e aquem tivestes a ideia singular de transformar em herdeiro legitimo. Desembaraçai o throno d'elle, para que Aronde venha occupa-lo. Elle o fará nobremente. A minha presença em Wardemburgo não tem outro movil. Quero que o homem que amo me deva uma coroa.

— Linda prenda para o proximo dia do anno novo. Oxalá possa este pequeno regalo entreter....

— Em quanto a isso não sei qual será meu despertar; porem é o meu sonho, meu bello sonho, meu unico sonho, como a mão da joven Ap-pencherr é neste momento o vosso. Sonhemos,
O Bezerro de Ouro Vol. IV. 4

pois, juntos, posto que vós podeis servir-me, e eu posso perder-vos.

— Bem examinado tudo, não poderia pedir mais; porem um throno não se transtorna com a ponta do dedo.

— Ideias d'um cobarde que teme comprometter-se! Acabais de provar-me recentemente que bastam alguns jantares, muitos escudos, varias calumnias e umas quantas cabriolas.

— Sim, mas isso são uns alardes de força que não saberia repetir.

— Porque não?

— Eu não fiz na empreza senão servir de caixeiro, e ali na verdade me considerava de facto incapaz de derribar a um governo qualquer.

— Sois demasiado modesto. Os simples cantoneiros podem mesmo servir de utilidade quando se trata de fazer voltar uma carruagem. Com que então desempenhas-te o emprego de caixeiro? Pois bem, sê-lo-eis ainda agora. Nem mais, nem menos. Jogaste na alta, jogai hoje na baixa. Não vos peço mais. Já vêdes que sei utilizar cada um segundo a sua capacidade.

— A baixa, dizeis vós? . . . Eis-ahi uma boa idéa!

— Não é verdade? Vamos, eis-nos já de acordo, — acrescentou Tiennette levantando-se para despedir-se.

— Sempre me inclino ás boas razões, quando não ha meio de fazer outra cousa.

— Não vos peço promessas; tenho uma coisa melhor; tenho espias. E se a alta vos fez milionario a baixa vos permittirá enviar mais algumas remessas ao vosso futuro sogro. Ah! Não ha cousa melhor que a economia. Até outra occasião? Rogo a vossa excellencia admitta a homenagem de um profundo respeito.

No outro dia da visita de Tiennette a Dabiron, a bolça da capital do Wardemburgo foi o theatro d'uma das mais estupendas baixas de que póde fazer menção a historia das finanças. Justamente assustado de ver o termometro da confiança publica chegar tão de repente abaixo de zero sem causa manifesta, o presidente do conselho se queixou disso ao thesoureiro-mór do Estado. Dabiron respondeo a Montreuil que a sua caixa tinha ficado vazia por causa das precedentes operações, o que era verdade; que os empregados do governo não tinham recebido mais que uma parte dos seus ordenados vencidos, do que começavam a murmurar, que não sabia como dar a seguinte quinzena ás tropas, e emfim, que não lhe ficava já um soldo disponivel para sustentar os fundos publicos na cifra do anterior enthusiasmo.

Montreuil ficou atterrado com taes revelações.

— Felizmente temos ainda os cinco milhões que restam dos seis e meio que o barão d'Appencher restituiu ao herdeiro do cavalheiro de Limburgo.

— Sim, — respondeu Dabiron; — mas esta mesma manhã. S. M. me enviou a pedir esta somma, da qual não era senão depositario e que constitue sua caixa secreta.

— É extranho! — interrompeu Montreuil.

— Não posso, pois, dispor della, — disse Dabiron, — senão com o seu consentimento, se julgar a proposito confiar-m'a de novo.

— Vou pedir-lha. Bom é que ao menos costee as despesas da sua sustentação. Ouço justamente que canta la *Madre Godichon*, ou qualquer outra cousa por este estylo. Está de bom humor; tanto melhor! Seu consentimento é mais certo.

Com tudo S. M. recusou.

— Porque? — lhe perguntou Montreuil mui admirado de tão repentina avareza.

— Juro-vos, que não sei a razão, — respondeu sinceramente *Pé-ligeira*. — E' uma ideia que me occureu de repente esta manhã, mas conheço que antes soffreria ser pisado n'um almofariz, do que renunciar a ella.

— Efeito de seus caprichos, — pensou Montreuil ao retirar-se, bastante desorientado. — Se o moço chega a cair, apezar de todos os meus esforços, não será uma queda, será uma banca rota. O bezerro de oiro o terá elevado, e o bezerro de oiro o terá precipitado.

A baixa dos fundos não achando já obstaculos na intervenção do thesoureiro mór, veio a

ser em seguida uma torrente irresistivel que arrastou todos os outros valores para o mesmo abysmo. O credito particular soffreu o rude contratempo: as quebras se multiplicaram, os bancos recuzaram todo o desconto, o commercio paralizou-se, os consumidores retiraram o seu dinheiro as fabricas fecharam e lançaram á rua multidões de jornaleiros sem trabalho. O descontentamento tomou então todos os caracteres d'uma emminente insurreição. Alguns motins parciaes foram os primeiros symptomas. Emfim, graças aos innumeraveis emissarios de Latanoff, no mesmo dia e á mesma hora, sem que jamais se soubesse como, nem porque, o mesmo grito sinistro resoou em todos os sitios do Wardemburgo: « Bandidos! Bandidos! ahí estão os bandidos » Que bandidos eram? Todos o ignoravam, mas todos repetiam com terror: ahí estão os bandidos! « E cada um se encerrava na sua casa e se armava, mui resolvido a vender cara a sua vida aos bandidos.

O panico foi ainda mais ruidoso na capital. Ali se manifestou, pela solidão nas ruas, encerramento de portas e janellas, que o medo haja jamais commovido uma população.

Ao medo de chimericos bandidos, Latanoff tinha unido outras muitas noticias não menos sinistras.

« O rei está á morte, o rei morreu » gritavam.

A este lugubre grito foi quando muitos gru-

pos de conspiradores se encaminharam para o palacio.

Montreuil appareceu á janella para tranquiliza-los, com a voz e o gesto.

— Pois se não morreu que appareça, queremos ve-lo! — gritavam os grupos.

Naquelle mesmo instante, S. M. perfeitamente são de corpo e espirito, se dignava pôr-se á mesa com um appetite voraz.

— Vamos sentai-vos ahí em frente de mim.

— « Onde está o menino? nos dirão » — exclamava movendo o seu masso de papeis. « E que! atrevem-se a perguntar-nos, onde está o menino? Pois bem, eis-aqui o menino. Eis-aqui o menino real, o menino prodigo, o menino da regeneração de Wardemburgo! »

— Senhor, supplico-lhe que não falle V. M. assim! — interrompeu Muller que tinha empallidido ao ouvir esta formula: Onde está o menino? que lhe recordava todas as desventuras da sua vida.

— E sem embargo, — continuou Pé-ligeiro, — todas as suas predicções se não realizado como palavras do Evangelho. Eis-nos aqui todos: eu rei: vós, camarista; elle, o primeiro ministro: Dabiron, thezoureiro mór. Não falta na festa mais que nossa gentil companheira, sinto-o. Eis uma cousa singular e divertida. Ao chefe da banda não lhe dava gosto já aquellas zombarias, com seu ar-de pompa funebre. A Dabiron tão pouco.

A vós o mesmo. A mim menos. Todos temos o ar algum tanto taciturno. E sem embargo a nossa situação é bastante jovial.

— Ah! meu Deus! — interrompeu Rousignan, ouvindo os gritos que a multidão lançava na praça, e cujo ruido affastado chegava até aos ouvidos dos dois commençaes — Que ruido é esse? Dir-se-ia que gritam: « onde está o menino? »

— Não! São ainda aclamações de alegria. Não sei porque, mas estas gentes adoram-me. Debaixo de palavra de honra que não são difficeis de contentar!

— Senhor, — disse Montreuil penetrando assustado na sala, — inimigos incorregiveis da ordem hão esparzido rumores synistros sobre a vossa vida. Todo o vosso povo se levantou como um só homem, e pede vêr a V. M. Encontro felizmente a V. M. em mui bôa disposição. Digne-se V. M. senhor cumprir os desejos de seus fieis subditos. Só a presença de V. M., sobre tudo neste momento, bastará, assim, o espero, para calmar seus mortaes alarmes.

— Isto é irritante, — respondeu Pé-ligeiro levantando-se, — mas não posso fazer menos pela sua felicidade.

E dito isto, seguido de Montreuil e de Rousignan se dirigiu com passo tremulo para a sala do throno, cuja janella dava para a mesma praça onde o motim continuava reclamando a sua presença. Mas apenas tinha chegado á metade d'a-

quelle vasto aposento, quando lhe deu o seu des-
maio ordinario. Deteve-se, sentiu fraquejar as per-
nas e cahiu sem conhecimento sobre o divan que
se achava detraz delle.

— Maldição ! — exclamou Montreuil —
Ainda as suas malditas syncopes ! Assim se des-
vanece o poder deste mundo. Vamos doutor, eis
o momento de chamar em nossa ajuda toda a vossa
sciencia. A vós pertence-vos cuidar da Monarchia
ao mesmo tempo que do Monarcha. Uma e ou-
tro estão enfermos. Não encontrasteis nenhum re-
medio depois da nossa ultima consulta ?

— Nenhum, porque antes de occupar-se dos
remedios, necessitar-se-ia ao menos conhecer a
enfermidade.

— Mão julgais que isto se assemelha muito
ao que se conta do magnetismo ?

— Assim o creio, mas tendo resolvido a Aca-
demia de medicina de Wardemburgo que o ma-
gnetismo não existe, não tenho vontade de andar
por este assumpto nos tribunaes.

— Em nome do ceu, em fim, que meio vos
resta de especificar o caso para achar o seu es-
pecifico ?

— Não tenho mais que um só, e ia a pro-
por-vo-lo.

— Fallai.

— E fazer a dissecação de S. M.

O Primeiro ministro não teve tempo de res-
ponder ao primeiro medico, porque no mesmo

instante os grupos se tinham acabado por invadir o palacio e se precipitavam na sala do throno gritando :

« El-Rei ! o Rei ! Porque o occultam ? porque não se mostra ?... Esteja vivo ou morto queremos ver o Rei ! »

— Dizeis que quereis vêr o Rei ? — gritou Montreuil exasperado, dirigindo-se aos amotinados que tinham invadido a sala do Throno sob pretexto de informar-se por si mesmos da saude do novo Monarcha.

— Sim, sim, o Rei, o Rei ! — respondiam de toda a parte com um fingido interesse.

— Pois bem, vêde aqui o vosso Rei, — replicou o primeiro ministro com um amargo desdem, mostrando-lhe a Pé-ligeiro que jazia desmaiado sobre o seu divan.

— Está morto ? perguntaram estes ao medico da côrte, que estava perto de S. M, occupando-se em examina-lo, em tocar-lhe, e em tomar-lhe o pulso :

— Está ainda vivo ? lhe perguntaram aquelles.

— Não está nem uma nem outra cousa, — respondeu gravemente o luminoso doutor.

— Mas que tem então ?

— Está cefalgico — magoetico — nervosico — flematico — postrático — syncopico — cataléptico.

A multidão retrocedeu assustada ao ouvir

tal revelação, admirando ao mesmo tempo o profundo saber do homem da arte.

— N'uma palavra, — respondeu Montreuil; S. M. está indisposta, e muito me admiro, oh! wardembourgueses! que um povo tal como vós, que se tem feito sempre admirar pelo amor e o respeito que tem aos seus principes legitimos, se permitta em similhante momento turbar o repouso de seu augusto senhor até no seu mesmo palacio. Isto é unir a barbaridade á inconveniencia. O que fazeis com o vosso Rei, não o farieis com o mais humilde dos vossos subditos. E' pois um grande privilegio reclamar para o vosso soberano as simples considerações que terieis com um qualquer? Vamos, senhores, em nome da lei, em nome da magestade real, em nome da humanidade, em nome sobretudo da vossa propria honra, retirai-vos por favor!

Esta patetica apostrofe produzio um excellente effeito, porque não se dirige ninguem em vão aos bons ou aos máos sentimentos das massas. Os grupos tão ameaçadores primeiro começaram a duvidar; envergonharam-se da sua conducta, callaram-se, descobriram-se e moveram-se enfim para retirar-se sem ruido. A habilidade de Montreuil ia pois a triumphar ainda esta vez, quando uma personagem de elevada estatura, de ar distincto, de maneiras elegantes, vestido com um desses trajes bordados que revelam o diplomatico, e o peito todo cuberto desses cordões,

dessas cadeias, dessas cruces e desses emblemas que impõem sempre ao vulgo; avançou gravemente no espaço que tinham deixado livre os invasores, e onde se achavam só neste momento o monarcha desmaiado, seu presidente do conselho triumphante, seu thesoureiro-mór seu primeiro camarista, no qual o tumulto tinha renovado os seus vagos temores, e o seu primeiro medico que continuava meneando ao doente a cabeça.

— Latanoff! — disse consigo Roussignan-Muller empallidecendo — Isto vai bom! Eis-me aqui outra vez no meio da policia russa!

— Latanoff! — disse entre si Montreuil estremeecendo de colera — Eu já me admirava de vos não ter visto arrojar-vos atravez da minha fortuna!

Montreuil encontrava no recém chegado o seu eterno adversario, o infatigavel antagonista cujas intrigas depois de vinte annos contra a dynastia legitima não tinham cessado de contrariar as suas em Hamburgo, Francfort, Londres e Pariz, por toda a parte em favor daquella mesma dynastia; o encarniçado perseguidor do cavalleiro de Limburgo, e de seu herdeiro, Ludovico 1.^o o novo rei; enfim, o inevitavel representante daquellas Côrtes do Norte, cujo objecto, ao manter no throno a descendencia bastarda do Conde de Zanau, era a divisão do Wardemburgo na epocha pouco distante sem duvida em que o Rei desthronado Benedicto 1.^o tivesse fallecido sem descendencia.

Os dois rivaes trocaram um olhar, onde se resumia o odio daquelles vinte annos de luctas. Comprehendiam perfeitamente que estavam ali sobre seu ultimo terreno, e que a hora fatal acabava de soar em que aquelle largo duello devia concluir pelo triumpho irrevogavel d'um ou do outro.

O extranho sorriso d'uma mulher coberta com um veu, cujo braço tinha soltado Latanoff para sahir do seu grupo de sequazes e adiantar-se só; aquelle sorriso em que brilhavam ao mesmo tempo a mofa e a esperanza, teria provado a quem o observasse que tinha naquelle recinto um terceiro interessado que contava ver os dois combatentes disputar-se o triumpho, para recolher nelle o fructo definitivo do seu dobrado triumpho.

— Quem vos falla de Rei! — exclamou com insolencia Latanoff. — Quem se atreve a representar um principe legitimo por esse manequim co- roado!

— Guardas; — interrompeu Montreuil, — que se prenda o insolente que se permite simi- lhante attentado contra a magestade real!

Mas nenhum guarda se moveu! Achando-se atrazado o pagamento da tropa, o descontentamen- to superava o justo reconhecimento que tinha feito nascer o restabelecimento das chibatadas.

— Sim, — continuou Latanoff, — eu não vejo nesse supposto herdeiro do throno, nesse sup- posto enfermo, senão um habil histrião que finge

perpetuos desmaios para não ter que explicar-se sobre sua abominavel mentira.

— Sim, sim é uma comedia! --- repetiram os acolitos ao orador.

— Enganam-vos, Wardembourguezes, --- proseguiu Latanoff, abusam da vossa lealdade, povo de heroes, povo de valentes! Este enferme potentado não é outra cousa senão um vagabundo que infames intrigantes fizeram instrumento da sua ambição, e que se atrevem a impôr á vossa credulidade, á vossa boa fé monarchica!

— Abaixo o falso Rei! --- exclamram as mesmas vozes.

— Guardas, prenda-se esse bando de impostores! --- gritou á sua vez Latanoff que julgou chegado o momento de dar esta ordem decisiva.

Mas o mesmo que antes, nenhum guarda se moveu. O reconhecimento pelo restabelecimento das chibatadas superou á sua vez o descontentamento das quarenta e oito horas de atrazo de pagamento. A força armada estava resolvida a manter-se assim n'uma prudente neutralidade, até que soubesse positivamente a que dono devia obedecer.

A ordem de prisão fez tremer as pernas de Roussignam-Muller.

— Sempre a policia russa! --- disse consigo aterrado.

Em quanto a Montreuil, a neutralidaded dos guardas wardembourguezes, bayonetas essen-

cialmente inteligentes, lhe tinha restituído a sua presença de animo ordinario.

— Sim, cidadãos, --- exclamou conhecendo todo o encanto desta palavra para os ouvidos do povo; --- sim, cidadãos, enganam-vos! Mas, quem é a qui o impostor? Ah! certamente, esse não sou eu, conde de Casticala, que tenho passado os melhores annos de minha vida buscando o neto do conde de Zanau, vosso antepenultimo Rei. Tam pouco é o vosso thesoureiro mór actual, o Marquez de Caracas, que não duvidou sacrificar a immensa fortuna que possuia no seu paiz para sustentar a causa sagrada do unico descendente do cavalleiro de Limburgo. Não é, emfim, o que vossa admiração tinha chamado o Blondel d'um novo Ricardo; esse fiel servidor d'uma familia proscripita, esse nobre barão de Rembach, esse virtuoso Muller, que depois de vinte annos não ha cessado de velar pelo precioso vastago d'uma augusta raça, e que aqui mesmo, em presença d'uma sedição terrivel, podeis ver ainda, com lagrimas de enternecimento, rodea-lo como sempre com uma protecção tão sensivel e tão valerosa (*Rumores diversos*). Não cidadãos; o impostor não é nenhum de nós. Convem esta qualificação, com effeito, aos que atravez de tantos obstaculos, mediante tão grandes sacrificios, com desprezo destas injurias, chegaram a entregar ao vosso amor o legitimo herdeiro do throno? Não... Quereis conhecer o impostor? Pois bem; é esse mesmo que se atreve

a accusar-nos de mentiras. É o faccioso que não teme arrojara o insulto a um príncipe desgraçado, cuja má saúde (que o primeiro dos vossos médicos prometteu curar completamente), deveria ser ao contrario um motivo mais de sympathia e de veneração, porque não é devido aos largos sofrimentos d'um desterro immerecido. Emfim, é o obscuro intrigante, cuja missão secreta não tem outro objecto mais que fomentar as dissidencias neste paiz, afim de trazer a invasão, a repartição e o aniquilamento em proveito das Potencias e inimigos que o ajudam.

Assim fallou Montreuil. O seu discurso expressionou vivamente os concorrentes que tinham chegado ali sem espirito de partido.

Latanoff apressou-se a tomar a palavra.

— Sustento o que disse, -- exclamou de novo -- Este caduco auto'mata não é o verdadeiro descendente do cavalheiro de Limburgo. E as provas aqui as tendes, -- accrescentou depositando muitos papeis sobre a mesa que se achava a um lado. Onde estão as provas contrarias? Desafiamos ao nosso insolente contradictor a deposita-las junto a estas!

— Se me pergunta, cidadãos, onde estão os titulos do vosso desgraçado príncipe, -- replicou Montreuil que estava de boa fé no seu erro, segundo sabemos. -- Aqui estão, -- accrescentou deixando tambem os seus papeis sobre a mesa. Que venha uma commissão escolhida entre os nota-

veis da assemblea a examina-los uns e outros e que decida com perfeito conhecimento de causa. Mas como é questão de títulos, ha um, cidadãos, cuja existencia se encontra attestada authentica-mente nestes papeis, e que quero mostrar-vos agora mesmo a realisação decisiva sobre a pessoa mesma do principe. Na justa previsão de perseguições e dos perigos que deviam agitar, ameaçar, extraviar pelo mundo sua real pessoa, seus augustos pais julgaram prudente marca-lo com um signal indelevel que lhe servisse para demonstrar a sua gloriosa identidade em todas as occasiões. Desde o berço, sua mão sabia gravou, pois, sobre o braço deste vastago as duas iniciaes do seu nome e reino. Estas letras symbolicas são um L e um dobre W, que significa Limburgo e Wardembourg.

E a estas palavras, Montreuil, se aproximou ao inerte monarcha, lhe descobriu um de seus braços, e mostrou as duas letras debaixo d'uma corôa.

Latanoff sobre tudo ficou confundido á vista daquella pintura cuja realidade conhecia; porém a mulher encuberta lhe dirigiu algumas palavras ao ouvido, e se apressou a oppôr revelação sobre revelação.

— Essa pintura, — exclamou, — cuja utilidade e cuja existencia não nego, é um testemunho mais contra a pretendida ligitimidade desse eterno dormilhão e contra a convicção interessada

dos seus partidarios. Tendes ante vossos olhos, não o mesmo principe, mas sim o seu collaço; o filho de sua ama de leite, uma aldeã das immediações de Francfort, menino da mesma idade que o outro, e cujo braço por excesso de precaução, afim de desorientar aos inimigos do seu companheiro de berço, foi marcado com letras inteiramente eguaes, ás que tambem eram as iniciaes de um nome e appellido, L. W. que significam Lodovico Warchell. Somente que a fim de que no futuro não se podessem confundir um com o outro aos olhos dos seus inimigos como aos de seus amigos, o principe foi marcado com roxo, em quanto que o aldeão o foi com azul. Examinaí agora qual dos dois está adiante de vós:

— È o azul! é o azul! — marmuravam por toda a parte á vista do braço que tinha ficado descoberto.

— Tudo isso não é mais que um embuste! — gritou sinceramente Montreuil com o objecto de parar este novo golpe, que olhou como uma absurda ficção.

— Pois bem! Que o explique o mesmo enfermo, — exclamou então no meio do alboroto um desconhecido de alta estatura, com a physionomia doce a par que imperiosa, com o vestido metade secular, e metade sacerdotal, que tinha guardado silencio até este momento e cuja vista penetrante não se tinha apartado um momento de

S. M. problematica. Todos os olhos se fixaram naturalmente nelle.

— Oh! — disse Montreuil, — o amo de Péligeiro... Encontro singular... Que quererá significar?

— Vejamos! — disse a mulher encuberta, — o amigo da defunta baroneza! o homem da carta pósthuma! que virá fazer a este sitio?

— Olá! — disse á sua vez Roussignan Muller, — o solitario de Montmartre; o antigo amo do Rei! Mr. Masson aqui!... Não faltava mais que elle na farça! outro espia russo; estou bem seguro!

— Sim, — respondeu o desconhecido, — que se digne explicar-se S. M. mesma sobre a questão de identidade.

— Mas está sem conhecimento — objectaram por toda a parte. — S. M. não pôde fallar.

— Estou seguro do contrario, — respondeu o incognito sem mover-se; — deixai-me interrogalo.

E com effeito, com grande estupefacção do seu primeiro medido, S. M. oh prodigio! deu de repente signal de vida, sobre o divan em que estava recostado. Moveu-se, estirou os braços; mas não pôde levantar-se e seus olhos ao abri-los ficaram frios e vidrosos.

— Respondei lhe disse então o desconhecido com tom imperativo. — Quem sois?

— Não sei, respondeu *Pé-ligeiro*, depois d'um momento de duvida.

— Esta desobediencia me assombra, pensou o desconhecido. O sujeito se acha sem duvida n'um de seus caprichos. Mas conseguirei o objecto. — Respondei, repito, — continuou em voz alta e com um tom mais imperativo ainda. — Sois o herdeiro legitimo do throno ou não mais que seu colasso ?

— Não vo-lo quero dizer.

— Decedidamente tenho perdido bastante do meu poder sobre elle, desde que nos separamos, — pensou ainda o interrogador ; mas vou a recobra-lo por inteiro sem duvida alguma. — Não me reconheceis ? — continuou com um tom mais affectuoso.

— Oh ! sim por certo ! reconheço-vos perfeitamente ; vós sois o que me tirou do calabouço do corpo da guarda, onde me tinham encerrado em consequencia d'um malvado relógio de repetição que me accusavam de ter roubado e que se poz a dar horas no meu bolso. Assim o primeiro que farei como Rei, logo que esteja curado dos meus desmaios, será prohibir no meu reino todos os relógios de repetição. Em quanto a vós, meu querido amo, — continuou S. M. — ao desatar meu lenço, a ensinar-me a respeitar os relógios alheios e ao pôr-me em estado de reinar aqui, me fizestes uma multidão de serviços de que jamais me esquecerei. Que destino quereis ? Que

condecoração vos faz falta. Fallai, que o sirvam immediatamente. Criados, um assado! Que assado, senhor? alondras, ou sollos fritos? — Não, o melhor que haja em Allemanha — Ei-lo aqui, senhor, ei-lo.

Julgue-se do effeito que causariam aquella estranha situação, a raridade das perguntas e a extravagancia das respostas aos actores e aos testemunhas de tal scena.

O interrogante continuou assim, no meio do mais profundo respeito.

— Pois bem; meu amigo se é verdade que estaes agradecido aos pequenos serviços que haja podido prestar-vos, e aos que talvez venho fazer-vos ainda, respondei-me com toda a sinceridade, por favor. Sois o herdeiro legitimo do Throno, ou nada mais que um usurpador involuntario?

— Sou Rei! replicou *Pé ligeiro*, que impellido por dois sentimentos contrarios, a deferencia que conservava para com o seu antigo amo e a vergonha que experimentava de confessar o que, em seu estado de segunda vista, sabia mui bem ser verdade, não achou melhor que recorrer a um equivoco para sahir do apuro.

— Mentis! disse então severamente Masson.

— Não! respondeu timidamente *Pé-ligeiro*.

— Mentis, — lhe disse! — Respondei com franqueza, assim o quero! Ouvis: assim o quero;

— E eu não quero! — respondeu *Pé ligeiro*

com um ar de escholar revoltoso e agitando-se muito sobre o seu assento.

— Não comprehendo tal desobediencia, — pensou Masson desalentado de todo. — Não tenho já sobre elle senão um poder duvidoso.

Mas de repente se extremeceu sob o imperio d'uma nova ideia, examinando de longe a mão esquerda de seu antigo commensal.

— Que tendes feito, — lhe disse, — do anel de oiro que vos dei no momento da nossa separação e que me prometeste solemnemente usar sempre em memoria minha? Já não me admiro de nada, pensou o interrogante, — Vamos, não me resta que ensaiar mais que o grande meio!

— Tenho cumprido a minha promessa, respondeu o dormilhão desperto, e não é culpa minha senão tenho esse anel. Agora, quando comecei a mover os braços, se escapou do meu dedo, e rodou para baixo do divan.

— Cidadãos — exclamou então Montreuil, já o vedes: temos crido dever prestarnos a todas as experiencias que se reclamavam, para chegar ao esclarecimento da verdade: porém por consideração á vossa propria dignidade, tanto como por respeito á presença de nosso augusto monarcha, não permittiremos que degenerem estas experiencias n'uma vã sessão de sonambulismo. Já é demasiado. Deveis todos estar satisfeitos.

— Sim, sim, — respondeu então a immensa

maioria dos espectadores — Abaixo os facciosos!
Viva o Rei! Vivam os seus ministros!

Mas no mesmo momento uma voz vibrante se fez ouvir atravez daquellas aclamações.

— Meu filho! onde está o meu filho. Quero vêr o meu filho! gritava ella.

— Deixai passar, senhores! — accrescentou outra voz. E a um signal de Masson viram o robusto criado que vimos em Pariz, na hospedaria da Allemanha, alguns dias antes, separar os grupos para dar passagem a uma mulher idosa que conduzia pela mão.

Aquella anciã deu um grito de alegria ao vêr o monarcha, precipitou-se para elle e o estreitou ternamente em seus braços.

— Sim, é meu filho! meu filho adorado! . . . exclamava a anciã, cubrindo de beijos maternas, as mãos e a fronte de *Pé-ligeiro*, que eslava inerte em seus braços, sem ter nem ainda o ar de apereber-se da sua presença. Oh! és tu! continuava; reconheço-te pela similhaça com o meu pobre marido! Reconheço-te tambem por essas duas letras azues debaixo da corôa, que o pai e a mãe do principe de Limburgo teu irmão de leite, se dignaram gravar em teu braço, como o fizeram com roxo no seu. Isto foi vantajoso para elle, mas mui desgraçado para ti. Por isso se enganaram os bandidos pagos pelos seus inimigos. Enquanto que eu levava o principe a Francfort, para devolve-lo a minha boa

ama, a defuncta Mme. Duplessis, que devia en-
via-lo a França, os malvados invadiram a minha
choça; lançaram-lhe fogo, roubaram-te infame-
mente, tomando-te por teu irmão de leite e te
levaram não sei aonde. Quando voltei já não
havia nada; nem choça, nem berço, nem filho!
Vi que tinhas perecido nas chammas, e sempre
assim o julguei até estes ultimos tempos. O susto,
o espanto, a pena me fizeram surda. Querido fi-
lho quanto te tenho chorado! Mas porque me não
respondes?

Dir-se-ia que me olhas sem ver-me, que
me escutas sem ouvir-me! Diz-me que me co-
heces, pois foi só para convencerte que te referi
esta triste historia. Oh! reconhece-me! Eu bem
te conheço!... e não sómente por meus olhos
como por meu coração... O coração d'uma mãe
não se engana jamais! Não é como o dos bandidos,
que te roubaram! Pobre menino! Não te hei vis-
to depois daquella horrivel separação! Mas en-
contro-te emfim, tudo hei olvidado. Vamos, falla!
eu t'o rogo... Diz-me alguma cousa. Estou surda,
mas adivinharei. Abraça-me, as caricias d'um
filho sempre se comprehendem.

E a boa velha chorava de alegria, em quan-
to que a maior parte dos espectadores choravam
de internecimento.

Pé-ligeiro pareceu sabir um pouco se sua
letárgica torpeza, sob as caricias da boa velha,
melhor ainda que sob a vista do seu antigo amo.

— Minha mãe, dizeis vós? — murmurou examinando-a com admiração. Esperai, pois... que procure recordar-me. ...

— Chut! O enfermo tende a recobrar a sua razão, — gritou o primeiro medico --- Eis o momento de ajudar a natureza. Depressa, depressa, um copo d'agoa assucarada com uma pouca de flor de laranja! --- accrescentou em voz baixa, dirigindo-se ao thesoureiro mór, Dabiron que estava perto d'elle.

Dabiron apressou-se a levar em uma salva o copo de agoa pedido, que a multidão olhou como um dos melhores medicamentos que o doutor teria ideado.

— Vamos, bebei isto, disse a Pé-ligeiro.

--- Com muito gosto, --- respondeu este aproximando o copo aos labios. --- Tenho uma sede de dromedario. Isto me reanimará.

— Mas apenas tinha tragado dois ou tres sorvos da milagrosa bebida, a repelliu com horror sobre a bandeja.

— Fóra! — exclamou. — Julguei que era vinho. Mas é desabrido como um diabo.

Dabiron apressou-se a levar a bandeja, e cousa estranha! não se tornou a ver mais.

— Sim, sim, que me tirem isso, --- dizia Pé-ligeiro. --- Graças! Não me livrei de má!

— Ah! diabo! --- murmurou a multidão --- nunca são agradaveis as medicinas; mas quanto peor sabem, melhores são.

— Não importa! — accrescentou o doutor, — o enfermo ha tomado bastante para experimentar um saudavel effeito. Já....já.... o vereis.... o pulso recobra a regularidade, o aturdimento se dissipa.... a physionomia se aclara.... os olhos perdem a sua immobildade.... Bravo! não me tinha enganado; era uma cephalgia. Uma formosa enfermidade! Porem já o tenho conseguido, e sem vaidade, eis uma cura que me fará honra!

Os murmúrios de aprovação do publico rectificaram o elogio que o engenhoso pratico notava a si proprio.

Sem recobrar de facto o estado de vigilia, Pé-ligeiro com effeito tinha entrado sufficientemente na vida real, para apreciar bem ou mal os acontecimentos.

— Decididamente, --- disse elle, depois de ter contemplado largamente a boa anciã, — não tenho a vantagem de vos conhecer, não me recordando de vos ter visto jamais, porem é igual: tendes ar de ser uma boa e digna mulher. E depois, não sei o que tenho; mas fico immovel quando vos olho! Sinto aqui no lado esquerdo, uma coisa que me diz, que contaís a verdade! Abraçai-me, pois! Palavra de honra que faz bem abraçar a sua mãe, sobre tudo quando se não está acostumado!

O filho e a mãe confundiram um instante suas caricias. Terno quadro que fez chorar a quasi todos, inclusive os amotinadores de profissão.

Este ultimo incidente dava completamente a razão a Latanoff. Triumphava em toda a linha, em quanto que Montreuil baixava a cabeça, livido de despeito, consternado, fora de si como um homem que acaba de receber uma chaminé sobre a cabeça. O orgulho da larga lucta que tinha sustentado com estrepito, o fez tomar um pouco de firmeza, quando, como vencedor cheio de cortezia, Latanoff o saudou politicamente, como para parodiar a celebre phrase: « Honra ao valor desgraçado » e o aconselhou com um signal de benevolencia a tomar prudentemente a porta. Motreuil lhe devolveu o cumprimento com resignação e dignidade. Porem a multidão se mostrou menos generosa que o vencedor.

— A baixo o falço ministro! A baixo o intrigante! Abaixo o impostor! vociferou ameaçando o vencido com o gesto.

— Socegai, meus amigos, — exclamou magnanimamente Latanoff, que, na realidade, muito o teria contrariado que a prisão do seu adversario produzisse um processo cujos debates teriam podido ser mui desagradaveis para os seus anónimos conitentes. — Tranquillizai-vos, repetiu, e sabeis ser indulgentes ainda mesmo com os vossos inimigos. O senhor conde é mais digno de lastima que de odio; tenho a convicção de que o cria de boa fé.

— Não, não, era um impostor! Um falçario. Abaixo! abaixo! continuava gritando a multidão.

— O Senhor Barão disse a verdade, cidadãos, — respondeu vivamente Montreuil, feliz naquella naufragio por agarrar-se á taboa de salvação que lhe estendia seu adversario. — Vós outros ereis enganados, porem eu o era como vós. E por quem? por um só impostor; pelo falço Blondel desse falço Ricardo; por esse falço Mentor desse falço Telemaco; pelo homem que pretendia ter descoberto ao vosso principe legitimo, te-lo acompanhado, educado, servido, seguido passo a passo, desde a sua mais tenra infancia; por esse Muller, enfim, que vêdes tremendo de medo sob o peso das suas maldades, junto do pobre diabo que tinha enganado como a todo o mundo. E porque? Para satisfazer a sua miseravel ambição de ser o primeiro camarista d'um Rei de sua fabrica. Isto inspira compaixão! Sim, cidadãos, é elle quem causou tudo isto. Eis o unico, o verdadeiro culpado.

— Isso não é verdade! — gritou o pobre camarista que perdeu completamente a cabeça. — Sabeis, pois, que eu não sou Muller! Oh! é verdade, sim eu sou... ou não, eu não sou....

— Ouvis, cidadãos? interrompeu Montreuil. — Tudo é falço nesse monstro de duplicidade. Não é ainda o mesmo. É um falço Roussignan. Elle o confessa. Que perfidia!

— Abaixo! abaixo! clamava a multidão voltando em seguida a sua voluvel colera contra a ultima victima que se lhe designava.

Felizmente para o desgraçado Roussignan que vinha a ser, como sempre, o alvo de todo o mundo, a guarda que não lhe attribuia em favor nem em contra, nem o atrazo do pagamento, nem o restabelecimento das chibatadas se apressou a intervir prende-lo, o que o preservou de todo o castigo.

— Já o vêdes, amigos, — disse então Latanoff á multidão, — tendes desejado collocar no throno ao simples filho d'uma aldeã. Que vos sirva de lição este erro! Que esta burlesca façça vos ponha prudentemente em guarda contra toda a tentativa deste genero. Passe por uma primeira burla; mas pensai nisto, o universo tem os olhos fixos sobre vós, e a reincidencia faria deste povo uma irrizão eterna da historia. N'uma palavra, estai bem convencido que todo o novo pretendente não seria mais que um impostor como este. O cavalheiro de Limburgo, filho legitimo do conde de Zanau e legitimo herdeiro do throno, tinha deixado um filho, convenho nisso; esse filho era o irmão de leite desta mulher; esse filho era o irmão de leite deste homem; esse filho teria reinado sobre vós com o nome de Carlos 1.º, tudo isto é incontestavel; mas o que não é menos é que esse filho morreu.

— E' falço! — interrompeu energicamente uma voz de mulher.

— E que, senhora! — disse em voz baixa Latanoff a Tiennette durante que os espectadores faziam mil conjecturas sobre esta nova pe-

ripecia, --- tereis vós intenção de atraçoar-nos. Pensai nisso; ainda é tempo. Se fallais, cuidado. Não haverá vingança, que não se exerça contra vós. Se vos callais pelo contrario, não haverá recompensa, favor nem titulo que não possais pedir com segurança.

— Tenho meditado tudo ha muito tempo, senhor barão, --- respondeu ella com resolução, --- e aqui é onde se separam os meus interesses dos que representais. Inemizemo-nos: bem, pois vá de potencia á potencia. Não, senhores, --- disse ella elevando a voz avançando á sua vez para o sitio desoccupado e com grande admiração de Montreuil e de Masson que então a reconheceram, --- não, o herdeiro legitimo não morreu.

— É uma nova impostura, --- gritou Lata-noff fazendo signal aos seus partidarios.

— A baixo a intrigante! abaixo! --- exclamaram estes precipitando-se para Tiennele com o objecto de rodea-la, de impedir-lhe proseguir e de expulsa-la fóra da sala.

Mas a um signal della, os partidarios que tinha levado pela sua parte, se precipitaram á sua vez e lhe fizeram uma formidavel barreira. Os dois partidos se detiveram em frente um do outro, se injuriaram, se ameaçaram, e estiveram a ponto de virem á mãos.

O tomulto apazigou-se, graças á intervençã, dos notaveis que, revestidos das suas insignias, se linham reunido ante a mesa alguns instantes

antes do convite de Montreuil para examinar os diversos papeis submettidos á sua apreciação.

— Sim; o herdeiro legitimo existe, — disse então Tiennette no meio dos rumores de cholera, de surpresa ou de alegria que fazia nascer esta ultima revelação.

— Se isso é verdade, — respondeu o chefe dos notaveis, — dizei-nos, senhora, onde está esse real menino?

— Vamos, bem, bravo; « Onde está o menino? — repetiu Roussignan-Muller, a quem estas singellas palavras causaram de novo mais espanto retrospectivo que jamais teria experimentado ainda na sua propria prisão. — Valha-me Deus, quando concluirá esta infernal perseguição!.... E esta mulher tambem!.... Montreuil tambem.... O rei tambem! — Tambem todos.... Todos espias russos!.... Que me levem! que me levem!.... Antes quero a palha humida, o pão secco e ainda a agoa dos calabouços, que a incessante tortura desta abominavel pergunta.

A graça de ser conduzido á prisão é um favor que jamais se recusa. Levaram com muito gosto a Roussignan-Muller, que sahio ameaçando com o punho a todo o mundo.

Depois do ligeiro tumulto occasionado por este pequeno insidente.

— Perguntais, senhores, onde está o menino? — respondeu Tiennette com segurança. — Está em Pariz; está occulto sob o nome de Aron-

de; é digno de governar um povo como o vosso; e não temo dizê-lo, eu a quem as potências hostis não iniciado nos seus anteriores projectos; se o exaltares ao throno a que seu nascimento lhe dá um direito imprescriptivel, tereis assegurado a felicidade anterior deste paiz, ao mesmo tempo que o tereis preservado da cobiça estrangeira. Em quanto ao mais, senhores, não tenho a pretensão de ser acreditada sob a minha palavra, sobre tudo quando tantos impostores não devida excitar tão justamente vossa desconfiança. Eis-aqui minhas provas, senhores.

Tiennette entregou ao chefe dos notaveis os diversos papeis de que se tinha provido e que todos, provindo do cofre que tinha desoccupado em casa de Aronde em proveito do seu armario, encerravam pormenores authenticos sobre a vida inteira do novo pretendente, desde o dia do seu nascimento, até ao dia da sua entrada em casa do barão d'Appenherr.

Os notaveis os leram com attenção como tinham lido os precedentes; depois do qual, o mais ancião d'entre elles fez signal que queria tomar a palavra.

— Silencio! silencio! — gritavam por toda parte.

— Todos estes testemunhos, — disse em voz alta, de maneira que fosse ouvido até ao fundo da sala, — todos estes testemunhos são da mais incontestavel authenticidade. Se, o herdeiro legi-

lino do throno existe! Se se chama Carlos d'Aronde! Se habita em Pariz! O nosso interesse como o nosso dever é offerecer-lhe esta corôa, que se acha vaga duas vezes. Todos os que me escutais, se sois bons cidadãos, se tendes verdadeiro amor á patria, imitai aos vossos mandatarios e gritai com nosco com voz unanime: Viva Carlos 1.º: Viva a esperança do Wardemburgo! Viva o pacificador do nosso querido paiz! Viva o salvador da nossa nacionalidade! Viva o Rei!

— Viva o Rei! — repetiu a multidão entusiasmada.

— E agora, meus amigos, — continuou o veneravel heraldo, — retirai-vos tranquillamente, e cada um leve a sua casa a feliz noticia, a fim de introduzir immediatamente a calma e a esperança no ceio de uma grande cidade!

Oh! — dizia Latanoff, porém tendo bem cuidado de occultar seu pungente despeito; — um homem como eu vêr-se escarnecido, e por quem? Por uma similhante mulher!

Montreuil se aproximou delle á sua vez, e o aconselhou tambem com um gesto, que tomasse prudentemente a porta.

Permittir-me-eis, senhor barão, -- lhe disse, — o devol-ver-vos a metade das consolações que me offereceste tão generosamente ha pouco?

— Quasi que estou tentado a recusa-la, senhor conde, — respondeu Latanoff inclinando-

se, com não menos politica, porque é honroso succumbir onde vos succumbistes.

E os dois diplomaticos que sabiam cabir com tanta dignidade como os antigos gladiadores, sahiram juntos do palacio, a favor do tumulto, da barafunda e da obscuridade, occultando-se um e outro sob o mais encantador sorriso, a humilhação que affligia a ambos.

Em quanto que a multidão se dissipava, os notaveis tinham escolhido d'entre elles uma deputação composta de tres delegados com a missão de partir para Pariz em busca do que era decididamente o herdeiro legitimo do throno e expressar-lhe o voto unanime de nação wardemburgueza... Os demais deviam constituir-se no governo provisorio até á chegada do futuro rei.

— Senhora, — disse então o chefe da deputação á Tiennette que tinha ficado na sala sob a protecção de seus partidarios, — quereis ter a bondade de completar as vossas explicações, indicando-nos a morada de S. M. em Pariz.

— A sua morada? — respondeu Tiennette com emmoção — Talvez que seja bem triste neste momento! Não me atrevo a dizer-vo-la; mas permitti-me conduzir-vos eu mesmo. É a unica recompensa que ambiciono pelo eminente serviço que tive a dita de vos prestar.

— Nesse caso, senhora, quando desejais partir?

— Eu sou a que estou ás vossas ordens,

senhores. Amanhã, esta noite, neste mesmo instante.

— Seja! neste instante, senhora. Não se apressa ninguém demasiado, quando se trata de assegurar a felicidade d'um povo.

E dito isto sahiram os notaveis da sala com Tiennette e seus acolitos.

M. Masson ficou nella só com a mulher Warchell e *Pé-ligeiro*, do qual não se occupou ninguém como se não houvesse existido nunca.

Então se uniu a elles o camarista do monarcha precedente, ao qual Montreuil tinha demittido por causa da sua excessiva cortezania. Este velho original assomou primeiro a sua cabeça pouco veneravel a travez da porta detraz da qual tinha assistido invizível a todas as scenas que acabavam de ter um desenlace tão imprevisto: depois aventurou toda a sua pessoa fóra do esconderijo, e avançou enfim para Masson sobre as pontas dos pés.

— Está bem! disse mysteriosamente, eis-nos aqui em bom estado! De tres reis, quem sabe se nos ficará um só? nem rei, nem camarista. É cousa triste? Quando, cedendo a um rancor bastante natural contra esse condemnado de Montreuil (agora pôde-se tratar assim porque já não é ministro) consenti em dar-vos gosto velando noite e dia por um principe cuja saude tanto vos inquietava. Ah! certamente estava longe de esperar um resultado tão lamentavel.

Nada me foi mais facil que occultar-vos na mesma habitação que eu conservava, e que está immediata á de sua ex-Magestade. Conheço como minha algibeira todas as voltas deste palacio no qual me hei criado. Mas se houvesse podido prever que esta complacencia, com a qual contava para recuperar o meu cargo junto de S. M. devia ser precisamente a causa que me privasse da minha ultima esperanza, seguramente teria pensado muito. Quando um homem de coração ha passado as tres quartas partes da sua vida a servir os demais, não renuncia facilmente a semelhante honra.

— Tranquillizai-vos, senhor, — respondeu Masson, que não pôde deixar de sorrir-se. Ignoro qual será a resposta do novo pretendente; mas se aceita prometto interceder por vós.

— Aceito o augurio.

— Entretanto, dizei-me, — perguntou Masson, — destes-os ao cuidado de dispôr os preparativos que vos confiei?

— Não me foi possível, no meio da barafunda que rodeava o palacio, mas agora que está livre a praça vou occupar-me disso sem demora.

Masson deu o braço á mulher Warchell, que continuava trocando ternas caricias com seu filho; e tendo chamado assim a attenção da pobre surda, lhe disse com bondade na linguagem dos signaes: « Eis aqui, esse filho tão desejado »

Vê-de como não vos tenho enganado enviando a buscar-vos a Ernée, para reunir-vos aqui. Mas supplico-vos pelo seu mutuo interesse, pelo meu, e pelo de todo o mundo, que me permita dirigir-lhe algumas perguntas da maior importancia.

A boa velha tendo comprehendido a Masson, lhe expressou seu vivo reconhecimento, imprimiu o ultimo beijo na fronte de *Pé-ligeiro*, e foi sentar-se um pouco apartada, sem perder um só instante de vista a seu filho.

— E que, senhor, perguntou o ex-potentado com uma expressão de viva contrariedade, que-reis começar a sessão!

— Não, mas necessito completa-la, e esta vez té previno com todas as minhas vantagens

Masson levantou o anel de ouro que encontrou debaixo do divan, como o tinha indicado *Pé-ligeiro*; poz-lho no dedo, de boa ou má vontade; submergiu-o quasi em seguida nesse estado de insensibilidade physica e de sobreexcitação moral, de que o tinha tirado imperfeitamente a proposito; e emfim, quando o julgou dotado d'uma lucidez tão extensa como possivel, lhe dirigiu a palavra nestes termos:

— Crêdes poder responder-me clara e sinceramente?

— Sim.

— Estás disposto?

— Sim.

— Nesse caso, olha desde logo para o interior do palacio.

— Vejo nello o doctor na sua habitação. Está escrevendo para a academia do medecina, um relatorio sobre a... esperai... é tão difficil de lèr... sobre a affecção cefalgica, que me ha curado. Esta cura valerá o titulo de principe da sciencia, tres condecorações estrangeiras, cinco novas prebendas, seis mil enfermos e tres pensões.

— Que mais vês ?

— Vejo a cem passos debaixo d'elle, n'uma especie de cova que lhe serve de prisão provisoria, em companhia d'um feixe de palha, de pão negro, e d'um cantaro d'agoa, o meu excellente camarada Roussignan Muller, a quem tiraria d'ali se ainda fosse rei. É o unico da companhia que eu amava, como eu era elle o unico que tambem me amava. Está sentado, com a cara apoiada nas suas duas mãos engilhades.

— Todos russos! — diz elle, — todos espias! todos velhacos!... todos traidores! Tratante do notavel que se atreve a perguntarme onde está o menino, como se eu soubesse disso alguma cousa!... Miseravel Dabiron, que me salvou a vida no bosque de Bolonha, e que se eclypsa de antemão para dispensar-se de tomar a minha defesa!... Tratante de Montreuil sobre todos, que me meteu neste negocio... que não' cessou de molestar-me em todo o caminho... que me obriga a patear a Lalaké... que me pei-

xa em prisão durante não sei quantos dias! . . . que me faz em seguida passear em triumpho! . . . que me nomeia camarista! . . . e que para cumulo de atrocidade me accusa hoje de todas as suas mentiras, me trata de impostor, e me faz encerrar n'uma prisão pela vigesima vez de minha vida, sob a accusação capital de alta traição! Ah! miseravel! ah miseraveis! . . se não despedaço a cabeça contra as paredes desta prisão, é porque talvez sahirei, ainda que seja roendo as barras com os dentes. E então, desgraçados delles! . . Não sei qual será a minha vingança; mas quero que seja terrivel!

—Deixemos ahi a esse maniaço de medo; de glotonaria, de sede e de raiva. Diz-me agora o que se passa fóra do palacio.

— Toda a cidade está revolta; contam-se de mil maneiras contradictorias as scenas que se tem passado aqui: desfazem-se as barricadas; abraçam-se de alegria; contam que o futuro Monarcha está já em caminho sobre um cavallo branco para vir aqui; os homens esperam maravilhas; as mulheres perguntam se é bom moço; muitos pintores que já mais o viram se occupam em fazer o seu retrato: todo o mundo se apressa a construir illuminações, para celebrar a minha queda, o resto das decorações que tinham comprado par celebrar a minha exaltação.

— Olha fóra desta cidade, bastante parecida ás demais.

— Ah! sim não se encomodem, cavalheiro, senhora! Diviso n'uma encantadora possessão, ao meu respeitavel predecessor Benedicto, primeiro e ultimo que baila alegremente com essa farçante de Lalaké, sem suspeitar ninguem que ao seu successor valeria bastante occupar ainda o seu posto.

— Passemos. Olha agora todos os caminhos que circundam a cidade.

— Sobre o do Noroeste, que conduz a França por Inglaterra, vejo em um ligeiro *briska* o barão de Latanoff que se dirige a Pariz com as intenções menos amigaveis para o novo pretendente, se aceita o seu papel.

— Sobre o Meio dia que conduz á França pela Belgica, diviso em uma seje de posta ao meu ex-primeiro ministro, Montreuil, que não tem o ar mais jovial que o seu companheiro do Septentrião, mas cujo pobre salucho não vai tão ligeiro, sem embargo não é a falta de dinheiro que retarda a sua marcha. — Sobre a do Este, que conduz igualmente á França pelo ducado de Baden, diviso n'uma elegante carruagem ao meu ex-thesoureiro Dabiron, que se apressa a levar a Pariz dois ou tres milhões, para alcançar com mais segurança a mão de M.^{l^o} d'Appencherr!

— Como! esse miseravel atrever-se-ia a pensar nisso de novo! Felizmente hei sabido retirar de suas mãos a ultima carta da baroneza, não tenho já que temer que se sirva do medo d'um an-

tigo escandalo para conseguir commetter um novo.

— Enganais-vos, senhor, a carta de que fallais está ainda ao armario de Tiennette. Esta tinha mandado fazer duas copias; uma para Dabiron e outra para vós; mas o original que cada um de vós julgava receber o guardou a intrigante cuidadosamente para si.

-- Infame creatura! continua.

— Não, isto molesta-me.

— Vá, eu o mando! Não vês outros viajantes?

— Sim diviso a ella mesma, no caminho do Oeste que conduz parallelamente a França por Hollanda. Vai n'uma magnifica berlinda, que roda quasi com tanta velocidade como a carruagem de Dabiron. Vão tres cavalheiros com ella. Todos se dirijem a Pariz para offerecer a minha corôa a Aronde. Muito bem! Não vos incommodeis, senhores! Ter-se-ha jamais visto cousa igual!

— Adiantai-vos; vai tu mesmo a Pariz, e diz-me o que fazem neste momento todas as pessoas cujos nomes e signaes lerás sucessivamente na minha mente.

— A gentil M.^{me} d'Aronde, trabalha, chora, e reza na sua pequena agoa furtada, em quanto que seu marido está na prizão. — A sentença do processo se dará no tribunal dos jurados dentro de cinco dias.

— O velho Duplessis segue iracundo contra

o prisioneiro — O Cicople e o Balanceiro e a cabeça de Pipa lhe proporcionam com este motivo uma multidão de farças que o fazem desesperar. — Appenehrr está mui confuso, sem saber a declaração que deverá prestar, e mui inquieto pela perda sempre em augmento dos seus negocios — A menina Julia pensa em Leoncio, e Leoncio pensa na menina Julia, e a dama encuberta pensa nos dois ao lêr o diario da joven que lhe communica secretamente Lafolie. — Emfim, na rua de Nossa Senhora do Loreto, n'uma casa cujas janellas vós olhais, sempre ao passar, corando como uma romã e tremendo como uma folha, mas seja dito sem offender ninguem, vejo uma mulher bastante joven e linda, ainda que está muito pallida.

— Como se encontra? — perguntou o interrogador com uma emoção profunda.

— Mal... mal... toce... soffoca-se... soffoca-se, acreditar-se-ia que era uma luz que vai apagar-se e que não lança seu ultimo esplendor, senão porque se necessita delle. Depois do qual, hi-de passear; boas tardes, companheiros.

— Pobre menina! ... E que faz?

— Sempre a mesma cousa por variar. Tem cartas que sabe de memoria, a força de as lêr, mas é o mesmo; torna a lê-las de novo, como se não conhecesse o primeira syllaba. Bonita distrac-

ção! Vamos é um prazer! Esperai, que vou dizer o que ha dentro.

— É inutil! interrompeu vivamente Masson, Vamos, já é bastante. Deves estar fatigado. Disperta-te eu o quero.

— Uf — gritou Pé-ligeiro tornando de facto ao seu estado normal. — Perdão meu querido senhor, se me deixei dormir na vossa presença. Foi contra a minha vontade. Nem sempre é lisongeiro ser Rei. Mas como diabo vos achais aqui?... Julgava que estaveis ainda nos cerros de Montmartre!... E esta senhora quem é?... Ah! bem, já recordo vagamente... é mamã, não é verdade? Bons dias, mamã: está boa desde que não nos temos visto?...

— Já está feito, meu querido protector, — interrompeu o antigo camarista entrando na sala — A carruagem e as malas tudo está disposto.

— Para ir aonde? — perguntou Pé-ligeiro?

— Para a França, ex-magestade, — respondeu o ex-camarista.

— Ah! devagar?... Acaso serei eu um des-thronado? um dimitido? tanto peor! o estado de Monarcha não tinha verdadeiramente de agradavel mais que a bebida. Sem embargo conheço na barreira um vinhinho que faz felizes como são muitos reis.

Masson convidou a mulher Warchell a fazer promptamente os seus preparativos de viagem, e a Pé-ligeiro de ir buscar na sua habitação o cofre

que continha em bons titulos os cinco milhões restantes do thesouro particular dos Limburgos.

— Sim, partamos n'um momento disse Masson durante a sua auzencia. — Nada temos já que fazer aqui. Por um lado tinha-me encarregado um momento desta ridicula empreza, para preservar o verdadeiro herdeiro de toda a funesta instigação, deixando empregar com um falso pretendente as perigosas manobras de Montreuil e de seus companheiros. Por outro, vim aqui para preservar ao meu fiel servidor contra as consequencias mesmas desta manobra no momento em que, a falta da casualidade minha consciencia me prescrevia o fazer conhecer a verdade. Consegui cortar este segundo perigo, graças á presença sempre láo terna d'uma mãe; mas o primeiro chegou a ser mais eminente pelas revelações inesperadas dessa miseravel intrigante. Procuremos ao menos conjurá-lo á sua vez. Desgraçadamente a julgar pelas indicações de ha pouco não é o unico que reclama a minha attenção! Vamos, não importa! prompto a Pariz.

Masson deu os agradecimentos com um gesto ao camarista já prompto, e fez signal para que o seguissem a mulher Warchell e seu filho que estavam de volta.

Apreste-mo-nos, partamos. Queira Deos que cheguemos a tempo!

CAPITULO III.

UM PALACIO NO SETIMO ANDAR.

Temos visto que ao sahir do tribunal dos jurados Estrella conduziu a seu marido á pequena agoa furtada, onde se tinha refugiado; que Aronde adivinhou então o terao disfarce por meio do qual a joven lhe tinha occultado a sua miseria durante o seu captiveiro; que bateram á porta quando com as lagrimas nos olhos, ia abraça-la ternamente, n'um transporte de admiracao por tantos sacrificios; que se encontrou em frente de tres desconhecidos de distincta apparencia, e emfim, sabemos que uma mulher que estava detraz delles, no patim da escada, lhes disse assignalando-o.

— Saudai-o, senhores: eis-a-li o Rei!

— Leve o diabo os inportunos! murmurou Aronde que não tinha ouvido senão confusamente as estranhas palavras daquella mulher.

— Cavalheiro — lhe disse então o chefe da deputação wardembourgueza, com todos os signaes do mais profundo respeito, cavalheiro, antes de vos dar o titulo que sem duvida vos pertence, permiti-me que vos dirija uma pergunta de mera forma. Esta pergunta previa é necessaria para completa edificação da nossa consciencia. O resultado da alta missão que nos está confiada, depende immediatamente della, e em nome d'um grande povo, toma-mos a liberdade de vo-la dirigir.

Aronde julgou ter na sua presença uma catterva de loucos que se teriam escapado de Charenton.

— Sem cerimonia, senhores, — respondeu Aronde olhando com attenção para os seus interlocutores, — podeis dirigir-me todas as perguntas que quizerdes. Verei depois se me convem responder a ellas. Mas primeiro que tudo tende a bondade de entrar. A habitação é algum tanto pequena, mas ainda podeis caber, e sem duvida ali estais melhor que na escada, para fazer-me conhecer essa grande pergunta que parece interessar tão vivamente a um grande povo!

— Perdão, cavalheiro; mas em quanto não tiver-mos mais amplas informações, queremos estar melhor na porta deste... quarto. Estando subordinada a questão de cerimonia á primeira, não saberíamos ainda como deveríamos apresentar-nos em vossa... habitação.

— Como quizerdes, senhores, — replicou

Aronde que cada palavra destes mysteriosos visitadores confirmava sua primeira conjectura. Falai, pois, que eu vos presto a devida attenção!

— Cavalheiro, já que vos dignais conceder-nos a vossa alta benevolência, permitti-nos em nome d'uma grande Nação cujos corações palpitam neste momento de ansiedade igual á nossa.

— Parecem-me bastante monotonos, — disse em voz baixa Aronde voltando-se para o lado de sua joven mulher, que se mantinha de traz não menos perturbada que elle — Mas esse é o vicio dos manicos.

— Sim, cavalheiro, — continuou o orador, em nome de tantos interesses, de tantos desejos e de tantos desasoeegos, permitti-me perguntar humildemente se ...

— Se?

— Se tendes certos signaes symbolicos no braço direito.

— Ora!... pora perguntar-me isso tendes estado com tantos rodeios, e empregado tantos circumloquios não menos enfandonhos... Quanta rethorica perdida!... A cousa não valia a pena. Sem dar-me perfeitamente conta do objecto desta singular pergunta, responderei muito mais laco-nicamente. Sim, senhores, sim; tiveram a loucura de encher-me o ante-braço com uma multidão de geroglificos demasiado feios.

— Oh!...

— Tenho intentado em vão raspa-los, por-

que me proporcionavam ditos mui pesados na epocha de natação; porem seria necessario arrancar a pelle, e assim resigne-me a viver com este adorno, ao risco de passar aos olhos dos demais nadadores pela edição illustrada de eu mesmo. Tenho dito tudo, estais satisfeitos?

— Oh!...

— Ainda posso mostrar-vo-lo, por pouco gosto que professem ás bellas artes, — acrescentou alegremente Aronde levantando as mangas da sua sobrecazaca e da sua camisa.

— Olhem os senhores; a vista não custá nada. Não é verdade que devia estar prohibido estropiar aos christãos desta maneira? Um L, um W e uma corôa! Tudo de formoso escarlate, Eschola italiana. Bom seria deixar semelhantes adornos para os cordeiros que se levam á feira. Não tive jamais o gosto de conhecer aos engenhosos pais que me adornaram assim; mas pela pintura, suspeito que descendo de alguma familia de professores de caligraphia, de pintores de ornato, ou ainda de antropogafos.

— Oh!

— Tranquillizem-se os senhores, pois me tenho civilizado depois. Em quanto ao mais, quaesquer que elles sejam, quizeram sem duvida não expor-se a perder-me para sempre. Admiro a sua boa intenção; mas na verdade não lhês sahio muito bem!

— Ah! senhor, fazei mais justiça á sua sabedoria!

— Senhor! — repeliu Aronde admirado... Ah! sim, é verdade, — pensou; parecia-me que a loucura da companhia tinha começado por chamar-me rei.

— Por isso seus augustos pais, senhor, hão salvado vossos preciosos dias até este instante, e por isso vos dão um throno.

Em quanto que Aronde trocava com sua mulher novos signaes de commiserção, o Nestor da Deputação consultava em voz baixa aos seus collegas.

— Já não ha duvida, não é verdade, senhores? Nesse caso chegou o instante de cumprir a nossa importante missão.

Os tres deputados fizeram então a sua entrada solemne na mansão do Monarcha, deixando no patamar a mulher encuberta que tinha guiado seus passos, mas que a presença de Estrella impedia sem duvida segui-los mais adiante. Collocaram-se em semicirculo diante de Aronde, fizeram-lhe simultaneamente uma nova cortezia, em cuja inclinação teria encontrado um geometra vinte centímetros de respeito mais que na primeira. O presidente deu em seguida um passo fóra da alienação, e collocou os seus olhos, tirou do seu bolso um papel, e começou a lêr o que se segue com voz lenta e solemne.

— « Senhor ... »

— Ainda seguem com seu thema! — disse Aronde a sua mulher.

— Que queres, meu amigo, é a sua mania. E' necessario deixar passar alguma cousa a tão triste enfermidade.

— « Senhor, — repetiu o orador, — em nome dos seus amados e leaes povos de Wardemburgo, vimos offerecer a V. M.... »

— A magestade é naturalmente da partida, — pensou Aronde.

— « A Corôa a que vosso augusto nascimento lhe dá titulos imprescriptiveis. Demasiado tempo ha pesado sobre este desgraçado paiz o jugo odioso da usurpação. Por fim ha brilhado o dia da justiça; a iniquidade cede o passo ao direito, e a ligitimidade sahe triumphante e clara das nuvens cujo resplendor obscureciam. Venha V. M..., principe magnanimo, venha V. M. receber as homenagens de todo um povo delirante! Venha V. M. assegurar seu repouso, sua gloria e seu posto... prosperidade! Venha V. M. cingir a fronte com a corôa que depositamos a seus pés... »

— Diabo as duas cousas são bastante incompativeis — objectou Aronde.

« .. Venha V. M. ouvir as suas aclamações, satisfazer os seus desejos, consolidar a sua existencia e a cerrar para sempre o abysmo das revoluções. »

— Céos! É demasiada tarefa, senhores, —

interrompeu Aronde — E quanto dão por todo esse trabalho?

— Oh! senhor, — respondeu o enviado, — V. M. mesmo fixará a somma. Os nossos bens estão á disposição de V. M. como nossos corações. Mas permitta-me V. M. senhor venha a sentar-se no throno de seus maiores, onde atravez de tantos obstaculos, parece ter querido a mesma Providencia conduzir a V. M. pela mão.

— Eu lhe estou summamente reconhecido pelo beneficio.

— «Venha, enfim V. M. senhor, a offerecer ao mundo inteiro que o contempla....»

— O mundo, nesse caso, está obrigado a levantar os narizes um pouco alto!

— «O espectaculo consolador d'um grande povo e d'um grande Rei que renovam o pacto da sua eterna aliança, sob a egide tutelar do dogma sagrado da legitimidade. Viva o Rei.»

— Viva o Rei! repetiram os outros dois enviados!

— Silencio, pois, eu vo-lo supplico senhores! — interrompeu Aronde — Alem de que isto me incommoda os ouvidos, não tenho vontade de fazer-me despedir pelos meus visinhos.

— «Oh! senhor, que lhe importa agora a V. M. este modesto asilo onde tinha desterrado provisoriamente a V. M. o contrario destino?»

Se os deputados se escandalizaram em extremo da maneira pouco magestosa com que o

joyen Monarcha accollhia a sua allocução, este pela sua parte fez os maiores esforços para não soltar uma gargalhada.

— Senhores, — lhes disse com toda a gravidade que poudo fingir, — não lhes occultarei que os tinha tomado no principio por loucos e isto não me desagradava; mas devo-lhes uma reparação do erro. Ha nas vossas palayras, por mui extranhas que sejam, certa illação, um methodo que não admittle por mais tempo tal hypothese. Sim, bem examinado tudo, acredito-os por pessoas razoaveis: sois uns mandatarios reaes d'um paiz qualquer; quero conceder que sejam verdadeiros e sinceros wardemburguezes, subditos, que se viram na necessidade de ir procurar um rei como se vai buscar um dentista ou uma comadre; bem, mas nesse caso sinto que se tenham dirigido aqui. O porteiro, sem duvida, deu-vos signaes errados. Vejam nos outros andares, ou mesmo nos lados desta propriedade, talvez que encontrem o potentado que procuram. A julgar pela esphera aristocratica de meu vizinho defronte não me admiraria que fosse elle. Em fim resta-lhe o recurso dos *Annuncios* na secção dos objectos perdidos, talvez que achem o seu homem; mas de seguro, senhores, não sou eu.

— Perdão, senhor, é V. M. — insistiu o chefe da deputação. — As nossas noticias não nos enganam mais que os nossos corações.

— Senhores, senhores! — gritou então Aroa-

de mudando subitamente de tom e com os olhos brilhantes já de colera, — cuidado!... Sua insistencia acabaria por dar a este passo um caracter de burla que não estou de humor para supportar. Gosto de graças, mas quando são boas e curtas. Pois bem, esta não me parece dessa natureza. Se estivesse convencido que esta é uma dellas, lho dizia que os arrojaria pela janella; a minha magestade vive talvez um pouco alto para permitir-se respostas deste genero a seus subditos; mas supplico-lhes que tomem mui prompto o caminho que trouxeram para offerecer-me a sua chistosa corôa.

— Oh! senhor! Supplicamos a V. M. não nos faça tão culpaveis intenções! Sabemos demasiado o respeito que devemos á sua nobre estirpe para permittir-nos o que nesta circumstancia não temeríamos olhar como um crime de lesa-magestade.

— Ainda! exclamou Aronde com ar ameaçador. — Repito, Senhores, cuidado.

As palavras seguintes, que provinham da parte sombria do desconhecido, foram ditas então em voz quasi baixa aos membros da deputação.

— Os papeis, senhores, os papeis! esquecem-se dos meus encargos!... Mostem-me os papeis!...

— E' claro!... disse o chefe aos seus collegas; a emoção... a solemnidade... tudo nos fazia esquecer esta importante prova. Perdão, se-

nhore, continuou dirigindo-se a Aronde: não reflexionava-mos que com effeito ignora ainda V. M. sua illustre origem. Os vossos augustos pais deveriam fazer disso segredo para V. M. Uma experiencia bem triste lhes teria imposto esse dever. Mas os tempos mudaram. Já nada tem a temer dos inimigos da sua gloriosa familia. Um povo inteiro lhes faria, em caso de necessidade, uma muralha com os seus corpos: Digne-se V. M., senhor, lançar os olhos sobre os authografos que tenho a honra de depositar nas suas reaes mãos. Uma só vista bastará para reconhecer a sinceridade da nossa lingoagem, como a realidade dos direitos. Sim V. M. é o unico neto do conde de Zanau, defunto rei de Wardemburgo; o unico filho varão do cavalleiro de Limburgo, seu filho; o unico herdeiro legitimo por consequencia da corôa desse formoso reino. Julgue-se V. M. por si mesmo senhor.

Aronde tomou com mão temerosa os papeis que lhe apresentavam. Fez signal a Estrella para que se aproximasse. Estrella se apoiou sobre o seu braço e os dois se pozeram a lèr, com uma surpresa sempre em augmento, aquelles documentos cuja natureza, texto e resumo conhecemos sufficientemente.

— É sem embargo verdade, a julgar por estas assignaturas — exclamou a joven com assombro quando acabaram a leitura.

— É sem embargo verdade! repetiu seu ma-

rido não menos pensativo. Quem tivera esperado semelhante cousa!... Espero senhores que desculpareis a maneira pouco civil com que vos hei tratado. Mas comprehendereis ... o extranho... o imprevisito ... o raro, porque emfim nem todos os dias cahem corôas sobre a cabeça... Não está qualquer ainda acostumado a taes conhecimentos...

— Ah! senhor, — respondeu o presidente, — comprehendemos o que a inverosimilidade da nossa posição devia desde logo inspirar-lhe. A incredulidade, desconfiança e ainda colera; mas V. M. já estará convencido da nossa sinceridade. Supplicamos, pois, a V. M. que nos authorize a transmittir immediatamente aos seus fieis subditos a feliz noticia da sua acceitação.

— Da minha acceitação?... Attendei-me... A leitura desses titutos me provaram a veracidade das vossas pessoas, sinto-o ter duvidado um só instante: mas não assim o fundamento da sua proposição. E que, senhores, sem conhecer-me nem ainda de nome; sem conhecer o meu character, meu gosto minha aptidão; sem ter tomado nenhum informe sobre os meus antecedentes, só segundo imagino, porque sou o filho de meu pai, o que não póde ser d'outra maneira; e que! homens razoaveis, taes como agera me pareceis, senhores, vem offerecer-me a mim que não possuo, nem ainda os primeiros elementos; vem offerecer-me, o que? a missão mais difficil do mundo, que seguramente se deve preencher, ou

de outro modo a administração suprema da sua fortuna, de sua vida e da sua honra soffrerão.

— É um erro, senhor, --- respondeu o presidente da deputação --- Em semelhante materia, a capacidade do chefe do Estado se acha no mesmo talento dos seus agentes; sua probidade, na inutilidade mesma que teria a improbidade para elle; seu zelo pelo bem publico, no perigo mesmo que corria de faltar a elle. Estas garantias bastam aos vossos fieis subditos, independente da paz e da ordem que, com justa razão, criam achar na dinastia cujo representante é V. M. Não se mostre, pois, V. M. severo e inflexivel, e deixae-nos annunciar-lhes a boa noticia da vossa acceitação.

— Diabo, diabo! isso é ir um tanto apressado na obra!... Que se contentem com tudo isto, consinto; é um negocio, tanto peor para elles se se enganam! Mas tenho necessidade de pensar com mais attenção. Ah! com a fortuna, se fosse um logar de agente de cambio ou de commissario que viesseis offerecer-me, acceitaria, estejam seguros, sem fazer-me tanto rogar, sobre tudo nas circumstancias presentes, mas um logar de rei? com os demonios! isto pede que se pense com muita madurez, não é verdade Estrella?

— Sim, meu amigo: não se podem acceitar semelhantes cousas sem pensar muito.

— Assim, pois, senhores, peço ao meu povo,

como dizeis algumas horas de reflexão. Dignem-se, os senhores, deixar-me os signaes da sua residencia.

— Eis-los aqui, senhor.

— Pois bem, em breve lhes communicarei a minha resolução.

— Deus queira, senhor, que seja favoravel.

A deputação se inclinou profundamente uma terceira vez para despedir-se. Aronde a conduziu até aos limites dos seus antigos estados, isto é, até ao principio da escada.

Cumprindo este dever de real hospitalidade, quando ia a entrar na habitação, a mulher encuberta que se tinha mantido na obscuridade deu um passo, para elle, mas de maneira que não foi vista de Estrella que estava sentada sobre uma pequena cadeira baixa, em uma das extremidades da habitação.

— Tiennette! — exclamou Aronde a meia voz, ao reconhecer a sua antiga querida.

— Sim, Tiennette, — respondeu em voz baixa: Tiennette que cumpre a sua palavra como sempre. Tenho-te promettido a fortuna, o poder e a gloria; e eis-los aqui. Ati te pertence decidir agora qual é a mais digna do teu odio, qual a mais digna do teu amor; se a que te offerece um palacio, ou a que te dá uma agoa furtada.

— A mais digna do meu amor é a que conserva a minha estimação; a mais digna do meu odio é a que desprezo!

E acompanhou estas ultimas palavras com gesto de desdem, e em quanto que Tiennette descia a escada com passo vacillante, oprimida com o peso desta indignação suprema entrou elle no seu quarto cuja porta cerrou. Seu primeiro cuidado foi devolver o cofresinho vazio, d'onde tinham sahido por meio de arrombamento, segundo comprehendeu então, os preciosos papeis cuja posse tinha recobrado. Em seguida foi sentar-se sobre uma mala no outro extremo do quarto, em frente de Estrella, a quem suas preocupações tinham impedido notar estes ultimos incidentes.

Depois d'um largo momento de silencio, durante o qual os dois esposos se olhavam com um ar pensativo e receoso movendo gravemente a cabeça, como se quizessem dizer; Hem! Que dizes tu? Eis-aqui uma cousa nova... inesperada... extraordinaria... milagrosa!... E ao mesmo tempo lhes deu um acceso de riso que começou por essas pequenas gargalhadas compassadas, e concluiu por uma dessas hilaridades inextinguiveis, cujo curso dez vezes interrompido, voltou dez vezes com a mesma impetuosidade. Chegaram a chorar os dois a força de rir.

Emfim, quando esta febre de bom humor se houve calmado de todo.

— Debaixo de palavra de honra, é para tornar-se louco, não de alegria mas sim de pasmo!
— exclamou Aronde levantando-se para passear pelo quarto a passos tão avançados como lhe per-

mittia a estreitez do local. — Singular lotaria é a existencia! Ha apenas uma hora, estava injustamente sentado no banco dos réos sob á custodia pouco agradavel de dois gendarmes, e agora depende de mim de ter um throno por assento e um povo por escolta!... Não tinha outra perspectiva que uma miseria immerecida, e eis aqui que possuo palacios, bosques jardins e castellos!... E tudo isto, throno, exercito, subditos, castellos, bosques, jardins e palacios, não m'ó vem offerecer? Em um miseravel quarto de seis pés quadrados, tendo por parques, por jardins, por bosques apenas um caixote de flores sobre a janella a modo de tabaqueira... Depois disto, mathematicos, calculai pois as probabilidades! Crêde pois na verosimilhança, philosophos! Fazei pois aprender o grego e o latim a vossos filhos para assegurar-lhes seu futuro, páis e mãis!.. Oh acaso! oh detisno! oh sorte! oh fatalidade! oh desordem vos-outros sós sois os verdadeiros arbitros da vida humana... Vamos, — continuou Aronde depois d'um novo silencio e mudando de tom, — é necessario por tanto, ainda que não seja mais que por politica, dar uma resposta a estas boas gentes. Mas que hei de responder?... Sabes tu, Estrella?

— Eu, meu amigo?... Na verdade não sei. Confesso-te que sinto, por instincto, pouca inclinação para o estado de Rei. Encontrar-me-ia aturdida quando crêsse que todo o mundo me olhava.

— E depois, encarregar-se assim dos negocios de todo um povo, quando já se tem trabalhado tanto em governar os seus proprios? ... é espantoso!

— Tens razão : recusemos.

— Sim, recuzemos!.. E sem embargo a causa não é para desprezar sob outro ponto de vista... o do dinheiro. Esta questão parece-me dominar aqui todas as demais. Diz-me, é isto tudo o que possuímos em moveis? --- Tudo.

— Em alfaias?

— Nada.

— E em dinheiro effectivo.

— Restam-me trinta soldos do meu ultimo bordado.

— E a mim, 115 da minha ultima operação de Bolsa. Total, 7 francos e 25 centimos. Isto é triste.

— E assim, meu amigo, talvez que façamos mal em recusar.

— Sim, minha querida; mas já o has visto, talvez façamos peor mal em aceitar.

— Então que devemos fazer?

— Uma ideia!... Vamos a votar?

— Sim, votemos.

— Attenção! Que se dignem levantar a mão os que queiram aceitar.

(Estrella e Aronde levantam a mão)

— Agora, a prova contraria. Que levantem a mão os que sejam de opinião de recusar.

(Os dois levantam a mão juntos)

— Vamos pois . . . que voluveis somos . . . eis aqui que temos votado a favor e contra! . . . Não entendemos absolutamente nada do governo parlamentar, e se aceitasse seria um máo rei constitucional.

— Decididamente, meu amigo, creio que farás bem em recusar, ainda que não seja mais que pelo interesse de teus subditos.

— Oh! meus subditos, meus subditos! . . . Isto não pode ser aqui uma consideração decisiva. Já comprehendes que se se consultasse sempre a semelhantes necios! . . . Mas como diabo havemos sair d'aqui? Quanto mais penso nisso menos sei que resolver.

— Pois bem! já que a razão é impotente, invoquemos o acaso.

— Bravo! joguemos a minha elevação á cara ou á cruz. A cara indica a aceitação, a cruz indica a negativa. Attenção!

Aronde tirou do seu bolso a ultima moeda de cinco francos e a arrojou ao ar. A moeda caiu sobre o peitoril da janella, saltou, rodou e sumiu-se n'um boraco do sobrado sem que fosse possível saber-se o que tinha indicado. Os dois esposos ficaram olhando para o sobrado cheios de assombro.

Total, quarenta e cinco soldos, — disse em fim tristemente Estrella. — Eis aqui a cifra exacta do thesouro real. Isto é ainda mais lamentavel.

— E' verdade! mas Estrella, isto me parece uma advertencia da providencia. Conheço-o. A Providencia quer que eu aceite esse throno. Porque?... Ah! não sei nada, e não cuidarei em perguntar-lh'o. Esse é o seu pensamento e eis ahitudo. Isso forma parte dos seus impenetraveis decretos. Quem sabe se isto não é a ultima desgraça para experimentar-me?

— Nesse caso, é necessario resignar-se, meu amigo.

— Ah! não ha meio de fazer outra cousa! Quarenta e cinco soldos! Ah! Se eu tivesse ainda a minha moeda de cinco soldos, seria outra cousa! Seria forte, seria independente, poderia luctar? Mas já não a tenho. Estou atado. Recebemos as cousas segundo vem. Não se faz sempre o que se quer neste mundo. Ha necessidades penosas na vida. Quarenta e cinco soldos!.. E sem outra perspectiva que a de Rei!.. certamente não é mui alegre!.. Emfim não importa! Sejamos philosophos.

— Sim sejamos homens, meu amigo!

— Quando não ha outro recurso, é necessario tomar o que se encontra.. Quarenta e cinco soldos.

— Assim, pois, ficamos ajustados em que aceitamos? Bem! quero ser a primeira em acla-mar-te. Viva o

— Espera... Ainda uma ultima pergunta estás bem segura de que não ha meio de encontrar essa maldita moeda?

— Em quanto a isso, amigo, nada mais facil.

— Como ?

— Demolindo a casa .

— Que louca és !.... Gastar cincoenta mil francos para encontrar Vamos o mal não tem remedio.

— Desta vez, pois, posso gritar, não é verdade !.. Viva o Rei ! viva o Rei.

— Que encantado estou dessas unanimes aclamações ! Não ha na verdade mais que uma voz em meu favor, bom é dize-lo.

— Valor, senhor, e cumpri o sacrificio até ao fim. Aqui está uma penna, tinteiro e papel; dignese V. M. assignar-se ali. Ides escrever aos mandatarios de vossos fieis subditos, com toda a graça que vos caracteriza....

— Sem duvida ! é a ethiqueta.

— Que lhes faz a honra de aceitar o seu throno, sem enthusiasmo e sem dinheiro ; que se decide emfim porque tem necessitado de seus serviços.

Porque não lhe ficam mais que quarenta e cinco soldos.

E que demais tal é seu bom desejo.

— Meu bom desejo, meu bom desejo ! -- repetiu Aronde, e que se tinha posto em disposição de escrever, mas que se voltou para a joven ; -- queres saber, Estrella, qual seria o meu bom de-

sejo neste momento? Pois bem! é o de abraçar-te.

— Ah! senhor, que ideia tão trivial! exclamou Estrella retrocedendo vivamente. — Isso seria na verdade indigno da vossa qualidade.

— Mas não de todo. Se eu sou Rei, tu és Rainha.

— Não ha duvida! Terei um bello vestido de veludo com cauda, em logar deste vestido de cassa; um manto de arminho, em vez deste pequeno chaile, e uma corôa de oiro em logar desta touca! Meu Deus! Que bello será isto, — accrescentou a joven saltando de alegria, e dando uma palmada com as suas lindas mãos.

— Já vê-des, pois, Estrella, que não ha que temer nenhum casamento desigual. Não degenerarei abraçando-te.

— Não, mas nesse caso, se tens o teu desejo, eu devo tambem ter o meu. Agora é de não ser abraçada.

— Ah! mas isso parece-me uma insurreição! Cuidado Estrella! agora tenho procuradores do Rei. Vamos, senhora, abraçe o seu soberano! em seguida ordeno-o! Porque enfim, sou Rei ou não?

— Não! Não o será até depois da sua aceitação.

— É exacto. Vamos, apresso-me a escrever para poder abraçar-te mais depressa.

(Escrevendo)

« Senhores.

« O meu coração está profundamente com-
 « movido pelos sentimentos de respeito e de fide-
 « lidade com que viestes expressar-me em nome
 « de meus mui amados povos de Wardemburgo. »

(Deixando de escrever)

— « Hem ! que estylo !... Como se conhece
 « que tinha nascido para isto ! »

— Permitta-me V. M. que lhe recorde que a
 modestia senta tambem aos reis como aos simples
 mortaes.

— « Tranquillize-se V. M. senhora, continuo. »

(Escrevendo.

« Quem não se consideraria orgulhoso de go-
 verner taes homens ! »

(Deixando de escrever)

— Talvez que sejam uma chusma de im-
 becis, mas bem comprehendes que a boa politica
 está em dizer-lhe o contrario.

(Continuando o escripto).

« Em consequencia, senhores, fosteis dele-
 gados para entregar-me a corôa de meus pais, di-
 zeis aos meus fieis subditos, que para assegurar
 melhor a sua felicidade, me apresso... »

— De, senhor, — interrompeu Estrella apoian-
 do-se graciosamente sobre o hombro do augusto
 escriptor, — não temos reflexionado uma cousa.
 Crês tu que no immenso palacio, no meio do bul-
 licio dos negocios, entre essa barafunda dos em-
 pregados, de damas de honor e de cortezãos, e

com a necessidade de estar quasi sempre em representação, será possível o ver-nos sem mais cuidado que aqui, nesta pequena habitação, e ainda que na nossa bella morada da rua de Helder? É uma singella pergunta que proponho a V. M.

— «Diabo... Não tinha pensado nisso!... Eis-aqui ao menos uma razão decisiva.... Felizmente, mais vale tarde que nunca. Ainda não ha nada de facto, e decididamente recuso. É lastima que tenha começado a minha carta no sentido de acceitação?... Ora! não a tornarei a escrever por certo em sentido de negativa!»

(Lendo).

«Vós que fosteis delegados para entregar-me a corôa de meus pais, dizei aos meus fieis subditos que para assegurar melhor a sua felicidade me apresso, (Escrevendo) a supplicar-lhes que a offereçam a outro.

«Um grave motivo me impede aceita-la.»

(Deixando de escrever).

«Não contribuirei menos por isso á sua felicidade. Pelo contrario.

«N'este conceito, senhores, rogo a Deus que os tenha na sua santa guarda.»

Carlos.

— Já vê-des que isto serve o mesmo. Agora dobremos, e sellemos e ponha-mos o sobre escripto:

Senhores. *Wagmann, Tenellenski e Gonzaleskoff.*

Rua de Rivoli, hospedaria do Norte. Em Paris. Já está prompta enviai-a.

Aronde julgou vêr no caes á sua sahida e á sua entrada, gentes de máo aspecto que pareciam rondar diante da porta da casa; mas esta circumstancia não podia impressiona-lo vivamente, porque nada revelava que se dirigisse a elle, tão perto sobre tudo da prefeitura da policia, em cujas immediações não são as figuras dos observadores as que menos faltam.

Aronde viu por outra parte a metade delles alastar-se da casa e perder-se na obscuridade nascente, porque já começava a anoitecer.

Os que partiram seguiram o mandadeiro de Aronde, collocaram-se a seu lado sob um pretexto, travaram conversação com elle, e o convidaram a entrar n'uma taverna, e ali, quando o tiveram embriagado, seu chefe lhe tirou a carta, abriu-a, tirou rapidamenie a copia, tornou-a a fechar e meteu-a no bolso. Feito isto separaram-se, e em quanto que o auverniano levava o original ao seu destino, os indiscretos levavam a copia á Rua de Rechelieu, á hospedaria de Berlin, onde os esperava Latanoff.

— Ahi tendes o que vos tinha promettido, — lhes disse pagando-lhes, depois de ter-se inteirado d'aquella copia. — Podeis retirar-vos. Ide avisar os vossos camaradas. Está levantada a sessão. Não necessito vossos serviços.

Aquelles homens o deixaram, encantados de

embolçar o salario, sem ter tido que trabalhar.

Um quarto de hora depois a porta de Aronde não era já espiada.

Em quanto ao infatigavel Latanoff, ainda que tinha chegado n'aquelle mesmo dia subia outra vez á sua carruagem sempre posta, e tomava o caminho do Norte.

— Boa esperança! dizia elle, — a partida não está ainda perdida por meus comitentes. O desinteresse inexplicavel d'um joven nos faz ganhar a primeira partida. Veja-mos agora se a louca ambição d'um velho nos fará perder a segunda!

Mas voltemos ao que, sem sabe-lo, se encontrava o heroe de tantas revoluções e contrarevoluções, movil de tantas intrigas, a causa de tanto movimento na Europa, o objecto enfim d'uma vigilancia tão pouco tranquillizadora.

— Irra! — exclamou Aronde quando subiu os seis andares da escada — Livrei-me d'um grande peso. Já torno a ser um qualquer como d'antes. Não sei ainda que farei para augmentar um pouco a nossa fortuna de quarenta e cinco soldos; porem serei memorialista, escrevente, author tragico, qualquer cousa, com a condição, bem entendido, de verte sempre que queira; melhor que ser Rei, a risco de ver-te apenas. E depois nestes tempos de revoltas, é por outra parte mais solido. Hontem era um individuo Rei já não o é hoje, torna-o a ser amanhã e assim con-

tinua. Assim passa a vida neste círculo vicioso; em quanto que uma humilde profissão é constante sempre, ninguém a quer. Mas a proposito, que diabo ia eu fazer agora ha pouco? — accrescentou levantando-se olhando para o céu, como se buscasse alguma cousa na sua memoria: não posso lembrar-me!... Ah! sim por certo! Ia abraçar-te.

— Ah! ainda se recorda? É mui chistoso! ... Pois bem! Eu tambem, cavalheiro, me recordo bastante.

— De que?

— De que tinha recusado.

— Sim, porque eu era então soberano, e tinha tido a tyrannia de exigi-lo. Mas agora é outra cousa; não digo já. « O quero » mas sim « T'o supplico! » Porque olha, Estrella, ainda que eu tinha deixado de ser Rei, tu não deixas-te de ser Rainha. A virtude, o desinteresse, o talento, a graça e a belleza, isto não se póde abdicar.

— Vil adulator... Mas é egual; porque vindeste agora com politica, consinto em receber esse abraço que me deveis ha tanto tempo.

— Com juros? bravo! Aqui cabe bem dizer « Quem deve paga. »

— Vamos! — mas que novo throno virá agora incommodar-me?

Com effeito, naquelle momento bateram á porta novamente.

— Não é ninguém! — gritou Aronde com impaciencia.

Bateram por segunda vez.

— Se tem que desfazer-se de alguma coisa, dirija-se ás officinas de alguma agencia, — continuou com máo humor.

Bateram pela terceira vez.

— Não se quer aqui, lhe digo! Prosiga o seu caminho! Não se recusou a primeira para aceitar a segunda!

A estas palavras a porta se abriu de repente, e deixou ver um homem de alta estatura, inteiramente vestido de negro, que levava uma caixinha debaixo do braço e que não esperava já que lhe permittissem entrar.

— É verdade, cavalheiro, que negaste? — exclamou com uma gravidade misturada de alegria.

— Antes de vos responder, cavalheiro, sem duvida não levareis a mal que vos pergunte que ha aqui que possa ser-vos util, — replicou bruscamente Aronde áquelle interrogador cujo rosto não podia conhecer na sombra, sobre tudo não o tendo nunca visto mais que uma ou duas vezes havia já muito tempo.

— Venho appressadamente, cavalheiro, para preservar-vos das perigosas suggestões da adversidade; mas vejo que a vossa razão triumphou dos infames conselhos dessa má conselheira. Ten-

des recusado um palacio por esta pobre agoa furtada!

— Sim, senhor, é um facto!

— Tal contraste augmenta o vosso merito.

— E' certo, murmurou Aronde, — que não foi a fortuna que me inspirou. Quarenta e cinco soldos!..

— A minha presença aqui, respondeu o homem da caixa, — proporcionará sómente uma recompensa.

— Uma recompensa de que?

— Da vossa nobre negativa cavalheiro. E' uma desgraça, sem contradicção para os que tivessem de ser vossos subditos, porque o recusar o titulo de rei com uma sublime moderação, prova uma vez mais que sois digno de se-lo; mas assegurar-vos que é uma felicidade para vós, e me regozijo de ser o primeiro em felicitar-vos por isso.

— Sois demasiado amavel, cavalheiro, mas não ha de que, eu vo-lo juro, — respondeu o real dimissionario, que não pode conter um sentimento de defferencia, com respeito ao que a lingua ingleza chamaria o respeito do importuno visitador. Voltando-se depois para Estrella, accrescentou em voz baixa com um resto de máo humor. Este cavalheiro dirá muito bem; mas teria podido guardar os seus cumprimentos para melhor occasião. Ora quereis ver como se passa o dia inteiro, sem que possa abraçar-te uma só vez.

—Tende um pouco de paciencia, cavalheiro,— respondeu Estrella sorrindo-se. Vossa Magestade caida não terá perdido nada por esperar.



CAPITULO IV.

DUAS SOMBRAS VIVAS.

No mesmo dia entraram em Pariz quasi todos os actores principaes da tragi-comedia governamental que acabava de agitar o Wardemburgo.

Dabiron chegou pela manhã, porque tinha tomado a dianteira aos outros e pagava duplicadas guias; desejando salvar a caixa segundo a expressão de seu primo Bil-Boquete.

Latanoff chegou ao meio dia, Tiennette ás duas horas, e Masson ás tres e meia.

Montreuil unicamente não chegou até ao outro dia pela manhã, sempre tão ligeiro quando o impellia a ambição, nenhum movel activava já a anteccha daquelle a quem a lingua allemã tão doce se resignava, teria chamado o intrigantis-

mo; nenhum, se não é o desejo de abandonar o humilhante theatro da sua derrota. Mas Montreuil era desses homens ardentes que não tem fogo senão para o ataque, e que passada a effervescencia quando ha soado a hora do ultimo revez, indifferentes e desalentados, não conservam já nem ainda a força para tocar a retirada. O estado bastante modesto da sua bolça não lhe teria permittido por outra parte pagar aos postilhões o zelo e a fadiga dos seus cavallo. Deixou, pois, ás pobres cavalgadas que o conduzissem a seu paço.

Já sabemos o que Tiennette, Latanoff e Masson se tinham appressado a fazer no mesmo dia do seu regresso, cada um por seu lado. Em quanto a Dabiron, depois de ter-se apeado na hospedaria da Paz, na rua de Castiglione, confiou ao cozinheiro, ao barbeiro e ao banheiro o cuidado de reparar os estragos d'uma viagem tão grande, depois do que tomou para ir a do barão Appencheerr, uma carruagem de aluguel em cujo interior se manteve occulto por vaidade, já se advinha, mais que por modestia.

Responderam-lhe que o barão estava no tribunal dos jurados, por causa do processo d'Aronde.

Sem entregar-se ás reflexões philosophicas que semelhante processo teria inspirado a seu espirito menos millionario, Dabiron escreveu logo ao barão para annunciar-lhe, que voltaria de tarde.

O ex-thesoureiro mór do Wardemburgo depositou ao mesmo tempo nas mãos do caixa daquella casa onde tão pouco tempo antes se tinha visto empregado com mil oitocentos francos por anno, os dois milhões e meio que lhe tinha produzido a baixa, para serem unidos com os quatro que lhe deixara a alta. Subiu em seguida á carruagem, e se fez conduzir á rua de Castiglione, onde ficou, davam as onze horas da manhã. O dia pareceu-lhe d'uma lentidão cruel. Como poderia distrair-se em quanto chegava a hora da importante entrevista que acabava de fixar o barão? Ler? Desenhar! Entregar-se á musica? O antigo corrector jamais havia incorrido em similhantes caprichos. Os seus gostos intellectuaes não iam alem do ecarté, das apostas do hypodromo, das intrigas do Theatro, das conquistas de Mafille, dos almoços de Tortoni, dos jantares de Vefour, e das ceias da casa de Ouro. Mas nenhuma daquellas distraecções que lhe pareciam ser o verdadeiro fim da vida humana, lhe era possivel até nova ordem. É tanto mais necessario entrar melhor no mundo quanto peor se sahiu d'elle. Por isso, não sem razão, o especulador dez vezes arruinado, que tinha pago aos seus ultimos credores da bolça por meio d'uma noticia falça de suicidio, queria reaparecer depois de ter liquidado completamente o seu capital com o indispensavel prestigio, não só da immensa fortuna que devia as suas pequenas economias de thesoureiro mór, como do respeitavel enlace que

desejava. Aquella alliança com a casa do barão d'Appencherr, uma das mais antigas e mais importantes da Europa, lhe parecia tanto mais útil na sua posição que desmentia sem duvida uma multidão de murmurações, esparzidas a proposito por Tiennette, para perseguir a defunta baroneza até na sua memória; murmurações sinistras das que unicamente o marido não tinha jamais tido noticia, que se tinham confirmado com o suicidio da mulher e que haviam feito muito odioso o amante, causa provavel d'uma catastrophe tão terrivel.

Para matar o tempo esperando esta dobrada rehabilitação que era já a ideia fixa de sua vaidade, Dabiron se entreve a fazer umas sommas como de costume, unico uso para o qual lhe parecia ter-se inventado tinta e papel.

Em quanto que Dabiron consagrava assim aos nobres trabalhos a mente, um dia que se passava para as demais personagens em emoções tão profundas e tão diversas, o relógio da sua habitação deu enfim as sete e meia. A entrevista devia realizar-se ás oito; subiu á carruagem e fez-se conduzir de novo á casa d'Appencherr.

O barão tinha encontrado na sua casa, ao seu regresso do tribunal dos Jurados, a chave de Simona, a carta da chegada de Dabiron e o informe diario do chefe do seu gabinete. Este informe não era outra cousa senão o ultimo grito

de salve-se quem possa ! As más noticias que começavam a circular sobre o estado da casa, tinham levado durante o dia um grande numero de petições de reembolso. O negocio apresentava-se neste estado. Estando saldada a sua conta com o Banco, tendo-se gasto no movimento geral dos negocios os quatro milhões enviados por Dabiron, e não existindo já em caixa mais que uns trezentos mil francos, era impossivel fazer frente aquellas novas demandas que subiam a mais de trez milhões. A casa possuia ainda importantes valores de differentes classes, mas todos tinham sido collocados em diversos negocios, e que era impossivel em consequencia realisar immediatamente. Emfim, o author do informe rogava com instancia ao Barão que reclamasse nessa mesma tarde de Duplessis as sommas consideraveis, que tinha promettido entregar com o motivo do processo de Aronde, e com as que seu genro devia contar exclusivamente para attender ás necessidades urgentes do outro dia. Mas faltava-lhe prompto aquelle ultimo recurso. Em consequencia da cholera que a veracidade definitiva do seu testemunho tinha causado ao implacavel velho, o barão via-se na impossibilidade de satisfazer os seus commissos. A derrota era inevitavel e quem sabe ? a bancarrota talvez ; porque o emprego dos ultimos fundos enviados á Allemanha por Dabiron seria olhado como contrario á boa fé, tendo precedido poucos dias an-

tes a ceçassão dos pagamentos. Aquella circumstancia podia ser invocada como fraudulenta pelo depositario.

O barão achava-se pois á mercê de Dabiron, e não tinha já outra esperança senão no casamento de sua filha com o principal credor. Tendo-lhe este manifestado de novo na sua carta o feliz que seria formando um dobrado laço, como genro e como associado, o barão acolheu com afincó aquelle ultimo meio de salvação. Depois de ter-se provido d'um papel interessante, que julgava necessitar, dirigiu-se immediatamente á habitação de Julia. Achou-a sentada diante da sua secretaria, no mesmo aposento em que tinha fallecido sua mãe, e que, por este motivo, tinha feito seu oratorio e sua officina, o tranquillo asylo da oração e da meditação.

A joven acabava, como temos visto, de confiar ás folhas do seu diario a admiração que lhe inspirava a eloquencia, de que seu primo Leoncio não tinha tido occasião de fazer uzo no processo de Aronde.

— Meu Deus, papá, que tendes, — exclamou ella com inquietação, notando a pallidez do barão.

— Eu, minha filha, não tenho nada, asseguro-t'o! Venho pelo contrario fallar-te d'uma cousa que não deixa de agradar, sobre tudo ás jovens solteiras. Já adivinhas que se trata desse casamento de que temos fallado. O objecto da

minha visita é pedir-te um consentimento definitivo.

— Sabei, meu pai, — respondeu Julia, empallidecendo — que antes de toda a discussão sobre este assumpto deveis mostrar-me a carta na qual minha pobre mãe vos pedia que consentissemos nossa união.

— Ei-la aqui, — replicou triumphante o barão, dando á filha o papel de que se tinha provido a proposito.

Julia pegou nella, levou-a pieposamente a seus labios e leu, emfim, o que se segue com uma voz cheia de temor e de respeito :

« Senhor Barão.

« Se creio em presentimentos, que tratareis
« de pueris sem duvida, mas que me é impossivel
« evitar, não me resta muito tempo para pres-
« tar á nossa querida filha a protecção que a sua
« juventude necessita, e que os vossos numeros-
« sos negocios eu direi ainda as agitações da vossa
« vida, não vos permittirão proporcionar-lhe no
« caso que eu chegue a fallecer.

« Não é, como joven unicamente, pelo que
« a mulher necessita d'uma mãe que a sustenha,
« que a defenda contra si mesma, tanto como con-
« tra os demais, no meio das seducções do mun-
« do ; senão que a necessita durante toda a sua
« vida ; e se succede que a vertigem as colhe, as
« perde, as arrasta e destroça algumas vezes, es-
« tai seguro cavalheiro, que é porque estavam

« isoladas, frageis canas, cuja fraqueza ninguem
« sustenta contra os ventos da tempestade.

« Eu me veria livre d'um tormento tão cruel
« eu vo-lo confesso, se vós consentirdes, emfim
« desde hoje, e succeda o que succeder, em que
« Dabiron, contra o que não tendes levantado se-
« não objecções demasiado vagas, nos suppri-se
« a um e a outro o titulo de esposo, nesse neces-
« sario e perpetuo protectorado.

« Então morrerrei menos inquieta, se mi-
« nhas previsões não são vans.

« Fazei isto por mim, cavalheiro, eu vo-
« lo supplico, como o farieis por uma mori-
« bunda.

« Quem sabe se esta supplica que vos faço
« em perfeita saude terá talvez o caracter d'u-
« ma ultima vontade.

« Deus só sabe o futuro.

« Recebei, pois, de antemão, senhor barão,
« a expressão da minha gratidão, se me conce-
« deis, como não duvido, o consentimento que
« solicito para felicidade da nossa querida filha.

« *Gertrudes Duplessis, baroneza d'Appencher.* »

Julia experimentou uma dolorosa opressão de coração com a leitura desta carta, em cujo tom sinistro e frio se revelava, com a indiferença profunda dos dois esposos, esse projecto de suicidio inspirado pelos remorsos tanto como pela desesperação, e cuja execução devia seguir-se tão depressa.

— Já vês, — minha filha, — acrescentou o barão, — que eu não havia de inventar esta carta pela necessidade da causa. Tu me prometteste obedecer ao ultimo desejo de tua mãe se te apresentasse uma prova escripta. Ei-la aqui. Vem, pois, reclamar o cumprimento da tua promessa.

— Meu pai, — replicou a joven, que havia enxugado seus olhos em quanto o barão falava, — ha um *post-escriptum* que não tinha lido por causa das lagrimas que me obscureciam a vista. Mas agora já posso lêr. Escutai eu vo-lo supplico.

« P. E. Entende-se, senhor barão, que a
 « questão fica inteiramente subordinada ao livre
 « arbitrio de nossa querida filha, ainda depois do
 « vosso consentimento. Depois que deres o vosso
 « solicitareis o seu, mas unicamente, pelo con-
 « vencimento e a supplica. Se recusar a minha
 « intenção, assim como a vossa, não é de con-
 « trariar os seus sentimentos. Isto é demasiado
 « transcendente. A violencia, sob qualquer forma
 « que se disfarce, é sempre a funesta origem da
 « frialdade, por não dizer do odio que acaba por
 « introduzir a discordia, a desordem, o crime em
 « tantos casamentos. »

« Neste caso, pois, se acontecer o que te-
 « mo, não me resta já mais que recommenda-la
 « a Deus, protector supremo dos que não tem
 « outros.

— Então meu pai, ouviu?

— Eu... não... quero dizer... bem ouvi... não sei que palavras... mas sem comprehender demasiado... porque enfim, torna a ler o principio da carta; o desejo desse casamento está expresso nella com insistencia, apoiado com arre-soamentos.

— Sim mas sempre tenho lido que o post scriptum das mulheres é o que encerra o seu verdadeiro pensamento. Ora aquelle de minha mãe deixa-me uma liberdade completa, e assim vos provino, meu pai, que estou resolvida a uzar da minha permissão.

— Que queres dizer? — perguntou com anciedade o barão que se viu colhido no seu mesmo laço.

— Que regeito irrevogavelmente o seu candidato.

— Ah!... sem embargo da ultima vontade de tua mãe?

— Apezar da penultima; porque a ultima é a do post scriptum, é da minha liberdade, e como dizem, as ultimas são as que valem.

— Mas desgraçada menina! replicou o barão que viu chegado o momento de manifestar os verdadeiros motivos da sua pretensão, não obstante a repugnancia que experimentava naturalmente em fazer tal confissão.

— Mas desgraçada! tu não sabes as consequencias tão terriveis que nos póde trazer a tua

negativa! Sabe, pois, que estou horrivelmente arruinado.

— Vós arruinado meu pai?... pois um pai pôde estar jamais arruinado quando seus filhos tem fortuna! Vós me tendes dito muitas vezes que com a herança de minha bôa mãe e da minha querida avó, tinha... quanto dizieis vós.. como cousa de sete a oito milhões, pertencentes mim, não incluídos..

— Os que já não tenho.

— Nem os que meu avô me deixará.

— Ah! sim, conta tambem com estes, depois da loucura que fiz hoje!

— A loucura de dizer a verdade em favor de Aronde? Oh! papá....

— Mas não... eu bem o sei.... cumpri com o meu dever... não o sinto... unicamente estou mui incommodado, eis-aqui tudo. Mas emfim, repito-te estou arruinado. Contava com... que sei eu? uma multidão de cousas que tu não comprehenderias, tu que não intendes nada de negocios. Vejo-me na impossibilidade de pagar amanhã o que constitue o credito, a honradez, existencia de uma mesma casa: uma porção de imbecis que ha alguns dias, não sei para que, vem á minha porta todos para pedir-me que lhes pague, sob pretexto de que não posso pagar-lhes. Não se pôde ser menos logico.

— Quanto necessitais vós, papá, para pagar a toda essa gente?

— Oh ! meu Deus ; uma bagatella em tempo ordinario, tres quatro milhões mais ou menos. Em verdade tenho com que pagar e sobradamente, mas agora não o tenho.

— Não posso comprehender.

— Nem é possível na tua idade... São assumptos de alto commercio que só os homens, e não todos... N'uma palavra, que não tenho nada desponivel. Em similhante caso, é como se tivesse zero. O cambio é que vale aqui tudo. Póde uma pessoa ter milhões nos antipodas, e ser perseguido por cem soldos em Pariz.

— Ah ! não são as perseguições as que me inquietam. Se vos formarem processo, meu papá, meu primo Leoncio está ali, e vós bem podeste ver hoje como sabe ganhar pleitos !

— Ao menos não lhe falta boa vontade, convenho nisso. Mas a eloquencia possível do teu Leoncio, não tem nada que fazer aqui. Devo, é preciso pagar : não ha Leoncio que valha !

— Pois bem, papá, permitta-me que lhe offereça a somma que lhe faz falta.

— Dou-te graças pela intenção, minha querida filha e este é um belo rasgo da tua parte ; mas suppondo que eu fosse homem para aceitar a tua generosa proposta, que não o sou, seria absolutamente impossivel. Tu és menor, e não podes dispôr d'um centesimo, sem o beneplacito do Conselho de familia. Este Conselho está composto do teu tutor natural que sou eu ; de Leon-

cio, o eloquente advogado que sabes, e de Duplessis, meu amavel sogro. Já comprehendes como que afan daria o seu consentimento esse affectuoso velho, depois da sessão de hoje! Quem sabe o que succederá a elle mesmo com a sua accusação de falça testemunha! Outra satisfação de familia. É verdade, ha epochas da vida em que parece que todas as desgraças vem d'uma vez. Esta é uma dellas. Tu podes unicamente salvar-me desta situação, não com a tua fortuna particular, pobre menina, mas sim com o casamento que te offereço. Se consentes nelle, teu marido vem a ser meu consocio, e deixa por este titulo na minha caixa os sete milhões como deposito. Se recuzas, me pede naturalmente a restituição integral, e como não posso effectua-la immediatamente, se une a uma conspiração dos demais credores, com tanta mais animosidade, quanto que terá uma injuria pessoal que vingar, se converte em seu investigador, em seu chefe; perseguem-me, quebro, ou peor que isto quem sabe? e enquanto que teu avô é condemnado como testemunha falsa, teu pai será condemnado por ter feito bancarota! Eis em breves palavras a agradavel perspectiva a que nos ha conduzido uma complicação de acontecimentos inesperados. E' esta uma situação para acabar com a existencia.

— E' verdade tudo isso, meu pai? — perguntou gravemente a joven com uma mistura de

espanto e de ternura. — Fazeis-me tão triste pintura na nossa situação para obter o meu consentimento neste odioso enlace?

— Tudo isto é desgraçadamente certo, respondeu o barão, com solemnidade; — tão certo como ha um Deus. Alem disso dou-te a minha palavra de honra, aqui mesmo nesta alcova, onde morreu tua mãe, onde ainda me parece vê-la expirar, e onde por nada do mundo quizera enganar-te com uma indigna mentira a ti, nossa unica filha. Torno a repetir-te, o teu consentimento é a salvação; a tua negativa, é a ruina, a vergonha, e a deshonra.

— Basta, meu pai, — respondeu Julia, que teve que conter as mais crueis emoções que pôde soffrer uma joven, e cujo gesto, actitude e physionomia expressaram subitamente uma dolorosa, mas firme resolução. Amo a meu primo Leoncio, e creio ser amada por elle. Felicito-me, e conheço-o mais vivamente ainda no momento mesmo em que renuncio a elle, a minha felicidade teria consistido em ser sua mulher. Mas não appellastes em vão para a minha abnegação. Casarei com Dabiron, meu pai.

— Ah! querida filha! tu me salvas a hon... O barão foi interrompido na sua resposta pela entrada subita de Lafolie, que ia preveni-lo que Dabiron estava ali e queria fallar-lhe.

— Onde quereis que o co iduza? — accrescentou o velho criado.

— Ah fazei entrar para aqui a Dabiron! — respondeu

— Sim, senhor barão, vou faze-lo entrar para aqui... --- replicou Lafolie sahindo, e com uma insistencia estranha.

— Já que consentes, --- accrescentou o barão dirigindo-se a sua filha, não será máo queo vejas já, assim fica feita a apresentação.

— Não, meu pai, — respondeu Julia cujas lagrimas brotaram de repente, atravez do primeiro obstaculo da sua resignação. A presença deste homem me seria mui penosa neste momento. Consinto em dar-lhe a minha mão, mas não quero ve-lo.

— Oh! conheço bem as jovens!... mas como queiras minha filha, tu te costumarás á sua vista: uma pessoa costuma-se a tudo e muito mais á presença d'um marido.

Julia sahio da alcova, inteiramente desconsolada, retirou-se ao quarto mais recondito da sua habitação, levando consigo a carta de sua mãe, para colloca-la entre as piedosas reliquias com que fazia homenagem áquella memoria querida.

O consentimento da joven encantava pelo contrario ao barão, e lhe restituia com a segurança de sua caixa com toda a ligeireza de seu character. Recebeu pois o seu futuro genro com a afabilidade, quasi ohsequiosa, que merece um au-

tigo empregado, quando está a ponto de ser o principal de seu mesmo principal.

— Bons dias, meu querido senhor Dabiron, — exclamou estendendo-lhe a mão, em quanto que Lafolié que havia introduzido o visitador, lhe lançava ao retirar-se um olhar de ameaçadora colera.

— Vosso mais humilde servo, senhor barão, — respondeu o ex-empregado.

— Eis que vos temos de volta entre nós!.. entre vossos amigos!.. Felizmente, a julgar pelas sommas consideraveis que pozesteis ao abrigo de todo o perigo na caixa de minha casa, haveis sabido proporcionar-vos um honroso retiro.

— Ai! sim, — respondeu Dabiron brincando fatuamente com a bengala de castão de rubis com a qual batia levente no pé de sua bota de polimento, — tenho por ali feito algumas economias.

— E que noticias dais dos francezes da expedição de quem me tem fallado os meus correspondentes do Wardemburgo, e que tinham ido levar comvosco os beneficios da civilisação a esse paiz tão atrazado?

— Se vos fallar francamente, não sei nada. Depois de haver feito todos os esforços possiveis para salva-los, perdi-os de vista no alvoroço!.. Penso que terão ficado ali, ou mais que se terão retirado tão pobres como entraram.

— Imbecis!

— A quem o dizeis! Eu não podia estar peor acompanhado. A unica pessoa da expedição que me ha mostrado uma intelligencia verdadeiramente superior, é uma mulher, uma simples bailarina da Opera, chamada Lalake.

— Quem! Lalake?... de outro modo chamada Jupin 1.^o

Oh! perdão, senhor barão, — interrompeu Dabiron, temendo que a recordação d'aquella amante que lhe havia tirado, despertasse no Barão uma ferida cujo máo effeito já havia soffrido; — perdão!.. Escapou-se-me este nome sem o pensar... Supponhamos que nada disse.

— Pelo contrario, fallemos, — respondeu o Barão, em quem sua paixão por Simona havia apagado todos os mais sentimentos. — Odiei-vos não digo que não; porque emfim na minha posição, na minha idade, bem conheceis, ver-me suplantado por um simples empregado por um joven, era humilhante. Mas emfim! ha já tanto tempo!.. Dois ou trez annos o menos!.. Confesso-vos agora que olho isso com indifferença: era guerra de boa lei, e por vida minha, — acrescentou o Barão rindo, — talvez a nossa associação tenha principiado por ali.

— Principiou de outra maneira mui grave e que acharia talvez menos jovial — pensou Dabiron.

— E dizeis, pois, — redarguiu o Barão, — que essa intrigante de Lalake se portou..

— Admiravelmente! Ella é que fez quasi tudo illudindo o velho monarcha do paiz, e se sobe ao seu throno, o que me parece indubitavel, será certamente a Maintenon da epocha.

— Pois bem! isso não me admira; aquella mulher era mui seductora, não é verdade? em sua desenvoltura, em sua lingoagem... Mas que é o que digo? — exclamou o Barão interrompendo-se, e olhando em redor de si; — olvido que estou na alcova da minha defunta, e que simillhantes conversações não devem passar-se aqui:

— Com effeito, é aqui onde a senhora baroneza... accrescentou Dabiron que não pôde impedir-se de estremecer com esta recordação.

— Mas, a proposito de defuntos, — respondeu o Barão para mudar o assumpto da conversação, — sabeis que ao receber a vossa primeira carta do Wardemburgo, depois das noticias não desmentidas que haviam publicado os periodicos sobre o vosso suicidio, julguei receber uma carta do outro mundo, e que sem os milhões que a seguiram de perto teria julgado tratar com um phantasma.

— Ah! bravo! — Acreditareis em apparições?

— Sim! com razão! Os espiritos mais fortes tem-se abandonado a simillhantes supstições. Eu mesmo, emfim, que nao creio nelles em sociedade, quando reflexivo muito, e estão acczas as velas francamente, experimento apezar meu

um terror vago, pela noite com especialidade se estou só, e se reina alguma obscuridade.

— Por vida minha, a mim succede-me outro tanto, senhor Barão, e mais de uma vez, á queda da noite, tenho julgado ver diante de mim certas aparições funebres... cujo unico pensar me athemoriza. Este é o effeito das gentes que tem muita imaginação. Porque é evidente que são puras chimeras, e que os mortos não se divertem em saír da sepultura para visitar os vivos.

— Por Deos, não temos aqui mais que uma simples vela; fallemos de cousas alegres, se quereis. Assim pois, meu querido Dabiron, já estais aqui devolta, e vindes buscar uma resposta definitiva relativamente ao vosso casamento.

— Sim, senhor Barão; e confesso-vos que não é sem esperança. Eis-aqui as proprias palavras que vós respondesteis, sobre este assumpto, á defunta baroneza: « Se consentisse em tomar uma posição conveniente no mundo, não seria inflexivel. » Parece-vos que seis milhões e muitos sentimos sejam um pedestal sufficientemente conveniente?

— Na verdade que sim, e minha filha é vossa. Dai-me a vossa mão, querido genro. Eu consinto, ella consente, e todo o mundo consente nisso.

— Menos eu! — disse então uma voz firme e forte que fez estremecer os dois interlocutores.

Olharam para o lado da porta por onde havia saído esta voz, deram um grito de espanto e retrocederem pallidos ao outro extremo da alcova.

A porta da direita se havia aberto sob o impulso de uma mão que pertencía provavelmente a Lafolié.

Uma mulher, de mediana estatura, de formas robustas e toda vestida de preto, entrou então na habitação. Depois de haver dirigido a Appencher e a Dabiron, a exclamação que os aterrou, avançou lentamente, á claridade duvidosa da unica vela que allumiava a scena, e deteve-se a alguns passos delles, pallida de indignação silenciosa, immovel com o rosto severo, o sorriso desdenhoso e olhar brilhante.

A' força de retroceder ante aquella phantastica apparição, haviam chegado a arrimar-se á parede opposta, contra a qual, por assim dizer estavam cravados pelo medo, como mochos á porta de uma granja, levantando-se sobre as pontas dos pés, com os braços estendidos, a bocca aberta, os olhos escuros, o rosto pallido, os cabellos eriçados, as pernas tremulas, e o corpo estremecido.

— A sombra de minha mulher! — exclamou o barão com uma voz tremula.

— A phantasma de Getrudes! — acrescentou Dabiron com uma voz que o medo entre-cortava.

E os dois ficaram como petrificados.

Não, não era um vão espectro ; era com effeito a baroneza.

Os nossos leitores não esperavam neste momento, reconhece-a na dama negra que tem visto intervir mais de uma vez no curso desta historia. Como esta mulher, aquem seu marido havia contemplado sobre seu leito murtuario, naquella mesma habitação, e cujo cortejo funebre havia seguido seu amante, como estava todavia viva ? Nada mais simples. O maravilhoso neste mundo, onde todo o effeito procede naturalmente de uma causa, o maravilhoso não é outra cousa que o inexplicavel. Expliquemos, pois. Algumas linhas nos bastarão para converter em uma realidade esta apparente inverosimilhança.

Getrudes era uma dessas mulheres essencialmente affectuosas e intelligentes, que tem sempre necessidade de um sentimento para o coração, de um objecto para o espirito. O seu matrimonio não havia sido senão uma operação mais entre seu pai e o do Barão, os quaes acharam vantajoso o estar associados por seus filhos, como o estavam já por seus negocios.

O character do barão não tinha nada que o fizesse sympathico a sua mulher. Era mui futil, mui esceptico, mui voluvel para ella. E sem embargo, como outras muitas, ainda que casadas sem amor, e ainda não amizade, não houvera

pedido mais que amar a seu marido, com tanto que fosse amavel; mas o Barão reservava sem duvida sua amabilidade para as efemerias relações que tinha fóra.

Enganada naquella primeira aspiração, Gertrudes esperou que os vãos prazeres do mundo em que a collocava a sua grande fortuna, lhe offereceriam ao menos, á falta da intima felicidade que sonhava, uma compensação talvez, uma distração seguramente. Porem enganava-se tambem. Não encontrou mais que tedio no fundo d' aquella existencia brilhante, em que cada dia é uma festa, e que aturde a alma por sua agitação perpetua, mais bem que a consola com verdadeiros gosos.

Os cuidados maternas com que de recommendação de Mad. Duplessis sua mãe, rodeou a juventude de Aronde, foram uma distração muito mais eficaz; e quando por um favor tardio, o céo a fez mãe. sua filha absorveu em seguida, durante muitos annos, toda a ternura que encerrava seu coração. Mas tendo chegado Aronde a ser um joven que já não necessitava de sua affectuosa vigilancia, e sendo-lhe arrebatada sua filha pela educação do collegio, a Baroneza, privada successivamente de seu filho adoptivo e de sua filha natural, caiu nessa ociosidade de coração que era um supplicio para a sua organização amorosa.

A Baroneza buscou em as violentas palpi-

tações do jogo, a collocação, como dizia seu marido, no estilo de seus altos negocios, a collocação da sensibilidade nervosa de que não sabia que fazer; porem o jogo deu-lhe a febre e não a dita.

Então foi quando ella experimentou essa vertigem da paixão que se a poderia chamar a desesperação da esperança, a que se podera quasi inevitavelmente das mulheres, quando chegam aos trinta ou quarenta annos sem haver amado verdadeiramente, o que é menos raro do que se crê.

Em similhante caso, é necessario amar a todo o preço, exaltar-se, apressar-se porque o tempo corre depressa. O seu amor se parece ao temor do viajante demorado que parte a correr por não chegar tarde á diligencia. Que succede pelo regular? Que a diligencia partiu e que por não ficar em projecto, á falta de outra coisa melhor, se aproveita a primeira carruagem que passa.

É mui raro comeffeito que os corações demorados não façam muito má eleição. Depois de largas duvidas, se quer fugir de Caribidis de uma união mal disposta, e se preeipita em Scylla de um abominavel enlace.

A Baroneza não se viu izempta desta desgraça tão commum.

De todos os desenganos de sua vida, este, como sempre, foi o mais cruel. O supplicio dos supplicios para uma mulher que ama (fallamos d'aquellas cujo coração é formal, o que é bastante

raro) é o reconhecer algum dia, e esse dia nunca se faz esperar, que o homem amado, que não a ama, é indigno, não só do amor senão ainda de estima; que é um miseravel que não merece alternar em sociedade; que é um fallador a quem não se quereria nem por amigo, nem ainda por criado, e do qual ha feito seu amante.

A Baroneza experimentou este tormento durante muitos annos. Cem vezes appellou á razão contra a paixão; mas o coração sente e não raciocina. Cem vezes intentou quebrar violentamente aquella cadeia que a unia a Dabiron; mas, cousa estranha, o que devia quebra-la em semelhante caso, é quasi ao contrario o que a consolida; os ciumes.

Se Dabiron houvesse estado enamorado, e houvesse sido fiel, esmerado e assiduo, talvez o desprezo houvera acabado por triumphar do amor; porem era indifferente, voluvel, negligente e brutal, como ama-lo a elle que não amava, que amava talvez a tantas outras, e a quem tantas amariam tambem, sem d'úvida alguma? Todo o sylogista convirá em que era impossivel.

E depois por grave que seja um motivo para separar-se, o mesmo em amor que em toda a classe de uniões, se quer despedir, por não ser despedido; isto é humilhante.

O certo é que á força de saeudir a sua cadeia, sem conseguir quebra-la, a fazia a Baroneza ainda mais dolorosa.

Emfim, a ideia de casar sua filha, suggerida perfidamente ao verdugo da mãe, pelo implacavel odio de Tiennette, que o induzia a certos escandalos deste genero, por desgraça demasiado reaes, cujo theatro é ás vezes o grande mundo, como havia succedido pouco tempo antes, esta execravel ideia levou ao seu cumulo o sofrimento da Baroneza. Extenuada, debilitada á força de valor, de opposição, de objecções, de raciocinios e de supplicas, e tanto mais escrava, quanto que se havia sublevado com mais frequencia, a Baroneza não teve outro recurso que a astucia contra a violencia moral que faziam á sua fraqueza.

Fingiu consentir n'aquella boda, e escreveu a seu marido, mesmo em presença de Dabiron, a carta cujo contheudo mencionamos acima; mas por uma louvavel perfidia que o cego Lovelace não comprehendeu, como tão pouco o sentido sinistro do que precedia, teve cuidado de reservar no postscriptum a liberdade completa de sua filha.

Por outra parte estava convencida de que o Barão demasiado prevenido contra a intima posição do pretendente, seu exemplar empregado, não faria caso dos desejos insensatos da mãe, quando havia desdenhado tantas vezes as supplicas sensatas da mulher.

Era a ultima illusão.

O Barão, que havia conhecido ao habil especulador no infimo empregado, deu a sua mu-

lher a resposta que tambem já conhecemos, e que sem empenhar-se para o presente, deixava para o porvir todas as probabilidades possiveis. Aquella resposta inesperada foi um golpe fatal para a desgraçada Gertrudes. Julgando a Dabiron capaz de tudo para chegar á posição de fortuna que o Barão achava de menos unicamente para seu consentimento, perdeu o sentido ante a ideia de tal supposição. Os remorsos da mãe mal inspirada, se uniram á desesperação continua da esposa culpavel. Aquella duplicada tortura, lhe foi insupportavel. Pensou mais que nunca em livrar-se della pelo suicidio. Este era o unico meio de não ser testemunha de um enlace quasi sacrilego, cujo unico pensamento a indignava, porem que não sabia como impedi-lo chegado o momento definitivo, depois de haver-lhe pedido ella mesma; o unico meio, em todo o caso, de cartigar-se pela participação tão pouco acertada que havia tomado no assumpto com uma intenção mui contraria.

A ideia de sua filha a houvera delido sem embargo na realisação d'aquelle funesto projecto, porem cartas anonimas, que lhe foram dirigidas por Tiennette, relativamente a Dabiron, vieram accrescentar ainda o medo do escandalo a todas as suas angustias habituaes. Este escandalo se chegava a propagar-se, não deixaria de re-cahir sobre sua filha, a morte lhe pareceu pois indispensavel para acabar tudo.

Tendo tomado assim a sua resolução, com a aparência de um sacrificio maternal, nada pôde suspender seu cumprimento. Uma tarde, quando se achou só no seu quarto, por sobre uma mesa a elegante caixa de charutos que os abocemos, que havia dado em outro tempo a seu marido, e que depois de haver passado das mãos deste ás de Lalake, e das de Lalake ás de Davitor, lhe havia sido emfim devolvida por este ultimo.

Ajoltou em seguida, pediu a Deus por sua filha, e perdeu por suas tallas passadas, e pelo acto que ia a commetter contra a sua lei: depois de lavar-se, e tirando da caixa um frascoinho cheio de acido prussico de que se tinha provido, havia muito tempo e que havia guardado alli, por um desses refinamentos de crueldade contra si mesmo que se escalgam por dizê-lo assim á analiza, lançou algumas gotas em um copo d'agua, bella valerosamente aquella fatal bebida, deitou-se sobre o travessão e dormiu immediatamente com um sómo que devia ser eterno.

Qual não seria pois a sua surpresa, quando ao abrir os olhos, no segundo dia depois d'aquelle suicidio de que naquelle momento não se recordava, se viu em um aposento que não reconheceu por seu, e no qual sem embargo delleguiu a cada lado da cama sobre que a haviam collocado, a seus dois fiéis criados, Rosista e Le-khe!

Um homem de elevada estatura, todo ver-

sado de peito, de grave aspecto, com a physionomia trizagolla e abjecta, se concertava de pé de-liz da toalha-lhe o pulso e exigia de oza a vista com aborrida os progressos lanhos, porcia sua intercepção, de seu regresso á vida.

— Ou bevesse, meu Deus! — exclamou ella estrepitosa.

— Em esta de um amigo, — respondia o habitante da casa solitaria dos o-lhos de Mont-martré, porque não era outro que Missou.

— Um amigo? repelia ella procurado em vós reconhe-lo, — mas en nunca vos vi, cavalheiro... Quem sois, pois, e como eston en em vosses casa?

— Alguns palavras, sehora, bastaria para o comprehendêr. Ha alguns annos, na vespera em que eu devia entrar no sacerdotado para ir na missão para as parvozes que não gusam vida dos benedictos da fé, cabi subitamente enfermo e me vi precisado, en, pobre diabo, a entrar no hospital de Lion. Um velho vestido meo de curar grangeou-me affecio e ajuda gratuita. Era o pai de vesso marido sehora. Passou de misterio, tinha o titulo de príncipe de Albert-Kl, antes que o diastero lhe impuzesse o do Barão d'Appelberr. Descruzado a Catharina II, por causa da sua intervenção a favor da primeira mulher do conde de Zassou, Louiza de Larabitz, mái do cavalheiro de Linaberg, e sua parenta, Esportaram-no na fortaleza de Cronstadt. Um

chimico mui habil se achava ali prisioneiro ao mesmo tempo. Este sabio havia descoberto um poderoso narcotico. O principe usou delle, passou por morto e pelos cuidados de sua mulher foi conduzido fóra d'aquella fortaleza para ser encerrado no seu castello. Voltou nelle á vida no fim de dois dias, abandonou secretamente a Russia, e foi estabelecer-se em Francfort, onde fundou uma importante casa de commercio de sociedade com Duplessis, vosso pai. Mas ao morrer, fez-me jurar que velaria por seu filho, vosso marido, por vós, por sua filha, e por toda a sua familia, idelusivamente Carlos Aroude, unico descendente do cavalleiro de Limburgo, que havia educado, e cuja fortuna administrava. Aceitei esta missão, que me pareceu ser digna de toda a actividade de um homem de bem. E então para facilitar-me seu cumprimento; me entregou os immensos valores que possuia em diamantes, debaixo da estranha forma, porém tanto mais segura, de contas de roزاریo. Accrescentou algumas instrucções verbaes a certas notas escriptas e tambem o que lhe restava do narcotico em questão, de que o conde de Zanau se havia servido para fazer dormir sua mulher legitima, Luiza de Landswig encerrada como morta no castello de Hildeburgo-Haussen, com o fim de poder effectuar aquelle segundo casamento, que devia facilitar mais tarde sua elevação legitima então, ao throno do Wardemburgo, com este mesmo nar-

cotico, senhora, substitui em vosso frasco o acido prussico de que o havieis encluido.

— Mas, cavalheiro, — redarguiu a Baroneza, cada vez mais admirada, — como podeis conhecer um projecto que eu não havia confiado a ninguem?

— Nada mais natural, senhora; e sem embargo nada mais maravilhoso. Mas nada ha tão admiravel como a natureza! Não tendes ouvido fallar d'esse dom de doble vista de que gosam certas pessoas no estado de somno magnetico?

— Oh! sim, cavalheiro; e eu mesmo me tenho prestado muitas vezes a sciencias deste genero, e possuo esse dom em um grau elevado, segundo dizem.

— Pois bem, senhora, eu encontrei a mesma faculdade em um joven que tirei da miseria, e cujos máos pensamentos procuro reformar. Por elle sou sabedor ha muitos annos, de tudo o que interessa á minha missão. Assim é por exemplo como no que diz respeito a Appencherr, vosso marido, tenho sabido e podido reparar a tempo o máo estado dos seus negocios. — Assim é como em quanto a Aroade, herdeiro do throno de Wardemburgo, tenho podido separar todo o perigo de sua pessoa, preservando-o da ambição natural que a revelação de sua nobre origem houvera talvez despertado em sua alma. — Assim é como continuarei velando por elle, ainda que haja permittido por um instante enthronizar-se um

falso preteendente, sem que na apparencia tenha feito nenhuma reclamação, conhecendo as intrigas subalternas que possam surdir-se para o depôr — Assim é como no que diz respeito a Dabiron, senhora, o indigno martyrio que vos fazia soffrer, para obter o vosso consentimento em um enlace cuja primeira ideia, certamente, era mui digna da malvada que a havia inventado para vingar-se de vós.

— De mim?

— Sim, senhora, de vós, cujos excellentes conselhos chegaram a separar della a um jovem, Carlos d'Arande, a quem teria perdido talvez e a quem salvasteis como mãe. — Enfim, em quanto a vós pessoalmente, senhora, assim é como tenho podido compartilhar as vossas dores, conhecer a vossa fatal resolução e neutralizar seu effeito.

— Ah! Cavalheiro!

— Nada me tem sido mais facil, graças ao sacrificio destes fiéis criados que vós des ao vosso lado e cujo leal e util auxilio tenho seguro ha muito tempo. Hontem, senhora, foi o meio legal a fazer consolar authenticamente a vossa morte, e ficasteis sob sua custodia durante todo o dia. Deveriam abster-se de annunciar á vossa joven filha a espantosa desgraça de que se via rodeada mas o senhor Barão não era homem capaz de soffrer por muito tempo a emoção da vossa presença. Pela tarde o dependente da provisão de alhudes, cuja coo-peração eu havia obtido, fo-

chava o caixão vazio destinado para vós, e cujo peso haviam tido o cuidado de substituir. Em quanto a vós, senhora, aquella noite mesma vos levamos secretamente, pela passagem escura que conduz desde o pavilhão que possuis ao extremo do jardim até á portinha que dá para os terrenos desertos chamados de Boule-Rouge, collocámos-vos em uma carruagem, que Lafolié conduzia, e vos trouxemos para esta casa que é a minha e que será a vossa esperando outra cousa melhor. Enfim, senhora, segundo todas as minhas previsões acabais de despertar sã e salva do lethargo profundo que procura o narcotico de que fallei e que se parece perfeitamente á morte. Deos seja louvado pelo exito da nossa tentativa!

— Não, não, cavalheiro, não posso crer nesse milagroso somno e tudo isto me parece ainda uma visão.

— Nada ha, todavia, tão certo, senhora. Demais, desejais confirmar a realidade disto, no mesmo instante e por vossos proprios olhos? A casualidade vem em nosso auxilio. Levantai-vos sobre a vossa cama e vè-de por esta janella o cemiterio de Montmartre, pois a casa em que estais domina quasi toda a altura das colinas.

A morta-viva não pôde resistir á curiosidade que lhe inspirou o convite de seu hospede levantou-se e dirigiu sua avida vista ao espazo. Então diviseu pelas ruas funebres dos ciprestes

a multidão que seguia o carro em que cada um a cria morta; viu baixar o feretro á covã; assistiu, em uma palavra, como Carlos 5.º a seus próprios funeraes; enfim quando o ruido da primeira pá de terra resou sobre o caixão vazio e veio ferir de longe seus ouvidos horrorizados, deu um grito, deitou-se de costas, caindo sobre sua cama e esteve a ponto de desmaiar de novo.

Tudo estava feito; Masson conseguia seu fim. Aquelle cortejo funebre, aquella lugubre cerimonia, aquelle ruido muito mais sinistro ainda, em uma palavra, todo aquelle terrivel espectáculo acabava de curar a Baroneza de todo o novo pensamento do suicidio. Pela morte mesma a havia conduzido seu salvador á vida.

— Ai! cavalheiro, — exclamou ella, quando se calou de todo aquella ultima emoção, — não sei se devo queixar-me ou felicitar-me pelo vosso auxilio.

— Não vos admireis, senhora. O vosso regresso á vida não é uma simples resurreição; é um segundo nascimento, por melhor dizer. Acabam de enterrar em vosso logar, debaixo de seis pés de terra, as dolorosas paixões que tem atormentado a vossa primeira existencia. Aquella vida se vos tornava impossivel, creou-se-vos outra; eis-abi tudo. Morresteis para o amor criminoso, para as angustias e para a desesperação. Renaceis para a esperanza, para a virtude,

para a paz da alma, para os gosos puros e para a verdadeira felicidade.

Masson dizia a verdade. A baroneza, a quem uma paixão insensata arrastara ao suicidio a antevespera, se admirava ella mesma de não recordar-se já de Dabiron senão como de um demónio a quem houvesse visto em sonhos. Creou-se uma nova existencia. Graças ás sommas consideraveis que Masson pôde tirar para ella do verdadeiro thesouro que o velho do hospital de Leon lhe havia confiado ao morrer para que dispuzesse d'elle em bem de sua familia, fez ella construir em Chaillot um magnifico palacio, onde fixou sua residencia sob o nome ligeiramente symbolico da senhora viuva Mortival.

Quando não viajava, sempre vestia de preto, como para levar seu proprio luto, passava sua nova vida em resar, meditar, ler, fazer o maior bem possivel, prestar a Masson a util ajuda de sua sorprendente lucidez magnetica, secundar as louvaveis acções d'aquelle amigo de tanta probidade, e sobre tudo em velar por sua filha, ás vezes por seus proprios olhos; mas sempre pelos de Rosina e Lafolié a quem havia collocado ao seu lado, como os representantes de sua ternura maternal, unico sentimento que havia conservado de sua passada vida.

A Baroneza, a dama negra, a tapada, como quizerem, houvera pois sido muito feliz, sem a inquietação que lhe causava o vergonhoso pro-

jecto de que Dabiron e seu marido se occupavam de novo e ao que naquelle momento mesmo acabava o phantasmagorico obstaculo de sua vontade.

— Desgraçados! exclamou quando se de-
teve diante delles; — eu vos prohibo o continuar esse abominavel projecto! Se se atrevem a não attender esta advertencia da tumba, sejam malditos neste mundo e no outro.

E dito isto com voz imperativa, marchou a passo lento, como havia vindo, fez o ultimo gesto de amiaça aos dois personagens e desapareceu pela parte opposta á que havia dado entrada.

Apenas sahiu desapareceram estes pelas outras portas, quasi loucos de terror. Como não crer no facto de que a Baroneza havia saído da sepultura, quando elles haviam visto os co-veiros depositar nella seu athaude, já havia tanto tempo?

Separaram-se sem dirigir-se uma só palavra.

— Oh! — exclamava Dabiron saindo da casa, — isto é evidentemente um aviso do inferno! Consinto que a casa me esmague se torno jamais a pôr os pés nella, quando tenha retirado o meu dinheiro, já se sabe.

Oh! — exclamava por sua parte o barão arrojando-se estonteado em uma cadeira do gabinete. — Que vai a ser de mim! Que porvir, meu Deus! ... Desherdado! arruinado! Deshonrado! amaldiçoado! ...

— E sobre tudo incorregivel, — exclamou Masson apresentando-se á porta do gabinete com uma enorme carteira debaixo do braço. Olá, senhor Barão, duvidareis sempre da minha exactidão!



CAPITULO V.

INFERNO E CEC.

Lembrado-se estará que Duplessis não se achava na sala quando o presidente do tribunal dos jurados deu a ordem de o prender immediatamente por testemunho falso no assumpto relativo ao duelo de Aronde.

O velho com effeito havia-se aproveitado da agitação causada pela leitura da carta de Brionde, para desaparecer sem ser visto, presintindo com razão o inevitavel resultado que ia a ter aquella carta, não contra si mesmo, estava longe de assim o pensar, senão em favor do homem a quem havia perseguido tão encarniçadamente com a miseria, com a deshonra, com a mentira e a calumnia, e cuja innocencia ia provavelmente a sair d'ali completamente rehabilitada.

Duplessis fugiu do palacio da justiça com o coração cheio de furor. Foi apressadamente ao seu domicilio, tomou d'ali alguns milhões que tinha em bilhetes do Banco, accções ao portador,

bonds do Thesouro e recibos; fez um rolo com todos aquelles preciosos papeis, saiu e dirigiu seus passos para o Sena, com intenção bem decidida de efectuar sua ameaça, desherdando seu sobrinho, seu genro e sua neta em favor do rio.

Passeou muito tempo pe'a margem, com seu opulento pacote debaixo do braço, triste e silencioso, o chapéo cahido sobre as sobranceiras, exhalando seu furor, dando bengaladas no ar, ou vingando-se nas pedras das ruas de todo o mal que não podia fazer aos homeus.

Eram as quatro e meia. Duplessis esperava que chegasse a noite, não querendo afogar os seus milhões á vista dos que passavam, que teriam tido um grande prazer em salvar-lhe a vida. Qualquer se arroja com gosto á agua para tirar um homem que pelo regular dá os agradecimentos com injurias ou bordoadas, não deixando mais remuneração que a satisfação da consciencia, um elogio nos periodicos, a estima de seus concidadãos e o premio que em algumas partes se concede.

Com muita mais razão se arrojariam por tirar enormes riquezas, se quer fosse gratis, sem recompensa e ainda sem approvação de ninguem. Emfim, por cinco horas quando já havia bastante escuridão para poder commetter aquelle assassinato de milhões, o assassino se aproximou á margem do rio, metten o pacote no lenço accresceu-

tando uma grande pedra e atou tudo perfeitamente.

— Eis-aqui, — exclamou desdenhosamente contemplando o pesado thesouro que tinha na mão, eis-aqui esta fortuna que me ha custado tantos trabalhos, cuidados e inquietações!.. Que estúpido eu era! Valia acaso a pena?.. Que prova a fortuna?.. Agora o vejo é uma vã palavra como tudo o demais!.. Dizem que o Bezerra de Ouro é o unico Deus deste mundo! Mentira!.. Para que me tem servido esse pretendido deos, cujo culto nunca teve mais fervoroso adorador que eu? Para que? Para nada!.. Nem ainda para castigar o odioso menino cujo nascimento deshonrou o meu nome... nem ainda para perder um miseravel adulterino, cuja ruina sem embargo, havia chegado a completar... nem ainda para defender-me d'esses indignos seres que me perseguem por toda a parte ha quinze dias! Não, para nada, nada, nada!.. pereça pois, esta impotente devindade!.. que o fundo deste rio lhe sirva de sepultura!..

Poderia aprazar sem duvida alguma estas legitimas represalias; mas quem sabe?.. Na minha idade, e no estado de exasperação em que me tem posto tão crueis dissabores, uma enfermidade subita, um ataque de sangue, um accidente qualquer, mil circumstancias podem acometter-me de repente e legar assim a meu pezar, aos traidores parentes que me tem abandonado,

quanto possua á hora da minha morte. Não quero!.. não quero!.. Os perfidos se ririam de mim!.. Quero, pelo contrario, que me chorem ainda que não seja mais que de sentimento!.. Destruamos, pois, sem demora estas riquezas adquiridas tão laboriosamente!... Que as destrua pouco a pouco este rio, que as dissolva em imperceptiveis moleculas e as disperse no espaço para sempre! O unico prazer verdadeiro que lhes terei devido, será justamente o de have-las podido reduzir a nada.

O destruidor de milhões enganava-se na questão de aniquillamento. Aquelles valores representativos fãam a perder-se para seus herdeiros directos, é verdade, mas não para todo o mundo, e os possuidores do enorme capital que representavam ganhariam naturalmente com o afogamento. Quando Taleirand enrolava um bilhete do Banco, o acendia por um extremo, e se servia d'elle para buscar uma moeda de ouro que lhe havia cahido debaixo da mesa do jogo, fazia ao banco um presente de mil francos. Sua eminencia faria melhor servir-se de uma vela, e dar o bilhete aos pobres. Isto teria sido menos faustoso, mas mais episcopal.

Tão imprudente como o bispo de Autun, Duplessis brandia já o rico pacote, dispondose a instituir os peixos seus legatarios universaes, quando lhe occorreu um pensamento repentino,

que o fez felizmente desistir d'aquella disposição testamentaria.

— Sem embargo, — dizia elle, — em um mundo onde tudo se vende, onde tudo se compra, ainda a fama, a consideração, a gloria; onde a consideração se introduz em todas as partes desde a porta até á agua-furtada da griseta, passando pelo gabinete do homem de negocios e a alcova da grande senhora; onde enfim, a venalidade tem em todas as partes tenda de velhacaria, de calunnia, de impostura, de zelo e de fraqueza; é impossivel que nesse bazaar universal não se possa tambem com prata, ouro, sedas qualquer cousa comprar um pouco de vingança atroz. A unica difficuldade está em dirigir a bom logar... achar o posto melhor surtido de perversidades... encontrar seu homem, sua mulher sobre tudo! Ah! eu a tinha achado, eu! Aquella era o instrumento que me fazia falta! Tudo me saiu bem em quanto ella me coadjuvou; tudo me tem faltado desde que ella não me ajuda!... Por que me abandonou? Eis-aqui a questão! Não lhe terei dado certamente o preço conveniente a seus serviços. Não é talvez o mesmo o vicio que a virtude; de toda a qualidade e de todo o preço o ha. O famoso « Tanto me direis vós! » de Maria Antonieta, se applica provavelmente a um como a outra.

Entre a negativa e a accitação, ha sempre uma differença infinita, que é necessario saber

alcançar. E' o simples grão que faz inclinar o pratinho das balanças. E' o incorruptivel a noventa e nove que se vende por cem. E' o insensivel a um rubi, que se surri de prazer ao ver um diamante !.... Se eu a tornasse a ver a essa odiosa creatura! Quem sabe !.. Se lhe dissesse : Toma ! toma mais ! toma sempre ! « talvez seria isto bastante. Sim, é isto. Ensaieemos ainda. E por outra parte, no peor caso, se recusa tudo, sempre estará aqui o rio !

Esta nova esperança deu algumas forças ao velho. Metteu o pacote debaixo do braço, sem lembrar-se de o alliviar da pedra a que o havia ligado, subiu vigorosamente a margem e se dirigiu em seguida a casa de Tiennette.

Havia um quarto de hora apenas que Tiennette havia entrado em sua casa, depois de haver deixado a deputação Wardemburgueza á porta da casa de Aronde. Á seus ouvidos soavam ainda as palavras tão breves mas tão desdenhosas, que o homem que ella amava, lhe havia dito por despedida, á porta mesmo da sua agua-furtada.

Extenuada fisicamente pelas vigalias, agitações da lucta e das fadigas de uma larga viagem, emprehendida unicamente por elle ; extenuada moralmente pelos desenganos de um louco amor, pelo invensível desdem de Aronde, pelos tormentos de uns ciumes insensatos, pela vergonha do máo exito e pela convicção já adquirida da sua impotencia, se havia lançado sobre um sofá, sem ter tomado o trabalho de despir-se. A sua physionomia estava al-

terada, seu nariz alargado de furor, franzida a testa, seus olhos raiados de sangue, seus dentes apertados, e seus labios cubertos de uma espuma verde.

Guardou silencio um instante; o olhar fixo, anhelante, lívido, horrivel, espantoso em uma palavra.

Tiennette se achava naquella mesmo gabinete, onde na vespera pela tarde, a igual hora, Cabeça de Pipa, sua desleal emissaria, se havia feito matar pela bateria vingadora do armario de ferro. A primeira porta d'aquelle movel havia ficado entre aberta, e notavam-se todavia sobre o tapete os signaes de sangue que deixára a ladra. A esponja obstinada de Glacé, sua companheira de mesa, não havia podido apaga-las completamente.

— Imbecil! — exclamou com riso Tiennette, depois de haver tomado alento; — imbecil! que vá deixar-se matar por si eis pistolas!.. mais honradas que ella ao que parece! E para que? para roubar-me alguns rolos de papel! De que lhe serviriam?.. Eis-me eu mesma muito adiantada com essa multidão de papéis. Tenho passado quinze annos de minha para reuni-los; quinze annos perdidos!.. Ha nelles milhões de mysterios, de intrigas, de baixezas, de perfidias, de adulterios, de miserias humanas de todo o genero!... Ha para fazer dertamar torrentes de lagrimas, para fazer correr rios de sangue!.. Ha para arruinar mil familias, para desesperar mil mulheres, para deshonrar mil homens, para espantar a toda a ge-

ração presente! Ai... Que não ha nelles funesto? Mas se se encontra nelles a desgraça dos demais, não está a minha felicidade, não!..

Tiennette deteve-se aqui porque a sua lingua secca pela febre não podia já articular. Estendeu a mão a um lado e puxou do cordão da campainha.

Glaé, a amiga da defuncta, appareceu com a cara livida, e com uns passos que fazia suspeitar que não estava de todo em jejum de muscatel.

— Agua! --- lhe disse Tiennette com voz rouca. --- Um copo d'agua, depressa, depressa!

— Agua?... respondeu a governanta com uma careta de desdem, --- a agua cria rans. Parece-me que um copito... de muscatel, por exemplo... seria muito melhor.

— Agua, já disse, agua e depressa!

A criada obedeceu e entrou immediatamente com um copo sobre uma bandeja, que apresentou a sua ama com mão vacillante e voltando a cabeça com um desgosto mal dissimulado.

Tiennette o tomou avidamente, mas apenas aproximou aos labios o liquido, quando os retirou ella mesma com uma especie de horror.

— Leva-o! --- lhe disse repellindo o copo.

— Eu não o dizia á senhora, a agua não sustenta, --- redarguiu Glaé. --- Não é assim o muscatel verdadeiro amigo do homem, e quem diz o homem diz a mulher, isso é sabido, por que vê a senhora...

Glaé ía a principiar o elogio do moscatel com um calor que teria provado quanto estava cheia de seu assumpto.

— Silencio, borracha, e deixa-me, --- interrompeu Tiennette com impaciencia.

— Diabo! --- murmurou Glaé ao sair, --- a cidadoa não está bõa hoje por vida minha. Sem duvida é o acontecimento de Cabeça de Pipa o que a tem tão alterada. Ah! e com razão! É um tapete tão lindo!

— A minha felicidade!.. continuou Tiennette quando esteve só; --- a minha felicidade!.. Oh! não direi que consistiria ainda em ser amada por elle: Não, isso seria demasiado! Ha muito tempo que devo ter renunciado tal esperanza! Ai! — accrescentou, estremecendo-se um pouco, e os olhos humidos com algumas lagrimas, — ai! eu não sou exigente! A minha felicidade hoje, seria simplesmente que me permittisse vê-lo, ainda que me olhasse com colera!.. Seria, que permittisse ouvi-lo, ainda que não me dissesse mais que injurias!.. Seria que me permittisse estar a seu lado de joelhos, prostrada por terra, ainda que me esmagasse brutalmente com seus pés!.. Mas Deus meu, contentar-me-hia que me tomasse por criada!.. Sim, mas com a condição, — accrescentou mudando sua physionomia feroz, — de que a outra não estivesse ali!.. Só pediria isto!.. Pois bem! não; inspiro-lhe horror!.. Não me que- reria nem ainda para limpar-lhe os pés!.. Arro-

ja-me vergonhosamente da sua presença !.. E quando me arroja assim?... Quando venho offerecer-lhe um throno ! Ingrato, ingrato ! que egoistas são os homens !... Eis-ahi um por quem removo céu e terra, por quem ando seiscentas leguas, por quem exponho cem vezes a minha vida, por quem recuso thesouros titulos, honras para rehabilitar dez mulheres perdidas ; e depois ! não ; quando quero dar-lhe um palacio recusa, e prefere uma miseravel agua-furtada com tanto que viva com ella !..

— Ella !.. — repeliu Tiennette mettendo as unhas de suas mãos que se contrahiam a esta palavra, no estofo de seda do sofá, que se divertia em rasgar como para compensar-se do mal que não podia fazer á sua feliz rival.

— Ella !.. Oh ! eu matarei essa mulher !.. Não tenho nesse armario de ferro mais que estupidos papeis por armas !.. Tenho as mais afiadas que matam o corpo como as outras matam a alma !.. Matarei essa mulher !.. e a elle tambem !.. e eu mesma me matarei !..

— Senhora, — interrompeu entrando a criada com a cara afogueada, que por excesso de adorno, a natureza havia adornado com duas especies de bigodes. --- Um senhor deseja fallar-vos.

— Que não estou ! --- respondeu bruscamente Tiennette.

--- Mas, senhora, acrescentou Glacé balan-

ceando com o corpo, diz que é para uma cousa muito importante que pode fazer a vossa felicidade.

— A minha felicidade! --- repetiu Tiennette com um sorriso amargo. --- E como se chama esse vendedor de felicidade.

— Esperai pois... é o velho, sabeis qual? o velho dos velhos, aquelle que, com a... com a defunta, puzemos o nome do Matuzalem.

— Duplessis?

— Justamente! o velho bulhento,

— Oh! que entre, que entre! --- exclamou Tiennette levantando-se com uma alegria sinistra.

A governanta saíu immediatamente com um passo que testemunhava que o entreacto o havia passado consolando-se com moscatel.

— Necessitava atormentar a alguem, --- continuou Tiennette, --- e Duplessis atrever-se a apresentar-se neste momento em minha casa? ...

Duplessis! ... O pai de Getrudes! o pai da Baroneza! o pai da minha defunta! o pai da mulher cujos conselhos me arrebataram a minha amante! o pai d'aquella a quem devo todos os meus pezares! ... Certamente o envia o inferno! Vou a tomar sobre o pai uma cruel vingança da filha! E avizemos immediatamente a quem convem, --- acrescentou escrevendo apressadamente algumas palavras e uns signaes.

— Entrai, cavalheiro, entrai, --- disse a ami-

ga de Cabeça de Pipa, que havia ido buscar Duplessis á ante sala.

— Onde está Florina? — perguntou Tiennette a Glaé.

— Está na casa dos porteiros que lhe fazem contar a sua viagem á Allemanha.

— Que teve isto ao mais proximo, ao do arrabalde de Montmartre, e que não entre ninguém.

— Sim senhora.. Pobre Cabeça de Pipa! — accrescentou Glaé ao retirar-se, depois de haver dirigido, com os olhos cada vez mais pequenos, um novo olhar de compaixão sobre as manchas roxas do tapete. — Que bõa era!.... Vamos a concluir em sua memoria o mosto que ella me deixou por herança. Necessito isto para consolar-me deveras.

Duplessis se apresentou então, com a sua bengala debaixo do braço, e seu pezado e precioso pacote debaixo do outro.

— A minha presença vos admirará sem duvida, seuhora, depois da scena... algum tanto viva que tivemos aqui mesmo, — disse o velho com tanta calma e politica como podia affectar na disposição de animo em que o deixamos.

Bom é dizer que a prisão de Cyclope e do Balanceiro o havia livrado ao menos da comitiva de escarnecedores que o abandonava por vez primeira depois de quinze dias

— Algum tanto viva com effeito, — respondeu ironicamente Tiennette.

— Crêde que o sinto, senhora.

— Quero crê-lo, cavalheiro, e vindes desculpar-vos ao mesmo tempo que a despedir-vos, se heide julgar pelos vossos preparativos de viagem?

— Não, senhora, não março.

— Nesse caso, cavalheiro, vindes sem duvida a pedir-me hospitalidade? Sejais bem vindo! Se a vossa presença me admira, não me encanta menos.

— Senhora, deixai, eu vo-lo rogo, os cumprimentos de zombaria! A ironia não é das circumstancias. Não abuseis da vossa victoria; sê-de generosa, eu confesso-me derrotado. O vosso protegido está absolvido, vós triumphais; que mais quereis?

— Bem sei, cavalheiro. Contaram-me tudo no palacio da justiça á minha chegada da Allemanha. Sim, senhor, o meu protegido ficou absolvido, e vós, cavalheiro, estais accusado a vosso turno.

— Como, senhora?

— Deos meu, sim, por testemunho falso; e o banco dos réos espera-vos em seu logar.

— Será possível! — exclamou o velho estupefacto. — E que! o vosso triumpho chegaria ate esse ponto?... Serei accusado, condemnado e preso?... Ver-me-hei na impossibilidade

de proseguir minha vingança? Oh! não, não, isso não pode ser!... Escutai, senhora, não vim aqui para humilhar-me unicamente ante a vossa superior habilidade; vim para implora-la, para assegurar-vos de antemão a recompensa que queirais assignalar. Supplico-o a vós, cuja omnipotencia pode prodnzir extraordinarios prodigios; guiai-me, aconselhai-me, inspirai-me! Não sei que interesse vos ha guiado a separar-vos de mim neste negocio; mas qualquer que seja o preço com que o meu adversario tenha podido remunerar os vossos serviços, esse preço, estai segura, é miseravel em comparação do que posso offerecer-vos.

— Ah! cavalheiro, tratais de sobornar-me!...

— Não façais escarner, senhora; a palavra soborno deixa de poder applicar-se a semelhantes cifras.

— Comprehendo: isto chama-se então transacção.

— Senhora, — contiuiuou o velho cada vez mais exaltado; bem vê-des isto.

— O que? Esse lenço tão cuidadosamente atado? Esse embrulho de alfaiate atestado de obra?

— Sim, este embrulho de tão modesta apparencia, — accrescentou Dupplessis, arrojando-o ante ella sobre o chão, que soou como uma bala de canhão.

— Bom Deos! que é isso? — exclamou Tiennette retrocedendo com mais admiração que espanto. — Tereis intensão de bombardear-me?

— Que é isto, senhora? É uma fortuna immensa, uma fortuna ao portador, uma fortuna que envejaria mais de um rei para seu bolsinho particular.

— Não sei de que metal se compoem, — respondeu Tiennette sorrindo-se com desdem, — porem parece-me mui ruidoso, e deve ser difficil de occultar, tão portatil como vós dizieis.

— Pois bem, senhora! — continuou Duplessis entregado á sua ideia fixa, e sem attender aos sarcasmos de sua interlocutora; — pois bem! Que me prendam, que me condemnem, que me mettam no Carcere pouco me importa! porem vingai-me vós primeiro e tudo isto é vosso!

— Deveras? Em bõa hora! Eis aqui ao menos um homem que sabe animar os talentos nascentes! Debaixo de palavra de honra, este bom senhor interessa-me e quero fazer alguma cousa por elle. E desde já, — accrescentou ella dirigindo-se para o seu armario de ferro, que abriu, — tenho aqui certos papeis...

— Sempre papeis?

— Sempre papeis, — respondeu ella collocando uma serpentina com duas velas sobre a estante do armario. --- Possuo um sobre tudo, cuja vista vos surpreenderá agradavelmente! ...

Depois, tendo-se assentado diante do movel,

tomou um pequeno punhal com a bainha adornada de brilhantes e com folha ricamente lavrada, que se achava sobre a primeira estante. Tirou-o de sua bainha, examinou-o e ensaiou a ponta com um sorriso estranho.

— Eis-aqui um desenlace que vale tanto como qualquer outro nesta occasião, — disse ella, — serviam-se muito d'elle na tragedia antiga; não sei o motivo por que não faz outro tanto no drama moderno. Talvez chegue a restaurar-se a tradição, — accrescentou mettendo o punhal no seu lugar.

— Em seguida tirou do armario com uma especie de precipitação desdenhosa, pacotes de cartas que poz misturadas na meza, dando-lhes murros como para indica-las.

— Esta, — redarguiu fazendo este espalhafato, — esta ao menos tem-me servido para alguma cousa!... Não é como vós outras, — continuou apostrofando-as, como se experimentasse um amargo prazer em injuriar simples papeis, porem com o objecto tambem de prolongar todo o possivel a entrevista, a fim de dar á sua missiva o tempo de produzir todo o seu effeito; — não é como vós-outros estupidos authografos; insipidos borradores! imbecis manuscriptos! conjuncto de geroglificos e de inepeias, que deveis haver-me dado a felicidade, e só me haveis proporcionado a fortuna e o poder! Cuidado minhas, queridas reliquias; acabarei por

arrojar-vos ao cesto do trapeiro nocturno! é isto o que mevecem miseraveis papeluchos, quando não servem para nada! Mas esta é diferente!... Onde diabo está?... Aqui?... Não; é uma carta de uma mulher culpavel ao seu amante... E esta?... Tão pouco... E esta?... Sempre o mesmo!... É monótono não é verdade?... Mas que quereis! Todas escrevem neste estylo; essas mulheres honradas, essas virtuosas Estrellas!... Quando digo todas, talvez exagero um pouco. Ha excepções, Não é verdade, cavalheiro?... A vossa defunta, por exemplo.

— Senhora! — interrompeu o velho que havia estremecido a este sarcasmo.

— Como!... também vos terá enganado aquella bõa senhora? Oh! então retrato-me: não ha excepção.

— Por favor, senhora, — redarguiu Duplessis com os olhos inflamados de colera, — não brinqueis assim com o que me atormenta, dignai-vos não pensar senão em vinga-lo.

— D'isso me occupo. Ah! Eis-aqui finalmente esse precioso papel. Tomai-o, cavalheiro.

— Que significa similhante papel? — perguntou o velho recebendo o papel, sem saber se Tiennette fallava com formalidade ou se zombava ainda d'elle.

— Não o desprezeis assim, — respondeu ella. — Formava parte da interessante collecção que enviei a um dos meus bons amigos, Mr. Montreuil,

ha alguns mezes, e que teve a imprudencia de vo-la remetter. Outra carta de Mad. Duplessis á ama do menino!

— Ah!.. disse o velho estremecendo de novo a cada uma destas palavras. E porque não remettesteis vós, senhora, esta ao mesmo tempo que as outras?

— Oh! por descuido sem duvida. E depois a communicação houvera carecido de encantos. Porem sempre é tempo de reparar uma ommissão. Lê-de, cavalheiro, lê-de.

Duplessis leu então o que se segue:

« *Francfort* 21 de Outubro de 1821.

« Bôa ama:

« Armai-vos de valor. Uma espantosa desgraça nos persegue a todos. O principe de Limburgo acaba de morrer assassinado, e a sua joven mulher, a minha querida Augusta Mildenoff; não pôde sobreviver-lho senão algumas horas.

« Os dois mortos!

« Mas ao menos salvemos o seu joven filho se ainda é tempo.

« Tão depressa como recebeis a presente, sahí de Kernell e trouxe-me a Francfort esse pobre menino, triste fructo de uma união secreta que devia quebrar-se tão fatalmente. Lafolié, que vos dará esta carta, vos conduzirá em seguida á França onde o legitimo herdeiro de um grande

« nome não usará desde agora senão o de uma sim-
 « ples villa, Conheço uma excellente mulher de
 « Aronde que o creará na ditosa ignorância da sua
 « real origem. A obscuridade é desde hoje o seu
 « unico refugio contra o punhal que o fez dupli-
 « cadamente orfão. Vinde depressa, depressa, boa
 ama !

« Vossa apaixonada.

« *Olimpia Duplessis.* »

O velho ficou perturbado depois da leitura desta carta como um homem que sae das trevas de um subterraneo para passar de repente á deslumbradora luz dos céos; e, o mesmo que este homem não vê ao principio á força de ver demasiado, Duplessis não comprehendeu de prompto á força de muito comprehender. Passava as mãos por sua fronte para calmar e desenvolver as ideias que se chocavam nella tumultuosamente.

Oh!.. — exclamou finalmente pallido e tremendo, e apoiando-se largamente sobre esta exclamação: --- oh!.. E tenho-a julgado culpada, pobre mulher!.. e insultei-a!.. e matei-a!.. Oh!.. perdão! — accrescentou caindo de joelhos ante aquella carta justificativa, como o houvera feito ante a que a havia assignado e chorando abundantemente, accrescentou: --- perdão, perdão!.. Era innocente!..

---E depois! cavalheiro, --- lhe perguntou então Tiennette, cujo rancor parecia gozar com a desesperação em que acabava de submergir o pai de sua aborrecida Gertrudes; --- que dizeis da colleccionista que pode rehabilitar assim a memoria das demais mulheres?

— Digo, — respondeu o velho levantando-se em um accesso de furor repentino; — digo que esta mulher é um monstro, um demonio, uma vibora, de que é necessario limpar o mundo por honra da humanidade!

E a estas palavras o velho, cujas forças centuplicava a colera, se precipitou sobre Tiennette, agarrou-a pelo pescoço, quasi a estrangulou e atirou com ella ao chão.

Ella por sua parte, ao primeiro movimento de seu adversario, havia agarrado o punhal que se achava a seu alcance.

Um segundo depois o velho a esmagava de baixo de seus pés, ao mesmo tempo que ella feria mortalmente ao velho.

Assim collocados os dois personagens de tal scena de violencia: o velho Duplessis com os cabellos eriçados, os olhos inflamados e tendo a Tiennette meio deitada pelo chão e ameaçando-a com um pé vingador; e Tiennette, com a vista turva, e os dentes fortemente fechados, levantando-se sobre uma mão e ameaçando ao seu inimigo com um punhal afiado que tinha na outra; — estas duas personagens, dizemos, pareciam-se n'aquel-

la actitude a um velho leão furioso que tivesse a um reptil debaixo de suas garras, entretanto que o reptil, levantando a cabeça debaixo desta mortal prisão, ameaçasse ao velho leão com sua mordedura não menos mortal.

Porem de repente invadiram os guardas municipaes o gabinete de Tiennette e puzeram naturalmente fim com sua presença aquella espantosa lucta, que ia a ser tão funesta como rapida.

Estes homens eram enviados ali pelo commissario de policia, a quem Tiennette havia dirigido algumas linhas por meio de sua criada, para denunciar-lhe a presença de Duplessis em sua casa.

Aquelle commissario era o do departamento ao qual pertencia Duplessis. Tiennette havia pensado com razão que este funcionario estaria naturalmente encarregado de executar a ordem de prisão dada contra o velho pelo presidente dos jurados. Havia-a recebido com effeito, á saída da sessão, e já havia enviado os seus agentes a casa do velho para prende-lo; mas não o haviam encontrado. No seu regresso recebeu o aviso de Tiennette, e já se comprehende com que pressa deveria aproveitar-se d'elle.

Os guardas municipaes deixaram livre a Tiennette prenderam ao seu aggregor e o fizeram tranquillizar-se; o que lhes foi facil, porque a estupfacção succedeu á furia do velho.

— Em nome da lei, --- exclamou o chefe

tirando um papel de sua algibeira, e em vista desta ordem de prisão! Segui-nos!

— Sim, senhores, sim, respondeu docilmente o velho, que, de seu acesso de passageiro furor havia cahido de repente nessa desesperação silenciosa, abatida, terna, quasi infantil, em que o havia sumido a revelação de Tiennette relativa á innocencia de Mad. Duplessis; — sim, predeei-me vós... fazeis bem... sou um miseravel!... julgava-a culpada... mas não é verdade... era innocente!... a minha pobre mulher não me havia enganado!...

— Será possível, --- interrompeu o chefe --- isso vê-se... não muito a miudo... porem vê-se... ,

— Oh! eu vo-lo juro, era innocente... Aqui tendes, senhores, lê-de esta carta: é a ultima que escreveu á ama relativa ao menino... Esta senhora, que não é muito bôa para nós outros, fez chegar ás minhas mãos as precedentes, porque pareciam accusar a minha pobre mulher, e havia guardado perversamente esta, porque explicava tudo e eu não me teria enganado... Mas em fim, eu li esta ultima carta e reconheci meu erro... Era innocente!.. Aquelle menino não era seu filho, cavalheiro; era o filho de outra... E com effeito...

— Não vos contradigo, --- interrompeu ainda o chefe, --- se ha um menino é preciso que o menino seja de alguem; porem isso são negocios de

familia, não me diz respeito, de maneira alguma, Marchemos!

— Sim, era innocente, e com tudo matei-a, senhores!

— O' lá!

— Porem matei-a porque julguei que o menino.... Oh! não é verdade que fiz mal?

— Não vos digo que não, porem parece que esse é o vosso costume para com o bello sexo. Agora acabamos de ver uma amostra!.. Assim pois bastante temos fallado! Partamos! Contareis a vossa historia á justiça.

— Sim, senhores, conduzi-me ao carcere... Eu mereço-o... peço-o... imploro-o... Quero que me guilhotinem.... O seu menino não era o seu, era innocente....

— Eia, prosigamos, --- accrescentou o chefe....

E quando o velho se afastava já com a escolta, Tiennette apercebeu o precioso pacote abandonado por elle no tapete.

— Senhores, — disse ella aos agentes da força publica repellindo com o pé aquella enorme fortuna, — isso pertence a esse homem; dignai-vos tirar isso da minha habitação. Não quero conservar d'elle mais que a agradavel recordação do serviço que fiz, ainda que um pouco tarde, ao seu amor conjugal, illustrando-o sobre a innocencia de sua cara esposa.

— Sim, certamente, --- redarguiu Duplessis'

— era innocente a minha pobre Olimpia! Q menino era....

— Está entendido, — interrompeu o chefe, — está conhecido, a creatura era de outra.

— Era o filho de um principe.

— Vamos, bom. Agora é de um principe!..
Pobre homem!

Fallando assim, o chefe levantou o pacote, e deu de novo signal de marcha.

Duplessis não disse outras palavras até ao carcere.



CAPITULO VI.

A VICTIMA DO SEU THESOURO.

— Já está na gaiola! — disse o chefe voltando com os seus homens, — não me incomoda o haver-me desembaraçado desse enfadonho velho. Isto principiava a ser pesado como um diabo.

Sem embargo Tiennette tinha-se tornado a assentar encostada ao armario de ferro, para contemplar a partida do seu inimigo, vencido uma vez.

Quando o viu desaparecer assim entre os quatro gendarmes, deu livre curso á alegria interna que lhe causava aquelle ultimo triumpho sobre a familia da defunta baroneza.

Ella a havia feito suissidar-se, havia feito morrer de pezar a mãe, e eis aqui que agora es-

tava em disposição de watar o pai de remorsos. Tinha motivo para alegrar-se. Assim deu uma risada interminavel.

Desgraçadamente para ella, nos sobresaltos que a obrigava a dar para traz aquelle accesso de epileptica alegria, não advertiu que havia tombado uma das velas sobre os papeis espalhados que cubriam a taboa do armario contra o qual se havia recostado; que aquelles papeis se haviam acendido, e que finalmente, como se a Providencia houvera querido castiga-la por onde havia peccado, haviam communicado o fogo simultaneamente a seu chaile, ao seu véu e ao seu chapéo de palha negra lavrada que tinha posto.

Quando se apercebeu do accidente éra já muito tarde para procurar-lhe remedio.

Sem occupar-se dos papeis que se queimaram até ao ultimo, quiz desembaraçar-se do seu chapéo; porem por precipitação, ou por qualquer outro motivo, não pôde desatar as fitas; de mais nesta vã tentativa, communicou tambem o fogo ás rendas das mangas de sorte que em poucos segundos teve os braços, as mãos, o peito e a cara inteiramente envoltos em chammas.

Cega, queimada, asfixiada, sem conhecimento principiou a correr como uma louca ao longo do aposento, o que activou outro tanto os progressos do incendio. Presa então de horriveis soffrimentos, lançava terriveis gritos atravez da lavareda que crescia sem cessar em redor do

si; porem aquelles gritos não foram ouvidos por ninguém.

A criada passeava naquelle momento pelo braço de um dos guardas, a fim de alliviar as saudades da sua ausencia na Allemanha. Por sua parte a governante estava dormindo, como de costume, em um aposento separado, graças ás numerosas libações que havia feito em memoria da Cabeça de Pipa.

Masson foi o primeiro que acudiu em socorro da incendiada. Saía da casa de Aronde e se dirigia á de Tiennette para tirar por qualquer preço o original da carta de despedida dirigida pela baroneza a Dabiron, que já sabia, graças as revelações magneticas de Pé-ligeiro, a havia guardado fraudulentamente esta abominavel mulher.

Porem já era inutil. Quando entrou no gabinete, onde chegou sem encontrar alma viva, por haverem ficado as portas abertas á saída de Duplessis, não distinguio a travez do espesso vapor que enchia o aposento, mais que um montão de papeis que acabavam de queimar-se no armario de ferro, e que o menor sopro dispersava no espaço o leve residuo das moveis e fugitivas faiscas,

Em quanto a Tiennette, havia caído no chão agonizante, com o stertor, offerecendo á vista, em meio do fumo, um espantoso montão de carnes calcinadas, revestidas de pedaços de fato, dos

quaes alguns ainda ardiam, e que já não apresentavam nenhuma fórma humana.

Masson aproximou-se á victima, e vendo-a desesperada, dirigiu-lhe algumas palavras religiosas, para anima-la a um acto de contricção mental naquelle instante supremo; mas ella não ouviu sem duvida, e não respondeu senão com gemidos apagados.

— Deus tenha piedade da sua alma! — exclamou com gravidade Masson; e não querendo abandoná-la em um estado tão triste, puxou o cordão da campainha.

Então appareceu Glaé resmungando e esfregando os olhos.

— Deus meu! Que fumo! que mal cheira! cheira a chamusco!.. Escuta, escuta!.. Que é aquillo que se queima ali?...

— É a vossa desgraçada senhora!

— Isto, é a senhora?.. Dai-me licença... Que ideia!.. Dizei, se é regular deixar-se chegar a este estado!..

— Tomai cuidado della, senhora; — lhe disse com auctoridade Masson; — soccorrei-a, deitai-lhe agua, ainda que não seja mais que por calmar suas atrozes dores. Vou a toda a pressa chamar um medico.

— Um medico?.. Ah! parece-me que isto é como a mostarda depois de comer, — disse Glaé, executando ao mesmo tempo a ordem aquatica do desconhecido. — Os mesmos bombeiros não po-

deriam fazer mais !.. E este pobre tapete !.. Tem sido desgraçado !.. Eusanguentado hontem, queimado ha pouco e agora inundado de agua !.. Que pena !.. o melhor que tinha a senhora... era uma prenda excellent e !

Em quanto Glaé pronunciava estas palavras que deviam ser a unica oração funebre da moribunda, Masson enviava ao porteiro em busca de um medico, e apartava-se tristemente d'aquella casa maldita.

— Justiça do céo ! — exclamou lançando o ultimo olhar de piedade.

Depois disto foi a casa de Appencherr, onde o vimos apresentar-se no gabinete do Barão, alguns instantes depois da apparição phantastica da dama negra.

— Salvei-me ! exclamou o Barão reconhecendo o personagem que chegava tanto a tempo, para tranquillizar sua imaginação, a par que a sua caixa.

— Sim, salvo ! sempre me haveis recebido com esta palavra, depois de haver duvidado de mim. Mas não vos vereis ainda defraudado em vossa esperança. Eis-aqui, cavalheiro, — acrescentou Masson dando-lhe a volumosa carteira que levava debaixo do braço a sua entrada, — eis-aqui importantes valores que cubrirão demasiado o deficit da vossa situação presente.

— Não vos fallo de gratidão, cavalheiro.

— Tendes razão : não é a mim a quem o deveis.

— Pois a quem, bom Deus !

— Já posso dizer-vos-lo : é a vosso pai.

— A meu pai ?.. É possível !.. a esse pobre velho que depois de haver liquidado sua casa de Francfort, havia desaparecido de repente, já ha bastantes annos, com immensas riquezas, sem que jamais se tenha podido saber o que lhe succedeu ?

— Ao mesmo, cavalheiro. O apego ao ouro, que havia sido o seu unico culto, concluiu por extraviar sua razão ; porém a generosidade da sua morte expiou nobremente a avareza de sua vida. Já haveis tido a prova. Bemdizei uma vez mais a sua memoria : porein devo advertir-vos que não espereis jamais delle e nem conteis desde agora senão com vosco mesmo.

As sommas que vos dou são as ultimas que me ha confiado para soccorrer a todos os membros da vossa familia. Não tirei dellas, segundo a sua intenção, mais que uma minima parte destinada a recompensar uteis serviços ; e não guardei para mim senão o que me é necessario para unir-me a meus irmãos apostolicos do Novo Mundo.

— Pois que, cavalheiro, hides esconder-vos á nossa gratidão abandonando a França ?

— Sim, senhor. A missão passageira que havia aceitado toca já seu termo. Dentro de al-

gumas horas talvez, — acrescentou Masson com uma emoção profunda, — estará cumprida. Nada me deterá já aqui. Sou sacerdote já ha alguns mezes. Poderei partir tão depressa como me tenha preparado pelo retiro, no silencio e a meditação de nossa santa casa, á nova missão cujo pensamento me ha inspirado o céo e para o qual espero que me dará valor. Porém perdão se vos deixo, senhor Barão. Dão as oito. Um doloroso dever me chama a outra parte. Ah! o dia terá sido muito cruel. Recebei pois a minha despedida, pois é a ultima vez sem duvida que nos vemos.

Surprendido o egoista Barão não pôde deixar de segui-lo com a vista.

— Que sacrificio! que abnegação, que zelo! — exclamou. — Isto é magnifico! é sublime! é grandioso! Porém é necessario haver nascido para estas cousas, e fallando com franqueza gosto mais que outros se encarregassem dellas do que não eu.

Completamente entregue a seus calculos financeiros do dia immediato, e tranquillizado um pouco contra toda a nova apparição de ultratumba pela claridade de vinte velas com que havia alumiado o seu gabinete, o barão não tardou em voltar á frivolidade de seu caracter.

Então recordou-se da chavinha que Simo-

na lhe havia enviado, em recompensa de sua sinceridade jurídica.

— Céos! — disse consigo, — não retardarei um só dia o prazer de expressar a esta querida menina o reconhecido que lhe estou por haver-me levantado minha sentença de proscricção, e de authorizar-me a voltar a seu lado, ainda que não seja, ai de mim! como sempre, mais que a titulo de amigo, de filantropo e de homem caritativo, necessito tranquillizar-me um pouco de tantas impressões penosas, por doces e agradáveis emoções. Hoje ha baile de mascaras na opera. O anno pasado estava louca por elle, de modo que diligenciarei que venha ao deste. Será na verdade bom terminar alegremente um dia tão cruel.



CAPITULO VII.

OS CAPRICHOS DE UM ENFERMO.

O Barão vestiu-se, subiu para a carruagem e de leve-se ás nove á porta de Simona ; recebeu do porteiro uma saudação não menos respeitosa, porem mais triste talvez que de costume ; subiu a escada com toda a presteza da esperança, abriu a primeira porta sem bater, graças á chave de que se havia provido : atravessou os primeiros aposentos, que estavam allumiados, porem desertos ; chegou á porta do salão, onde se ouviam vozes ; deu tres argoladas cantando um estribilho de circumstancias para annunciar-se de uma maneira engenhosa : abriu a porta, empurrou-a vivamente e executou enfim sua entrada musical com ar alegre que não tinha o merito de ser oportuno.

Ainda que cada vez soffria mais, Simona

tinha querido assistir á sessão do tribunal dos Jurados por obediencia, segundo sabemos as recommendações de seu mysterioso correspondente. A sua missão éra manter na senda da verdade o animo tão voluvel do Barão, oppondo ás más suggestões do velho Dupplessis a saudavel sresença da mulher amada.

Por desgraça segundo havia dito Pé-ligeiro a Masson em sua ultima conversação magnetica, este ultimo esforço da joven enferma se parecia á ultima lavareda da alampada que se apaga.

Simona havia entrado em sua casa, ao sair d'aquella mortal sessão, mais pallida, mais opprimida, mais debil ainda que ao ir para ella.

O calor insufrível da sala, a falta de ar, o mefítico do logar, a emoção sobre tudo d'aquelles debates em que a innocencia e a mentira haviam lutado tanto tempo com tão dolorosas peripecias, tudo havia causado a Simona uma sobreexcitação passageira, cujas consequencias não podiam deixar de ser funestas em seu estado de languidez fisica. Na sua volta se augmentou a febre, tossiu muito forte, experimentou numerosas suffocações, e perdeu muitas vezes os sentidos.

— Boulotte, — disse á sua criada em um d'esses momentos de tranquillidade, — ajuda-me um pouco a fazer alguns preparalivos.

Boulotte era uma excellente joven, que poucos mezes antes havia saído por primeira vez de

sua povoação. Simona a havia tomado ao seu serviço, porque era honrada, sincera, e affectuosa. Por sua parte, Boulotte considerava a sua ama como uma princeza, estimava-a como uma santa, e amava-a como uma irmãa.

— Que é isso de preparativos? — perguntou Boulotte com a familiaridade e deferencia que lhe era natural; — tendes acaso intensão de partir?

— Sim, Boulotte, sim, — respondeu Simona com um ar melancolico, movendo a cabeça e interrompendo-se a cada instante sem ter alento; — vou emprender uma larga viagem!...

— Uma viagem? Escuta, isto é chistoso! irei eu tambem?

— Oh! sem duvida; todo o mundo vai; podem mais tarde, tu... tu irás buscar-me. Vamos, ajuda-me, e depressa, puxa um pouco este divan... para ali... quasi ao meio da casa, para estar mais perto, do fogo.... É extraordinario o frio que tenho!....

— Porem, meu Deus! não estarieis muito mais quente na vossa cama?

— Minha cama? ... Não, não, nem mesmo na alcova; não seria conveniente para receber.... Estarei bem neste salão: é de menos etiqueta e mais alegre... Muito bem... E agora enfeita-me com flores nos cabellos. Vestime o meu vestido mais lindo ... Poem-me o

meu chaile melhor... As minhas rendas mais ricas... Quero estar bella por ultima vez?

— Ah! Bella ideia! ... no momento de por-se em marcha!

— Sim... é um capricho... Porem talvez nos venha alguma visita boa.... Por outra parte bem sabes que os enfermos tem caprichos.... É necessario perder-lhes algumas cousas.

— Em quanto a isso é verdade, — disse Boulotte. — Ninguem está doente por seu gosto.

— Muito bem. E agora que estou assentada neste divan.... perto deste bello fogo para me aquecer... Da-me... Porem psciú!... escuta!... não sentes nada?

— Não, senhora, nada.

— E' singular!... tinha-me parecido... Enganar-me-hia... Ha algum tempo creio ouvir sempre vozes afastadas que me chamam...

— Oh! Já sei o que isso é. São uma especie de zumbidos, não é verdade? A isso chamam no meu paiz gritar aos ouvidos. E' signal de que fallam de vós.

— Agora pois, dizia-te... da-me o meu cofresinho... essa pequena caixa que vês ahí.

— Esta caixinha?... Que quereis fazer com ella? Não tem nada dentro...

— Oh! eu encontrarei meio de enche-la... Da-me agora... aquellas seis cartas que estão na gavetinha d'aquelle movel... Muito bem... Já vês que estão neste cofresinho como se elle tivesse

sido feito para ellas... Estas são as minhas verdadeiras, as minhas unicas joias : olha !.. quero todas a meu lado.

— Para não olvida-las ao partir? Já comprehendo. Eu sempre olvido alguma cousa! Uma vez, no meu paiz, esqueceu-me deitar de comer aos pombos! Pobres animaes!.... Que ruido armaram!

— E agora escuta-me bem. Quando tenha partido, tomarás o dinheiro que ha nessa gaveta... é todo o que me resta... tenho-o economisado para ti., isto te collocará provisoriamente ao abrigo da necessidade... permitir-te-ha trabalhar... estabelecer-te... viver honradamente... porque, olha Boulotte... és uma excellente joven!... e não quero que depois de mim... depois de minha marcha... te vejas exposta... a desregrar-te... a portar-te mal como tantas,.. cuja falta nem sempre é sua...

— Agradecida, senhora, porem não ha perigo! Sem ir mais longe, esta manhã, eu vos conto, o aguadeiro queria abraçar-me. Ter-se-ha visto cousa igual! Ah! dei-lhe um murro n'um olho, que havia de ter que gemer bastante tempo.

— Muito bem, --- respondeu Simona, que apesar de seu estado de fraqueza, não pode deixar de sorrir-se. --- E agora... porem, psciu!... desta vez havias dê ouvir como eu...

— O que?...

— Não sei... alguma pessoa que me gri-

tava de longe; « Eu aqui estou... não vos impacientes! ...

— É o que vos espera para marchar?

— Sim... sim... esse mesmo Todavia talvez me haja enganado...

— Não cabe duvida.

— E sem embargo... elle que sabe tudo... as minhas menores acções... as minhas mais reconditas ideias... os meus mais pequenos padecimentos... bem devia saber que agora... Porque não virá... Vamos, bem o vejo... Será preciso marchar sem te-lo visto! .. Porem torno ao que te dizia, Boulotte.... Tomarás igualmente em minha guarda-roupa, de minhas roupas e de meus moveis tudo o que necessites para teres um bom enxoval e mobiliares uma bonita habitação. O de mais que sóbre, e o que seria já muito para a tua condição, incluso o que tenho neste momento vestido, o venderás e darás o dinheiro a jovens pobres sem trabalho. Deixo nessa mesma gaveta... um papel... que te auctORIZA... a fazer tudo isto ... quando eu já não esteja aqui.

— Ah! e a vós, senhora, que lhe restará, se dá tudo aos demais?

— Oh! eu... não te inquietes... já não necessito... grande cousa... dois lençoes... eis aqui tudo...

— Dois lençoes!... Ah! Deus meu! senhora, que pallida vos fazeis!... Que tendes?..

Oh! senhora, heim!.. porem respondei-me!.. que susto me causais!..

A enferma soffria uma cruel suffocação. Havia-se recostado a todo o seu cumprimento que era, com a cabeça languidamente collocada sobre as almofadas do divan, entretanto que as suas duas mãos já geladas estreitavam com força o precioso cofrezinho sobre seu peito.

— Ah! minha pobre Boulotte, — respondeu ella finalmente, quando se calinou um pouco a crise, — perguntas-me o que tenho... bem o vós... estou disposta a partir...

Estas palavras foram uma terrivel revelação para a candida rapariga que tomava tudo ao péda da letra.

— Ah! agora comprehendo tudo!.. exclamou aproximando-se a sua ama, tão pallida como ella.

— Que estúpida sou!.. Porem eu não quero, não quero que vós partais... vou buscar o medico!..

— E' inutil... Não chames esse, chama o outro... não ao do corpo, mas sim ao da alma. Este é o que preciso. Vai, vai Boulotte. Não ha tempo a perder.

A criada safu immediatamente a chamar um confessor.

— Como está a vossa ama? — perguntou o porteiro á criada, quando passou por diante do seu quarto.

— Mal, mal, vou buscar um sacerdote.

— Escusais de ir mais longe, eu vos poupo

esse trabalho, — lhe disse Masson que se apresentava então para informar-se do estado da enferma; — eu sou sacerdote, e creio um dever oferecer a vossa ama os auxilios do meu ministerio.

— Muitas graças, senhor cura; eu não posso recusar os vossos auxilios, são de muita urgencia para minha pobre ama. Em tal caso dignai-vos subir.

Masson foi pois introduzido por Boulotte para junto da enferma, que se havia conservado na mesma acclitudo, porem cujos olhos se haviam cerrado por debelidade, entretanto que recitava algumas orações.

— Eis-me aqui, minha querida filha... minha querida irmã... — disse Masson com uma emoção profunda

Simona estremeceu e abriu vivamente os olhos.

— Esta voz! — exclamou ella; — é a mesma!... a que sempre creio ouvir!... mas não pode ser... este que agora ouço, é um sacerdote.

— Quereis, minha querida irmã, — redarguiu Masson com um tom de affectuosa gravidade, — quereis confessar-vos comigo, a fim de que me seja permittido reconciliar-vos com Deos.

— Com muito gosto, meu padre, — respondeu Simona com uma voz apenas perceptivel; — com muito gosto... porque me agrada a vossa

vista... não sei porque... e me inspirais uma plena confiança porem .. eu fiz uma confissão gera... haverá perto de quinze dias... por primeira vez depois da minha infancia... e então recebi a absolvição geral... Não sei, pois, que dizer agora... Oh! sim!.. tenho de que accusar-me, meu padre... de um amor insensato... por um homem que não conheço, que jamais hei visto, a quem, ai! jámais verei. Este amor deve ser um grande peccado, meu padre, porque eu conheço, iguala em meu coração, ao mesmo amor de Deus.

— Não o iguala, irmã minha, porque é um só e mesmo amor. Dizeis que não conheceis ao que vo-lo ha inspirado? Pois bem! Conheço-o eu, e elle é o que me envia em seu lugar.

— Oh! então, meu padre... sê-de vós duas vezes bem vindo!.. Porem porque não veio elle mesmo?..

— Teme que a sua presença vos cause uma emoção funesta.

— Faz mal... Houvera tido tanto prazer em expressar-lhe a minha gratidão!.. Porque, olhai, meu padre... todavia não valho grande cousa... porem o pouco que valho a elle o devo...

— A elle não, irmã minha, senão a Deus só, que ha sabido despertar em vossa alma a sua recordação adormecida. As suas cartas não tem tido outro objecto.

— As suas cartas? Oh! Aquí estão meu padre... vêde-as... vedê-as... aqui estão... neste

cofresinho... perto do meu coração... Não quero que me abandonem !.. quero que as enterrem comigo !.. vós prometteis-m'o, não é verdade ?.. Porem elle... elle conhece-me... para que se tem interessado por mim, por uma joven perdida... o que era então ?..

— E que já não sois.

— Graças a elle !

— Graças a vós sobre tudo, a quem a Providencia havia disposto para reconhecer o mais precioso de seus dons, porque este compensa a todos os demais, quando não os produz a caridade.

— Como, meu padre ?

— Um anno anterior, por esta mesma epocha... a 17 de Janeiro... depois de haverdes passado uma noite no baile de mascaras, saheis pela manhã, em alegre companhia, de uma d'essas elegantes casas onde o jogo, succedendo ás commoções da ceia, vos havia deixado sem o dinheiro de que vos haviéis provido ao entrar. Uma pobre viuva, uma pobre mãe, chegada das provincias na vespera pela tarde, a pé, sem recurso, sem domicilio, sem pão, estava assentada á porta da casa immediata. Era o unico abrigo que havia achado contra a chuva glacial que cahia a jorros.

— Dizeis a verdade, meu padre !.. eu recordo-me de tudo.

Masson continuou :

— Assentada no chão, com os vestidos rotos, os pés quasi nuos, o rosto macilento e con-

sumido pela fome, os olhos offuscados e secos pelas lagrimas, linha dois meninos pequenos em seus braços, afim de acalenta-los, esperando que amanhecesse para orientar-se pela povoação e procurar algum trabalho.

— Desgraçada — exclamou debilmente Simona.

— Escutai, redarguiu Masson. — Vós a visleis, e o que me envia viu brilhar as lagrimas nos vossos olhos debaixo da mascara que havia cuberto até então o vosso rosto.

— Debaixo da mascara, dizeis vós! — interrompeu Simona. — Sim, sim, recordo-me... é justamente a que vê-des ali... posta sobre a cabeça de um morto que conservo do quartel latino. E' uma ideia estranha, não é verdade? Não façais escarneo: esse contraste offerencia-me a imagem do nada dos meus prazeres de outro tempo. Boulotte, da-me essa mascara... quero leva-la tambem comigo!

— A pobre viuva, — apressou-se a proseguir Masson, que temia descobrir-se por suas lagrimas, --- a pobre mãe não pedia nada a ninguem. Procurava occultar-se, afim de não attrahir as vistas. Porem a bondade do vosso coração desculpou á sua miseria a mesma vergonha de mendigar. Apesar da mófa de vossas loucas companheiras, cuja bocca traspassada de champagne a tratava de folgazã e vagamunda, recusando prestar-vos o seu dinheiro para aquella

bôa obra, vos aproximasteis áquella desgraçada mulher; e tendo-vos despojado, á falta de dinheiro, de todas as joias que levavas, lh'as deixasteis sobre o avental, dizendo-lhe, afim de impedir que recuzasse: « Para vossos filhos, senhora. » Depois disto dissesteis-lhe vossa morada, para que pudesse em caso de necessidade, invocar vossa protecção, e subisteis para a vosa carruagem, sem dar-lhe tempo a que vos desse os agradecimentos.

— Sim recordo-me, --- interrompeu Simona, --- e cousa estranha!... as joias que lhe dei, eram precisamente as que pertenciam a este cofresinho. . que ficou vazio desde então... e no qual, agora ha pouco acabo de encerrar as cartas do meu desconhecido.

— O que me envia, — continuou Masson, — commoveu-se profundamente com a vossa acção. Não o surpreendeu menos a vossa delicada e languida belleza, quando ao seguinte dia, ao passar por esta rua, vos viu á janella, onde tomaveis um agradável sol de inverno.

— O sol, as flores e os pobres; sim, sempre tenho amado tudo isso, — disse a enferma, que se comprazia, durante a narração do seu confessor, em contemplar a mascara, em a pôr e tirar e torna-la a pôr.

— Ao ver-vos tão compassiva na vespera, — redarguiu Masson, — o que me envia pensou em sua mãe, que o mesmo que aquella tinha mor-

rido de fome em outra cidade, em Leão, tendo-o, todavia menino em seus braços descarnados. Ao ver-vos tão formosa aquelle dia pensou em sua irmã, que tambem era formosa e que havia abandonado a seducção como vós. Então amou-vos estremadamente, e em memoria d'aquelles dois seres tão queridos, resolveu salvar ao menos a vossa alma senão podia salvar vosso corpo. Bem sabeis o demais. Porem que ruido é este?

— Elle sem duvida... — exclamou de novo Simona levantando-se. — Oh! eu quero que me torne a ver debaixo desta mascara como a primeira vez. Naquelle momento era quando com a sua pequena chave na mão depois de haver cantado esse estribilho da opera comica que não brilha muito pela variedade:

Eis-me aqui, Eis-me aqui!

Por vós, que não se fará?

E depois de haver dado tres-argoladas, abriu o Barão vivamente a porta, e apresentou-se com o ar mais alegre do mundo.

— Não é elle!.. disse tristemente Simona tirando a mascara, e deixando-se cair na almofada...

— Bravo! exclamou o Barão. — De grande gala!.. e com a mascara na mão!.. Eu que venho justamente buscar-vos para o baile da opera!.. Como é isto?.. Tinha-mos adivinhado!..

— Silencio, senhor barão! — interrompeu Masson com uma benevola authoridade.

— Ah! Deus meu!.. Masson aqui!.. com uma cara tão compungida!.. e Boulotte chorando a um canto!.. e sua querida ama que não me parece estar muito alegre!.. Que ha pois?

— Ha, cavalheiro, respondeu gravemente o Sacerdote, — ha que esta joven morre!

— Simona?... ella?... a minha Simona?... morrer?... é impossivel?..

— Bons dias, barão, bons dias, — disse Simona com uma debil voz entrecortada e levantando com trabalho uma de suas mãos para dar-lh'a; alegre-me muito ver-vos, meu amigo.. para felicitar-vos.. porque estou muito contente hoje com voseo... para pedir-vos perdão em seguida... por que vos fiz desgostar muito a miudo.. enfim para estreitar-vos por ultima vez a mão.. porque vos professo um amor sincero... Porem é igual, ---acrescentou ella mais baixo ainda, dirigindo-se ao sacerdote, ---antes quereia que houvesse sido o outro.. morreria mais contente.. Prometteu-me sem embargo... em sua ultima carta!..

— Pois bem! minha querida irmã, cumprirá a sua promessa, --- respondeu Masson que não pode dominar mais tempo a sua emoção. — Quereis ve-lo; quereis conhece-lo, aquelle a quem tanto tem amado a vossa alma, a vossa alma immortal, entretanto que os demais não amavam em vós senão a vossa belleza pouco duravel?..

Pois bem! Olhai. . esse irmão, esse amante está diante de vós Simona!

— Oh! — exclamou a enferma em um impulso de alegria suprema, — era elle o meu coração havia-o adivinhado!

E levantando-se por ultimo esforço, a moribunda se lançou para elle como se houvera querido ao menos expirar em seus braços; mas fôlho-lhe a força, deu um suspiro e caíu sem movimento sobre o divan.

— Morreu! — disse dolorosamente o sacerdote.

— Ai minha pobre ama! — gritou Boulotte que se precipitou sobre o corpo da defunta, cujos jelhos abraçou soluçando.

— Querida Simona! — exclamou por sua parte o Barão que dobrou o jelho, tomou uma de suas mãos inertes e a inundou de lagrimas.

Cada qual por seu turno e por differente objecto lamentou aquella existencia terminada.

— Lamentemos por nós outros e não nos compadeçamos d'ella, — accrescentou Masson, a quem corriam tambem pelas faces grossas lagrimas, e que de pé collocado ao outro lado do divan e tendo em sua mão esquerda a mão que havia fideado livre d'aquella querida defunta, a-abençoava com a direita exclamando: « A sua alma nos mostra o caminho, e se é verdade que a temos amado na terra, procuremos reunir-nos com ella um dia no céo.

Assim concluiu tranquilla, feliz e risonha, entre os dois amores que haviam dominado a sua vida, o amor terrestre e o amor divino, aquella joven e bella irmã da Magdalena arrependida, a quem um havia perdido, e o outro acabava de salvar.

Por sua parte no mesmo momento, Tiennette acabava de entregar sua alma em meio da rai-va e da desesperação em consequencia dos horri-veis padecimentos que a torturavam nos seus derradeiros momentos.

— « Justiça do céo ! » --- havia dito triste-mente d'ella Masson : --- « Misericordia celestial ! »
— disse a respeito de Simona ao bençoa-la para a eternidade.



EPILOGO.



GOLPE DE VISTA PANORAMICO.

O Barão não havia podido contemplar por muito tempo aquelle doloroso espectaculo. Não era um homem perverso, não era senão um homem futil.

Não carecia de sensibilidade, porem tinha horror a todo o successo que pudesse provocar a explosão. Nada devia alterar o curso pacifico de seus faceis prazeres.

Entretanto que Boulotte e Masson ficavam perto do corpo de Simona, sua amada defunta, até ao momento dos seus funeraes, aquella chorando, este resando, o Barão se apressou a aban-

donar os restos mortaes de sua platónica querida, como antes havia abandonado os de sua mulher aos cuidados piedosos de Lafolié e Rosina.

— Que dia, bom Deos, — exclamou ao entrar em sua casa. Um processo intrincado! Um sogro que nos desherda! Uma prespectiva de bancarrota! Uma salvação inesperada! Uma morta que resuscita! Uma viva que morre! Todos os azares á vez! Isto faz-me adoecer!

O Barão não adoeceu; porem depois de uma noite na qual, com o medo das almas do outro mundo, havia feito allumiar a sua habitação, e deitar seu escudeiro perto da sua cama, quando ao outro dia ao levantar-se, foi o primeiro a contemplar-se ao espelho, segundo seu costume coquete, retrocedeu espantado do aspecto imprevisto que elle mesmo se offerecia.

Por um effeito quasi subito, de que os annaes de medicina apresentam numerosos exemplos, as fortes emoções da vespera haviam feito passar de repente os cabellos do antigo dandy, do grisalho ao branco puro.

A arvore todavia verde na vespera havia-se cuberto de orvalho durante a noite.

— Quem é este velho, — exclamou desde logo, olhando ao redor de si, porque não podia crer na realidade de tal phenomeno. — Minguem!.. Pois que! serei acaso eu?... Não; é impossivel!.. Trocarme-hiam esta noite! Este não sou eu! continuou fazendo gestos ao espelho para assegurar-

se da identidade. Sim, Deus meu! Já não ha duvida!... Passei já ao estado de neve! Que espantosa desgraça!... esta sobrepuja a todas as demais!... Como apresentar-me agora entre os bastidores da opera? Tratar-me-hão de veneravel!... de cabelleira!... de velho chapado!... Os cabellos brancos são respeitaveis, augustos, imponentes, porem é debaixo do ponto de vista da arte. Na realidade não estão bem senão em Telemaco!... Oh! humanidade!... O que somos! Branco! branco! todo branco!...

E então principiou a chorar a sua defunta cor grisalha com mais lagrimas, seguramente, do que havia derramado por sua defunta mulher, e ainda por sua querida Simona.

Naquelle mesmo dia sen sogro comparecia ante o juiz de pronuncia que já o havia interrogado como testemunha, algum tempo antes, com o motivo do duelo de Aronde.

— Estais accusado de testemunha falsa, cavalheiro, — lhe disse esta vez o magistrado, com um tom severo e abstando-se de offerecer-lhe nenhum assento. — Que tendes que responder para vos justificar?

— Ai! cavalheiro, — respondeu Duplessis, de quem as concludentes revelações de Tiennette haviam feito uma especie de menino velho, e que não havia deixado de repetir a mesma cousa durante toda a noite; — ai! cavalheiro, tenho que dizer que minha pobre mulher era innocente...

sim senhor, o menino não era seu... era o filho de outra... Augusta Mildenoff... que se havia casado....

— Ah! queira desculpar-me .. que é o que está a dizer? Eu pergunto o que tem que responder para justificar seu testemunho falso com motivo do duello; e vem fallar-me de sua mulher... de um menino... de Augusta Mildenoff; que sei eu! ... Cuidado, accusado!... Pude dominar-me não ha muito pela aparente honradez de vossa avançada idade, porem agora temo que seja uma enganosa mostra mais. Aconselho-vos mais respeito para com a justiça.

— Porem cavalheiro, juro-vos que era innocente! ... O menino era de uma joven de Franfort... com a qual o Principe se havia casado secretamente... e então bem comprehendereis...

— Ah! julgais que eu devo comprehender! ... julgais que se comprehende assim de prompto! ... Pois bem! estais enganado, eu não comprehendo nada absolutamente. Isto é o que distingue esta causa de todas as demais: algumas vezes, é á conclusão da instrucção de uma causa quando deixo de comprehender, entretanto que desta vez, é desde o principio. Isto dá esperanças para o futuro!

— Pois sem embargo, é bem simples, --- respondeu Duplessis; --- quando vos digo que o menino não era della... O menino era de Augusta Mildenoff... Era innocente...

— Quem? — exclamou o Magistrado irritado dando com o punho sobre a mesa.

— A minha pobre mulher. . .

— Mas vós não fallais de Augusta Mildenoff?

— Não !

— Sim !

— Não senhor; minha mulher é quem era innocente!

— Desgraçadamente, era vossa mulher?

— Ai! sim senhor. . . porem Augusta Mildenoff era innocente tambem . . porque, em fim, raciocinemos. . .

— Ah! certamente eu não pesso outra coisa! . . .

— Ella era innocente .

— Quem?

— Augusta Mildenoff, porque ainda que casada secretamente, não estava por isso menos casada, e então tinha direito . . entretanto que minha mulher era differente; não tinha direito.

— Mas que diabos! vossa mulher tambem estava casada!

— Oh! sim, porem ella era innocente! . . e com tudo, cavalheiro, eu matei-a.

— Vamos, bom, agora matasteis-la! . . E por que motivo a matasteis?

— Matei-a, porque não era innocente segundo eu julgava. . . Era uma mulher muito infame!

— A vossa mulher?

— Oh! não, outra... uma mulher que me havia enganado... e a quem tambem houvera querido matar.

— Tambem a essa? porem este homem é um canibal!

— Teria sido bem feito... porque era innocente... Desgraçadamente os gendarmes impediram-me.

— Porem, em nome de Deos, — exclamou o juiz cada vez mais exasperado, — que embrulhada estais ahi dizendo?

— Sem embargo é a verdade.

— Ah! sim eu aconselho-vos de a dizer!

— Sim senhor, fiz a barbaridade de a matar!

— A' verdade? é possivel.

— Não senhor, não á verdade senão á minha pobre mulher... matei-a de pezar... e sem embargo era innocente!... o menino não era seu... era de Augusta Mil...

— Silencio! — interrompeu o juiz levantando-se irritado e passeando a grandes passos. — Adevinho a vossa intenção... quereis passar por louco com toda essa barafunda... E' um meio muito gasto, previno-vos!... Já não cremos nisso. Gendarmes, que se conduza o accusado á prizão! Tempo terá nella de pensar, e veremos se persiste nesse falaz sistema. Levai-o

— Sim, senhores, levai-me outra vez para a

prizão. Sou um malvado... Ella era innocente... o menino era de outra.. Peço que me julguem... quero que me enforcuem!

— Oh! — exclamou o juiz quando se achou só, arrojando-se atordido sobre uma cadeira. — Eis um assumpto claro... Quando digo claro, é de sua summa obscuridade do que quero fallar, porque pelo de mais, não me recordo de ter visto outro mais confuso. Oh verdade, tu cujo santo nome se atreve a invocar, como fazem sempre os mais imprudentes embusteiros; oh verdade, considerar-me-hei muito feliz se entre estas espessas trevas, chego desta vez ainda a descobrir só a apparencia da falsa similhaça de tua sombra!

Todavia, tendo insistido Duplessis nesta barafunda de respostas que o respeitavel magistrado havia olhado ao principio como um estratagemma infernal, viu-se obrigada a justiça a submeter o caso á faculdade.

Os medicos não obliteram resposta alguma do velho, cuja extrema doçura, que havia succedido aos seus arrebatamentos, offerecia alguma cousa de verdadeiramente terno no mesmo que tinha de gracioso, para quem houvesse conhecido a origem.

Desatado pela justiça o lenço apanhado em casa de Tiennette pelos chefes dos gendarmes e depositado por elle na secretária, qual não foi a surpresa dos investigadores, ao encontrar nelle valores de todas as classes, que subiam a mais

de cinco milhões, em companhia de que? de uma grande pedra! Todas estas circumstancias pareciam decisivas.

A relação dos medicos juramentados se expressava unicamente no sentido de uma perturbação moral perfeitamente caracterizada no accusado.

A mania da sciencia é ver manicacos em todas as partes, excepto nella mesma.

Porem esta vez ao menos havia dito a verdade. Não se enganou mais que nas premissas. A perturbação das faculdades mentaes de Duplessis lhe parecia provir de sua muita idade, junto com um golpe que havia recebido na cabeça na idade de dois annos, e talvez tambem ao uso immoderado do tabaco em pó. Porem já é muito quando a medicina julga claramente o effeito, ainda que se equivoque algum tanto sobre a causa.

Em consequencia uma declaração de não tem logar, fez ver que o accusado padecia já a alienação no dia em que havia sido chamado a comparecer ante o tribunal dos jurados; que havia dado as suas declarações sem discernimento, e que não havia logar a proseguir.

Os immensos valores achados em seu poder foram entregues á sua familia, com obrigação de administra-los em bem dos interesses do demente, e em quanto a elle foi enviado a Charenton para

receber ali os cuidados que reclamava o seu estado.

Todavia, tudo foi baldado, todos os socorros e cuidados da sciencia foram inuteis; ali como em casa de Tiennette, como com os gendarmes, como na prisão, como ante o juiz da primeira instancia, como em presença dos medicos, como em todas as partes, não se ouvia jamais sair de seus labios outra cousa que incoherentes protestos sobre a innocencia de sua mulher, a maternidade do menino e o grande desejo que tinha de ser guilhotinado. Repetia isto ao medico do estabelecimento, aos enfermos e aos demais loucos.

Não houve remedio algum ou meio imaginavel que pudesse reduzi-lo ao silencio sobre estes tres pontos, pelo contrario tornou-o mais louco ainda do que estava á sua entrada.

Aquelle resultado contrariou muito a sir John e a sir Douglas que haviam ficado em Pariz com outros muitos inglezes, com a esperança de que o processo de que estava ameaçado o velho por falso testemunho, lhe proporcionaria emoções não menos vivas que as do processo de Aronde, e lhe daria occasião de novas apostas em favor ou contra a condemnação.

Eganados naquella doce esperança voltaram para Londres, onde, entretanto que esperavam a chegada de algum outro grande malvado, se vi-

ram obrigados a contentar-se com as peripecias dos combates de gallos.

A incurabilidade do ancião foi a unica circumstancia, cujo reflexo misturou de alguma tristeza os gozos matrimoniaes que bem depressa disfructou sua familia.

Por uma parte a apparição fantastica de Gertrudes havia feito desaparecer todo o projecto de alliança entre Julia e Dabiron. Por outra ao dar ao Barão as sommas consideraveis que restabeleciam completamente o credito da casa Appencherr, Masson havia desfeito o unico obstaculo que se oppunha ao casamento de Julia com seu primo Leoncio.

Masson havia expressado este desejo ao Barão, e este não podia recusar uma cousa tão razoavel ao homem que por terceira vez lhe salvava a vida e a honra. O temor de ser avô não podia dete-lo mais respectivamente a Leoncio que a Dabiron. Esta boda celebrou-se pois com a approvação unanime, tão depressa como o luto da innocente avó pareceu bastante adiantado, para que o respeito aos mortos não fosse um impedimento á felicidade dos vivos.

Não necessitamos dizer que a dama negra assistiu a ella, conservando-se prudentemente separada dos amigos e dos conhecimentos de seu ex-marido, que a haviam enterrado dois annos antes e que agora iam a casar sua querida filha. Esta não havia podido reconhece-la jamais sob

seu espesso véo, sobre tudo na sombra onde havia tido muito cuidado de apparecer-lhe.

A joven desposada a viu, sem reconhece-la igual que antes, no fundo da igreja, na obscuridade de uma capella, ajoelhada, orando com fervor, e ainda parecendo que derramava lagrimas de ternura, a julgar pelos pequenos movimentos de seus formosos hombros.

Sim, certamente, ella pedia a Deos que evitasse a sua filha as crueis provas que tanto a haviam feito padecer, e chorava de esperanza, porque esta vez ao menos, o caracter do espôso, lhe parecia ser a segunda prenda da felicidade da esposa. Julia se commoveu profundamente com aquella mostra de sympathia, cuja cordial sinceridade sem conhecer o movel, apreciava por instincto.

Porem deixando isto a um lado, na vespera pela tarde, retirada, só pela ultima vez na sua alcova virginal, Julia havia escripto com extrema alegria, ao fundo do seu Diario a palavra FIM, que nós tambem muito breve escreveremos. ao fundo desta historia, com bastante satisfação. O confidente de seus pensamentos, de suas emoções, de suas alegrias, e de suas tristezas, não era já seu marido?

Uma só cousa faltou sempre á sua dita, foi o prazer de ouvir litigar o seu querido advogado. Havia esperado que o processo instaurado contra seu avô apresentaria a final aquelle imaginado

Demostenes a occasião de fallar em publico. « Não lhe faltava mais que isto, dizia elle, para ser um grande orador. » Porem a declaração de não tem logar, da qual por outra parte se alegrava, lhe causou um novo desengano. Quizera antes dever á eloquencia de seu marido a declaração juridica da loucura do velho, que ser devedora d'ella a uma simples exposição dos medicos.

Por demais, não havia sido falta do joven emolo de Cicero. Deos bem sabia com que ar aspirava ás emoções inseparaveis do primeiro extremo. Porem o advogado propõe e o cliente dispõe.

Em fim depois de haver esperado inutilmente uma causa qualquer durante largo tempo, o joven marido, que queria conservar aos olhos de sua mulher todo o prestigio do talento oratorio que ella lhe suppunha, resolveu não retroceder ante nenhum sacrificio para proporcionar-lhe doce satisfação. Não achando quem lhe confiasse um só processo, nem ainda gratuitamente, se decidiu a comprar um.

Muít longe de ser pago por seu cliente, foi pelo contrario elle quem o pagou, e demasiado caro, por deixar-se defender. Era um bebado que havia matado a sua mulher. O negocio offerencia uma circumstancia Inapreciavel para um principiante. Por desgraça, as arras que o joven defensor lhe havia adiantado sobre o preço convencionado, foram bebidas por aquelle esponjoso as-

sassino com tão pouca moderação, que morreu de apoplexia na vespera mesmo da audiência.

Cansado do fóro por este ultimo revés, Leoncio arrojou sua toga á guarda-roupa, e sem renunciar theoreticamente o titulo de advogado com que estava orgulhosa sua mulher, tomou a direcção absoluta da casa de seu avô. Introduziu nella a ordem, a economia, as ideias, e o que nunca faz estorvo, uma duzia de milhões, que provinha da fortuna particular de Julia e da successão antecipada do pensionista de Charenton. Qualquer pôde fazer boas operações com uma partida de fundos desta importancia. A casa Sholtz Appencherr-Duplessis-Leoncio e companhia chegou a ser bem depressa uma das primeiras casas do mundo.

Inteiramente desembaraçado do cuidado dos negocios, o Barão pôde consagrar os seus ultimos dias a consolar-se de sua unica Simona com numerosas Lalakés dos diversos Theatros.

Vestido sempre com uma affectação extrema, com os cabellos e a barba de *um negro* demasiado negro para ser o negro da natureza, com os dentes de uma brancura não menos suspeitosa por seu mesmo esmalte, e com o rosto artisticamente cuberto dessas lizes e essas rosas que temem o calor muito mais que o frio, o Barão tomou posto entre esses jovens velhos que se encontram na orchestra, entre bastidores e no salão dos artistas, particularmente na Opera, paiz da illuminaç^o e da ficção por excellencia, onde

ao parecer não ha mais que as decorações que estão pintadas!... Continuou sendo enganado, homem maduro, absolutamente o mesmo que se houvera sido joven.

O Cyclope e o Balanceiro foram do numero dos clientes cuja defeza Leoncio não pode obter. O primeiro não o achava bastante fallador, e o segundo antigo jurisconsulto, não quiz encomendar senão a si mesmo o cuidado de fazer brilhar sua innocencia.

Este desdem lhes causou a sua desgraça. Enganado pela morte de Tiennette, na chimerica esperanza que lhe inspirava a omnipotencia da cidadoa, foram condemnados, a saber: Balanceiro, d cinco annos de correcção, por certas manobras araudulentas, consignadas nas notas da prefeitura fde policia; e o Cyclope contra o qual não apparecia nenhum crime no passado, a cinco annos da mesma pena, por violencias exercidas, depois do seu aresto, contra os dois gendarmes encarregados de sua custodia e contra os quaes se havia divertido em jogar como com duas bolas.

A mesma casa central recebeu o não mui nobre infortunio d'aquelles dois homens aos quaes havia igualmente perdido o excesso das duas grandes potencias deste mundo, o abuso da força mental e o abuso da força fisica. Ambos expiaram de igual sorte seus diferentes feitos contra a sociedade, fabricando esses sapatos d'ourello cuja confecção se olha, segundo toda a apparencia, como

um dos melhores meios de provocar o arrependimento dos perversos.

O processo d'Aronde havia deixado recordações menos sensíveis aos porteiros, marido e mulher, da rua de Helder. Mad. Corniquet estava orgulhosa da contenda oratoria que havia produzido a sua declaração.

— Sou eu quem moveu tudo, — dizia ella a quem queria ouvi-la. — Sem mim, ninguém comprehendia nada. Se não houvesse tratado a joven de pouco mais ou menos, jámais houveram reconhecido que era uma mulher muito honrada. Eu verdadeiramente tinha nascido para ser advogada, juiz, procuradora, não importa o que! e o seria, se esses monstros dos homens não se tivessem reservado todas as cousas boas para si.

Corniquet não era menos feliz, porem por outro motivo. O defunto Brionde lhe havia legado, com seu fac-simile em gesso da columna da Bastilha, a sua cimitarra, o seu grande caximbo, vestidos, turbantes, e todos os restos de Osmanlis do carnaval.

Quando por acaso um inquilino, ía allugar uma das habitações da casa, successo cada vez mais raro, Corniquet se divertia algumas tardes, em vestir-se com todo aquelle aparato, e se assentava em sua guarita, sobre um estrado, com as pernas cruzadas debaixo de si, á maneira dos filhos do propheta, a fim de apparecer á vista do re-

ceivando em todo o seu esplendor oriental. Se então o inquilino gritava ao vê-lo assim disfarçado, o feliz porteiro exclamava com orgulho ao arabe que já conhecemos.

— « Eu haver vindo em Pariz todo lo expressamente por contemplar la columna, eu la contemplar! »

Soltando depois uma gargalhada, e voltando á sua lingua materna:

— Ah! ah! enganaste-vos como todos os demais! não é verdade que é admiravel! Parece-me a um turco como se parecem duas gotas de agua. Não me falta absolutamente nada mais que as odaliscas. Desgraçadamente, debaixo deste ponto de vista, sou turco sem o ser.

O ultimo dos Lafleur lhe havia proposto um logar soberbo, porem gratuito, na companhia nomada que devido á liberalidade testamentaria do defunto Brionde, seu amo, havia chegado o momento de poder formar; porem Mad. Corniquet, a cujos olhos o theatro era um verdadeiro serrallho, e tomava ao pé da letra a soberba proposição do novo empresario, não era mulher para deixar o seu voluvel esposo fazer de turco em outra parte a não ser na sua portaria. M. Corniquet recusou.

O antigo farsante do Theatro Francez não tinha querido, com effeito, faltar mais tempo á sua vocação. Tinha feito de directer ao mesmo tempo que actor, a exemplo de Moliere e de Shakspeare Com

esta duplicada qualidade, passeava atravez dos campos e aldeias uma companhia de pobres diabos que representavam indiferentemente a tragedia, o melodrama, o drama, a comedia, o vaudeville, o baile, a pantomima, a opera comica, e mesmo a grande opera; tudo isto sem orchestra, sem decorações e sempre com os mesmos trages.

O melhor ingresso d'aquelles dignos filhos de Thespis consistia de regra geral em mações nem sempre muito maduras, que lhe arrojava o entusiasmo rural.

O ultimo dos Lafleur não era o que menos participava destas duras munificencias: porem attribui-as naturalmente á inveja e á cabala e contando com a posteridade para ser vingado da injustiça e do máo gosto dos seus contemporaneos, exclamava nobremente:

Quando sem perigo se vence, se triumphava sem gloria.

Em fim, que lhe faltava para passar da direcção de sua infima companhia a outra de maior scena? Nada porque tinha a vaidade do officio, sem o requisito da capacidade.

Sim, por certo! faltava-lhe alguma cousa: a intriga e a occasião.

Tiennette foi enterrada sem que um só amigo seguisse seu feretro. Ah! que multidão a teria acompanhado, mas para amaldiçoá-la até junto de cova, se se podesse convocar para a sua morte todos os que havia desesperado em vida!

A aia da exacravel defunta, Florina, casou-se com o seu guarda municipal, e chegou a ser a rancheira da companhia.

Glae, a governante, bem depressa se cansou do moscatel, e passou á aguardente, até que finalmente, certo dia, se lhe prendeu fogo drepente como um phosphoro chymico, e se converteu em cinzas, victima d'esse phenomeno que a medecina chama uma combustão espontanea.

Graças á pequena somma, ás joias e aos moveis que Simona havia legado, Boulotte regressou á sua patria, e casou-se com o taful do logar. Olvidou-se ainda algumas vezes de dar de comer aos pombos, porem nunca aos numerosos filhos com que a Providencia, e seu marido povoaram a sua linda granja em poucos annos.

Lafolié e Rosina continuaram o seu papel de discretos intermediarios entre a dama negra de Chaillot e os jovens esposos da sua Bergere. A baroneza, a morta viva, não podia ainda que quizesse entrar em um mundo no qual não tinha já nem nome nem existencia legal.

Ficou pois, naquelle que se havia creado, e onde ao menos encontrava a duplicada vantagem de não ter amante nem marido. Porem devido ao sacrificio dos fleis criados que havia conservado perto de sua filha, Mad. viuva de Mortinval, continuava vivendo com esta querida filha, unica affeição natural que a unia ainda á sua antiga existencia.

A familia de Julia e a de Aronde não faziam por assim dizer mais que uma familia. Os seis milhões procedentes da successão do cavalheiro de Limburgo, que Masson havia recobrado de Pelligeiro para restitui-los ao legitimo herdeiro em sua agua-furtada; estes seis milhões haviam facilmente consolado a Aronde e a Estrella da perda de seu throno e ainda mesmo da sua ultima moeda de cem soldos.

Aronde havia tornado a tomar a sua linda casa da rua do Helder, e tinha renunciado completamente os negocios, para não occupar-se mais que de viver junto de sua mulher.

Nada faltava, pois, á sua felicidade, porque com uma mulher como Estrella, com bons amigos como Leoncio e Julia, um cão como Fox, uma consciencia pura, a satisfação de não mandar os wardembourguezes, seis milhões e meio de fortuna e a moderação nos gostos, se está sempre seguro de ser quasi feliz.

— *Qus queres fazer?* — disse Masson a Pelligeiro, algum tempo depois de seu regresso a Pariz.

— Bem examinado tudo, — respondeu S. M. desthronada, depois de haver duvidado entre muitos officios qual d'elles deva adoptar, — opto pela relojoaria. Vós hi-des abandonar-me, não estareis, já comigo para manter-me no meu dever; pois bem, quero ter sempre á minha vista

uma multidão de relógios cujo ruído accusador substitua os vossos bons conselhos.

Pé-ligeiro poz uma loja deste genero com os fundos que Masson lhe deu, e viveu muito feliz por sua parte em companhia de sua boa mãe.

Em quanto a Masson, depois de haver salvado ao Barão, enriquecido a Aronde, estabellecido o seu criado, enterrado a sua querida Simona, casado Julia, attendido, em uma palavra aos interesses de todos, se retirou á casa das missões estrangeiras, para esperar ali o dia da sua partida.

Na vespera mesmo d'esse dia foi buscar a Pé-ligeiro, e não querendo deixar nenhum interesse em adiamento, fez dormir por ultima vez o seu antigo criado, e perguntou á sua lucidez magnetica noticias sobre os principaes personagens cuja situação acabamos de expôr.

— E os antigos companheiros de expedição, Montreuil, Dabiron e Rousignan Muller? — acrescentou ao concluir. — Não tens nada que dizer-me d'elles?

O magnetizado estremeceu a esta pergunta.

— Estão em Pariz, — respondeu. — Eu os estou vendo.

— E que mais?

— Não m'o pergunteis, senhor!

— Vamos, falla, assim o quero!

— Não sei o que experimento... mas ameaça-os um grande perigo....

— Que perigo é?

— Não posso sabe-lo.... mas eu tremo a meu pezar.... deve ser alguma coisa terrível!

— Onde deve passar-se esse successo?

— No bosque de Bolonha.... sabeis onde? no sitio mesmo que os expiamos ha um anno.... onde celebraram um pacto entre si firmado com um juramento, e onde agora se convencionaram para ter uma entrevista amanhã.

— Ah! é amanhã?

— Sim, ás nove da noite.

— Bem. Eu não parto ate ás doze. Estarei ali!

Quando ao seu regresso de Allemanha, os membros da deputação wardemburgueza deram a conhecer a resposta negativa do herdeiro legitimo do throno, os partidarios do antigo rei, Benedicto 1.º tomaram naturalmente a iniciativa. Obrigaram o partido contrario a acender em honra de seu restabelecimento os archotes que restavam fabricados primitivamente para celebrar a sua queda, e que empregados igualmente em parte para festejar a elevação de seu successor, Péligeiro, por outro nome Lodovico 1.º haviam servido tambem para festejar a sua queda.

O elegante e esceptico director que conhecemos, o empresario do grande theatro deu com este motivo representações gratis nas quaes fez

dizer, sobre Lodovico 1.º, em favor de Benedicto 1.º as cousas pouco agradaveis que já havia feito dizer sobre este ultimo em favor do primeiro.

Por seu lado os partidarios da rotina militar, tendo obtido dos Notaveis a promessa formal da conservação dos castigos militares, cuja abolição não havia contribuido pouco ao descredito do antigo rei, parecia que já nada se oppunha á sua restauração.

Existia uma difficuldade... Onde estava naquelle momento o antigo potentado? Isto era o que ninguem havia tomado o trabalho de conseguir saber, e te então, tão ditosos se consideravam com ver-se livre delle.

Felizmente o camareiro mór, demittido em favor de Roussignan-Muller, e que não tinha já nada que esperar de Aronde, se poz em seguida em sua busca.

Graças ao olfato que destingue ás gentes de sua profissão, descobriu no mesmo dia o doce retiro que o ex-monarcha havia buscado em uma de suas numerosas casas de campo a seis leguas da capital.

Enviaram, pois, a mesma deputação, que se achava formada, a supplicar-lhe que cedesse ao euthusiasmo unanime de seus subditos, os quaes se apressavam a dar-lhe a preferencia.

O ex-camareiro mór se encarregou da introdução.

Porem o habil e infatigavel representante

das potencias estrangeiras havia já tomado a dianteira. Instruido perfeitamente por seus espias russos sobre a campestre habitação de Benedicto 1.^o, havia hido visita-lo depois de seu regresso de Paris, e tinha solicitado uma entrevista secreta da esperta Egeria do velho rei.

Os meus comitentes. — disse a Lalake, — poderiam prestar-se á reinstalação do vosso augusto escravo porque tem motivos para pensar que morrerá sem mais herdeiros que elles mesmos; porem posto que se apresenta a occasião, querem melhor concluir de uma vez sem esta eventualidade; querem melhor reparar entre si em seguida os seus Estados.

— Comprehendo o que dizeis, — exclamou Jupin 1.^o; — mais vale um toma, que dois te darei. Esta é a nossa philosophia, na Academia real de musica, em ponto a adoradores. Os vossos comitentes não estão enfastiados, sem duvida!

— São felizes, — replicou sorrindo o diplomatico, — em pensar sobre esta questão como as damas da Opera. Com effeito, bem examinado tudo, a divisão immediata de Wardemburgo parece-lhes o melhor meio do pôr obstaculos a toda a tentativa ulterior, do genero das que acabam de inquietar seus interesses.

— Ah! Porém e eu? exclamou a ex-bailarina, — que me vai succeder com toda essa barafunda? Tambem irão repartir-me a mim? Não sabeis que a estas horas sou a esposa legitima

d'esse velho querido, e que se sobe ao throno, eu subo naturalmente com elle?

— Oh!... esposa legitima!... repetiu Labanoff movendo ironicamente a cabeça, isso é questionavel.

— Questionavel!... que dizeis? Acreditais que consentiria em ama-lo sem isto?... Um homem de sua idade!... triste como um barrete de dormir!... que falla francez como uma vacca espanhola!... e que estou obrigada a dançar horas inteiras para distrai-lo um pouco!... Vamos pois!... quem julgais vós que eu sou?... Graças a Deos, tenho meus principios! Necessitava que não faltasse nenhum dos sacramentos. Em prova disto, casamo-nos honfem ao estilo do seu paiz.

— Eu sei isso. O sacertote foi o meu criado.

— O vosso criado!... Essa vara comprida, que tinha o ar tão veneravel com a sua barba branca?

— Era uma barba postiça.

— Ah! diabo!... um casamento nullo!... E eu que me deixei illudir... Ah! cavalheiro, cavalheiro, isso é mui pouco delicado!... Deixo todo o peccado sobre a vossa consciencia!

— Com muito gosto, senhora, porem deveis comprehender que os meus comitentes não podiam deixar-se arrebatat, por uma união verdadeira, todas as probabilidades que ao menos lhes offerceria a desherdação do throno. O vosso real adorador era tambem do trama.

— Elle!... esse grande perfido!... Tambem elle entrava no trama de eu ser illudida?... ter-se-ha visto cousa igual!...

— Eis-ahi o que tem ser tão virtuosa como bella.

— Não me tornará a succeder outra!

— Em vista disto consideremos friamente a situação. O velho rei ama-vos. E quem não vos amaria, a vós tão bella tão seductora?

— Bravo!... tambem querereis casar comigo?

— Por desgraça não tenho tempo para isso. Agora o conheço: se sobe ao throno, consentiria com muito gosto em fazer que vós subissemos com elle, ainda que fosse mui legitimamente. Não ha loucura de que não seja capaz para vos conservar. Porem temeria muito que no momento mesmo em que vós levantasseis o vosso lindo pé para o pôr sobre o primeiro degrau do throno, vos visseis arrebatado por ordem dos meus comitentes, para ser transportado com todas as considerações devidas ao vosso sexo e classe a algum castello forte: o de Hildeburgo Haussen, por exemplo, cujas portas já se fecharam detraz de uma encantadora mulher cuja existencia incommodava. Não ouvisteis fallar aos vossos amigos da defuncta condessa de Zanau, a infeliz Luiza de Landwig? Pois bem! provavelmente seria nessa mesma prizão de Estado, senhora, onde expiarieis

um momento de ambição com uma soledade eterna.

— A soledade ? ... Ah ! não, eu não sobreviveria a tal qualidade de pena..

— Tendes razão : joven e linda como vós sois, não deve privar-se o mundo do prazer de vos admirar.

Porem nada é mais facil que evitar tal perda. Em lugar de incitar o vosso illegitimo esposo a recobrar a coroa que se lhe offerecerá dentro de pouco, empregai pelo contrario a vossa influencia poderosa sobre seu animo para obriga-lo a contentar-se com o singello gorro de algodão com que o ha adornado.

Feito isto, longe de temer nada da hostilidade dos meus comitentes, podereis esperar tudo da sua munificencia.

Eis-aqui, senhora, nesta carteira um despacho de Condessa, acompanhado de valores bastante consideraveis para sustentar dignamente este titlo, por onde quizerdes ir conquistar novas homenagens que vos são devidas.

Cheios de confiança em vosso talento, senhora, me encarregaram de vos entregar tudo isto de antemão.

— Agrada-me ! — disse Lalake aceitando a carteira. — Ah ! o monstro era do trama !... Muito estimo sabe-lo !... Cuidado com a vingança !... Será terrivel.

Lalake compriu a sua palavra. Benedicto

1.º nem mesmo quiz receber a deputação que ia dar-lhe o sceptro, a coroa e o poder da justiça que havia recobrado de Pé-ligeiro, e offerecido em vão a Aronde.

A consternação chegou ao seu cumulo no Wardemburgo á vista destas joias que ninguem queria. O partido dos estrangeiros se fez então superior. O elegante empresario se apressou a dar uma nova representação gratis, na qual fez dizer de todos os pretendentes, sem excepção, as cousas desagradaveis que até então não havia feito dizer senão isoladamente de cada um d'elles.

Empregaram-se igualmente, em favor do estrangeiro, os poucos archotes que todavia restavam das illuminações contrarias.

Durante este tempo, a um signal de Labanoff, as tropas das potencias vesinhas invadiram o territorio, cada uma por sua parte. Os nacionaes não se moveram, porque Labanoff lhes havia prometido conservar suas propriedades e foros.

Os tratados em virtude dos quaes o Wardemburgo havia sido erigido reino, eram por outra parte de uma precisão que não podia equivocarse. Assim é que o Wardemburgo foi dividido em diversas partes como um simples monte.

Destá sorte se explica a razão porque não figura já esta potencia em nenhum mappa da Europa. Não ha geographo que não saiba isto.

A todo o mundo agradou aquelle resultado;

excepto a Labanoff, que achou mesquinha a multidão de títulos, graduações, honras e tratamentos com que cada potencia co-divisora se empenhou em opprimi-lo; excepto o camareiro mór, que se viu dimittido por todas as partes e que morreu de pena; excepto, sobre tudo o velho rei, que Lalake abandonou naquelle mesmo dia, para vingar-se de sua comedia conjugal, e que se tornou idiota de desesperação.

Tambem é verdade que ninguem se apersebeu da mudança, e o seu primeiro medico menos que nenhum outro.

Em resumo, *todo o mundo* só pode aqui interessar-se por Lalake.

Apressou-se a voltar a Pariz, onde se lhe fazia tarde o tornar a apparecer com todo o brilho de sua nova classe.

Tomou casa nos Campos Elisios; fez pintar por armas, sobre a frente de sua casa, em suas carruagens e em suas tarjas, um branco arminho rodeado de lilazes brancos, de rosas brancas e de brancas margaridas, doces simbolos da innocencia.

Apresentou-se sem cessar no bosque, nos passeios, nos Italianos, na Opera, em todas as partes.

Emfim, todos os dias enviava o seu caçador, vestido com esse uniforme de heroe fantastico que parece pertencer aos criados de casa grande, levar de sua parte a casa de Dabiron, de Mon-

treuil, de Appencherr, de Pé-ligeiro, do director da Opera, de suas companheiras de outro tempo, em uma palavra, a casa de todos os seus conhecimentos antigos e modernos, um bilhete de visita, adornado com as sobreditas armas com estas palavras: « *Lalake, condessa de Blagsfelt,* » e em cima uma coroa.

A morte de Simona, a quem Lalake amava mui particularmente, segundo sabemos, havia causado a esta grande sentimento em meio de suas grandezas, e não foi necessario nada menos que a morte de Tiennette a quem detestava cordialmente, segundo tambem sabemos, para compensar aquelle inesperado pezar.

A condessa de Blagsfelt teria sido pois, completamente feliz, se a mesma sorte que havia castigado a frivolidade do Barão, ferindo-o em sua cabelleira, não houvesse querido castigar tambem a bailarina ferindo-a em sua ligeireza.

A ociosidade de coração e de pernas em que havia vegetado perto do velho Rei, unido á excessiva sucolencia da cosinha allemã, tinha desenvolvido a sua disposição natural á gordura. Esta disposição augmentou-se e afeou pela mesma falta de exercicio a que o condemnava d'ali em diante sua alta posição social.

A bailarina, convertida em Condessa e gorda, achava com justiça indigno, tanto como iu-comodo, o servir-se já de suas nobres canellas.

Em alguns mezes se tornou tão gorda, tão

elefantina, que teria podido mostrar-se por dois francos em uma barraca, com satisfação geral do publico. É inutil dizer quanto se desesperou Jupin 1.^a d'aquella monstruosa gordura, que não duvidamos em olhar como providencial.

A tarja da Condessa de Blagsfelt não foi a unica recordação de seu efemero reinado, que veio buscar a Lodovico Warchel, ou mais claro, a Pé-ligeiro, na loja de relojoaria onde sua virtude se fortalecia incessantemente entre os relogios de repetição, em memoria do que o havia denunciado em outro tempo, dando de repente as horas no fundo da bota onde o tinha escondido.

Um dia com effeito viu apresentar-se em sua casa com um pão na mão a um homem de elevada estatura de rosto immundo e compungido, vista turva, sorriso amargo, cabellos desordenados e cubertos de poeira, barba cumprida, inculta e curiosa, camisa desabotoada deixando ver nu o peito: chapéo cebento e sem fundo: gavão estreito, desabotado e feito farrapos: calças rotas pelos joelhos e arremendadas por baixo; pés rodeados de trapos, á maneira de sapatos; todo o exterior, em fim, reproduzia lamentavelmente esse typo por excellencia de pobreza silenciosa, de miseria selemne, de resignação terrivel e grave, que o palacio real viu passear por espaço de muitos annos, ao largo de suas opolentas galarias, debaixo do celebre nome de Chodruc-Duclos,

Pé-ligeiro temeu por seus relogios ao ver

este personagem, a quem ao principio não reconheceu achando-o em tão miseravel trage.

— Ó lá! senhor, não vos recordais do vosso camarista? — exclamou o espantoso visitador, por um resto de costume, com ar triste e voz cavernosa.

— Eseuta! é o querido Roussignan! é o amigo Muller!... Sê-de bem vindo, querido amigo! E então como vamos agora com essa vida aventureira! Sempre um pouco bebedor, não é verdade? Eu, sou diferente, não bebo mais que agua; é um sacrificio que tenho feito á minha bôa mãe, por que lhe parecia que eu bebia demasiado... Pelo demais, estais bom?... Estais um pouco mais contente com a vossa sorte que antes?

— Ah senhor!

— Tratai-me com menos seremonia.

— Podeis ver por este trage que não brilho sómente pelo luxo.

— É verdade que podia ser um pouco mais elegante.

— Que quereis, a esses tonantes de Montreu-l e de Dabiron é a quem devo as minhas novas desgraças. Depois de haver-me arrastado naquella funesta expedição, o primeiro teve a perfidia de fazer-me prender, segundo sabeis, como o auctor de toda aquella bachanal; e o outro depois de haver-se enriquecido escandalosamente,

teve a infamia de não deixar-me nem um só real de tantas riquezas mal adquiridas.

« Oh, mas eu me vingarei d'elles, se Deos quizer!... Vêde se não tenho razão!... Contemplai a sua obra!... Quando depois da repartição de vosso antigo reino, me lançaram fóra desdenhosamente do meu calabouço, rogando-me abandonasse o wardemburgo o mais prompto possível, me encontrei sem um real nas ruas da ex-vossa cidade, e obrigado a mendigar o meu sustento para viver.

« Acabo de andar tresentas leguas mortaes, a pé, sem calçado, a travez dos pantanos de Allemanha, sem vinho, sem cerveja, sem outras iguarias que o pão secco da caridade, sem outro abrigo que as choupanas dos pastores, e sempre expiado por meus eternos perseguidores os espias da Russia. Agora comprehendereis por que me atrevo a apresentar-me á vossa vista com este simples e modesto trage. »

Em resultado, Pé-ligeiro comoveu-se do infortunio de seu antigo companheiro, e lhe deu generosamente quinhentos francos.

Um raio de alegria brilhou nos apagados olhos de Rousignan-Muller, porem aquella alegria era sinistra, e talvez encerrava mais odio ainda que desejo.

Provido d'aquelle soccorro inesperado, Roussignan se alojou em uma estalagem onde passou algum tempo em emborrachar-se com agua-

ardente, para indemnizar-se das largas privações alcoolicas que acabava de soffrer. Talvez quizesse tambem tomar alento por meio da borracheira na vingança que meditava, mas cujo plano não havia ainda achado.

Por fim, exclamou um dia:

— Tenho uma ideia! Não me falta mais que dinheiro. Necessito ao menos vinte mil francos. Ah diabo! as vinganças deste calibre são algum tanto caras!... Não se dão por cascas de alhos. Ensaieemos a ganhar a somma. O objecto é bastante máo para que a sorte me proporcione o meio de alcança-lo!

Previa a verdade. Tendo ido meio borracho a um garíto clandestino, com os ultimos cem francos que lhe restavam, jogou tão aturdidamente, que saíu d'ali ao fim da noite com vinte e tres mil seiscentos noventa e cinco francos de ganho.

Tão depressa como entrou em sua estalagem, escreveu a seguinte circular a Montreuil e a Dabiron.

« Senhor e querido companheiro

« Sem duvida não vos tereis olvidado que
« amanhã é o anniversario do dia em que tivemos
« o prazer de encontrar-nos por primeira vez o
« anno passado no Bosque de Bolonha.

« Lembrado estareis da casualidade que deu
« origem ao nosso encontro, e de todas as circums-
« tancias notaveis que se seguiram.

« Creio que não faltareis á entrevista que
« então combinamos entre nós e que firmamos
« com um juramento.

« Tem decorrido o anno ali ajustado o qual
« dia por dia, hora por hora termina a manhã.

« Tenho, pois, a honra de vos convidar a um
« jantar ámanhã, ás seis em ponto, n'aquella mes-
« ma hospedaria da Porta de Anteuil, onde es-
« gotamos as primeiras garrafas do nosso amiga-
« vel conhecimento, e onde tere mos a satisfação
« de tornar a vêr-nos em circumstancias menos
« tristes graças a Deos.

« Pelo demais não vos dê cuidado cousa al-
« guma : na miuha qualidade de ex-camarista
« me encarrego de todos os preparativos.

« Encontrareis prompto á vossa chegada o
« incontestavelmente melhor jantar que se haja
« feito jamais depois de Loculo.

« Trago-vos do interior da Allemanha de
« oude venho com um pouco mais de fortuna, um
« barrilzinho, cujo contheudo vos surprendera
« mui agradavelmente.

« Ate ámanhã.

« Vosso affectuosissimo servo na vida e na
« morte. « ROUSSIGNAN-MULLER. »

Os convidados responderam afirmativamen-
te á circular.

— Bravo ! o negocio vai ás mil maravilhas !
— exclamou o amphitrião, — escarnecesteis de

mim, fizesteis que passasse, mettido em uma marmorra, os dias que gosasteis de gloria, aquelles em que adquiristeis a fortuna e as honras! Pois bem! é chegada a minha vez, sereis bem castigados dos males que me fizesteis passar; tomarei uma solemne vingança.

Em seguida foi á hospedaria da Porta de Anteuil, e encomendou um jantar verdadeiramente extravagante, cuja lista havia copiado em Brillat-Savaain.

O Estalajadeiro ficou surpendido em extremo ao ver aquelle personagem cheio de trapos encomendar-lhe um festim digno de Balthazar; mas aquelle individuo pagou a conta corrente, excepto os vinhos, que duvida poderia haverem ser servido como desejava?

As algibeiras do gabão de Roussignan, estavam cheias de dinheiro: reputaram-no entre si de estravagante; se estivessem vazias, trata-lo-hiam de vagabundo.

Montreuil e Dabiron estavam no caso de aceitar tal convite.

O primeiro, tendo perdido o unico movil de sua grande ambição, não passava já senão uma vida desgostosa, a travez do commum dos homens, mui parecida á do cavalleiro, que uma vez perdida a sua unica cavalgadura, se vê reduzido a andar com incommodo entre os simples passeantes.

O segundo, não podendo rehabilitar-se na

estima do mundo parisiense por uma união com a familia Appencherr, se via desprezado em todas as partes, apesar dos seus milhões. Apenas podia procurar-se alguns parasitos da classe media que o ajudassem a comer uma fortuna cuja origem suspeitosa contribuia ao seu descredito.

Toda a distração á morosidade da vida que haviam seguido, estava pois segura de ser bem accollida por elles.

Em consequencia, no dia seguinte, os tres convidados foram exactos a comparecer á entrevista ajustada no Bosque.

Roussignan havia conservado; como o fizera desde seu regresso a Pariz, seu comprido capote branco e seu conjunto de farrapos.

— Sejais bem vindos, queridos amigos e companheiros — disse Roussignan aos seus companheiros apenas estiveram reunidos; — vejo-vos felizes, segundo parece, e eis-ahi a razão por que talvez olvidasseis a entrevista convencionada ha um anno.

— Não tanto assim, — exclamaram Montreuil e Dabiron, — quasi previamos que precederia aviso de algum de nós aos restantes; e assim aguardavamos a hora prefixa.

— Como hi-des de fortuna? — disse Montreuil a Roussignan.

— Jurei morrer assim cuberto. .. ou descuberto se assim julgais melhor, — lhes respon-

deu Roussignan, cujo cerebro lhes havia parecido sempre algum tanto desorganizado.

Esta resposta pareceu-lhes satisfactoria.

Depois desta conversação, puzeram-se á meza, admirando-se do esplendor do jantar.

Ai, meus queridos companheiros — lhes disse o ex-camarista, — por vossa causa unicamente é que mandei apromptar tão boas cousas, pois por mim, está concluido. Ainda posso beber, como verão.... (Á sua saude!... e verão em seguida que não deixarei a minha parte do excellente barrilzinho que lhes annunciei na minha carta, a fim de não parecer um traidor); porem em quanto a comer, é impossivel. Já não digiro. É pouco nutritivo, não é verdade? ...

— Ah! ah! extravagante, — replicou Dabiron, — eis-ahi a consequencia dos vossos largos excessos neste genero. Haveis sido castigado por onde peccastes: pela gula!

Tambem é essa a minha historia, — acrescentou melancolicamente Montreuil. — Passei vinte annos da minha vida em busca de um pretendente que me elevasse, não á fortuna, que importa alguns soldos mais ou menos, senão ao poder, esse sonho de todas as cabeças vigorosamente organisadas. Ora bem; entre os pretendentes, um verdadeiro outro falso, sobre qual iria eu pôr neciamente a mão? Ah! diabo, sobre o falso. Não se pode ser mais torpe.

— Pois bem! para vos fallar francamen-

te, — disse á sua vez Dabiron; — eu levei o mesmo chasco que vós ainda que de differente modo. Acreditei que a fortuna era a unica condição da felicidade, e que com dinheiro se podia comprar a consideração tão facilmente como o prazer. Enganava-me. Fiz como a maior parte dos homens: adorei sem reserva um falso Deus, um deos impotente, esse *Bezerro de Ouro*, que se ha tido a estupidez de adorar em todos os tempos...

— Sim, — interrompeu Montreuil, — ha sido adorado, porque é de ouro,

— De ouro? — redarguiu amargamente Dabiron; — vamos, que mesmo de ouro, não é mais que metal que se rednz a zero; eis-ahi porque Moizes lançando-o no fogo o reduziu a cinzas. Eu não o reduzirei a cinzas, mas desprezo-o!

— Pois bem! — disse então Roussignan, — posto que nos achamos tão desgostosos da vida, porque não havemos de fazer hoje o que resolvemos fazer o anno passado neste mesmo sitio?

— Oh! não! — exclamaram os outros dois convidados; — o suicidio é um d'esses actos contra a natureza que unicamente os maniacos tornam a executar depois de lhe ter falhado.

— Bem! talvez tenham razão, — accrescentou Roussignan. — Sempre virá a morte demasiado depressa. Porem desculpai se os abandono um instante. Vou ajustar contas com o nosso patrão, porque segundo vos disse, eu sou quem convidou.

Roussignan examinou a conta.

— Total! mil duzentos e cincoenta francos, — disse ao estalajadeiro — Muito bem.... é um pouco caro.... mas embora!.... depois de nós o dilúvio! Sempre me restará bastante tempo para viver!.... Bem, não é isto tudo. Tende a bondade de pôr o casa também na conta.

— Que ideia!

— Nunca tive outras. Ha quem deita toda a louça pela janella depois de jantar. Eu, é outra cousa: é a mesma casa que lanço por ella. Vamos que fazeis, eu pago de prompto: quanto vale?

— Porem eu tenho recusado quinze mil francos.

— Eis-aquí vinte mil. Agrada-vos?

— Diabo, tanto ireis subindo!....

— Aquí tendes a vossa conta, — accrescentou o homem dos farrapos pagando a somma.

— Estamos em paz. Estes seiscentos francos são para os moços; é o resto do meu dinheiro. E agora que a casa me pertense, fazei-me o favor de sair della immediatamente com toda a vossa familia. Boas noites, adeos, que tenhais saude. Bellissimo!

Quando o estalajadeiro acabou de sair com toda a sua familia, Roussignan fechou a porta, depois entrou sem um real na sala do festim.

— Vamos, vamos, queridos amigos, queridos companheiros, — disse aos seus dois convidados, — já chegou o momento de provar o meu

barrilzinho. É o signal da partida, é o signal de adeos!

E a estas palavras, tendo posto sobre a mesa o barril que tinha estado debaixo, tirou a rolha; tomou o cigarro que tinha na boeca e o lançou pela abertura dentro do barril.

Em seguida uma explosão espantosa fez tremmer aquella parte do bosque.

Em lugar do vinho do Rheno, o barril estava cheio de polvora.

Naquelle occasião davam as nove. Masson correu naquelle instante, guiado pelas indicações magneticas que Pé-ligeiro lhe havia dado na vespera. Sem conhecer a natureza do terrivel perigo de que lhe havia fallado seu criado, ia ao menos, a todo o evento, pare preservar d'elle aos tres homens com os quaes se havia achado em contacto.

Ao sair de Pariz, aquella mesma noite, com direcção ao Havre, e d'alli ao Novo Mundo, não queria levar consigo o pezar de não haver feito alguma cousa por salva-los.

Porem era demasiado tarde. Masson estava inda a mais de mil passos d'aquelle casa isolada quando estallou, e ao chegar ao sítio em que havia estado, só viu um montão de ruinas fumegantes.

— Deos não permittiu esta vez que chegasse a tempo, — exclamou Masson, — Deos é infinitamente justiceiro como o é infinitamente mi-

sericordioso. Respeitemos seus impenetráveis decretos!

Já chegamos ao termo da tarefa que havíamos encetado.

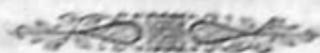
É Era fácil, quando o celebre romancista cuja obra continuámos, não havia deixado por desgraça mais que um simples prologo cheio de uma multidão de permissas e de personagens, sem uma só linha de plano que pudesse fazer-nos suspeitar a conclusão que queria tirar das primeiras, e o papel e o caracter que se propunha dar aos segundos? Pouco importa isto ao publico.

Está bem ou mal desempenhada? É o unico ponto que lhe interessa.

Estariamos menos tranquilos sobre o seu juizo definitivo, se não tivessem vindo numerosos estímulos a fortalecer-nos neste immenso trabalho dia por dia, e se o motivo de confiança que havíamos tomado, antes de emprehender-lo, na promessa de revisão de um dos nossos mais celebres escriptores, não se houvesse todavia augmentado, quando vimos, desde os primeiros capitulos esta simples revisão tomar o caracter de uma colaboração verdadeira, e bem depressa chegar a ser preponderante.

FIM.

APPENDICE.



ORGULHO E VAIDADE.

N.º CDXX

FREDERICO SOULIÉ.

I.

Era em principios da primavera de 1830. Em um rico gabinete, situado no primeiro andar de um vasto palacio da rua de Provença, estava sentado um homem que lia attentamente os jornaes que lhe acabava de trazer o seu criado. Era o banqueiro Matheus Durand : tinha então apenas 55 annos, posto que parecesse mais velho. As profundas rugas que em todos os sentidos atravessavam sua testa larga, descoberta, e pensativa, attestavam o esforço constante de uma vida laboriosa e activa ; todavia, quando estava desoccupado, o que raras vezes lhe acontecia, seu rosto respirava uma benevolencia affectada para tudo

o que o cercava: e o som de sua voz antes animador que protector, parecia dizer a todos: — Eu sou feliz, e quero que vós tambem o sejais. — Podia-se comtudo conhecer que era antes activo que feliz com sua ventura; que a mostrava de boa vontade, e gostava de a deixar ver, como se a sentisse melhor pelo effeito que ella produzia nos outros. Mas não era para humilhar aquelles que a elle se chegavam: era antes para lhes fazer ver em sua pessoa o fim a que todo o homem pôde chegar por meio de um trabalho soffredor e uma vida honrada; no mais o caracter mais generico da physionomia de Matheus Durand era o de uma forte e rapida intelligencia. Assim, quando elle ouvia fallar de negocios, tinha um leve arqueado de sobrancelhas que dava a seu olhar alguma cousa de absorvente, que parecia não deixar escapar nem um gesto, nem uma palavra, nem um movimento; e este poder de tudo apañhar era tão vivo e tão completo, que, quando respondia o seu costume era resumir tudo o que lhe havia sido dito com uma precisão e clareza notaveis: era depois que vinham suas observações para accolher, recusar ou modificar as propostas que se lhe faziam. Era então que se manifestava a feição mais saliente, e comtudo mais occulta, de Matheus Durand. Era uma obstinação fria, tranquilla e polida em suas idéas, uma obstinação tal que nunca mudava de parecer, quaesquer que fossem as razões que se lhe dessem.

É de proposito que dissemos que tinha uma singular obstinação em suas ideias, porque ninguém era mais facil do que elle em mudar de resolução. Assim, depois de ter condemnado uma operação e ter-lhe deitado por terra os calculos com uma grande superioridade, vião-no de repente apoiar essa mesma operação com seu nome e seus capitaes. Outras vezes abria um grande credito a um negociante no momento em que outros banqueiros começavam a duvidar de sua solvabilidade, e quando elle mesmo conhecia, melhor que ninguém, o triste estado de seus negocios. E ninguém tinha nunca podido adivinhar a razões que determinavam estas decisões tão contrarias a seus interesses: diziam uns que era capricho, outros generosidade: mas era difficil sappôr caprichos tão desatrazoados em um homem que mostrava tanta rectidão na conducta geral dos seus negocios. A generosidade talvez explicaria melhor esta maneira de proceder, porque Matheus Durand passaria por generoso, senão tivesse sido visto algumas vezes oppôr as mais inabalaveis recusas a certos pedidos de soccorros. Só um homem pretendia que era calculo: este homem era Mr. Sejan, primeiro caixeiro da casa de Matheus Durand; mas elle não explicava qual era o fim deste calculo; e um dia que Sejan filho lhe perguntava a que arithmetica pertencia um calculo que consistia em emprestar cem mil francos a um devedor insolvavel. Sejan pai contentou-se em res-

ponder: — Isso pertence á arithmetica indirecta. — O que significava esta palavra arithmetica indirecta? Sejan pai não se explicou melhor, fechou-se em um obstinado silencio, a que um imperceptivel sorriso e um ligeiro piscado de olhos davam um ar de profunda finura. Estas desviações porém da linha recta dos bons negocios não causavam sustos em ninguem, posto que fossem bastante numerosas; porque a reputação de probidade e habilidade de Matheus Durand era superior a todas as suspeitas, e era elle muito rico para poder arruinar-se sem ninguem o saber.

Mas parece-nos inutil levar mais adiante o retrato de Matheus Durand, e pensamos que suas accões e suas palavras o pintarão melhor do que nós o poderemos fazer. Estava pois em seu rico gabinete, grande peça ornada de magnificos quadros, severamente ornada de um panno verde bordado de veludo, e mobillada com esse luxo que paga caro para ter bom e bonito. Depois de ter lido todos os jornaes com grande attenção, o banqueiro abriu uma das gavetas da immensa escrevaninha ao pé de que estava sentado, e tirou um papel que leu ainda com mais exacta attenção; riscou muitas phrases, acrescentou muitas outras, e releu esse escripto de principio a fim, declarando-o em meia voz, em quanto, com uma penna na mão, lhe dava o ultimo termo de perfeição, virgulando-o e pontuando-o com um cuidado particular; depois puxou uma das tres cam-

painhas, cujos cordões, cada um de sua côr, pendiam sobre a escrevaninha. Não foi comtudo sem ter deitado um ultimo olhar sobre a sua obra, porque devia ser obra sua : este ultimo olhar bastava para o dizer. Era o de uma mãe que acabou de enfeitar seu terno filho, e que depois de ter examinado o seu vestido prega por prega, alfinete por alfinete, e seus cabellos annel por annel, o põe a alguns passos para bem contemplar aquelle todo, e certificar-se de que nada lhe falta. Um momento depois appareceu o criado, e Matheus Durand lhe disse :

— Mandai-me Leopoldo.

O criado ia deixar o gabinete para obedecer a seu amo, este continuou :

— Passai pela escada pequena que conduz ás sobrelojas, onde elle deve estar : que tambem venha por lá : é inutil que as pessoas que esperam no salão vejam que recebo aqui alguem.

O criado obedeceu, e o banqueiro, ficando só, abriu então a correspondencia que estava junto d'elle. As mais das vezes contentou-se em lançar um rapido golpe de vista sobre as cartas, pondo-as em pequenas caixas. Poz algumas notas em um mui pequeno numero, e guardou duas ou tres que fechou na escrevaninha, e cuja leitura pareceu incommoda-lo vivamente. Por fim tornou a apparecer o criado acompanhado de um mancebo de vinte annos, que parou diante do banqueiro como penetrado de uma respeitosa admiração.

— Preveni que vou já receber, disse o banqueiro ao criado que se retirou.

Matheus Durand se voltou então para Leopoldo, e lhe disse com voz cheia de doçura e benevolência:

— Tenho um serviço que pedir-vos, Mr. Leopoldo.

— Um serviço a mim! exclamou o mancebo com vivacidade. Que devo fazer, senhor? Sabeis que a minha vida vos pertence, e que se fôr preciso sacrificá-la....

— Não, meu amigo, não, respondeu Matheus Durand moderando este entusiasmo com um sorriso gracioso; o serviço que tenho a pedir-vos não exige o sacrifício da vossa vida, mas pede promptidão e descriptão.

— Se fôr segredo, acreditai que mais depressa me arrancarão a vida do que uma palavra.

— Exagerais a importância do serviço que tenho a pedir-vos, Leopoldo.

— Tanto peor, porque desejaria achar em fim um meio de mostrar o meu reconhecimento: todos os vossos empregados vos olham como um pai; mas para mim tendes sido um Deus salvador.

— Vossa mãe tinha ficado sem fortuna; e posto que vosso pai tivesse morrido em 1815 de suas feridas, todavia recusou-se-lhe uma pensão.... Era uma grave injustiça....

— E vós a reparastes nobremente, senhor: soccorrestes minha mãe.

— Podia eu deixar na miséria a viúva de um bravo militar?

— Encarregastes-vos de mim; e é á vossa generosidade que devo a educação que recebi: e é um benefício.

— Sim, Leopoldo, creio que é um benefício, disse o banqueiro interrompendo-o; e eu tenho talvez o direito de o dizer. É porque, vedes vós, eu parti da minha aldeia sabendo ler apenas. O pouco que sei, foi-me preciso aprende-lo forçando algumas horas ao trabalho que me fazia viver. Foi sem mestre que aprendi a escrever, sem mestre que, pouco a pouco, apurei minha linguagem de camponez: quando depois tive um pequeno emprego, não quiz parecer mais ignorante que meus jovens camaradas saídos dos lyceos: atirei-me ao latim.

— Só?

— Só, em minhas pobres agnas-furtadas. Quiz saber alguma coisa de historia e de mathematicas. Amava a chimica, e occupava-me da physica. Se vos dissesse tudo, Leopoldo! Tocava rebecka, e na verdade soffrivelmente. Depois, á força de trabalho e economia, pude emprender alguns pequenos negocios, depois maiores, sempre só, mas sempre porfiando, e por fim fiz-me o que sou.

— Fizestes-vos um dos homens mais consideráveis de França.

— Ao menos creio que um dos mais considerados, respondeu Matheus Durand; mas torne-mos ao serviço que tenho a pedir-vos. Eis-aqui uma memoria, uma carta, um escripto emfim, de que preciso quatro ou cinco copiãs; leva-lo-heis para vossa casa, e far-me-heis essas copias de noite. As horas da vossa escrevaninha não me pertencem, e Sejan me reprehenderia se eu vos fizesse faltar aos vossos deveres. Conto com a vossa boa vontade.

— Oh! senhor; não me falleis em boa vontade, quando todas as horas da minha vida vos pertencem.

— Sobretudo não mostreis isto a ninguem, nem mesmo a vossa mãe.

— Eu vo-lo prometto, senhor.

— E a proposito, como passa vossa mãe?

— Possa muito bem; e ficará satisfeitissima em saber...

— Que eu me informei da sua saude, disse o banqueiro sorrindo-se; e irá sem duvida proclamar por toda a parte a bondade de Matheus Durand, que perguntou por M.^{me} Baron.

— Não lhe queirais mal pelo seu reconhecimento.

— Brinco, Leopoldo, brinco, meu amigo; vossa mãe é uma digna e honrada mulher; e se exagera o pouco que tenho feito por ella, provém

este sentimento de uma virtude tão rara, que eu a louvaria se este reconhecimento se dirigisse a outrem. Fazei-lhe sempre os meus cumprimentos.

— Eu vos agradeço por ella, senhor; mas quando deverei entregar-vos as copias?

— Amanhã de manhã.

— Então eu as trarei bem cedo, pois que só partis amanhã de manhã para Etang.

— E de certo tendes razão, que amanhã é domingo, e eu parto esta noite. Minha filha ficaria mal comigo se eu só chegasse amanhã, porque tem um baile em casa de um dos nossos vizinhos do campo, e eu me encarreguei de não sei quantas ridicularias para ella.

— Posso passar o dia a fazer estas copias?

— Não: seria preciso desculpar a vossa ausencia a Sejan. Fazei melhor: ide amanhã a Etang, e passareis o dia connosco. Á noite levar-vos-hei ao baile; os dançadores são sempre bem recebidos. Ora está justo.

A esta proposta Leopoldo tinha ficado todo vermelho, abaixou os olhos com embaraço, e parecia hesitar. O rosto de Matheus Durand se contrahiou ligeiramente, e perguntou a Leopoldo com um tom um pouco secco:

— Não podeis dar-nos este prazer, senhor?

— É que um similhante convite me confunde, quando sei que é a recompensa mais lisongeira para os de vossos empregados a quem vos

dignais concedê-la. Minha mãe ficará tão contente... tão ufana...

As feições de Matheus Durand se abriram, e respondeu com um tom de encantadora benevolência:

— Pois bem! se achardes que se não passa mui tristemente em Etang, pedir-lhe-heis que vos acompanhe um dia.

— Ah! senhor, senhor! disse Leopoldo com as lágrimas nos olhos e suffocado pelo reconhecimento.

— Está bem, está bem, disse Matheus Durand estendendo-lhe a mão.

Leopoldo estava tão extasiado, tinha o coração tão cheio, que agarrou na mão do banqueiro e a beijou como a de um rei que acaba de conceder uma graça importante a um de seus súditos. Durand viu-o sair: e a expressão de um vivo contentamento de si mesmo, conlido até ali em seu coração, brilhou então sobre seu rosto; levantou a cabeça com altivez, e deixou escapar como uma surda exclamação de triumpho; deu depois duas ou três voltas no gabinete, como para dar a esta emoção tempo de se exhalar livremente. Quando ficou inteiramente senhor de si, tomou o seu lugar ao pé da escrivaninha, e tocou de novo a campainha: o criado appareceu.

— Que pessoas são as que me esperam? perguntou elle.

— Eis-aquí os seus nomes, respondeu o criado dando muitos pedacinhos de papel quadrados ao banqueiro.

Matheus Durand os leu, e parou em um delles.

— Quem é este Felix de Marseille? disse elle.

— É um senhor bastante velho, que parece ter ao menos 75 annos; foi o que chegou por ultimo.

— Entrará por ultimo.

— O sr. marquez de Berisy foi o que primeiro chegou, disse o criado.

— Fazei entrar Daneau, disse o banqueiro, e pedi a Berisy que se digne desculpar-me: tracta-se de uma promessa.

Um momento depois vin-se entrar Daneau. Cortejou o banqueiro com um embaraço visivel, talvez por se achar na presença de um dos mais ricos capitalistas da Europa. Matheus Durand fingiu não ver a perturbação de Daneau, e lhe disse, mostrando-lhe uma cadeira com um gesto de bom acolhimento:

— Eu vos recebi em primeiro logar, senhor, porque sei que o tempo nunca é demais para os negocios, e que é um capital cujo emprego se não póde desviar sem grave prejuizo: dignai-vos pois dizer-me em que posso ser-vos util.

Daneau era um homem muito gordo,

de estatura alta ; tinha as faces coradas, grandes pés e grandes mãos; tudo n'elle mostrava um desenvolvimento solido de forças physicas nutridas com *charcutaria* e vinho de Borgonha. Comtudo, de baixo dessa rude casca, via-se apparecer uma intelligencia fina e prompta, e uma conversação facil e conveniente; elle tossiu, e começou assim com os olhos baixos, em quanto Matheus Durand olhava para elle com esse olhar directo e firme com que parecia desenvolver as phrases mais obscuras e os negocios mais embrulhados.

— Senhor, o passo que arrisco hoje é bem atrevido; mas vós o desculpareis a um homem que está a ponto de ser arruinado e deshonorado nas vesperas mesmo de ver sua fortuna segura. Eu sou emprehendedor de construcções.

— Bem o sei, Sr.

— Tenho actualmente seis casas em construcção; contava aluga-las em abril deste anno, fazendo terminar durante o inverno os trabalhos interiores; mas a estação foi tão rigorosa, que tem sido impossivel fazer uma polegada de tecto, nem uma toeza de pintura, de modo que não estou mais adiantado que ha seis mezes. Entretanto, não prevendo um inverno tão terrivel como o que acaba de passar-se, tinha contraído numerosas obrigações para este mez e os seguintes. Estas obrigações, eu as poderia facilmente satisfazer se meus calculos não fossem destruidos por um accidente que não se renova uma vez em cada dez annos :

teria achado os fundos necessarios hypothecando essas casas ou vendendo-as; mas tão facil é achar dinheiro sobre uma propriedade acabada, e que está em inteiro rendimento, quão difficil é quando ainda restam numerosos trabalhos a terminar. Só nós temos um conhecimento bastante exacto do valor que ella hade ter, e das despesas que restam a fazer para conhecer os resultados certos do negocio e confiar nelle.

— Entendo perfeitamente o que me dizeis, Sr., respondeu Matheus Durand olhando com mais attenção ainda para o emprehendedor; mas casas, posto que não estejam concluidas, tem com tudo um valor real, e sobre o qual não deve ser difficil achar fundos.

— Eu não devo occultar-vos, Sr., que este valor está hypothecado, ao menos em grande parte. Julgo que as seis casas que faço construir valerão tres milhões, e eu apenas tinha uns 300:000 francos para principiar. Pago por tanto uma parte do terreno, foi-me preciso hypotheca-lo para começar os trabalhos; construidas as lojas, pedi sobre ellas para construir o primeiro andar, depois sobre o primeiro para construir o segundo, e assim por diante. Hoje devo pouco mais ou menos um milhão e 200:000 francos, aos quaes as casas servem de hypotheca; mais 400:000 francos de obrigações á ordem, que eu tinha passado para abril, maio e junho, acreditando que nessa época os meus recursos seriam

certos pela facilidade de um emprestimo sobre casas que representavam um valor de tres milhões. Mas este valor só o terão em julho, e talvez eu lh'o não possa dar.

— Como assim ? disse Malheus Durand, que parecia interrogar esse homem antes para saber como elle entendia os seus negocios do que para saber delles.

— Eis aqui. Depois de ter pago de contado a todos os meus trabalhadores, graças aos emprestimos que pedia, no principio do inverno fui obrigado a outros ajustes. Isto começou a fazer que confiassem menos; assim, quando se tratou de concluir os trabalhos, pediram metade á vista, metade a prazos. Findam hoje os primeiros quinze dias depois que se continuam os trabalhos, e tenho 30:000 francos a dar, 15 mil dos quaes em moeda aos trabalhadores; e da qua tres dias é o fim do uez, e são-me precisos 72 mil francos para as ordens. Eis aqui o ponto em que estou, Sr., se amanhã não tiver os 15 mil francos, os trabalhos não se continuarão, minhas casas ficarão por acabar, o meu credito fica perdido; e se houver de haver um fallimento, arresto e expropriação, casas que dentro em tres mezes podem valer tres milhões com uma despeza de cem mil escudos, vender-se-hão talvez dentro de um anno, por autoridade da justiça, por 1:00 ou 1:500 francos, porque daqui até lá se arruinarão, por isso que ainda não

estão competentemente tapadas e fechadas. Eu ficarei perdido por uma operação que devia enriquecer-me, e que me teria enriquecido se eu não tivesse apanhado uma estação tão detestavel.

O banqueiro pareceu reflectir muito tempo no que acabava de ouvir, em quanto o empreendedor buscava com anxiedade em seu rosto o menor signal de uma resolução. Por fim Matheus Durand se voltou com vivacidade para Daneau e lhe disse:

— E com quantos empreiteiros tendes a tratar?

— Com um grande numero, Sr., porque para andar mais depressa dividi os meus trabalhos. Assim, para as minhas seis casas tenho outros tantos empreiteiros differentes, carpinteiros, serralheiros, marceneiros; tenho seis mestres de chaminé e seis pintores; cada casa tem, em fim, seus differentes empreiteiros, gente honrada, que deve o que possui ao trabalho, porque todos começaram do nada.

— Muito bem! muito bem! e isso constitue trinta empreiteiros, gente honrada, sem duvida?

— Sim, Sr., todos de excellente reputação?

— Eleitores, sem duvida... E com os pedreiros?

— A obra de pedreiro eu mesmo a fiz, porque sou mestre pedreiro.

— E' o mesmo, disse o banqueiro, isso vos fez contrair dividas a vendedores de alvenaria, cantaria, saibro, cal, arêa; fez-vos ter muitos trabalhadores.

— Tenho duzentos, e mais de vinte fornecedores.

— Bem! bem! repete o banqueiro. E elles se fiam muito em vós?

— Nada fiz até hoje que possa produzir o contrario.

— Nem deixarão de se fiar.

— Poderá ser?

— Ouvi, Daneau, até hoje nunca tratei de negocios desta qualidade; mas pelo que acabais de dizer-me, deveis ter tratado com homens que só chegaram á posição que occupam por sua industria.

— E' a historia de nós todos; eu principiei por servir pedreiros; todos os meus empreiteiros estão no mesmo caso.

— E é tambem a minha historia, Daneau: ha quarenta annos que eu cheguei a Pariz com cem soldos e o desejo de me adiantar: sou um filho do povo como vós, como os vossos trabalhadores, e não abandonarei os homens que não foram tão felizes como eu.

— Ah! Sr., exclamou o emprehendedor, é um acto de generosidade.

— De justiça, Daneau, e eis-ahi tudo. Eu não sou um grande senhor, sou filho de um camponez, de um trabalhador, e não me esqueço do que fui.

— Ah! Sr! Ah! Sr! repetia Daneau, que não achava palavras para mostrar o seu reconhecimento.

— É por vós, é por elles, é pelos trabalhadores que teriam a soffrer de uma similhante catastrophe, que eu o faço.

— Oh! se eu ousasse dizer-lh'o!

— É inutil, disse o banqueiro, é inutil: os serviços que vos posso fazer é já uma ventura que me paga sufficientemente. Mas devo dizer-vos de que modo entendo que se trate este negocio. Dar-me-heis uma hypotheca geral sobre vossas casas, e eu vos abrirei um credito de 400,000 francos.

— Um credito!

— Sim, Daneau, não faço transacções de outro modo. Todas as vezes que tiverdes um pagamento a fazer, será por um vale sobre a minha casa, vale que será pago dentro de vinte e quatro horas.

— Mas isso vale cem vezes mais que dinheiro, Sr., e eu o não precisarei, logo que se souber que sou sustentado pela casa Matheus Durand.

O banqueiro fingiu não ouvir, e continuou:

— Quanto aos 15,000 francos de que ca-

receis hoje, sacai sobre mim, e entregai as ordens aos vossos empreiteiros: serão pagos á vista. Por outra parte, Daneau, desde que me encargo de vos fornecer fundos, todas as letras assignadas por vós devem ser pagaveis em minha casa: é isto por causa do systema de contabilidade que organizei em meu escriptorio.

— Mas isso, Sr., é levar as cousas ao ultimo ponto, é dar ao meu papel o valor de dinheiro de contado.

— Estimo que isto vos convenha; no mais, segunda feira pela manhã estarei aqui com o meu notario e o vosso: vou dar ordem que passem pela repartição das hypothecas, e em dous dias concluiremos tudo. Quanto ao mais, se podesseis amanhã ir passar uma hora ou duas em Etang, poderíamos fallar com mais liberdade.

— Eu irei, Sr., eu irei: mas... mas... permiti-me que vos diga....

— Perdoai-me, Daneau, esperam-me, e é preciso que vos deixe. Adeos, adeos, até amanhã.

Depois de Daneau foi introduzido o marquez de Berisy. O acolhimento que lhe fez Durand foi de uma exacta polidez, acompanhado dessa modestia reservada que marca a differença que aquelle que falla sabe que existe entre elle e o que lhe falla. Ao ver ao lado um do outro o marquez de Berisy, homem de cincoenta annos, cor morena, mãos grossas, parecer pouco affectado, e o banqueiro Matheus Durand tão accada-

mente penteado, e vestido, com as mãos brancas e as unhas cõr de rosa, certamente se tomaria o titular pelo burguez e o burguez pelo titular.

— A que motivo, disse Matheus, devo eu a honra da visita do Sr. marquez de Berisy?

— Eu vo-lo digo, Sr.: sabeis que por ordenança de Carlos X acabo de ser nomeado par de França?

— Sei-o como todos o sabem.

— E, como todos tambem, talvez pergunteis a que devo esta nomeação?

— Tendes um grande nome, Sr. de Berisy.

— E vós tendes o nome de um homem de bem, Sr. Durand, o que no tempo presente vale outro tanto. Mas devo dizer-vo-lo, não foi esse nome que me trouxe a nomeação: é porque sou um dos mais ricos proprietarios de terras em França. O rei pensa que os homens que possuem uma grande fortuna tem um interesse mais directo em manter a ordem do que aquelles que só fundam a esperança da sua nas revoluções. Já vedes que sou par de França por um motivo que vo-lo fará ser amanhã, se quizerdes.

O banqueiro sorriu-se desdenhosamente.

E o marquez continuou:

— Mas não é essa a questão. Eu me acostumei, ha vinte annos, a ser um camponez util ao meu paiz, porque devo uma parte de minha fortuna a empresas agriculas. Estava retirado nas minhas terras, quando o rei houve por bem fazer

de mim um par de França. Eu farei o mais que puder para ser um bom par de França. Mas ao lado dos deveres politicos que tenho a satisfazer, ha ainda um que satisfarei igualmente, e que supponho que vós não desapprovareis. Eu não venho a Pariz para me arruinar; mas logo que o rei me chamou a uma funcção elevada, quero sustenta-la com um estado conveniente.

— Concebo isso perfeitamente, disse o banqueiro fallando preciosamente e como um homem que deixa ver que é soffredor.

O marquez o conheceu, e continuou:

— Peço-vos que me desculpeis por vos ter contado tudo isto, mas este preambulo vos fará conhecer perfeitamente a razão por que tenho um serviço a pedir-vos, e a natureza desse serviço. Pelo que vos disse estou destinado a residir em Pariz; portanto, desfiz-me de uma mata cujo manejo não posso mais vigiar, e primeiro que tudo resolvi comprar um palacio em Pariz, e depois pôr uma parte dos capitaes que realisei, ou em fundos publicos, ou em uma casa de banco, para substituir por um augmento de lucros de meus capitaes activos o capital morto que empregarei no palacio.

— E tendes escolhido a minha casa, disse Durand com um tom em que apparecia certa emoção.

— Sim, Sr. Durand, escolhi a vossa, porque

tendes uma reputação de probidade e honra applaudida pela França inteira.

— E' preciso que nós outros gente do povo tenhamos isso, respondeu o banqueiro tornando a tomar o seu ar de modestia.

— A isso accrescentais vós, dizem, uns vinte milhões, disse o Sr. de Berisy rindo-se: e não é isto um accessorio sem importancia.

— Exageram muito a minha fortuna, Sr., disse o banqueiro com uma dessas caras que affirmam o que a palavras negam; mas, qualquer que ella seja, foi honradamente adquirida, é o fructo de um trabalho com paciencia, porque eu comecei sem nada. Sou filho de um homem pobre, de um jornaleiro que só me deixou um nome honrado, amor do trabalho e principios honestos.

— E vêdes, apesar do quanto se diz, que foi uma bella herança que fructificou nobremente em vossas mãos.

— Honro-me disso.

— E tendes razão. Mas dizei-me o que devo esperar de vós. Encarregar-vos-heis de meus fundos?

— Estou ás vossas ordens, Sr., e será negocio feito, se as condições usadas em minha casa vos convierem; porque o banco não admite privilegios; e eu não posso fazer pelo marquez de Berisy mais que pelo mais obscuro de meus committentes.

— Nem eu peço mais. Podeis dizer-me essas condições?

— Perdoai-me, Sr. marquez, mas sou obrigado a receber clientes mais apressados que vós, porque vem pedirme dinheiro em lugar de m'o trazer. Se tivesses a bondade de ir ter com Sejan, chefe da contabilidade, entender-vos-hieis com elle: tudo o que elle fizer será bem feito.

O marquez cortejou em signal de assentimento, e Matheus tocou a campainha.

O criado appareceu.

— Quem espera?

— O velho Mr. Felix.

— E' algum desgraçado que recorre a mim, disse o banqueiro dirigindo-se ao marquez em quanto fazia um apontamento: conduzi-o.

Um momento depois annunciou-se Mr. Feliz.

O aspecto deste homem tinha essa solemnidade inseparavel de uma grande velhice vigorosamente sustentada. O seu todo era mais que simples, sem ser despresado. Matheus Durand o mediu com um olhar rápido que o velho supportou sem se desconcertar, e examinou tambem o banqueiro com uma attenção que só podia desculpar a autoridade de sua muita idade.

Matheus Durand se offendeu tanto mais com isto, que sentiu que esse homem lhe infundia respeito, e lhe disse sem lhe offerecer cadeira:

— Quem sois vós, e em que posso servir-vos?

— Esta carta va-lo-dirá, Sr.; e, sem esperar resposta de Matheus Durand, pegou em uma cadeira e sentou-se.

Este achou a lição soffivelmente audaciosa, e deitou sobre o velho um olhar que o advertiu de sua impertinencia, mas que parou diante do olhar tranquillo e sereno do velho. Durand abriu a carta e a leu: ella só continha estas poucas palavras escriptas á pressa:

« Sr. e amigo. — Mr. Felix que vos entregará esta carta, é um antigo negociante que tem soffrido grandes desgraças. Eu vos agradecerei o bem que poderdes fazer-lhe. »

— Esta carta é de Dumont de Marseille? disse Durand.

— Sim, Sr.

— Eu não deixarei sem socorros um homem que me é recommendado por Dumont, disse o banqueiro com desdem. Eis-aqui o que posso fazer por vós, Sr., acerescentou tomando um monte de dinheiro de sua escrevaninha e offerecendo-o ao velho.

— Não basta, disse Felix.

— Que significa esse tom? disse Durand.

— Dignai-vos escutar-me, Sr.

— De boa vontade, mas apressai-vos: meus negocios me chamam.

— Procurarei ser breve. Sou descendente de uma boa familia de commercio. Meu pai me fez dar uma excellente educação.

— É um beneficio de que eu não gosei.

— Vós? disse o velho arqueando as sobran-celhas... Depois continuou: É verdade, assim mo disseram. Eu fui mais feliz. Tinha vinte annos quando meu pai morreu e me deixou uma immen-sa fortuna: mas suas especulações com a India e a China, tão felizes em suas mãos, perigaram nas minhas.

— Não tinheis sido educado na rude escola da pobreza: só se conhece o preço do dinheiro quando foi adquirido pelo trabalho.

— Tendes sem duvida razão, Sr.: é sempre certo que na época em que appareceu a revolução meus negocios começavam a vacillar; e tendo-me a guerra com a America levado ricas carregações, fui arruinado e obrigado...

— A fallir, disse o banqueiro interrompen-do o velho que parecia hesitar em pronunciar es-ta palavra.

— Fiz banca-rotta, disse corajosamente Felix; fugi de França com alguns recursos, e fui condemnado.

— Como banca-roteiro! disse o banqueiro estremecendo: depois socegou, e continuou: — E então que posso eu fazer a isso?

— Eis-aqui. Ha mais de trinta annos que deixei a França. Este tempo eu occupei, não em refazer a fortuna que perdi, mas em ganhar bas-tante para poder pagar a todos os meus credor-es ou seus herdeiros, afim de poder rehabilitar

o meu nome. Consegui-o quasi, Sr.; dei tudo o que trouxe dos Estados-Unidos, nada me resta; mas falta-me uma somma de cincoenta mil francos.

— E vindes pedir-ma talvez? disse o banqueiro.

— Venho pedir-vo-la; respondeu Felix.

-- Perdoai-me meu querido Sr.; mas na verdade não vos concebo. Quero acreditar na vossa historia, e não pretendo dizer-vos cousa alguma que vos afilija; mas eu não posso fazer-me socio de todos os fallidos de França.

— Não vos esqueçais de que é um velho de oitenta annos que vos pede o unico meio de recobrar a sua honra.

— Não fui eu que vo-la fiz perder.

— Cincoenta mil francos é sem duvida uma somma enorme, mas muitas vezes a tendes gasto na compra de um quadro.

— Creio ter direito de fazer de minha fortuna o uso que me agrada; porque esta fortuna, eu a tenho ganho soldo por soldo: eu não fui um rico herdeiro; meu pai....

— Vosso pai! disse o velho com uma viva emoção.

— Meu pai não me deixou milhões para dissipar. Era um jornaleiro, Sr., honrado, é certo. Eu nasci pobre, vivi pobre, e é por isso que me não julgo obrigado a reparar as loucuras e imprudencias de homens que foram ricos, e que não souberam continuar a sê-lo.

— Se soubesseyes que sentimento me conduziu a esta fatal deliberação, terieis compaixão de mim.

— Dirigi-vos a Dumont.

— Perdoai-me, disse o velho levantando-se; e com um accento quasi solemne: Eu julgava que vós me comprehenderieis melhor do que elle.

Cortejou o banqueiro e sahiu.

Este passou só por algum tempo em seu gabinete com um máo humor manifesto: tres ou quatro minutos depois tocou a campainha com violencia, e disse ao seu criado:

— Se este homem que sahe daqui se tornar a apresenter, vós o não recebereis.

— Sim, Sr.

— Quem está lá?

— Cousa do uma duzia de pessoas, que segundo me disseram, vem da parte de Daneau.

— Bem! bem! respondeu o banqueiro com ar de inteira satisfação: fazei-os entrar.

O primeiro foi um serralheiro.

— Que desejais, Sr.?

— Pedir-vos uma simples explicação: Mr. Daneau nos entregou vales sobre a vossa caixa, e letras á ordem pagaveis em vossa casa. Os vales não foram pagos, e devemos reccar o mesmo das letras.

— Tudo será pago.

— Então o que elle nos disse é verdade:

tem em vossa casa um credito de quatrocentos mil francos?

— E' certo.

— Vós o salvastes, Sr.

— Mas não foi por elle só que eu fiz assim... Sei quaes são suas obrigações para com-vosco e muitos outros; e em quanto eu poder sustentarei um homem do qual depende a fortuna de muitos outros.

— Ah! Sr. Durand, eis o que é digno do vosso coração! Nenhum banqueiro em Pariz faria isto.

— E' porque não é só o banqueiro que o faz, é o homem que se lembra do que foi; é o homem que, vomo vós todos, começou pelo trabalho, é em fim o homem do povo.

— Nós sabemos que sois o amigo dos trabalhadores e homens de bem.

— Faço por elles o que posso, e lastimo não poder mais.

— E que podeis vós desejar?

— Para mim nada.... Mas algumas vezes tenho pensado que se os direitos do povo fossem mais bem defendidos na tribuna...

— Eu sou eleitor, Sr., e se alguma vez for des candidato...

— Não penso em tal... Mas deveis ter pressa... vou pôr o *visto* nas vossas ordens, e serão pagas.

E o serralheiro sahio contente. Depois en-

tráram os outros mestres mandados por Daneau; dez, doze, quinze, e foi dez, doze quinze vezes quasi a mesma scena, com mui pequenas variantes, até o momento em que Sejan appareceu no gabinete de seu amo.

— Então, Sejan, em que ponto estamos? perguntou o banqueiro.

— Sempre o mesmo, Sr. Temo que o fim do mez seja duro,, Eu não me atrevo mais a sacar sobre os nossos pequenos commerciantes das provincias, porque a maior parte das letras voltam recambiadas.

— São sommas sem importancia.

— Sem duvida; mas multiplicam-se a infinito. Dez, vinte, trinta mil francos de credito aberto, é pouca cousa; mas temos mais de ceis-centos creditos semelhantes no grande livro: ha mais de seis milhões obrigados deste modo; temos perto do dobro no commercio miudo de Paris, de que temos sido indemnizados por papel cujo valor me é suspeito: ha um commercio de assignaturas terrivel.

— Creio-o como vós: mas basta a minha assignatura para que o banco tome todos os pedacos de papel que eu lhe mandar: assim, por em quanto não pode haver incommodo. Todavia será preciso prudencia limitaremos este genero de operações. Vistes Berisy?

— Vi.

— E que somma quer elle pôr em minha casa ?

— Dois milhões; e vinha perguntar-vcz o emprgoe que quereis fazer desta somma.

— Comprar apolices de tres por cento.

— A mais pequena cousa pôde trazer uma baixa. Temos mais de trinta milhões de fundos depositados em fundos publicos... Ao menor pânico as apolices de tres por cento podem baixar 4 ou 5 francos. Esta expedição de Argel pôde não ir bem: as novas eleições podem ser más.

— Hão de ser boas, Sejan.

— Em que sentido ?

— No sentido de que obrigaremos o poder a tratar comosco.

— E se não tratar ? Se nascerem collisões que abalem o credito publico ? A vossa fortuna pôde perecer.

— Eu avalio em mais a minha fortuna que a do rei de França. Sejan, disse o banqueiro com exaltação, é mais solida que a sua: apoia-se na popularidade. A casa de Bourbon pôde perecer, mas a casa de Matheus Durand ficará em pé.

Sejan levantou os olhos ao céu, e o banqueiro, tendo dado as assignaturas que lhe vinha pedir um director principal da casa, pediu os cavallos e partiu para Etang.

II.

No mesmo dia em que estas diferentes scenas se passavam em casa de Matheus Durand, na rua de Provença, outra comedia era representada por uma personagem bem differente na rua de Varennes do bairro de São Germano. O principal actor era o conde de Lozeraie. Era um homem que tinha passado os cincoenta annos, estatura alta, cara levantada, ar frio e desdenhoso, fallando com a extremidade dos labios, vestido com um estudo que sabia tomar ás modas da extrema mocidade o que tinham de conveniente á sua idade sem se deixar arastar pelo que tinham de ridiculo. Estava tambem fechado em um gabinete de trabalho de uma grande riqueza, todo reluzente de brocado, moveis dourados, curiosidades custosas, porcelanas de preço. Todavia parecia prompto a sahir, porque um criado acabava de entregar-lhe o chapéo, luvas e chicotinho, annunciando-lhe que os cavalloos estavam promptos.

Neste momento um maneebo de vinte e quatro annos abriu a porta do gabinete e cortejou o conde de Lozeraie.

— Ah! chegastes em fim Arthur?

— Disseram-me que procuraveis por mim, meu pai, e apressei-me em descer.

— Podieis ter tido mais pressa.

— Perdoai-me, meu pai: acabava uma carta para um amigo.

— Basta: fiz-vos chamar para vos pedir que não disponhais de vós amanhã. Estais convidado amanhã para casa do marquez Favieri, que dá um baile na sua casa de campo de Lorges, e eu quero que não faltes a este convite.

— Irei, e irei com grande prazer, meu pai, respondeu Arthur com agrado.

— Agradeço-vos a obediencia, respondeu Lozeraie; mas deixai esse ar triste e melancolico que acarretais por toda a parte. Vereis amanhã Mlle.^a Flora de Favieri; é uma mui bella pessoa; seu pai é immensamente rico: procurai agradar a ambos. Entendeis...

Arthur a principio pareceu ouvir seu pai com grande admiração, depois com uma satisfação evidente. Duvidou comtudo um instante exprimir os pensamentos que a ultima phrase de seu pai lhe fizera nascer; mas como este o olhava com um ar severo e interrogador, decidiu-se a fallar e disse:

— Sem duvida, meu pai, creio comprehender-vos: e devo acreditar por vossas palavras que não vos recusarieis a uma alliança com um homem que exerce o estado de banqueiro, como faz Favieri.

— Este homem é representante de uma das mais nobres familias de Florença, disse severamente Lozeraie. O commercio ou o banco, que

em França foram sempre considerados como derogatorios da nobreza, não tem o mesmo desfavor na Italia: Favieri não se fez banqueiro; conservou-se como os seus antepassados: é uma muito grande differença com os nossos homens de finanças, que pela maior parte são todos tirados do nada.

O prazer que tinha apparecido no rosto de Arthur desapareceu repentinamente, e respondeu friamente:

— Ha comtudo entre os burguezes muitos homens honrados.

— Supponho que isso vos deve ser indifferente: vós vos chamais o visconde de Loze-raie, não vos esqueçais mais disso, um nobre fia-se na honra de seu filho. Lembrai-vos de que me acompanhareis amanhã a casa de Favieri.

— Eu vos acompanharei, meu pai, respondeu Arthur.

Indo o conde a sahir, o criado entrou ainda e annunciou Felix de Marseille.

— Não o conheço, respondeu o conde: que homem é?

— Um homem octogenario; diz que tem uma carta de recommendação para o Sr. conde...

— Algum mendigo, sem duvida; dissei que não estou em casa.

E, sem dar attenção ao que acabava de dizer, deixou o gabinete, atravessou o salão, passou pela antecamara antes que o criado tivesse

tempo de dizer a esse Felix que o conde de Lozeraie estava auzente. Ao ve-lo o velho se levantou, e, chegando-se a elle respeitosamente, lhe disse apresentando-lhe uma carta:

— Da parte do visconde de Conchy, de Lyon.

O conde parou, e pegou na carta sem responder ao cortejo do velho. Esta carta era assim concebida:

« Meu querido conde, o portador é um bom velho a quem a revolução fez perder a sua fortuna. Contar-vos-ha a sua historia, e eu vos agradeceré o que poderdes fazer por elle.

O conde atirou a carta a uma estante, e disse ao criado que o tinha seguido:

— Dai dois luizes a este homem, e fazei chegar os cavallos.

— Sr. conde, disse Felix pondo-se entre elle e a porta, não é esmola que venho pedir-vos.

— Então o que é?

— Uma restituição, Sr.

— Uma restituição! não tenho dividas, Sr., e se as tivesse, não seria a pessoa de vossa qualidade.

— Tambem, Sr., disse o velho com um tom altivo, não fallo de vossas dividas pessoas para comigo.

— Seria difficil.

— Póde ser, disse o velho, mas fallo das

lendo ainda uma vez o escrito que atentamente lera na vespera, e de que Leopoldo tinha trazido as copias que o banqueiro lhe havia pedido. Era meio dia pouco mais ou menos, e Matheus Durand parecia esperar com impaciencia: muitas vezes olhava para traz como para ver se chegava alguem. Por fim viu um homem que appareceu na extremidade da rua e cuja chegada pareceu encanta-lo. Este homem era Daneau. Apesar, porem, do prazer que esta vinda lhe causou, elle não foi a seu encontro. Continuou seu passeio como se não o houvesse visto, mas com passos bastante lentos, para se deixar apanhar, e continuou a sua leitura parecendo completamente absorvido pelo que lia.

Daneau chegou bem de pressa ao pé delle e cortejou-o: elle respondeu por um amigavel signal de cabeça.

— Perdoai-me, sou vosso: se não estais fatigado passaremos ambos um momento.

— E' dar-me honra.

O banqueiro não respondeu, e continuou a sua leitura, em quanto o emprehendedor caminhava junto a elle. De vez em quando Durand levantava os hombros lendo, depois deixou escapar algumas exclamações de benevola compaixão como esta:

— Pobre homem!.. está louco!

Depois pareceu commovido do que lia, e disse a si mesmo:

— Aqui ha sentimento... não posso querer-lhe mal por esta exaltação. Na verdade, accrescentou elle voltando-se para Daneau, ha mais reconhecimento entre os pobres do que no mundo.

— Estou persuadido disso, disse Daneau.

— Eis-aqui um escrito que a principio me pareceu ridiculo, mas que acabou por me tocar, porque estou certo do bom sentimento que o inspirou.

— O que é? disse Daneau tão obsequiosamente conduzido a entrar nas confidencias do banqueiro.

— Um pobre homem honrado, respondeu este, que livre de um máo passo, e imaginou mostrar o seu agradecimento solicitando por mim os votos dos eleitores do seu districto.

— Mas é uma idéa que me parece natural e pô-la elle em execução?

— Não, felizmente: fez-me submeter o projecto de carta que contava escrever, e é este.

— E vós não o approvais?

— Vê-de vós mesmo se posso, disse Durrant entregando o papel a Daneau.

Este o leu attentamente, em quanto o banqueiro seguia com mal disfarçada anxiedade o effeito que este escrito produzia no emprehendedor. Por fim este disse.

— Mas esta carta nada diz que não seja a exacta verdade, apresentando-vos como o mais

habil banqueiro de França, e ao mesmo tempo o mais probo, enumerando todos os serviços que tendes feito ao commercio e á industria; só diz o que todo o mundo sabe.

— Talvez eu tenha feito algum bem, mas dahi ao que se diz vai muito.

— Se eu livesse de fazer uma semelhante carta, disse Daneau com um movimento de homem honrado, teria dito muito mais.

— Basta isso, disse o banqueiro sorrindo-se.

— Perdoai-me, Durand; mas permiti-me que vos pergunte se é vossa intenção pôr-vos em lista?

— Pôr-me eu! disse Durand: não, de certo.

— Mas aceitariais a candidatura que vos fosse offerecida?

— Isso é grave... A deputação é um encargo muito pesado, sobretudo para um homem como eu... Pensai que se eu estivesse na camera julgar-me-hia ali o representante do povo, dos industriosos, commerciantes, e que seria uma rude tarefa a de pertender fazer prevalecer seus direitos, que o poder se obstina em deso-nhecer.

— Esses direitos não poderiam ter mais nobre representante nem melhor defensor.

— Eu os sustentaria com amor e convicção, eu vo-lo juro, porque tambem sou desse

povo, e sinto vivamente a incessante injuria que se lhe faz.

— Bem! então, disse Daneau, permittime que me una ao eleitor que fez a carta...

— Não! não! disse o banqueiro; se eu consentisse em semelhante cousa, não queria que apparecesse o seu nome. É um homem honrado que foi mais imprudente que mal intencionado, mas que não tem no commercio um nome tão intacto como poderia ser, por exemplo o vosso.

— O meu, Sr. Durand, devo-vos o te-lo conservado honrado, e eu o escreverei se m'o permittirdes, em baixo dessa carta.

— Sim, disse o banqueiro com ar bastante indifferente, entendo que o vosso nome atrahiria muitos outros.

— Seria o vosso, Mr. Durand; e se eu apresentasse esta carta a assignar a todos os meus collegas, não hesitariam.

— E' certo que se esta carta fosse assignada por um grande numero de eleitores, poderia decidir-me á candidatura; isso me animaria, isso...

— Prometto-vos duzentas assignaturas por estes dois dias, disse Daneau arrebatado pelo seu desejo de ser grato aos serviços de Matheus Durand.

— E' muito, disse o banqueiro.

— Permitti-me tentar?

— Talvez será uma tentativa inutil.

— Isso é comigo, Mr. Durand, é comigo, disse Daneau ufano pela victoria que conhecia ter alcançado sobre a modestia do banqueiro.

— Visto que é comvosco, tratai do que vos pertence. Já porem que me forçais, quero que se saiba uma cousa, e é que ao povo é que me derijo, que sou filho do povo, que é d'elle que quero receber o meu mandatô, e que é por elle que o quero exercitar.

— Sim, Sr., e vereis que o povo é agradecido.

— Bem, meu bom Daneau; escondamos este papel, e não fallemos hoje mais nisso. Mas não conheceis esta quinta, vou mostrar-vo-la; deveis saber apreciar construcções desta importancia; isto lambem vos pertence.

E durante uma hora o banqueiro e o pedreiro passeáram por uma magnifica tapada, plantada das arvores mais raras, semeada de agoas correntes e de prados admiravelmente conservados, e assim chegaram até á morada principal do banqueiro, antiga propriedade que tinha pertencido a uma familia das mais consideraveis de França, e que ainda conservava os fossos e pontes levadiças feudaes que agora só se abaixavam aos pés do homem do povo Matheus Durand.

Chegada a noite, todas as pessoas de que temos fallado nesta narração se achavam no baile em casa de Favieri, e entre as mais lindas

mulheres que enchiam os salões distinguia-se Mll.^o Delfina Durand, sentada ao lado de Mll.^o Flora Favieri. Esta, alta, morena, séria, e cobrindo com um modo gelado e altivo a expressão apaixonada do seu rosto; a outra, pequena, loura, graciosa, affectando um desdem que só era impertinencia; uma podendo deixar de acreditar que se apoiava na força da sua vontade; a outra deixando adivinhar que só devia o seu ar imperativo á obediencia que sempre encontrára em torno de si. Flora parecendo dotada de um caracter que lhe dera a natureza. Delfina de um caracter que lhe deu a sua posição.

De certo e apezar da differença de seus caracteres, ambas só se occupavam em ridicularisar a maior parte das mulheres que estavam nos salões, e a divertir-se a respeito dos homens que vinham postar-se diante dellas. Foram interrompidas por Favieri, que se chegou á sua filha, e que lhe disse com esse tom italiano que faz duvidar do sentido das palavras que são pronunciadas.

— Flora, eu mesmo vim apresentar-vos Mr. Arthur de Lozeraie, de que vos fallei.

Mll.^o Favieri respondeu ao cortejo de Arthur com uma leve inclinação de cabeça e um imperceptivel sorriso: de sua parte Arthur cortejou Mll.^o Delfina Durand com ar de conhecimento, mas ao mesmo tempo de reserva.

Apenas elle se tinba afastado, que Delfina disse a Flora :

— Vós recebeis Arthur de Lozeraie?

— Recebemos, respondeu Flora com ar de compaixão mofadora.

— Ah! disse Delfina, e ha muito que o conheceis?

— E' a primeira vez que o vejo.

— E como o achais vós?

— Não sei; não olhei para elle.

— Tenho ouvido dizer, que é um mancebo mui notavel, mui distincto, e de um mui grande nome.

— E muito bello, disse Flora, não é assim?

— Sim, respondeu Delfina.

— Pois bem! minha querida: sem duvida vos deram a mesma lição que a mim, e talvez que a muitas oufras. Arthur de Lozeraie tem amigos que o annunciam deste modo em todas as casas em que ha uma herdeira rica para casar.

— Acreditais isso? disse Delfina com vivacidade.

— Foi meu pai que me preveniu a esse respeito.

— E vosso pai recebe-o nesse sentido?

— Não o creio, respondeu Flora desdenhosamente: uma fortuna assaz desarranjada, um grande nome, cuja origem não é muito clara, não convém nem ao banqueiro Favieri, nem ao marquez de Favieri.

— Mas apesar de tudo isso talvez vos podesse convir a vós.

— A mim? disse Flora, um mancebo que não é cousa alguma, que treme diante de seu pai como uma criança de doze annos, que finge abaixar os olhos diante de uma mulher, como se todas ameaçassem devora-lo de amor?

— Certesico-vos que se atreve a olhar para ellas quando as acha formosas, disse seccamente Delfina.

— Tendes razão, disse M.^{llo} Favieri, porque agora mesmo elle vos contempla em mudo extasi.

— Enganais-vos, sem duvida é a vós.

— Ides convencer-vos de que não é a mim, porque vou pedir-vos permissão de vos deixar para dar algumas ordens.

Flora levantou-se e deixou Delfina. Arthur chegou-se então, e pediu a Mll.^e Durand o favor de dançar com ella. Delfina lhe respondeu seccamente e em voz baixa:

— Vindes muito tarde.

— Estais compromettida para toda a noite?

— Quero dizer que Mll.^e Favieri não está aqui.

— Bem sabeis que não foi por ella que vim.

— Não precisamos conversar ambos tanto tempo.

— Retiro-me se receais que isso seja reparado.

— Não é por mim: tenho medo que vosso pai ralhe com voseo.

Este dialogo provava que não era a primeira vez que Mll.^o Durand e Arthur se encontravam, e que havia entre elles algum pequeno segredo de mocidade.

Apenas, porém, Arthur ouviu a ultima palavra de Mll.^o Durand que, armando-se de uma coragem sobre-humana, sentou-se na cadeira vazia que deixára Mll.^o Favieri, indo assim além das estreitas regras que elle respeitava mais que ninguem. Delfina não pôde deixar de sorrir-se pelo triumpho que acabava de alcançar; mas isto não bastou a tranquiliza-la.

— Assim, disse Arthur, não dançareis comigo?

— Não.

— E dançareis com outros?

— Sim.

— Havemos de ver.

— Haveis de ver.

Neste momento Leopoldo se chegou a Mll.^o Durand para lhe pedir que fosse seu par, mas ella lhe respondeu:

— Já tenho para meu par o Sr. visconde Arthur de Lozeraie

— Ah! disse este, sois um anjo!

— Juro-vos que não foi per vossa causa

regeitei este Sr. ou outro que fosse no seu caso.

Arthur attribuiu a despeito esta resposta.

Enganou-se, era a expressão do pensamento de Delfina. Se em lugar de Leopoldo, caixeiro de seu pai, se tivesse apresentado algum manco de um grande nome, te-lo-hia acolhido. Mas sua vaidade não resistiu á ventura de fazer sentir ao caixeirinho que a sua pertença era muito fóra de proposito, e que era elle muito pequeno a par do visconde de Lozeraie.

— Assim, dançareis comigo? disse Arthur.

— Nem comvosco, nem com ninguém. Deixai-me e ide convidar a Mll.^o Favieri.

— Juro-vos que não tenho o menor desejo de dançar com ella,

— Talvez; se o vosso papá quizer, será preciso dançar.

Arthur, summamente picado, calou-se, e a contradança fá começar, quando viu que seu pai lhe fazia signal. Apesar de todo o despeito que sentia por mostrar assim a sua obediencia, deixou o seu lugar e foi ter com o conde, que lhe disse seccamente:

— Tirastes Mll.^o de Favieri?

— Não estava ali, respondeu Arthur corando, e...

— Que moça era aq ue la com quem conversaveis? parecies conhece-la.

— E' a filha de Matheus Durand, o rico banqueiro que conheceis.

— Bem! bem, disse o conde, sei quem é Matheus Durand, uma especie de jornalista que chegou a tirar o pé do lodo.

— Dizem que é muito honrado.

— Querieis que fosse algum velhaco? Que diabo seria elle se não fosse homem de bem? Em todo o caso dispensai-vos de ter tantas attentões com sua filha.

Arthur não sabia bem o que responder; felizmente para elle, o marquez de Berisy veio ter com seu pai, e o proprio Matheus Durand. Berisy disse a Lozeraie que desejava fallar com elle um momento; e este fá segui-lo, quando Delfina chegando-se a seu pai, disse:

— Demorar-nos-emos ainda muito?

— O baile ainda agora começa.

— E'-me isso indifferente, respondeu a menina: isto me enfastia e quero retirar-me.

— Quando quizeres, disse Matheus Durand, ou antes quando tiver fallado um pouco dos meus negocios com estes Srs.

— Meu Deos! até no baile tratais de negocios!

— E' admiravel, disse Berisy rindo-se, que na vossa idade e linda como sois, vos enfastieis de um baile.

Havia no tom do marquez uma tão alta expressão do homem do grande mundo, que Delfina se sentio lisongeadá desta lição paternal.

— Se me enfazio é porque não sei o que hei-de fazer nelle.

— Vai-se dançar, disse o marquez: e eis-aqui um mancebo, accrescentou voltando-se para Arthur que tinha ficado junto d'elle, que estou certo ficará encantado por vos poder distrahir.

— Seria muito feliz, disse Arthur com vivacidade.

Mas um olhar de seu pai o fez parar, em quanto Matheus Durand dizia a sua filha:

— Vamos, Delfina, dança ao menos uma vez.

Delfina, tomando um ar de menina de collegio, respondeu com voz composta:

— Obedecer-vos-hei papá.

Depois, em quanto o conde se afastava com Berisy e Durand, voltou-se ella para Arthur e lhe disse:

— Bem vêdes que sou uma filha muito obediente, serei vosso par.

Dançando e conversando passaram Arthur e Delfina todo o tempo do baile, sem que isto causasse o menor ciúme a Flora para quem Arthur era cousa nenhuma.

III.

Era nos primeiros dias de julho de 1830, Matheus Durand tendo voltado d'Etang, onde ti-

nha deixado Delfina, estava sentado no gabinete em que o vimos no principio desta narração; mas já não tinha esse aspecto de ventura traquilla e supremo contentamento de si mesmo que raiva em seu rosto alguns mezes antes. Matheus Durand tinha a febre dos grandes jogadores politicos, umas vezes com os transportes ardentes que fazem tremer e abatem como se estivessem inteiramente exhaustos de forças.

Era só porem na solidão que Matheus Durand deixava apparecer esses symptomas do triste estado em que se achava. Logo que entrava em scena, tornava a entrar em character, e representava o seu papel com o admiravel sangue frio do actor a quem um longo habito de theatro dá o gesto e intonação do que recita, posto que seu pensamento esteja dali muito longe.

Ora como Matheus Durand estava prevenido de que uma multidão numerosa esperava em sua antecamara, pediu a relação della, e não se admirou pouco de encontrar entre trinta nomes bastante insignificantes o nome do conde de Lozeraie. A par deste estava o de Daneau. O banqueiro pareceu reflectir um momento sobre o que devia fazer respeito a Lozeraie: depois disse:

— Desculpar-me-heis para com o Sr. de Lozeraie: dir-lhe-heis que toda a minha manhã está tomada para os negocios, e que poderia ter de fazê-lo esperar muito tempo; mas que, se quizer voltar amanhã ou depois, estarei ás suas ordens. Quan-

to a Daneau, dir-lhe-heis que espero, porque he absolutamente preciso que lhe falle; depois fa-zei entrar as outras pessoas.

Tendo-se concluido a audiencia, Durand admittiu Daneau á sua presença.

— Vós me fizeste chamar, Sr. ? disse este entrando com ar de sorriso.

— He certo, disse o banqueiro com bastante seccura, e desejaria ter-vos visto mais cedo, visto que temos a fallar sobre cousas importantes.

— De que se trata ?

— Creio dever prevenir-vos que o credito que vos foi aberto em minha casa expira a 15 deste mez.

— Fechais-me esse credito, disse Daneau assustado.

— E conto respondeu o banqueiro sem parecer ter reparado nessa exclamação, ter recebido de vós dentro de hum mez los 100,000 fr. que vos adiantei.

— Dentro de um mez ! disse Daneau com nova exclamação de susto.

— Parece-me, disse Matheus Durand, que deveis estar preparado. Furneci-vos, como me pedistes, os fundos necessarios para acabardes vossas construcções: estamos no mez de julho, em que, segundo os vossos calculos, ellas vão entrar em renda. He, me parece, o momento de completar a vossa operação, pôr vossas casas em

venda, saldar vossas dividas, e realizar os vossos lucros.

De certo, Sr., mas se me fôr preciso vender a um tempo casas no valor de tres milhões, será desaprecia-las muito, o que me fará soffrer uma perda que não somente devorará todos os meus lucros, mas ainda o dinheiro que empreguei.

— Isso não póde ser, Sr. Daneau, respondeu o banqueiro com uma fleugma imperturbavel, se vossos calculos forão justos e leaes, tendes um lucro de 900,000 francos.

— Foram leaes, respondeu Daneau com alguma vivacidade; e serão justos se me derdes tempo bastante para tratar da venda das casas.

O banqueiro abriu uma carteira, tirou della um papel e leu algumas passagens.

— Bem vedes, acrescentou depois, que os termos do nosso contrato são perfeitamente claros. Emprstei-vos sobre hypotheca 400,000 francos por quatro mezes. Os quatro mezes acabam amanhã, e teria direito de pedir ser immediatamente embolsado por inteiro. Não o faço: acrescento uma espera de um mez, e penso ir muito além do que pedem meus interesses, se não estivesse costumado a sacrificá-los aos dos outros.

— Mas, disse Daneau com ar supplicante, ser-me-ha impossivel satisfazer-vos.

— Nesse caso, respondeu o banqueiro, não

vos admirareis se tomar desde já as medidas necessarias para obter o pagamento que tenho direito a esperar de vós.

— Que! uma expropriação!

— Depende de vós evita-la satisfazendo-me.

— He usar comigo de um rigor...

— Agradeço-vos, disse amargamente o banqueiro; felizmente estou costumado á ingratidão. Todo o homem que consagrou a sua vida a auxiliar os outros deve esperar iguaes resultados. Eu não usava de rigor quando vos abria a minha caixa; mas agora que vos peço o meu dinheiro, sou um homem rigoroso. Basta: sei o que me resta a fazer.

— Senhor! senhor! disse Daneau, perdoai palavras imprudentes que desdigo do fundo d'alma; mas juro-vos que apressar-me assim he arruinar-me. Conheceis muito o negocio para deixar de saber que só se acham compradores quando se não procuram. He preciso esperar por elles, e não he em um mez que posso esperar realizar uma venda tão enorme. Demais, pedir-me-hão prazos; se eu os não obliter, não os poderei conceder; a venda me será impossivel.

— Substitui uma hypothecca á minha, eu o consinto.

— Mas dizer que o meu penhor não parece sufficiente a uma casa de banco como a vossa, he desaprecia-lo; porque ninguem duvidará que se exigis uma semelhante paga é porque acre-

ditais os vossos fundos arrescados. Ninguém traduzirá de outra sorte o vosso... não quero dizer rigor... mas o vosso...

Daneau não podia achar uma palavra polida, e parava sempre.

— Sim, Sr. Daneau, accreditai que se eu não tivesse uma necessidade urgentissima de meus capitaes, não seria tão rigoroso; mas desde o dia em que vo-los emprestei, tiveram destino: prometti-os, e nada posso agora fazer.

— Neste caso, Sr., disse Daneau com desesperação, verei... verei...

Preparava-se para sahir quando o banqueiro o chamou.

— Escutai, Sr. Daneau, eu não quero que se diga nunca que deixei de socorrer um homem, e um homem como eu sahido do povo.

Daneau voltou com ar alegre, e esperou com anxiedade as palavras do banqueiro, que na sua parte parecia bastante embaraçado do que ia dizer. Por fim decedio-se e continuou:

— Segundo vossos calculos, vossas propriedades estão obrigadas por 2,100,000 fr.

— Sim, Sr.

— Vendei-mas por 2:200,000 francos, e ficais completamente liquidado.

— Mas, Sr., disse Daneau afflicto, admirado da proposta do banqueiro, e esquecendo-se de que este mesmo homem que se offerecia a comprar-

lhe uma propriedade por 2,200,000 francos acabava de dizer-lhe que tinha uma necessidade urgente dos seus capitães; é tirar-me todo o lucro da minha operação!

Olhai, Sr., continuou Daneau com um deas movimentos de resolução que toma o ferido que se se de em perigo, e que estende ao cirurgião um braço ou uma perna para cortar: olhai, Sr., dai-me 2,400,000 francos, e é negocio feito.

O banqueiro metheu na carteira o contrato de hypotheca e respondeu friamente:

— Fiz tudo quanto pude para vos salvar; afflijo-me por vos ver tão pouco razoavel. Adeos, Sr., este negocio não me diz mais respeito; ireis ter com Sejan para a liquidação da vossa conta.

— Mas, Sr....

— Perdoai-me, ha duas horas que me espera o Sr. conde de Lozeraie: de certo, apesar do meu desejo de dar todo o meu tempo aos homens que, como eu, só são commerciantes e industriosos, seria mostrar-me mais que impolitico para com um grande senhor tão paciente.

— Vou ter com Sejan, disse Daneau confundido.

O banqueiro o cortejou, e em quanto dava ordem para introduzir Lozeraie, e este entrava em seu gabinete, Matheus Durand escreveu algumas linhas, que fechou e deu ao criado dizendo:

— Já a Sejan.

Eis-aqui essas poucas linhas:

«Sêde firme com Daneau, e teremos por 2,200,000 francos propriedades, que esperando occasião favoravel, valerão mais de 3,000,000 francos.»

Logo que o criado sahio, o banqueiro fez signal a Lozeraie, e ambos ficaram frente a frente.

Lozeraie, tendo ficado só com Matheus Durand, parecia muito embaraçado do que tinha a dizer-lhe. Com este embaraço se confundia o resentimento da longa espera que tivera a soffrer, e que bem conhecia ter sido prolongada por um modo tão impertinente quanto fôra possível por Matheus Durand. Comtudo este resentimento só se mostrava no rosto do conde pela contracção puxada de seus labios, e escondia sua colera com um ar de polido desembaraço. Porém Matheus Durand conhecia muito os homens para não saber que devia têr offendido vivamente o vaidoso que estava diante d'elle, e que teve de acreditar que fôra preciso uma bem imperiosa necessidade para que esse homem aceitasse a especie de insulto que acabava de fazer-lhe. Em consequencia desta reflexão o banqueiro tencionou tratar a Lozeraie de maneira a fazer-lhe sentir que tinha este tratado com um homem mais forte que elle no dia em que, em casa de Favieri, o tinha tratado tão desdenhosamente. E primeiro Matheus Durand não tratou de tirar o conde do seu embaraço, come-

quando a conversação por essas simples phrases de polidez que dariam a Lozeraie tempo para se tranquillisar. Offereceu-lhe uma cadeira, tomou outra ao pé, e inclinou-se um pouco com ar de quem diz: — Eu vos escuto —, mas tudo sem pronunciar uma palavra. Lozeraie decidiu-se então a fallar, e querendo vencer a perturbação humilhante que o dominava, fez um tão violento esforço para parecer tranquillo, que entrou de salto em sua má impertinencia, sem poder ficar no justo meio de uma polidez tranquilla e firme.

— Eu fui constante, Sr., disse elle com um tom de ironia que queria tornar gracioso, mas que conservava certa aspereza: esperei a vossa vontade, acabo de reconhecer a soberania da riqueza, espero que a não acharei muito tyrannica. Os omnipotentes se mostram de ordinario bons principes para os que fazem acto formal de submissão.

Matheus Durand não quiz aceitar a conversação neste tom, e respondeu com fria gravidade:

— Eu tenho muito pouco tempo para muitos negocios, Sr. conde deve sêr desculpa sufficiente para uma espera que vos pareceu tão longa.

— Felizmente eu tenho muito tempo para poucos negocios, replicou o conde: isto deve explicar-vos porque eu pude esperar muito em vossas salas de espera.

— Pois bem Sr. conde, se não quereis que percamos mais, dignai-vos explicar-me o negocio que vos trouxe a minha casa.

Este apello ao fim real de sua visita pareceu suspender de repente a torrente de louca vaidade a que Lozeraie se deixava entregar. Seu embaraço lhe tornou a sobrevir, e Matheus Durand pôde comprehender melhor do que até ali que tinha em suas mãos os interesses mais graves do seu inimigo. Entretanto o conde continuou depois de um momento de silencio:

— Deveis lembrar-vos, Sr. do arranjo que a ambos nos foi proposto pelo marquez de Berisy, e pelo qual eu consenti em vos pagar o preço de uma mata que acabava de comprar-lhe.

— Lembro-me perfeitamente, disse o banqueiro, que consenti em receber esse dinheiro por conta de Berisy.

Lozeraie mordeu os labios de despeito a esta repetição secca e fria da palavra consentir. Com effeito ella lhe tinha escapado sem intenção de impertinencia; mas o habito tinha vencido a sua resolução de ser simples e polido, e percebeu que tinha que tratar com um homem disposto a nada deixar passar que tivesse a menor sombra de superioridade. Este movimento foi cruel e bastante rapido para que Lozeraie continuasse logo.

— Sobre os dois milhões que vos dignasteis comprometter a receber, 1,200,000 francos estão na vossa caixa.

— Sim, Sr., e deveis dar o resto no mez que corre.

— He para este ultimo pagamento, Sr., que desejaria obter uma dilacão de alguns mezes.

— De mim, Sr.? disse o banqueiro com ar verdadeiramente de surpresa: far-vos-hei observar que neste negocio, a fallar a verdade, sou apenas o caixeiro de Berisy, e que só elle vos póde conceder essa espera.

— Esperava esta observação da vossa parte, Sr., e é para lhe responder que julgo dever fazer-vos a narração do acontecimento que me embaraçava de satisfazer minhas promessas.

O banqueiro neste ponto inclinou-se, e Lozeraie continuou.

— Quando fiz esta aquisição, Sr., esperava que me cahissem nas mãos diferentes fornecimentos necessarios para a expedição de Argel.

— Entendo, Sr., disse desdenhosamente o banqueiro, contaveis com os lucros enormes de huma tão honrosa especulação para completar as sommas necessarias para pagamento da vossa compra.

— Não, Sr., respondeu Lozeraie: nesse tempo o preço da minha compra estava prompto. Mas fui arrastado a correr o risco do que chamais especulação por um miseravelintrigante, que, de baixo do pretexto de comprar as pessoas que me deviam entregar esses fornecimentos, me pilbon uma somma enorme.

A esta revelação Matheus Durand não pôde conter um vivo movimento de prazer, e respondeu a Lozeraie :

— Eis-ahi, Sr., razões que podereis dizer a Berisy, que as comprehenderá perfeitamente.

— Certamente menos bem que vós, respondeu logo Lozeraie: o marquez é um antigo cavalheiro de provincia, inteiramente estranho ao movimento dos negocios; em logar de que vós, que sabeis como elles se fazem...

— Ignoro completamente, respondeu o banqueiro com desdem, os negocios do genero daquelles de que acabais de fallar-me. Nós outros homens do nada só conhecemos os que são... legaes.

Não podemos dizer se a hesitação que teve Matheus Durand em pronunciar a palavra *legaes* em lugar da palavra *leaes*, que primeiro lhe viera aos labios, partia de um resto de polidez que lhe prohibia lançar em rosto um semelhante insulto a Lozeraie, ou se da lembrança da scena que se tinha passado entre elle e Daneau, e na qual tinha feito em seu pròveito uso tão pouco leal da legalidade: é certo que Lozeraie percebeu esta hesitação, e advinhou na palavra que foi dita a que fôra supprimida. Guardou-se porém bem de o fazer conhecer, e tornando a tomar o seu grande tom, accrescentou com huma rara inconsequencia :

— He certo que tudo isto não era de uma

exacta legalidade, e por consequencia seria uma singular confidencia para fazer a um daquelles que fazem as leis, a um grave par de França.

— Achais mais conveniente faze-la a um deputado? disse gravemente Durand.

— O conde conheceu a tolice que acabava de fazer, e julgando fazê-la esquecer por um tom de bonhomia affectado, exclamou:

— Vamos, Durand, não representemos entre nós uma comedia inutil: vós sabeis tão bem como eu o modo por que isto se faz: sois do mundo.

— Sou do povo, Sr. conde, disse o banqueiro com a sua insolente humildade.

— Que! disse o conde a quem suas proprias palavras pareciam esfolar o paladar, não somos nós todos do povo, de um pouco mais longe ou um pouco mais perto, um pouco mais alto ou um pouco mais baixo? Sejamos sobre tudo da nossa época, e não demos ás cousas communs da vida huma solemnidade inutil. Por fim, senhor, convem-vos fazer ou não o serviço que venho pedir-vos?

— E em que consiste elle?

— Em fazer-me executar o contracto que fiz com Berisy, tomando em vossa conta os 800,000 francos que me restam a pagar. No mais entendei que vos serão dadas todas as seguranças, e uma hypotheca sobre a mata que comprei. A fal-

lar a verdade, o que vos peço é só um emprestimo hypothecario por alguns mezes.

— Por alguns mezes sómente? disse o banqueiro, que guardando comsigo a intenção de recusar, estava encantado por poder saber os negocios de Lozeraie. Estais portanto certo que me podereis embolsar nesse praso?

— Perfeitamente certo. Caso meu filho.

— Esta noticia acendeu como um raio, no espirito de Matheus Durand, a lembrança das primeiras impertinencias de Lozeraie, e lhe respondeu sorrindo-se :

— Ah! vós casais vosso filho? E sem duvida ligais-vos com alguma familia de antiga nobreza?

— Não! não! o meu Arthur casa com a filha de um mercador.

— Ah! com a filha de um mercador?

— Mas de um mercador inglez, de um homem respeitavel da cidade: vós sabeis que na Inglaterra estas allianças são muito communs, e depois a burguezia ingleza não é como a nossa, sem familia e sem antecedentes: ha nesse paiz o que eu poderia chamar uma especie de nobreza burgueza.

— Quereis dizer de burguezia nobre?

E' isso Durand; devo hypothecar o dote de minha nora sobre uma de minhas propriedades; e empregando esse dote no inteiro pagamen-

to da mata de Berisy, prehencherei as clausulas do contracto, e pagar-vos-hei.

Matheus Durand não respondia: o conde de Lozeraie esperou um momento; depois lhe disse:

— Então que pensais da minha proposição?

Matheus Durand levantou-se de repente, e respondeu dando ao accento de sua voz e a seu porte toda a altivez possível:

— Penso, senhor, que esta proposta seria mais convenientemente dirigida ao marquez de Berisy, porque será facil entenderem-se homens de jerarquia que supponho igual. E se acontecer que o cavalheiro da cõrte recêe confiar certas cousas ao cavalheiro provinciano, visto a differença enorme... de idéas que existe entre elles, penso que a proposta seria mais convenientemente dirigida ao mercador inglez que ao banqueiro francez, ao burguez nobre que ao burguez plebeu. Eis-aqui o que penso, Sr.

Lozeraie empallideceu a estas palavras um raio de odio saltou de seus olhos, mas conteve-se, e respondeu cortejando com altivez:

— Vós sois Mathens Durand, e eu sou o conde de Lozeraie; a distancia que nos separa me embaraça de ver um insulto no que acabais de dizer-me.

— Poderei offerecer-vos um oculo para que o possais ver disse o banqueiro.

— Bastarme-ha, com tanto que seja tão comprido como uma espada,

— Terá essa medida se assim vos convier, disse Matheus Durand.

— Basta respondeu Lozeraie, e retirou-se.

No dia seguinte Favieri e Berisy foram á casa do banqueiro da parte de Lozeraie, e procuráram intervir entre estes dous homens, aquem sua idade e posição prohibiam arriscar leviaamente as vidas; mas os dous ou tres dias que duraram as negociações acháram-nos a ambos igualmente inabalaveis. Admirados desta constancia, declaráram não poder servir de testemunhas a um duelo cuja causa verdadeira não conheciam. O banqueiro, que foi o primeiro a quem foi feita esta objecção, declarou não poder revelar esta causa, cujo segredo pertencia a Lozeraie. Este, a quem se repetiu a objecção e a resposta, decidiu-se a confessar a Berisy e a Favieri o motivo de sua visita a Matheus Durand e a face que ella havia tomado; todavia apressou-se em acrescentar que Matheus Durand se tinha conduzido como homem de honra, guardando tão fielmente o seu segredo; e da sua parte o banqueiro não pôde deixar de approvar a conducta de Lozeraie, que tinha sacrificado sua vaidade ao desejo de aplanar os obstaculos que se opunham a um encontro com as armas na mão.

Constituidos os dous aduersarios nesta posição um para com o outro, foi facil fazer-lhes reconhecer que não tinham motivo serio de bater-se, e se declaráram mutuamente satisfeitos.

No mais este negocio foi muito feliz para Lozeraie, porque Berisy lhe propoz a rescisão do contrato, pois tinha achado outro comprador para a mata, e este era Felix de Marseille.

Tendo o conde accitado a proposta de Berisy, achou-se com effeito que tinha entrado por sua conta com 1,200,000 francos para a caixa da Matheus Durand, que se apressou em offerecer-lhe o seu immediato embolso, logo que soubo os novos arranjos tomados pelo marquez, que lhe confiou os seus novos fundos. Lozeraie julgou de sua dignidade pedir ao banqueiro que os guardasse, não querendo dar ao seu adversario uma prova de desconfiança que o não podia prejudicar na brilhante posição de sua fortuna.

Por outra parte Daneau consentiu na venda que lhe propoz Matheus Durand, e recebeu os 2,200,000 francos, preço das propriedades.

Neste meio tempo aconteceu a revolução de julho.

IV.

Se temos claramente explicado, no principio desta narração, e pelo exemplo do emprego dos fundos de Berisy postos em rendas sobre o estado, esperando alguma boa operação; se explicámos sufficientemente, dizemos nós, a posição do banqueiro para com hum grande numero de seus clientes, comprehender-se-hão as enormes perdas que

teve de soffrer, quando, obrigado a reembolçar rapidamente todos os depositos de dinheiro que se achavam em sua casa, foi constrangido a realisar a 87 rendas de 5 que tinha comprado a 110, e a 62 rendas de 3 que tinha comprado a 82. Nada menos foi preciso que a immensa perturbação produzida por essa revolução nos negocios commerciaes, para trazer uma semelhante desapreciação nos fundos publicos, e abalar a fortuna d'aquelles que os possuíam como cauções de suas proprias dividas. E tambem esta desapreciação chegou a todos os valores, e particularmente ás propriedades situadas em Paris, que foi rapidamente abandonado pela população nessa época. Resultou ainda daqui que a operação feita com Daneau, e que teria sido tão vantajosa em qualquer outra época, teve de realisar-se com perda, quando Matheus Durand foi obrigado a recorrer a tudo para satisfazer a todos os capitalistas que lhe pediam seus fundos, e com difficuldade vendeu por 1:800 francos propriedades porque pagára 2:200,000 francos, e que teriam podido valer 3,000,000, como elle esperava.

Não podia de certo ser dois negocios tão pequenos como os de Berisy e de Daneau que deviam causar embaraço em uma casa como a de Matheus Durand; mas explicando quaes foram os tristes resultados destes, temos querido fazer comprehender, qual devia ser o resultado de muitos outros baseados sobre as mesmas previsões, e derrotados pelo mesmo acontecimento. Dois mezes depois da revo-

lução de julho, o banqueiro Matheus Durand, tendo querido satisfazer logo ás exigencias de seus credores, achou-se quasi arruinado, e possuindo apenas em creditos liquidos, mas que ainda não estavam vencidos, o que ainda podia dever.

Chegado a este ponto, Matheus Durand se achou em presença de tres credores sómente cujas reclamações podiam ter alguma importancia. O mais consideravel era Berisy, que, como dissemos, lhe tinha confiado os fundos da uova venda feita a Felix: o menor dos tres era Daneau, que tinha deixado em casa do banqueiro os 600.000 francos que lhe pertenciam do preço das suas casas: o terceiro era Lozeraie, partido para Inglaterra alguns dias antes da revolução de julho, a fim de ahí concluir o casamento de seu filho. Mas o filho do conde de Lozeraie, gentilhomem da camara, e em estado de chegar a tudo com o governo de Carlos X, não pareceu mais ao mercador um partido bastante conveniente ao governo de Luiz Philippe; e Lozeraie foi obrigado a voltar para França no fim de dois mezes, sem ter podido realizar suas brilhantes esperanças de fortuna.

Eis-aqui o ponto em que se achavam umas para com as outras as diferentes personagens d'esta historia no 1.º de setembro de 1830.

Nesse dia, e para tornarmos ao nosso ponto de partida, Matheus Durand estava ainda no seu gabinete; mas não se lhe divisava mais nem a extrema ventura do primeiro dia, nem a alegria in-

quieta do segundo; era uma attitude triste, posto que ainda alliva, e abatida, posto que decidida. Era o homem que se não dobrava nem diante de sua desgraça, reconhecendo-lhe aliás toda a grandeza. Nesse dia os mesmos dois homens que encontramos no gabinete do banqueiro lá estavam: Daneau e o marquez de Berisy, o verdadeiro homem do povo e o verdadeiro nobre. Como da primeira vez, o banqueiro lia attentamente um papel que parecia preoccupa-lo vivamente. Esta preocupação era tão grande, que Daneau e Berisy estavam diante do banqueiro, que não podia tirar os olhos desse escripto, que parecia causar-lhe uma viva dor.

— O que é? disse por fim o marquez; é alguma má noticia? Matheus Durand se tranquillizou em um momento, e respondeu com uma voz cuja emoção de balde procurou escravizar:

— Nada, apenas uma satyra indigna de mim.

— E isso vos affecta tanto? perguntou Daneau.

— A mão que a escreveu, Sr., offende-me mais que os golpes que ella me dá. E' um rapaz, um mancebão que fiz educar, e o joven Leopoldo que se serviu da educação que lhe fiz dar, dos segredos que soube na intimidade a que eu o tinha admittido, para fazer recahir sobre mim a calumnia e o ridiculo.

— Quem! exclamou Daneau, o Sr. Leopoldinho, que em outro tempo só fallavas de vós para vos chamar seu pai e seu salvador?

— Esse mesmo, disse Matheus.

— Hoje posso dizer-vos-lo, disse Daneau: nunca aquella affectação me pareceu de bom peso. Era um máo lisonjeiro.

— E todo o lisonjeiro se torna detractor, disse o marquez; é a regra, não á que admirar.

— Deixemos isto, disse o banqueiro. Adevinho, Srs., o fim de vossa visita; sem duvida vindes para reclamar os fundos...

O marquez e Daneau o interrompêram ambos a um tempo, e começavam a fallar juntos, quando paráram ambos para cederem, diziam elles, da palavra um ao outro.

— Fallai, Sr., disse o marquez.

— Depois de vós, Sr., disse Daneau; e se tendes a dizer alguma cousa que não posso ouvir, cedo-vos o lugar.

— Esperai, disse Matheus Durand, porque penso que as explicações que der a um poderão servir ao outro.

— Como quizerdes, disse Berisy; fallarei diante do senhor, porque, se bem entendi, o mesmo motivo nos traz.

— Assim o creio, disse amargamente o banqueiro.

— Sr. Matheus Durand, disse o marquez, vós sois um homem honrado; desveis-me 2:000,000 francos, venho pedir-vos que os conserveis.

— Que! exclamou o banqueiro.

— Quasi vos arruináram obrigando-vos a

reembolsos mui apressados: eu não me farei cúmplice de um panico que já produziu tantos desastres; vós sois meu inimigo politico; mas trata-se de probidade, e eu acredito na vossa: deixo-vos os meus fundos, e só vo-los pedirei no dia em que julgardes que vos são completamente inuteis.

Não podemos dizer se o banqueiro foi mais feliz em ver a confiança que inspirava como homem de honra, se humilhado em ver que lhe fazia um serviço um desses grandes senhores que por tanto tempo quiz esmagar com os pés de sua fortuna. Depois porém de um momento de hesitação, o lado melhor venceu: estendeu a mão ao marquez e disse-lhe cordialmente:

— Agradeço-vos e aceito Sr. marquez.

Neste momento Deneau se adiantou com ar confuso e enternecido, e disse com uma admiravel rudez.

— Vós só me deveis 600,000; mas se podesse servos agradavel não mos restituir, não me esqueci de que me salvastes: e com quanto seja pouco....

Uma lagrima veio aos olhos do banqueiro que exclamou:

— Eis-aqui o que me consola de tudo! Obrigado, Deneau; mas eu não aceito. Só tendes isto no mundo, e necessitaes dos vossos capitaes para trabalhar.

— O juro de cinco me será bastante: acho-

me bastante rico; não rejeiteis, seria humilharme.

— Isto que fazeis é muito bom, Daneau! disse o marquez voltando-se para elle.

— E o que vós fazeis é muito mais nobre; porque emfim eu não estou acostumado a ser rico, e perderia o meu dinheiro sem sentir tanto como vós.

— Mas vós o não perdereis, meu querido Daneau, disse o banqueiro: espero que prosperará em minhas mãos como o de Berisy.

Alguns momentos depois Daneau e o marquez se retiraram, e ambos no momento de separar-se apertaram as mãos, o antigo jornaleiro e o grande senhor, o condecorado de julho e o ex-par de Carlos X, ambos homens de bem.

Estes dous desinteresses tinham animado Matheus Durand: via abrir-se diante de si uma nova carreira de fortuna. Os 2,600,000 francos que lhe eram deixados pelo marquez e Daneau, assim como os 1,200,000 francos de Lozeraie, eram, como já dissemos, cobertos por creditos liquidos e exigiveis, dentro de um anno, ao mais. Matheus Durand via-se portanto no fim de um anno á frente de um capital disponivel de perto de 4,000,000, tendo satisfeito pontualmente a todas as suas obrigações; resultava dahi que seu credito, um momento abalado, devia levantar-se mais forte, porque teria resistido a uma catastrophe que arastára outros mais poderosos que elle. Só pedia um anno, durante o qual teria feito en-

trar para a caixa, quanto lhe fosse possível, os fundos empenhados em uma multidão de pequenas commanditas; e daqui julgava elle poder contar ainda com mais de um milhão, dando mesmo 60 por cento para os fallimentos que tivesse a soffrer. Em presença de um futuro que se abria assim diante d'elle, depois de ter sido tão escuro, Matheus Durand se entregava ás mais vivas esperanças; mas quasi no mesmo instante vio uma nova nuvem estender-se no vasto horizonte que se abria diante d'elle; e havia apenas duas horas que Berisy e Daneau o tinham deixado, quando recebeu uma carta de Lozeraie, que lhe participava a sua volta de Inglaterra, pedindo-lhe que se dignasse pôr á sua disposição os 1,200,000 francos que deixára na sua caixa.

Esta reclamação era de importancia tal que novamente perturbava os negocios do banqueiro. Para a satisfazer era-lhe de novo preciso empenhar ou allienar uma parte dos creditos que contava, e por consequencia soffrer uma nova perda, porque não era a época propria para se poder obter um semelhante emprestimo ou venda com ordinarias condições. Era por um só golpe fazer apparecer um deficit a Matheus Durand, quando uma hora antes o seu activo excedia o seu passivo. Era obriga-lo a descobrir, por uma semelhante negociação, que lançava mão de seus ultimos recursos; era alargar e porder o seu credito, essa fortuna do financeiro; credito contra o qual, a

fallar a verdade, até então se não podia oppor a maior tardança, nem operação alguma em que se mostrasse a mais pequena falta.

Matheus Durand reflectiu por muito tempo em sua posição; olhou-a em tudo o que tinha de mais triste, pensou que era toda a sua vida financeira, e politica, que hia jogar em uma só carta lembrou-se da sorte de sua filha, vio o prazer de todos os seus antigos inimigos, reconheceu emfim que só podia salvar-se por um golpe decisivo, e foi immediatamente á casa de Lozeraie.

Este, quando se lhe annunciou o banqueiro, lembrou-se da longa espera que Matheus Durand lhe fizera soffrer em sna antecamara. Teve por um momento desejos de pagar ao banqueiro o supplicio que d'elle recebera; mas como, pelo que tinha ouvido dizer da posição de Matheus Durand, Lozeraie estava verdadeiramente assustado sobre os fundoe que lhe deixára em casa, o interesse de sua fortuna venceu o de sua vaidade, e fez entrar immediatamente a Matheus Durand, e pela segunda vez os dois homens tirados do pó se acharam frente a frente.

V.

O caracter de Matheus Durand differia do de Lozeraie em que tinha toda a decisão forte e rapida do orgulho que acha ainda uma especie de satisfação na humilhação voluntaria que soffre, em quanto a vaidade de Lozeraie conservava todas as inde-

cisões da natureza que busca escapar por mil tortuosidades á submissão que as circumstancias lhe obrigam a fazer. Assim, quando Matheus Durand, se achou em presença de Lozeraie, não experimentou embaraço algum nem incommodo, e appareceu em sua presença com a firmeza de um partido tomado sem segundo sentido. Assim começou a conversação por estas palavras:

— Venho entregar-me a vós

— Que entendeis por isso, senhor? lhe disse o conde ainda mais assustado do que ouvia, que altivo por ser assim declarado senhor do destino do homem que mais aborrecia no mundo.

— Vou explicarvos disse o banqueiro.

Immediatamente contou a Lozeraie o estado de seus negocios, tal como procurámos fazer comprehende-lo mais acima, o concluiu desta sorte:

— Vedes que os fundos que depositastes em minha casa estão perfeitamente seguros: se podesseis duvidar da palavra de um homem de bem, os meus livros poderiam convencer-vos...

Lozeraie tinha attentamente escutado a Matheus Durand; e tinha reconhecido com prazer, que habilmente dissimulára, que o seu dinheiro estava seguro. Certo da solvabilidade do seu devedor, só pensou em tomar uma desforra cruel da affronta que em outra occasião tinha recebido; e interrompendo a Matheus Durand no momento em que elle pronunciava as ultimas palavras que acabamos de referir, disse-lhe:

— Os livros dos banqueiros dizem quanto se deseja; tem uma linguagem hieroglyphica, ou antes elastica, que provam riqueza ou miseria, como se quer: confesso-vos que não dou credito a taes provas.

O banqueiro mordeu os labios, mas estava resolvido a salvar sua fortuna, e sobretudo a sua reputação; e, por orgulho para o seu futuro, sacrificou corajosamente o orgulho do presente. Respondeu pois a Lozeraie:

— Não me admiro, senhor, de vos ver partilhar essas prevenções das pessoas do mundo sobre o modo da contabilidade e escripturação de livros adoptado nas casas de banco. Toda essa numerosa escripturação que introduzimos para prevenir, por uma confrontação exacta, toda a apparencia de fraude, só parece aos olhos dos que a não entendem, um dédalo inexplicavel, em que se esperava fazer perder as investigações dos interessados. Não posso pois levar a mal o que acabais de dizer-me; mas ha entre nós alguma cousa mais clara, mais facil a comprehender: é a palavra de um homem de honra, e esta deve bastar-vos.

— E se me não bastar? disse o conde de Lozeraie.

— Duvidarieis della? exclamou Matheus Durand.

— Suppondo que não duvidasse da vossa boa fé, não tenho direito a duvidar das vossas pre-

visões? uma fortuna como a do Sr. Matheus Durand cahida em alguns mezes mostra muita prudencia e habilidade?

— Esqueceis-vos de que foi preciso uma revolução para a fazer cahir?

— Esqueceis-vos de que fostes um dos que para ella concorreram?

— Parece-me que não tenho que darvos contas das minhas opiniões.

— Mas tendes que dar-me contas do meu dinheiro.

— Já o fiz.

— Não me julgo pago com palavras; e quando vos disser que me é preciso a minha fortuna, que me é preciso amanhã, fallo em dinheiro de contado.

— Fiz-vos entender, disse o banqueiro apertando os dentes para não darem passagem á colera que o agitava, fiz-vos entender que isso é impossivel.

— Os tribunaes vos mostrarão que nada é mais possivel.

— Eu! ir eu aos tribunaes disse Matheus Durand.

— É onde vão as pessoas de má fé que que não pagam as suas dividas.

— Ha outro lugar, senhor, disse o banqueiro com allivez, onde vão os homens honrados que tem pago as suas.

— Quando isso vos acontecer, senhor, dis-

se o conde, verei se um homem como eu devoahi seguir um homem como vós.

— É uma decisão que sereis obrigado a tomar mais depressa do que pensais.

— Nunca tão depressa como desejo, porque será precedida do embolso dos meus capitães.

— Não esperareis muito tempo.

— Ainda espero o meu dinheiro.

— Amanhã, senhor.

— Tereis prompto o recibo.

— Tereis também promptas as vossas armas.

— Peço-vos que me não me façais perder papel e tinta.

— Juro-vos que nada perdereis.

E o banqueiro sahio.

Voltou immediatamente á sua casa e escreveu a Daneau e a Berisy. Depois foi á casa de Favieri, explicou-lhe francamente a sua posição, e pediu-lhe o credito necessario para pagar immediatamente a Lozeraie.

O banqueiro genovez escutou o banqueiro francez sem que seu rosto lhe indicasse se estava ou não disposto a fazer o que lhe pedia. Quando Matheus Durand acabou de fallar, respondeu-lhe friamente.

— Dignai-vos deixar-me a lista e a somma dos creditos sobre cujo deposito quereis contrahir este emprestimo; dentro de duas horas te-

reis a minha resposta, e dir-vos-hei com que condições o poderei fazer, se poder fazer.

Duas horas depois Matheus Durand recebeu um bilhete de Favieri, que lhe pedia que lhes enviasse Daneau e o marquez de Berisy, e que provavelmente tudo se arranjará. A espera de Matheus Durand foi cruel; mas seu prazer foi extremo quando suas duas testemunhas vieram dizer-lhe que os 1,200,000 francos lhe eram perfeitamente inúteis, visto que Felix, tendo offerecido a sua caução a Lozeraie, este a tinha accettato, e tinha dado quitação da somma devida por Matheus Durand, passando a Felix seus direitos sobre elle.

— Felix! disse o banqueiro estupfacto de achar este nome ainda misturado com um negocio de tal importancia.

— Sim, lhe disse Berisy, esse mesmo Felix que substituiu a Lozeraie para a compra da minha mata, e que hoje toma tão generosamente o vosso lugar.

— Mas que homem é este?

— Juro-vos que o ignoro.

— Eu o verei, eu o verei, disse Durand pensativo a esta noticia singular; eu verei quando tudo isto se acabar, porque supponho, senhores, que vos não esquecesteis de que tenho outros negocios, além dos de dinheiro, que tratar com Lozeraie.

— Não, por certo, disse Berisy, e a reunião

geral é amanhã ás 9 horas em casa de Favieri. Partiremos todos d'ali.

— Nove horas é bem tarde, disse o banqueiro.

— Deu-nos esta hora o Sr . . .

— Esta hora pareceu conveniente a todos, disse Berisy interrompendo Daneau que tinha tomado a palavra: até amanhã, Sr. Durand, até amauhã.

Durand, tendo ficado só, sentiu uma especie de prazer cruel, lembrando-se de que ia emfim poder vingar-se desse homem que o tinha tratado com tanta insolencia. Nos primeiros transportes de sua colera esqueceu-se de qualquer outro interesse que não fosse o da vingança do seu orgulho; porém quando reflectiu que esse duello podia ter consequencias fataes, e que lhe era necessario arranjar os seus negocios mais urgentes, pensou em sua filha, que ia deixar no meio do dedalo de uma liquidação d'onde só elle podia ainda arrancar alguns restos de fortuna. O que seria d'essa menina acostumada a satisfazer todos os seus caprichos, e que não recebera d'elle a menor idéia de ordem ou economia? Então lamentou essa falsa educação que deixára dar a essa menina, que poderia ser boa e simples se elle quizesse; accusou-se amargamente de sua imprevidencia: mas por mais dor que sentisse ao aspecto do triste futuro que podia legar á sua filha, não veio um momento á ideia de Matheus Durand evitar com a mais pequena concessão a duello que o esperava. Seu

orgulho dominou todos os mais sentimentos, e virou, por assim dizer, a cabeça a essas penosas reflexões para que não viessem enfraquecer a sua resolução.

No dia seguinte Matheus Durand e suas testemunhas, Lozeraie e as suas, se achavam ás 9 horas precisas em casa de Favieri; as carruagens esperavam: as condições do combate estavam determinadas, e o salão ia ser abandonado, quando de repente se viu entrar o velho Felix. Os dois adversarios pararam ambos ao aspecto deste velho, e este lhes disse com tom grave:

— Senhores, desejaria fallar com ambos em particular antes da entrevista que ides ter.

— Senhor, disse Matheus Durand inclinándose-se, nós sabemos ambos todas as palavras de conciliação que vossa razão vos póde dictar neste negocio; mas as cousas tem chegado a um ponto em que nenhum de nós poderia esperar mais tempo sem se deshonrar.

— Este senhor tem razão no que diz, acrescentou Lozeraie, e desta vez sou da sua opinião.

— Senhor de Lozeraie, disse Felix com doçura, julgo que vos fiz um grande serviço satisfazendo por vós a Berisy; Sr. Durand, eu não vos fui menos util pondo-vos em estado de pagar a Lozeraie: é em nome do que fiz em vosso favor que vos peço que vos digneis escutar-me.

Os dois inimigos se voltaram ao mesmo tempo cada um para as suas testemunhas como para

os consultar; e tendo estes mostrado por algumas palavras, que era conveniente ceder aos desejos de Felix, retiraram-se, Matheus Durand e Lozeraie ficaram sós com o velho.

Logo que todos sabiram, Felix tomou uma cadeira e apontou para uma ao banqueiro, e para outra ao conde, que se sentaram, um á sua direita, outro á sua esquerda. O aspecto venerando, socego, e ao mesmo tempo forte, desse velho, contrastava com a impaciencia inquieta de seus dois ouvintes, que de vez em quando se lançavam um golpe de vista como para prometter que não mudavam de resolução. O velho olhou para elles por um momento, e pareceu beber nessa attenção um sentimento mais rude de severidade, e principiou assim:

— Ha seis mezes que me apresentei em casa de cáda um de vós; primeiro em vossa casa, Matheus Durand: contei-vos como fôra condemnado, e pedi-vos meios para restabelecer a honra do meu nome. Negastes-mos.

O banqueiro calou-se. Felix continuou:

— Depois foi a vossa casa, Lezeraie, e fallei-vos de reclamações que tinha contra a fortuna de vossa mulher: rejeitaste-las com ameaças.

O conde se calou tambem. Felix continuou.

— Se comprehendi bem o que ambos me respondestes, resulta dahi que um Matheus Durand, filho de um trabalhador, e que deve a sua fortuna a si só e ao seu trabalho, não quiz dar

soccorros ao imprudente que loucamente dissipou a immensa herança de seus pais; que o outro, de Lozeraie, oriundo de uma grande familia, se fiou no poder de seu grande nome para fazer calar as queixas daquelle que chamou um intrigante....

— Onde quereis ir ter? disseram Matheus Durand e o conde.

— A isto, senhores: a mostrar que eu, pobre velho de 80 annos, não achei apoio ou justiça em casa do homem do povo, nem em casa do grande senhor.

Os dois antagonistas se calaram, porque nada havia que dizer a isto.

— Vós sois o homem do povo, Durand!

— Ufano-me disse, respondeu este.

— Vós o grande senhor de geração antiga, Lozeraie!

— Não me vanglorio disso, respondeu este com excessiva vaidade.

— Pois bem, disse o velho elevando a voz; vós, Matheus Durand, e vós, conde de Lozeraie, tendes mentido com toda a impudencia.

— Senhor! disseram os dois inimigos levantando-se ao mesmo tempo; um tal insulto...

— Sentai-vos, senhores, sentai-vos, eu vo-lo peço, eu vo-lo ordeno, se é preciso, e se os meus oitenta annos não bastarem para que me escuteis em silencio e respeito, invocarei um titulo que po-

derá talvez obrigar-vos a ouvir-me ambos de joelhos.

Ao accento solemne que tinha tomado o velho Felix, o banqueiro e o conde ficaram estupefactos. Pareceu que uma mesma idéia, uma mesma duvida entrou ao mesmo tempo no coração desses dous homens, que se puzeram a olhar para o velho com uma especie de medo respeitoso, e depois tornaram ambos a sentar-se abaixando a cabeça. O velho olhou para elles em silencio, e com um ar de triumpho em que se misturava uma expressão de amarga dor, fez um esforço consigo mesmo para vencer esta emoção, e continuou com mais tranquillidade:

— Eu sei a historia de vós ambos, senhores, mas não vo-la contarei: é a minha que vou contar-vos: ella servirá de preambulo á vossa, que podereis repetir depois como costumais conta-la.

Felix pareceu recolher por um momento suas lembranças, e depois continuou com voz firme e decidida:

— Em 1789 eu era negociante em Marseille: meu commercio tinha sido brilhante até esse momento. Era casado com uma mulher que me tinha dado dous filhos; um então de 14 annos, o outro de 13.

Matheus Durand e Lozeraie fizeram ambos um movimento.

— Não me interrompais, senhores, continuou Felix com um tom absoluto; é uma his-

toria tão velha, que poderei perder-me nella se não poder conta-la como me convém. O mais velho deste filhos estava, havia quatro annos, em Inglaterra, onde se educava. Destinava-o para o commercio, e queria que elle conhecesse desde logo o paiz que sobretudo nessa época era o nosso modelo na industria. O segundo começava seus estudos em um collegio de Paris. Como muitos outros, não me assustei com o principio da revolução de 89; mas amontando-se os acontecimentos, e minha fortuna ameaçando perecer nessa grande catastrophe, fiz passar perto de 500,000 francos para Inglaterra, pondo-os em nome de meu filho mais velho, e fiz vir o mais moço de Paris, porque o futuro se escurecia cada vez mais. Vós sabeis, senhores, a que excesso nessa época foram levadas as paixões revolucionarias. Eu soube que estava designado como aristocrata, porque a fortuna enlão, como hoje, era uma aristocracia. Talvez teria eu affrontado a incerteza de um juizo em que me expozesse só; mas tremia á idéia de um desses horribéis motins de que Marseille já tinha sido theatro, e que podia penetrar em minha casa, e ahí degollar a meus olhos minha mulher e meu filho. Tomei portanto as minhas medidas: fiz passar todos os fundos de que podia dispor para a casa de Favieri, pai do que conheceis, mas que nesse tempo não habitava em Genova; e em um dia de fevereiro de 1793 em-

barquei-me em segredo com minha mulher e meu filho, e os conduzi a Genova.

— Minha ausencia não devia ser longa, mas foi bastante para que meus inimigos a soubessem, e fui immediatamente posto na lista dos emigrados. Confiscáram meus bens, condemnaram-me á morte. Semelhante condemnação era pouco para um homem que estava livre do cadafalso. Foram mais longe : pediram uma liquidação de minha casa de commercio; e como todos os bens que eu possuia estavam sequestrados, foi facil estabelecer um fallimento, e este fallimento, juncto á minha partida, trouxe facilmente uma condemnação por banca-rola. Quiz voltar á França para fazer annullar esta sentença de deshonra, arriscando ver executar a que ameaçava a minha cabeça. As lagrimas de minha mulher, e os conselhos de Favieri, me fizeram desistir deste projecto; e decidi-me a partir para Nova-Orléans, afim de ahi chegar antes da noticia da minha condemnação, e não entregar aos que me haviam roubado e deshonrado as consideraveis sommas que me deviam os principaes negociantes dessa cidade, que me conheciam pessoalmente, porque era a terceira viagem que fazia á America. Foi porém durante a minha curta estada em Genova que tive occasião de encontrar Loré e emprestar-lhe differentes sommas. Com effeito, Loré era um nobre d'Aix, que, como tantos outros, tinha fugido a uma condemnação capital, levando com-

sigo sua filha de quinze annos, pouco mais ou menos, e um mancebo de grande familia, orphão, o ultimo ramo de sua geração e de quem elle, Loré, era tutor. Este mancebo chamava-se Henrique de Lozeraie....

— Não me interrompais, Sr., disse ao conde que fizera um movimento.

— Parti pois deixando em Genova minha mulher e meu filho, então de dezeseite annos, debaixo da protecção do velho Favieri e de Loré, e depois de ter dito a meu filho mais velho que esperasse novas instrncções minhas. Muitos successos que seria inutil contar, a difficuldade de communicções em um tempo de guerra geral, me embaraçãrão de terminar meus negocios tão rapidamente como eu tinha esperado, não pude dar noticias minhas a minha familia, nem recebê-las della; e só foi passados quatro annos que pude voltar á Europa. Ia partir, quando recebi uma carta de Favieri filho, daquelle que conheceis, a qual me annunciava noticias singulares. Uma doença indemica tinha assolado Genova: Loré tinha morrido, e o joven Lozeraie; minha mulher tinha morrido, e meu filho depois de ter tirado em seu nome todos os fundos que eu tinha depositado em casa de Favieri pai, tinha fugido com M^{lha} de Loré. Todos estes acontecimentos tinham tido logar antes que elle tivesse voltado para a companhia de seu pai, que tambem acabava de succumbir, dizia elle, á mesma molestia

que me tinha roubado minha mulher. Ferido no coração por estas deploraveis noticias, parti para Inglaterra afim de ao menos ir encontrar meu filho mais velho; mas soube que tambem elle tinha feito que lhe dessem uma conta exacta dos capitaes em seu nome, e tinha deixado a Inglaterra dizendo que se ía reunir comigo na America. Voltei alí, e fiz buscar por todas as partes, e por todos os paizes do mundo a que podia chegar, informações sobre Leonardo Matheus, meu filho mais velho, e Luciano Matheus, meu filho mais moço, porque eu me chamo Felix Matheus; mas nunca ninguem ouviu fallar nestes dois nomes. Agora vós, Sr. Matheus Durand, e vós Sr. conde de Lozeraie, podereis dar-me noticias de meus dois filhos.

— Meu pai! meu pai! exclamaram os dois irmãos cahindo de joelhos diante do velho, que recuou e que continuou elevando a voz:

— De joelhos! de joelhos! orgulho e vaidade! He esse o vosso lugar! De joelhos! vós que, devorado pela sede da riqueza, invejoso d'esses homens que tinheis visto crescer em roda de vós pelo trabalho e a economia, quizestes collocar-vos acima d'elles e que para tornar mais brilhante a elevação de vossa fortuna, imaginastes faze-la partir do mais baixo possivel; que, ambicioso de um nome cujo esplendor devesseis a vós só, renegastes o do vosso pai, deixando-lhe uma mancha de infamia que vos era tão facil desfazer. De joelhos

tambem ! vós que, embriagado com a vaidade de um grande nome, e não podendo adquirir um, roubastes o de outrem, e vos cobristes com elle ; vós que tambem renegastes o nome de vosso pai, de vosso pai que só comprometera esse nome para vos salvar ; de joelhos ambos ! é o vosso lugar ; nada mais vos falta, dignos irmãos que sois, do que levantar-vos para vos ír degollar um ao outro. Ide agora ; não vos embaraço mais.

Não entra na intenção desta narração pintar a humilhação desses dois homens em presença de seu pai, e sobretudo sua humilhação um para com o outro. A lição que acabavam de receber ambos era mui severa, e partia de mui alto para que lhes não aproveitasse. Nada até hoje transpirou no mundo d'este singular reconhecimento. Felix morreu : Matheus Durand é sempre Matheus Durand, mas falla um pouco menos da obscuridade de sua origem, da fortuna que foi obrigado a ganhar soldo a soldo, e da educação que penosamente se dera a si mesmo. Lozeraie é ainda Lozeraie : mas cala-se sobre a antiguidade de sua ascendencia e as obrigações que isso lhe impõe. Esta mudança admirou algum pouco os amigos de ambos : mas o que sobretudo os surpreendeu foi a reconciliação de Matheus Durand e de Lozeraie, cimentada pelo casamento de Arthur e de Delfina.

FIM.

INDICE.



	Pag.
CAPITULO I. = Aparece a luz	5
” II. = O reverso da medalha.	29
” III. = Um Palacio no setimo andar	92
” IV. = Duas sombras vivas	120
” V. = Inferno e Ceo	156
” VI. = A victima do seu thesouro	180
” VII. = Os caprichos de um enfermo.	188
EPILOGO = Golpe de vista panoramico	204
APPENDICE =	245